IV CONGRESSO BRASILEIRO DE MASTOZOOLOGIA

Mastozoologia no Brasil: Do Passado aos Desafios Atuais

Hotel Guanabara - São Lourenço/MG
18 à 22 Agosto 2008.

Sumário

Horário das atividades do IVCBMz

Dia/Horário	18/8/2008	19/8/2008	20/8/2008	21/8/2008	22/8/2008
8:00h às 9:30h		Entrega de material			
8:00h às 10:00h		Mini-Cursos /Sessão de Painéis	Mini-Cursos /Sessão de Painéis	Mini-Cursos /Sessão de Painéis	
9:00h às 11:00h					Conferência, MR e Simpósio
10:00h às 10:30h		Café	Café	Café	
10:30h às 12:30h		Conferência	Conferência	Conferência	
11:00h às 12:30h					Conferência e sessão de encerramento
12:30h às 14:00h		Almoço	Almoço	Almoço	
14:00 às 19:00h	Entrega de Material				
14:00h às 16:00h		Conferência, MR e Simpósio	Conferência, MR e Simpósio	Conferência, MR e Simpósio	
16:00h às 18:00h		Apresentações Orais	Apresentações Orais	Apresentações Orais	
18:00h		Reunião temáticaCBMz	Reunião temáticaCBMz	Reunião temáticaCBMz	
18:00h às 20:00h		Sessão de Painéis/Mini-Cursos	Sessão de Painéis/Mini-Cursos	Sessão de Painéis/Mini-Cursos	
20:00h		Festa Agostina	Queijos e Vinhos	Jantar de Confraternização	
19:00h	Encerramento Secretaria				
20:00h	Conferência e sessão de abertura				

Mensagem aos Congressistas e Participantes

Em nome da Sociedade Brasileira de Mastozoologia (SMBz) e da comissão organizadora, desejo-lhe boas vindas ao IV Congresso Brasileiro de Mastozoologia. Trata-se do único evento nacional que reúne pesquisadores, professores, estudantes de pós-graduação e graduação e interessados em geral no estudo e conservação de mamíferos. Esperamos fomentar a troca de idéias sobre temas da ponta do conhecimento em diferentes linhas de pesquisa relacionadas a mamíferos, dos pequenos aos grandes, aquáticos, terrestres e voadores, incluindo aí questões éticas, de biossegurança, estratégias e políticas para sua conservação. Assim, procuramos diversificar mesas redondas, simpósios, conferências, mini-cursos e apresentações orais para que cobrissem a variedade de grupos taxonômicos e áreas do conhecimento.

O tema deste congresso, "Mastozoologia no Brasil: Do Passado aos Desafios Atuais", enfatiza a história da Mastozoologia e sua ligação com os desafios não só da Mastozoologia, mas do país. Mamíferos são um grupo emblemático dos efeitos das atividades antrópicas sobre a biodiversidade, incluindo a ação de políticas públicas e movimentos sociais. Talvez em grande parte pela proximidade com o homem, também um mamífero, questões éticas e de biossegurança são mais evidentes no estudo de mamíferos. Estas questões têm mérito, mas também têm criado dificuldades ao estudo de um grupo que, embora emblemático, é ainda pouco conhecido. Não temos ainda sequer uma definição das entidades taxonômicas na maioria dos grupos, para não falar de sua história natural, informações básicas para análises de viabilidade populacional, níveis de ameaça as espécies, e efeitos de mudanças climáticas globais, por exemplo. Assim, estes temas estarão presentes da abertura ao encerramento do congresso.

Convidamos você a participar ativamente dos debates do IV CBMz, e é claro, das atividades culturais, sociais e turísticas.

Marcus Vinicius Vieira
Presidente do IV Congresso Brasileiro de Mastozoologia

Comissão Organizadora

Dr. Marcus Vinícius Vieira, Prof. Adjunto UFRJ (Presidente)
Dr. Carlos Eduardo de Viveiros Grelle, Prof. Adjunto UFRJ
Dra. Helena de Godoy Bergallo, Prof. Adjunto UFRJ
Dr. Leonardo dos Santos Avilla, Prof. Adjunto UNIRIO
MSc. Natalie Olifiers, Univ. Missouri/USA – IOC/FIOCRUZ
MSc. Marcos de Souza Lima Figueiredo, UFRJ

Comissão Científica

Dra. Ana Maria Jansen-Franken, IOC-FIOCRUZ
Dr. Diego Astúa de Moraes, UFPE
Dr. José de Sousa e Silva Júnior, Museu Paraense Emílio Goeldi
Dra. Leila Maria Pessoa, UFRJ
Dr. Marco Aurelio Ribeiro de Mello, UFSCar
Dr. Paulo Sérgio D'Andrea, IOC-FIOCRUZ
Dr. Salvatore Siciliano, ENSP-Fiocruz
Dra. Simone Rodrigues de Freitas, USP
Dra. Susi Missel Pacheco, Instituto Sauver
Dr. Pablo Rodrigues Gonçalves, UFRJ.

Sociedade Brasileira de Mastozoologia

Presidente: Dr. João Alves de Oliveira - UFRJ
Vice-presidente – Dr. Paulo Sergio D'Andrea - FIOCRUZ
1a tesoureira – Dra. Rosana Gentile - FOCRUZ
2o tesoureiro – Dr. Gabriel Marroig - USP
1a secretária – Dra. Lena Geise – UERJ
2a secretária – Dra. Helena de Godoy Bergalo – UFRJ

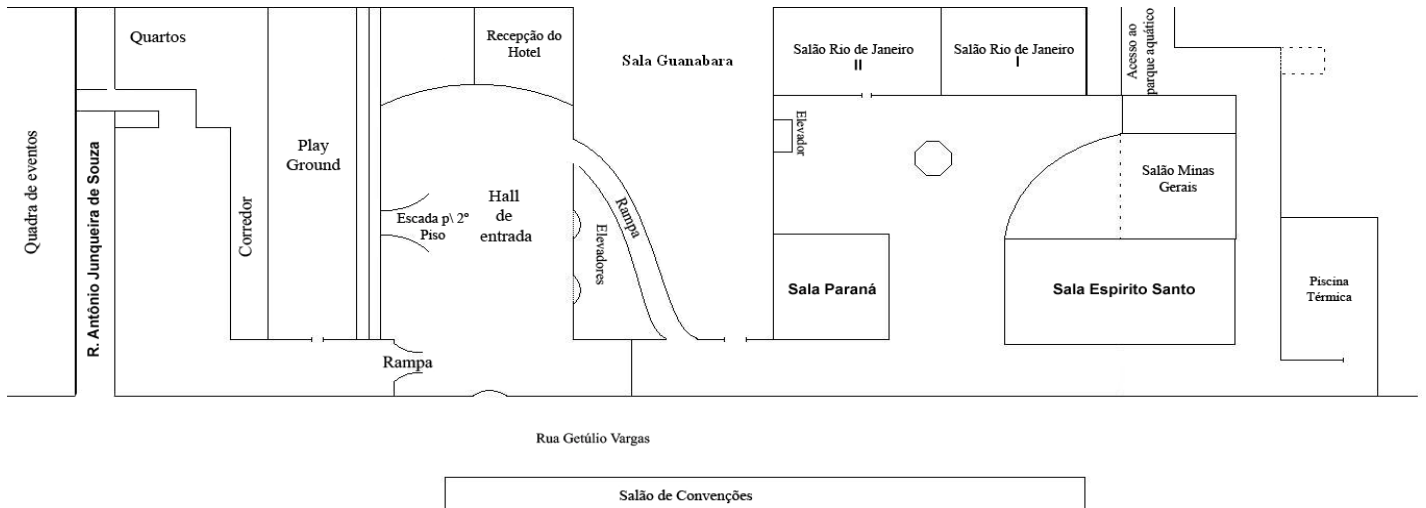
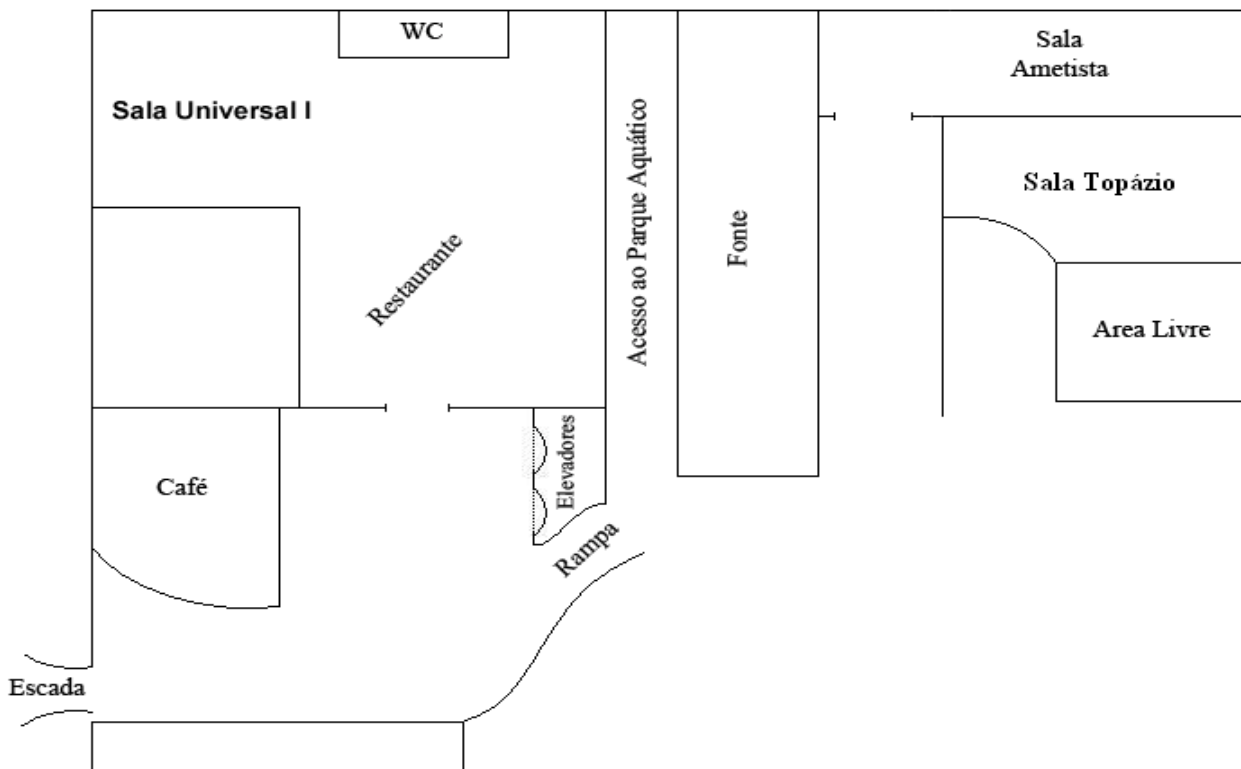
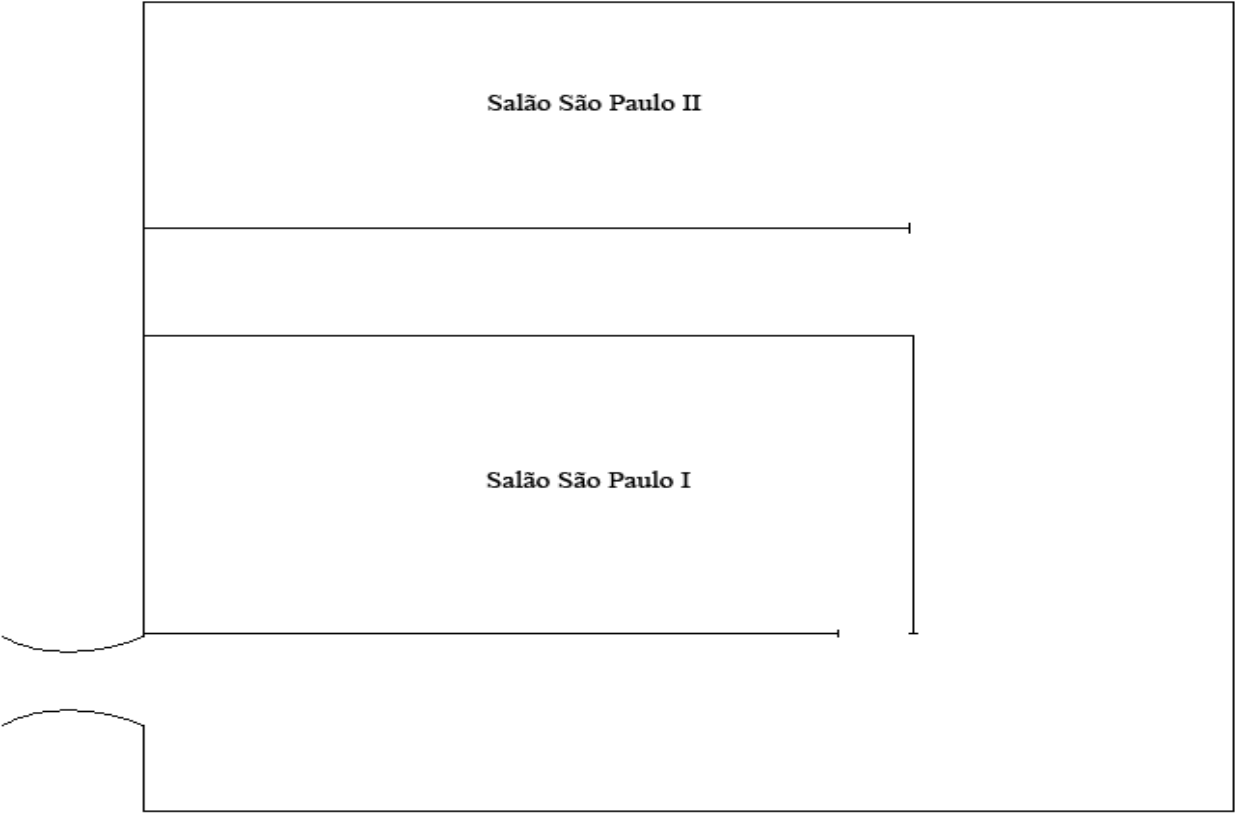
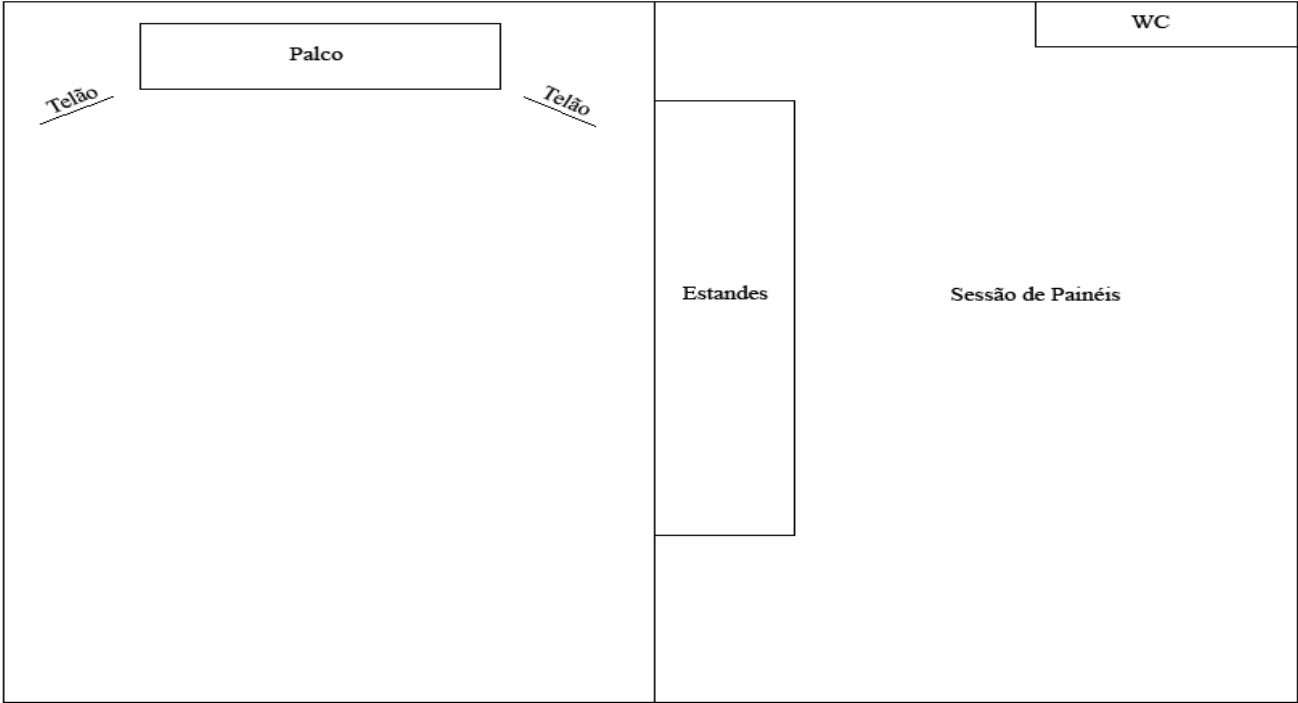
Organização

Dra. Edisa Nascimento.

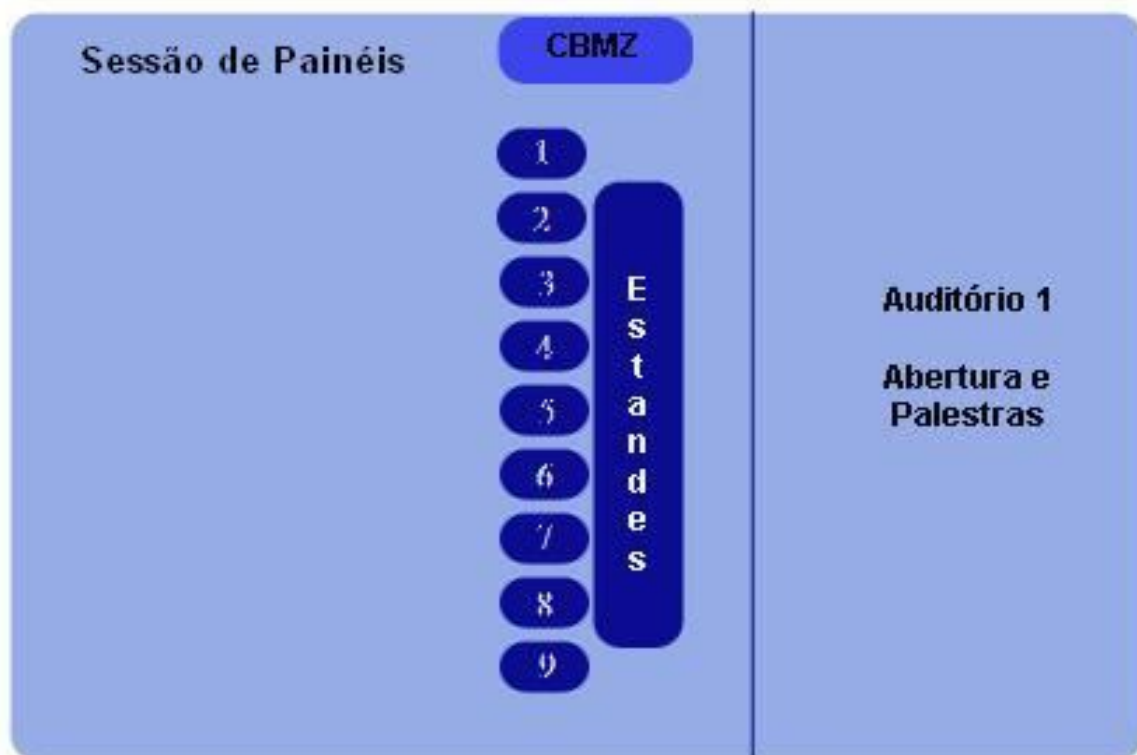
Apoio

Prodatas Informática

Mapa das Salas

Planta 1: 1º Andar

Planta 2: 2º Andar

Planta 3: 5º Andar

Planta 4: Centro de Convenções

Expositores

1 – Verde Gaia Comércio de Artigos Promocionais
2 – Metalúrgica Miranda
3 – SBMz
4 – Tigrinus Equipamentos para Pesquisa LTDA
5 – ECOloja
6 – USEB – União Sul-Americana de Estudos da Biodiversidade
7 – USEB – União Sul-Americana de Estudos da Biodiversidade
8 – IPÊ – Instituto de Pesquisas Ecológicas
9 – Technical Book's Livraria

Mapa dos estandes

Estrutura da programação

Tema do Congresso:
Mastozoologia no Brasil: Do Passado aos Desafios Atuais.

1º. Dia 18/08/08 – Segunda-Feira

14:00 às 19:00h – Entrega de material

20:00h Abertura
Palestra: A Mastozoologia no Brasil: do Passado aos Desafios Atuais
Palestrante: Dr. Rui Cerqueira - UFRJ
Local: Centro convenções - Hotel Guanabara

2º. Dia 19/08/08 – Terça-Feira

8:00 às 10:00h – Mini-cursos/ Sessão de Painéis

10:00 às 10:30 – Café

10:30 às 12:30h – Conferências:

- Conferência 1 – Efeito da coleta no conhecimento das comunidades de morcegos.
  Dr. Carlos Eduardo Lustosa Esberard - UFRRJ
  Sala Guanabara

- Conferência 2 - Bottom-up control of arboreal mammal biomass in neotropical forests
  Dr. Carlos Peres - University of East Anglia
  Sala Rio de Janeiro I

- Conferência 3 - Parasitologia e endemias em roedores silvestres.
  Dr. Paulo Sérgio D'Andrea – IOC/FIOCRUZ
  Sala Universal I

12:30 às 14:00h – Almoço

14:00 às 16:00h – Conferência, Mesas Redondas, Simpósio

- Conferência – Sistemática de roedores neotropicais.
  Dr. Alexandre Percequilo – USP
  Sala Universal I

Mesa-redonda 1: Repensando a Mastozoologia: os novos preceitos Éticos, da Biossegurança e da Legislação Ambiental.
Coordenação: Paulo Sérgio D'Andrea - FIOCRUZ
Sala Rio de Janeiro I
"Ética na Pesquisa com Animais e o Papel das Comissões de Ética".
Dr. Octavio Augusto França Presgrave - FIOCRUZ
"Normas de Biossegurança em trabalhos com animais silvestres".
Dr. Hermann Gonçalves Schatzmayr -FIOCRUZ
"Avanços da legislação brasileira sobre a coleta de material biológico para fins científicos".
Otávio Borges Maia - ECMBio

Mesa-redonda 2 : Uso do espaço e seleção de habitat por pequenos mamíferos.
Coordenação:Dr. Marcus Vinícius Vieira – UFRJ
Sala Guanabara
"Uso de habitat por pequenos mamíferos em diferentes escalas espaciais: complexidade de habitat, abundância e riqueza de animais terrestres e voadores".
Dr.Emerson Vieira - UNISINOS
"Percepção de habitats favoráveis por pequenos mamíferos e a conectividade funcional da paisagem".
Dr. Marcus Vinicius Vieira - UGRJ
"Áreas de vida: deslocamento e uso de habitat nas fronteiras do conhecimento e nos limites da sobrevivência".
Dr. Jader Marinho - UnB

Simpósio Chiroptera: Interações morcego-planta: avanços e perspectivas futuras.
Coordenação: Dr. Marco Aurélio R. de Mello – UFSCar
Sala São Paulo I
"Pequenas diferenças, grandes conseqüências: redes de dispersão de sementes de morcegos e aves nos Neotópicos".
Dr. Marco Aurélio R. de Mello – UFSCar"
"Atração de morcegos frugívoros com óleos essenciais de frutos: uma ferramenta potencial para recuperação de áreas degradadas".
MSc. Gledson Vigiano Bianconi – UNESP Rio Claro e SFMCN
"Estratégias envolvidas nas interações entre morcego e flores".
Dr. Erich Arnold Fischer - UFMS
"O papel dos morcegos na polinização na Caatinga".
Dra. Isabel Cristina Machado - UFPE

16:00 às 18:00h – Apresentações orais

18:00 às 20:00h – Sessão de Painéis - Centro de convenções – Hotel Guanabara
Reuniões temáticas da SBMz – Sala Guanabara
Mini-Cursos

20:00h – Atividades Culturais
Festa Agostina – Hotel Guanabara
Entrada Franca – Consumo por conta do Congressista

3º. Dia 20/08/08 – Quarta-Feira

8:00h às 10:00h – Mini-cursos/ Sessão de Painéis

10:00h às 10:30h – Café

10:30h às 12:30h – Conferências:

- Conferência 1 – Sistemática e conservação de cetáceos.
  Dr. Salvatore Siciliano - ENSP-FIOCRUZ
  Sala Universal I

- Conferência 2 – Sistemática, evolução e conservação de carnívoros.
  Dr. Eduardo Eizirik –PUCRS
  Sala Rio de Janeiro I

- Conferência 3 - Sistemática de los cervídeos neotropicales: el aporte de la conservación.
  Dr. Mariano L. Merino - Museo La Plata
  Sala Guanabara

12:30 às 14:00h – Almoço

14:00 às 16:00h – Mesas Redondas, Simpósio

Mesa Redonda 1– A geografia da variação: casos em mamíferos Neotropicais.
Coordenação: Dr. Claudio Juan Bidau – FIOCRUZ
Sala Guanabara
"Biogeografia de la conservación: la transición tropical-templada del noroeste argentino".
Dr. Ricardo Ojeda - JADIZA
"Padrões filogeográficos em três espécies de *Ctenomys* na planície costeira do sul do Brasil e suas implicações evolutivas e em relação à genética da conservação".
Dr. Thales R. O. de Freitas – UGRGS.
"Zoogeografia e o papel do médio Rio Negro na diversidade de mamíferos".
Dra. Cibele Rodrigues Bonvicino - INCA
"Estudos sobre a variação geográfica de mamíferos reservatórios e implicações no entendimento da transmissão de zoonoses" .
Dr. Paulo Sérgio D'Andrea - FIOCRUZ
" Variação Geográfica do tamanho corporal em animais neotropicais: procurando os padrões".
Dr. Claudio Juan Bidau - Prof. Visitante - FIOCRUZ

Mesa-redonda 2 : Desafios e perspectivas para o ensino da Mastozoologia.
Coordenação: Ricardo Tadeu Santori - FFP
Sala Rio de Janeiro I
"Bioética em atividades experimentais e de campo com mamíferos"
Dra. Rita Paixão - UFF

“A Mastozoologia na formação de professores: experiência de produção de material didático por alunos da Faculdade de Formação de Professores da UERJ”.

Dr. Ricardo Tadeu Santori –FFP/UERJ

“Limites e possibilidades do ensino de mastozoologia na graduação”.

Dra. Lena Geise – UERJ

Mesa Redonda 3 – Conservação de Mamíferos: listas, prioridades e novas abordagens.

Coordenação: Dra. Helena Godoy Bergallo – UFRJ

Sala Universal I

“O papel do ICMBio na revisão da lista de espécies ameaçadas”.

Dr. Rogério Cunha de Paula CNCCB

“Conservação de mamíferos da Mata Atlântica do Estado do Rio de Janeiro”.

Dra. Helena Godoy Bergallo - UFRJ

“Conservação de carnívoros neotropicais sobre diferentes cenários de priorização”.

Dr. Rafael Dias Loyola – UNICAMP

“Fatores de Ameaça para mamíferos brasileiros e predição do Status de Conservação de espécies DD e não avaliadas”.

Dr. Adriano Paglia - CI

Simpósio Chiroptera: Impactos Ambientais e sua Interferência na População de Morcegos.

Coordenação: Dra. Susi M. Pacheco - Instituto Sauver/RS

Sala São Paulo I

“Qual o preço pago pelos morcegos em nome do progresso?

Dra. Susi Missel Pacheco - Instituto Sauver/RS

“Proposta de monitoramento de morcegos em áreas propícias para a instalação de Parques Eólicos.”

MSc. Rosane Vera Marques - MP/RS

“Mortalidade de Quirópteros em Parques Eólicos: o caso do Complexo Eólico de Osório, Rio Grande do Sul, Brasil.”

Dra. Ana Maria Rui - UFPEL

“Efeitos da mineração de carvão sobre a comunidade de morcegos no sul de Santa Catarina: A presença de metais pesados e a ocorrência de danos celulares”.

Dr. Fernando Carvalho e Dr. Jairo José Zocche - UESC/SC

“Impactos causados por usinas hidrelétricas e barragens sobre a quiropterofauna no Brasil”.

Biol. Maricelio Medeiros Guimarães ECOOIDEIA/ DF.

16:00 às 18:00h – Apresentações orais

18:00h - Tarde de Autógrafos – Lançamento de livros

1) Impressões do Cerrado e Pantanal: Subsídios para a observação de Mamíferos não voadores

Autora: Simone Mamede

2) Ecologia de Mamíferos (2008)

Autor: Prof. Nélio R. dos Reis (UEL)

3) Ecologia de Morcegos (2008) e Primatas Brasileiros (2008)

Prof. Adriano Lucio Peracchi (UFRRJ)

Centro de Convenções do Hotel Guanabara

18:00 às 20:00h – Sessão de Painéis - Centro de Convenções – Hotel Guanabara
Mini-Cursos
Reuniões temáticas da SBMz – Sala Guanabara

20:00 – Atividades Culturais
Noite do Queijos e Vinhos - Hotel Guanabara
Venda de ingressos na Secretaria do Congresso.

4º. Dia 21/08/08 – Quinta-Feira

8:00 às 10:00h – Mini-cursos/ Sessão de painéis

10:00 às 10:30 – Café

10:30 às 12:30h: Assembléia geral da Sociedade Brasileira de Mastozoologia.
Sala Guanabara

12:30 às 14:00h – Almoço

14:00 às 16:00h – Conferências, Mesas Redondas, Simpósios:

- Conferência – Histórico Evolutivo de Platyrhini.
  Dr. Gabriel Marroig - USP
  Sala Guanabara

Mesa Redonda 1 – Bioacústica de mamíferos no Brasil: situação atual, lacunas e perspectivas.
Coordenação: Dr. Rogério Grassetto Teixeira da Cunha
Sala Rio de Janeiro I
"Bioacústica de morcegos no Brasil".
Dra. Ludmilla Aguiar - EMBRAPA
"Bioacústica de roedores".
Dra. Rosana Suemi Tokumaru - UFES
"O Estudo dos cetáceos através da Bioacústica".
Dra. Lilian Sander Hoffmann – UFRGS
"Bioacústica de primatas no Brasil: estado atual, lacunas e perspectivas".
Dr. Rogério Grassetto Teixeira da Cunha.

Mesa Redonda 2 - Manejo de mamíferos em situação de risco: estratégias e desafios para sua conservação
Coordenação: Prof. Dra. Flávia Souza Rocha - IST Paracambi/IPÊ
Sala São Paulo I
"Os desafios da conservação de mamíferos em situação de risco: provocando o debate".
Flávia Souza Rocha - IST Paracambi/IPÊ

“Importância de estudos em longo prazo para um adequado manejo de espécies: o caso do mico-leão-preto (*Leontopithecus chrysopygus*)”.
Dra. Cristiana Saddy Martins - IPÊ/ESCAS
“Programas de resgate e monitoramento de mastofauna exigidos em licenciamento ambiental”.
Dr. Fabiano Rodrigues de Melo - UFG/CECO
“Planejamento e normatização do manejo para a conservação de mamíferos ameaçados”.
Leandro Jerusalinsky - ICMBio

Simpósio Chiroptera: Centro de Estudos de Migração e Anilhamento de Morcegos.
Coordenação: Dra. Susi Missel Pacheco - Instituto Sauver/RS
Sala Universal I
“Resultados de anilhamento no Rio de Janeiro: 10 anos com o uso de coleiras”.
Dr. Carlos Eduardo Lustosa Esberard - UFRRJ/RJ
"Anilhamento e monitoramento de morcegos em estudos biológicos".
Dr. Marcelo Oscar Bordignon - UFMS/MS
“Plano de ação para marcação e estudos de migração em morcegos brasileiros”.
Dra. Susi Missel Pacheco - Instituto Sauver/RS

16:00 às 18:00h – Apresentações orais

18:00 às 20:00h – Sessão de Painéis - Centro de Convenções – Hotel Guanabara
Mini- Curso
Reuniões temáticas da SBMz – Sala Guanabara

20:00 – Atividades Culturais
Jantar de Confraternização – Hotel Guanabara
Venda de ingressos na secretaria do Congresso

5º e último dia 22/08/08 – Sexta-Feira

9:00 às 10:00h – Conferências, Mesas-Redondas:

- Conferência 1 – Os desafios de se estudar o comportamento de mamíferos de médio e grande porte no Brasil.
  Dr. Robert Young - PUC-Minas
  Sala Guanabara

- Conferência 2 - A contribuição do registro fóssil da América do Sul ao conhecimento sobre a origem dos mamíferos.
  Dra. Marina Bento Soares UFRGS
  Sala Rio de Janeiro I

Mesa-redonda 1 : Os Megamamíferos do Quaternário Brasileiro
Coordenação: Dr. Leonardo Avila – UNIRIO
Dra. Lílian Paglarelli Bergqvist - IGEO/UFRJ
Sala São Paulo I
"Os mamíferos pleistocênicos da região sul do Brasil".
Dr. Edison Vicente Oliveira - PUC/RS
"Os mamíferos pleistocênicos da região sudeste e nordeste do Brasil".
Dr. Cástor Cartelle - PUC/MINAS
"Conseqüências da presença e da ausência de mega-mamíferos no Quaternário sul americano"
Dr. Mario Alberto Cozzuol - UFMG
"Evidências de megafauna Pleistocênica em ambientes florestais na Amazônia ocidental".
Dr. Mario Alberto Cozzuol - UFMG

Simpósio Chiroptera: "Contribuição de estudos moleculares para a filogenia e biogeografia de morcegos neotropicais."
Coordenação: Dr. Felipe Martins - USP
Sala Universal I
"Filogeografia e biogeografia de Chiroptera na América do Sul".
Dr. Felipe Martins - USP
"Filogenia molecular e biogeografia histórica de *Artibeus*".
Dr. Rodrigo Aparecido Fernandes Redondo - UGMS
"Estudos citogenéticos em morcegos neotropicais".
Dra. Karina Faria – UNEMAT

11:00h às 12:00h - Palestra de Encerramento – "Clima e evolução, novamente".
Dr. Mario de Vivo - MZUSP
Centro de Convenções – Hotel Guanabara

MINI-CURSOS

Horário: de 8:00h às 10:00h ou das 18:00h às 20:00h.

1 - Mapeando padrões ecológicos: um curso básico de cartografia, sensoriamento remoto e GPS.
Dra. Simone Rodrigues de Freitas - USP
Sala Paraná – (18:00h às 20:00h)

2 - Mamíferos aquáticos como indicadores ecológicos de saúde ambiental
Dr. Salvatore Siciliano - ENSP/FIOCRUZ
Dra. Cláudia Maribel Vegas Ruiz – ENSP/FIOCRUZ
Sala Universal II - (18:00h às 20:00h)

3 - Interações entre plantas e quirópteros
Aghata Barreto Xavier - SEMARH
Dra. Leila Maria Pessoa - UFRJ
Sala Universal I - (18:00h às 20:00h)

4 - Roedores neotropicais: diversidade e habitat.
Biol. William Correa Tavares - UFRJ
Dra Leila Maria Pessoa – UFRJ
Sala Paraná – (8:00h às 10:00h)

5- Manejo em monitoramento de morcegos em áreas urbanas
Dra. Susi Missel Pacheco - Inst. Sauver/RS
Sala Espírito Santo - (18:00h às 20:00h)

6 - Evolução e biogeografia dos mamíferos na América do Sul
Dr. Mario de Vivo – USP
Sala Rio de Janeiro I - (18:00h às 20:00h)

7 - Uso do espaço por mamíferos: conceitos, técnicas e aplicações.
MSc. André Faria Mendonça – UFRJ
Jayme Augusto Prevedello - UFRJ
Sala São Paulo I - (18:00h às 20:00h)

8 - Técnicas de estudo e monitoramento de carnívoros terrestres
MSc. Natalie Olifiers - UM - FIOCRUZ
MSc. Rita de Cássia Bianchi - UFMS
Sala Espírito Santo - (8:00h às 10:00h)

9 - Manejo e Conservação de mamíferos em cativeiro
MSc. Adriana Bocchiglieri - UnB
Dr. Marcelo Lima Reis - IBAMA
Sala São Paulo I – (8:00h às 10:00h)

10 - Técnicas básicas para o estudo de mamíferos neotropicais.
Dr. Marcelo Oscar Bordignon - UFMS/MS
Sala Universal I – (8:00h às 10:00h)

11 - Comunicação científica.
Dr. Marco Aurélio R. de Mello – UFSCar
Sala Rio de Janeiro II - 8:00h às 10:00h

12 - Estudo de Quirópteros com ênfase na raiva e ecolocalização.
MSc. Isabel de Araujo Sbragia – UFRJ
Rio de Janeiro II - (18:00h às 20:00h)

13 - Primatas neotropicais: técnicas de estudo e conservação das espécies.
Dr. Fabiano R. de Melo – UFG
Sala Universal II – 8:00h às 10:00h)

14 - Conservação de mamíferos em paisagens fragmentadas

Dênis Sana – Instituto Pró-Carnívoros
MSc. Karla Paranhos - IPÊ
Alessandra Nava - IPÊ
Fernando Lima, IPÊ
Dra. Flávia Rocha - ISP – Paracambi/ IPÊ
Sala Rio de Janeiro I – (8:00h às 10:00h)

Trabalhos Científicos

Apresentações orais

Dia 19/08/08 – Terça-Feira

Sala Guanabara - Morfologia Funcional e Evolutiva

67-ANÁLISE DA ESCÁPULA EM CANIDAE (CARNIVORA) UTILIZANDO MORFOMETRIA GEOMÉTRICA
Thiago Macek Gonçalves Zahn; Francisco Prevosti; Erika Hingst-Zaher;

235-VARIAÇÃO DO POTENCIAL MECÂNICO PARA A MORDIDA AO LONGO DA MANDÍBULA DE MARSUPIAIS NEOTROPICAIS (DIDELPHIMORPHIA, DIDELPHIDAE) Ana Carolina Bezerra; Diego Astúa;

236-COMPARAÇÃO DO POTENCIAL MECÂNICO DA MANDÍBULA ENTRE MARSUPIAIS DIDELFÍDEOS Ana Carolina Bezerra; Diego Astúa;

237-CONVERGÊNCIA E FRONTALIDADE DA ÓRBITA EM MARSUPIAIS NEOTROPICAIS (DIDELPHIMORPHIA, DIDELPHIDAE) Patricia Pilatti Alves; Diego Astúa;

238-AVALIAÇÃO DA INFLUÊNCIA DE FATORES ECOLÓGICOS, MORFOLÓGICOS E HISTÓRICOS NA ORIENTAÇÃO DAS ÓRBITAS DE MARSUPIAIS NEOTROPICAIS (DIDELPHIMORPHIA, DIDELPHIDAE) Patricia Pilatti Alves; Diego Astúa;

325-VARIAÇÃO NA FORMA DO CRÂNIO NO GÊNERO *CTENOMYS* EM RELAÇÃO AO GRUPO-*MENDOCINUS* (RODENTIA: CTENOMYIDAE) Rodrigo Fornel; Pedro Cordeiro-Estrela; Thales Renato O. de Freitas;

Sala Universal I - Chiroptera: Ecologia e Conservação

99-PADRÃO DE ATIVIDADE DE MORCEGOS DA ILHA DA MARAMBAIA, MANGARATIBA, RJ. Elizabete Captivo Lourenço; Débora de Souza França; Luiz Antônio Costa Gomes; Carlos Eduardo Lustosa Esbérard; Roberta Mariano Silva; Luciana de Moraes Costa; Júlia Lins Luz;

105-ABUNDÂNCIA RELATIVA E DIETA DE *PHYLLOSTOMUS ELONGATUS* NA MATA DE COIMBRA, IBATEGUARA, AL
Gleice Paulino; Adriana Ayub; Cecília P. Alves-Costa;

129-EFEITO DO BALANÇO OFERTA-DEMANDA SOBRE O NICHO DE MORCEGOS E AVES EM REDES DE DISPERSÃO DE SEMENTES. Flávia M. D. Marquitti; Marco Aurelio Ribeiro Mello;

137-QUIRÓPTEROS DE FLORESTA DE VÁRZEA E CERRADO DA ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DO RIO CURIAÚ, AMAPÁ. Isai Jorge de Castro; Arley José Silveira da Costa; Ana Carolina Moreira Martins; Edeivid Reis dos Santos;

Sala Rio de Janeiro I – Filogeografia

151-FILOGEOGRAFIA E PADRÕES DE DIVERSIFICAÇÃO NO GÊNERO *NOCTILIO* (CHIROPTERA: NOCTILIONIDAE)
Ana Carolina Pavan; João Stenghel Morgante;

152-FINDING CONGRUENCE BETWEEN CRANIAL MORPHOLOGY AND MITOCHONDRIAL PHYLOGEOGRAPHY USING MULTIVARIATE TREESCAN IN THE COMMON VAMPIRE BAT *DESMODUS ROTUNDUS* (CHIROPTERA, PHYLLOSTOMIDAE). Felipe de Mello Martins; Taylor Maxwell; Alan Templeton; João Morgante;

232-FILOGEOGRAFIA DE *MICOUREUS* DO COMPLEXO *DEMERARAE* (DIDELPHIMORPHIA: DIDELPHIDAE) NA BACIA AMAZÔNICA BRASILEIRA Carla Gomes Bantel; Maria Nazareth Ferreira da Silva; Izeni Pires Farias;

313-FILOGEOGRAFIA DE *EURYZYGOMATOMYS* (RODENTIA: ECHIMYIDAE) DO LESTE DO BRASIL Ana Carolina Covre Loss; Yuri Leite

364-FILOGEOGRAFIA MOLECULAR DE *EUPHRACTUS SEXCINCTUS* (MAMMALIA: XENARTHRA) ATRAVÉS DE ADN MITOCONDRIAL (CITOCROMO *B*) William Volino; Aruanã Garcia Costa; Cibele Rodrigues Bonvicino; Lena Geise;

365-FILOGEOGRAFIA MOLECULAR DE *DASYPUS NOVEMCINCTUS* (MAMMALIA: XENARTHRA) ATRAVÉS DE ADN MITOCONDRIAL (CITOCROMO *B*) William Volino; Aruanã Garcia Costa; Cibele Rodrigues Bonvicino; Lena Geise;

Sala Universal II - Ecologia e Conservação

287-INTERAÇÃO ENTRE *DASYPROCTA AZARAE* E *ARAUCARIA ANGUSTIFOLIA* NO PLANALTO SUL-RIOGRANDENSE Juliana F. Ribeiro; Emerson M. Vieira;

296-EFEITOS DE BORDA SOBRE ROEDORES SILVESTRES (RODENTIA: CRICETIDAE) Daniel Galiano; Bruno B. Kubiak; Jorge Reppold Marinho;

379-DESEMPENHO DE DOIS MÉTODOS DE AMOSTRAGEM E DOIS TIPOS DE ISCAS PARA ESTUDO DA DISTRIBUIÇÃO DE MAMÍFEROS DE MAIOR PORTE EM PAISAGENS TROPICAIS ALTERADAS Karina Dias Espartosa; Renata Pardini;

391-USO DE CORREDORES EM UMA PAISAGEM FRAGMENTADA NA FLORESTA AMAZÔNICA, BRASIL Fernanda Michalski; Jean Paul Metzger;

392-AVALIAÇÃO DA CAÇA SOBRE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE DA ILHA DE CANANÉIA, ILHA COMPRIDA E ILHA DO CARDOSO, SUDESTE DO ESTADO DE SÃO PAULO Carolina Carvalho Cheida; Bianca Ingberman; Roberto Fusco-Costa; Eduardo Nakano-Oliveira; Renato Garcia Rodrigues; Emygdio Monteiro-Filho;

410-AVALIAÇÃO DO USO DAS PASSAGENS DE FAUNA SOB A RODOVIA DO SOL, GUARAPARI, ESPÍRITO SANTO, POR MAMÍFEROS TERRESTRES L.M. Scoss; R.M. Braga; L.M. Maioli; F.F. Keesen;

Dia 20/08/08 – Quarta-Feira

Sala Guanabara - Chiroptera: Filogenia, Morfologia e Distribuição

163-MORCEGOS EM CAVERNA DE ALTITUDE NA MATA ATLÂNTICA, BAHIA. Hernani Fernandes Magalhães de Oliveira; Yonara Patrícia Prado Lôbo; Renan Janke Bosque; Laís Araújo Coelho; Camila Cibeli Soares de Oliveira; Ana Camila Oliveira Souza; João Paulo Gravina Ribeiro de Castro;

186-COMPARAÇÕES ENTRE O COMPARTIMENTO INTERTUBULAR DOS TESTÍCULOS DE *MOLOSSUS MOLOSSUS* (CHIROPTERA: MOLOSSIDAE) CAPTURADOS NO VERÃO E INVERNO, NA ZONA DA MATA DE MINAS GERAIS, BRASIL Danielle Barbosa Morais; Sérgio Luis Pinto da Matta; Leandro Santos Goulart; Mariella Bontempo Ducca Freitas; Tarcízio Antonio Rêgo de Paula;

196-FILOGENIA DE STENODERMATINAE (CHIROPTERA: PHYLLOSTOMIDAE) BASEADA EM DADOS MORFOLÓGICOS E MOLECULARES Valeria da Cunha Tavares;

198-CARACTERIZAÇÃO MORFOLÓGICA DAS ESPÉCIES BRASILEIRAS DE *MYOTIS* KAUP, 1829 (CHIROPTERA: VESPERTILIONIDAE) Caroline Cotrim Aires ; João Stenghel Morgante;

199-FILOGENIA DE MOLOSSIDAE (CHIROPTERA) USANDO DADOS MORFOLÓGICOS E DEFINIÇÃO DOS GÊNEROS Renato Gregorin;

Sala Universal I - Biogeografia, Métodos e Avaliações Gerais da Mastozoologia

366-REPRESENTATIVIDADE E DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DAS ESPÉCIES DE TATUS (XENARTHRA: DASYPODIDAE) ATRAVÉS DO EXAME DE ESPÉCIMES DEPOSITADOS EM COLEÇÕES CIENTÍFICAS NO BRASIL José Abílio Barros Ohana; Victor Fonsêca da Silva; Paola Cardias Soares; Cleuton Lima Miranda.;

492-DIVERSIDADE DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE DA REGIÃO BIOGEOGRÁFICA TOCANTINS-MARANHÃO José Abílio Barros Ohana; José de Sousa e Silva Júnior;

520-SIFONAPTEROFAUNA DE PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO-VOADORES DA RESERVA BIOLÓGICA DE DUAS BOCAS, CARIACICA, ESPÍRITO SANTO, BRASIL Israel de Souza Pinto; José Ramiro Botelho; Leonora Pires Costa; Yuri Luiz Reis Leite; Pedro Marcos Linardi;

524-REMOÇÕES DE ISCAS EM ARMADILHAS DE PEGADAS E TESTES CONTRA REMOÇÃO E CONTRA INCIDÊNCIA DE CHUVAS Adriano G. Chiarello; Valeska B. Oliveira; Antônio M. Linares; Guilherme L. C. Corrêa;

530-AN OVERVIEW OF BRAZILIAN MAMMALOGY: TRENDS, BIASES AND FUTURE DIRECTIONS Daniel Brito; Leonardo C. Oliveira; Monik Oprea; Marco Aurelio R. Mello;

531-A PUBLICAÇÃO DE PESQUISAS CIENTÍFICAS DA MASTOZOOLOGIA NACIONAL: QUEM É O VILÃO DA DEMORA? Diogo Loretto; Paula Ferreira;

Sala Universal II - Ecologia e Conservação: Fragmentação de Habitats

415-EFEITO DA EXPANSÃO DE ÁREAS ABERTAS EM PAISAGENS DE MATA ATLÂNTICA: DISTRIBUIÇÃO E DIVERSIDADE DE PEQUENOS MAMÍFEROS ENDÊMICOS E NÃO-ENDÊMICOS EM ÁREAS AGRÍCOLAS Fabiana Umetsu; Renata Pardini;

419-INFLUÊNCIA DE ESTRADAS, COBERTURA FLORESTAL E DE MATRIZ DE CAPOEIRA SOBRE A COMUNIDADE DE PEQUENOS MAMÍFEROS EM FRAGMENTOS FLORESTAIS DE MATA ATLÂNTICA Simone R. Freitas; Renata Pardini; Jean Paul Metzger;

420-A COMUNIDADE DE PEQUENOS MAMÍFEROS E O PROCESSO DE REGENERAÇÃO DE PALMEIRAS EM FRAGMENTOS FLORESTAIS ISOLADOS POR ÁGUA NA AMAZÔNIACENTRAL Manoela Lima de Oliveira Borges; Eduardo Martins Venticinque; Maria Nazareth Ferreira da Silva;

429-ESTRUTURA DA COMUNIDADE DE PEQUENOS MAMÍFEROS EM UM SISTEMA DE FRAGMENTOS CONECTADOS POR CORREDORES DE VEGETAÇÃO NO SUL DE MINAS GERAIS Andréa de Oliveira Mesquita; Marcelo Passamani;

430-DESLOCAMENTOS DE PEQUENOS MAMÍFEROS EM UM SISTEMA DE FRAGMENTOS CONECTADOS POR CORREDORES DE VEGETAÇÃO NO SUL DE MINAS GERAIS Andréa Mesquita; Marcelo Passamani;

438-EFEITOS DA FRAGMENTAÇÃO DO HABITAT SOBRE A CARGA DE PARASITAS (NEMATODA) DE PEQUENOS MAMÍFEROS EM FRAGMENTOS DE FLORESTA SECUNDÁRIA DE MATA ATLÂNTICA Thomas Puettker; Yvonne Meyer-Lucht; Simone Sommer;

Sala Rio de Janeiro I - Biogeografia, Variação Geográfica e Morfologia de Marsupiais

241-VARIAÇÃO GEOGRÁFICA NO CRÂNIO DE *CHIRONECTES MINIMUS* (DIDELPHIMORPHIA, DIDELPHIDAE): RESULTADOS DE ANÁLISES MORFOMÉTRICAS GEOMÉTRICAS Elis M. Damasceno; Diego Astúa;

243-ANÁLISE DA ONTOGENIA CRANIANA EM *MONODELPHIS DOMESTICA* (WAGNER, 1842) (DIDELPHIMORPHIA, DIDELPHIDAE) Fonseca, R.; Astúa, D.;

244-ALOMETRIA ESTÁTICA E ONTOGENÉTICA CRANIANA EM *MONODELPHIS DOMESTICA* (DIDELPHIMORPHIA, DIDELPHIDAE) Fonseca, R.; Astúa, D.;

246-TAXONOMIA E LIMITES DE ESPÉCIES NO GÊNERO *METACHIRUS* BURMEISTER, 1854 (DIDELPHIMORPHIA: DIDELPHIDAE) Leonardo G. Vieira; Yuri L. R. Leite; Leonora P. Costa;

247-BIOGEOGRAFIA DE *CHIRONECTES MINIMUS* (MAMMALIA: DIDELPHIDAE): REGISTROS HISTÓRICOS E NOVAS OCORRÊNCIAS Daniella Fiuza Palmela; Wellington Donizete Guimarães; Leonora Pires Costa;

Dia 21/08/08 – Quinta-Feira

Sala Guanabara - Métodos Moleculares em Evolução, Ecologia e Conservação

4- POTENCIAL DE APLICAÇÃO DE INICIADORES DE MARCADORES MICROSSATÉLITES DE DIVERSOS ARTIODACTYLA PARA AS ESPÉCIES BRASILEIRAS DE *MAZAMA* (MAMMALIA: CERVIDAE). Aline Meira Bonfim Mantellatto; José Maurício Barbanti Duarte;

82-ESTIMATIVAS DO TAMANHO EFETIVO POPULACIONAL HISTÓRICO DE BALEIAS JUBARTE (*MEGAPTERA NOVAEANGLIAE*) DO BANCO DOS ABROLHOS, BAHIA, USANDO LOCOS DE MICROSSATÉLITES Ana Lúcia Cypriano de Souza; Gabriela de Paula Fernández-Stolz; Carlos André V. Lima-Rosa; Márcia H. Engel; Sandro L. Bonatto;

315-EVIDÊNCIAS DE PSEUDOGENES DO CITOCROMO B NO GENOMA DO TUCO-TUCO-DAS-DUNAS, *CTENOMYS FLAMARIONI* (RODENTIA: CTENOMYIDAE), E A SUA INTERFERÊNCIA EM ESTUDOS DE CONSERVAÇÃO Gabriela P. Fernández-Stolz; Tatiane N. S. Fornel; Paula A. Roratto; Thales R. O. de Freitas;

449-CENÁRIO EVOLUTIVO DO TAMANHO DO GENOMA NA CLASSE MAMMALIA Randau, M.C.C.; Torres, R.A.;

Sala Universal I - Ecologia de Populações e Conservação

210-CAPACIDADE PERCEPTUAL DE *DIDELPHIS AURITA* E *PHILANDER FRENATUS* (DIDELPHIMORPHIA, DIDELPHIDAE) EM UMA PAISAGEM FRAGMENTADA DA MATA ATLÂNTICA: ORIENTAÇÃO EM UMA MATRIZ AGRÍCOLA Jayme Augusto Prevedello; Marcus Vinícius Vieira;

216-USO DO ESPAÇO PELO MARSUPIAL *CALUROMYS PHILANDER* (LINNAEUS, 1758) ATRAVÉS DO MÉTODO DOS NINHOS ARTIFICIAIS (DIDELPHIMORPHIA; DIDELPHIDAE) Bernardo Papi; Diogo Loretto; Marcus Vinicíus Vieira;

218-MOVIMENTOS DE MARSUPIAIS ENTRE FRAGMENTOS DE MATA ATLÂNTICA: INFERINDO A HABILIDADE DE TRAVESSIA DE UMA MATRIZ DE PASTO ATRAVÉS DA TORTUOSIDADE DOS MOVIMENTOS Jayme Augusto Prevedello; Marcus Vinícius Vieira;

219-FLUTUAÇÃO POPULACIONAL, REPRODUÇÃO E SEMELPARIDADE EM UMA POPULAÇÃO DO MARSUPIAL *MARMOSOPS INCANUS* NA SERRA DOS ÓRGÃOS, RJ Joana Macedo; Rui Cerqueira;

220-O FATOR DE CONDIÇÃO DE UMA POPULAÇÃO DO MARSUPIAL DIDELFÍDEO *MARMOSOPS INCANUS* E SUA RELAÇÃO COM O PERÍODO REPRODUTIVO, OS RECURSOS E A ABUNDÂNCIA Joana Macedo; Rui Cerqueira;

227-CLASSIFICAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO DE ABRIGOS DE MARSUPIAIS NEOTROPICAIS ARBORÍCOLAS ATRAVÉS DA ANÁLISE DOS COMPONENTES VEGETAIS Priscilla Cobra; Diogo Loretto; Marcus Vinícius Vieira;

Sala Rio de Janeiro I - Sistemática, Distribuição e Morfologia de roedores

327-DIFERENÇAS ANATÔMICAS DO ESQUELETO PÓS-CRÂNIO ENTRE DUAS ESPÉCIES SIMPÁTRICAS DO GÊNERO *OLIGORYZOMYS* (CRICETIDAE: RODENTIA) Roberta Paresque; Alexandre Uarth Christoff;

351-DIFERENCIAÇÕES MORFOMÉTRICAS DO CRÂNIO E DA MANDÍBULA ENTRE *AKODON CURSOR* E *AKODON MONTENSIS* (RODENTIA, SIGMODONTINAE) Bandeira, I.; Astúa, D.; Geise, L.;

352-ROEDORES SIGMODONTINAE DO BRASIL MERIDIONAL Liliani Marília Tiepolo; João Alves de Oliveira;

353-PADRÕES DE DISTRIBUIÇÃO DOS ROEDORES DA TRIBO ORYZOMYINI (RODENTIA: SIGMODONTINAE) NA AMÉRICA DO SUL Prado, J. R.; Percequillo, A. R.;

354-IDENTIDADE TAXONÔMICA E VARIAÇÃO GEOGRÁFICA DOS OURIÇOS-CACHEIROS DO LESTE DO BRASIL (MAMMALIA: ERETHIZONTIDAE: *SPHIGGURUS*) Vilacio Caldara Junior; Yuri Leite;

357-*RHIPIDOMYS* (RODENTIA: SIGMODONTINAE) NO LESTE DO BRASIL: SISTEMÁTICA, BIOGEOGRAFIA E RECONHECIMENTO DE NOVAS ESPÉCIES Bárbara Maria de Andrade Costa; Leonora Pires Costa;

Sala Universal II - Ecologia e Conservação: Mamíferos de Médio-Grande Porte

32-CONSERVAÇÃO DE MAMÍFEROS CARNÍVOROS, COM ÊNFASE NA ONÇA-PINTADA, NA CAATINGA DO NORDESTE BRASILEIRO. Cláudia Bueno Campos; Rogério Cunha Paula; Ronaldo Gonçalves Morato;

33-DETERMINAÇÃO DO PADRÃO DE ATIVIDADE DE *LEOPARDUS PARDALIS* NO PARQUE ESTADUAL DO RIO DOCE, MG, ATRAVÉS DO USO DE ARMADILHAS FOTOGRÁFICAS. Keesen, F. F.; Scoss, L. M.; Nunes, A. V.;

45-ANÁLISE BIOGEOGRÁFICA DA ECOLOGIA TRÓFICA DE *LEOPARDUS PARDALIS*: A IMPORTÂNCIA DAS PRESAS DE GRANDE PORTE. Tadeu G. de Oliveira;

46-ABUNDÂNCIA DE FELINOS DE PEQUENO-MÉDIO PORTE EM DIFERENTES TIPOS DE VEGETAÇÃO DO BRASIL
Tadeu G. de Oliveira; Marcos A. Tortato; Carlos Benhur Kasper; Fábio D. Mazim; José Bonifácio G. Soares; Rosane V. Marques;
Fernando R. Tortato;

250-É POSSÍVEL ESTIMAR A DENSIDADE DE MAMÍFEROS SEM MARCAS NATURAIS USANDO ARMADILHAS FOTOGRÁFICAS? UM CONTROLADO ESTUDO DE CASO COM ANTAS (*TAPIRUS TERRESTRIS*) Luiz Gustavo Rodrigues Oliveira-Santos; Carlos André Zucco; Pâmela Castro Antunes; Guilherme Mourão;

251-INFLUÊNCIA DE VARIÁVEIS EXTRÍNSECAS SOBRE A ATIVIDADE E SELEÇÃO DE HABITAT DE ANTAS (*TAPIRUS TERRESTRIS*) NUMA RESTINGA DO SUL DO BRASIL Luiz Gustavo Rodrigues Oliveira-Santos; Marcos Adriano Tortato; Luisa Brusius; Luiz Carlos Pinheiro Machado-Filho;

Apresentação de Pôsteres

19/08/08 – Terça Feira

Área: Artiodactyla

2-PERFIL DOS ANDRÓGENOS FECAIS EM MACHOS DE VEADO-MATEIRO (*MAZAMA AMERICANA*) MANTIDOS EM CATIVEIRO E SUA CORRELAÇÃO COM OS CHIFRES. Natalia Fraguas Versiani; Ricardo José Garcia Pereira; José Maurício Barbanti Duarte;

3- MONITORAMENTO ENDÓCRINO DURANTE OS PERÍODOS GESTACIONAL E PÓS-PARTO DE VEADO-MATEIRO (*MAZAMA AMERICANA*) EM CATIVEIRO. Victor Gasperotto Krepschi; José Maurício Barbanti Duarte; Bruna Furlan Polegato;

Área: Carnivora

10-COMPORTAMENTO DE CORTE EM ONÇAS-PINTADAS NO PANTANAL DO MATO GROSSO DO SUL. Caroline Leuchtenberger; Peter Crawshaw;Guilherme Mourão;

11-EFEITO DO ENRIQUECIMENTO AMBIENTAL SOBRE O COMPORTAMENTO ESTEREOTIPADO DE PEQUENOS FELINOS CATIVOS DO CENTRO DE BIODIVERSIDADE DA USIPA EM IPATINGA/MG. Priscila Soares Silva Lana;Mariana Machado Neves; Daniela Chaves Resende; Larissa Pires Barbosa; Michele Oliveira Santos; Vanessa Mendes Martins; Danielle de Paula Moreira; Cláudia Diniz Pinto Coelho;

12-CARACTERIZAÇÃO COMPORTAMENTAL DO FELINO CATIVO JAGUARUNDI (*HERPAILURUS YAGOUAROUNDI*) EM RESPOSTA AOS ESTÍMULOS FÍSICOS E SENSORIAIS. Priscila Soares Silva Lana; Mariana Machado Neves; Daniela Chaves Resende;
Larissa Pires Barbosa; Michele Oliveira Santos; Vanessa Mendes Martins; Danielle de Paula Moreira; Cláudia Diniz Pinto Coelho;

13-ESTUDO DO COMPORTAMENTO DE UM QUATI (*NASUA NASUA*) EM AMBIENTE ENRIQUECIDO. Vinícius Herold Dornelas e Silva. Tarcízio Antônio Rego de Paula; Thais de Faria e Sousa Lopes Trindade; Thyara de Deco Souza Filipe Tavares Carneiro; Alice dos Santos Ribeiro; Alexandre de Oliveira Tavela; Anna Maria Cotta e Oliveira;

17-PREDAÇÃO DE PEQUENOS MAMÍFEROS EM ARMADILHAS DE CAPTURA-VIVA POR *LEOPARDUS PARDALIS* (LINNAEUS, 1758) EM UMA ÁREA DE REMANESCENTE DE MATA ATLÂNTICA NO BAIXO SUL DO ESTADO DA BAHIA, BRASIL. Jorge Nei Silva de Freitas; Arlindo Silva Neto;

28-HORÁRIO DE ATIVIDADE DE CARNÍVOROS EM UMA ÁREA DE FLORESTA OMBRÓFILA MISTA EM URUBICI, SANTA CATARINA.T. B. Maccarini; P. V.Castilho; M. E. Graipel.

30-CANIBALISMO EM UMA POPULAÇÃO DE ONÇAS-PINTADAS (*PANTHERA ONCA*) DO SUL DO MATO GROSSO DO SUL: EVENTOS AO ACASO OU CONSEQUÊNCIA DE INTERAÇÕES COMPETITIVAS? Fernando Cesar Cascelli de Azevedo; Ricardo Luís da Costa; Henrique Villas Boas Concone;

31-PREDAÇÃO DE BÚFALO (*BUBALUS BUBALIS*) POR ONÇAS-PARDAS (*PUMA CONCOLOR*): EVENTO AO ACASO OU ADAPTAÇÃO DO PREDADOR A NOVOS RECURSOS ALIMENTARES? Fernando Cesar Cascelli de Azevedo; Henrique Villas Boas Concone; Ricardo Luís da Costa;

35-EFEITO DO USO DE CEVAS SOBRE O PADRÃO DE ATIVIDADE DE *CERDOCYON THOUS* EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DO SUL DO BRASIL. Felipe Moreli Fantacini; Fernando Vilas Boas Goulart; Marcos Adriano Tortato; Luiz Gustavo Rodrigues Oliveira-Santos;Maurício Eduardo Graipel;

36-ANÁLISE DA ESTRUTURA SOCIAL E PADRÕES REPRODUTIVOS DE CARNÍVOROS NA RPPN CHÁCARA EDITH, SUL DO BRASIL.Felipe Moreli Fantacini; Maurício Eduardo Graipel;

41-ORGANIZAÇÃO SOCIAL E TERRITORIALIDADE DE ARIRANHAS NO PANTANAL, BRASIL. Caroline Leuchtenberger; Guilherme Mourão;

42-USO DE ARMADILHAS FOTOGRÁFICAS EM ESTUDOS DE CAPTURA-MARCAÇÃO-RECAPTURA: AUMENTO DA PRECISÃO NA ESTIMATIVA DE TAMANHO POPULACIONAL DE CACHORRO-DO-MATO (*CERDOCYON THOUS*) NO PANTANAL. Natalie Olifiers; Rita de Cassia Bianchi; Paulo Sérgio D'Andrea; Matthew Gompper; Guilherme Mourão;

43-NEST DESCRIPTION OF THE BROWN-NOSED COATI (CARNIVORA: PROCYONIDAE: *NASUA NASUA*) IN THE PANTANAL REGION OF BRAZIL. Rita de Cássia Bianchi; Natalie Olifiers; Paulo Sérgio D'Andrea; Guilherme de Miranda Mourão;

44-PADRÃO DE ATIVIDADE DOS CARNÍVOROS DE MÉDIO PORTE NA FAZENDA NHUMIRIM, PANTANAL, MS. Rita de Cassia Bianchi; Natalie Olifiers; Nilson Lino Xavier Filho; Renata Calixto Campos; Juliane Saab; Guilherme Mourão;

52-DIETA DA ONÇA-PINTADA (*PANTHERA ONCA*) EM UMA FAZENDA DE PECUÁRIA DE CORTE NO PANTANAL SUL-MATOGROSSENSE ATRAVÉS DA ANÁLISE DE FEZES - UMA COMPARAÇÃO COM O MÉTODO DIRETO DE TELEMETRIA GPS. Míriam Lúcia Lages Perilli; Sandra Maria Cintra Cavalcanti; Flávio Henrique Guimarães Rodrigues;

62-MONITORAMENTO DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE DO MUNICÍPIO DE RIO PIRACICABA, MINAS GERAIS. Costa, C.G.; Almeida, A.F.R.; Santiago, F.L.; Câmara, E.M.V.C.;
63-OCORRÊNCIA DE *LEOPARDUS PARDALIS* (LINNAEUS, 1758) (FELIDAE, CARNIVORA) EM UMA ÁREA DE REMANESCENTE DE MATA ATLÂNTICA NO BAIXO SUL DO ESTADO DA BAHIA, BRASIL. Jorge Nei Silva de Freitas; Arlindo Silva Neto;

64-DIAGNÓSTICO PRELIMINAR DA OCORRÊNCIA DE ARIRANHAS (*PTERONURA BRASILIENSIS*) NO ESTADO DO AMAPÁ
Danielle Lima; Cláudia Silva; Miriam Marmontel;

65-LEVANTAMENTO POPULACIONAL DE QUATIS (PROCYONIDAE: *NASUA NASUA*) NO PARQUE DAS MANGABEIRAS, BELO HORIZONTE, MG. Nadja Simbera Hemetrio; Flávio Henrique Guimarães Rodrigues; Lara Ambrosio Leal Dutra; Wander Ulisses Mesquita; Julia Angélica Gonçalves da Silveira; Simone Machado Mendes de Sousa; Rogerio Venancio Donatti; Paula Cristina Senra Lima; Iuri Fortes Pereira; Bárbara Regina Neves Chaves;

Área: Cetacea

72-COMPORTAMIENTO DE *SOTALIA GUIANENSIS* EN LA BAHÍA NORTE DE LA ISLA DE SANTA CATARINA, BRASIL
Mariel Bazzalo; Paulo, A.C. Flores; Enrique A. Crespo;

76-ANÁLISES PRELIMINARES SOBRE A CAPTURA ACIDENTAL DE BOTOS-CINZA (*SOTALIA GUIANENSIS*) NA COSTA DO ESTADO DO AMAPÁ.Emin-Lima, N.R; Costa, A.F.; Rodrigues, A.L.F.; Siciliano, S.; Souza, R.F.C.;

79-REGISTRO DE INTERAÇÕES ENTRE CETÁCEOS (MAMMALIA; CETACEA) E TUBARÕES-CHARUTO *ISISTIUS BRASILIENSIS* (SQUALIFORMES; DALATIIDAE) NO LITORAL DE PERNAMBUCO. R.K.M.S. Targino; A.C.M. Melo; M.S. Monteiro; M.A.B. Oliveira;

83-MORFOLOGIA, ONTOGENIA E FUNÇÃO DAS PROJEÇÕES PAPILARES NA LÍNGUA DA TONINHA (*PONTOPORIA BLAINVILLEI*) NA COSTA SUL DO BRASIL. Renata Bornholdt; Daniel Danilewicz;

Área:Chiroptera

85-COMPORTAMENTO DE ATAQUE DO MORCEGO HEMATÓFAGO *DESMODUS ROTUNDUS* (E.GEOFFROY, 1810) (CHIROPTERA, PHYLLOSTOMIDAE) EM BOVINOS SOB CONDIÇÕES DE CAMPO. Sérgio Nogueira Pereira; Clayton Bernardinelli Gitti; Marise Maleck de Oliveira Cabral; Andrea Cecília Sicotti Maas;

86-POUSO DIGESTÓRIO COMPARTILHADO POR *CAROLLIA PERSPICILLATA* E *MICRONYCTERIS MEGALOTIS* EM UM CLUBE DE CAMPO NA REGIÃO NOROESTE DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. João Pereira da Gama; Adriana Ruckert da Rosa;

87-OBSERVAÇÃO DE ABRIGOS UTILIZADOS POR MORCEGOS NO ESPÍRITO SANTO, BRASIL. Poliana Mendes; Thiago Bernardi Vieira; Monik Oprea; Albert David Ditchfield;

97-FRUGIVORIA EM MORCEGOS (CHIROPTERA, PHYLLOSTOMIDAE) DO RECANTO MARISTA, NO MUNICÍPIO DE DOUTOR CAMARGO, PARANÁ. João Eduardo Cavalcanti Brito;Janaina Gazarini;

98-DISTRIBUIÇÃO DAS CAPTURAS DE PHYLLOSTOMIDAE (MAMMALIA, CHIROPTERA) EM FRAGMENTOS URBANOS DE FLORESTA ATLÂNTICA NO SUL DO BRASIL. Janaina Gazarini; Wagner André Pedro; João Eduardo Brito;

100-TAXA DE RECAPTURA DE MORCEGOS PHYLLOSTOMIDAE EM TRÊS LOCALIDADES DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Elizabete Captivo Lourenço; Carlos Eduardo Lustosa Esbérard;

101-APRENDENDO EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM MORCEGOS (MAMMALIA: *CHIROPTERA*). Olívia Silva Eler; Hezrai de Souza Cruz; Sebastião M. Genelhú;

102-RIQUEZA, ABUNDÂNCIA E DIVERSIDADE DE MORCEGOS (MAMMALIA, CHIROPTERA) DA MATA DE GALERIA DO CÓRREGO BACABA, NOVA XAVANTINA – MT. Valdinei Cristi Koppe; Cesar Enrique de Melo; Roseli de Cássia de Almeida;

103-MORCEGOS (CHIROPTERA, PHYLLOSTOMIDAE) EM APP SOB INFLUÊNCIA ANTRÓPICA NO XINGU, MATO GROSSO
Valdinei Cristi Koppe; Roseli de Cássia de Almeida;

104-MORCEGOS (MAMMALIA, CHIROPTERA) DE UM CERRADO SENTIDO RESTRITO EM NOVA XAVANTINA, MT
Valdinei Cristi Koppe; Cesar Enrique de Melo;

106-MORCEGOS DE AMBIENTES ESTUARINOS. Luciana de Moraes Costa; Júlia Lins Luz; Elizabete Captivo Lourenço; Débora de Souza França;

Roberta Mariano Silva; Luiz Antonio Costa Gomes; Carlos Eduardo Lustosa Esbérard;

108-ATIVIDADE DE FORRAGEIO DE TRÊS ESPÉCIES PHYLLOSTOMIDAE NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Luiz Antonio Costa Gomes; Débora de Souza França; Luciana de Moraes Costa; Elizabete Captivo Lourenço; Carlos Eduardo Lustosa Esberárd;

109-O EFEITO DE BORDA SOBRE MORCEGOS (MAMMALIA, CHIROPTERA) EM UM FRAGMENTO FLORESTAL - FAZENDA UNIDAS - MATO GROSSO DO SUL, BR. Cibele Maria Vianna Zanon; Nelio Roberto dos Reis; Bruno Goiz Prone;

110-COMPOSIÇÃO DA QUIROPTEROFAUNA ENCONTRADA EM DOIS DIFERENTES FRAGMENTOS NO EXTREMO NORTE DO PARANÁ, BRASIL. Patrícia Helena Gallo; Nelio Roberto dos Reis; Fabio Rodrigo Adrade; Inaê Guion de Almeida;

111-INFLUÊNCIA DA COMPLEXIDADE ESPACIAL DA VEGETAÇÃO E DA PRESENÇA DE CORPOS D'ÁGUA NA ATIVIDADE DE MORCEGOS INSETÍVOROS AÉREOS. Márcio Henrique Almeida; Albert David Ditchfield; Rosana Suemi Tokumaru;

112-COMO OCORRE E QUÃO FORTE É A INTERAÇÃO ENTRE A PATA-DE-VACA *BAUHINIA HOLOPHYLLA* (LEGUMINOSAE) E MORCEGOS NECTARÍVOROS (PHYLLOSTOMIDAE)? Julia Ramos Estêvão; Reinaldo Chaves Teixeira; Marco Aurelio Ribeiro Mello; Dalva Maria da Silva Matos;

113-PEQUENAS DIFERENÇAS, GRANDES CONSEQÜÊNCIAS: REDES DE DISPERSÃO DE SEMENTES DE MORCEGOS E AVES NOS NEOTRÓPICOS. Marco A.R. Mello; Flávia M.D. Marquitti; Pedro Jordano; Paulo R. Guimarães Jr.; Elisabeth K.V. Kalko;

114-ATIVIDADE HORÁRIA E SAZONAL DE *STURNIRA LILIUM*, *ARTIBEUS LITURATUS* E *DESMODUS ROTUNDUS* EM ÁREA DE INFLUÊNCIA DA UHE BARRA GRANDE, SC/ RS, BRASIL. Carla Letícia Reus; Marta Elena Fabián; Alan Bolzan;

115-INFLUÊNCIA DA COBERTURA VEGETAL SOBRE A COMUNIDADE DE MORCEGOS NO MUNICÍPIO DE SANTA LEOPOLDINA, ESPÍRITO SANTO, BRASIL. Geovana A. Mendes; Bruna S. Fonseca; Vinícius T. Pimenta; Sílvia R. Lopes; Albert D. Ditchfield;

138-PADRÃO REPRODUTIVO DE *ARTIBEUS PLANIROSTRIS* (SPIX, 1823) EM CERRADO E FLORESTA DE VÁRZEA NO ESTADO DO AMAPÁ. Isai Jorge de Castro; Ana Carolina Moreira Martins; Arley José Silveira da Costa;

139-OCORRÊNCIA DE *LASIURUS BLOSSEVILLII* (VESPERTILIONIDAE, CHIROPTERA) PARA O AMBIENTE DE RESTINGA
Thiago Bernardi Vieira; Poliana Mendes; Monik Oprea; Albert David Ditchfield;

140-COMUNIDADES DE MORCEGOS DO ENTORNO DAS LAGOAS DO PARQUE ESTADUAL PAULO CESAR VINHA, GUARAPARI, ESPÍRITO SANTO. Thiago Bernardi Vieira; Poliana Mendes; Monik Oprea; Albert David Ditchfield;

142-ESTRUTURA DA COMUNIDADE DE MORCEGOS (MAMMALIA: CHIROPTERA) DO PARQUE ESTADUAL DA PEDRA BRANCA E SEU ENTORNO, RIO DE JANEIRO, RJ. Shirley S. P. Silva; Alexandre P. Cruz; Juliana Cardoso Almeida; Cristiana P. A. Mendes; Adriano L. Peracchi;

143-ESTRUTURA DA ASSEMBLÉIA DE MORCEGOS (MAMMALIA, CHIROPTERA) EM QUATRO DIFERENTES ESTÁGIOS SUCESSIONAIS EM UMA FLORESTA ESTACIONAL DECIDUAL NO PARQUE ESTADUAL DA MATA SECA - MANGA - MG
L.A.D. Falcão; F.A. Ferreira; R.N.S.L. Garro; M.S. Pinheiro; L.D.A. Cabadilla; K.E. Stoner; L.O. Leite;

144-MORCEGOS DA RPPN BURACO DAS ARARAS E NOVO REGISTRO DE *MICRONYCTERIS SCHMIDTORUM*, JARDIM, MATO GROSSO DO SUL. Carolina Ferreira Santos; Luiz Felipe Alves da Cunha Carvalho; Nicolay Cunha; Erich Fischer;

145-MONITORAMENTO DA ATIVIDADE DE QUIRÓPTEROS EM HABITATS ANTRÓPICOS NA REGIÃO DA PLANÍCIE COSTEIRA DO RIO GRANDE DO SUL. Marília A. S. Barros; Ana Maria Rui;

146-DIVERSIDADE DE ESPÉCIES DE MORCEGOS EM DOIS TIPOS DE VEGETAÇÃO DE UM FRAGMENTO FLORESTAL (FAZENDA EXPERIMENTAL CATUABA - AC). A.O. Cunha; A.M. Calouro; R. Marciente; A.L.B. Moura; J.L. Valente; R.C. Silva; S.A.V. Oliveira, S. A. V.;

147-CONCENTRAÇÕES DE GLICOSE PLASMÁTICA E DE GLICOGÊNIO HEPÁTICO E MUSCULAR EM MORCEGOS INSETÍVOROS *MOLOSSUS MOLOSSUS* (CHIROPTERA: MOLOSSIDAE). Leandro Santos Goulart; Mirlaine Soares Barros; Thales Simioni Amaral; Danielle Barbosa Morais; Jercyane Maria da Silva Braga; Mariella Bontempo Duca de Freitas;

148-OCORRÊNCIA DE ALOPECIA EM MORCEGOS (MAMMALIA-CHIROPTERA) NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO
Silva, S.S.P.; Mendes, C.P.A.; Cruz, A. P.; Almeida, J.C.; Peracchi, A. L;

153-CARACTERIZAÇÃO DA QUIROPTEROFAUNA DE UM FRAGMENTO DE MATA ATLÂNTICA NO MUNICÍPIO DE VIÇOSA, MINAS GERAIS. Maria Clara do Nascimento; Clever G. C. Pinto; Gisele Lessa;

154-INVENTÁRIO DAS ESPÉCIES DE MORCEGOS DA SERRA DA CANASTRA, SÃO ROQUE DE MINAS-MG (BRASIL)
Arthur Setsuo Tahara; Aloisio de Souza Moura; Elisandra de Almeida Chiquito; Sílvia de Abreu Maiani Simões; Shayenne Elizianne Ramos; Renato Gregorin;

155-COMPOSIÇÃO DOS MORCEGOS (MAMMALIA: CHIROPTERA) EM UM BREJO DE ALTITUDE NO NORDESTE DO BRASIL
Luiz Augustinho Menezes da Silva; Jader Marinho Filho;

156-MORCEGOS (MAMMALIA: CHIROPTERA) DA RPPN FREI CANECA, PERNAMBUCO, BRASIL. Luiz Augustinho Menezes da Silva;

Chrisjacele Santos F. de Araújo; Rivonalda Maria da Silva; Aristófanes Santos de Lima; Maurílio Ferreira Gomes; Albérico Queiroz Salgueiro de Souza; Lucillo Everton Cardoso Silva; Clézia Valdênia M. da Silva; Priscila Luna Queiroz;

157-NOVO REGISTRO DE ALBINISMO COMPLETO PARA MORCEGO DO BRASIL. Hernani Fernandes Magalhães de Oliveira; Thiago Silva Nepomuceno; Ludmilla Moura de Souza Aguiar;

158-PRIMEIRO REGISTRO DE *NOCTILIO ALBIVENTRIS* DESMAREST, 1818 (CHIROPTERA, NOCTILIONIDAE) PARA O ESTADO DE GOIÁS. Carvalho, H. G.; Zortéa, M.;

159-MORCEGOS (MAMMALIA, CHIROPTERA) DO CAMPUS SEDE DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, PARANÁ, BRASIL. Bruno Goiz Prone; Cibele Maria Vianna Zanon; Evanilde Benedito;

160-RIQUEZA E ABUNDÂNCIA DE QUIRÓPTEROS EM AMBIENTES FLORESTADOS NO BAIXO RIO APIACÁS (MATO GROSSO, BRASIL). Santos-Júnior, T. S.; Silva, A. P.;

161-DIVERSIDADE DE QUIRÓPTEROS EM UM FRAGMENTO DE CERRADO NO SUL DO ESTADO DE MINAS GERAIS, BRASIL. Silva, F. A. JR; Souza, S. S; Gonçalves, E.;.

180-ANÁLISE MORFOMÉTRICA DA MORFOLOGIA EXTERNA DE *ANOURA CAUDIFER* E *GLOSSOPHAGA SORICINA* (CHIROPTERA: GLOSSOPHAGINAE) E A SUA RELAÇÃO COM A DIETA NECTARÍVORA Maria da Conceição Borges Gomes; Leila Maria Pessôa;

181-CARACTERIZAÇÃO HISTOLÓGICA E HISTOQUÍMICA DO INTESTINO DO MORCEGO *EPTESICUS BRASILIENSIS* (CHIROPTERA: VESPERTILIONIDAE) Daniela Valente Andrade; Danielle Barbosa Morais; Clóvis Andrade Neves; Mariella Bontempo Duca de Freitas; Marcela Cristine Silva;

182-REGISTRO DE POLIDACTILIA EM *ARTIBEUS FIMBRIATUS* (CHIROPTERA, PHYLLOSTOMIDAE) Levi Koch Beckhauser; Beatrice Stein Boraschi dos Santos; Cintia Gisele Gruener; Sérgio Luiz Althoff;

191-PARASITISMO DE *RHYNCHOPSYLLUS PULEX* (TUNGIDAE) EM MOLOSSIDAE (CHIROPTERA) Júlia Lins Luz; Luciana de Moraes Costa; Luiz A. C. Gomes; Agata F. P. D. Fernandes; Carlos Eduardo Lustosa Esbérard;

192-JOVENS DE *CAROLLIA PERSPICILLATA* (CHIROPTERA: PHYLLOSTOMIDAE) APRESENTAM MAIORES TAXAS DE INFESTAÇÃO DE STREBLIDAE (DIPTERA)? Carlos duardo Lustosa Esbérard; Lena Geise; Diego Astúa; Luciana de Moraes Costa; Luciana Pereira Guedes;

195-ESTUDO DA VARIAÇÃO GEOGRÁFICA EM QUATRO ESPÉCIES DE *ARTIBEUS* LEACH,
1 (CHIROPTERA, PHYLLOSTOMIDAE) NA MATA ATLÂNTICA Araújo, A.P.; Langguth, A.;

197-REVISÃO TAXONÔMICA E BIOGEOGRÁFICA DAS ESPÉCIES DE *MYOTIS* KAUP, 1829 (CHIROPTERA, VESPERTILIONIDAE) DO BRASIL Ricardo Moratelli; Adriano L. Peracchi; João Alves de Oliveira;

200-AMPLIAÇÃO DA DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA E CARACTERIZAÇÃO DAS ESPÉCIES BRASILEIRAS DO GÊNERO *RHOGEESSA* H. ALLEN, 1866 Caroline Cotrim Aires; Fabio Oliveira do Nascimento; Juliana Ranzani de Luca;

201-ESTUDO DA COMUNIDADE DE MORCEGOS EM DIFERENTES FRAGMENTOS VEGETACIONAIS NO ENTORNO DO PARQUE ESTADUAL SERRA DO ROLA MOÇA, BRUMADINHO, MG M.A.C. Veloso; A.P.G.S. Duarte; C.B. Reis; E.M.V.C. Câmara;

202-HISTÓRIA NATURAL DO MORCEGO *MIMON BENNETTII* NA REGIÃO DE BOTUCATU, ESTADO DE SÃO PAULO Moisés Guimarães; Carina Maria Vela Ulian; Wilson Uieda;

203-IMPORTÂNCIA DA BUSCA ATIVA EM ABRIGO PARA A COMPREENSÃO DA DIVERSIDADE DE MORCEGOS DO MUNICÍPIO DE MINDURI, MINAS GERAIS Ligiane Martins Moras; Arthur Setsuo Tahara; Shayenne Eliziane Ramos; Aloysio Souza de Moura; Renato Gregorin;

Área: Didelphimorphia

211-DISPERSÃO DE SEMENTES POR *DIDELPHIS AURITA* E *METACHIRUS NUDICAUDATUS* (MAMMALIA: DIDELPHIMORPHIA) NA FLORESTA NACIONAL DE GOYTACAZES, LINHARES, ESPÍRITO SANTO Viviane Ramos Zaché; Andressa Gatti; Gillian dos Santos Araújo; Gustavo Giacomin; José Luís Delai Júnior;

212-DIETA DE DOIS MARSUPIAIS SIMPÁTRICOS, *DIDELPHIS AURITA* E *METACHIRUS NUDICAUDATUS*, NA FLORESTA NACIONAL DE GOYTACAZES, LINHARES, ESPÍRITO SANTO Gillian dos Santos Araújo; Viviane Ramos Zaché; Andressa Gatti; José Luís Delai Júnior;

213-DINÂMICA POPULACIONAL DE *DIDELPHIS ALBIVENTRIS* (MARSUPIALIA, DIDELPHIDAE) EM UM PARQUE URBANO DE CAMPINAS, SP Clara Mascarenhas Pasqual Piccinini; Eleonore Zulnara Freire Setz; Maurício Neves Cantor Magnani; Michelle Viviane Sá dos Santos; Celso Eduardo de Souza;

214-ANÁLISE DOS FATORES CLIMÁTICOS RELACIONADOS COM A DISTRIBUIÇÃO DE DUAS ESPÉCIES DO GÊNERO *PHILANDER* (MAMMALIA; DIDELPHIMORPHIA) NO BRASIL Isabel Muniz Bechara; Henrique Rajão; Rui Cerqueira;

215-*PHILANDER FRENATUS* E *METACHIRUS NUDICAUDATUS*: NECESSIDADES ECOLÓGICAS DIFERENTES OU COMPETIÇÃO NA FLORESTA ATLÂNTICA? Renato Crouzeilles; Camila S. Barros; Fernando A. S. Fernandez;

230-PERCEPÇÃO VISUAL EM GAMBÁS *DIDELPHIS ALBIVENTRIS*: UMA ABORDAGEM COMPORTAMENTAL Beatriz Medina Pegoraro; Eduardo Gutierrez Youko; Karina Bianca Christ; Valdir Filgueiras Pessoa;

231-OCORRÊNCIA DE CÓPIAS NUCLEARES DO DNA MITOCONDRIAL NO MARSUPIAL *MICOUREUS PARAGUAYANUS* E SUAS IMPLICAÇÕES PARA OS ESTUDOS EVOLUTIVOS E DE GENÉTICA DA CONSERVAÇÃO Pedro de Queiroz Cattony Neto; Pedro Manoel Galetti Júnior; Fernando Pacheco Rodrigues;

Área: Perissodactyla

248-A FAZENDA SAN ANTONIO: UMA ÁREA ESTRATÉGICA PARA A CONSERVAÇÃO DA ANTA DE MONTANHA NA PARTE NORTE DO PARQUE NACIONAL SANGAY, ANDES CENTRAIS DO EQUADOR Luis Sandoval-Cañas; Andrés Tapia; Juan Pablo Reyes Puig; Nelson Palacios;

253-ANÁLISE ECOMORFOLÓGICA DOS EQÜINOS FÓSSEIS SUL-AMERICANOS Leonardo dos Santos Avilla; Fernanda Vianna Amaral de Souza-Cruz; Monique Alves-Leite; Monique Monsores-Paixão; Gisele Regina Winck;

Área: Primates

263-MANEJO POPULACIONAL DOS MACACOS-PREGO (*CEBUS LIBIDINOSUS*) NO BOSQUE AUGUSTE-SAINT-HILAIRE - CAMPUS SAMAMBAIA / UFG, GOIÂNIA-GO Arianne Javiktson de Moraes Silva; Renata Machado Radaelli; Rodolfo Cabral Costa; Vítor Yunes; Leo Caetano Silva; Marilda Schuvartz,; Fabiano Rodrigues Melo; Divina das Dores de Paula Cardoso;

264-ASPECTOS POPULACIONAIS E ECOLÓGICOS DE *SAGUINUS BICOLOR* (PRIMATES: CALLITRICHIDAE) EM DEZ FRAGMENTOS FLORESTAIS DA CIDADE DE MANAUS, AMAZONAS, BRASIL Bruno Rafael Simões Machado; Robson Rodrigues; Rosana J. Subirá; Leonor C.S. Souza; Felipe B. L. dos Santos; Thyago W. S. Monteiro; Álefe L. Viana;

265-CRIAÇÃO ARTIFICIAL E REINTEGRAÇÃO SOCIAL DE UM FILHOTE DE MICO-LEÃO-PRETO (*LEONTOPITHECUS CHRYSOPYGUS*) NA FUNDAÇÃO PARQUE ZOOLÓGICO DE SÃO PAULO Carolina Massaia de Arruda; Mara Cristina Marques; Amanda Alves de Moraes;

266-SURVIVING IN A WORLD IN PIECES: THE CASE OF NORTHERN MURIQUI IN A FRAGMENTED LANDSCAPE Bruno Rocha Coutinho; Danielle de Oliveira Moreira; Sérgio Lucena Mendes;

267-IMPACTO NA DIETA DE *CEBUS LIBIDINOSUS* (SPIX, 1823) EM SEMI-CATIVEIRO, INFLUENCIADA POR HUMANOS NO LAGO DIACUÍ, JATAÍ, GOIÁS. Rosana Talita Braga; Natácia Evangelista de Lima; Josimar Morais de Souza; Igor Ribeiro Lima; Gláucia Garcia de Souza; Bruna Maia; Fabiano Rodrigues de Melo;

268-REGRAS DE MONTAGEM DE COMUNIDADES DE PRIMATAS AMAZÔNICOS Juliana Monteiro de Almeida Rocha; Miriam Plaza Pinto; Carlos Eduardo de Viveiros Grelle;

269-RELAÇÃO ENTRE TEMPO DE DIVERGÊNCIA E TAMANHO DE DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: UM TESTE DE HIPÓTESE COM PRIMATAS NEOTROPICAIS Nadjha Rezende Vieira; Marcos de Souza Lima Figueiredo; Carlos Eduardo de Viveiros Grelle;

270-ESTUDO COMPARATIVO DO CONTEÚDO ESTOMACAL E INTESTINAL DE GUARIBA (*ALOUATTA SENICULUS*), EM ÁREAS DE VÁRZEA, TERRA FIRME E IGAPÓ DAS RESERVAS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL MAMIRAUÁ E AMANÃ. Elessandra Arevalo Gomes; Joã Valsecchi do Amaral; Tatiana Vieira; Hani Rocha El Bizri;

271-ORÇAMENTO TEMPORAL DE *CALLITHRIX* SP. EXÓTICO EM AMBIENTE ANTRÓPICO E FLORESTAL NA ILHA GRANDE, ANGRA DOS REIS, BRASIL Thiago Carvalho Modesto; Flávia Soares Pessôa; Tássia Jordão
-Nogueira; Hermano Gomes Albuquerque; Daniel Santana Lorenzo Raíces; Helena de Godoy Bergallo;

278-ALELOS PRIVATIVOS PARA ESPÉCIES DE MACACO-PREGO (GÊNERO *CEBUS*) E IDENTIFICAÇÃO DE POTENCIAIS HÍBRIDOS EM CATIVEIRO Romari A. Martinez; Claudine G. Oliveira; Victor C. Santana; Livia B. Couto; Fernanda A. Gaiotto; Martín R. Alvarez;

279-LEVANTAMENTO E CENSO DE PRIMATAS EM FRAGMENTOS DE MATA ATLÂNTICA NA REGIÃO DE SOUSAS E JOAQUIM EGÍDIO, CAMPINAS/SP Elson Fernandes de Lima; Eleonore Zulnara Freire Setz;

Área: Rodentia

288-OCORRÊNCIA DO RATO-DE-BAMBU *DACTYLOMYS DACTYLINUS* (RODENDIA, ECHIMYIDAE) NA AMAZÔNIA MERIDIONAL BRASILEIRA Rodrigo Marcelino; Julio Cesar Dalponte; Ednaldo Cândido Rocha;

289-DENSIDADE, TAMANHO POPULACIONAL E BIOMASSA DE PACA, *CUNICULUS PACA* (RODENDIA, CUNICULIDAE), NO PARQUE NACIONAL JURUENA, BRASIL Ednaldo Cândido Rocha; Julio Cesar Dalponte; Rodrigo Marcelino; Elias Silva;

290-UTILIZAÇÃO DE MICROHABITAT POR TRÊS ESPÉCIES DE ROEDORES CRICETÍDEOS EM UM CERRADO DO BRASIL CENTRAL Clarisse Rezende Rocha; Raquel Ribeiro; Jader Marinho-Filho;

291-HÁBITOS ALIMENTARES DO OURIÇO-PRETO (*CHAETOMYS SUBSPINOSUS*) EM FRAGMENTOS DE FLORESTA DO MUNICÍPO DE ILHÉUS, SUL DA BAHIA Giné, G.A.F.; Faria, D.; Duarte, J.M.B;

292-PERÍODO DIÁRIO DE ATIVIDADE DE *AKODON MONTENSIS* E *DELOMYS DORSALIS* E SUA RELAÇÃO COM A DISPONIBILIDADE DE RECURSOS EM UMA ÁREA DE FLORESTA OMBRÓFILA MISTA NO SUL DO BRASIL Maury S. L. Abreu; Juliana F. Ribeiro; Juliane Bellaver; Gustavo Viegas; Graziela Iob; Emerson M. Vieira;

306-DISTINÇÃO CARIOTÍPICA ENTRE EXEMPLARES DE *CERRADOMYS SUBFLAVUS* (CRICETIDAE, ORYZOMYINI) DO ESPÍRITO SANTO E PERNAMBUCO Machado, M. X.; Paresque, R.; Leite, Y.L.R.; Fagundes, V.;

307-NOVO CARIÓTIPO PARA O GÊNERO *THAPTOMYS* THOMAS, 1916 Adriana Lopes Gouveia; Marcelo Passamani;

308-MÉTODO DE LEVANTAMENTO COM BASE EM DADOS CARIOLÓGICOS DE ROEDORES DE PEQUENO PORTE DE IPUEIRAS – TO Bruno Henrique Saranholi; Bruna P. Rufato; Suzana A. Matos da Silva; Renata Cristina B. Fonseca; José Fernando de S. Lima;

309-POLIMORFISMOS CROMOSSÔMICOS E BARREIRAS GEOGRÁFICAS: INFLUÊNCIA NA ORGANIZAÇÃO DA VARIABILIDADE GENÉTICA EM *CTENOMYS MINUTUS* (RODENTIA, CTENOMYIDAE) Carla Martins Lopes; Thales Renato Ochotorena de Freitas;

310-PRIMEIROS DADOS CARIÓTIPOS DE *RHAGOMYS RUFESCENS* (THOMAS, 1886) (RODENTIA: SIGMODONTINAE). André Filipe Testoni; Sérgio Luiz Althoff; Francisco Steiner-Souza; André Paulo Nascimento; Ives José Sbalqueiro;

329-BIOMETRIA CORPORAL E TESTICULAR DE CAMUNDONGOS ADULTOS SUBMETIDOS À EXPOSIÇÃO CRÔNICA DE ARSÊNIO Fabíola de Araújo Resende Carvalho; Sérgio Luis Pinto da Matta; Tarcízio Antônio Rêgo de Paula; Juraci Alves de Oliveira; Juliana de Assis Silveira; Ana Paula de Lima Florentino Matta; Tarcísio de Souza Duarte; Kyvia Lugate Cardoso Costa; Wellington de Souza Mata; Pamella Kelly de Araújo Campos;

330-MORFOMETRIA DE CÉLULAS DE LEYDIG EM RATOS WISTAR SUBMETIDOS À DIETA DE ÁCIDOS GRAXOS TRANS E CIS Juliana Pereira Antonucci; Sérgio Luis Pinto da Matta; Ana Carolina Torre Morais; Ana Paula de Lima Florentino Matta; Suellen Silva Condessa; Bruna Moraes Araújo; Nilma Maria Vargas Lessa; Neuza Maria Brunoro Costa; Juliana de Assis Silveira; Fabíola de Araújo Resende Carvalho;

331-AVALIAÇÃO MORFOMÉTRICA DAS CÉLULAS DE LEYDIG DE RATOS WISTAR SUBMETIDOS AO TRATAMENTO COM EXTRATO AQUOSO DE CANTARA *(OECEOCLADES MACULATA)* Danielle Soares de Oliveira; Sérgio Luis Pinto da Matta; Suellen Silva Condessa; Katiane de Oliveira Pinto Coelho; Ana Carolina Torre Morais; Ana Paula de Lima Florentino Matta; Mônica de Fátima Oliveira;

332-EFEITOS DO EXTRATO AQUOSO DE CANTARA *(OCEOCLADES MACULATA)* SOBRE O ESPAÇO INTERTUBULAR DE TESTÍCULOS DE RATOS WISTAR ADULTOS Danielle Soares de Oliveira; Sérgio Luis Pinto da Matta; Suellen Silva Condessa; Ana Carolina Torre Morais; Katiane de Oliveira Pinto Coelho; Ana Paula de Lima Florentino Matta; Mônica de Fátima Oliveira;

335-MORFOMETRIA DO COMPARTIMENTO INTERTUBULAR DE RATOS WISTAR ADULTOS SUBMETIDOS A TRATAMENTO CRÔNICO COM PARACETAMOL (ACETAMINOFENO) Bruna Moraes Araújo; Pamella Kelly Araújo Campos; Ana Paula de Lima Florentino Matta; Sérgio Luis Pinto da Matta; Tarcízio Antônio Rego de Paula;

337-BIOMETRIA CORPORAL E TESTICULAR DE CAMUNDONGOS ADULTOS TRATADOS COM DECOCÇÃO DE *OURATEA SEMISERRATA* (OCHNACEAE) Ana Paula de Lima Florentino Matta; Sérgio Luis Pinto da Matta; João Paulo Viana Leite; Tarcízio Antônio Rêgo de Paula; Jesylaine Oliveira da Cunha; Fabíola de Araújo Resende Carvalho; Juliana de Assis Silveira; Luis Carlos Chieregatto; Pamella Kelly de Araújo Campos; Diego Ceolin;

343-PARÂMETROS BIOMÉTRICOS CORPORAIS E TESTICULARES DE RATOS WISTAR ADULTOS TRATADOS COM COGUMELOS (*PLEUROTUS OSTREATUS*) ENRIQUECIDOS COM SELÊNIO Kyvia Lugate Cardoso Costa; Sérgio Luis Pinto da Matta; Fabíola de Araújo Resende Carvalho; Juliana de Assis Silveira; Ana Paula de Lima Florentino Matta; Pamella Kelly Araújo Campos; Wellington de Souza Matta; Juliana Pereira Antonucci; Marliane de Cássia Soares da Silva; Maria Catarina Megumi Kasuya;

345-AVALIAÇÃO DOS EFEITOS DA EXPOSIÇÃO CRÔNICA DO MANGANÊS SOBRE PARÂMETROS BIOMÉTRICOS CORPORAIS E TESTICULARES DE CAMUNDONGOS ADULTOS Diego Ceolin; Fabíola de Araújo Resende Carvalho; Sérgio Luis Pinto da Matta; Wellington de Souza Matta; Kyvia Lugate Cardoso Costa; Juraci Alves de Oliveira; Juliana de Assis Silveira; Ana Paula de Lima Florentino Matta; Tarcísio de Souza Duarte; Pamella Kelly de Araújo Campos;

348-OCORRÊNCIA DE CARRAPATO-ESTRELA (*AMBLYOMMA CAJENNENSE*) EM PEQUENOS MAMÍFEROS NO PARQUE NACIONAL DA SERRA DO CIPÓ, SANTANA DO RIACHO (MG) Danilo G. Saraiva; Gislene F. S. Rocha; Claudia G. Costa; José R. Botelho;

349-ESTUDOS SOBRE FATORES DETERMINANTES E A DINÂMICA DE TRANSMISSÃO DE POXVIRUS UTILIZANDO-SE DE METODOLOGIA DE ANÍLISE ESPACIAL E DE SISTEMAS DE GEORREFERENCIAMENTO Marconny Gerhardt; Manuel E. V. Silva; Bruno R. Simonetti; Bruna Fernanda Mattos Lapadula; Luiz Felipe Ferreira; Hermann Schatzmayr; Paulo Sérigo D`Andrea ;

Área: Xenarthra

359-MARCAÇÃO DE TAMANDUÁ-BANDEIRA *MYRMECOPHAGA TRIDACTYLA* EM *PINUS* SPP., EM ÁREAS DE CULTIVO NO MUNICÍPIO DE JAGUARIAÍVA, PARANÁ, BRASIL Fernanda Góss Braga; Antonio Carlos Batista; Raphael Eduardo Fernandes Santos;

360-COMPORTAMENTO DE FORRAGEAMENTO EM TAMANDUÁS-BANDEIRAS (*MYRMECOPHAGA TRIDACTYLA*) CATIVOS DO ZOOLÓGICO DE CURITIBA E DO PARQUE NACIONAL DA SERRA DA CANASTRA, MINAS GERAIS Bertassoni, A.; Costa, L. C. M.;

361-ESTUDO DA LATERALIDADE EM PREGUIÇA-COMUM *BRADYPUS VARIEGATUS* (SCHINZ, 1825) (XENARTHRA, BRADIPODIDAE) DURANTE A COLETA DE ALIMENTOS. Shery Duque Pinheiro; Artur Andriolo;

Área: Diversos

372-PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO-VOADORES E A REGENERAÇÃO DA MATA ATLÂNTICA -INFLUÊNCIA DA ESTRUTURA DO HABITAT E DA DISPONIBILIDADE DE RECURSOS EM UM MOSAICO DE VEGETAÇÕES EM DIFERENTES ESTÁDIOS SUCESSIONAIS Bruno Trevizan Pinotti; Camilla Presente Pagotto; Renata Pardini;

373-ETNOZOOLOGIA E ESTADO DE CONSERVAÇÃO DA MASTOFAUNA DE TRÊS ASSENTAMENTOS RURAIS DO NOROESTE DE MINAS GERAIS Jânio Cordeiro Moreira; Edmar Guimarães Manduca;

374-INTERFERÊNCIA ANTRÓPICA NO USO DO TERRITÓRIO DE MAMÍFEROS, EM PLANÍCIE LITORÂNEA PRESERVADA NO SUL DE ESTADO DE SÃO PAULO, BRASIL Rogério Martins; Natália Rigos Felix; Aline Borini;

375-MAMÍFEROS COMO CAÇA DE SUBSISTÊNCIA EM DUAS RESERVAS EXTRATIVISTAS NA AMAZÔNIA OCIDENTAL Eduardo Lage Bisaggio; Sandro Leonardo Alves; Suelen Taciane Brasil;

376-EXISTE A PRÁTICA DE CAÇA SUSTENTÁVEL NA AMAZÔNIA? MAMÍFEROS E POPULAÇÕES "TRADICIONAIS" NO VALE DO RIO GUAPORÉ, RONDÔNIA Eduardo Lage Bisaggio; Sandro Leonardo Alves;

377-CONSERVAÇÃO DA MASTOFAUNA NA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO SÃO FRANCISCO Rogério Cunha Paula; Cláudia Bueno Campos; Ronaldo Gonçalves Morato;

378-CRITÉRIOS PARA SELEÇÃO DE ESPÉCIES BANDEIRA: ESTUDO DE CASO DO PARQUE DAS NEBLINAS (SP) - COMPARAÇÃO ENTRE ANTA E ONÇA-PARDA Rodrigo de Almeida Nobre; Simone Beatriz Lima Ranieri;

381-MAMÍFEROS ATROPELADOS AO LONGO DA BR- ENTRE OS MUNICÍPIOS DE ESTREITO E IMPERATRIZ, MARANHÃO, BRASIL Edmar Guimarães Manduca; Diego José Santana; Vinícius de Avelar São-Pedro;

382-MAMÍFEROS PAMPEANOS ATROPELADOS NA FRONTEIRA OESTE ENTRE BRASIL E URUGUAI - REGISTRO ATUAL DE ESPÉCIES DE MÉDIO/GRANDE PORTE AMEAÇADAS Nínive Acosta; Felipe B. Peters; Sabrina Milchareck; Leonardo F. Machado; Diego M. Jung; Gustavo B. Peters; Alexandre U. Christoff;

383-MAMÍFEROS ATROPELADOS NA RODOVIA ARMANDO MARTINELLI (ES-080), ESPÍRITO SANTO, BRASIL Mikael Mansur Martinelli; Thaís de Assis Volpi;

384-DIVERSIDADE E DISTRIBUIÇÃO DE MAMÍFEROS EM ÁREA DE SILVICULTURA: QUAL O VALOR DOS REFLORESTAMENTOS HOMOGÊNEOS NA CONSERVAÇÃO DA MASTOFAUNA? Rodrigo Anzolin Begotti; Silvio Frosini de Barros Ferraz; Mauro Galetti;

400-NOTAS SOBRE ATROPELAMENTO DE MAMÍFEROS NA RODOVIA AP-, MACAPÁ, AMAPÁ Carlos Eduardo Costa Campos; Dayse Swélen da Silva Ferreira; Pamela Nayara Barros Silva; Mariana Chandaliê Costa Cardoso; Andréa Soares Araújo;

405-TIPO DE USO DA TERRA, TAMANHO E ISOLAMENTO DE FRAGMENTOS DE FLORESTA COMO DETERMINANTES DA COMPOSIÇÃO E RIQUEZA DE PEQUENOS MAMÍFEROS EM REMANESCENTES DE MATA ATLÂNTICA Marcus Vinícius Vieira; Carlos E. V. Grelle; Rui Cerqueira; Ana Cláudia Delciellos; Natalie Olifiers; Luis R. Bernardo; Vanina Z. Antunes;

439-SIMILARIDADE DE COMPOSIÇÃO DE ESPÉCIES DE PEQUENOS MAMÍFEROS ENTRE AS ESTAÇÕES SECA E CHUVOSA EM FRAGMENTOS DE MATA ATLÂNTICA NA BACIA DO RIO MACACU, RIO DE JANEIRO Ana Cláudia Delciellos; David Rosa de Paula; Natalie Olifiers; Marcus Vinícius Vieira;

440-RIQUEZA E ABUNDÂNCIA DE PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO-VOADORES EM UMA ILHA DO LITORAL NORTE DE SÃO PAULO; PARQUE ESTADUAL ILHA ANCHIETA Ricardo Siqueira Bovendorp; Carolina Lima Neves; Mauro Galetti;

441-ANÁLISE COPROLÓGICA DA DIETA DE QUATIS (*NASUA NASUA*) NO PARQUE NACIONAL DA TIJUCA Caroline Pizzini; Eduardo Butturini de Carvalho; Carlos Eduardo Verona;

442-MICRO-DESGASTE DENTÁRIO EM MAMÍFEROS NEOTROPICAIS Koenemann, J. G.; Silva. K. S.; Oliveira, E. V.; Tumeleiro, L. K.;

443-IMPORTÂNCIA DO REFLORESTAMENTO NA MANUTENÇÃO DA RIQUEZA DE ESPÉCIES DE MAMÍFEROS EM UM REMANESCENTE FLORESTAL, RANCHO ALEGRE, PARANÁ Inaê Guion de Almeida; Nelio Roberto dos Reis; Fabio Rodrigo Andrade; Patrícia Helena Gallo;

444-RESERVATÓRIOS DE ÁGUA E A DISTRIBUIÇÃO DE MAMÍFEROS CINEGÉTICOS NA REGIÃO DO PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA, SUDESTE DO PIAUÍ, BRASIL Marcia Chame; José Luis Passos Cordeiro; Luis Flamarion B de Oliveira;

445-CARACTERIZAÇÃO DA FAUNA DE PEQUENOS MAMÍFEROS E DOS CICLOS SILVESTRES DE HANTAVIRUS NAS PRINCIPAIS UNIDADES DE PAISAGEM DO ESTADO DO PARANÁ Bernardo Rodrigues Teixeira; Liana Strecht Pereira; Renata Carvalho de Oliveira; Vanessa Stella; Gisélia Burigo Guimarães Rúbio; Sônia Mara Raboni; Elba Regina Sampaio de Lemos; Cláudia Nunes Duarte dos Santos; Cibele Rodrigues Bonvicino; Paulo Sérgio D'Andrea;

446-INFLUÊNCIA DA LUZ DA LUA NA CAPTURABILIDADE DE PEQUENOS MAMÍFEROS EM MATA ATLÂNTICA Priscilla Lóra Zangrandi; Marcelle Barboza Pacheco; Mariana Pereira Santana; Mariana Silva Ferreira; Diogo Loretto; Marcus Vinícius Vieira;

447-MODELAGEM ESPACIAL DAS EXIGÊNCIAS AMBIENTAIS DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE EM FRAGMENTOS DE CERRADO Iris Amati Martins; Carlos Felipe Perez; Kitaro Suenaga Jardineiro; Marisa Dantas Bitencourt;

448-COMPOSIÇÃO CARIOTÍPICA DE ROEDORES E MARSUPIAIS DE DUAS ÁREAS DE MATA ATLÂNTICA NO NOROESTE FLUMINENSE Paulo H. Asfora; Aleciane Terezinha Gorla; Jânio Cordeiro Moreira; Diogo Loretto; Lena Geise; Marcus Vinicius Viera; Rui Cerqueira;

487-OCORRÊNCIA ATUAL DE MAMÍFEROS EM ILHAS COSTEIRAS DE SANTA CATARINA, SUL DO BRASIL Carlos Salvador; Alexandre Filippini;

497-LEVANTAMENTO PRELIMINAR DOS MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE DE UMA RESERVA DE CERRADO NO TRIÂNGULO MINEIRO, MG Guimaraes, J. F.; Belentani, S. C; Gomes, A. C. L.; Costa, A. N; Vasconcelos, H. L.;

498-LEVANTAMENTO PRELIMINAR DA MASTOFAUNA DE MÉDIO E GRANDE PORTE DE UM PEQUENO FRAGMENTO FLORESTAL NA REGIÃO DE LONDRINA, PR. Thiago Alves Lopes de Oliveira; Bruno Rodrigues Ginciene; Daniel Caratti; Diogo Fernando Saturno; Guilherme Martins Sonehara; Gustavo Baba; Natasha Paganelli Vale; Eduardo Issberner Panachão; Marcelo Okamura Arasaki;

499-INVENTÁRIO DA FAUNA DE PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO-VOADORES DO PARQUE AMBIENTAL DE BELÉM, MUNICÍPIO DE BELÉM, ESTADO DO PARÁ Alex Ruffeil Cristino; Tamara Almeida Flores; Rogério Vieira Rossi; Victor Fonsêca da Silva; Cleuton Lima Miranda; Ana Karolina Ferreira Pereira; Melchior Ruano Sanches; Liliane Souza Conceição;

500-FAUNA DE PEQUENOS MAMÍFEROS TERRESTRES DE TRÊS REGIÕES DE ALTITUDES ELEVADAS DO CERRADO Luciana Guedes Pereira; Cibele Rodrigues Bonvicino;

501-LEVANTAMENTO E CENSO DE MAMÍFEROS CINEGÉTICOS NO PARQUE ESTADUAL TURÍSTICO DO ALTO RIBEIRA (PETAR), SP Fernanda de Almeida Meirelles; Mauro Galetti;

502-CARACTERIZAÇÃO DA MASTOFAUNA DO PARQUE ESTADUAL DE NOVA BADEN, MINAS GERAIS Rodolfo Stumpp; Maria Clara do Nascimento; Clever C. G. Pinto; Gisele Lessa;

503-RIQUEZA DE MAMÍFEROS MEDIANOS E GRANDES EM UMA ÁREA MILITAR- COUDELARIA DE RINCÃO - SÃO BORJA, RIO GRANDE DO SUL Alberto Senra; Diego Queirolo; Cibele Indruziak; Graziela Dotta; Thiago Silva;

504-PEQUENOS MAMÍFEROS DO PARQUE ESTADUAL DA PEDRA BRANCA, RJ: LEVANTAMENTO PRELIMINAR Paulo Sérgio D'Andrea; Bernardo Rodrigues Teixeira; Fabiano Araújo Fernandes; Júlio Fernando Vilela; Vanderson Corrêa Vaz; Tiago Rodrigues de Arantes; Rosana Gentile; Ana Maria Jansen; Cibele Rodrigues Bonvicino;

505-EFICIÊNCIA DE ARMADILHAS DO TIPO PITFALL PARA LEVANTAMENTO DE PEQUENOS MAMÍFEROS TERRESTRES NO PARQUE DO GAFANHOTO, DIVINÓPOLIS, MG Helbert Antonio Botelho; Milena Wachlevski;

506-MAMÍFEROS DO PARQUE ESTADUAL DO DESENGANO, RIO DE JANEIRO, BRASIL Tássia Jordão -Nogueira; Thiago Carvalho Modesto; Hermano Gomes Albuquerque; Flávia Soares Pessoa; Maria Carlota Enrici; Nina Attias; Luciana de Moraes Costa; Wagner Silva Souza; Helena de Godoy Bergallo;

507-LEVANTAMENTO POPULACIONAL DA MASTOFAUNA EM RESERVA DE MATA ATLÂNTICA NA ZONA DA MATA MINEIRA (MATA DO PARAÍSO, VIÇOSA, MG) Thyara de Deco Souza; Gediendson Ribeiro de Araujo; Carla Sarkis Toledo; Mônica R. Almeida; João Bosco Gonçalves de Barros; Maytê Koch Balarini; Tarcízio Antônio Rego de Paula;

508-LISTA PRELIMINAR DOS MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE DA RESERVA FLORESTAL DA EMBRAPA/EPAGRI, CAÇADOR, SANTA CATARINA Marcos Adriano Tortato; Maria Augusta Rosot; Yeda Maria Malheiros de Oliveira;

509-REGISTRO DE MAMÍFEROS EM ESTUDO DE AVALIAÇÃO AMBIENTAL NO ENTORNO DA BR317, MUNICÍPIO DE BOCA DO ACRE - AM, BRASIL Camila de Lima Faustino; Juliana Bragança Campos;

510-MAMÍFEROS TERRESTRES NÃO VOADORES DA RESTINGA DA BAIXADA DO MACIAMBU, PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO TABULEIRO, SANTA CATARINA, SUL DO BRASIL Marcos A. Tortato; Hugo B. Mozerle; Carlos H. Salvador; Victor F. Batista; Luiz Gustavo R. Oliveira-Santos; Jorge J. Cherem;

511-REGISTRO DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE POR MÉTODO DE PEGADAS EM UM FRAGMENTO DE MATA ATLÂNTICA NA REGIÃO DE TOMBOS – MG Mariane C. Kaizer; Leandro M. Scoss; Fabiano R. Melo;

512-LEVANTAMENTO DA MASTOFAUNA DO PARQUE ESTADUAL CACHOEIRA DA FUMAÇA, ALEGRE / ES Mariana Zanotti Tavares de Oliveira; Victor Vale; Otoniel Silva Bertossi; Cristiana Gama Pacheco Stradiotti; Erika Takagi Nunes; Bruno Duarte Bertuloso;

513-MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE REGISTRADOS NO ANO DE 2007 NO DISTRITO DE JAGUARIAÍVA, JAGUARIAÍVA, PARANÁ Fernanda Góss Braga; Raphael Eduardo Fernandes Santos; George Ortmeier Velastin; Antonio Carlos Batista;

514-MASTOFAUNA AQUÁTICA DO RIO TEFÉ, AMAZÔNIA CENTRAL: RIQUEZA, ABUNDÂNCIA E FATORES DE RISCO PARA AS ESPÉCIES Sandra Beltran-Pedreros; Diego Perez Moreira; Karen Souza Diniz; Luciana Raffi Menegaldo;

515-LISTA DAS ESPÉCIES DE MAMÍFEROS DA FLORESTA NACIONAL DE PASSA QUATRO, MINAS GERAIS Bethânia Barros Teixeira Pires Pimenta; Flávia Nunes Vieira; Isaura Ribeiro Batista; Eduardo de Paula Pupo Nogueira; Cláudia Guimarães Costa; Edeltrudes Maria Valadares Calaça Câmara;

516-EFICIÊNCIA DE CAPTURA DE PEQUENOS MAMÍFEROS COM DIFERENTES TIPOS DE ARMADILHAS NA RESERVA BIOLÓGICA DE DUAS BOCAS, ESPÍRITO SANTO Lívia de Moraes Carão; Leonora Pires Costa; Yuri Luiz Reis Leite;

517-PRIMEIRO LEVANTAMENTO DE MARSUPIAIS E ROEDORES DE FRAGMENTOS FLORESTAIS DA FAZENDA EXPERIMENTAL EDGÁRDIA DA UNESP, BOTUCATU-SP José Fernando de S. Lima; Raphael de Oliveira; Bruno H. Saranholi; Fernanda C.F. Santos; Gabriel S. Magezi; Mariana B. Landis; Cíntia M. Togura; Renata C. B. Fonseca;

518-MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE DOS PARQUES ESTADUAIS DA SERRA DO BRIGADEIRO E DO RIO PRETO, MINAS GERAIS, BRASIL Valeska B. Oliveira; Antônio M. Linares; Guilherme L. C. Corrêa; Adriano G. Chiarello;

519-CARACTERIZAÇÃO DE PÊLOS-GUARDA DE PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO VOADORES DE FRAGMENTOS FLORESTAIS DA FAZENDA EXPERIMENTAL EDGARDIA DA UNESP, BOTUCATU-SP Fernanda Caetano F. Santos; Renata Cristina B. Fonseca; José Fernando de S. Lima;

523-TÉTANO EM QUATI - *NASUA NASUA* (CARNIVORA, PROCYONIDAE) - RELATO DE CASO Eduardo Lima de Sousa; Laerzio Chiesorin Neto; Ana Paula Miranda Mundim;

525-COMPARAÇÃO DIRETA ENTRE VESTÍGIOS DE SEIS ESPÉCIES DE MAMÍFEROS SILVESTRES BRASILEIROS PRESENTES NA FUNDAÇÃO ZOO-BOTÂNICA DE BELO HORIZONTE (FZB-BH), MINAS GERAIS Ferreira, M. C. C. S.; Carvalho, M. B. A.; Mello, F. S. S.; Oliveira, V. B.;

526-VESTÍGIOS DE MAMÍFEROS SILVESTRES BRASILEIROS PRESENTES NA FUNDAÇÃO ZOO-BOTÂNICA DE BELO HORIZONTE (FZB-BH), MINAS GERAIS: UMA ANÁLISE DESCRITIVA E COMPARATIVA Ferreira, M. C. C. S.; Carvalho, M. B. A.; Mello, F. S. S.; Fernandes, A. A.; Oliveira, V. B.;

20/08/08 – Quarta Feira

Área: Artiodactyla

1-DESLOCAMENTO MÉDIO E ÁREA DE USO DE CERVO-DO-PANTANAL *(BLASTOCERUS DICHOTOMUS)*, NASCIDOS NA REGIÃO DA ESTAÇÃO ECOLÓGICA DO JATAÍ, SP.: UMA ABORDAGEM COMPARATIVA ENTRE AS ESTAÇÕES SECA E CHUVOSA. Perin, M. A. A.; Silva, K. F. M.; Duarte, J. M. B; Vogliotti, A. Andriolo, A.;

7-OCORRÊNCIA DO CARIACU *ODOCOILEUS VIRGINIANUS* (ARTIODACTYLA, CERVIDAE) NO ESTADO DO AMAPÁ, BRASIL. Liliani Marilia Tiepolo; Walfrido Moraes Tomas; André Restel Camilo;

8-REVISÃO DA MORFOLOGIA DENTÁRIA EM *OZOTOCEROS BEZOARTICUS* (ODOCOILEINI: CERVIDAE: ARTIODACTYLA): VARIAÇÃO DO DESGASTE DENTÁRIO E CLASSE ETÁRIAS. Mariana Ribeiro Monteiro; Marco Aurélio Ferreira; Leonardo Santos Avilla;

Área: Carnivora

9-RESPOSTA COMPORTAMENTAL DE *CHRYSOCYON BRACHYURUS* AO ENRIQUECIMENTO ESTIMULATÓRIO-SENSORIAL EM CATIVEIRO. Giselle Bastos Alves; Celine Melo;

14-TREINAMENTO DE QUATI (*NASUA NASUA*) POR MEIO DE CONDICIONAMENTO OPERANTE. Carla Maria Sassi de Miranda; Tarcizio Antonio Rego de Paula; Thyara de Deco Souza; Rosiane Portella de Miranda; Fernada de Fatima Rodrigues Silva; Thais de Faria Souza Lopes

Trindade;Aysa Rodrigues de Oliveira;

15-ESTUDO COMPORTAMENTAL DE LOBO GUARÁ (*CHRYSOCYON BRACHYURUS*) EM CATIVEIRO. Guilherme de Sousa Camponêz; Marcos Vinícius Rodrigues; Tarcísio Souza Duarte; Vinícius Herold Dornelas e Silva; Fernanda de Fátima Rodrigues da Silva; Tarcísio Antônio Rêgo de Paula;

16-ENRIQUECIMENTO AMBIENTAL COM LOBO-GUARÁ (*CHRYSOCYON BRACHYURUS*) DESENVOLVIDO NO CENTRO TRIAGEM DE ANIMAIS SILVESTRES (CETAS-UFV). Filipe Tavares Carneiro; Augusto Renan Rocha Severo dos Santos; Alice dos Santos Ribeiro; Ingrid Bitencourt Bohnenberger; Thyara de Deco Souza; Thais de Faria e Sousa Lopes Trindade; Tarcízio Antônio Rego de Paula; Vinícius Herold Dornelas e Silva;

18-INFLUÊNCIA ANTRÓPICA SOBRE A ÁREA DE USO, PADRÃO DE ATIVIDADE E POTENCIAL DISPERSOR DE SEMENTES EM DOIS GRUPOS DE CACHORRO-DO-MATO, *CERDOCYON THOUS* NO PARQUE ESTADUAL ILHA DO CARDOSO, SP. Eduardo Nakano-Oliveira;Emygdio Monteiro-Filho;

24-ECOLOGIA ALIMENTAR DA COMUNIDADE DE CARNÍVOROS (CARNIVORA: MAMMALIA) DA ILHA DE CANANÉIA, ILHA DO CARDOSO E ILHA COMPRIDA, LITORAL SUL DO ESTADO DE SÃO PAULO. Eduardo Nakano-Oliveira; Emygdio Monteiro-Filho;

25-COMPOSIÇÃO DE ESPÉCIES DE MUSTELÍDEOS (CARNIVORA; MUSTELIDAE) NA FLORESTA NACIONAL DE SÃO FRANCISCO DE PAULA, RS. Rosane Vera Marques; Fernando de Miranda Ramos;

26-OCORRÊNCIA DE MAMÍFEROS CARNÍVOROS EM FRAGMENTOS FLORESTAIS NA SERRA DO CARRAPATO, LAVRAS/MG. Lourdes Dias da Silva; Marcelo Passamani; Ricardo Augusto Serpa Cerboncini;

27-PREDAÇÃO DE PACA (*CUNICULUS PACA*) PELO GATO-MARACAJÁ (*LEOPARDUS WIEDII*) EM UM FRAGMENTO FLORESTAL EM NANUQUE, MG. Jackeceli Nunes Falqueto; Roxísio Vervloet Romagna; Rita de Cassia Bianchi;

29-PREDAÇÃO DE PRIMATAS POR ONÇA-PARDA *(PUMA CONCOLOR)* NA RPPN FELICIANO MIGUEL ABDALA, CARATINGA, MINAS GERAIS. Julianna Letícia Santos; Rodrigo Lima Massara; Ana Maria de Oliveira Paschoal; Adriano Garcia Chiarello;

34-ESTUDO DA DENSIDADE DE *LYCALOPEX GYMNOCERCUS* (CARNIVORA: CANIDAE) NOS CAMPOS DE CIMA DA SERRA DO SUL DO BRASIL. Carlos Benhur Kasper; Marina Foresti Piccoli; Maurício Tavares; Alan Bolzan; Eduardo Chiarani;

37-A RIQUEZA DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE EM FRAGMENTOS FLORESTAIS DA APA DE SOUSAS E JOAQUIM EGÍDIO. Camila Paula de Castilho; Eleonore Zulnara Freire Stez;

38-DIETA DE MAMÍFEROS CARNÍVOROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE EM FRAGMENTOS DE MATA NO SUDESTE DO ESTADO DE SÃO PAULO. Carolina Franco Esteves; Hilton Thadeu Zarate do Couto; Paula Sanches Martin; Kátia Maria Paschoaletto Micchi de Barros Ferraz; Cláudia Bueno de Campos;

39-PREDAÇÃO OPORTUNÍSTICA POR LOBOS-GUARÁS, SUBMETIDOS À ALIMENTAÇÃO SUPLEMENTAR, NA RESERVA PARTICULAR DO PATRIMÔNIO NATURAL SERRA DO CARAÇA, MG. Lívia Helena Diniz; Joaquim de Araújo Silva;

40-PREDADORES EM FRAGMENTOS DE MATA ATLÂNTICA: ESTUDO DE CASO NA RPPN FMA, CARATINGA, MINAS GERAIS. Ana Maria de Oliveira Paschoal; Rodrigo Lima Massara; Julianna Letícia Santos; Adriano Garcia Chiarello;

66-ESTUDO COMPARATIVO DO SINCRÂNIO DE *GALICTIS CUJA* E *CONEPATUS CHINGA* MOLINA, 1782. Marina Ochoa Favarini; Daniela Sanfelice;

68-CHAVES DE IDENTIFICAÇÃO PARA PÊLOS GUARDA DE FELINOS E CANÍDEOS BRASILEIROS. Juliana Ranzani de Luca; Iris Amati Martins; Carlos C. Alberts;

69-PARASITISMO POR *TOXOCARA CATI* EM FELÍDEOS SILVESTRES ORIUNDOS DA ZONA DA MATA DE MINAS GERAIS: RELATO DE CASO. Alexandre de Oliveira Tavela; Clarice Silva Cesário; Moacir Carreta Júnior; Juliano Vogas Peixoto; Eduardo Costa Ávila; Antônio Carlos Csermak Júnior; Tarcízio Antônio Rêgo de Paula; Caio de Paula Marchi; Ingrid Bitencourt Bohnenberger; Letícia Bergo Coelho Ferreira;

70-PADRÕES DE ABUNDÂNCIA E DISTRIBUIÇÃO DE *TRICHODECTES CANIS* (*PHTHIRAPTERA: TRICHODECTIDAE*) EM CACHORROS-DO-MATO (*CERDOCYON THOUS*) NO PANTANAL/MS. Elisa Pucu; Rita de Cássia Bianchi; José Ramiro Botelho; Paulo Sérgio D`Andrea; Matthew E. Gompper; Pedro Marcos Linardi; Natalie Olifiers;

71- ENDOPARASITAS DE CACHORRO-DO-MATO (*CERDOCYON THOUS*) PROVENIENTES DO PANTANAL CENTRAL, MS.
Wagner Lopes; Ana Paula Gomes; Rita de Cassia Bianchi; Matthew Gompper; Paulo Sérgio D'Andrea; Arnaldo Maldonado Júnior; Natalie Olifiers;

Área Cetacea

74-ANÁLISE DAS EMISSÕES SONORAS DE *SOTALIA GUIANENSIS* (CETACEA: DELPHINIDAE) NA ZONA COSTEIRA DO LITORAL DO PARANÁ, BRASIL. Rebeca Pires Wanderley; Renato Garcia Rodrigues;

80-ENCALHES DE BALEIAS-JUBARTE (*MEGAPTERA NOVAEANGLIAE*) NA BACIA DE CAMPOS ENTRE 1981- 2007. Felipe de Loureiro Maior Hachiya de Azevedo; Salvatore Siciliano;

81-IDENTIFICAÇÃO DE CARCAÇAS DE MAMÍFEROS MARINHOS: EFICIÊNCIA DAS SEQÜÊNCIAS DE DNA MITOCONDRIAL. T. G. C. Sholl; J. F. Moura; C. R. Bonvicino; S. Siciliano;

84-A PESQUISA SUL-AMERICANA DE MAMÍFEROS MARINHOS NA REGIÃO ANTÁRTICA. Anderson Silva Netto; Lena Geise; Manuela Bassoi;

Área Chiroptera

88-OBSERVAÇÕES SOBRE O ATO DE CONSUMIR FRUTOS DE *TERMINALIA CATAPPA* (COMBRETACEAE) PELO MORCEGO *ARTIBEUS FIMBRIATUS* (PHYLLOSTOMIDAE), EM CONDIÇÕES DE CATIVEIRO. Carina Maria Vela Ulian; Moisés Guimarães; Wilson Uieda;

89-REGISTRO DE MORCEGOS DA FAMÍLIA PHYLLOSTOMIDAE (CHIROPTERA, MAMMALIA) EM ABRIGOS ARTIFICIAIS DIURNOS NO ASSENTAMENTO RURAL NOVA CANAÃ, PORTO GRANDE – AP. Pamela Nayara Barros Silva; Carlos Eduardo Costa Campos; Mariana Chandaliê Costa Cardoso; Dayse Swélen da Silva Ferreira; Andréa Soares de Araújo;

90-ANÁLISE DO GRAU DE INTERFERÊNCIA DO OBSERVADOR SOBRE O OBJETO DE ESTUDO EM OBSERVAÇÕES COMPORTAMENTAIS - CASO *PHYLLOSTOMUS HASTATUS*. Roberta Mariano Silva; Luciana de Moraes Costa; Débora de Souza França; Elizabete Captivo Lourenço; Carlos Eduardo Lustosa Esbérard;

91-ASPECTOS BIOGEOGRÁFICOS DO ACERVO DE MORCEGOS DA COLEÇÃO FAUNA DO AMAPÁ, INSTITUTO DE PESQUISAS CIENTÍFICAS E TECNOLÓGICAS DO ESTADO DO AMAPÁ. Ana Carolina Moreira Martins;

92-RIQUEZA DE ESPÉCIES DE MORCEGOS ASSOCIADAS AO AMBIENTE CÁRSTICO DE LAGOA SANTA, MINAS GERAIS. Daniela A. Coelho; Sônia A. Talamoni;

93-MORCEGOS DO PARQUE ESTADUAL DA ILHA ANCHIETA: 10 ANOS DEPOIS. Paul François Colas-Rosas; Caroline Cotrim Aires;

107-DISTRIBUIÇÃO DE MORCEGOS NECTARÍVOROS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Júlia Lins Luz; Carlos Eduardo Lustosa Esbérard; Helena de Godoy Bergallo;

116-DISPERSÃO DE SEMENTES POR MORCEGOS FRUGÍVOROS NO MUNICÍPIO DE SANTA LEOPOLDINA - ES, BRASIL.
Bruna S. Fonseca; Geovana A. Mendes; Vinícius T. Pimenta; Sílvia R. Lopes; Albert D. Ditchfield;

117-COABITAÇÃO, TAMANHO DA COLÔNIA E PROPORÇÃO SEXUAL EM *PHYLLOSTOMUS HASTATUS* (CHIROPTERA, PHYLLOSTOMIDAE). Luciana de Moraes Costa; Carlos Eduardo Lustosa Esbérard;

118-MORCEGOS FRUGÍVOROS (CHIROPTERA: PHYLLOSTOMIDAE) REALIZAM DISPERSÃO DE SEMENTES DIRECIONADA? Patrícia Kerches Rogeri; Tiago Yamazaki Andrade; Marco Aurélio Ribeiro de Mello;

119-SELEÇÃO DE FRUTOS POR MORCEGOS FILOSTOMÍDEOS: PREFERÊNCIA OU OPORTUNISMO? Tiago Yamazaki Andrade. Patrícia Kerches Rogeri; Marco Aurelio Ribeiro Mello;

120-MORCEGOS (CHIROPTERA: PHYLLOSTOMIDAE) SELECIONAM FRUTOS DE PIPERACEAE COM BASE NO TAMANHO?
Tiago Yamazaki Andrade; Patrícia Kerches Rogeri; Marco Aurelio Ribeiro Mello;

121-DADOS PRELIMINARES SOBRE A QUIROPTEROFAUNA DE UM FRAGMENTO DE CERRADO NO CAMPUS DA UFSCAR, MUNICÍPIO DE SÃO CARLOS, SP. Luana Hortenci; Maria Elina Bichuette;

122-VARIAÇÃO DA EFICIÊNCIA DE CAPTURA DE MORCEGOS ENTRE MATAS CONTÍNUAS, FRAGMENTOS E ILHAS
Carlos Eduardo Lustosa Esbérard;

123-DIETA FRUGÍVORA DO MORCEGO *CAROLLIA PERSPICILLATA* (CHIROPTERA: PHYLLOSTOMIDAE): ASPECTOS QUÍMICOS DAS INFRUTESCÊNCIAS DE *CECROPIA PACHYSTACHYA* TRÉCUL, UMA ESPÉCIE DIÓICA E MEDICINAL
Fernanda do Nascimento José; Sônia Soares Costa; Leila Maria Pessôa;

124-INFORMAÇÕES PRELIMINARES SOBRE A DIETA NATURAL DE MORCEGOS EM ÁREAS DE ALTITUDE NO EXTREMO NOROESTE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Daniel Tavares Rosa; Bruno Bret Gil; Leonardo Santos Avilla; Monique Monsores-Paixão; Gisele R. Winck;

125-EFEITO DA FRAGMENTAÇÃO FLORESTAL SOBRE UMA ASSEMBLÉIA DE MORCEGOS DA FAZENDA EXPERIMENTAL CATUABA (AC). R. Marciente; A. M. Calouro; A. C. Oliveira; A. L. B. Moura;J. L. Valente;R. C. Silva;S. A. V. Oliveira;

126-DIETA DE *GLOSSOPHAGA SORICINA* (CHIROPTERA, PHYLLOSTOMIDAE) NO PARQUE ESTADUAL DE ITAPUÃ, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL. Anita Macedo de Campos; Marta Elena Fabián;

127-INFLUÊNCIA DA TEMPERATURA E UMIDADE RELATIVA DO AR NA ABUNDÂNCIA E RIQUEZA DE MORCEGOS (MAMMALIA, CHIROPTERA) EM UM FRAGMENTO DE MATA RIPÁRIA NO SUL DO BRASIL. João Eduardo Cavalcanti Brito; Janaina Gazarini;

128-INFORMAÇÕS PRELIMINARES SOBRE A DIETA NATURAL DE MORCEGOS EM ÁREAS DE ALTITUDE NO EXTREMO NORTE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Daniel Tavares Rosa; Bruno Bret Gil; Rafael Barbosa Pinto; Leonardo Santos Avilla;

141-MECANISMOS DE COEXISTÊNCIA ENTRE DUAS ESPÉCIES DE *BAUHINIA* (LEGUMINOSAE) POLINIZADAS POR MORCEGOS (CHIROPTERA: PHYLLOSTOMIDAE) Reinaldo Chaves Teixeira; Júlia Ramos Estêvão; Elisangela Fabiana Boffo; Antonio Gilberto Ferreira; Marco Aurelio Ribeiro Mello; Maria da Silva Matos;

149-PRIMEIRA DESCRIÇÃO DO CARIÓTIPO DE *MACROPHYLLUM MACROPHYLLUM* (CHIROPTERA: PHYLLOSTOMIDAE) PARA O BRASIL. Isabel de Araujo Sbragia; Margaret Maria de Oliveira Corrêa; João Alves de Oliveira; Leila Maria Pessôa; Margaret Maria de Oliveira Corrêa;

150-INFERÊNCIAS FILOGEOGRÁFICAS E ESTRUTURAÇÃO POPULACIONAL DE *STURNIRA LILIUM* (PHYLLOSTOMIDAE) DA MATA ATLÂNTICA. Sílvia Ramira Lopes; Albert David Ditchfield;

162-NOVOS REGISTROS DE TRÊS ESPÉCIES DE MORCEGOS DO GÊNERO *MYOTIS* (CHIROPTERA, VESPERTILIONIDAE) PARA O ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. Thiago Bernardi Vieira; Poliana Mendes; Rafael Zerbini Coutinho; Monik Oprea; Albert David Ditchfield.;

164-PRIMEIRO REGISTRO DE *EUMOPS PEROTIS* E *NYCTINOMOPS AURISPINOSUS* PARA O ESTADO DO PARANÁ, SUL DO BRASIL Gledson V. Bianconi; Urubatan M. S. Suckow; Daniel C. Carneiro; Lays C. Parolin; Renato Gregorin;

165-LISTA DE MORCEGOS (MAMMALIA, CHIROPTERA) REGISTRADOS NA REGIÃO DO EXTREMO SUL DE SANTA CATARINA, BRASIL Fernando Carvalho; Jairo José Zocche; Ariovaldo Pereira da Cruz
-Neto; Rodrigo Ávila Mendonça;

166-LEVANTAMENTO DA QUIROPTEROFAUNA DA ÁREA RURAL COMUNIDADE BRAÇO PAULA RAMOS, LUIS ALVES – SC Beatrice Stein Boraschi dos Santos; Fernando José Venâncio; Sérgio Luiz Althoff; Cintia Gisele Gruener;

167-FAUNA DE MORCEGOS EM FRAGMENTOS FLORESTAIS DENTRO DA ÁREA URBANA EM JATAÍ, GOIÁS Igor Ribeiro Lima; Henrique Gomes Carvalho; Zacarias Dionísio da Rocha; Rosana Talita Braga; Josimar Morais de Souza; Marlon Zortéa; Fabiano Rodrigues de Melo;

168-INVENTÁRIO DE QUIRÓPTEROS NA APA DE COQUEIRAL - MINAS GERAIS (BRASIL) Shayenne Elizianne Ramos; Ricardo Augusto Serpa Cerboncini; Arthur Setsuo Tahara; Sílvia de Abreu Maiani Simões; Elisandra de Almeida Chiquito; Aloysio Souza de Moura; Débora Ferrari Buzatto; Renato Gregorin;

169-REGISTROS DE MORCEGOS E ABRIGOS DIURNOS, EM ÁREA URBANA, NOS MUNICÍPIOS DE TAUBATÉ E TREMEMBÉ, ESTADO DE SÃO PAULO Maria Rita Mendonça Vieira; Marisa Cardoso;

170-A FAUNA DE CHIROPTERA DO ESTADO DE ALAGOAS Pamella Brennand; José Anderson Feijó; Alexandre Percequillo; Alfredo Langguth;

171-LISTA PRELIMINAR DOS QUIRÓPTEROS DO INSTITUTO ZOOBOTÂNICO DE MORRO AZUL, ENGENHEIRO PAULO DE FRONTIN, ESTADO DO RIO DE JANEIRO, BRASIL (MAMMALIA, CHIROPTERA) Sérgio Nogueira Pereira; Andrea Cecília Sicotti Maas; Daniela Dias; Dayana Paula Bolzan; Mayara Almeida Martins; Hélio Fernandes dos Santos; Adriano Lúcio Peracchi;

183-CARACTERIZAÇÃO DOS MORCEGOS (CHIROPTERA, MAMMALIA) DA FAMÍLIA PHYLLOSTOMIDAE CAPTURADOS NO FRAGMENTO DE FLORESTA DO CAMPUS MARCO ZERO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ Mariana Chandaliê Costa Cardoso; Pamela Nayara Barros Silva; Carlos Eduardo Costa Campos;

184-VARIAÇÕES MORFOMÉTRICAS SAZONAIS DAS CÉLULAS DE LEYDIG DE *MOLOSSUS MOLOSSUS* (CHIROPTERA: MOLOSSIDAE) COLETADOS NO VERÃO E INVERNO, ZONA DA MATA DE MINAS GERAIS, BRASIL Danielle Barbosa Morais; Luciana Coutinho de Oliveira; Sérgio Luis Pinto da Matta; Mariella Bontempo Ducca Freitas; Mirlaine Soares Barros; Jercyane Maria da Silva Braga;

185-ARRANJO DO COMPARTIMENTO INTERTUBULAR EM DUAS ESPÉCIES DE MORCEGOS INSETÍVOROS BRASILEIROS: *MOLOSSUS MOLOSSUS* E *EPTESICUS BRASILIENSIS* Danielle Barbosa Morais; Marli do Carmo Cupertino; Luciana Coutinho de Oliveira; Sérgio Luis Pinto da Matta; Mariella Bontempo Ducca Freitas; Mirlaine Soares Barros; Tarcízio Antonio Rêgo de Paula;

204-ADENTRAMENTO DE MORCEGOS EM EDIFICAÇÕES NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, SP Miriam M. Sodré; Adriana R. Rosa;

205-PRIMEIRO RELATO DE INFECÇÃO POR VÍRUS DA RAIVA EM *MOLOSSUS MOLOSSUS* (PALLAS, 1766) MORCEGO INSETÍVORO, NA CIDADE DE SÃO PAULO, SUDESTE DO BRASIL. A. R. Rosa; M. M. Sodré; A. P. A. G. Kataoka; L. F. A. Martorelli;

206-DOIS REGISTROS DE *ARTIBEUS LITURATUS* (OLFERS, 1818) (CHIROPTERA: PHYLLOSTOMIDAE) POSITIVOS PARA O VÍRUS RÁBICO NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL Susi Missel Pacheco; Eduardo Caldas; Julio César de Almeida Rosa; José Carlos Ferreira; Daniel Pires Rosa; Jairo Predebon; Helena Batista; Paulo Michel Roehe;

Área: Didelphimorphia

217-SEMELPARIDADE NO MARSUPIAL *MARMOSOPS INCANUS* (DIDELPHIMORPHIA, DIDELPHIDAE): UM TESTE EM 11 ANOS DE MONITORAMENTO POPULACIONAL Priscilla Lóra Zangrandi; Maja Kajin; Marcus Vinícius Vieira;

221-IDENTIFICAÇÃO DE MARSUPIAIS SUL-RIOGRANDENSES ATRAVÉS DA MICROESTRUTURA DOS PÊLOS-GUARDA, COM ÊNFASE NO GÊNERO *MONODELPHIS* Maury Sayão Lobato Abreu; Emerson M. Vieira;

222-USO DO ESPAÇO PELO MARSUPIAL *PHILANDER FRENATUS* (DIDELPHIMORPHIA, DIDELPHIDAE) EM FRAGMENTOS DE MATA ATLÂNTICA David Rosa de Paula; Ana Cláudia Delciellos; Marcus Vinícius Vieira;

223-DIÂMETROS E INCLINAÇÕES DE SUPORTES UTILIZADOS NA LOCOMOÇÃO ARBORÍCOLA DO MARSUPIAL *PHILANDER FRENATUS* (DIDELPHIMORPHIA, DIDELPHIDAE) EM FRAGMENTOS DE MATA ATLÂNTICA Ana Cláudia Delciellos; David Rosa de Paula; Marcus Vinícius Vieira;

239-NOTAS TAXONÔMICAS A RESPEITO DOS TIPOS DE MARSUPIAIS DESCRITOS POR MIRANDA-RIBEIRO Ana Paula Carmignotto; Rogério Vieira Rossi;

240-FILOGENIA MOLECULAR DAS DUAS ESPÉCIES DE *MONODELPHIS* DO COMPLEXO BREVICAUDATA DISTRIBUÍDAS NO BRASIL Silvia Eliza Pavan; Rosa Rodrigues; Iracilda Sampaio; Horácio Schneider; Rogério Vieira Rossi;

242-VARIAÇÃO GEOGRÁFICA NO CRÂNIO DE *CHIRONECTES MINIMUS* (DIDELPHIMORPHIA, DIDELPHIDAE): RESULTADOS DE ANÁLISES MORFOMÉTRICAS TRADICIONAIS. Elis M. Damasceno; Diego Astúa;

245-SISTEMÁTICA DAS CATITAS DE LISTRAS DO SUDESTE DO BRASIL - GÊNERO *MONODELPHIS* BURNETT, 1830. Rafaela Duda Cardoso; Leonora Pires Costa;

Área: Primates

272-ESTIMATIVAS DE DENSIDADE DE *ALOUATTA CARAYA* E *CALLITHRIX PENICILLATA* EM REMANESCENTES DE CERRADO EM DUAS FAZENDAS DO GRUPO PLANTAR, MINAS GERAIS Sara Machado de Souza; Fabiano Rodrigues de Melo; Daniel Coelho; Leandro M. Scoss;

273-LEVANTAMENTO DE ÁRVORES GOMÍFERAS EXPLORADAS POR *CALLITHRIX PENICILLATA* NO PARQUE ECOLÓGICO DO CÓRREGO GRANDE (FLORIANÓPOLIS, SC) Zago, L.; Daltrini, C.; Miranda, J. M. D.; Santos, C. V. Passos, F. C.;

274-ANÁLISE DOS FATORES LOCAIS DE AMEAÇA ÀS POPULAÇÕES NATURAIS DE *ALOUATTA GUARIBA CLAMITANS* NA REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE (RS) Thais Michel; Juliane Nunes Hallal Cabral; Rafael Suertegaray Rossato; Gerson Buss; Mariele Lopez; Marcela Meneghetti Baptista; Márcia Maria de Assis Jardim;

275-ESTRUTURA SOCIAL E USO DO ESPAÇO EM UM GRUPO DE MURIQUIS-DO-NORTE, *BRACHYTELES HYPOXANTUS* (PRIMATES, ATELIDAE) EM UM REMANESCENTE FLORESTAL DO MUNICÍPIO DE SANTA TERESA, ESPÍRITO SANTO Vieira, L. A; Dalla, J.; Schumacher. T.M.; Streig, R.; Santos, P. A.; Almeida, D. V.; Sepulcri, B. N.; Taylor, V. R.; Barros, E. H.;

276-ESTIMATIVAS POPULACIONAIS DA COMUNIDADE DE PRIMATAS EM UM REMANESCENTE FLORESTAL PERI-URBANO NA AMAZÔNIA SUL-OCIDENTAL Thiago Bento de Alencar; Mariluce Rezende Messias; Marcela Álvares Oliveira; Bruno Stefany Feitoza Barros; Luana Cardoso de Andrade;

277-SUCESSO REPRODUTIVO DE PRIMATAS NEOTROPICAIS DA FPZSP Tatiane Dubovicky; Wagner Rafael Lacerda; Mara Cristina Marques;

280-DESCRIÇÃO HISTOLÓGICA DO TUBO GASTROINTESTINAL DO PRIMATA *CALLITHRIX GEOFFROYI* HUMBOLDT,
2 Joana L. A. F. Santos; Manuel J. Simões; Helder José;

281-ONTOGENIA DO DIMORFISMO SEXUAL CRANIANO E DESENVOLVIMENTO DOS TUFOS DO CAPUZ EM SEIS ESPÉCIES DE MACACOS-PREGO, GÊNERO *CEBUS* ERXLEBEN, 1777 (PRIMATES, CEBIDAE) Cleuton Lima Miranda; José de Sousa e Silva Júnior; Dijane Pantoja Monteiro; Victor Fonsêca da Silva;

282-ARRANJO DOS COMPONENTES DO TECIDO INTERTUBULAR EM PRIMATA BABUÍNO (*PAPIO PAPIO*) ADULTO Maytê Koch Balarini; Tarcízio Antônio Rego de Paula; Juliano Vogas Peixoto; Sérgio Luis Pinto da Matta; Guilherme de Sousa Camponêz; Thyara de Deco Souza; Danielle Barbosa Morais;

283-OCORRÊNCIA DE PARASITOS GASTRINTESTINAIS EM PRIMATAS DA ESPÉCIE *CALLITHRIX PENICILLATA* Vanessa da Silva Nogueira; Shirley dos Anjos Suhett;

Área: Rodentia

286-REGISTRO DE *ABRAWAYOMYS RUSCHI* (RODENTIA, SIGMODONTINAE) NO BIOMA CERRADO Beatriz Dias Amaro; Sônia Talamoni; Bárbara Fernandes Cardinali; Juliana Barata;

293-ANÁLISE DE DIETA DE *BIBIMYS LABIOSUS* Caryne Aparecida de Carvalho Braga; Marina de Oliveira Pinto Levy; Thiago Henrique de Almeida Gramigna; Hildeberto Caldas de Sousa;

294-DINÂMICA POPULACIONAL DO RATO D'ÁGUA *NECTOMYS SQUAMIPES* (RODENTIA: SIGMODONTINAE) NA BACIA DO RIO ÁGUAS CLARAS, RIO DE JANEIRO Daniela Oliveira de Lima; Gabriela Medeiros de Pinho; Fernando Antônio dos Santos Fernandez;

295-DIVERSIDADE E DINÂMICA POPULACIONAL DA FAUNA DE PEQUENOS MAMÍFEROS Patrícia Giequelin Centeleghe; Angela Maria Cenzi; Jorge Reppold Marinho;

297-VARIAÇÃO ONTOGENÉTICA DA DIETA DE *EURYORYZOMYS RUSSATUS* (RODENTIA: SIGMODONTINAE) ATRAVÉS DE ANÁLISE DA PREFERÊNCIA ALIMENTAR EM LABORATÓRIO. Nathalia C. Cidade; Mariana M. Santos; Ricardo R. Finotti; Daniele D. Souza; Rui Cerqueira;

300-ESTRUTURA POPULACIONAL DE DUAS ESPÉCIES DE ROEDORES EM UMA ÁREA DE CERRADO DO BRASIL CENTRAL Marcelo Lima Reis; Adriana Bocchiglieri; Juliana Bragança Campos; Ludmilla Bastos Dias; Marcela de Paula Marques; Roberta Magalhães Holmes;

305-FREQÜÊNCIA DE CÉLULAS CALICIFORMES NO CÓLON DE RATAS TRATADAS COM LEITE HUMANO PASTEURIZADO ADICIONADO OU NÃO COM BACTÉRIAS BÍFIDAS Bruna Fontana Thomazini; Izabel Regina dos Santos Costa Maldonado;

311-CARACTERIZAÇÃO CITOGENÉTICA DAS POPULAÇÕES DE *AKODON* DE TRÊS MUNICÍPIOS DO SUDESTE BRASILEIRO: POUSO ALTO, CONCEIÇÃO DO RIO VERDE (MG) E ITATIAIA (RJ) Clarice Augusta Carvalho Cardoso; Flávia Casado Dias da Silva; Júlio Fernando Vilela;

312-CARACTERIZAÇÃO DO CARIÓTIPO DE *KANNABATEOMYS AMBLYONYX* (RODENTIA, ECHIMYIDAE, DACTYLOMYINAE) DE SANTA CATARINA, SUL DO BRASIL Guilherme Pereira Rabelo; André Filipe Testoni; Sérgio Luiz Althoff; André Paulo Nascimento; Ives José Sbalqueiro;

314-VARIABILIDADE GENÉTICA E ANÁLISE DE PARENTESCO EM TRÊS SUB-POPULAÇÕES DE *CTENOMYS LAMI* (CTENOMYIDAE, RODENTIA) Tatiane Noviski da Silva Fornel; Eunice Moara Matte; Thales Renato O. de Freitas;

316-VARIABILIDADE CARIOTÍPICA E HETEROMORFISMO DE CROMOSSOMOS SEXUAIS EM ROEDORES DO GÊNERO *RHIPIDOMYS* (RODENTIA, CRICETIDAE) Núbia Badke Thomazini; Leonora Pires Costa; Yuri Luiz Reis Leite; Valéria Fagundes;

321-OCORRÊNCIA DE *THAPTOMYS NIGRITA* EM UM FRAGMENTO DE FLORESTA OMBROFILA MISTA E FLORESTA ESTACIONAL NO SUL DO BRASIL Bruno Busnello Kubiak; Daniel Galiano; Cassiano Estevan; Jorge Reppold Marinho;

322-NOVOS REGISTROS DE OCORRÊNCIA PARA ESPÉCIES DO GÊNERO *TRINOMYS* THOMAS, 1921 (RODENTIA: ECHIMYIDAE) NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO Nina Attias; Daniel S. L. Raíces; Flávia Soares Pessoa; HermanoAlbuquerque; Tássia Jordão-Nogueira; Thiago Carvalho Modesto; Helena de Godoy Bergallo;

323-A CONTRIBUIÇÃO DE DISCIPLINA "MANEJO DE FAUNA SILVESTRE" PARA O CONHECIMENTO DA MASTOFAUNA DA FLORESTA NACIONAL DE PASSO FUNDO/RS Franciele Coghetto; Bruno Grando Cavalcanti; Matheus Weshenfelder Müller; Maurício Barreto; Laura Benetti Slaviero; Mônica Pistore; Franciele Somenzi; Caroline Badzinski; Samara Michelin; Fernanda Rigo;

324-DIAGNÓSTICO DA SITUAÇÃO DE PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO VOADORES DA LOCALIDADE BRAÇO PAULA RAMOS NO MUNICÍPIO DE LUIS ALVES / SC Fernando José Venâncio; Beatrice Stein Boraschi dos Santos; Cintia Gisele Gruener; Sérgio Luiz Althoff;

326-KIDNEY MORPHOLOGY IN TUCO-TUCOS (CTENOMYIDAE: RODENTIA) Jorge Reppold Marinho; Sidinei Bortolon da Costa;

336-ESTUDO COMPARATIVO DA FORMA ESCAPULAR EM DUAS ESPÉCIES DO GÊNERO *AKODON* Nínive da Costa Acosta; Alexandre Uarth Christoff; Daniela Sanfelice;

346-ESTUDO DA VARIAÇÃO INTRAPOPULACIONAL COM A PRIMEIRA DESCRIÇÃO DE CLASSES ETÁRIAS PARA *THRICHOMYS INERMIS* (PICTET, 1843) (RODENTIA: ECHIMYIDAE) Antonio Carlos da Silva Abreu Neves; Leila Maria Pessôa;

347-VARIAÇÃO INTRAPOPULACIONAL EM *TRINOMYS ALBISPINUS MINOR* (REIS E PESSÔA, 1995) (RODENTIA: ECHIMYIDAE) COM A DEFINIÇÃO DE CLASSES ETÁRIAS. Luiz Felipe Lima da Silveira; Leila Maria Pessôa;

358-AMPLIAÇÃO DA ÁREA DE OCORRÊNCIA DE *NEUSTICOMYS OYAPOCKI* (RODENTIA; SIGMODONTINAE) NO BRASIL Bárbara Maria de Andrade Costa; Carla Gomes Bantel; Marco Aurélio Lima Sábato; Ana Maria de Oliveira Paschoal; Rodrigo Lima Massara; Raphael Francisco Vargas Diniz;

Área: Xenarthra

362-REGISTROS DE *EUPHRACTUS SEXCINCTUS, PRIODONTES MAXIMUS, CABASSOUS UNICINCTUS E DASYPUS NOVEMCINCTUS* (XENARTHRA: DASYPODIDAE) EM ÁREA DE FLORESTA DE TRANSIÇÃO AMAZÔNIA-CERRADO, QUERÊNCIA, MT Paulo Guilherme Pinheiro dos Santos; Arlindo Pinto de Souza Jr.; Oswaldo de Carvalho Jr.; Ana Cristina Mendes de Oliveira;

363-ASPECTOS ECOLÓGICOS / MORFOLÓGICOS DAS TOCAS DE *DASYPUS NOVEMCINCTUS* E *EUPHRACTUS SEXCINCTUS* EM DISTINTAS FITOFISIONOMIAS NO PARQUE ESTADUAL SERRA DO ROLA MOÇA- MINAS GERAIS, BRASIL
Fabiana Braga Lopes; Clarice Borges Matos; Fernanda Horta Pereira; Juliana Chevitarese; Letícia de Souza Soares;

Área: Diversos

370-RESPOSTA DE MAMÍFEROS EM CATIVEIRO A ISCAS ODORÍFERAS Juliana do Carmo Padilha; Eliana Ferraz Santos; Eleonore Zulnara Freire Setz;

371-INFLUÊNCIA DA LUMINOSIDADE LUNAR NO USO DE AMBIENTES DE PRAIA E RESTINGA, E NAS RELAÇÕES TRÓFICAS DOS MAMÍFEROS NA ESTAÇÃO ECOLÓGICA DE JURÉIA-ITATINS, SÃO PAULO, BRASIL Rogério Martins; Aline Borini; Vitor Barbosa;

380-MAMÍFEROS ATROPELADOS EM UM TRECHO DA MT EM LUCAS DO RIO VERDE - MT Valdinei Cristi Koppe; Manoel Francisco Advíncula;

385-AVALIAÇÃO DA SUSTENTABILIDADE DA CAÇA DE SUBSISTÊNCIA NA SERRA DO MAR, MATA ATLÂNTICA – SP Rodrigo de Almeida Nobre; Renato Matos Marques; Mauro Galetti;

387-COMPOSIÇÃO DA COMUNIDADE DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE COMO DIAGNÓSTICO DA BACIA DO RIO PASSA CINCO Thaís Rovere Diniz-Reis;

388-MAMÍFEROS NÃO VOADORES EM ÁREAS PRIORITÁRIAS PARA A CONSERVAÇÃO NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, ES Daniela Munhoz Rossoni; Bárbara Maria de Andrade Costa; Lauro Narciso; Anderson Durão; Marielle Portugal; Núbia Thomazini; Angélica Scaldaferri; Leonora Pires Costa; Yuri Reis Leite; Valéria Fagundes;

389-LEVANTAMENTO DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE NA RESERVA NATURAL RIO CACHOEIRA, ANTONINA, PARANÁ Naira Moser; Juliana Quadros; Roberto Fusco-Costa;

390-EXTRAÇÃO MANEJADA DE MADEIRAS E IMPACTO NA MASTOFAUNA DE MÉDIO E GRANDE PORTE NA FLORESTA AMAZÔNICA: O CASO DA FAZENDA MANOA, CUJUBIM-RO Alexandre Casagrande Faustino; Mariluce Rezende Messias; Bruno Andrey Santos Bacelar Martins; Raylenne da Silva Araujo; Marcela Alvares Oliveira;

393-AVISTAGENS CONFIRMADAS DO PEIXE-BOI DAS ANTILHAS (*TRICHECHUS MANATUS*), NA COSTA LESTE DA ILHA DE MARAJÓ, NORTE DO BRASIL Siciliano, S.; Emin-Lima, N.R.; Costa, A.F.; Rodrigues, A.L.F.; Sousa, M.E.M.;

394-ESTABELECIMENTO DE UM BANCO DE TECIDOS E DE DNA PARA A MASTOFAUNA DO PANTANAL: CONTRIBUIÇÃO À CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE André Luis Freitas de Avellar; Ubiratan Piovezan; Sandra Aparecida Santos; Raquel Soares Juliano; Samuel Rezende Paiva; Andréa Alves do Egito; Artur da Silva Mariante;

395-INVENTARIAMENTO E MONITORAMENTO DA FAUNA DE MAMÍFEROS NÃO-VOADORES DA MINA CÓRREGO DO FEIJÃO, MUNICÍPIO DE BRUMADINHO, MINAS GERAIS Santiago, F. L.; Kraemer, B. M.; Almeida, A. F. R.; Câmara, E.M.V.C.;

396-MASTOFAUNA DE MÉDIO E GRANDE PORTE DA ESTAÇÃO ECOLÓGICA DA UHE RONDON II: UM ESTUDO VOLTADO À ANÁLISE DA CAPACIDADE DE SUPORTE DA UC Bruno Andrey Santos Bacelar Martins; Mariluce Rezende Messias; Alexandre Casagrande Faustino; Raylenne da Silva Araújo; Laiz Heckmann Barbalho;

397-ASPECTOS DA ETNOZOOLOGIA DOS URU-EU-WAU-WAU, RONDÔNIA Marcela Alvares Oliveira; Mariluce Rezende Messias; Nátia Regina Nascimento Braga;

398-LEVANTAMENTO FAUNÍSTICO DE MAMÍFEROS DO REMANESCENTE FLORESTAL DA SERRA DA CONCÓRDIA (RJ) Paula Martins Ferreira; Nina Attias; Thiago Carvalho Modesto; Flávia Soares Pessoa; Hermano Albuquerque; Tássia Nogueira Jordão; Luiza Santos Oliveira; Daniel S.L. Raíces; Carlos Eduardo L. Esbérard; Helena de Godoy Bergallo;

399-INVENTÁRIO PRELIMINAR DOS MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE NAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DE PROTEÇÃO INTEGRAL NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO André A. Cunha; Carlos Eduardo Viveiros Grelle; Jean Philiphe Boubli;

427-PREFERÊNCIA DE MICROHABITAT DE DUAS ESPÉCIES DE PEQUENOS MAMÍFEROS (DIDELPHIMORPHIA E RODENTIA) NA ESTAÇÃO ECOLÓGICA DA UFMG- BRASIL Marina Peres Portugal; Ericson Sousa da Silva; Flávio Henrique Rodrigues Guimarães;

428-EFEITO DE BORDA EM PEQUENOS MAMÍFEROS: VARIAÇÃO ENTRE ÁREAS E RELAÇÕES COM O HÁBITAT Paulo T. Sarti; Emerson M. Vieira;

431-A INFLUÊNCIA DO TURISMO NA DISTRIBUIÇÃO DAS PEGADAS DE MAMÍFEROS NA RPPN SANTUÁRIO DO CARAÇA – MG G.P. Santos; E.C.L.D. Rocha;

432-ANÁLISE COMPARATIVA DE ROTAS ENTRE PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO VOADORES Raoni A. Lustosa; Carlos E. L. Esberard; Bruno Cintra; Michel B. da Silva; Eduardo D. Shuitz;

433-COMUNIDADES DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE EM ÁREA FRAGMENTADA: COMPOSIÇÃO E RIQUEZA EM RELAÇÃO À PAISAGEM Paula Sanches Martin; Carolina Franco Esteves; Kátia Maria Paschoaletto Micchi de Barros Ferraz; Hilton Thadeu Zarate do Couto; Silvio Frosini de Barros Ferraz;

434-EFEITOS DE BORDA NA ABUNDÂNCIA E RIQUEZA DE PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO-VOADORES NA FLORESTA NACIONAL DE GOYTACAZES, LINHARES, ESPÍRITO SANTO Gustavo Giacomin; Helder José;

435-SELEÇÃO DE HABITAT POR PEQUENOS MAMÍFEROS NA MATA ATLÂNTICA DO SUDESTE DO BRASIL: UMA ANÁLISE COM CARRETÉIS DE RASTREAMENTO Jayme Augusto Prevedello; Renato Garcia Rodrigues; Emygdio Leite de Araújo Monteiro-Filho;

436-PERÍODO DE ATIVIDADE DE MAMÍFEROS CAPTURADOS COM ARMADILHAS FOTOGRÁFICAS NA RESERVA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL MAMIRAUÁ, AM Jéssica Souza; Elessandra Arévalo Gomes; Emiliano Esterci Ramalho; Joana Macedo;

437-FREQÜÊNCIA DE ROEDORES E MARSUPIAIS NA DIETA DO JACARÉ-DE-PAPO-AMARELO EM ÁREAS URBANAS NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO Ricardo F. Freitas Filho; Ana Carolina Maciel Boffy;

472-ESTUDO DA COMUNIDADE DE MAMÍFEROS NÃO VOADORES DA SERRA DO JAPI (APA JUNDIAÍ, SP) Claudia E. Yoshida; Alessandra de Barros; Renato F. Luchetti; Frederico A. F. Pereira; Leandra Gonçalves; Cristina H. Adania;

473-PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO-VOADORES COLETADOS EM DUAS REGIÕES DO SUL DE MINAS GERAIS: POUSO ALTO E CONCEIÇÃO DO RIO VERDE Clarice Augusta Carvalho Cardoso; Liliane Souza Conceição; Lílian Souza Conceição; Flávia Casado Dias da Silva; Pablo Rodrigues Gonçalves; Júlio Fernando Vilela;

474-USO DE ENTELLAN NA PREPARAÇÃO DE LÂMINAS DE CUTÍCULA DE MAMÍFEROS PARA IDENTIFICAÇÃO EM MICROSCOPIA J.J.S. Buchaim; R. Manfroi-Maria;

475-RIQUEZA E ABUNDÂNCIA RELATIVA DE MAMÍFEROS TERRESTRES NÃO-VOADORES DO MUNICÍPIO DE JURUTI, INTERFLÚVIO MADEIRA-TAPAJÓS, PARÁ Flávio Eduardo Pimenta; Ana Caroline de Lima;

476-MAMÍFEROS TERRESTRES DE MÉDIO E GRANDE PORTE DA RESERVA FLORESTAL ADOLPHO DUCKE, AMAZONAS, BRASIL Lilian Figueiredo Rodrigues; Marcelo Derzi Vidal;

477-LEVANTAMENTO PRELIMINAR DE MAMÍFEROS DA RESERVA BIOLÓGICA DO GUAPORÉ, RONDÔNIA, BRASIL Sandro Leonardo Alves; Eduardo Lage Bisaggio;

478-MASTOFAUNA DA ÁREA DE RELEVANTE INTERESSE ECOLÓGICO FLORESTA DA CICUTA, RIO DE JANEIRO, BRASIL Sandro Leonardo Alves;

479-IMPORTÂNCIA DE DIFERENTES MÉTODOS DE AMOSTRAGEM EM UM ESTUDO DE AVALIAÇÃO ECOLÓGICA RÁPIDA NO MUNICÍPIO DA SERRA, ES Mariana Ferreira Rocha; Bruno Bicalho Pereira; Jeferson Barbosa;

480-INVENTÁRIO DA MASTOFAUNA EM FRAGMENTOS FLORESTAIS EM UMA REGIÃO DE AGRICULTURA EXTENSIVA Gustavo de Oliveira;

481-RIQUEZA DE ESPÉCIES E DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DOS MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE NO MUNICÍPIO DE RIO GRANDE, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL Fernando Marques Quintela; Rafael Almeida Porciuncula; Stefan Vilges de Oliveira;

482-UMA AVALIAÇÃO DO EFEITO DE ISCAS EM LEVANTAMENTOS DE MAMÍFEROS COM ARMADILHAS FOTOGRÁFICAS Ronald Barros; Artur Andriolo; Omar Bastos Neto;

483-LEVANTAMENTO FAUNÍSTICO NA ANTIGA FAZENDA CONCEIÇÃO EM LORENA-SP Daniel Clemente Vieira Rêgo da Silva; Fabiana Cotrim Nunes; Ana Maria Claro Paredes Silva;

484-INVENTÁRIO DE PEQUENOS MAMÍFEROS DA RESERVA BIOLÓGICA DE DUAS BOCAS, CARIACICA, ESPÍRITO SANTO Leonora Pires Costa; Lívia de Moraes Carão; João Riva Tonini; Rafaela Duda Cardoso; Israel de Souza Pinto; Yuri Luiz Reis Leite;

485-DIVERSIDADE ALFA E BETA DE MAMÍFEROS NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA USINA HIDRELÉTRICA PEIXE ANGICAL TOCANTINS (BRASIL) Tales de Oliveira Tavares; Márcio Candido Costa;

486-LEVANTAMENTO DA MASTOFAUNA TERRESTRE OCORRENTE NOS CORDÕES LITORÂNEOS DE TRAMANDAÍ E CIDREIRA, NORTE DO RIO GRANDE DO SUL Aguinaldo D. Piske; Fabio Dias Mazim;

488-USO DE ARMADILHAS FOTOGRÁFICAS PARA O INVENTÁRIO DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE DO PARQUE NACIONAL DA SERRA DO CIPÓ, MG Bethânia Barros Teixeira Pires Pimenta; Eduardo de Paula Pupo Nogueira; Cláudia Guimarães Costa; Edeltrudes Maria Valadares Calaça Câmara;

489-DIAGNÓSTICO PRELIMINAR DA DIVERSIDADE DE ROEDORES E MARSUPIAIS DO PARQUE NACIONAL DA SERRA DA CANASTRA, MG Elisandra de Almeida Chiquito; Renato Gregorin; Sílvia de Abreu Maiani Simões; Shayenne Elizianne Ramos; Andréa de Oliveira Mesquita; Carlos Henrique Jacinto; Marcelo Passamani; Arthur Setsuo Tahara;

490-EFICIÊNCIA DE MÉTODOS DE CAPTURA DE PEQUENOS MAMÍFEROS EM ÁREA DE RESTINGA NO SUL DO BRASIL Hugo B. Mozerle; Marcos A. Tortato; Carlos H. Salvador; Jorge J. Cherem;

491-MASTOFAUNA TERRESTRE DO PARQUE AMBIENTAL DE BELÉM (PARÁ): INTEGRAÇÃO DE REGISTROS Gilberto Ferreira de Souza Aguiar; Suely Aparecida Marques-Aguiar; Maria Cecília Magalhães da Silva; José de Sousa e Silva Júnior; Mônica Monteiro Barros da Rocha;

493-DIVERSIDADE E ESTADO DE CONSERVAÇÃO DA MASTOFAUNA NAS SUB-BACIAS DOS RIOS IMBÉ, MURIAÉ E GUAXINDIBA, REGIÕES NORTE E NOROESTE DO RIO DE JANEIRO Jânio Cordeiro Moreira;

494-MAMÍFEROS TERRESTRES DE PEQUENO PORTE OCORRENTES EM UM FRAGMENTO PERIURBANO DE FLORESTA OMBRÓFILA ABERTA DE TERRAS BAIXAS NA AMAZÔNIA SUL-OCIDENTAL Nátia Regina Nascimento Braga; Mariluce Rezende Messias; Marília Aparecida Cavalcante de Lima; Raylenne da Silva Araújo;

495-REAVALIAÇÃO DE UMA COMUNIDADE DE PEQUENOS MAMÍFEROS TERRESTRES EM UM FRAGMENTO DA MATA ATLÂNTICA EM MINAS GERAIS Rodolfo Stumpp; Gisele Lessa; Natália Boroni;

496-DIVERSIDADE DE PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO-VOADORES EM UMA ÁREA DE MATA ATLÂNTICA NO MUNICÍPIO DE MINDURI, MINAS GERAIS Daniel Gomes da Rocha; Adriana Lopes Gouveia; Marcelo Passamani; Renato Gregorin;

527-CASUÍSTICA DE MAMÍFEROS RECEBIDOS PELO CETAS-UFV E SUAS REGIÕES DE ORIGEM, NO PERÍODO DE
2000 A 2008 Clarice Silva Cesário; Tarcízio Antônio Rêgo de Paula; Thyara de Deco Souza; Caio de Paula Marchi; Letícia Bergo Coelho Ferreira; Leanes Cruz da Silva; Rodrigo Martins Cunha; Cecíla Satori Zarif; Pablo Santos Rodrigues;

528-ÍNDICE DE IMPORTÂNCIA RE-ESCALADO;: UM NOVO ÍNDICE PARA A ESTIMATIVA DE IMPORTÂNCIA DE PRESAS DE MAMÍFEROS EM ESTUDOS DE DIETA Fernando A. S. Fernandez; Vania C. Fonseca; Marcelo L. Rheingantz;

529-ASPECTOS PALEOECOLÓGICOS E TAFONÔMICOS DA POPULAÇÃO DE MASTODONTES (PROBOSCIDEA; GOMPHOTHERIIDAE) DO QUATERNÁRIO DE ÁGUAS DE ARAXÁ, MINAS GERAIS, BRASIL Leonardo dos Santos Avilla; Dimila Mothé; Victor Hugo Dominato;

21/08/08 – Quinta-Feira

Área: Artiodactyla

5-ESTUDOS FILOGENÉTICOS DE MEMBROS DA FAMÍLIA TAYASSUIDAE (*TAYASSU PECARI*, *PECARI TAJACU*)
Fabiana Batalha Knackfuss; Orílio Leoncini; Albert R.E.A.N. Menezes; Heitor M. Herrera; Cibele R. Bonvicino;

6-AVALIAÇÃO DA VARIABILIDADE GENÉTICA EM *TAYASSU PECARI* (QUEIXADA) ATRAVÉS DE MARCADORES DE MICROSSATÉLITE. Ana Luisa Kalb; Shenia Pedro Bom da Silva; Iris Hass; Ives José Sbalqueiro;

Área: Carnivora

19-AVALIAÇÃO DA REOCUPAÇÃO DE CURSOS D'ÁGUA POR ARIRANHAS (*PTERONURA BRASILIENSIS*) NA RESERVA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL AMANÃ, AMAZONAS. Danielle Lima; Miriam Marmontel; Jorge Calvimontes; Daniel Brito.

20-FREQUÊNCIA DE OCORRÊNCIA DE MAMÍFEROS CARNÍVOROS NO PARQUE NACIONAL DA SERRA DO ITAJAÍ, SC. Vanessa Corrêa; Cíntia Gizele Gruener; Sérgio Luiz Althoff;

21-REGISTRO DE CACHORRO-DO-MATO-DE-ORELHA-CURTA *ATELOCYNUS MICROTIS* EM FLORESTA DE TRANSIÇÃO AMAZÔNIA-CERRADO, QUERÊNCIA, MT. Paulo Guilherme Pinheiro dos Santos; Arlindo Pinto de Souza Jr.; Oswaldo de Carvalho Jr.;Ana Cristina Mendes de Oliveira;

22-USO DE CÃES FAREJADORES NA LOCALIZAÇÃO DE FEZES DE ONÇA-PINTADA (*PANTHERA ONCA*) E ONÇA-PARDA (*PUMA CONCOLOR*) NA REGIÃO DO PANTANAL E AMAZÔNIA. Raphael Lucas Martins de Almeida; Anah Tereza de Almeida Jácomo; Eduardo de Freitas Ramos; Grasiela Edith de Oliveira Porfírio; Mariana Malzoni Furtado; Natália Mundim Tôrres; Rahel Sollmann; Leandro Silveira;

23-COMPOSIÇÃO DA DIETA DE *CHRYSOCYON BRACHYURUS* (LOBO-GUARÁ) – SUBSÍDIOS PARA A CONSERVAÇÃO DA ESPÉCIE NO PARQUE NACIONAL DAS EMAS, GOIÁS. Rosana Talita Braga; Carly Vynne; Paulo Vitor dos Santos Bernardo; Hans Kuffner; Paulo Roberto Amaral;.

47-DIETA DE TRÊS CARNÍVOROS SIMPÁTRICOS NO PARQUE NACIONAL GRANDE SERTÃO VEREDAS/MG. Ana Carolina C. Lara Rocha; Flávio Guimarães Rodrigues;

48-ANÁLISE DA DIETA DE *LEOPARDUS GEOFFROYI* NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, UTILIZANDO-SE TRATOS DIGESTIVOS. Flávia Pereira Tirelli;Tatiane Campos Trigo; Felipe Peters; Leonardo Machado; Fabio Mazim; Thales R. O. de Freitas; Eduardo Eizirik;

49-ESTUDO DA DIETA DE ONÇA PARDA *(PUMA CONCOLOR)* ATRAVÉS DA ANÁLISE DAS FEZES COLETADAS NA ÁREA DE PROTEÇÃO ESPECIAL BARREIRO NO PARQUE ESTADUAL SERRA DO ROLA MOÇA, BELO HORIZONTE, MG.
Flávia Nunes Vieira; Érica Daniele Cunha Carmo; Estevam Henrique Rossi Guerra; Claudia Guimarães Costa;

50-DISPONIBILIDADE E USO DE MAMÍFEROS COMO RECURSO NA DIETA DE *LEOPARDUS TIGRINUS* (SCHREBER, 1775) EM ÁREA DE RESTINGA NO PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO TABULEIRO, SANTA CATARINA. Marcos Adriano Tortato; Tadeu Gomes de Oliveira; Maurício Osvaldo Moura;

51-ANÁLISE DO CONTEÚDO ESTOMACAL DE ALGUMAS ESPÉCIES DE CARNÍVOROS DO ESTADO DE MINAS GERAIS. G.A.V. Melo; D.G. Saraiva;K.P.G. Leal; K.R. Silva; E.H.R. Guerra; C.G. Costa;

53-ESTUDO PRELIMINAR SOBRE ECOLOGIA ALIMENTAR DE LONTRAS NEOTROPICAIS (*LONTRA LONGICAUDIS*), NO ESTUÁRIO DO RIO JUCU, PARQUE DE JACARENEMA, ES, BRASIL. David Costa Braga; Marcelo Lopes Rheingantz; Mikael Mansur Martinelli; Thais de Assis Volpi;

54-ESTUDO PRELIMINAR SOBRE A DIETA DE *PROCYON CANCRIVORUS* (CUVIER, 1798) EM UMA ÁREA DE MANGUEZAL NA FOZ DO RIO JUCU, VILA VELHA-ES. Thaís de Assis Volpi; Mikael Mansur Martinelli; David Costa Braga;

55-ESTUDO DA DIETA DA LONTRA, *LONTRA LONGICAUDIS* (OLFERS, 1818), NA ESTAÇÃO BIOLÓGICA DE SANTA LÚCIA, MUNICÍPIO DE SANTA TERESA, ESPÍRITO SANTO. Thaís de Assis Volpi; Mikael Mansur Martinelli;

56-ANÁLISE ESCATOLÓGICA DE *PUMA CONCOLOR* COMO FERRAMENTA DE AVALIAÇÕES ECOLÓGICAS NO PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO BRIGADEIRO (PESB), MINAS GERAIS. Raisa Rodarte; André Valle Nunes; Kyvia Lugate Cardoso Costa; Leandro Santana Moreira; Gisele Lessa;

57-IDENTIFICAÇÃO DE AMOSTRAS FECAIS DE FELINOS PROVENIENTES DA RESERVA NATURAL VALE, LINHARES (ES), UTILIZANDO DNA MITOCONDRIAL. Taiana Haag Ana Carolina Srbek Araujo Francisco M. Salzano; Adriano G. Chiarello; Eduardo Eizirik; Anelisie S. Silva;

58-ANÁLISE DE PARENTESCO, SISTEMA DE ACASALAMENTO E DISPERSÃO DE LOBOS-GUARÁS (*CHRYSOCYON BRACHYURUS*) DO PARQUE NACIONAL DA SERRA DA CANASTRA A PARTIR DE FERRAMENTAS MOLECULARES.
Manoel Ludwig da Fontoura Rodrigues; Rogério Cunha de Paula; Flávio H. G. Rodrigues; Eduardo Eizirik;

59-IDENTIFICANDO A COLORAÇÃO DE ONÇAS-PINTADAS (*PANTHERA ONCA*) A PARTIR DE AMOSTRAS FECAIS
Anelisie da Silva Santos; Taiana Haag; Dênis A. Sana; Ronaldo G. Morato; Laury Cullen Jr.; Carlos de Angelo; Francisco M. Salzano; Eduardo Eizirik;

60-CARACTERIZAÇÃO DE INTRONS NUCLEARES COMO MARCADORES GENÉTICOS PARA A INVESTIGAÇÃO DE UMA COMPLEXA ZONA DE HIBRIDAÇÃO ENTRE *LEOPARDUS TIGRINUS* E *L. GEOFFROYI* NO RIO GRANDE DO SUL. Alexsandra Schneider; Tatiane Campos Trigo; Eduardo Eizirik;

61-ANÁLISE DA VARIABILIDADE MOLECULAR DO GENE MITOCONDRIAL ND5 EM *PUMA CONCOLOR* (CARNIVORA, FELIDAE). Eunice Moara Matte; Eduardo Eizirik; Thales R. O. de Freitas;

Área Cetacea

73-COMPORTAMENTO DOS BOTOS DA AMAZÔNIA NA ÁREA DE AÇÃO DO PROJETO PIATAM, AMAZÔNIA CENTRAL.
Sandra Beltran-Pedreros; Luciana Raffi Menegaldo; Karen Souza Diniz; Diego Perez Moreira;

75-COMPORTAMENTO DE *INIA GEOFFRENSIS* E *SOTALIA FLUVIATILIS* NA ÁREA DO ENCONTRO DOS RIOS SOLIMÕES E NEGRO, AMAZÔNIA CENTRAL. Karen Souza Diniz; Sandra Beltran-Pedreros; Diego Perez Moreira; Luciana Raffi Menegaldo;

77-USO DO HÁBITAT E ABUNDÂNCIA DE *INIA GEOFFRENSIS* E *SOTALIA FLUVIATILIS* NO ENCONTRO DOS RIOS SOLIMÕES E NEGRO, AMAZÔNIA CENTRAL. Karen Souza Diniz; Sandra Beltran-Pedreros; Diego Perez Moreira; Luciana Raffi Menegaldo;

78-ABUNDÂNCIA E USO DO HÁBITAT DE *INIA GEOFFRENSIS* E *SOTALIA FLUVIATILIS* NA ÁREA DE AÇÃO DO PROJETO PIATAM, AMAZÔNIA CENTRAL. Sandra Beltran-Pedreros; Luciana Raffi Menegaldo; Karen Souza Diniz; Diego Perez Moreira;

Área Chiroptera

94-RECOLONIZAÇÃO POR ESPÉCIES DE MORCEGOS FILOSTOMÍDEOS DE UMA ÁREA RESTAURADA NO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO. Leonardo Carreira Trevelin; Maurício Silveira;Marcio Port-Carvalho; Ariovaldo Pereira da Cruz-Neto;

95-AVALIAÇÃO DA COMUNIDADE DE MORCEGOS EM DIFERENTES FRAGMENTOS VEGETACIONAIS LOCALIZADOS NO MUNICÍPIO DE RIO PIRACICABA, MINAS GERAIS. Carolina de Bessa Reis; Edeltrudes Maria Valadares Calaça Câmara; Ana Paula Gotschalg Silva Duarte;

96-REVITALIZAÇÃO DA EXPOSIÇÃO "MORCEGOS: VERDADES E MITOS" DO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL E JARDIM BOTÂNICO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. R. Cassimiro; A. Guerra;

130-COMPARAÇÃO DA UTILIZAÇÃO DE RECURSOS ALIMENTARES POR *STURNIRA LILIUM* E *STURNIRA TILDAE*. Beatrice Stein Boraschi dos Santos; Sérgio Luiz Althoff;

131-PRIMEIROS REGISTROS DE MORTALIDADE DE QUIRÓPTEROS POR COLISÃO COM AEROGERADORES EM PROJETOS EÓLICOS NO BRASIL. Ana Maria Rui; Marília A.S. de Barros;

132-RIQUEZA DE MORCEGOS (MAMMALIA, CHIROPTERA) EM DOIS FRAGMENTOS FLORESTAIS NO MUNICÍPIO DE TEOTÔNIO VILELA, ALAGOAS, BRASIL. Marcela Daher; Geraldo Jorge Barbosa de Moura; Geraldo Gomes de Barros Neto; Fernando Carvalho; Cristian Cavalcante Félix; Aldir Vieira Santos Junior;

133-SAZONALIDADE REPRODUTIVA DE *ARTIBEUS PLANIROSTRIS* EM ÁREA URBANA NA CIDADE DE FORTALEZA, CEARÁ. C. C. Nobre; N. M. Gurgel-Filho; T. M. Amorim; F. A. C. Monteiro; P. Cascon.;

134-QUIRÓPTEROS EM ÁREAS DE CULTIVO E ÁREAS DE PASTAGEM NO MUNICÍPIO DE ALFREDO CHAVES, ESPÍRITO SANTO. Poliana Mendes; Thiago Bernardi Vieira; Monik Oprea; Albert David Ditchfield;

135-ESTUDO DE UM CASO DE MOVIMENTO DE *ARTIBEUS LITURATUS* (PHYLLOSTOMIDAE, CHIROPTERA) NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, BRASIL. Poliana Mendes; Thiago Bernardi Vieira; Monik Oprea; Albert David Ditchfield;

136-PREDAÇÃO OCASIONAL DE MORCEGOS EM FLORESTA DE VÁRZEA NO AMAPÁ. Isai Jorge de Castro; Cláudia Regina da Silva; Ana Carolina Moreira Martins;

172-RIQUEZA DE MORCEGOS NA RESTINGA DE PRAIA DAS NEVES, ESPÍRITO SANTO, SUDESTE DO BRASIL Luiz A. C. Gomes; Agata F. P. D. Fernandes; Julia L. Luz; Luciana M. Costa; Carlos E. L. Esbérard;

173-INVENTÁRIO DA FAUNA DE MORCEGOS DA PEDRA DE SANTA RITA, MUNICÍPIO DE SUMIDOURO, EXTREMO NORTE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO Leonardo Santos Avilla; Bruno Bret Gil; Karina Lobão Vasconcellos; Daniel Tavares Rosa; Leandro Tusholska;

174-DADOS PRELIMINARES DA QUIROPTEROFAUNA DA FLORESTA DE VÁRZEA DO RIO AMAZONAS, ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DA FAZENDINHA, MACAPÁ – AP Pamela Nayara Barros da Silva; Mariana Chandaliê Costa Cardoso; Ana Carolina Moreira Martins;

175-ABUNDÂNCIA E FREQÜÊNCIA DE MORCEGOS EM FRAGMENTO DE MATA ATLÂNTICA DE PERNAMBUCO, BRASIL Fábio Angelo Melo Soares; Carlos Eduardo Borges Pinto Ribeiro; Marcela Regina de Melo Daher; Gustavo Correia Valença; Raul Baltazar Perrelli; Múcio Luis Banja Fernandes;

176-QUIRÓPTEROS DA REGIÃO DA SERRA DOS CARAJÁS, PARÁ Suely Aparecida Marques-Aguiar; Gilberto Ferreira de Souza Aguiar; Mônica Monteiro Barros da Rocha; Kelly Tatiana Maia Rosa;

177-DIVERSIDADE DE MORCEGOS (MAMMALIA, CHIROPTERA) NA FLORESTA NACIONAL DE CHAPECÓ, SANTA CATARINA, BRASIL Fábio Zanella Farneda; Elaine Maria Lucas; Gledson Vigiano Bianconi;

178-NOTAS SOBRE A OCORRÊNCIA DE *LAMPRONYCTERIS BRACHYOTIS* (DOBSON, 1879) (CHIROPTERA, PHYLLOSTOMINAE) EM PLANTIO DE EUCALIPTO NO ESTADO DO AMAPÁ, AMAZÔNIA, BRASIL Mariana Chandaliê Costa Cardoso; Pamela Nayara Barros Silva; Ana Carolina Moreira Martins;

179-INVENTÁRIO DA FAUNA DE MORCEGOS DE FRAGMENTO DE MATA ATLÂNTICA DO MUNICÍPIO DE VARRE-SAI, EXTREMO NORTE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO Leonardo Santos Avilla; Bruno Bret Gil; Daniel Tavares Rosa; Leandro Tusholska; Karina Lobão Vasconcellos;

187-CARACTERIZAÇÃO HISTOLÓGICA E HISTOQUÍMICA DO ESTÔMAGO DO MORCEGO *EPTESICUS BRASILIENSIS* (CHIROPTERA: VESPERTILIONIDAE) Daniela Valente Andrade; Danielle Barbosa Morais; Clóvis Andrade Neves; Mariella Bontempo Duca de Freitas; Marcela Cristine Silva;

188-MORFOMETRIA TESTICULAR DE *EPTESICUS BRASILIENSIS* (CHIROPTERA: VERPERTILIONIDAE) COLETADOS NA ZONA DA MATA DE MINAS GERAIS, BRASIL Danielle Barbosa Morais; Marli do Carmo Cupertino; Luciana Coutinho de Oliveira; Túlio Fiorini de Carvalho; Sérgio Luis Pinto da Matta; Mariella Bontempo Ducca de Freitas;

189-HISTOLOGIA E HISTOQUÍMICA DO FÍGADO DE *ARTIBEUS LITURATUS* (CHIROPTERA: PHYLLOSTOMIDAE) Marcela Cristine Silva; Danielle Barbosa Morais; Daniela Valente Andrade; Clóvis Andrade Neves; Mariella Bontempo Ducca de Freitas;

190-CARACTERIZAÇÃO TESTICULAR DE *MOLOSSUS MOLOSSUS* (CHIROPTERA: MOLOSSIDAE) COLETADOS NA PRIMAVERA NA ZONA DA MATA DE MINAS GERAIS Danielle Barbosa Morais; Marli do Carmo Cupertino; Sérgio Luís Pinto da Matta; Bruno Edésio dos Santos Melo; Mariella Bontempo Ducca Freitas; Tarcízio Antônio Rêgo de Paula;

193-PREVALÊNCIA E INFESTAÇÃO MÉDIA DE DÍPTEROS ECTOPARASITAS (DIPTERA: STREBLIDAE) EM *CAROLLIA PERSPICILLATA* (CHIROPTERA: PHYLLOSTOMIDAE) NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO Débora de Souza França; Luiz Antonio Costa Gomes; Elizabeth Captivo Lourenço; Luciana de Moraes Costa; Carlos Eduardo Lustosa Esberard;

194-INVENTÁRIO DE MOSCAS ECTOPARASITAS (DIPTERA, STREBLIDAE) DE MORCEGOS (MAMMALIA, CHIROPTERA) NO MUNICÍPIO DE VARRE
-SAI, EXTREMO NORTE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO Leandro Tusholska Gomes; Leonardo Santos Avilla;

207-ANÁLISE CITOGENÉTICA E MORFOLÓGICA DE QUIRÓPTEROS DA MATA ATLÂNTICA EM TORNO DA CENTRAL NUCLEAR DE ANGRA DOS REIS, RIO DE JANEIRO João Pedro Garcia; Leila Maria Pêssoa;

208-NOVO REGISTRO DE *PROMOPS NASUTUS* (SPIX, 1823) (CHIROPTERA, MOLOSSIDAE) NO ESTADO DE MINAS GERAIS, BRASIL Elisandra de Almeida Chiquito; Renato Gregorin;

209-DIVERSIDADE E MONITORAMENTO DE QUIRÓPTEROS NA RESERVA BIOLÓGICA DO LAMI JOSÉ LUTZENBERGER, PORTO ALEGRE, RS. André A. Witt; Patrícia Bernardes Rodrigues Witt; Felipe Pereira Rego dos Santos; Luciana Dallagnol;

Área: Didelphimorphia

224-ABUNDÂNCIA DO GÊNERO *DIDELPHIS* EM FRAGMENTOS FLORESTAIS EM LAVRAS / MG Lourdes Dias da Silva; Marcelo Passamani; Ricardo Augusto Serpa Cerboncini;

225-*DIDELPHIS ALBIVENTRIS* EM FRAGMENTO FLORESTAL URBANO: O QUE TEMOS NO CARDÁPIO PARA ESTE GENERALISTA? Maurício Cantor; André de Marco; Mariana Vedovello; Michelle Viviane Sá dos Santos; Eleonore Zulnara Freire Setz (Depto. de Zoologia / UNICAMP)

226-TEMPO DE PASSAGEM DE SEMENTES PELO TRATO DIGESTÓRIO E DISTÂNCIAS POTENCIAIS DE DISPERSÃO EM *DIDELPHIS AURITA* WIED-NEUWIED, 1826 E *MICOUREUS PARAGUAYANUS* OKEN, 1816 (DIDELPHIMORPHIA) Daniel Santana Lorenzo Raíces; Helena de Godoy Bergallo;

228-USO DO ESPAÇO POR *METACHIRUS NUDICAUDATUS* (MARSUPIALIA: DIDELPHIDAE) EM DOIS FRAGMENTOS DE DIFERENTES TAMANHOS NA FLORESTA ATLÂNTICA NORDESTINA - CENTRO DE ENDEMISMO PERNAMBUCO Paulo Henrique Asfora; Antonio Rossano Mendes Pontes;

229-QUE DISTÂNCIA UM PEQUENO MARSUPIAL PODE MOVER EM UM DIA? REGISTRO DE UM MOVIMENTO DE LONGA DISTÂNCIA PARA *GRACILINANUS MICROTARSUS* Camila dos Santos de Barros; Thais Kubik Martins (USP) Thomas Puettker;

233-PRIMEIRO REGISTRO DE *GRACILINANUS MICROTARSUS* (WAGNER, 1842) EM RESTINGA COM A INCLUSÃO DO ESPÉCIME TESTEMUNHO (DIDELPHIMORPHIA: DIDELPHIDAE) William C. Tavares; Leila M. Pessôa; Éderson S. Rodrigues; Maria da Conceição Gomes;

234-EFICIÊNCIA DAS ARMADILHAS DO TIPO *TOMAHAWK* E *PITFALL* NA CAPTURA DE PEQUENOS MAMÍFEROS EM FRAGMENTO DE FLORESTA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ. Dayse Swélen da Silva Ferreira; Carlos Eduardo Costa Campos; Pamela Nayara Barros Silva; Mariana Chandaliê Costa Cardoso; Andréa Soares Araújo;

Área: Perissodactyla

249-OCORRENCE AND ABUNDANCE OF LOWLANDTAPIR, *TAPIRUS TERRESTRIS*, IN THE CERRADO-PANTANAL TRASITION ZONE AT ALTO PARAGUAI RIVER BASIN (MATO GROSSO, BRASIL) Tarcísio da Silva Santos Júnior;

252-DISTRIBUIÇÃO DE FEZES DE *TAPIRUS TERRESTRIS* (TAPIRIDAE, PERISSODACTYLA) NA FAZENDA NHUMIRIM, PANTANAL DA NHECOLÂNDIA, MATO GROSSO DO SUL Bianca Thaís Zorzi; Guilherme Mourão;

Área: Primates

254-NASCIMENTO, CÓPULA E DESMAME EM BUGIOS PRETOS (*ALOUATTA CARAYA*) DE VIDA LIVRE Rogério Grassetto Teixeira da Cunha; Richard W. Byrne;

255-INFLUÊNCIA DA URBANIZAÇÃO SOBRE UMA POPULAÇÃO DE MICOS-ESTRELA (*CALLITHRIX PENICILLATA* É. GEOFROY, 1812) DE VIDA LIVRE EM UM FRAGMENTO NA CIDADE DE JATAÍ, GOIÁS Letícia Pereira Silva; Stephany Siqueira B. Nascimento; Paola Santos da Mata; Fabiano Rodrigues de Melo;

256-ESTUDO SOBRE AS DIFERENÇAS COGNITIVAS ENTRE *CALLITHRIX GEOFFROYI* E *LEONTOPITHECUS CHRYSOMELAS* ATRAVÉS DE UM TESTE EXPERIMENTAL DE USO DE FERRAMENTAS Hermano Gomes L. Nunes; Antonio Christian de A. Moura; Alfredo Langguth;

257-LIDERANÇA NOS DESLOCAMENTOS EM UM GRUPO DE SAGÜIS (*CALLITHRIX JACCHUS*) DE VIDA LIVRE Rochele Castelo-Branco; Catiane Dantas; Fívia de Araújo Lopes;

258-ESTUDO COMPORTAMENTAL DE *CEBUS NIGRITUS* (PRIMATES, CEBIDAE) EM CATIVEIRO Lívia Bertolla dos Santos; Nelio Roberto dos Reis;

259-ESTUDO DO COMPORTAMENTO DE FILHOTE DE MACACO-PREGO (*CEBUS APELLA*) NASCIDO EM CATIVEIRO Marcos Vinícius Rodrigues; Ana Carolina Torre Morais; Pamella Kelly Araújo Campos; Suellen Silva Condessa; Vinícius Herold Dornelas Silva; Tarcísio de Souza Duarte; Tarcízio Antônio Rêgo de Paula;

260-CATÁLOGO COMPORTAMENTAL DE MACACO-PREGO (*CEBUS APELLA NIGRITUS*) NO PARQUE ECOLÓGICO DO VOTURUÁ, SÃO VICENTE-SP Jessica Prudencio Trujillo; Rossana Pita Virga;

261-PERCEPÇÃO VISUAL ILUSÓRIA EM FILHOTES E JUVENIS DE MACACO
-PREGO (*CEBUS* SPP.) Cristhian Andres Aguiar Reyes Moreira; Karina Loureiro Kegles Torres; Raquel Rubstem Sado; Marcella Gonçalves Santos; Maria Clotilde Henriques Tavares; Valdir Filgueiras Pessoa;

262-VOCALIZAÇÕES E RELAÇÕES SÓCIO-ECOLÓGICAS EM MACACOS-PREGO (*CEBUS LIBIDINOSUS*, PRIMATE, CEBIDAE) Karina de Assis Portilho; Thallita Oliveira de Grande; Túlio Costa Lousa; Raphael Moura Cardoso; Francisco Dyonísio Cardoso Mendes;

284-PROGRAMA C.E.B.U.S. (CENSUS, ECOLOGY AND BEHAVIOR UNIFIED SOFTWARE): FERRAMENTA PARA COLETA DE DADOS ECOLÓGICOS E COMPORTAMENTAIS NO CAMPO Waldney Pereira Martins; Ernani Alexandre Campaneli Hoffman Daniel Furini Pereira Luciana Regina Guimarães Bessa;

Área: Rodentia

285-UM ESTUDO PRELIMINAR DO COMPORTAMENTO DO PREÁ *CAVIA INTERMEDIA*, UMA ESPÉCIE ENDÊMICA DAS ILHAS MOLEQUES DO SUL, SANTA CATARINA Nina Furnari; César Ades;

298-ABUNDÂNCIA RELATIVA, PROPORÇÃO E DIMORFISMO SEXUAL DE *THRICOMYS PACHYURUS* E *CLYOMYS LATICEPS* (RODENTIA; ECHIMYIDAE) NO PANTANAL SUL-MATOGROSSENSE Pâmela Castro Antunes; Luiz Gustavo Rodrigues Oliveira-Santos; Walfrido Moares Tomas;

299-COMPARAÇÃO DE PARÂMETROS POPULACIONAIS ENTRE ESPÉCIES SIMPÁTRICAS DE *OLIGORYZOMYS* (RODENTIA:CRICETIDAE) EM RESTINGA, PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO TABULEIRO, SUL DO BRASIL Carlos Salvador; Marcos Adriano Tortato; Hugo Mozerle; Jorge Cherem;

301-CONTRIBUIÇÕES SOBRE A BIOLOGIA REPRODUTIVA DE DUAS ESPÉCIES DE EQUIMÍDEOS (RODENTIA, ECHIMYIDAE) DO PARQUE NACIONAL DAS SEMPRE VIVAS, MINAS GERAIS, BRASIL Leal, K. P. G.; Costa, C. G.; Santiago, F. L.; Carmo, E. D. C.; Câmara, E. M. V. C.;

302-ESTRUTURA ETÁRIA E PROPORÇÃO SEXUAL DE *CTENOMYS MINUTUS* NEHRING, 1887 (RODENTIA, CTENOMYIDAE) NA PLANÍCIE COSTEIRA DO EXTREMO SUL DE SANTA CATARINA, BRASIL. Alexandre Miranda; Claudio Ricken;

303-ECOLOGIA DE POPULAÇÕES DE PEQUENOS MAMÍFEROS NA REGIÃO DE JABORÁ, SC, ÁREA DE OCORRÊNCIA DE HANTAVIROSE Mary Anne Marques da Silva; Danúbia Inês Freire Lima (LABPMR / IOC / FIOCRUZ) Renata Carvalho de Oliveira; Cibele Rodrigues Bonvicino; Elba Regina Sampaio de Lemos; Rosana Gentile; Paulo Sergio D'Andrea;

304-RESPOSTA DE ROEDORES A UMA PAISAGEM FRAGMENTADA DE MATA ATLÂNTICA NO SUL DE MINAS GERAIS Adriane Calaboni; Juliana Costa Jordão; Vinícius Xavier da Silva; Alexandre Percequillo;

317-ESTUDOS CITOGENÉTICOS EM *TRINOMYS DIMIDIATUS* DA ILHA GRANDE (RJ) E DE POPULAÇÕES CONTINENTAIS (RJ, SP) (RODENTIA, ECHIMYIDAE) Margaret Maria de Oliveira Corrêa; Leila Maria Pessôa; Emerson Bitencourt;

318-POLIMORFISMO CROMOSSÔMICO E OCORRÊNCIA DE UMA NOVA ZONA HÍBRIDA INTRA-ESPECÍFICA PARA *CTENOMYS MINUTUS* (RODENTIA-CTENOMYIDAE), NO SUL DO BRASIL Simone Ximenes; Carla Martins Lopes; Thales Renato Ochotorena de Freitas;

319-ESTUDO CARIOTÍPICO DOS ROEDORES DA CHAPADA DIAMANTINA, BAHIA, BRASIL Souza, A.L.G.; Corrêa, M.M.O.; Oliveira, J.A.; Pessôa, L.M.;

320-ANÁLISES FILOGEOGRÁFICAS ENTRE POPULAÇÕES DE *CALOMYS EXPULSUS* (MURIDAE; SIGMODONTINAE) NO CERRADO E CAATINGA Luciana Guedes Pereira ; Lena Geise; Alexandra Maria Ramos Bezerra; Paulo S. D'Andrea; Cibele Rodrigues Bonvicino;

328-MORFOLOGIA DAS TUBAS UTERINAS DE *CHINCHILLA LANIGERA* (HISTRICOMORFA, CHINCHILLIDAE) DURANTE A FASE FOLICULAR DO CICLO ESTRAL Danielle Barbosa Morais; Mariana Machado Neves; Roberta Ferreira Miranda; Débora Coelho Venâncio; Larissa Pires Barbosa; Mardeleine Geisa Gomes;

333-MORFOMETRIA DE CÉLULAS DE LEYDIG DE RATOS WISTAR ADULTOS TRATADOS COM INFUSÃO DE *SACOILA LANCEOLATA* Mônica de Fátima Oliveira; Sérgio Luis Pinto da Matta; Ana Carolina Torre Morais; Tarcízio Antônio Rego de Paula; Danielle Soares de Oliveira; Ana Paula Cerqueira; Suellen Silva Condessa; Ana Paula de Lima Florentino Matta; Fabiana Cristina Silveira Alves de Melo;

334-AVALIAÇÃO DOS EFEITOS DO ÁCIDO LINOLÉICO CONJUGADO; E EXERCÍCIO FÍSICO SOBRE A BIOMETRIA TESTICULAR DE CAMUNDONGOS *KNOCKOUT* PARA A APOLIPOPROTEINA E (APO E) Danielle Barbosa Morais; Ana Paula de Lima Florentino Matta; Sérgio Luis Pinto da Matta; Silvio Anderson Toledo Fernandes; Maria do Carmo Gouveia Pelúzio; Frederico Souzalima Caldoncelli Franco;

338-MORFOMETRIA TUBULAR DE TESTÍCULOS DE CAMUNDONGOS ADULTOS TRATADOS COM DECOCÇÃO DE *OURATEA SEMISERRATA* (OCHNACEAE) Ana Paula de Lima Florentino Matta; Sérgio Luis Pinto da Matta; Tarcísio Antônio Rêgo de Paula; João Paulo Viana Leite; Jesylaine Oliveira da Cunha; Fabíola de Araújo Resende Carvalho; Juliana de Assis Silveira; Daniele Barbosa Moraes; Pamella Kelly de Araújo Campos; Karine Moura;

339-EFEITOS DA INFUSÃO DE *SACOILA LANCEOLATA* SOBRE O ESPAÇO INTERTUBULAR E VOLUME DOS COMPARTIMENTOS TESTICULARES DE CAMUNDONGOS ADULTOS Mônica de Fátima Oliveira; Sérgio Luis Pinto da Matta; Ana Carolina Torre Morais; Tarcízio Antônio Rêgo de Paula; Danielle Soares de Oliveira; Ana Paula Cerqueira; Suellen Silva Condessa; Ana Paula de Lima Florentino Matta; Fabiana Cristina Silveira Alves de Melo;

340-MORFOMETRIA DO COMPARTIMENTO TUBULAR DE TESTÍCULOS DE RATOS WISTAR TRATADOS COM SOLUÇÃO AQUOSA DE CATUABA CRISTAL® Karine Moura de Freitas; Sérgio Luis Pinto da Matta; Kyvia Lugate Cardoso Costa; Pâmella Kelly de Araújo Campos; Priscila Izabel Santos de Tótaro; Tarcízio Antônio Rêgo de Paula; Fabiana Cristina Silveira Alves de Melo;

341-MORFOMETRIA DO COMPARTIMENTO TUBULAR DE TESTÍCULOS DE RATOS WISTAR ACOMETIDOS POR CÂNCER DE CÓLON E SUBMETIDOS À NATAÇÃO Karine Moura de Freitas; Sérgio Luis Pinto da Matta; Kyvia Lugate Cardoso Costa; Pâmella Kelly de Araújo Campos; Tarcízio Antônio Rêgo de Paula; Priscila Izabel Santos de Tótaro; Wellington Lunz; Antônio José Natali;

342-EFEITOS DO USO CRÔNICO DE GELÉIA REAL EM DIFERENTES CONCENTRAÇÕES SOBRE PARÂMETROS TESTICULARES EM CAMUNDONGOS (*MUS MUSCULUS*) Michele Oliveira Santos; Mariana Machado Neves; Sérgio Luis Pinto da Matta; Priscila Soares Silva Lana; Suellen Silva Condessa; Larissa Pires Barbosa; Juliene Borges Fujii;

344-AVALIAÇÃO DA PROPORÇÃO DOS ELEMENTOS DO INTERTÚBULO DE RATOS WISTAR ADULTOS SUBMETIDOS À DIETA DE ÁCIDOS GRAXOS TRANS E CIS Juliana Pereira Antonucci; Sérgio Luis Pinto da Matta; Juliana de Assis Silveira; Fabíola de Araújo Resende Carvalho; Ana Paula de Lima Florentino Matta; Suellen Silva Condessa; Bruna Moraes Araújo; Nilma Maria Vargas Lessa; Neuza Maria Brunoro Costa;

350-VARIAÇÃO NÃO GEOGRÁFICA DE *HYLAEAMYS MEGACEPHALUS* (FISCHER, 1814) (RODENTIA: SIGMODONTINAE) NA AMÉRICA DO SUL Jorge-Rodrigues, C. R.; Percequillo, A. R.;

355-ANÁLISE DOS PADRÕES DE CUTÍCULA E MEDULA DOS PÊLOS-GUARDA DE *ORYZOMYS SUBFLAVUS* (RODENTIA, CRICETIDAE) E CALOMYS TENER (RODENTIA, CRICETIDAE). Zaidan, F.C.; Santiago, F.L.; Câmara, E.M.V.C.;

356-SISTEMÁTICA DE ESPÉCIES DO GÊNERO *EURYORYZOMYS* (CRICETIDAE, SIGMODONTINAE) Marcela Borges de Abreu Pimenta; Leonora Pires Costa;

Área: Xenarthra

367-REGISTRO DE OCORRÊNCIA DE *CABASSOUS TATOUAY* EM FLORESTA ESTACIONAL SEMIDECIDUAL - PARQUE NACIONAL DO IGUAÇU R. Manfroi-Maria; F. Rodriguez; J.J.S. Buchaim; A.R. Rinaldi; D. Storms-dos-Santos; M. Oliveira-da-Costa; L.G.E. Valle; J. Quadros;

368-CINGULADOS (XENARTHRA: MAMMALIA) DO EXTREMO NORTE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO: RESULTADOS PRÉVIOS Monique Monsores-Paixão; Débora Gabriel Costa; Mariana Ribeiro Monteiro; Aruanã Garcia Costa; Leonardo Santos Avilla; Gisele Regina Winck;

369-ANOMALIA NAS PLACAS OSTEODÉRMICAS EM TATU-BOLA (*TOLYPEUTES TRICINCTUS*) EM UMA ÁREA DE CERRADO NO BRASIL CENTRAL Adriana Bocchiglieri; André Faria Mendonça;

Área: Diversos

386-MAMÍFEROS COMO BIOINDICADORES DE RECUPERAÇÃO DE ÁREA DEGRADADA (ANTIGA ESTRADA DO COLONO) NO PARQUE NACIONAL DO IGUAÇU, FLORESTA ESTACIONAL SEMIDECIDUAL, OESTE DO ESTADO DO PARANÁ Rinaldi, A. R.; Oliveira-da-costa, M.; Quadros, J.;

401-LEVANTAMENTO DE MAMÍFEROS TERRESTRES POR MEIO DE VESTÍGIOS, VISUALIZAÇÕES E RELATOS NO PARQUE ESTADUAL NOVA BADEN, LAMBARI-MG Adriane Calaboni; Vinícius Xavier da Silva;

402-O JAVALI ASSELVAJADO NO MUNICÍPIO DE RIO GRANDE, RIO GRANDE DO SUL: REGISTROS DE OCORRÊNCIA E OBSERVAÇÕES PRELIMINARES DE IMPACTOS Fernando Marques Quintela; Maurício Beux dos Santos;

403-DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DE GRANDES FELINOS E ABUNDÂNCIA RELATIVA DE MAMÍFEROS EM UMA ÁREA DE MATA ATLÂNTICA COSTEIRA DO BRASIL Rogério Martins; Aline Borini;

404-QUATRO NOVAS OCORRÊNCIAS DE MAMÍFEROS BASEADAS EM ANÁLISE TRICOLÓGICA DOS ITENS ALIMENTARES DE CARNÍVOROS NA ESTAÇÃO ECOLÓGICA DE JURÉIA-ITATINS Rogério Martins; Juliana Quadros; Marcelo Mazzolli; Aline Borini;

406-ISOLAMENTO DE ESPÉCIES SILVESTRES EM UM PARQUE URBANO DE BELO HORIZONTE Torquetti, C. G ; Araújo, R. A.; Almeida, A. J.; Talamoni, S. A;

407-ANÁLISE DO MÉTODO DE TRANSECÇÃO LINEAR: ESTUDO DE CASO COM A COMUNIDADE DE MAMÍFEROS DA ILHA GRANDE, RJ. Bruno Cascardo Pereira; Helena de Godoy Bergallo;

408-OCORRÊNCIA DE ATROPELAMENTOS DE FAUNA EM RODOVIAS PRÓXIMAS ÀS MARGENS DO MÉDIO CURSO DO RIO TOCANTINS Ligia Tchaicka; Leoncio Pedrosa Lima; Beatriz Nascimento Gomes;

409-OCORRÊNCIA DE MAMÍFEROS EM UM CORREDOR AGROFLORESTAL PARA CONEXÃO DE FRAGMENTOS DA MATA ATLÂNTICA André Luís Macedo Vieira; Eline Matos Martins; Dione Galvão da Silva; André Felippe Nunes de Freitas; Alexander Silva de Resende; Eduardo Francia Carneiro Campello; Avílio Antônio Franco;

411-MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE DA RPPN DE SANTA MARIA, OESTE DO ESTADO DO PARANÁ Rinaldi, A.R.; Oliveira-da-Costa, M.; Xavier-da-Silva, M.; Rodrigues, N.A.;

412-CONSERVAÇÃO DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE EM UM FRAGMENTO DE FLORESTA ATLÂNTICA DA ZONA DA MATA DE MINAS GERAIS Nunes, A. V.; Scoss, L. M.; Lessa, G.;

413-ANÁLISE DOS RESUMOS APRESENTADOS NOS CONGRESSOS BRASILEIROS DE MASTOZOOLOGIA: RELAÇÕES ENTRE ESPÉCIES, REGIÕES E ÁREAS DO CONHECIMENTO Valeska B. Oliveira; André Hirsch; Antônio M. Linares; Adriano P. Paglia;

414-SUCESSO DE CAPTURA DIFERENCIAL DE PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO-VOADORES UTILIZANDO DIFERENTES ISCAS: UM ESTUDO DE CASO NA AMAZÔNIA SUL-OCIDENTAL Marília Aparecida Cavalcante de Lima; Mariluce Rezende Messias; Nátia Regina Nascimento Braga; Mizael Andrade Pedersoli;

416-ESTRUTURA DA COMUNIDADE DE PEQUENOS MAMÍFEROS TERRESTRES DA RESERVA PARTICULAR RIO DAS PEDRAS, MANGARATIBA, RIO DE JANEIRO, BRASIL Flávia Soares Pessôa; Thiago Carvalho Modesto; Tássia Jordão-Nogueira; Hermano Gomes Albuquerque; Daniel Santana Lorenzo Raíces; Nina Attias; Júlia Lins Luz; Maria Carlota Enrici; Carlos Eduardo Lustosa Esbérard; Helena de Godoy Bergallo;

417-USO DO ESPAÇO POR PEQUENOS MAMÍFEROS BRASILEIROS: CONHECIMENTO ATUAL E PERSPECTIVAS Jayme Augusto Prevedello; André Faria Mendonça;

418-EFFECT OF BLACK-EARED OPOSSUM, DIDELPHIS AURITA WIED-NEWIED, 1826 (DIDELPHIDAE), IN SMALL MAMMAL COMMUNITIES. Thiago Carvalho Modesto; Flávia Soares Pessôa; Hermano Gomes Albuquerque; Daniel Santana Lorenzo Raíces; Tássia Jordão-Nogueira; Júlia Lins Luz; Nina Attias; Maria Carlota Enrici; Helena de Godoy Bergallo;

421-ABUNDÂNCIA MÉDIA DE ECTOPARASITOS EM DIFERENTES ESPÉCIES DE PEQUENOS MAMÍFEROS NO PARQUE NACIONAL DA SERRA DO CIPÓ, SANTANA DO RIACHO (MG) Danilo G. Saraiva; Gislene F. S. Rocha; Saraita P. Oliveira; Karla G. Leal; Claudia G. Costa; José R. Botelho;

422-EFEITO DO TIPO DE MATRIZ SOBRE A PRESENÇA DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE NUMA PAISAGEM AGROFLORESTAL DE ALFENAS – MG Maísa Ziviani Alves; Érica Hasui; Giordano Ciocheti;

423-PEQUENOS MAMÍFEROS DA RESERVA DO CAMPING MIRANTE-TANGARÁ DA SERRA, MATO GROSSO Auriane Terezinha Sawaris; Dionei José da Silva; Manoel dos Santos Filho;

424-DISPERSÃO DE FRUTOS DA PALMEIRA PINDOBA (*ATTALEA HUMILIS*) POR MAMÍFEROS Cecilia Siliansky de Andreazzi; Clarissa Scofield Pimenta; Alexandra dos Santos Pires; Fernando Antonio dos Santos Fernandez;

425-PADRÃO DE UTILIZAÇÃO DE RECURSOS POR MAMÍFEROS EM UMA MATA NATIVA E SEUS ARREDORES NA REGIÃO DE RANCHO ALEGRE, PR Fabio Rodrigo Andrade; Nelio Roberto dos Reis; Patrícia Helena Gallo; Inaê Guion de Almeida;

426-PEQUENOS MAMÍFEROS CAPTURADOS ULTILIZANDO ARMADILHA DE QUEDA Daniel Gomes da Rocha; Marcelo Passamani;

450-MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE DO PARQUE ESTADUAL SERRA DO ROLA MOÇA, ÁREA DE PROTEÇÃO ESPECIAL BARREIRO, BELO HORIZONTE, MINAS GERAIS Flávia Nunes Vieira; Kátia Regina da Silva; Isaura Ribeiro Batista; Giselle Abranches Vaz de Melo; Claudia Guimarães Costa;

451-COMPOSIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA COMUNIDADE DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE DE UMA PEQUENA RESERVA DE FLORESTA ATLÂNTICA EM SANTA RITA DO SAPUCAÍ, SUL DE MG Anderson Aires Eduardo; Marcelo Passamani;

452-LEVANTAMENTO DE MASTOFAUNA EM UM FRAGMENTO DE MATA NO NORTE DO ESTADO DO PARANÁ João Marcos Silla; Patrick Moritz; Fábio Luis Ferreira Bruschi; Murillo Bernardi Rodrigues;

453-RESULTADOS PARCIAIS DO LEVANTAMENTO DE MASTOFAUNA DE MÉDIO E GRANDE PORTE DA SERRA DO FUNIL - MG Leandro Alécio dos Santos Abade; Giovanne Ambrósio Ferreira; Omar Junqueira Bastos Neto; Artur Andriolo;

454-RIQUEZA DE MAMÍFEROS NÃO-VOADORES NA RESERVA EXTRATIVISTA DO RIO CAJARI, ESTADO DO AMAPÁ. Cardoso, E.M.; Silva, C.R.;

455-LEVANTAMENTO E CARACTERIZAÇÃO DA FAUNA DE MAMÍFEROS DA ESTAÇÃO ECOLÓGICA DA UFMG, BRASIL Ericson Sousa da Silva; Flávio Henrique Guimarães Rodrigues; Marina Peres Portugal;

456-MASTOFAUNA DO CERRADO CENTRAL DO NOROESTE DE MINAS GERAIS, BRASIL. Leal, K. P. G; Saraiva, D. G.; Ribeiro, I. B.; Rocha, G. F. S.; Câmara, E. M. V. C.;

457 - PEQUENOS MAMÍFEROS NA DIETA DE *TYTO ALBA* (AVES, STRIGIFORMES) NA ESTAÇÃO ECOLÓGICA DE TAPACURÁ, PERNAMBUCO, BRASIL. Daniela Pedrosa de Souza; Paulo Henrique Asfora; Thaís de Castro Lira; Diego Astúa;

458-EXPEDIÇÃO CIENTÍFICA BIOFRONTEIRA DA PANTANAL: DIAGÓSTICO PARA PROPOSIÇÕES DE MANEJO À MASTOFAUNA NA FRONTEIRA DO BRASIL COM O PARAGUAI Simone B. Mamede ; Paola Santos da Mata ; Maristela Benites ; Andréa Mayumi Chin Sendoda ; Bruno Plumey ;

459-MAMÍFEROS TERRESTRES DA REGIÃO TURÍSTICA DA COSTA VERDE, ESTADO DO RIO DE JANEIRO, BRASIL Flávia Soares Pessôa; Thiago Carvalho Modesto; Maria Carlota Enrici; Tássia Jordão-Nogueira; Bruno Cascardo Pereira; Nina Attias; Júlia Lins Luz; Daniel Santana Lorenzo Raíces; Carlos Eduardo Lustosa Esbérard; Helena de Godoy Bergallo;

460-LEVANTAMENTO PRELIMINAR DA MASTOFAUNA DE UM FRAGMENTO DE FLORESTA OMBRÓFILA DENSA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, SP. Wagner Rafael Lacerda; Tatiane Dubovicky;

461-INFLUÊNCIA DO USO DE ISCAS NA AMOSTRAGEM DA RIQUEZA E FREQÜÊNCIA DE OCORRÊNCIA DE MAMÍFEROS UTILIZANDO ARMADILHAS FOTOGRÁFICAS Tatiana Rosa Diniz; Antônio Carlos Simões Pião; Marcio Port Carvalho; Leonardo Carreira Trevelin; Eduardo Morell; Maurício Silveira;

462-INVENTÁRIO DE PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO-VOADORES DA FAZENDA MANOA – ÁREA DE MANEJO FLORESTAL, MUNICÍPIO DE CUJUBIM-RONDÔNIA Marília Aparecida Cavalcante de Lima; Mariluce Rezende Messias; Raylenne da Silva Araujo; Alexandre Casagrande Faustino;

463-COMUNIDADES DE PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO VOADORES ASSOCIADOS A DOIS TIPOS DE VEGETAÇÃO DO CERRADO DE MINAS GERAIS, BRASIL Beatriz Dias Amaro; Bárbara Fernandes Cardinali; Juliana Barata; Bruno Spacek;

464-COMUNIDADE DE MAMÍFEROS DE PEQUENO PORTE EM UM REMANESCENTE FLORESTAL SOB INTENSA ATIVIDADE ANTRÓPICA: UM ESTUDO DE CASO NA AMAZÔNIA SUL-OCIDENTAL Raylenne da Silva Araujo; Mariluce Rezende Messias; Nátia Regina Braga Nascimento; Thiago Bento de Alencar; Marília Aparecida Cavalcante de Lima;

465-TESTANDO EFICIÊNCIA DE ISCAS EM ESTUDOS DE MAMÍFEROS DE PEQUENO PORTE: UM ESTUDO DE CASO NA AMAZÔNIA SUL-OCIDENTAL Raylenne da Silva Araujo; Mariluce Rezende Messias; Mizael Andrade Pedersoli; Bruno Andrey Santos Bacelar Martins; Alexandre Casagrande Faustino;

466-LEVANTAMENTO DA MASTOFAUNA DE MÉDIO E GRANDE PORTE EM FRAGMENTO DE MATA ATLÂNTICA, POUSO ALEGRE, MG Maurício Djalles Costa; Fernando Afonso Bonillo Fernandes; Douglas Henrique da Silva Viana;

467-LEVANTAMENTO DA MASTOFAUNA DO PARQUE ESTADUAL MATA SÃO FRANCISCO, ESTADO DO PARANÁ Meiga, A.Y.Y.; Pimenta, M.C.G.; Zaparoli, A.M.M.; Orsi, M.L.;

468-USO DE ARMADILHAS FOTOGRÁFICAS PARA LEVANTAMENTO DE MASTOFAUNA EM UM FRAGMENTO FLORESTAL DA RESERVA ECOLÓGICA MICHELIN, BAIXO SUL DA BAHIA Cynthia Silva Soares; Rebeca Mascarenhas Fonseca Barreto; Martín R. Alvarez;

469-LEVANTAMENTO DE MAMÍFEROS TERRESTRES DE MÉDIO E GRANDE PORTE EM ÁREA DE MANANCIAL, MUNICÍPIO DE NAZARÉ PAULISTA, SÃO PAULO Zimbres-Silva, F.; Beisiegel, B.M.; Haddad, R.L.;

470-MASTOFAUNA EM REMANESCENTES DE CERRADO EM MINAS GERAIS Sara Machado de Souza; Fabiano Rodrigues de Melo; Daniel Coelho;

471-DIVERSIDADE DE MAMÍFEROS EM FRAGMENTOS DE MATA ATLÂNTICA AO LONGO DE UM TRECHO DO RIO MANHUAÇU, MUNICÍPIOS DE CARATINGA E IPANEMA, MINAS GERAIS, BRASIL Clever Gustavo de Carvalho Pinto; Maressa Rocha do Prado; Pollyanna Silva Campos; Sebastião Maximiano Genelhú; Gisele Mendes Lessa;

521-OCORRÊNCIA DE ARTRÓPODES ECTOPARASITOS DE PEQUENOS MAMÍFEROS DO MATO GROSSO DO SUL, BRASIL Mariuciy Menezes de Arruda Gomes; Gabriel Ghizzi Pedra; Leticia Laura de Oliveira Bavutti;

522-ATUALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO TAXONÔMICO SOBRE AS ESPÉCIES DE PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO-VOADORES DA REGIÃO DE BELÉM, PA Flores, T.A.; Rossi, R.V.;

532-ACOMPANHAMENTO E RESGATE DE MAMÍFEROS DURANTE O DESMATAMENTO DA UHE AMADOR AGUIAR I, MINAS GERAIS. Carla Marina Graça Morais; Marcela Lanza Bernardes ; Rodrigo Martins Alvarenga;

533-O PAPEL DE *TYTO ALBA* (AVES, STRIGIFORMES) NO CONTROLE DE MAMÍFEROS VETORES POTENCIAIS DE ZOONOSES EM UMA ÁREA URBANA, NO MUNICÍPIO DE OLINDA, PERNAMBUCO, BRASIL. Daniela Pedrosa de Souza; Diego Astúa;

534-MAMÍFEROS DOS PAMPAS DO URUGUAI E BRASIL: COMPOSIÇÃO, SEMELHANÇAS BIOGEOGRÁFICAS E ESTADO DE CONSERVAÇÃO Diego Queirolo;

535 - RIQUEZA E FREQÜÊNCIA DE OCORRÊNCIA DE ESPÉCIES DE MÉDIOS E GRANDES MAMÍFEROS NA ESTAÇÃO ECOLÓGICA SEBASTIÃO LUIZ ALEIXO DA SILVA, BAURU-SP: IMPLICAÇÕES PARA MANEJO E CONSERVAÇÃO. Carla Patricia de Marins; Cintia Massumi Togura; Márcio Port-Carvalho; Ivan Alexandre Ferrazoli de Marche; Rodrigo Antônio de Agostinho Mendonça

536 - MASTOFAUNA TERRESTRE EM REMANESCENTES DA RESTINGA DE PONTAL DO IPIRANGA, MUNICÍPIO DE LINHARES, ESPÍRITO SANTO. Mikael Mansur Martinelli (Museu de Biologia Prof. Mello Leitão / MBML / mansurmartinelli@hotmail.com); Thaís de Assis Volpi (Museu de Biologia Prof. Mello Leitão / MBML)

Index

DESLOCAMENTO MÉDIO E ÁREA DE USO DE CERVO-DO-PANTANAL *(BLASTOCERUS DICHOTOMUS)*, NASCIDOS NA REGIÃO DA ESTAÇÃO ECOLÓGICA DO JATAÍ, SP.: UMA ABORDAGEM COMPARATIVA ENTRE AS ESTAÇÕES SECA E CHUVOSA

Perin, M. A. A. (Comportamento e Biologia Animal/UFJF/marcoangoleiro@hotmail.com)
Silva, K. F. M. da (Nupecce/Unesp-Jaboticabal)
Duarte, J. M. B (Nupecce/Unesp-Jaboticabal)
Vogliotti, A. (Nupecce/Esalq-Usp)
Andriolo, A. (Comportamento e Biologia Animal/UFJF)

Área: Artiodactyla **Sub-Área:** Comportamento

O cervo-do-pantanal Blastocerus dichotomus é o maior cervídeo da América do Sul. Esta espécie ocupa preferencialmente habitats periodicamente inundados como várzeas e savanas inundadas, porém evita local com profundidade superior a 70 cm. Sua distribuição encontra-se atualmente reduzida e fragmentada, não ocorrendo mais em grande parte de sua distribuição histórica. No estado de São Paulo, o cervo do pantanal encontra-se praticamente extinto, classificado como criticamente em perigo. O objetivo deste estudo foi fazer uma abordagem comparativa relacionando a média de deslocamento diário dentre as estações chuvosa e seca para cervos-do-pantanal, como também calcular a área de uso dos animais para cada uma dessas estações. Os animais são filhos de primeira geração de cervos reintroduzidos na Estação Ecológica do Jataí (EEJ), situada a nordeste do Estado de São Paulo, no município de Luis Antônio. O estudo foi realizado nas várzeas localizadas em propriedades privadas nas vizinhanças da EEJ. Para a captura foi utilizada a técnica Bulldoging com uso de helicóptero (Duarte, J. M. B; 2001. *O cervo-do-pantanal de Porto Primavera.* FUNEP/UNESP, Jaboticabal, SP. CD-ROM.). Os animais capturados foram individualizados com rádio transmissor à bateria solar e um brinco numerado, posteriormente tiveram suas localizações obtidas mediante a técnica da triangulação. Foram estabelecidos pontos de referências, com suas coordenadas com o auxílio do software Tracker 1.1 e Trackermap 1.0. O Mínimo Polígono Convexo (MPC) foi usado para o cálculo da área de uso. O teste Wilcoxon foi aplicado com auxílio do software Bioestat 4.0 para testar se havia diferenças significativas entre as duas estações para a média de deslocamento diário. O período de estudo abrangeu todo o ano de 2007, estabelecendo-se para a estação seca os meses que vão de Abril a Setembro e para a estação chuvosa os meses de Janeiro a Março e Outubro a Dezembro. Foi possível obter dados de um macho e duas fêmeas. A média para área de uso dos animais na estação seca foi de 7,82 ± 5,10 Km² (MPC 100%) e na estação chuvosa foi de 6,17 ± 4,34 Km² (MPC 100%). A média de deslocamento diário dos animais não foi significativa (Z =-1,37; p=0,170), sendo que para a estação chuvosa e seca os animais obtiveram respectivamente uma média de deslocamento diário de 285,61 ± 172,06 m e 345,10 ± 163,25 m.Verificamos que a sazonalidade não afeta significativamente o deslocamento dos animais na área atual que estes ocupam.

Palavras-chave: estudo, telemetria, reintrodução, cervo-do-pantanal.

PERFIL DOS ANDRÓGENOS FECAIS EM MACHOS DE VEADO-MATEIRO (*MAZAMA AMERICANA*) MANTIDOS EM CATIVEIRO E SUA CORRELAÇÃO COM OS CHIFRES.

Natalia Fraguas Versiani (Depto. Zootecnia / FCAV / natalia_versiani@yahoo.com.br)
Ricardo José Garcia Pereira (Depto. Zootecnia / FCAV)
José Maurício Barbanti Duarte (Depto. Zootecnia / FCAV)

Área: Artiodactyla **Sub-Área:** Fisiologia

O veado-mateiro (*Mazama americana*) é a maior espécie do gênero *Mazama* e se distribui por grande parte da América do Sul e Central. Apesar de sua ampla distribuição, o conhecimento dos padrões reprodutivos dessa espécie é pobremente conhecido. Frente a isso, o presente projeto objetivou monitorar o ciclo reprodutivo anual de machos de veado-mateiro (*Mazama americana*) mantidos em cativeiro, correlacionando os níveis de andrógenos fecais com as mudanças ocorridas no ciclo de chifres. Para tanto, amostras fecais provenientes de seis machos de veado-mateiro foram coletadas duas vezes por semana ao longo de 12 meses, ao mesmo tempo em que seus respectivos estágios de chifres foram registrados. Dos seis indivíduos monitorados apenas um realizou a troca dos chifres, enquanto que outro exibiu a mineralização e perda do velame ao longo do ano. Os demais se mantiveram com os chifres no mesmo estágio ao longo de todo o ano. Três machos não apresentaram quaisquer diferenças entre as médias mensais de andrógenos fecais ($P > 0,05$), ao passo que os animais que tiveram diferenças entre as médias mensais ($P < 0,05$) não demonstraram nenhum padrão sazonal na excreção de andrógenos fecais. Adicionalmente, comparações entre as concentrações médias de andrógenos fecais nos diferentes estágios de chifres evidenciaram que as mudanças no ciclo de chifres estão associadas com as oscilações na secreção deste hormônio, com as fases de chifres desencapados (1302,13 ± 54,15 ng/g) e chifres perdendo velame (6212,20 ± 3185,12 ng/g) apresentando valores maiores que as fases de chifres recobertos por velame (918,05 ± 81,17 ng/g) ($P < 0,05$). Estes resultados indicam que machos de veado-mateiro não apresenta sazonalidade na secreção de andrógenos, além de não apresentarem ciclo de troca anual dos chifres. Em conjunto, estes achados sugerem que machos desta espécie possuem pouca ou nenhuma influência do fotoperíodo sobre o ciclo testicular e dos chifres.

Palavras-chave: Veado-mateiro, *Mazama americana*, andrógenos, fezes, ciclo de chifres.

Financiadores: FAPESP (processo no. 2006/07158-5)

MONITORAMENTO ENDÓCRINO DURANTE OS PERÍODOS GESTACIONAL E PÓS-PARTO DE VEADO-MATEIRO (*MAZAMA AMERICANA*) EM CATIVEIRO

Victor Gasperotto Krepschi (UNESP-FCAV Jaboticabal / vkrepschi@hotmail.com)
José Maurício B. Duarte (Depto de Zootecnia/UNESP-FCAV Jaboticabal)
Bruna Furlan Polegato (UNESP-FCAV Jaboticabal)

Área: Artiodactyla **Sub-Área:** Fisiologia

O desenvolvimento de pesquisas básicas com reprodução é de grande importância para a conservação de espécies selvagens ameaçadas por gerar informações fundamentais para o entendimento de sua fisiologia reprodutiva e para a implementação das técnicas de reprodução assistida. No entanto, a escassez de informações reprodutivas sobre o veado-mateiro (*Mazama americana*), evidenciam a iminente necessidade de realização de novas pesquisas nessa área. O presente trabalho objetivou: (1) determinar a concentração de progestágenos fecais durante a gestação e período pós-parto em *Mazama americana*; (2) detectar a ocorrência de estro/ovulação pós-parto e (3) estimar o período de gestação nesta espécie. Foram utilizadas sete fêmeas e três machos da espécie, mantidos em cativeiro. As fêmeas foram fertilizadas por monta natural e após a cópula foram monitoradas por trinta dias para a confirmação da gestação, que foi corroborada mediante a um exame ultra-sonográfico, 90 dias após a monta. Foram realizadas colheitas de fezes durante todo o período gestacional (duas vezes por semana) e 60 dias pós-parto (diariamente). As dosagens hormonais foram feitas por meio de testes imunoenzimáticos permitindo a descrição do perfil de excreção de progestágenos para a espécie durante os períodos gestacional e pós-parto. A concentração média de progestágenos fecais encontrada foi de 1970,83 ± 659,05 ng g-1 (média ± desvio padrão) no início da gestação; 3880,81 ± 1281,08 ng g-1 no meio da gestação; 6859,76 ± 2611,26 ng g-1 no fim da gestação; 756,93 ± 214,45 ng g-1 na fase inter-luteal pós-parto; 2313,08 ± 933,04 ng g-1 na fase luteal pós-parto. As concentrações de progestágenos dos períodos inter-luteal/pós-parto e luteal/início gestacional não apresentaram diferenças estatísticas significantes (P>0,05). Portanto, o diagnóstico de gestação torna-se possível a partir do segundo trimestre de gestação, onde as concentrações dos períodos meio da gestação e final da gestação diferenciaram estatisticamente (P<0,05). As concentrações de progestágenos do período pós-parto permitiram detectar a ocorrência de estro para todas as fêmeas estudadas em um intervalo médio de 21,43 ± 9,91 dias (mínimo 6 e máximo 36) e estimou-se a duração média do ciclo estral, que foi de 22,25 ± 4,52 dias. O período gestacional médio encontrado para a espécie foi de 220,86 ± 3,13 dias (mínimo de 217 e máximo de 226 dias).

Palavras-chave: *Mazama americana*; Veado-mateiro; Progestágenos Fecais; EIA; Reprodução

Financiadores: Fapesp/CNPq

POTENCIAL DE APLICAÇÃO DE INICIADORES DE MARCADORES MICROSSATÉLITES DE DIVERSOS ARTIODACTYLA PARA AS ESPÉCIES BRASILEIRAS DE *MAZAMA* (MAMMALIA: CERVIDAE)

Aline Meira Bonfim Mantellatto (Depto. Zootecnia / UNESP – FCAV / aline.mantellatto@grad.fcav.unesp.br)
José Maurício Barbanti Duarte (Depto. Zootecnia / UNESP - FCAV)

Área: Artiodactyla **Sub-Área:** Genética

As populações de cervídeos sul-americanos estão em acentuado declínio, efeito direto da fragmentação de suas áreas de ocorrência. Esta condição tem levado à queda na variabilidade genética, tornando-os ainda mais susceptíveis às mudanças ambientais. Para detecção das flutuações da variabilidade genética, os locos microssatélites têm sido prioritariamente utilizados. O fator limitante para sua utilização em larga escala é o trabalhoso e alto custo de desenvolvimento de iniciadores para cada espécie de interesse. Porém, observa-se a conservação de sítios de hibridação de iniciadores para locos de microssatélite em espécies filogeneticamente próximas, o que permite empregar iniciadores desenvolvidos para uma determinada espécie em outras relacionadas. A família Cervidae é uma das mais estudadas entre os Artiodactyla por meio de marcadores do tipo microssatélites. O fator central para o grande volume de estudos é a extensa quantidade de primers descritos. A grande quantidade de trabalhos utiliza primers heterólogos, indicando tanto a conservação das regiões flanqueadoras dos iniciadores como também da região microssatélite. Dentro desse contexto, o presente estudo teve como objetivo selecionar iniciadores heterólogos para as cinco espécies brasileiras de cervídeos do gênero *Mazama*: *M. bororo, M. gouazoubira, M. nana, M. americana* e *M. nemorivaga*. Para tanto, quinze locos de microssatélite de grande freqüência de amplificação entre espécies de Artiodactyla foram selecionados a partir da literatura: *Rangifer tarandus* (8), *Moschus berezovkii* (5), *Cervus axis* (1), *Cervus elaphus canadensis* (1). Os produtos foram visualizados em gel de agarose 2% e, em seguida, foram aplicados em gel de poliacrilamida desnaturante a 10%. A partir da visualização dos fragmentos amplificados nos géis de agarose e poliacrilamida, foi verificado que o tamanho do produto amplificado coincidia com o tamanho do loco microssatélite descrito na literatura para 14 primers. A comprovação da homologia foi realizada por meio do seqüenciamento das regiões amplificadas, corroborando a conservação da região microssatélite da espécie onde ela foi descrita e a obtida nas espécies de *Mazama* em estudo. Dessa maneira, obtivemos um conjunto de 14 locos microssatélites com potencial de aplicação para caracterização da variabilidade genética e estudos populacionais em cada espécie brasileira de *Mazama*, permitindo assim a realização de futuros estudos genéticos, que certamente contribuirão para a geração de políticas públicas para conservação dos Cervídeos brasileiros.

Palavras-chave: microssatélites, primers heterólogos, *Mazama*.

Financiadores: FAPESP

ESTUDOS FILOGENÉTICOS DE MEMBROS DA FAMÍLIA TAYASSUIDAE (*TAYASSU PECARI*, *PECARI TAJACU*)

<u>Fabiana Batalha Knackfuss</u> (knackfussfb@hotmail.com)
Orílio Leoncini (Programa de Genética, Ins. Nacional de Câncer, RJ);
Albert R.E.A.N. Menezes (Pós-graduação em Genética, UFRJ, RJ);
Heitor M. Herrera (Lab. de Biol. eTripanossomatídeos, IOC, FOC);
Cibele R. Bonvicino (Programa de Genética, Inst. Nac. de Câncer, FIOCRUZ)

Área: Artiodactyla **Sub-Área:**Genética

No Brasil ocorrem duas espécies de porcos-do-mato (Tayassuidae), *Pecari tajacu* conhecido como cateto e *Tayassu pecari* conhecido como queixada. A fim de se analisar a diversidade genética e as relações filogenéticas em espécimes destas espécies foi utilizado como marcador molecular o gene mitocondrial Citocromo b. Amostras de ADN foram obtidas de tecido hepático e de músculo de quatro espécimes de *Pecari tajacu* de duas localidades do estado do Amazonas e nove espécimes de *Tayassu pecari* de três localidades dos estados do Mato Grosso do Sul e do Amazonas. Adicionalmente foram utilizadas seqüências de *P. tajacu* da Argentina, Bolívia, Colômbia e México, e de quatro gêneros de porcos (*Babyrousa babyrussa*, *Potamochoerus porcus*, *Phacochoerus africanus*, *Sus scroffa*) da família Suidae disponíveis no GenBank, assim como uma seqüência de *Tapirus terrestris* utilizada como grupo externo. Foram encontrados cinco haplótipos nas amostras de *Tayassu pecari* e quatro para as amostras de *Pecari tajacu* aqui seqüenciadas. As distâncias genéticas entre as seqüências de queixada (*T. pecari*) variaram de 0 a 1% e as de cateto (*P.tajacu*) variaram de 0 a 6,2% Entre as espécies dos dois gêneros o maior valor encontrado foi 12,1%, semelhante ao maior valor encontrado (12,6%) entre os quatro gêneros da família Suidae, enquanto o maior valor encontrado entre os representantes destas famílias foi 19,9%. A análise de *neighbor-joining* mostrou a monofilia dos membros dos dois gêneros da família Tayassuidae suportados por valores de Bootstrap de 100%. O clado formado pelas amostras de queixada (*T. pecari*) não apresentou estruturação geográfica, enquanto o clado formado pelos catetos (*P. tajacu*) se apresentou fortemente estruturado. Dentro do grupo formado pelas amostras de *P. tajacu*, o haplótipo do México foi o mais basal (99% Bootstrap), tendo como grupo irmão o clado formado pelos outros haplótipos (100%), onde o haplótipo da Argentina foi o mais basal, seguido do haplótipo da Colômbia, e finalmente o grupo formado pelos haplótipos da Amazônia Brasileira e da Bolivia (98%). Este estudo mostra diferenças entre os dois gêneros de tayassuídeos, com as populações de *P. tajacu* mostrando estruturação geográfica, enquanto as populações de *T. pecari* não mostraram estruturação. No entanto, vale ressaltar que as amostras de cateto (*P. tajacu*) abrangiam uma área maior incluindo localidades do Brasil, Argentina, Colômbia, e México, enquanto as amostras de queixada (*T. pecari*) eram restritas ao Brasil, no Mato Grosso do Sul e no Amazonas.

Palavras-chave: Filogeografia, Citocromo b, Queixada, Cateto

Financiadores: CNPq e CAPES

AVALIAÇÃO DA VARIABILIDADE GENÉTICA EM *TAYASSU PECARI* (QUEIXADA) ATRAVÉS DE MARCADORES DE MICROSSATÉLITE

Ana Luisa Kalb (Departamento de Genética/ UFPR/ analuisa_kalb@hotmail.com)
Shenia Pedro Bom da Silva (Departamento de Genética/ UFPR)
Iris Hass (Departamento de Genética/ UFPR)

Área: Artiodactyla **Sub-Área:** Genética

Os porcos-do-mato ou queixadas (*Tayassu pecari*), são nativos da fauna brasileira, sendo uma espécie ameaçada de extinção, e de grande importância na alimentação das populações humanas, principalmente das indígenas. Também são encontrados em criadouros com fins de manutenção, reprodução e exploração comercial, já que a sua carne é saborosa e de grande valor econômico. O presente trabalho visa dar continuidade a avaliação da variabilidade genética desta espécie, através de marcadores microssatélites. Anteriormente, foram testados outros seis iniciadores (SW1408, SW1407, SW857, SW2411, ACTG2 e SW444), desenvolvidos para porco doméstico (Sus scrofa scrofa), que evidenciaram baixa variabilidade genética, pois em sua maioria identificaram alelos homozigotos. Assim, utilizamos no presente estudo, o iniciador IGF-1 dinucleotídeo, encontrado no cromossomo 5 do porco doméstico, em exemplares de queixadas encontrados em cativeiro. Para tanto, foi coletado sangue periférico em EDTA de 29 animais, provenientes de dois criadouros do Estado do Paraná (Parque Municipal das Araucárias no Município de Guarapuava e Fazenda Experimental Gralha Azul no Município de Fazenda Rio Grande). A extração do DNA seguiu o protocolo de Medrano. Aesen e Sharrow, com modificações. A reação de amplificação foi realizada através de PCR *touchdown* onde a temperatura de hibridação variou de 62º C a 54º C, diminuindo um grau a cada ciclo, as temperaturas de desnaturação e extensão foram constantes, 94º C e 72º C, respectivamente. Para a visualização dos alelos foi realizada uma corrida em gel de poliacrilamida não-desnaturante a 10%, durante 6 horas a 300V e 40 mA. A revelação do gel deu-se através da metodologia de coloração com prata descrita por Tegelstrom (1992). O tamanho dos alelos foi determinado pela comparação com marcador de peso molecular de 25 pares de base (pb). Dos 29 exemplares, 24 apresentaram resultado de amplificação com bandas homozigotas. Dois especimens apresentaram os alelos com 245pb, enquanto os demais apresentaram os alelos com 240pb, sendo que dados da literatura apontam os alelos em queixadas variando de 247 a 252pb. Os tamanhos de fragmentos em porcos domésticos para o iniciador IGF-1 variam de 223 a 237 pb (dados da literatura), diferente dos observados em nosso trabalho, onde o alelo encontrado é de 266pb. De um modo geral verificamos que este iniciador heterólogo apresentou alelos de maior peso molecular nos exemplares de queixada em relação aos alelos encontrados no porco doméstico.

Palavras-chave: microssatélite, variabilidade genética, *Tayassu pecari*

Financiadores: UFPR, Fundação Araucária, CNPq

OCORRÊNCIA DO CARIACU *ODOCOILEUS VIRGINIANUS* (ARTIODACTYLA, CERVIDAE) NO ESTADO DO AMAPÁ, BRASIL

Liliani Marilia Tiepolo (Setor Litoral. UFPR. liliani@ufpr.br)
Walfrido Moraes Tomas (Embrapa Pantanal)
André Restel Camilo (Embrapa Pantanal)

Área: Artiodactyla **Sub-Área:** Levantamento

O cariacu *Odocoileus virginianus* é um representante da família Cervidae que se distribui predominantemente na região Neártica, avançando nos neotrópicos até o norte da região amazônica. Uma revisão recente descreveu várias espécies para o norte da América do Sul a partir de *O. virginianus*, entre as quais *O. cariacus* como o táxon em território brasileiro. Entretanto, são raras as informações seguras sobre a distribuição geográfica desta espécie no Brasil, havendo apenas indicativos de sua ocorrência na região amazônica ao norte do rio Amazonas, o que dificulta a tomada de decisão quanto à identidade da espécie, bem como seu status de conservação no país. Durante os levantamentos populacionais de búfalo em duas unidades de conservação do Amapá em dezembro de 2007, obtivemos dois registros da ocorrência desta espécie. O primeiro deles é um crânio completo encontrado na estrada de chão que dá acesso à Base Aérea de Amapá, no município de Amapá (2°02'50"N 50°47'43"O), coletado pelos autores. Este crânio pertencia a um animal evidentemente caçado, e estava unido à pele completa e cascos, sem as demais partes ósseas. O segundo exemplar foi visualizado em vida livre na porção sudoeste da Reserva Biológica Lago do Piratuba (1°16'19"N 50°29'43"O) a partir de sobrevôo de helicóptero em baixa altitude, aproximadamente 100 metros do nível do solo, durante as contagens para estimativa populacional de búfalos na unidade de conservação. O relevo da região onde os dois registros foram obtidos é sujeito a inundações periódicas, com trechos permanentemente alagados e formado por planícies de sedimentos de origem mista, fluvial e marinha. A vegetação caracteriza-se por formações de vegetação aberta de transição lagunar e marinha, abrigando algumas manchas de Floresta Tropical Densa de planície aluvial, compreendendo a sub-região dos campos de planície do Amapá e a sub-região do litoral (manguezal). Outro exemplar, obtido em janeiro de 1984 durante uma viagem da Operação Rondon foi doado ao acervo da Coleção de Referência de Vertebrados do Pantanal (Embrapa Pantanal) em Corumbá, MS. A localidade deste registro é imprecisa, mas o exemplar é oriundo do estado do Amapá. Os presentes registros de ocorrência do cariacu no Amapá reforçam a distribuição da espécie no extremo norte do Brasil, contribuindo para o delineamento de futuros estudos taxonômicos e ações conservacionistas relacionadas à espécie.

Palavras-chave: Cariacu, REBIO Lago Piratuba, distribuição geográfica, nova ocorrência

Financiadores: FUNBIO. Apoio: Instituto Chico Mendes

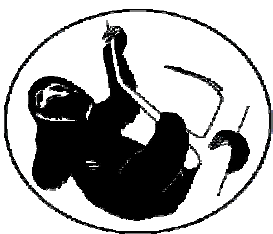
REVISÃO DA MORFOLOGIA DENTÁRIA EM *OZOTOCEROS BEZOARTICUS* (ODOCOILEINI: CERVIDAE: ARTIODACTYLA): VARIAÇÃO DO DESGASTE DENTÁRIO E CLASSE ETÁRIAS

Mariana Ribeiro Monteiro (Laboratório de Mastozoologia / UNIRIO / maribio_rj@hotmail.com)
Marco Aurélio Ferreira (Laboratório de Mastozoologia / UNIRIO)
Leonardo Santos Avilla (Laboratório de Mastozoologia / UNIRIO)

Área: Artiodactyla **Sub-Área:** Sistemática

Os cervídeos são ungulados ruminantes, popularmente conhecidos como cervos - distribuem-se por todos os continentes, exceto Antártida. Os cervos da América do sul formam uma linhagem monofilética incluída na Tribo Odocoileini. Pouco se sabe sobre a sistemática dos cervídeos Sul-americanos. Dessa forma, o Laboratório de Mastozoologia da UNIRIO propõe um programa de revisão sistemática para os Odocoileini da América do Sul. Nesta contribuição analisaram-se os padrões de variações de desgaste dentário em *Ozotoceros bezoarticus*. Foram conduzidos estudos de reconhecimento de caracteres qualitativos em 21 exemplares de mandíbulas de *O. beozarticus* depositados no Museu Nacional/UFRJ. Os caracteres reconhecidos são: visualização oclusal do mesioestilídeo; formato das cúspides linguais; fusionamento das cristas; individualização dos entoestilídeos; presença do ectoestilídeo-l; presença do neoectoestilídeo; formato das fossas do trigonido e do talonido. Além disso, baseados na literatura corrente, reconheceram-se 7 classes etárias para esta espécie, desde 6 meses até 7 anos e meio. Contudo, ao se confrontar os caracteres qualitativos aqui levantados com as classes etárias, observaram-se a ausência de um padrão de variação de desgaste para algumas classes. Pretende-se aumentar a amostragem para que possamos definir se os caracteres qualitativos reconhecidos são variações de desgaste dentário (presença de padrão) ou variações individuais (ausência de padrão).

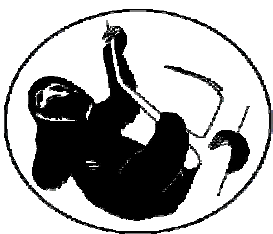
Palavras-chave: Cervidae, América do Sul, desgaste dentário, classe etária

Financiadores: FAPERJ, UNIRIO

RESPOSTA COMPORTAMENTAL DE *CHRYSOCYON BRACHYURUS* AO ENRIQUECIMENTO ESTIMULATÓRIO-SENSORIAL EM CATIVEIRO

Giselle Bastos Alves (Instituto de Biologia / UFU / gbastosalves@yahoo.com.br)
Celine Melo (Instituto de Biologia / UFU)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Comportamento

O enriquecimento estimulatório-sensorial é uma técnica de manejo que busca ampliar a qualidade de vida dos animais cativos através da oferta de estímulos ambientais necessários para que eles alcancem o bem estar psíquico e fisiológico. *Chrysocyon brachyurus* (lobo-guará), freqüentemente encontrado em zoológicos, necessita de projetos de conservação e enriquecimento, por estar listado entre as espécies ameaçadas de extinção no Brasil na categoria Vulnerável. O objetivo do trabalho foi verificar a resposta comportamental de *C. brachyurus* em cativeiro quando submetido a enriquecimento estimulatório-sensorial. A coleta de dados foi realizada no Zoológico do Parque do Sabiá (Uberlândia, MG), onde há um casal de lobos-guarás. Cada espécime foi avaliado para traçar o perfil individual e os comportamentos foram registrados utilizando o método do animal focal, em intervalos de 30 segundos. O método totalizou 50 horas de observações, sendo 30 horas na fase de pré-enriquecimento (PE), 15 horas de enriquecimento estimulatório-sensorial (EES) e 5 horas de pós-enriquecimento (PE). Para a fase de enriquecimento foram utilizados estímulos como: bola, ossos defumados e côco verde com carne no interior. A fase de pós-enriquecimento foi utilizada para verificar a eficiência da etapa anterior. Foi calculado o Índice de similaridade de Jaccard, para comparar o repertório comportamental entre os indivíduos, e o Índice de Homogeneidade de Pielou, para verificar a homogeneidade dos comportamentos em cada fase. Foram observados 66 comportamentos reagrupados em 16 categorias comportamentais. A similaridade comportamental dos indivíduos foi de 0,67 no pré-enriquecimento e durante o enriquecimento foi elevada para 0,71. A homogeneidade da fêmea (PE=0,61; EES=0,61 e PE=0,77) foi maior que a do macho (PE=0,44; EES=0,58 e PE=0,54) nas três etapas, no entanto para o macho a homogeneidade foi aumentada no EES, o que pode ser considerado um efeito indireto do enriquecimento. De modo geral, ambos os indivíduos permaneceram a maior parte do dia inativos realizando os comportamentos descansar, alerta/agonístico e permanecer fora da área de visão. Descansar aparecer com a maior freqüência era esperado, devido a espécie possuir hábito crepuscular-noturno. Quando estavam em atividade, seus principais comportamentos foram: locomover, explorar, urinar/defecar, “pacing” e enriquecimento. Os animais apresentaram interesse por todos os estímulos oferecidos e tiveram inatividade e “pacing” reduzidos, o que demonstra a efetividade do enriquecimento, que tinha o intuito de estimular o forrageio e aumentar a atividade dos animais.

Palavras-chave: lobo-guará, zoológicos, estímulos, “pacing”

COMPORTAMENTO DE CORTE EM ONÇAS-PINTADAS NO PANTANAL DO MATO GROSSO DO SUL

Caroline Leuchtenberger (UFMS, PPG Ecologia e Conservação, caroleucht@gmail.com)
Peter Crawshaw (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade)
Guilherme Mourão (Laboratório de Vida Selvagem, Embrapa/Pantanal)

Área: Carnivora **Sub-Área**: Comportamento

Onças-pintadas são felinos tidos como solitários. Acredita-se que o contato entre sexos seja limitado ao período em que as fêmeas estão receptivas ao macho ou quando elas estão cuidando de seus filhotes, que permanecem junto à mãe até 1,5-2 anos de idade. A maioria das informações sobre a reprodução de *Panthera onca* é de cativeiro ou de relatos de caçadores e pouco se sabe sobre o comportamento reprodutivo desta espécie na natureza. No dia 20 de setembro de 2007 às 17h05min, observamos um casal de onças-pintadas durante 28 minutos em ritual de corte nas margens do Rio Vermelho, Pantanal do Mato Grosso do Sul. O macho seguiu persistentemente a fêmea durante todo o tempo de observação, tentando se aproximar repetidas vezes. No entanto, a fêmea parecia não estar receptiva, repelindo as tentativas do macho com vocalizações de baixa freqüência, em cinco ocasiões, que duraram em média 2s. Em dois momentos, a fêmea se deitou de costas em frente ao macho, enquanto que o mesmo mantinha uma distância de aproximadamente 1m. Durante nossas observações, o macho marcou a vegetação repetidas vezes. Em dois momentos, borrifou urina em arbustos, erguendo o rabo verticalmente e direcionando a região anal para a vegetação; em outra situação, urinou e rolou no chão esfregando as costas sobre a urina e depois esfregou o corpo em um arbusto. O comportamento de corte observado neste episódio se assemelha ao observado para outras espécies de felinos do gênero *Panthera* e a relatos de caçadores na Venezuela em 1981. Além disso, outras observações, relatadas por pesquisadores, em que casais de onças-pintadas foram vistos juntos podem indicar um grau maior de socialidade do que previamente tem se atribuído à espécie.

Palavras-chave: socialidade, reprodução, *Panthera onca*

Financiadores: CAPES, CNPQ/Peld, UFMS, Embrapa/Pantanal

EFEITO DO ENRIQUECIMENTO AMBIENTAL SOBRE O COMPORTAMENTO ESTEREOTIPADO DE PEQUENOS FELINOS CATIVOS DO CENTRO DE BIODIVERSIDADE DA USIPA EM IPATINGA/MG

Priscila Soares Silva Lana (UnilesteMG / lana06@pop.com.br)
Mariana Machado Neves (UnilesteMG)
Daniela Chaves Resende (UnilesteMG)
Larissa Pires Barbosa (PRODOC, UFBA)
Michele Oliveira Santos (UnilesteMG)
Vanessa Mendes Martins (UnilesteMG)
Danielle de Paula Moreira (UnilesteMG)
Cláudia Diniz Pinto Coelho (CEBUS, USIPA)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Comportamento

As populações de felinos mantidos em cativeiro têm um papel importante na manutenção da variabilidade genética das espécies, sendo uma alternativa para minimizar as conseqüências da atual fragmentação de biomas. Porém, o ambiente cativo é uma fonte constante de estresse, causando diminuição da atividade reprodutiva dos animais, além de atingir negativamente sua saúde. A técnica de enriquecimento ambiental visa melhorar o bem-estar físico e psicológicos dos animais, através do uso de estímulos que tornem o cativeiro menos previsível e mais estimulante. O objetivo deste trabalho foi avaliar o efeito do enriquecimento ambiental sobre o comportamento estereotipado apresentado por felinos das espécies jaguarundi (*Herpailurus yagouaroundi*) e jaguatirica (*Leopardus pardalis*), utilizando estímulos físico e sensitivo, residentes no Centro de Biodiversidade (CEBUS) da USIPA em Ipatinga-MG. Avaliou-se um casal de cada espécie citada anteriormente no período de outubro de 2006 a janeiro de 2007, quatro vezes por semana, no período das 16 as18hs, sendo gastos 20min por animal, utilizando a técnica de amostragem focal e contínua. O período experimental foi dividido em três etapas, sendo a primeira e a terceira contemplando as observações do comportamento sem a presença do enriquecimento, sendo a segunda etapa englobando o uso de estímulos físicos, como tronco de árvore e grama, e sensitivo, como essências de eucalipto e canela, agrupados em quatro grupos experimentais, distribuídos de forma aleatória nos dias da semana: I) sem enriquecimento; II) enriquecimento com estímulo físico; III) enriquecimento com estímulo sensitivo; IV) enriquecimento com estímulos físico e sensitivo simultaneamente. Submeteu-se os resultados ao teste estatístico de Kruskall Wallis, utilizando-se como teste a posteriori o teste U de Mann-Whitney. O comportamento estereotipado não sofreu alteração em função do sexo e dos tipos de materiais utilizados no enriquecimento ($p>0,05$). O jaguarundi apresentou maior tempo gasto com esse comportamento na primeira etapa, quando comparada com a segunda e terceira etapas ($p<0,05$), as quais não apresentaram diferenças entre si ($p>0,05$). Ambas as espécies apresentaram diferenças estatisticamente significativas quanto à resposta ao estímulo utilizado, sendo o estímulo físico mais eficaz no enriquecimento ambiental, quando associado ao estímulo sensitivo, na redução do tempo gasto com o comportamento estereotipado. Quando utilizados isolados, estes estímulos não apresentaram efeito sobre a estereotipia ($p>0,05$). Pode-se concluir que o enriquecimento ambiental foi eficaz na redução do comportamento estereotipado quando utilizados dois estímulos associados, o físico e o sensitivo.

Palavras-chave: Cativeiro, *Leopardus pardalis*, *Herpailurus yagouaroundi*

CBMz

CARACTERIZAÇÃO COMPORTAMENTAL DO FELINO CATIVO JAGUARUNDI (*HERPAILURUS YAGOUAROUNDI*) EM RESPOSTA AOS ESTÍMULOS FÍSICOS E SENSORIAIS

Priscila Soares Silva Lana (UnilesteMG / lana06@pop.com.br)
Mariana Machado Neves (UnilesteMG)
Daniela Chaves Resende (UnilesteMG)
Larissa Pires Barbosa (PRODOC, UFBA)
Michele Oliveira Santos (UnilesteMG)
Vanessa Mendes Martins (UnilesteMG)
Danielle de Paula Moreira (UnilesteMG)
Cláudia Diniz Pinto Coelho (UnilesteMG)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Comportamento

Considerando-se que o cativeiro é uma fonte de estresse, o uso do enriquecimento ambiental torna-se uma prática importante, por melhorar o bem-estar físico e psicológico dos animais e tornar seus recintos menos previsíveis e mais estimulantes, além de educativos para o público. O jaguarundi é um pequeno felino solitário, presente na fauna brasileira, habitando desde florestas secundárias até capoeiras. O objetivo deste trabalho foi avaliar o comportamento do jaguarundi (*Herpailurus yagouaroundi*) frente ao enriquecimento ambiental, utilizando estímulos sensoriais e físicos. Avaliou-se um casal de jaguarundi quanto ao seu comportamento no Centro de Biodiversidade da USIPA (CEBUS) em Ipatinga/MG, quatro dias/semana e 20 minutos por animal, das 16h às 18h, utilizando a técnica de amostragem focal e contínua, de outubro de 2006 a janeiro de 2007. O período experimental foi dividido em três etapas, sendo a primeira e a terceira contemplando as observações sem a presença do enriquecimento, e a segunda com a introdução de estímulos físicos (tronco ou grama) e sensoriais (essência de canela ou eucalipto) em quatro tratamentos distintos, distribuídos de forma aleatória na semana: I) sem enriquecimento; II) enriquecimento com estímulo físico; III) enriquecimento com estímulo sensorial; IV) com estímulos físicos e sensoriais simultaneamente. Os dados obtidos foram submetidos à análise de variância (ANOVA) e Kruskall-Wallis, tendo como unidade amostral o dia de observação. Foram observados 15 tipos de comportamentos agrupados em categorias de acordo com o etograma. Observou-se que o fator sexo do animal não influenciou o comportamento durante o período experimental e a reação dos mesmos frente aos estímulos. O tempo gasto pelos animais com comportamentos estereotipados, durante o período experimental foi maior antes da introdução dos materiais de enriquecimento que nas demais etapas. Durante o enriquecimento ambiental, observou-se que os estímulos físicos e sensoriais, quando usados separadamente, não apresentaram efeitos sobre este comportamento, diferente do observado quando associados. Na presença do estímulo sensorial, o estímulo físico atuou positivamente sobre o comportamento, independente do material utilizado. O tempo médio em que os animais permaneceram inativos não foi alterado pelo estímulo físico, ao contrário do observado para o estímulo sensorial que foi eficaz em reduzir o tempo despendido a este comportamento, ocorrendo o inverso com a alimentação. Concluiu-se que os animais responderam positivamente a introdução do enriquecimento, visto a diminuição do tempo médio gasto com comportamentos anormais, permitindo ao animal expressar outras atividades importantes para seu bem-estar.

Palavras-chave: Cativeiro, comportamento, enriquecimento ambiental

ESTUDO DO COMPORTAMENTO DE UM QUATI (*NASUA NASUA*) EM AMBIENTE ENRIQUECIDO

Vinícius Herold Dornelas e Silva (Universidade Federal de Viçosa / UFV)
Tarcízio Antônio Rego de Paula (Universidade Federal de Viçosa / UFV / tarcizio@ufv.br)
Thais de Faria e Sousa Lopes Trindade (Universidade F. de Viçosa / UFV)
Thyara de Deco Souza (Universidade Federal de Viçosa / UFV)
Filipe Tavares Carneiro (Universidade Federal de Viçosa / UFV)
Alice dos Santos Ribeiro (Universidade Federal de Viçosa / UFV)
Alexandre de Oliveira Tavela (Universidade Federal de Viçosa / UFV)
Anna Maria Cotta e Oliveira (Universidade Federal de Viçosa / UFV)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Comportamento

A destruição acelerada de extensivas áreas de florestas nativas somada à forte pressão exercida pelo tráfico de animais silvestres resulta no crescente número de mamíferos atropelados, doentes ou apreendidos, entregues a instituições conservacionistas. O Centro de Triagem de Animais Silvestres da Universidade Federal de Viçosa (CETAS-UFV) é uma instituição vinculada ao IBAMA que tem por objetivo receber, tratar, reabilitar ou encaminhar a outras instituições animais vítimas da ação antrópica. Muitos destes animais, dentre eles o quati (*Nasua nasua*), permanecem por muito tempo em instituições transitórias devido à complexidade de exigências para sua reintrodução e quando esta não é possível, devido ao pouco interesse de instituições mantenedoras. Esta espécie possui hábito preferencialmente diurno, arborícola e onívora. Vivem em grandes grupos formados por fêmeas, filhotes e machos jovens. Machos adultos vivem sozinhos juntando-se ao grupo somente no período de acasalamento. Em cativeiro está susceptível ao estresse e ao mal estar psicológico devido ao ambiente pobre em estímulos. Com o objetivo de amenizar esse problema o CETAS-UFV realiza um trabalho de enriquecimento ambiental, que consiste na introdução de estímulos cognitivos, olfativos, alimentares e sensoriais de forma a deixar o recinto menos previsível e monótono e proporcionar aos animais desafios que lhes façam agir de modo semelhante ao de vida livre. O objetivo deste trabalho foi estudar as diferentes formas de interação com o ambiente enriquecido de um quati macho adulto. As anotações foram feitas pelo método de observação animal focal instantâneo com intervalo de 30 segundos. A partir da análise destes dados foi criado o etograma com os seguintes comportamentos: (L) lambendo; (Ta) quando estava de alguma forma manuseando o enriquecimento; (M) mordendo; (C) cheirando o enriquecimento; (Obs) observando; (Co) comendo o enriquecimento; (E) esfregando o enriquecimentono corpo; e (O) para outras interações que ocorreram em baixa frequência. O estudo totalizou 1520 minutos com 2570 observações. Destas verificou-se um total de 759 interações com enriquecimento (30% do tempo), sendo que 28% do tempo da interação foi de C; 20% de Co; 19% de Ta; 15% de O; 13% de L; 3% de M; 1,7% de E; e 0,3% de Obs. Com este trabalho podemos demonstrar que o enriquecimento diversifica o comportamento do animal em cativeiro, estimulando-o a exercer comportamentos naturais e reduzindo os estereotipados, durante o tempo em que o ambiente encontra-se enriquecido.

Palavras-chave: etologia, enriquecimento

TREINAMENTO DE QUATI (*NASUA NASUA*) POR MEIO DE CONDICIONAMENTO OPERANTE

Carla Maria Sassi de Miranda (CETAS-UFV - carlasassivet@yahoo.com.br)
Tarcizio Antonio Rego de Paula (CETAS-UFV)
Thyara de Deco Souza (CETAS-UFV)
Rosiane Portella de Miranda (CETAS-UFV)
Fernada de Fatima Rodrigues Silva (CETAS-UFV)
Thais de Faria Souza Lopes Trindade (CETAS-UFV)
Aysa Rodrigues de Oliveira (CETAS-UFV)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Comportamento

Atualmente é crescente o número de animais da fauna brasileira recebidos por centros conservacionistas em conseqüência do desmatamento de florestas e do tráfico de animais silvestres. A destinação de alguns animais, como o quati (Nasua nasua), apresenta grandes entraves devido as dificuldades de reintrodução e transferência para instituições mantenedoras, que se encontram com excessiva quantidade de indivíduos destas espécies. O emprego do condicionamento operante pode ser uma ferramenta valiosa no manejo diário de animais silvestres em cativeiro que não possam ser reintroduzidos. Este treinamento visa facilitar o trabalho de médicos veterinários e biólogos nos procedimentos de rotina, utilizando o condicionamento para que, o animal coopere com sua avaliação semiológica e tratamento clínico, evitando-se a necessidade de contenção física ou química para tal, que seria uma situação estressante. Sendo assim, o condicionamento contribui para o bem estar do animal em cativeiro. O objetivo do presente trabalho é relatar o emprego de técnicas de condicionamento operante em um quati macho adulto encaminhado ao CETAS-UFV (Centro de Triagem de Animais Silvestres da Universidade Federal de Viçosa-MG) há cinco anos. Inicialmente foi realizada habituação, para que o animal se acostumasse à presença do treinador e vice versa. Durante três dias, três vezes ao dia por cerca de trinta minutos, o treinador se aproximou gradativamente do animal, falando e se movimentando, para que houvesse habituação com sua voz e movimentos. No quarto dia, o treinamento foi iniciado com a apresentação do comando “bastão”. O animal obedeceu corretamente no quinto dia de treinamento à tarde, quando já acompanhava o bastão. No sétimo dia foi apresentado o comando “mão”, obedecido corretamente no décimo quarto dia, quando foi possível tocar e examinar adequadamente suas patas dianteiras. No décimo sexto dia foi apresentado o comando “barriga”, para realização da palpação abdominal e manipulação peniana, obtendo-se resultado no vigésimo quinto dia. Posteriormente o animal foi guiado a uma cesta presente no recinto, e a partir dessa etapa foi possível realizar seu exame físico completo. Os treinamentos sempre iniciavam com o último comando ensinado e terminavam com o comando “bastão” seguido da entrega de uma banana inteira como recompensa. O emprego do condicionamento fez com que o animal confiasse nas pessoas envolvidas no seu manejo e cooperasse em procedimentos, reduzindo a necessidade de contenção física ou química. As técnicas utilizadas, portanto, contribuíram para o bem estar físico e psicológico do animal, e conseqüentemente houve redução de seu comportamento estereotipado.

Palavras-chave: *Nasua nasua*, bem estar animal, condicionamento operante

ESTUDO COMPORTAMENTAL DE LOBO GUARÁ (*CHRYSOCYON BRACHYURUS*) EM CATIVEIRO

Guilherme de Sousa Camponêz (Centro de Ciências Biológicas / UFV / gscrad@yahoo.com.br)
Marcos Vinícius Rodrigues (Departamento de Veterinária / UFV)
Tarcísio Souza Duarte (Centro de Ciências Biológicas / UFV)
Vinícius Herold Dornelas e Silva (Departamento de Veterinária / UFV)
Fernanda de Fátima Rodrigues da Silva (Centro de Ciências Biológicas / UFV)
Tarcísio Antônio Rêgo de Paula (Depto. Veterinária, Coord. técnico do CETAS / UFV)

Área: Carnivora **Sub-Área**: Comportamento

O estudo de aspectos comportamentais em espécies silvestres é uma ferramenta útil para a definição de estratégias conservacionistas, sobretudo naquelas que apresentam algum grau de ameaça de extinção. O Lobo Guará é o maior canídeo da América latina, vive tipicamente no cerrado e floresta de arbustos, atualmente seu estado de conservação é considerado vulnerável pelo IBAMA. Por ser um animal de hábito solitário e territorialista, a redução significativa de seus habitats o torna vulnerável a conflitos com humanos. Neste sentido o Centro de Triagem de Animais Silvestres da Universidade Federal de Viçosa (CETAS-UFV) constantemente recebe Lobos Guará recolhidos vitimados por atropelamentos e mesmo capturados invadindo habitações humanas, sua reintrodução, quando possível, é custosa e muitas vezes demorada uma vez que vários aspectos devem ser considerados para tal, como: higidez, área adequada e rastreabilidade pós-soltura, assim, muitos destes animais permanecem períodos longos em cativeiro. Objetivando uma melhor forma de manejo, minimizando o estresse de cativeiro e avaliação para possível reintrodução, o presente trabalho propõe-se a estudar o comportamento de um Lobo Guará macho adulto mantido no CETAS-UFV através do método de animal focal. Para tal, confeccionou-se um ponto fixo com visão total do recinto de 100 m^2 onde um casal de Lobos Guará adultos são mantidos. As observações ocorreram no decorrer de dois meses, totalizando 120 horas, distribuídas no período da manhã (44 horas), da tarde (36h) e da noite (40h). Os principais comportamentos observados foram: Locomoção (andando pelo recinto, correndo) 35%; Repouso (deitado e dormindo) 51%; Interação Social (rosnando, brigando, perseguindo ou sendo perseguido) 2%; Movimento Estereotipado (andando de um lado para o outro) 4%; Interações Externas (observando pessoas e sons) 4%; Alimentação (alimento fornecido e capim) 3%; Interações com o Recinto (farejando, carregando galhos, marcando território com urina)1%. Pode-se observar que o animal passou maior parte do tempo inativo, e em atividades pouco diversificadas, provavelmente devido às condições pouco estimulantes do cativeiro. Neste sentido, a partir destas observações será proposto um programa de enriquecimento ambiental, também há indícios que o animal possa ser reintroduzido ou translocado para um ambiente natural.

Palavras-chave: Etologia, animal silvestre, CETAS

ENRIQUECIMENTO AMBIENTAL COM LOBO-GUARÁ (*CHRYSOCYON BRACHYURUS*) DESENVOLVIDO NO CENTRO TRIAGEM DE ANIMAIS SILVESTRES (CETAS-UFV)

Filipe Tavares Carneiro (Universidade Federal de Viçosa/UFV)
Augusto Renan Rocha Severo dos Santos (Universidade Federal de Viçosa/UFV)
Alice dos Santos Ribeiro (Universidade Federal de Viçosa/UFV)
Ingrid Bitencourt Bohnenberger (Universidade Federal de Viçosa/UFV)
Thyara de Deco Souza (Universidade Federal de Viçosa/UFV)
Thais de Faria e Sousa Lopes Trindade (Universidade Federal de Viçosa/UFV)
Tarcízio Antônio Rego de Paula (Universidade Federal de Viçosa / UFV / tarcizio@ufv.br)
Vinícius Herold Dornelas e Silva (Universidade Federal de Viçosa/UFV)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Comportamento

O CETAS-UFV é um órgão institucional que atua junto ao IBAMA e Polícia Ambiental recebendo, tratando, reabilitando e destinando animais da fauna silvestre. Muitos destes animais permanecem por muito tempo em instituições transitórias devido à complexidade de exigências para sua reintrodução e quando esta não é possível, devido ao pouco interesse de instituições mantenedoras em recebê-los. Lobos-guará (*Chrysocyon brachyurus*) são freqüentemente recebidos pelo CETAS-UFV especialmente em decorrência de atropelamentos e capturas, quando são encontrados em centros urbanos. Esta espécie encontra-se na Lista Nacional das Espécies da Fauna Brasileira Ameaçadas de Extinção como vulnerável. Os lobos-guará são onívoros e alimentam-se basicamente de pequenos vertebrados e frutos. São animais de hábito crepuscular, solitários e bastante territorialistas. Em cativeiro, devido à carência de estímulos, passam boa parte do período inativos ou mesmo exibindo comportamentos anormais ou estereotipados. Com o objetivo de aumentar a complexidade do ambiente e a atividade diária dos animais e conseqüentemente reduzir o diestresse, a equipe do CETAS-UFV realiza Enriquecimentos Ambientais, com a introdução de estímulos cognitivos, alimentares e/ou sensoriais. O objetivo do presente trabalho foi estudar as diferentes formas de interação com o ambiente enriquecido de uma loba-guará fêmea adulta. A metodologia utilizada para as análises foi animal focal instantâneo, com anotações a cada 30 segundos. Foram avaliados os tipos de interação com o enriquecimento e elaborado um etograma para os comportamentos: lambendo o enriquecimento (L); manuseando o enriquecimento (T); mordendo o enriquecimento (M); comendo o enriquecimento (Co); cheirando o enriquecimento (Ch); observando o enriquecimento (Obs); interagindo (explorando/utilizando) com ambiente enriquecido (Ia); e outros (O), para interações que ocorreram em baixa freqüência. O animal interagiu com o enriquecimento 28% do tempo (450 observações), sendo que 36,89% deste tempo foi de Ia; 16% de Ch; 12% de M; 10,44% de T; 9,33% de L; 8,67% de Co; 5,33% de Obs; e 1,34% de O. Com este trabalho, pôde-se constatar que o enriquecimento ambiental proporciona ao animal a oportunidade de diversificar seu comportamento, estimulando-o a exercer comportamentos naturais e reduzindo os estereotipados, durante o tempo em que o animal encontra-se em ambiente enriquecido.

Palavras-chave: enriquecimento ambiental, *Chrysocyon brachyurus*, lobo-guará, etograma

PREDAÇÃO DE PEQUENOS MAMÍFEROS EM ARMADILHAS DE CAPTURA-VIVA POR *LEOPARDUS PARDALIS* (LINNAEUS, 1758) EM UMA ÁREA DE REMANESCENTE DE MATA ATLÂNTICA NO BAIXO SUL DO ESTADO DA BAHIA, BRASIL

Jorge Nei Silva de Freitas (ERM do Brasil LTDA / jnsfreitas02@yahoo.com.br)
Arlindo Silva Neto (ERM do Brasil)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Comportamento

Um dos principais problemas enfrentados pelos mastozoólogos de pequenos mamíferos é a perda dos animais capturados durante trabalho de campo. Dentre os diversos fatores causais está a predação aos animais capturados nas armadilhas que tem grande relevância, por provocar baixas nos dados pesquisados. Este trabalho versa sobre o registro de predação de pequenos mamíferos em armadilhas de captura-viva (live-traps) durante a execução do programa de monitoramento de fauna no ano de 2008, pela ERM do Brasil LTDA para o Campo Manati/PETROBRAS S.A, na região de Camassandi, Município de Jaguaripe, Estado da Bahia. Durante o monitoramento de pequenos mamíferos foram constatados ataques aos animais capturados com perdas em 100% dos casos. Para identificar o suposto predador, foi instalada uma armadilha-fotográfica em frente às duas armadilhas que apresentaram o maior número de ataques. Após três dias de exposição em cada uma, foi constatada a presença de um indivíduo adulto de jaguatirica (*Leopardus pardalis*) no momento em que realizava os ataques. Além disso, foi detectado que as armadilhas foram visitadas num mesmo período da noite e que mais de uma armadilha foi visitada na mesma área. Este trabalho sugere que a jaguatirica foi o predador responsável pelos ataques aos pequenos mamíferos em armadilhas na área estudada de Mata Atlântica no Baixo Sul da Bahia e que dentre outras espécies de carnívoros, esta espécie é um predador com grande potencial de ataque de animais capturados em armadilhas.

Palavras-chave: Ataque, Pequenos mamíferos, Jaguatirica, Armadilha-fotográfica

Financiadores: ERM do Brasil LTDA, PETROBRAS S.A.

INFLUÊNCIA ANTRÓPICA SOBRE A ÁREA DE USO, PADRÃO DE ATIVIDADE E POTENCIAL DISPERSOR DE SEMENTES EM DOIS GRUPOS DE CACHORRO-DO-MATO, *CERDOCYON THOUS* NO PARQUE ESTADUAL ILHA DO CARDOSO, SP

Eduardo Nakano-Oliveira (Instituto de Pesquisas Cananéia / IPeC / edunakano@yahoo.com)
Emygdio Monteiro-Filho (Instituto de Pesquisas Cananéia / IPeC)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Comportamento

Os mamíferos carnívoros geralmente ocorrem em baixas densidades e apresentam hábitos crepusculares ou noturnos sendo, portanto raramente avistados em seu ambiente natural. Além da dificuldade de estudos baseados em observação direta, a necessidade de coleta de dados mais detalhados do que os obtidos através de vestígios implicam na utilização de técnicas como a rádio-telemetria, onde os animais são capturados e equipados com um rádio-transmissor. Essa técnica permite que os animais sejam seguidos à distância fornecendo informações sobre a ecologia e o comportamento de populações silvestres, sem que o pesquisador esteja obrigatoriamente em contato com os indivíduos estudados. Assim, neste estudo, através da técnica de rádio-telemetria, são apresentados dados sobre a atividade diária e área de vida de dois grupos de cachorros-do-mato, *Cerdocyon thous* aparentemente sem contato entre si além de informações sobre as alterações comportamentais causadas pela influência antrópica em um dos grupos com implicações em seu potencial dispersor de sementes. Foram capturados sete cachorros-do-mato no Parque Estadual Ilha do Cardoso (PEIC), litoral sul do estado de São Paulo, sendo três (dois machos e uma fêmea) próximos a áreas com interferência antrópica e quatro (três machos e uma fêmea) em áreas mais isoladas, onde a presença humana era muito reduzida ou nula, sendo portanto considerado o grupo controle do experimento. Os resultados demonstraram que os indivíduos do grupo controle apresentaram hábitos predominantemente crepusculares e noturnos, forragearam por períodos maiores e utilizaram áreas maiores que os indivíduos do grupo antrópico, que por sua vez apresentaram atividade diária bastante reduzida e freqüentam regularmente o núcleo administrativo do PEIC. Ao procurarem por alimento na área de compostagem e nas lixeiras, os indivíduos do grupo antrópico reduziam a procura por frutos nativos e a distância diária percorrida o que pode estar interferindo em seu potencial dispersor de sementes.

Palavras-chave: rádio-telemetria, interferência antrópica, dispersão de sementes, cach

Financiadores: The Nature Conservancy do Brasil, TNC; Fundação O Boticário de Proteção à Natureza, FBPN

AVALIAÇÃO DA REOCUPAÇÃO DE CURSOS D'ÁGUA POR ARIRANHAS (*PTERONURA BRASILIENSIS*) NA RESERVA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL AMANÃ, AMAZONAS

Danielle Lima (PPGBio / UNIFAP e Projeto Onças D'água / limadanielle@terra.com.br)
Miriam Marmontel (Projeto Onças D'água / Instituto Mamirauá)
Jorge Calvimontes (Projeto Onças D'água / Instituto Mamirauá)
Daniel Brito (Conservation International)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Conservação

O conhecimento com relação à ariranha (*Pteronura brasiliensis*) no Brasil apresenta lacunas. Pesquisas ecológicas de longo prazo têm sido efetivamente desenvolvidas no Pantanal, contrastando com o histórico recente na Amazônia brasileira. Conseqüentemente, as informações sobre a espécie nesta região ainda são escassas. A Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã (RDSA) representa uma das áreas na Amazônia onde a ariranha tem sido alvo de pesquisas. Historicamente a espécie era evidente nos igarapés de terra-firme do lago Amanã; entretanto, a caça resultou no seu desaparecimento por quase 30 anos. Somente a partir de 2000 surgiram relatos sobre esporádicas avistagens. Motivado por tais informações e visando ampliar o conhecimento sobre a espécie no Brasil, realizou-se em 2003 um levantamento distribucional na RDSA. Foram executadas incursões fluviais nos 13 igarapés do entorno do lago, empregando-se uma metodologia padronizada para identificar a ocorrência da espécie. Os cursos d'água foram amostrados até o máximo trecho navegável na estação de seca, facilitando a localização de indícios. A presença de ariranhas foi documentada apenas nos igarapés da cabeceira do lago (n = 4), sendo observado um animal e 52 indícios ao longo de 149 km percorridos. A partir de então foi implantado um monitoramento mensal destas áreas, visando conhecer a utilização do hábitat pela espécie e acompanhar mudanças populacionais. Informações sobre deslocamento de ariranhas no lago e em outros igarapés do entorno foram obtidas de moradores nos anos consecutivos. Em 2007 foi realizado um segundo levantamento, objetivando avaliar a reocupação do sistema Amanã. Foram localizados vestígios de ariranhas em outros quatro igarapés, totalizando oito cursos d'água com ocorrência confirmada. Os trechos percorridos somaram 237 km, sendo avistados 8 grupos (44 indivíduos) e 263 indícios. Observou-se que em quatro anos houve um avanço de 36 km em direção à desembocadura do lago e expressiva reocupação de áreas de ocorrência histórica da espécie no sistema Amanã. Os primeiros indivíduos podem ter chegado à região por conexões entre os igarapés da cabeceira e os rios Japurá e/ou Negro. O fato da reocupação dos cursos d'água ter ocorrido no sentido cabeceira-desembocadura do lago reforça esta hipótese. A manutenção da população e a expansão de áreas de uso é uma evidência de que a espécie tem encontrado condições favoráveis para sua sobrevivência no entorno do lago Amanã. É prioritário que estudos similares sejam replicados de forma a gerar informações para a avaliação do estado de conservação de ariranhas na bacia amazônica.

Palavras-chave: *Pteronura brasiliensis*, distribuição, expansão, Amazônia, conservação

Financiadores: FEPIM-IDSM, Programa Petrobras Ambiental, FIDESA, BECA-IEB/Fundação Moore, CNPq.

FREQUÊNCIA DE OCORRÊNCIA DE MAMÍFEROS CARNÍVOROS NO PARQUE NACIONAL DA SERRA DO ITAJAÍ, SC

Vanessa Corrêa (Laboratório de Biologia Animal / FURB / vanessablubio@hotmail.com)
Cíntia Gizele Gruener (Associ. Catarinense de Preserv da Natureza - ACAPRENA)
Sérgio Luiz Althoff (Laboratório de Biologia Animal / FURB)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Conservação

Comunidades intactas de mamíferos são geralmente raras devido à destruição de seus hábitats naturais e forte pressão de caça, sendo poucos os estudos sobre sua comunidade de maior porte em remanescentes de Floresta Atlântica no sul do Brasil, principalmente envolvendo carnívoros. O Parque Nacional da Serra do Itajaí (PNSI) possui 28 espécies de mamíferos de médio e grande porte e dentre estes 11 são pertencentes à ordem Carnívora, com 40% das espécies ameaçadas de extinção. Para tanto se buscou verificar quais espécies de carnívoros e com que freqüência utilizam uma estrada interna do PNSI. A área de estudo insere-se no PNSI, sendo denominada Parque Natural Municipal Nascentes do Garcia, Santa Catarina. A região abrange uma topografia acidentada, coberta por Floresta Ombrófila Densa. A análise da ocorrência dos carnívoros ocorreu mediante registros de seus vestígios e visualização direta, havendo posterior plotagem dos dados em um mapa da área, definindo as áreas de maior e menor freqüência de ocorrência. Os vestígios (pegadas, fezes, carreiros) foram fotografados e identificados em campo ou analisados posteriormente. As atividades de campo ocorreram entre os meses de agosto de 2007 e abril de 2008. As campanhas foram realizadas mensalmente, sempre no período diurno, percorrendo uma antiga estrada de madeireiros que atravessa o parque, com uma extensão de 25 km. As espécies registradas foram *Leopardus* sp., representando 41% dos registros, seguido de *Procyon cancrivorus* com 23%, *Cerdocyon thous*, 19%, *Nasua nasua*, 5%, *Puma concolor*, 4%, *Lontra longicaudis*, 3%, *Leopardus pardalis*, 2%. *Conepatus chinga*, *Eira barbara* e *Galictis cuja* apresentaram 1% dos registros, respectivamente. As espécies *C. thous* e *P. cancrivorus* aparentemente se importam menos com a presença humana e apareceram também em áreas habitadas, a 100 metros da Sede do Parque. Em contrapartida, a maior freqüência de registros ocorreu entre as regiões denominadas Terceira Vargem e Sede, uma vez que nessa área possivelmente há menor registro de caça. *L. longicaudis* foi registrada somente nas áreas próximas a riachos. *P. concolor* e *N. nasua* foram os que mantiveram maiores distâncias das áreas habitadas. Os resultados apontam uma utilização considerável da área de estudo, uma vez que espécies de carnívoros ocorrem com baixas freqüências. Neste estudo foi efetuado o primeiro registro de *Conepatus chinga* aumentando assim a riqueza do PNSI. Os resultados reforçam a importância da área, para a manutenção dos carnívoros por sua qualidade ambiental.

Palavras-chave: mamíferos, carnívoros, Floresta Atlântica, Santa Catarina

REGISTRO DE CACHORRO-DO-MATO-DE-ORELHA-CURTA *ATELOCYNUS MICROTIS* EM FLORESTA DE TRANSIÇÃO AMAZÔNIA-CERRADO, QUERÊNCIA, MT

Paulo Guilherme Pinheiro dos Santos (Lab. Zoologia de Vertebrados, ICB, UFPA. pauloguilhermez@yahoo.com.br)
Arlindo Pinto de Souza Jr. (Lab. Zoologia de Vertebrados, ICB, UFPA)
Oswaldo de Carvalho Jr. (Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia - IPAM)
Ana Cristina Mendes de Oliveira (Lab. de Zoologia de Vertebrados, ICB, UFPA)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Conservação

Atelocynus microtis é uma espécie de canídeo sul americano com distribuição geográfica na bacia amazônica, ocorrendo na Colômbia, Equador, Peru, Bolívia e Brasil. No Brasil encontra-se somente no Bioma Amazônico, ao sul do Rio Amazonas, nos estados do Amazonas, Acre, Rondônia, Pará e Mato Grosso. Apesar de sua ampla distribuição, registros deste animal são pouco comuns nas áreas onde ocorrem. Possuem hábito solitário; são diurnos e noturnos, possuindo uma dieta onívora, consumindo frutos, pequenos roedores, aves, répteis, anuros, peixes, crustáceos e insetos. Apesar do IBAMA não citar esta espécie na lista da fauna brasileira ameaçada de extinção, a IUCN classifica-o na categoria deficiente em dados. Em março de 2007, foi encontrado um espécime de *Atelocynus microtis* atropelado, em uma das estradas da fazenda Tanguro (12°53'39.84" S e 52°22'23.75" W), que se localiza no município de Querência, nordeste de Mato Grosso. O exemplar em questão é um macho, apresentando os seguintes dados biométricos: focinho à base da cauda: 825 mm; cauda: 345 mm; pé: 135 mm; orelha: 75 mm; comprimento total: 1170 mm; peso corporal: 7.250 g. A pele taxidermizada e o crânio do exemplar estão depositados na coleção de mamíferos da Universidade Federal do Pará sob o registro FT-189. Os registros bibliográficos para esta espécie citam sua ocorrência em áreas preservadas de floresta contínua, no entanto, nossas observações mostram a espécie utilizando áreas abertas próximas a áreas de floresta.

Palavras-chave: Canídeo sul-americano, Reserva Legal, Fazenda Tanguro

Financiadores: IPAM; CNPq / PPG7

USO DE CÃES FAREJADORES NA LOCALIZAÇÃO DE FEZES DE ONÇA-PINTADA (*PANTHERA ONCA*) E ONÇA-PARDA (*PUMA CONCOLOR*) NA REGIÃO DO PANTANAL E AMAZÔNIA

Raphael Lucas Martins de Almeida (Instituto Onça-Pintada / raphael.almeida@jaguar.org.br)
Anah Tereza de Almeida Jácomo (Instituto Onça-Pintada)
Eduardo de Freitas Ramos (Instituto Onça-Pintada)
Grasiela Edith de Oliveira Porfírio (Instituto Onça-Pintada)
Mariana Malzoni Furtado (Instituto Onça-Pintada)
Natália Mundim Tôrres (Instituto Onça-Pintada)
Rahel Sollmann (Instituto Onça-Pintada)
Leandro Silveira (Instituto Onça-Pintada)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Conservação

Grandes felinos, como a onça-pintada e a onça-parda, que apresentam baixas densidades populacionais e exigem extensas áreas para sua sobrevivência, implicam em dificuldades nos estudos em vida livre. A coleta de fezes na natureza como método não-invasivo vem sendo utilizada como uma ferramenta de estudo para a conservação destas espécies, fornecendo informações sobre os parâmetros ecológicos, sanitários e genéticos, sendo que o uso de cães farejadores na localização das fezes permite um incremento na coleta de dados. O objetivo deste estudo foi quantificar e comparar a habilidade de cães farejadores na localização de fezes de onça-pintada e onça-parda em dois biomas diferentes: Amazônia, compreendendo a região do Parque Estadual do Cantão/TO-PA e Pantanal, compreendendo o Refúgio Ecológico Caiman/MS. A técnica adotada envolveu uma equipe composta por um condutor, um cão e um assistente que percorreram transectos através de estradas não pavimentadas, trilhas e em meio à vegetação. Na Amazônia realizou-se um esforço de 17 dias (junho/2007) com uma equipe, e no Pantanal um esforço de 26 dias (novembro/2007 e fevereiro/2008), com duas equipes. Percorreu-se no total 515,40 Km em 204,33 horas, resultando num total de 162 amostras coletadas (Amazônia: 188,10 Km em 78,20 horas e 61 amostras; Pantanal: 327,30 Km em 126,13 horas e 101 amostras), sendo que os transectos na Amazônia (N=17) apresentaram uma média de 11,06±3,55 Km que foram percorridos numa média de 4,60±1,20 horas e no Pantanal (N=43), apresentaram-se uma média de 7,61±3,12 Km que foram percorridos numa média de 2,93±0,99 horas. No entanto, através da análise de correlação de Pearson, o número de amostras coletadas não esteve correlacionado com a distância percorrida (Amazônia: r=-0,0440; p=0,8666; Pantanal: r=0,1915; p=0,2185). Para efeito de comparação dos dados, calculou-se um "Índice de Coleta" dividindo-se a quantidade de fezes coletada pela distância percorrida em cada transecto, obtendo-se uma média de 0,36±0,28 fezes/Km percorrido (N=17) na Amazônia e 0,31±0,44 fezes/Km percorrido (N=43) no Pantanal. No entanto, não houve diferença significativa entre as médias (t=0,449; gl=58; p=0,654). Comparando-se a eficiência entre os dois cães utilizados no Pantanal, obteve-se uma diferença significativa entre as médias (t=2,503; gl=31,73; p=0,017) que foram 0,45±0,52 fezes/Km percorrido (N=23) e 0,15±0,24 fezes/Km percorrido (N=20). Fatores ambientais (temperatura, umidade, vento, topografia e tipo de cobertura vegetal) e a experiência do cão, são variáveis que podem afetar a eficácia das localizações. No entanto, este método ainda mostra-se bastante eficaz quando comparado com a coleta de fezes sem o auxílio de cães.

Palavras-chave: método não-invasivo, monitoramento de espécies ameaçadas

COMPOSIÇÃO DA DIETA DE *CHRYSOCYON BRACHYURUS* (LOBO-GUARÁ) – SUBSÍDIOS PARA A CONSERVAÇÃO DA ESPÉCIE NO PARQUE NACIONAL DAS EMAS, GOIÁS

Rosana Talita Braga (UFG - Campus Jataí / talitabraga88@gmail.com)
Carly Vynne (Department of Biology / University of Washington)
Paulo Vitor dos Santos Bernardo (UFG - Campus Jataí)
Hans Kuffner (Universidade de Cuiabá / MT)
Paulo Roberto Amaral (Analista Ambiental / Instituto Chico Mendes/AP)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Conservação

O Parque Nacional das Emas (PNE), localizado no extremo sudoeste de Goiás, com 132.000 ha, é uma importante área para conservação da biodiversidade, pois apresenta diversas fisionomias vegetais do bioma Cerrado e abriga espécies como o *Chrysocyon brachyurus* (lobo-guará), o maior canídeo silvestre da América do Sul, classificado pela IUCN (União Internacional para Conservação da Natureza) como quase ameaçado/baixo risco e pelo IBAMA como ameaçado de extinção (vulnerável) devido à perda de habitat. O objetivo do estudo foi analisar a composição da dieta de *C. brachyurus* no PNE por um período de dois anos através de um método não-intrusivo. Para isso foram utilizados cães farejadores que localizavam as fezes dos indivíduos dentro do Parque e nas paisagens antropizadas (lavouras de soja, milho, pastagens etc.) do entorno. O desenho experimental propôs grids nas diferentes paisagens, dentro dos quais, o cão foi conduzido e estimulado a procurar fezes da espécie-alvo, que foram identificadas seguindo um nível de confiança estabelecido pelo condutor, baseado no treinamento aplicado ao animal. Foram escolhidas vinte amostras aleatoriamente para extrair um resultado parcial, sendo 50% representativas do período de seca e 50% do período chuvoso. As amostras foram lavadas, peneiradas e colocadas para secar ao sol, facilitando o processo de análise das mesmas. A partir de vestígios nas amostras, verificou-se que a dieta é composta, no período chuvoso, de 50% de frutos, 20% de aves, 20% de mamíferos, 5% de insetos e 5% de répteis e, no período de seca, de 45% de frutos, 15% de aves, 40% de mamíferos e nenhum vestígio de insetos ou répteis. Devido ao pequeno número de amostras analisadas, ainda não é possível tirar conclusões exatas sobre a composição da dieta, porém pode-se afirmar que a espécie tem uma alimentação muito diversificada e apresenta indícios de oportunismo. A dieta influencia na conservação da espécie na região quando se consideram os ambientes em torno do Parque e a disponibilidade de alimentos para o *C. brachyurus*. O PNE encontra-se isolado de outras áreas típicas de Cerrado e isso, aliado à grande área de vida do *C. brachyurus*, aumenta o risco de extinção da espécie. Assim, a Unidade de Conservação não pode garantir por si só a proteção desses animais, mas espera-se que o estudo da dieta possa auxiliar na preservação do seu habitat natural, na avaliação de como estes espécimes estão usufruindo das áreas no entorno do Parque e conseqüentemente na sua conservação.

Palavras-chave: oportunismo, cães farejadores, dieta, lobo-guará

Financiadores: Morris Animal Foundation e National Science Foundation Graduate Fellowship

ECOLOGIA ALIMENTAR DA COMUNIDADE DE CARNÍVOROS (CARNIVORA: MAMMALIA) DA ILHA DE CANANÉIA, ILHA DO CARDOSO E ILHA COMPRIDA, LITORAL SUL DO ESTADO DE SÃO PAULO

Eduardo Nakano-Oliveira (Instituto de Pesquisas Cananéia / IPeC / edunakano@yahoo.com)
Emygdio Monteiro-Filho (Instituto de Pesquisas Cananéia / IPeC ; Universidade Federal do Paran)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Ecologia

O conhecimento sobre a ecologia alimentar é fundamental na elaboração de estratégias de conservação da fauna silvestre e seus respectivos habitats. A dieta de algumas espécies de mamíferos da Ordem carnívora é bastante conhecida, no entanto, os estudos que enfocam os hábitos alimentares de comunidades de carnívoros são escassos. Assim, esse trabalho teve o objetivo de gerar informações sobre a ecologia alimentar de três comunidades de carnívoros em três ilhas em diferentes estados de conservação: Ilha de Cananéia, Ilha Comprida e Ilha do Cardoso, litoral sul do Estado de São Paulo, através da análise de conteúdo fecal, apresentando os principais itens consumidos e as variações sazonais desses itens, além de comparar a amplitude de nicho e a sobreposição da dieta entre as espécies. Foram coletadas 348 fezes de mamíferos carnívoros. Destas, 98 pertenciam à Ilha de Cananéia e incluíram fezes de lontra (*Lontra longicaudis*), cachorro-do-mato (*Cerdocyon thous*), mão-pelada (*Procyon cancrivorous*), cachorro doméstico (*Canis familiaris*) e de gato doméstico (*Felis catus*). Na Ilha Comprida foram coletadas fezes de lontra, cachorro-do-mato, mão-pelada, onça-parda (*Puma concolor*), cachorro doméstico e gato doméstico, sendo que ao todo somaram 182 fezes. Na Ilha do Cardoso foram coletadas 159 amostras e incluíram fezes de lontra, cachorro-do-mato, mão-pelada, onça-parda, jaguatirica (*Leopardus pardalis*) e felídeo de pequeno porte (*Leopardus* sp). Os resultados obtidos demonstraram que todas as espécies estudadas apresentaram hábito oportunista, alimentando-se preferencialmente dos recursos mais abundantes em cada ilha e em cada período. Esse comportamento parece ser fundamental para o sucesso adaptativo dos mamíferos carnívoros. Porém, a facilidade de captura aparentemente também exerceu grande influência na escolha do alimento. Os felideos foram considerados os mais especialistas, sendo que *Puma concolor* apresentou os menores valores de amplitude de nicho alimentar e *Cerdocyon thous* foi considerada a espécie mais generalista apresentando os maiores valores de amplitude de nicho. Também foi detectado forte predação de *Canis familiaris* sobre animais silvestres indicando a possibilidade de competição direta por alimento com os carnívoros nativos.

Palavras-chave: dieta, comunidade de carnívoros, Mata Atlântica insular

Financiadores: The Nature Conservancy do Brasil, TNC; Fundação O Boticário de Proteção à Natureza, FBPN

COMPOSIÇÃO DE ESPÉCIES DE MUSTELÍDEOS (CARNIVORA; MUSTELIDAE) NA FLORESTA NACIONAL DE SÃO FRANCISCO DE PAULA, RS

Rosane Vera Marques (Unidade de Assessoramento Ambiental / DAT / MP - RS rvmarques@mp.rs.gov.br)
Fernando de Miranda Ramos (Eng. Eletric.)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Ecologia

Existem poucos dados sobre ecologia de mustelídeos silvestres em vida livre no Brasil, assim, há a necessidade de reunir informações sobre seus hábitos básicos com o objetivo de subsidiar a compreensão de padrões comportamentais em diferentes ecossistemas. A FLONA de São Francisco de Paula está localizada no nordeste do RS (entre 29°27' e 29°35'S; 50°08' e 50°15'W), em altitude média de 930m, apresentando área total de 1.606,7ha. A vegetação nativa está constituída por Floresta Ombrófila Mista (Mata com Araucárias), havendo também plantações de *Araucaria angustifolia*, *Pinus* sp e eucaliptos. O clima é subtropical úmido, com temperaturas médias entre -3°C e 18°C (mínima de -6,5C) para o inverno e inferiores a 22°C (máxima de 34°C) para o verão. Precipitação anual de 2240mm, sem ocorrência de período de seca. Desde março/ 1999, um trabalho de monitoramento de mamíferos de médio e grande porte vem sendo realizado com a utilização de armadilhas fotográficas com sensor ativo dispostas ao longo de trilhas e no interior de mata nativa, cobrindo uma área aproximada de 1,4 km^2. O esforço amostral totalizou 5887 armadilhas.dia entre março/1999 e março/2008. Também foram feitas observações diretas em três açudes com ocorrência de peixes nativos e exóticos e propícios para atrair lontras. *Lontra longicaudis* (lontra) foi observada em agosto de 2004 nadando, pescando e ingerindo peixes em dois dos açudes. Exemplares de *Galictis cuja* (furão) foram capturados fotograficamente em seis ocasiões (janeiro/2003, março/2004, julho/2006 e três vezes em março/2007), sendo que, em duas ocasiões, o equipamento fotográfico estava posicionado em trilhas entre talhões de plantações de araucárias e mata nativa e, nas demais ocasiões, no interior de mata nativa. Os horários de atividade foram igualmente distribuídos entre diurno, crepuscular e noturno. Em março de 2004, foram detectados três indivíduos atravessando a trilha entre talhões, porém os animais estavam se deslocando solitariamente nas demais ocasiões. Exemplares de *Eira barbara* foram avistados três vezes em horários diurnos e fotografados em trinta eventos. Os meses em que foram obtidos registros fotográficos são de janeiro a setembro. Em somente três ocasiões, os animais foram detectados se movimentando no período noturno, em nove vezes o deslocamento foi detectado em período crepuscular e as demais capturas fotográficas ocorreram em período diurno. Todos os indivíduos estavam se deslocando solitariamente, somente em 10% das ocasiões, os animais foram fotografados no interior da floresta e, em 90%, em trilhas entre talhões.

Palavras-chave: Eira barbara, *Galictis cuja*, armadilhas fotográficas, ecologia

OCORRÊNCIA DE MAMÍFEROS CARNÍVOROS EM FRAGMENTOS FLORESTAIS NA SERRA DO CARRAPATO, LAVRAS/MG

Lourdes Dias da Silva (Laboratório de Ecologia / UFLA / lourdesd@vialavras.com.br)
Marcelo Passamani (Laboratório de Ecologia / UFLA)
Ricardo Augusto Serpa Cerboncini (Laboratório de Ecologia / UFLA)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Ecologia

Os integrantes da ordem Carnivora possuem uma grande importância ecológica como predadores de topo de cadeia. A fragmentação de paisagens naturais interfere diretamente em suas populações devido à restrição de habitat e diminuição da disponibilidade de recursos. Em estudo realizado na Serra do Carrapato, Lavras/MG foi avaliada a ocorrência de mamíferos carnívoros em cinco fragmentos florestais através de um levantamento da mastofauna de médio e grande porte. Os fragmentos foram identificados como F1, F2, F3, F4 e F5, variando de 1 a 12 ha em extensão, e são conectados por corredores de vegetação. No entorno destes fragmentos encontram-se culturas agrícolas, pastagens e residências humanas. Em cada fragmento foram demarcados 2 transectos distantes 50m um do outro, contendo cada um 6 parcelas de areia (70 x 70cm) distantes 20m. No centro das parcelas foram colocadas iscas atrativas (banana, bacon, sal grosso) alternadamente. As amostragens foram realizadas de março a novembro de 2007, totalizando 85 dias e 4.920 parcelas-noite. Também foram utilizadas aleatoriamente duas câmeras fotográficas automáticas direcionadas para as parcelas de areia. As espécies da ordem Carnivora registradas foram *Leopardus pardalis* (jaguatirica), *Cerdocyon thous* (cachorro-do-mato), *Conepatus semistriatus* (jaritataca) e *Nasua nasua* (quati), com 9, 26, 6 e 41 registros de pegada respectivamente. O fragmento 2 foi o único em que as quatro espécies ocorreram juntas e também o que teve o maior número de registros (42,7%). O fragmento 3 não apresentou nenhum registro de carnívoros. A análise de agrupamento resultou em 4 grupos distintos, sendo o F1 e F2 os mais similares entre si e o F3 o mais dissimilar entre os fragmentos. O maior número de registros no F2 pode ser justificado por ser o menos afetado pelas ações antrópicas em função da declividade do terreno e por apresentar maior distância dos locais de cultura. Dessa forma foi observado que apesar da influência antrópica os fragmentos florestais restantes na área são importantes para a manutenção da fauna, pois ainda são utilizados por espécies de mamíferos carnívoros, e até mesmo por espécies que dependem de uma grande área de vida como a *L. pardalis*.

Palavras-chave: Carnivora, pegadas, fragmentação, conservação

PREDAÇÃO DE PACA (*CUNICULUS PACA*) PELO GATO-MARACAJÁ (*LEOPARDUS WIEDII*) EM UM FRAGMENTO FLORESTAL EM NANUQUE, MG

Jackeceli Nunes Falqueto (Rhea Estudos e Projetos, Vitória-ES)
Roxísio Vervloet Romagna (Rhea Estudos e Projetos, Vitória-ES)
Rita de Cassia Bianchi (PPG Ecologia e Conservação – UFMS / rc_bianchi@yahoo.com.br)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Ecologia

Leopardus wiedii (gato-maracajá) é um felídeo de pequeno porte com ampla distribuição geográfica, porém com poucas informações disponíveis sobre seus aspectos ecológicos. Informações sobre hábitos alimentares de carnívoros através da análise de fezes corresponde a um método não invasivo, barato e muito eficiente na determinação dos principais itens que compõem a dieta dos carnívoros. Entretanto, quando são identificadas nas fezes presas consideradas raras na dieta de uma espécie, seja pelo tamanho ou pela capturabilidade, coloca-se em discussão se o item consumido foi predado ou consumido como carniça. Através do uso de armadilhas fotográficas digitais, instaladas no interior de um fragmento florestal no município de Nanuque, Minas Gerais, foi possível o registro da predação de paca (*Cuniculus paca*) pelo gato-maracajá. A armadilha fotográfica (modelo Digital CamTrakker©) foi instalada em uma trilha de vegetação em estágio médio de regeneração na Fazenda Floresta de propriedade da Aracruz Celulose S.A. com o objetivo de realizar o monitoramento da mastofauna após a substituição de pastagem por plantio de eucalipto. Diversas frutas, inclusive frutas encontradas na área, como jaca (*Artocarpus heterophyllus*) e pedaços de *bacon* foram utilizados como iscas. Durante quatro noites foi possível o registro de quatro espécies de mamíferos: *Didelphis aurita* (gambá), *Euphractus sexcinctus* (tatu-peba), *L. wiedii* (gato-maracajá) e *C. paca* (paca). Através do padrão de manchas apresentado pela paca foi possível registrar que o mesmo indivíduo visitou a ceva durante as três noites consecutivas. Entrentando, na quarta noite não foi possível identificar se o indivíduo que visitou a ceva foi o mesmo das noites anterioes. Na quarta noite a paca foi surpreendida pelo ataque do gato-maracajá. O registro comprova que apesar de se alimentar principalmente de presas de pequeno porte esse felídeo é capaz de capturar presas maiores, o que confirma sua característica oportunista. Paca é um importante recurso da dieta de felídeos maiores, como a jaguatirica (*L. pardalis*) e a suçuarana (*Puma concolor*) e também figura entre as espécies de maior interesse por caçadores. É possível que a proibição da caça e o aumento da fiscalização na área após a instalação do plantio de eucalipto tenha beneficiado populações de espécies cinegéticas como a paca e consequentemente de seus predadores. Esse registro também confirma que o uso de iscas em armadilhas fotográficas pode aumentar o número de espécies registradas, entretanto os predadores da área podem se beneficiar aprendendo que o local será visitado por suas presas.

Palavras-chave: Armadilha fotográfica, felídeo, predação

Financiadores: Aracruz Celulose S.A.

HORÁRIO DE ATIVIDADE DE CARNÍVOROS EM UMA ÁREA DE FLORESTA OMBRÓFILA MISTA EM URUBICI, SANTA CATARINA

T. B. Maccarini (Departamento de Ecologia e Zoologia / UFSC / thimacca@gmail.com)
P. V.Castilho (UDESC)
M. E. Graipel (Departamento de Ecologia e Zoologia / UFSC)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Ecologia

A Floresta Ombrófila Mista hoje apresenta somente 0,7% de sua área original no Brasil. Apesar de tratar-se de um ecossistema relativamente bem conhecido do ponto de vista de composição e estrutura da vegetação ainda é carente de informações acerca da ecologia de sua mastofauna, principalmente no estado de Santa Catarina. O estudo utilizando armadilhas fotográficas Tigrinus® foi realizado entre os meses de setembro de 2006 e setembro de 2007 em uma área de Floresta Ombrófila Mista, na RPPN Leão da Montanha, com 126 ha (28°00'01,33" sul e 49°22'13,69" oeste), situada no município de Urubici, Santa Catarina, Sul do Brasil. Utilizaram-se seis armadilhas fotográficas que permaneceram ativas durante o dia e a noite e cada um dos 12 pontos de amostragem respeitava uma distância de no mínimo 400 metros entre si. A caracterização do horário de atividade considerou três períodos: o período diurno, noturno e crepuscular. Os horários do nascer e pôr do sol foram determinados, para cada coordenada geográfica e data do registro, através do programa Moonrise 3.5. Considerou-se que havendo igualdade nas chances de registros durante todas as horas de um dia, o horário dos registros corresponderia ao horário de atividade de cada espécie. De um esforço amostral de aproximadamente 2.022 armadilhas-dia foram obtidos 169 registros de mamíferos, sendo 10 de *Eira barbara*, 14 de *Leopardus wiedii*, 31 de *Nasua nasua* e 9 de *Puma concolor* e considerou-se fotos de uma mesma espécie, em um mesmo ponto de amostragem, em um intervalo menor do que uma hora como apenas um registro. Com 90% e 80% dos registros no período diurno, *E. barbara* foi classificada como uma espécie diurna e *N. nasua* predominantemente diurna, respectivamente. Com 85% de registros no período noturno, *L. wiedii* foi considerado predominantemente noturno enquanto *P. concolor* foi considerado arrítmico por apresentar registros distribuídos por todos os períodos do dia. Os resultados condizem com a bibliografia citada para as espécies. Os horários de atividade das espécies podem estar relacionados às suas estruturas sociais. O hábito diurno de *E. barbara* e *N. nasua* pode estar relacionado ao seu comportamento de forrageio em pares ou em grupos familiares enquanto o comportamento noturno de *L. wiedii* pode estar relacionado ao seu comportamento promíscuo e solitário. O alto requerimento energético e o comportamento solitário de *P. concolor* podem estar relacionado à atividade em todos os períodos.

Palavras-chave: carnívoro, floresta ombrófila mista, armadilha fotográfica

PREDAÇÃO DE PRIMATAS POR ONÇA-PARDA *(PUMA CONCOLOR)* NA RPPN FELICIANO MIGUEL ABDALA, CARATINGA, MINAS GERAIS

Julianna Letícia Santos (Mestrado em Zoologia de Vertebrados / PUC-MG / juleboss@uol.com.br)
Rodrigo Lima Massara (Mestrado em Zoologia de Vertebrados / PUC-MG)
Ana Maria de Oliveira Paschoal (Mestrado em Zoologia de Verteb./ PUC-MG)
Adriano Garcia Chiarello (Mestrado em Zoologia de Vertebrados / PUC-MG)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Ecologia

A predação de primatas tem sido registrada através de poucos estudos, sendo que os principais predadores de primatas neotropicais citados na literatura são as aves de rapina, as serpentes constritoras e os mamíferos carnívoros. Dentre os carnívoros, os felinos já foram citados como predadores potenciais, porém, primatas geralmente representaram baixas proporções em suas dietas, como pode ser observado na maioria dos estudos. Neste trabalho foram analisadas 6 amostras fecais de felinos coletadas oportunisticamente em 2007 ao longo de estradas e trilhas da RPPN Feliciano Miguel Abdala, um fragmento de Floresta Atlântica de 957 ha, situada a 19°50’ S e 41°50’ W, no município de Caratinga, região leste de Minas Gerais. As amostras fecais foram processadas, tendo seus itens separados para a posterior identificação. Com base na análise do padrão microestrutrural de cutícula e medula de pêlos-guarda (Quadros, J. & Monteiro-Filho, E. L. de A. 2006. Revta Bras. Zool. 23: 279-292), o predador foi identificado como onça-parda (*Puma concolor*). A presença deste felino também pôde ser confirmada por meio de foto-armadilhas durante um estudo paralelo realizado na área. As presas foram identificadas pela presença de dentes, ossos e pêlos encontrados nas fezes, sendo que a confirmação das espécies também foi realizada através de análise do padrão microestrutural de pêlos. Cada presa foi considerada como uma única ocorrência. Os primatas ocorreram em 4 das 6 amostras de *P. concolor* analisadas, sendo 2 ocorrências de Bugio (*Alouatta guariba*) e 2 de Muriqui-do-norte (*Brachyteles hypoxanthus*), de tal forma que a ordem Primates representou 66,6% das ocorrências. Também foram encontrados um roedor da família Erethizontidae (*Sphiggurus* sp.) e um tapetí (*Sylvilagus brasiliensis*), representando 16,6% de ocorrência para cada uma destas espécies. Sabe-se que a dieta de grandes felinos pode ser bastante variada, sendo que consumo e o tipo de presa dependem, dentre outros fatores, da disponibilidade, vulnerabilidade e abundância das mesmas. Pode-se inferir que o consumo de primatas por *P. concolor* se deva a uma alta densidade daqueles animais e também à vulnerabilidade dos mesmos. Estudos anteriores indicam que os primatas da RPPN, particularmente os muriquis, estão apresentando comportamento atípico de descer com freqüência ao solo, o que pode torná-los presas mais fáceis aos felinos. Entretanto, apesar da predação, não há evidências de que os felinos da reserva estejam controlando a população de primatas, pois as densidades de jaguatiricas (*Leopardus pardalis*) e da onça-parda estimadas, por armadilhas fotográficas, não indicam alta densidade populacional destes felinos.

Palavras-chave: predação, felinos, *Alouatta guariba*, *Brachyteles hypoxanthus*

Financiadores: FIP, FAPEMIG, CNPq

CANIBALISMO EM UMA POPULAÇÃO DE ONÇAS-PINTADAS (*PANTHERA ONCA*) DO SUL DO MATO GROSSO DO SUL: EVENTOS AO ACASO OU CONSEQUÊNCIA DE INTERAÇÕES COMPETITIVAS?

Fernando Cesar Cascelli de Azevedo (Instituto Pró-Carnívoros/USP-ESALQ / fazevedo@procarnivoros.org.br)
Ricardo Luís da Costa (Projeto Gadonça - Fazenda San Francisco AgroEcoturismo)
Henrique Villas Boas Concone (Projeto Onça-Pantaneira - Fazenda Real / Filial São Bento)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Ecologia

Casos de canibalismo em populações de grandes carnívoros silvestres têm sido difíceis de serem relatados devido às baixas densidades populacionais, hábitos reclusos e utilização de áreas extensas de deslocamento de indivíduos. A limitação de recursos e o estresse social podem ser atribuídos aos poucos casos de canibalismo relatados em populações de grandes carnívoros silvestres. Em geral, o infanticídeo tem sido mais frequentemente relatado, como resultado de uma estratégia comportamental adaptativa para aumentar o sucesso reprodutivo do indivíduo causador do ato. Em um estudo populacional de onças-pintadas (Panthera onca) realizado numa área do Pantanal, a dinâmica populacional e o impacto sobre o gado doméstico vêm sendo investigados desde 2003. O estudo tem sido realizado numa propriedade privada, a fazenda San Francisco (20^{o}05” S and 56^{o}36” W) localizada no município de Miranda, Mato Grosso do Sul. Como uma área de aproximadamente 15.000 hectares, três atividades econômicas principais são desenvolvidas, a produção de gado, o ecoturismo e a produção de arroz irrigado. Embora os padrões de distribuição espacial da população de onças-pintadas da área de estudo sejam baseados na exclusão de indivíduos através da territorialidade e as interações dinâmicas não tenham indicado nem atração nem respulsa entre indivíduos, um caso de canibalismo entre onças adultas foi recentemente registrado. Em novembro de 2007, uma onça-pintada adulta de aproximadamente 4 anos, foi morta e predada por outra onça-pintada. A morte foi registrada após encontrarmos os restos da onça, aproximadamente quatro dias após a morte, numa área de floresta semidecídua. O animal abatido tinha sinais evidentes de luta corporal, com marcas de mordidas na região do pescoço e quebra do osso atlas na base da coluna cervical próximo ao crâneo. Evidências do consumo desta onça também foram registrados. Na mesma ocasião encontramos fezes de onça-pintada a 550 metros do local, contendo pêlos e parte de um dedo de onça-pintada com unha, parcialmente digerido. Próximo ao local registramos pegadas de dois machos que utilizam este território como áreas marginais de suas distribuições. Além das pegadas, a fêmea dominante deste território foi visualizada próxima aos dois machos na mesma área por alguns dias antes do dia em que a carcaça foi encontrada. Este provavelmente é o primeiro caso observado de canibalismo entre indivíduos adultos em uma população de onças-pintadas. Disputa territorial e defesa da prole podem ter sido as causas mais prováveis do canibalismo.

Palavras-chave: Onça-pintada, territorialismo, predação, competição, Pantanal.

Financiadores: Instituto Pró-Carnívoros, Fazenda San Francisco, Premier Pet.

PREDAÇÃO DE BÚFALO (*BUBALUS BUBALIS*) POR ONÇAS-PARDAS (*PUMA CONCOLOR*): EVENTO AO ACASO OU ADAPTAÇÃO DO PREDADOR A NOVOS RECURSOS ALIMENTARES?

Fernando Cesar Cascelli de Azevedo (Instituto PróCarnívoros / USPSALQ / fazevedo@procarnivoros.org.br)
Henrique Villas Boas Concone (Projeto Onça-Pantaneira - Fazenda Real / Filial São Bento)
Ricardo Luís da Costa (Projeto Gadonça - Fazenda San Francisco AgroEcoturismo)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Ecologia

A utilização do búfalo (*Bubalus bubalis*) em fazendas de produção de gado na região do Pantanal do Mato Grosso do Sul, proporciona aos pecuaristas uma alternativa de criar um animal mais robusto do que o gado Nelore (*Bos indicus*) em termos de adaptações às condições de cheia na região. Além disto, os búfalos são animais que apresentam comportamento de defesa contra grandes predadores, como por exemplo a onça-pintada (*Panthera onca*) e a onçaparda (*Puma concolor*). Esta defesa pode ser importante na diminuição dos casos de predação de gado por onças na região e consequentemente, na perda econômica dos pecuaristas devido a eventos de predação. Em um estudo da dinâmica populacional de onças-pintadas e onças-pardas numa área do Pantanal, o impacto sobre o gado doméstico vem sendo investigado desde 2007. O estudo tem sido realizado numa propriedade privada, a fazenda São Bento localizada no município de Corumbá, Mato Grosso do Sul. Com uma área de aproximadamente 10.000 hectares, a fazenda tem na produção de gado nelore e bubalino a sua principal atividade econômica. No período de maio de 2007 a março de 2008, nós registramos um total de 131 mortes de animais domésticos, sendo que 33,6% das mortes (n = 44) foram em decorrência de predação de onças e 66,4% (n = 87) foram em decorrência de causas não associadas à predação. Nenhum dos casos de predação foi registrado envolvendo a morte de búfalos por onças. No entanto, no mês de abril de 2008, registramos um caso de predação de um búfalo bezerro de aproximadamente 4 meses, morto em decorrência de um ataque de uma onça-parda adulta, acompanhada de um filhote com idade aproximada de um ano. Este é provavelmente o primeiro caso de predação de búfalos por onça-parda relatado. Embora os búfalos apresentem comportamento defensivo contra predadores, o bezerro atacado apresentava sinais de doença e dificuldades de locomoção durante a semana em que foi atacado. As prováveis causas e implicações deste caso de predação são discutidas neste trabalho.

Palavras-chave: Onça-pintada, onça-parda, predação, búfalo, Pantanal

Financiadores: Instituto Pró-Carnívoros, Fazenda Real/Filial São Bento, WWF/Brasil, Premier Pet

CONSERVAÇÃO DE MAMÍFEROS CARNÍVOROS, COM ÊNFASE NA ONÇA-PINTADA, NA CAATINGA DO NORDESTE BRASILEIRO

Cláudia Bueno Campos (CENAP / ICMBio / cenap@icmbio.gov.br)
Rogério Cunha Paula (CENAP / ICMBio)
Ronaldo Gonçalves Morato (CENAP / ICMBio)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Ecologia

O projeto iniciou-se em janeiro de 2006, devido à necessidade de um diagnóstico da fauna e flora, realizado na Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco (640.000 km^2), no âmbito do Programa de Revitalização do Rio São Francisco, para fornecer subsídios para as ações governamentais de sustentabilidade socioambiental, conservação e uso racional da bacia. Neste diagnóstico, registrou-se pela primeira vez a ocorrência da onça-pintada (*Panthera onca*) numa região de Caatinga, no norte da Bahia. Essa espécie é ameaçada de extinção em todo o país e se encontra em estado crítico de conservação na Caatinga, sendo considerada essencial para a manutenção da diversidade biológica e da integridade dos ecossistemas em que está inserida. O projeto de conservação da onça-pintada tem como objetivo subsidiar, por meio de informações da ecologia desta espécie na Caatinga, o planejamento e o manejo de uma rede de unidades de conservação que garantam a preservação de uma população mínima viável da espécie e, consequentemente, a conservação da biodiversidade do bioma. Durante os períodos de abril a junho e agosto a outubro de 2007 foram coletadas informações sobre a ocorrência de onças-pintadas em seis áreas de uma região denominada Boqueirão da Onça, nos municípios de Sento Sé e Juazeiro (BA). Num total de 80 dias de armadilhamento fotográfico, o esforço de captura resultou em 1.800 armadilhas/noite com um sucesso de captura de 21,44%. Das 386 fotos de mamíferos de médio e grande porte registradas, 112 foram de carnívoros sendo três de dois indivíduos de onça-pintada. Os resultados preliminares apontam para uma baixa densidade da espécie na região. Porém, as armadilhas fotográficas continuarão sendo utilizadas para a estimativa da densidade populacional da espécie. A estrutura espacial, o uso do habitat, a área de vida e os padrões de movimentação serão obtidos por meio de radio-telemetria. Análises do DNA fornecerão informações sobre a diversidade genética da população e os dados obtidos serão analisados para simulação da viabilidade populacional. As informações coletadas sobre conflitos entre humanos e predadores permitirão que diferentes setores do governo proponham medidas efetivas para redução das perdas de ambos os lados (predação de criações domésticas e perda de biodiversidade).

Palavras-chave: *Panthera onca*, Nordeste, Mastofauna, Carnivora, Ecologia

Financiadores: Projeto de Revitalização do Rio São Francisco/MMA e Instituto Fazenda Tamanduá

DETERMINAÇÃO DO PADRÃO DE ATIVIDADE DE *LEOPARDUS PARDALIS* NO PARQUE ESTADUAL DO RIO DOCE, MG, ATRAVÉS DO USO DE ARMADILHAS FOTOGRÁFICAS

Keesen, F. F. (Biologa/PUC-Minas/fbkeesen@yahoo.com.br)
Scoss, L. M. (Instituto Terra Brasilis)
Nunes, A. V. (Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal. DBA/UFV)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Ecologia

Entre os mamíferos existe uma variação muito grande de tamanho corporal, hábitos de vida e preferências de hábitat, sendo necessário à utilização de metodologias especificas para pesquisas e inventários de diferentes grupos de mamíferos. Armadilhas fotográficas são recomendadas para algumas espécies de difícil captura ou observação, permitindo determinar, entre outras coisas, o padrão de atividade. O presente estudo teve por objetivo determinar o padrão de atividade de *Leopardus pardalis* no Parque Estadual do Rio Doce-MG entre o período de 2004 a 2006, através do uso de armadilhas fotográficas. Através da análise das manchas naturais da pelagem das jaguatiricas foram identificados 10 indivíduos a partir de 55 registros fotográficos, sendo 40 destes obtidos na estação seca (Pearson Chi-square, 1.340156, df=1, p=,24702). O maior número de registros para a estação seca pode ser explicado em função do padrão de distribuição e disponibilidade de recursos no hábitat. Na seca o recurso se torna mais escasso e tende a apresentar distribuição agregada, resultando em deslocamentos mais longos, aumento da área de vida e, conseqüentemente, aumentando a probabilidade de detecção de indivíduos, como por exemplo, de espécies carnívoras. Alguns estudos afirmam que jaguatiricas possuem hábitos noturnos. Entretanto, no presente estudo, não observamos um padrão definido para as jaguatiricas, embora haja um pico de atividade de jaguatiricas no intervalo de 22:00-24:00 horas, 1/3 dos registros é diurno demonstrando que a atividade diurna é importante para a população de *Leopardus pardalis* do PERD . Esse resultado indica que existe uma variação intra-específica nos horários de atividade de jaguatiricas, fato estes que não permite a definição de um padrão único de atividade para a espécie. Estas variações podem representar: i) respostas individuais às perturbações do ambiente e pressões antrópicas; ii) área de vida estabelecida em ambientes com diferentes capacidades suporte; iii) sobreposição de área de vida em função da fragmentação do hábitat. Conclui-se que *Leopardus pardalis* não apresenta um padrão definido de atividade no PERD, embora seja possível determinar o padrão de atividade de indivíduos da espécie, através do uso de armadilhas fotográficas.

Palavras-chave: intra-especifica, área de vida

ESTUDO DA DENSIDADE DE *LYCALOPEX GYMNOCERCUS* (CARNIVORA: CANIDAE) NOS CAMPOS DE CIMA DA SERRA DO SUL DO BRASIL

Carlos Benhur Kasper (PPG Biologia Animal / UFRGS / cbkasper@yahoo.com.br)
Marina Foresti Piccoli (UFRGS)
Maurício Tavares (GEMARS)
Alan Bolzan (UFRGS)
Eduardo Chiarani (UFRGS

Área: Canivora **Sub-Área:** Ecologia

O estudo da densidade de *Lycalopex gymnocercus* foi realizado em uma área localizada no domínio dos campos de cima da serra, município de Bom Jesus, Rio Grande do Sul. Para tanto, dois métodos independentes foram utilizados: transectos lineares e captura-marcação-recaptura. Tais atividades foram desenvolvidas durante o monitoramento de fauna pós-enchimento da UHE Barra Grande. Para a coleta de dados com o uso dos transectos visuais, foram definidas três transecções medindo entre 3,5 e 4 km de extensão. As transecções foram percorridas em veículos 4x4, à noite, com o auxílio de holofote manual de longo alcance. Cada trajeto foi percorrido seis vezes em cada uma das quatro atividades de campo, uma por estação, totalizando um esforço amostral de 276 km. As atividades de captura-marcação-recaptura foram realizadas com a utilização de 12 armadilhas tipo Tomahawk, dispostas com espaçamento médio de 300 metros, por períodos de cinco noites. As armadilhas foram iscadas com codornas vivas ou pedaços de frango, sendo conferidas duas vezes ao dia. Sempre que capturados, os animais eram anestesiados para coleta de amostras biológicas e marcados com microchip. Foram realizadas cinco campanhas, uma por estação, totalizando um esforço amostral de 240 armadilhas noite. Como resultados, foram obtidas 31 capturas de 15 indivíduos distintos. A área amostrada pelas armadilhas foi de 7,47 km^2 (MCP) que foi acrescida a um Buffer de 977 m, equivalente à média dos deslocamentos máximos de cada indivíduo, totalizando 14 km^2. Através do modelo de Schumacher-Eschmeyer estimou-se a população da área em aproximadamente 18 indivíduos, o que resulta numa densidade aproximada de 1,3 indivíduos por km^2. Os transectos lineares resultaram em 38 visualizações da espécie, a distâncias perpendiculares de até 138 metros. Com a utilização do Software Distance obteve-se estimativas de densidade de 0,97 indivíduos por km^2, podendo variar de 0,63 a 1,49 indivíduos por km^2, considerando-se um intervalo de confiança de 95%. As diferenças obtidas na estimativa de densidade podem ser atribuídas ao fato do estudo de captura - marcação-recaptura ter sido realizado na área onde mais foram visualizados *L. gymnocercus* durante os transectos lineares. Por sua vez, os transectos também abrangeram locais onde não foram obtidas quaisquer visualizações, podendo representar áreas menos favoráveis à espécie.

Palavras-chave: graxaim, raposinha, transectos lineares, marcação, recaptura

Financiadores: BAESA

EFEITO DO USO DE CEVAS SOBRE O PADRÃO DE ATIVIDADE DE *CERDOCYON THOUS* EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DO SUL DO BRASIL

Felipe Moreli Fantacini (Graduando Ciências Biológicas, UFSC / felipmf@gmail.com)
Fernando Vilas Boas Goulart (PG Ecologia e Conservação, UFMS)
Marcos Adriano Tortato (PG Ecologia e Conservação, UFPR)
Luiz Gustavo R. Oliveira-Santos (PG Ecologia e Conservação, UFMS)
Maurício Eduardo Graipel (Projeto Parques & Fauna, UFSC)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Ecologia

Para verificar a hipótese, de que o uso de cevas como atrativo pode alterar o padrão de atividade (PA) das espécies, concentrando-se no período inicial de atividade a cada dia, foram analisados os horários de registros de Graxains, *Cerdocyon thous*, através do uso de armadilhas fotográficas, entre 2005 e 2008, gerando um esforço de 8.635 armadilhas-noite. Os dados obtidos na RPPN Chácara Edith (CED), onde havia disponibilidade abundante e freqüente de cevas, principalmente banana, ovos e carcaças de galinha, foram comparados com dados da RPPN do Caraguatá (REC) e do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, com amostragens em São Bonifácio (PESTSB) e no Hotel Caldas da Imperatriz em Santo Amaro da Imperatriz (PESTHO), onde cevas foram pouco utilizadas em armadilhas digitais e ausentes em analógicas. Para testar a existência de diferenças no padrão de distribuição de atividade de Graxains, nessas unidades de conservação, foi aplicado o teste U^2 de Watson, utilizando o programa Oriana 2.0, que também reproduziu histogramas circulares de distribuição horária. O PA foi definido com base na proporção média de horas de cada período: noturno e diurno, utilizando o programa Moonrise 3.5. Considerou-se o período de uma hora antes e após o por e nascer do sol como crepúsculo. Para testar a diferença de concentração de atividade dentro de um mesmo período foi utilizado o teste X^2, através do programa Bioestat 3.0. Verificou-se diferença significativa na distribuição de atividade entre CED e as demais localidades (CED-PESTHO: U^2 = 1.046; p< 0.001), (CED-PESTSB: U^2 = 0,616; p< 0.001) e (CED-REC: U^2 = 0,576; p< 0.001), assim como entre REC e PESTHO (U^2 = 0,305; p< 0.005); e PESTSB e PESTHO (U^2 = 0,486; p< 0.001). Não houve diferença significativa, apenas, entre PESTSB e REC (U^2 = 0,145; 0.2 > p > 0.1). O PA dos Graxains na CED foi noturno-crepuscular concentrando-se do anoitecer até a meia noite; no PESTHO foi crepuscular-noturno concentrando-se após meia noite até o amanhecer. No PESTSB foi noturno-crepuscular e na REC foi crepuscular-noturno. É possível que o uso de cevas na CED tenha realmente modificado o PA dos Graxains, que, acostumados com a disponibilidade de alimento, tenham mantido sua atividade, principalmente, nas primeiras horas da noite, corroborando com a hipótese sugerida. As atividades humanas, pelo fluxo de hóspedes, no PESTHO, e agropecuárias, no PESTSB, provavelmente justificam variações na atividade, com a REC sendo onde menos houve interferência.

Palavras-chave: iscas, hábitos, armadilhas fotográficas, mamíferos, amostragem

Financiadores: Conservação Internacional do Brasil, Programa Funpesquisa UFSC/2005, RPPN Chácara Edith

ANÁLISE DA ESTRUTURA SOCIAL E PADRÕES REPRODUTIVOS DE CARNÍVOROS NA RPPN CHÁCARA EDITH, SUL DO BRASIL

Felipe Moreli Fantacini (Graduando Ciências Biologicas, UFSC/ felipmf@gmail.com)
Maurício Eduardo Graipel (Projeto Parques & Fauna, UFSC)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Ecologia

O uso de armadilhas fotográficas vem sendo progressivamente empregado para estudos com mamíferos, principalmente em levantamentos faunísticos, mas também para complementação na obtenção de informações ecológicas. O uso freqüente de cevas, como atrativo associado à armadilha, permite um melhor registro de grupos de indivíduos, auxiliando no levantamento de informações de padrões reprodutivos das espécies através da análise da estrutura social das populações. No período de novembro de 2006 a março de 2008 carnívoros de médio porte foram monitorados através de armadilha fotográfica digital em uma área de Mata Atlântica, a RPPN Chácara Edith, localizada em Brusque, SC. Cevas (bananas, ovos e carcaça de galinha) foram mantidas com freqüência e abundância nos pontos de amostragem, fazendo com que os animais se acostumassem com a disponibilidade de alimento e freqüentassem constantemente esses locais. Para analisar o padrão reprodutivo foi considerada mensalmente a freqüência de adultos, juvenis, filhotes e/ou grupos por registros/armadilha/dia em cada habitat. Para *Procyon cancrivorus*, filhotes apareceram e se mantiveram na população entre final da primavera e verão até início de outono. Juvenis foram registrados no final do verão até início do inverno. Padrão semelhante foi observado para *Cerdocyon thous* e *Nasua nasua*, com juvenis já aparecendo durante o verão, enquanto que para *Lontra longicaudis*, que não fez uso das cevas, a entrada da prole ocorreu mais cedo, em meados da primavera. Estima-se que o acasalamento de *P. cancrivorus* e *N. nasua* tenha ocorrido durante o inverno e o forrageamento dos filhotes a partir do início do verão até o início do outono. Observou-se o contínuo envelhecimento de indivíduos até que juvenis se tornassem indistinguíveis de adultos a partir do inverno. Esses dados demonstram a possibilidade de análises da estrutura social e da reprodução de mamíferos de médio porte através do uso de armadilhas fotográficas que apontam para existência de sazonalidade na reprodução de algumas espécies de carnívoros no sul do Brasil.

Palavras-chave: cevas, armadilha fotográfica, mamíferos, reprodução, Mata Atlântica

Financiadores: RPPN Chácara Edith

A RIQUEZA DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE EM FRAGMENTOS FLORESTAIS DA APA DE SOUSAS E JOAQUIM EGÍDIO

Camila Paula de Castilho (Dpto. de Zoologia / UNICAMP / camilapcastilho@yahoo.com.br)
Eleonore Zulnara Freire Stez (Dpto. de Zoologia / UNICAMP)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Ecologia

Teoricamente a perda de habitat ocasiona uma redução da riqueza de espécies, dada a diminuição da área de habitat original. Os predadores de topo são os primeiros a serem afetados por essa redução, em função de uma área insuficiente para a sua sobrevivência. Simultaneamente, os predadores intermediários podem ser beneficiados, pois deixam de ser controlados pelos primeiros. Com este objetivo, este estudo investiga a riqueza relativa de mamíferos de médio e grande porte em 14 fragmentos florestais entre 2 e 244ha de Mata Semidecidual na Área de Proteção Ambiental de Sousas e Joaquim Egídio, Campinas, SP. O levantamento de mamíferos terrestres foi realizado através do registro de pegadas em 2 a 6 parcelas de areia espaçadas de 250 m. As parcelas consistem de areia média umedecida cobrindo área de 1m² e seis gotas de cada isca odorífera (Pro's Choice e Canine Call). O registro de pegadas foi realizado por 4 a 5 dias consecutivos, sem chuva. A riqueza foi estimada por Jackknife através do programa EstimateS. A relação entre riqueza e área dos fragmentos foi avaliada por análise de regressão através do programa BioEstat 3.0. Até o momento, 6 fragmentos (de 5 a 12ha) foram amostrados (n=115 armadilhas-noite), com uma média de 3,3 espécies por fragmento (de 1 a 5 spp), e um total de 9 espécies de mamíferos. A riqueza estimada até o momento é de 12,75+/-2,25 espécies. O gambá (Didelphis sp) obteve o maior número de parcelas com pegadas (19% das parcelas), sendo observado em todos os fragmentos. A análise de regressão não foi significativa (p=0,15; R2= 44,25%). As espécies observadas somente por fezes ou pegadas fora das armadilhas foram: cachorro-do-mato (*Cerdocyon thous*), guaxinim (*Procyon cancrivorus*), lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) e onça parda (*Puma concolor*). Três espécies foram exclusivas a alguns fragmentos: guaxinim, irara (*Eira barbara*), lobo-guará, onça-parda e quati (*Nasua nasua*). Comparado com estudo realizado no maior fragmento da região, a única espécie não evidenciada foi a jaguatirica (Leopardus pardalis). Como estas espécies já foram registradas com este método em outras localidades, elas podem aparecer nas outras estações do ano e nos outros fragmentos. A alta freqüência de gambás em relação a outros estudos (19% vs. 7,5 a 11,7%) com o mesmo método em fragmentos maiores parece estar de acordo com a teoria de liberação dos predadores intermediários, mas somente a conclusão da amostragem poderá confirmar essa condição.

Palavras-chave: fragmentação de habitat, Campinas, parcelas de areia, iscas odoríferas

Financiadores: FMB, Idea Wild

DIETA DE MAMÍFEROS CARNÍVOROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE EM FRAGMENTOS DE MATA NO SUDESTE DO ESTADO DE SÃO PAULO

Carolina Franco Esteves (Departamento de Ecologia / UNESP Rio Claro / estevesnaustralia@hotmail.com)
Hilton Thadeu Zarate do Couto (Departamento de Ciências Florestais / ESALQ-USP)
Paula Sanches Martin (Laboratório de Ecologia Animal / ESALQ-USP)
Kátia Maria Paschoaletto Micchi de Barros Ferraz (Laboratório de Métodos Quantitativos / ESALQ-USP)
Cláudia Bueno de Campos (Laboratório de Ecologia Animal / ESALQ-USP)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Ecologia

Sabe-se atualmente que as atividades agropecuárias são as grandes responsáveis pelos problemas ambientais e conseqüentes perdas da biodiversidade. A bacia do rio Corumbataí, localizada no estado de São Paulo, apresenta elevado grau de fragmentação, e se constitui em mosaico de ambientes com predomínio de agroecossistemas. Este meio possui elementos da paisagem que propiciam a ocupação pela fauna, inclusive mamíferos de médio e grande porte. Informações sobre hábitos alimentares começam a ficar disponíveis para alguns destes animais, e são importantes, pois influenciam a sua distribuição e densidade populacional, entre outros fatores. O presente estudo teve como objetivo descrever qualitativa e quantitativamente os hábitos alimentares dos carnívoros da bacia do Corumbataí. A dieta destes mamíferos foi estudada por meio da análise do material fecal coletado em trilhas distribuídas no entorno de fragmentos de vegetação nativa. Os fragmentos foram selecionados com base em seus atributos da paisagem e classificados em maior qualidade (menor índice de forma, maior área nuclear, menor contraste de borda, maior proximidade com outros fragmentos, menor distância da rede de drenagem, maior distância da área urbana) e menor qualidade (maior índice de forma, menor área nuclear, maior contraste de borda, menor proximidade com outros fragmentos, maior distância da rede de drenagem, menor distância da área urbana). Foram analisadas 24 amostras e identificadas como sendo de 5 diferentes mamíferos carnívoros: *Cerdocyon thous*, *Procyon cancrivorus*, *Leopardus pardalis*, *Chrysocyon brachyurus* e *Puma concolor*. Destes, os dois últimos foram surpreendentemente amostrados apenas em fragmentos de menor qualidade. Os outros mamíferos foram amostrados nas duas classes de fragmentos. Estes dados revelam que estas áreas possuem capacidade de manter tanto espécies mais especialistas quanto as generalistas. A dieta destes animais apresentou grande diversidade de itens alimentares. Em relação a freqüência relativa de ocorrência geral dos grupos encontrados nas fezes, quase metade dos itens consumidos foi de origem vegetal (41,4%). Considerando os vertebrados, os mamíferos foram o principal grupo predado, representando 84,6% do total dos itens consumidos. O cálculo de sobreposição dos nichos (Índice de Pianka) entre as espécies *C. thous* e *P. cancrivorus* (0,8549) e entre *C. thous* e *L. pardalis* (0,8818) revelou que há grande similaridade de sobreposição de dieta entre os dois conjuntos de espécies. Os resultados deste estudo proporcionaram informações importantes sobre a composição da comunidade de mamíferos de médio e grande porte e seus hábitos alimentares na bacia, e poderá contribuir para propostas de manejo e conservação destas espécies neste local.

Palavras-chave: agroecossistema, Mata Atlântica, carnívoros, Corumbataí

Financiadores: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)

PREDAÇÃO OPORTUNÍSTICA POR LOBOS-GUARÁS, SUBMETIDOS À ALIMENTAÇÃO SUPLEMENTAR, NA RESERVA PARTICULAR DO PATRIMÔNIO NATURAL SERRA DO CARAÇA, MG

Lívia Helena Diniz (Laboratório de Mastozoologia e Manejo de Fauna /UFMG / liviahdiniz@yahoo.com.br)
Joaquim de Araújo Silva (Biotrópicos Instituto de Pesquisa em Vida Silvestre)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Ecologia

O lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) é o maior canídeo da América do Sul. Possui hábito solitário, monogâmico, noturno-crepuscular e se alimenta de frutos, invertebrados e insetos. Habita paisagens campestres, e no Brasil, ocorre em grande parte do território. Diversos estudos enfatizam o hábito onívoro e oportunista da espécie, porém poucos abordam resposta funcional e seletividade de presas. Para melhor compreensão da ecologia alimentar de um animal, é necessário determinar como a taxa de consumo dos itens alimentares muda à medida em que a abundância destes muda no ambiente. Assim, testou-se a hipótese de que o consumo de pequenos mamíferos pelo lobo-guará está sujeito à disponibilidade destes no ambiente, na RPPN Serra do Caraça. Nesta, os animais são alimentados diariamente com carne e têm acesso aos alimentos das lixeiras. As fezes foram coletadas entre janeiro/2000 e maio/2001. A avaliação da abundância de pequenos mamíferos foi feita em duas áreas utilizadas pelos lobos. De julho/2000 a maio/2001, sessenta armadilhas de arame foram colocadas no solo, totalizando 1,6 ha de área de cerrado amostrada, com esforço total de 2880 armadilhas-noite. Utilizou-se o método de marcação e recaptura. O número de capturas mensais foi considerado como a abundância relativa de cada espécie. Foram compilados o número total de indivíduos por espécie, capturados em armadilhas, e o número total de indivíduos identificados oriundos das fezes, tendo sido suas proporções comparadas pelo teste do qui-quadrado. Através do cálculo de correlação de Sperman foi verificada a correspondência entre a variação da abundância das espécies de pequenos mamíferos mais bem representados durante o período de captura e a variação no consumo desse item na mesma ocasião. Foram capturados 111 indivíduos de 10 espécies de presas potenciais na área de estudo, sendo *Bolomys lasiurus* a mais capturada (31,5%). Foram coletadas 230 amostras de fezes, nas quais foram encontradas 10 espécies de pequenos mamíferos, sendo 56 o número mínimo de indivíduos. As mais predados pelo lobo-guará foram *Cavia aperea* (19,6%) e *Bolomys lasiurus* (17,8%). *Calomys tener* e *Akodon cursor* foram consumidos em proporções bem maiores que o esperado, indicando seletividade. Foi observada correlação significativa entre a abundância e consumo somente de *Oligoryzomys nigripes*, *Oryzomys subflavus* e *Gracilinanus agilis*, sugerindo resposta funcional, confirmando a hipótese. Este estudo revelou que, mesmo para os animais submetidos à alimentação suplementar diária na RPPN do Caraça, pequenos mamíferos continuam sendo habitualmente consumidos, alguns de acordo com a disponibilidade no ambiente e outros são procurados ativamente.

Palavras-chave: *Chrysocyon brachyurus*, resposta funcional, seletividade de presas

PREDADORES EM FRAGMENTOS DE MATA ATLÂNTICA: ESTUDO DE CASO NA RPPN FMA, CARATINGA, MINAS GERAIS

Ana Maria de Oliveira Paschoal (Mestrado em Zoologia dos Vertebrados / PUC-Minas / anamuzenza@gmail.com)
Rodrigo Lima Massara (Mestrado em Zoologia dos Vertebrados / PUC-Minas)
Julianna Letícia Santos (Mestrado em Zool. dos Vertebrados / PUC-Minas)
Adriano Garcia Chiarello (Mestrado em Zool. dos Vertebrados / PUC-Minas)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Ecologia

Áreas contínuas de florestas estão sendo reduzidas a vários arquipélagos de fragmentos florestais pequenos e isoladas entre si. Uma das conseqüências da fragmentação, relevante para biodiversidade, refere-se à liberação do mesopredador, como a jaguatirica (*Leopardus pardalis*) e a introdução de espécies exóticas, em especial os animais domésticos, como o cão (*Canis lupus familiaris*). O estudo foi realizado na Reserva Particular do Patrimônio Natural Feliciano Miguel Abdala (RPPN FMA), um fragmento de médio porte (957 ha). O principal objetivo foi investigar a densidade e o tamanho populacional da jaguatirica e do cão-doméstico na RPPN FMA, analisando se estas duas espécies representam uma ameaça à sobrevivência de primatas no local. O desenho experimental envolveu a coleta de dados a partir de foto-armadilha, totalizando 1800 armadilhas noite durante seis meses de coletas. Três registros de dois indivíduos de jaguatiricas foram obtidos. O tamanho populacional estimado pelo programa *CAPTURE* para a área foi de três (95% IC=3-9). A partir destes dados foi gerada uma estimativa de 0,237 ind./Km² (95% IC=0,237-0,712) a 0,521 ind./Km² (95% IC=0,521-1,564), usando MMDM e HMMDM, respectivamente, como parâmetros para o cálculo do *buffer* da área efetivamente amostrada pelas foto-armadilhas. Esta densidade está dentro da variação observada em outras áreas. Demais felinos existentes na área foram também fotografados: a onça-parda (11 registros) e o gato-mourisco (2 registros). Treze cães-domésticos foram fotografados 105 vezes, gerando uma densidade entre 0,763 (95% IC=0,763-1,763) e 1,791 ind./Km2 (95% IC=1,791-1,791) para o Vale do Matão e entre 0,346 (95% IC=0,346-0,346) e 0,800 (95% IC= 0,800-0,800) para o Vale do Jaó. Conclui-se que a população de jaguatiricas e dos demais felinos não se encontra em alta densidade e provavelmente não representa uma ameaça real aos primatas da área, que ainda são muito abundantes. Os cães domésticos, embora não sejam considerados como predadores eficientes, podem representar uma ameaça mais séria, já que estão presentes em grande número e podem também aumentar a incidência de doenças no interior da RPPN.

Palavras-chave: Fragmentação, mesopredador, *Leopardus pardalis*, *Canis lupus familiaris*

Financiadores: FAPEMIG,FIP,CNPq

ORGANIZAÇÃO SOCIAL E TERRITORIALIDADE DE ARIRANHAS NO PANTANAL, BRASIL

Caroline Leuchtenberger (UFMS/PPG Ecologia e Conservação/ caroleucht@gmail.com)
Guilherme Mourão (Laboratório de Vida Selvagem/Embrapa-Pantanal)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Ecologia

Ariranhas vivem em grupos familiares com cooperação reprodutiva, formados por um casal dominante e proles de diferentes idades. Os objetivos deste estudo foram investigar a associação entre os indivíduos, a fidelidade dos grupos aos seus territórios e se houve mudança no número de indivíduos e grupos, e no tamanho e na distribuição dos territórios entre duas estações de vazante consecutivas em uma área do Pantanal do Brasil. No período de julho/2006 a novembro/2007, monitorei mensalmente grupos de ariranhas presentes em um trecho do Rio Miranda e no Rio Vermelho, no Pantanal do Mato Grosso do Sul, totalizando 75,8 km de extensão. Identifiquei 43 indivíduos distribuídos em sete grupos. A maioria das associações entre os indivíduos de um mesmo grupo variou de 1,0 a 0,5. As associações entre os indivíduos nas duas vazantes não foram aleatórias i.e. os grupos mantiveram-se, em geral, estáveis durante as estações. Nas vazantes foi possível observar uma maior dispersão de indivíduos e formação de novos grupos, diminuindo a força de ligação entre os indivíduos. Os territórios dos grupos apresentaram uma extensão média de 11,4 km de rio. Os grupos mantiveram o centro de seus territórios a uma distância média de 10,8 km. Não houve correlação entre tamanho do grupo e tamanho do território (r=0,35; n=12). No entanto, observei uma relação significativa do número de latrinas ($F(1,11) = 13,846$; $P=0,003$; $r^2=0,56$) e sinais ($F(1,11) = 13,236$; $P=0,004$; $r^2=0,55$), aumentando linearmente com o tamanho do território. Durante a vazante de 2007, os grupos, em geral, mantiveram os mesmos territórios utilizados durante a vazante de 2006, apesar de que dois grupos, aparentemente, trocaram seus territórios. O número de grupos foi estável na área de estudo desde 2003 até hoje, sugerindo que a população de ariranhas alcançou sua capacidade de suporte na área i.e. recuperando-se da depleção causada pela caça excessiva nos anos 80 no Pantanal.

Palavras-chave: *Pteronura brasiliensis*, associação, fidelidade ao território

Financiadores: CAPES, CNPq/Peld, Embrapa/Pantanal, UFMS

USO DE ARMADILHAS FOTOGRÁFICAS EM ESTUDOS DE CAPTURA-MARCAÇÃO-RECAPTURA: AUMENTO DA PRECISÃO NA ESTIMATIVA DE TAMANHO POPULACIONAL DE CACHORRO-DO-MATO (*CERDOCYON THOUS*) NO PANTANAL

Natalie Olifiers (Sciences Dept, Univ Missouri / natolifiers@yahoo.com.br)
Rita de Cassia Bianchi (PPG Eco. e Conserv.-UFMS/Lab.Vida Selvagem - Embrapa Pantanal)
Paulo Sérgio D'Andrea (Lab. Biol. Paras. Mamíferos Silvestres Reservatórios IOC / FIOCRUZ-RJ)
Matthew Gompper (Fish & Wildl. Sciences Dept, Univ Missouri)
Guilherme Mourão (Lab.Vida Selvagem/Embrapa Pantanal)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Ecologia

O cálculo de tamanho populacionais (N) através de captura-marcação-recaptura tem sido realizado amplamente em estudo sobre pequenos mamíferos. No entanto, estimativas de N através de captura/recaptura não são comuns para carnívoros de médio a grande porte em parte porque as capturas e recapturas geralmente são baixas para obter-se intervalos de confiança (IC) de N pequenos. Neste trabalho, combinamos o uso de armadilhas de captura gradeadas *live-traps* com armadilhas fotográficas na captura/recaptura de cachorros-do-mato (*Cerdocyon thous*) na Fazenda Nhumirim, Pantanal/MS (18°59'S; 56°39'W). O objetivo foi verificar se o uso de armadilhas fotográficas aumenta as recapturas de indivíduos, resultando em estimativas de tamanhos populacionais mais precisas. De agosto/07 a fevereito/08 foram realizadas três sessões de capturas de 17 dias de duração cada. Os animais capturados foram marcados com brincos numerados coloridos. Os brincos coloridos permitiram a identificação individual dos animais quando fotografados nas armadilhas fotográficas. Em cada sessão de captura, foram dispostas 36 armadilhas distantes 500 metros entre si, numa grade de captura de 7,5 Km^2. As armadilhas foram iscadas com bacon e checadas diariamente. A grade foi dividida em 3 blocos de 12 armadilhas, que eram verificadas durante 5 noites consecutivas, quando então eram removidas e transferidas para o bloco seguinte de armadilhamento. Logo após as capturas em um bloco, 12 armadilhas fotográficas eram colocadas nos mesmos pontos de captura daquele bloco e checadas durante mais 5 noites consecutivas. Os dados de captura/recaptura foram analisados no Programa Mark, utilizando o modelo Robusto de Pollock ("capturas fechadas"). Assumiu-se a) taxas de captura/recaptura iguais (p=c) e constantes e b) ausência de emigração/imigração. Quando somente os dados obtidos com armadilhas de captura foram analisados, obteve-se um Nmédio (95% IC) =23.3(17,7-45,3) indivíduos e pmédio= 0.06; quando as recapturas em armadilhas fotográficas foram somadas às capturas/recapturas em armadilhas gradeadas, obteve-se Nmédio=23(22,3-29,6) indivíduos e pmédio=0.17. A utilização na análise de dados de indivíduos recapturados em armadilhas fotográficas resultou em uma estimativa de abundância aproximadamente 4x mais precisa e a probabilidade média de recaptura praticamente triplicou (de p=0,06 para p=0,17). O uso combinado das duas técnicas mostrou ser um método eficaz na obtenção de estimativas de abundância de *C. thous* mais precisas através de captura-marcação-recaptura, o que é raramente feito para carnívoros de médio porte, principalmente no Brasil.

Palavras-chave: Canidae, Mark

Financiadores: CNPq processos n. 520056/98-1, 484501/2006-2 e 301795/2005-3, FUNDECT n. 0023/08

NEST DESCRIPTION OF THE BROWN-NOSED COATI (CARNIVORA: PROCYONIDAE: *NASUA NASUA*) IN THE PANTANAL REGION OF BRAZIL

Rita de Cássia Bianchi (Lab. Vida Selvagem / Embrapa-Corumbá / rc_bianchi@yahoo.com.br)
Natalie Olifiers (Dept Fish. & Wildl. Sciences, University of Missouri-USA)
Paulo Sérgio D'Andrea (IOC-FIOCRUZ/RJ)
Guilherme de Miranda Mourão (Lab Vida Selvagem / Embrapa-Corumbá)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Ecologia

The majority of the arboreal or scansorial carnivores make nests primarily in hollow trees and burrows. However, species of the genus *Nasua* seem to make open nests on trees in a form similar to many avian species. After the breeding season, pregnant *Nasua nasua* leave their bands and give birth to up to 7 young in a nest constructed in a tree. Herein we describe nine nests of *N. nasua* in the Pantanal, Brazil. The study site is located in the Nhumirim ranch (18°59'S; 56°39'W), a research station of Embrapa/Pantanal. From October 2006 to February 2008, four radio-collared pregnant females were followed and their nests localized. We also located 5 additional nests by active searching. Coati nests were all “bird-like”, that is, open nests having a semispherical shape. Nests tended to be built in trees (mean hight = 10.5 ± 3.2 m (sd); mean perimeter at breast height = 76.9 ± 34.7). Nests were found at a mean height of 8.5 ± 2.9m, and were closer to the canopy than the forest floor. Nests were approximately rounded and made of 1-2cm woody debris. Volumes of two nests were 31.7 cm^3 (49 x 38 x 17cm) and 47.5cm^3 (44 x 45 x 24cm). Lianas were common around and under the nests but not over them, so that nests were difficult to locate from below. The trees where nest were located in open vegetation, such as “Cerrado”, forest edges or forest interior. Tree canopy varied from completely open to closed canopy and distance from the forest edge varied from 0 to 60 meters. “Bird-like” nests are relatively uncommon among scansorial and arboreal mammals, in which most species build their nests in burrows or tree hollows, occasionally lining it with leaves. Among carnivores, coatis seem to be unique on building open nests. One possible reason for such unique behavior would be maximum litter size in coatis, which is among the largest for carnivores and the largest among procyonids. If tree hollows capable of containing large litters are a limiting resource, pressures for alternative ways of nest construction, such as the bird-like nests, may have been selected for.

Palavras-chave: quati, ninho

Financiadores: Embrapa-MACRO, Fundect, CNPq Universal, Fiocruz, University of Missouri

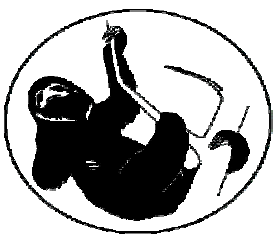
PADRÃO DE ATIVIDADE DOS CARNÍVOROS DE MÉDIO PORTE NA FAZENDA NHUMIRIM, PANTANAL, MS.

Rita de Cassia Bianchi (PPG Ecologia e Conservação – UFMS / rc_bianchi@yahoo.com.br)
Natalie Olifiers (Fish & Wildl. Sciences Dept, Univ Missouri)
Nilson Lino Xavier Filho (Graduação Ciências Biológicas / UFMS)
Renata Calixto Campos (Graduação Ciências Biológicas / UFMS)
Juliane Saab (Graduação Ciências Biológicas / UFMS)
Guilherme Mourão (Lab. Vida Selvagem / Embrapa Pantanal)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Ecologia

Na fazenda Nhumirim, localizada no Pantanal Central, a comunidade de carnívoros é dominada pelos procionídeos *Nasua nasua* (quati) e *Procyon cancrivorus* (mão-pelada), pelo canídeo *Cerdocyon thous* (cachorro-do-mato) e pelo felídeo *Leopardus pardalis* (jaguatirica). Apesar de possuírem uma ampla distribuição geográfica e ocorrerem em quase todos os biomas brasileiros, poucos estudos investigaram aspectos da ecologia destas espécies, principalmente os relacionados com seu padrão de atividade. Com o objetivo de avaliar a segregação temporal entre estas espécies, 12 armadilhas fotográficas (Tigrinus®) (11 digitais e 01 convencional) foram instaladas de fevereiro de 2007 a fevereiro de 2008. As armadilhas estiveram ativas dia e noite em um total de 1442/armadilhas-dia. O intervalo programado entre fotos foi de 30 segundos e apenas fotos com intervalos de 1 hora foram consideradas independentes. As câmeras foram dispostas distantes 500 m entre si, com dois tipos de iscas: bacon e urina de Lince. As iscas foram utilizadas para aumentar a probabilidade de detecção de indivíduos previamente marcados com brincos coloridos, já que os animais tendem a permanecer mais tempo em frente às câmeras. Cerdocyon thous foi a espécie mais freqüentemente registrada (642 fotos) e sua atividade foi basicamente crepuscular-noturna (61% entre 16h e 0h). *Nasua nasua* (190 fotos) teve dois picos pronunciados de atividade, com 43% dos registros entre 4h-8h e 50% entre 10h 18h. Entretanto, apesar de ser descrito como diurno, foi possível detectar que pelo menos 5% das atividades de *N. nasua* ocorreram entre 19h e 04h. Por outro lado, *P. cancrivorus* (62 fotos) foi essencialmente noturno e sua atividade foi registrada entre 17h e 5h (98% dos registros). *Leopardus pardalis* (38 fotos) também demonstrou dois picos de atividades, não tão pronunciados quanto o de *N. nasua*, mas 50% de suas atividades ocorreram entre 18h e 22h e 34% de 0h as 4h. Os resultados demonstram uma forte separação entre *N. nasua* e as demais espécies de carnívoros em função de sua atividade primariamente diurna, contrapondo as atividades crespusculares-noturnas ou noturnas das demais espécies. A segregação temporal entre *C. thous*, *P. cancrivorus* e *L. pardalis* não foi tão pronunciada. Entretanto, houve sucessão no máximo de atividade destas espécies no gradiente crepúsculo-noite, com *C. thous* sendo mais crepuscular e *P. Cancrivorus* mais noturno.

Palavras-chave: *Leopardus pardalis*, *Procyon cancrivorus*, *Nasua nasua*, *Cerdocyon thous*

Financiadores: CNPq processos n.520056/98-1, 484501/2006-2 e 301795/2005-3, FUNDECT n. 0023/08

ANÁLISE BIOGEOGRÁFICA DA ECOLOGIA TRÓFICA DE *LEOPARDUS PARDALIS*: A IMPORTÂNCIA DAS PRESAS DE GRANDE PORTE

Tadeu G. de Oliveira (UEMA / Instituto Pró-Carnívoros / tadeu4@yahoo.com)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Ecologia

A jaguatirica ou gato-maracajá-verdadeiro (*Leopardus pardalis*) é um felino de médio porte (11kg), bastante eclético, encontrado ao longo das áreas tropicais do continente americano. Seus hábitos alimentares estão entre os melhores conhecidos dentre os felinos neotropicais. No presente trabalho foi realizada uma análise macro-ecológica dos hábitos alimentares deste felino, avaliando em especial a importância das presas de médio-grande porte (>800g). A dieta foi analisada para 13 áreas ao longo da sua área de distribuição, onde os itens foram comparados tanto em números quanto em biomassa consumida. Para os cálculos de biomassa somente os mamíferos foram considerados. As presas foram agrupadas por tipo e classe de tamanho em oito categorias. O Peso Médio dos Mamíferos Presa (PMMP) foi calculado através da sua média aritmética. Todas as presas foram consideradas adultas. Entretanto, para evitar superrepresentação, aquelas com peso superior a 1.5 vezes o de *L. Pardalis* foi computada em 40% da massa do adulto. Pequenos mamíferos e marsupiais (<600g) tendem a ser o item mais comumente encontrado (61.3%) em todas as áreas. Contudo, sua contribuição para biomassa ingerida é bastante limitada (10.7%). Tatus, ungulados e especialmente os grandes roedores (>1kg) contribuem significativamente mais na biomassa que os numericamente abundantes pequenos mamíferos. O PMMP médio foi de 1.5kg (0.6-3.3kg). Em 77% das áreas pelo menos uma das três presas numericamente mais abundantes tinha >800g. Regressão linear múltipla mostrou uma correlação positiva muito forte entre estas e o PMMP. Desta forma a biomassa média das três presas mais abundantes poderia ser usada para estimar o PMMP de *L. pardalis*. Especula-se que o fator limitante para persistência deste felino numa área seja a presença de presas >800g para suplementar a dieta de pequenos mamíferos. Desta forma, como esses tipos de presas também são caçados por seres humanos, estes podem exercer uma pressão negativa previamente desconhecida sobre a espécie.

Palavras-chave: dieta, jaguatirica, Américas, mamíferos de médio-grande porte, tamanho médio de presas

CBMz

ABUNDÂNCIA DE FELINOS DE PEQUENO-MÉDIO PORTE EM DIFERENTES TIPOS DE VEGETAÇÃO DO BRASIL

Tadeu G. de Oliveira (Depto. Biologia-UEMA / Instituto Pró-Carnívoros tadeu4@yahoo.com)
Marcos A. Tortato (UFPR / Caipora)
Carlos Benhur Kasper (PPG-UFRGS)
Fábio D. Mazim (Instituto Pró-Pampa)
José Bonifácio G. Soares (Instituto Pró-Pampa)
Rosane V. Marques (Ministério Público - RS)
Fernando R. Tortato (Caipora)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Ecologia

Informações sobre uma série de aspectos ecológicos dos felinos neotropicais são bastante escassas, especialmente no Brasil e, mais ainda, em se tratando de características populacionais. O presente trabalho aborda um dos aspectos da dinâmica populacional de felinos de pequeno-médio porte no Brasil. Este intenta averiguar quais as espécies dominantes das comunidades em diferentes padrões de vegetação, nos mais variados níveis de conservação. Os dados de mais de 30 áreas em todos os biomas do Brasil, de norte a sul, são provenientes de informações de campo obtidas através de índices de abundância relativa provenientes de rastros, armadilhas fotográficas e capturas de animais, incluindo alguns provenientes da literatura. Em cada localidade as espécies de felinos foram ranqueadas baseadas nos índices de abundância, de 1 (mais abundante) a 5 (menos freqüente). Ao contrário do esperado, *Leopardus pardalis* foi a espécie dominante nos mais variados ambientes em diferentes estados de conservação nas áreas tropicais do país (ca. 84% das áreas). *Leopardus wiedii* tipicamente aparece em segundo lugar na maioria das áreas, notadamente na Amazônia, seguida por *Puma yagouaroundi* e *Leopardus tigrinus*. Estas espécies só tendem a aparecer como a primeira no ranking onde *L. pardalis* está ausente ou em níveis populacionais muito baixos. Das poucas áreas averiguadas onde esteve presente, *Leopardus colocolo* aparece com a primeira ou segunda mais abundante, enquanto *Leopardus geoffroyi*, na sua restrita área de ocorrência no Brasil, a qual não sobrepõe com a de *L. pardalis*, também aparece como a mais abundante. Os índices de abundância relativa obtidos para algumas áreas ressaltam a diferença nas proporções entre *L. pardalis* e as demais espécies. A dinâmica encontrada apresenta implicações para conservação das espécies.

Palavras-chave: felinos neotropicais, ranking de abundância, dominância, ecologia

Financiadores: FNMA, O Boticário, CI-Brasil, FATMA, ISEC-Canada, FAPEMA

DIETA DE TRÊS CARNÍVOROS SIMPÁTRICOS NO PARQUE NACIONAL GRANDE SERTÃO VEREDAS/MG

Ana Carolina C. Lara Rocha (Lab. Ecologia de Mamíferos / UFMG / carolclr@yahoo.com.br)
Flávio G. Rodrigues (Lab. Eco. de Mamíferos - Dep. Bio. Geral / UFMG)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Carnivora

Estudos de ecologia trófica são importantes na descrição da estrutura de comunidades e na biologia das espécies. Dentre os vários fatores que influenciam na coexistência de carnívoros simpátricos a repartição dos recursos alimentares é um dos mais estudados. O objetivo deste trabalho é descrever e analisar a dieta de três carnívoros (*Chrysocyon brachyurus, Cerdocyon thous e Puma concolor*) que ocorrem no Parque Nacional Grande Sertão Veredas, uma das maiores unidades de conservação do Cerrado em Minas Gerais, sendo classificada como área prioritária de importância extrema para a conservação. Fezes de lobo-guará, cachorro-do-mato e onça parda foram coletas nos anos de 2004 a 2007 e realizados os procedimentos padrões de triagem. Foram calculadas a frequência de ocorrência dos itens alimentares, biomassa consumida e sazonalidade quando possível. Para lobo-guará foram analisadas 139 amostras, encontrando uma dieta onívora. Lobeira e pequenos roedores foram os itens mais consumidos em termos de frequência e biomassa dentre as 9 categorias alimentares. Houve diferença sazonal no consumo de alguns itens: lobeira e pequenos mamíferos foram mais ingeridos na estação seca e, *Salacia crassiflora* e artrópodes, na estação chuvosa. O índice de Levins foi de 0.425, evidenciando uma dieta não muito especializada. Já para *C. thous* foram coletadas 28 fezes. A dieta mostrou-se onívora, com contribuições equivalentes de frequência de ocorrência e biomassa entre os componentes animais e vegetais. Os frutos de *Dugetia furfuraceae* e pequenos mamíferos foram os itens mais importantes da dieta, em relação os dois parâmetros. Artrópodes apesar de freqüente, pouco contribuíram para a biomassa. A amplitude de nicho foi de 0,34. A dieta de onça-parda foi analisada por meio de 25 fezes. Houve um predomínio de presas de grande porte (peso médio acima de 15 Kg), principalmente cervídeos que representaram o item mais importante da dieta. Catetos e tatus também foram frequentemente consumidos, entretanto capivara foi o segundo item de maior representatividade na biomassa, seguida de cateto. Os resultados obtidos para lobo corroboram outros estudos no cerrado. Já para cachorro-do-mato, o baixo valor de amplitude de nicho demonstra uma dieta mais especializada, contrapondo seu hábito generalista já descrito. Contudo, esse resultado pode ser explicado pelo grande número de fezes encontradas em um curto período de tempo. Destaque para importância dos frutos de *D. furfuraceae* (Annonaceae) na dieta, o que nunca foi pouco citado em outros estudos. Os dados obtidos para onça parda são um dos poucos que descrevem sua dieta no cerrado brasileiro.

Palavras-chave: dieta, lobo-guará, cachorro-do-mato, onça-parda, cerrado.

Financiadores: CAPES, Instituto Biotrópicos

ANÁLISE DA DIETA DE *LEOPARDUS GEOFFROYI* NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, UTILIZANDO-SE TRATOS DIGESTIVOS

Flávia Pereira Tirelli (Departamento de Biologia animal/ UFRGS/ flatirelli@yahoo.com.br)
Tatiane Campos Trigo (Departamento de Genética/ UFRGS)
Felipe Peters (Área de Vida Consultoria e Acessória em Biologia e Meio Ambiente)
Leonardo Machado (Área de Vida Consultoria e Acessória em Bio. e Meio Ambiente)
Fabio Mazim (CPA Consultoria e Projetos Ambientais)
Thales R. O. de Freitas (Departamento de Genética/ UFRGS)
Eduardo Eizirik (Laboratório de Biologia Molecular e Genômica/ PUCRS)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Ecologia

Leopardus geoffroyi é uma espécie de pequeno felídeo que apresenta uma ampla distribuição na Região Neotropical, ocorrendo desde a Bolívia até o sul do Chile, cobrindo praticamente toda a Argentina, o Uruguai e parte da região sul brasileira. No Estado do Rio Grande do Sul (RS) restringe-se às regiões sul, centro-sul e oeste caracterizadas por formações vegetais mais abertas, como campos e savanas com matas de galeria. Estudos de dieta envolvendo esta espécie são escassos e utilizam principalmente dados de análise de fezes, dificultando muitas vezes a obtenção de identificações precisas do predador e de seus itens alimentares. A análise de dieta a partir da coleta direta do trato digestivo permite a identificação exata da espécie predadora e uma melhor identificação das presas consumidas. Este trabalho tem por objetivo caracterizar a dieta de *Leopardus geoffroyi* no Estado do RS através de tratos digestivos. Um total de 27 tratos digestivos foi coletado a partir de animais mortos por atropelamentos. Os itens encontrados em cada trato foram triados a olho nu e separados em diferentes compartimentos e, posteriormente, identificados a nível taxonômico abrangente (mamíferos, aves, répteis, peixes, invertebrados e material vegetal). As identificações em nível taxonômico restrito foram realizadas com o auxílio de pesquisadores especializados em cada grupo encontrado. Para análise dos dados, foram realizados cálculos de freqüência de ocorrência e freqüência relativa. As análises realizadas considerando-se a divisão dos itens alimentares encontrados em um nível taxonômico abrangente indicaram os mamíferos como os principais itens alimentares, sendo sua FO de 85,18% e FR de 71%. As aves apresentaram uma FO de 37,03% e FR de 22%, e os demais itens, valores relativamente baixos. Analisando a amplitude de nicho observou-se que as categorias de presas utilizadas pelo predador foram utilizadas desproporcionalmente, ou seja, o felídeo é mais especialista que generalista. Considerando-se níveis taxonômicos mais restritos, o gênero de presa que obteve uma maior FO e FR foi *Oligoryzomys* sp. com 30,43% e 21,43%, seguido por *Cavia* sp., FO 26,08% e FR 17% e pela espécie *Holochilus brasiliensis* 21,74% e 19%. A ocorrência de material vegetal também foi elevada com FO de 70,37%, sendo a maioria pertencente à Família Poaceae. No entanto, este material não é considerado como alimento e sim, provavelmente, como auxiliar na digestão.

Palavras-chave: estudo alimentar, felídeo neotropical

ESTUDO DA DIETA DE ONÇA PARDA *(PUMA CONCOLOR)* ATRAVÉS DA ANÁLISE DAS FEZES COLETADAS NA ÁREA DE PROTEÇÃO ESPECIAL BARREIRO NO PARQUE ESTADUAL SERRA DO ROLA MOÇA, BELO HORIZONTE, MG.

Flávia Nunes Vieira (Lab. Mastozoologia/MCN PUC Minas/flavia_nunesvieira@yahoo.com.br)
Luiza Ferreira Camargos Cunha (Lab. Mastozoologia/MCN PUC Minas)
Érica Daniele Cunha Carmo (Lab. Mastozoologia/MCN PUC Minas)
Estevam Henrique Rossi Guerra (Lab. Mastozoologia/MCN PUC Minas)
Claudia Guimarães Costa (Lab. Mastozoologia/MCN PUC Minas)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Ecologia

Os felinos silvestres estão entre as espécies mais ameaçadas do mundo. Por apresentarem baixa densidade populacional, são afetados pela descaracterização de habitas, exigências alimentares e forte pressão de caça. A onça parda *(Puma concolor)* é a segunda maior espécie de felídeo do Brasil possuindo hábitos solitários e terrestres, com atividade predominantemente noturna. Sua dieta é composta, geralmente, por mamíferos de médio porte podendo alimentar-se de aves e répteis. O objetivo deste estudo foi investigar a dieta da onça parda através da análise das fezes encontradas na Área de Proteção Especial Barreiro (APE-Barreiro) inserida no Parque Estadual Serra do Rola Moça (PESRM), entre as coordenadas 43^{o}58'28"W e 22^{o}00"06'S, no município de Belo Horizonte, MG. Foram coletadas quatro amostras de fezes, no período de dezembro de 2007 a abril de 2008, durante a realização do inventário de mamíferos de médio e grande porte do PESRM durante as buscas por evidências diretas e indiretas deste grupo. As amostras de fezes foram acondicionadas em sacos plásticos, georreferenciadas e etiquetadas com data e local de coleta. Para a identificação da espécie predadora foram utilizados os seguintes critérios: presença do pêlo do próprio animal, proximidade de pegadas, local de deposição, odor das fezes, seu tamanho e formato. O material foi analisado em laboratório, pesado em uma balança de precisão; em seguida lavado em água corrente e posteriormente secado em papel absorvente. As fezes foram triadas em uma placa de petri com o auxílio de uma pinça de ponta fina, para a separação de todos os diferentes itens alimentares presentes. Os mesmos foram acondicionados em recipientes apropriados para posterior identificação. Para auxiliar na identificação das presas foram utilizados espécimes depositados no Laboratório de Mastozoologia do Museu de Ciências Naturais da PUC Minas, além da consulta à bibliografia específica. Quatro espécies de mamíferos de médio porte, distribuídas em três ordens foram encontradas nas amostras. O registro de irara *(Eira barbara)* para o PESRM foi confirmado através da verificação da presença de fragmentos ósseos encontrados em uma das amostras coletadas. A onça parda é um felino predador de topo de cadeia alimentar, sendo extremamente vulnerável a qualquer alteração na comunidade onde está inserida. Portanto, sua ausência pode provocar alterações significativas na estrutura de um ecossistema, além de perda da diversidade e aumento na abundância de algumas espécies em detrimento de outras, afetando direta ou indiretamente todos os níveis tróficos da cadeia alimentar.

Palavras-chave: Dieta, conteúdo de fezes, PESRM.

DISPONIBILIDADE E USO DE MAMÍFEROS COMO RECURSO NA DIETA DE *LEOPARDUS TIGRINUS* (SCHREBER, 1775) EM ÁREA DE RESTINGA NO PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO TABULEIRO, SANTA CATARINA

Marcos Adriano Tortato (CAIPORA Cooperativa e PPGECO - UFPR / marcostortato@hotmail.com)
Tadeu Gomes de Oliveira (Pró-Carnívoros e UEMA - MA)
Maurício Osvaldo Moura (PPGECO - UFPR)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Ecologia

No ambiente de restinga do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro o *Leopardus tigrinus* alimenta-se de pequenos mamíferos, aves e répteis, os quais apareceram em 89, 67 e 7%, respectivamente, de 50 amostras de fezes coletadas. Assim, pode-se inferir que os mamíferos são presas importantes na dieta deste felino. Neste trabalho objetivou-se determinar a relação entre a disponibilidade de pequenos mamíferos na restinga e sua utilização como recurso pelo o *L. tigrinus*. A coleta de fezes ocorreu entre janeiro de 2004 e dezembro de 2006 e a avaliação da disponibilidade de presas entre setembro de 2006 e novembro de 2007. Foi utilizado análise macro e microscópica dos pêlos de auto-limpeza para determinar se a amostra fecal era de *L. tigrinus*. Todas as amostras selecionadas continham fragmentos de mandíbula de mamíferos, o qual foi utilizada para o diagnóstico da espécie consumida. Os pequenos mamíferos foram capturados com armadilhas do tipo pitfalls (4 linhas e 6 "Y", totalizando 46 baldes) e arame (5 linhas de 15, totalizando 75 armadilhas). Com esforço mensal de cinco dias obteve-se um total de 416 capturas de mamíferos. Para determinar a disponibilidade e uso das presas foi utilizado o Índice de Eletividade Ivlev, aplicado com base na abundância dos itens disponíveis no ambiente e dos itens ingeridos pelo felino. Os mamíferos presentes nas fezes e disponíveis na restinga, consumidos por ordem de eletividade foram: *Nectomys squamipes* e *Oryzomys* sp. (IEI=0.69), *Didelphis albiventris* (IEI=0.35), *Oligoryzomys* spp (IEI=-0.31) e *Micoureus paraguayanus* (IEI=-0.79). O *Gracilinanus microtarsus* e *Monodelphis* sp provavelmente foram consumidos, mas não inclusos por limitações durante a identificação da mandíbula. Na restinga ocorrem *Oligoryzomys flavescens* e *O. nigripes*. Duas espécies de pequenos roedores não identificados (<20g) estavam presentes em cinco amostras de fezes e as armadilhas capturaram *Mus musculus* e *Scapteromys* sp., ambos não foram considerados. Uma das amostras apresentava pêlos de *Dasyprocta azarae*. Os resultados obtidos com o índice de Ivlev sugerem a rejeição de *M. paraguayanus*, possivelmente por ser um marsupial arborícola que vive fora do campo de caça usual do felino. O *Oligoryzomys* spp, apesar de estar entre o mais abundante no ambiente e consumido pelo felino, não é item preferencial na dieta, sugerindo que seu consumo é função da sua abundância.

Palavras-chave: Dieta, Eletividade, Roedores

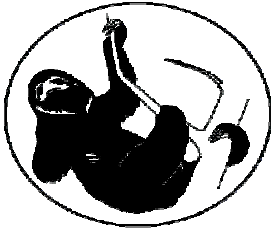
Financiadores: FNMA-001/04 e TIGRINUS Equipamentos para Pesquisa

ANÁLISE DO CONTEÚDO ESTOMACAL DE ALGUMAS ESPÉCIES DE CARNÍVOROS DO ESTADO DE MINAS GERAIS

G.A.V. Melo (Curso de Ciências Biológicas PUC Minas Betim)
D.G. Saraiva (Museu de Ciências Naturais PUC Minas)
K.P.G. Leal (Bicho do Mato Consultoria Ambiental)
K.R. Silva (Curso de Ciências Biológicas PUC Minas Betim)
E.H.R. Guerra (Curso de Ciências Biológicas PUC Minas Betim)
C.G. Costa (Museu de Ciências Naturais PUC Minas; cacau@pucminas.br)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Ecologia

A análise de conteúdo estomacal de espécies de mamíferos carnívoros pode fornecer dados precisos sobre o tipo de presa utilizada. Entretanto, este método não é muito utilizado pelo fato de que, para a obtenção de amostras, o animal deve ser sacrificado. As espécies analisadas neste estudo foram obtidas de animais atropelados, coletados em estradas de diferentes localidades do Estado de Minas Gerais e depositados na coleção de referência de mamíferos do Museu de Ciências Naturais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (MCN PUC Minas). Este trabalho apresenta os resultados preliminares da análise do conteúdo estomacal de cinco espécimes de mamíferos da ordem carnívora, *Leopardus pardalis* (município de Boa Esperança), *Galictis cuja* e *Leopardus tigrinus* (município de Santana do Riacho, PARNA Cipó), *Lycalopex vetulus* (município de Buritis) e *Eira barbara* (município de Berilo). Para a preparação do material, o conteúdo dos estômagos foi lavado em água corrente, secado em estufa a 25°C e pesado em uma balança de precisão. Após este procedimento, os diferentes tipos de presas foram identificadas e separadas por categorias, tais como fragmentos de ossos, pêlos, partes de vertebrados (musculatura, escamas, etc), material vegetal e invertebrados. Cada uma das categorias de presas foi pesada e sua proporção calculada de acordo com o peso total do material presente no estômago. Para os felinos foram verificadas diferenças no conteúdo analisado, sendo que *Leopardus pardalis* apresentou 0,2% de material vegetal, 11,1% de pêlo, 47,0% fragmentos de ossos e 41,7% partes de vertebrados. O material de *Leopardus tigrinus* apresentou 41,62 % de pêlos, 31,1% de ossos e 27,3% de partes do corpo de vertebrados. Dentre os mustelídeos, *Eira barbara* apresentou em seu conteúdo estomacal 56,5% de ossos e 43,5% de pêlos e *Galictis cuja* 62,5% de ossos, 31,5% de pêlos e 6,0% de escamas. No conteúdo estomacal do canídeo *Lycalopex vetulus* foi verificada a presença de 93,8% de invertebrados e 6,2% de material vegetal. Em algumas amostradas foi possível identificar as espécies predadas. Estudos desta natureza podem fornecer informações importantes sobre a ecologia e hábitos alimentares de diferentes espécies de carnívoros e podem funcionar como ferramentas para auxiliar na elaboração de estratégias de manejo e conservação deste grupo de mamíferos.

Palavras-chave: conteúdo estomacal, dieta, carnívoros.

DIETA DA ONÇA-PINTADA (*PANTHERA ONCA*) EM UMA FAZENDA DE PECUÁRIA DE CORTE NO PANTANAL SUL-MATOGROSSENSE ATRAVÉS DA ANÁLISE DE FEZES - UMA COMPARAÇÃO COM O MÉTODO DIRETO DE TELEMETRIA GPS

Míriam Lúcia Lages Perilli (PPGEC/ UFMS/ miriam_perilli@yahoo.com)
Sandra Maria Cintra Cavalcanti (Panthera Foundation/ Instituto Pró-Carnívoros)
Flávio Henrique Guimarães Rodrigues (Laboratório de Ecologia de Mamíferos/ UFMG/ Instituto Pró-Carnívoros)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Ecologia

A investigação da dieta da onça-pintada utilizando dois métodos distintos - método direto de rádio-telemetria GPS (MD) e método indireto de análises fecais (MI) - apresenta uma oportunidade única de avaliar (i) se MD consegue de fato detectar a maioria das presas, incluindo espécies de pequeno porte, e (ii) o mérito de MI como metodologia alternativa, menos dispendiosa e invasiva na descrição da dieta. MD consistiu no uso de colares GPS para estudo da dinâmica alimentar da onça-pintada em uma fazenda de pecuária no pantanal de Miranda e Aquidauana (19°57'S, 56 ° 25'W), entre os anos de 2001 e 2006. Em MD, locais com mais de uma localização geográfica consecutiva para um mesmo indivíduo foram checados *in loco*, em busca de carcaças de animais predados, somando um total de 438 carcaças encontradas. Para MI, amostras de fezes (n=154) foram coletadas oportunisticamente durante o monitoramento das onças-pintadas. As amostras foram desidratadas, fotografadas, colocadas em meias de nylon individuais e lavadas em tanquinho de lavar roupas. As fezes foram triadas e seu conteúdo separado em pêlos, dentes, garras, osteodermas e penas. Para pêlos oriundos das amostras foram montadas lâminas de microestrutura. Estas lâminas foram examinadas com o auxílio de Microscópio Ótico e comparadas com coleção referência. A identificação do predador foi baseada na presença de rastros associados, diâmetro das amostras e, quando encontradas em coordenadas de onças-pintadas monitoradas. Foram identificados 20 táxons através de MI e 18 através de MD. Os resultados encontrados nos dois métodos foram similares para porcentagem de ocorrência das três principais presas (*Bos* spp. MI=32,3% MD=31,33%, *Tayassu* spp. MI=19,78% MD=21,19% e *Caiman yacare* MI=18,72% MD=24,65%). Espécies de menor porte normalmente são ingeridas inteiras e/ou seus vestígios carregados por espécies necrófagas, dificultando sua localização no MD. Algumas das espécies encontradas apenas através do MI corroboram com essa idéia (*Cebus libidinosus*, *Dasyprocta azarae*, *Sylvilagus brasiliensis*, dois pequenos roedores e um *Philander opossum*). Já os Dasypodidae e *Geochelone carbonaria* podem ter sido localizados pelo MD por apresentarem carapaça que permanece no local. Algumas espécies foram encontradas apenas através de MD, o que pode ser explicado por um maior número de amostras (*Cerdocyon thous*, *Chrysocyon brachyurus*, *Tapirus terrestris*). O MI se mostrou eficiente na descrição da dieta da onça-pintada quando comparado com o MD no presente estudo, e por ser mais barato e viável pode ser usado em estudos de dieta que contam com recursos financeiros limitados.

Palavras-chave: Ecologia alimentar, Métodos de estudo, Tricologia

Financiadores: Fundação O Boticário de Proteção à Natureza (FBPN), WCS, FBDS

CBMz

ESTUDO PRELIMINAR SOBRE ECOLOGIA ALIMENTAR DE LONTRAS NEOTROPICAIS (*LONTRA LONGICAUDIS*), NO ESTUÁRIO DO RIO JUCU, PARQUE DE JACARENEMA, ES, BRASIL

David Costa Braga (Instituto Jacarenema de Pesquisa Ambiental - INJAPA@hotmail.com)
Marcelo Lopes Rheingantz (Pesquisador Associado LECP / IB - UFRJ)
Mikael Mansur Martinelli (Museu de Biologia Prof. Mello Leitão)
Thais de Assis Volpi (Museu de Biologia Prof. Mello Leitão)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Ecologia

A Lontra Neotropical (*Lontra longicaudis*) é um mamífero semi-aquático, predador de grande importância para a manutenção dos processos ecológicos do ambiente em que vive e seu habitat está amplamente relacionado com os mananciais hídricos. No geral esse carnívoro se alimenta principalmente de peixes e crustáceos, podendo haver variações nas taxas de ocorrência de cada grupo devido a grande plasticidade de presas nos diferentes ambientes que habitam. No Brasil, existem poucos estudos relacionados ao comportamento de predadores em ambientes aquáticos e, dessa forma, as investigações sobre o hábito alimentar de carnívoros neotropicais são importantes para entender o tipo de interação e o efeito causado por esses animais no ecossitema local. O estudo está sendo realizado na região do estuário do rio Jucu, Parque de Jacarenema, Espírito Santo, Brasil. Foram realizadas 16 saídas a campo de dezembro de 2007 a abril de 2008, e coletadas 37 amostras fecais e 3 restos alimentares para a análise das presas ingeridas por lontras. Cada conteúdo fecal foi lavado separadamente em peneira de malha fina, e seco em estufa(40°C) por 48h. A dieta foi analisada por triagem a partir da identificação de estruturas rígidas não digeridas, como exoesqueleto de crustáceos, escamas de peixe e penas de aves. As deposições fecais foram encontradas muito próximas ao leito do rio, em duas condições diferentes: no manguezal e em barrancos nas margens. Foram identificados crustáceos em 95% das amostras, peixes em 44%, insetos em 18%, moluscos em 5% e aves em 2,5% das amostras. Das 37 amostras contendo crustáceos, em 46% o grupo era o único intem presente, além disso, essas amostras foram encontradas depositadas em zona de manguezal. A alimentação das lontras neotropicais pode variar de acordo com a disponibilidade de presas no ambiente. Neste caso os crustáceos foi o grupo predominante na dieta da lontra, podendo este fato estar relacionado com a facilidade de obtenção desse recurso. A medida que as fezes foram encontradas acima da região de manguezal, as suas composições eram alteradas, contendo mais itens e apresentando maior diversidade de presas ingeridas. Até o presente momento foram encontradas 6 latrinas ao longo da área de estudo, a utilização do manguezal por essas lontras revelam a importância desse ambiente para sua alimentação, sendo a conservação desses locais proeminentes para a manutenção do animal.

Palavras-chave: Hábito alimentar, carnívoro aquático, latrinas, amostras fecais

ESTUDO PRELIMINAR SOBRE A DIETA DE *PROCYON CANCRIVORUS* (CUVIER, 1798) EM UMA ÁREA DE MANGUEZAL NA FOZ DO RIO JUCU, VILA VELHA-ES

Thaís de Assis Volpi (Escola Superior São Francisco de Assis/ESFA/thaisvolpi@gmail.com)
Mikael Mansur Martinelli (Escola Superior São Francisco de Assis/ESFA)
David Costa Braga (Instituto Jacarenema de Pesquisas Ambientais/INJAPA)

Área: Carnivora Sub-Área: Ecologia

O *Procyon cancrivorus* (Cuvier, 1798) ou mão-pelada é um carnívoro noturno de porte médio pertencente à família Procyonidae, distribuído extensamente sobre a região de Neotropical, habitando florestas equatoriais e tropicais, sempre próximo a rios, brejos, pântanos e mangues. Possui hábitos noturnos e é um bom nadador e escalador. Sua dieta é onívora e consiste basicamente em frutos silvestres, invertebrados e pequenos vertebrados. Apesar de ser uma espécie muito comum, estudos de sua biologia são escassos, principalmente quanto a sua alimentação. Assim, este estudo tem por objetivo caracterizar a dieta desta espécie através de excrementos vestigiais (fezes). Após coletadas, as fezes foram lavadas em água corrente com o auxilio de peneiras de malha fina, e armazenadas em estufa para secagem. Os itens alimentares foram identificados com auxílio de lupa. Nas análises, pôde-se identificar três itens predominantemente ingeridos, sendo eles: Crustacea (96,9%), sementes de *Allagoptera arenaria* (coqueiro guriri) (3%) e folhas, possivelmente casuais (0,1%). O consumo de Crustacea está relacionado à grande oferta destes indivíduos no local. Já o consumo de *Allagoptera arenaria* se deve como forma de complementação alimentar. O presente estudo teve por objetivo avaliar a dieta de *Procyon cancrivorus* em uma área de manguezal na foz do rio Jucu, Vila Velha-ES, visando contribuir ao conhecimento da ecologia da espécie, dando subsídios para a conservação dos ecossistemas a ela associados. Além disso, a realização de estudos que forneçam dados acerca do comportamento de uma determinada espécie é importante para a definição de programas de manejo para sua conservação.

Palavras-chave: manguezal, análise fecal, Crustacea, guriri

ESTUDO DA DIETA DA LONTRA, *LONTRA LONGICAUDIS* (OLFERS, 1818), NA ESTAÇÃO BIOLÓGICA DE SANTA LÚCIA, MUNICÍPIO DE SANTA TERESA, ESPÍRITO SANTO

Thaís de Assis Volpi (Museu de Biologia Prof. Mello Leitão / thaisvolpi@gmail.com)
Mikael Mansur Martinelli (Museu de Biologia Prof. Mello Leitão)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Ecologia

O presente estudo foi realizado em uma área de Floresta Ombrófila Densa Sub-Montana - Estação Biológica de Santa Lúcia, em Santa Teresa, Espírito Santo, atravessada pelo rio Timbuí, que percorre toda a região urbana, sofrendo direta ação antrópica, principalmente por dejetos provenientes da ausência de saneamento básico. Tal estudo teve como objetivo caracterizar a dieta de *Lontra longicaudis* (Olfers, 1818) na EBSL, tendo em vista que o local sofre impacto como os provenientes de poluição aquática. As coletas foram realizadas entre os meses de maio de 2006 e outubro de 2007, sendo coletadas 165 amostras, onde 1/3 delas foi utilizada para análise parasitológica. Para tal análise foi utilizado o método Hoffman. As análises dos itens alimentares foram realizadas com o auxílio de lupa, onde pôde verificar que os peixes formam a base da dieta da lontra (80%), sendo o segundo item mais consumido uma espécie exótica (*Tilapia rendalli*), seguido por crustáceos (12%), que apresentaram variação sazonal quanto à freqüência na dieta. Aves e anfíbios apresentaram valores pouco significativos na base alimentar. Foram encontradas duas espécies de parasitos nas fezes: *Opisthorchis tenuicollis* e *Euparyphium melis*. A dieta da lontra na EBSL mostrou semelhanças com outros estudos realizados, o que pode indicar que, apesar da poluição do rio Timbuí, outros fatores parecem contribuir para a sobrevivência da lontra na EBSL.

Palavras-chave: ação antrópica, peixes, crustáceos, parasitas.

ANÁLISE ESCATOLÓGICA DE *PUMA CONCOLOR* COMO FERRAMENTA DE AVALIAÇÕES ECOLÓGICAS NO PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO BRIGADEIRO (PESB), MINAS GERAIS

Raisa Rodarte (Museu de Zoologia João Moojen – DBA / UFV / raisa_rodarte@hotmail.com)
André Valle Nunes (Museu de Zoologia João Moojen – DBA / UFV)
Kyvia Lugate Cardoso Costa (Departamento de Biologia Animal / UFV)
Leandro Santana Moreira (Museu de Zoologia João Moojen – DBA / UFV)
Gisele Lessa (Museu de Zoologia João Moojen - DBA / UFV)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Ecologia

Informações sobre hábitos alimentares são importantes para a compreensão de diversos aspectos ecológicos e comportamentais dos carnívoros. O uso de material escatológico em estudos de ecologia alimentar é um importante método que permite a identificação de espécies-presa, a diagnose da fauna local por meio de pêlos, dentes, ossos, garras, escamas e penas encontradas nas fezes dos predadores, além da caracterização da plasticidade ecológica de uma espécie. Frente a isso, o presente trabalho teve como objetivo identificar as possíveis presas consumidas por *Puma concolor*, subsidiando informações para o levantamento da fauna local, visto a dificuldade de visualizações e registros de algumas destas espécies. Até o momento, foram analisadas 8 amostras fecais de *Puma concolor* no Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, região inserida na Mata Atlântica mineira. Estas foram georreferenciadas, fotografadas e armazenadas em sacos plásticos com informações sobre local e data de coleta. Em laboratório, a triagem foi feita manualmente com auxílio de lupa selecionando as estruturas que pudessem servir para posterior identificação. As amostras fecais tiveram peso e diâmetro médio de 90 g e 9 cm, respectivamente. Até o momento, foram identificadas quatro espécies-presa, *Pecari tajacu* (caititu), *Nasua nasua* (quati), *Bradypus* sp. (preguiça) e *Dasypus* sp. (tatu) por meio de ossos e partes diagnósticas encontradas nas amostras e comparadas com a coleção científica do Museu de Zoologia João Moojen- UFV. Os pêlos selecionados das fezes durante a triagem serão identificados futuramente através de análises macroscópica e microscópica. Em estudo paralelo, utilizando-se armadilhamento fotográfico nos pontos onde as fezes foram coletadas, foi confirmada a existência de *Puma concolor* e algumas espécies-presa, sendo um importante recurso para obtenção de maior acurácia dos estudos, principalmente no que se refere à distribuição espacial desta espécie no parque. A continuidade da coleta de dados possibilitará a elaboração de rotas das áreas utilizadas por *Puma concolor* dentro do PESB, visando o monitoramento da espécie.

Palavras-chave: Mata Atlântica, ecologia alimentar, amostras fecais, monitoramento

CBMz

IDENTIFICAÇÃO DE AMOSTRAS FECAIS DE FELINOS PROVENIENTES DA RESERVA NATURAL VALE, LINHARES (ES), UTILIZANDO DNA MITOCONDRIAL

Taiana Haag (Departamento de Genética/UFRGS/ email: taiahaag@yahoo.com.br)
Ana Carolina Srbek Araujo (Instituto Ambiental Vale)
Francisco M. Salzano (Departamento de Genética, UFRGS)
Adriano G. Chiarello (Programa de Pós-graduação em Zool. de Vert./PUCMinas)
Eduardo Eizirik (Laboratório de Biologia Genômica e Molecular/PUCRS)
Anelisie S. Silva (Laboratório de Biologia Genômica e Molecular/PUCRS)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Genética

A utilização de amostras fecais para obtenção de informações ecológicas, especialmente de carnívoros, é considerada um método tradicional e tem sido empregada amplamente em estudos relacionados à confirmação da presença das espécies, investigação de hábitos alimentares, relações predador-presa, entre outros. Entretanto, a identificação de amostras fecais coletadas em campo, com base exclusivamente em critérios morfológicos, tem se mostrado não confiável, havendo assim a necessidade de um método rigoroso que permita sua identificação correta. Isto é particularmente relevante quando espécies focais de determinado estudo ocorrem em simpatria com táxons relacionados, cuja morfologia das fezes pode ser similar. Nestes casos, identificar espécies simpátricas a partir de DNA fecal pode ser um método bastante efetivo, podendo representar uma ferramenta segura e valiosa. Além disso, o uso de amostras não-invasivas tem se mostrado de extrema importância para a realização de estudos genéticos sem necessidade de capturar os animais, sendo especialmente importante em estudos que visem a conservação de espécies ameaçadas. Sob estes aspectos, este estudo tem por finalidade identificar espécies de felinos simpátricas presentes na Reserva Natural Vale (RNV), Linhares (ES), por meio de DNA fecal. Estudos anteriores indicam uma rica fauna para a reserva, incluindo seis espécies de felinos silvestres, sendo considerada uma das áreas de extrema importância para a conservação da biodiversidade da Mata Atlântica. Até o momento, 15 amostras foram coletadas e identificadas com base em características morfológicas, tendo sido preliminarmente atribuídas a diferentes espécies de felinos. Todas amostras foram testadas para dois métodos de preservação (DET e sílica gel) e o DNA fecal foi extraído utilizando-se o QIAamp DNA Stool Mini Kit (Qiagen). Para a identificação da espécie foram seqüenciados 96pb do gene mitocondrial ATP6, que tem se mostrado um marcador eficaz para identificar amostras não-invasivas de diferentes espécies de carnívoros. Onze amostras foram identificadas e nas extrações, DET mostrou-se mais efetivo (n=12), em detrimento da sílica gel (n=9). Reconstruções filogenéticas utilizando o programa MEGA 3.1 posicionaram oito amostras no agrupamento de seqüências de onça-pintada (*Panthera onca*), duas no clado de jaguatirica (*Leopardus pardalis*) e outra amostra se agrupou com gato-do-mato-pequeno (*Leopardus tigrinus*). É importante salientar que duas das amostras pertencentes à onça-pintada foram inicialmente identificadas como puma (*Puma concolor*) e outras duas amostras atribuídas à jaguatirica são, de fato, onça-pintada e gato-do-mato-pequeno. Os resultados indicam a importância de se utilizar um método molecular para identificação correta de amostras fecais coletadas em campo, embasando a realização de estudos com resultados confiáveis.

Palavras-chave: identificação de felinos, amostra não-invasiva, fezes, gene ATP6

Financiadores: Vale, CAPES, PET/SESU/MEC

ANÁLISE DE PARENTESCO, SISTEMA DE ACASALAMENTO E DISPERSÃO DE LOBOS-GUARÁS (*CHRYSOCYON BRACHYURUS*) DO PARQUE NACIONAL DA SERRA DA CANASTRA A PARTIR DE FERRAMENTAS MOLECULARES

Manoel Ludwig da Fontoura Rodrigues (Centro de Biologia Genômica e Molecular / PUC-RS / manoel_bio@yahoo.com.br)
Rogério Cunha de Paula (CENAP-IBAMA; Instituto Pró-Carnívoros)
Flávio H. G. Rodrigues (Depto. de Biologia Geral / UFMG; Inst. Pró-Carnívoros)
Eduardo Eizirik (Centro de Biologia Genômica e Molecular / PUC-RS; Inst. Pró-Carnívoros)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Genética

O lobo-guará, maior canídeo da América do Sul, vem tendo vários aspectos da sua ecologia e comportamento estudados desde o começo da década de 80. Contudo, ainda restam várias questões ecológicas que precisam ser respondidas e confirmadas, principalmente em relação a aspectos mais refinados como padrões de dispersão, estrutura social e dinâmica de territórios. Apesar de estes temas serem estudados há muitos anos, o recente advento da utilização de ferramentas moleculares tem possibilitado inferências novas e mais precisas. Estas, associadas as observações de campo e rádio-telemetria, possibilitam inferências a respeito da estrutura social de uma população, como sistema de acasalamento, nível de relacionamento entre componentes de um casal, padrão de ocupação e dinâmica de territórios, entre outros. O objetivo deste trabalho é justamente analisar tais aspectos da ecologia do lobo-guará, gerando dados que podem ajudar no desenvolvimento de futuros planos de manejo e conservação da espécie em seu ambiente natural. Para tal, indivíduos residentes no Parque Nacional da Serra da Canastra (MG) e arredores estão sendo capturados através de armadilhamento. A partir das amostras de sangue coletadas (34 indivíduos até o momento) foi realizada a extração do DNA genômico, e posteriormente a amplificação de 10 locos de microssatélite através de PCR. Os dados foram analisados através do programa KINSHIP, realizando-se as análises de grau de parentesco e nível de correlacionamento genético entre todos os indivíduos amostrados. Como esperado (a partir de hipóteses de campo), vários parentes foram identificados. Quatro casais, três dos quais com mais de um filhote, foram observados, e nenhum indivíduo apresenta filhotes a partir de mais de um pareamento. Associados ao fato de os filhotes de cada casal apresentarem diferentes idades, estes dados apontam para a confirmação de que o lobo-guará mantém o mesmo par nas sucessivas estações reprodutivas. Além disso, os níveis de correlacionamento genético sugerem que os casais evitam acasalar com indivíduos aparentados. Cruzando-se tais dados com os de rádio-telemetria, é possível verificar que casais compartilham grande parte da área de vida entre si e com filhotes, ao menos nos primeiros meses de vida destes. Por fim, a persistência de indivíduos não relacionados a nenhum outro na população amostrada sugere a existência de migrantes. O desaparecimento de alguns filhotes da área de vida dos pais e da área de cobertura de rádio-telemetria do estudo também aponta para a ocorrência de dispersão.

Palavras-chave: lobo-guará, análise de parentesco, ecologia molecular

Financiadores: Fundo Nacional do Meio Ambiente, CNPq

IDENTIFICANDO A COLORAÇÃO DE ONÇAS-PINTADAS (*PANTHERA ONCA*) A PARTIR DE AMOSTRAS FECAIS

Anelisie da Silva Santos (Laboratório de Biologia Genômica e Molecular/PUCRS/ anelisie@gmail.com)
Taiana Haag (Departamento de Genética/UFRGS/)
Dênis A. Sana (Instituto Pró-Carnívoros)
Ronaldo G. Morato (Instituto Pró-Carnívoros/CENAP/IBAMA)
Laury Cullen Jr. (Instituto de Pesquisas Ecológicas)
Carlos de Angelo (Laboratorio de Investigaciones Ecológicas de las Yungas (LIEY))
Francisco M. Salzano (Departamento de Genética/UFRGS)
Eduardo Eizirik (Faculdade de Biociências/PUCRS/Instituto Pró-Carnívoros)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Genética

Amostras fecais vêm sendo amplamente utilizadas para identificar espécie, indivíduo, sexo e parentesco de diferentes espécies de carnívoros, mostrando ser um método bastante efetivo em estudos de ecologia molecular e estrutura populacional. No entanto, o uso deste tipo de amostra para identificar características fenotípicas como coloração ainda não foi explorado, em grande parte porque a base molecular destes polimorfismos não foi identificada na maior parte dos organismos. Entretanto, nas onças-pintadas, Eizirik e cols. (Curr.Biol.13:448-453, 2003) identificaram que todos os indivíduos melânicos apresentam pelo menos um alelo mutante do gene *MC1R* que contém uma deleção de 15 pares de bases. Através da análise de indivíduos melânicos capturados, realizamos um teste de associação genótipo-fenótipo envolvendo esta característica, totalizando 91 amostras de sangue e tecido, e corroborando a observação de associação perfeita entre o melanismo e a deleção no gene *MC1R*. A partir desta análise, este projeto visa incorporar amostras de DNA de fezes, testando a possibilidade de identificar a coloração de onças-pintadas a partir de amostras fecais para que futuramente, possamos caracterizar a freqüência do alelo mutante em populações naturais que exibam variação neste fenótipo. Até o momento, foram utilizadas 34 amostras fecais de indivíduos de cativeiro para a realização de um teste cego, a fim de observar a perfeita associação genótipo-fenótipo neste tipo de amostra. O DNA fecal foi extraído utilizando-se o *QIAamp DNA Stool Mini Kit* (Qiagen). Primeiramente, foram seqüenciados 96 pb do gene mitocondrial *ATP6* para a confirmação de que havíamos extraído DNA do predador e posteriormente, as amostras foram amplificadas por PCR e genotipadas para o gene *MC1R*. Em quatro casos, amostras pareadas de sangue e fezes do mesmo indivíduo foram analisadas de forma independente, gerando resultados idênticos. Para as amostras fecais conferimos o fenótipo somente após obter no mínimo quatro réplicas para heterozigotos e seis para homozigotos, evitando assim erros devido a alelo *dropout*. Até o momento, conferimos o fenótipo de 21 amostras e obtivemos uma associação perfeita entre genótipo-fenótipo. Recentemente, fizemos um teste inicial com oito amostras de campo identificadas como fezes de onça-pintada e para seis delas, foram conseguidas quatro réplicas, as quais deram homozigotas para o alelo sem a deleção. Os resultados obtidos até o momento indicam que é possível identificar de forma confiável a coloração de onças-pintadas utilizando-se DNA fecal, abrindo caminho para estudos genéticos desta característica em populações naturais.

Palavras-chave: Melanismo, *Panthera onca*, DNA fecal, gene MC1R.

Financiadores: PET/SESU/MEC, CAPES, CESP (Companhia Energética de São Paulo

CARACTERIZAÇÃO DE INTRONS NUCLEARES COMO MARCADORES GENÉTICOS PARA A INVESTIGAÇÃO DE UMA COMPLEXA ZONA DE HIBRIDAÇÃO ENTRE *LEOPARDUS TIGRINUS* E *L. GEOFFROYI* NO RIO GRANDE DO SUL

Alexsandra Schneider (PPG Zoologia / PUCRS / ale-schneider@hotmail.com)
Tatiane Campos Trigo (PPG Genética e Biologia Molecular/UFRGS)
Eduardo Eizirik (PPG Zoologia/PUCRS)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Genética

A hibridação natural entre espécies selvagens, atualmente reconhecida como um processo bastante comum, pode apresentar significativa relevância na trajetória evolutiva das espécies envolvidas. No entanto, atividades antropogênicas como a introdução de espécies exóticas e modificação de habitats podem favorecer eventos de hibridação e conseqüentemente contribuir para a extinção de muitas espécies ao comprometer suas integridades genéticas. *Leopardus tigrinus* e *L. geoffroyi* são duas espécies de pequenos felinos proximamente relacionados (segundo dados genéticos e morfológicos) e de distribuições basicamente alopátricas na Região Neotropical. No Estado do Rio Grande do Sul, as duas espécies apresentam uma zona de contato geográfico onde foi verificada a existência de um complexo e extenso padrão de hibridação. Este estudo tem como objetivo caracterizar novos marcadores nucleares a serem utilizados na caracterização genética desta zona híbrida e, assim, ampliar os conhecimentos existentes sobre a magnitude, direcionalidade e antigüidade histórica deste fenômeno. Para a realização deste trabalho, foram utilizados, até o momento, dois introns nucleares dos genes *PLP1* e *BTK*, localizados no cromossomo X, com 816 pb e 600 pb, respectivamente, os quais foram concatenados para a análise dos dados. Foram analisadas amostras das duas espécies provenientes de áreas de alopatria, maximizando a representação de animais geneticamente puros, bem como amostras da região de contato onde a hibridação foi detectada, totalizando 30 indivíduos para cada espécie. Um indivíduo de *L. colocolo* foi também analisado como grupo externo. O número de haplótipos observados e as diversidades nucleotídica e haplotípica foram estimados com o programa DnaSP 4.2, e a relação entre haplótipos foi investigada com o programa Network 4.5.0.0. Foram encontrados 11 sítios polimórficos gerando sete haplótipos distintos, e valores de diversidade nucleotídica (Pi) e haplotípica (Hd) de 0,00141 e 0,726, respectivamente. Foram identificados quatro haplótipos específicos de *L. tigrinus* e dois de *L. geoffroyi*. A introgressão de haplótipos foi verificada em nove indivíduos morfologicamente identificados como *L. geoffroyi* e em dois *L. tigrinus*. Estes resultados corroboram as primeiras evidências, encontradas em trabalhos anteriores, da existência de introgressão bidirecional entre estas espécies, com taxas mais elevadas de introgressão de componentes genéticos específicos de *L. tigrinus* em indivíduos de *L. geoffroyi* do que o observado no sentido inverso. Os resultados revelam também a ligação gênica entre os locos nucleares e a ausência de eventos de recombinação entre eles, o que favorece o uso destes novos marcadores neste tipo de análise detalhada.

Palavras-chave: hibridação, introgressão, marcadores nucleares

Financiadores: FNMA/MMA, CAPES, CNPq

ANÁLISE DA VARIABILIDADE MOLECULAR DO GENE MITOCONDRIAL ND5 EM *PUMA CONCOLOR* (CARNIVORA, FELIDAE)

<u>Eunice Moara Matte</u> (Depto de Genética / UFRGS / nicematte@gmail.com)
Eduardo Eizirik (Lab. de Biologia Genômica e Molecular / PUCRS)
Thales R. O. de Freitas (Depto de Genética / UFRGS)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Genética

Conhecida popularmente como puma, leão-baio, onça-parda e suçuarana, a espécie *Puma concolor* apresenta uma das mais amplas distribuições entre os mamíferos terrestres, ocorrendo do Canadá à Patagônia, do nível do mar às regiões andinas. Sua origem está datada entre 0,5 e 1 milhão de anos atrás (MA), segundo registros fósseis e de 5 a 8 MA, considerando dados morfológicos e moleculares. Entre 2 e 4 MA, durante o Grande Intercâmbio Americano, provavelmente ocorreu a expansão da espécie (ou de seu ancestral) da América do Norte para o Sul, após a ligação geológica via Istmo do Panamá, levando ao aumento da área de distribuição, conseqüentemente dos tipos de hábitat, que facilitaram diferentes tipos de seleção dentro da espécie. Sugere-se que, posteriormente, tenha ocorrido uma grande redução no número populacional na América do Norte e Central, reduzindo significativamente sua variabilidade genética. Através do seqüenciamento parcial do gene NADH desidrogenase subunidade 5 (ND5) em indivíduos amostrados em toda a área de ocorrência, a variabilidade genética desta espécie e sua estruturação geográfica está sendo investigada. Seqüências de 703 pares de base (pb) apresentaram, até o momento, 21 sítios variáveis, sendo 16 deles informativos para a parcimônia. Além disso, 19 haplótipos foram encontrados, sendo que amostras da América do Norte e algumas da América Central foram reunidas num único deles, sugerindo uma diferenciação entre Norte e Sul da América (informações obtidas pelo uso do programa MEGA 4.0). A diversidade nucleotídica encontrada é de 0.00571, indicando níveis baixos a moderados de variabilidade mitocondrial, semelhante ao observado em outros segmentos deste genoma. Os resultados obtidos até o momento não evidenciam uma estruturação espacial significativa nesta espécie nas regiões analisadas.

Palavras-chave: *Puma concolor*

Financiadores: CNPq

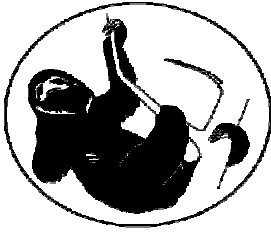
MONITORAMENTO DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE DO MUNICÍPIO DE RIO PIRACICABA, MINAS GERAIS

Costa, C.G. (Museu de Ciências Naturais PUC Minas, cacau@pucminas.br)
Almeida, A.F.R. (Vale)
Santiago, F.L. (Museu de Ciências Naturais PUC Minas)
Câmara, E.M.V.C. (Museu de Ciências Naturais PUC Minas)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Levantamento

Inventários da mastofauna são extremamente importantes uma vez que a listagem de espécies é passo inicial para planos de manejo e conservação, frente a constante ameaça decorrente da pressão de caça e perturbações urbanas em áreas fragmentadas. O presente trabalho apresenta os resultados obtidos em um estudo de longo prazo, entre março de 2005 a outubro de 2007, realizado em diferentes fragmentos de Mata Atlântica, próximos a uma área de mineração da Companhia Vale do Rio Doce (Vale), no município de Rio Piracicaba, Minas Gerais. Estes fragmentos estão inseridos em região periurbana e sujeitos a intensa ocupação antrópica, causando a supressão da vegetação nativa e, conseqüentemente, da fauna local. Para o levantamento de mamíferos de médio e grande porte foram utilizados diferentes métodos, como busca aleatória por evidências diretas e/ou indiretas e *play back*, visando o registro de primatas. Até o momento foram registradas 19 espécies de mamíferos de médio e grande porte, sendo nove da ordem Carnivora, dois de Primates, Pilosa e Rodentia e uma de Artiodactyla, Cingulata e Lagomorpha. Dentre as espécies de mamíferos registradas, destaca-se a onça-parda (*Puma concolor*), a jaguatirica (*Leopardus pardalis*), o lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) e o guigó (*Callicebus nigrifrons*). A riqueza de espécies registradas até o momento pode ser considerada alta, principalmente ao se avaliar a estrutura e composição atual da vegetação no local e o impacto causado pelas atividades minerárias. Frente ao número de espécies endêmicas e ameaçadas de extinção registradas neste estudo, são necessários esforços no sentido de permitir o seu manejo e conservação, além da continuidade do monitoramento de espécies. Desta forma, adquirindo conhecimentos acerca da história natural das espécies que persistem nestas áreas caracterizadas por alterações ambientais.

Palavras-chave: Mamíferos de médio e grande porte, mineração, conservação

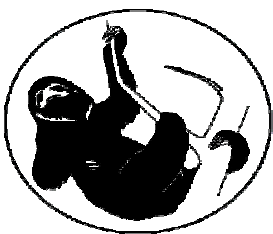
Financiadores: Vale, Nicho Engenheiros e Consultores Ltda

OCORRÊNCIA DE *LEOPARDUS PARDALIS* (LINNAEUS, 1758) (FELIDAE, CARNIVORA) EM UMA ÁREA DE REMANESCENTE DE MATA ATLÂNTICA NO BAIXO SUL DO ESTADO DA BAHIA, BRASIL

Jorge Nei Silva de Freitas (ERM do Brasil LTDA / jnsfreitas02@yahoo.com.br)
Arlindo Silva Neto (ERM do Brasil LTDA)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Levantamento

A Mata Atlântica é um ambiente altamente fragmentado e ameaçado, e onde está concentrada grande parte da biodiversidade de fauna do Brasil. A jaguatirica (*Leopardus pardalis*) é um felino neotropical que habita este bioma e que apresenta hábitos discretos que dificultam possíveis estudos populacionais sobre seu estado de conservação. Este trabalho é fruto do programa de monitoramento de fauna realizado pela ERM do Brasil LTDA para Campo Manati/PETROBRAS S.A, onde um dos seus resultados foi a constatação da presença de um indivíduo adulto através do método de registro em armadilha-fotográfica, dentro do monitoramento de médios e grandes mamíferos. Este animal foi detectado no momento em que atacava roedores em armadilhas de captura de pequenos mamíferos. A presença desta espécie numa área de remanescente de Mata Atlântica e em estágio inicial de regeneração é uma evidência de que esta espécie tem capacidade para tolerar áreas sob distúrbio, como matas de capoeira, próximas a fazendas e habitações. Além disso, sua ocorrência numa fazenda do município de Jaguaripe, região do Baixo Sul Baiano, corrobora dados sobre distribuição atual e oferece ao conhecimento científico, uma área para realização de estudos populacionais e estado da conservação desta espécie na região de Mata Atlântica.

Palavras-chave: Jaguatirica, Armadilha-fotográfica, Mata-Atlântica, distribuição

Financiadores: ERM do Brasil LTDA, PETROBRAS S.A.

DIAGNÓSTICO PRELIMINAR DA OCORRÊNCIA DE ARIRANHAS (*PTERONURA BRASILIENSIS*) NO ESTADO DO AMAPÁ

Danielle Lima (PPGBio/UNIFAP e Projeto Onças D'água / limadanielle@terra.com.br)
Cláudia Silva (Divisão de Fauna / IEPA)
Miriam Marmontel (Projeto Onças D'água / Instituto Mamirauá)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Levantamento

Cerca de 75% da área de ocorrência histórica de ariranha (*Pteronura brasiliensis*) encontra-se em território brasileiro. Entretanto, sabe-se que houve redução na distribuição original, e as informações atuais acerca disto ainda são insuficientes. Especialistas em *P. brasiliensis* recomendam que esforços sejam intensificados em determinadas áreas, como na transição do Cerrado para a Amazônia e em áreas de borda da distribuição. Neste contexto, o Amapá é uma das áreas prioritárias para a realização de levantamentos distribucionais de ariranhas no Brasil. O Estado está inserido tanto no escudo das Guianas como na bacia amazônica, apresentando hábitats diversificados em florestas de terra-firme, florestas inundadas, cerrados amazônicos, porções de mangue, entre outros. Esta heterogeneidade de ambientes é capaz de abrigar uma alta diversidade biológica, porém o conhecimento sobre a mastofauna local é fragmentado e incipiente. Inventários de mamíferos têm sido recentemente realizados no Amapá, diminuindo assim as lacunas de conhecimento sobre distribuição, tanto de espécies consideradas raras quanto daquelas ameaçadas de extinção. Entre agosto de 2004 e abril de 2008 foram realizados inventários biológicos rápidos de mamíferos em 15 áreas, sendo utilizada a mesma metodologia e equipe em todas as ocasiões. Avistagens e indícios inequívocos de ariranhas foram obtidos em ambientes de terra-firme e manguezais na costa do Amapá. Estas áreas incluem a Floresta Nacional (FLONA) do Amapá, Parque Nacional (PARNA) Montanhas do Tumucumaque, Reserva Biológica (REBio) do lago Piratuba e Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) do rio Iratapuru. Além destas Unidades de Conservação, a presença da espécie foi confirmada nos rios Amapari e Jari. A distribuição de ariranhas incluiu locais com diferentes graus de vulnerabilidade, desde regiões plenamente conservadas como o PARNA Montanhas do Tumucumaque, até aquelas sob ameaça, como o rio Jarí, na área exata proposta para a instalação de uma usina hidrelétrica na Cachoeira Santo Antônio. Além disso, a interação com a pesca e a percepção de que a ariranha é o principal responsável pela diminuição do recurso pesqueiro foram relatados por moradores e usuários do entorno da FLONA do Amapá. Este panorama deflagra a importância da ampliação de pesquisas direcionadas no Estado, bem como a aplicação de recursos que possibilitem a determinação do estado de conservação da espécie no Brasil.

Palavras-chave: *Pteronura brasiliensis*, distribuição, Amapá, conservação

Financiadores: Conservação Internacional, IEPA, IBAMA, FIDESA, CNPq

LEVANTAMENTO POPULACIONAL DE QUATIS (PROCYONIDAE: *NASUA NASUA*) NO PARQUE DAS MANGABEIRAS, BELO HORIZONTE, MG

Nadja Simbera Hemetrio (Lab. de Ecologia de Mamíferos / UFMG / nadjasimbera@yahoo.com.br)
Flávio Henrique Guimarães Rodrigues (Lab. de Ecologia de Mamíferos/ UFMG)
Lara Ambrosio Leal Dutra (Laboratório de Ecologia de Mamíferos/ UFMG)
Wander Ulisses Mesquita (Laboratório de Ecologia de Mamíferos/ UFMG)
Julia Angélica Gonçalves da Silveira (UFMG)
Simone Machado Mendes de Sousa (UFMG)
Rogerio Venancio Donatti (UFMG)
Paula Cristina Senra Lima (PUC - Betim)
Iuri Fortes Pereira (UFMG)
Bárbara Regina Neves Chaves (UFMG)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Levantamento

Os quatis (*Nasua nasua* Linnaeus, 1766) são carnívoros de médio porte que possuem hábitos generalistas. São representantes gregários da família Procyonidae. Sabe-se que estes animais não estão sujeitos à predação no Parque das Mangabeiras(19º56'S e 43º54'W), pois seus predadores naturais, mamíferos de grande porte, não estão presentes no local. Isto pode estar contribuindo para que haja um crescimento da população destes carnívoros no parque. Outro fator que pode contribuir para a existência de altas densidades de quatis na área está relacionado à grande oferta de alimento em lixeiras e à alimentação destes animas por visitantes. Este trabalho teve como objetivo estimar o tamanho da população de quatis no local e avaliar o potencial para crescimento da mesma. Para fazer o levantamento populacional de quatis, utilizou-se a metodologia de marcação e recaptura, com múltiplos eventos de recaptura. As capturas e recapturas foram realizadas entre 08 de fevereiro de 2007 e 15 de junho de 2007 utilizando-se 50 armadilhas de ferro galvanizado (70cm x 30cm x 20cm) e cevando-se os animais em um cercado (5 m x 5 m x 2,20 m). A área amostrada possui 59,74 hectares. Os quatis capturados foram imobilizados quimicamente com uma injeção intramuscular de tiletamina e zolazepan (Zoletil 100® - Virbac do Brasil) nas doses 0,1 mL/Kg. e marcados com um brinco de polipropileno. Os dados foram analisados utilizando-se o programa CAPTURE e estimou-se que tenham 178+22,43 quatis no parque. A densidade destes animais no local, 52,81 indivíduos/Km^2, mostrou-se maior do que em outras áreas onde foram feitos levantamentos populacionais de quatis (*N. nasua* e *N. narica*) em que as densidades variaram de 1,2 a 51,5 indivíduos/ Km^2 (Ilha Anchieta, Fazenda Acurizal no Mato Grosso, Parque do Prosa, Barro Colorado e Huachuca Mountains no Arizona). Os animais capturados foram medidos, pesados e classificados de acordo com o sexo e o tamanho. Dos 107 animais capturados, 60% eram fêmeas e 40% eram machos. Foram capturados 70 indivíduos classificados como jovens e 37 como adultos, demonstrando que a população tem um grande potencial para crescer. Os resultados deste trabalho indicam a necessidade de estudos que avaliem a taxa de crescimento da espécie no local e o impacto desta alta densidade de quatis nas comunidades de plantas e animais do Parque das Mangabeiras. Tais estudos são imprescindíveis para o manejo de quatis no local.

Palavras-chave: Quati, coati, *Nasua nasua*, Procyonidae, marcação e recaptura

Financiadores: Fundação de Parques Municipais/ Prefeitura de Belo Horizonte

ESTUDO COMPARATIVO DO SINCRÂNIO DE *GALICTIS CUJA* E *CONEPATUS CHINGA* MOLINA, 1782

Marina Ochoa Favarini (Depto. de Mastozoologia/ MCN/FZBRS/ ninafavarini@yahoo.com.br)
Daniela Sanfelice (Depto. de Mastozoologia/ MCN/FZBRS)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Morfologia

No Brasil são restritos os estudos osteológicos em pequenos carnívoros e as espécies de zorrilhos e furões carecem de revisão quanto à sistemática e taxonomia. Em acréscimo, até recentemente os zorrilhos pertenciam a uma sub-família de Mustelidae, atualmente constituem a família Mephitidae (com base em análises moleculares) e inúmeros foram os arranjos sistemáticos propostos nas últimas décadas. Contudo, ainda que a taxonomia e a sistemática dos mustelídeos e mefitídeos seja historicamente controversa (trazendo consigo polêmicas a respeito da evolução e filogenia) estudos do esqueleto destes grupos são praticamente inexistentes. Paradoxalmente, sabe-se que o crânio possui um valor singular como indicador das relações sistemáticas devido à constância e a riqueza de caracteres. Neste contexto, o escopo deste trabalho é contribuir para o conhecimento de *Conepatus chinga* e *Galictis cuja* através da descrição comparativa da anatomia do sincrânio. Analisaram-se 54 espécimes adultos depositados nas coleções científicas do MCN/FZBRS e ULBRA. A descrição anatômica seguiu os padrões da Nomina Anatômica Veterinária e a faixa etária foi determinada pelo grau de fechamento sutural do crânio. As principais diferenças entre as espécies estudadas até o presente são: rostro proporcionalmente maior; nasal retangular (triangular em *G. cuja*); fossa nasolabial ausente; lâmina horizontal e borda posterior do palatino mais côncavas; palatino não alcança o nível da fissura esfenoidal; canal infraorbital freqüentemente apresentando duas aberturas anteriores; ausência de processo supra-orbital; jugal delicado e com processo pós-orbital ausente; neurocrânio mais arredondado; hámulo pterigóide não projetado lateralmente e de borda posterior mais côncava; bula timpânica mais próxima da fossa mandibular; aberturas dos forames estilo-mastóide, jugular e hipoglosso simples e menos variáveis (em termos de número e forma); processo jugular conspícuo; forame magno posicionado mais ventralmente em *C. chinga*, diferentemente do que se observa em *G. cuja*. No dentário o processo coronóide é mais desenvolvido e a borda ventral é mais convexa em *C. chinga* do que em *G. cuja*. Estes resultados são relevantes para uma melhor compreensão dos caracteres, origem, filogenia, determinação dos processos evolutivos envolvidos e arqueologia. Na seqüência desenvolver-se-ão estudos de odontologia, idade cronológica, variação geográfica e dimorfismo sexual (incluindo métodos de morfometria geométrica).

Palavras-chave: anatomia, osteologia, carnívoros, furão, zorrilho

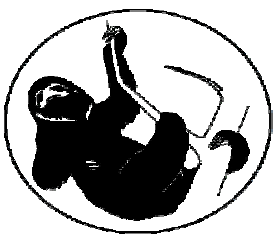
ANÁLISE DA ESCÁPULA EM CANIDAE (CARNIVORA) UTILIZANDO MORFOMETRIA GEOMÉTRICA

Thiago Macek Gonçalves Zahn (Lab. Morfometria Geométrica / MZUSP / thimacek@gmail.com)
Francisco Prevosti (MACN)
Erika Hingst-Zaher (Lab. Morfometria Geométrica / MZUSP)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Morfologia

A escápula dos mamíferos está sujeita a pressões relacionadas ao comportamento locomotor e restrições ligadas à filogenia dos grupos. Empregamos neste trabalho técnicas de morfometria geométrica para tentar identificar fatores relacionados à geração da forma da escápula em Canidae, família tipicamente cursorial que possui representantes com comportamento escansorial restrito (ex. *Urocyon cinereoargenteus*). Com uma técnica mista de análise de contorno e marcos anatômicos analisamos a vista lateral da escápula de 25 espécies da família, obtendo um conjunto de variáveis da forma. Utilizamos essas variáveis para estudar a relação da forma com três fatores: massa corpórea (BM); comprimento dos membros anteriores (CMA); tamanho da escápula (CS). Como todas as espécies com comportamento escansorial relatado são da tribo Vulpini, somente testamos a relação do comportamento escansorial com a forma nos indivíduos desse grupo. Estimamos inércia filogenética pelo método de regressão de autovetores filogenéticos (PVR). Os dados foram separados em cinco conjuntos: amostra total (25sp); espécies com informação sobre CMA (22sp); 4 imagens por espécie (17sp); 4 imagens por espécie naquelas com informação sobre CMA (16sp); e 8 imagens por espécie (9sp). A análise dos eixos principais de variação da forma mostra forte influência filogenética: o clado *Vulpes* e o das raposas Sul-Americanas formam dois agrupamentos distintos, com *Speothos* e *Chrysocyon* separados; *Otocyon* e *Nyctereutes* ficam próximos aos *Vulpes*, com escápulas mais retangulares, e *Urocyon* separado, com escápula aquadradada; o clado *Canis*, *Cuon* e *Lycaon* é mais distribuído, sendo *Canis lupus* a espécie que apresenta maior variação. De fato, a inércia filogenética resume aproximadamente 62% da variação nos conjuntos de n=4 e aproximadamente 56% nos demais. BM, CMA e CS apresentam relação com a forma e seu efeito parece ser semelhante, explicando respectivamente 9,5 a 15,7%, 13,4 a 24,3% e 12 a 23,6% da variação nas diferentes amostras. Valores altos dessas variáveis associam-se a fossas *teres* relativamente menores e angulaturas mais fechadas no ângulo cranial. Há, no entanto, diferenças no efeito dessas variáveis, que merecem análise mais detalhada. Há diferenças estatisticamente significativas na relação de CS com a forma para n=8, indicando existência de tendência alométrica diferencial em alguma(s) espécie(s) desse conjunto. Diferenças de forma relacionadas à capacidade escansorial em Vulpini são estatisticamente significativas, respondendo por 8,5% da variação de forma na tribo e associando-se a alongamento da borda vertebral (aumentando levemente a distância entre as bordas cranial e caudal) e pequeno encurtamento da distância entre a borda vertebral e a região articular.

Palavras-chave: pós-crânio, forma e função, inércia filogenética

Financiadores: FAPESP processo nº 07/57954-5

CHAVES DE IDENTIFICAÇÃO PARA PÊLOS GUARDA DE FELINOS E CANÍDEOS BRASILEIROS

Juliana Ranzani de Luca (Setor de Mastozoologia/MZUSP/jurdeluca@yahoo.com.br)
Iris Amati Martins (Lab. Ecologia de Paisagem e Conservação/USP)
Carlos C. Alberts (Lab. Comportamento de Vertebrados/UNESP - FCLAs)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Morfologia

Os felinos e os canídeos, por serem predadores de topo de cadeia alimentar, tendem a sofrer bastante com a ação antrópica sobre os ambientes silvestres e, por outro lado, exercem grande influência sobre o equilíbrio das populações de outras espécies. Estudos ou manejo de áreas naturais remanescentes e/ou de áreas em recuperação devem, necessariamente, levar em conta estudos sobre populações e ecologia dos predadores, dada a importância destes animais na cadeia alimentar de um ecossistema. A realização de estudos ecológicos destes animais, geralmente, requer um alto custo financeiro com equipamentos utilizados em rádio-telemetria e profissionais especializados. O estudo da biologia desses animais com base nos seus vestígios é uma alternativa barata, de fácil aplicação no campo e, provavelmente, eficaz. Ao se analisar o padrão de dispersão de suas fezes e os padrões morfológicos dos pêlos, encontrados nessas fezes (devido ao comportamento de autolimpeza), podemos inferir/obter informações importantes, tais como espécie, tamanho populacional e territorial, comportamento reprodutivo e de dispersão, entre outros. Neste trabalho desenvolvemos uma metodologia para identificar as espécies de felinos e de canídeos brasileiros através da análise de seus pêlos guarda que são comumente encontrados em seus vestígios. O objetivo foi a elaboração de chaves de identificação de campo para as seis espécies de canídeos e oito espécies de felinos brasileiros. Tais chaves são baseadas nos padrões cuticular, medular, de coloração e bandeamento dos pêlos guarda. Para sua elaboração, foram utilizados pêlos provenientes de espécimes depositados no Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo. As chaves foram depois testadas através de um experimento cego com amostras de pêlos contidos em fezes fornecidas por zoológicos. Tais chaves de identificação foram consideradas uma alternativa metodológica com boa eficiência para ser empregada em estudos de campo. Além destas, uma chave para a diferenciação entre pêlos de felinos e canídeos também foi criada.

Palavras-chave: Pêlos guarda, canídeos, felinos, chave de identificação, fezes.

Financiadores: FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

CBMz

PARASITISMO POR *TOXOCARA CATI* EM FELÍDEOS SILVESTRES ORIUNDOS DA ZONA DA MATA DE MINAS GERAIS: RELATO DE CASO

Alexandre de Oliveira Tavela (CETAS - UFV - tavela_vet2004@yahoo.com.br)
Clarice Silva Cesário (CETAS - UFV)
Moacir Carreta Júnior (CETAS - UFV)
Juliano Vogas Peixoto (CETAS - UFV)
Eduardo Costa Ávila (CETAS - Universidade Federal de Viçosa)
Antônio Carlos Csermak Júnior (CETAS - UFV)
Tarcízio Antônio Rêgo de Paula (CETAS - UFV)
Caio de Paula Marchi (CETAS - UFV)
Ingrid Bitencourt Bohnenberger (CETAS - UFV)
Letícia Bergo Coelho Ferreira (CETAS - UFV)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Parasitologia

A destruição acelerada de extensivas áreas florestais torna as espécies silvestres cada dia mais vulneráveis a fragmentação e perda de seu habitat. Devido a essa degradação, um crescente número de mamíferos de médio e grande porte é encontrado próximo a ambientes urbanos, a procura de alimento e abrigo. Além da destruição das florestas, a caça predatória e o comércio de peles e de animais constituem as principais ameaças para os felídeos silvestres e outros mamíferos. O conhecimento restrito sobre a biologia local dessas espécies limita e dificulta a criação de estratégias para sua preservação nos fragmentos de Mata Atlântica. Esse trabalho objetivou a pesquisa, identificação e quantificação dos gêneros de helmintos parasitas de dois indivíduos da espécie *Leopardus pardalis* e um indivíduo da espécie *Puma concolor*, todos oriundos da região da Zona da Mata Mineira. Todos os animais avaliados eram adultos e foram recebidos e alojados no Centro de Triagem de Animas Silvestres da Universidade Federal de Viçosa (CETAS-UFV). Foram coletadas amostras de fezes nos recintos, diretamente da porção superior do bolo fecal, sem contato com o solo e não ressecado, logo após a eliminação pelos animais. O material foi processado imediatamente após cada coleta no Laboratório Clínico do CETAS-UFV. Os métodos utilizados para pesquisa de helmintos foram Willis (flutuação em solução hipersaturada de sal) e Hoffmann Pons-Janer (sedimentação). Para quantificação dos helmintos foi utilizado o método de McMaster (OPG). Os três animais foram positivos para *Toxocara cati*. O exame quantitativo revelou 1900 ovos por grama de fezes para o *P. concolor*; 1900 e 1600 para os *L. pardalis*. A Zona da Mata mineira abriga felinos silvestres parasitados por *T. cati*. Esse nematóide tem relevante importância em medicina veterinária por ocasionar inflamação crônica intestinal e lesões em diversos órgãos, gerando danos significativos nas espécies que acomete. Por apresentarem elevada carga parasitária, se mostrarem assintomáticos à avaliação clínica e percorrerem territórios peri-urbanos, os felídeos silvestres atuam como possíveis reservatórios naturais de *T. cati* nessa região.

Palavras-chave: *Toxocara*, *Puma concolor*, *Leopardus pardalis*

PADRÕES DE ABUNDÂNCIA E DISTRIBUIÇÃO DE *TRICHODECTES CANIS* (*PHTHIRAPTERA: TRICHODECTIDAE*) EM CACHORROS-DO-MATO (*CERDOCYON THOUS*) NO PANTANAL/MS

Elisa Pucu (LABPMR IOC/FIOCRUZ-RJ/elisa.pucu@gmail.com)
Rita de Cássia Bianchi (Lab Vida Selvagem/Embrapa-Corumbá)
José Ramiro Botelho (Depto. Parasitologia/UFMG)
Paulo Sérgio D`Andrea (LABPMR IOC/FIOCRUZ-RJ)
Matthew E. Gompper (Fish & Wildl. Sciences Dept, Univ Missouri)
Pedro Marcos Linardi (Depto. Parasitologia/UFMG)
Natalie Olifiers (Fish & Wildl. Sciences Dept, Univ Missouri)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Parasitologia

Ectoparasitos podem influenciar a saúde dos hospedeiros, afetando o seu sistema imune. Infestações por piolhos, por exemplo, podem levar a irritações na pele e causar estresse no hospedeiro. Apesar de sua potencial importância, a ecologia de ectoparasitos é raramente estudada no meio silvestre. Variáveis relacionados aos hospedeiros (como idade, sexo) e ao meio abiótico (temperatura e precipitação), podem ser fatores-chave para as relações hospedeiro-parasito já que possivelmente afetam os níveis de infestação e a distribuição de parasitos entre os indivíduos hospedeiros. A carga parasitária tende a aumentar com a idade do hospedeiro e pode se estabilizar em animais mais velhos. Ainda, parasitos apresentam uma distribuição invariavelmente agregada nos hospedeiros, com a maioria da população de parasitos concentrados na minoria da população hospedeira. O objetivo deste estudo foi a distribuição e variações na abundância do piolho mastigador *Trichodectes canis* em cachorros-do-mato na Fazenda Nhumirim, Embrapa Pantanal/MS (18°59´S; 56 °39´W), relacionando a abundância deste ectoparasito com o sexo, a idade e sazonalidade dos hospedeiros. Foram capturados 61 espécimes de *Cerdocyon thous* pelo menos uma vez entre maio/06 e fev/08, tendo sido escovados 10 vezes no dorso e cauda para a coleta de amostras de piolhos. A idade dos hospedeiros (0-6 meses, 6-1 ano, 1-3 anos e >3 anos) foi estimada comparando-se o peso/condição dentária com indivíduos de idade conhecida. A prevalência de *T.canis* em *C.thous* foi de 21,3%. A abundância de *T.canis* não variou entre idades (Kruskal-Wallis=3,75; gl=3; N =51; p=0,29) ou sexo do hospedeiro (U=643; N=72; p=0,99), bem como entre estações do ano (U=623; N=72; p=0,78). A hipótese de que a abundância de parasitos tende a ser maior em machos não foi aqui comprovada, como aliás já houvera sido em outros estudos. Esperava-se que a maior abundância de piolhos fosse em hospedeiros mais velhos; no entanto, a maior parte dos hospedeiros apresentou uma baixa abundância de *T.canis*, independente de sua idade,resultando em uma distribuição altamente agregada (s2/média= 570,68); porém, hospedeiros adultos (maiores que 1 ano; N=33) apresentaram altas intensidades de *T.canis* (até 763 piolhos), enquanto em hospedeiros jovens e subadultos (menores que 1 ano; N=23) foi encontrado um máximo de 13 piolhos nas amostras coletadas.Conseqüentemente, as variações na abundância de *T.canis* em cachorros-do-mato poderiam estar mais relacionadas ao habitat ou taxa de contato entre indivíduos hospedeiros, antes que com sazonalidade, ou mesmo, o sexo e idade dos mamíferos.

Palavras-chave: piolho, Pantanal, Mallophaga, Carnivora, Canidae.

Financiadores: Embrapa-MACRO, Fundect, CNPq Universal, Fiocruz, University of Missouri

CBMz

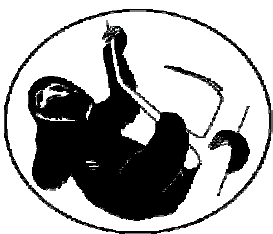
ENDOPARASITAS DE CACHORRO-DO-MATO (*CERDOCYON THOUS*) PROVENIENTES DO PANTANAL CENTRAL, MS

Wagner Lopes (LABPMR IOC/FIOCRUZ-RJ/wagnerrlopes@yahoo.com.br)
Ana Paula Gomes (LABPMR IOC/FIOCRUZ-RJ)
Rita de Cassia Bianchi (Lab. Vida Selvagem/Embrapa-UFMS)
Matthew Gompper (Fish & Wildl. Sciences Dept, Univ Missouri)
Paulo Sérgio D'Andrea (LABPMR IOC/FIOCRUZ-RJ)
Arnaldo Maldonado Júnior (LABPMR IOC/FIOCRUZ-RJ)
Natalie Olifiers (Fish & Wildl. Sciences Dept, Univ Missouri)

Área: Carnivora **Sub-Área:** Parasitologia

O cachorro-do-mato (*Cerdocyon thous*) pode ter papel importante na circulação de parasitas entre os carnívoros dos ecossistemas que ocupa. No entanto, existem poucos estudos que descrevem a fauna helmintológica desta espécie. O objetivo deste trabalho foi descrever a ocorrência de endoparasitas em fezes de cachorros-do-mato provenientes do Pantanal. Foram analisadas amostras fecais de 40 cachorros-do-mato coletadas entre os meses de dezembro/05 e agosto/07 procedentes da Fazenda Nhumirim, MS (18º59'S; 56º39'W). Aproximadamente 3g de fezes de 40 indivíduos de cachorros-do-mato foram conservadas em formol 10% e posteriormente processadas pelas técnicas de centrífugo-flutuação com solução saturada de sulfato de zinco (densidade 1,18) e solução de sacarose (densidade 1,27) e centrífugo-sedimentação com formol-éter. Posteriormente, foi realizada a leitura das lâminas em microscópico óptico com aumento de 100x e confirmação do diagnóstico com aumento de 400x. Os ovos de parasitos encontrados foram fotografados e identificados. Foram encontrados helmintos com as seguintes prevalências: *Trichuris* sp. 70%, *Prosthenorchis* sp. 15%, *Pseudathesmia paradoxa* 27,5% e *Strongyloides* sp. 20%. Em 7,5% das amostras também foram encontradas larvas de nematódeos, bem como oocistos do protozoário Isospora sp., entre outros ovos não identificados. Todos os gêneros de parasitos descritos acima já foram encontrados parasitando o cachorro-do-mato. Porém, este é o primeiro registro de Prosthenorchis sp. (Archianthocephala: Oligacanthorhynchidae) em cachorro-do-mato oriundo do Pantanal. Dois animais com alta intensidade de *Prosthenorchis* sp. (aproximadamente 200 indivíduos) no intestino delgado foram encontrados mortos na área de estudo. Parasitas deste gênero inserem suas probóscides na parede do intestino do hospedeiro, podendo causar hemorragia, espessamento da parede e obstrução intestinal, bem como perda de peso no hospedeiro. Os dados obtidos contribuem para o desenvolvimento de pesquisas relacionadas a helmintofauna de *C. thous*, uma vez que existem poucos estudos sobre helmintos deste canídeo.

Palavras-chave: Canidae, parasitas, Pantanal

Financiadores: Embrapa-MACRO, Fundect, CNPq Universal, Fiocruz, University of Missouri

CBMz

COMPORTAMIENTO DE *SOTALIA GUIANENSIS* EN LA BAHÍA NORTE DE LA ISLA DE SANTA CATARINA, BRASIL

<u>Mariel Bazzalo</u> (FCEyN-UBA/mbazzalo@hotmail.com)
Paulo, A.C. Flores (CMA-ICMBio)
Enrique A. Crespo (LAMAMA-CENPAT (CONICET))

Área: Cetacea **Sub-Área:** Comportamento

El objetivo de este trabajo fue estudiar el comportamiento y la estructura social de grupos del delfín *Sotalia guianensis*, Brasil. Esta especie se encuentra clasificada con datos insuficientes por IUCN. El trabajo cuenta con la importancia adicional de haberse desarrollado en el sector más austral de su distribución y estar ubicada en el Área de Protección Ambiental de Anhatomirim, única unidad de conservación creada específicamente para la conservación de la especie. El comportamiento se registró por medio de observación focal del grupo de delfines clasificando los principales comportamientos en alimentación, desplazamiento, socialización, nado errático y descanso. La estructura grupal fue definida en seis categorías de tamaño (máximo número de individuos 80) y tres de composición (1: adultos; 2: adultos y crías; 3: adultos, juveniles y crías). El tiempo que cada grupo permaneció desarrollando un determinado comportamiento, fue transformado en porcentaje. Se realizaron comparaciones estacionales usando ANOVAs. Se analizaron 175 avistajes con 329hs de observación directa entre 2002 y 2005. Se observó a los delfines en alimentación 65.97% del tiempo de observación, 29.17% en desplazamiento, 0.10% en nado errático, 2.18% en socialización y 2.58% en descanso. La alimentación fue el comportamiento más frecuente en todas las estaciones (72% verano y primavera, 64% otoño y 56% invierno) y siempre seguido en importancia por desplazamiento (22% verano y primavera, 32% otoño y 40% invierno). Pese a presentar la alimentación los mayores valores en verano y primavera, y el desplazamiento en invierno y otoño, no se hallaron diferencias significativas entre las estaciones ($P > .05$). La estructura del grupo más frecuente fue de 61 a 80 individuos formados por adultos, juveniles y crías (más del 80% de los avistajes).

Palavras-chave: *Sotalia guianensis*, comportamiento, delfín costero

Financiadores: Fundação O Boticário de Proteção à Natureza, Cetacean Society International, CNPq

COMPORTAMENTO DOS BOTOS DA AMAZÔNIA NA ÁREA DE AÇÃO DO PROJETO PIATAM, AMAZÔNIA CENTRAL

Sandra Beltran-Pedreros (PROJETO PIATAM - INPA/UFAM - beltranpedreros@hotmail.com)
Luciana Raffi Menegaldo (PROJETO PIATAM - INPA/UFAM)
Karen Souza Diniz (PROJETO PIATAM - INPA/UFAM)
Diego Perez Moreira (PROJETO PIATAM - INPA/UFAM)

Área: Cetacea **Sub-Área:** Comportamento

Os botos da Amazônia apresentam ampla distribuição na bacia, mas crescimento de comunidades, degradação do habitat, captura acidental e caça os ameaçam. O gasoduto Coari-Manaus afetará a dinâmica do ambiente e por isso, identificar as possíveis conseqüências é o objetivo do PIATAM. Nos golfinhos, mudanças no padrão de uso do habitat e do comportamento serão as primeiras evidências. De aí, objetivou-se conhecer o comportamento das espécies na área de influência do empreendimento, monitorando o trecho Coari-Manaus do rio Solimões (± 400 km), em um ciclo hidrológico. Das observações foram registradas data, espécie, GPS, número de indivíduos por maturidade (filhote, jovem, adulto), tipo de tamanho grupal e; realizada quantificação do comportamento (técnica de grupo focal). Das 558 observações 30,3% foi *Inia*, o restante *Sotalia*. 13,6% das observações foi *Inia* em alimentação e 42,1% *Sotalia*; 20,2% de *Inia* em deslocamento e 43,5% de *Sotalia*. Alimentação e deslocamento foram, para ambas as espécies, mais freqüentes da seca à enchente (*Inia*: 64,5% e 79,6%; *Sotalia*: 76,2% e 75% respectivamente). Formação de creches foi observada, para ambas as espécies, só em lagos na enchente. O comportamento foi quantificado com 45 postos de observação (370 ciclos de 5min); distribuídos em 14 postos só de *Sotalia* (340 min), 8 só de *Inia* (200 min) e 23 postos com grupos mistos (1310 min). Dos 780 min de comportamento de *Inia* quantificado, 65,4% foi alimentando-se (41% alimentação exclusiva), 15,4% em comportamento lúdico e 12,2% se deslocando. Para *Sotalia*, dos 1070 min de comportamento quantificado 96,7% foi se alimentando (74,8% alimentação) e 2,8% se deslocando. O comportamento lúdico está relacionado à interação de *Inia* com o bote de pesquisa. Caracteriza-se pela curiosidade da espécie pelo bote em marcha lenta, os animais seguem e rodeiam o bote, a exposição do corpo na superfície é maior e mais freqüente, mergulham baixo o bote e liberam bolhas de ar. Este tipo de comportamento foi observado durante 125min e sempre associado ao comportamento alimentar, em lagos e rio, com grupos do Tipo III, IV e V, na seca e na enchente e, com participação de adultos (47 ciclos), jovens (7 ciclos) e filhotes (39 ciclos). Golfinhos nadando em áreas de portos e entre redes de pesca foram comuns, chegando a usar as redes de pesca como barreira para a captura de peixes. Estratégias de alimentação foram observadas em *Sotalia*: uso de barrancos, praias e redes como barreira e; pesca cooperativa entre botos e tarrafeiros.

Palavras-chave: Odontocetos da Amazônia, *Inia geoffrensis*, *Sotalia fluviatilis*

Financiadores: FINEP, PETROBRAS, CNPq, INPA, UFAM

ANÁLISE DAS EMISSÕES SONORAS DE *SOTALIA GUIANENSIS* (CETACEA: DELPHINIDAE) NA ZONA COSTEIRA DO LITORAL DO PARANÁ, BRASIL

Rebeca Pires Wanderley (IPeC / rebecapw@gmail.com)
Renato Garcia Rodrigues (IPeC)

Área: Cetacea **Sub-Área:** Comportamento

Sotalia guianensis é um golfinho com ampla distribuição na costa brasileira, porém até o momento nenhum estudo sobre o repertório sonoro dessa espécie foi realizado na zona costeira fora de ambientes internos aos estuários na região sul. O presente estudo, portanto, objetivou descrever os tipos sonoros emitidos em áreas abertas com maior profundidade e avaliar possíveis diferenças entre esses sons e os emitidos em áreas estuarinas. A bordo de uma embarcação baleeira (30 pés), foram registrados 45 minutos efetivos de sons emitidos por um grupo de aproximadamente 100 indivíduos. Durante as gravações, o grupo executava atividade de pesca noturna em frente à Ilha de Superagüi, litoral norte do Estado do Paraná. Posteriormente, os sons foram analisados e divididos quanto ao tipo (assovio, grito, gargarejo e estalidos de ecolocalização), à freqüência (kHz), duração (s), número de harmônicos e modulação com auxílio do software Raven 1.2. Os assovios apresentaram um número de emissões bastante grande (n = 1014) e foram divididos em seis categorias. A amplitude dos assovios foi de 20,48 kHz (1,45 kHz <--> 21,93 kHz), refletindo na grande variação desse tipo sonoro. Os gritos apresentaram a maior diversidade de formas divididas em cinco categorias, porém em menor quantidade que os assovios. A amplitude dos gritos foi de 5,43 kHz (0,18 kHz <--> 5,61 kHz). Os estalidos de ecolocalização, usados para auxiliar ou substituir a visão em situações diversas, estiveram presentes durante todo o tempo de gravação e apresentaram uma amplitude de 13,90 kHz (0,1 kHz <--> 14,00 kHz). Os gargarejos não foram registrados nas gravações, pois são característicos apenas de filhotes com até seis meses de idade. Os resultados corroboram com as informações comportamentais já descritas para essa espécie, inclusive para estudos realizados com a mesma população, porém realizados em áreas internas ao estuário. Desta forma, o repertório sonoro emitido por *S. guianensis* deve, quantitativamente, variar mais em relação à atividade que está sendo executada e período de atividade do que em relação ao ambiente costeiro ou estuarino.

Palavras-chave: Boto-cinza, Bioacústica, Comportamento

Financiadores: Fundação Araucária

COMPORTAMENTO DE *INIA GEOFFRENSIS* E *SOTALIA FLUVIATILIS* NA ÁREA DO ENCONTRO DOS RIOS SOLIMÕES E NEGRO, AMAZÔNIA CENTRAL

Karen Souza Diniz (PROJETO PIATAM/ INPA/UFAM - karensouzadiniz@gmail.com)
Sandra Beltran-Pedreros (PROJETO PIATAM/INPA/UFAM)
Diego Perez Moreira (PROJETO PIATAM/INPA/UFAM)
Luciana Raffi Menegaldo (PROJETO PIATAM/INPA/UFAM)

Área: Cetacea **Sub-Área:** Comportamento

As duas espécies de golfinhos da Amazônia apresentam ampla distribuição, mas se encontram ameaçadas pelo rápido e extensivo crescimento de comunidades humanas e pela degradação do habitat, poluição, captura acidental e caça. O comportamento dos animais está influenciado por fatores ambientais, genéticos e de pressão, por isso, o conhecimento do comportamento destas duas espécies de golfinhos na área do encontro das águas dos rios Solimões e Negro, ecossistema de várzea com alta atividade humana, permitirá identificar como as espécies estão adaptadas ao ambiente e suas pressões. Para tanto, 10 km^2 da área do encontro das águas foi monitorada, ao longo de nove meses. Cada observação teve registrada data, espécie, GPS, número de indivíduos por maturidade (filhote, jovem, adulto), tipo de tamanho grupal e; realizada quantificação do comportamento pela técnica de grupo focal. Os comportamentos alimentação e deslocamento foram os mais comuns para ambas as espécies (*Inia*: 42,6% e 53,7% e, *Sotalia*: 47,5% e 53,3%). Em *Sotalia* foi registrado comportamento alimentar associado à interação com gaivotas (0,8%), com aparelhos de pesca (2,5%) e com deslocamento (7,5%). O tamanho grupal médio foi 1.3 ind. para *Inia* e 2.3 ind. para *Sotalia*. Os grupos Tipo I e II foram mais comuns para *Inia* (72,22% e 20,37%), sendo que animais solitários foram mais observados em alimentação e deslocamento. Para *Sotalia*, os grupos Tipo I, II e III não apresentaram diferença significativa na freqüência (entre 21,66% e 38,33%), porém o comportamento de alimentação foi mais observado em grupos Tipo II e III (14,2% cada) e; quando associados deslocamento e alimentação os grupos foram do tipo II, III, IV e V. *Sotalia* demonstrou interesse por barrancos (9%) onde foi observado próximo a barcos de pesca. Houve preferência pela água aberta para ambos os comportamentos nas duas espécies (*Inia*: 22,2% e 29,7% e; *Sotalia*: 29,2% e 32,5%) e pelas margens com vegetação para alimentação (*Inia* 7,4%, *Sotalia* 5%). *Inia* também foi observado se alimentando no igapóvárzea (9,2%) e entre macrófitas aquáticas (7,4%). Nas proximidades de grandes embarcações, portos e flutuantes, não foram observados golfinhos se alimentando, somente se deslocando. Isto pode estar relacionado com dois fatos: os peixes nesta área são mais capturados no próprio encontro das águas, que foi o local onde mais foram vistos os animais se alimentando, em meio da correnteza e; porque locais com atividade humana de transporte tão intensa oferece muito risco para os animais.

Palavras-chave: Golfinhos da Amazônia, boto-vermelho, tucuxi, ecologia

Financiadores: FINEP, PETROBRAS, CNPq, INPA, UFAM

ANÁLISES PRELIMINARES SOBRE A CAPTURA ACIDENTAL DE BOTOS-CINZA (*SOTALIA GUIANENSIS*) NA COSTA DO ESTADO DO AMAPÁ

Emin-Lima, N.R (GEMAM, Projeto Piatam Oceano, MPEG, Belém-PA & ENSP/FIOCRUZ)
Costa, A.F. (GEMAM, Projeto Piatam Oceano, MPEG, Belém-PA)
Rodrigues, A.L.F. (GEMAM, Projeto Piatam Oceano, MPEG, Belém-PA)
Siciliano, S. (GEMM-Lagos, ENSP/FIOCRUZ / sal@ensp.fiocruz.br)
Souza, R.F.C. (Pesquisadora CEPNOR / UFRA)

Área: Cetacea **Sub-Área:** Conservação

As capturas acidentais são responsáveis pela atual condição de ameaça às populações de várias espécies de mamíferos marinhos em escala global. Na costa do Brasil, igualmente, a captura acidental em artes de pesca é uma das principais ameaças à conservação de mamíferos marinhos, especialmente para espécies costeiras. Por essa razão, o boto-cinza (*Sotalia guianensis*) é um dos pequenos cetáceos mais ameaçados pelas capturas acidentais, devido a sua distribuição estritamente costeira desde Honduras, na América Central até Santa Catarina, no sul do Brasil. Apresentamos uma análise preliminar sobre a composição de botos-cinza (*S. guianensis*) capturados acidentalmente em redes de espera na costa do Amapá, durante pescarias realizadas por barcos da frota artesanal do Estado do Pará. A identificação do sexo dos botos foi realizada por análise visual, e as medidas de comprimento total do corpo (CT - cm) foram tomadas axialmente da ponta do rostro ao entalhe da nadadeira caudal. As pescarias ocorreram no período de agosto de 2006 a maio de 2007. Nesse período obteve-se uma amostra de 79 botos-cinza capturados acidentalmente para o cálculo das médias de comprimento. Encontramos uma proporção de 1:1 em relação ao sexo dos botos capturados, dos quais 51% eram machos. Os botos-cinza capturados apresentaram comprimento total em média 164,4±19,9 cm, com variação de 112 a 197 cm. Os machos foram em média maiores que as fêmeas (Machos = 168,5 cm vs Fêmeas = 160,5 cm, U = 591,0; p < 0,05). Os machos medindo entre 173 e 190 cm de comprimento foram mais freqüentes, representando 58% dos exemplares analisados. A distribuição do comprimento do corpo das fêmeas apresentou dois picos notáveis, um entre 133 e 154 cm (43%) e entre 176 e 197 cm (38%). A elevada proporção de capturas acidentais pode está relacionada à extensão das redes usadas, com uma média de 4.600 m, e ainda pelo uso de nylon para confeccioná-las, estas devem representar uma grande barreira dificilmente perceptível aos pequenos cetáceos da costa do Amapá. É provável que a captura acidental de mamíferos marinhos tenha efeito demográfico nas populações. Ressalta-se a extrema importância do incremento de registros de capturas acidentais ao longo da costa do Brasil a fim de avaliar o potencial impacto dessas interações em ampla escala para a espécie.

Palavras-chave: boto-cinza, mamíferos marinhos, captura acidental

Financiadores: Piatam Oceano

USO DO HÁBITAT E ABUNDÂNCIA DE *INIA GEOFFRENSIS* E *SOTALIA FLUVIATILIS* NO ENCONTRO DOS RIOS SOLIMÕES E NEGRO, AMAZÔNIA CENTRAL

Karen Souza Diniz (PROJETO PIATAM / INPA/UFAM - karensouzadiniz@gmail.com)
Sandra Beltran-Pedreros (PROJETO PIATAM / INPA/UFAM)
Diego Perez Moreira (PROJETO PIATAM / INPA/UFAM)
Luciana Raffi Menegaldo (PROJETO PIATAM / INPA/UFAM)

Área: Cetacea **Sub-Área:** Ecologia

Os golfinhos da Amazônia são de ampla distribuição na bacia, mas estão ameaçados pelo crescimento das comunidades e pela degradação do habitat, captura acidental e caça. Manaus apresenta alto desenvolvimento urbano e industrial, está localizada estrategicamente na várzea da confluência dos rios Negro e Solimões. Os fatores de pressão sobre o ecossistema levaram ao questionamento sobre como usam o habitat nessa área os golfinhos. Por isso, a pesquisa objetivou descrever tais padrões de uso do hábitat das espécies na área ao longo de um ciclo hidrológico. Para tanto, 10 km^2 da área do encontro das águas foi monitorada. Cada observação teve registrada data, espécie, GPS, número de indivíduos por maturidade (filhote, jovem, adulto), tipo de tamanho grupal, comportamento e, indicada a feição onde foi observado o animal (Porto, Flutuante, Macrófitas aquáticas, Praia, Margem com vegetação, Igapó,Várzea, Água aberta). Foram 174 avistamentos (54 *Inia*, 120 *Sotalia*), 354 indivíduos (72 *Inia*, 282 *Sotalia*). A densidade de *Inia* variou de 0,4 a 1,2 ind/km^2 e para *Sotalia* de 0,1 a 5,8 ind/km2. O período de menor densidade para ambas as espécies foi na cheia (Médias 0,4 ind/km2 para *Inia* e 0,1 ind/km^2 para *Sotalia*) e, as maiores densidades para *Inia* ocorreram no inicio da vazante e na enchente (1,2 ind/km^2 para ambos os períodos) e para *Sotalia* na seca (5,8 ind/km^2). Houve preferência pela água aberta (*Inia* 55.5%, *Sotalia* 63,3%) e pelas margens com vegetação (*Inia* 13%, *Sotalia* 10%). *Inia* foi observado no igapó-várzea (11%) e entre macrófitas aquáticas (9%); enquanto *Sotalia* demonstrou interesse por barrancos (9%) onde foi observado próximo a barcos de pesca. O tamanho grupal médio foi 1.3 ind. para *Inia* e 2.35 ind. para *Sotalia*. Os grupos Tipo I e II foram mais comuns para *Inia* (72,2% e 20,4% respectivamente), para *Sotalia*, os grupos Tipo I, II e III não apresentaram diferença significativa na freqüência (entre 21,7% e 38,3%). Os resultados demonstraram que as duas espécies evitam a proximidade por longos períodos ou com freqüência a locais como portos ou flutuantes, que geralmente são locais de trânsito e os percorrem em imersões longas. Na área não tem dejetos de peixe e não se tem casos de animais se alimentando próximo a assentamentos humanos. Na seca os locais de permanência dos animais diminuem e estes ficam mais associados a ambientes profundos e abertos.

Palavras-chave: Golfinhos da Amazônia, boto-vermelho, tucuxi, ecologia

Financiadores: FINEP, PETROBRAS, CNPq, INPA, UFAM

ABUNDÂNCIA E USO DO HÁBITAT DE *INIA GEOFFRENSIS* E *SOTALIA FLUVIATILIS* NA ÁREA DE AÇÃO DO PROJETO PIATAM, AMAZÔNIA CENTRAL

Sandra Beltran-Pedreros (PROJETO PIATAM - INPA/UFAM - beltranpedreros@hotmail.com)
Luciana Raffi Menegaldo (PROJETO PIATAM - INPA/UFAM)
Karen Souza Diniz (PROJETO PIATAM - INPA/UFAM)
Diego Perez Moreira (PROJETO PIATAM - INPA/UFAM)

Área: Cetacea **Sub-Área:** Ecologia

Inia geoffrensis e *Sotalia fluviatilis* se distribuem na bacia Amazônica e estão ameaçadas pelo rápido e extensivo crescimento de comunidades humanas, pela degradação do habitat, captura acidental e caça. O Projeto PIATAM estuda desde 2002 os possíveis impactos do gasoduto Coari-Manaus no ecossistema por isso, a pesquisa busca descrever os padrões de uso do hábitat destas espécies nessa área. O trecho Coari-Manaus do rio Solimões (± 400 km) foi percorrido em cinco amostragens (um ciclo hidrológico). Cada observação teve registrada data, hora, espécie, GPS, número de indivíduos por maturidade (filhote, jovem, adulto), tipo de tamanho grupal, comportamento e; indicado hábitat, feição e nicho onde foi observado o animal. Foram 558 avistamentos (169 *Inia* e 389 *Sotalia*), 1598 animais (376 *Inia* e 1222 *Sotalia*). A densidade variou para ambas as espécies, no inicio da enchente, se apresentaram as maiores densidades: de 0,03 a 10,51 ind/km^2 para *Inia* e 0,29 a 20,06 ind/km^2 para *Sotalia* (Médias 1,57 ind/km^2 para *Inia* e 3,68 ind/km^2 para *Sotalia*). As menores densidades foram na cheia (Médias 0,24 ind/km^2 para *Inia* e 0,08 ind/km^2 para *Sotalia*), com intervalo de 0 a 1,59 ind/km^2 para *Inia* e 0 a 0,25 ind/km^2 para *Sotalia*. Das observações 13,6% foram de *Inia* se alimentando e 42,1% de *Sotalia*; 20,2% de *Inia* se deslocando e 43,5% de *Sotalia*. Alimentação e deslocamento foram mais freqüentes da seca à enchente (*Inia*: 64,5% e 79,6%; *Sotalia*: 76,2% e 75% respectivamente). Creches foram observadas em lagos durante a enchente. Os grupos Tipo II e I foram os mais comuns ao longo do ano (33,1% e 31,2%): Em *Inia* 47,9% eram Tipo I e 29% Tipo II; enquanto para *Sotalia* 35% Tipo II e 23,9% Tipo I. Do total de observações 60,4% foi de animais próximos (até 30m) a algum tipo de margem, sendo barrancos, praias e macrófitas aquáticas as mais procuradas (12,2%, 11,9% e 10,7%). Ainda que ambas as espécies explorem todo o ecossistema, há preferências como: Das 76 observações de *Inia* se alimentando 68,4% foi perto de margens, em especial margens com vegetação, macrófitas aquáticas e praias (40,4%, 30,8% e 19,2%) e; *Sotalia*, das 235 observações se alimentando 61,7% foram perto da margem, em especial margens com vegetação, barrancos, praias e macrófitas aquáticas (63,4%, 14,5%, 9,6% e 8,3%). A observação de golfinhos foi muito maior durante a seca e enchente. Os animais não permanecem em portos ou flutuantes, passando por estes rapidamente e submergidos.

Palavras-chave: Golfinhos da Amazônia, boto-vermelho, tucuxi, ecologia

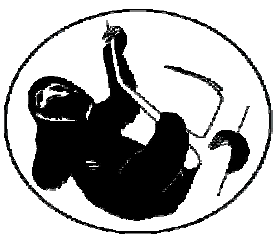
Financiadores: FINEP, PETROBRAS, CNPq, INPA, UFAM

REGISTRO DE INTERAÇÕES ENTRE CETÁCEOS (MAMMALIA; CETACEA) E TUBARÕES-CHARUTO *ISISTIUS BRASILIENSIS* (SQUALIFORMES; DALATIIDAE) NO LITORAL DE PERNAMBUCO

R.K.M.S. Targino (LECA, DMFA, UFRPE, raissa.targino@hotmail.com)
A.C.M. Melo (Laboratório de Ecofisiologia e Comportamento Animal, UFRPE, Recife)
M.S. Monteiro (Departamento de Zoologia, Centro de Ciências Biológicas, UFPE)
M.A.B. Oliveira (LECA, Departamento de Morfologia e Fisiologia Animal, UFRPE)

Área: Cetacea **Sub-Área:** Ecologia

Encontros casuais promovem interações entre cetáceos e tubarões que compartilham o mesmo habitat. O *Isistius brasiliensis*, conhecido popularmente como tubarão-charuto, tem sido registrado ao longo da costa brasileira por meio de observação, direta ou indireta, através da presença de marcas características fáceis de identificar. O presente trabalho descreve interações entre cetáceos delfinídeos e tubarões dalatídeos, através dos registros de mordidas presentes em carcaças e cetáceos encalhados no litoral pernambucano. Para a realização deste trabalho, foram utilizados os dados provenientes do Projeto Peixe-boi, CMA/IBAMA no litoral norte do Estado. Dos 105 registros de encalhes ocorridos no período de 1993 até os dois primeiros meses de 2007, obtiveram-se nove registros de mordidas em quatro espécies de cetáceos, reportados, com exceção de dois encalhes, entre os meses de setembro e novembro de 1999 a 2005. Em nove carcaças, todas da família Delphinidae, foi possível identificar a ocorrência de cicatrizes causadas por tubarões, sendo que em 44,44% (n=4) dos animais analisados foi comprovada a presença de cicatrizes por *I. brasiliensis*. Em novembro de 1997 um golfinho-rotador, Stenella longirostris (01C1130/54), encalhou em Fernando do Noronha, com mordidas de *I. brasiliensis*. No dia 05 de setembro de 2000, um *Tursiops truncatus* (01C1310/77), foi encontrado na Enseada de Serrambi apresentando grande quantidade de mordidas de tubarão. Em 27 de março de 2004, um *Steno bredanensis* (01C1211/124), encalhou com vida na Enseada de Serrambi, apesar de apresentar mordidas causadas por *I. brasiliensis*, foi reintroduzido imediatamente no local. Um *Sotalia guianensis* (01C1411/147), no dia 10 de setembro de 2004, foi encontrado na praia de Boa Viagem, com uma profunda mordida na região dorsal, a necropsia o CMA determinou que a mordida provavelmente ocasionou a morte do indivíduo. Os padrões de distribuição e ocorrência das espécies de cetáceos e dalatídeos em águas brasileiras são ainda pouco conhecidos, fazendo-se necessário a intensificação dos estudos acerca das interações entre cetáceos e tubarões em todo o litoral pernambucano.

Palavras-chave: *causa mortis*, dalatídeos, encalhe, golfinho

ENCALHES DE BALEIAS-JUBARTE (*MEGAPTERA NOVAEANGLIAE*) NA BACIA DE CAMPOS ENTRE 1981- 2007

<u>Felipe de Loureiro Maior Hachiya de Azevedo</u> (ENSP - FIOCRUZ / felipeazevedo58@yahoo.com.br)
Salvatore Siciliano (ENSP - FIOCRUZ)

Área: Cetacea **Sub-Área:** Ecologia

As baleias-jubarte (*Megaptera novaeangliae*) buscam águas tropicais e subtropicais durante o inverno e a primavera no hemisfério sul para a reprodução e cria de filhotes. Neste percurso podem ocorrer eventos de encalhe por causas diversas. Para este estudo foram reunidos 33 registros de encalhes de jubarte na Bacia de Campos. O local estudado abrange uma área de cerca de 100 mil quilômetros quadrados e se estende do Espírito Santo (próximo a Vitória) até a Região dos Lagos no Rio de Janeiro. Um total de 82% dos encalhes ocorreu durante o inverno e a primavera (de julho a dezembro), período no qual as jubartes estão atravessando o corredor migratório na costa do Rio de Janeiro/Espírito Santo em direção aos bancos de Abrolhos, o principal sítio de reprodução e cria de jubarte no Atlântico Sul e apenas 18% dos encalhes ocorreram entre janeiro e maio. Em um total de 33 indivíduos, 36% eram machos, 12% eram fêmeas e 52% não tiveram o sexo identificado, visto que se tratavam de carcaças em alto grau de decomposição. Os resultados não mostraram diferenças estatísticas significativas entre as classes de comprimento das baleias encalhadas. Na amostra de 19 indivíduos com comprimento determinado, 6 (32%) eram lactentes, 7 (37%) e 5 (26%) sexualmente imaturos e maturos, respectivamente, e apenas um (5%) era recém-independente. A análise da distribuição mensal dos encalhes evidenciou um pico em agosto, mostrando o momento em que as baleias estão migrando em direção ao sítio de reprodução e criação e outro pico em outubro, indicando que estão em retorno para a área de alimentação em altas latitudes. Quando investigada anualmente, a distribuição dos encalhes mostrou evidências de um aumento linear significativo (p-valor < 0,05) no número de carcaças recolhidas no decorrer dos anos, resultado este justificado pelo aumento dos monitoramentos de praia e possivelmente pelo crescimento da população de jubarte no estoque do Atlântico Sul.

Palavras-chave: migração, sazonalidade, misticeto, Jubarte, encalhes

Financiadores: Piatam Oceano

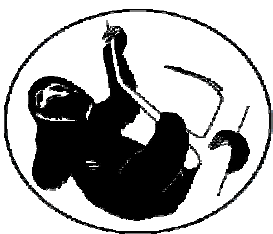
IDENTIFICAÇÃO DE CARCAÇAS DE MAMÍFEROS MARINHOS: EFICIÊNCIA DAS SEQÜÊNCIAS DE DNA MITOCONDRIAL

<u>T. G. C. Sholl</u> (ENSP / FIOCRUZ / thaisholl@yahoo.com.br)
J. F. Moura (ENSP / FIOCRUZ)
C. R. Bonvicino (INCA - Divisão de Genética / FIOCRUZ)
S. Siciliano (ENSP / FIOCRUZ)

Área: Cetacea **Sub-Área:** Genética

As carcaças de mamíferos marinhos são uma importante fonte de informação sobre a distribuição geográfica deste grupo. Porém, algumas carcaças apresentam elevado estado de decomposição, não permitindo distinguir morfologicamente a qual grupo taxonômico pertence o espécime encontrado. Foram encontradas quatro carcaças de supostos misticetos (GEMM075, GEMM088, GEMM135, GEMARS) com elevado grau de decomposição, inviabilizando sua identificação, mesmo a nível genérico. Para testar a eficiência de seqüências de DNA mitocondrial na identificação taxonômica destas carcaças foi realizada a extração de DNA de tecido, a amplificação e o seqüenciamento do gene Citocromo *b* utilizando iniciadores heterólogos. As seqüências obtidas foram submetidas a uma busca nucleotídio a nucleotídio no BLAST do GenBank. As amostras GEMM075 e GEMARS apresentaram 98% de igualdade com uma seqüência de *Balaenoptera acutorostrata* (GenBank AP006468). As amostras GEMM088 e GEMM135 apresentaram 99% de igualdade com as seqüências de *Balaenopatera edeni* (GenBank X75583) e *Megaptera novaengliae* (GenBank AP006467) respectivamente. Para dar suporte aos resultados encontrados, foi realizada uma árvore de distância com seqüências do GenBank de todas as espécies de balenopterídeos que ocorrem na costa do Brasil. O resultado encontrado na análise filogenética corrobora a identificação das espécies encontradas através do BLAST, mostrando que todas as carcaças estudadas correspondem a espécies de *Balaenoptera* já registradas para o Brasil. Este estudo mostra a eficiência do Citocromo *b* para identificação de carcaças, e isto se deve a presença de muitas cópias do DNA mitocondrial em todas as células de vertebrados (1% do DNA total), além deste ser mais resistente a degradação enzimática e a danos mecânicos do que o DNA nuclear. A identificação taxonômica de mamíferos marinhos encalhados nas praias contribui para o incremento de informações relevantes como novas áreas de ocorrência, rotas migratórias, dando subsídios para a conservação.

Palavras-chave: cetáceos, Mysticeti, encalhes, DNA

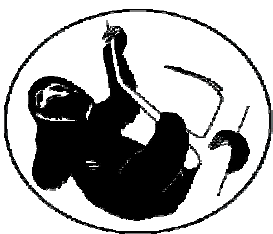
Financiadores: CNPq, Piatam Oceano

ESTIMATIVAS DO TAMANHO EFETIVO POPULACIONAL HISTÓRICO DE BALEIAS JUBARTE (*MEGAPTERA NOVAEANGLIAE*) DO BANCO DOS ABROLHOS, BAHIA, USANDO LOCOS DE MICROSSATÉLITES

Ana Lúcia Cypriano de Souza (Lab. de Biologia Genômica e Molecular / PUCRS / anacypriano@yahoo.com.br)
Gabriela de Paula Fernández-Stolz (Depto. de Genética / UFRGS)
Carlos André V. Lima-Rosa (Depto. de Produção Animal e Alimentos / UESC)
Márcia H. Engel (Instituto Baleia Jubarte)
Sandro L. Bonatto (Lab. de Biologia Genômica e Molecular / PUCRS)

Área: Cetacea **Sub-Área:** Genética

Um dos principais objetivos da genética da conservação é determinar a demografia histórica de uma população, que é crucial para o entendimento da sua variabilidade genética atual, e, portanto de seu potencial para responder às mudanças evolutivas. Adicionalmente, comparações entre o tamanho efetivo de população (Ne) histórico e recente podem ser usadas para verificar se a população está declinando ou expandindo. A caça às baleias realizada principalmente durante o século XX reduziu a população mundial de baleias jubarte (*Megaptera novaeangliae*) a menos de 10% da original antes do acordo de proteção internacional, em 1966. A principal área de reprodução das jubartes no Oceano Atlântico Sul Ocidental está localizada no Banco dos Abrolhos (16º40' – 19º30'S e 37º25' – 39º45'W), no sul da Bahia e norte do Espírito Santo. O presente trabalho tem por objetivo determinar o tamanho efetivo histórico da população de jubartes brasileiras usando locos de microssatélites. Amostras de 275 indivíduos, coletadas entre os anos de 1999 a 2005 em torno do Banco dos Abrolhos e no litoral da Praia do Forte, Bahia, foram analisadas para dez locos de microssatélites. As estimativas de tamanho efetivo foram feitas usando os níveis de heterozigozidade esperada para cada loco de microssatélite sob o modelo de mutação de alelos infinitos (IAM), e de "*stepwise*" (SMM). As seguintes fórmulas: $Ne = \{(1/1-H)^2 - 1\}/8M$ e $Ne = H/4M(1-H)$, foram usadas respectivamente para os modelos IAM e SMM, onde Ne é o tamanho efetivo da população, H é a heterozigozidade esperada e *M* é a taxa de mutação por loco. Como estimativa da taxa de mutação nós usamos o valor 2×10^{-4} (mutações por loco por geração), o qual é a estimativa média usada para outros estudos com mamíferos. As estimativas de Ne foram de 5.911 ± 4.621 e 27.578 ± 33.548 para os modelos IAM e SMM, respectivamente. Como esperado o tamanho efetivo da população sob o modelo SMM foi maior do que aquele sob o modelo IAM. Nossas estimativas suportam a idéia de que essa população foi uma população maior antes da caça.

Palavras-chave: demografia histórica, jubartes, microssatélites, heterozigozidade.

Financiadores: CENPES/PETROBRAS, FAPERGS e CNPq

MORFOLOGIA, ONTOGENIA E FUNÇÃO DAS PROJEÇÕES PAPILARES NA LÍNGUA DA TONINHA (*PONTOPORIA BLAINVILLEI*) NA COSTA SUL DO BRASIL

Renata Bornholdt (GEMARS / reborn@terra.com.br)
Daniel Danilewicz (GEMARS)

Área: Cetacea **Sub-Área:** Morfologia

Projeções papilares são protuberâncias de epitélio fino presentes na margem anterolateral da língua de alguns odontocetos. Essas estruturas surgem quando o indivíduo é jovem e não persistem ao longo de toda vida. A relação entre projeções e amamentação já é conhecida, embora função e ontogenia ainda permaneçam questionadas. A ejeção de leite em odontocetos ocorre pela pressão dos filhotes na glândula mamária da mãe. Em cativeiro, foram observados filhotes que dobraram suas línguas para facilitar a sucção. O objetivo desse estudo é entender a morfologia, ontogenia e função das projeções na língua da toninha, *Pontoporia blainvillei*, baseado em dados de machos (n=26) e fêmeas (n=37) de diferentes classes etárias (tamanhos). Para esta análise, foram utilizadas amostras de toninhas coletadas na costa do Rio Grande do Sul. O tamanho total do corpo (CT) foi estabelecido para todos exemplares. A análise das projeções papilares dividiu-se em duas etapas. Primeiro, as línguas foram divididas em cinco regiões (lateral posterior esquerda, lateral anterior esquerda, frontal, lateral anterior direita e lateral posterior esquerda) e o número total das projeções de cada região foi estabelecido. Segundo, a largura e comprimento de cada projeção papilar foram medidos utilizando paquímetro com precisão de 0,05mm. Para analisar a ontogenia das projeções papilares, foi realizado teste de correlação entre CT e número total de projeções. A média da largura e comprimento das projeções de cada região da língua foi estabelecida e também correlacionada ao CT. Foi realizado teste t para testar dimorfismo sexual no número e dimensões das projeções papilares. O número total das projeções variou de 0 a 70 (média=45,72). O número de projeções apresenta correlação negativa com o CT. Quanto maior o comprimento do animal, menor o número total de projeções (r=-0,582; *P*<0,0001). Contudo, não foi detectado dimorfismo sexual (t=-0,209; *P*>0,05). A média no comprimento das projeções das regiões lateral anterior esquerda (r=-0,541; *P*<0,0001), frontal (r=-0,459; *P*<0,0001) e lateral anterior direita (r=-0,553; *P*<0,0001) apresentaram correlação negativa com CT. Novamente, quanto maior o CT, menor o comprimento médio das projeções. O comprimento médio das projeções nas demais regiões da língua e a largura das projeções nas cinco regiões não apresentaram correlação com o CT. Não foi detectado dimorfismo sexual na largura e comprimento das projeções papilares. Este trabalho demonstra que essas estruturas estão relacionadas ao período inicial de vida das toninhas. Provavelmente, elas atuam na amamentação, desempenhando função mecânica ao auxiliarem a retenção de leite na boca dos filhotes.

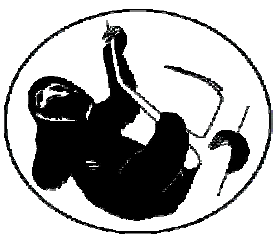
Palavras-chave: *Pontoporia blainvillei*, morfologia, ontogenia, projeção papilar

A PESQUISA SUL-AMERICANA DE MAMÍFEROS MARINHOS NA REGIÃO ANTÁRTICA

Anderson Silva Netto (Laboratório de Mastozoologia / UERJ / anderson_millar@hotmail.com)
Lena Geise (Laboratório de Mastozoologia / UERJ)
Manuela Bassoi (Census of Antarctic Marine Life / UFRJ)

Área: Cetacea **Sub-Área:** Outros

Resultados de atividades científicas na Antártica desenvolvidas por pesquisadores sul-americanos relacionadas aos mamíferos marinhos, como artigos, livros e outros (monografias, teses, dissertações, resumos em congressos e/ou conferências, documentos de trabalho (DT) de workshops e/ou grupos de trabalho), não são encontrados, na maioria, disponível na web. Logo, o objetivo desse estudo é alocar todas essas informações em um só lugar, de forma acessível para a comunidade acadêmica. Essa pesquisa se baseia na busca de dados, feita principalmente através de sites de editores de periódicos (www.springerlink.com), de universidades sul-americanas, de revistas, de instituições sul-americanas de pesquisas com mamíferos marinhos, bibliotecas, de reuniões científicas relacionados à Oceanografia, Antártica e mamíferos marinhos e de comitês Antárticos. No entanto, muitas dessas informações só estão disponíveis em acervos de bibliotecas, como por exemplos nos institutos de Oceanografia, Geociências e Biociências da USP. Concomitantemente, ocorre a elaboração de um banco de dados bilíngüe (português e inglês), no qual são inseridos todos os registros, como por exemplo: tipo de publicação, ano, local de pesquisa, coordenadas geográficas e palavras-chave. Até o momento, 18% de todo material coletado foi analisado e verificou-se que: 1) as áreas de maior pesquisa são o estreito de Gerlache (11%), cabo Shirreff, na ilha Livingston (8%), Stranger Point, na ilha King George (8%) e ilha do Elefante (7%); 2) as espécies mais estudadas são Elefante-marinho-do-sul (*Mirounga leonina*) 25%, Baleia-Jubarte (*Megaptera novaeangliae*) 17% e Lobo-marinho-antártico (*Arctocephalus gazella*) 15%; 3) são artigos apenas 61,5% e desse percentual, 56% foram publicados em periódicos qualis A, 16% qualis B e 28% em periódicos que não receberam análise da Capes (http://qualis.capes.gov.br/webqualis/Index.faces). Contudo, o principal produto deste trabalho será a disponibilização na web do banco de dados, assim como as análises estatísticas do mesmo, através de uma rede de informações internacional chamada "SCAR-MarBIN" (SCAR *Marine Biodiversity Information Network*).

Palavras-chave: Cetacea, Pinnipedia

COMPORTAMENTO DE ATAQUE DO MORCEGO HEMATÓFAGO *DESMODUS ROTUNDUS* (E.GEOFFROY, 1810) (CHIROPTERA, PHYLLOSTOMIDAE) EM BOVINOS SOB CONDIÇÕES DE CAMPO

Sérgio Nogueira Pereira (Lab. de Mastozoología / IB / UFRRJ. Email: spereira2@pop.com.br)
Clayton Bernardinelli Gitti (DESP / IV / UFRRJ)
Marise Maleck de Oliveira Cabral (Lab de Díptera / FIOCRUZ /RJ)
Andrea Cecília Sicotti Maas (Lab. de Mastozoología / IB / UFRRJ)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Comportamento

A espécie *Desmodus rotundus* pode trazer grandes prejuízos para a pecuária da América Latina, por ser o principal transmissor do vírus rábico aos herbívoros domésticos na zona rural. No aspecto de saúde pública, ataques a seres humanos têm sido frequentemente registrados. O trabalho teve como objetivo avaliar topograficamente os ferimentos causados pelo *D. rotundus* em bovinos sob condições de campo. O levantamento foi realizado no período de março 2005 a março de 2006 no município de Valença-RJ (22°14' 45" S e 43°42' 00" W). Utilizou-se 12 propriedades rurais como amostragem em que foram observados e analisados 101 bovinos que apresentavam ferimentos provocados por *D. rotundus*, perfazendo um total de 580 animais examinados. Estes animais eram na sua maioria fêmeas em lactação e bovinos jovens de ambos os sexos (mamando), possuíam diferentes cores de pelagem e o regime de criação era semi-extensivo. Os dados foram anotados em mapas corporais individuais. A distribuição dos ferimentos no corpo dos bovinos foi analisada por quadrantes: primeiro quadrante representa a região ântero-superior, segundo quadrante representa a região póstero-superior, o terceiro quadrante representa a região ântero-inferior e o quarto quadrante representa a região póstero-inferior. De um total de 580 animais observados, 101 bovinos apresentaram 276 ferimentos. Na análise dos ferimentos no corpo dos bovinos por quadrantes, foram observados 191 no primeiro quadrante, 46 no segundo, 20 no terceiro e 19 no quarto. Por conseguinte, foram observados 237 ferimentos na metade superior perfazendo 85,87% do total e 39 na metade inferior do animal (14,13%). Também foram detectados 211 ferimentos na metade anterior e 65 na metade posterior, resultando em 76,45% e 23,55%, respectivamente. Houve um elevado número de mordeduras na metade superior, provavelmente justificado pela criação semi-extensiva, onde os animais passam a noite no pasto (pastagem dificulta a chegada do morcego pelo chão). A presença de ferimentos em várias partes do corpo dos bovinos foi também observada em outro estudo feito em cativeiro, porém com predominância nos membros anteriores, dorso, membros posteriores e cernelha. Conclui-se que o *D. rotundus* utiliza diferentes locais para se alimentar nos bovinos (desde a coroa dos cascos até a base dos chifres), porém a região corporal dos bovinos que apresentou maior número de ferimentos foi referente à parte superior.

Palavras-chave: raiva, espoliação, herbívoro, morcego vampiro

POUSO DIGESTÓRIO COMPARTILHADO POR *CAROLLIA PERSPICILLATA* E *MICRONYCTERIS MEGALOTIS* EM UM CLUBE DE CAMPO NA REGIÃO NOROESTE DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

João Pereira da Gama (Pós-graduação lato-sensu / USIT-SP / joao_gama@terra.com.br)
Adriana R. da Rosa (Centro de Controle de Zoonoses - PMSP - São Paulo/SP)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Comportamento

O Jaraguá Clube Campestre é uma área particular de lazer localizada em área periférica do município de São Paulo, próximo ao Parque Estadual do Jaraguá. No período de fevereiro de 2007 a abril de 2008 foram observadas e monitoradas, duas espécies de morcegos da família Phyllostomidae: *Carollia perspicillata* e *Micronycteris megalotis*. A primeira pertence à subfamília Carolliinae e a segunda à Phyllostominae, sendo de hábito alimentar frugívoro e insetívoro, respectivamente.Os animais estavam compartilhando o espaço da lavanderia de um dos salões de festas do clube, que era usado como pouso digestório, e acomodavam-se em pontos diferentes dentro deste abrigo temporário. Este fato foi demonstrado pelo encontro de restos alimentares característicos de cada espécie de morcego. No local onde permanecia um exemplar de *C. perspicillata* foi encontrada, em maior abundância, hastes limpas de piperáceas (*Piper* sp.) e em menor número frutos de solanáceas (*Solanum* sp.) e, logo abaixo do local onde ficava o grupo de três indivíduos da espécie *M. megalotis* foi observada grande quantidade de partes de asas, patas e antenas de vários grupos de insetos, tais como Coleoptera, Lepidoptera, Orthoptera e outros. Na literatura, a subfamília Phyllostominae é citada como boa indicadora de qualidade de habitat, pois a presença destes animais geralmente ocorre em ambientes em que há pouca ou nenhuma perturbação ambiental. O fato de se encontrar *M. megalotis* em um local onde são realizadas comemorações festivas pode sugerir que, pelo menos esta espécie não seja tão sensível às alterações ambientais como sugere a literatura. A presença de luzes oscilantes, e alta intensidade sonora, associadas à freqüente circulação de pessoas, seriam motivos mais que suficientes, não apenas para afugentar os animais, mas também para tornar o local uma péssima opção na escolha de pouso digestório. *C. perspicillata* e *M. megalotis* fazem parte de diferentes guildas tróficas, portanto não ocorre competição por alimentos e, o abrigo em questão, foi confortavelmente ocupado por ambas as espécies de morcegos.

Palavras-chave: Abrigo temporário, habitat, morcegos

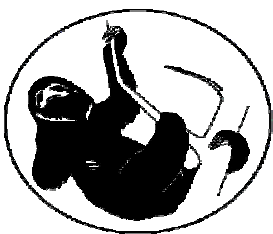
OBSERVAÇÃO DE ABRIGOS UTILIZADOS POR MORCEGOS NO ESPÍRITO SANTO, BRASIL

Poliana Mendes (LABEQ / UFES / polimendes@gmail.com)
Thiago Bernardi Vieira (LABEQ / UFES)
Monik Oprea (Division of Mammals / NMNH - SI)
Albert David Ditchfield (LABEQ / UFES)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Comportamento

Morcegos utilizam diferentes tipos de estruturas, naturais ou artificiais, como abrigos. A utilização de abrigos otimiza processos fisiológicos (como a manutenção da temperatura corporal), fornece proteção contra predadores, local para repouso e alimentação, além de local para interações sociais, reprodução e cuidado parental. O objetivo do presente estudo foi analisar o uso de abrigos por morcegos em áreas sob diferentes pressões antrópicas. Este estudo foi conduzido em três localidades no estado do Espírito Santo, abrangendo um gradiente de pressão antrópica: (1) Área de Relevante Interesse Ecológico Morro da Vargem (uma área de preservação ambiental no município de Ibiraçu); (2) uma área rural no município de Alfredo Chaves e (3) na área urbana do município de Vitória. Em cada local amostrado, foi realizada busca ativa por possíveis abrigos, como cavernas, árvores e construções. Os morcegos foram capturados através de redes de neblina dispostas nas saídas dos abrigos. Foram armadas de uma a quatro redes, que permaneceram abertas por seis horas após o pôr-do-sol. No total foram encontrados 12 abrigos, quatro em cada uma das áreas: ocos de árvores (*Phyllostomus hastatus* e *Molossus rufus*), folhagens (*Artibeus lituratus* e *Platyrrhinus lineatus*), cavernas naturais (*Carollia perspicillata*, *Anoura caudifer*, *Diphylla ecaudata*, *Lonchorrhina aurita*, *Tonatia bidens* e *Trachops cirrhosus*), fissuras naturais em rocha (*Peropteryx macrotis* e *Nyctinomops laticaudatus*), forros em edificações (*Molossus molossus*), casas abandonadas (*C. perspicillata*), manilhas (*Desmodus rotundus*, *L. aurita* e *T. cirrhosus*) e pontes (*C. perspicillata* e *Rhynchonycteris naso*). As diferentes áreas diferiram com relação aos tipos de abrigos e composição das espécies de morcegos encontrados neles, sendo que a maior quantidade de espécies em abrigos ocorreu na área de preservação. Este resultado era esperado, já que os abrigos se encontram em diferentes áreas (área urbana e rural).

Palavras-chave: Emballonuridae, Molossidae, Phyllostomidae, ecologia, comportamento

Financiadores: Bat Conservation International e UFES/PETROBRÁS

OBSERVAÇÕES SOBRE O ATO DE CONSUMIR FRUTOS DE *TERMINALIA CATAPPA* (COMBRETACEAE) PELO MORCEGO *ARTIBEUS FIMBRIATUS* (PHYLLOSTOMIDAE), EM CONDIÇÕES DE CATIVEIRO

Carina Maria Vela Ulian (Zoologia / UNESP-Botucatu / carinaulian@yahoo.com.br)
Moisés Guimarães (Zoologia / UNESP-Botucatu)
Wilson Uieda (Zoologia / UNESP-Botucatu)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Comportamento

De modo geral, estudos sobre hábito alimentar, dieta e comportamento de forrageio de morcegos do gênero *Artibeus* não abordam o comportamento de manipulação e de consumo dos frutos nos pousos de alimentação. No presente estudo, *Artibeus fimbriatus* procedente da Fazenda Lageado, Botucatu, SP, foi mantido em uma gaiola (40x40x40cm) de alumínio, ferro galvanizado e vidro por três semanas. Diariamente, frutos da castanhola (*Terminalia catappa*, Combretaceae) foram colocados à disposição do morcego e no dia seguinte, foi feita a análise desse consumo. Essa planta exótica possui frutos de forma elipsóide com uma saliência mediana e bordas afinadas, uma semente grande, polpa fibrosa e peso médio de 37g. O comportamento de manipulação e consumo desse fruto foi observado, gravado com infravermelho em fitas Hi8mm e transformado em DVD, para posterior análise. A maior parte do tempo, *A. fimbriatus* foi observado pendurado pelos pés no teto de um dos cantos da gaiola. Desse local, deslocava-se pela parede de tela em direção ao chão, onde aparentemente escolhia e abocanhava um fruto. Com o fruto na boca, o morcego em marcha ré, retornava ao mesmo local no teto da gaiola. Durante o ato alimentar, o morcego segurava o fruto com ambos polegares, aplicava uma mordida frontal e em seguida, virava a cabeça para o lado, mordendo-o várias vezes com os dentes molares, quando então retirava um pedaço da polpa fibrosa. Esse pedaço era bastante mastigado e o bagaço fibroso era descartado com um movimento de extensão de cabeça, deixando-o cair no chão. A saliência mediana da castanhola apresentava polpa mais macia e aparentemente menos fibrosa, o que permitiu ao morcego aplicar apenas mordidas frontais para retirar pedaços da polpa, que era mastigada e ingerida, sem haver descarte de bagaço. Durante o consumo total de duas castanholas, observamos que o morcego defecou nove e urinou onze vezes. Em ambas situações. o morcego interrompia a alimentação, segurava o fruto entre os dentes, abria parcialmente as asas e urinava e/ou defecava. Após isto, reassumia a postura alimentar e reiniciava sua refeição. Ao final dela, o morcego soltava a semente e iniciava a higienização corporal, que durava cerca de cinco minutos. Esse comportamento consistia em lamber polegares e asas, coçar com as unhas do pé várias partes de seu corpo e lambê-las em seguida. Cada castanhola foi consumida em um tempo médio de 40 minutos, período no qual o morcego aplicou uma média de 167 mordidas.

Palavras-chave: Chiroptera, comportamento alimentar, frugivoria, Stenodermatinae

REGISTRO DE MORCEGOS DA FAMÍLIA PHYLLOSTOMIDAE (CHIROPTERA, MAMMALIA) EM ABRIGOS ARTIFICIAIS DIURNOS NO ASSENTAMENTO RURAL NOVA CANAÃ, PORTO GRANDE - AP

Pamela Nayara Barros Silva (Laboratório de Zoologia - UNIFP - pamela_re4@yahoo.com.br)
Carlos Eduardo Costa Campos (Laboratório de Zoologia - UNIFP)
Mariana Chandaliê Costa Cardoso (Laboratório de Zoologia - UNIFP)
Dayse Swélen da Silva Ferreira (Laboratório de Zoologia - UNIFP)
Andréa Soares de Araújo (Laboratório de Zoologia - UNIFP)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Comportamento

Os morcegos são considerados espécies pouco vulneráveis à fragmentação e perturbações antrópicas, devido a sua alta capacidade de dispersão. Desse modo às modificações nas condições ecológicas como desmatamentos e degradação do ambiente natural, fazem com que algumas espécies de morcegos encontrem em construções humanas condições semelhantes aos abrigos naturais. Para a maioria das espécies de quirópteros neotropicais existem poucos trabalhos acerca dos abrigos que esses animais ocupam, sendo ele artificial ou não, portanto o presente trabalho objetivou conhecer as espécies de morcegos que utilizam como abrigos fornos de carvão desativados, no assentamento rural Nova Canaã município de Porto Grande no estado do Amapá. A área de localização do assentamento é bastante irregular sendo fortemente influenciada por Planaltos Residuais do Amapá, Depressão Periférica do Norte do Pará e Colinas do Amapá, com altitudes de 71 m. Os morcegos foram capturados manualmente e com redes de neblina posicionadas na saída dos abrigos no período das 8:00 às 16:00 horas. Foram amostrados 5 abrigos e verificada a ocupação por duas espécies diferentes de morcegos, *Glossophaga soricina* e *Carollia perspicillata*. Os morcegos estavam em pequenos agrupamentos de quatro a cinco indivíduos cada, encostados uns aos outros e com contato corporal com a parede do forno. Um dos abrigos possuía uma colônia de cerca de 30 indivíduos de *Carollia perspicillata*, constituído de machos adultos, fêmeas grávidas e/ou lactantes e filhotes. A grande quantidade de fezes e manchas de gordura no interior dos abrigos demonstra que a sua ocupação vem de algum tempo e que os mesmos propiciaram o ambiente ideal de temperatura, luminosidade e umidade para o acasalamento, parto, desenvolvimento e interações sociais desses indivíduos, além de oferecer proteção contra adversidades ambientais (chuvas, vento e insolação) e possíveis predadores.

Palavras-chave: Quirópteros, *Carollia*, *Glossophaga*, fornos de carvão, Amapá.

ANÁLISE DO GRAU DE INTERFERÊNCIA DO OBSERVADOR SOBRE O OBJETO DE ESTUDO EM OBSERVAÇÕES COMPORTAMENTAIS - CASO *PHYLLOSTOMUS HASTATUS*

Roberta Mariano Silva (Lab. de Diversidade de Morcegos / UFRRJ / robmarybio@yahoo.com.br)
Luciana de Moraes Costa (Lab. de Diversidade de Morcegos da UFRRJ)
Débora de Souza França (Lab. de Diversidade de Morcegos da UFRRJ)
Elizabete Captivo Lourenço (Lab. de Diversidade de Morcegos da UFRRJ)
Carlos Eduardo L. Esbérard (Lab. de Diversidade de Morcegos da UFRRJ)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Comportamento

Em análises comportamentais, o observador raramente está imperceptível e sua presença pode ter efeito no comportamento de seu objeto de estudo. É difícil determinar quanto do comportamento observado deve-se a interferência direta ou indireta do pesquisador. Mesmo usando métodos remotos de observação, como filmagem, a interferência é notável. Com o objetivo de analisar o grau de interferência do observador sobre uma colônia de *Phyllostomus hastatus* (Chiroptera, Phyllostomidae) em um refúgio situado em um forro de telhado, quantificamos o total de exemplares ativos. A colônia era constituída de 17 indivíduos localizados na Ilha da Gipóia, Angra dos Reis, Rio de Janeiro. Foi empregada uma câmera digital Sony DCR-HC28, providas de fitas Sony DVM60 com 90 min de duração, apoiada sobre tripé (80 cm de altura), a uma distância de 2 m. As filmagens foram elaboradas em dois dias, nos meses de janeiro e fevereiro de 2008, sob nightshot, sem empregar nenhuma fonte de luz. Foram gravadas oito fitas, totalizando 720 min. A cada 90 min um único pesquisador aproximava-se da câmera para a troca da fita. As fitas foram analisadas através do método scan sampling, adotando-se janelas de 15 min. A cada intervalo foram contados por 2-3 segundos o total de animais ativos, resultando em 52 quantificações realizadas. Foram calculados a média e o desvio padrão do total de animais ativos a cada intervalo. Notou-se, como esperado, que a maior quantidade de animais ativos foi observada no scan imediatamente após o início da gravação, comprovando um alto efeito da presença do observador. Os demais scan apresentam médias similares, com 1 a 4 animais ativos por período. Para dar continuidade a observações com o uso deste equipamento fica claro que as observações contidas até o primeiro scan, ou seja, os primeiros 15 minutos têm elevada interferência. Sugere-se que trabalhos similares quantifiquem os períodos de máxima interferência para que possam ser descartados ou considerados em separado.

Palavras-chave: Comportamento, influência, atividade, pesquisador.

ASPECTOS BIOGEOGRÁFICOS DO ACERVO DE MORCEGOS DA COLEÇÃO FAUNA DO AMAPÁ, INSTITUTO DE PESQUISAS CIENTÍFICAS E TECNOLÓGICAS DO ESTADO DO AMAPÁ.

Ana Carolina Moreira Martins (Divisão de Zoologia / IEPA / ana.martins@pq.cnpq.br)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Conservação

O estado do Amapá possui diferentes ecossistemas, como floresta de terra firme, cerrado, floresta e campo de várzea, mangue, campos inundáveis; a maioria sub-amostrada quanto à quiropterofauna. Apesar do aumento de inventários, nos últimos quatro anos, devido às expedições realizadas pelo Projeto Inventários Biológicos no Corredor de Biodiversidade e outros projetos associados, ainda existem grandes lacunas amostrais, pois este projeto se concentrou basicamente nas florestas de terra firme. Este trabalho tem como objetivo apresentar aspectos biogeográficos do acervo de morcegos da Coleção Fauna do Amapá, apontando áreas prioritárias para inventários futuros no estado. O acervo possui 1138 exemplares de 90 espécies, incluindo espécies típicas da floresta de terra firme como *Vampyrum spectrum* e *Lophostoma schulzi*, endêmicas da região amazônica. Também foram coletadas, com distribuição restrita à floresta de várzea, *Anoura caudifera*, *Mesophylla macconnelli*, *Nyctinomops laticaudatus* além de exemplares de espécies raras como *Thyroptera tricolor*, *Micronycteris megalotis*. A floresta de terra firme, até o presente momento, é o ecossistema com maior amostragem, sendo que a região central foi a mais amostrada com cinco pontos localizados no, Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque e Floresta Nacional do Amapá, e um no entorno da Reserva Biológica do Lago Piratuba. As florestas e campos de várzea também tiveram um bom esforço amostral, devido a projetos à longo prazo, na REBIO Piratuba e APA do Rio Curiaú. Para mangues e campos inundáveis, na zona costeira e nordeste do Estado várias localidades foram amostradas na REBIO Piratuba e Parazinho. Para o cerrado, 2 áreas de amostragem: município de Tartarugalzinho (inventário rápido), além de dois estudos a longo prazo na APA do Curiaú, composta por floresta e campo de várzea, e áreas de cerrado, localizada ao sul do Amapá. As áreas de transição ao norte, e o cerrado ao sul do estado praticamente não apresentam registros. Quanto à floresta de terra firme, as regiões que contemplam as nascentes e o médio curso dos rios Jarí e Oiapoque, dentro do PARNA do Tumucumaque, são essenciais para levantamentos, devido à falta de amostragem. Além destes, as Unidades de Conservação: Reserva Extrativista do Rio Cajari, Estação Ecológica Maracá-Jipioca, e o PARNA Cabo Orange não têm registros para morcegos, e também representam importantes lacunas, por apresentarem fitofisionomias bastante peculiares. O número elevado de novas ocorrências para o estado ressalta a importância da realização de inventários que revelem a real diversidade de morcegos do estado do Amapá.

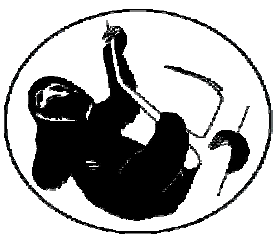
Palavras-chave: Amazônia, Distribuição, Morcegos, Inventários, Biodiversidade

RIQUEZA DE ESPÉCIES DE MORCEGOS ASSOCIADAS AO AMBIENTE CÁRSTICO DE LAGOA SANTA, MINAS GERAIS

Daniela A. Coelho (Mestrado Zoologia de Vertebrados / Puc BH / dacoelho1@yahoo.com.br)
Sônia A. Talamoni (Mestrado Zoologia de Vertebrados / Puc BH)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Conservação

Os morcegos compreendem um grupo dentre os mamíferos com alta riqueza de espécies, e são importantes reguladores ecológicos nas florestas tropicais. Abrigos naturais são usados como refugio contra predadores e para evitar a perda de calor e água. Muitas espécies permanecem até cerca de 20 horas em seus abrigos. No estado de Minas Gerais existem ao menos 60 espécies de morcegos. Entretanto, é esperada uma ocorrência muito maior, sendo o número atualmente conhecido provavelmente fruto do número reduzido de estudos desenvolvidos no estado. Este estudo teve como objetivo investigar a riqueza de espécies de morcegos na APA Carste de Lagoa Santa (Fazenda Cauaia) através de amostragem com o uso de redes de neblina e busca direta de indivíduos em seus abrigos diurnos. A constituição geomorfológica da região Carste, devido a presença expressiva de paredões rochosos, cavernas e pequenas grutas calcárias permite, supostamente, a ocorrência de uma grande quantidade de abrigos rochosos, o que pode promover a presença de um grande número de espécies no local. A amostragem ocorreu de fevereiro 2007 a abril 2008, totalizando 59 dias. Foram utilizadas cinco redes-de-neblina, abertas por 6 horas após o anoitecer. Durante o dia eram realizadas buscas de morcegos em seus abrigos naturais. Foram registradas 22 espécies: *Peropteryx macrotis*, (abrigo); *Desmodus rotundus* (rede, abrigo), *Diphylla ecaudata* (rede, abrigo); *Anoura caudifer* (rede), *Anoura geoffroyi* (rede), *Anoura* sp. (abrigo); *Glossophaga soricina* (rede, abrigo); *Artibeus obscurus* (rede, abrigo), *Artibeus planirostris* (rede, abrigo), *Chiroderma villosum* (rede, abrigo), *Platyrrhinus lineatus* (rede, abrigo), *Sturnira lillium* (rede), *Vampyressa pussilla* (rede), *Micronycteris megalotis* (rede, abrigo), *Mimon benettii* (abrigo), *Phyllostomus hastatus* (rede), *Carollia perspicillata* (rede, abrigo), *Molossops temminckii* (rede), *Molossus molossus* (rede); *Nictynomops laticaudatus* (rede, abrigo); *Histiotus velatus* (encontrado morto); *Myotis* sp. (abrigo). A espécie mais abundante foi *Desmodus rotundus*, o que pode estar relacionado ao fato de que a área de estudo ocorre dentro de uma fazenda, sendo a pecuária a atividade econômica principal. *Glossophaga soricina* foi a segunda espécie mais abundante nos abrigos, é uma espécie polinizadora de grande importância. Além do registro de *A. obscurus* e *A. planirostris*, espécies de extrema importância na dispersão de sementes em ambientes impactados. *Peropteryx macrotis*, *M. benettii* e *Myotis* sp. foram registradas apenas nos abrigos, mostrando a importância da utilização de metodologias diferentes em estudos de riqueza de espécies, resultando em uma amostragem fiel da área de estudo. Deste modo, destaca-se a importância da preservação de abrigos naturais que são utilizados pelos morcegos.

Palavras-chave: Chiroptera, Diversidade, Abrigos naturais, Carste.

MORCEGOS DO PARQUE ESTADUAL DA ILHA ANCHIETA: 10 ANOS DEPOIS

Paul François Colas-Rosas (Dept. de Zoologia/ UNESP Rio Claro/ paulcolas@gmail.com)
Caroline Cotrim Aires (Lab. de Mastozoologia / MUZUSP)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Conservação

O Parque Estadual da Ilha Anchieta (PEIA), teve sua cobertura vegetal bastante alterada em função das diferentes fases de sua ocupação. A área quando utilizada como presídio, teve grande parte de sua vegetação suprimida para fornecimento de lenha. Posteriormente a vegetação original deu espaço a rebanhos de cabras, monoculturas de café, cana-de-açúcar e alambiques. Em 1984 foi transformado em Parque, possibilitando a regeneração natural da vegetação, porém ocorreram períodos de introdução de espécies animais e vegetais exóticas que compõem até hoje a fauna e flora da ilha. Trabalhos recentes demonstraram que a densidade de mamíferos no PEIA é de 4 a 6,5 vezes maior que outras áreas de Mata Atlântica. Este trabalho buscou comparar a riqueza de morcegos e suas abundâncias relativas em um levantamento realizado de abril a julho de 1998 com esforço amostral de 9975 hm^2, a uma amostragem recente realizada entre novembro de 2006 a abril de 2008 com esforço amostral de 11097 hm^2. Foram registradas 17 espécies de morcegos no primeiro levantamento (H'= 2,39). Na segunda amostragem, cerca de 10 anos depois, foram levantadas 14 espécies (H'= 2,12). As espécies com maiores abundâncias relativas em 1998 foram: *Artibeus obscurus* (21,64%), *Artibeus lituratus* (16,96%), *Carollia perspicillata* (11,70%) e *Artibeus fimbriatus* (11,30%). No trabalho desenvolvido em 2008 as abundâncias relativas foram: *Artibeus obscurus* (23,08%), *Tonatia bidens* (20,12%), *Artibeus lituratus* (17,16%), e *Artibeus fimbriatus* (10,65%). Espécies de menores abundâncias relativas como *Eptesicus brasiliensis*, *Pygoderma bilabiatum*, *Vampyressa pusilla* e *Platyrrhinus recifinus* foram amostrados em 1998 e não estavam presentes no levantamento recente. Da mesma forma *Micronycteris megalotis* foi amostrado em 2007/2008 e não consta no levantamento anterior. Durante a amostragem de 2008 foi recapturada uma fêmea de *Artibeus fimbriatus* anilhada durante o ano de 1998, comprovando a longevidade e a eficiência do método de anilhamento utilizado. De maneira geral, a composição da quiropterofauna e suas abundâncias relativas no PEIA ao longo desses 10 anos se manteve semelhante. Com exceção da espécie *Tonatia bidens* que teve sua abundância relativa 3.4 vezes maior no levantamento recente. Possivelmente, modificações na estrutura da vegetação ao longo desses 10 anos tenham beneficiado a abundância dessa espécie. De acordo com o índice de Shannon-Wiener, houve uma ligeira redução na diversidade de espécies de morcegos no PEIA. Provavelmente as espécies de morcegos naturalmente pouco abundantes são mais susceptíveis as pressões de predação e/ou competição exercida pelo excesso de alguns mamíferos presentes na Ilha Anchieta.

Palavras-chave: levantamento temporal, composição da comunidade, anilhamento

RECOLONIZAÇÃO POR ESPÉCIES DE MORCEGOS FILOSTOMÍDEOS DE UMA ÁREA RESTAURADA NO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO

Leonardo Carreira Trevelin (Depto. de Zoologia/UNESP Rio Claro / leotrevelin@hotmail.com)
Maurício Silveira (Depto. de Zoologia / UNESP Rio Claro)
Marcio Port-Carvalho (Seção de Animais Silvestres/Inst. Florestal de São Paulo)
Ariovaldo Pereira da Cruz-Neto (Depto. de Zoologia / UNESP Rio Claro)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Conservação

Morcegos da família Phyllostomidae podem ser úteis para a avaliação de processos de alteração na paisagem, pois respondem de forma acentuada a alterações nos componentes abióticos e bióticos de um sistema, como estrutura da vegetação, disponibilidade de recursos alimentares e abrigo, servindo como indicadores da recuperação da dinâmica florestal em áreas restauradas. Neste estudo, através da análise dos parâmetros riqueza, composição e diversidade de espécies, pretendemos responder se está ocorrendo a recolonização temporal de morcegos filostomídeos em uma área degradada em processo de recuperação em Mogi-Guaçú, SP. Realizamos capturas mensais de morcegos entre setembro de 2005 e agosto de 2006, através de redes neblina. Utilizamos estimadores não-paramétricos de riqueza de espécies em conjunto com curvas de rarefação para avaliarmos a efetividade do levantamento, e obtivemos índices de diversidade de Shannon e seu equivalente de eqüitabilidade. Para avaliação da recolonização da área, comparamos o índice de diversidade obtido neste estudo com o obtido na mesma área em 2003 através do teste t proposto por Hutcheson. No estudo de 2003 um total de 33696 m^2.h de esforço amostral possibilitou a amostragem de 169 indivíduos de oito espécies. No presente estudo, realizamos 40 noites de coleta, totalizando 36587,6 m^2.h de esforço amostral, onde capturamos um total de 545 morcegos pertencentes a 02 famílias e 11 espécies. Nove espécies amostradas pertencem à família Phyllostomidade e representaram 99,6% dos indivíduos amostrados, sendo as mais abundantes *Artibeus lituratus* (48,44%), *Carollia perspicillata* (15,23%), *Platyrrhinus lineatus* (15,04%) e *Sturnira lilium* (14,68%). Registramos 04 guildas alimentares, sendo a dos frugívoros a mais representativa (07 espécies e 95% dos indivíduos registrados). Estimadores indicaram um registro de 81,8% a 90% da riqueza esperada para a área. Os índices de diversidade, atual (2,11) e de 2003 (1,84), diferiram significativamente (t= 4,1823; gl= 170,625; p<0.001), confirmando um aumento temporal na diversidade. Os parâmetros amostrados confirmaram a recolonização da área ao longo do processo de restauração, e os registros de espécies raras, tais como *Pygoderma bilabiatum, Artibeus obscurus, Vampyressa pusilla* e da espécie da subfamília Phyllostominae, *Micronycteris megalotis*, geralmente associadas a florestas contínuas e preservadas são indicativos de que esta recolonização pode estar associada a um aumento na complexidade biótica da área, que passa a dispor de condições que possibilitam o aparecimento de espécies mais exigentes.

Palavras-chave: Phyllostomidae, Diversidade, Indicadores, Restauração

Financiadores: FAPESP; CNPq International Paper

AVALIAÇÃO DA COMUNIDADE DE MORCEGOS EM DIFERENTES FRAGMENTOS VEGETACIONAIS LOCALIZADOS NO MUNICÍPIO DE RIO PIRACICABA, MINAS GERAIS

Carolina de Bessa Reis (Delphi Projetos e Gestão Ltda. / kkbessa@yahoo.com.br)
Marco Aurélio Cerqueira Veloso (Museu de Ciências Naturais PUC-Minas)
Edeltrudes Maria V. C. Câmara (Museu de Ciências Naturais PUC-Minas)
Ana Paula G. Silva Duarte (Lemnos Engenharia e Consultoria Ambiental)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Conservação

Este estudo foi desenvolvido em fragmentos vegetacionais localizados no município de Rio Piracicaba, no entorno de um empreendimento minerário pertencente à VALE, e objetivou uma análise da quiropterofauna da região. Foram amostradas cinco áreas, em cada qual, foram dispostas cinco redes de neblina, mantidas abertas por seis horas/noite, durante quatro noites consecutivas, ao longo de cinco campanhas de campo. Nos dias chuvosos, optou-se pela busca direta de morcegos nos abrigos naturais ou artificiais, com o uso de puçá. Foram capturados 43 indivíduos de oito espécies pertencentes a duas famílias, Phyllostomidae, com 93% das capturas, e Vespertilionidae. O sucesso total de captura foi de 0,37 morcegos/m^2 x hora. Das espécies capturadas, 32% foram S. lilium, seguida por D. rotundus (26%) e por C. perspicillata (12%). Com relação aos hábitos alimentares, 51% dos morcegos capturados eram frugívoros, 26%, hematófagos, 16%, nectarívoros e 7%, insectívoros-voadores. Do total de 16 noites de coleta com redes de neblina, oito foram na lua cheia, quatro na minguante e quatro na crescente e dos 37 indivíduos capturados por redes de neblina, 20 foram na lua cheia, 14 na minguante e 3 na lua crescente. Os resultados apresentados indicam baixa diversidade de morcegos em comparação com outros trabalhos realizados em regiões próximas ao município de Rio Piracicaba, o que pode estar relacionado ao baixo esforço de captura aliado a grande alteração ambiental nas áreas amostradas. No entanto, de acordo com a literatura, mesmo a diversidade de morcegos sendo baixa, pequenos fragmentos florestais são fundamentais para a manutenção de muitas espécies da quiropterofauna, pois podem ser usados como refúgios, abrigos, área de alimentação ou novo hábitat. A busca por abrigos durante as campanhas mostrou-se bastante eficiente, permitindo o registro de uma espécie só capturada com o puçá, além do registro de fêmeas com filhotes. As informações aqui obtidas são importantes, revelando dados sobre a biologia, ecologia e comportamento das espécies, uma vez que lacunas de conhecimento dificultam iniciativas de conservação e manejo das mesmas. Estudos populacionais, executados em regiões próximas a empreendimentos, de forma sólida e contínua, permitem o desenvolvimento de estratégias de preservação de espécies através da utilização de recursos presentes no entorno.

Palavras-chave: quiropterofauna, estudos populacionais, preservação

Financiadores: Nicho Engenheiros Consultores Ltda.

REVITALIZAÇÃO DA EXPOSIÇÃO "MORCEGOS: VERDADES E MITOS" DO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL E JARDIM BOTÂNICO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

R. Cassimiro (Curadoria da exposição / MHNJB UFMG / r_cassimiro@yahoo.com.br)
A. Guerra (Instituto de Geociências da UFMG)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Conservação

Inaugurada em julho de 2004, a exposição permanente "Morcegos: verdade e mitos" do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG (MHNJB/UFMG) aborda a importância dos quirópteros e destaca sua diversidade, seus hábitos alimentares e informa o importante papel desempenhado por eles no meio ambiente, ressaltando o meio cavernícola. A revitalização da exposição, em março de 2008, consistiu em duas fases. A primeira modificou o espaço físico com a instalação de forro de PVC, ar-condicionado e prateleiras. A segunda reestruturou o conteúdo pedagógico abordado nas palestras, com a aquisição de multimídia (projetor *Data Show* com alto-falantes), e com a elaboração de 7 pôsteres (90 X 115 cm) com textos e fotos, divididos nos seguintes temas: **1**. Classificação, diversidade, morfologia e ecolocalização dos morcegos; **2**. A vida dos morcegos (reprodução e predadores); **3**. Hábitos alimentares dos morcegos (Insetívoros, Carnívoros e Piscívoros); **4**. Frugívoros e Polinívoros/Nectarívoros; **5**. Morcegos e as interações com as plantas; **6**. Hematófagos (espécies, adaptações e a raiva); **7**. Os morcegos e as cavernas - que discute a importância dos morcegos no ambiente cavernícola. Com os recursos multimídia os monitores do Programa de Educação Ambiental do MHNJB realizam apresentações com duração aproximada de 30 minutos. Essas palestras são importantes pois procuram, de uma maneira informal e atraente, conscientizar a população sobre a relevância da preservação desses animais no ecossistema do qual o homem também faz parte. Percebe-se que muitos ouvintes ficam surpreendidos com a diversidade e a importância dos quirópteros e observa-se que preconceitos são desmistificados. O maior interesse do público é sobre os hábitos alimentares dos quirópteros, principalmente dos hematófagos, há também a curiosidade sobre o morcego que se alimenta de castanha e as doenças que podem transmitir. A exposição apresenta, nos fins de semana, o excerto do documentário "Evolução: a aventura da vida" (2005), produzido pela BBC e *Discovery Channel*, que aborda a evolução do vôo e da ecolocalização dos quirópteros. Como atrativo foram instaladas casas de morcegos (*bat houses*) em pontos estratégicos nas trilhas do museu, para que os monitores possam abordar a relação dos morcegos e a mata do Jardim Botânico. No âmbito institucional, o MHNJB, com a exposição "Morcegos: verdades e mitos", mais uma vez cumpre o seu papel, pois divulga para a comunidade o conhecimento científico.

Palavras-chave: educação ambiental, quirópteros, preservação

Financiadores: Penaforte Geologia Ltda.

FRUGIVORIA EM MORCEGOS (CHIROPTERA, PHYLLOSTOMIDAE) DO RECANTO MARISTA, NO MUNICÍPIO DE DOUTOR CAMARGO, PARANÁ

João Eduardo Cavalcanti Brito (Universidade Estadual de Maringá / britojec@gmail.com)
Janaina Gazarini (Universidade Estadual de Londrina)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

Os morcegos frugívoros representam uma parcela considerável das comunidades de morcegos em ambientes neotropicais, além de serem componentes fundamentais na manutenção e regeneração de florestas tropicais, pois ao se alimentarem, promovem a mobilidade das sementes dos frutos que consumem. Objetivando examinar a dieta das espécies de morcegos frugívoros em um fragmento de mata ripária, foram realizadas coletas de fezes dos morcegos capturados no período de maio de 2007 a janeiro de 2008. As coletas ocorreram no Recanto Marista, que possui 57,6 hectares, dos quais 40,8 cobertos por floresta estacional semidecidual (mata ciliar do rio Ivaí), situado no município de Doutor Camargo (23º33'S e 52º13'O), que se insere na Mesorregião Norte Central do Paraná de Clima subtropical úmido (Cfb). Foi obtido um total de 77 amostras fecais, onde apenas 59 destas apresentavam sementes, sendo as demais amostras compostas por polpa não identificada. É importante salientar que apenas frutos com sementes pequenas, capazes de atravessar o trato digestório dos morcegos, foram considerados através do uso dessa metodologia. As sementes encontradas foram identificadas através da comparação com material vegetal coletado em outras coleções de sementes, também foram coletadas exsicatas de plantas que, provavelmente, serviram de alimento para morcegos. As exsicatas foram identificadas e suas sementes comparadas com as coletadas nas fezes. Sementes pertencentes a: indivíduos da família Moraceae (*Ficus guaranitica*, *Ficus insipida*, *Ficus* sp. e *Maclura tinctoria*) representaram 66,7% das amostras de fezes de *Artibeus fimbriatus*, 50% de *Artibeus planirostris*, 47,1% de *Artibeus lituratus* e 17,7% de *Sturnira lilium*; indivíduos da família Solanaceae (*Solanum aspero-lanatum* e *Solanum* sp.) representaram 70,6% das amostras fecais de *Sturnira lilium* e plantas da família Piperaceae (*Piper amalago*, *Piper aduncum* e *Piper* sp.) representaram 100% da dieta de *Carollia perspicillata*. Além dessas famílias, Cecropiaceae (*Cecropia pachystachia* e *Cecropia* sp.) fez parte da alimentação de *A. lituratus* (47,1% das amostras), de *A. planirostris* (50%) e de *A. fimbriatus* (33,3%). O predomínio observado de certas famílias de plantas nas dietas destas espécies é comumente observado em trabalhos que enfocam a frugivoria em morcegos. As diferenças apresentadas na dieta, com a concentração das espécies de morcegos em diferentes espécies de frutos, pode ser um importante mecanismo de partilha de recursos na natureza, permitindo a co-existência das espécies, principalmente em épocas de escassez de recursos.

Palavras-chave: sementes, frugívoro, floresta estacional semidecidual

DISTRIBUIÇÃO DAS CAPTURAS DE PHYLLOSTOMIDAE (MAMMALIA, CHIROPTERA) EM FRAGMENTOS URBANOS DE FLORESTA ATLÂNTICA NO SUL DO BRASIL

Janaina Gazarini (Universidade Estadual de Londrina)
Wagner André Pedro (Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho)
João Eduardo Brito (Universidade Estadual de Maringá / britojec@gmail.com)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

A distribuição das capturas horária, mensal e sazonal de seis espécies de morcegos pertencentes à família Phyllostomidae foi estudada em dois pequenos remanescentes urbanos de Floresta Estacional Semidecidual no município de Maringá, Paraná, Brasil: o Parque Municipal do Ingá (48 ha) e o Parque Florestal dos Pioneiros (59 ha), estando estes sob os domínios do Clima subtropical úmido. De agosto de 2006 à julho de 2007, cada área foi amostrada durante uma noite completa e morcegos foram coletados com seis redes-de-neblina do tipo "mist nets" armadas de 0,5 a 1 m acima do solo. O horário de captura e espécie de cada morcego capturado foram anotados. Um total de 759 filostomídeos foram capturados, sendo estes: *Phyllostomus hastatus* (3), *Carollia perspicillata* (4), *Artibeus lituratus* (532), *Platyrrhinus lineatus* (11), *Pygoderma bilabiatum* (8) e *Sturnira lilium* (201). A curva de distribuição horária das capturas de *S. lilium* apresentou-se diferente estatisticamente quando comparada com as demais distribuições horárias das capturas dos demais frugívoros de médio porte comparadas. Porém, quando as curvas de distribuição horária das capturas das demais espécies de médio porte menos abundantes foram comparadas entre si, não foram observadas diferenças significativas. Foi observada diferença estatística entre curvas de atividade de *A. lituratus* e *P. hastatus*. As duas espécies mais abundantes no decorrer deste estudo apresentaram um padrão de capturas horárias bimodal. Apenas *C. perspicillata* e *P. lineatus* não apresentaram diferenças significativas em suas distribuições mensais de capturas. Assim como em outros trabalhos feitos no Brasil, o maior número de capturas ocorreu nas três primeiras horas da noite. A hipótese da redução da competição considerando a atividade horária das espécies frugívoras é rejeitada. A distribuição e abundância de frugívoros parece estar diretamente relacionada à disponibilidade temporal e espacial dos frutos por eles consumidos sendo observado um maior número de capturas durante a estação chuvosa. A identificação de possíveis padrões de atividade no uso dos habitats é um passo importante para a compreensão da partição de recursos entre morcegos e, conseqüentemente, dos mecanismos que permitem a co-existência das espécies em pequenos remanescentes florestais, além de permitir a otimização de trabalhos em campo que visem a coleta de espécies determinadas préviamente.

Palavras-chave: morcego, sazonalidade, atividade horária, capturas mensais, competição

Financiadores: CAPES

PADRÃO DE ATIVIDADE DE MORCEGOS DA ILHA DA MARAMBAIA, MANGARATIBA, RJ

CBMz

Elizabete Captivo Lourenço (Laboratório de Diversidade de Morcegos, UFRRJ / beteclouren1205@yahoo.com.com)
Débora de Souza França (Laboratório de Diversidade de Morcegos, UFRRJ)
Luiz Antônio Costa Gomes (Laboratório de Diversidade de Morcegos, UFRRJ)
Carlos Eduardo Lustosa Esbérard (Laboratório de Diversidade de Morcegos, UFRRJ)
Roberta Mariano Silva (Laboratório de Diversidade de Morcegos, UFRRJ)
Luciana de Moraes Costa (Laboratório de Diversidade de Morcegos, UFRRJ)
Júlia Lins Luz (Laboratório de Diversidade de Morcegos, UFRRJ)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

Conhecimentos do padrão de atividade temporal de espécies similares que coexistem num certo ambiente podem elucidar o mecanismo de repartição de recursos de várias espécies. Este padrão pode variar conforme a proximidade dos locais de refúgio, a disponibilidade e o empenho na coleta de frutos, fase lunar, chuva, estrutura social, grupo, entre outros aspectos. Foi testada a hipótese de que as diferenças no padrão de atividade podem ser notadas entre espécies que voam em dossel quando comparadas com forrageadores de sub-bosque. A atividade foi estudada a partir das capturas realizadas na Ilha da Marambaia, Mangaratiba, RJ, entre outubro de 2006 e julho de 2007. As coletas foram realizadas com redes de neblina, abertas geralmente por toda a noite (12 h), em todas as fases lunares e em diversas condições climáticas, inclusive com chuvas, totalizando 27.720 h-rede. Os horários de capturas foram transformados em minutos em relação ao horário local de pôr-do-sol, que foi obtido com o auxílio do Programa Software Moontool for Windows 2.0. Para comparar as diferenças entre as espécies da área foi usado o Teste Kolmogov-Smirnov utilizando o programa Systat 8.0. Comparações foram feitos entre espécies similares de morcegos, os insetívoros *Molossus molossus* (102), *Myotis nigricans* (29), *M. riparius* (19), os frugívoros, *Artibeus jamaicensis* (88), *Carollia perspicillata* (78), *A. obscurus* (72), *A. lituratus* (53), *Platyrrhinus recifinus* (22), *Sturnira lilium* (19), *P. lineatus* (17) *A. fimbriatus* (14), totalizando 513 capturas. Os frugívoros de dossel considerados foram *P. recifinus* e *P. lineatus*, comparados com as espécies de frugívoros de sub-bosque (*C. perspicillata* e *S. lilium*). Não foram encontradas diferenças significativas entre as espécies de frugívoros ou entre as espécies de insetívoros, assim, como entre a guilda de frugívoros de dossel e de sub-bosque (D = 0,227, p = 0,908), e entre os gêneros *Myotis* e *Molossus* (D = 0,333, p = 0,423). Este trabalho está de acordo com outros trabalhos, em localidades diferentes, que não encontraram diferenças entre os frugívoros, se contrapondo com outros que encontraram diferenças, o que pode ser devido ao reduzido número de indivíduos capturados analisados em trabalhos anteriores. O horário de atividade de insetívoros, ainda, é pouco estudado no Brasil, provavelmente devido ao baixo número de capturas destes.

Palavras-chave: atividade temporal, Chiroptera, guildas, horário de capturas

Financiadores: CNPq, FAPERJ

CBMz

TAXA DE RECAPTURA DE MORCEGOS PHYLLOSTOMIDAE EM TRÊS LOCALIDADES DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Elizabete Captivo Lourenço (Laboratório de Diversidade de Morcegos, UFRRJ / beteclouren1205@yahoo.com.com)
Carlos Eduardo L. Esbérard (Lab. de Diversidade de Morcegos, UFRRJ)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

No Brasil, poucos trabalhos utilizaram a técnica de marcação-recaptura de morcegos e ainda menos relataram taxas de recapturas. O objetivo deste trabalho foi analisar as taxas de recapturas em três localidades. Os locais foram escolhidos, por apresentarem elevado esforço de coleta já realizado, serem próximos (menos de 20 km de distância entre si) e com vegetação similar. A Ilha da Gipóia, localizada na Enseada de Angra dos Reis, apresenta cerca de 12 Km^2 e dista do continente 800m em seu ponto mais próximo. A Ilha de Itacuruçá, Mangaratiba, possui uma área aproximada de 10 Km^2 e dista do continente 500 m. A Ilha da Marambaia, na Baía de Sepetiba, possui 42 km^2, e liga-se ao continente por uma faixa de areia de 40 km de extensão, a Restinga da Marambaia. As coletas foram realizadas com redes de neblina em trilhas já existentes, em bordas de matas e próximas a possíveis fontes de alimento e longe de refúgios conhecidos, a intervalos não regulares e em todas as fases do ciclo lunar. Os animais capturados foram pesados, mensurados, identificados e marcados com coleiras provindas de cilindros coloridos com uma numeração específica e soltos no mesmo local cerca de duas horas depois. Somente foram analisados as recapturas de morcegos da família Phyllostomidae, sendo desconsideradas as recapturas na mesma data. Para calcular o efeito da freqüência da espécie na taxa de recaptura foi realizada regressão linear múltipla entre o total de capturas, o número de noites em que a espécie foi capturada com o total de recapturas. O total de 2501 morcegos foram marcados e soltos no próprio local. As recapturas compreenderam 10,23% de 14 espécies e 9 gêneros. As três espécies mais recapturadas foram *Artibeus planirostris*, *A. obscurus* e *Carollia perspicillata*, com respectivamente 23,20%; 20,60% e 19,50%. O modelo proposto (noites com captura da espécie + animais marcados x animais recapturados) mostra-se significativo (r =0,655, p=0,003, F= 10,428). Conclui-se que as duas variáveis explicam a taxa de recaptura de uma dada espécie, a permanência da espécie no local e a abundância. No entanto, *A. lituratus* não apresenta uma freqüência de recaptura tão elevada quanto esperado pelo modelo proposto e isto pode ser explicado por uma série de fatores, tais como, grande área de vida e longos deslocamentos. Maiores taxas de recaptura devem ser esperadas em espécies com alta fidelidade aos abrigos e reduzida área de vida.

Palavras-chave: métodos, marcação-recaptura, ilhas

Financiadores: CNPq

APRENDENDO EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM MORCEGOS (MAMMALIA: *CHIROPTERA*)

Olívia Silva Eler (UNEC / olivia.bat@gmail.com)
Hezrai de Souza Cruz (FAST)
Sebastião M. Genelhú (UNEC)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

Durante uma aula sobre alimentação e desenvolvimento dos seres vivos, alguns alunos da sexta série do ensino fundamental da Escola Estadual Professora Maria Teixeira da Fonseca, nos questionaram sobre alguns hábitos alimentares dos morcegos, e grande parte dos estudantes daquela turma disseram ter medo, e pavor desses animais. Para esses alunos, a convivência com os quirópteros tem sido constante, pois existem muitos pomares nos quintais das casas, e como voam próximos às residências para se alimentarem, às vezes, é comum entrarem nas casas durante a noite. Sendo assim, procuramos métodos adequados e didáticos compatíveis com a faixa etária, e introduzimos a ecologia dos morcegos, a importância deles na manutenção do equilíbrio na natureza, especificando o papel e as atividades que eles realizam que contribuem para o equilíbrio do ecossistema. Trabalhamos ainda a cadeia alimentar, sem deixar de mencionar que são potenciais transmissores do vírus rábico. Com os objetivos de: observar a aceitação do animal pelos alunos, trabalhar educação ambiental de uma forma ousada e criativa, propor um programa de educação ambiental contínuo. Entre os dias 1 e 11 de abril, foram introduzidos às aulas da disciplina de ciências nas turmas de 6ª série do ensino fundamental da Escola Estadual Professora Maria Teixeira da Fonseca, assuntos sobre a ecologia de morcegos (*Mammalia/Chiroptera*). Os materiais usados nas aulas foram: Textos de livros didáticos e revistas, artigos, aulas práticas, construção de murais. O resultado foi satisfatório. A princípio tivemos rejeição por parte de algumas alunas, mas quando o começamos a trabalhar os textos, desenhos e histórias participaram das atividades com dedicação. Trabalhamos principalmente com o hábito alimentar dos quirópteros. Demos ênfase aos morcegos insetívoros, por se alimentarem de insetos potencialmente transmissores de doenças aos seres humanos, exemplo: dengue, malária. Os frugívoros por terem um papel importante na disseminação de sementes. 100% dos alunos participaram ativamente das atividades, confeccionando cartazes para decorar a sala de aula e alguns outros que foram distribuídos pela escola. Porém tivemos que adaptar os métodos para cada classe. Nas classes 601 e 604, tivemos que intercalar as atividades do projeto com atividades do livro didático, por serem inquietos, desatentos, e por terem idade superior (fora da faixa, anteriormente reprovados). Com os alunos das turmas 602 e 603, não tivemos dificuldade de trabalhar a matéria sobre nutrição e desenvolvimento (matéria do livro didático) somente com textos e atividades, e não houve necessidade de intercalar com matéria necessariamente do livro didático.

Palavras-chave: Ambiente, reflorestamento, morcegos, alimentação, educação

Financiadores: UNEC

RIQUEZA, ABUNDÂNCIA E DIVERSIDADE DE MORCEGOS (MAMMALIA, CHIROPTERA) DA MATA DE GALERIA DO CÓRREGO BACABA, NOVA XAVANTINA - MT

Valdinei Cristi Koppe (Ecoflora Engenharia Ambiental / desmodus_k@yahoo.com.br)
Cesar Enrique de Melo (Lab. de Ictiologia e Limnologia/UNEMAT Nova Xavantina)
Roseli de Cássia de Almeida (Uniararas - Fundação Hermínio Ometto)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

A ordem Chiroptera é a segunda maior entre os mamíferos, perdendo apenas para Rodentia em número de espécies, sendo um dos grupos mais importantes na região neotropical, considerando-se a abundância de indivíduos e sua importância ecológica. O presente estudo foi realizado em um trecho da mata de galeria do Córrego Bacaba, localizado no Parque Municipal do Bacaba que está situado no município de Nova Xavantina, no vale do Araguaia, porção Leste do Estado de Mato Grosso. Os dados foram coletados entre Agosto de 2004 e Julho de 2005. Os morcegos foram amostrados com o auxilio de duas redes-de-neblina de 7 x 2,5m, em um total de 12 sessões de captura com inicio as 18h30min e término as 23h30min. A diversidade foi calculada utilizando-se o índice de Shannon-Weaner. Foram capturados 235 indivíduos pertencentes a 19 espécies de quatro famílias: Phyllostomidae, Vespertilionidae, Emballonuridae e Mormoopidae. A maioria das espécies pertence à família Phyllostomidae (63,1%). A espécie mais abundante foi *Carollia perspicillata* com um total de 105 indivíduos, perfazendo 44,6% das capturas. A diversidade encontrada foi H'=2,78 (U=0,65). Na estação seca a diversidade foi H'=2,83 (U=0,74) e na chuvosa H'=2,41 (U=0,61). A dominância de *C. perspicillata*, refletiu diretamente na diversidade, causando um declínio, tendo em vista que a uniformidade é um importante componente da diversidade. A grande abundância de *C. perspicillata* sugere que esta espécie possui forte preferência pela mata de galeria, o que pode estar ligado à presença de arbustos de Piper spp. por toda a extensão da mata. Embora sua dieta possa ser bastante variada, esta espécie mostra forte preferência por *Piper*. A mata de galeria apresentou uma riqueza de espécies considerável, o que pode estar associado a maior oferta de recursos e ao estresse hídrico dos ambientes adjacentes, atraindo espécies destes ambientes nos períodos mais críticos da estiagem. As Matas são habitats estruturalmente mais complexos que as demais fitofisionomias do Cerrado, com dossel denso, diversos estratos e árvores com maior diâmetro e muitas vezes ocas, o que representa maior potencial de produção de alimento e abrigos para os morcegos. Quirópteras são de grande importância na dinâmica das matas, não só como dispersores (*Carollia* e *Artibeus* principalmente), mas também como polinizadores (*Glossophaga soricina*). Esses dados corroboram com a importância de ambientes úmidos para áreas de Cerrado, devido à riqueza substancial de espécie que eles abrigam. Matas de galeria merecem especial atenção para a conservação de morcegos no Cerrado.

Palavras-chave: Cerrado, Phyllostomidae, Vespertilionidae, Emballonuridae, Mormoopidae

Financiadores: UNEMAT - Nova Xavantina

MORCEGOS (CHIROPTERA, PHYLLOSTOMIDAE) EM APP SOB INFLUÊNCIA ANTRÓPICA NO XINGU, MATO GROSSO

Valdinei Cristi Koppe (Ecoflora Engenharia Ambiental / desmodus_k@yahoo.com.br)
Roseli de Cássia de Almeida (Uniararas - Fundação Hermínio Ometto)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

A região do Xingú encontra-se na porção oriental da Amazônia onde está localizada a maior fronteira de ocupação deste bioma, estabelecida principalmente pelo uso do fogo no desmatamento, estas alterações ambientais podem alterar significativamente as comunidades animais. Esta região é considerada sob alta pressão antrópica devido ao rápido avanço da fronteira agrícola, sendo que o conhecimento da chiropterofauna local é praticamente inexistente. O presente estudo foi realizado na Fazenda Tanguro, município de Querência, Mato Grosso. Os dados foram coletados em Junho de 2007. Os morcegos foram amostrados com o auxilio de três redes-de-neblina de 7 x 2,5m, em um total de nove sessões de captura com inicio as 18:30h e término as 23:30h. Foram estudadas as APP sob forte pressão antrópica de dois córregos, cuja matriz é agricultura (soja). As redes foram armadas na nascente, trecho intermediário e final. Foram capturados 235 indivíduos de 15 espécies pertencentes à família Phyllostomidae. A espécie mais abundante foi *Carollia perspicillata* (54,8%) seguida por *Uroderma bilobatum* (13,6%) e *Sturnira lilium* (12,7%). Foi capturado um indivíduo de *Lonchophylla dekeyseri* espécie considerada endêmica do Cerrado. A grande abundâcia de *C. perspicillata*, pode estar relacionada às modificações que o efeito de borda causa nestes ambientes, fazendo com que ocorra maior oferta de recursos por parte de determinadas plantas, como as pioneiras das famílias Piperaceae, Solanaceae e Cecropiaceae que ocorrem nas bordas, beneficiando espécies que utilizam várias espécies de frutos em sua dieta como é o caso de *C. perspicillata*, *U. bilobatum* e *S. lilium*. A alteração no micro clima das APPs devido à retirada da vegetação fez com que ocorresse um aumento de luminosidade tanto na borda quanto no interior devido a mortalidade de arvores e conseqüente abertura de dossel. Estas alterações beneficiaram as espécies de plantas pioneiras, e possivelmente a grande disponibilidade de frutos esta atraindo morcegos frugívoros para este ambiente. Outro recurso que pode estar beneficiando estes animais são abrigos em ocos de árvores, uma vez que as mudanças geradas pelo efeito de borda, causaram a morte de muitas árvores. As alterações geradas pela agricultura podem estar influênciando de forma negativa a dinâmica da comunidade de morcegos presentes nas APPs sendo que *C. perspicillata*, *U. bilobatum* e *S. lilium*, podem ser consideradas espécies indicadoras de alteração ambiental. Estudos de longa duração devem ser realizados nesta região visando uma melhor compreensão dos impactos que a expansão agrícola tem causado a comunidade de morcegos.

Palavras-chave: Amazônia Oriental, Fronteira agrícola, Efeito de borda

Financiadores: CNPq, UFPA, IPAM, UNEMAT

MORCEGOS (MAMMALIA, CHIROPTERA) DE UM CERRADO SENTIDO RESTRITO EM NOVA XAVANTINA, MT

Valdinei Cristi Koppe (Ecoflora Engenharia Ambiental / desmodus_k@yahoo.com.br)
Cesar Enrique de Melo (Laboratório de Ictiologia e Limnologia / UNEMAT Nova Xavantina)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

O bioma Cerrado apresenta um mosaico vegetacional, que possui formações campestres, savânicas e florestais. O cerrado sentido restrito é uma formação savânica caracterizada pela presença de árvores baixas, inclinadas e com ramificações retorcidas. O presente estudo foi realizado em um trecho de cerrado sentido restrito localizado no Parque Municipal do Bacaba em Nova Xavantina, município do vale do Araguaia, porção Leste do Estado de Mato Grosso. Os dados foram coletados entre Agosto de 2004 e Julho de 2005. Os morcegos foram amostrados com o auxilio de duas redes-de-neblina de 7 x 2,5m, em um total de 12 sessões de captura com inicio as 18h30min e término as 23h30min. A diversidade foi calculada utilizando-se o índice de Shannon-Weaner. Foram capturados 115 indivíduos, totalizando 15 espécies, pertencentes a quatro famílias: Phyllostomidae, Vespertilionidae, Molossidae e Mormoopidae. Sendo Phyllostomidae a mais abundante (66,6%). Na estação seca foram capturadas nove espécies e na chuvosa 12. A espécie mais abundante foi *Artibeus lituratus* (25,2%). A diversidade foi de H?=3.11 e a uniformidade U=0,79. Na estação seca foi de H?=2.88 e U=0,90, na chuvosa foi de H?=2,92 e U=0, 81. A. *lituratus* é um morcego frugívoro, considerado especialista em frutos de Cecropiaceae e Moraceae, preferencialmente *Ficus* spp. e costuma voar longas distancias em busca de alimento. Porém nos locais onde a densidade destas plantas é baixa *A. lituratus* pode apresentar uma dieta mais generalista. Isto é o indicativo de uma grande plasticidade alimentar, que permite a adaptação a diferentes situações de oferta de alimento. Em condições de abundância de alimento a escolha recai sobre o tipo preferido, já no caso de escassez de recursos, acaba por utilizar uma estratégia alimentar mais generalista, consumindo uma variedade de espécies disponíveis. Esta capacidade de explorar outras fontes de alimento pode ter permitindo que *A. lituratus* fosse abundante no cerrado sentido restrito, uma vez que a abundância de Cecropiaceae e Moraceae observada neste ambiente é baixa. A diversidade encontrada pode ser considerada alta e manteve-se estável tanto na estação seca quanto na chuvosa, a alta diversidade observada, está diretamente relacionada a uniformidade encontrada na comunidade de morcegos estudada. A riqueza de espécies encontrada está dentro do esperado para estudos realizados no bioma Cerrado. Tendo em vista a crescente transformação e descaracterização que a agricultura e a pecuária vem causando no Cerrado, a conservação do Parque do Bacaba é de grande importância para a preservação da quirópterofauna local.

Palavras-chave: Cerrado, Riqueza, Abundância, Diversidade, Phyllostomidae

Financiadores: UNEMAT - Campus Nova Xavantina

ABUNDÂNCIA RELATIVA E DIETA DE *PHYLLOSTOMUS ELONGATUS* NA MATA DE COIMBRA, IBATEGUARA, AL

Gleice Paulino (Depto. Botânica – CCB / UFPE / gleicepsilva@yahoo.com.br)
Adriana Ayub (Depto. Botânica – CCB / UFPE)
Cecília P. Alves-Costa (Depto. Botânica – CCB / UFPE)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

A ordem Chiroptera tem grande importância ecológica, não só pela sua alta diversidade, mas também pela sua abundância. Esta ordem está distribuída em 18 famílias e 202 gêneros representando cerca de 22% de todas as espécies de mamíferos conhecidas. Na região neotropical, a família Phyllostomidae é a mais diversa em espécies e hábitos alimentares, sendo que sua dieta pode incluir material vegetal, insetos e vertebrados. *Phyllotosmus elongatus* é um morcego onívoro e ocorre em todos os biomas brasileiros, inclusive na Caatinga, mas encontra-se principalmente em áreas de floresta primária e secundária. Apesar de ser um morcego de ampla distribuição no Brasil, informações sobre seu modo de vida e dieta são escassas na literatura. O objetivo deste trabalho foi determinar a abundância relativa e a dieta de *P. elongatus* em um dos maiores remanescentes de Mata Atlântica ao norte do Rio São Francisco. A área de estudo, denominada Mata de Coimbra, localiza-se na Usina Serra Grande, Município de Ibateguara, Alagoas. Os morcegos foram capturados através de redes de neblina nos meses de abril, junho, julho, agosto, outubro e dezembro de 2007 e janeiro e março de 2008, totalizando um esforço amostral de 174 horas-rede. Depois de capturados, os morcegos foram identificados e acondicionados em sacos de tecido onde permaneciam até a defecação, sendo soltos em seguida. No laboratório, as amostras de fezes foram observadas sob lupa para a identificação do material fecal. Os componentes da dieta foram determinados pela presença ou ausência nas amostras de fezes. No total, foram coletados 25 indivíduos de *P. elongatus*, 6 fêmeas e 19 machos que contribuíram com 20 amostras de fezes. No mesmo período foram capturados 894 indivíduos de outras espécies, evidenciando a baixa abundância relativa desta espécie, a qual representou apenas 2,7% de todos os indivíduos capturados. Todas as amostras continham insetos, mas 20% delas também continham sementes e 10% também continham pedaços de folhas. Três espécies diferentes de sementes foram encontradas nas fezes de *P. elongatus*. *Piper sp*. estava presente em duas das quatro amostras com sementes. *Phyllostomus elongatus* foi principalmente insetívoro, confirmando os dados obtidos em outros estudos (Aguirre, L. F. et al. 2003. Functional Ecology 17: 201-212). Sendo assim, *Phyllostomus elongatus* pode contribuir tanto para a manutenção das populações de insetos quanto para a dispersão de sementes.

Palavras-chave: dieta, *Phyllotosmus elongatus*, dispersão de sementes, onívoros.

Financiadores: CNPq

MORCEGOS DE AMBIENTES ESTUARINOS

Luciana de Moraes Costa (Laboratório de Diversidade de Moregos / UFRRJ / lucianamcosta@yahoo.com.br)
Júlia Lins Luz (Laboratório de Diversidade de Moregos / UFRRJ)
Elizabete Captivo Lourenço (Lab. de Diversidade de Moregos / UFRRJ)
Débora de Souza França (Laboratório de Diversidade de Moregos / UFRRJ)
Roberta Mariano Silva (Laboratório de Diversidade de Moregos / UFRRJ)
Luiz Antonio Costa Gomes (Laboratório de Diversidade de Moregos / UFRRJ)
Carlos Eduardo L. Esbérard (Lab. de Diversidade de Moregos / UFRRJ)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

Poucos dados estão disponíveis sobre a diversidade de morcegos em ambientes aquáticos e no Brasil ainda não foi dada atenção a manguezais, lagoas ou ambientes ripários. Espera-se incremento da abundância de espécies de hábitos piscívoros e insetívoros nestes ambientes, onde encontram grande disponibilidade de possíveis presas (peixes e insetos) e facilidade para o forrageio, com menos ruídos ambientais que em rios encachoeirados. O objetivo deste trabalho foi analisar a riqueza de espécies de morcegos em dois rios em sua porção estuarina, situados no litoral sul do Estado do Rio de Janeiro. O primeiro rio situa-se na Praia Preta, Vila de Abraão, Ilha Grande, Município de Angra dos Reis (23°08' 13"S 44°10' 13"W) e era desprovida de espécies vegetais de manguezal. O segundo rio situa-se na Praia do Catuca, Ilha da Marambaia, Município de Mangaratiba (23° 03' 54"S 43° 59' 29"W) e todas as margens apresentavam espécies típicas de manguezal. As redes de neblina foram armadas sobre o espelho d'água e tiveram a altura corrigida sempre que o nível da maré aumentava. A posição das redes foi escolhida de modo a impedir o deslocamento de todos os exemplares que voassem a até 2,5 m de altura acima da água. Os animais foram identificados, mensurados e marcados com coleiras plásticas providas de cilindros coloridos segundo método previamente escolhido e soltos no próprio local. Três famílias e nove espécies, sendo oito espécies insetívoras e uma piscívora, foram capturadas nos dois rios. A família Vespertilionidae foi representada pelas espécies *Myotis nigricans*, *Myotis riparius*, *Lasiurus ega*, *Lasiurus bloseivilli*. A família Molossidae foi composta pelas espécies *Molossus molossus*, *Molossus rufus*, *Nyctynomops macrotis*, *Nyctinomops laticaudata*. A família Noctilionidae foi representada por *Noctilio leporinus*. Na Praia Preta foram observadas seis espécies e na Praia do Catuca, nove espécies. A elevada eficiência de captura observada nos dois locais demonstra que estes ambientes são de grande importância para as espécies de insetívoros e piscívoros. A captura de um razoável número de exemplares de *N. laticaudata* e *N. macrotis* fora dos seus refúgios demonstra que o uso de redes de neblina nestes ambientes pode dar uma idéia mais real da abundância destes morcegos, que são raramente capturados em outros ambientes. Extensas áreas de manguezais e de estuários são encontradas no litoral do Brasil e mais da metade das espécies brasileiras de morcegos apresentam hábitos insetívoros, fatos que sugerem a necessidade de um maior esforço de coleta nestes ambientes.

Palavras-chave: Insetívoro, Manguezal, Método, Rio, Riqueza

Financiadores: FAPERJ, CNPq e CADIM

DISTRIBUIÇÃO DE MORCEGOS NECTARÍVOROS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Júlia Lins Luz (Laboratório de Diversidade de Morcegos / UFRRJ / julialinsluz@yahoo.com.br)
Carlos Eduardo L. Esbérard (Lab. de Diversidade de Morcegos / UFRRJ)
Helena de Godoy Bergallo (Lab. de Ecologia de Pequenos Mamíferos / UERJ)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

Diferentes padrões globais de riqueza de espécies são reconhecidos, entre eles, podemos citar a variação latitudinal e altitudinal. Estas variações são determinadas por fatores climáticos, como por exemplo, a temperatura e a precipitação. Esses fatores interferem na estrutura e no aspecto fisionômico da vegetação, que por sua vez é condicionante à distribuição e ocupação de ambientes pela fauna. Os morcegos nectarívoros das subfamílias Glossophaginae e Lonchophyllinae estão distribuídos desde o sudoeste dos EUA até o sul e sudeste do Brasil e nordeste da Argentina. No Estado do Rio de Janeiro cinco espécies dessas subfamílias ocorrem em diferentes localidades, muitas vezes em simpatria: *Anoura caudifer*, *Anoura geoffroyi*, *Glossophaga soricina*, *Lonchophylla bokermanni* e *Lonchophylla mordax*. Esse trabalho teve como objetivo determinar os fatores climáticos que influenciam a distribuição e a riqueza dessas espécies no Estado do Rio de Janeiro. As espécies de morcegos foram coletadas nos últimos 15 anos em 66 localidades do Estado do Rio de Janeiro fazendo parte dos bancos de dados do Dr. Carlos E. L. Esbérard e do Laboratório de Ecologia de Pequenos Mamíferos (Departamento de Ecologia / UERJ). As variáveis climáticas (pluviosidade, dias de chuva e temperatura mínima absoluta) utilizadas para as análises foram cedidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Foi realizada uma regressão múltipla entre a riqueza de morcegos nectarívoros e as variáveis climáticas. A riqueza foi também relacionada com a pluviosidade, fazendo uma Análise de Covariância, separando as localidades em duas categorias de acordo com a distância do mar (costa e interior). O fator com maior influência na distribuição da riqueza de morcegos nectarívoros no Estado do Rio de Janeiro foi a pluviosidade anual. A riqueza de nectarívoros aumentou com a altitude nas localidades próximas a costa ou na Serra do Mar. Este padrão foi também observado para a pluviosidade, num fenômeno conhecido como chuvas orográficas. As massas de ar vindas do oceano carregadas de umidade batem no relevo do litoral e precipitam, tornando-se mais seca após passar por esta primeira barreira. O ponto de coleta de maior altitude, nas localidades próximas à costa, não ultrapassou os 545 m. São necessárias coletas em localidades com maiores altitudes para verificarmos se a riqueza decresce após os 600 m, como previsto no efeito do domínio do meio (“Mid-domain effect") ou se ela se mantém constante.

Palavras-chave: Altitude, Biogeografia, Pluviosidade, Riqueza

Financiadores: FMA, CAPES, UERJ

ATIVIDADE DE FORRAGEIO DE TRÊS ESPÉCIES PHYLLOSTOMIDAE NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Luiz Antonio Costa Gomes (Laboratório de Diversidade de Morcego / UFRRJ / luizantoniocg@gmail.com)
Débora de Souza França (Laboratório de Diversidade de Morcego / UFRRJ)
Luciana de Moraes Costa (Laboratório de Diversidade de Morcego / UFRRJ)
Elizabete Captivo Lourenço (Lab. de Diversidade de Morcego / UFRRJ)
Carlos Eduardo L. Esberárd (Lab. de Diversidade de Morcego / UFRRJ)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

Dentre as espécies de morcegos registradas e estudadas, em menos de 10% é conhecido o horário padrão e a variação de atividade que cada uma possui desde a saída do refúgio até o início do forrageio. Alguns pesquisadores brasileiros acreditam que os morcegos frugívoros mostram uma redução na atividade por volta das 5-6 horas após o pôr-do-sol, devido à pressão causada pela redução do número de frutas maduras neste horário. Com isso, espera-se que a maioria das capturas restrinja-se a primeira parte da noite. O objetivo deste trabalho foi analisar se o horário padrão de atividade das espécies *Carollia perspicillata*, *Platyrrhinus lineatus* e *Sturnira lilium* amostrados em vinte e dois municípios do Estado do Rio de Janeiro difere entre espécies e localidades. A área de estudo considerada compreende os Municípios de Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, Mangaratiba, Angra dos Reis, Nova Friburgo, Resende, Três Rios, Miracema, São Sebastião do Alto, Quatis, Cantagalo, Quissamã, Guapimirim, Cachoeiras de Macacu, Varre-Sai, Casimiro de Abreu, Petrópolis, Teresópolis, Valença, Maricá, Santa Maria Madalena e Silva Jardim. As coletas foram realizadas com redes de neblina (média de 90 m/noite) abertas por toda a noite em trilhas já existentes, em bordas de matas e próximas a possíveis fontes de alimento. As coletas foram realizadas a intervalos não regulares, e em todas as fases do ciclo lunar. Os morcegos foram retirados da rede em inspeções regulares, realizadas a intervalos de 15-20 min., identificados, mensurados, marcados com coleiras providas de cilindros coloridos e soltos no próprio local, em geral de uma a três horas após a captura. O horário local do pôr-do-sol e a fase lunar foi obtida pelo sistema Moonphase 3.0. A amostragem total compreende 4587 capturas em todos os municípios amostrados, sendo 2308 de *C. perspicillata*, 1605 de *S. lilium* e 674 de *P. lineatus*. Com base nestes dados podemos afirmar que todas as espécies de morcegos frugívoros apresentam padrão similar, com a atividade iniciando logo após o horário local do pôr-do-sol e estendendo-se até o amanhecer. Um pico de capturas é observado por volta da metade da noite. Estes dados divergem de outros autores que afirmaram a existência de picos de atividade logo após o pôr-do-sol e as diferenças podem ser atribuídas a amostragem ter sido realizada em diferentes localidades e compreendendo amostras muito maiores.

Palavras-chave: morcegos frugívoros, capturas, pôr-do-sol

Financiadores: Faperj e CNPq

O EFEITO DE BORDA SOBRE MORCEGOS (MAMMALIA, CHIROPTERA) EM UM FRAGMENTO FLORESTAL - FAZENDA UNIDAS - MATO GROSSO DO SUL, BR

Cibele Maria Vianna Zanon (Lab.Ecologia de Mamíferos/UEM/cibelezanon@yahoo.com.br)
Nelio Roberto dos Reis (laboratorio ecologia de mamíferos/UEL)
Bruno Goiz Prone (Curso de Ciências Biológicas/UEM)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

Estudou-se o efeito de borda em espécies de morcegos que ocorrem na fazenda Unidas, localizada na beira da planície de inundação da bacia do rio Paraná, no estado do Mato Grosso do Sul. No decorrer de 12 meses, foram realizadas 36 coletas, em três diferentes metragens (0, 25, 50 m), a partir da borda do fragmento para o seu interior, e a cada metragem três mist net foram armadas, num total de 124 m2 em cada local, resultando em 372m^2. Registraram-se 354 indivíduos, pertencentes a três famílias (Noctilionidae, Phyllostomidae e Vespertilionidae) e a 12 espécies: *Noctilio albiventris* Desmarest, 1818, *Phyllostomus hastatus* (Pallas, 1767), *Carollia perspicillata* (Linnaeus, 1758), *Artibeus fimbriatus* Gray, 1838, *Artibeus jamaicensis* Leach, 1821, *Artibeus lituratus* (Olfers, 1818), *Artibeus obscurus* (Schinz, 1821), *Plathyrrinus lineatus* (E. Geoffroy, 1810), *Pygoderma billabiatum* (Wagner, 1843), *Sturnira lilium* (E. Geoffroy, 1810), *Desmodus rotundus* (E. Geoffroy, 1810), *Myotis nigricans* (Schinz, 1821). Oito espécies e 116 indivíduos foram coletados na borda do fragmento (0 m), 68 indivíduos e oito espécies a 25 m da borda, 62 indivíduos e nove espécies no seu interior (50 m). Constatou-se que mais indivíduos foram amostrados na borda, mas diferentes espécies contribuíram para esse aumento, indicando diferentes comportamentos com relação ao efeito de borda. A riqueza de espécies foi maior apenas a 50 m da borda do fragmento. Maior número de indivíduos e menor número de espécies foram encontrados na borda, menor número de indivíduos e maior número de espécies, no interior da floresta, indicando um padrão, para a comunidade, de presença de espécies sensíveis à borda. No entanto, diferentes espécies apresentaram diferentes padrões de resposta em termos de abundância. Há maior diversidade e riqueza de espécies no interior da floresta, onde devem existir mais recursos e abrigos, e, conseqüentemente, mais proteção.

Palavras-chave: efeito de borda, quirópteros, fragmentos florestais

COMPOSIÇÃO DA QUIROPTEROFAUNA ENCONTRADA EM DOIS DIFERENTES FRAGMENTOS NO EXTREMO NORTE DO PARANÁ, BRASIL

Patrícia Helena Gallo (Pós-graduação em Ciências Biológicas / UEL / patygallohc@yahoo.br)
Nelio Roberto dos Reis (Departamento de Biologia Animal e Vegetal / UEL)
Fabio Rodrigo Adrade (Pós-graduação em Ciências Biológicas / UEL)
Inaê Guion de Almeida (Pós-graduação em Ciências Biológicas / UEL)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

Ao longo do tempo, os habitats foram transformados em pequenos remanescentes circundados por paisagens alteradas pelo homem. Esta situação se agrava em regiões onde atividades relacionadas com a agropecuária são muito difundidas, como a região norte do Paraná. Nesta área restam apenas 2-4% do ecossistema original, representado por pequenos fragmentos, formando ilhas de matas circundadas por áreas de intensa exploração agrícola. A perda de habitat é uma das causas do desaparecimento de espécies, sendo a principal ameaça à biodiversidade, além de modificar grandemente a riqueza e a abundância das espécies remanescentes. Realizou-se no presente estudo um levantamento das espécies de morcegos em dois diferentes fragmentos florestais da Fazenda Congonhas, localizada no município de Rancho Alegre, PR, sendo uma Reserva Legal de mata nativa e uma área de reflorestamento. Para comparar os dois ambientes, considerou-se a riqueza absoluta de espécies (S), a abundância relativa e a diversidade, através do Índice de Shannon-Weanner (H') e realizado teste t para verificação de diferença significativa entre os resultados obtidos. Foram realizadas quatro coletas por mês durante o período de abril/2007 a março/2008, sendo duas noites consecutivas em cada fragmento. Para a captura dos morcegos, oito redes de neblina foram armadas em caminhos ou no interior da mata, sendo vistoriadas a cada 15 minutos, com início a partir do pôr-do-sol e término 6 horas após, com esforço de captura de $2{,}76.10^3$ h m^2. Na mata nativa foram encontradas 14 espécies, num total de 397 indivíduos e no reflorestamento 6 espécies foram registradas, somando 105 indivíduos. ,*Artibeus lituratus* foi a espécie mais capturada em ambos os fragmentos (n=328; 65.3%), seguida por *Artibeus fimbriatus* (n=44; 8.8%) e *Artibeus jamaicensis* (n=30; 6%). As demais espécies, *Platyrrhinus lineatus*, *Carollia perspicillata*, *Sturnira lilium*, *Chrotopterus auritus*, *Desmodus rotundus*, *Michronycteris megalotis*, *Phyllostomus hastatus*, ,*Phyllostomus discolor*, *Myotis levis*, *Myotis nigricans* e *Lasiurus blossevillii* totalizaram 19.9% das capturas. A mata nativa apresentou maior riqueza (S=14) e diversidade (H'= 1.4802) quando comparada ao reflorestamento (S=6; H'= 0.57015). O teste t (t=7.1075) mostrou diferença significativa entre os valores. Não só o tamanho do remanescente, mas a qualidade de recursos pode ter um efeito mais significativo na manutenção de populações viáveis. Sendo assim, a mata nativa possui as melhores condições para manter populações mais diversas de espécies. A conservação do reflorestamento é importante por colaborar na diminuição dos efeitos de borda, impedindo mudanças radicais no microclima no entorno da mata.

Palavras-chave: morcegos, mata nativa, reflorestamento, conservação

INFLUÊNCIA DA COMPLEXIDADE ESPACIAL DA VEGETAÇÃO E DA PRESENÇA DE CORPOS D'ÁGUA NA ATIVIDADE DE MORCEGOS INSETÍVOROS AÉREOS

Márcio Henrique Almeida (Departamento de Ciências Biológicas, UFES, marciozoologia@yahoo.com.br)
Albert David Ditchfield (Departamento de ciências Biológicas, UFES)
Rosana Suemi Tokumaru (Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento, UFES)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

Entre os fatores cuja influência na atividade de morcegos insetívoros já foram demonstrados, estão a complexidade espacial da vegetação e a presença de corpos d'água. A maior atividade de morcegos nos habitats aberto e de borda do que no interior da floresta, é atribuída à maior complexidade espacial da vegetação existente neste último habitat. Locais com água são considerados ambientes favoráveis à atividade de morcegos por fornecerem alta abundância de presas e água para beber. Poucas pesquisas foram realizadas sobre a preferência por habitat de morcegos insetívoros na região neotropical, permanecendo questões quanto a influencia de tais fatores sobre a atividade destas espécies nesta região. Este trabalho teve como objetivo investigar se a atividade de morcegos insetívoros aéreos é influenciada pela complexidade espacial da vegetação e pela presença de corpos d'água em uma área de floresta da região neotropical. Para tanto, foram estabelecidos dois tipos de comparação: (1) entre a atividade de morcegos dos habitats aberto (sem vegetação arbórea), de borda (borda de floresta) e fechado (interior de floresta), e (2) e entre a atividade de morcegos dos habitats aberto e aberto com água (a margem de um reservatório de água). O trabalho foi conduzido em 8 noites entre Agosto de 2006 e Agosto de 2007 na Reserva Biológica de Duas Bocas, Cariacica, Espírito Santo. Para medir o nível de atividade, foi registrado o número de sons de passagens de morcegos em todos os habitats e o número de sons de alimentação dos mesmos nos habitats aberto e aberto com água utilizando um detector de ultra-som. O habitat de borda apresentou maior atividade de morcegos que os habitats aberto e fechado, e o habitat aberto apresentou maior número de passagens que o habitat fechado. Neste último, as passagens só foram registradas no início da noite, o que pode representar o momento em que os morcegos saem dos abrigos. Dessa forma, os resultados deste trabalho sugerem que os habitats aberto e de borda são usados pelos morcegos como área de forrageamento enquanto que o interior da floresta é usado como área de abrigo. O habitat com água apresentou maior número de passagens e de sons de alimentação que o habitat sem água. Este estudo sugere que a atividade das espécies de morcegos insetívoros de uma área da região neotropical também é influenciada pela complexidade espacial da vegetação e pela água.

Palavras-chave: detector de ultra-som, habitat, região neotropical, Chiroptera

COMO OCORRE E QUÃO FORTE É A INTERAÇÃO ENTRE A PATA-DE-VACA *BAUHINIA HOLOPHYLLA* (LEGUMINOSAE) E MORCEGOS NECTARÍVOROS (PHYLLOSTOMIDAE)?

Julia Ramos Estêvão (Depto de Botânica/UFSCar/juliraes@yahoo.com)
Reinaldo Chaves Teixeira (Depto de Botânica/UFSCar)
Marco Aurelio Ribeiro Mello (Depto de Botânica/UFSCar)
Dalva Maria da Silva Matos (Depto de Botânica/UFSCar)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

Relações entre flores e polinizadores são mutualismos facultativos, onde há várias possibilidades de formação de pares de interação. Portanto, a aptidão de uma planta depende da sua capacidade de atrair vetores legítimos e eficientes, em um contexto de competição com outras espécies simpátridas. Neste trabalho estudamos o sistema de polinização de *Bauhinia holophylla*, a fim de descrevê-lo e testar se (1) *B. holophylla* é polinizada principalmente por morcegos (padrão do gênero), (2) se esta planta garante as visitas dos morcegos através características atrativas (quiropterofilia), e (3) se morcegos polinizadores otimizam seu forrageio (para compensar o baixo custo-benefício de cada flor). Realizamos o estudo na reserva de cerrado da UFSCar, SP, de julho de 2007 a março de 2008. Quinzenalmente observamos a fenologia de 30 indivíduos de *B. holophylla*. Amostramos a guilda de visitantes florais, assim como seus padrões de visitação, através de captura e observação. Coletamos o néctar e determinamos o padrão horário de variação na concentração de solutos. Confirmando nossa primeira hipótese, morcegos foram os principais visitantes legítimos, sendo representados por três espécies; houve também visitas de mariposas. Observamos que as flores de *B. holophylla* seguem os padrões da síndrome da quiropterofilia, corroborando nossa segunda hipótese: forma de pincel, cor branca, odor adocicado, antese crepuscular, produção de néctar à noite e fácil acesso na folhagem. *B. holophylla* floresceu de dezembro a fevereiro. A atividade de morcegos nas flores foi maior no começo da noite, havendo diferenças entre os padrões de sobrevôo, vistoria e visitação. A concentração de solutos no néctar foi alta no começo da noite e diminuiu gradualmente depois. Ao contrário do esperado, os morcegos não visitaram mais as flores nos horários em que o néctar estava mais concentrado. Concluímos que a interação é forte e assimétrica, seguindo o padrão geral dos mutualismos facultativos, pois *B. holophylla* depende dos morcegos para sua polinização, mas estes não dependem exclusivamente dela para sua alimentação. *B. holophylla* investe muito na atração de morcegos, mas estes por sua vez possuem outras fontes de alimento, inclusive frutos. Esperamos o mesmo padrão para outras espécies de *Bauhinia* na área, devendo haver mecanismos que permitam sua coexistência mesmo com essa competição por polinizadores.

Palavras-chave: Chiroptera, polinização, interações animal-planta, forrageio.

Financiadores: FAPESP, CAPES, CNPq.

PEQUENAS DIFERENÇAS, GRANDES CONSEQÜÊNCIAS: REDES DE DISPERSÃO DE SEMENTES DE MORCEGOS E AVES NOS NEOTRÓPICOS

Marco A.R. Mello (Departamento de Botanica/UFSCar)
Flávia M.D. Marquitti (Departamento de Botanica/UFSCar)
Pedro Jordano (Integrative Ecology Group/EBD)
Paulo R. Guimarães Jr. (Instituto de Física Gleb Wataghin/UNICAMP)
Elisabeth K.V. Kalko (Institute of Experimental Ecology/UNI-ULM)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

Interações mutualísticas apresentam padrões muito gerais, contudo pequenas diferenças entre sistemas semelhantes podem ser ecologicamente importantes. Por isso, nós comparamos a estrutura e a fragilidade de redes de dispersão de sementes formadas pelos principais frugívoros neotropicais: morcegos e aves. Já que morcegos frugívoros têm maior afinidade filogenética, esperávamos que as redes de aves frugívoras fossem mais heterogêneas. Usamos uma abordagem de redes complexas, usando a riqueza de espécies, o grau de aninhamento, a distribuição de especialistas e generalistas, e a modularidade para descrever as redes e detectar compartimentos funcionais. Por fim, simulamos extinções em cada rede a fim de testar sua fragilidade, primeiro removendo uma espécie de cada vez e repetindo o procedimento para todas as espécies, e depois removendo espécies cumulativamente dos especialistas até os generalistas. Observamos que as redes de morcegos são quatro vezes menores do que as de aves e que morcegos dispersam quatro vezes menos famílias de plantas. Conforme previmos, ambos os tipos de redes são altamente aninhados, porém as redes de aves são mais heterogêneas. Redes de aves são mais assimétricas, porque apresentam uma proporção três vezes maior de especialistas. Redes de morcegos e aves têm modularidades similares, porém redes de aves apresentam módulos maiores e mais heterogêneos. Tanto em aves quanto morcegos extinções de apenas uma espécie causaram mudanças menores do que 1% na estrutura da rede, mas nas aves o número de coextinções foi mais imprevisível, variando de zero a 15. Em simulações de extinções cumulativas, redes de aves colapsaram 20% mais rápido. Como previsto, as redes de morcegos são mais homogêneas porque morcegos frugívoros são todos membros de uma mesma família, enquanto aves frugívoras se distribuem por várias famílias. Concluímos que, considerando também que morcegos dispersam principalmente plantas pioneiras e aves se concentram mais em tardias, em média o serviço de regeneração florestal é mais robusto, ao passo que o serviço de desenvolvimento da floresta até o clímax tem uma fragilidade maior e mais variável. Portanto, planos de restauração florestal devem trabalhar no nível das redes, e considerar que ameaças a morcegos e aves afetam diferentes fases da dinâmica florestal.

Palavras-chave: Chiroptera, frugivoria, interações, mutualismo, coevolução

Financiadores: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

ATIVIDADE HORÁRIA E SAZONAL DE *STURNIRA LILIUM*, *ARTIBEUS LITURATUS* E *DESMODUS ROTUNDUS* EM ÁREA DE INFLUÊNCIA DA UHE BARRA GRANDE, SC/ RS, BRASIL

Carla Letícia Reus (Laboratório de Mastozoologia/ UFRGS/ carlalreus@yahoo.com.br)
Marta Elena Fabián (Laboratório de Mastozoologia/ UFRGS)
Alan Bolzan (Laboratório de Mastozoologia/ UFRGS)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

O presente trabalho tem como objetivo analisar o ritmo de atividade horária e sazonal de *Sturnira lilium*, *Artibeus lituratus* e *Desmodus rotundus* em área monitorada após o alagamento da UHE Barra Grande entre os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Esta região caracteriza-se pela presença de campos (Estepe Gramíneo-lenhosa) nas porções mais altas e planas e Floresta Ombrófila Mista (Floresta com Araucária) e Floresta Estacional Decidual nas encostas e vales. As regiões de maior altitude estão cobertas também por extensos plantios de pinus e campos de pastagem. Foram utilizadas em torno de 12 redes de 12mX3m em frações de borda e núcleo de mata, permanecendo abertas oito horas após o crepúsculo. A amostragem foi realizada durante cinco noites consecutivas, mensalmente, entre os meses de novembro de 2006 e março de 2008. O total de capturas foi de 526 indivíduos (*S. lilium* n= 432, *A. lituratus* n= 57 e *D. rotundus* n= 37). Nenhum indivíduo de *A. lituratus* foi capturado no período de primavera/verão (outubro a março). Espécimes de *D. rotundus* foram registrados nas quatro estações do ano, em áreas de campo, com baixo número de capturas. *S. lilium* foi a única espécie com registro em todos os meses do ano. Houve concentração de registros de *S. lilium* nos meses com a média de temperatura mais baixa (n= 391), correspondendo às estações outono (abril a junho) e inverno (julho a setembro). Em relação a esta espécie, constatou-se diferença significativa entre a abundância observada nas duas estações (teste de Mann-Whitney U = 46,0 / P< 0,01). *S. lilium* foi mais abundante nos meses de inverno. Estes dados diferem dos obtidos por diversos autores que afirmam que maior número de espécies e espécimes frugívoras ocorre na primavera. Também foi analisado o ritmo de atividade de *S. lilium* nos períodos de outono e inverno. Verificou-se diferença significativa sazonal, entre os horários de atividade (X^2 = 25,5 > P 0,01), apesar dos animais terem se mantido ativos ao longo das oito horas de observação.

Palavras-chave: Ritmo de atividade, Quirópteros, Phyllostomidae

Financiadores: Baesa

INFLUÊNCIA DA COBERTURA VEGETAL SOBRE A COMUNIDADE DE MORCEGOS NO MUNICÍPIO DE SANTA LEOPOLDINA, ESPÍRITO SANTO, BRASIL

Geovana A. Mendes (Depto. de Ciências Biológicas, UFES / geovana.gam@gmail.com)
Bruna S. Fonseca (Depto. de Ciências Biológicas, UFES)
Vinícius T. Pimenta (Depto. de Ciências Biológicas, UFES)
Sílvia R. Lopes (Depto. de Ciências Biológicas, UFES)
Albert D. Ditchfield (Depto. de Ciências Biológicas, UFES)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

A Mata Atlântica sofreu transformações significativas e atualmente se apresenta como fragmentos com poucas áreas relativamente extensas. Essa fragmentação é característica de Santa Leopoldina, município dominado pela agropecuária, onde a ação antrópica criou coberturas vegetais diferentes. Isso pode mudar a exploração do ambiente pela quiropterofauna, alterando a composição da comunidade de morcegos ao longo do tempo. Apesar da facilidade de locomoção e relativa adaptação à modificação do ambiente, morcegos Neotropicais são sensíveis à perda e a fragmentação de seu habitat natural, resultando numa diminuição da diversidade de espécies e do tamanho das populações. Por isso, morcegos são freqüentemente utilizados como indicadores de distúrbios ambientais. Esse estudo analisa as diferenças encontradas na distribuição das populações e as conseqüências da redução da vegetação natural para a quiropterofauna local. Até o momento foram feitas 12 noites de coleta e o esforço amostral de $1{,}476 \times 10^4$ m^2h. Por noite, 10 redes de neblina permaneceram abertas durante 6 horas após o pôr-do-sol. Dos morcegos capturados foram obtidos estes dados: espécie, sexo, idade, condição reprodutiva, medida de antebraço, peso. Os indivíduos não coletados foram marcados com coleiras numeradas. Ocorreram 97 capturas, 13 espécies da família Phyllostomidae: *Anoura geoffroyi*, *Artibeus lituratus*, *Artibeus obscurus*, *Carollia perspicillata*, *Chiroderma doriae*, *Chiroderma villosum*, *Desmodus rotundus*, *Glossophaga soricina*, *Platyrrhinus lineatus*, *Platyrrhinus recifinus*, *Phyllostomus discolor*, *Phyllostomus hastatus*, *Rhinophylla pumilio*, e 2 da família Molossidae: *Molossus molossus* e *Molossus rufus*. Todas essas espécies ocorreram em áreas de plantações de grãos e frutas (59 capturas), onde a predominância de espécies frugívoras está relacionada com os recursos que esse ambiente proporciona. *M. rufus* também ocorreu em áreas de pasto (2 capturas). Apesar das poucas capturas de morcegos nessa área, provavelmente outras espécies a utilizem como passagem. *A. geoffroyi*, *A. lituratus*, *C. perspicillata*, *D. rotundus*, *G. soricina*, *P. hastatus* e *P. recifinus* também ocorreram em área em processo de desmatamento (18 capturas). *A. geoffroyi*, *A. lituratus*, *C. perspicillata*, *P. discolor*, *P. lineatus* e *P. recifinus* também foram capturados em fragmentos (18 capturas) que apresentam área de borda extensa, dificultando o vôo de quirópteros. Esses dados preliminares indicam que as áreas estudadas se encontram num nível de degradação elevado, sendo notável a baixa diversidade de famílias de quirópteros e o reduzido número total de morcegos capturados.

Palavras-chave: Quirópteros, diversidade, fragmentos, Mata Atlântica

DISPERSÃO DE SEMENTES POR MORCEGOS FRUGÍVOROS NO MUNICÍPIO DE SANTA LEOPOLDINA - ES, BRASIL

Bruna S. Fonseca (Departamento de Ciências Biológicas/UFES/brunasfonseca@gmail.com)
Geovana A. Mendes (Departamento de Ciências Biológicas/UFES)
Vinícius T. Pimenta (Departamento de Ciências Biológicas/UFES)
Sílvia R. Lopes (Departamento de Ciências Biológicas/UFES)
Albert D. Ditchfield (Departamento de Ciências Biológicas/UFES)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

Muitas espécies de plantas zoocóricas têm o morcego como principal dispersor de suas sementes. Há uma relação ecológica de fundamental importância na interação planta-animal. A permanência de animais frugívoros em determinada área está intimamente relacionada com a disponibilidade de frutos e esta condição, por sua vez, está ligada à estrutura demográfica das plantas que para se estabelecerem geneticamente precisam disseminar suas sementes. O município de Santa Leopoldina está localizado a 47 km da capital do estado, numa região entre montanhas que sofreu intensa degradação de sua Floresta Atlântica ao longo de 150 anos para desenvolvimento da agricultura e do turismo local. As áreas de pesquisa são regiões de Mata Atlântica e áreas antropizadas adjacentes. A fim de demonstrar a eficiência dos morcegos na dispersão de sementes, fez-se uma análise das fezes destes animais capturados em 12 noites de coleta com redes de neblina abertas durante 6 horas após o pôr-do-sol. Em campo, os morcegos capturados foram identificados em nível de espécie e mantidos por, aproximadamente, 20 minutos em sacos de algodão individuais para defecarem. Após este período, foram soltos e suas fezes, quando presentes, acondicionadas em sacos plásticos etiquetados. Em laboratório, seus excrementos foram lavados em água corrente em duas peneiras sobrepostas. Dados preliminares mostraram que dentre os 97 morcegos capturados 48 defecaram. A família com maior amostragem de morcegos foi Phyllostomidae, cujas fezes dos representantes das subfamílias Carollinae e Stenodermatinae apresentaram sementes de sete morfoespécies diferentes, além de polpa de frutas; Phyllostominae mostrou asas de insetos; Glossophaginae não apresentou nenhum material vegetal nem animal evidente e Desmodontinae não defecou. A presença de polpa nas fezes pode sugerir que as sementes destes frutos não eram suficientemente pequenas para passar pelo trato digestivo dos morcegos. Todavia, não implica na não dispersão destas sementes porque elas são transportadas para um local distante da planta mãe, já que morcegos utilizam abrigos de alimentação. Um espécime de *Artibeus lituratus* foi capturado com um fruto de *Ficus sp* e outro com uma castanha. Além disso, em um único bolo fecal de *A. lituratus* foram contadas 305 sementes. Outras análises ainda estão sendo feitas, como a comparação da dieta entre espécies frugívoras com base na diversidade de morfoespécies vegetais encontradas nas fezes, no entanto, esses resultados parciais já evidenciam a importância destes animais no auxílio dos mecanismos de regeneração e sucessão secundária de muitas espécies de plantas, inclusive as pioneiras.

Palavras-chave: quirópteros, Mata Atlântica, zoocoria

COABITAÇÃO, TAMANHO DA COLÔNIA E PROPORÇÃO SEXUAL EM *PHYLLOSTOMUS HASTATUS* (CHIROPTERA, PHYLLOSTOMIDAE)

Luciana de Moraes Costa (Lab. Diversidade de Morcegos / UFRRJ / lucianamcosta@yahoo.com.br)
Carlos Eduardo Lustosa Esbérard (Lab. Diversidade de Morcegos / UFRRJ)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

Phyllostomus hastatus é uma espécie de morcego da família Phyllostomidae, onívora de grande porte. Abriga-se em cavernas, ocos de árvores, folhas de palmeiras e construções humanas, onde podem ser encontrados haréns e grupos de machos solteiros. Foram analisadas a proporção sexual, tamanho e coabitação em colônias de *P. hastatus*. Nove localidades no Estado de Rio de Janeiro foram amostradas: (1) Vargem Grande, Fevereiro de 1990, vários *P. hastatus* em um forro de 60m² coabitavam com *Molossus molossus*; (2) Maricá, Abril de 1990, um macho e quatro fêmeas coabitavam com 105 *Molossus rufus* em um forro de 150m²; (3) Praia de Provetá, Ilha Grande, Janeiro de 1992, dois machos coabitavam com sete fêmeas de *M. rufus* em um oco de palmeira a 5m de altura e 0,20m de diâmetro; (4) Casimiro de Abreu, 1998 e 2001, em oco de pau-d'alho com acessos ao nível do solo e a 3,5m de altura e diâmetro com cerca de 0,80m foram encontradas 13 fêmeas que coabitavam com cerca de 50 *M. rufus*, ambas as espécies reproduziam no refugio e usavam acessos diferentes e, em Novembro de 2001, em um outro oco de pau-d'alho com 2m de altura e diâmetro de 0,30m foram encontradas 18 fêmeas com seis filhotes coabitando com cerca de 30 *M. rufus* com 20 neonatos; (5) Reserva Biológica Poço das Antas, 1999 a 2001, em forro de 60m², cerca de 50 indivíduos separados em dois grupos, um só de fêmeas, coabitavam com cerca de 500 *M. rufus*; ambas as espécies estavam reproduzindo no refúgio e usando acessos diferentes; (6) Guapimirim, 1999 a 2002, um macho coabitava com cerca de 100 *M. molossus* e *M. rufus* em um forro de 150m²; (7) Parada Modelo, Setembro de 2001, 39 machos e uma fêmea coabitavam com três *M. molossus* em um forro de 100m²; (8) Ilha da Gipóia, Junho de 2007, 19 machos, e em Setembro de 2007, 24 machos e uma fêmea coabitavam com três *M. molossus*; (9) Vila dois Rios, Ilha Grande, Setembro de 2007, foram observados três grupos em um mesmo forro, (a) com um macho e 54 fêmeas, (b) 34 machos e (c) duas fêmeas isoladas, em coabitação *Myotis nigricans*, *M. molossus* e *M. rufus*. Estes dados indicam que *P. hastatus* apresenta segregação sexual e freqüentemente coabita com *Molossus* spp. Ainda não é claro a razão desta estratégia, mas é fato conhecido a predação de espécies menores de morcegos.

Palavras-chave: Adaptação, coabitação, Sudeste do Brasil, refúgio, urbanização

Financiadores: FAPERJ e CNPq

MORCEGOS FRUGÍVOROS (CHIROPTERA: PHYLLOSTOMIDAE) REALIZAM DISPERSÃO DE SEMENTES DIRECIONADA?

Patrícia Kerches Rogeri (Departamento de Botânica / UFSCar / pa_bio04@yahoo.com.br)
Tiago Yamazaki Andrade (Departamento de Botânica / UFSCar)
Marco Aurélio Ribeiro de Mello (Departamento de Botânica / UFSCar)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

A dispersão de sementes por vertebrados é um importante mutualismo facultativo em florestas tropicais e algumas hipóteses tentam explicar os benefícios para as plantas. No presente trabalho, quisemos responder se morcegos primariamente frugívoros realizam dispersão direcionada, assim como formigas e roedores, já que tendem a depositar as sementes principalmente ao redor de poleiros. Na reserva da UFSCar (cerrado) e no P.E. Ilha do Cardoso (mata atlântica), ambos em SP, capturamos e marcamos morcegos com radiotransmissores e monitoramos seus movimentos a fim de localizar abrigos diurnos, poleiros e áreas de forrageio, de janeiro a março de 2008. Vistoriamos as áreas e identificamos os tipos de habitat em imagens de satélite. Amostramos as plântulas ao redor dos abrigos diurnos (tratamento) e também em pontos aleatórios próximos (controle), a fim de testar se as floras seriam diferentes entre esses locais. Na UFSCar, um indivíduo de *Sturnira lilium* foi monitorado durante uma semana; no Cardoso, um indivíduo de *Artibeus obscurus* foi monitorado também durante uma semana. Na UFSCar, o abrigo diurno e o local de captura do indivíduo estavam localizados em uma mata ciliar. A área principal de forrageio ficou em uma mata ciliar, a área secundária ficou em um cerrado e uma área menor ficou em um reflorestamento de *Pinus*. A distância máxima de comutação foi 1,5 km. No Cardoso, o abrigo diurno estava em uma área de restinga e a área de forrageio e captura ficou a 1,9 km, em uma área mista de restinga e mata de baixada. Em ambos os casos, a flora dos abrigos diurnos não diferiu do controle. Concluímos que, apesar de em ambos os casos os morcegos beneficiarem as plantas através de uma dispersão legítima por uma ampla área, o resultado final depende do ajuste entre as necessidades de cada tipo de planta e a qualidade do habitat no destino. Em ambos os casos, os morcegos parecem levar poucas sementes até os abrigos diurnos, então o direcionamento é mais para as áreas de forrageio. Espécies dependentes de alta umidade devem ser favorecidas pelo transporte até a mata ciliar na UFSCar, enquanto espécies florestais devem se beneficiar do transporte até a área mista de restinga e mata no Cardoso.

Palavras-chave: forrageio, frugivoria, diversidade, movimentos, comportamento.

Financiadores: FAPESP (processos n° 2006/00265-0 e 2007/03405-0)

SELEÇÃO DE FRUTOS POR MORCEGOS FILOSTOMÍDEOS: PREFERÊNCIA OU OPORTUNISMO?

Tiago Yamazaki Andrade (Depto. de Botânica / UFSCar / cavalym@gmail.com)
Patrícia Kerches Rogeri (Depto. de Botânica / UFSCar)
Marco Aurelio Ribeiro Mello (Depto. de Botânica / UFSCar)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

Segundo a teoria do forrageio ótimo, um animal deve maximizar o ganho em relação ao gasto energético em cada atividade realizada, inclusive o forrageio. Nesse contexto, testamos se espécies de morcegos primariamente frugívoros (subfamílias Carolliinae e Stenodermatinae) otimizam seu forrageio, selecionando frutos de acordo com uma ordem de preferência, e não de maneira oportunista com base na abundância. Para testar esta hipótese, submetemos 31 morcegos a um experimento dentro de uma tenda de vôo: 10 *Sturnira lilium*, 2 *S. tildae*, 2 *Artibeus lituratus*, 7 *Artibeus obscurus* e 10 *Carollia perspicillata*. Cada indivíduo foi submetido a uma rodada experimental com (1) frutos preferidos e secundários em iguais quantidades (controle) ou (2) frutos secundários em maior quantidade que os preferidos (tratamento). Nos dois casos, oferecemos frutos nativos classificados em preferidos ou secundários com base em um banco de dados sobre dieta de morcegos. Filmamos a atividade de cada indivíduo dentro da tenda, registrando qual fruto foi mordido primeiro e anotando detalhes sobre o comportamento de forrageio. Do total de indivíduos, 16 responderam ao experimento. Os morcegos voaram em média por 10 minutos ao redor dos frutos antes de tocá-los. *Carollia perspicillata* foi a espécie que apresentou maior atividade, na maioria das vezes abordando primeiro os frutos do gênero *Piper* (Piperaceae), tanto no controle quanto no tratamento. Apenas dois indivíduos de *Sturnira lilium* responderam ao experimento. A maioria dos morcegos comeu os frutos no próprio galho, poucos os arrancaram e levaram para poleiros. Observamos também um comportamento incomum em um *Artibeus obscurus*, que pegou um fruto de *Ficus* no chão e depois o levou a um poleiro para comê-lo. Os dados que temos até o momento nos permitem tirar conclusões apenas sobre *C. perspicillata*. A dominância de *Piper* da dieta de morcegos do gênero *Carollia* era apontada anteriormente como fruto de oportunismo, já que esses frutos estão entre os mais abundantes em florestas neotropicais, porém nossas evidências experimentais suportam a hipótese da preferência. Com isso, podemos dizer que mesmo a seleção de frutos por uma espécie tão generalista quanto *C. perspicillata* segue uma das previsões da teoria do forrageio ótimo, pois foi evidenciada uma ordem de preferência de itens. Nas próximas etapas do projeto, coletaremos mais dados sobre cada uma das outras espécies de morcegos, de modo a permitir a mesma análise detalhada.

Palavras-chave: Chiroptera, Phyllostomidae, forrageio, otimização, frugivoria

Financiadores: FAPESP (processos n° 2006/00265-0 e 2007/03415-6)

MORCEGOS (CHIROPTERA: PHYLLOSTOMIDAE) SELECIONAM FRUTOS DE PIPERACEAE COM BASE NO TAMANHO?

Tiago Yamazaki Andrade (Depto. de Botânica/UFSCar/ cavalym@gmail.com)
Patrícia Kerches Rogeri (Depto. de Botânica/UFSCar)
Marco Aurelio Ribeiro Mello (Depto. de Botânica/UFSCar)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

A teoria do forrageio ótimo prevê que um animal deve maximizar a diferença entre o gasto e o ganho energético ao escolher seus alimentos. No caso de animais dispersores de sementes, essa escolha influencia diretamente as plantas visitadas, e se dá em três níveis: entre espécies, entre plantas da mesma espécie e entre frutos da mesma planta. No presente trabalho, usamos piperáceas como modelos de estudo e procuramos testar se frutos maiores têm maior chance de remoção, partindo do pressuposto que morcegos, seus principais dispersores, preferem frutos maiores por estes darem um maior retorno energético. Para testar nossa hipótese, monitoramos 26 indivíduos de duas espécies, *Ottonia leptostachya* (9) e *Piper aduncum* (17), no P.E. Ilha do Cardoso e na reserva da UFSCar, SP, entre fevereiro e abril de 2008. Marcamos e medimos o comprimento de 15 a 20 frutos em cada planta, totalizando 269 frutos. Durante cinco dias observamos e anotamos quais frutos foram removidos. Consideramos apenas a remoção noturna, excluindo assim o consumo por aves. Usamos uma ANOVA bifatorial para testar a diferença de comprimento entre frutos disponíveis e removidos, considerando também a variabilidade entre plantas. A remoção de frutos ocorreu em todos os indivíduos de *P. aduncum*, porém em apenas dois de *O. leptostachya*. Os frutos removidos (8.47±1.13 cm) foram em média 8% maiores do que a média dos disponíveis (7.97±1.28 cm) em cada planta ($F = 7{,}49$, $p < 0.001$), mesmo considerando-se a variabilidade entre plantas individuais. Portanto, concluímos que morcegos frugívoros parecem otimizar seu forrageio em frutos de Piperaceae, fazendo com que frutos maiores tenham maiores chances de remoção e, conseqüentemente, de dispersão das suas sementes. Considerando que em outras plantas, como *Calophyllum brasiliense* (Clusiaceae), essa preferência pode até mesmo implicar em seleção direcional de tamanhos, seria interessante investigar se há diferenças entre frutos maiores e menores de piperáceas no que diz respeito à viabilidade das sementes, chances de estabelecimento e outras características demograficamente importantes, a fim de avaliar as conseqüências da seleção por morcegos.

Palavras-chave: forrageio, otimização, frugivoria, dispersão de sementes, seleção

Financiadores: FAPESP (processos n° 2006/00265-0 e 2007/03415-6)

CBMz

DADOS PRELIMINARES SOBRE A QUIROPTEROFAUNA DE UM FRAGMENTO DE CERRADO NO CAMPUS DA UFSCAR, MUNICÍPIO DE SÃO CARLOS, SP

Luana Hortenci (DEBE / UFSCar / luana.hortenci@gmail.com)
Maria Elina Bichuette (DEBE / UFSCar)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

Morcegos mostram-se bons indicadores das alterações no ambiente, desta maneira estudos focando sua diversidade tornam-se essenciais para a compreensão de possíveis impactos nas populações das diferentes espécies. A reserva de Cerrado da UFSCar ainda é pouco conhecida quanto aos aspectos da riqueza de Chiroptera e representa um importante fragmento desta vegetação no estado de São Paulo. O presente trabalho vem investigando a riqueza desses animais na referida área, considerando-se duas fisionomias (cerrado *sensu stricto* e mata ciliar); comparando flutuações populacionais ao longo da estação chuvosa e seca e verificando perturbações ambientais externas, uma vez que a área possui rodovias e estradas como entorno. Para coleta dos indivíduos foram utilizadas redes de neblina (7,5 x 2,5 m), armadas no crepúsculo vespertino e desarmadas cerca de 4 horas após este. Os animais capturados foram colocados em sacos de pano, medidos e pesados (comprimentos do corpo, do antebraço, da orelha e massa corpórea), verificado o estádio reprodutivo e identificados até o menor nível hierárquico possível, sendo que, para tal, um a dois exemplares de cada morfoespécie foram sacrificados através de deslocamento da cervical, fixados em formol e trazidos para estudos em laboratório. Foram feitas medições abióticas (umidade relativa, luminosidade, intensidade sonora e temperatura) com o termo-higrômetro modelo 4 IN 1 *Multi-Function Environment Meter*. Nove coletas foram realizadas até o momento, levando em consideração as estações bem marcadas do ano (épocas chuvosa e seca): agosto de 2007 à maio de 2008 (todos os meses, exceto abril). No total foram registrados 50 indivíduos das seguintes espécies, todos da família Phyllostomidae: *Artibeus lituratus, Carollia perspicillata, Glossophaga soricina, Phyllostomus discolor, Platyrrhinus lineatus* e *Sturnira lilium*. A espécie mais abundante foi *Sturnira lilium*, com 26 ocorrências, fato esperado por tratar-se de espécie comum do ponto de vista regional. De um modo geral, a maior parte foi de fêmeas (predominantemente lactantes e/ou grávidas na época chuvosa), sendo que não foi encontrada nenhuma fêmea com filhote. Os morcegos amostrados apresentam hábitos frugívoros, o que pode significar uma importância fundamental para a manutenção do pequeno fragmento de cerrado devido à dispersão de sementes, e nectarívoros, mostrando a relevância para polinização. Além disso, o cerrado *sensu stricto* apresentou maior número de espécies do que a mata ciliar, o que pode sugerir que aquele é mais atrativo para espécies do que esta.

Palavras-chave: Chiroptera, Phyllostomidae, riqueza, ecologia, conservação

CBMz

VARIAÇÃO DA EFICIÊNCIA DE CAPTURA DE MORCEGOS ENTRE MATAS CONTÍNUAS, FRAGMENTOS E ILHAS

Carlos Eduardo Lustosa Esbérard (LADIM/UFRRJ/cesberard@ufrrj.br)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

Diferentes sucessos na captura de morcegos são esperados em diferentes ambientes, sendo esperado que maior abundância de morcegos e consequentemente maior sucesso seja obtido em áreas mais preservadas e menos isoladas. Este trabalho teve como objetivo comparar a eficiência de captura de morcegos usando redes de neblina em diferentes ambientes do Estado do Rio de Janeiro. Dezoito locais foram considerados, incluindo três de outros autores que estão disponíveis como dissertações de mestrado, teses de doutorado ou publicações (4 inventários) e dados do autor de 14 inventários realizados entre 1991 e 2008. Somente dados de capturas em redes de neblina e longe de refúgios conhecidos foram incluídos. Para cada inventário foi considerado o total de horas de coleta, o número de redes, o tamanho das redes empregadas e o total de capturas analisadas. O esforço de coleta foi calculado empregando como padrão redes de 7 x 2,5 m, dividindo-se o total de metros de redes usado pelo tamanho padrão e multiplicado pelo total de horas de trabalho. Foi realizada uma regressão linear entre o esforço de coleta e o total de capturas. Cada local foi classificado como ilha (total de 173964 h*redes, 4788 capturas), fragmento florestal (total de 188744 h*redes, 3034 capturas) ou mata contínua quando apresentava mais de 5000 hectares (total de 686912 h*redes, 5535 capturas). Foi observada relação linear positiva e significativa entre o esforço de coleta e o total de capturas ($r = 0,852$, $F = 42,529$, $p < 0,001$, $N = 18$) demonstrando, como esperado, que quanto mais se coleta mais capturas são obtidas. As menores eficiências de capturas foram observadas entre as matas contínuas (0,007 a 0,024 capturas/h*rede, média de 0,012 capturas/h*rede, dp = 0,007, N = 6), seguida pelas ilhas (0,013 a 0,033 capturas/h*rede, média de 0,021 capturas/h*rede, dp = 0,011, N = 3) e pelos fragmentos (0,007 a 0,047 capturas/h*rede, média de 0,030 capturas/h*rede, dp = 0,014, N = 9). As diferenças só se mostraram significativas entre a mata contínua e os fragmentos (Teste T de Student, $T = -2,909$, $df = 13$, $p = 0,012$). Maiores eficiências de captura em ambientes isolados podem ser explicados pela menor densidade de possíveis competidores e/ou predadores. Outra possível explicação reside na menor área disponível para cada exemplar. Maiores áreas podem resultar em menor probabilidade de captura já que os animais podem apresentar maiores áreas de vida.

Palavras-chave: Densidade, frequencia de captura, ilhas

Financiadores: FAPERJ, CNPq

DIETA FRUGÍVORA DO MORCEGO *CAROLLIA PERSPICILLATA* (CHIROPTERA: PHYLLOSTOMIDAE): ASPECTOS QUÍMICOS DAS INFRUTESCÊNCIAS DE *CECROPIA PACHYSTACHYA* TRÉCUL, UMA ESPÉCIE DIÓICA E MEDICINAL

Fernanda do Nascimento José
(Lab. de Quím. de Produtos Naturais Bioativos / UFRJ /fnjose@nppn.ufrj.br)
Sônia Soares Costa (Lab. de Quím. de Produtos Naturais Bioativos / UFRJ)
Leila Maria Pessôa (Laboratório de Mastozoologia / UFRJ)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

Carollia perspicillata é um dos pequenos mamíferos mais comuns na região Neotropical e conhecidamente desempenha um papel importante na dispersão de sementes das plantas de sua dieta. Esse placentário voador destaca-se por possuir um excelente sentido de olfato podendo detectar $4x10^{11}$ moléculas de acetato de isopentila/cm^3 de ar. Ao se alimentar de frutos e infrutescências, este filostomídeo ingere metabólitos primários - carboidratos, lipídios, proteínas, etc. - necessários à sua subsistência, bem como uma gama variada de metabólitos secundários. Estes últimos, também presentes em outras partes do vegetal, são geralmente responsáveis pelos efeitos benéficos da planta contra diferentes problemas de saúde da população de *Homo sapiens*. Dentre as classes de metabólitos secundários destacam-se os ácidos fenólicos, flavonóides e taninos, sobretudo pelo potencial antioxidante. Estudos mostram que espécies do gênero *Cecropia*, *Piper* e *Solanum* são os principais componentes da dieta frugívora de *C. perspicillata*. Espécies dos três gêneros são utilizados por humanos e são reconhecidamente medicinais. *Cecropia pachystachya* Trécul (Urticaceae), popularmente conhecida como embaúba, é uma espécie dióica, típica de formações secundárias e clareiras no interior das florestas, e têm suas infrutescências consumidas e suas sementes dispersas por *C. perspicillata*. Ela está presente também na dieta de outros mamíferos, como as preguiças (infrutescências e folhas), cervos-do-pantanal e veados-campeiros (folhas) e de aves, como os tucanos e periquitos (infrutescências). Entre humanos, suas folhas são usadas para tratar tosse, asma e feridas, no entanto, nada é conhecido sobre os eventuais efeitos benéficos do consumo de infrutescências dessa espécie para os quirópteros. Neste trabalho investigou-se o perfil de compostos fenólicos nos extratos aquosos de infrutescências de espécimes masculinos e femininos de *C. pachystachya*, coletadas em Arraial do Cabo (RJ). O perfil químico foi estabelecido por cromatografia líquida de alta eficiência acoplada à espectroscopia de ultravioleta (CLAE-DAD). Os extratos foram previamente clarificados por precipitação em etanol. Nas análises de CLAE-DAD utilizaram-se amostras de 10 mg de extrato liofilizado, em coluna de fase inversa C18 e gradiente de água/acetonitrila (detecção em 250 e 360 nanômetros). Os cromatogramas dos espécimes masculinos e femininos obtidos mostram picos de maior absorbância em 18,71 e 18,94 minutos, respectivamente. Os espectros no Ultravioleta correspondentes a estes picos possuem absorções em comprimentos de onda e formato da curva característicos de ácidos fenólicos derivados do ácido cinâmico. Esta classe de metabólitos apresenta ação antimicrobiana in vitro na literatura. Detalhamento deste estudo possibilitará a identificação dessas substâncias e avaliação do potencial antimicrobiano de extratos e frações.

Palavras-chave: morcego frugívoro, dispersão de sementes, embaúba, compostos fenólicos

Financiadores: UFRJ; CNPq; FAPERJ

CBMz

INFORMAÇÕES PRELIMINARES SOBRE A DIETA NATURAL DE MORCEGOS EM ÁREAS DE ALTITUDE NO EXTREMO NOROESTE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Daniel Tavares Rosa (Mastozoologia / UNIRIO / dtavaresrosa@gmail.com)
Bruno Bret Gil (Mastozoologia / UNIRIO)
Leonardo Santos Avilla (Mastozoologia / UNIRIO)
Monique Monsores-Paixão (Mastozoologia / UNIRIO)
Gisele R. Winck (Ecologia de Vertebrados / UERJ)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

A análise fecal tem importância reconhecida na dieta e no comportamento de mamíferos. Os quirópteros têm hábitos alimentares extremamente diversificados, ocupando diversos grupos tróficos. O estudo foi conduzido no município de Varre-sai, extremo Noroeste do Estado do Rio de Janeiro. A área de estudo faz parte da Fazenda São Matheus, composta por cafezais e fragmentos de Mata Atlântica. Os morcegos foram capturados com o auxílio de redes de neblina, estendidas ao longo de uma trilha de aproximadamente 1 Km, dentro de um dos fragmentos. O esforço de captura realizado foi de 16,5 m^2/hora/noite. As redes foram armadas ao longo de uma trilha na borda da floresta, exceto duas, localizadas sobre um córrego e num milharal estabelecido no final da trilha. Os morcegos capturados foram colocados em sacos de pano individuais, para reduzir o estresse de captura, e impossibilitar a mistura de parasitas e fezes, analisados individualmente. Os sacos não foram reutilizados durante a mesma coleta. As amostras coletadas foram armazenadas individualmente em recipientes plásticos esterilizados, e posteriormente lavadas e peneiradas, descartando a parte solúvel. O material retido foi dessecado à temperatura ambiente, e depois analisado com auxílio de um microscópio estereoscópico. Foram coletados 32 indivíduos, representando quatro espécies da família Phyllostomidae e uma espécie da família Vespertilionidae. Foram coletadas 8 fezes, distribuídas em 4 espécies: *Carollia perspicillata* (n=4, sendo dois de um indivíduo recapturado), *Sturnira lillium* (n=2), *Artibeus fimbriatus* (n=1) e *Anoura caudifera* (n=1). Não foi possível coletar as fezes de *Myotis nigricans* (Vespertilionidae). Em 100% das fezes foi encontrado material fibroso vegetal. Foram encontradas três espécies vegetais a partir de sementes: *Piper sp*. foi registrada para *Sturnira lillium* e *Carollia perspicillata*; *Cecropia* sp. para *Carollia perspicillata* e *Passiflora sp*. para *Artibeus fimbriatus*. Foram encontrados vestígios da rede de neblina em duas fezes de *Carollia perspicillata*. Os resultados eram esperados, visto que estes frutos fazem parte da dieta alimentar dessas espécies, porém pouco se sabe sobre a ocorrência de *Passiflora* sp para *Artibeus fimbriatus*. Os três gêneros vegetais encontrados na dieta são considerados pioneiros e comumente encontrados em borda de mata. Aparentemente duas espécies compartilham uma mesma dieta, entretanto mais dados são necessários para afirmar se existe competição entre essas espécies. Esta contribuição é o inicio de um estudo de médio-longo prazo que faz parte do projeto de monografia dos autores.

Palavras-chave: Morcegos, Dieta, Varre-Sai

Financiadores: FAPERJ, UNIRIO

EFEITO DA FRAGMENTAÇÃO FLORESTAL SOBRE UMA ASSEMBLÉIA DE MORCEGOS DA FAZENDA EXPERIMENTAL CATUABA (AC)

R. Marciente (Centro de Ciências Biológicas e da Natureza / UFAC / marciente@gmail.com)
A. M. Calouro (Centro de Ciências Biológicas e da Natureza / UFAC)
A. C. Oliveira (Centro de Ciências Biológicas e da Natureza / UFAC)
A. L. B. Moura (Centro de Ciências Biológicas e da Natureza / UFAC)
J. L. Valente (Centro de Ciências Biológicas e da Natureza / UFAC)
R. C. Silva (Centro de Ciências Biológicas e da Natureza/UFAC)
S. A. V. Oliveira (Centro de Ciências Biológicas e da Natureza/UFAC)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

A fragmentação florestal exerce forte influência sobre a diversidade das espécies animais e vegetais, que respondem distintamente aos diferentes graus de perturbação. A paisagem da região leste do Acre é a mais fragmentada do Estado, na qual está inserida a Fazenda Experimental Catuaba, um remanescente florestal de 2111 ha localizado no município de Senador Guiomard, a 25 km de Rio Branco (AC). Com o objetivo de investigar os efeitos de borda sobre uma assembléia de morcegos este trabalho avaliou a diversidade (H'), a uniformidade (e) e a similaridade (J) de quirópteros entre ambientes localizados na interface pasto/floresta (borda) e na floresta (interior). Em três sítios de amostragem foram estabelecidos quatro transectos, dois localizados a 15 metros da borda e, paralelamente a estes, outros dois a 500 metros em direção ao interior. Um sítio por mês foi visitado e 60 redes-de-neblina (7,0m x 2,5m) distribuídas, 30 na borda e 30 no interior. As coletas ocorreram preferencialmente em noites de lua nova, entre 18:00-0:00h. Como resultado de um esforço amostral de 1050 m2 de redes e 96 horas de exposição (10,08 x 10^4 m x h) foram capturados 79 indivíduos de 15 espécies (0,091 morcego por 7m-rede hora). Na borda foram capturados 27 indivíduos de nove espécies, enquanto no interior, 52 indivíduos de 12 espécies. A similaridade entre os ambientes foi baixa (J=0,40), compartilhando apenas seis espécies. Tanto na borda como no interior observa-se baixa diversidade: H'=0,79 (e=0,09) e H'=0,77 (e=0,06), respectivamente. Na borda ocorreram *Carollia perspicillata, Rhinophylla pumilio, Lophostoma silvicolum, Phyllostomus elongatus, Tonatia saurophila, Artibeus obscurus, Artibeus planirostris, Platyrrhinus helleri e Uroderma bilobatum,* e no interior, *Carollia perspicillata, Micronycteris minuta, Lampronycteris brachyotis, Plyllostomus elongatus, Tonatia saurophila, Trachops cirrhosus, Artibeus cinereus, Artibeus lituratus, Artibeus obscurus, Artibeus planirostris, Platyrrhinus helleri e Sturnira lillium*. A baixa diversidade está relacionada com dois fatores. Primeiro, a abundância de *Carollia perspicillata* (n=37), cinco vezes superior a de *Artibeus lituratus* no interior e o dobro da abundância apresentada por *Artibeus planirostris, Phyllostomus elongatus e Lophostoma silvicolum* nos ambientes de borda. O segundo fator que pode estar relacionado com a baixa diversidade de morcegos, em relação a outros trabalhos realizados nos neotrópicos, é a dominância do bambu escandente *Guadua weberbaueri* nesse fragmento florestal, em especial na borda, adensando o sub-bosque e dificultando o vôo. Além disso, a composição florística e a fauna associada a esse tipo de vegetação atuam como um filtro que seleciona as espécies morcegos.

Palavras-chave: Chiroptera, diversidade, efeito de borda, *Guadua weberbaueri*, Acre

Financiadores: CNPq

DIETA DE *GLOSSOPHAGA SORICINA* (CHIROPTERA, PHYLLOSTOMIDAE) NO PARQUE ESTADUAL DE ITAPUÃ, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

Anita Macedo de Campos (Lab. Mastozoologia UFRGS / anita.macedo@yahoo.com.br)
Marta Elena Fabián (Laboratório de Mastozoologia UFRGS)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

Glossophaga soricina (Pallas, 1766) tem distribuição ampla na região neotropical. Sabe-se que a espécie adota dieta diversificada, contendo frutos, insetos, pólen, néctar e partes florais. Trabalhos abordando a dieta de espécies da subfamília Glossophaginae têm verificado a ocorrência de variações marcantes na utilização de recursos ao longo do ano, relacionadas a sazonalidade climática regional. Desconhece-se a dieta desta espécie no sul do Brasil. O objetivo desta pesquisa é avaliar a dieta de *G. soricina* no extremo sul do Brasil. O trabalho realizou-se no Parque Estadual de Itapuã, RS, através do estudo de uma colônia de indivíduos localizada no telhado de um dos prédios. Para a obtenção das fezes cobriu-se com plástico o chão do abrigo. As amostras foram recolhidas mensalmente de junho de 2006 a maio de 2007. As fezes foram secadas em estufa, e após selecionou-se 0,5g para triagem, a qual foi feita sob microscópio estereoscópico. O material triado foi separado em sementes, insetos, estames, pólen e não-identificado. Para a análise de pólen foram utilizadas lâminas de gel glicerinado corado com fucsina básica. Para a análise estatística dos dados, foi utilizado qui-quadrado, através do programa PEPI 2 (versão 3.01). Os resultados apresentados aqui são parciais. Nos meses de junho (98.87%), julho (97%), outubro (90,9%) e dezembro (59,64%), os insetos foram o recurso mais utilizado, enquanto nos meses de agosto (59,01%) e novembro (55,11%), houve predomínio de sementes. A maior abundância de insetos nos meses mais frios possivelmente evidencie menor disponibilidade de flores e frutos. A maior parte das sementes foi de *Ficus cestrifolia* e *Cecropia catarinensis*. Encontraram-se fibras de frutos em todas as amostras, porém foram consideradas como material não-identificado. O pólen de *Eucalyptus* sp. também esteve presente em todas as amostras, isso pode ser explicado pela alta quantidade de árvores desse gênero próximas ao abrigo. Na análise comparativa dos dados obteve-se x^2=2621,90 ($x^2$10;001=29,59) indicando diferença estatisticamente significativa entre os itens alimentares ao longo dos meses estudados. Os resultados obtidos permitem interpretar que *Glossophaga soricina* adapta sua dieta à oferta dos itens alimentares, indicando que possui hábito oportunista e onívoro.

Palavras-chave: região neotropical, insetos, *Ficus cestrifolia*

Financiadores: FAPERGS

INFLUÊNCIA DA TEMPERATURA E UMIDADE RELATIVA DO AR NA ABUNDÂNCIA E RIQUEZA DE MORCEGOS (MAMMALIA, CHIROPTERA) EM UM FRAGMENTO DE MATA RIPÁRIA NO SUL DO BRASIL

João Eduardo Cavalcanti Brito (Universidade Estadual de Maringá / britojec@gmail.com)
Janaina Gazarini (Universidade Estadual de Londrina)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

Tanto fatores bióticos como abióticos são fundamentais para propiciar condições para o estabelecimento de espécies em ecossistemas terrestres. Nesse contexto, a riqueza e abundância de espécies serão de algum modo associadas às condições do ambiente da região onde estiverem presentes, influenciando a dinâmica e estrutura da comunidade. Este trabalho teve como objetivo verificar a provável influência da temperatura e da umidade relativa do ar na taxa de captura morcegos. As coletas foram realizadas no Recanto Marista, que possui 57,6 hectares, dos quais 40,8 cobertos por floresta estacional semidecidual (mata ciliar do rio Ivaí), situado no município de Doutor Camargo (23º33' S e 52º13' O), que se insere na Mesorregião Norte Central do Paraná de Clima subtropical úmido (Cfb). Foram realizadas 12 noites de coletas com seis redes de neblina do tipo *mist net* (7 x 2,5 m), abertas logo após o pôr do sol e fechadas ao completar sete horas de amostragem, totalizando 84 horas. A temperatura e a umidade foram aferidas no início e final da coleta, utilizando um termo-higrômetro digital. Foram consideradas média e variação de temperatura e umidade da noite. Para a análise dos dados foi utilizada correlação, pelo cálculo do coeficiente r de Pearson. Nesta área foram registradas as seguintes espécies de morcegos: *Artibeus lituratus*, *Sturnira lilium*, *Carollia perspicillata*, *Artibeus fimbriatus*, *Artibeus planirotris*, *Myotis nigricans*, *Desmodus rotundus*, *Eptesicus furinalis*, *Lasiurus blossevillii* e *Pygoderma bilabiatum*. Foram correlacionados o número de indivíduos e a riqueza de espécie capturados na noite, com a média e a variação de temperatura e umidade. De todas correlações a única que teve resultado significativo foi a de riqueza de espécies com média de temperatura, que correlacionou negativamente. Demonstrando, dessa forma, que a riqueza de espécies das capturas aumentou conforme a média de temperatura diminuiu. Isto pode ter ocorrido pelo fato de um maior número de espécies tolerarem uma faixa de temperatura mais amena, porém, geralmente, a oferta de alimentos (insetos ou frutos) é menor nessas temperaturas, assim, para forragear, os morcegos teriam que voar por mais tempo e maiores distâncias, sendo capturados.

Palavras-chave: Mata ciliar, Fatores abióticos, Morcego

INFORMAÇÕES PRELIMINARES SOBRE A DIETA NATURAL DE MORCEGOS EM ÁREAS DE ALTITUDE NO EXTREMO NORTE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Daniel Tavares Rosa (Mastozoologia / UNIRIO/ dtavaresrosa@gmail.com)
Bruno Bret Gil (Mastozoologia / UNIRIO)
Rafael Barbosa Pinto (Lab. de Biodiversidade e Biotecnologia / UNIRIO)
Leonardo Santos Avilla (Mastozoologia / UNIRIO)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

A análise fecal tem importância reconhecida na identificação da dieta e do comportamento de mamíferos. Os quirópteros têm hábitos alimentares extremamente diversificados, ocupando praticamente todos os grupos tróficos. O inventário vem sendo conduzido na região serrana do estado do Rio de Janeiro, município de Sumidouro, acima de 800m de altitude em formação rochosa do tipo *Inselberg*. Os morcegos foram capturados com o auxílio de redes de neblina, armadas em entradas de cavidades naturais subterrâneas (CNS) e na área de sub-bosque. O esforço de captura foi de 6m²/h/noite. Os morcegos capturados foram acondicionados em sacos de pano, individuais, para reduzir o estresse de captura e a troca de parasitos, além de possibilitar a coleta de material fecal. Estes sacos não foram reutilizados durante a mesma coleta. As amostras coletadas foram armazenadas individualmente em recipientes plásticos esterilizados, e posteriormente lavadas e peneiradas, descartando a parte solúvel. O material retido foi dessecado à temperatura ambiente, e depois analisado com auxílio de um microscópio estereoscópico. Foram registradas na localidade 35 exemplares de morcegos pertencentes a 8 espécies diferentes, todos da família Phyllostomidae. Foram coletadas 15 fezes, distribuídas em 6 espécies: *Anoura caudifera* (n=5), *Carollia perspicillata* (n=3), *Chiroderma doriae* (n=2), *Vampyressa pusilla* (n=2), *Artibeus obscurus* (n=2) e *Platyrrhinus recifinus* (n=1). Não foi possível coletar as fezes de *Artibeus lituratus* e *Desmodus rotundus*. Em 100% das fezes foram encontrados material fibroso de origem vegetal. Foram encontradas 3 espécies vegetais a partir de sementes - *Solanum* sp. foi registrada para *Artibeus obscurus*; *Piper* sp. para *Carollia perspicillata*; e, *Ficus* sp. para *Vampyressa pusilla* e *Platyrrhinus recifinus*. Em *Chiroderma doriae*, *Carollia perspicillata* e *Artibeus obscurus* foram encontrados vestígios da rede de neblina. Em uma das fezes de *Vampyressa pusilla* foi encontrado um pedúnculo foliar. Os resultados encontrados já eram esperados, visto que estes frutos fazem parte da dieta alimentar dessas espécies, porém pouco se sabe sobre a ocorrência de *Solanum sp*. para *Artibeus obscurus*. Não foi possível identificar o potencial dispersor de cada espécie, porém sabe-se que os membros da família Phyllostomidae desempenham importante papel na dispersão de sementes. Aparentemente duas espécies compartilham uma mesma dieta, entretanto mais dados são necessários para afirmar se existe competição entre essas espécies. Esta contribuição é o inicio de um estudo de médio-longo prazo que faz parte do projeto de monografia dos autores.

Palavras-chave: Morcegos, Rio de Janeiro, Dieta

Financiadores: FAPERJ, UNIRIO

EFEITO DO BALANÇO OFERTA-DEMANDA SOBRE O NICHO DE MORCEGOS E AVES EM REDES DE DISPERSÃO DE SEMENTES

Flávia M. D. Marquitti (Departamento de Botânica/ UFSCar/ flamarquitti@gmail.com)
Marco Aurelio Ribeiro Mello (Departamento de Botânica/ UFSCar)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

As características do nicho ecológico de uma espécie variam de acordo com as condições ambientais, entre elas o balanço entre a oferta e a demanda por recursos. No presente estudo, testamos como esse balanço oferta-demanda influencia a largura e a sobreposição do nicho de morcegos e aves em redes de dispersão de sementes, considerando que este é um dos principais mutualismos facultativos em florestas tropicais. Usamos dados publicados de 17 redes neotropicais com registros de interações morcego-fruto e ave-fruto. Representamos a demanda por recursos como o número de espécies de animais que competem entre si por frutos, e a oferta como o número de espécies de frutos em cada rede. Consideramos a média do número de plantas que cada espécie de animal dispersa em cada rede (*K*) como uma medida da largura média dos nichos. Usamos o índice de especialização individual E para representar o grau de sobreposição de nichos. Observamos, em ambos os tipos de rede, que os animais usam uma quantidade menor de frutos, em redes com maior número de competidores. Porém, em redes com maior riqueza de plantas, os animais consomem uma proporção ainda maior dos frutos do que em redes menos ricas (r^2=0,66; p=0,003; ßplantas=1,34; ßanimais=-0,73). Por outro lado, a variação no número de espécies de plantas e animais não influenciou o grau de sobreposição de nichos nas redes (r^2=0,03; p=0,838). Concluímos que a regulação da competição em função do balanço oferta-demanda é feita através da variação na largura dos nichos, em redes de dispersão de sementes formadas por morcegos e aves e não através da sobreposição de nichos. Este resultado deve ser geral para outras redes de mutualismo facultativo, como polinização, onde uma mesma espécie pode potencialmente interagir com várias outras. Provavelmente, em redes de mutualismo íntimo, como mirmecofilia, este efeito não seja o mesmo, pois a competição por um mesmo recurso deve ser mais acirrada, já que o número potencial de pares com os quais é possível interagir é muito menor.

Palavras-chave: mutualismo, Chiroptera, Aves, frugivoria, redes complexas

Financiadores: FAPESP (processo n° 2006/00265-0)

COMPARAÇÃO DA UTILIZAÇÃO DE RECURSOS ALIMENTARES POR *STURNIRA LILIUM* E *STURNIRA TILDAE*

Beatrice Stein Boraschi dos Santos (Laboratório de Biologia Animal - DCN, FURB beaboraschi@gmail.com)
Sérgio Luiz Althoff (Laboratório de Biologia Animal - DCN, FURB)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

A Ordem Chiroptera é um dos grupos de mamíferos mais diversificados tanto em espécies como em hábitos alimentares. Estes são essenciais na manutenção da diversidade biológica de ecossistemas que habitam, pois se alimentam de espécies vegetais das quais são importantes dispersores de sementes. O estudo foi realizado no Parque Natural Municipal Nascentes do Garcia, localizado nos municípios de Blumenau e Indaial, Santa Catarina. Com área de 5.400 hectares, o Parque apresenta tanto área Primária não alterada como também os diversos estágios de sucessão. As coletas das amostras foram realizadas através da captura de morcegos em redes de neblina, durante três noites por mês em duas localidades: Rancho do Mono e Terceira Vargem. O período de coletas foi de abril de 2004 a junho de 2006. Os morcegos foram mantidos em sacos de algodão por no mínimo duas horas para eliminar suas fezes. As amostras coletadas em campo foram armazenadas em sacos de papel. No laboratório foram triadas com auxílio de um microscópio esteroscópico com aumento de até 20x, lavadas e as sementes foram posteriormente identificadas, assim como outros componentes das amostras. As sementes identificadas estão depositadas na coleção científica da Universidade Regional de Blumenau (FURB). No período de estudo foram obtidas 234 amostras fecais sendo 213 de *Sturnira lilium* e 21 de *Sturnira tildae*. Os indivíduos de *S. lilium* apresentaram uma dieta mais diversificada composta por 12 itens alimentares, dentre estes destacam-se *Solanum sp., Piper sp., Cecropia glaziovii* e morfo sp3 representando 80,4%, de sua dieta, na localidade do Rancho do Mono e 75,38% na Terceira Vargem. Os resultados apontam uma preferência por *Solanum* sp. com 51,68% para o Rancho do Mono e 46,03% para a Terceira Vargem, os demais itens apresentam uma diferença na utilização em cada área, sendo que a segunda espécie mais consumida na localidade Rancho Mono foi a morfo sp3 (10,34%) e na Terceira Vargem foi *Piper* sp. (19,84%). Já para os indivíduos de *S. tildae* a alimentação foi composta por apenas 5 itens alimentares em ambas as localidades, os quais mostraram preferência por *Piper* sp. com 25% para o Rancho Mono e 41,66% para Terceira Vargem. Tanto indivíduos de *S. lilium* como *S. tildae* apresentaram insetos como componente de sua alimentação, porém em muito baixa freqüência. Através deste estudo, observa-se que os morcegos são eficientes dispersores de sementes pioneiras podendo assim influenciar a manutenção biológica em áreas de regeneração.

Palavras-chave: Quirópteros, *Solanum* sp., Dieta

Financiadores: DCN/FURB

PRIMEIROS REGISTROS DE MORTALIDADE DE QUIRÓPTEROS POR COLISÃO COM AEROGERADORES EM PROJETOS EÓLICOS NO BRASIL

Ana Maria Rui (Lab. Ecologia/ Depto Zoologia e Genética/ UFPel/ ana.rui@ufpel.edu.br)
Marília A.S. de Barros (Maia Meio Ambiente Ltda)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

A energia eólica é renovável, ambientalmente limpa e sua utilização está em expansão em praticamente todo o mundo. Apesar das inúmeras vantagens da geração de energia eólica, estes empreendimentos estão associados à mortalidade por colisão de aves e quirópteros. Em países do hemisfério norte, pesquisas sobre impactos de parques eólicos nas populações de aves e morcegos têm sido realizadas e uma razoável literatura sobre o assunto está disponível. Na América do Sul, e especificamente no Brasil, não existem dados sobre o assunto. O objetivo deste trabalho é apresentar os primeiros dados qualitativos de mortalidade de espécies de quirópteros em um projeto eólico no Brasil. O monitoramento da mortalidade está sendo realizado desde julho de 2006 no "Aproveitamento Eólico Integral de Osório", instalado no município de Osório, no norte da Planície Costeira do Rio Grande do Sul, em região de Floresta Atlântica *sensu strictu*. O empreendimento é composto por três parques eólicos, com 25 aerogeradores dispostos em duas linhas, totalizando 75 aerogeradores, com cerca de 135m de altura. A mortalidade de morcegos é avaliada por amostragem, sendo que cada aerogerador é revisado para a busca de carcaças a cada 28 dias (4 semanas). A revisão é realizada em uma área de um hectare (100 x 100 m) previamente delimitada em torno das torres dos 75 aerogeradores, durante cerca de 30 min, simultaneamente por dois observadores. Foram registrados casos de colisão de morcegos de oito espécies de três famílias: *Tadarida brasiliensis*, *Molossus molossus*, *Nyctinomops laticaudatus* e *Promops nasutus* (Molossidae); *Lasiurus cinereus*, *Lasiurus ega* e *Lasiurus blossevillii* (Vespertilionidae); e *Artibeus lituratus* (Phyllostomidae). Os registros de mortalidade de *M. molossus*, *N. laticaudatus*, *P. nasutus*, *L. ega* e *A. lituratus* são novos em projetos eólicos. O caso de colisão de A. lituratus é o primeiro registro de mortalidade de uma espécie de morcego filostomídeo. Os dados indicam que a mortalidade é altamente seletiva, não havendo relação direta entre a riqueza de quirópteros na área e a amostra de espécies vítimas de colisão. Espécies de morcegos insetívoros das famílias Molossidae e Vespertilionidae, principalmente aqueles que realizam migrações, são dominantes na amostra. Aspectos comportamentais devem ser determinantes das probabilidades de colisão das espécies e devem ser investigados.

Palavras-chave: Molossidae, Vespertilionidae, Rio Grande do Sul; monitoramento fauna;

Financiadores: Ventos do Sul Energia e Maia Meio Ambiente

RIQUEZA DE MORCEGOS (MAMMALIA, CHIROPTERA) EM DOIS FRAGMENTOS FLORESTAIS NO MUNICÍPIO DE TEOTÔNIO VILELA, ALAGOAS, BRASIL

Marcela Daher (Dep. Zoologia/ UFRPE / marceladaher@gmail.com)
Geraldo Jorge Barbosa de Moura (Dep. Paleontologia/UFPE)
Geraldo Gomes de Barros Neto (Dep. Sócio-Ambiental / Usina Seresta)
Fernando Carvalho (Lab. de Ecologia de Paisagem / UNESC)
Cristian Cavalcante Félix (Dep. Ambiental/ IPMA)
Aldir Vieira Santos Junior (Museu de História Natural/ UFAL)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

A fragmentação de habitats e os desmatamentos são tidos como os principais responsáveis pela perda da diversidade. Estudos de levantamentos de espécies podem fornecer subsídios para explicar os efeitos desta ação antrópica sobre a estrutura de comunidades em diversos habitats. Devido a ampla distribuição e a grande diversidade ecológica, morcegos vêem sendo utilizados como ferramentas na identificação dos processos ecológicos envolvidos na perda e transformação de habitats naturais. O presente estudo teve como objetivo fornecer uma estimativa da composição da quiropterofauna em dois fragmentos florestais no município de Teotônio Vilela, em Alagoas. Para a amostragem foram selecionados dois fragmentos de Mata Atlântica, a Reserva Particular do Patrimônio Nacional (RPPN) de Gulandim (09º56'19"S e 36º22'17"W) com 42 ha e RPPN Madeiras (09º51'55"S e 36º20'08"W) com 141 ha, ambas localizadas na propriedade da Usina Seresta, estando inseridos em matriz predominantemente agrícola. Entre outubro de 2007 e março de 2008 foram realizadas 12 noites de coleta, sendo que para cada noite foram armadas cincos redes de neblina, as quais permaneceram abertas em média por seis horas após o pôr-do-sol. Com um esforço amostral total de 12.960 h.m^2 foram capturados 97 morcegos pertencentes a quatro famílias, 10 gêneros e a 12 espécies. A família Phyllostomidae albergou a maior riqueza (n=9), ao passo que Vespertilionidae, Molossidae e Noctilionidae contribuíram com somente uma espécie cada. Em ordem de abundância foram: *Carollia perspicillata* (49,5%); *Artibeus cinereus* (19,59%); *Platyrrhinus lineatus* e *Desmodus rotundus* (6,18% cada); *Phyllostomus discolor* e *Sturnira lilium* (4,12% cada); *Artibeus jamaicensis* (3,1%); *Glossophaga soricina* e *Sturnira* sp. (2,06% cada); *Molossus rufus*, *Myotis nigricans* e *Noctilio leporinus* (1,03% cada). Mesmo os fragmentos estando inseridos em matriz formada predominantemente por plantações de cana-de-açúcar, esses ainda mantêm uma parcela considerável da fauna regional, porém não se descarta ter ocorrido simplificação da estrutura da taxocenose de morcegos, em decorrência dos processos antrópicos. Em paisagens fragmentadas os pequenos fragmentos possuem fundamental importância na conservação da quiropterofauna, onde funcionam como ilhas de diversidade, fornecendo abrigo e alimento as espécies ainda presentes. A continuidade deste inventário regional, priorizando unidades de conservação, torna-se necessária para um melhor estabelecimento do status de conservação de subgrupos taxonômicos e na proposição de medidas de monitoramento e conservação. Para a elaboração da comunidade de quirópteros desta área serão realizadas coletas até outubro de 2009, quando serão completados dois anos de coletas.

Palavras-chave: Quirópteros, Phyllostomidae, Fragmentação, Conservação

Financiadores: Usina Seresta

SAZONALIDADE REPRODUTIVA DE *ARTIBEUS PLANIROSTRIS* EM ÁREA URBANA NA CIDADE DE FORTALEZA, CEARÁ

C. C. Nobre (Universidade Federal do Ceará / UFC / carla_clarissa@yahoo.com.br)
N. M. Gurgel-Filho (Universidade Federal do Ceará)
T. M. Amorim (Universidade Federal do Ceará)
F. A C. Monteiro (Universidade Federal do Ceará)
P. Cascon (Universidade Federal do Ceará)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

Fatores como temperatura e disponibilidade de alimentos podem influenciar e determinar os períodos reprodutivos em morcegos. O objetivo do presente estudo foi verificar a ocorrência de estacionalidade reprodutiva em uma população de *Artibeus planirostris* localizada em uma área urbana próxima a um fragmento de 4 há de Floresta Estacional Semidecídua, na Cidade de Fortaleza, Ceará. Foram realizadas coletas quinzenais entre Agosto de 2005 e Julho de 2006 com redes de neblina, evitando-se as noites de lua cheia, em pontos próximos à região da borda do fragmento. Foram capturados 165 indivíduos adultos, sendo 91 fêmeas e 74 machos. Os animais capturados foram identificados com chave de determinação apropriada e sua idade e condições reprodutivas foram verificadas através da visualização de caracteres sexuais externos e apalpamento. Não foi encontrada diferença significativa entre as proporções de machos e fêmeas durante o ano de estudo. O padrão reprodutivo encontrado para a população de *A. planirostris* estudada foi a poliestria bimodal, com dois picos reprodutivos durante o ano, o primeiro associado à estação seca e o outro à estação chuvosa. Não foi encontrada correlação entre os valores de fêmeas lactantes e a pluviosidade. Por outro lado, verificou-se maior ocorrência de grávidas e lactantes na estação seca, o que se deve possivelmente a disponibilidade de recursos alimentares provenientes da arborização urbana com frutificação ocorrendo nessa estação em *Terminalia cattapa*, *Mangifera indica* e *Anacardium occidentale* além de exemplares de *Cecropia palmata* frutificando na borda do fragmento.

Palavras-chave: morcegos, reprodução, frugivoria, estacionalidade climática

QUIRÓPTEROS EM ÁREAS DE CULTIVO E ÁREAS DE PASTAGEM NO MUNICÍPIO DE ALFREDO CHAVES, ESPÍRITO SANTO

Poliana Mendes (LABEQ/ UFES/ polimendes@gmail.com)
Thiago Bernardi Vieira (LABEQ/ UFES)
Monik Oprea (Division of Mammals/ NMNH)
Albert David Ditchfield (LABEQ/ UFES)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

Atualmente a Mata Atlântica é considerada uma das formações florestais naturais mais ameaçadas do planeta. Na região do município de Alfredo Chaves, Espírito Santo, ocorreu um intenso processo de degradação das encostas dos morros e das baixadas, para implantação de lavouras de café, plantações de banana e pastagens. Isto fez com que a vegetação natural fosse transformada em fragmentos restritos a afloramentos rochosos e locais de difícil acesso. Os morcegos apresentam um grande potencial como indicadores de níveis de perturbação de habitats devido a grande diversidade e abundância nas regiões tropicais, além de desempenharem várias funções na regeneração de populações vegetais como a dispersão de sementes e polinização. Este trabalho teve como objetivo comparar a fauna de quirópteros em áreas de cultivo e de pastagem no distrito de Cachoeira Alta, município de Alfredo Chaves, Espírito Santo, além da confecção de uma lista de espécies de morcegos para esta localidade. Foram realizadas 14 noites de capturas (entre fevereiro de 2006 e outubro de 2007), no qual foram dispostas entre três e 17 redes de neblina (com 22,5m² cada) que permaneceram abertas durante 6 horas após o pôr-do-sol. Das 14 noites de captura, quatro foram realizadas em um pomar (24 redes), seis em um bananal (58 redes), quatro em um pasto (43 redes). Ao total foram 498 capturas e 19 espécies de morcegos, sendo elas: Anoura caudifer, Anoura geoffroyi, Artibeus fimbriatus, Artibeus lituratus, Carollia perspicillata, Desmodus rotundus, Glossophaga soricina, Lophostoma brasiliensis, Molossus molossus, Molossus rufus, Myotis nigricans, Noctilio leporinus, Phyllostomus discolor, Phyllostomus hastatus, Platyrhinus lineatus, Rhinchonycteris naso, Rhinophylla pumilio, Sturnira lilium, Trachops cirrhosus. O sucesso de captura no pomar foi de 4,21 capturas por rede, no bananal 4,67, no pasto 2,52. O pasto obteve o menor sucesso de captura, resultado já esperado devido à baixa diversidade de alimentos e abrigos no local. Além disso, 57,8% das capturas no pasto representaram morcegos insetívoros. Por outro lado, o bananal apresentou o maior número de capturas por rede, destes 89,7 % são frugívoros ou nectarívoros, já no pomar esse número foi de 89,1% do total de capturas. Nestes dois ambientes a oferta de frutos ocorre na maior parte do ano. Conhecer as alterações que as populações sofrem devido à fragmentação é de grande importância para entender os mecanismos de perda de espécies decorrentes deste processo.

Palavras-chave: Morcegos, Fragmentação, Mata Atlântica.

Financiadores: UFES

ESTUDO DE UM CASO DE MOVIMENTO DE *ARTIBEUS LITURATUS* (PHYLLOSTOMIDAE, CHIROPTERA) NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, BRASIL

Poliana Mendes (LABEQ/ UFES/ polimendes@gmail.com)
Thiago Bernardi Vieira (LABEQ/ UFES)
Monik Oprea (Division of Mammals/ NMNH)
Albert David Ditchfield (LABEQ/ UFES)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

A capacidade das espécies animais para atravessar a matriz está diretamente relacionada com a chance de sobrevivência destas em áreas fragmentadas. *Artibeus lituratus* apresenta capacidade de atravessar áreas desmatadas entre fragmentos. Além disso, esta espécie possui uma plasticidade alimentar que o permite sobreviver em ambientes antropizados, como áreas urbanas. O indivíduo de *A. lituratus* em questão foi capturado com redes de neblina, numa área de restinga no Parque Estadual Paulo César Vinha (PEPCV) (20º36'18" S e 40º25'18" W), e marcado com coleira de identificação numerada seqüencialmente. Sete meses após sua captura no PEPCV, em janeiro de 2007, o mesmo indivíduo de *A. lituratus* foi recapturado numa pastagem no município de Alfredo Chaves, próximo a uma figueira em frutificação (20°39'26" S e 40º45'39" W). Os dois pontos de captura são distantes 35,9 Km. Isto equivale a um deslocamento mínimo de 171 m por dia na direção do segundo local de captura. Mesmo aparentando ser uma distância pequena para um morcego deste porte, este registro representa um dos maiores deslocamentos para esta espécie. Estudos indicam que *A. lituratus* pode percorrer grandes distâncias em busca por alimento. A paisagem entre os pontos de captura e recaptura e composta por pequenos fragmentos florestais, cercados por pastagens e plantações, principalmente de banana e café. Isto indica que esta espécie possui certa capacidade de se deslocar em uma paisagem fragmentada.

Palavras-chave: Morcegos, Deslocamento, Fragmentação e Mata Atlântica.

Financiadores: PETROBRÁS/UFES

PREDAÇÃO OCASIONAL DE MORCEGOS EM FLORESTA DE VÁRZEA NO AMAPÁ

Isai Jorge de Castro (PPGBIO/ UNIFAP/ balateiro@yahoo.com.br)
Cláudia Regina da Silva (Divisão de Zoologia/ IEPA)
Ana Carolina Moreira Martins (Divisão de Zoologia/ IEPA)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

Diferentes espécies de serpentes, mamíferos e aves são conhecidas predadoras de morcegos. Estes registros ocorrem geralmente, em colônias de morcegos em abrigos como as cavernas. Registros de predação incidem, também, em indivíduos capturados em redes de neblina durante estudos de quiropterofauna. Estes eventos são mais freqüentemente efetuados por gambás do gênero *Didelphis*, corujas e morcegos carnívoros, como *Chrotopterus auritus*. No entanto, dependendo da região pode-se esperar a predação por outros animais como gatos domésticos, cães e rãs. Assim o objetivo deste trabalho é comunicar a ocorrências de predação ocasional observadas durante estudos realizados no período de maio de 2007 à abril de 2008, em área de floresta de várzea na APA do Rio Curiaú, Amapá. Os morcegos foram capturados com a utilização de 10 redes de neblina de 12x2,5m armadas no sub-bosque. As redes foram abertas no período de 18:00 às 0:00 h e revistadas a cada 20 ou 30 minutos. Em todo este período de trabalho, registrou-se três casos de predação ocasional de morcegos. Dois *Artibeus planirostris* e um *Carollia perspicillata* foram predados, respectivamente, por duas espécies de marsupiais: *Didelphis marsupialis* e *Philander opossum*. E um indivíduo de *Carollia perspicillata* por uma espécie de anura, *Leptodactylus pentadactylus*. A espécie *C. perspicillata* foi predada em uma rede de neblina armada sobre um pequeno córrego, na primeira bolsa próxima ao solo. *A. planirostris* foram predados nas bolsas dois e três (aproximadamente de 30 a 90 cm do solo) das redes. Estes registros sobre predação, demonstram que os morcegos existentes na APA do Rio Curiáu, mantêm relações ecológicas com um vasto grupo de organismos. E desta forma, nota-se como é difícil a condução de estudos que mostrem o real impacto da predação em morcegos.

Palavras-chave: morcego, predação em rede, floresta de várzea, Amazônia.

Financiadores: Fundação Moore

CBMz

QUIRÓPTEROS DE FLORESTA DE VÁRZEA E CERRADO DA ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DO RIO CURIAÚ, AMAPÁ

Isai Jorge de Castro (PPGBIO/ UNIFAP/ balateiro@yahoo.com.br)
Arley José Silveira da Costa (PPGBIO/ UNIFAP)
Ana Carolina Moreira Martins (Divisão de Zoologia/ IEPA)
Edeivid Reis dos Santos (UNIFAP)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

O Amapá, com 72% do território constituído por áreas protegidas possui diversos ambientes, incluindo florestas de terra firme e várzea, campos inundáveis e áreas de cerrado, com elevada diversidade; ainda desconhecida em alguns ecossistemas. A carência de informações no Estado, sobre os grupos faunísticos que ocorrem em floresta de várzea e cerrado é alarmante. Este fato é ainda mais preocupante no caso dos morcegos, com raríssimos estudos neste ecossistema. Quirópteros atuam em inúmeros processos ecológicos: dispersão de sementes, polinização de flores e controle de populações de insetos, o que os torna imprescindíveis para manutenção dos ambientes tropicais, além de atuarem como bioindicadores. Assim, este estudo objetiva identificar e comparar a riqueza destes animais na floresta de várzea e cerrado da APA do Curiaú, Macapá. O estudo foi realizado entre maio de 2007 e abril de 2008, sendo estabelecidas seis parcelas de 25 ha., três em floresta de várzea e três no cerrado. As capturas foram realizadas, mensalmente em cada parcela, com dez redes de neblina de 12m x 2,5m, armadas ao longo de um transecto de 150 metros. Os morcegos capturados eram colocados em sacos de pano, tinham seus dados biométricos aferidos, identificados e liberados no local de captura. Com um esforço amostral de 7080 rede-horas, 1180 rede-horas em cada parcela, foram capturados 1944 indivíduos pertencentes a 52 espécies de cinco famílias, Phyllostomidae (n=40), Emballonuridae (n=7), Molossidae (n=2), Vespertilionidae (n=2) e Thyropteridae (n=1). Sete espécies foram capturadas somente no cerrado, 24 somente em floresta de várzea e 21 espécies foram comuns aos dois ambientes. Na floresta de várzea a espécie dominante foi *Artibeus planirostris* (n=500), seguido de *Carollia perspicillata* (282). No cerrado houve uma inversão, *Carollia perspicillata* (n=119) foi a dominante, seguido de *Artibeus planirostris* (n=112). O índice de Shannon demonstrou uma leve diferença entre floresta de várzea H'= 2,299 e cerrado H'= 2,427. A análise de cluster baseado no índice de Bray-Curtis revelou uma maior afinidade entre parcelas da mesma formação, exibindo dois grupamentos distintos, um representado pelas parcelas do cerrado com 0,69 e 0,55 de similaridade e outro pelas parcelas de floresta de várzea com 0,85 e 0,75 de similaridade, sugerindo preferência no uso do hábitat por algumas espécies de morcegos, mesmo quando os ambientes são contíguos. O padrão de distribuição das espécies é semelhante com outros estudos realizados na região, com *Artibeus planirostris* e *Carollia perspicillata* dominando os ambientes.

Palavras-chave: morcegos, floresta de várzea, cerrado, unidade de conservação, biodiversidade

Financiadores: Fundação Moore

PADRÃO REPRODUTIVO DE *ARTIBEUS PLANIROSTRIS* (SPIX, 1823) EM CERRADO E FLORESTA DE VÁRZEA NO ESTADO DO AMAPÁ

Isai Jorge de Castro (PPGBIO/ UNIFAP/ balateiro@yahoo.com.br)
Ana Carolina Moreira Martins (Divisão de Zoologia/ IEPA)
Arley José Silveira da Costa (PPGBIO/ UNIFAP)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

Em morcegos tropicais quatro padrões de comportamento reprodutivo, provavelmente relacionados à disponibilidade de alimento, são observados: poliestria assazonal, poliestrial sazonal, poliestrial bimodal e a monoestria sazonal. *Artibeus planirostris* (Spix, 1823), espécie amplamente distribuída e abundante na América do Sul, pertence à subfamília Stenodermatinae onde a maioria das espécies do gênero *Artibeus* apresenta como padrão a poliestria bimodal. Entretanto, há carência de informações sobre reprodução desta espécie em regiões da Amazônia como o Amapá. Assim o presente estudo teve como objetivo verificar o período reprodutivo de *Artibeus planirostris* na Área de Proteção Ambiental do Rio Curiaú. O estudo foi realizado em um período de 12 meses (maio/2007 a abril/2008) em floresta de várzea e cerrado na APA do Rio Curiaú, Amapá. Os morcegos foram amostrados mensalmente com o auxílio de redes de neblina em seis parcelas de 5 ha, sendo três em floresta de várzea e três no cerrado. Para determinar a condição reprodutiva e o estágio de desenvolvimento dos indivíduos capturados, as seguintes categorias foram consideradas: macho ativo (com testículos escrotados), macho inativo (juvenis ou com testículos no abdômen), fêmea inativa (juvenis ou sem a indicação externa de prenhez e lactação), fêmea pós-lactante (com mamas desenvolvidas e sem pêlo ao redor), fêmea lactante (com mamas desenvolvidas e com secreção de leite quando pressionadas) e fêmea grávida (com feto palpável). Durante o estudo foram capturados 612 espécimes, sendo 60% (n=369) fêmeas (94 lactantes, 36 pós-lactantes, 58 grávidas e 181 inativas) e 40% (n=243) machos (170 ativos e 73 inativos). Fêmeas grávidas foram encontradas com maior freqüência em dois picos, um nos meses de setembro e outubro, tanto na floresta de várzea como no cerrado e outro nos meses de fevereiro e março somente na floresta de várzea. As lactantes foram encontradas com maior freqüência nos meses de novembro e dezembro final da estação seca e com menor freqüência na estação chuvosa nos meses de janeiro a março. Machos ativos estiveram presentes em todos os meses do estudo (com maior percentual nos meses de setembro a dezembro), assim como machos e fêmeas inativas. Uma maior freqüência de fêmeas lactantes no final da estação seca pode indicar que o período de nascimento corresponda ao aumento da oferta de alimento (flores e frutos) como observado durante o de estudo.

Palavras-chave: reprodução, morcegos, Amapá, floresta de várzea, cerrado

Financiadores: Fundação Moore

OCORRÊNCIA DE *LASIURUS BLOSSEVILLII* (VESPERTILIONIDAE, CHIROPTERA) PARA O AMBIENTE DE RESTINGA

Thiago Bernardi Vieira (LABEQ / UFES / thiagobernardi007@gmail.com)
Poliana Mendes (LABEQ / UFES)
Monik Oprea (LABEQ / UFES)
Albert David Ditchfield (LABEQ / UFES)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

Lasiurus blossevillii (Lesson & Garnot 1826) é um vespertílionideo de hábitos solitários que se abrigam em folhagens e usualmente são observados forrageando em áreas abertas. Este morcego é classificado como insetívoro aéreo, e seu horário de atividade se concentra nas primeiras duas horas após o pôr do sol. Em áreas antropizadas, podem ser encontrados próximos a lâmpadas, devido a grande concentração de insetos ao redor destas. O registro de *L. blossevillii* para o ambiente de restinga foi baseado um exemplar capturado durante o projeto de comparação da quiropterófauna das lagoas do Parque Estadual Paulo Cesar Vinha (PEPCV), Guarapari, Espírito Santo, Brasil. O morcego foi capturado em uma das redes de neblina dispostas nas proximidades da Lagoa Vermelha, uma área de formação aberta de Clúsia. Esta lagoa é uma das três lagoas existentes no PEPCV. O espécime trata-se de uma fêmea adulta inativa, com 41,7mm de antebraço e peso igual a 8,0g capturada no dia 09 de fevereiro de 2007 as 20:30h. A área, onde o espécime foi capturado, é próxima às luminárias existentes na praça de pedágio da Rodovia do Sol (ES-040). O restante da rodovia não é iluminada. Esta ocorrência além representar a primeira captura da espécie para ambientes de restinga, constitui também o segundo registro de *L. blossevillii* para o estado do Espírito Santo. O registro anterior foi feito em 1951 pelo naturalista Augusto Ruschi. O conhecimento sobre a fauna das restingas brasileiras ainda é deficiente, por isso, é importante que novos dados sobre as áreas de restinga sejam adicionados à literatura, aumentando o conhecimento sobre este tipo de habitat.

Palavras-chave: morcegos, distribuição geográfica, conservação; Mata Atlântica

COMUNIDADES DE MORCEGOS DO ENTORNO DAS LAGOAS DO PARQUE ESTADUAL PAULO CESAR VINHA, GUARAPARI, ESPÍRITO SANTO

Thiago Bernardi Vieira (LABEQ / UFES / thiagobernardi007@gmail.com)
Poliana Mendes (LABEQ / UFES)
Monik Oprea (LABEQ / UFES)
Albert David Ditchfield (LABEQ / UFES)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

Poucos estudos foram realizados sobre organização e dinâmica de comunidades de morcegos. No Brasil, a mesma tendência é observada, e poucos autores se detiveram na análise de comunidade de morcegos propriamente dita. O Espírito Santo apresenta um grande potencial para estudos na Mata Atlântica, numa análise feita com morcegos da região sul e sudeste do Brasil, o Espírito Santo apresentou a maior diversidade de espécies quando comparado com os outros estados da região. A Restinga é uma das formações dentro da Mata Atlântica mais afetadas pela ocupação humana principalmente pela especulação imobiliária e exploração irregular de areia para a indústria da construção civil. No Parque Estadual Paulo Cesar Vinha (PEPCV) existem três lagoas, sendo elas: Caraís, separada do oceano pôr uma estreita faixa de areia que no período chuvoso se rompe mantendo uma comunicação com o mar; Feia e Vermelha separadas do mar pôr uma faixa de areia de aproximadamente 2km. O presente trabalho testou a hipótese de que a comunidade de quirópteros existente na lagoa de Caraís seria diferente da encontrada nas lagoas Feia e Vermelha. Para isso, foram realizadas capturas em média quinzenalmente durante o período de um ano. As coletas foram realizadas com redes de neblinas, abertas após o pôr do sol, e permanecendo assim pôr um período de 6 horas. As redes foram dispostas no entorno das três lagoas existentes no parque, sendo que cada noite de coleta uma lagoa diferente era amostrada através de 10 redes, visando assim uma amostragem igual para as três lagoas. Os fatores abióticos: salinidade, PH, condutibilidade e oxigênio dissolvido foram medidos uma vez pôr mês. Estes parâmetros foram medidos com o auxilio de um multiparametro tipo HI 991300, no Laboratório de Taxonomia de Algas Continentais/ UFES. Com 40 coletas, representado 1.600 m² de redes, foram obtidas 428 capturas, 22 recapturas, equivalendo a 406 indivíduos representados pelas famílias Phyllostomidae 98,6%, Vespertilionidae 1,17% e Molossidae 0,23%. A Lagoa Feia apresentou uma quiropterofauna mais semelhante a da Lagoa de Caraís, com relação aos dados físico-químicos, com relação à quiropterofauna a Lagoa Feia se assemelha mais com a Vermelha. A diferença na relação da quiropterofauna com os dados físico-químicos pode ter ocorrido devido a morcegos usarem recursos alimentares que não estavam relacionados com fatores físico-químicos da água, ou por serem capturados apenas quando estavam saindo ou retornando a seus abrigos, que se localizavam nas redondezas das respectivas lagoas.

Palavras-chave: morcegos, restinga, ecologia; Mata Atlântica.

Financiadores: UFES / PETROBRÁS

MECANISMOS DE COEXISTÊNCIA ENTRE DUAS ESPÉCIES DE *BAUHINIA* (LEGUMINOSAE) POLINIZADAS POR MORCEGOS (CHIROPTERA: PHYLLOSTOMIDAE)

Reinaldo Chaves Teixeira (Depto de Botânica / UFSCar / reicteixeira@yahoo.com.br)
Júlia Ramos Estêvão (Depto de Botânica / UFSCar)
Elisangela Fabiana Boffo (Depto de Química / UFSCar)
Antonio Gilberto Ferreira (Depto de Química / UFSCar)
Marco Aurelio Ribeiro Mello (Depto de Botânica / UFSCar)
Maria da Silva Matos (Depto de Botânica / UFSCar)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

Nos Neotrópicos, a diversidade de espécies em sistemas formados por plantas e seus polinizadores é muito alta, havendo várias possibilidades de formação de pares de mutualistas facultativos. Portanto, de acordo com o princípio da exclusão competitiva, quando espécies de plantas simpátridas compartilham um mesmo grupo de polinizadores, espera -se que elas desenvolvam mecanismos que relaxem a competição e permitam a coexistência. Sendo assim, investigamos os mecanismos que permitem a coexistência de duas espécies de *Bauhinia* polinizadas por morcegos. Realizamos o presente estudo na reserva de cerrado da UFSCar, SP, entre julho de 2007 e março de 2008. Selecionamos duas espécies ocorrentes na área como modelos de estudo: *Bauhinia holophylla* e *B. longifolia*. Fizemos medidas morfológicas das flores e analisamos a composição de carboidratos do néctar. Monitoramos a fenologia de floração de 31 indivíduos de *B. holophylla* e 18 de *B. longifolia* quinzenalmente. Identificamos os morcegos visitantes por meio de capturas em redes de neblina. As flores de *B. holophylla* apresentaram comprimento total 24% maior do que as de *B. longifolia*. A composição de carboidratos no néctar foi idêntica nas duas espécies: Glucose-1, Glucose-2, Frutopiranose, Frutofuranose e Sacarose, enquanto a concentração de solutos foi 17,5% maior em *B. longifolia* (16,1±2,5%) do que em *B. holophylla* (13,7±2,1%). Ambas as espécies secretaram um volume de néctar semelhante ao longo da noite. O horário de secreção de néctar foi similar em ambas as espécies, com volume e concentração altos logo após a abertura floral, decaindo depois ao longo da noite. O pico de floração ocorreu em janeiro para *B. holophylla* e em fevereiro para *B. longifolia*. Morcegos foram os principais visitantes legítimos de ambas as espécies, sendo as guildas muito similares e havendo domínio de *Glossophaga soricina*. Concluímos que a coexistência dessas duas espécies de *Bauhinia* é permitida através de uma diferença sutil na fenologia de floração. Isso porque os morcegos não se alimentam exclusivamente delas, podendo escolher entre elas e outras flores, ou até mesmo comer frutos. Como essas espécies de *Bauhinia* não selecionam suas guildas de vetores através da morfologia e qualidade do néctar, e considerando que elas devem ter requerimentos de água e luz similares limitando sua estação reprodutiva, a saída parece ter sido florescer em semanas ligeiramente diferentes. Esperamos que o padrão se repita em outros conjuntos de plantas cogenéricas, pois esta parece ser a solução mais econômica.

Palavras-chave: nicho, polinização, partilha de recursos, competição

Financiadores: CAPES, FAPESP

ESTRUTURA DA COMUNIDADE DE MORCEGOS (MAMMALIA: CHIROPTERA) DO PARQUE ESTADUAL DA PEDRA BRANCA E SEU ENTORNO, RIO DE JANEIRO, RJ

Shirley S. P. Silva (Fundação Instituto Estadual de Florestas - IEF/RJ (batshirley@gmail.com))
Alexandre P. Cruz (Projeto Morcegos da Floresta)
Juliana Cardoso Almeida (Instituto Oswaldo Cruz)
Cristiana P. A. Mendes (Fundação Instituto Estadual de Florestas - IEF/RJ)
Adriano L. Peracchi (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

Levantamentos de espécies animais podem fornecer subsídios para explicar os efeitos de ações antrópicas na estrutura de comunidades em diversos habitats. Os morcegos pela sua ampla distribuição e alta diversificação de nichos servem de indicadores ecológicos no tocante a análise da sua riqueza e diversidade em áreas onde a cobertura florestal ainda é significativa, o que pode auxiliar na elaboração de estudos de manejo e conservação dessas áreas. Este estudo iniciou-se em 1994, em áreas do Parque Estadual da Pedra Branca (PEPB) administrado pela Fundação Instituto Estadual de Florestas (IEF/RJ) e a partir de 2008 em seu entorno próximo em uma área denominada Fazenda Marambaia, administrada pela Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ). Os morcegos capturados com *mist-nets* foram identificados e colocados em sacos de algodão para recolhimento das fezes, visando identificação dos itens alimentares utilizados. A riqueza das espécies encontradas pode ser considerada alta, em comparação ao número registrado para o município do Rio de Janeiro, pois foram identificadas 29 espécies, o que corresponde a 72% do total. A família Phyllostomidae apresentou o maior número de espécies (n=25), sendo a sub-família Stenoderminae que apresentou o maior número de indivíduos (n=743) com o gênero *Artibeus* contribuindo com 96% do total, seguido por Carollinae (n=154), Desmodontinae (n=94), Glossophaginae (n=43) e Phyllostominae (n=07). As Famílias Noctilionidae e Molossidae apresentaram 01 espécie cada e Vespertilionidae com 02 espécies. Em relação aos hábitos alimentares estrutura da comunidade é composta por morcegos frugívoros (n=12), nectarívoros (n=04), insetívoros (n=08), hematófagos (n=02), piscívoro (n=01), carnívoro (n=01), onívoro (n=01). Durante a análise dos resíduos fecais observou-se que alguns quirópteros nectarívoros e frugívoros utilizaram mais de um tipo de fonte alimentar: frutos, insetos e pólen. Comparando-se a dieta das espécies de *Artibeus*, observa-se que *A. lituratus* e *A. fimbriatus*, apesar de demonstrarem uma preferência por frutos, apresentaram um padrão generalista devido à variedade de frutos consumidos e pela incorporação de insetos e pólen, já *Artibeus obscurus* utilizou apenas frutos. Os Glossophaginae utilizaram preferencialmente recursos florais, porém *Glossophaga soricina* complementou com frutos e insetos sua dieta. Dentre os Phyllostominae, *Phyllostomus hastatus* apresentou-se mais generalista, incluindo insetos, frutos e recursos florais e os demais utilizaram apenas insetos ou não eliminaram resíduos. Assim pode-se inferir que as regiões estudadas apresentam recursos alimentares suficientes, que dão suporte a comunidade de morcegos que podem substituí-los em caso de escassez devido a mudanças ambientais ou para evitar competição interespecífica.

Palavras-chave: Chiroptera, Hábito alimentar, Diversidade, PEPB

ESTRUTURA DA ASSEMBLÉIA DE MORCEGOS (MAMMALIA, CHIROPTERA) EM QUATRO DIFERENTES ESTÁGIOS SUCESSIONAIS EM UMA FLORESTA ESTACIONAL DECIDUAL NO PARQUE ESTADUAL DA MATA SECA - MANGA - MG

L.A.D. Falcão (Laboratório de Zoologia / UNIMONTES / luizfalcao1706@hotmail.com)
F.A. Ferreira (Laboratório de Zoologia / UNIMONTES)
R.N.S.L. Garro (Laboratório de Zoologia / UNIMONTES)
M.S. Pinheiro (Universidade Federal de Minas Gerais)
L.D.A. Cabadilla (Universidad Nacional Autónoma de México - UNAM)
K.E. Stoner (Universidad Nacional Autónoma de México - UNAM)
L.O. Leite (Laboratório de Zoologia / UNIMONTES)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

As Florestas Estacionais Deciduais, também chamadas de Mata Seca, são áreas de vegetação florestal com predomínio de árvores caducifólias com estrutura e composição florística muito variadas. São caracterizadas por apresentar duas estações climáticas bem definidas, uma chuvosa seguida de longo período seco. Dentre os fatores que podem influenciar a diversidade animal, pode-se citar as espécies vegetais em uma determinada área e, ainda, os diferentes estágios de sucessão, já que estes podem influenciar diretamente diversos grupos animais dentre eles os morcegos. Dentre todos os mamíferos, os morcegos possuem a segunda maior diversidade e são distribuídos em 17 famílias. Morcegos são considerados os mamíferos mais bem distribuídos geograficamente e, embora estudos no Brasil sejam considerados insatisfatórios, sabe-se que a quiropterofauna influencia de muitas maneiras a dinâmica em ecossistemas naturais. Num contexto amplo, as florestas tropicais secas têm sido pouco estudadas se comparadas a florestas tropicais úmidas, embora se saiba que esses ambientes possuem características únicas. Diante disto, o objetivo do presente trabalho foi realizar uma análise da diversidade, composição trófica e variação temporal, da assembléia de morcegos presentes no Parque Estadual da Mata Seca, localizado no município de Manga, norte de Minas Gerais entre as coordenadas 14^{o}97'02"S- 43^{o}97'02"W e 14^{o}53'08"S- 44^{o}00'05"W. Foram selecionadas 12 áreas, sendo três por estágio, em quatro diferentes estágios sucessionais: pasto, floresta inicial, floresta intermediária e floresta tardia. Para captura dos morcegos utilizou-se 10 redes de neblina dispostas em possíveis rotas de vôo e que permaneciam abertas cerca de cinco horas desde o anoitecer. Os indivíduos capturados foram processados registrando medidas necessárias para caracterização e identificação, marcados com uma anilha metálica e soltos. Foram realizadas três coletas (abril, maio e setembro de 2007) totalizando cerca de 180 horas/rede de amostragem. Um total de 227 indivíduos pertencentes a 30 espécies e três famílias foram amostrados. A família Phyllostomidae foi a mais representativa com 201 indivíduos, 88,63% da abundância total. Morcegos frugívoros totalizaram 35,27% (79) do amostrado sendo então a guilda mais representativa no trabalho. Não foi observada diferença significativa (p>0,05) na diversidade de morcegos entre os estágios sucessionais amostrados, fato provavelmente relacionado à grande diferença na abundância e riqueza observada entre áreas de um mesmo estágio sucessional. Por outro lado a quiropterofauna apresentou diferença significativa (p=0,03) entre as épocas de amostragem, sendo possivelmente resposta a uma flutuação da quantidade de recursos disponíveis.

Palavras-chave: comunidade, quiropterofauna, diversidade, guildas tróficas, regeneração

Financiadores: Tropi dry - FAPEMIG

MORCEGOS DA RPPN BURACO DAS ARARAS E NOVO REGISTRO DE *MICRONYCTERIS SCHMIDTORUM*, JARDIM, MATO GROSSO DO SUL

Carolina Ferreira Santos (UFMS / santoscaro@gmail.com)
Luiz Felipe Alves da Cunha Carvalho (UFMS)
Nicolay Cunha (UFMS)
Erich Fischer (UFMS)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

Os morcegos são sensíveis à fragmentação de habitat e, por serem ecologicamente diversos, apresentam vulnerabilidade diferencial entre as espécies. A RPPN Buraco das Araras é uma dolina elíptica com 8750 m^2 e 100 m de profundidade no município de Jardim, extremo sul da Serra da Bodoquena, Mato Grosso do Sul. Possui paredes escarpadas constituídas de arenitos da Formação Aquidauana. A vegetação predominante é o Cerrado, com manchas de matas secundárias oriundas de áreas de pastagens abandonadas. Os morcegos foram capturados em quatro noites em novembro de 2007 e cinco noites em janeiro de 2008, com auxílio de oito redes-neblina de 9, 12 ou 18 m de comprimento por 2,8 m de largura, armadas próximas ao solo. As redes foram abertas ao anoitecer e fechadas após seis horas, totalizando esforço de 10877,19 $h.m^2$. Foram capturados 153 morcegos de três famílias, Phillostomidae, Molossidae e Natalidae. Phyllostomidae apresentou seis espécies: *Artibeus planirostris* (n = 29), *Glossophaga soricina* (n = 16), *Carollia perspicillata* (n = 8) *Artibeus lituratus*, *Desmodus rotundus* e *Micronycteris schmidtorum* (n = 1). Molossidae apresentou duas espécies *Nyctinomops laticaudatus* (n = 90) e *Molossops temminckii* (n = 1) e Natalidae apenas uma, *Natalus stramineus* (n = 2). Este é o primeiro registro de *Micronycteris schmidtorum* para a região Centro-Oeste do Brasil, além de ser o registro mais a sudoeste que se tem conhecimento para essa espécie. Assim como outras espécies do mesmo gênero, é um morcego de pequeno (7 g) raramente capturado. *Nyctinomops laticaudatus* foi a espécie com maior número de registros, sendo capturado apenas em janeiro. Densa revoada dessa espécie pôde ser observada diariamente nesta data, tendo início por volta das 1840 h, durando cerca de 30 a 40 min. Neste período foi registrado um indivíduo de *Pulsatrix perspicillata* (Strigidae) capturando os morcegos. O retorno ao abrigo ocorreu individualmente ao longo da noite. A grande proporção de fêmeas grávidas (30%), fêmeas lactantes (32%) e indivíduos jovens (27%) em comparação ao de machos adultos (7%), pode caracterizar a dolina como abrigo maternidade para *N. laticaudatus* na região. Três indivíduos foram recapturados, um *A. planirostris*, um *C. perspicillata* e um *G. soricina*. A probabilidade de 15% de recapturas nos permite inferir sobre a importância do Buraco das Araras e as matas que o circundam para a fauna de quirópteros da região. A recaptura de alguns indivíduos pode significar que estas espécies são residentes da área e dependem fortemente dos recursos ali existentes.

Palavras-chave: Chiroptera, Phyllostomidae

MONITORAMENTO DA ATIVIDADE DE QUIRÓPTEROS EM HABITATS ANTRÓPICOS NA REGIÃO DA PLANÍCIE COSTEIRA DO RIO GRANDE DO SUL

Marília A. S. Barros (Maia Meio Ambiente Ltda / e-mail:indiabio@gmail.com)
Ana Maria Rui (Laboratório de Ecologia - Departamento de Zoologia e Genética / UFPe)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

A diversidade e atividade de quirópteros apresentam estreita relação com a estrutura do hábitat, principalmente com elementos que favorecem a existência de abrigo e alimento. Estudos abordando padrões de atividade de morcegos insetívoros em diferentes tipos de habitats são ferramentas úteis na análise de alternativas locacionais para projetos de geração de energia. O objetivo do trabalho foi avaliar a atividade de quirópteros com detector de ultra-sons, relacionando-a à sazonalidade e à estrutura de vegetação. O monitoramento foi realizado no município de Palmares do Sul, na Planície Costeira do Rio Grande do Sul. A área, destinada à construção de um parque eólico, apresenta um mosaico de habitats antrópicos, incluindo campos, plantações de arroz, capões de *Eucalyptus*, monoculturas de *Pinus* de diferentes idades e raros fragmentos de mata de restinga. O trabalho foi realizado de março de 2007 a fevereiro de 2008. Para o monitoramento foram demarcadas três transecções fixas: 1. borda de uma monocultura de *Pinus* (TR1); 2. área aberta com vegetação herbácea e indivíduos de *Pinus* esparsos (TR2); 3. área aberta de campo próximo de resquício de mata de restinga (TR3). Cada transecção apresentou 1500m de extensão, com um ponto a cada 50m, totalizando 30 pontos. Em cada ponto, o detector de ultra-sons permaneceu ligado durante três minutos, sendo anotada a ocorrência de atividade de quirópteros. Cada transecção foi monitorada duas vezes por estação, totalizando 24 transecções, 720 pontos monitorados e 36 horas em um ano. Foi detectada atividade de quirópteros em 187 (26%) dos 720 pontos monitorados ao longo do ano. A primavera apresentou 58 (32,2%), o outono 54 (30%), o verão 47 (26,1%) e o inverno 28 (15,5%) pontos com atividade em relação aos 180 pontos monitorados por estação. Estes dados indicam uma atividade uniforme ao longo do ano, com forte queda no inverno. A TR1 apresentou o maior número de pontos com atividade (82 dos 240 pontos da transecção ou 34,2%). A atividade se concentrou na porção onde está presente um capão de *Eucalyptus*. As transecções TR2 e TR3, áreas abertas, apresentaram o mesmo número de pontos com atividade (53 ou 22,1% e 52 ou 21,6%). Na TR2, a atividade foi distribuída de forma homogênea, enquanto na TR3, a atividade de quirópteros se concentrou nas proximidades de capão de *Eucalyptus*. Os dados indicam que vegetação arbórea, incluindo espécies exóticas, favorece a atividade de quirópteros. Esta informação deve ser considerada para a locação de aerogeradores em projetos eólicos.

Palavras-chave: detector de ultra-sons; parques eólicos; aerogeradores; Sul do Brasil.

Financiadores: Ventos do Sul Energia e Maia Meio Ambiente Ltda

DIVERSIDADE DE ESPÉCIES DE MORCEGOS EM DOIS TIPOS DE VEGETAÇÃO DE UM FRAGMENTO FLORESTAL (FAZENDA EXPERIMENTAL CATUABA - AC)

A.O. Cunha (Centro de Ciências Biológicas e da Natureza/UFAC/amanda.oc@hotmail.com)
A.M. Calouro (Centro de Ciências Biológicas e da Natureza/UFAC)
R. Marciente (Centro de Ciências Biológicas e da Natureza/UFAC)
A.L.B. Moura (Centro de Ciências Biológicas e da Natureza/UFAC)
J.L. Valente (Centro de Ciências Biológicas e da Natureza/UFAC)
R.C. Silva (Centro de Ciências Biológicas e da Natureza/UFAC)
S.A.V. Oliveira, S. A. V. (Centro de Ciências Biológicas e da Natureza/UFAC)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Ecologia

Diferentes tipos de vegetação influenciam a assembléia de morcegos em relação a disponibilidade de alimento e abrigo, afetando o uso do habitat de forma diferenciada para cada espécie. A paisagem da região leste do Acre é a mais fragmentada do Estado, na qual está inserida a Fazenda Experimental Catuaba (FEC), um remanescente florestal de 2111 ha localizado no município de Senador Guiomard, a 25 km de Rio Branco (AC). O Acre possui grande parte da sua área coberta por florestas abertas com bambu (*Guadua weberbaueri* - taboca) e a mortalidade simultânea de populações de bambu afeta a dinâmica florestal do Estado, gerando um mosaico sucessional. Este estudo objetivou estimar a riqueza (n^o de espécies) de morcegos e as abundâncias relativas (n^o de indivíduos/horas-rede) de cada espécie em dois tipos de vegetação - floresta ombrófila densa, conhecida regionalmente como restinga e floresta aberta com bambu - existentes no fragmento florestal da FEC. Foram estabelecidos três sítios de amostragem em cada tipologia. As coletas foram realizadas mensalmente, de agosto/2007 a abril/2008 e de novembro/2007 a abril/2008 na taboca e restinga, respectivamente, utilizando-se 30 redes-de-neblina (7,0m x 2,5m) em cada tipologia florestal. As coletas ocorreram preferencialmente em noites de lua nova, entre 18:00-0:00h. O esforço amostral na restinga foi 525 m expostos por 72 horas (3,78 x 10^4 hxm^2), enquanto que na taboca foi de 525 m^2 expostos por 60 horas (3,15 x 10^4 hxm^2). Na restinga foram capturados 70 indivíduos (16 espécies), enquanto que na taboca foram capturados 13 indivíduos (5 espécies). A similaridade entre os ambientes (índice de Jaccard) não foi elevada (J=0,17), compartilhando apenas três espécies. Tanto na restinga como na taboca observa-se baixa diversidade (índice de Shannon-Wiener): H'=0,85 e H'=0,51, respectivamente. Na restinga ocorreram *Carollia perspicillata, Chrotopterus auritus, Lophostoma silvicolum, Micronycteris minuta, Mimon crenulatum, Phyllostomus elongatus, Phyllostomus hastatus, Tonatia saurophila, Trachops cirrhosus, Vampyrum spectrum, Artibeus lituratus, Artibeus obscurus, Artibeus planirostris, Mesophyla macconelli, Stumira lilium* e na taboca, *Carollia perspicillata, Lampronycteris brachyotis, Tonatia saurophilla, Artibeus lituratus e Platyrrhinus helleri.* A maior diversidade da restinga pode estar relacionada ao fato de que a dominância de bambu dificulta o vôo e diminui a diversidade vegetal. Assim, a restinga tem um sub-bosque menos denso e proporciona às espécies de quirópteros uma maior disponibilidade de requisitos ecológicos como recursos alimentares e locais para abrigo, favorecendo a captura de espécies sensíveis à perturbação, como *Vampyrum spectrum* (n=3) e *Chrotopterus auritus* (n=2).

Palavras-chave: Chiroptera, *Guadua weberbaueri*, diversidade, floresta ombrófila densa,

Financiadores: CNPq

CONCENTRAÇÕES DE GLICOSE PLASMÁTICA E DE GLICOGÊNIO HEPÁTICO E MUSCULAR EM MORCEGOS INSETÍVOROS *MOLOSSUS MOLOSSUS* (CHIROPTERA: MOLOSSIDAE)

Leandro Santos Goulart (leo.goulart@gmail.com)
Mirlaine Soares Barros (Universidade Federal de Viçosa - UFV)
Thales Simioni Amaral (Universidade Federal de Viçosa - UFV)
Danielle Barbosa Morais (Universidade Federal de Viçosa - UFV)
Jercyane Maria da Silva Braga (Universidade Federal de Viçosa - UFV)
Mariella Bontempo Duca de Freitas (Universidade Federal de Viçosa - UFV)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Fisiologia

O glicogênio é um polímero de glicose, sendo a forma mais comum de armazenamento de carboidratos no fígado e nos músculos. Dentre as funções do glicogênio hepático, destaca-se o auxílio da manutenção da homeostase glicêmica, já que esta reserva pode ser mobilizada na ausência de obtenção de glicose através da dieta, por exemplo. Já o glicogênio muscular não pode ser exportado para a circulação, mas pode ser usado pela própria fibra como fonte de energia quando a necessidade é intensa. Este trabalho objetivou determinar as concentrações de glicose plasmática e de glicogênio hepático e muscular em morcegos insetívoros *Molossus molossus* alimentados, e submetidos ao jejum por 24 e 48 horas, ainda não descritos na literatura. Para as análises, foram capturados 24 machos, 41 fêmeas não-grávidas e não-lactantes na região de Viçosa - MG. Os dados são apresentados como Média ± EPM e foram submetidos à ANOVA quando paramétricos e aos testes de Mannn-Whitney U e Kruskal-Wallis para dados não paramétricos e comparações entre o sexo e o estado nutricional. Em relação à glicemia de morcegos machos e fêmeas, não houve diferença significativa (F=0,41; p=0,676) entre animais alimentados (104,65±12,29 e 101,33±10,11 mL/dL) e jejuados por 24 e 48 horas, e também não houve diferença significativa entre os sexos. Em relação ao glicogênio hepático, não houve diferença significativa entre machos alimentados (1,28±0,35 g/100g) e machos jejuados por diferentes períodos ($X^2_{(2)}$=2,25; p=0,32). Nas fêmeas, houve diminuição do glicogênio hepático induzida pelo um jejum de 24 horas (Z=2,56; p=0,01), que continuou baixo após o jejum de 48 h (Z=3,198; p=0,01). As concentrações de glicogênio no músculo de machos alimentados (0,65±0,21 g/100g) não apresentaram diferenças significativas em relação aos animais jejuados (X^2=0,48; p=0,78). Em fêmeas, houve diminuição significativa entre os animais alimentados (1,35±0,06g/100g) e os jejuados por 24 h (Z= 3,25; p=0,001) e 48 h (Z=3,18; p=0,001).

Palavras-chave: Glicose, gligogênio hepático e muscular. morcegos

Financiadores: FAPEMIG

OCORRÊNCIA DE ALOPECIA EM MORCEGOS (MAMMALIA-CHIROPTERA) NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO

Silva, S.S.P. (Fundação Instituto Estadual de Florestas-IEF/RJ (batshirley@gmail.com))
Mendes, C.P.A. (Fundação Instituto Estadual de Florestas - IEF/RJ)
Cruz, A. P. (Projeto Morcegos da Floresta)
Almeida, J.C. (Instituto Oswaldo Cruz)
Peracchi, A. L. (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Fisiologia

Alopecia tem por definição a ausência congênita ou não dos pelos ou cabelos do corpo, devido a alterações hormonais, nutricionais, doenças causadas por parasitas, fungos e bactérias, stress ou temperaturas elevadas, etc. Este processo pode ser observado em mamíferos de um modo geral, não se restringindo a apenas um grupo. Nos quirópteros, em especial, a alopecia tem sido relatada em exemplares do gênero *Artibeus*, principalmente *Artibeus lituratus* e eventualmente em outros gêneros em diversas localidades brasileiras. O presente trabalho está sendo realizado em áreas do Parque Estadual da Pedra Branca (PEPB), administrado pela Fundação Instituto Estadual de Florestas, IEF/RJ, que apresenta uma vegetação classificada como Floresta Ombrófila Densa em estágio secundário e no seu entorno próximo em uma área denominada Fazenda Marambaia, administrada pela Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ) que está localizada a 4,3 km do referido parque, com aproximadamente, 1.170.000 hectares apresentando vegetação típica de Mata Atlântica em estágio secundário de desenvolvimento. No período de janeiro de 1994 até a presente data os trabalhos localizaram-se na Colônia Juliano Moreira (PEPB) e a partir de março de 2008 na área da Fazenda Marambaia. Nessas localidades foram capturados 1.196 morcegos pertencentes a quatro famílias e 27 gêneros. Do total de indivíduos capturados, 48 (= 4,0%) foram acometidos por alopecia distribuída pelo tórax, abdômen, área dorsal e genital. As espécies que apresentaram esse diagnóstico foram: *Artibeus fimbriatus* (n=02), *Artibeus lituratus* (n=43), *Artibeus obscurus* (n=01) *Noctilio leporinus* (n=01), *Phyllostomus hastatus* (n=01) com predominância de indivíduos do sexo feminino (n=39). Desse total 28,2% eram lactantes; 30,8% grávidas; 7,7% grávidas e lactantes simultaneamente e 33,3% inativas. Em relação aos machos observou-se que 100% eram *Artibeus lituratus* e que 77,7% estavam escrotados, os demais inativos. Nos dados obtidos verificou-se que os morcegos apresentaram alopecia em todas as estações do ano, porém com maior incidência na primavera e no verão. Devido ao número total de fêmeas e machos em período reprodutivo ser 68,7%, pode-se sugerir que os casos observados nesse estudo têm uma relação direta com fatores hormonais; porém estudos mais detalhados devem ser realizados para confirmar essa informação.

Palavras-chave: Quirópteros, Período Reprodutivo, Alopecia, Mata Atlântica, Parque Estadual da Pedra Branca

PRIMEIRA DESCRIÇÃO DO CARIÓTIPO DE *MACROPHYLLUM MACROPHYLLUM* (CHIROPTERA: PHYLLOSTOMIDAE) PARA O BRASIL

Isabel de Araujo Sbragia (Laboratório de Mastozoologia/UFRJ/isabelsbragia@gmail.com)
Margaret Maria de Oliveira Corrêa (Laboratório de Mastozoologia/UFRJ)
João Alves de Oliveira (Departamento de Vertebrados/MN-UFRJ)
Leila Maria Pessôa (Laboratório de Mastozoologia/UFRJ)
Margaret Maria de Oliveira Corrêa (Laboratório de Mastozoologia/UFRJ)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Genética

Macrophyllum macrophyllum é a única espécie do gênero e sua localidade tipo é o rio Mucuri, Bahia. Esse pequeno filostomídeo é facilmente distinguível dos outros da família por uma série de dentículos dermais na superfície ventral distal do uropatágio, membros posteriores muito compridos, pés grandes com unhas fortes e cauda longa, continuando além da borda distal do uropatágio. A espécie distribui-se do México ao Peru, Bolívia, Brasil, Paraguai e nordeste da Argentina. Neste trabalho reportamos o primeiro cariótipo descrito para o território brasileiro. O espécime testemunho, um macho, foi capturado por uma rede de neblina (7 x 2m), durante levantamento realizado na Chapada Diamantina, no município de Lençóis, Bahia, no âmbito do PROBIO (Projeto de Conservação e Utilização Sustentável da Diversidade Biológica Brasileira). Ainda em campo foi injetada por via intraperitonial uma solução de colchicina a 0,05% na razão de 0,1 ml por 10 g de peso animal. A medula óssea foi retirada do úmero, tratada com solução hipotônica e posteriormente com solução fixadora. O espécime foi fixado com formalina a 10% e preservado no álcool 70%, e depositado na coleção de mamíferos do Museu Nacional sob o número MN67683. As preparações citogenéticas foram coradas com Giemsa (coloração convencional) e observadas em microscópio ótico comum, usando-se objetiva de imersão. Foram analisadas 100 metáfases, revelando-se um número diplóide (2n) = 34 e um número fundamental (NF) = 60, sendo 14 pares metacêntricos e 3 pares acrocêntricos. O cromossomo X é um cromossomo metacêntrico e o Y um acrocêntrico pequeno, o menor do complemento. As informações citogenéticas prévias sobre esta espécie restringem-se ao cariótipo 2n = 32 e NF = 56, presumivelmente proveniente do Suriname (Baker, R. J. *et al.* 1982. Special Publication Series Pymatuning Laboratory of Ecology, 6:303-327), sem que, entretanto, uma fotografia do cariótipo tenha sido disponibilizada, o que impossibilita uma comparação mais detalhada da morfologia dos cromossomos entre as duas formas. O novo cariótipo diferencia-se pelo acréscimo de um par de cromossomos com dois braços ao conjunto cromossômico. É interessante ressaltar que o cariótipo aqui descrito pertence a um indivíduo coletado em uma localidade próxima à localidade tipo da espécie, sendo o primeiro a ser descrito para um espécime brasileiro. Uma avaliação mais detalhada incluindo bandamentos está sendo realizada.

Palavras-chave: Citogenética, Chapada Diamantina, Bahia, Nordeste

Financiadores: UFRJ, PROBIO, CNPq, CAPES

INFERÊNCIAS FILOGEOGRÁFICAS E ESTRUTURAÇÃO POPULACIONAL DE *STURNIRA LILIUM* (PHYLLOSTOMIDAE) DA MATA ATLÂNTICA

Sílvia Ramira Lopes (Laboratório de Estudo de Quirópteros / UFES / silviaramira@gmail.com)
Albert David Ditchfield (Laboratório de Estudo de Quirópteros/UFES/)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Genética

Pesquisadores propuseram que morcegos de distribuição continental apresentam baixos níveis de divergência gênica e pouca estruturação geográfica. Entretanto, estudos recentes demonstraram que algumas espécies de morcegos como *Carollia perspicillata* e *Desmodus rotundus* possuem um alto nível de divergência de seqüência entre os indivíduos geograficamente distantes. Algumas espécies com baixa divergência de seqüência regionalmente, mostraram estrutura geográfica em escalas maiores, como *Sturnira lilium*. Além disso, para algumas espécies que ocorrem na Mata Atlântica (MA), foi proposta uma divisão filogenética de suas populações em dois clados: um nordeste e outro sudeste. Esse trabalho teve por objetivo descrever, analisar a estruturação filogeográfica das linhagens gênicas de populações de *S. lilium* em MA, analisar a diversidade gênica inter e intrapopulacional dessa espécie através de seqüências moleculares do gene mitocondrial citocromo b e relacionar filogeneticamente as amostras. A metodologia utilizada envolveu a extração de DNA de tecido hepático, amplificação por PCR do gene usado e seu seqüenciamento. As análises filogenéticas foram feitas usando os programas PAUP e GARLI. A rede de haplótipos foi gerada pelo NETWORK e as análises populacionais foram geradas pelos programas DNAsp e ARLEQUIN. As análises filogenéticas apontaram a existência de dois clados dentro da MA, que não estão estruturados geograficamente. Os clados formados condizem com o proposto em estudos anteriores, sendo que um deles está mais relacionado filogeneticamente com o grupo que compreende amostras Guiana Francesa. Os haplótipos da Guiana Francesa encontrados no sudeste e nordeste brasileiro podem representar: introgressão de haplótipos que lá se diferenciaram, mas que por fluxo gênico atingiram a MA; retenção de um haplótipo ancestral que se fixou na Guiana Francesa, mas permaneceu em freqüência baixa no sudeste e nordeste do Brasil ou *S. lilium* como um complexo de espécies tanto na Guiana Francesa, como na MA brasileira. As análises populacionais indicaram que as populações dentro da MA não estão isoladas entre si. Algumas delas apresentaram desvio de neutralidade, sugerindo assim uma expansão populacional abrupta e recente. Os valores de diversidade haplotípica e nucleotídica sugerem que as populações estiveram isoladas e divergiram, apresentando um posterior contato, com a dispersão dos novos haplótipos formados entre si. Para se afirmar a história evolutiva da espécie, seria necessário um estudo envolvendo outros genes em conjunto com análises de dados morfológicos, para averiguar se a divergência gênica da espécie é divergência gênica intra-específica com a retenção de caráter ancestral ou se há espécies crípticas dentro do grupo.

Palavras-chave: Sturnirinae, Filogeografia, mtDNA, genética de populações

Financiadores: CNPq, CAPES

FILOGEOGRAFIA E PADRÕES DE DIVERSIFICAÇÃO NO GÊNERO *NOCTILIO* (CHIROPTERA: NOCTILIONIDAE)

Ana Carolina Pavan (LABEC / IB-USP / anacarolinapavan@yahoo.com.br)
João Stenghel Morgante (LABEC / Depto de Genética e Biologia Evolutiva / IB-USP)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Genética

O gênero *Noctilio* pertence à família Noctilionidae e inclui duas espécies de distribuição Neotropical, *N. leporinus* e *N. albiventris*. Estas ocorrem em simpatria nas áreas de planície desde a costa pacífica do México até o Norte da Argentina e Uruguai. *N. leporinus* possui características morfológicas externas e funcionais que o tornam adaptado à piscivoria, enquanto *N. albiventris* é insetívoro, apresentando características morfológicas que se assemelham muito a *N. leporinus*, sendo apenas de menor tamanho. Ambas as espécies possuem subespécies descritas a partir de dados de variação morfológica ao longo da sua distribuição geográfica. Dados moleculares foram utilizados recentemente para investigar as relações intragenéricas em *Noctilio*, indicando uma origem recente para *N. leporinus* e a parafilia de *N. albiventris*, que foi sugerida devido à posição filogenética de um espécime. O presente trabalho teve como objetivo determinar o padrão filogeográfico das espécies do gênero *Noctilio*, verificando a possibilidade de existência de mais que duas linhagens evolutivas no táxon. Foram utilizados como marcadores moleculares o gene citocromo b e a região controle do DNA mitocondrial. A amostragem incluiu 63 indivíduos de *N. leporinus* distribuídos por 35 localidades, e 43 indivíduos de *N. albiventris* de 19 localidades distintas. Foram realizadas análises filogenéticas pelos métodos de Neighbor-joining, Bayesiano, Máxima Verossimilhança e Máxima Parcimônia. Os resultados encontrados corroboraram a parafilia de *N. albiventris*, além de evidenciarem níveis de divergência filogenética mais significativos que o alcançado pelo estudo anterior. Foram encontrados para *N. albiventris* três filogrupos com alto suporte, igualmente distantes de *N. leporinus*. A divergência observada entre estas linhagens variou entre 4,3 e 6,1%. A hipótese de origem recente para *N. leporinus* também foi confirmada, tendo surgido a partir de uma linhagem de *N. albiventris*. Inferências realizadas por estimativas coalescentes sugerem tempos similares para diversificação de *N. leporinus* e as linhagens de *N. albiventris*. Uma hipótese proposta para a origem da linhagem piscívora foi a colonização das Pequenas Antilhas a partir de uma população ancestral de *N. albiventris* da costa norte da América do Sul, durante os ciclos glaciais do Pleistoceno. Ali a população teria se diferenciado, originando *N. leporinus*, e posteriormente sofrido uma grande expansão populacional devido à ocupação de um nicho inexplorado por morcegos neotropicais.

Palavras-chave: *Noctilio*, DNAmit, análises filogenéticas, linhagens evolutivas

Financiadores: CAPES, FAPESP

CBMz

FINDING CONGRUENCE BETWEEN CRANIAL MORPHOLOGY AND MITOCHONDRIAL PHYLOGEOGRAPHY USING MULTIVARIATE TREESCAN IN THE COMMON VAMPIRE BAT *DESMODUS ROTUNDUS* (CHIROPTERA, PHYLLOSTOMIDAE).

Felipe de Mello Martins (LABEC/IBUSP/felipemartins@hotmail.com)
Taylor Maxwell (UTSPH/UT)
Alan Templeton (Biology Department/Washington University)
João Morgante (LABEC/IBUSP)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Genética

The common vampire bat *Desmodus rotundus* is the only bat species specialized on feeding exclusively on mammal blood. It ranges from southern Mexico to northern Argentina and Uruguay in the east and Chile in the west. Throughout its range *D. rotundus* occurs in very different environments, from the semi-arid Caatinga of Brazil to the Amazonic and Atlantic forests. We have previously shown (Martins et al 2007) that this species has mitochondrial lineages which are geographically restricted and highly divergent from each other (with up to 11% divergence among clades), raising the possibility that these lineages are different species. To further investigate the hypothesis of differentiation within this lineage we examined the cranial morphology of museum specimens throughout the entire species' range. Nineteen measurements were taken from 1871 individuals. Each individual was then attributed to one of the five mitochondrial lineages described by Martins et al (2007) based on its locality. The hypothesis of association between phenotype and mitochondrial lineage was tested using a new version of the software treescan that accounts for multivariate data. In the treescanning method, each branch of the haplotype tree defines a bi-allelic test. All haplotypes on one side of the branch are grouped together and classified as allele A while all haplotypes on the other side of the branch are classified as allele B. All individuals are then classified by one of the genotypes for testing the null hypothesis of no phenotype/genotype association. In this particular case, the individuals were attributed to a clade instead of a branch. For each bi-allelic test, the genotypic classes were used as factors in a one-way MANOVA with the 19 phenotypes as dependent variables. The error (E) and hypothesis (H) matrices from the one-way MANOVA were used to calculate Wilks' (L) test statistic, which was transformed to an F-statistic. Ten thousand random permutations were used to determine the level of significance of the test results. The vector of individual phenotypes was permuted with respect to the genotypic vector. The original MANOVA statistics were compared to the permuted statistics through the step-down, stepwise, resampling method of Westfall and Young (1993) to determine the experiment-wise significant test results. The results were significant for all comparisons, showing that there are indeed different morphologies associated to the different mitochondrial lineages, giving further support for the differentiation of species within this taxon.

Palavras-chave: Desmodus, clados mitocondriais, craniometria, análise integrativa

Financiadores: FAPESP, CAPES

CARACTERIZAÇÃO DA QUIROPTEROFAUNA DE UM FRAGMENTO DE MATA ATLÂNTICA NO MUNICÍPIO DE VIÇOSA, MINAS GERAIS

Maria Clara do Nascimento (Museu de Zoologia João Moojen – DBA / UFV / clarinha_bio@yahoo.com.br)
Clever G. C. Pinto (Programa de Pós-graduação em Eco. Aplicada / UFLA)
Gisele Lessa (Museu de Zoologia João Moojen – DBA / UFV)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Levantamento

Os morcegos são reconhecidamente importantes na manutenção de ecossistemas tropicais, sendo por vezes o grupo mais numeroso de mamíferos tanto em espécie quanto em indivíduos. Além de serem considerados indicadores dos níveis de alteração do ambiente, constituem excelente grupo para estudos sobre diversidade. Nesse contexto a Mata Atlântica destaca-se por abrigar grande parte da diversidade desses mamíferos no Brasil. Embora tenham sido realizados estudos com comunidades de quirópteros na região da Mata Atlântica e em outros biomas, dados sobre a composição e abundância de espécies destas comunidades permanecem escassos. Dessa forma, o presente estudo objetiva avaliar a composição da comunidade de morcegos da Estação de Pesquisa Treinamento e Educação Ambiental (EPTEA) da Mata do Paraíso, um fragmento de Mata Atlântica de aproximadamente 200 ha, em Viçosa, MG. A amostragem foi iniciada em fevereiro de 2008, utilizando redes-de-neblina armadas do pôr-do-sol à meia-noite, em rotas de vôo e nas proximidades de fontes de alimento e corpos d'água. Até o momento, o esforço amostral soma 858,66 h.m^2. Os animais coletados foram devidamente processados, fotografados e sacrificados para identificação, sendo depositados na coleção mastozoológica do Museu de Zoologia João Moojen. Foram detectadas seis espécies de morcegos pertencentes a duas famílias: Phyllostomidae (*Artibeus lituratus, Anoura caudifer, Carollia perspicillata, Platyrrhinus lineatus* e *Sturnira lilium*) e Vespertilionidae (*Myotis nigricans*). Vale ressaltar que os registros das espécies, *C. perspicillata* e *A. caudifer* são novos para o fragmento. Em comparação com o estudo realizado em 1997, na mesma área, não houve registro de *Pygoderma bilabiatum, Platyrrhinus recifinus* e *Anoura geoffroyi*. No entanto, é provável que novas espécies sejam adicionadas quando novos pontos de coleta forem amostrados ou outros métodos de captura forem utilizados. A presença de novos registros de espécies consideradas comuns como *C. perspicillata*, revela a efetiva necessidade de estudos para reunir informações consistentes a respeito da quiropterofauna da EPTEA Mata do Paraíso. Tal conhecimento poderá subsidiar medidas adequadas à conservação da diversidade remanescente nesse fragmento.

Palavras-chave: Morcegos, Mata Atlântica, Diversidade, Monitoramento

Financiadores: CAPES – CNPq

INVENTÁRIO DAS ESPÉCIES DE MORCEGOS DA SERRA DA CANASTRA, SÃO ROQUE DE MINAS-MG (BRASIL)

Arthur Setsuo Tahara (Depto de Biologia / UFLA / setsuotahara@gmail.com)
Aloisio de Souza Moura (UNILAVRAS)
Elisandra de Almeida Chiquito (Depto de Biologia / UFLA)
Sílvia de Abreu Maiani Simões (Depto de Biologia / UFLA)
Shayenne Elizianne Ramos (Depto de Biologia / UFLA)
Renato Gregorin (Depto de Biologia / UFLA)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Levantamento

Trabalhos relacionados à inventários faunísticos são de suma importância em diversas áreas da biologia, uma vez que estudos desse tipo permitem um maior conhecimento da fauna, originado trabalhos relacionados à diversas áreas: sistemática, taxonomia, ecologia, genética, biogeografia, entre outras. Nesse contexto, o Parque Nacional da Serra da Canastra (PNSC) vem a ser um importante local a se realizar inventário da fauna de quirópteros, devido à escassez de trabalhos desse tipo na área em questão. O objetivo desse estudo foi identificar a fauna de quirópteros do PNSC. O PNSC, localizado na região sudoeste do Estado de Minas Gerais, apresenta uma área de 71.525 hectares e a altitude variando de 900 e 1.496m; está inserido no bioma Cerrado, cujas fitofisionomias variam desde campo limpo até matas ciliares e ripárias. Foram realizadas sete coletas com o uso de redes de neblina e "harp-trap" durante sete noites: quatro no alto do PNSC , duas não Camping Picareta, parte baixa e área de APA do parque e uma no interior da cidade de São Roque de Minas. Dessa forma, o esforço amostral foi de 2607,78 metros*hora, sendo o sucesso de captura igual a 0,0123 morcegos/metros*hora. Foram encontradas nove espécies de morcegos, sendo sete da família Phyllostomidae: *Artibeus fimbriatus, Artibeus planirostris* e *Platyrrhinus lineatus* (subfamília Stenodermatinae); *Sturnira lilium* (subfamília Sturnirinae); *Micronycteris megalotis* (subfamília Phyllostominae); *Desmodus rotundus* (subfamília Desmondotinae); *Anoura caudifer* (subfamília Glossophaginae); e dois da família Vespertilionidae: *Myotis nigricans* e *Eptesicus furinalis*. Foi realizada uma análise de Jacknife de primeira ordem para estimação da riqueza local utilizando apenas as coletas realizadas em 2007, o resultado encontrado foi de 11,43 espécies e a curva do coletor não apresenta estabilidade, sendo assim espera-se que com novos trabalhos sejam acrescentadas novas espécies a lista. O único levantamento da fauna de morcegos realizada na região até então é uma publicação de 1982, que listava 12 espécies de morcegos para o interior do parque. Destas, cinco são comuns a este trabalho e quatro não possuíam registro para a região.

Palavras-chave: Diversidade, Chiroptera, Cerrado, Canastra

Financiadores: CNPq (processo n°: 484283/2006-5)

COMPOSIÇÃO DOS MORCEGOS (MAMMALIA: CHIROPTERA) EM UM BREJO DE ALTITUDE NO NORDESTE DO BRASIL

Luiz Augustinho Menezes da Silva (Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul – FAMASUL / lamsilva@elogica.com.br)
Jader Marinho Filho (Universidade de Brasília)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Levantamento

Em uma área de floresta mésica inserida dentro dos domínios da Caatinga foi estudada uma comunidade de morcegos quanto à composição, riqueza e abundância de espécies. A área estudada constitui um fragmento de brejo de altitude localizado no município de Brejo da Madre de Deus, Pernambuco. A Reserva Particular do Patrimônio Natural Fazenda Bituri tem como área total 110,21ha e está incluída em um complexo de fragmentos que faz parte do Brejo do Bituri situado a 1100m de altitude. As capturas ocorreram mensalmente entre fevereiro de 2005 e janeiro de 2006 em seis noites consecutivas, cada duas noites em um sítio de coleta. Os morcegos foram capturados com o uso de dez redes de neblina (12m x 2,5m), armadas em pontos pré-estabelecidos a uma altura de 0,5 a 2m acima do nível do solo, entre as 17h e 24h. Os animais capturados foram identificados, medidos, pesados, tiveram registradas suas condição reprodutiva e classe de desenvolvimento e marcados com anilhas metálicas numeradas. Com esforço amostral de 5.040 horas.rede foram registrados 819 indivíduos pertencentes a 20 espécies. *Artibeus fimbriatus* foi a espécie mais abundante (39,32%; n = 322), seguida por *Carollia perspicillata* (14,04%; n = 115), *Sturnira lilium* (9,89%; n = 81), *Artibeus lituratus* (9,52%; n = 78), *Platyrrhinus lineatus* (8.55%; n = 70) e *Glossophaga soricina* (7,69%; n = 63) das capturas. *Artibeus fimbriatus*, *G. soricina* e *S. lilium* ocorreram em um maior número de meses. O período seco (agosto a fevereiro) apresentou maior abundância do que o chuvoso (março a julho) (472/347), o mesmo ocorrendo para a riqueza (19/16). Quinze espécies foram comuns às duas estações, quatro foram exclusivas do período seco e apenas uma exclusiva do período chuvoso. Apesar das pressões da atividade humana em torno do fragmento estudado, este ainda se mostra capaz de guardar uma fauna representativa daquela observada em florestas na região.

Palavras-chave: Caatinga, Chiroptera, comunidade, floresta serrana, semi-árido

Financiadores: Fundação O Boticário de Proteção a Natureza; CNPq; Faculdade de Formação de Professores

MORCEGOS (MAMMALIA: CHIROPTERA) DA RPPN FREI CANECA, PERNAMBUCO, BRASIL

Luiz Augustinho Menezes da Silva (Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul)
Chrisjacele Santos F. de Araújo (Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul)
Rivonalda Maria da Silva (Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul)
Aristófanes Santos de Lima (Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul)
Maurílio Ferreira Gomes (Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul)
Albérico Queiroz Salgueiro de Souza (Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul / alberico87@hotmail.com)
Lucillo Everton Cardoso Silva (Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul)
Clézia Valdênia M. da Silva (Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul)
Priscila Luna Queiroz (Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Levantamento

A fauna de morcegos da mata atlântica é relativamente bem conhecida, entretanto o número de trabalhos com este grupo de animais decresce quando chega nos fragmentos de mata atlântica da região nordeste do Brasil. A fim de se conhecer um pouco mais sobre a fauna de morcegos de uma área de mata atlântica nordestina, foram realizadas até o momento 14 sessões de capturas entre dezembro e março de 2008. Os animais foram capturados em quatro fragmentos distintos da RPPN Frei Caneca, localizada em Jaqueira, Município da mata sul do estado de Pernambuco. Foram registradas até então 22 espécies (Phyllostomidae 18 - 7 Stenodermatinae, 7 Phyllostominae, 2 Carolliinae; 1 Desmodontinae, 1 Glossophaginae; Vespertilionidae 3; Molossidae 1). A espécie de maior número de capturas foi *Carollia perspicillata* - 236, seguida por *Artibeus lituratus* 70 e *Artibeus planirostris* - 22, dentre as espécies capturadas destacam-se *Myotis ruber*, como incluída na lista de espécies ameaçadas de extinção do Brasil. Apesar do caráter preliminar da pesquisa a RPPN mostrou possuir uma rica quiropterofauna, representando quase 33% da fauna de morcegos do estado de Pernambuco, com a realização das novas coletas, é de se esperar que outras espécies sejam acrescidas a riqueza até então encontrada.

Palavras-chave: Floresta Atlântica, inventário, quiropterofauna, riqueza

Financiadores: Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul

NOVO REGISTRO DE ALBINISMO COMPLETO PARA MORCEGO DO BRASIL

Hernani Fernandes Magalhães de Oliveira (UnB / bio_oliva@yahoo.com.br)
Thiago Silva Nepomuceno (UnB)
Ludmilla Moura de Souza Aguiar (Embrapa Cerrados)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Levantamento

Albinismo é uma anomalia cromática que já foi observada em diversas espécies de vertebrados. Apesar disso, em morcegos apresenta-se como um evento raro. Das 1045 espécies descritas, ele foi relatado em apenas 38, com registro para 64 indivíduos. Este trabalho apresenta o primeiro registro de albinismo completo para *Artibeus cinereus*, o primeiro registro de albinismo para morcegos do Cerrado, o sétimo registro para morcegos capturados em redes de neblina e o terceiro caso em morcegos que se abrigam sob a folhagem. Para a captura foram utilizadas nove redes de neblina armadas no interior de Mata de Galeria da Estação Ecológica de Águas Emendadas (Planaltina, DF) durante os meses de outubro de 2007 e janeiro de 2008. Às 21h30min do dia seis de janeiro de 2008 foi capturado um macho adulto que pesava 12 g e que possuía as seguintes medidas corporais: comprimento de antebraço (An) 39 mm e comprimento cabeça-corpo (Cc) 48 mm. Nenhum ectoparasita foi detectado e, após duas horas de permanência em saco de pano, não foram encontradas fezes.

Palavras-chave: albinismo, *Artibeus cinereus*, Chiroptera, Cerrado

Financiadores: CAPES, FAP-DF e Embrapa Cerrados

PRIMEIRO REGISTRO DE *NOCTILIO ALBIVENTRIS* DESMAREST, 1818 (CHIROPTERA, NOCTILIONIDAE) PARA O ESTADO DE GOIÁS

Carvalho, H. G. (Graduando em Ciências Biológicas, UFG-Jataí, hcarvalho21go@gmail.com)
Zortéa, M. (Departamento de Ciências Biológicas, UFG, Campus Jataí.)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Levantamento

Noctilio albiventris é uma espécie que se alimenta basicamente de insetos na superfície ou próximo da água. Possui coloração dorsal com diferentes tons de marrom acinzentado, cabeça e ombros com coloração entre o vermelho e o amarelo bastante conspícua, além de possuir odor almiscarado característico da família Noctilionidae. Nessa espécie as orelhas são grandes ponteagudas e delgadas, e pode-se observar em seu lábio superior a presença de um "lábio leporino". O registro da espécie para Goiás adveio de um inventário de espécies de morcegos realizado em uma área alagável de mata de galeria, as margens do rio Claro, na cidade de Jataí, localizado no sudoeste goiano (17º46'35.8" S e 51º51'16.2" W), região onde o bioma característico é o Cerrado. Para a captura dos morcegos foram utilizadas redes de neblina (12 X 2,5 metros) armadas próximas a um complexo de lagoas e nos canais existentes entre elas. As redes eram abertas ao anoitecer e fechadas quatro horas após. Foram capturados 18 espécimes (10 fêmeas e 8 machos) em duas campanhas distintas (Agosto e Setembro de 2007). Quatro machos e quatro fêmeas foram depositados na coleção científica do laboratório de zoologia da Universidade Federal de Goiás, Campus Jataí. Considerando todos os indivíduos coletados as medidas de antebraço para machos variaram entre 57,2 e 60,4 milímetros, já para fêmeas o antebraço variou entre 57,1 e 60,8 milímetros; a massa corpórea em machos variou de 22,2 a 32,1 gramas, já para fêmeas variou entre 21,2 e 24,3 gramas. Outros onze caracteres externos foram analisados (comprimento do corpo e cabeça, polegar, tíbia, metacarpos e falanges), junto com as medidas cranianas dos indivíduos coletados. Embora com uma distribuição presumível para Goiás, já que havia sido registrada em 13 estados brasileiros, incluindo Bahia, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso que fazem divisa com o estado, este trabalho notifica pela primeira vez a ocorrência da espécie em Goiás.

Palavras-chave: Biometria, Cerrado, Distribuição

Financiadores: FUNAPE, CNPq

MORCEGOS (MAMMALIA, CHIROPTERA) DO CAMPUS SEDE DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, PARANÁ, BRASIL

Bruno Goiz Prone (Departamento de Biologia/UEM/bruno_prone@yahoo.com.br)
Cibele Maria Vianna Zanon (Departamento de Biologia/UEM)
Evanilde Benedito (Departamento de Biologia/UEM)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Levantamento

Os morcegos constituem a segunda maior ordem de mamíferos em termos de diversidade de espécies no mundo, com aproximadamente 1.120 espécies pertencentes a 18 famílias, ou 22% de todas as espécies conhecidas de mamíferos. No Brasil nove famílias são conhecidas: Noctilionidae, Furipteridae, Natalidae, Phyllostomidae, Thyropteridae, Mormoopidae, Emballonuridae, Molossidae e Vespertilionidae, totalizando 168 espécies. Para o estado do Paraná, estão registradas 56 espécies distribuídas em cinco famílias. O presente trabalho tem como objetivo conhecer as espécies de quirópteros ocorrentes no Campus Sede da Universidade Estadual de Maringá, localizado a 23º25'S e 51º57'W na região noroeste do estado do Paraná. No período de setembro 2007 a março 2008 foram realizadas as coletas, sendo três noites em três pontos distintos. Utilizou-se seis redes de neblina (mist-net) de comprimento 6 x 2,5 m que foram armadas nas seis primeiras horas após o pôr do sol totalizando 90 m^2 de redes e com um esforço de captura de 11.340 m^2.h. Foram capturados até o momento 234 morcegos pertencentes a quatro espécies de uma única família: Phyllostomidae. As espécies registradas foram: *Artibeus lituratus* (n=206), *Platyrrhinus lineatus* (n=19), *Carollia perspicillata* (n=5) e *Sturnira lilium* (n=4). A riqueza de espécies na área fica determinada por vários requisitos como a grande presença humana, pouca vegetação que possibilite o forrageio e muita iluminação. As espécies capturadas até o momento possuem dieta predominantemente frugívora, a preferência por frutos faz desses animais excelentes dispersores de várias espécies de plantas na região neotropical, realizando assim um papel importante na recuperação de florestas degradadas. A alta abundância da espécie *Artibeus lituratus* se deve principalmente à sua grande capacidade adaptativa a ambientes alterados e urbanos. O fato de possuir uma dieta bastante diversificada, utilizando como alimento frutos de várias espécies, insetos, recursos florais e até mesmo folhas deve ser considerado.

Palavras-chave: diversidade, quirópteros

RIQUEZA E ABUNDÂNCIA DE QUIRÓPTEROS EM AMBIENTES FLORESTADOS NO BAIXO RIO APIACÁS (MATO GROSSO, BRASIL)

Santos-Júnior, T. S. (Resiliência Agrosocioamental Ltda. / tarcisiobiologo@hotmail.com)
Silva, A. P. (Autônomo)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Levantamento

Em Mato Grosso estudos com quirópteros são escassos, entretanto levantamentos preliminares na região norte do estado apontam a ocorrência de aproximadamente 50% da riqueza das espécies já registradas no Brasil. Na região do baixo rio Apiacás, local de realização deste trabalho, não há estudos publicados sobre quirópteros, sendo assim este inventário constitui as primeiras informações sobre o grupo para a região. As coletas foram realizadas em duas áreas de Mata Aluvial, quatro de Mata Ombrófila de Terras Baixas, duas de Mata Ombrófila de Terra Firme e uma área de afloramento rochoso, cuja vegetação se assemelha a Mata Seca Semidecídua e apresenta elementos florísticos típicos do Cerrado. O levantamento da quiropterofauna foi realizado utilizando-se redes de neblina (7x3 metros) instaladas no sub-bosque a um metro de altura do solo e abertas entre 18:00 e 00:00 horas. Nas áreas de afloramento rochoso foram instaladas três redes de neblina na entrada de abrigos localizados nas fendas presentes nas pedras. O esforço amostral empreendido foi de 7.812 m2/hora/rede, sendo 3.654 nas matas de terra baixa, 1.638 nas matas de terra firme, 1.890 nas matas aluviais e 630 na mata seca semidecídua. Durante o estudo foram capturados 176 indivíduos que foram identificados como pertencentes a 36 espécies distribuídas nas famílias Phyllostomidae (28), Emballonuridae (*Rhynchonycteris naso, Saccopteryx leptura*), Molossidae (*Neoplatymops mattogrossensis, Nyctinomops laticaudatus*), Vespertilionidae (*Eptesicus furinalis, E. brasiliensis*), Mormoopidae (*Pteronotus parnellii*) e Noctilionidae (*Noctilio albiventris*). Na família Phyllostomidae foram registradas 10 espécies na sub-família Stenodermatinae (*Artibeus concolor, A. lituratus, A. obscurus, A. planirostris, Mesophylla macconnelli, Platyrrhinus helleri, Uroderma bilobatum, U. magnirostrum, Vampyressa bidens, V. thyone*), 9 na Phyllostominae (*Lophostoma silviculum, Mimon crenulatum, Phylloderma stenops, Phyllostomus discolor, P. elongatus, P. hastatus, Tonatia saurophila Trachops cirrhosus*), 3 na Carollinae (*Carollia brevicauda, C. castanea, C. perspicillata*), 2 na Glossophaginae (*Glossophaga soricina, Choeroniscus minor*), 2 na Sturnirinae (*Sturnira lilium, S. tildae*) e 1 na Desmodontinae (*Desmodus rotundus*). Em termos de abundância relativa as espécies *C. perspicillata* (25%), *P. helleri* (11%), *R. pumilio* (8%) e *A. planirostris* (6%) somaram 51% das capturas, enquanto que cada uma das demais contribuíram com menos de 4%. Os resultados obtidos neste inventário demonstram que a quiropterofauna de sub-bosque esta bem representada localmente na medida em que as famílias/subfamílias e respectivas espécies com ocorrência esperada para a região foram amostradas. Entretanto, a utilização de redes de dossel certamente contribuirá para o aumento da riqueza de espécies, principalmente as das famílias Molossidae e Vespertilionidae.

Palavras-chave: Sub-bosque, rio Apiacás, Molossidae, Emballonuridae, Vespertilionidae

Financiadores: Empresa de Pesquisa Energética / Biodinâmica Engenharia e Meio Ambiente Ltda

DIVERSIDADE DE QUIRÓPTEROS EM UM FRAGMENTO DE CERRADO NO SUL DO ESTADO DE MINAS GERAIS, BRASIL

Silva, F. A. JR (fidelisjunior@hotmail.com)
Souza, S. S (Bios consultoria)
Gonçalves, E. (Mestre em Zoologia pela FFCLRP)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Levantamento

Este estudo foi realizado na Reserva do Boqueirão, Ingaí - MG que está situada entre 21º20'47'' de latitude Sul e 45º01'22'' de longitude Oeste, abrangendo 160 hectares com altitude média de 1.100 m. A região apresentou o clima do tipo subtropical (Cwa), e a vegetação é representada por campos rupestres, matas de galeria e cerrado "sensu lato". Para a captura dos morcegos foram utilizadas quatro redes de neblina de 12 x 2,5m sendo, comprimento x altura, no período de 22/03/06 à 02/12/06 totalizando 20 capturas. As redes foram armadas próximas a corpos d'água, trilhas e corredores naturais sendo amostrados os vários tipos fitofisionômicos presentes na reserva. Os morcegos capturados foram acondicionados individualmente em sacos de algodão para posterior identificação. De cada animal coletado foi extraído os seguintes dados: comprimento do antebraço, sexo e estágio reprodutivo. O cálculo do esforço amostral foi realizado efetuando a multiplicação simples da área de cada rede pelo tempo de exposição. Foram capturados 151 indivíduos de duas famílias, e definidas 11 espécies. Os indivíduos da família Phyllostomidae representaram 86% do total, onde a espécie *Sturnira lilium* (E. Geoffroy, 1810) apresentou maior número com 69 indivíduos, seguido por *Carolia perspicillata* (Linnaeus, 1758) com 15, *Platyrrhinus lineatus* (E. Geoffroy, 1810) e *Anoura caudifer* (E. Geoffroy, 1818) ambos com 13 indivíduos. Também foram identificadas as espécies *Artibeus lituratus* (Olfers, 1818), *A. obscurus* (Shinz, 1821), *Desmodus rotundus*,(E. Geoffroy, 1810) e *Uroderma bilobatum* (Peters, 1866). A família Vespertilionidae que representou apenas 24% da diversidade na reserva do Boqueirão apresentou apenas três espécies: *Eptesicus sp.* com 10 exemplares, *Lasiurus Ega* (Gervais, 1856) com 8 animais e *Myotis nigricans* (Schinz, 1821) com 3 indivíduos. A maior parte dos espécimes foi coletada no cerrado, seguido pelas matas de galeria e campos rupestres, e a análise dos biótipos ocupados pelas espécies de quirópteros registrados na área de estudo demonstraram predomínio das espécies de hábito alimentar frugívoro, seguidas por insetívoros, nectarívoros e hematófagos. A quirópterofauna da Reserva do Boqueirão era praticamente desconhecida acrescentando-se assim dados para fins de comparação e também para o entendimento da importância dos morcegos na regeneração dos diferentes tipos de biótipos ali existentes.

Palavras-chave: Morcegos, diversidade, cerrado

NOVOS REGISTROS DE TRÊS ESPÉCIES DE MORCEGOS DO GÊNERO *MYOTIS* (CHIROPTERA, VESPERTILIONIDAE) PARA O ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Thiago Bernardi Vieira (LABEQ / UFES / thiagobernardi007@gmail.com)
Poliana Mendes (LABEQ / UFES)
Rafael Zerbini Coutinho (LABEQ / UFES)
Monik Oprea (Division of Mammals / NMNH - SI)
Albert David Ditchfield (LABEQ / UFES)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Levantamento

O gênero *Myotis* (Chiroptera, Vespertilionidae) pode ser encontrado praticamente em todo o mundo, possuíndo mais de 100 espécies. Seis delas ocorrem no Brasil: *M. albescens*, *M. levis*, *M. nigricans*, *M. riparius*, *M. ruber* e *M. simus*. Atualmente, o estado do Espírito Santo apresenta registro de ocorrência apenas para *M. nigricans*. O presente trabalho reporta o primeiro registro de três espécies de *Myotis* para o estado do Espírito Santo: *M. ruber*, *M. albescens* e *M. levis*. Os morcegos foram capturados com redes de neblina, abertas durante seis horas por noite, em três diferentes municípios do Espírito Santo. Foram capturados dois indivíduos de *M. ruber* no Parque Estadual de Pedra Azul (20º24'07'' 41º01'23''W) em Domingos Martins, um indivíduo de *M. albescens* no Parque Municipal Fazendinha (20º14'30''S 40º16'23''W) em Vitória, e um indivíduo de *M. levis* no Parque Estadual Forno Grande (20º32'29''S 41º07'17''W) em Castelo. Essas capturas adicionam essas espécies à lista da quirópterofauna do estado, preenchendo a lacuna de conhecimento no estado; e ampliam a distribuição geográfica de *M. levis*, que até então era registrado para os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Minas Gerais. *M. ruber* e *M. albescens* não eram de ocorrência inesperada, mas constituem um registro valioso.

Palavras-chave: distribuiçao geográfica, vespertilionídeos, Mata Atlântica

Financiadores: Bat Conservation International, Petrobrás

MORCEGOS EM CAVERNA DE ALTITUDE NA MATA ATLÂNTICA, BAHIA

Hernani Fernandes Magalhães de Oliveira (Depto. Zoologia / UnB/ bio_oliva@yahoo.com.br)
Yonara Patrícia Prado Lôbo (Depto. Zoologia / UnB)
Renan Janke Bosque (Depto. Zoologia / UnB)
Laís Araújo Coelho (Depto. Zoologia / UnB)
Camila Cibeli Soares de Oliveira (Depto. Zoologia / UnB)
Ana Camila Oliveira Souza (Depto. Zoologia / UnB)
João Paulo Gravina Ribeiro de Castro (Depto. Zoologia / UnB)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Levantamento

Cavernas representam importantes refúgios para uma grande quantidade de espécies de morcegos, sendo que mais de 25% das espécies brasileiras já foram registradas em cavernas. Entretanto, existem poucos estudos realizados em cavernas brasileiras e uma quantidade menor ainda em cavernas localizadas no bioma Mata Atlântica e em altitudes superiores a 500 metros. O objetivo deste trabalho foi caracterizar a fauna de morcegos em uma caverna da RPPN Serra Bonita (S 15º23'30.9" e W 39º33'58.1") localizada a 790 metros de altitude no município de Camacan, Bahia. A reserva situa-se a 17 km da BR 101 e possui uma área de aproximadamente 2.000 ha, estando inserida em um dos últimos fragmentos representativos de Floresta Ombrófila Densa da região. Para o levantamento, uma rede de neblina (7 x 2 m) foi aberta na entrada da caverna e vistoriada em intervalos de no máximo cinco minutos durante o horário de 17h45min às 19h45min e 04h00min às 06h00min dos dias 03/05/2008 e 04/05/2008, respectivamente. As espécies capturadas foram: *Glossophaga soricina* e *Carollia* sp. durante o início da noite e *Anoura geoffroyi*, *Lonchophylla mordax* e *Carollia* sp. ao final da noite, destacando-se a alta abundância do gênero *Carollia* durante todo o período de capturas.

Palavras-chave: morcegos, riqueza, caverna de altitude, Mata Atlântica, Bahia

Financiadores: Universidade de Brasília

PRIMEIRO REGISTRO DE *EUMOPS PEROTIS* E *NYCTINOMOPS AURISPINOSUS* PARA O ESTADO DO PARANÁ, SUL DO BRASIL

Gledson V. Bianconi (PPG Ciências Biológicas UNESP Rio Claro, SP / bianconi@terra.com.br)
Urubatan M. S. Suckow (Bacharelado em Biologia PUC Curitiba, PR)
Daniel C. Carneiro (PPG Biologia Animal UNESP São José do Rio Preto, SP)
Lays C. Parolin (Bacharelado em Biologia PUC Curitiba, PR)
Renato Gregorin (Depto. de Biologia Universidade Federal de Lavras, MG)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Levantamento

Quando da análise de documentos oficiais sobre a raiva silvestre no Brasil, é comum encontrar a separação dos morcegos em apenas dois grupos: hematófagos e não hematófagos. Nesse sentido, a Secretaria de Estado da Saúde do Paraná, por meio do Departamento de Vigilância Ambiental (Divisão de Vigilância em Zoonoses e Intoxicações), vem direcionando esforços na correta identificação dos quirópteros encaminhados pelos municípios para o diagnóstico deste agravo. Durante o exame do material colecionado nos anos de 2005 (n = 301) e 2007 (n = 290), foram identificadas duas espécies de morcegos até então desconhecidas para o território paranaense, a saber: 1) *Eumops perotis* (RA 29942), macho, município de Maringá (coordenadas: 23°25´S e 51°57´W, altitude: 596 m), 30/10/2007, encontrado no chão de residência; e 2) *Nyctinomops aurispinosus* (RA 24116), macho, Curitiba (coordenadas: 25°25'S e 49°16'W, altitude média: 920 m), 11/04/2005, encontrado no nono andar de um edifício. No Brasil, os gêneros *Eumops* e *Nyctinomops* são representados por oito e três espécies, respectivamente, das quais *E. auripendulus*, *E. bonariensis*, *E. glaucinus*, *E. hansae*, *N. laticaudatus* e *N. macrotis* já foram documentadas para o Paraná. *Eumops perotis* é citado para vários estados brasileiros, incluindo São Paulo e Rio Grande do Sul, assim, sua ocorrência já era esperada. A captura de *N. aurispinosus* destaca-se por representar o primeiro registro para a Região Sul do Brasil e o mais austral para a espécie, anteriormente conhecida para o Rio Grande do Norte, Minas Gerais e São Paulo. Fica evidente a importância de um melhor aproveitamento científico dos espécimes remetidos para o exame laboratorial da raiva nas várias regiões brasileiras. Além de um maior suporte aos programas de controle desta zoonose, esta iniciativa permitirá a obtenção de dados corológicos para o grupo, construindo um cenário mais verdadeiro sobre a distribuição dos táxons.

Palavras-chave: ampliação de distribuição, Chiroptera, Molossidae, raiva silvestre

LISTA DE MORCEGOS (MAMMALIA, CHIROPTERA) REGISTRADOS NA REGIÃO DO EXTREMO SUL DE SANTA CATARINA, BRASIL

Fernando Carvalho (Lab. de Ecologia de Paisagem / UNESC / fernando_bats@yahoo.com.br)
Jairo José Zocche (Dep. de Ciências Biológicas/Lab. Eco. de Paisagem/PPGCA/UNESC)
Ariovaldo Pereira da Cruz-Neto (Dep. Zoologia/UNESP - Rio Claro)
Rodrigo Ávila Mendonça (Lab. de Eco. de Paisagem/PPGCA/UNESC)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Levantamento

Em Santa Catarina observam-se lacunas no conhecimento a respeito da quiropterofauna, pois, os estudos efetuados estão restritos a trabalhos pontuais desenvolvidos na região norte do estado, listas gerais de mamíferos depositados em museus e listas de ocorrências de espécies na região sul do Brasil. Especificamente para a região sul de Santa Catarina, esta lacuna é ainda maior, no entanto, nos últimos anos tem sido paulatinamente preenchida. O presente trabalho teve como objetivo apresentar uma lista de espécies de morcegos registradas no extremo sul de Santa Catarina. As amostragens ocorreram em oitos municípios localizados nos domínios da Floresta Ombrófila Densa Submontana: Turvo (28°55'35"S e 49°40'46"W), Timbé do Sul (28°49'49"S e 49°50'50"W), Criciúma (28°42'25"S e 49°24'30"W), Siderópolis (28°35'54"S e 49°25'28"W), Treviso (28°30'59"S e 49°27'30"W), Urussanga (28°31'06"S e 49°19'17"W), Pedras Grandes (S 28°29'04" e 49°15'24"W), Içara (28°42'48"S e 49°18'01"W) e, um em ambiente de restinga: Jaguaruna (29°37'15"S e 49° 01'28"W). Para a amostragem foram armadas redes de neblina em ambientes florestais e em abrigos diurnos, no período entre abril de 2005 a abril de 2008. No período de estudo foi registrada a ocorrência de 18 espécies, pertencentes a três famílias. Phyllostomidae foi a mais diversa, com onze espécies (*Anoura caudifer*, *A. geoffroyi*, *Artibeus lituratus*, *A. obscurus*, *A. fimbriatus*, *Carollia perspicillata*, *Desmodus rotundus*, *Glossophaga soricina*, *Mimon bennettii* e *Pygoderma bilabiatum*). Vespertilionidae foi a segunda em riqueza de espécies (*Eptesicus diminutus*, *Lasiurus blossevillii*, *Myotis* cf. *levis*, *M. nigricans* e *M. ruber*) e por último, Molossidae com apenas duas espécies (*Nyctinomops laticaudatus* e *Molossus molossus*). *Sturnira lilium* e *Artibeus lituratus* foram as únicas espécies comuns em todos os municípios amostrados. Em contrapartida *M. bennettii* e *P. bilabiatum* foram registrados somente em Pedras Grandes e Treviso respectivamente. Tendo em vista que a riqueza registrada para Santa Catarina é de 42 espécies, a riqueza observada até o momento para a região do extremo sul catarinense, corresponde a 42,85% desse total. Dentre as 18 espécies amostradas, *Myotis ruber* é a única que esta incluída na Lista Oficial das Espécies Brasileiras Ameaçadas de Extinção. Mesmo ocorrendo poucas capturas dessa espécie, merece destaque que a mesma foi capturada em quatro dos nove municípios amostrados, o que a priori pode indicar que ao menos localmente, a espécie esteja bem distribuída. O extremo sul de Santa Catarina mostra-se como uma região com considerável diversidade de quirópteros, porém essa deve estar subestimada, dada a falta de estudos envolvendo esse táxon.

Palavras-chave: Quirópteros, Riqueza, Phyllostomidae, Vespertilionidae, Ombrófila Densa

LEVANTAMENTO DA QUIROPTEROFAUNA DA ÁREA RURAL COMUNIDADE BRAÇO PAULA RAMOS, LUIS ALVES – SC

Beatrice Stein Boraschi dos Santos (Lab. Biologia Animal - FURB / beaboraschi@gmail.com)
Fernando José Venâncio (ACAPRENA)
Sérgio Luiz Althoff (Lab. Biologia Animal - FURB)
Cintia Gisele Gruener (ACAPRENA)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Levantamento

A Mata Atlântica é um dos biomas mais vulneráveis, um destes fatores é sua distribuição que segue margeando a costa do Brasil. Grandes áreas protegidas já se fazem presentes no panorama de unidades de conservação do país, mas a grande maioria dos remanescentes localiza-se em áreas privadas, muitas destas de grande relevância para biodiversidade destas localidades. O objetivo do estudo foi inventariar a estrutura da comunidade de quirópteros em um fragmento particular do município de Luis Alves, Santa Catarina. O município de Luis Alves encontra-se ao norte do litoral catarinense, na micro-região da foz do rio Itajaí-Açu. Possui um clima subtropical, com mínima de 4^oC e máxima de 42^oC e precipitação pluviométrica de 1550 mm anuais. As campanhas compreenderam três noites consecutivas por mês, com intervalo de dois meses, totalizando um ano de campanha. Foram dispostas 5 redes de neblina, de 7 m de comprimento e 3 m de altura para a área de estudo. As redes permaneceram abertas durante cinco horas, a partir do anoitecer. Os morcegos capturados foram colocados em sacos de algodão, foram identificados, medidos, marcados e liberados no mesmo local. Durante o período de Julho de 2006 a Julho de 2007, foram realizadas seis campanhas que totalizaram um esforço de captura (E) de 7875 m^2h. Foram capturados 120 morcegos pertencentes a oito espécies de duas famílias: Phyllostomidae e Vespertilionidae. Estas famílias somam as seguintes espécies registradas para a localidade: *Artibeus lituratus* (n= 37), *Sturnira lilium* (n= 34), *Artibeus fimbriatus* (n= 15), *Sturnira tildae* (n= 14), *Carolia perspicillata* (n= 9), *Myotis nigricans* (n= 7), *Anoura caudifer* (n= 3) e *Platyrrhinus lineatus* (n= 1). A abundância das espécies registradas neste estudo vai de encontro com as curvas de abundância de morcegos baseadas em capturas com redes de neblina, onde caracteristicamente são compostas por poucas espécies freqüentes e um maior número de espécies raras. A área apresentou uma diversidade, com índice (H?) de 1,72 nats/ind com equidade (e) de 0,70. Por se tratar de uma área rural, com influência antrópica direta, observou-se que a área apresenta um grande potencial para abrigar uma boa diversidade de quirópteros, provavelmente devido a conectividade com grandes maciços florestais. A partir desses dados, ressalta-se a necessidade de estudos a longo prazo com abrangência também em áreas adjacentes para verificar a efetividade dos corredores ecológicos da região para a preservação da quiropterofauna.

Palavras-chave: Luis Alves, Quirópteros, Mata Atlântica

Financiadores: ACAPRENA e DCN/FURB

FAUNA DE MORCEGOS EM FRAGMENTOS FLORESTAIS DENTRO DA ÁREA URBANA EM JATAÍ, GOIÁS

Igor Ribeiro Lima (Graduando em Ciências Biológicas / UFG-Jatai / irlgoias@hotmail.com)
Henrique Gomes Carvalho (Graduando em Ciências Biológicas/UFG-Jatai)
Zacarias Dionísio da Rocha (Biólogo/UFG-Jataí)
Rosana Talita Braga (Graduanda em Ciências Biológicas/UFG-Jatai)
Josimar Morais de Souza (Graduando em Ciências Biológicas/UFG-Jatai)
Marlon Zortéa (Professor do curso de Ciências Biológicas/UFG-Jataí)
Fabiano Rodrigues de Melo (Professor do curso de Ciências Biológicas/UFG-Jataí)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Levantamento

Os morcegos apresentam uma condição ímpar para estudos bionômicos, devido a sua diversidade elevada, distribuição ampla e por serem os únicos mamíferos capazes de voar. Destacam-se por serem muito diversos, abundantes e biologicamente complexos e importantes nas comunidades tropicais pelos vários papéis que desempenham. Esta pesquisa teve como objetivo levantar as espécies de morcegos em três fragmentos urbanos de Jataí (GO), a saber: 1) Mata do Lago Diacuy (LD), situado no perímetro urbano de Jataí, uma importante área de lazer na cidade, onde se localiza um pequeno trecho de mata, bastante antropizado, medindo 0,9 ha de área total; 2) Mata do Açude (MA) ocupando uma área de 36,5 ha; e 3) área de cerrado do Instituto Samuel Graham (ISG), com 11,28 ha. As coletas dos dados foram feitas de setembro de 2007 a março de 2008, distribuídos entre os três fragmentos, e neles foram armadas cinco redes de neblina (3,0 m x 12,0 m e malha 38 mm), abertas, por volta de18 horas e fechadas às 22 horas, sendo vistoriadas a cada 30 minutos. Após a biometria, os morcegos identificados em campo foram soltos com exceção daqueles que não puderam ser identificados. Foram capturados 139 indivíduos de 10 espécies: *Anoura caudifer* (02), representando 1,43% do número total de indivíduos coletados; *Artibeus lituratus* (42; 30,21%); *Artibeus planirostris* (15; 10,39%); *Carollia perspicillata* (27; 19,42%); *Chrotopterus auritus* (01; 0,71%); *Glossophaga soricina* (02; 1,43%); *Phyllostomus hastatus* (18; 12,94%); *Platyrrhinus helleri* (02; 1,43%); *Platyrrhinus lineatus* (16; 11,51%) e *Sturnira lilum* (14; 10,07%). *Artibeus lituratus* teve sua presença destacada na área LD, possivelmente em função da incidência de árvores frutíferas, condição ideal para a espécie. A segunda área (MA) apresentou ampla ocorrência de *C. perspicillata*, que tem grande preferência por plantas da família Piperaceae, família bem representada neste remanescente florestal. Por fim, *Phyllostomus hastatus* foi registrada em abundância no ISG, local com dominância de árvores frutíferas e que, portanto, oferece condições alimentares favoráveis e maior proteção. Constata-se que a maioria das espécies capturadas é frugívora e bastante comum na maior parte de suas áreas de distribuição. A antropização da paisagem tem influenciado a amostragem com a dominância de espécies fortemente "urbanas", como é o caso de *A. lituratus*. Áreas florestais, mesmo que em perímetro urbano, acabam oferecendo boas condições de exploração e de refúgio para várias espécies, especialmente àquelas mais sensíveis à fragmentação.

Palavras-chave: diversidade, mamíferos, abundantes, importantes, antropização

INVENTÁRIO DE QUIRÓPTEROS NA APA DE COQUEIRAL - MINAS GERAIS (BRASIL)

<u>Shayenne Elizianne Ramos</u> (Laboratório de Zoologia / UFLA / shayenneramos@yahoo.com.br)
Ricardo Augusto Serpa Cerboncini (Laboratório de Ecologia / UFLA)
Arthur Setsuo Tahara (Laboratório de Zoologia / UFLA)
Sílvia de Abreu Maiani Simões (Laboratório de Zoologia / UFLA)
Elisandra de Almeida Chiquito (Laboratório de Zoologia / UFLA)
Aloysio Souza de Moura (Departamento de Biologia / UNILAVRAS)
Débora Ferrari Buzatto (Laboratório de Zoologia / UFLA)
Renato Gregorin (Laboratório de Zoologia / UFLA)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Levantamento

A ordem Chiroptera é a segunda mais diversa entre os mamíferos e o conhecimento sobre a composição das comunidades de morcegos em diferentes áreas é importante para estratégias conservacionistas. A APA de Coqueiral, localizada no sul de MG (21º09'19'' S e 45º28'17'' W), possui altitude variando de 810 a 840m e clima do tipo Cwb de Köppen ou mesotérmico, com verões brandos e suaves e estiagem de inverno. A média anual de precipitação é de 1.493 mm e de temperatura 19,3 ºC. A área insere-se no domínio da Mata Atlântica e apresenta influência antrópica acentuada. O objetivo do estudo foi registrar as espécies de quirópteros presentes na área em duas épocas distintas do ano. Foram realizadas duas expedições, uma em janeiro (período chuvoso) e a outra em abril (período seco) de 2007. O método utilizado para o registro das espécies foi captura através de redes de neblina (“mist-nets”), com um esforço amostral de 1.937,7 m^2h e 3.642 m^2h nos respectivos períodos amostrados. No total foram registradas 12 espécies. *Artibeus fimbriatus* (n=4), *A. lituratus* (n=2), *Sturnira liliun* (n=3), *Carollia perspicillata* (n=3), *Desmodus rotunduds* (n=3), *Glossophaga soricina* (n=1), *Platyhrrinus lineatus* (n=4), *Vampyressa pusila* (n=3) (Phyllostomidae), *Promops nasutus* (n=1) (Molossidae) e *Myotis nigricans* (n=1) (Vespertilionidae) foram capturadas no período chuvoso. *Sturnira liliun* (n=1), *C. perspicillata* (n=1), *D. rotundus* (n=1), *Anoura caudifer* (n=1) (Phyllostomidae) e *Peropteryx macrotis* (n=2) (Emballonuridae) foram capturadas no período seco. Foram coletados 25 indivíduos de 10 espécies no período chuvoso e 6 indivíduos de 5 espécies no período seco, demonstrando que, apesar do maior esforço amostral no período seco, houve maior diversidade de quirópteros no período chuvoso. Dentre as espécies, destaca-se a presença de *Vampyressa pusila*, *Peropteryx macrotis* e *Promops nasutus*, espécies raras e de grande importância para estudos biogeográficos, sendo a última registrada pela segunda vez em Minas Gerais.

Palavras-chave: Diversidade, Chiroptera, APA Coqueiral, Levantamento Faunístico

Financiadores: Prefeitura Municipal de Coqueiral

REGISTROS DE MORCEGOS E ABRIGOS DIURNOS, EM ÁREA URBANA, NOS MUNICÍPIOS DE TAUBATÉ E TREMEMBÉ, ESTADO DE SÃO PAULO

Maria Rita Mendonça Vieira (Lab. de Zoologia / Unitau / mariarmvieira@yahoo.com.br)
Marisa Cardoso (Lab. de Zoologia/ Instituto Básico de Biociências - Unitau)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Levantamento

A urbanização vem avançando sobre as áreas naturais, substituindo-as por edificações, tornando importante o registro de quirópteros no ambiente antrópico, devido à aparente adaptação destes e seu contato, cada vez mais freqüente com humanos. O objetivo deste estudo foi registrar a quiropterofauna e abrigos diurnos em área urbana nos municípios de Taubaté e Tremembé (SP), de 2003 a 2007. A localização dos abrigos ocorreu por meio de relatos espontâneos da presença de morcegos e entrevistas com moradores. Foram realizadas visitas nos locais com quirópteros, onde foi registradas a espécie e características dos abrigos. Observamos três famílias: Phyllostomidae com 50% dos registros, Molossidae, 39% e Vespertilionidae, 11%, e nove espécies *Artibeus lituratus*, *Glossophaga soricina*, *Phyllostomus hastatus*, *Platyrhinus lineatus*, *Eumops auripendulus*, *Molossus rufus*, *Myotis sp*, *Histiotus velatus* e *Lasiurus ega*. Dentre os filostomídeos, *G. soricina* foi registrada com 33,5% em túnel e forro de alvenaria, 16,5% para capela desativada e porão, respectivamente. Os três registros de *P. hastatus* foram para forro de alvenaria. Enquanto *A. lituratus* foi registrada com 25 % para cada abrigo: folhagem de *Syagrus pseudococos*, ramo de *Cupresus sp* e *Terminalia catappa*, e folhagem de palmeira não identificada. O único registro para *P. lineatus* ocorreu em folhagem de *Livistona chinensis*. Os molossídeos foram registrados em abrigos artificiais, sendo 73 % em forro de alvenaria, 18 % forro de madeira e 9 % em vão de dilatação para *M. rufus*. O único registro de *E. auripendulus* foi para forro de alvenaria. Os vespertilionídeos apresentaram um registro para *L. ega* em abrigo natural, *Caesalpinia peltophoroides*, dois registros para *H. velatus* e *Myotis sp* em abrigos artificiais, respectivamente, em forro de alvenaria e madeiramento de altar de igreja. A presença de molossídeos é esperada, devido à presença de abrigos artificiais, adequados à espécie, e à oferta de alimento proporcionada por insetos próximos à iluminação de vias públicas. Os vespertílionideos são favorecidos pela oferta de alimento e a presença de abrigos, entretanto podem ser subamostrados para área urbana, devido ao comportamento pouco perceptível e à dificuldade de acesso aos abrigos. Os filostomídeos exploram os recursos e abrigos no ambiente urbano, onde a arborização pode ser utilizada como recurso alimentar, abrigo diurno e pouso de alimentação. Observamos que a ação de educação ambiental da população foi realizada durante os registros, e torna-se processo chave no esclarecimento e auxílio aos moradores frente às ações corretas quanto ao manejo ou manutenção dos morcegos em área urbana.

Palavras-chave: quiróptera, sinantrópico, Molossidae, Phyllostomidae, Vespertilionidae

A FAUNA DE CHIROPTERA DO ESTADO DE ALAGOAS

Pamella Brennand (Departamento de Sistemática e Ecologia / UFPB / pambrennand@yahoo.com.br)
José Anderson Feijó (Departamento de Sistemática e Ecologia / UFPB)
Alexandre Percequillo (Departamento de Ciências Biológicas / ESALQ-USP)
Alfredo Langguth (Departamento de Sistemática e Ecologia / UFPB)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Levantamento

Os Estados da Paraíba, Pernambuco e Alagoas constituem uma unidade biogeográfica definida principalmente pela sua constituição faunística e vegetacional que ocupa o setor ao norte do Rio São Francisco, o qual inclui áreas consideráveis de Caatinga e Mata Atlântica. O levantamento mastofaunístico no Estado de Alagoas comparado com os estados da Paraíba e Pernambuco ainda encontra-se incipiente. O trabalho mais recente publicado sobre Alagoas foi elaborado na década de 1950 por Vieira (Vieira, C. 1953. Uma coleção de mamíferos de Alagoas v VIII, p.209-221. Arq. de Zool.) oriundo de duas expedições científicas durante os anos de 1951 e 1952. Isto considerado, o objetivo desse estudo foi elaborar uma lista atual das espécies de morcego do Estado de Alagoas, construir uma lista de localidades de coleta e comparar a riqueza de espécies encontrada para o Estado com aquelas registradas em outras regiões, visando um maior conhecimento faunístico do Estado. O material estudado (peles, crânios e espécimes em via úmida) encontra-se depositado nas coleções científicas da UFPB, UFPE, Museu de Zoologia da USP e no Museu Nacional. Também foram realizadas coletas de campo na Reserva Ecológica de Murici, Matriz de Camaragibe e São Miguel dos Campos. Após a identificação dos espécimes e a elaboração da lista, a riqueza de espécies foi comparada com a descrita para os Estados da Paraíba, Pernambuco e Sul da Bahia. Onze localidades de coleta para quirópteros foram registradas para Alagoas e a maioria está inserida na região de Mata Atlântica. As áreas de Caatinga tanto no Estado de Alagoas quanto nas demais regiões do país foram pouco estudadas necessitando de maior esforço amostral. Foram registradas para Alagoas 32 espécies pertencentes a 21 gêneros e 5 famílias. Duas famílias e 10 espécies a menos que as conhecidas na Paraíba e Pernambuco bem como três famílias e 37 espécies a menos que o conhecido para o Sul da Bahia. Duas espécies presentes em Alagoas e na Bahia não foram registradas para Paraíba e Pernambuco. Dez gêneros que ocorrem tanto na Paraíba e Pernambuco como na Bahia não foram registrados em Alagoas, apesar de sua ocorrência nesse Estado ser esperada. Tais diferenças podem ser atribuídas à realização de um maior esforço amostral nos Estados da Paraíba e Pernambuco, assim como no sul da Bahia, onde a composição faunística da região também contribui consideravelmente para acentuar as diferenças, já que, alguns gêneros até o presente momento não foram encontrados na região Norte do Rio São Francisco.

Palavras-chave: Levantamento, Riqueza de espécie, Morcegos, Alagoas

Financiadores: CNPq

LISTA PRELIMINAR DOS QUIRÓPTEROS DO INSTITUTO ZOOBOTÂNICO DE MORRO AZUL, ENGENHEIRO PAULO DE FRONTIN, ESTADO DO RIO DE JANEIRO, BRASIL (MAMMALIA, CHIROPTERA)

Sérgio Nogueira Pereira (Lab. de Mastozoología / IB / UFRRJ)
Andrea Cecília Sicotti Maas (Lab. de Mastozoología / IB / UFRRJ / sicottimaas@yahoo.com.br)
Daniela Dias (Lab. de Mastozoología / IB / UFRRJ)
Dayana Paula Bolzan (Lab. de Mastozoología / IB / UFRRJ)
Mayara Almeida Martins (Lab. de Mastozoología / IB / UFRRJ)
Hélio Fernandes dos Santos (IZMA)
Adriano Lúcio Peracchi (Lab. de Mastozoología / IB / UFRRJ)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Levantamento

O município de Engenheiro Paulo de Frontin, onde está situado o Instituto Zoobotânico de Morro Azul (IZMA), localiza-se no planalto montanhoso do Rio de Janeiro, região Centro-Sul do Estado (22°31'28" S e 43°39'38" W). Sua topografia apresenta variações altitudinais de 500 a 1000 m. Cerca de 41% da área do município é de Floresta Pluvial Atlântica, representada por fragmentos de floresta secundária. Considerando a escassez de informações sobre os quirópteros que ocorrem na região Centro-Sul do Estado do Rio de Janeiro, foi realizado ainda em caráter preliminar o levantamento das espécies de morcegos que ocorrem no IZMA, um fragmento de Mata Atlântica em regeneração. Entre setembro de 2007 e abril de 2008, foram realizadas 7 noites de captura na região do IZMA, em pontos situados entre 640 e 671 m de altitude, com auxílio de 9 redes (mist-nets) armadas ao nível do solo em trilhas ou clareiras naturais, próximo a vegetais em floração ou frutificação e possíveis locais de abrigo. As redes eram estendidas antes do anoitecer e mantidas abertas por 12 horas. Até o presente, foram capturados 136 indivíduos de 17 espécies. Duas espécies coligidas por outros pesquisadores no IZMA e depositadas na Coleção do Museu do IZMA também foram incluídas na presente listagem. Até o presente, 19 espécies estão registradas no IZMA: *Desmodus rotundus* (E. Geoffroy, 1810); *Anoura caudifer* (E. Geoffroy, 1818); *Anoura geoffroyi* Gray, 1838; *Glossophaga soricina* Pallas, 1766); *Micronycteris minuta* Gervais, 1856); *Phyllostomus hastatus* (Pallas, 1767); *Carollia perspicillata* (Linnaeus, 1758); *Sturnira lilium* (E. Geoffroy, 1810); *Artibeus fimbriatus* Gray, 1838; *Artibeus lituratus* (Olfers, 1818); *Chiroderma doriae* Thomas, 1891; *Platyrrhinus recifinus* (Thomas, 1901); *Pygoderma bilabiatum* (Wagner, 1843); *Vampyressa pusilla* (Wagner, 1843); *Molossus molossus* (Pallas, 1766); *Eumops auripendulus* (Shaw, 1800); *Eptesicus brasiliensis* (Desmarest, 1819); *Myotis nigricans* (Schinz, 1821) e *Myotis riparius* Handley, 1960. *Carollia perspicillata* é a espécie mais freqüente (41,45%), seguida por *M. molossus* (16,45%) e *S.lilium* (10,53%). O índice de diversidade de Shannon-Wiener calculado para esse conjunto de dados (H' = 2,05) é semelhante ao de outras áreas no Sudeste brasileiro. Informações sobre a biologia das espécies inventariadas também são disponibilizadas. Apesar da ampla distribuição da maioria das espécies, as espécies de quirópteros do IZMA representam um conjunto faunístico específico da Mata Atlântica. Os dados indicam que o IZMA funciona de forma adequada para a preservação da quiropterofauna, uma vez que oferece recursos alimentares e abrigos adequados para as espécies da região.

Palavras-chave: Morcegos, Mata Atlântica, Sudeste brasileiro, Centro-Sul fluminense.

Financiadores: CNPq,FAPERJ

RIQUEZA DE MORCEGOS NA RESTINGA DE PRAIA DAS NEVES, ESPÍRITO SANTO, SUDESTE DO BRASIL

Luiz A. C. Gomes (Laboratório de Diversidade de Morcegos/UFRRJ/luizantoniocg@gmail.com) **Agata F. P. D. Fernandes** (Laboratório de Diversidade de Morcegos/UFRRJ)
Julia L. Luz (Laboratório de Diversidade de Morcegos/UFRRJ)
Luciana M. Costa (Laboratório de Diversidade de Morcegos/UFRRJ)
Carlos E. L. Esbérard (Laboratório de Diversidade de Morcegos/UFRRJ)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Levantamento

As restingas compreendem uma das vegetações mais ameaçadas do mundo pela especulação imobiliária e modificações antrópicas. Apesar disto, ainda são poucos os inventários de morcegos neste ambiente. Desde 2007 esforços tem sido feitos para caracterizar a biota na Praia das Neves para dar subsídio ao Plano de Manejo da Lagartixa da Praia (FNMA) e uma campanha para analisar a fauna de morcegos foi realizada. Situada às margens do Rio Itabapoana, na divisa entre os estados do ES e RJ, Praia das Neves ainda apresenta resquícios de matas de restinga e outras formações. O total de 30 h de coleta foi realizado até o momento, resultando em 1320 h*rede de coleta. Foram amostradas a margem do Rio Itabapoana, a mata de restinga, as moitas abertas e as moitas de Clusia. Refúgios nas residências do local foram investigados para a identificação de Molossidae. O total de 12 espécies foi capturado: Família Phyllostomidae - *Glossophaga soricina*, *Tonatia saurophyla*, *Carollia perspicillata*, *Artibeus cinereus*, *Artibeus lituratus*, *Platyrrhinus lineatus*, *Uroderma magnirostrum*; Família Noctilionidae, *Noctilio leporinus*; Família Molossidae *Eumops auripendulus*, *Molossus rufus*, *M. molossus*; Família Vespertilionidae - *Lasiurus blossevillii*. Duas espécies ainda não haviam sido registradas em restinga: *T. saurophyla* e *L. blossevillii* e trata-se do primeiro registro de *T. saurophyla* para o estado do Espírito Santo. Nota-se elevado número de refúgios em residências por *M. molossus* e *M. rufus*, sendo observado, em pelo menos uma ocasião a coabitação e contato entre as duas espécies no interior deste em um dos refúgios analisados. A comparação com outras restingas já amostradas demonstra que esta vegetação abriga elevada diversidade de espécies (total de 35 espécies entre o ES e SP), mas com reduzida eficiência de captura. Maior atenção deve ser dada às moitas abertas e moitas de *Clusia* onde a diversidade de espécies aparenta ser mais elevada.

Palavras-chave: Restinga, diversidade, registros, inventários

Financiadores: FNMA

INVENTÁRIO DA FAUNA DE MORCEGOS DA PEDRA DE SANTA RITA, MUNICÍPIO DE SUMIDOURO, EXTREMO NORTE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Leonardo Santos Avilla (Mastozoologia / UNIRIO / leonardo.avilla@gmail.com)
Bruno Bret Gil (Mastozoologia / UNIRIO)
Karina Lobão Vasconcellos (Mastozoologia / UNIRIO)
Daniel Tavares Rosa (Mastozoologia / UNIRIO)
Leandro Tusholska (Mastozoologia / UNIRIO)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Levantamento

A contribuição aqui apresentada é produto de um inventário que vem sendo conduzido no município de Sumidouro, região serrana do Estado do Rio de Janeiro, em formações rochosas do tipo *Inselberg*, em localidades acima de 700m de altitude. Este levantamento é parte do projeto "Mamíferos de Cavidades Naturais Subterrâneas do Estado do Rio de Janeiro", financiado pela FAPERJ. A área estudada compreende dois fragmentos de Mata Atlântica, separados pelo *Inselberg* denominado Pedra de Santa Rita. A formação rochosa em questão tem altitude variando entre 750 m em sua base até os 1100 m no seu ponto mais elevado. Numa primeira fase realizaram-se coletas na região da base da Pedra de Santa Rita. Os morcegos foram capturados com o auxílio de 2 redes de neblina, estendidas em entradas de cavidades naturais subterrâneas (CNS) (rede1) e em sub-bosque (rede 2). O esforço de captura foi de 6m²/h/noite. Os morcegos capturados foram acondicionados em sacos de pano, individualizados, no intuito de se reduzir o estresse de captura e a mistura de ectoparasitos. Posteriormente, foram coletados material fecal e ectoparasitos. Os animais coletados totalizaram 35 indivíduos, pertencentes a 8 espécies. Com exceção de um *Anoura caudifera*, que escapou durante a triagem, os 34 indivíduos serão depositados na coleção do Museu Nacional/UFRJ. *Anoura caudifera* foi à espécie mais abundante, com 16 espécimes (45,7%), sendo 13 machos (7 reprodutivamente ativos) e 2 fêmeas (1 lactante); seguida por *Carollia perspicillata* (3 machos, 2 reprodutivamente ativos, e 1 fêmea), representando 14,3%; seguido de *Artibeus lituratus* (2 machos reprodutivamente ativos e 1 fêmea), (3 machos, 2 reprodutivamente ativos), *Chiroderma doriae* (3 machos), *Platyrrinus recifinus* (1 macho e 2 fêmeas, 1 lactante), representando 8,6% cada; e, ainda *Artibeus obscurus* (2 fêmeas), *Desmodos rotundus* (2 machos, 1 reprodutivamente ativo), *Vampyressa pusilla* (1 macho reprodutivamente ativos, e 1 fêmea), representando 5,7% cada. Todas as espécies coletadas pertencem à família Phylostomidae. Atribuímos a este fato ao posicionamento que as redes foram armadas, com no máximo 3 metros de altura, extrato ocupado principalmente pelos membros dessa família. Planejamos seguir a realização de coletas mensais nesta localidade com o intuito de se compreender a biologia dos morcegos de altitude do Estado do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Morcegos, Rio de Janeiro, *Inselberg*, Altitude

Financiadores: FAPERJ, UNIRIO

DADOS PRELIMINARES DA QUIROPTEROFAUNA DA FLORESTA DE VÁRZEA DO RIO AMAZONAS, ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DA FAZENDINHA, MACAPÁ – AP

Pamela Nayara Barros da Silva (Divisão de Zoologia - IEPA - pamela_re4@yahoo.com.br)
Mariana Chandaliê Costa Cardoso (Divisão de Zoologia - IEPA)
Ana Carolina Moreira Martins (Divisão de Zoologia - IEPA)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Levantamento

O estado do Amapá conta com 16 Unidades de Conservação que apresentam basicamente ecossistemas de cerrado, mata de terra firme e várzea. Essas UCs sofrem com a escassez de pesquisas, resultando em diversas lacunas no conhecimento da biodiversidade, esse fato se aplica principalmente para florestas de várzea que correspondem a segunda maior formação vegetal da bacia amazônica. A fauna de morcegos é decisiva na manutenção de um ecossistema florestal, por ser tão diversa, abundante e biologicamente complexa. Visando todas essas características, este trabalho tem como objetivo inventariar o conjunto taxonômico de morcegos da Área de Proteção Ambiental da Fazendinha que possui como ecossistema predominante a Floresta de Várzea. A APA está localizada dentro dos limites do Município de Macapá na divisa com o Município de Santana, à margem do Rio Amazonas, sendo influenciada pelo regime de maré, sofrendo constantemente com pressões antrópicas. As coletas foram realizadas durante oito noites utilizando nove redes de neblina em sub-bosque (cinco redes de 14m e quatro redes de 12m) dando um total de 112 m de redes em linha, e quatro redes (14m) em dossel arbóreo, acima de 20 m de altura, totalizando 56 m em dossel. As redes ficaram abertas por um período aproximado de sete horas em cada noite. Foram capturados 106 indivíduos, de 11 espécies e 5 gêneros, acondicionados em sacos de algodão. Os espécimes tiveram seu sexo determinado e foram medidos, pesados e identificados com literatura especifica. Todos os morcegos capturados foram da família Phyllostomidae, sendo que a espécie mais abundante foi *Artibeus planirostris* com uma ocorrência de 71 indivíduos perfazendo 66,98% do total, seguido por *Uroderma bilobatum* (8,49%), *Artibeus cinereus* (6,60%), *Uroderma magnirostrum* (5,66%), *Artibeus lituratus* (4,71%) e *Carollia perspicillata* (3,77%). As espécies *Artibeus concolor*, *Glyphonycteris daviesi*, *Carollia castanea*, *Carollia brevicauda* e *Phyllostomus elongatus* tiveram uma ocorrência de 0,94% cada. A maior ocorrência de *A. planirostris* pode estar associada à grande oferta alimentar local e à capacidade que os indivíduos da família Phyllostomidae têm de se adaptarem melhor as pressões antrópicas.

Palavras-chave: Floresta de Várzea, morcegos, Amapá, Rio Amazônas.

Financiadores: Instituto Internacional de Educação do Brasil - Programa BECA

ABUNDÂNCIA E FREQÜÊNCIA DE MORCEGOS EM FRAGMENTO DE MATA ATLÂNTICA DE PERNAMBUCO, BRASIL

Fábio Angelo Melo Soares (FAFIRE / fabiosoares9@gmail.com)
Carlos Eduardo Borges Pinto Ribeiro (FAFIRE)
Marcela Regina de Melo Daher (UFRPE)
Gustavo Correia Valença (FAFIRE)
Raul Baltazar Perrelli (FAFIRE)
Múcio Luis Banja Fernandes (FAFIRE)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Levantamento

O grupo dos quirópteros é um dos mais diversificados entre os mamíferos, representam aproximadamente 22% das espécies conhecidas de mamíferos que hoje totalizam 5416 espécies. Em Pernambuco a quiropterofauna de está representada por 67 espécies distribuídas em sete famílias: Emballonuridae, Phyllostomidae, Mormoopidae, Noctilionidae, Furipteridae, Natalidae e Molossidae, sendo os filostomídeos predominantes com 36 espécies. O trabalho foi realizado entre maio 2006 e fevereiro de 2008 na Reserva Ecológica Carnijó que possui 25 ha de Mata Atlântica e está situada no município de Moreno a 30 km de Recife entre as coordenadas 08°08`35``S e 35°04`35``N. Para a captura dos morcegos utilizaram-se redes de neblinas que foram armadas próximas ao solo em trilhas ou clareiras, além de observações em abrigos. Os morcegos capturados foram acondicionados em sacos de algodão e depois identificados seguindo chaves apropriadas. Em dezenove meses de coleta foram capturados 524 espécimes de morcegos pertencentes a 25 espécies. Um total de quatro das oito famílias de Chiroptera registradas para o Brasil foram registradas na área de estudo. A família Phyllostomidae (80%) foi a mais representativa na REC com 20 espécies, seguida pelas famílias Emballonuridae e Vespertillionidae (8%) com 02 espécies cada e Molossidae (4%) com 01 espécie. Apenas *Carollia perspicillata* foi considerada muito abundante no estudo, representando 46,56% do total de indivíduos. As espécies *Artibeus lituratus* (13,35%, *Phyllostomus discolor* (10,3%), *Artibeus jamaicensis* (5,1%), *Artibeus cinereus* e *Platyrrhinus lineatus* (4,5%) foram consideradas abundantes. As espécies consideradas freqüentes foram *Carollia perspicillata* (88,37%) e *Artibeus lituratus* (51,16%).

Palavras-chave: Chiroptera, Pernambuco, morcego, abundância, freqüência.

Financiadores: Núcleo de Pesquisa e Iniciação Científica (NUPIC) da Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE)

QUIRÓPTEROS DA REGIÃO DA SERRA DOS CARAJÁS, PARÁ

Suely Aparecida Marques-Aguiar (MPEG / samaguiar@museu-goeldi.br)
Gilberto Ferreira de Souza Aguiar (MPEG)
Mônica Monteiro Barros da Rocha (CESUPA)
Kelly Tatiana Maia Rosa (MPEG)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Levantamento

O sudeste paraense, que compreende parte da Serra dos Carajás, é considerado um espaço de importância biogeográfica pela vigência do ecótone Amazônia-Cerrado, com conjunção de fitofisionomias e tendência a alta biodiversidade, portanto alto potencial de fauna não descrita. Exibindo grandes formações abertas e atingido pelo Arco do Desflorestamento, sujeita-se a pressão antrópica contínua, como ocorre com o restante da Amazônia Oriental. O presente trabalho objetiva sistematizar informações sobre a diversidade da quiropterofauna (Mammalia: Chiroptera) na região do complexo minerador de Carajás, abrangendo as FLONAS de Carajás e de Tapirapé-Aquiri. O levantamento resultou de compilação bibliográfica e análise do acervo do Museu Paraense Emilio Goeldi (Belém) referente aos inventários conduzidos na década de 1980 na fronteira de atuação do Projeto Grande Carajás. A análise acusou a presença regional de 38 espécies de morcegos, onze das quais (28,9%) não previstas, distribuídas nos seguintes gêneros: (i) Emballonuridae: *Cormura*, *Peropteryx*, *Saccopteryx*; (ii) Phyllostomidae: *Ametrida*, *Anoura, Artibeus, Carollia, Chiroderma, Desmodus, Diphylla, Glossophaga, Lampronycteris, Lichonycteris, Lonchophylla, Lonchorhina, Lophostoma, Macrophyllum, Micronycteris, Phyllostomus, Platyrrhinus, Sturnira, Trachops, Uroderma, Vampyressa, Vampyrum*; (iii) Mormoopidae: *Pteronotus*; (iv) Furipteridae: *Furipterus*; (v) Thyropteridae: *Thyroptera*; (vi) Vespertilionidae: *Myotis*. Todos os gêneros foram representados por apenas uma espécie, exceto *Artibeus* (n=4), *Pteronotus* (n=3), *Saccopteryx* (n=2), *Anoura* (n=2), *Carollia* (n=2) e *Uroderma* (n=2). Cerca de 75% dos táxons são de filostomídeos e nenhuma espécie se acha incluída em categoria de risco de extinção, segundo dados da IUCN (2006). A previsão de distribuição de morcegos para a área sugere a ocorrência de mais 30 espécies, adicionando-se Noctilionidae e Molossidae. Os hematófagos registrados (*Desmodus rotundus* e *Diphylla ecaudata*) servem de indicadores de perturbação ambiental, pois, mantendo-se em baixa densidade na mata primária, tendem a expandir-se após desmatamentos, graças ao acréscimo de oferta alimentar normalmente associado à presença humana (criação de gado, eqüinos, aves domésticas). As implicações epidemiológicas derivadas do risco de disseminação do vírus rábico merecem atenção, pois o agente foi isolado em dois de 25 morcegos amostrados no levantamento de duas décadas atrás. O monitoramento dessas espécies é, portanto, de interesse epidemiológico além de ambiental. Novos inventários de morcegos estão em andamento para auxiliar no estudo do impacto antrópico causado pelo contínuo processo de extração mineral. Indicação complementar consiste no aproveitamento de subsídios biogeográficos para um protocolo de educação ambiental e concepção de planos de manejo e conservação, explorando-se perspectivas de incremento do desenvolvimento socioambiental na região do Projeto.

Palavras-chave: Chiroptera, inventário, Amazônia

Financiadores: Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG/MCT), Companhia Vale do Rio Doce (CVRD)

DIVERSIDADE DE MORCEGOS (MAMMALIA, CHIROPTERA) NA FLORESTA NACIONAL DE CHAPECÓ, SANTA CATARINA, BRASIL

Fábio Zanella Farneda (Depto. de Biologia, UNOESC. E-mail: fabiozfarneda@gmail.com)
Elaine Maria Lucas (Depto. de Zoologia, UNOCHAPECÓ)
Gledson Vigiano Bianconi (Programa de Pós-graduação em Ciências Biológicas - Zoologia, UNESP)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Levantamento

São ínfimas as informações disponíveis sobre a fauna de morcegos no Estado de Santa Catarina, dificultando o estabelecimento de medidas de conservação destinadas ao grupo e seus ecossistemas. Neste contexto, o presente estudo se propõe a avaliar a diversidade de quirópteros da Floresta Nacional de Chapecó (FNC) (27º04'25" S, 52º45'07" W), planalto oeste catarinense. A área, com 1.606 ha, é composta por plantios silviculturais (27%) e vegetação secundária de Floresta Atlântica (*l.s.*) (73%), mais especificamente em suas formações Floresta Estacional Decidual e Floresta Ombrófila Mista. No período de fevereiro de 2007 a janeiro de 2008, foram realizadas quatro noites de capturas mensais com redes-de-neblina instaladas em diferentes pontos amostrais, a representar: interior da mata, ambientes abertos (i.e., estradas e clareiras) e abrigos potenciais (oco de árvores). Com um esforço amostral de 52.230 m^2.h, foram registrados 68 indivíduos pertencentes a oito espécies de duas famílias: Vespertilionidae (6 espécies; 54,4% das capturas) e Phyllostomidae (2; 45,6%). *Myotis ruber* foi o táxon mais capturado (n = 32; 47,1% das capturas), seguido por *Sturnira lilium* (n = 29; 42,5%). *Chrotopterus auritus* foi representado por dois exemplares (2,9%), enquanto *Eptesicus diminutus*, *E. furinalis*, *Myotis* aff. *levis*, *M. simus* e *Myotis* sp., por apenas um exemplar cada (1,5%). A riqueza observada representou menos de 15% da esperada para o Estado (n = 60) e aproximadamente 8% para o bioma Floresta Atlântica (n = 90). A presença marcante de *M. ruber*, espécie tida como vulnerável pela Lista Brasileira da Fauna Ameaçada de Extinção, deve-se as capturas (n = 29) realizadas em abrigo (oco de *Ateleia glazioviana*, Fabaceae). A aparente abundância de frutos da família Solanaceae na FNC pode ter contribuído para a alta representatividade de *S. lilium*, frugívoro em geral relacionado a esta planta zoocórica, considerada comum em ambientes secundários. O registro de *M. simus* é o primeiro para Santa Catarina e Região Sul do Brasil, ampliando significativamente sua distribuição no país. Tais informações são relevantes, pois além de nortear futuras pesquisas com o grupo na Unidade de Conservação, ampliam a escassa base de dados quiropterofaunísticos para a Floresta Atlântica do Estado de Santa Catarina.

Palavras-chave: Conservação, Floresta Atlântica, *Myotis simus*, Vespertilionidae

NOTAS SOBRE A OCORRÊNCIA DE *LAMPRONYCTERIS BRACHYOTIS* (DOBSON, 1879) (CHIROPTERA, PHYLLOSTOMINAE) EM PLANTIO DE EUCALIPTO NO ESTADO DO AMAPÁ, AMAZÔNIA, BRASIL

Mariana Chandaliê Costa Cardoso (Depto. Zoologia / UNIFAP / mariana_chandalie@yahoo.com.br)
Pamela Nayara Barros Silva (Depto. Zoologia / UNIFAP)
Ana Carolina Moreira Martins (Depto. Zoologia / IEPA)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Levantamento

A subfamília Phyllostomiae Gray, 1825 (sensu WETTERER et al., 2000) constitui um diversificado clado de morcegos essencialmente neotropicais. *Lampronycteris brachyotis* (Dobson, 1879) é um filostomíneo de porte médio, com comprimento cabeça-corpo entre 48 e 62 mm, antebraço entre 38 e 43,6 mm e peso entre 12 e 14 g. A característica mais distintiva desse táxon é a coloração alaranjada dos pêlos que recobrem a região da garganta, podendo se estender por toda a região ventral, embora com tons de laranja não tão intensos e tendendo ao amarelado. *Lampronycteris brachyotis* já foi registrada na Amazônia, Cerrado e Mata Atlântica. Recentemente a espécie foi registrada para o município de Porto Grande no estado do Amapá, numa plantação de eucalipto (*Eucalyptus spp.*). O presente trabalho tem por objetivo acrescentar um novo ponto na distribuição dessa espécie de morcego no Brasil e contribuir com uma maior riqueza de dados acerca da espécie. Neste estudo foram realizadas 10 noites consecutivas de coleta no período chuvoso entre Março e Abril. Dez redes de neblina, com tamanho de 12 metros de comprimento por 2,5 metros de altura, foram armadas a nível acima de 0,5 metros do solo entre os espécimes vegetais de eucalipto, totalizando um esforço amostral de 60hr/noite. No dia 29/03/2008, às 24h 14min, foi capturado um indivíduo identificado como *Lampronycteris brachyotis* do sexo feminino, apresentando sinais de lactação, antebraço com 39.02mm e pesando 13 g. *Lampronycteris brachyotis* tem sido encontrada em cobertura florestal bem preservada, parecendo ser sensível a alterações de hábitat. No estado do Amapá a mesma foi amostrada em uma área de plantio de eucalipto forrageando na zona de sub-bosque. Sua presença em uma área de plantio pode estar associada aos seus hábitos alimentares, já que se alimentam de frutos, néctar, pólen e, principalmente, insetos e que parece depender de fatores locais. Além do fato dos talhões de eucalipto estarem distribuídos entre vegetação de cerrado.

Palavras-chave: *Lampronycteris brachyotis*, Ocorrência, Eucalipto, Amapá

INVENTÁRIO DA FAUNA DE MORCEGOS DE FRAGMENTO DE MATA ATLÂNTICA DO MUNICÍPIO DE VARRE-SAI, EXTREMO NORTE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Leonardo Santos Avilla (Mastozoologia / UNIRIO / leonardo.avilla@gmail.com)
Bruno Bret Gil (Mastozoologia / UNIRIO)
Daniel Tavares Rosa (Mastozoologia / UNIRIO)
Leandro Tusholska (Mastozoologia / UNIRIO)
Karina Lobão Vasconcellos (Mastozoologia / UNIRIO)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Levantamento

O estudo foi conduzido no município de Varre-Sai, extremo norte do estado do Rio de Janeiro. A área de estudo faz parte da fazenda São Matheus, principalmente composta por cafezais e fragmentos de Mata Atlântica. Os morcegos foram capturados com o auxílio de redes de neblina, estendidas ao longo de uma trilha de aproximadamente 1 Km, dentro de um dos fragmentos de Mata Atlântica. O esforço de captura realizado foi de 16,5 m2/hora/noite. As redes foram armadas ao longo de uma trilha na borda da floresta, exceto duas redes, localizadas sobre um córrego e num milharal estabelecido no final da trilha. Os morcegos capturados foram colocados em sacos de pano individuais, para reduzir o estresse de captura, além de impossibilitar a mistura de parasitas e fezes, que foram analisados individualmente. Todos os espécimes coletados foram anilhados, seguindo sistema desenvolvido pelo Prof. Dr. Carlos E. L. Ésberard (UFRRJ). Os morcegos coletados totalizaram 32 indivíduos, representando 5 espécies. Um casal de *Sturnira lilium*, um indivíduo de *Carolia perspicillata*, *Artibeus fimbriatus* e *Miotis nigricans*, foram sacrificados, para referência da localidade, e serão depositados no Setor de Mastozoologia do Museu Nacional/UFRJ. Todos os outros indivíduos coletados foram liberados, após 24 horas de contenção. *Carolia perspicillata* foi a espécie mais abundante, com 18 espécimes (56,25%), sendo 2 machos e 15 fêmeas (3 lactantes); seguida por *Sturnira lilium* (5 machos e 5 fêmeas), representando 31,25%; por *Anoura caudifera* (2 fêmeas), representando 6,25%; e por *Myotis nigricans* (1 macho), *Artibeus fimbriatus* (1 fêmea), representando 3,125% cada. Um espécime anilhado de *Carolia perspicillata* escapou antes de passar pelo processo de triagem. Com exceção de *Myotis nigricans* (Vespertilionidae), todas as espécies capturadas fazem parte da família Phylostomidae. Atribuímos este fato ao posicionamento das redes, que foram armadas com no máximo 3 metros de altura do chão, extrato ocupado principalmente pelos membros desta família. Planejamos seguir a realização de coletas mensais nesta localidade com o intuito de se compreender a biologia dos morcegos de altitude do Estado do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Morcegos, Rio de Janeiro, Altitude

Financiadores: FAPERJ, UNIRIO

ANÁLISE MORFOMÉTRICA DA MORFOLOGIA EXTERNA DE *ANOURA CAUDIFER* E *GLOSSOPHAGA SORICINA* (CHIROPTERA: GLOSSOPHAGINAE) E A SUA RELAÇÃO COM A DIETA NECTARÍVORA

Maria da Conceição Borges Gomes (Departamento de Biologia / UEFS / concebio@hotmail.com)
Leila Maria Pessôa (Laboratório de Mastozoologia / UFRJ.)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Morfologia

A subfamília Glossophaginae é composta por oito gêneros e 14 espécies. *A. caudifer* (E. Geoffroy, 1818) e *Glossophaga soricina* (Pallas, 1766) são morcegos que evoluíram para uma dieta baseada em néctar e embora aspectos qualitativos que caracterizam a morfologia relacionada à nectarivoria estejam presentes na literatura, nenhum estudo foi realizado para quantificar essa especialização com relação à dieta das duas espécies. Ambas as espécies se alimentam do néctar de uma grande variedade de plantas e podem complementar a dieta com pólen, frutos e insetos. Um estudo recente sobre a utilização de plantas como fonte de alimentação por morcegos filostomídeos, no Brasil, mostrou que dentre 189 espécies de plantas, 26 são recursos de *G. soricina* e 16 de A. caudifer. O objetivo deste estudo foi analisar quantitativamente caracteres da morfologia externa destas duas espécies de morcegos, para investigar se o conjunto de medidas selecionado pode estar relacionado ao nível de especialização na dieta à base de néctar de diferentes espécies de plantas. Foram realizadas quatro mensurações externas da cabeça (comprimento total, altura e largura e comprimento rostral) e duas do corpo (comprimento total e do antebraço). As mensurações foram feitas com paquímetro, em 82 espécimes, sendo 44 espécimes de Glossophaga soricina provenientes de seis localidades da Chapada Diamantina, BA, coletadas durante o Projeto Chapada Diamantina: Biodiversidade (PROBIO) e trinta e oito espécimes de Anoura caudifer provenientes de outras seis localidades no Brasil. Os espécimes encontramse depositados na coleção do Museu Nacional (UFRJ). As medidas foram submetidas à estatística descritiva e ANOVA. Os resultados mostram que dos seis caracteres medidos, apenas os caracteres que envolvem a cabeça como o comprimento total ($F=14.00$ e $P<0.001$) e o comprimento rostral ($F=30.67$ e $P<0.001$) apresentaram diferença significativa. Essas diferenças encontradas nos caracteres da cabeça podem estar relacionadas às diferentes fontes de recursos utilizados pelas duas espécies, uma vez que apenas cinco espécies de plantas são utilizadas em comum. Além das medidas externas, características qualitativas crânio-dentárias estão ligadas a nectarivoria como diminuição no número de dentes, caninos superiores desgastados pelo contato com os caninos inferiores, mandíbula com sínfise mandibular rígida, mostrando-se necessárias para suportar uma língua móvel e alongada. Uma avaliação da morfologia floral das espécies de plantas usadas como diferentes recursos está sendo desenvolvida para corroborar esses resultados.

Palavras-chave: Nectarivoria, filostomídeos, morfometria

Fianciadores: CNPq, UFRJ, UEFS, PROBIO

CARACTERIZAÇÃO HISTOLÓGICA E HISTOQUÍMICA DO INTESTINO DO MORCEGO *EPTESICUS BRASILIENSIS* (CHIROPTERA: VESPERTILIONIDAE)

Daniela Valente Andrade (Departamento de Biologia Geral / UFV / valentedani@hotmail.com)
Danielle Barbosa Morais (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Clóvis Andrade Neves (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Mariella Bontempo Duca de Freitas (Depártamento de Biologia Animal / UFV)
Marcela Cristine Silva (Departamento de Biologia Geral / UFV)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Morfologia

Os quirópteros formam o segundo maior grupo de mamíferos em número de espécies. Por apresentarem alta diversidade de hábitos alimentares, estudos envolvendo a histologia do sistema digestório de quirópteros tornam-se particularmente interessantes por auxiliarem a compreensão dos processos que envolvem as adaptações histológicas aos diferentes hábitos alimentares. No presente estudo, descrevemos histológica e histoquimicamentemente os intestinos delgado (ID) e grosso (IG) da espécie insetívora *Eptesicus brasiliensis*. Foram utilizados sete animais adultos capturados na Zona da Mata - MG. Após eutanásia, o intestino foi removido, mensurado e seccionado em porções anterior, média e posterior. Os fragmentos foram fixados em Karnovsky e processados para inclusão em glicol-metacrilato (Historesin, Leica). Foram obtidas secções histológicas na espessura de 2 µm e os cortes foram corados com Azul de toluidina-borato de sódio 1% (AT) ou submetidas às técnicas histoquímicas: Alcian Blue (AB) pH 1,0 e 2,5, Ácido Periódico de Schiff (PAS), Xilidine Ponceau (XP) e Ferrocianeto Férrico (FF). O comprimento médio do intestino de *E. brasiliensis* foi de 7,30 cm. O epitélio é do tipo simples prismático com células digestivas com borda estriada evidente. No ID foram observadas células caliciformes com marcação positiva para o PAS e AB, indicando que sua secreção contém glico-conjugados neutros e ácidos. As células de Paneth, localizadas na base das criptas intestinais, foram especialmente detectadas por XP, que evidencia proteínas básicas. Positividade menos evidente foi notada na técnica de FF indicando a ocorrência de proteínas contendo resíduos de cisteína que ocorrem, também, em algumas células do conjuntivo. As glândulas de Bruner ocorrem no duodeno, mas apresentam padrão diferente daquele encontrado em outros mamíferos. No IG as abundantes células caliciformes foram fracamente coradas por PAS, enquanto houve uma forte marcação para o AB pH 2,5 e fraca marcação para o AB pH 1,0, indicando que o conteúdo do muco é predominantemente composto por glico-conjugados ácidos e com pequeno teor de sulfatados, observação esta incomum no IG. A metacromasia observada na coloração por AT confirmou marcação das células caliciformes pelo PAS e AB pH 2,5. Por meio da técnica de XP observou-se a existência incomum de células de Paneth nesta região. Tal constatação pode estar relacionada a uma outra função das células de Paneth, além de produção de lisozima: a produção de um composto para a degradação de quitina. Uma vez que esta espécie é insetívora, há uma relação direta entre a abundância dessas células e seu hábito alimentar.

Palavras-chave: Intestino delgado, Intestino grosso, Células de Paneth

Financiadores: FAPEMIG

REGISTRO DE POLIDACTILIA EM *ARTIBEUS FIMBRIATUS* (CHIROPTERA, PHYLLOSTOMIDAE)

Levi Koch Beckhauser (Laboratório de Biologia Animal - FURB - levikb@gmail.com)
Beatrice Stein Boraschi dos Santos (Laboratório de Biologia Animal - FURB)
Cintia Gisele Gruener (ACAPRENA)
Sérgio Luiz Althoff (Laboratório de Biologia Animal - DCN, FURB)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Morfologia

A polidactilia é uma anomalia genética resultante de mutações espontâneas ou transmissão familiar. Esta é de ocorrência rara em animais, mas já registrada em Cervidae, Leporidae, Cynocephalidae, Molossidae, Vespertillionidae, Sciuridae, Cricetidae e Felidae. Pouco sabe-se sobre esta anomalia, o tipo de herança envolvida na transmissão e se apenas um gene é responsável pelas formas observadas. O espécime era adulto, do sexo masculino, sexualmente ativo, com tamanho corporal de 86mm e antebraço de 66,55mm, pertence a espécie *Artibeus fimbriatus* e a família Stenodermatine. O indivíduo foi coletado no Parque Natural Municipal São Francisco de Assis no centro da cidade de Blumenau, Santa Catarina. Apresentava aparência e tamanho normal com exceção dos dedos extras. O animal coletado foi fixado em álcool 70% e tombado na Coleção Zoológica do Laboratório de Taxidermia da Universidade Regional de Blumenau - FURB. O exemplar apresentava um polegar adicional em ambas às asas e ao lado do dedo mínimo dos pés. Os polegares normais apresentavam uma proporção de 1,57 em relação aos supranumerários, os mesmos sem unha a proporção é de 1,69. Já para os dedos mínimos normais das patas a proporção é de 42 em relação aos extras e sem unha reduz para 29,95. Este é o primeiro registro de polidactilia nesta família.

Palavras-chave: *Artibeus fimbriatus*, Polidacilia, Parque Municipal São Francisco

Financiadores: DCN/FURB e ACAPRENA

CARACTERIZAÇÃO DOS MORCEGOS (CHIROPTERA, MAMMALIA) DA FAMÍLIA PHYLLOSTOMIDAE CAPTURADOS NO FRAGMENTO DE FLORESTA DO CAMPUS MARCO ZERO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

Mariana Chandaliê Costa Cardoso (Depto. Zoologia / UNIFAP / mariana_chandalie@yahoo.com.br)
Pamela Nayara Barros Silva (Depto. Zoologia / UNIFAP)
Carlos Eduardo Costa Campos (Depto. Zoologia / UNIFAP)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Morfologia

Os quirópteros constituem o grupo de mamíferos dominante na Amazônia, tanto em número de espécies, como de indivíduos. A perda de interações envolvendo a ordem pode implicar efeitos irreversíveis para os ecossistemas dos neotrópicos. Resultando na potencialidade dos morcegos neotropicais como bioindicadores de alteração ambiental, sugerindo-se inclusive sua distribuição e abundância como parâmetros no monitoramento da diversidade de mamíferos em geral. A família Phyllostomidae se destaca por apresentar uma grande diversidade trófica, havendo hoje formas envolvidas na frugivoria, insetivoria, carnivoria, folivoria, granivoria, nectarivoria, onivoria e hematofagia. Seja este talvez um dos motivos pela facilidade de adaptação a diversos ambientes. Neste estudo foram realizadas capturas mensais, na fase de lua nova, entre os meses de outubro de 2006 a janeiro de 2007. Quatro redes de neblina (mist nets), com tamanho de 14 metros de comprimento por 2,5 metros de altura, foram armadas ao nível do chão e entre 0,5 a 3,0 metros acima do solo, abertas das 18h às 24h, totalizando 374 horas-rede. As redes foram armadas em rotas de deslocamento dos morcegos como clareiras dentro da mata, estradas pouco movimentadas e trilhas. Houve uma considerável predominância da família Phyllostomidae nas capturas, com sete espécies no total. Dentre as espécies mais freqüentes encontram-se *Glossophaga soricina* (Pallas, 1766) perfazendo 61,4% das capturas, seguida por *Carollia perspicillata* (Linnaeus, 1758) com 14,8% e *Uroderma bilobatum* Peters, 1866 com 7,9% das capturas. Essas três espécies representaram 84,1% do total de morcegos coletados. A ausência e/ou a baixa diversidade das outras famílias possivelmente se deve à seletividade das redes-de-neblina ? método que favorece a captura de morcegos que se deslocam principalmente pelo sub-bosque, permitindo uma amostragem considerável de filostomídeos. Por outro lado, os filostomídeos são de fato a família mais rica na região Neotropical e, além disso, não têm uma boa capacidade de detectar redes. Os resultados das amostragens podem ser conseqüência das características tróficas do ambiente em estudo. Em função de os gêneros mais abundantes (*Glossophaga, Carollia e Uroderma*) possuírem hábitos alimentares semelhantes.

Palavras-chave: Filostomídeos, Fragmento de floresta, Macapá, Amazônia

VARIAÇÕES MORFOMÉTRICAS SAZONAIS DAS CÉLULAS DE LEYDIG DE *MOLOSSUS MOLOSSUS* (CHIROPTERA: MOLOSSIDAE) COLETADOS NO VERÃO E INVERNO, ZONA DA MATA DE MINAS GERAIS, BRASIL

Danielle Barbosa Morais (Departamento de Biologia Geral / UFV / danibmorais@yahoo.com.br)
Luciana Coutinho de Oliveira (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Sérgio Luis Pinto da Matta (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Mariella Bontempo Ducca Freitas (Departamento de Biologia Animal / UFV)
Mirlaine Soares Barros (Departamento de Biologia Animal / UFV)
Jercyane Maria da Silva Braga (Departamento de Biologia Animal / UFV)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Morfologia

Foram descritas alterações na atividade secretória das células de Leydig em diversas espécies de morcegos, em regiões temperadas e tropicais. Estas células fornecem o suprimento androgênico necessário à manutenção da atividade espermatogênica nos testículos, e seu número e volume podem passar por alterações significativas entre diferentes espécies ou mesmo dentro de uma mesma espécie. Como pouco se conhece sobre a atividade destas células em morcegos insetívoros brasileiros, objetivou-se quantificá-las, a partir da morfometria testicular em *Molossus molossus*. Foram realizadas coletas durante o verão e inverno de 2007, na região de Viçosa-MG. Capturaram-se cinco animais adultos no verão e quatro no inverno, que foram pesados e decapitados para posterior coleta dos tecidos. Os testículos foram pesados em balança de precisão e fixados em Karnovsky por 24 horas, desidratados em etanol e incluídos em metacrilato. Secções de 3 µm de espessura foram coradas com azul de toluidina/borato de sódio 1%. O compartimento intertubular foi avaliado sob microscopia de luz, utilizando-se o programa Image Pro Plus. Contou-se aleatoriamente 1.000 pontos sobre intertúbulo/animal. Determinou-se o volume dos componentes do intertúbulo, a relação nucleoplasmática, e o diâmetro nuclear da célula de Leydig. Calculou-se então o volume individual e total dessas células por testículo e por grama de testículo. As médias destes parâmetros foram comparadas pelo teste de *t* de student (0,05%). As células de Leydig representaram 15,34% do intertúbulo no verão, sendo maior ($p<0,05$) em relação aos 6,51% que esta célula representou no intertúbulo durante o inverno. Os volumes nucleares e citoplasmáticos médios foram maiores ($p<0,05$) no verão (296,67 μm^3 e 1699,22 μm^3, respectivamente) que no inverno (273,19 μm^3 e 1001,72 μm^3, respectivamente). No entanto, o volume da célula de Leydig por parênquima testicular (mL) não sofreu alteração significativa ($p>0,05$) entre as estações avaliadas, o mesmo ocorrendo quanto ao volume destas células por grama de testículo, embora neste último caso tenha sido observado ligeiro aumento no verão ($p=0,06$) em relação ao inverno. Conclui-se que estas células sofrem variações sazonais, em testículos de *M. molossus* do sudeste de Minas Gerais, refletindo provavelmente ação de fatores ambientais no ciclo reprodutivo desta espécie, permitindo, portanto, classificá-la como sazonal.

Palavras-chave: Testículo, compartimento intertubular, morfometria

Financiadores: CAPES e FAPEMIG

ARRANJO DO COMPARTIMENTO INTERTUBULAR EM DUAS ESPÉCIES DE MORCEGOS INSETÍVOROS BRASILEIROS: *MOLOSSUS MOLOSSUS* E *EPTESICUS BRASILIENSIS*

Danielle Barbosa Morais (Departamento de Biologia Geral / UFV / danibmorais@yahoo.com.br)
Marli do Carmo Cupertino (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Luciana Coutinho de Oliveira (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Sérgio Luis Pinto da Matta (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Mariella Bontempo Ducca Freitas (Departamento de Biologia Animal / UFV)
Mirlaine Soares Barros (Departamento de Biologia Animal / UFV)
Tarcízio Antonio Rêgo de Paula (Departamento de Medicina Veterinária / UFV)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Morfologia

Em termos funcionais, o testículo dos mamíferos é dividido em dois compartimentos básicos: o tubular ou espermatogênico e o intertubular ou androgênico. O compartimento intertubular é composto pelas células de Leydig (CL), espaços linfáticos (EL), vasos sanguíneos (VS) e tecido conjuntivo (TC). O arranjo e a proporção destes componentes variam nas diferentes espécies de mamíferos formando mecanismos que mantêm o nível de testosterona, principal produto da CL, duas a três vezes maior no fluido intersticial que nos vasos sanguíneos testiculares, e de 40 a 250 vezes maior nestes, em relação ao sangue periférico. Pouco se sabe, porém sobre o arranjo testicular em quirópteros brasileiros. *Molossus molossus* e *Eptesicus brasiliensis* atuam de importante maneira no ecossistema como controladores das populações de insetos, sendo frequentemente encontrados na Zona da Mata de Minas Gerais, Brasil, onde ocorreu este estudo. Utilizaram-se cinco *M. molossus* e cinco *E. brasiliensis* machos, adultos, para descrição do arranjo dos componentes do compartimento intertubular testicular. Os animais foram capturados no verão de 2007, pesados e decapitados para posterior coleta dos tecidos. Os testículos foram pesados, fixados em Karnovsky, desidratados em etanol e incluídos em metacrilato. Obtiveram-se secções a 3µm de espessura, coradas com azul de toluidina+borato de sódio 1%. Registrou-se a proporção volumétrica de túbulo e intertúbulo sob microscopia de luz, utilizando-se o programa Image Pro-Plus, contando-se aleatoriamente 2660 pontos/animal. O intertúbulo foi avaliado registrando-se 1000 pontos sobre CL, EL, VS e TC, calculando-se então a porcentagem destes elementos no intertúbulo. O intertúbulo representou 14,46% dos testículos de *M. molossus* e CL, EL, VS e TC ocuparam respectivamente 86,34%, 3,38%, 8,32% e 1,96% do intertúbulo. Em *E. brasiliensis* o intertúbulo representou 13,23% dos testículos e CL, EL, VS e TC ocuparam respectivamente 62,38%, 7,08%, 12,73% e 17,83% do intertúbulo. De acordo com o padrão de organização e quantificação dos elementos do intertúbulo observado nestas duas espécies, notou-se predominância de células de Leydig preenchendo quase todo o compartimento intertubular, tanto em *M. molossus* quanto em *E. brasiliensis*. Vasos sanguíneos são escassos, assim como o espaço linfático, apresentando pequeno calibre. Do mesmo modo observou-se pouco tecido conjuntivo. São classicamente descritos três padrões de organização para o compartimento intertubular nos mamíferos. De acordo com as características apresentadas conclui-se que os compartimentos intertubulares em *M. molossus* e *E. brasiliensis* estão de acordo com o tipo III da classificação de Fawcett, com absoluta predominância de células de Leydig sobre os demais elementos intertubulares.

Palavras-chave: Célula de Leydig, Espaço linfático, Vaso sanguíneo, Tecido conjuntivo

Financiadores: CAPES e FAPEMIG

COMPARAÇÕES ENTRE O COMPARTIMENTO INTERTUBULAR DOS TESTÍCULOS DE *MOLOSSUS MOLOSSUS* (CHIROPTERA: MOLOSSIDAE) CAPTURADOS NO VERÃO E INVERNO, NA ZONA DA MATA DE MINAS GERAIS, BRASIL

Danielle Barbosa Morais (Departamento de Biologia Geral / UFV / danibmorais@yahoo.com.br)
Sérgio Luis Pinto da Matta (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Leandro Santos Goulart (Departamento de Biologia Animal / UFV)
Mariella Bontempo Ducca Freitas (Departamento de Biologia Animal / UFV)
Tarcízio Antonio Rêgo de Paula (Departamento de Medicina Veterinária / UFV)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Morfologia

O padrão reprodutivo de *Molossus molossus* é classificado como monoéstrico sazonal ou poliéstrico assazonal, dependendo da região do Brasil. Pouco se conhece, porém acerca de sua função testicular. Como tais conhecimentos permitem inferir sobre a dinâmica gonadal e capacidade reprodutiva da espécie, objetivou-se comparar o intertúbulo dos testículos de *M. molossus* coletados no verão e inverno de 2007, na região de Viçosa-MG, pois pode haver variação intra e interespecífica quanto à porcentagem dos elementos que constituem este compartimento testicular. Utilizaram-se cinco animais adultos no verão e quatro no inverno. Após decapitação, seus testículos foram pesados, fixados (Karnovsky), desidratados (etanol) e incluídos em metacrilato. Obtiveram-se secções de 3µm, coradas com azul de toluidina+borato de sódio 1%. Registrou-se a proporção volumétrica de túbulo-intertúbulo sob microscopia de luz, utilizando-se o programa Image Pro-Plus, contando-se aleatoriamente 2660 pontos/animal. Avaliou-se o intertúbulo registrando-se 1000 pontos sobre célula de Leydig (CL), vasos sanguíneos (VS), espaço linfático (EL) e tecido conjuntivo (TC). Calculou-se a porcentagem destes elementos no intertúbulo, bem como o quanto cada um representa no testículo, seu volume (mL) por parênquima testicular e por grama de testículo. Comparou-se as médias destes parâmetros pelo teste de *t* de student (0,05%). O percentual de intertúbulo no verão (15,55%) foi maior ($p<0,05$) em relação ao inverno (7,97%). O percentual do intertúbulo ocupado por CL, VS, EL e TC não variou significativamente nas estações avaliadas. Em relação ao percentual dos elementos do intertúbulo no testículo, CL representaram 15,34% dos mesmos no verão, o que foi maior ($p>0,05$) em relação aos 6,51% registrados para o inverno. O percentual testicular representado por VS, EL e TC permaneceu inalterado entre as estações. O compartimento intertubular como um todo representou 17,60% dos testículos no verão, tendo sido maior ($p<0,05$) em relação aos 7,97% encontrados no inverno. Os volumes de CL, VS, EL e TC por parênquima testicular permaneceram inalterados ($p>0,05$), o mesmo ocorrendo quanto ao volume destes elementos por grama testicular. Durante o inverno pode-se esperar diminuição de parâmetros morfométricos testiculares, como se observou para a porcentagem de intertúbulo, ocorrendo como reflexo do aumento do túbulo no inverno, estação de início de novo ciclo espermatogênico. Os componentes mais abundantes do intertúbulo de *M. molossus* são as CL, que foram mais abundantes no verão, também contribuindo para o maior percentual observado neste compartimento em relação ao tubular. Pode-se inferir, portanto que *M. molossus* apresentam sazonalidade reprodutiva no sudeste brasileiro.

Palavras-chave: Célula de Leydig, Vaso sanguíneo, Espaço linfático, Tecido conjuntivo

Financiadores: CAPES e FAPEMIG

CARACTERIZAÇÃO HISTOLÓGICA E HISTOQUÍMICA DO ESTÔMAGO DO MORCEGO *EPTESICUS BRASILIENSIS* (CHIROPTERA: VESPERTILIONIDAE)

Daniela Valente Andrade (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Danielle Barbosa Morais (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Clóvis Andrade Neves (Departamento de Biologia Geral / UFV / caneves@ufv.br)
Mariella Bontempo Duca de Freitas (Departamento de Biologia Animal / UFV)
Marcela Cristine Silva (Departamento de Biologia Geral / UFV)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Morfologia

O estômago possui três regiões histológicas distintas: cárdia, corpo e piloro. Por apresentarem alta diversidade de hábitos alimentares, estudos envolvendo a histologia do sistema digestório de quirópteros tornam-se particularmente interessantes por auxiliarem a compreensão dos processos envolvendo as adaptações histológicas aos diferentes hábitos alimentares. O objetivo deste trabalho foi descrever histológica e histoquimicamente as regiões do estômago de *Eptesicus brasiliensis*, espécie insetívora comum no Brasil. Foram utilizados o esôfago (porção final) e o estômago - sendo o último mensurado e seccionado em suas quatro regiões anatômicas - de sete animais adultos oriundos de MG. Fragmentos destas regiões foram fixados em Karnovsky e incluídos em glicol-metacrilato. Secções histológicas com 2µm de espessura foram coradas com Azul de toluidina-borato de sódio ou submetidos às técnicas histoquímicas: Alcian Blue (AB) pH 1,0 e 2,5, Ácido Periódico de Schiff(PAS), Xilidine de Ponceau (XP) e Ferrocianeto Férrico (FF). Após análise, observou-se que o final do esôfago é revestido por epitélio estratificado pavimentoso não queratinizado. Não ocorrem glândulas nesta região, que possui musculatura lisa e esquelética associadas. O estômago de *E. brasiliensis* apresenta formato característico em "J". Na cárdia, o epitélio esofágico é substituído por epitélio simples prismático, com intensa positividade ao PAS. As fossetas gástricas são revestidas por células secretoras de muco PAS e FF positivas, indicando que a secreção é composta de glico-conjugados neutros, possivelmente glicoproteínas ricas em pontes dissulfeto. Ausência de reação ao XP indica que o muco não contém proteínas básicas. A região do colo das glândulas tubulosas simples do corpo e fundo contém maior concentração de células mucosas secretoras de glico-conjugados ácidos e neutros, conforme marcação pelo AB pH 2,5 e PAS. Nessas regiões as células parietais concentram-se mais próximas da base das glândulas do que nas outras regiões. As células principais, com abundância de grânulos de secreção protéico, possuem formato triangular típico. No corpo e no piloro era comum a ocorrência de células glandulares não coradas, possivelmente células entero-endócrinas. No piloro as fossetas são mais profundas e a maioria das células glandulares responde somente ao PAS. O conjuntivo envolvendo as glândulas é escasso, bem como a submucosa. A muscular da mucosa é delgada e a túnica muscular possui duas camadas. Os animais alimentados apresentaram o estômago muito distendido e em todos os exemplares havia helmintos aderidos ao epitélio da cárdia. As características histológicas do estômago desta espécie se assemelham às poucas outras descritas para esta ordem.

Palavras-chave: Quirópteros, morfologia, glândulas gástricas

Financiadores: FAPEMIG

MORFOMETRIA TESTICULAR DE *EPTESICUS BRASILIENSIS* (CHIROPTERA: VERPERTILIONIDAE) COLETADOS NA ZONA DA MATA DE MINAS GERAIS, BRASIL

Danielle Barbosa Morais (Departamento de Biologia Geral / UFV / danibmorais@yahoo.com.br)
Marli do Carmo Cupertino (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Luciana Coutinho de Oliveira (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Túlio Fiorini de Carvalho (Departamento de Biologia Animal / UFV)
Sérgio Luis Pinto da Matta (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Mariella Bontempo Ducca de Freitas (Departamento de Biologia Animal / UFV)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Morfologia

Eptesicus brasiliensis é um quiróptero insetívoro amplamente encontrado no Brasil. Pouco se sabe acerca da atividade reprodutiva dos machos desta espécie e tais conhecimentos podem ser obtidos a partir da aplicação da morfometria testicular. O testículo segue um padrão de organização relativamente rígido, sendo funcionalmente divididos em dois compartimentos: o tubular e o intertubular. Podem ser encontradas diferenças intra e inter-específicas quanto à proporção volumétrica de seus constituintes, o que ocorre como reflexo de fatores ambientais e do comportamento reprodutivo apresentado por determinada espécie. Neste sentido foram capturados seis espécimes machos adultos na região de Viçosa-MG durante o verão, nos anos de 2007 e 2008. Após decapitação dos mesmos os testículos foram pesados, fixados (Karnovsky), desidratados (etanol) e incluídos em metacrilato. Obtiveram-se secções de 3µm, coradas com azul de toluidina+borato de sódio 1%. Registrou-se a proporção volumétrica dos elementos do parênquima testicular sob microscopia de luz, utilizando-se o programa Image Pro-Plus, contando-se aleatoriamente 2660 pontos/animal. No compartimento tubular mediu-se o diâmetro dos túbulos seminíferos e a espessura do epitélio seminífero, calculando-se o comprimento dos túbulos seminíferos por testículo e por grama de testículo. Avaliou-se o compartimento intertubular registrando-se 1000 pontos sobre célula de Leydig (CL), vasos sanguíneos (VS), espaço linfático (EL), tecido conjuntivo (TC) e macrófagos (M). Os resultados obtidos foram submetidos à análise estatística descritiva. Os testículos de *E. brasiliensis* apresentaram-se constituídos por 82,04% de túbulo e 17,96% de intertúbulo, obedecendo ao padrão observado em mamíferos. Os túbulos seminíferos apresentaram diâmetro médio de 86,88 m, o que esteve bem abaixo da média observada para a maioria das espécies de mamíferos, que varia de 170-300 m, sugerindo maior investimento no compartimento intertubular. As variações do ciclo do epitélio seminífero são melhor percebidas a partir da mensuração da altura do epitélio seminífero, parâmetro este mais efetivo para a avaliação da produção espermática. Em *E. brasiliensis* a média encontrada foi de 45,04 m. Estes animais possuem 1,02 m de túbulos seminíferos por testículo e 126,55 m de túbulos seminíferos por grama de testículo. Avaliando-se o compartimento intertubular, notou-se predominância de células de Leydig, que representaram 68,35% deste compartimento. Estas células são responsáveis pelo suprimento androgênico necessário à manutenção da atividade reprodutiva. Vasos sanguíneos, espaço linfático, tecido conjuntivo e macrófagos representaram respectivamente 7,94%, 2,10%, 12,95% e 1,28% do intertúbulo. Em linhas gerais a organização e quantificação testicular de *E. brasiliensis* assemelhou-se ao observado nas espécies de mamíferos até hoje estudadas.

Palavras-chave: Morcegos, túbulos seminíferos, epitélio seminífero, intertúbulo

Financiadores: CAPES e FAPEMIG

HISTOLOGIA E HISTOQUÍMICA DO FÍGADO DE *ARTIBEUS LITURATUS* (CHIROPTERA: PHYLLOSTOMIDAE)

Marcela Cristine Silva (Departamento de Biologia Geral / UFV / ms7_bio@yahoo.com.br)
Danielle Barbosa Morais (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Daniela Valente Andrade (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Clóvis Andrade Neves (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Mariella Bontempo Ducca de Freitas (Departamento de Biologia Animal / UFV)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Morfologia

O fígado desempenha papel essencial no metabolismo de lipídeos, carboidratos e proteínas, sendo ainda o local de processamento e armazenamento dos nutrientes absorvidos no intestino para posterior utilização por outros órgãos. Descreveu-se histológica e histoquimicamente o fígado de *Artibeus lituratus*, espécie frugívora amplamente distribuída na região neotropical e em todo o território brasileiro. Cinco animais adultos (quatro machos e uma fêmea) do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, Zona da Mata de Minas Gerais, Brasil, coletados em abril de 2008, foram eutanasiados com éter e dissecados. Fragmentos do fígado foram fixados em Formalina de Carson e processados para inclusão em glicol-metacrilato (Historesin, Leica). Secções de 1µm de espessura foram coradas com Azul de Toluidina-borax a 1% (AT) ou submetidos às técnicas histoquímicas: Ácido Periódico de Schiff (PAS), Alcian Blue pH 2,5 (AB), Xylidine Ponceau (XP), Ferrocianeto Férrico (FF) e Sulfato de Azul do Nilo (AN). *A. lituratus* apresentaram fígados com cordões de hepatócitos individualizados e muitas células binucleadas. Capilares sinusóides foram abundantes e convergiram para o centro do lóbulo formando a veia centrolobular, possibilitando a identificação do lóbulo hepático, o qual não era facilmente distinguível. Em cada vértice lobular o espaço porta esteve envolto por evidente tecido conjuntivo. Poucos hepatócitos apresentaram granulação PAS positiva preenchendo todo o citoplasma. A digestão por amilase, previamente ao PAS permitiu inferir que se tratavam de grânulos de glicogênio. Pequenos grânulos dispersos por todo o citoplasma dos hepatócitos reagiram positivamente às técnicas de PAS, AN e FF, mas não responderam às técnicas para AB e XP. As células de Kupffer apresentaram granulação grosseira exibindo resposta fortemente positiva às técnicas de PAS e FF, permitindo deduzir que estes grânulos possuem glico-conjugados neutros, possivelmente glicoproteínas ricas em pontes dissulfeto. Algumas células dos ductos biliares mostraram evidente marcação PAS positiva. Pôde-se destacar ainda a presença de duas classes de hepatócitos, distinguíveis por suas diferenças de densidade evidenciadas pela técnica de XP. Pode-se concluir que a histologia do fígado de *A. lituratus* apresentou padrão semelhante ao descrito em várias espécies de mamíferos, entretanto a ausência de conjuntivo separando os lóbulos hepáticos e a escassez de células ricas em glicogênio mereceram destaque.

Palavras-chave: Morcegos, hepatócitos, glicogênio, células de Kupffer

Financiadores: CAPES e FAPEMIG

CARACTERIZAÇÃO TESTICULAR DE *MOLOSSUS MOLOSSUS* (CHIROPTERA: MOLOSSIDAE) COLETADOS NA PRIMAVERA NA ZONA DA MATA DE MINAS GERAIS

Danielle Barbosa Morais (Departamento de Biologia Geral / UFV / danibmorais@yahoo.com.br)
Marli do Carmo Cupertino (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Sérgio Luís Pinto da Matta (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Bruno Edésio dos Santos Melo (Departamento de Biologia Animal / UFV)
Mariella Bontempo Ducca Freitas (Departamento de Biologia Animal / UFV)
Tarcízio Antônio Rêgo de Paula (Departamento de Medicina Veterinária / UFV)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Morfologia

A habilidade reprodutiva dos machos sexualmente maduros depende da capacidade dos testículos em produzir grande número de espermatozóides viáveis e concentrações adequadas de andrógenos para libido e maturação dos órgãos reprodutivos. Condições ambientais e fatores endógenos estão fortemente associados com a reprodução em morcegos. Objetivou-se aqui avaliar a atividade espermatogênica de *Molossus molossus*, os quais têm ampla distribuição no Brasil, e possuem importante papel no ecossistema, como controladores das populações naturais de insetos. Foram capturados cinco animais adultos, que foram pesados e decapitados para posterior coleta dos tecidos. Os testículos foram pesados em balança de precisão, fixados em Karnovsky (24 horas), desidratados em etanol e incluídos em metacrilato. Obtiveram-se secções a 3 µm de espessura, que foram coradas com Azul de toluidina+Borato de sódio 1%. Utilizou-se os pesos corporal, gonadal e do parênquima testicular, para cálculo dos índices gonadossomático (IGS) e tubulossomático (ITS). Mediu-se ainda o diâmetro dos túbulos seminíferos e a espessura do epitélio seminífero, calculando-se o comprimento total dos túbulos seminíferos por testículo e por grama de testículo, além da avaliação da proporção volumétrica dos elementos do parênquima testicular. As análises morfométricas foram feitas em microscopia de luz utilizando-se o programa Image Pro-Plus. Encontrou-se IGS médio de 0,47%, coerente com o sistema de acasalamento poligínico observado na espécie, que obedece a um sistema de haréns composto por um macho dominante. O parênquima testicular apresentou-se constituído por 88,38% de túbulos seminíferos e 11,62% de intertúbulo. Encontraram-se média de diâmetro tubular de 139,50 µm e espessura média do epitélio seminífero de 50,54 µm. Estas variáveis acompanham as variações do ciclo do epitélio seminífero, estando relacionadas com o aumento do lúmen tubular que precede a espermiação, que por sua vez pode ocorrer durante a primavera. O diâmetro tubular esteve abaixo da média observada para a maioria das espécies de mamíferos, que varia de 170-300 µm. Os comprimentos médios de túbulos seminíferos por testículo e por grama de testículo foram respectivamente de 3,62 m e 56,73 m. O ITS médio foi de 0,19%, estando este valor acima da média encontrada para os mamíferos silvestres até hoje estudados, demonstrando grande investimento corporal na produção espermática. Isto reafirma uma tendência existente entre mamíferos, de investimento inverso em produção espermática com relação à massa corporal, de modo que animais de menor porte apresentam maior alocação e dispendimento energético em massa testicular, em relação a animais de maior massa corporal.

Palavras-chave: Índice gonadossomático, Túbulos seminíferos, Epitélio seminífero

Financiadores: CAPES e FAPEMIG

CBMz

PARASITISMO DE *RHYNCHOPSYLLUS PULEX* (TUNGIDAE) EM MOLOSSIDAE (CHIROPTERA)

Júlia Lins Luz (LADIM/UFRRJ/julialinsluz@yahoo.com.br)
Luciana de Moraes Costa (LADIM/UFRRJ)
Luiz A. C. Gomes (LADIM/UFRRJ)
Agata F. P. D. Fernandes (LADIM/UFRRJ)
Carlos Eduardo Lustosa Esbérard (LADIM/UFRRJ)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Parasitologia

Rhynchopsyllus pulex é um parasita obrigatório de morcegos. Doze espécies de morcegos já tiveram esta interação analisada, destacando-se as espécies de Molossidae. Desde 2007 esforços tem sido feitos para caracterizar a biota na Praia das Neves para dar subsídio ao Plano de Manejo da Lagartixa da Praia (FNMA) e uma campanha para analisar a fauna de morcegos foi realizada. Situada às margens do Rio Itabapoana, na divisa entre os estados do ES e RJ, Praia das Neves ainda apresenta resquícios de matas de restinga e outras formações típicas deste bioma. Uma colônia mista de *Molossus molossus* e *Molossus rufus* foi encontrada em um dos forros de uma das residências, com os morcegos de ambas as espécies localizando-se entre as caixas d'água e a parede e mantendo contato. O total de 24 animais foi capturado manualmente, de um total estimado de 30 indivíduos. Os morcegos foram analisados quanto à prevalência, taxa media de infestação e local de fixação da pulga. Catorze *M. rufus* (dois machos e 12 fêmeas) apresentaram prevalência de 71,4%, com um total de 54 *R. pulex*. Machos apresentaram maior prevalência (100%) e maior infestação média (7,5 ectoparasitas por morcego) do que as fêmeas (69,2% e 4,2 ectoparasitas por morcego). Dez *M. molossus* (quatro machos e seis fêmeas) apresentaram 80% de prevalência, com o total de 14 *R. pulex*. Machos apresentaram menor prevalência (75%) e menor taxa média de infestação (3,0 ectoparasitas por morcego) do que fêmeas (100% e 3,5 ectoparasitas por morcego). Foi observada relação linear positiva e significativa do peso e o número de pulgas encontradas se consideradas ambas as espécies ($r = 0,547$, $N = 19$, $F = 7,245$, $p = 0,015$). Em ambas as espécies de morcegos as pulgas fixaram-se preferencialmente nas orelhas e trago, sendo observados oito sítios de fixação em *M. rufus* e quatro em *M. molossus*. Os sítios de fixação foram, em ordem de preferência: orelha, trago, tíbia, omoplata, axila, ânus e boca. Seria interessante, em pesquisas futuras, verificar se as espécies de maior porte são de fato as mais parasitadas e se isto seria devido a uma maior superfície corporal.

Palavras-chave: prevalência, infestação, refúgio, fixação

Financiadores: FNMA

JOVENS DE *CAROLLIA PERSPICILLATA* (CHIROPTERA: PHYLLOSTOMIDAE) APRESENTAM MAIORES TAXAS DE INFESTAÇÃO DE STREBLIDAE (DIPTERA)?

Carlos duardo Lustosa Esbérard (LADIM/UFRRJ/cesberard@ufrrj.br)
Lena Geise (Laboratório de Mastozoologia/UERJ)
Diego Astúa (Departamento de Zoologia/UFPE)
Luciana de Moraes Costa (LADIM/UFRRJ)
Luciana Pereira Guedes (Lab. Biologia Parasitologia Mamíferos Silvestres Reservatório / FIOCRUZ)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Parasitologia

Os aspectos ecológicos relacionados ao parasitismo, como os padrões de infestação, constituem alguns dos aspectos menos estudados na parasitologia. Além das interações interespecíficas, aspectos como sexo, condição reprodutiva e tamanho do hospedeiro podem influenciar a distribuição e abundância dos ectoparasitas. O objetivo deste trabalho foi analisar qual classe etária dentro do abrigo apresenta maior taxa de infestação. Os morcegos foram capturados no interior de um abrigo encontrado em uma réplica de tenda indígena, localizada na RPPN Estação Veracel, Santa Cruz Cabrália, Bahia. O total de 17 exemplares de *Carollia perspicillata* no interior do refúgio foi analisado, compreendendo quatro subadultos (dois machos e duas fêmeas), nove adultos e quatro neonatos. A infestação média por Streblidae de todos os exemplares analisados no refúgio foi de 5,81 indivíduos por morcego parasitado (dp = 6,21) e a prevalência foi de 88,9%. Para o interior do abrigo, analisando por sexo, nos animais adultos foram obtidos quatro machos positivos (80% de prevalência), e com intensidade média de 2,0 ectoparasitas e sete fêmeas positivas (87,5% de prevalência) e intensidade média de 8,0 ectoparasitas. As fêmeas lactantes com filhotes apresentaram de 5 a 18 ectoparasitas (média de 11,00 ectoparasitas, dp = 8,12, N = 4), enquanto os demais morcegos adultos e sub-adultos analisados apresentaram de 0 a 3 ectoparasitas (média de infestação de 1,67 ectoparasitas, dp = 1,07, N = 7). O número de Streblidae apresentou relação negativa e altamente significativa com o peso corporal dos morcegos neonatos e subadultos capturados no refúgio (r = 0,91, F = 29,813, N = 8, p = 0,002). Para 39 morcegos positivos capturados nas trilhas foi obtido taxa média de infestação de 2,62 + 1,36 (variando de 1 a 6 ectoparasitas) e prevalência de 33,33%. Foi observada relação negativa e significativa entre o peso corporal e o número de Streblidae (r = 0,351, F = 5,048, p = 0,031) para os morcegos capturados em trilhas. A captura de *Carollia perspicillata* durante o dia dentro de um refúgio resultou em elevada infestação média (5,8 Streblidae por morcego) e prevalência (cerca de 89%), muito superiores aos animais amostrados em redes de neblina abertas em trilhas e na borda de matas (intensidade média de 2,62 Streblidae por morcego e prevalência de 33,33%). A relação do tamanho com a taxa de infestação comprova que os Streblidae procuram preferencialmente durante o dia as fêmeas com neonatos (e provavelmente os jovens).

Palavras-chave: parasitismo, refúgio, prevalência

Financiadores: CNPq

PREVALÊNCIA E INFESTAÇÃO MÉDIA DE DÍPTEROS ECTOPARASITAS (DIPTERA: STREBLIDAE) EM *CAROLLIA PERSPICILLATA* (CHIROPTERA: PHYLLOSTOMIDAE) NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Débora de Souza França (Laboratório de Diversidade de Morcegos/ UFRRJ/ deborasfr@gmail.com)
Luiz Antonio Costa Gomes (Laboratório de Diversidade de Morcegos/ UFRRJ)
Elizabeth Captivo Lourenço (Laboratório de Diversidade de Morcegos/ UFRRJ)
Luciana de Moraes Costa (Laboratório de Diversidade de Morcegos/ UFRRJ)
Carlos Eduardo Lustosa Esberard (Laboratório de Diversidade de Morcegos/ UFRRJ)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Parasitologia

Existem poucos trabalhos sobre a influência de ectoparasitas em morcegos relacionando aspectos ecológicos. O trabalho teve como objetivo descrever a relação parasita-hospedeiro de estreblídeos em *Carollia perspicillata* no Estado do Rio de Janeiro, através dos índices de prevalência e intensidade média. Foram estudadas oito localidades: Ilha de Itacuruçá, Ilha da Marambaia, Reserva Rio das Pedras e Hotel Portobello (Mangaratiba); Estação Ecológica Estadual Paraíso (Guapimirim); Ilha da Gipóia e Ilha Grande (Angra dos Reis) e Morro de São João (Casimiro de Abreu). As coletas foram realizadas entre novembro de 1999 e março de 2008. Foram utilizadas redes de neblina abertas por toda noite em trilhas já existentes, próximas a coleções de água e abrigos. Os indivíduos de *C. perspicillata* analisados foram identificados, mensurados, marcados e soltos no local. Após uma observação na pelagem dos morcegos, os ectoparasitas foram coletados manualmente ou com auxílio de pinças de ponta fina, fixados em álcool etílico e armazenados em frascos individuais devidamente etiquetados. Alguns exemplares de morcegos e todos os ectoparasitas encontram-se depositados na Coleção de Referência do Projeto Morcegos Urbanos atualmente lotada na Universidade do Federal Rural do Rio de Janeiro (IBAMA processo 1755/89). No laboratório os ectoparasitas foram identificados ao nível de gênero com o auxílio da chave pictórica (Graciolli, G. & Carvalho, C. J. B. 2001. Revta Bras. Zool. 18(3): 907-960). Dos 932 exemplares capturados de *C. perspicillata*, 249 estavam parasitados. Foram analisados 504 indivíduos de ectoparasitas da família Streblidae pertencentes aos gêneros *Trichobius* e *Strebla*. A prevalência para *Strebla* variou de 2,1% a 25,4% enquanto para *Trichobius* variou de 13,7% a 92,1%. A intensidade média para *Strebla* variou de 0,14 a 1,67 enquanto para *Trichobius* variou de 1,00 a 2,86. Maior intensidade média e prevalência foram observadas em localidades mais bem preservadas, como a Estação Ecológica Estadual Paraíso, que não teve desmatamento anterior. É suposição dos autores que em locais mais preservados a espécie de morcegos estudada apresenta maior fidelidade ao refúgio, obtendo com isso maior probabilidade de reinfestação.

Palavras-chave: parasitismo; *Trichobius; Strebla*; conservação

Financiadores: FAPERJ e CNPq

INVENTÁRIO DE MOSCAS ECTOPARASITAS (DIPTERA, STREBLIDAE) DE MORCEGOS (MAMMALIA, CHIROPTERA) NO MUNICÍPIO DE VARRE-SAI, EXTREMO NORTE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Leandro Tusholska Gomes (Mastozoologia / UNIRIO / leandrotusholska@hotmail.com)
Leonardo Santos Avilla (Matozoologia / UNIRIO)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Parasitologia

Os ectoparasitos de vertebrados endotérmicos estão distribuídos em sete ordens com cerca de 6.000 espécies, das quais, aproximadamente 700 parasitam os quirópteros. Estudos referentes a estes invertebrados são raros no Estado do Rio de Janeiro. Morcegos são excelentes hospedeiros do ponto de vista fatídico de que muitos gêneros de parasitas são encontrados nos mesmos. Objetivou-se descrever a composição preliminar das espécies de dípteros estreblídeos e suas taxas de infestação em morcegos coletados no extremo norte do Estado do Rio de Janeiro. Iniciamos os estudos no município de Varre-Sai, fazenda São Matheus, em uma trilha de aproximadamente 1km na borda de um dos fragmentos de Mata Atlântica. Os morcegos foram capturados com o auxílio de redes de neblina, estendidas ao longo da trilha, exceto por uma das redes armada sobre um córrego e a outra em um milharal. O esforço de captura foi de 16.5m²/h/noite. Os morcegos capturados foram acondicionados em sacos de pano individuais para reduzir o estresse de captura e a troca de parasitos, estes sacos não foram reutilizados durante a mesma coleta. A busca por ectoparasitos foi feita através do deslocamento do pêlo e a remoção com pinça, fixados e preservados em álcool etílico a 70%. O número de *bat flies* que ocorrem em um hospedeiro é influenciado por fatores como, comprimento do pêlo, tamanho das orelhas e hábitos do hospedeiro, se são solitários ou convivem em grupo. Dos espécimes coletados de hospedeiros, 53,1% dos morcegos estavam parasitados por moscas da família Streblidae. As seguintes espécies de morcegos com número de indivíduos capturados não foram encontradas parasitadas por dípteras: *Anoura caudifera* (2), *Myotis nigricans* (1) e *Artibeus fimbriatus* (1). São apresentadas as prevalências das espécies de dípteras coletados sobre os morcegos parasitados em porcentagem, sendo, *Carolia perspicillata* (18) - *Paratrichobius longicrus* (73,33%), *Trichobius sp.* (13,33%), *Paraeuctenodes similis* (13,33%); *Sturnira lilium* (10) - *Megistopoda aranea* (55,55%), *Aspidoptera falcata* (22,22%), *Megistopoda proxima* (11,11%), *Strebla sp.* (11,11%). A porcentagem total de parasitas sobre os indivíduos foi de 62,5%.

Palavras-chave: Morcegos, Fragmento de Mata Atlântica, Streblidae

Financiadores: UNIRIO, FAPERJ

ESTUDO DA VARIAÇÃO GEOGRÁFICA EM QUATRO ESPÉCIES DE *ARTIBEUS* LEACH, 1821 (CHIROPTERA, PHYLLOSTOMIDAE) NA MATA ATLÂNTICA

Araújo, A.P. (Depto de Sistemática e Ecologia, UFPB, palomatav@yahoo.com.br)
Langguth, A. (Depto de Sistemática e Ecologia, UFPB)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Sistemática

Os morcegos do gênero *Artibeus* estão restritos à Região Neotropical, ocorrendo desde o México até o norte da Argentina. *Artibeus planirostris*, *A. obscurus*, *A. lituratus* e *A. fimbriatus* são as quatro espécies de morcegos do subgênero *Artibeus*, que habitam a Mata Atlântica. Por serem espécies comuns em coletas, existe um abundante material em coleções cientificas. Foi realizado um estudo da variação geográfica das quatro espécies, entre Paraíba e Santa Catarina. Examinaram-se 792 exemplares, procedentes de 11 coleções científicas. Os espécimes foram agrupados em amostras homogêneas. De cada indivíduo, foram tomadas 9 medidas cranianas, além do comprimento do antebraço. Foram realizadas análises de estatística descritiva, diagramas de Dice-Leraas e análise discriminante multivariada. Observou-se que *Artibeus planirostris* e *Artibeus obscurus* apresentaram variação latitudinal semelhante. Nestas espécies, as amostras ao norte do Rio São Francisco tendem a apresentar menores medidas do que aquelas ao sul do Rio. Este Rio é um limite de distribuição de vários outros organismos. Em *Artibeus lituratus* e *Artibeus fimbriatus*, observou-se uma variação latitudinal bastante aleatória, ainda que tenha se verificado que amostras do extremo sul apresentavam maiores médias do que aquelas do extremo norte nas duas espécies. Pôde-se observar que a amostra de Paraty, no Rio de Janeiro, apresentou as maiores médias, em *Artibeus lituratus*, e a amostra de Ilhéus na Bahia teve as maiores médias em *Artibeus fimbriatus*.

Palavras-chave: Variação geográfica, morfometria, Chiroptera, *Artibeus*

FILOGENIA DE STENODERMATINAE (CHIROPTERA: PHYLLOSTOMIDAE) BASEADA EM DADOS MORFOLÓGICOS E MOLECULARES

Valeria da Cunha Tavares (Dept. Mammalogy/AMNH/tavares@amnh.org)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Sistemática

Stenodermatinae (Chiroptera: Phyllostomidae) uma subfamília considerada consensualmente monofilética é composta por espécies morfologicamente bastante diversas, tornando complexa, a priori, a resolução de relações filogenéticas intra-subfamiliares. A maior parte das análises sobre as relações filogenéticas de morcegos da subfamília Stenodermatinae foi realizada ainda sem a aplicação de princípios de herança compartilhada de caracteres (cladística), ou com sistemas particulares de caracteres e apenas uma análise cladística foi feita, baseada em caracteres morfológicos. Este estudo descreve uma análise da filogenia de Stenodermatinae, multisistêmica, incluindo caracteres morfológicos (morfologia externa, crânio, dentes, poscrânio) e moleculares, sendo um gene nuclear (RAG2) e um mitocondrial (citocromo b) codificados para uma espécie de cada gênero atualmente reconhecido de stenodermatíneos acrescido de algumas espécies cujos gêneros tem sido questionados quanto a sua monofilia. Os dados gerados foram utilizados ainda para testar hipóteses alternativas de rearranjos genéricos de stenodermatíneos e para avaliar hipóteses alternativas de classificação para os integrantes da subfamília. Um total de 2844 caracteres foi analisado em conjunto e separadamente, com o método de parcimônia. Resultados das análises de morfologia foram discordantes com as de dados moleculares. O reconhecimento de novos táxons em Stenodermatinae é sugerido para acomodar os principais clados encontrados resultantes das análises.

Palavras-chave: Stenodermatinae, filogenia, analise combinada, cladistica, taxonomia

Financiadores: This material is based upon work supported by the NASA under Awards NAG5-12333

REVISÃO TAXONÔMICA E BIOGEOGRÁFICA DAS ESPÉCIES DE *MYOTIS* KAUP, 1829 (CHIROPTERA, VESPERTILIONIDAE) DO BRASIL

Ricardo Moratelli (Biodiversidade e Saude, Fiocruz; PPGZoo, MN. rmoratelli@fiocruz.br)
Adriano L. Peracchi (Lab. de Mastozoologia, Instituto de Biologia, UFRRJ)
João Alves de Oliveira (Depto. de Vertebrados, Museu Nacional, UFRJ)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Sistemática

Myotis (Vespertilionidae, Myotinae) é o terceiro maior gênero de mamíferos, com mais de cem espécies atualmente reconhecidas. Esse táxon ocupa todas as regiões biogeográficas e possui a maior amplitude de distribuição entre os mamíferos não humanos e espécies não sinantrópicas. A principal revisão taxonômica do grupo na região Neotropical reconheceu 14 espécies, dentre as quais seis foram assinaladas para o Brasil. Assim como outros táxons de pequenos mamíferos, as espécies desse grupo ainda apresentam problemas taxonômicos ligados à inconsistência dos caracteres apontados como diagnósticos e às curtas e inconclusivas descrições originais da maioria das espécies, muitas delas sem tipos designados originalmente. Assim, levando-se em consideração a ampla distribuição do gênero no Brasil, sua freqüência em inventários e a dificuldade de identificação verificada através do número de espécimes erroneamente identificados em coleções, foram analisados aspectos qualitativos e quantitativos da variabilidade morfológica no sentido de evidenciar padrões que possibilitem uma reavaliação taxonômica das espécies brasileiras. Foram selecionadas amostras coletadas nos limites do território brasileiro e em áreas adjacentes na América do Sul, depositadas em coleções brasileiras e internacionais, visando cobrir a maior abrangência geográfica possível. Inicialmente, esses espécimes foram alocados em unidades taxonômicas operacionais (*OTUs - operational taxonomic units*) com base nos caracteres qualitativos e quantitativos anteriormente apontados como diagnósticos por La Val (La Val, R. K. 1973. Bulletin of the Natural History Museum of Los Angeles County 15: 1-54). Em seguida, a variação craniana dentro de cada OTU foi analisada através de métodos multivariados (análises de Componentes Principais e de Variáveis Canônicas) e as unidades reveladas foram então associadas aos nomes válidos através da análise de descrições originais e dos tipos. Assim, oito espécies foram reconhecidas, incluindo as seis anteriormente registradas para o Brasil: *M. albescens* (É. Geoffroy, 1806), *Myotis nigricans* (Schinz, 1821) e *M. riparius* Handley, 1960, com ampla distribuição pelo Brasil, *M. levis* (I. Geoffroy, 1824), distribuída no sul e sudeste do Brasil, *M. ruber* (É. Geoffroy, 1806), no sul, sudeste e nordeste do Brasil, *M. simus* Thomas, 1901, registrada para a Bacia Amazônica e Pantanal, *Myotis keaysi* J. A. Allen, 1914, correspondendo a um novo registro para os limites do territorio brasileiro, no Estado do Amazonas, euma forma provavelmente nova, procedente do sudeste do Brasil.

Palavras-chave: Myotinae, taxonomia, biogeografia, distribuição geográfica

Financiadores: CAPES, AMNH, USNM

CARACTERIZAÇÃO MORFOLÓGICA DAS ESPÉCIES BRASILEIRAS DE *MYOTIS* KAUP, 1829 (CHIROPTERA: VESPERTILIONIDAE)

Caroline Cotrim Aires (Lab. de Biologia Evolutiva e Conservação – IB - USP / carolineaires@yahoo.com.br)
João Stenghel Morgante (Lab. de Biologia Evolutiva e Conservação – IB - USP)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Sistemática

O gênero *Myotis* é extremamente diverso com 103 espécies reconhecidas. Este número ainda pode estar subestimado devido às dificuldades na identificação específica e existência de muitos exemplares depositados em acervos de museus de distintos países com identificação apenas ao nível genérico. Atualmente, são reconhecidas seis espécies para o território brasileiro. Contudo, a reconhecida variação morfológica intraespecífica e a grande distribuição geográfica de cada táxon tornam o reconhecimento das espécies difícil e impreciso. Com o intuito de reconhecer as espécies de *Myotis* brasileiras, examinamos 966 espécimes provenientes de museus nacionais e internacionais. Para caracterizar a morfologia externa e craniana selecionamos 15 medidas corporais e 18 medidas cranianas. Essas análises possibilitaram o reconhecimento de sete táxons: *Myotis albescens*, *Myotis riparius*, *Myotis simus*, *Myotis ruber*, *Myotis levis*, *Myotis nigricans* e *Myotis* spn. *M. albescens*, *M. riparius* e *M. nigricans* ocorrem em todos os biomas brasileiros. Porém, é importante salientar que a abundância de cada uma destas espécies variou nos distintos biomas. Assim, *M. riparius* e *M. albescens* aparecem claramente como mais abundantes na região Amazônica, aparentemente substituindo *M. nigricans* que, juntamente com *M. levis* e *M. ruber*, são espécies mais abundantes na Mata Atlântica, principalmente na região Sul e Sudeste do Brasil. *M. simus* é uma espécie com poucos registros nas coleções. *Myotis* spn. está restrita, até o momento, a sua localidade tipo, Centro-Oeste do Pará. Quanto à caracterização das espécies pudemos identificar dois grandes grupos: espécies com crista sagital presente e espécies com crista sagital discreta ou ausente. Também a presença de franja de pêlos no uropatágio e a coloração do patágio são caracteres diagnósticos de fácil visualização no campo e que podem ser utilizados na maioria dos casos. A morfologia da mandíbula também foi útil para diferenciar *M. nigricans* e *M. riparius*, e propomos um índice mandibular (IM), composto pela razão da diferença entre o comprimento da série de dentes inferiores (csi) e o comprimento da série dos molares inferiores (cmi) e a largura entre os caninos inferiores (lci), sendo IM=csi-cmi/lci. IM > que 4,2 são típicos de *M. riparius* e IM < que 4,2 são atribuídos a *M. nigricans*. Os caracteres dentários mostraram-se muito variáveis, úteis apenas quando utilizados com outros caracteres. Sendo assim, a diferenciação das sete espécies torna-se adequada com os caracteres morfológicos e cranianos usados concomitantemente.

Palavras-chave: taxonomia, distribuição geográfica, *Myotis*

Financiadores: CAPES, FAPESP

FILOGENIA DE MOLOSSIDAE (CHIROPTERA) USANDO DADOS MORFOLÓGICOS E DEFINIÇÃO DOS GÊNEROS

Renato Gregorin (Departamento de Biologia, UFLA / rgregorin@ufla.br)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Sistemática

A família Molossidae apresenta distribuição pantropical e tem cerca de 100 espécies válidas. Ela sofreu duas principais revisões sistemáticas: uma fenética-filogenética por Freeman (Fieldiana n. ser. 7: 1-173) que se baseou em análise multivariada e 9 caracteres qualitativos para propor as relações filogenéticas entre os táxons, e outra baseada em caracteres dentários e usando fósseis por Legendre (Rev. Suisse Zool. 91: 399-442). Ambas são muito divergentes quanto à classificação e reconhecimento dos gêneros e subgêneros. Mais recentemente, Molossidae sofreu alterações com a inclusão do gênero *Tomopeas*, transferido dos vespertilionídeos, e a descrição de novos táxons. Molossidae atualmente é dividida em duas subfamílias: a monotípica Tomopeatinae, e Molossinae, que inclui os táxons tradicionalmente reconhecidos como Molossidae (sensu Koopman, 1984). O presente estudo teve como objetivos 1) analisar os molossídeos morfologicamente, 2) propor relações filogenéticas e um arranjo classificatório mais coerente com o padrão de ramificação resultante, e 3) definir mais consistentemente os gêneros e subgêneros, assim como agrupamentos supragenéricos. Foram analisados cerca de 1300 espécimes, incluindo 95% das espécies recentes válidas e algumas fósseis. A análise se baseou na morfologia externa, peniana, lingual, crânio-dentária e esqueleto. As relações filogenéticas foram baseadas em análise cladística usando parcimônia de Fitch para caracteres multiestado e considerando os caracteres igualmente ponderados e com pesos implícitos. As análises com ambos os procedimentos de ponderação resultaram em árvores de consenso estrito pouco distintas, particularmente para a posição de *Promops* + *Molossus*, que na pesagem a posteriori o clado é grupo irmão de *Cheiromeles* e *Myopterus* e na análise comcaracteres igualmente ponderados, o clado é grupo irmão dos tadaridines. Os tadaridíneos, exceto pelo caso acima, formam um grupo monofilético nas duas análises com uma posição distante de *Mormopterus* discordando com Legendre. *Tadarida* não é monofilético e o gênero *Austronomus* deve ser revalidado. A posição incerta do subgênero *Cabreramops* e sua distinção morfológica permite reconhecê-lo como gênero válido. *Cynomops* se posicionou, em ambas as análises, como grupo-irmão de *Molossops*, mas sua distinção morfológica permite considerá-lo como gênero válido seguindo as posições mais recentes e primando pela estabilidade taxonômica. Os resultados indicam que Molossidae pode ser dividido em duas subfamílias, Tomopeatinae e Molossinae, sendo esta última dividida em três grandes agrupamentos alocados em nível de tribo: Molossini (gêneros *Molossus*, *Promops*, *Cheiromeles* e *Myopterus*), Mormopterini (com os gêneros *Cabreramops*, *Cynomops*, *Molossops*, *Platymops* e *Mormopterus*), e Tadaridini (com os gêneros *Tadarida*, *Austronomus*, *Eumops*, *Nyctinomops*, *Mops*, *Chaerephon* e *Otomops*).

Palavras-chave: Molossidae, Filogenia, Morfologia, taxonomia

Financiadores: FAPESP e FAPEMIG

AMPLIAÇÃO DA DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA E CARACTERIZAÇÃO DAS ESPÉCIES BRASILEIRAS DO GÊNERO *RHOGEESSA* H. ALLEN, 1866

Caroline Cotrim Aires (LABEC - IB / Laboratório de Mastozoologia - MZUSP / carolineaires@yahoo.com.br)
Fabio Oliveira do Nascimento (Laboratório de Mastozoologia / MZUSP)
Juliana Ranzani de Luca (Laboratório de Mastozoologia / MZUSP)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Sistemática

O gênero *Rhogeessa* é representado por dez espécies distribuídas na Região Neotropical. Destas, três estão restritas a América do Sul, *Rhogeessa minutilla*, *Rhogeessa hussoni* e *Rhogeessa io*, sendo que apenas as duas últimas ocorrem no território brasileiro. A representatividade das espécies do gênero é muito baixa na maioria dos museus nacionais e internacionais, estando restrito, geralmente, a um indivíduo por localidade. Este cenário parece estar relacionado com a dificuldade de captura de espécimes da família Vespertilionidae com os métodos atualmente utilizados. Analisando a coleção de quirópteros do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (MZUSP) foram identificados três espécimes do gênero, dois *R. hussoni* (MZUSP 24045; MZUSP 33905)e um *R. io* (MZUSP 33904). Foram aferidas 15 medidas corporais e 18 cranianas e analisados qualitativamente as características do crânio (suturas e cristas) e caracteres relacionados à coloração, distribuição de pêlos no patágio e morfologia do pavilhão auditivo e do trago. A coloração dorsal e ventral mostrou-se importante na diferenciação das duas espécies sendo que em R. hussoni a coloração geral é castanho dourado com ápice dos pêlos castanho médio, enquanto que R. io possui coloração geral mais esmaecida, com a região ventral amarelo pálido. A morfologia geral do rinário foi importante para distinguir os táxons sendo que apenas *R. hussoni* possui almofadas infladas sobre o rinário, semelhantes à *Eptesicus*, outro Vespertilionidae. O crânio de *R. hussoni* tem uma compleição geral mais robusta em relação a R. io. As medidas cranianas que evidenciaram a diferenciação entre estes táxons foram: a distância entre os caninos superiores (LC), a largura palatal (LP) e o comprimento total da série de dentes superior (CDS). Todas estas medidas apresentaram-se maiores em *R. hussoni* (LC=4,1-4,15mm; LP=3,07 - 3,33mm; CDS=4,63-4,83mm) do que em *R. io* (LC=3,76mm; LP=2,96mm; CDS=4,53mm). Anteriormente, a localidade limítrofe para *R. hussoni* era Juazeiro da Bahia (BA). Contudo, registramos um indivíduo para a região do Rio Piracicaba (MG) ampliando a distribuição deste táxon. Este espécime, coletado por Olalla na década de 40, foi identificado como *R. tumida* que, de acordo com revisões mais recentes, não ocorre na América do Sul. Este fato levanta questionamentos em relação à identificação de outros espécimes coletados dentro deste âmbito geográfico, uma vez que a área de simpatria foi consideravelmente ampliada. Para *R. io* registramos uma nova localidade (Rio das Mortes, MT) dentro da área de distribuição conhecida.

Palavras-chave: ampliação de distribuição, taxonomia, Vespertilionidae, *Rhogeessa*

Financiadores: CAPES

CBMz

ESTUDO DA COMUNIDADE DE MORCEGOS EM DIFERENTES FRAGMENTOS VEGETACIONAIS NO ENTORNO DO PARQUE ESTADUAL SERRA DO ROLA MOÇA, BRUMADINHO, MG

M.A.C. Veloso (Museu de Ciências Naturais PUC Minas / MCN PUC / marcoaurelio@pucminas.br)
A.P.G.S. Duarte (Lemnos Engenharia e Consultoria Ambiental)
C.B. Reis (Delphi Projetos e Gestão Ltda)
E.M.V.C. Câmara (Museu de Ciências Naturais PUC Minas)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Outros

O Estado de Minas Gerais possui uma grande e diversificada fauna de morcegos e três espécies encontram-se ameaçadas de extinção. O objetivo deste trabalho foi avaliar a fauna de morcegos em diferentes fragmentos vegetacionais inseridos no entorno do Parque Estadual Serra do Rola Moça, contribuindo para o aumento do conhecimento desta fauna no presente estado. A área de estudo está localizada no município de Brumadinho, região metropolitana de Belo Horizonte e pertence a VALE. Foram selecionados cinco pontos de capturas que foram amostrados durante oito campanhas entre os anos de 2005 e 2007. Para a captura foram utilizadas redes de neblina, durante quatro noites por campanha, totalizando um esforço de 20.160 horas.m^2. Foram capturados, neste intervalo de tempo, um total de 93 indivíduos de 13 espécies, pertencentes a três famílias de morcegos. Das espécies capturadas, 28% foram *Carollia perspicillata*, seguidas por *Sturnira lilium* (27%), *Desmodus rotundus* e *Eptesicus brasiliensis* (ambos com 10%). A ocorrência de *C. perspicillata* e *S. lilium*, espécie com semelhanças morfológicas e ecológicas, foi registrada em quatro das cinco áreas amostradas e na maioria das campanhas. O predomínio de *S. lilium* e *C. perspicillata* já foi registrado em outros trabalhos e pode estar relacionado à disponibilidade de recursos alimentares. O maior sucesso de capturas de morcegos filostomídeos foi durante a estação chuvosa e deve-se também, a maior oferta de recursos alimentares. Aproximadamente 50% da captura total de morcegos ocorreu durante a fase da lua minguante. Também, neste período lunar foi registrada a maior diversidade de espécies. Morcegos com hábito alimentar insetívoro corresponderam a 17,2% das capturas. Apesar da comunidade de morcegos presente na região de estudo ser constituída, na sua maioria, por espécies plásticas, percebe-se que a mesma é de suma importância para a regeneração dos ambientes naturais. Este trabalho também gerou mais informações relativas à história natural e ecologia dos morcegos amostrados, ainda escassas para muitas espécies, mesmo as mais comumente capturadas. Apenas de posse dessas informações pode-se realmente inferir sobre possíveis alterações provocadas pelas atividades antrópicas em determinadas comunidades de morcegos.

Palavras-chave: Quiropterofauna, fragmentos vegetacionais, estudos da comunidade

Financiadores: Nicho Engenheiros Consultores Ltda

HISTÓRIA NATURAL DO MORCEGO *MIMON BENNETTII* NA REGIÃO DE BOTUCATU, ESTADO DE SÃO PAULO

Moisés Guimarães (Zoologia / UNESP - Botucatu / guimaraes1985@yahoo.com.br)
Carina Maria Vela Ulian (Zoologia / UNESP - Botucatu)
Wilson Uieda (Zoologia / UNESP - Botucatu)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Outros

Mimon benneettii (Phyllostomidae, Phyllostominae) é um morcego insetívoro de porte médio com 20 a 25g de peso e 51 a 55 mm de antebraço. Apesar de sua relativa freqüência e de possuir ampla distribuição geográfica, ocorrendo desde o sudeste do México até o sul do Brasil, seus hábitos ainda são pouco conhecidos. A partir de abril de 2008, iniciamos um estudo sobre a história natural de um agrupamento de *M. bennettii*, localizado em um porão de casa abandonada da Fazenda Monte Alegre, Botucatu, SP. Nessa região, esta espécie já foi encontrada se abrigando também em bueiros, sob rodovias. Outros abrigos diurnos citados para esta espécie são cavernas, ocos de árvores e fendas de grandes rochas, porém não observados no presente estudo. O agrupamento estudado contém cerca de 20 indivíduos que foram observados, durante o dia, sozinhos ou em grupos de 6 a 7 indivíduos pendurados, de cabeça para baixo e sem contato corporal, no teto do porão. Em vários cômodos desse porão, acúmulos de fezes podiam ser observados no chão e um exame superficial das cinco amostras coletadas mostrou a presença de muitos fragmentos de exoesqueleto, élitros, asas membranosas, antenas, patas e cabeça de coleópteros. A presença de grandes fragmentos nessas amostras pode indicar que os besouros foram trazidos, ao longo da noite, para serem consumidos no interior do abrigo. Nesse contexto, o porão estaria sendo utilizado tanto como abrigo diurno, como noturno. Na literatura, *M. bennettti* é conhecido por utilizar também em sua dieta lepidópteros, pequenos vertebrados e frutos. No porão, foram observadas duas outras espécies de morcegos (*Desmodus rotundus* e *Carollia perspicillata*), já conhecidas por coabitarem com *M. bennettii*, em outras regiões Enquanto a primeira espécie (grupo de 6 indivíduos, incluindo um filhote) se abrigava nas traves do teto de apenas um dos cômodos, vários indivíduos da segunda podiam ser observados pendurados no teto de vários cômodos. Em nenhum momento, interações agonísticas intra e interespecíficas foram observadas.

Palavras-chave: Phyllostomidae, abrigo diurno, hábitos alimentares, coabitação

IMPORTÂNCIA DA BUSCA ATIVA EM ABRIGO PARA A COMPREENSÃO DA DIVERSIDADE DE MORCEGOS DO MUNICÍPIO DE MINDURI. MINAS GERAIS

Ligiane Martins Moras (Setor de Zoologia / UFLA / ligimoras@yahoo.com.br)
Arthur Setsuo Tahara (Setor de Zoologia / UFLA)
Shayenne Eliziane Ramos (Setor de Zoologia / UFLA)
Aloysio Souza de Moura (UNILAVRAS)
Renato Gregorin (Setor de Zoologia / UFLA)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Outros

Morcegos podem representar até 50% da fauna local de mamíferos. Todavia para obtenção de uma melhor representatividade das nove famílias presentes no Brasil, há necessidade de metodologias variadas, pois com o uso de redes de neblina, 95% das capturas são de morcegos da família Phyllostomidae. O objetivo deste trabalho foi verificar se o acréscimo de metodologias de captura aumentaria a riqueza de espécies amostradas. O estudo foi realizado em uma área de Mata Atlântica denominada "Mata Triste" localizada no município de Minduri, sul de MG (21°38' S, 44°34' W) cuja altitude é cerca de 955m. A cobertura vegetal é classificada como floresta estacional semidecidual com precipitação média anual de 1.470mm. Antigamente utilizada no abastecimento de fornos de carvoaria através do corte seletivo de madeira, vem passando por processo de regeneração há cerca de 20 anos. Foram realizadas oito noites de coleta com o uso de redes de neblina, sendo que em duas noites também utilizou-se "harp-trap", além da busca ativa durante sete dias. O esforço amostral das redes foi de 2.137,47 metros*hora, apresentando sucesso de captura igual a 0,022 morcegos/metros*hora. Foram capturados 49 indivíduos pertencentes a duas famílias e 10 espécies: Molossidae (*Eumops auripendulus*) e Phyllostomidae (*Anoura caudifer*, *Artibeus fimbriatus*, *Carollia perspicillata*, *Chrotopterus auritus*, *Desmodus rotundus*, *Micronycteris megalotis*, *Phylostomus hastatus*, *Pygoderma bilabiatum* e *Sturnira lilium*). Sendo que *E. auripendulus*, *C. auritus* e *P. hastatus* foram coletados apenas mediante busca ativa, além de dois espécimes de *M. megalotis*, quatro *C. perspicillata* e um de *A. caudifer*. Com o uso de "harp-trap" não foi amostrado nenhuma espécie. Empregando o estimador Jacknife de primeira ordem o número de espécies esperado com o uso da busca ativa (12,63 espécies) foi maior do que quando se considera apenas o uso de redes de neblina (7,88). Assim, foi observado que o uso da busca ativa incrementa o número estimado de espécies para a "Mata Triste". Ressalta-se a importância do uso de outras metodologias a fim de realizar uma amostragem mais fiel à quiropterofauna de uma dada área de estudo.

Palavras-chave: Chiroptera, Diversidade, Mata Atlântica, Metodologia

Financiadores: CNPq, FAPEMIG

ADENTRAMENTO DE MORCEGOS EM EDIFICAÇÕES NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, SP

Miriam M. Sodré (C.C.Z. / Pref. do município de São Paulo / miriamm@prefeitura.sp.gov.br)
Adriana R. Rosa (C.C.Z. / Pref. do município de São Paulo)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Outros

A presença e permanência de morcegos em áreas urbanas se devem pela grande oferta de abrigo e alimento, por isso vem ocasionando transtornos às pessoas que reclamam providências aos órgãos de saúde pública. O Setor de Quirópteros, deste Centro, mantém o serviço de identificação, manejo e orientações sobre morcegos à população do município de São Paulo, além de identificar todos os morcegos provenientes deste e de outros municípios do Estado. Neste estudo foram analisadas reclamações de moradores de São Paulo entre 2000 e 2006, com ênfase aos adentramentos de morcegos em edificações humanas. Neste período foi recebido o total de 5.171 reclamações relacionadas com problemas envolvendo os morcegos. Desse total, 1.180 (22,9%) reclamações se referiram aos adentramentos realizados pelos morcegos (invasão desses animais por janelas, portas, vitros, etc.). Foram coletados 650 indivíduos de 24 diferentes espécies, pertencentes a três Famílias: Molossidae (54,1%), Vesperstilionidae (24,9%) e Phyllostomidae (21,0%); as duas primeiras têm como representantes os morcegos insetívoros e são encontrados com freqüência em áreas urbanas das cidades e, parte dessas espécies já é considerada sinantrópica, isto é, convivem de forma muito próxima ao homem e animais domésticos. Já os morcegos pertencentes à Família Phyllostomidae têm como itens alimentares: insetos, frutos, néctar, etc. Tadarida brasiliensis, Nyctinomops laticaudatus, Eumops perotis e N. macrotis, foram as espécies mais freqüentemente observadas adentrando em andares elevados (6º a 25º) deedifícios e as demais espécies em residências térreas ou de até cinco andares. Não houve um período marcante observado para os adentramentos ocorrendo praticamente durante todo ano, mas no período chuvoso (outubro a março) apresentou maior freqüência. Morcegos insetívoros foram os maiores causadores de problemas, possivelmente pela proximidade dos abrigos, por erro de rota de vôo ou pelo forrageio em busca do alimento. Os morcegos que adentram as residências podem ocasionar acidentes e agravos a saúde das pessoas, portanto devem ser evitados. Por outro lado os morcegos são protegidos por Lei Federal e não devem ser indiscriminadamente eliminados. Neste sentido há necessidade de se tentar promover o equilíbrio ambiental verificando a possibilidade de uma convivência tolerável entre humanos e morcegos. Além disso, torna-se imprescindível continuar educando e informando a população sobre o comportamento, importância e riscos que envolvem os morcegos, na expectativa de prevenir agravos à saúde e desmistificar lendas vinculadas a este animal.

Palavras-chave: morcegos área urbana, sinantropia, agravos a saúde

Financiadores: Prefeitura Municipal da cidade de São Paulo

PRIMEIRO RELATO DE INFECÇÃO POR VÍRUS DA RAIVA EM *MOLOSSUS MOLOSSUS* (PALLAS, 1766) MORCEGO INSETÍVORO, NA CIDADE DE SÃO PAULO, SUDESTE DO BRASIL.

A. R. Rosa (Setor de Quirópteros / C.C.Z.-SP / arosa@prefeitura.sp.gov.br)
M. M. Sodré (Setor de Quirópteros / C.C.Z.-SP)
A. P. A. G. Kataoka (Lab. de Zoonoses e Doenças Transmitidas por Vetores - CCZ/SP)
L. F. A. Martorelli (Lab. de Zoonoses e Doenças Transmitidas por Vetores - CCZ/SP)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Outros

No Brasil, o morcego tem sido estudado como possível reservatório natural e/ou transmissor de agentes patogênicos, entre eles, o vírus da raiva. A raiva em morcegos não hematófagos pode ser transmitida aos seres humanos e animais, porém, geralmente, de forma acidental. No Município de São Paulo, de 1988 a 2007 foram registrados 34 casos de raiva, envolvendo 11 espécies. Deste total, 32 morcegos são de hábito alimentar insetívoro (13 vespertilionídeos e 19 molossídeos), um frugívoro (*Artibeus lituratus*) e um nectarívoro (*Glossophaga soricina*), ambos filostomídeos. Os membros da família Molossidae são os de maior ocorrência em áreas urbanas brasileiras, sendo *M. molossus* uma das espécies mais freqüentes no município de São Paulo. No dia 29/03/2008, o Centro de Controle de Zoonoses (CCZ) recebeu um chamado para coletar um morcego no interior de uma residência na zona noroeste deste município. Este animal foi capturado, ainda vivo, pelo cão da solicitante. Após o recolhimento o exemplar foi encaminhado para exames laboratoriais e identificação da espécie. O morcego em questão, um macho adulto da espécie *M. molossus*, foi diagnosticado positivo para raiva pelas técnicas padrão. A caracterização antigênica foi realizada com o painel de anticorpos monoclonais para a nucleoproteína viral, cedido pelo CDC/USA e a análise identificou a variante antigênica associada a espécie *Tadarida brasiliensis*. A identificação de uma mesma variante em isolados obtidos de diferentes espécies de morcegos reflete a complexidade da epidemiologia da raiva em quirópteros e reforça a possibilidade da transmissão interespécies ou a manutenção de uma mesma variante, por duas ou mais espécies. Este foco chama atenção, pois desde de 1988 o CCZ realiza a Vigilância Epidemiológica da Raiva em morcegos atendendo à demanda da população e esta é a primeira ocorrência de infecção por vírus da raiva nesta espécie, cuja freqüência representa 40% dos morcegos coletados. Esta espécie utiliza como abrigos diurnos edificações humanas, indicando alta sinantropia e, conseqüentemente, o possível aumento do risco de acidentes envolvendo morcegos, homens e animais domésticos. Pela ocorrência constante de morcegos infectados com o vírus da raiva, torna-se imprescindível aprimorar estudos que auxiliem no esclarecimento do potencial zoonótico desses animais e, como conseqüência, instituir medidas adequadas sobre de manejo e controle dessa população. Além disso, se faz necessário minimizar a falta de conhecimento das pessoas fornecendo orientações sobre prevenção, promoção à saúde humana e animal e alertar sobre os benefícios e riscos que envolvem os morcegos.

Palavras-chave: anticorpos monoclonais, morcegos área urbana, reservatório de vírus

Financiadores: Prefeitura do Município de São Paulo

DOIS REGISTROS DE *ARTIBEUS LITURATUS* (OLFERS, 1818) (CHIROPTERA: PHYLLOSTOMIDAE) POSITIVOS PARA O VÍRUS RÁBICO NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. BRASIL

Susi Missel Pacheco (Instituto Sauver / Isauver / batsusi@uol.com.br)
Eduardo Caldas (Centro Estadual de Vigilância Sanitária / CEVS)
Julio César de Almeida Rosa (Instituto de Pesquisas Veterinárias Desidério Finamor / IPVDF)
José Carlos Ferreira (Instituto de Pesquisas Veterinárias Desidério Finamor / IPVDF)
Daniel Pires Rosa (Instituto de Pesquisas Veterinárias Desidério Finamor / IPVDF)
Jairo Predebon (Centro Estadual de Vigilância Sanitária / CEVS)
Helena Batista (Programa de Pós-Graduação em Ciências Veterinárias / UFRGS)
Paulo Michel Roehe (Programa de Pós-Graduação em Ciências Veterinárias / UFRGS)
Jairo Predebon (Centro Estadual de Vigilância Sanitária / CEVS)
Helena Batista (Programa de Pós-Graduação em Ciências Veterinárias / UFRGS)
Paulo Michel Roehe (Programa de Pós-Graduação em Ciências Veterinárias / UFRGS)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Outros

São registrados dois casos de positividade para a raiva em morcegos da espécie *Artibeus lituratus* (Olfers, 1818) (Chiroptera: Phyllostomidae) no Rio Grande do Sul. No Estado *Desmodus rotundus* (E. Geoffroy, 1810), *Tadarida brasiliensis* (I. Geoffroy, 1824) e *Molossus molossus* (Pallas, 1766) são espécies relatadas para transmissão e manutenção do vírus rábico. *Artibeus lituratus* é um morcego frugívoro, pertencente à família Phyllostomidae, de ampla distribuição na América do Sul, e considerado de médio porte, cujo antebraço ultrapassa 75 mm e atinge até 90 g de peso. Tem listras faciais brancas e um apêndice nasal na face que facilitam a sua identificação. Forma grupos pequenos (com oito indivíduos) ou grandes (superior a 30 indivíduos), poligínicos, habitando árvores copadas, cavernas, ocos de árvores, telhados ou ainda formando tendas com folhas de palmeiras. Foi realizada uma técnica menos intrusiva para a retirada da massa encefálica, que através de pequena incisão nos côndilos, facilita extração da mesma sem a necessidade de rebater a calota encefálica. Para o diagnóstico de raiva, empregaram-se as técnicas usuais de Imunofluorescência Direta (IFD) e Inoculação Intracerebral em Camundongos Lactentes (Mouse Intracerebral Test- MIT). O primeiro morcego frugívoro positivo foi capturado por um jardineiro, em 23/05/2007, na área urbana do município de Dois Irmãos/RS, sexo feminino. Tanto a caracterização antigênica quanto a molecular identificaram um padrão de reatividade semelhante ao encontrado em morcegos hematófagos, *Desmodus rotundus*, compatível com a variante 3. O segundo exemplar de *A. lituratus* positivo para a raiva, também é do sexo feminino, proveniente de Caxias do Sul/RS, área do Planalto das Araucárias, capturado no dia 25/09/2007. A amostra de vírus isolada deste espécime não pôde ser caracterizada. Registra-se que em 2007, no Brasil, 36 espécies de morcegos foram diagnosticadas como positivas para a raiva. Das aproximadamente 40 espécies de morcegos conhecidas no estado do Rio Grande do Sul, para o mesmo período, apenas quatro foram positivas para não hematófagos: dois *T. brasiliensis* e dois *A. lituratus*. Desta forma, recomenda-se que os animais caídos no solo ou adentrados não sejam capturados sem proteção manual. E, sempre que possível, a comunidade guarde o morcego vivo e entre em contato com o Centro de Controle de Zoonoses do estado, município, ou órgão de saúde mais próximo.

Palavras-chave: *Artibeus lituratus*, morcego, raiva, variante 3

Financiadores: SES/RS; SCT/RS; ISAUVER

ANÁLISE CITOGENÉTICA E MORFOLÓGICA DE QUIRÓPTEROS DA MATA ATLÂNTICA EM TORNO DA CENTRAL NUCLEAR DE ANGRA DOS REIS. RIO DE JANEIRO

João Pedro Garcia (Laboratório de Mastozoologia / UFRJ / araujo_jpg@yahoo.com.br)
Leila Maria Pêssoa (Laboratório de Mastozoologia / UFRJ)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Outros

O litoral sul fluminense abriga uma das maiores áreas contínuas de Mata Atlântica do Estado do Rio de Janeiro, entretanto sua mastofauna é muito pouco conhecida. A principal ameaça a este importante remanescente de Mata Atlântica é o crescimento urbano dos municípios da região. Por razões diversas, a presença do complexo nuclear em Angra dos Reis favoreceu a conservação das matas próximas. Neste trecho de floresta, foram realizadas coletas de pequenos mamíferos terrestres e voadores, como parte da elaboração do EIA-RIMA para o estabelecimento de Angra III. Apresentamos aqui resultados preliminares de estudos citogenéticos e morfológicos com quirópteros coletados durante a realização deste inventário. Ao todo foram 11 dias de coleta divididos entre maio e setembro de 2002. Na captura dos quirópteros foram utilizadas duas redes de neblina, armadas em pontos distintos. Ainda em campo, retirou-se material de oito indivíduos para análise citogenética. Todos os espécimes foram preservados em via líquida e estão depositados no Museu Nacional. A determinação específica foi feita com auxílio de chaves de identificação, durante a observação de caracteres morfológicos qualitativos e quantitativos. Foram tomadas 11 medidas externas de cada espécime e, quando possível, 14 medidas cranianas. Foram coletados 53 espécimes, dos quais 35 já foram identificados. Esta parte da amostra contém oito espécies de filostomídeos (*Anoura caudifer* (n=4), *Artibeus lituratus* (n=6), *Artibeus obscurus* (n=2), *Carollia perspicillata* (n=14), *Lonchophylla mordax* (n=2), *Platyrrhinus lineatus* (n=2) e *Sturnira lilium* (n=3)) e uma de vespertilionídeo (*Myotis nigricans* (n=2)). Foram submetidos à análise citogenética indivíduos de *A. lituratus* (M), *A. obscurus* (M), *P. lineatus* (F) e *S. lilium* (F). Nos dois primeiros casos observou-se número diplóide igual a 31 e número fundamental igual a 56. Já nos dois últimos, estes números foram, respectivamente, 30 e 56. Em todos os cariótipos analisados o conjunto dos autossomos é composto por 10 pares de cromossomos metacêntricos, mais quatro pares submeta-subtelocêntricos. O cromossomo sexual X é submetacêntrico em *P. lineatus* e *S. lilium* e é metacêntrico nos *Artibeus*. Neste último gênero, o cromossomo sexual Y1 é acrocêntrico e de maior tamanho que o Y2, que é metacêntrico em *A. lituratus*. Os resultados até o momento não se mostraram distintos de resultados publicados para as mesmas espécies em outras localidades no leste do Brasil. Embora não haja divergência entre os números diplóides e fundamentais observados neste estudo, a composição cariotípica dos espécimes analisados diverge da observada em animais provenientes de outros biomas brasileiros.

Palavras-chave: Morcegos, Mata Atlântica, Litoral Sul Fluminense, Cariótipos

Financiadores: CAPES & FAPERJ

NOVO REGISTRO DE *PROMOPS NASUTUS* (SPIX, 1823) (CHIROPTERA, MOLOSSIDAE) NO ESTADO DE MINAS GERAIS. BRASIL

Elisandra de Almeida Chiquito (Depto. de Biologia / UFLA / eachiquito@yahoo.com.br)
Renato Gregorin (Depto. de Biologia / UFLA)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Outros

A distribuição geográfica de *Promops nasutus*, espécie considerada de ocorrência rara, abrange Trinidad, Venezuela, Guiana, Suriname, Equador, Bolívia, Paraguai, Argentina e Brasil, para os Estados de AP, AM, PA, PI, BA, MG e SP. Freqüentemente, a captura de *P. nasutus* se relaciona a ambientes urbanos ou antropizados. No bioma Cerrado, a espécie foi registrada em vegetação aberta e florestas. Para Minas Gerais, há apenas um registro publicado da espécie, uma fêmea, capturada em área urbana de Uberlândia. Considerando apenas a morfologia externa, o gênero *Promops* se assemelha a *Molossus*, sendo que a distinção entre os dois gêneros é feita pela presença de 1) palato profundo, em domo, 2) incisivos superiores "caniniformes", 3) curvos e divergentes no ápice, 4) incisivos 1/2 e 5) pré-molares 2/2 em *Promops*. Já *Molossus* apresenta palato raso; incisivos superiores triangulares e falciformes; incisivos 1/1 e pré-molares 1/2. As duas espécies reconhecidas, *P. centralis* e *P. nasutus*, ocorrem no Brasil. *Promops nasutus* é distinguível de *P. centralis* pelo seu tamanho menor, com antebraço variando, respectivamente, de 45,7 a 51,8 mm em *P. nasutus* e de 50,0 a 54,9 mm em *P. centralis*. Em janeiro de 2007, durante a primeira campanha do projeto "Inventário da fauna da APA de Coqueiral, MG", foi coletado um indivíduo macho de *P. nasutus*. A área de estudo se localiza entre as coordenadas 45º19'37,5'' e 45º26'16,3"W e 21º03'52,7'' e 21º09'30,8''S, com altitude média de 990m e a vegetação original caracterizada como Floresta Estacional Semidecidual Montana, embora a área apresente um grau elevado de antropização. O espécime foi capturado em telhado com o uso rede de neblina e se encontra conservado em meio líquido no Laboratório de Zoologia da Universidade Federal de Lavras sob a numeração de campo RG 02. O espécime pesa 19,5g e algumas dimensões externas e crânio-dentárias (em milímetros) são: comprimento da cauda 47,0, comprimento da orelha 12,2, comprimento do metacarpo III 48,6, comprimento da primeira e segunda falanges do dedo III 21,7 e 17,2, comprimento do metacarpo IV 47,6, comprimento da primeira e segunda falanges do dedo IV 16,9 e 3,4, comprimento do antebraço 46,5, comprimento total do crânio 19,0, comprimento côndilo-incisivo 17,5, comprimento palatal 7,5, largura zigomática 11,4, largura craniana 10,0, largura entre os molares superiores 8,2, comprimento da série de dentes superiores (canino-molar) 6,9, comprimento da mandíbula 12,6 e comprimento da série inferior de dentes (canino-molar) 7,4.

Palavras-chave: ocorrência, espécie rara, distribuição, APA Coqueiral

Financiadores: Prefeitura do município de Coqueiral-MG, CNPq (processo n°: 484283/2006-5)

DIVERSIDADE E MONITORAMENTO DE QUIRÓPTEROS NA RESERVA BIOLÓGICA DO LAMI JOSÉ LUTZENBERGER, PORTO ALEGRE, RS.

André A. Witt (Consultor Ambiental SEMA / RS - andre-witt@sema.rs.gov.br)
Patrícia Bernardes R. Witt (Diretora - Reserva Biológica do Lami José Lutzenbergert)
Felipe Pereira R. dos Santos (Estagiário - Reserva Biol. do Lami José Lutzenberger)
Luciana Dallagnol (Estagiária - Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger)

Área: Chiroptera **Sub-Área:** Outros

O presente estudo está sendo desenvolvido na Reserva Biológica do Lami José Lutzenberger (30°15'S e 51°05'W), localizada no bairro do Lami, município de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. A unidade de conservação possui uma área de 179,78 ha, tendo sido criada através do Decreto Municipal nº 4.097/75, onde são encontrados ecossistemas como banhados, matas de restinga e campos. A metodologia utilizada neste trabalho é de captura com redes de neblina, distendidas em matas, campos e próximos a banhados e, ainda, através de visualização direta em ambientes naturais (próximos a cursos d´água) e em abrigos (construções humanas). Os dados deste estudo são referentes a outubro/2007 a abril/2008, onde o esforço amostral foi de 5.460 m².h. Neste período foram capturados 15 morcegos, pertencentes a 5 espécies: *Desmodus rotundus*, *Artibeus lituratus*, *Sturnira lilium*, *Histiotus velatus* e *Tadarida brasiliensis*. A espécie mais capturada foi *H. velatus*, com aproximadamente 67% das capturas. Outras duas espécies foram confirmadas através de observação direta ao percorrer a área de estudo em ambiente natural e casas abandonadas: *Glossophaga soricina* e *Noctilio albiventris*. Com o objetivo de estudar a biologia e ecologia de espécies frugívoras ao longo do tempo, duas espécies foram escolhidas para receber colares como marcação e posterior acompanhamento, *S. lilium* e *A. fimbriatus*. Até o presente momento dois indivíduos de *A. lituratus* foram marcados, um macho e uma fêmea, porém recapturas ainda não foram constatadas. Este estudo visa contribuir para o conhecimento e biologia das espécies de morcegos que vivem na UC, sendo uma importante ferramenta para o delineamento do Plano de manejo da unidade de conservação que está em fase final de elaboração.

Palavras-chave: unidade de conservação; biodiversidade; morcegos; monitoramento

CAPACIDADE PERCEPTUAL DE *DIDELPHIS AURITA* E *PHILANDER FRENATUS* (DIDELPHIMORPHIA, DIDELPHIDAE) EM UMA PAISAGEM FRAGMENTADA DA MATA ATLÂNTICA: ORIENTAÇÃO EM UMA MATRIZ AGRÍCOLA

Jayme Augusto Prevedello (Lab. de Vertebrados / UFRJ / ja_prevedello@yahoo.com.br)
Marcus Vinícius Vieira (Lab. Vertebrados / UFRJ)

Área: Didelphimorphia **Sub-Área:** Conservação

A capacidade perceptual é definida como a máxima distância na qual um animal consegue perceber elementos da paisagem. Em paisagens florestais fragmentadas como a Mata Atlântica, a capacidade perceptual resulta de uma interação entre características espécie-específicas e a estrutura da matriz (área de entorno dos fragmentos), e é determinante fundamental da habilidade da espécie se mover entre fragmentos. Este estudo avaliou a capacidade perceptual dos marsupiais *Didelphis aurita* e *Philander frenatus*(Didelphimorphia, Didelphidae) em matriz agrícola com plantio de aipim (*Manihot esculenta*), comparando com resultados de um estudo anterior realizado em matriz de pasto da mesma região. Indivíduos das duas espécies foram capturados em remanescentes florestais nos municípios de Cachoeiras de Macacu e Guapimirim, Rio de Janeiro, e liberados em plantações de aipim no entorno de fragmentos de mata. A liberação foi feita a três distâncias da borda do fragmento, utilizando um mecanismo de soltura padrão. A movimentação de cada indivíduo foi acompanhada com carretéis de rastreamento, o que permitiu avaliar em detalhes a orientação dos animais e a detecção ou não do fragmento a cada distância. *Didelphis aurita* se orientou significativamente para o fragmento nas distâncias de 30m e 50m, mas não a 100m e 200m (Teste *V* de estatística circular). *Philander frenatus* se orientou a 30m, mas não a 50m e 200m. A 100m os resultados indicaram uma possível orientação, mas análises posteriores mostraram que os indivíduos na verdade se orientaram pela direção da linha de plantio, a qual neste caso coincidia com a direção do fragmento. Esses resultados mostram uma redução da capacidade perceptual de ambas as espécies em relação à matriz de pasto, onde *P. frenatus* se orientou a até 100m e *D. aurita* a até 200m. Visto que a matriz de aipim apresenta maior obstrução visual que o pasto, os resultados indicam que ambas as espécies têm a visão como componente principal dentre os seus mecanismos de orientação. A matriz de aipim dificulta a orientação e a detecção de fragmentos florestais por marsupiais, o que deve ser levado em conta ao quantificar a conectividade funcional da paisagem.

Palavras-chave: conectividade funcional, fragmentação, marsupiais, matriz, orientação

Financiadores: CAPES, CNPq, FAPERJ, PDA/MMA, FNMA/MMA, PPGE/UFRJ

DISPERSÃO DE SEMENTES POR *DIDELPHIS AURITA* E *METACHIRUS NUDICAUDATUS* (MAMMALIA: DIDELPHIMORPHIA) NA FLORESTA NACIONAL DE GOYTACAZES, LINHARES, ESPÍRITO SANTO

Viviane Ramos Zaché (vivi_rz@yahoo.com.br)
Andressa Gatti (ESFA)
Gillian dos Santos Araújo (Unilinhares)
Gustavo Giacomin (Unilinhares)
José Luís Delai Júnior (Unilinhares)

Área: Didelphimorphia **Sub-Área:** Conservação

Os marsupiais didelfídeos, *Didelphis aurita* e *Metachirus nudicaudatus* podem ser considerados potenciais dispersores de sementes, pois são considerados onívoros e geralmente consomem os frutos sem que haja a destruição das sementes durante a passagem pelo trato digestivo. O objetivo deste estudo, portanto, foi verificar o papel *D. aurita* e *M. nudicaudatus* como agentes dispersores de sementes, na Floresta Nacional de Goytacazes, Linhares, norte do Espírito Santo. O estudo foi realizado com a análise de fezes coletadas, duas vezes por semana, de indivíduos capturados. Foram realizados testes de germinação (tratamentos controle e teste) para verificar a ação exercida dos marsupiais sobre as sementes. O tratamento controle foi realizado somente com as sementes que puderam ser identificadas e seus frutos localizados na área de estudo. Para comparar os tratamentos de germinação optou-se por aplicar um intervalo de confiança de 95% em relação às médias dos dois grupos (tratamentos teste e controle), o qual é um teste estatístico direto. É importante ressaltar que o teste foi realizado somente para *D. aurita*, pois a amostra de *M. nudicaudatus* foi considerada insuficiente para a realização dos cálculos estatísticos. Foram identificadas 68 amostras de *D. aurita* e 8 de *M. nudicaudatus*. Cem porcento das amostras analisadas continham sementes, as quais foram separadas em cinco espécies vegetais (*Cecropia pachystachya* Trécul, *Genipa americana* L., *Passiflora riparia* Mart., *Randia armata* (SW.) DC. e *Solanum inaequale* Vell.), uma em nível de família (Rubiaceae indet.) e cinco morfoespécies. *Genipa americana* foi a espécie vegetal mais consumida por *D. aurita* (a segunda, em termos de freqüência, por *M. nudicaudatus* (25%)). Em relação às médias dos dois tratamentos (teste e controle), realizados com as sementes de *G. americana*, observou-se que a ação de *D. aurita* foi semelhante ao controle, ou seja, a passagem das sementes de *G. americana* pelo trato digestivo de *D. aurita* não influenciou de maneira significativa a sua probabilidade de germinação, quando comparadas com as sementes retiradas da planta-mãe. Baseado na freqüência e quantidade de sementes encontradas, esses marsupiais podem ser classificados como tendo uma ação ativa-interna, que ocorre quando as sementes são ingeridas ativamente como parte do fruto e descartadas nas amostras fecais. Assim, é evidente que os marsupiais dependam dos frutos como recurso alimentar, viabilizando o processo de germinação de um grande número de sementes na Floresta Nacional de Goytacazes, apresentando uma importância crucial na regeneração de áreas naturais das florestas tropicais e na manutenção da biodiversidade.

Palavras-chave: Frugívoros, didelfídeos, *Genipa americana,* germinação, Mata Atlântica.

DIETA DE DOIS MARSUPIAIS SIMPÁTRICOS, *DIDELPHIS AURITA* E *METACHIRUS NUDICAUDATUS*, NA FLORESTA NACIONAL DE GOYTACAZES, LINHARES, ESPÍRITO SANTO

Gillian dos Santos Araújo (Unilinhares)
Viviane Ramos Zaché (vivi_rz@yahoo.com.br)
Andressa Gatti (ESFA)
José Luís Delai Júnior (Unilinhares)

Área: Didelphimorphia **Sub-Área:** Ecologia

Didelphis aurita e *Metachirus nudicaudatus* são marsupiais pertencentes à família Didelphidae, com ampla distribuição geográfica e possuem alto grau de simpatria, e conseqüentemente, uma considerável sobreposição de nichos. O presente trabalho teve como objetivos investigar a relação de nicho trófico, identificar e quantificar os principais itens alimentares utilizados por esses marsupiais, além de verificar se há sobreposição em suas dietas, na Floresta Nacional de Goytacazes, Linhares, norte do Espírito Santo. Os hábitos alimentares de *D. aurita* e *M. nudicaudatus* foram determinados a partir da análise de fezes coletadas, duas vezes por semana, ao longo das trilhas da FLONA de Goytacazes, durante o período de março a agosto de 2006. A identificação das fezes do predador foi possível, pois as amostras foram retiradas dos animais capturados em 42 armadilhas do tipo live-trap, as quais foram dispostas em três trilhas na FLONA. Foram coletadas 88 amostras fecais, sendo 75 de *D. aurita* e 13 de *M. nudicaudatus*. A importância de cada tipo alimentar foi expressa como porcentagem de ocorrência e freqüência de ocorrência. A comparação da riqueza de itens alimentares entre os marsupiais foi estimada através do estimador não-paramétrico Jackknife. Para estimar a largura de nicho das espécies foi estimado o índice padronizado de Levins. O cálculo da sobreposição da dieta foi realizado com base no índice de MacArthur-Levins modificado por Pianka. Foram identificados para a dieta de *Didelphis aurita* 41 táxons, sendo registrados 33 itens de origem animal e 8 de origem vegetal. Para *M. nudicaudatus* foram detectados 17 táxons, sendo 11 de origem animal e 6 de origem vegetal. As dietas das espécies foram constituídas, principalmente, por insetos e frutos, destacando-se os insetos da Ordem Coleoptera e a espécie vegetal *Genipa americana*. Em relação à riqueza de itens alimentares, a curva do coletor não alcançou a assíntota, o que indica que ainda não foram amostrados todos os itens alimentares possíveis na dieta de *D. aurita* e *M. nudicaudatus*. Em relação à largura de nicho, *Didelphis* mostrou ser mais generalista do que *Metachirus*. A sobreposição trófica foi considerada baixa (0,46). Os itens mais importantes na dieta de *D. aurita* e *M. nudicaudatus*, na FLONA de Goytacazes, por ordem de freqüência, foram os insetos, frutos e pequenos vertebrados, o que demonstra uma dieta onívora, com uma forte tendência à insetivoria e uma potencialidade à dispersão de sementes, uma vez que o consumo de frutos é alto.

Palavras-chave: Coexistência, Dieta, Onivoria, Segregação Trófica, Nicho

DINÂMICA POPULACIONAL DE *DIDELPHIS ALBIVENTRIS* (MARSUPIALIA, DIDELPHIDAE) EM UM PARQUE URBANO DE CAMPINAS, SP

Clara Mascarenhas Pasqual Piccinini (Instituto de Biologia / Unicamp / kk.piccinini@gmail.com)
Eleonore Zulnara Freire Setz (Depto. de Zoologia / IB - Unicamp)
Maurício Neves Cantor Magnani (Instituto de Biologia / Unicamp)
Michelle Viviane Sá dos Santos (Depto. de Parasitologia/ IB - Unicamp)
Celso Eduardo de Souza (Sucen)

Área: Didelphimorphia **Sub-Área:** Ecologia

Mesmo com remanescentes vegetais originais, parques urbanos apresentam fauna modificada pelo cercamento, trânsito de pessoas, proximidade com áreas residenciais e comerciais. Estas modificações afetam tanto a riqueza de espécies como a sua composição. O Parque Ecológico Hermógenes F. Leitão Filho situa-se na bacia do ribeirão das Anhumas, com uma área não alagada de 1,24ha, em torno de uma represa. Em um estudo de marcação e recaptura de pequenos mamíferos ao longo de 16 meses (2 noites/mês), o gambá-de-orelha-branca *Didelphis albiventris* (Marsupialia: Didelphidae) predominou permitindo o detalhamento de sua dinâmica populacional. Em 2868 armadilhas-noite, foram obtidas 226 capturas de *D. albiventris* (158 recapturas), além de 82 capturas de roedores. Entre os adultos, não foi observado dimorfismo sexual de massa corpórea (Z(U)= 0,90; p= 0,363). O tamanho populacional foi estimado através do método de Jolly-Sebber e a densidade média foi de 16,6 indivíduos/ha. Observou-se uma leve flutuação da população ao longo do ano, com aumento nos meses entre dezembro e fevereiro e decréscimo entre os meses de julho a setembro. A razão sexual total foi desviada para fêmeas (2,4), sendo que nos meses de setembro e outubro esta diferença foi mais acentuada. O tempo de permanência na área, calculado pelo intervalo da primeira e última capturas, diferiu (Z(U) = 2,29, p = 0,022) entre machos (x = 2,04 ± 3,06, n = 25) e fêmeas (x = 4,05 ± 4,13, n = 39). Fêmeas lactantes apareceram em agosto 2006 e 2007, com uma segunda ninhada em novembro de 2007. No seu primeiro ano reprodutivo, as fêmeas apresentaram duas ninhadas. Os aumentos observados na população estão relacionados ao recrutamento de filhotes, tanto pelos seus baixos pesos (ca. 240g) como pela ocorrência em meses subseqüentes às capturas das fêmeas lactantes. O decréscimo coincide com o período de maior desvio da razão sexual, o que sugere emigração de machos, que se apresentaram menos residentes. Houve registros oportunísticos de mortes por atropelamento de três animais marcados e outros não marcados no entorno do parque. A ocorrência exclusiva de *D. albiventris*, sua densidade populacional elevada, a grande quantidade de capturas e recapturas oferece uma oportunidade única de avaliar sua biologia. A falta de dimorfismo sexual indica que machos não competem por territórios nem por fêmeas, assim a migração de machos aparece como uma estratégia reprodutiva de acesso a um maior número de fêmeas (em um curto espaço de tempo, dada a alta sincronia reprodutiva).

Palavras-chave: marsupiais, pequenos mamíferos, reprodução, fragmentos

Financiadores: Pibic/CNPq

ANÁLISE DOS FATORES CLIMÁTICOS RELACIONADOS COM A DISTRIBUIÇÃO DE DUAS ESPÉCIES DO GÊNERO *PHILANDER* (MAMMALIA; DIDELPHIMORPHIA) NO BRASIL

Isabel Muniz Bechara (Laboratório de Vertebrados / UFRJ / isabel.bechara@yahoo.com.br)
Henrique Rajão (Laboratório de Vertebrados / UFRJ)
Rui Cerqueira (Laboratório de Vertebrados / UFRJ)

Área: Didelphimorphia **Sub-Área:** Ecologia

O marsupial *Philander* tem uma espécie, *P. frenatus* ocorrendo no leste do Brasil e outra, *P. opossum* na Amazônia. Um terceiro conjunto de populações, do Brasil Central, tem *status* indefinido. Foram comparados os envelopes climáticos destas duas espécies e verificado a qual dos envelopes estão relacionadas às populações do Brasil Central. Os pontos de ocorrência foram compilados a partir das etiquetas de exemplares depositados em coleções científicas e em seguida georeferenciados para os estudos biogeográficos. Foram utilizadas as médias anuais das seguintes variáveis climáticas: temperatura máxima média, temperatura mínima média, temperatura mínima absoluta, temperatura máxima absoluta, temperatura média, precipitação total, umidade relativa e dias de chuva. Dois procedimentos estatísticos foram utilizados para analisar a variação climática: uma análise de variância (ANOVA), com um teste *a posteriori*, e uma análise discriminante (ADM), confrontando-se os grupos entre si (ANOVA e ADM) e cada grupo com um conjunto formado pelos outros dois grupos (somente ADM). A ANOVA mostrou que todas as variáveis foram significativamente diferentes ao nível de 5%. Já a ADM separou os três grupos com base em todas as variáveis, apontando as que mais contribuíram para essa separação. As duas análises, portanto, indicam que as condições climáticas para os três grupos divergem entre si. Os resultados da ADM em particular, mostram claramente a existência de três envelopes climáticos distintos sendo que 98% das localidades de *P. frenatus* e 100% das localidades de *P. opossum* foram classificadas corretamente, o que era esperado, em virtude das conhecidas diferenças climáticas entre o leste do Brasil e a região amazônica. As localidades do Brasil Central, por outro lado, foram as que tiveram a menor proporção de casos classificados corretamente (75%), sendo que, do total de oito localidades, uma foi classificada no grupo *P. frenatus* e uma no grupo *P. opossum*. É esperado que estes resultados, ainda que preliminares, contribuam com os estudos que vem sendo desenvolvidos sobre a biogeografia, sistemática e taxonomia do gênero.

Palavras-chave: distribuições geográficas; clima; marsupiais

Financiadores: CAPES, CNPq, FAPERJ, FUJB, PROBIO/MMA, PPGE/UFRJ, PDA/MMA, FNMA/MMA

PHILANDER FRENATUS E *METACHIRUS NUDICAUDATUS*: NECESSIDADES ECOLÓGICAS DIFERENTES OU COMPETIÇÃO NA FLORESTA ATLÂNTICA?

Renato Crouzeilles (Instituto de Biologia / Dep. de Ecologia UFRJ rcpr@biologia.ufrj.br)
Camila S. Barros (Instituto de Biologia / Dep. de Ecologia UFRJ)
Fernando A. S. Fernandez (LECP / Instituto de Biologia / Dep. de Ecologia UFRJ)

Área: Didelphimorphia **Sub-Área:** Ecologia

Estudos anteriores apresentaram flutuações populacionais alternadas para as cuícas *Philander frenatus* e *Metachirus nudicaudatus*, tendo sido sugerido que estas espécies seriam possíveis competidoras. O padrão de flutuação populacional desses marsupiais foi descrito e a hipótese de que estas espécies apresentam flutuações alternadas foi testada. Um estudo de captura-marcação-recaptura foi realizado em um conjunto de fragmentos florestais na Reserva Biológica Poço das Antas. Populações de três fragmentos foram estudadas de 1995 a 2005. As estações úmidas de 1999-2000 até 2001-2002 tiveram uma precipitação menor do que a média das estações úmidas dos outros anos; assim esses foram considerados como períodos mais secos. *P. frenatus* apresentou picos de tamanho populacional nos períodos secos (1999-2001). Para essa espécie não houve diferença na capturabilidade entre estações do ano, porém a capturabilidades foi mais alta nos períodos secos. *M. nudicaudatus* só esteve presente nos anos mais úmidos e não apresentou diferença na capturabilidade entre as estações. Dessa forma, *P. frenatus* parece aumentar o seu tamanho populacional em épocas mais secas, enquanto *M. nudicaudatus* parece aumentar em estações e anos mais úmidos, o que provoca o padrão alternado de flutuações populacionais. A pluviosidade se reflete de maneiras diferentes na disponibilidade de recursos para *P. frenatus* e *M. nudicaudatus*, os quais possuem dietas distintas, com alguns de seus principais recursos sendo mais abundantes em diferentes estações (seca e úmida). Dessa forma, a alternância dos tamanhos populacionais das espécies pode ocorrer entre as estações do ano ou entre anos, sem que haja evidência de que as espécies estejam competindo. A precipitação, a disponibilidade de recursos e a dieta parecem ser a cadeia causal de fatores que levam a que as duas espécies apresentem um padrão de flutuações populacionais alternadas em localidades de Mata Atlântica.

Palavras-chave: Flutuação populacional, Mata Atlântica, Marsupiais, coexistência

USO DO ESPAÇO PELO MARSUPIAL *CALUROMYS PHILANDER* (LINNAEUS, 1758) ATRAVÉS DO MÉTODO DOS NINHOS ARTIFICIAIS (DIDELPHIMORPHIA; DIDELPHIDAE)

Bernardo Papi (Laboratório de Vertebrados / UFRJ / berpapi@gmail.com)
Diogo Loretto (Laboratório de Vertebrados / UFRJ)
Marcus Vinicíus Vieira (Laboratório de Vertebrados / UFRJ)

Área: Didelphimorphia **Sub-Área:** Ecologia

O conhecimento do padrão de uso do espaço por marsupiais didelphideos é ainda limitado, principalmente em razão de seus hábitos noturnos e crípticos. *Caluromys philander* é uma espécie particularmente difícil de se estudar devido ao seu hábito arborícola e à dificuldade de captura através de armadilhas tradicionais. Os métodos tradicionais usados no estudo dos padrões de uso de espaço (armadilhas e rádio-telemetria) são limitados por causarem interferências na atividade do indivíduo. Os Ninhos Artificiais (NA) são uma alternativa eficaz para o registro deste marsupial, porque além da grande capturabilidade obtida, é um método menos intrusivo. Nosso objetivo foi avaliar a existência de diferenças intersexuais nas áreas de movimentos entre ninhos (AMN), distância (DN) e tempo de residência nos NA (TR), durante ou entre os períodos reprodutivos. O estudo foi desenvolvido de junho de 2003 a fevereiro de 2008, no PARNA da Serra dos Órgãos, Guapimirim-RJ (localidade Garrafão). Os NAs foram colocados a 0, 2,5 e 5 m de altura, em 63 árvores dispostas em três grades de 1,44 ha cada, verificados mensalmente. As AMNs foram estimadas pelo método do Mínimo Polígono Convexo. As DNs foram calculadas para todos os indivíduos registrados numa mesma campanha. O TR foi estimado pela permanência dos indivíduos numa mesma estação de NA em sucessivas campanhas. Registramos 22 *C. philander* em 97 ocasiões. Apenas nove indivíduos possuíram registros suficientes para o cálculo das AMNs (2603±2513 m²). Machos e fêmeas não possuíram AMNs significativamente diferentes. Obtivemos 103 distâncias entre ninhos (74±32 m), porém não houve diferença entre sexos e períodos. Considerando apenas os indivíduos mais próximos, a DN entre machos-fêmeas foi significativamente menor que entre machos-machos e fêmeas -fêmeas. Os ninhos dos indivíduos mais próximos aos ninhos de machos são os das fêmeas, e vice-versa. Isto está de acordo com o padrão reprodutivo descrito para a família Didelphidae (promíscuo ou poligínico), onde machos movimentam-se mais procurando por fêmeas. Em apenas 10 dos 97 registros houve permanência de 2 meses em um mesmo ninho. O baixo tempo de residência encontrado indica que *C. philander* não tem fidelidade aos NAs, assim como *Micoureus paraguayanus*, outra espécie da família com comportamento semelhante já descrito na literatura.

Palavras-chave: tempo de residência, área de movimentos, distância entre ninhos

Financiadores: CAPES, CNPq, FAPERJ, FUJB, PROBIO/MMA, PPGE/UFRJ, PDA/MMA, FNMA/MMA

CBMz

SEMELPARIDADE NO MARSUPIAL *MARMOSOPS INCANUS* (DIDELPHIMORPHIA, DIDELPHIDAE): UM TESTE EM 11 ANOS DE MONITORAMENTO POPULACIONAL

Priscilla Lóra Zangrandi (Laboratório de Vertebrados / UFRJ / priscillalz@gmail.com)
Maja Kajin (Laboratório de Vertebrados / UFRJ)
Marcus Vinícius Vieira (Laboratório de Vertebrados / UFRJ)

Área: Didelphimorphia **Sub-Área:** Ecologia

A semelparidade é uma estratégia reprodutiva na qual os indivíduos se reproduzem uma única vez. Em mamíferos essa estratégia não é comum, sendo conhecida para alguns marsupiais australianos da família Dasyuridae. Essa estratégia já foi também sugerida para espécies da família Didelphidae, inclusive para *Marmosops incanus*. Nosso objetivo foi investigar a ocorrência da estratégia de vida semélpara em *M. incanus* através das estimativas de sobrevivência para cada coorte. Uma população de *M. incanus* vem sendo estudada há 11 anos na localidade do Garrafão, PARNA Serra dos Órgãos, RJ. Usamos os dados de captura-marcação-recaptura (CMR) de excursões bimestrais, de cinco noites de armadilhagem cada, totalizando 335 capturas em um esforço de 74.385 armadilhas-noites. As histórias de captura dos indivíduos nascidos em uma mesma época foram agrupadas em coortes para evitar sobreposições entre jovens e adultos, pois a hipótese em questão é a baixa sobrevivência dos adultos após a estação reprodutiva. As análises foram feitas com o programa MARK utilizando o Modelo de Delineamento Robusto, considerando a população fechada durante as excursões, mas aberta entre elas. Escolhemos o Estimador de Huggins por diminuir o número de parâmetros dos modelos, já que a abundância não é estimada juntamente com sobrevivência e probabilidade de captura. Estabelecemos o modelo inicial onde sobrevivência e probabilidade de captura variam com tempo e entre sexos. Modelos com combinações entre esses fatores foram gerados a partir do modelo inicial. Fizemos a seleção de modelos usando o Índice de Informação do Akaike (AIC) e consideramos aqueles com menores índices para descrever a sobrevivência de *M. incanus*. Das 11 coortes analisadas, 8 possuíram modelos com a sobrevivência dependente do sexo, onde machos possuíam menor taxa de sobrevivência que fêmeas. Dessas 8 coortes, em 5 os melhores modelos foram os que descrevem as taxas de sobrevivência variando não apenas entre sexos, mas também durante o tempo. Nesses modelos há redução na taxa de sobrevivência, mais acentuada para machos no final do ano, logo após a estação reprodutiva. Portanto, as taxas de sobrevivência apóiam a hipótese da semelparidade para *M. incanus*. Aparentemente, espécies de pequeno tamanho corporal como M. incanus prolongam o período de amamentação até um estágio avançado de desenvolvimento dos filhotes. Assim, as fêmeas adultas permanecem vivas por mais tempo na população no período crítico do final da estação reprodutiva. Já os machos parecem direcionar seus esforços para a atividade reprodutiva de maneira tão intensa que morrem logo após este período.

Palavras-chave: Didelphidae, Mata Atlântica, sobrevivência, mortalidade, reprodução

Financiadores: CAPES, CNPq, FAPERJ, FUJB, PROBIO/MMA, PPGE/UFRJ, PDA/MMA, FNMA/MMA

MOVIMENTOS DE MARSUPIAIS ENTRE FRAGMENTOS DE MATA ATLÂNTICA: INFERINDO A HABILIDADE DE TRAVESSIA DE UMA MATRIZ DE PASTO ATRAVÉS DA TORTUOSIDADE DOS MOVIMENTOS

Jayme Augusto Prevedello (Programa de Pós-Graduação em Ecologia / PPGE-UFRJ / ja_prevedello@yahoo)
Marcus Vinícius Vieira (Laboratório de Vertebrados, Depto. de Ecologia UFRJ / LabVert UFRJ)

Área: Didelphimorphia **Sub-Área:** Ecologia

Em paisagens florestais fragmentadas, o movimento de indivíduos entre fragmentos é fundamental para a viabilidade das populações. Para marsupiais da Mata Atlântica, a habilidade de atravessar a matriz que separa remanescentes florestais é um dos principais determinantes da vulnerabilidade das populações à extinção. Este estudo avaliou a habilidade de deslocamento de *Didelphis aurita, Philander frenatus* e *Micoureus paraguayanus* (Didelphimorphia, Didelphidae) durante a procura de habitat em uma matriz de pasto da Mata Atlântica. Os animais foram capturados em remanescentes florestais nos municípios de Cachoeiras de Macacu e Guapimirim, RJ, e liberados em um pasto para criação pecuária no entorno de um fragmento florestal. A liberação foi feita a três distâncias da borda do fragmento, utilizando um mecanismo de soltura padrão. A movimentação de cada indivíduo foi acompanhada com carretéis de rastreamento, o que permitiu obter em detalhes o trajeto percorrido e a orientação do movimento. Para cada trajeto calculou-se o tamanho médio do passo (distância entre dois pontos de mudança de direção) e a tortuosidade, através do índice D-fractal. A tortuosidade reflete a quantidade de tempo gasta para cruzar certa distância ou cobrir determinada área, uma medida da habilidade relativa de travessia da matriz durante a procura de habitat. Para as três espécies, indivíduos orientados para o fragmento tiveram trajetos significativamente mais lineares que indivíduos não orientados. Indivíduos orientados das três espécies não diferiram na tortuosidade. No entanto, considerando-se apenas indivíduos não-orientados, *D. aurita* teve trajetos significativamente mais lineares que as outras duas espécies. A tortuosidade dos indivíduos não-orientados teve correlação negativa com o tamanho do passo para *D. aurita* e *M. paraguayanus*, e para as três espécies em conjunto. Os resultados indicam que a percepção do fragmento pelos indivíduos direciona e lineariza os movimentos. As diferenças na tortuosidade das espécies se devem mais provavelmente a diferenças no tamanho do corpo do que a diferenças nas estratégias de locomoção. A maior tortuosidade no trajeto aumenta o tempo que o animal permanece na matriz, podendo acarretar maior gasto energético e suscetibilidade a predação. Fragmentos próximos, dentro do limite de percepção das espécies, têm igual probabilidade de serem colonizados pelas três espécies, mas fragmentos distantes na paisagem podem ser mais facilmente alcançados por *D. aurita*. Tais resultados corroboram um estudo anterior que apontou uma maior conectividade funcional da paisagem para *D. aurita* que para outros marsupiais.

Palavras-chave: movimento animal, marsupiais, conectividade, matriz

Financiadores: CAPES, CNPq, FAPERJ, FUJB, PROBIO/MMA, PPGE/UFRJ, PDA/MMA, FNMA/MMA

FLUTUAÇÃO POPULACIONAL, REPRODUÇÃO E SEMELPARIDADE EM UMA POPULAÇÃO DO MARSUPIAL *MARMOSOPS INCANUS* NA SERRA DOS ÓRGÃOS, RJ

Joana Macedo (Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá / joana@mamiraua.org.)
Rui Cerqueira (Laboratório de Vertebrados, Departamento de Ecologia / UFRJ)

Área: Didelphimorphia **Sub-Área:** Ecologia

Existem diversos padrões reprodutivos em mamíferos, que variam em função do grupo, tamanho de ninhada, cuidado parental, longevidade, entre outros. Foram feitos poucos relatos sobre mamíferos semélparos, cujos indivíduos participam de apenas um evento reprodutivo durante a vida. Do pouco investigado a respeito da bionomia do marsupial *Marmosops incanus*, foi sugerido que a espécie apresentaria um padrão reprodutivo semélparo. O objetivo do estudo foi descrever, com ênfase na reprodução, oito anos de monitoramento bimestral de uma população de *M. incanus* por captura-marcação-e-recaptura em três grades fixas. O estudo foi conduzido entre 1997 e 2005, no Parque Nacional da Serra dos Órgãos, município de Guapimirim, Rio de Janeiro. Foram capturados 175 indivíduos de *M. incanus* em 434 capturas, com um esforço total de 52.515 armadilhas-noite e um sucesso de captura de 0,83%. *M. incanus* apresentou estacionalidade na reprodução (que ocorreu de outubro a fevereiro) e flutuação populacional (com picos em agosto e outubro e vales em fevereiro e abril). As capturas de jovens foram raras e não houve capturas de fêmeas carregando filhotes. As coortes foram bem separadas, quando houve sobreposição de gerações esta se deu entre indivíduos adultos com jovens imaturos e fora da estação reprodutiva, o que impossibilita a reprodução entre indivíduos de gerações diferentes. Nenhum indivíduo adulto passou por mais de uma estação reprodutiva, confirmando o padrão reprodutivo semélparo. Nas espécies de marsupiais australianos da família Dasyuridae, apenas os machos são semélparos, e morrem cerca de três semanas após a cópula. Em *M. incanus*, ambos os sexos participaram de apenas um evento reprodutivo, mas os machos entram em senescência e desaparecem da população antes das fêmeas. Porém, o tempo entre a cópula e a morte dos machos de *M. incanus* pode chegar a três meses, indicando que existem diferenças no mecanismo que leva ao óbito. As fêmeas mostram sinais de lactação até desaparecerem da população, como não alcançam a próxima estação reprodutiva podem investir toda energia em uma única ninhada, protegendo e nutrindo a prole até o fim da vida. O cuidado parental é longo, se comparado como outros didelfídeos, e explica a baixa capturabilidade de jovens. Pode haver mais de um mecanismo que lava ao óbito pós-copula em marsupiais, assim como mais de uma vantagem evolutiva para o surgimento dessa estratégia reprodutiva. Um estudo dos mecanismos fisiológicos e endocrinológicos que levam ao óbito também seria interessante para descrever pela primeira vez a fisiologia de um didelfídeo semélparo.

Palavras-chave: *Marmosops incanus*, Didelphidae, reprodução, semelparidade

Financiadores: CAPES, CNPq, FUJB, PROBIO/MMA/GEF, PRONEX

CBMz

O FATOR DE CONDIÇÃO DE UMA POPULAÇÃO DO MARSUPIAL DIDELFÍDEO *MARMOSOPS INCANUS* E SUA RELAÇÃO COM O PERÍODO REPRODUTIVO, OS RECURSOS E A ABUNDÂNCIA

Joana Macedo (Inst. de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá / joana@mamiraua.org.br)
Rui Cerqueira (Laboratório de Vertebrados, Dept. de Ecologia / UFRJ)

Área: Didelphimorphia **Sub-Área:** Ecologia

Um parâmetro relevante para estudos da influência de fatores intrínsecos e extrínsecos nas populações naturais é a relação entre o peso e o comprimento do corpo dos animais. Essa relação é conhecida como fator de condição, que basicamente mostra através da relação peso-comprimento o quanto os animais estão acima ou abaixo do peso médio para o seu comprimento de corpo. A relevância ecológica dessa relação no estudo de populações animais é que, para um dado comprimento de corpo, os indivíduos mais pesados estariam explorando melhor o ambiente do que aqueles mais leves. Indivíduos com fator de condição alto teriam taxas de sobrevivência e taxas reprodutivas mais altas e seriam capazes de lidar mais facilmente com distúrbios ambientais, baixa disponibilidade de alimentos ou baixas temperaturas. Nesse estudo a média mensal do fator de condição alométrico de uma população de *Marmosops incanus* foi calculado e relacionado com o período reprodutivo, a abundância populacional, e indicadores da disponibilidade de recursos (precipitação, biomassa de artrópodes, produção de folhiço e frutos). Foram usados dados de oito anos de monitoramento bimestral por captura-marcação-e-recaptura em três grades fixas situadas no Parque Nacional da Serra dos Órgãos. Entre abril de 1997 e abril de 2005 foram feitas 434 capturas de *M. incanus*. O fator de condição mensal apresentou flutuação estacional, com exceção dos dois primeiros anos, onde a amplitude de variação foi baixa. A abundância não foi correlacionada com o fator de condição mensal, que teve seus picos durante a estação reprodutiva. O folhiço foi positivamente relacionado com o fator de condição mensal, mas os frutos e a precipitação apresentaram relação negativa, e os artrópodes não tiveram nenhuma relação. O somatório anual do fator de condição mostrou uma tendência decrescente nos oito anos investigados. Aparentemente a flutuação do fator de condição está relacionada com a alocação de recursos para a reprodução e sofre pouca influência da variação dos indicadores da disponibilidade de recursos e da abundância populacional. O padrão anual encontrado para o fator de condição pode ter relação com ciclos mais longos, como o ciclo causado pelo *El Niño*. Os recursos alimentares não parecem ser fatores limitantes. A variação no fator de condição pode ser explicada pela reprodução de *M. incanus*, que investe toda sua energia num único evento reprodutivo.

Palavras-chave: *Marmosops incanus*, fator de condição, reprodução, disponibilidade de r

Financiadores: CAPES, CNPq, FUJB, PROBIO/MMA/GEF, PRONEX

IDENTIFICAÇÃO DE MARSUPIAIS SUL-RIOGRANDENSES ATRAVÉS DA MICROESTRUTURA DOS PÊLOS-GUARDA, COM ÊNFASE NO GÊNERO *MONODELPHIS*

Maury Sayão Lobato Abreu (Unisinos / maury.abreu@gmail.com)
Emerson M. Vieira (Unisinos)

Área: Didelphimorphia **Sub-Área:** Ecologia

No Brasil há registro de pelo menos 55 espécies de marsupiais, todos pertencentes à ordem Didelphimorphia, família Didelphidae. Apesar de sua importância ecológica como polinizadores, dispersores de sementes e componentes da dieta de carnívoros há relativamente poucos estudos enfocando marsupiais no Rio Grande do Sul. Destes, a maioria é voltado para ecologia, deixando os demais ramos da biologia carentes de informação. O objetivo deste trabalho foi identificar padrões microscópicos da cutícula e medula dos pêlos-guarda de marsupiais ocorrentes no Rio Grande do Sul propondo uma chave dicotômica para sua identificação a partir dos pêlos. Nos propusemos também a analisar, especificamente os padrões de pêlos do gênero *Monodelphis* no RS, um gênero ainda taxonomicamente obscuro que ainda requer revisão. Obtivemos o material analisado por meio da coleta de pêlos de marsupiais capturados em campo ou tombados em diferentes instituições do RS (taxidermizados ou fixados em meio líquido). Separamos os pêlos-guarda e montamos lâminas de cutículas e medulas dos pelos. Utilizamos esmalte incolor para gravar a impressão cuticular do pêlo. Para as lâminas de medula, descolorimos os pêlos com água oxigenada 40 volumes durante pelo menos 80 minutos e os fixamos em lâmina e lamínula com bálsamo do Canadá. Usamos um microscópio óptico para identificar os padrões. Identificamos os padrões medulares e cuticulares de oito espécies de marsupiais: *Chironectes minimus*, *Didelphis aurita*, *Didelphis albiventris*, *Cryptonanus guahybae*, *Gracilinanus microtarsus*, *Lutreolina crassicaudata*, *Micoureus demerarae* e *Philander frenatus*. Esses padrões foram utilizados para a elaboração de uma chave dicotômica que discrimina com sucesso essas 8 espécies. Os indivíduos do gênero *Monodelphis* foram analisados em conjunto, como parte do grupo *dimidiata*. Encontramos três padrões de medula dentro desse grupo. Registramos os três padrões no centro do estado, mas nas regiões mais distantes (norte e leste) encontramos predominância de um ou outro padrão. O procedimento de análise de estrutura dos pelos mostrou-se satisfatório para a identificação de marsupiais. Em comparação com identificação pelo crânio, esse método traz a vantagem de que não é necessário sacrificar o animal, além da coleta de material em campo ser fácil e rápida. Além disso, a chave desenvolvida pode ser utilizada para identificar marsupiais predados por grandes vertebrados, a partir de pêlos coletados em fezes ou conteúdo estomacal, podendo ser um importante instrumento para estudos de ecologia trófica de vertebrados.

Palavras-chave: Cutícula, Didelphidae, identificação por pêlos, medula, tricologia.

Financiadores: CNPq e Unisinos

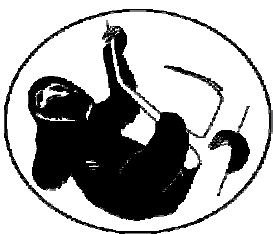
USO DO ESPAÇO PELO MARSUPIAL *PHILANDER FRENATUS* (DIDELPHIMORPHIA, DIDELPHIDAE) EM FRAGMENTOS DE MATA ATLÂNTICA

David Rosa de Paula (Lab. Vertebrados, Depto. Ecologia, UFRJ)
Ana Cláudia Delciellos (PPG-Zoo Museu Nacional / UFRJ, delciellos@biologia.ufrj.br)
Marcus Vinícius Vieira (Lab. Vertebrados, Depto. Ecologia, UFRJ)

Área: Didelphimorphia **Sub-Área:** Ecologia

A área de uso diário (AUD) representa uma medida em curto prazo dos requerimentos por espaço de um animal, tendo relação direta com o tamanho corporal. Em mata contínua, a AUD de marsupiais didelfídeos tem suas características dependentes do sexo, idade e das estações reprodutiva e do ano. Em paisagens fragmentadas tais estudos são praticamente inexistentes. O objetivo foi avaliar o uso do espaço pelo marsupial *Philander frenatus* em fragmentos de Mata Atlântica na Bacia do Rio Macacu, Rio de Janeiro, Brasil. Vinte e sete indivíduos adultos de *P. frenatus* (14 machos; 13 fêmeas) foram capturados com armadilhas Tomahawk e Sherman, marcados, pesados e liberados com carretel de rastreamento entre julho de 2007 e março de 2008. Para avaliar o uso do espaço foram estimados a AUD, o índice de linearidade (L) e a percentagem de uso vertical (UV). A AUD foi calculada através do método do mínimo polígono convexo, L pela razão entre a máxima distância euclidiana entre dois pontos do trajeto e o tamanho total do mesmo. Foram mapeados 32 trajetos (18 machos; 14 fêmeas), com uma média de 119,50 m (± 69,99) de linha para cada indivíduo. A AUD média foi de 1041,48 m^2 (± 1643,56), variando de 103,02 a 7812,15 m^2. O L médio foi de 0,48 (± 0,19), e significativamente maior do que na área contínua (dados já publicados). Já a UV média foi de 16,86% (± 15,35). Os machos foram em média significativamente mais pesados que as fêmeas. Não foram encontradas diferenças significativas de tamanho da AUD entre machos e fêmeas, mas o tamanho total do trajeto foi um importante preditor da AUD. Foram observados maiores índices de linearidade (indicando menores intensidades de uso) para *P. frenatus* nos fragmentos do que em áreas de mata contínua. Isso pode refletir uma menor qualidade do habitat no que diz respeito à disponibilidade de recursos, já que o processo de fragmentação altera a estrutura da vegetação e a qualidade do habitat. Consequentemente é esperado que os padrões de uso do espaço também sofram alterações.

Palavras-chave: fragmentação, carretel de rastreamento, movimentos, linearidade

Financiadores: CAPES, CNPq, FAPERJ, PDA/MMA, FNMA/MMA

DIÂMETROS E INCLINAÇÕES DE SUPORTES UTILIZADOS NA LOCOMOÇÃO ARBORÍCOLA DO MARSUPIAL *PHILANDER FRENATUS* (DIDELPHIMORPHIA, DIDELPHIDAE) EM FRAGMENTOS DE MATA ATLÂNTICA

Ana Cláudia Delciellos (PPG-Zoo, Museu Nacional / UFRJ / delciellos@biologia.ufrj.br)
David Rosa de Paula (Lab. Vertebrados, Depto. Ecologia - UFRJ)
Marcus Vinícius Vieira (Lab. Vertebrados, Depto. Ecologia - UFRJ)

Área: Didelphimorphia **Sub-Área:** Ecologia

A fragmentação altera a estrutura do habitat, muitas vezes através de um aumento na quantidade de árvores de pequeno diâmetro e substituição das espécies dominantes. Essas alterações na estrutura do habitat também levam a modificações na oferta de diferentes diâmetros e inclinações de suportes que são utilizados por animais escansoriais e arborícolas, como os marsupiais didelfídeos, nas suas atividades diárias de locomoção. O marsupial *Philander frenatus* anda em média 18% do seu trajeto acima do solo, usando o sub-bosque ou ocasionalmente o dossel, mas o uso do espaço em fragmentos foi pouquíssimo estudado. Neste trabalho descrevemos categorias de diâmetros e inclinações de suportes mais utilizados na locomoção arborícola de *P. frenatus* em fragmentos de Mata Atlântica na Bacia do Rio Macacu, Rio de Janeiro, Brasil. Trinta e um indivíduos adultos de *P. frenatus* foram capturados, marcados, pesados e liberados com carretel de rastreamento entre julho de 2007 e março de 2008. O método do carretel de rastreamento permitiu mapear o caminho seguido pelo animal, e medir o diâmetro e a inclinação dos suportes utilizados em sua locomoção acima do solo. Foram mapeados em média 119,50 m (± 69,99) de linha para cada indivíduo. Em média 12,76% do trajeto total dos machos e 25,32% das fêmeas foram percorridos no estrato arbóreo, sendo essa diferença entre machos e fêmeas significativa. A distribuição de freqüências dos diâmetros dos suportes utilizados apresentou um deslocamento para esquerda, com valores mais freqüentes entre 2,1 e 3,0 cm. Não houve diferença significativa entre os diâmetros utilizados em diferentes atividades locomotoras (subida, deslocamento, horizontal, descida). Os tipos de suportes mais utilizados para movimentos de subida e descida foram troncos, cipós, touceiras e irís, nessa ordem. Em deslocamentos horizontais, o uso de cipós foi mais freqüente que o de troncos. Na subida foram utilizadas mais freqüentemente inclinações de suporte entre 41° e 50°; na descida, inclinações entre 31° e 50°. Ao contrário do esperado, *P. frenatus* utilizou diâmetros e inclinações de suporte semelhantes aos observados em estudos prévios realizados em áreas de mata contínua, usando suportes de pequeno diâmetro para movimentos de subida e descida. Este padrão pode estar relacionado a uma limitação da capacidade de agarramento dos membros desta espécie para uma locomoção segura, que limitaria o uso de suportes de maior diâmetro em áreas de mata contínua ou fragmentada.

Palavras-chave: fragmentação de habitats, carretel de rastreamento, locomoção arborícola

Financiadores: CAPES, CNPq, FAPERJ, PDA/MMA, FNMA/MMA

ABUNDÂNCIA DO GÊNERO *DIDELPHIS* EM FRAGMENTOS FLORESTAIS EM LAVRAS / MG

Lourdes Dias da Silva (Laboratório de Ecologia / UFLA / lourdesd@vialavras.com.br)
Marcelo Passamani (Laboratório de Ecologia / UFLA)
Ricardo Augusto Serpa Cerboncini (Laboratório de Ecologia / UFLA)

Área: Didelphimorphia **Sub-Área:** Ecologia

As paisagens naturais da cidade de Lavras/MG encontram-se fragmentadas devido à utilização humana. Influenciada por essa fragmentação a composição da fauna nos fragmentos remanescentes é alterada, favorecendo algumas espécies. No Sul de Minas Gerais ocorrem duas espécies do gênero *Didelphis*, *D. aurita* e *D. albiventris*. O estudo objetivou avaliar a abundância de gambás do gênero *Didelphis* através de um levantamento da mastofauna em cinco fragmentos florestais na Serra do Carrapato, Lavras/MG. Os fragmentos foram identificados como F1, F2, F3, F4 e F5, variando de 1 a 12 ha em extensão, e são conectados por corredores de vegetação, sendo rodeados por culturas de café e milho, pastagens e áreas antropizadas. Em cada fragmento foram demarcados 2 transectos distantes 50m um do outro, contendo cada um 6 parcelas de areia (70 x 70cm) distantes 20m. No centro das parcelas foram colocadas iscas atrativas (banana, bacon, sal grosso) alternadamente. As amostragens foram realizadas de março a novembro de 2007, totalizando 85 dias e 4.920 parcelas-noite. Também foram utilizadas aleatoriamente duas câmeras fotográficas automáticas direcionadas para as parcelas de areia. No total foram registradas 3.209 pegadas de gambás do gênero *Didelphis*, representando 93% do total de registros de mamíferos para a área. Todos os cinco fragmentos tiveram registros de *Didelphis spp*, sendo o número de registros 849, 353, 423, 735 e 849, respectivamente. Este gênero também foi o mais representado por registros fotográficos com 38 (77,5%) das 49 fotografias, sendo 28 registros (57,1%) de *D. albiventris* e 10 registros (20,4%) de *D. aurita*. Por serem espécies de dieta e habitat generalistas, além de apresentarem grande facilidade de locomoção, a abundância no local pode estar relacionada com a capacidade desses mamíferos em suportar a influência antrópica. O fragmento 2 parece ser o menos afetado pelas ações antrópicas, devido à declividade do terreno e maior distancia dos locais de cultura, e foi o que apresentou um menor número de pegadas de *Didelphis spp*. É possível ressaltar então que as ações humanas podem estar favorecendo populações de espécies generalistas, como é o caso das espécies do gênero *Didelphis* encontradas nas áreas estudadas.

Palavras-chave: fragmentação, pegadas, gambás, ação antrópica

CBMz

DIDELPHIS ALBIVENTRIS EM FRAGMENTO FLORESTAL URBANO: O QUE TEMOS NO CARDÁPIO PARA ESTE GENERALISTA?

Maurício Cantor (Depto. de Zoologia / UNICAMP / maucantor@gmail.com)
André de Marco (Pontifícia Universidade Católica de Campinas / PUCCAMP)
Mariana Vedovello (Pontifícia Universidade Católica de Campinas / PUCCAMP)
Michelle Viviane Sá dos Santos (Depto. de Parasitologia / UNICAMP)
Eleonore Zulnara Freire Setz (Depto. de Zoologia / UNICAMP)

Área: Didelphimorphia **Sub-Área:** Ecologia

Marsupiais didelfídeos da América do Sul são pequenos mamíferos cujo hábito alimentar é geralmente reportado como frugívoro-onívoro. Os ítens alimentares da dieta anual do gambá-de-orelha-branca, *Didelphis albiventris*, foram analisados a partir de amostras fecais coletadas mensalmente (novembro de 2006 a 2007), em fragmento urbano de vegetação brejosa (Campinas-SP), através de transecção de 1600m ao redor de uma represa. Em 2868 armadilhas-noite, foram obtidas 226 capturas (55 machos, 144 fêmeas; 52 juvenis (< 440g), 148 adultos) e analisadas 222 amostras (dissolvidas, filtradas em peneira de 1mm e triadas em lupa). A dieta foi composta principalmente por invertebrados (79,3% artrópodos; 21,6% moluscos), seguidos de vegetais (66,2% frutos de 24 espécies e sementes entre 0,8 e 13,3mm) e vertebrados (26,6% pêlos; 22,5% penas; 13,1% escamas). Não houve diferença na dieta entre machos e fêmeas (x^2=4,94, gl=5, p=0,422) mas houve variação entre classes de idade (x^2=12,23, gl=5, p=0,032), em que juvenis alimentam-se menos de peixes e mais de moluscos. Entre adultos, os ítens foram consumidos diferentemente entre as estações seca (março-agosto) e úmida (setembro-fevereiro) (x^2=18,42, gl=5, p=0,002). Mesmo sutis, as diferenças climáticas nesta latitude influem na disponibilidade de frutos, já que a frutificação de espécies zoocóricas sulamericanas ocorre na estação úmida. Assim, observou-se uma menor quantidade de sementes nas fezes da estação seca, porém de uma maior diversidade de espécies; na outra estação obteve-se o oposto. Os gambás aproveitam-se dos frutos muito abundantes da estação úmida e, na seca, consomem poucos frutos, mas de muitas espécies. Mesmo vertebrados e invertebrados apresentando-se em abundância durante todo o ano, peixes foram mais consumidos na estação seca, provavelmente compensando a disponibilidade de frutos, e mamiferos, na úmida. A dieta reflete diferentes papéis ecológicos desempenhados: por concentrar-se em frutos de sementes pequenas, que são engolidas inteiras e capazes de germinar rapidamente após defecação, os gambás atuam como dispersores eficientes; embora a proporção de roedores por gambás capturados tenha sido pequena (1:3), a baixa freqüência de pêlos nas fezes contradiz a hipótese de controle da população de roedores. Conclui-se que a dieta generalista composta por grande variedade de itens e as variações sazonais em função da disponibilidade sugerem uma alimentação oportunista para *Didelphis albiventris*, característica do grupo a que pertence. Sua participação como predador e dispersor de sementes é muito importante em fragmentos urbanos, por tolerar antropização e participar da regeneração natural da vegetação.

Palavras-chave: Didelphidae, dieta, oportunismo, variação sazonal, dispersão de semente

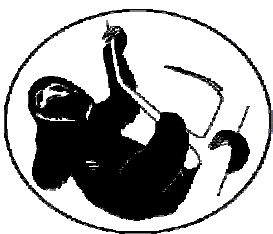
TEMPO DE PASSAGEM DE SEMENTES PELO TRATO DIGESTÓRIO E DISTÂNCIAS POTENCIAIS DE DISPERSÃO EM *DIDELPHIS AURITA* WIED-NEUWIED, 1826 E *MICOUREUS PARAGUAYANUS* OKEN, 1816 (DIDELPHIMORPHIA)

Daniel Santana Lorenzo Raíces (Depto. Ecologia / UERJ / danielraices@ig.com.br)
Helena de Godoy Bergallo (Depto. Ecologia / UERJ)

Área: Didelphimorphia **Sub-Área:** Ecologia

O objetivo foi avaliar o tempo em que sementes levam para passar no trato digestório de *Didelphis aurita* e *Micoureus paraguayanus* e relacioná-lo com a distância potencial que estas espécies poderiam dispersar as sementes. O estudo foi desenvolvido no Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba (PNRJ), RJ. A distância percorrida pelas espécies foi avaliada através da marcação-recaptura em 21 transectos entre os anos de 2001 e 2003. Para realização dos experimentos de passagem de sementes pelo trato digestório, utilizamos cinco indivíduos de *M. paraguayanus* e cinco de *D. aurita*. Os animais foram mantidos em caixas de contenção com os frutos a serem testados entre 17:00 h e 18:00 h. Após a retirada dos restos, os animais foram alimentados *ad-libitum*. As caixas eram limpas a cada seis horas, para remoção das fezes. As sementes encontradas nas fezes foram colocadas para germinar em placas de Petri. Uma fêmea de *M. paraguayanus* testada com sementes de *Passiflora mucronata* consumiu 40 sementes. Na primeira noite foram defecadas 67,5% das sementes e 32,5% na segunda noite. Quatro indivíduos testados com *Passiflora* sp. ingeriram 146 sementes, com média de 36,5 (±34,2) por animal. Na primeira noite foram defecadas 76,7% das sementes, na segunda 22,6% e na terceira 0,7%. Os animais foram testados posteriormente coma a goiaba *Psidium guajava*. Encontramos 96 sementes nas fezes, com uma média de 24 (±19,7). Na primeira noite foram defecadas 94,8% e apenas 5,2% na segunda noite. Os gambás testados com goiaba ingeriram 426 sementes, com uma média de 85,2 (±15,6) por marsupial. Foram defecadas na primeira noite 35,7% das sementes, na segunda 58,2% e na terceira 6,1%. Para avaliar uma dispersão potencial de sementes no PNRJ, esses resultados foram comparados com as distâncias percorridas pelos animais dentro do período observado de retenção das sementes no trato digestório. A maior distância percorrida por *M. paraguayanus* foi de 460m em dois dias. A média das distâncias percorridas por machos (n=45) e fêmeas (n=58) foram de 90m (±114,3) e 52,2m (±46,03) respectivamente. As distâncias percorridas por machos e fêmeas em relação às estações não reprodutivas e reprodutivas diferiram significativamente (p=0,008; F=9.646; N=18). Para *D. aurita*, a média das distâncias percorridas foi de 311,33m (±162,89), com a maior distância percorrida de 500m em um dia. Os resultados obtidos pela germinação das sementes que passaram pelo trato digestório dos animais, mostraram sementes viáveis mesmo defecadas quase 36 horas após seu consumo.

Palavras-chave: distância de dispersão, sementes, restinga, marsupiais

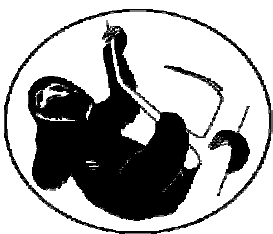
Financiadores: CNPq, Prociência-UERJ

CLASSIFICAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO DE ABRIGOS DE MARSUPIAIS NEOTROPICAIS ARBORÍCOLAS ATRAVÉS DA ANÁLISE DOS COMPONENTES VEGETAIS

Priscilla Cobra (Lab. de Vertebrados - UFRJ / priscillacobra@yahoo.com.br)
Diogo Loretto (Lab. de Vertebrados - UFRJ)
Marcus Vinícius Vieira (Lab. de Vertebrados - UFRJ)

Área: Didelphimorphia **Sub-Área:** Ecologia

Em estudos de ecologia de pequenos mamíferos não-voadores, técnicas como os ninhos artificiais (NA) têm se revelado importantes na avaliação de aspectos biológicos e demográficos, principalmente de marsupiais arborícolas. Ao contrário das armadilhas do tipo *live-traps*, os NAs não usam iscas e deixam livre a entrada, saída e construção de abrigos. Porém, parte dos dados são somente de NAs com abrigos abandonados pelos indivíduos, e representam perda de aproximadamente 55% nos dados. Desenvolvemos então, um método simples para identificar os abrigos desocupados apenas com o material vegetal que os constituem. As espécies estudadas foram *Caluromys philander* (N=28), *Gracilinanus microtarsus* (N=4), *Micoureus paraguayanus* (N=5) e *Marmosops incanus* (N=16). Com 53 registros dessas espécies, identificamos e separamos em campo duas formas principais de abrigos: fundo-forrado (*C. philander* e *M. paraguayanus*) e casulos (*G. microtarsus* e *M. incanus*). Fizemos uma análise discriminante entre as amostras dos NAs registrados com indivíduos para determinar se o conteúdo é espécie-específico e previsível através de modelos. Avaliamos quais categorias componentes do abrigo mais contribuíram para a discriminação: número de folhas [NF], peso das folhas [PF], peso total do abrigo [PA] e área foliar das folhas componentes do abrigo [AF]. Fizemos as análises com os dois grupos de abrigos (fundo-forrado e casulos) separadamente. Retiramos o efeito do número desigual de observações para cada espécie em todos os modelos. Para *C. philander* e *M. paraguayanus* a função discriminante, com NF, PF e PA (WL=0,619; p<0,0028), classificou corretamente 96,97% dos abrigos registrados com indivíduos. Isso levará a um aproveitamento dos dados antes perdidos em uma mesma proporção (93 dos 96 abrigos abandonados). Para *G. microtarsus* e *M. incanus* usamos duas funções (1-NF, PF e PA [WL=0,728; p<0,1567]; 2-AF [WL=0,974; p<1*10-12]), que classificaram corretamente 85 e 69,9% dos casos. Serão aceitas como válidas apenas classificações coincidentes nas duas funções para a mesma espécie, o que deve resultar em um aproveitamento de 60% dos abrigos abandonados de *G. microtarsus* e *M. incanus* (50 dos 83 abrigos abandonados). Essa abordagem permitiu que eliminássemos uma variável de difícil medição (AF) em abrigos de *C. philander* e *M. paraguayanus*, além de mostrar claramente que os abrigos das quatro espécies são espécie-específicos. Além disso, é possível que outras variáveis comportamentais e ambientais sigam o mesmo padrão específico, podendo ser facilmente distinguíveis e identificáveis a partir de caracteres simples, de fácil modelagem e previsão. Isso também termina com uma das maiores limitações do método dos NAs.

Palavras-chave: ninhos artificiais, análise discriminante, caracter espécie-específico

Financiadores: CAPES, CNPq, FAPERJ, FUJB, PROBIO/MMA, PPGE/UFRJ, PDA/MMA, FNMA/MMA

USO DO ESPAÇO POR *METACHIRUS NUDICAUDATUS* (MARSUPIALIA: DIDELPHIDAE) EM DOIS FRAGMENTOS DE DIFERENTES TAMANHOS NA FLORESTA ATLÂNTICA NORDESTINA - CENTRO DE ENDEMISMO PERNAMBUCO

Paulo Henrique Asfora (Dpto.Zoologia / UFPE / paulo.asfora@gmail.com)
Antonio Rossano Mendes Pontes (Dpto. Zoologia / UFPE)

Área: Didelphimorphia **Sub-Área:** Ecologia

A Floresta Atlântica Nordestina mantém apenas 2% de sua área original, sendo o Centro de Endemismo Pernambuco (CEPE) sua unidade biogeográfica localizada ao norte do rio São Francisco e composto em sua maioria por fragmentos com menos que 10 ha. Os marsupiais são um importante componente da diversidade das florestas tropicais e reagem à fragmentação de maneiras variadas. Estudos sobre o uso do espaço permitem avaliar como os animais respondem às condições impostas pela fragmentação. *Metachirus nudicaudatus* é um marsupial terrestre, de hábitos noturnos e generalista. Um recente levantamento da comunidade de marsupiais do CEPE apontou-a como a segunda espécie mais abundante, ocorrendo em fragmentos de diferentes tamanhos e graus de degradação. Este trabalho se propõe a entender como *M. nudicaudatus* utiliza a paisagem fragmentada e compreender a sua abundância na região. As populações de *M. nudicaudatus* de dois fragmentos independentes e de diferentes tamanhos (50 e 500 ha) da RPPN Frei Caneca, Jaqueira, Pernambuco, foram analisadas através do método de captura e recaptura, utilizando grades alfa -numericamente numeradas, de setembro de 2004 à outubro de 2006. Cada grade era composta por quatro transectos distantes 50m entre si, perpendiculares à borda do fragmento, formados por 20 estações de captura, uma a cada 25m. As estações consistiam de uma armadilha de arame no chão e outra suspensa em galhos ou troncos. Cada transecto possuía quatro estações na matriz, oito na área de borda e oito na área de interior da mata. Obtivemos 29 capturas, de 23 indivíduos, sendo 62% (n=18) na borda, 34% (n=10) no interior e apenas 4% (n=1) na matriz. Nove capturas ocorreram na estação chuvosa e 20 na estação seca. Na estação chuvosa as capturas foram equivalentes na borda e no interior (n=4 e n=5) enquanto na estação seca obtivemos 14 capturas na borda e cinco no interior. Esta preferência sazonal pela borda pode ser explicada devido à abundância de insetos diminuir no interior da mata e aumentar nas áreas de borda durante a estação seca. Apenas quatro indivíduos foram recapturados e nenhum permaneceu na grade por mais de dois meses. Nossos resultados indicam que *M. nudicaudatus* é uma espécie de grande mobilidade, com uma grande área de vida, que explora preferencialmente os habitats de borda, principalmente na estação seca e permanece durante pouco tempo na mesma área.

Palavras-chave: ecologia, marsupiais, sazonalidade, recursos

QUE DISTÂNCIA UM PEQUENO MARSUPIAL PODE MOVER EM UM DIA? REGISTRO DE UM MOVIMENTO DE LONGA DISTÂNCIA PARA *GRACILINANUS MICROTARSUS*

Camila dos Santos de Barros (USP / camiladebarros@uol.com.br)
Thais Kubik Martins (USP)
Thomas Puettker (IZW Berlin, Alemanha / IZW)

Área: Didelphimorphia **Sub-Área:** Ecologia

Movimentos dos animais é um importante elemento na ecologia das espécies, provendo informações essenciais sobre a distribuição espacial destas. Pequenos mamíferos da Mata Atlântica em geral apresentam área de vida de apenas poucos hectares, movendo pequenas distâncias diárias. *Gracilinanus microtarsus* é uma espécie de marsupial de pequeno porte (<50g) da Mata Atlântica, com hábito árboreo ou semi-arbóreo. Registros indicam que esta espécie move aproximadamente 50 metros entre capturas sucessivas, sendo de 200 metros o movimento máximo já registrado dentro de uma grade de 3,2 ha, com machos movendo distâncias maiores que fêmeas. Um estudo de captura-marcação-recaptura está sendo conduzido em três grades de 2ha na Reserva de Morro Grande (Cotia-São Paulo), de 9400 ha. Neste estudo foi detectado, em 24 horas, um movimento de 2 km um indivíduo macho jovem (segundo padrão de erupção dentária) de *G. microtarsus* no final da estação úmida (março de 2008). Apesar de machos poderem mover distâncias maiores em busca de fêmeas, este movimento pode ser resultado de dispersão juvenil. Contudo, a distância percorrida pelo indivíduo e o curto período de tempo que isso ocorreu são inéditos para a espécie.

Palavras-chave: pequenos mamíferos, Mata Atlântica

Financiadores: Federal Ministry of Education and Research Germany

PERCEPÇÃO VISUAL EM GAMBÁS *DIDELPHIS ALBIVENTRIS*: UMA ABORDAGEM COMPORTAMENTAL

Beatriz Medina Pegoraro (Lab. Neurociência e Comportamento / UnB / biamedpeg@yahoo.com.br)
Eduardo Gutierrez Youko (Lab. Neurociência e Comportamento / UnB)
Karina Bianca Christ (Lab. Neurociência e Comportamento / UnB)
Valdir Filgueiras Pessoa (Lab. Neurociência e Comportamento / UnB)

Área: Didelphimorphia **Sub-Área:** Fisiologia

Os marsupiais possuem características peculiares dentre os mamíferos: embora apresentem em sua retina estruturas encontradas em répteis e aves, como gotículas de óleo e cones duplos, exibem características comuns a alguns primatas - uma possível tricromacia. Contudo, estudos em diversas espécies de marsupiais apresentaram resultados contraditórios: enquanto pesquisas genéticas detectaram apenas dois tipos de cones, a microespectrofotometria revelou três picos de absorção de luz, sugerindo tricromacia. Ademais, no gênero *Didelphis* sp. verificou-se, através de eletroretinografia, resposta monocromática, enquanto um estudo comportamental com luzes monocromáticas indicou possível tricromacia. O presente estudo tem como objetivo verificar a discriminação de cores dos marsupiais *Didelphis albiventris*, espécie endêmica do cerrado, através de testes comportamentais. A pesquisa contou com quatro indivíduos (três machos e uma fêmea), manipulados diariamente desde seu nascimento, de forma a adaptá-los à presença humana e evitar estresse. Os animais foram mantidos em gaiolas individuais com água *ad libitum* e alimentados com ração após as sessões de testes. Na tarefa de aprendizagem discriminativa, o sujeito experimental sai de uma câmara de partida e percorre um labirinto de dupla escolha onde, ao final, existem duas janelas basculantes com um envelope de acrílico contendo papéis de Munsell nas cores laranja (2.5 YR) ou azul (10B). Adotou-se o laranja como estímulo positivo. Uma tabela de pseudoaleatoriedade, na qual o estímulo positivo apareceu em igual número em ambos os lados (direito/esquerdo) do labirinto, evitou a formação do comportamento de preferência posicional. Para excluir pistas olfativas, o reforço (1 g de clara de ovo) foi colocado atrás de ambas as janelas, havendo acesso ao reforço apenas na janela com o estímulo positivo. O teste binomial foi utilizado para construir os limites de confiança de 95% sobre os desempenhos aleatórios, baseados no número de tentativas do teste. Os sujeitos obtiveram desempenho acima da faixa de aleatoriedade. Pode-se concluir que os animais são capazes de discriminar o cartão azul do laranja Contudo, estudos posteriores com variação aleatória de brilho são necessários para concluir se o animal realmente distingue cores ou se a pista visual de brilho foi determinante para o alto percentual de acertos.

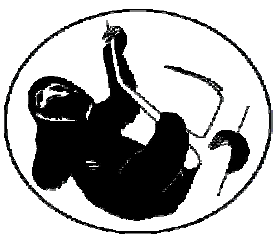
Palavras-chave: visão, marsupiais, comportamento

OCORRÊNCIA DE CÓPIAS NUCLEARES DO DNA MITOCONDRIAL NO MARSUPIAL *MICOUREUS PARAGUAYANUS* E SUAS IMPLICAÇÕES PARA OS ESTUDOS EVOLUTIVOS E DE GENÉTICA DA CONSERVAÇÃO

Pedro de Queiroz Cattony Neto (pedro.cattony@gmail.com)
Pedro Manoel Galetti Júnior (UFSCar)
Fernando Pacheco Rodrigues (UFSCar)

Área: Didelphimorphia **Sub-Área:** Genética

Desde o início do desenvolvimento das técnicas de biologia molecular, o DNA mitocondrial (mtDNA) tem sido amplamente utilizado em estudos populacionais e evolutivos. Algumas de suas características como herança materna, ausência de recombinação e alta taxa de mutação fazem dessa a molécula de escolha para muitos estudos ligados à genética da conservação, porque permite a abordagem de questões relativas à diversidade e estruturação genética das populações, dispersão diferencial entre machos e fêmeas, resolução de incertezas taxonômicas, definição de unidades evolutivas e unidades de manejo, entre outras. Apesar de ser um fenômeno conhecido há bastante tempo, a ocorrência de cópias nucleares do mtDNA vem sendo relatada com mais freqüência em anos recentes. Nas espécies em que elas ocorrem, os primers utilizados para a amplificação do mtDNA podem, de forma similar ou preferencial, hibridizar e amplificar essas cópias nucleares. Entretanto esses fragmentos nucleares homólogos aos segmentos mitocondriais estão sujeitos à processos evolutivos distintos, resultando em seqüências com diferentes taxas de mutação, inserções ou deleções, e surgimento de “stop códons” no caso de seqüências codificadoras. Assim, a ocorrência de pseudogenes mitocondriais nucleares (também chamados de NUMTS - Nuclear Mitochondrial Pseudogenes) em uma espécie pode fazer com que estudos evolutivos e populacionais apresentem resultados equivocados que não reflitam a realidade da população ou espécie estudada. Durante a realização de estudos para a avaliação dos efeitos da fragmentação recente de habitat sobre a diversidade e estrutura genética do marsupial Micoureus paraguayanus, amplificamos a região controle (D-loop) do mtDNA via PCR. Ao contrário do esperado, a amplificação desse segmento resultou em vários fragmentos de DNA com tamanhos distintos. O isolamento e sequenciamento desses fragmentos revelaram que se tratava de cópias homólogas à região D -loop. Estas apresentam diferenças estruturais e mutacionais que nos levam a identificá-las como cópias nucleares desta região mitocondrial. Para evitar a amplificação simultânea das cópias nucleares e mitocondriais, descrevemos um novo conjunto de primers para a região D-loop, específico para sua amplificação apenas a partir das cópias mitocondriais do genoma. Dessa forma, futuros estudos genéticos com esta e outras espécies de marsupiais poderão ser realizados com mais segurança, assegurando assim a confiabilidade dos resultados obtidos.

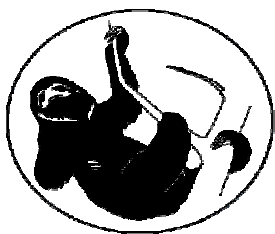
Palavras-chave: *Micoureus*; mtDNA; D-loop; cópias nucleares

FILOGEOGRAFIA DE *MICOUREUS* DO COMPLEXO *DEMERARAE* (DIDELPHIMORPHIA: DIDELPHIDAE) NA BACIA AMAZÔNICA BRASILEIRA

Carla Gomes Bantel (Coleção de Mamíferos/INPA/carlabantel@gmail.com)
Maria Nazareth Ferreira da Silva (Coleção de Mamíferos/INPA)
Izeni Pires Farias (Laboratório de Evolução e Genética Animal/UFAM)

Área: Didelphimorphia **Sub-Área:** Genética

Na Amazônia, o grupo marsupial *Micoureus demerarae* possui ampla distribuição ao longo da bacia, exibindo considerável variação morfológica, morfométrica e genética, razão pela qual se tornam necessárias revisões sistemáticas abrangentes. Os estudos moleculares em *Micoureus* iniciaram quando da Silva e Patton (1998. Molecular Ecology, 7: 475-486) validaram o status específico de *M. regina*, e evidenciaram tanto a existência de clados divergentes em *M. demerarae* na Amazônia como em relação ao grupo da Mata Atlântica, cuja divergência é discutida amplamente por Patton et al. (2000. Bull. Am. Mus. Nat. Hist. No. 244; 306 pp). Posteriormente, Costa (2003. Journal of Biogeography, 30: 71-86) amplia essas amostragens, revelando uma história mais complexa para o grupo; o clado da Mata Atlântica nordeste se associa ao clado amazônico, enquanto que o da Mata Atlântica sul é marcadamente diferenciado, denominado atualmente *M. paraguayanus*. Entre 2004 e 2006 realizamos um estudo morfométrico com 292 espécimes de *Micoureus* de 46 localidades amazônicas depositados na Coleção de Mamíferos do INPA. Dentre essas e outras amostras, selecionamos para análises moleculares 157 amostras de tecidos de representantes de populações com divergência morfométrica significativa. Seqüenciamos, até o momento, cerca de 550 pares de base do citocromo B do DNA mitocondrial de 125 amostras. Nossos primeiros resultados, abrangendo 182 seqüências de 66 localidades na América do Sul, geraram clados distintos evidenciando uma estruturação geográfica com elevada divergência genética e altos valores de bootstrap. Quatro clados, envolvendo 15 grupos amazônicos reconhecidos como *M. demerarae*, se distinguem marcadamente nos interflúvios dos grandes rios Amazonas/Solimões e Negro, com diferenciação genética somente entre os grupos amazônicos de 2 a 10 % e um clado na região de Carajás, Pará, com distância genética de 8 a 11% também em relação aos grupos amazônicos. Esses valores aumentam quando comparados aos outros grupos da América do Sul. A variação genética intra grupos amazônicos é de 0 a 1%, ao passo que em *M. paraguayanus*, nesse estudo, é de 3%. Utilizamos como grupo externo um espécime de *Marmosa* com 17 a 21 % de diferenciação genética em relação à *Micoureus*. Esses resultados, associados aos estudos morfológicos e morfométricos, corroboram a existência de um complexo de espécies em *M. demerarae* e a necessidade de ampla revisão taxonômica no gênero.

Palavras-chave: Amazônia, biogeografia, marsupiais, citocromo B

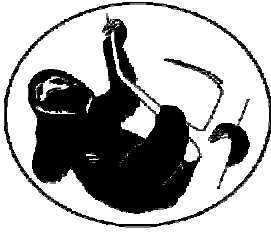
Financiadores: CNPq

PRIMEIRO REGISTRO DE *GRACILINANUS MICROTARSUS* (WAGNER, 1842) EM RESTINGA COM A INCLUSÃO DO ESPÉCIME TESTEMUNHO (DIDELPHIMORPHIA: DIDELPHIDAE)

William C. Tavares (Lab. de Mastozoologia / IB - UFRJ / tavares_w@yahoo.com.br)
Leila M. Pessôa (Lab. de Mastozoologia / IB - UFRJ)
Éderson S. Rodrigues (Lab. de Mastozoologia / IB - UFRJ)
Maria da Conceição Gomes (Lab. Ornitologia e Mastozoologia / UEFS)

Área: Didelphimorphia **Sub-Área:** Levantamento

As restingas são definidas como o conjunto de comunidades vegetais e animais que ocorrem sobre as áreas de planícies litorâneas de deposições arenosas provenientes de eventos de transgressão e regressão marinha ocorridos durante o Holoceno. Ao longo do litoral brasileiro, as restingas do estado do Rio de Janeiro destacam-se como as mais estudadas, algumas das quais já tendo experimentado detalhados estudos de composição biótica desde o início do século XIX. Estudos de longa duração acerca da mastofauna foram desenvolvidos em duas destas áreas, Maricá e Jurubatiba, gerando listas que totalizam 32 espécies de mamíferos. Dentre os marsupiais, cinco espécies foram nelas registradas: *Didelphis aurita*, *Philander frenatus*, *Micoureus travassosi*, *Metachirus nudicaudatus* e *Caluromys philander*. Em novembro de 2007 realizou-se uma excursão à Restinga de Itapebussus (22º29'08"S 41º53'30"O), município de Rio das Ostras, estado do Rio de Janeiro, empregando um esforço de 430 armadilhas x noite. Entre outros mamíferos, uma fêmea adulta lactante de *Gracilinanus microtarsus* foi coletada, cariotipada e posteriormente tombada na coleção do Museu Nacional (MN70180, incluindo pele, crânio e esqueleto). Este constitui o primeiro registro inequívoco desta espécie em restinga, uma vez que o registro anterior foi notificado em uma restinga no Espírito Santo a partir de "material" presente nas fezes de *Cerdocyon thous*. Esta notificação não discriminou a natureza desse material nem os métodos aplicados para identificação, no entanto é conhecido que a amostra foi de pêlos, e que segundo a autora necessita ser reexaminada para identificação precisa (Gatti, *in litt.*). Descrita originalmente em 1842 como *Marmosa microtarsus* por Wagner, com base em espécimes coletados por Natterer em Ipanema, São Paulo, esta espécie tem sido freqüentemente reconhecida como endêmica do bioma Mata Atlântica. Sua distribuição atual conhecida estende-se do sul da Bahia à província de Missiones, na Argentina. Embora com lacunas na amostragem geográfica, uma análise filogeográfica recente reconheceu dois principais clados para a espécie: um litorâneo, compreendendo amostras do estado de São Paulo e litoral sul do estado do Rio de Janeiro, e um clado do interior, com amostras de Minas Gerais. A composição da mastofauna das restingas tem sido atribuída à extensão das distribuições geográficas de espécies que ocorrem na Mata Atlântica adjacente. Todavia, estudos filogeográficos mais detalhados ainda são necessários para investigar se as populações das restingas do norte-fluminense são mais aparentadas ao clado litorâneo ou ao clado do interior, desta forma, contribuindo para a elucidação de questões acerca da biogeografia dos mamíferos das restingas.

Palavras-chave: Marsupiais, Itapebussus.

Financiadores: CNPq

EFICIÊNCIA DAS ARMADILHAS DO TIPO *TOMAHAWK* E *PITFALL* NA CAPTURA DE PEQUENOS MAMÍFEROS EM FRAGMENTO DE FLORESTA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

Dayse Swélen da Silva Ferreira (UNIFAP/LABZOO masto.dayse@hotmail.com)
Carlos Eduardo Costa Campos (Depto. de Ciências Biológicas/UNIFAP/LABZOO)
Pamela Nayara Barros Silva (UNIFAP/LABZOO)
Mariana Chandaliê Costa Cardoso (UNIFAP/LABZOO)
Andréa Soares Araújo (Depto. de Ciências Biológicas/UNIFAP/LABZOO)

Área: Didelphimorphia **Sub-Área:** Levantamento

Armadilhas dos tipos *tomahawk* e *pitfall* oferecem uma maneira efetiva para monitorar espécies alvo de pequenos mamíferos, uma vez que muitos podem ser encontrados ocupando o mesmo habitat. Estudos têm mostrado que o tipo de armadilha é também um fator determinante na captura, do número de indivíduos, e de espécies. O objetivo deste trabalho foi comparar a eficiência dos dois tipos de armadilha na captura de pequenos mamíferos durante o levantamento de fauna realizado em fragmento de floresta do Campus Marco Zero da Universidade Federal do Amapá. O fragmento de floresta apresenta uma área total de 90 ha, constituído por mata secundária, vegetação de cerrado e mata de capoeira. As armadilhas foram instaladas em 5 linhas de transecção, contendo 3 estações de captura e 7 armadilhas em cada estação. As armadilhas do tipo tomahawk foram intercaladas, distando aproximadamente 10 metros uma da outra, armadas sobre o solo e eventualmente no sub-bosque e iscadas com uma massa de sardinha e fubá. As armadilhas do tipo pitfall foram instaladas em forma de "Y", contendo 4 alçapões (baldes de 35 litros), sendo um em posição central e os outros três ligados a este por uma cerca-guia (de lona plástica) de 7 m de comprimento e 0,5 m de altura. Foram capturadas 27 espécies de mamíferos não-voadores, *Marmosa murina*, *Didelphis aurita* e *Monodelphis brevicaudata*, sendo que 23 indivíduos nas pitfalls e 5 nas *tomahawks*. Comparando os dois tipos de armadilhas, as pitfalls foram muito mais eficientes na captura dos pequenos mamíferos, pois capturaram um número muito maior de indivíduos, apesar de amostrarem uma área muito menor. Essa melhor efetividade é devida ao tipo de armadilha, pois qualquer animal que passe por cima do *pitfall* é capturado, e mais de um indivíduo podem ser pego por armadilha, além de não precisar de iscas para atrair os animais. Essa eficiência é aumentada devido à conexão que existe entre as armadilhas através da lona plástica. O pequeno número de mamíferos não-voadores capturados sugere que a diversidade no fragmento estudado é reduzida, embora ainda seja abrigo para algumas espécies que não ocorrem em áreas abertas.

Palavras-chave: fragmento de floresta, pequenos mamíferos, tomahawk, pitfall

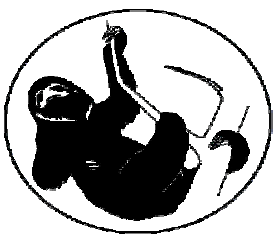
VARIAÇÃO DO POTENCIAL MECÂNICO PARA A MORDIDA AO LONGO DA MANDÍBULA DE MARSUPIAIS NEOTROPICAIS (DIDELPHIMORPHIA, DIDELPHIDAE)

Ana Carolina Bezerra (Departamento de Zoologia / UFPE / carolbezerra@globo.com)
Diego Astúa (Departamento de Zoologia / UFPE)

Área: Didelphimorphia **Sub-Área:** Morfologia

As posições relativas dos dentes, da articulação mandibular e da força resultante dos músculos que agem na oclusão da mandíbula são consideradas fatores determinantes das formas mandibulares em mamíferos. A relação entre essas três variáveis determina a vantagem mecânica atribuída às diferentes espécies durante a mastigação e a reconstrução dessas habilidades biomecânicas por meio das forças de mordida permite fazer uma associação entre o comportamento alimentar desses animais e suas respectivas capacidades mastigatórias. Os didelfídeos são tradicionalmente vistos como morfologicamente conservados, mas apresentam um gradiente no grau de uso de isentos, frutos e vertebrados na sua dieta. Assim, este estudo tem como finalidade estimar o potencial mecânico para cada dente na mandíbula em 17 espécies de marsupiais didelfídeos, representando cada um dos gêneros existentes, e avaliar de forma qualitativa se este é um aspecto preservado entre as espécies. Foram utilizadas 902 imagens de mandíbulas nas quais foram colocados 13 marcos anatômicos, cujas coordenadas geométricas extraídas serviram de base para o cálculo do potencial mecânico (PM) para cada dente em cada indivíduo, a partir do calculo dos braços de momento potente e resistente e do ângulo entre estes. Como esperado, o maior PM foi no m4 para todas as espécies, seguido do m3, que foi significativamente maior que dos demais dentes, exceto em *Caluromysiops*. Da mesma forma, os PMs de m2 e m1 foram maiores que nos pré-molares, caninos e incisivos, exceto em *Caluromysiops* e *Lestodelphys*. Em todas as espécies, exceto estas duas, *Glironia* e *Hyladelphys*, não houve diferença nos potenciais mecânicos dos caninos e incisivos. Da mesma forma, com exceção destas quatro, em todas as demais os PMs dos p3 são superiores ao dos dentes mais frontais. Estes resultados indicam que o potencial mecânico das mandíbulas dos didelfídeos comporta-se como esperado, com os pontos de força máxima situados mais próximos à articulação. Este padrão se repete de forma constante em praticamente todas as espécies. Desta forma, estes resultados permitirão uma comparação destes potenciais mecânicos entre as espécies e relacionar os mesmos aos seus hábitos alimentares. Estes dados podem posteriormente ser também refinados através da inserção no modelo das forças efetivas da musculatura adutora, que podem ser estimados através da dissecção e pesagem desta musculatura, fornecendo assim uma estimativa mais precisa da capacidade da mordida deste grupo.

Palavras-chave: biomecânica, didelfídeos, força de mordida

Financiadores: FACEPE, FAPESP, UFPE, American Society of Mammalogists

CBMz

COMPARAÇÃO DO POTENCIAL MECÂNICO DA MANDÍBULA ENTRE MARSUPIAIS DIDELFÍDEOS

Ana Carolina Bezerra (Departamento de Zoologia / UFPE / carolbezerra@globo.com)
Diego Astúa (Departamento de Zoologia / UFPE)

Área: Didelphimorphia **Sub-Área:** Morfologia

As forças de mordida são características importantes do aparato mastigatório, sendo o resultado da eficiência da mecânica mandibular e da força exercida pela musculatura associada, e têm um papel fundamental na determinação do nicho trófico de um animal. Os marsupiais didelfídeos apresentam dietas qualitativamente semelhantes, que diferem essencialmente nas proporções de vertebrados, invertebrados e frutos. Pequenas diferenças morfológicas e fisiológicas entre as espécies parecem ser responsáveis pela separação de nicho trófico entre estas. Assim, este estudo comparou os potenciais mecânicos entre 17 gêneros de marsupiais didelfídeos (cada um representado por uma espécie), a partir do cálculo dos braços de momento potente e resistente e do ângulo entre estes, de forma a verificar se existe uma relação direta entre as diferenças de potenciais mecânicos entre as espécies e seus hábitos alimentares. Para isso, foram digitalizados 13 marcos anatômicos em 902 imagens de mandíbulas das 17 espécies escolhidas, e as suas coordenadas foram utilizadas para estimar o potencial mecânico (PM). Os maiores PMs em todos os dentes foram observados em *Caluromys* e *Caluromysiops*, significativamente maiores que os de todos os demais táxons. O menor PM para todos os dentes foi encontrado para *Chironectes*, com todos os demais gêneros apresentando uma sobreposição considerável entre si, com valores de PM intermediários. Os maiores PMs dos Caluromyinae são possivelmente devido à marcada diferenciação morfológica encontrada nas suas mandíbulas, com morfologia única entre os Didelphidae. No entanto, Glironia apresentou morfologia e PMs muito mais semelhantes a *Hyladelphys* e outros "marmosíneos" que aos Caluromyinae. Os PMs encontrados não parecem apresentar uma relação direta com os hábitos alimentares conhecidos dos gêneros estudados nem com as suas diferenças de tamanho. Assim, é possível que, para os didelfídeos, diferenças nas forças de mordida relacionadas aos hábitos alimentares estejam mais ligadas a diferenças no volume (e portanto força) da musculatura adutora do que ao potencial mecânico. Estes resultados indicam que o uso dos PMs, calculados segundo o modelo utilizado aqui, são insuficientes para a distinção dos nichos tróficos potenciais para os marsupiais didelfídeos.

Palavras-chave: força de mordida, potencial mecânico, marsupiais

Financiadores: FACEPE, FAPESP, UFPE, American Society of Mammalogists

CONVERGÊNCIA E FRONTALIDADE DA ÓRBITA EM MARSUPIAIS NEOTROPICAIS (DIDELPHIMORPHIA, DIDELPHIDAE)

Patricia Pilatti Alves (UEPG & Departamento de Zoologia / UFPE / patriciapilatti@gmail.com)
Diego Astúa (Departamento de Zoologia / UFPE)

Área: Didelphimorphia **Sub-Área:** Morfologia

A orientação da órbita é definida pela posição das margens das órbitas no crânio e calculada através de duas medidas angulares. A convergência (ângulo entre os planos orbital e sagital) quantifica o quanto as órbitas estão apontadas para uma mesma direção, e tem sido usada no estudo da visão binocular em mamíferos e outros grupos. A frontalidade (ângulo entre os planos orbital e frontal) indica a verticalidade das órbitas. Marsupiais didelfídeos são conhecidos por suas órbitas bastante convergentes e com pouca frontalidade, ou seja, suas órbitas são próximas entre si e relativamente horizontais com posição dorsal no crânio. Neste trabalho calculamos e descrevemos a orientação da órbita em 873 indivíduos de 16 espécies de marsupiais da família Didelphidae, que compõe a maioria dos marsupiais neotropicais. Estas representam quase a totalidade dos gêneros existentes. Foram obtidas coordenadas tridimensionais a partir de marcos anatômicos colocados em fotografias digitais dos crânios em vista lateral e dorsal, tornando possível estimar a orientação dos planos orbital, sagital e frontal, que permitiram assim calcular a convergência e a frontalidade. Os resultados obtidos para cada gênero foram comparados através de uma análise de Variância, seguida de um teste de Tukey, que indicou diferenças significativas na orientação da órbita entre as espécies. O táxon que apresentou maior valor de frontalidade foi *Caluromysiops* (57,31°), seguido por *Caluromys* (48,02°) e *Lutreolina* (47,57°). O táxon com menor valor foi *Glironia* (36,14°), seguido por *Marmosops* (39,67°). Quanto à convergência, *Glironia* (61,05°) e *Chironectes* (60,00°) mostraram os maiores valores. *Caluromysiops* (48,05°) e *Lutreolina* (50,33°) mostraram os menores. As análises de variância apontam que, para frontalidade, *Caluromysiops* mostrou diferença de todas as outras espécies. *Caluromys* e *Lutreolina* distinguiram-se de 13 das 15 espécies restantes, enquanto *Marmosops* e *Tlacuatzin* mostraram diferença a nove e oito espécies, respectivamente. *Lestodelphys* diferiu apenas de uma espécie (*Caluromysiops*). Para convergência, *Lutreolina* e *Chironectes* revelaram diferença significativa a 12 das 15 espécies restantes, enquanto *Caluromysiops* e *Gracilinanus* distinguiram-se de nove. *Glironia* e *Lestodelphys* mostraram diferença a apenas duas cada. A relação entre convergência e frontalidade foi analisada através de uma regressão linear simples, para todos os gêneros. O resultado ($r=-0.83$, $p<0,001$) mostra que os ângulos são negativamente correlacionados e, portanto, atuam de maneira oposta na orientação da órbita. Em didelfídeos, uma grande convergência tende a se corresponder com pouca frontalidade, e vice-versa.

Palavras-chave: Didelphidae, órbita, crânio, locomoção

Financiadores: FACEPE, FAPESP, UFPE, American Society of Mammalogists

AVALIAÇÃO DA INFLUÊNCIA DE FATORES ECOLÓGICOS, MORFOLÓGICOS E HISTÓRICOS NA ORIENTAÇÃO DAS ÓRBITAS DE MARSUPIAIS NEOTROPICAIS (DIDELPHIMORPHIA, DIDELPHIDAE)

Patricia Pilatti Alves (UEPG & Departamento de Zoologia / UFPE / patriciapilatti@gmail.com)
Diego Astúa (Departamento de Zoologia / UFPE)

Área: Didelphimorphia **Sub-Área:** Morfologia

Dois parâmetros definem a orientação das órbitas em mamíferos. A convergência quantifica o quanto as duas órbitas estão orientadas para a mesma direção, e a frontalidade é uma medida do quanto as duas órbitas se posicionam frontalmente, em direção ao rostro, ao invés de dorsalmente, em direção ao topo do crânio. Marsupiais didelfídeos são caracterizados por órbitas bastante convergentes e com pouca frontalidade, e já foi proposto que isto se deva a restrições espaciais impostas ao animal durante seu desenvolvimento dentro do marsúpio, embora nem todas as espécies o possuam. Neste trabalho analisamos a correlação entre orientação das órbitas, e fatores como locomoção, dieta, tamanho do crânio (como estimativa de tamanho corporal), encefalização (proporção do tamanho do encéfalo no tamanho total do crânio) e filogenia, a fim de avaliar quais fatores podem influenciar as características orbitais no grupo. Foram obtidas coordenadas tridimensionais a partir de marcos anatômicos colocados em fotografias digitais dos crânios em vista lateral e dorsal, tornando possível estimar a orientação dos planos orbital, sagital e frontal, e permitindo assim o calculo da convergência e frontalidade para 16 gêneros de marsupiais da família Didelphidae (n total=873). Calculamos matrizes de distância para convergência, frontalidade, tamanho total do crânio, grau de encefalização, locomoção, dieta (a partir de dados de literatura) e filogenia (a partir de seqüências do gene nuclear IRBP). Em seguida calculamos a correlação entre as matrizes de orientação orbital e as demais, par a par, por meio de testes de Mantel. Convergência e frontalidade mostraram maior correlação entre si do que com qualquer dos parâmetros estudados ($r=0,63$; $p<0,01$). O grau de convergência da orbita não apresentou correlação significativa com nenhum dos fatores estudados, mas a frontalidade apresentou alguma correlação com a dieta das espécies ($r=0,39$, $p<0,01$) e com a filogenia, ainda que muito baixa ($r=0,139$, $p=0,05$). Estes resultados indicam que pelo menos parte da orientação da órbita pode ser devida a características ecológicas (hábitos alimentares) e que a inércia filogenética, ao contrário do que ocorre com outras características cranianas de didelfídeos, não exerce um papel importante. Contrariamente ao encontrado em eutérios, a orientação da orbita nos marsupiais didelfídeos não apresenta nenhuma relação significativa com os hábitos locomotores, não sendo, portanto, encontradas órbitas mais convergentes e frontais em espécies mais arborícolas.

Palavras-chave: Didelphidae, órbita, crânio, locomoção, evolução

Financiadores: FACEPE, FAPESP, UFPE, American Society of Mammalogists

CBMz

NOTAS TAXONÔMICAS A RESPEITO DOS TIPOS DE MARSUPIAIS DESCRITOS POR MIRANDA-RIBEIRO

Ana Paula Carmignotto (UFSCar - Campus Sorocaba / apcarmig@ufscar.br)
Rogério Vieira Rossi (Coordenação de Zoologia / MPEG)

Área: Didelphimorphia **Sub-Área:** Sistemática

Alguns trabalhos taxonômicos publicados recentemente sobre marsupiais neotropicais levantam dúvidas a respeito da identidade taxonômica de alguns espécimes, em especial daqueles descritos por Miranda-Ribeiro. Como nem sempre é possível aos pesquisadores analisar os espécimes-tipo, o objetivo deste trabalho foi fornecer uma descrição detalhada destes espécimes, apresentando os caracteres diagnósticos de cada táxon, e uma discussão a respeito da identidade taxonômica dos mesmos. Analisamos 37 espécimes de marsupiais depositados na coleção do Museu Nacional, Rio de Janeiro, incluindo holótipos, lectótipos, parátipos e paralectótipos de 16 táxons, a saber: *Didelphis aurita longipilis* Miranda-Ribeiro, 1935; *Didelphis aurita melanoidis* Miranda-Ribeiro, 1935; *Lutreolina crassicaudata travassosi* Miranda-Ribeiro, 1936; *Mallodelphis lanigera hemiura* Miranda-Ribeiro, 1936; *Mallodephis lanigera modesta* Miranda-Ribeiro, 1936; *Mallodelphis lanigera vitalina* Miranda-Ribeiro, 1936; *Marmosa blaseri* Miranda-Ribeiro, 1936; *Marmosa cinerea pfrimeri* Miranda-Ribeiro, 1936; *Marmosa cinerea travassosi* Miranda-Ribeiro, 1936; *Marmosa herhardti* Miranda-Ribeiro, 1936; *Marmosa meridionalis* Miranda-Ribeiro, 1936; *Marmosa moreirae* Miranda-Ribeiro, 1936; *Marmosa stollei* Miranda -Ribeiro, 1936; *Metachirus nudicaudatus personatus* Miranda-Ribeiro, 1936; *Monodelphis umbistriata* Miranda-Ribeiro, 1936 e *Thylamys rondoni* Miranda Ribeiro, 1936. Caracteres qualitativos e quantitativos a respeito da morfologia externa e craniana foram utilizados para descrever os espécimes, com ênfase nos caracteres diagnósticos de cada táxon. Nossos resultados corroboram a identificação de nove destes táxons fornecidas por Langguth e colaboradores em 1997; outros cinco táxons, porém, tiveram sua identidade taxonômica revista. Entre eles, *Mallodephis lanigera modesta* e *Mallodelphis lanigera vitalina* constituem sinônimos juniores de *Caluromys lanatus* (Olfers, 1818); *Mallodelphis lanigera hemiura* de *Caluromys philander* Linnaeus, 1758; *Didelphis aurita longipilis* e *Didelphis aurita melanoidis* de *Didelphis aurita* (Wied-Neuwied, 1826); *Marmosa blaseri* de *Gracilinanus agilis* (Burmeister, 1854); *Marmosa herhardti* de *Gracilinanus microtarsus* (Wagner, 1842); *Lutreolina crassicaudata travassosi* de *Lutreolina crassicaudata* (Desmarest, 1804); *Marmosa meridionalis* de *Marmosa murina* (Linnaeus, 1758); *Thylamys rondoni* de *Marmosops noctivagus* (Tschudi, 1844); *Marmosa moreirae* de *Marmosops paulensis* (Tate, 1931); *Metachirus nudicaudatus personatus* de *Metachirus nudicaudatus* (É. Geoffroy, 1803); *Marmosa cinerea pfrimeri* e *Marmosa stollei* de *Micoureus demerarae* (Thomas, 1905); e *Marmosa cinerea travassosi* de *Micoureus paraguayanus* (Tate, 1931). Apenas *Monodelphis umbistriata* Miranda-Ribeiro, 1936 é considerada um táxon válido. Outros dois táxons, *Minuania goyana* Miranda-Ribeiro, 1936 e *Minuania dimidiata itatiayae* Miranda-Ribeiro, 1936 não puderam ser avaliados, pois aparentemente os exemplares-tipo estão perdidos.

Palavras-chave: Taxonomia, Didelphimorphia, Espécimes-tipo, Miranda-Ribeiro

FILOGENIA MOLECULAR DAS DUAS ESPÉCIES DE *MONODELPHIS* DO COMPLEXO BREVICAUDATA DISTRIBUÍDAS NO BRASIL

Silvia Eliza Pavan (Laboratório de Mastozoologia / MPEG / sepavan@yahoo.com)
Rosa Rodrigues (Instituto de Estudos Costeiros / UFPA)
Iracilda Sampaio (Instituto de Estudos Costeiros / UFPA)
Horácio Schneider (Instituto de Estudos Costeiros / UFPA)
Rogério Vieira Rossi (Laboratório de Mastozoologia / Depto de Zoologia / MPEG)

Área: Didelphimorphia **Sub-Área:** Sistemática

As espécies *M. brevicaudata* e *M. glirina* pertencem ao complexo brevicaudata. *M. brevicaudata* está distribuída na Venezuela ao sul do rio Orinoco, Guyana, Suriname, Guiana Francesa e Brasil ao norte do rio Amazonas. *M. glirina* distribui-se na Amazônia ao sul do rio Amazonas e oeste do rio Xingu. A taxonomia do grupo é mal resolvida, apesar de já investigada a partir de dados morfológicos. Ademais, informações sobre a variabilidade e as relações filogenéticas das espécies deste complexo são escassas e inconclusivas. Estudos baseados em dados moleculares (citocromo b) revelaram altas taxas de divergência genética intra-específica. Estudos morfológicos preliminares também indicaram variação intra-específica nos padrões de coloração da pelagem e morfologia craniana. Neste trabalho utilizamos cerca de 400 pares de bases dos genes mitocondriais rRNA 16S e citocromo b para avaliar a divergência genética entre populações associadas às espécies *Monodelphis brevicaudata* e *M. glirina* e investigar suas relações filogenéticas. Para as análises com 16S foram utilizados 25 espécimes, representando 15 localidades dos estados do Amapá, Mato Grosso e Pará. Para o citocromo b também foram incluídas seqüências provenientes do Amazonas e de outros países como Bolívia, Guyana, Guiana Francesa e Venezuela (GenBank) totalizando 36 espécimes, representando 22 localidades. As relações filogenéticas foram obtidas através dos métodos de Máxima Parcimônia e Máxima Verossimilhança. As análises indicaram, com um elevado suporte, a monofilia de *M. brevicaudata* e *M. glirina*, que divergiram por cerca de 5% para o 16S e 8% para o citocromo b. As análises com citocromo b mostraram a formação de um único clado para *M. glirina*, com divergência média de 3,5%, sendo a maior divergência (7,8%) observada entre os espécimes de Belo Monte - PA (Brasil) e Pando (Bolívia). *M. brevicaudata* formou três clados, um com espécimes da Guiana Francesa, Amapá e leste do Pará, outro com espécimes do norte da Guyana e Venezuela e um terceiro clado com amostras do sul da Guyana e oeste do Pará. Estes clados divergiram por cerca de 6%. A divergência máxima dentro de cada clado foi 1,5%. A alta divergência genética entre estes clados e o elevado suporte para cada um deles (>90 %) sugerem que *M. brevicaudata* inclui no mínimo três linhagens evolutivas distintas.

Palavras-chave: Monodelphis brevicaudata, filogenia, DNA mitocondrial

Financiadores: CAPES

VARIAÇÃO GEOGRÁFICA NO CRÂNIO DE *CHIRONECTES MINIMUS* (DIDELPHIMORPHIA, DIDELPHIDAE): RESULTADOS DE ANÁLISES MORFOMÉTRICAS GEOMÉTRICAS

Elis M. Damasceno (Depto. de Zoologia / UFPE / elismarinad@yahoo.com.br)
Diego Astúa (UFPE)

Área: Didelphimorphia **Sub-Área:** Sistemática

A cuíca-d'água (*Chironectes minimus*) é o único marsupial semi-aquático existente, e sua distribuição geográfica extensa sugere que possam existir diferenças morfológicas ao longo da distribuição ainda não descritas. Neste trabalho foi avaliada a variação da morfologia craniana em *C. minimus* (tamanho e forma) através de morfometria geométrica. Foram estabelecidos 37 marcos anatômicos na vista dorsal, 18 na vista lateral, 25 na vista ventral e 23 na mandíbula (incluindo semi-marcos) em 133 indivíduos de 75 localidades. Forma e tamanho foram analisados separadamente. O tamanho foi definido como o tamanho do centróide, e a variação da forma foi estudada através das deformações parciais. Foram realizadas análises multivariadas de variância (MANOVA) para as deformações parciais de cada vista, e análises univariadas de variância (ANOVA) para os tamanhos dos centróides também de cada vista. Quando analisadas de acordo com as subespécies, as quatro vistas geraram resultados diferentes. Na vista dorsal as subespécies *C. m. argyrodyctes* e *C. m. minimus* separam-se de *C. m. langsdorffi* e *C. m. panamensis* (que se sobrepõem). Na vista lateral, no entanto, as subespécies *C. m. minimus* e *C. m. langsdorffi* se separam, enquanto *C. m. argyrodyctes* e *C. m. panamensis* se sobrepõem. A mandíbula apresenta a melhor discriminação, com todas as subespécies diferenciando-se entre si. Os animais do Norte do Brasil, Peru, Bolívia e Equador apresentam um côndilo mandibular diminuído e um processo angular aumentado enquanto os da Nicarágua, Costa Rica e de parte da Venezuela e Colômbia possuem o padrão inverso. Na vista ventral todas as subespécies se sobrepuseram em algum nível, nenhuma mostrando boa diferenciação. Quando analisadas entre localidades, as quatro vistas mostraram que os animais ao Norte do Brasil se diferenciam de populações mais próximas, como as da Venezuela e Colômbia, e se assemelham com as do Sul do Brasil, dos quais estão mais distantes geograficamente. Os indivíduos do Norte do Brasil, do Peru e da Bolívia apresentam uma diminuição do osso nasal em relação à média dos indivíduos. Na maioria das vezes, os espécimes do Norte da América Central (Honduras, Nicarágua, El Salvador e Costa Rica) se encontravam unidos entre si e separados das outras localidades. Estes resultados serão comparados com análises de morfometria tradicional para esclarecer de forma mais completa a variabilidade em *C. minimus* e a sustentação morfométrica dos táxons nominais existentes.

Palavras-chave: Didelphidae, Chironectes, morfometria, variação geográfica

Financiadores: CNPq (PIBIC/UFPE), FACEPE, FAPESP, UFPE, American Society of Mammalogists

CBMz

VARIAÇÃO GEOGRÁFICA NO CRÂNIO DE *CHIRONECTES MINIMUS* (DIDELPHIMORPHIA, DIDELPHIDAE): RESULTADOS DE ANÁLISES MORFOMÉTRICAS TRADICIONAIS

Elis M. Damasceno (Depto. de Zoologia / UFPE / elismarinad@yahoo.com.br)
Diego Astúa (UFPE)

Área: Didelphimorphia **Sub-Área:** Sistemática

A cuíca-d'água (*Chironectes minimus*) é o único marsupial semi-aquático existente, e pode ser facilmente identificável por sua pelagem densa resistente à água, e pela presença de membranas interdigitais nas patas traseiras, além de um padrão de coloração característico. Esta espécie está distribuída ao longo da região Neotropical (Sul do México ao Nordeste da Argentina) e se divide em quatro subespécies (*C. m. argyrodyctes, C. m. panamensis, C. m. minimus, C. m. langsdorffi*) baseadas na sua distribuição geográfica. Sua ampla distribuição sugere a possibilidade de diferenciação morfológica entre as populações, já que outros didelfídeos com distribuição menos abrangente já mostraram variabilidade geográfica. Esse trabalho avalia a variação geográfica em *Chironectes minimus*, buscando a presença de diferenças na morfologia craniana entre as diferentes populações. Para isso foram tiradas 15 medidas do crânio que foram comparadas entre as localidades de ocorrência, agrupamentos geográficos e subespécies, através de Análises Multivariadas de Variância e Análises de Variáveis Canônicas. Foram examinados ao todo 123 exemplares de 53 localidades. Os exemplares de *C. m. argyrodyctes* se diferenciam totalmente das outras subespécies, que se sobrepõem entre si. Os indivíduos do Norte da América Central separam-se dos de todas as demais localidades. A partir da Costa Rica e em direção ao Sul, existe uma sobreposição maior, ainda que parcial entre os indivíduos das demais regiões analisadas. Os animais do Paraguai, Equador e Bolívia são semelhantes entre si e diferem dos animais ao Norte da América do Sul (Colômbia e Venezuela), mas se sobrepõem aos do Norte do Brasil. De forma geral, a maior diferenciação está entre as populações provenientes dos extremos da distribuição da espécie, com sobreposição das populações intermediárias (sugerindo a existência de variação clinal), e com uma única transição marcada, separando os exemplares do norte da América Central. Estes resultados indicam uma sustentação em base a caracteres morfométricos do táxon *C. m. argyrodyctes*, não existindo, no entanto, descontinuidades morfológicas marcadas entre os demais. Estes resultados serão comparados com análises de morfometria geométrica para esclarecer de forma mais completa a variabilidade em *C. minimus* e a sustentação dos táxons nominais existentes.

Palavras-chave: Didelphidae, Chironectes, morfometria, variação geográfica.

Financiadores: CNPq (PIBIC/UFPE), FACEPE, FAPESP, UFPE, American Society of Mammalogists.

CBMz

ANÁLISE DA ONTOGENIA CRANIANA EM *MONODELPHIS DOMESTICA* (WAGNER, 1842) (DIDELPHIMORPHIA, DIDELPHIDAE)

Fonseca, R. (Depto. Zoologia / UFPE / raul.fonseca@ufpe.br)
Astúa, D. (Depto. Zoologia / UFPE)

Área: Didelphimorphia **Sub-Área:** Sistemática

Analisar as mudanças morfológicas ao longo da ontogenia em mamíferos pode trazer informações importantes para entender a evolução de estruturas morfológicas complexas. Neste trabalho foi utilizada a morfometria geométrica para se analisar qualitativa e quantitativamente as modificações ontogenéticas no crânio e mandíbula de *Monodelphis domestica*. Para isso, foram utilizadas imagens de 50 indivíduos de idade conhecida, entre 35 e 908 dias. Em cada uma foram digitalizados marcos anatômicos homólogos. Uma regressão multivariada das variáveis de formas pelo tamanho (como estimativa de idade) foi feita, gerando grades de deformação que auxiliaram na visualização das modificações. As análises qualitativa e quantitativa revelaram que as variações mais evidentes em *M. domestica* ocorrem nos primeiros três meses de vida, com aparecimento de estruturas ósseas que se alargam ao longo do tempo. As principais mudanças ocorrem na região da caixa craniana - alongamento e estreitamento dos ossos frontal e parietal, aumento da região temporal e desenvolvimento da constrição pós-orbital; na região occipital - crescimento caudal do côndilo occipital e alinhamento dos marcos da região occipital e crista nucal; e na região do arco zigomático - deslocamento lateral do esquamosal e jugal. Na mandíbula ocorre agrupamento dos molares na área central do dentário, dos incisivos e os caninos na região frontal do dentário, o processo coronóide fica mais largo e relativamente perpendicular à linha horizontal do dentário. Essas mudanças podem esta relacionadas à fisiologia do animal (seguindo suas necessidades em cada fase do desenvolvimento) como na amamentação (erupção tardia de I1 com relação à erupção dos outros incisivos), independência materna e definição de hábitos alimentares (agrupamento dos incisivos e molares, alinhamento horizontal dos molares e do processo angular, além de modificações no processo coronóide e estreitamento relativo do nasal, maxila e pré-maxila). O uso de técnicas de morfometria geométrica permitiu uma localização precisa das mudanças ao longo do tempo. As mudanças observadas ao longo da ontogenia de *M. domestica* são semelhantes àquelas observadas em outros marsupiais já examinados (das ordens Didelphimorphia, Microbiotheria e Dasyuromorphia), o que parece indicar compartilhamento e conservação de características da ontogenia entre todos os marsupiais.

Palavras-chave: Marsupiais neotropicais, morfometria geométrica, morfologia.

Financiadores: FAPESP, FACEPE, CNPq, American Society of Mammalogists

ALOMETRIA ESTÁTICA E ONTOGENÉTICA CRANIANA EM *MONODELPHIS DOMESTICA* (DIDELPHIMORPHIA, DIDELPHIDAE)

Fonseca, R. (Depto. Zoologia / UFPE / raul.fonseca@ufpe.br)
Astúa, D. (Depto. Zoologia / UFPE)

Área: Didelphimorphia **Sub-Área:** Sistemática

As alterações nas relações entre tamanho e forma de estruturas biológicas (alometrias) podem ser uma fonte importante de novidades morfológicas, possibilitando o surgimento de novas morfologias (e assim a ocupação de novas zonas adaptativas) sem grandes rearranjos no programa de desenvolvimento da estrutura em questão. Marsupiais em geral estão sujeitos a um conjunto de restrições ao seu desenvolvimento em função do tipo de reprodução que apresentam, com desenvolvimento precoce de determinadas estruturas, e já foi visto que algumas espécies de marsupiais neotropicais apresentam crescimento contínuo, ainda que em ritmo mais lento, mesmo após atingir a idade adulta. Neste trabalho, a morfometria geométrica foi usada para descrever qualitativa e quantitativamente a alometria estática em crânios adultos de *Monodelphis domestica* e posteriormente, para comparar as trajetórias alométricas estática e ontogenética neste gênero. Foram utilizadas imagens de 150 indivíduos. Nestas, foram digitalizados marcos anatômicos, as figuras foram sobrepostas e rotacionadas, com efeitos de tamanho e posição eliminados, e as variáveis de forma foram regredidas sobre o tamanho de centróide para visualização das mudanças alométricas. Nos indivíduos maiores, a caixa craniana se torna mais alinhada horizontalmente, os ossos frontal e parietal se alongam e estreitam, a crista nucal se desenvolve em sentido caudal na região occipital. A região orbital se alarga, com deslocamento lateral do arco zigomático, caninos e incisivos se aproximam na região frontal da pré-maxila, e os molariformes se concentram mais centralmente na maxila. Na mandíbula, o côndilo mandibular se alinha com o eixo horizontal do dentário, a base do processo coronóide fica mais larga e os molariformes se tornam mais centralizados no dentário. Estas mudanças são semelhantes àquelas encontradas ao longo da ontogenia. No entanto, a comparação entre a inclinação das trajetórias alométricas ontogenética e estática indicou que estas são significativamente diferentes ($p<0,001$), indicando que apesar da similaridade das alterações morfológicas, estas ocorrem em um ritmo diferente em relação ao crescimento do tamanho, uma vez atingida a fase adulta.

Palavras-chave: Morfometria geométrica, alometria, marsupiais neotropicais.

Financiadores: FAPESP, FACEPE, CNPq, American Society of Mammalogists

SISTEMÁTICA DAS CATITAS DE LISTRAS DO SUDESTE DO BRASIL - GÊNERO *MONODELPHIS* BURNETT, 1830.

Rafaela Duda Cardoso (Laboratório de Mastozoologia e Biogeografia, UFES; rafadudac@gmail.com)
Leonora Pires Costa (Laboratório de Mastozoologia e Biogeografia, UFES)

Área: Didelphimorphia **Sub-Área:** Sistemática

O gênero *Monodelphis* é composto por 19 espécies, sendo o segundo em número de espécies da família Didelphidae. Distingue-se dos demais marsupiais americanos pela cauda relativamente curta em relação ao corpo, orelhas pequenas, reduzido tamanho dos olhos e hálux pouco oponível, o que sugere uma adaptação terrícola semi-fossorial. Apesar da diversidade taxonômica e morfológica, é um dos gêneros de mamíferos sul-americanos pouco conhecidos e de classificação confusa. Dentre estes, há um grupo caracterizado por listras dorsais, que compreende *M. americana*, *M. scalops* e *M. iheringi*, com registros esparsos de ocorrência na Região Sudeste. A identificação destas espécies é dificultada, devido ao fato de que a evidência das listras nestes táxons é variável, além de apresentarem variação no tamanho do corpo. Este trabalho avalia a variação morfológica em uma amostra de catitas de listras do leste do Brasil, a fim de coompreender as variações morfológicas intra e/ou inter-específicas no grupo em questão. Após análise de uma série de indivíduos de uma mesma população e exemplares de outras espécies e localidades, foi detectada variação em caracteres qualitativos de crânio e de pelagem, quando relacionados à idade e ao sexo, que resultaram na identificação de dois morfogrupos nos espécimes analisados. Dentre os aspectos cranianos, pode-se citar: tamanho dos dentes caninos, pré-molares e molares; tamanho do canino superior; largura do diástema existente entre o primeiro pré-molar superior (P^1) e o segundo pré-molar superior (P^2); tamanho do P^2 (quando comparado ao canino superior); largura do rostrum e achatamento do crânio. Com referência à pelagem, foi analisada a intensidade e a extensão das listras dorsais e a coloração da região da cabeça. Alguns espécimes apresentaram pelagem dorsal fortemente avermelhada com perda gradativa das listras, sendo que este padrão só é observado em machos, sendo equívoco em relação a fêmeas. Os resultados alcançados no presente estudo e o descrito em literatura sugerem a existência de duas espécies na amostra analisada. Estudos adicionais de morfometria craniana e a utilização de técnicas de biologia molecular pretendem investigar em maiores detalhes as variações encontradas entre os morfogrupos identificados nesta análise preliminar, determinar padrões de variação intra e inter-específicas no grupo e contribuir na distinção morfológica e taxonômica das catitas de listras, de forma a adicionar esforços para o esclarecimento da sistemática do gênero.

Palavras-chave: *Monodelphis*, morfologia, crânio, pelagem

TAXONOMIA E LIMITES DE ESPÉCIES NO GÊNERO *METACHIRUS* BURMEISTER, 1854 (DIDELPHIMORPHIA: DIDELPHIDAE)

Leonardo G. Vieira (Laboratório de Mastozoologia e Biogeografia / UFES / leogvieira@gmail.com)
Yuri L. R. Leite (Laboratório de Mastozoologia e Biogeografia / UFES)
Leonora P. Costa (Laboratório de Mastozoologia e Biogeografia / UFES)

Área: Didelphimorphia **Sub-Área:** Sistemática

O marsupial *Metachirus nudicaudatus* (É. Geoffroy, 1803), vulgarmente conhecido como jupati, é o único representante do gênero *Metachirus* Burmeister, 1854. O jupati possui ampla distribuição geográfica e pode ser encontrado em quase toda a região Neotropical. No entanto, as populações de *M. nudicaudatus* apresentam elevados níveis de divergência genética, com descontinuidades abruptas ao longo de sua distribuição geográfica. Ao mesmo tempo, existem 11 nomes disponíveis associados ao gênero, dos quais quatro são reconhecidos como subespécies e sete são sinônimos. Os elevados níveis de divergência genética, a ampla distribuição geográfica e a existência de subespécies sugerem que o gênero *Metachirus* seja um complexo de espécies, ao contrário do reconhecido hoje. Assim, analisamos espécimes de museus a fim de verificar se os padrões de variação morfológica são concordantes com padrão de variação genética encontrado. Embora poucos sejam os caracteres morfológicos discretos que permitam a distinção dos clados obtidos com os estudos moleculares, análises discriminantes realizadas a partir dos dados de morfometria craniana confirmam a distinção dos grupos. Os resultados das análises de morfometria, a disponibilidade dos nomes neste táxon e a ampla distribuição geográfica, analisada em função de padrões biogeográficos, confirmaram a hipótese de politipia no gênero. A associação destes fatores é suficiente para propor um novo rearranjo taxonômico em *Metachirus*, elevando os seguintes táxons ao nível específico: *Metachirus colombianus* (J. A. Allen, 1900), *Metachirus tschudii* J. A. Allen, 1900, *Metachirus myosurus* (Temmink, 1824) e *Metachirus modestus* (Thomas, 1923).

Palavras-chave: Didelphimorphia, *Metachirus*, taxonomia

Financiadores: CAPES, FAPES, American Society of Mammalogists, AMNH, FMNH

BIOGEOGRAFIA DE *CHIRONECTES MINIMUS* (MAMMALIA: DIDELPHIDAE): REGISTROS HISTÓRICOS E NOVAS OCORRÊNCIAS

Daniella Fiuza Palmela (Depto. Ciências Biológicas / UFES / daniellafiuza@gmail.com)
Wellington Donizete Guimarães (Coordenadoria Geomática / CEFET-ES)
Leonora Pires Costa (Depto Ciências Biológicas / UFES)

Área: Didelphimorphia **Sub-Área:** Outros

Chironectes minimus pertence à Ordem Didelphimorphia, Família Didelphidae, Subfamília Didelphinae e é membro basal da tribo Didelphini. Conhecida popularmente pelos nomes de cuíca-d'água, cuíca listrada, mucura-d'água, cachorrinho-d'água ou gambá-d'água esta espécie encontra-se entre os marsupiais neotropicais de maior porte. Sendo *Chironectes* um Gênero com informações escassas, ampla distribuição e descrito no século XIX, não é de se estranhar que existam várias propostas controversas e incongruências quanto ao seu conteúdo subespecífico e a distribuição dos mesmos. Atendendo à demanda por informações primárias da espécie têm-se como objetivos específicos: 1) elaborar banco de dados georeferenciado dos registros da ocorrência da espécie; 2) avaliar a situação da espécie nas coleções; 3) realizar compilação e contraste crítico das interpretações disponíveis em literatura do conteúdo subespecífico de *C. minimus* e respectivas distribuições geográficas; 4) apresentar mapa de distribuição da espécie, incluindo mapas regionais das subespécies com relação aos biomas. O banco de dados da ocorrência de *Chironectes minimus* reúne 634 registros. Destes 550 foram considerados na revisão da distribuição, sendo: 473 de coleções zoológicas, 49 ocorrências de literatura e 28 por comunicações pessoais. Trinta e oito instituições conservam em média 12,44 espécimes e juntas reúnem 353 peles, 323 crânios, 84 esqueletos e 48 corpos em fluído além de material diverso. A área de distribuição conhecida da espécie foi ampliada, com a inclusão do NW e NE Venezuela, Trinidad Tobago, centro Colômbia, NE Equador, NE e centro Peru, E Bolívia, SW Paraguai e NE Uruguai. No Brasil a área de abrangência da espécie foi ampliada para extremo N do país, regiões centro-oeste e sul, NW Minas Gerais, Triângulo Mineiro e S Bahia. Neste panorama sugiro um padrão contínuo de distribuição para *Chironectes*. A espécie ocorre em altitudes variando de 0 a 2500m e em diversos biomas, tais como cerrados, florestas tropicais secas e úmidas, e enclaves mesicos da região xérica N Venezuela e N Colômbia como nos das florestas de pinheiros em Honduras. Quatro subespécies são reconhecidas e há um padrão consistente de ocorrência das mesmas nas diferentes formações de florestas úmidas das Américas Central e do Sul. Uma compreensão mais acurada dos padrões ecológicos e geográficos na área de abrangência de *Chironectes* e a identificação do real status taxonômico e de conservação da espécie são dificultadas tanto pelo baixo número de espécimes em coleções zoológicas quanto por restrições de acesso à espécie, já que a mesma encontra-se incluída em seis listas regionais de espécies ameaçadas.

Palavras-chave: Área de Distribuição, Georreferencimento, Didelphidae, Cuíca-d'água

A FAZENDA SAN ANTONIO: UMA ÁREA ESTRATÉGICA PARA A CONSERVAÇÃO DA ANTA DE MONTANHA NA PARTE NORTE DO PARQUE NACIONAL SANGAY, ANDES CENTRAIS DO EQUADOR

Luis Sandoval-Cañas (PPGEC / UFMS / luissandoval79@gmail.com)
Andrés Tapia (Centro Fátima)
Juan Pablo Reyes Puig (Fundación Oscar Efrén Reyes)
Nelson Palacios (Hacienda San Antonio)

Área: Perissodactyla **Sub-Área:** Conservação

A anta de montanha (*Tapirus pinchaque*) ocorre desde o norte do Peru, leste e noroeste da cordilheira dos Andes do Equador até a parte ocidental e central dos Andes da Colômbia. Habita florestas montanas e paramos ocorrendo em altitudes desde 2.000 a 4.000 m. No Equador, ao redor de 30% dos paramos e as florestas andinas foram destruídas devido à expansão da agricultura, pecuária e a indústria madeireira. O Parque Nacional Sangay (PNS) é uma das áreas protegidas do país que conserva grandes extensões destes ecossistemas. Assim, entre 20 e 30 de julho de 2007, foi realizada uma expedição à Fazenda San Antonio, localizada na parte oriental do Vulcão Tungurahua setor norte do PNS, para corroborar os abundantes registros reportados na área. Para isto foram percorridos três transectos com o objetivo de determinar o número de registros indiretos por quilômetro: T1 (2km), localizado desde San Antonio até Mintza; T2 (4km), desde San Antonio até o Rio do Sal e T3 (2 km), na cachoeira das antas. Em T1 foi obtido um índice de 3.5 pegadas/km, em T2 0.8 pegadas/km e em T3 5 pegadas/km. É importante mencionar que além dos registros indiretos foram avistadas quatro antas, um indivíduo em T2 e três indivíduos em T3. A geografia escarpada dos Andes equatorianos dificulta a obtenção de registros indiretos e principalmente observações diretas da anta de montanha. Assim, os dados encontrados sugerem que a Fazenda é uma área muito utilizada pelas antas. O difícil acesso à área, a constante atividade do vulcão Tungurahua, a conscientização por parte dos moradores locais a respeito da caça e as atividades de ecoturismo realizadas na região são fatores que poderiam estar contribuindo para que a biodiversidade deste ecossistema se mantenha intacta. Por esta razão é necessário realizar um monitoramento a longo prazo na área para obter maior informação sobre a biologia e ecologia da anta de montanha nos Andes centrais do Equador.

Palavras-chave: *Tapirus pinchaque*, pegadas, Cordilheira dos Andes, Conservação

OCORRENCE AND ABUNDANCE OF LOWLANDTAPIR, *TAPIRUS TERRESTRIS*, IN THE CERRADO-PANTANAL TRASITION ZONE AT ALTO PARAGUAI RIVER BASIN (MATO GROSSO, BRASIL)

Tarcísio da Silva Santos Júnior (Resiliência Agrosocioamental Ltda. / tarcisiobiologo@hotmail.com)

Área: Perissodactyla **Sub-Área:** Ecologia

In this summary I present a partial analyzes, focusing on occurrence and abundance of *T. terrestris*, from data collected (May-05 to Jan-07) in a biodiversity monitoring program based on transect walking and camera trapping of medium and great size mammals in four areas (Panflora, Barranquinho, Duas-Lagoas and Santa-Fé farms) managed for cultivation of certified teak wood (*Tectona grandis*). All areas are located along side Paraguai River, but at different distances (100 meters to 100 km) from mainstream. They are composed by open, savanna and forest-like landscapes typical of Cerrado, but they differ in phytophisionomic composition. At ht farms natural preservations areas established by Brazilian environmental law are respected and hunt is not allowed. Total sampling effort of 286 km at Panflora, 165 at Barranquinho, 199 at Duas-Lagoas, and 711 at Santa-Fé, respectively allowed to register 110 individuals (15 species), 60 (16 species), 99 (14 species) and 685 (24 species). *T. terrestris* was registered in all areas, but at Panflora and Barranquinho it was met only once. Tapir relative abundance were bigger at Duas-Lagoas (16% of all sightings by farm) followed by Santa-Fé (6%), Barranquinho (2%) and Panflora (1%). Estimated tapir sighting rate (individuals/10 km) was 0.09 to Panflora, 0.16 to Barranquinho, 0.82 to Duas-Lagoas and 0.44 to Santa-Fé. Tapir density (ind./km^2) at Santa-Fé was 2.04 (1.39-3.01) and at Duas-Lagoas 2.34 (1.32-4.44). Considering lower confidence interval estimated number of tapirs is 96 to Duas-Lagoas and 102 to Santa-Fé. Considering actual organization and distribution of blocks of teak plantations, our data suggest that *T. terrestris* can cross them to visit different natural vegetation fragments embedded in the landscape. This is important, size tapir are mentioned as important seed disperse and by this reason may contribute to maintenance on natural genetic flux between plants.

Palavras-chave: *Tapirus terrestris*, sighting rates, density, Cerrado

Financiadores: Floresteca S. A.

É POSSÍVEL ESTIMAR A DENSIDADE DE MAMÍFEROS SEM MARCAS NATURAIS USANDO ARMADILHAS FOTOGRÁFICAS? UM CONTROLADO ESTUDO DE CASO COM ANTAS (*TAPIRUS TERRESTRIS*)

Luiz Gustavo Rodrigues Oliveira-Santos (Lab. Vida Selvagem / EMBRAPA PANTANAL / gu_tapirus@hotmail.com)
Carlos André Zucco (Lab. Vida Selvagem / EMBRAPA PANTANAL)
Pâmela Castro Antunes (Lab. Vida Selvagem / EMBRAPA PANTANAL)
Guilherme Mourão (Lab. Vida Selvagem / EMBRAPA PANTANAL)

Área: Perissodactyla **Sub-Área:** Ecologia

Estimar a abundância de mamíferos é um dos grandes desafios para definir estratégias de manejo e conservação. Fotos de armadilhas fotográficas em modelos de captura-recaptura têm sido utilizadas para acessar a densidade de animais com marca naturais (e.g. felinos). Entretanto, estudos recentes têm utilizado fotos de animais sem marcas naturais para tal empreita. O presente estudo visou: (1) prover um ensaio experimental controlado com antas em semi-cativeiro que certifique a confiabilidade, testando diversos pesquisadores, do reconhecimento de fotos de indivíduos sem marcas naturais, (2) verificar o efeito dos erros de identificação sobre as estimativas finais de densidade, utilizando simulações nos modelos de captura-recaptura encontrados no software CAPTURE e (3) prover uma revisão bibliográfica que verifique a relação entre os índices de abundância relativa (IAR) e densidade, ambas informações oriundas de amostragens com armadilhas fotográficas em estudos publicados com tigres, onças-pintadas e jaguatiricas. Foram enviadas à 30 pesquisadores 57 fotos retiradas de 8 antas vivendo em semi-cativeiro. Foram respondidas as seguintes perguntas: (1) Quantas fotos foram descartadas por considerá-las inadequadas para identificação? (2) Quantas antas você encontrou nesse conjunto de fotografias? e (3) Quais partes ou características do animal foram relevantes na identificação? Os erros máximos de sobre e sub-estimativa foram incorporados em simulações de estimativas de densidade a partir de um conjunto hipotético de dados. Em 14 respostas, o número de indivíduos variou entre 4 e 14 indivíduos, com erros máximos de sobre-estimativa de 75% e de sub-estimativa de 50%. Houve grande variação no número de fotos descartadas (média=22, amplitude 10-29). As partes ou características mais utilizadas para reconhecimento foram sexo (14 pesquisadores), cicatrizes e manchas (14), coloração (8), tamanho corpóreo (8), coloração do pescoço (4) e coloração das patas (2). As simulações mostraram grande variação nas estimativas de densidade (1.7 ± 0.27 à 30.9 ± 3,28) em relação à estimativa inicial (2.3 ± 0.26). O IAR apresentou relação direta com as estimativas de densidade para jaguatiricas ($R^2 = 0.47$, n = 21, p = 0.001, densidade=2.456+6.306*IAR), onças-pintadas (R^2=0.8, n=12, densidade=$3.862 \cdot IAR^{0.397}$) e tigres (R^2=0.67, n=38, densidade=$3.029 \cdot IAR^{0.545}$). A grande variação no reconhecimento dos indivíduos e no descarte das fotos pode trazer grande variação na magnitude e precisão das estimativas de densidade. Essa subjetividade da identificação provê pouco valor biológico nos resultados. Os IARs podem ser alternativas para comparar a abundância de mamíferos entre áreas, quando outra técnica mais robusta não pode ser aplicada, desde que o delineamento amostral seja adequado à espécie foco do estudo.

Palavras-chave: Estimativa de densidade, armadilha fotográfica, índice de abundância

Financiadores: Cnpq e Fapesc

INFLUÊNCIA DE VARIÁVEIS EXTRÍNSECAS SOBRE A ATIVIDADE E SELEÇÃO DE HABITAT DE ANTAS (*TAPIRUS TERRESTRIS*) NUMA RESTINGA DO SUL DO BRASIL

Luiz Gustavo Rodrigues Oliveira-Santos (Lab. Vida Selvagem / Embrapa Pantanal / gu_tapirus@hotmail.com)
Marcos Adriano Tortato (Universidade Federal do Paraná)
Luisa Brusius (Lab. Etologia Aplicada / UFSC)
Luiz Carlos Pinheiro Machado-Filho (Lab. Etologia Aplicada / UFSC)

Área: Perissodactyla **Sub-Área:** Ecologia

Antas são grande herbívoros que ocupam áreas abertas e florestadas, e por isso podem apresentar estratégias comportamentais de anti-predação frente a variações da luminosidade lunar e de regulação térmica e hídrica frente às variações de temperatura e pluviosidade. Esse estudo visou: (1) avaliar a atividade circadiana da anta ao longo do ano e (2) verificar a influência da luminosidade lunar, temperatura e pluviosidade na atividade e seleção de habitat da anta. Foram utilizada 4 armadilhas fotográficas, durante um ano, para monitorar 14 pontos de amostragem dentro de um semi-cativeiro (200 ha) com 8 antas. As armadilhas foram trocadas de ponto semanalmente, estavam programadas para monitorar em tempo integral e registrar data e hora de cada registro. Foram obtidas 157 fotos, num esforço de 1213 armadilhas-dia. Antas foram crepuscular-noturnas durante todo ano, exceto no inverno, onde foi observado atividade catemeral (Z=0.584, P=0.504). Não foi observado diferenças nos padrões de atividade entre áreas abertas e fechadas (G = 3.137, Gl = 2, P = 0.217). Não foi encontrada relação de dependência entre a atividade noturna da anta e a luminosidade noturna em áreas abertas ou fechadas (R^2=0,02, n=15, P=0,570 e R^2=0,02, n=15, P=0,585 respectivamente). A atividade diurna da anta, em áreas fechadas, diminuiu com o aumento da temperatura média do dia (r = -0.922, n = 16, P<0.01). Por outro lado, nesses dias mais quentes, houve um aumento da atividade noturna (r = 0.576, n = 16, P<0.03). Nas áreas abertas, observamos que a maioria dos registros (>70%) se concentraram nas temperaturas intermediárias (15-22ºC). Em áreas abertas, não foi registrada atividade da anta em dias com precipitações superiores a 34 mm. No entanto, em áreas fechadas registrou-se atividade inclusive nos dias mais chuvosos (65-74 mm). Antas mostraram flexibilidade na sua atividade ao longo do ano devido a mudanças na temperatura e pluviosidade, e utilizaram estratégias comportamentais de modulação da atividade e diferenciação na seleção de habitat como uma estratégia para regulação térmica e hídrica.

Palavras-chave: Padrão de atividade, seleção de habitat, comportamento

Financiadores: Cnpq e Fapesc

DISTRIBUIÇÃO DE FEZES DE *TAPIRUS TERRESTRIS* (TAPIRIDAE, PERISSODACTYLA) NA FAZENDA NHUMIRIM, PANTANAL DA NHECOLÂNDIA, MATO GROSSO DO SUL

Bianca Thaís Zorzi (Departamento de Ecologia / UFMS / btzorzi@yahoo.com.br)
Guilherme Mourão (Laboratório de Vida Selvagem / Embrapa Pantanal)

Área: Perissodactyla **Sub-Área:** Ecologia

A formação de latrinas por antas - locais com presença de fezes de diferentes idades, usadas por um ou mais indivíduos - não é bem esclarecida e em outras espécies, incluindo ungulados, elas desempenham função na demarcação de território e comunicação entre indivíduos. A formação ou não de latrinas e o local de deposição das fezes possuem, por sua vez, fortes conseqüências para uma potencial dispersão das sementes consumidas pela espécie. Assim, os objetivos deste trabalho foram verificar a existência de latrinas de antas e os ambientes de deposição de suas fezes na Fazenda Nhumirim, Pantanal da Nhecolândia, MS. Esta fazenda é formada por um mosaico vegetacional e lagoas de água doce (baías) e de água alcalina (salinas). Durante 10 dias por mês, entre janeiro e abril de 2008, foi realizada busca ativa pela fazenda e todas as fezes de anta encontradas eram classificadas como individuais ou em latrinas (quando encontradas fezes acumuladas de idades diferentes, distantes no máximo 10 m entre si) e o ambiente em campo (campo sujo ou campo inundável), cerrado (campo cerrado ou cerrado sensu stricto), cordilheira (mata semidecídua ou cerradão), baía ou salina. Foram encontradas 90 fezes de anta, 84% em latrinas (n = 76) e 16% fezes individuais (n = 14). Houve diferença significativa entre o número de fezes nas categorias latrina e individuais ($p<0,05$), mostrando que a existência de latrinas não é ao acaso. Assim como em outras espécies, as latrinas de antas devem exercer papel importante na demarcação de territórios e comunicação social, já que esta espécie é territorialista e solitária. Com relação ao ambiente de deposição, 53% das fezes estavam em campos (n = 48), 32% em cordilheiras (n = 29) e 15% em cerrados (n = 13). Das fezes encontradas, 18 (20%) estavam distantes no máximo 100m das salinas, confirmando a grande utilização destes ambientes pelas antas, principalmente à procura de água e nutrientes. Existem somente três salinas na fazenda que ocupam aproximadamente 1% de sua área. Nenhuma amostra foi encontrada dentro de baías ou salinas. A não ocorrência de fezes dentro d´água favorece a dispersão das sementes consumidas, já que muitas vezes as antas defecam em áreas alagadas que não são propícias para a sobrevivência da sementes. Por outro lado, a agregação de sementes causada pela presença de muitas fezes nas latrinas pode diminuir as chances de recrutamento e sobrevivência das sementes devido à competição entre elas.

Palavras-chave: anta, latrina, dispersão de sementes

Financiadores: Embrapa Pantanal, CNPq

ANÁLISE ECOMORFOLÓGICA DOS EQÜINOS FÓSSEIS SUL-AMERICANOS

Leonardo dos Santos Avilla (Laboratório de Mastozoologia / UNIRIO / mastozoologiaunirio@yahoo.com.br)
Fernanda Vianna A. de Souza-Cruz (Laboratório de Mastozoologia / UNIRIO)
Monique Alves-Leite (Laboratório de Mastozoologia / UNIRIO)
Monique Monsores-Paixão (Laboratório de Mastozoologia / UNIRIO)
Gisele Regina Winck (Laboratório de Ecologia de Vertebrados / UERJ)

Área: Perissodactyla **Sub-Área:** Outros

Os equíneos *Equus (Amerhippus)* e *Hippidion* são endêmicos da América do Sul. Estudos prévios indicam que *Hippidion* teria menor afinidade a paisagens abertas e dieta com pouco material silicoso, e análises de isótopos de carbono sugerem *Equus (Amerhippus)* como pastador. Tradicionalmente, estudos filogenéticos de mamíferos utilizam a morfologia dentária, porém as variações morfológicas intra-específicas causadas pelo desgaste não são consideradas na proposição das homologias. Realizaram-se inferências paleoecológicas dos Equinae Sul-americanos via análises quanti-qualitativas de espécimes dentários, além de testar a influência dos atributos de variação de desgaste nas filogenias dos Equinae. Nas análises quantitativas confrontaram-se as médias da altura da coroa no mesóstilo, hipocone e protocone (dentes superiores), e metaconido, entoconido e ectoflexido (inferiores), cada qual contra o comprimento dentário. Nas análises qualitativas reconheceram-se como características variáveis com o desgaste, a quantidade e desenvolvimento das pregas do esmalte, tamanho do protocone em relação ao hipocone, e formação de *lake* no *hypoconal groove* (dentes superiores), e, tamanho do metaconido em relação ao metastilido e conexão entre eles, desenvolvimento do ectoflexido e a influência deste no istmo metaconido-metastilido (inferiores). As variações desses caracteres foram classificadas numericamente, sendo zero os menos complexos. A matriz resultante foi submetida a uma análise de semelhança de comparação simples, e a análise de *clusters* através de ligação simples (Multiv 2.1b). Os dentes de *Hippidion* apresentaram menor amplitude de desgaste, corroborando que essa espécie possuiria taxas menores de desgaste em relação a *Equus (Amerhippus)*. O uso de recursos alimentares distintos seria importante para a co-existência das espécies, refletindo uma heterogeneidade ambiental durante o Pleistoceno. Observou-se uma relação direta entre o surgimento do *hypoconal lake*, desenvolvimentos do ectoflexido, pli-caballin e fossetas, com o aumento do desgaste. Não foi observada relação entre Metaconido e Metastilido. O reconhecimento das variações de desgaste estimulou uma revisão das filogenias correntes dos Eqüídeos. Assim, conduziram-se duas análises cladísticas com o algoritmo heurístico na opção TBR (PAUP 4.0b10), ambas de 23 táxons, incluindo-se pela primeira vez *Equus (Amerhippus) neogeus*. A primeira análise teve a matriz composta por 47 caracteres morfológicos derivados da literatura, e resultou três árvores mais parcimoniosas. Em seguida, foram excluídos da matriz aqueles atributos reconhecidos aqui como variações de desgaste dentário. Essa matriz revisada com 39 atributos resultou em 105 árvores mais parcimoniosas. A revisão demonstrou que os atributos antes considerados homologias falseavam as relações de muitos dos táxons incluídos.

Palavras-chave: Ecomorfologia, desgaste dentário, Equidae, América do Sul, fósseis

Financiadores: UNIRIO, FAPERJ

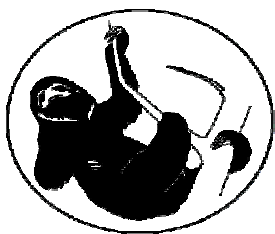
NASCIMENTO, CÓPULA E DESMAME EM BUGIOS PRETOS (*ALOUATTA CARAYA*) DE VIDA LIVRE

Rogério Grassetto Teixeira da Cunha (C.P. 17011, CEP 02340-970, São Paulo – SP / rogcunha@hotmail.com)
Richard W. Byrne (School of Psychology, University of St. Andrews, St. Andrews, Scotland)

Área: Primates **Sub-Área:** Comportamento

Neste trabalho, apresentamos informações sobre cópula, parto e desmame em um grupo de bugios pretos *Alouatta caraya* de vida livre no Pantanal Sul-Mato-Grossense, as quais estão ausentes na literatura. Em 2250 horas de trabalho de campo (contato com o grupo em cerca de 95% deste tempo), coletou-se dados comportamentais por meio da amostragem contínua de animais focais. O procedimento consistiu no registro de um continuum de estados comportamentais mutuamente exclusivos, sobre os quais se sobrepunham eventos pontuais de interesse. Comportamentos raros foram registrados pelo método de "todas as ocorrências". Foram observados 18 episódios de cópula, sendo esta sempre dorso-ventral, com a fêmea sentada ou deitada. Somente o macho alfa copulou com as fêmeas do grupo, mas ele não tentou impedir ou encerrar o assédio de outros machos. Propomos que isto seja uma estratégia de conservação de energia, transferindo a responsabilidade da evitação para as fêmeas. Se esta hipótese for verdadeira, então prevemos que: (1) o macho alfa deva matar filhotes de fêmeas que copularam com outros machos, mas não com ele, ou de fêmeas migrantes que se juntem ao grupo já prenhes; (2) as fêmeas devam evitar cópula com machos se o macho alfa estiver próximo e (3) as fêmeas que copulassem com outros machos devam tentar estratégias de confusão de paternidade. Descrevemos um novo padrão de exibição pré-copulatória, com a fêmea esfregando sua barba sobre o corpo do macho, o que especulamos possa ter um papel de comunicação química. O movimento rítmico da língua, comum em outras espécies de bugio, não foi observado. O processo de parto foi mais longo que o descrito para *A. seniculus*. Observou-se evidências de trabalho de parto, algo também não descrito para *A. seniculus*. No desmame, a ingestão regular de alimento sólido iniciou-se durante o 4º mês de vida, e a freqüência aumentou consideravelmente entre o 6º e o 7º mês. O declínio na amamentação ocorreu de forma mais constante, com duas quedas mais abruptas (entre o 1º e o 2º mês e entre o 6º e o 7º mês). Observou-se amamentação pela última vez entre 9 e 10 meses após o nascimento. Estes valores, mais baixos que os relatados para *A. palliata*, podem refletir diferenças nos intervalos entre nascimentos. Observaram-se rejeições passivas e ativas às tentativas de amamentação, possivelmente relacionadas aos períodos de amamentação mais curtos desta espécie.

Palavras-chave: *Alouatta caraya*, bugios pretos, parto, cópula, desmame

Financiadores: CAPES (bolsa n° 1373/99-4); Russell Trust Award (Univ. of St. Andrews)

INFLUÊNCIA DA URBANIZAÇÃO SOBRE UMA POPULAÇÃO DE MICOS-ESTRELA (*CALLITHRIX PENICILLATA* É. GEOFROY, 1812) DE VIDA LIVRE EM UM FRAGMENTO NA CIDADE DE JATAÍ, GOIÁS

Letícia Pereira Silva (Aluno de graduação de Ciências Biológicas- UFG /lethyssia17@gmail.com)
Stephany Siqueira B. Nascimento (Aluno de graduação de Ciências Biológicas- UFG)
Paola Santos da Mata (Aluno de graduação de Ciências Biológicas- UFG)
Fabiano Rodrigues de Melo (Professor de Ciências Biológicas da UFG, Campus Jataí)

Área: Primates **Sub-Área:** Comportamento

A fragmentação e urbanização de áreas do Cerrado têm se mostrado um freqüente fato provocando alterações no ambiente natural. A vegetação natural é substituída por plantas exóticas. A troca genética é restrita pelo isolamento dos grupos e embora algumas espécies de animais se sobressaiam pela abundância de alimento e ausência de predadores, outras espécies da fauna nativa podem ser dizimadas pela ação da fragmentação. *Callithrix penicillata* é considerada uma espécie com ampla plasticidade fenotípica, justamente por ter a capacidade de viver em habitat sazonais e desfavoráveis, considerando a larga distribuição geográfica, alta densidade populacional e sua eficiente exploração do habitat. Iniciou-se, então, um estudo com indivíduos de um grupo de *C. penicillata* de vida livre residentes em um fragmento de mata urbana no colégio Instituto Samuel Graham, na cidade de Jataí, Goiás que possui uma área total de 112.896 m². A vegetação presente possui uma mescla de plantas endêmicas do Cerrado e plantas introduzidas. Para tanto, o presente estudo pretende analisar como o grupo de C. penicillata se comporta perante um habitat tão antropizado. As observações foram feitas por meio do método *scan sampling*, durante cinco dias por mês, com 12 horas diárias e intervalos de 5 minutos. De setembro de 2007 a março de 2008 totalizaram-se 420 horas de observações e aproximadamente 3.000 registros de comportamento. O orçamento das atividades mostrou que o grupo passa apenas 6.1% de seu tempo efetivamente se alimentando, sendo a maior parte do tempo gasto em forrageio (27,39%) e em repouso (34,96%). Os picos de deslocamento ocorreram logo pela manhã e no final da tarde ocupando 25,55% do orçamento diário. Atividades de socialização ocuparam 6,33% do tempo total. A dieta do grupo era composta principalmente por dois itens: insetos 40,56% (principalmente das ordens Orthoptera e Lepidoptera) e goma (31,96%). Outros itens, como frutos (12,71%), alimentos oferecidos por humanos (8,41%), pequenos vertebrados e ovos de aves (6,36%) complementam a dieta, mas em menor proporção. Apesar de ainda não termos amostrado o período seco, os resultados indicam uma diferença sensível na dieta aqui apresentada em relação aos grupos residentes em áreas nativas e contínuas de cerrado, uma vez que a insetivoria foi mais marcante que a gomivoria. É possível que estes valores se alterem com o complemento dos meses faltantes. Ainda assim, os resultados parciais indicam que estes animais possuem padrão de comportamento semelhante aos animais de florestas contínuas, mostrando eficiência em ocupação de habitat desfavorável.

Palavras-chave: Cerrado, antropização, *Callithrix penicillata*

CBMz

ESTUDO SOBRE AS DIFERENÇAS COGNITIVAS ENTRE *CALLITHRIX GEOFFROYI* E *LEONTOPITHECUS CHRYSOMELAS* ATRAVÉS DE UM TESTE EXPERIMENTAL DE USO DE FERRAMENTAS

Hermano Gomes L. Nunes (DSE/UFPB)
Antonio Christian de A. Moura (UFBA)
Alfredo Langguth (DSE/UFPB/alfredo@dse.ufpb.br)

Área: Primates **Sub-Área:** Comportamento

Entre os primatas a capacidade para o uso de ferramentas é diretamente relacionada com cérebros mais desenvolvidos e conseqüente maior poder cognitivo. No entanto, a capacidade de usar ferramentas e resolver problemas tanto na natureza como em cativeiro também depende da capacidade para inovar. Indivíduos e espécies mais neofóbicas podem apresentar um índice mais baixo em sua capacidade para usar ferramentas e resolver problemas cognitivos que exijam inovações. Alguns estudos indicam que micos (*Leontopithecus* spp.) podem usar ferramentas e são menos neofóbicos do que os saguis (*Callithrix* spp.). Estas diferenças aparentemente se devem a maior capacidade manipulativa dos micos. No entanto, até o momento esta hipótese ainda não havia sido testada. Neste trabalho testamos a hipótese de que o forrageio extrativo dos micos os predispõe para o uso de ferramentas e devem mostrar melhor performance em testes cognitivos envolvendo ferramentas. Foram observados 3 indivíduos de cada espécie em testes com um aparato de tubos de vidro preenchidos com mel. Para alcançar o mel o individuo deve colocar uma vareta (10-12 cm) no interior do tubo. Foram realizados 10 testes/dia (bloco de testes), em que o aparato ficava dentro do viveiro por 10 minutos em cada teste. Após isto era removido e recolocado depois de um intervalo de 2 minutos. Estes testes foram realizados durante 10 dias para cada individuo. Nenhum indivíduo conseguiu resolver o problema usando a ferramenta. Porem, *L. chrysomelas* apresentou comportamentos de exploração (inspeção e tocar/cheirar) significativamente mais freqüentes do que os sagüis. Além disto, os indivíduos de *L. chrysomelas* manipularam os gravetos muito mais vezes do que *C. geoffroyi* (em média cinco vezes mais). Provavelmente, este fato poderia levá-los a solucionar o problema se o tempo dos testes fosse ampliado. É possível que a melhor performance dos micos possa ser devida à sua propensão para manipular e explorar objetos e não a maior capacidade cognitiva. Os dados obtidos são promissores e indicam diferenças marcantes de como as duas espécies lidam com a tarefa. Estas diferenças podem ser associadas a peculiaridades na ecologia de cada espécie. No entanto, para maior robustez nas analises e nas conclusões é necessária a coleta de mais dados com maior numero de indivíduos. Com apoio do CNPq

Palavras-chave: Cognição; Uso de Ferramentas; Neofobia; *Leontopithecus*; *Callithrix*

Financiadores: CNPq

LIDERANÇA NOS DESLOCAMENTOS EM UM GRUPO DE SAGÜIS (*CALLITHRIX JACCHUS*) DE VIDA LIVRE

Rochele Castelo-Branco (Departamento de Fisiologia/ UFRN)
Catiane Dantas (Departamento de Fisiologia/ UFRN/ catianekdantas@gmail.com)
Fívia de Araújo Lopes (Departamento de Fisiologia / UFRN)

Área: Primates **Sub-Área:** Comportamento

O forrageio em grupo é uma atividade complexa, uma vez que envolve tanto os desafios de procura por alimento como a competição advinda dos conspecíficos. A grande maioria das espécies de primatas caracteriza-se pelo forrageio social, e em algumas delas existem indivíduos que iniciam e determinam as rotas de deslocamento que serão seguidas pelo restante do grupo. Em nosso estudo, avaliamos, no período de 10 meses, um grupo de sagüis (*Callithrix jacchus*), habitantes de uma área urbanizada do município de Macaíba - Rio Grande do Norte - Brasil, com o objetivo de caracterizar a liderança nos deslocamentos dos indivíduos dentro da área de uso. No início da pesquisa, o grupo era composto pelo par reprodutor, uma fêmea subordinada adulta, uma fêmea subordinada subadulta e um macho subordinado subdaulto. As observações foram realizadas pelo método de “todas as ocorrências” e registramos a freqüência com que cada indivíduo se posicionava a vanguarda do grupo e iniciava o deslocamento. Esses registros foram efetuados apenas quando os sagüis se locomoviam em rotas definidas pelo observador. Foi possível identificar dois animais que atuaram como principais líderes dos deslocamentos: a fêmea subordinada adulta, que iniciou 39,18% dos deslocamentos, e o macho dominante, responsável por 36,48% dos deslocamentos, em contraste com os demais membros do grupo, que apresentaram freqüências inferiores a 15% na ocorrência desse comportamento. Fêmeas dessa espécie apresentam, em geral, prioridade de acesso a fontes alimentares, sendo descritas como mais motivadas, responsivas ou agressivas que os machos. É possível conceber a atuação da fêmea na coordenação de tais locomoções em nosso estudo, uma vez que estas podem apresentar uma melhor detecção de fontes alimentares. Dados da literatura apontam para uma possível diferença entre machos e fêmeas quanto à detecção de frutos maduros na folhagem, devido ao polimorfismo visual característico desse grupo, com vantagem para as fêmeas, caso sejam tricromatas. No entanto, a posição hierárquica dos indivíduos pode exercer efeito quanto a assumir tal liderança, como observamos para o macho dominante do presente estudo. Os resultados de nosso trabalho sugerem que, em calitriquídeos, a configuração da liderança nos deslocamentos não é ainda uma questão totalmente esclarecida, a qual certamente sofre influência de múltiplos fatores. Acreditamos que análises posteriores do contexto de deslocamento, além da genotipagem quanto ao tipo de visão de cores de cada um dos indivíduos, possam fornecer informações mais consistentes quanto aos fatores envolvidos na coordenação dos movimentos nessa espécie.

Palavras-chave: Forrageio, Deslocamentos, *Callithrix jacchus*

Financiadores: CAPES

CBMz

ESTUDO COMPORTAMENTAL DE *CEBUS NIGRITUS* (PRIMATES, CEBIDAE) EM CATIVEIRO

Lívia Bertolla dos Santos (Depto. Biologia Animal e Vegetal / UEL / liviabertolla@yahoo.com.br)
Nelio Roberto dos Reis (Depto. Biologia Animal e Vegetal / UEL)

Área: Primates **Sub-Área:** Comportamento

O objetivo desse estudo foi descrever as atividades comportamentais de *Cebus nigritus* em cativeiro. O trabalho foi realizado durante o mês de Março de 2008, contando com quatro dias de observações, divididos nos períodos das 6 às 9h, das 9 às 12h, das 12 às 15h e das 15 às 18h. Os locais de estudo foram o Zoológico Municipal "Dr. Belírio Guimarães Brandão", no município de Garça - SP, e o Parque Ecológico da Fazenda Monte Alegre em Telêmaco Borba - PR. O catálogo comportamental utilizado foi constituído de diferentes categorias, como: forrageamento, alimentação, locomoção, descanso, interação social, cuidados corporais, alerta, manipulação de objetos, comportamento reprodutivo e comportamento estereotipado. Obteve-se, no final do estudo, um total de 1645 registros em 576 sessões de amostragem, totalizando 48 horas de observações. Os animais exibiram algumas atividades em baixas porcentagens nos dois períodos da manhã: forrageamento (11.74% e 13.7%), alimentação (14.76% e 16.05%), locomoção (16.11% e 18.41%) e interação social (3.02% e 4.27%); porém, suas freqüências aumentaram nos horários da tarde: forrageamento (13.41% e 16.29%), alimentação (17.24% e 20.45%), locomoção (21.08% e 20.08%) e interação social (9,19% e 9,09%). Outras atividades apareceram principalmente nos dois períodos da manhã: cuidados corporais (2.01% e 1.57%), estado de alerta (13.76% e 14.03%) e comportamento estereotipado (21.81% e 22.77%); mas foram reduzidas à tarde: cuidados corporais (0.39% e 0.95%), estado de alerta (11.3% e 11.17%) e comportamento estereotipado (11.11% e 4.36%). A categoria descanso foi mais evidente no primeiro período da manhã (10.4%) e no último período da tarde (11.36%). Devido ao fato do comportamento estereotipado se apresentar em altas porcentagens, sugere-se que: seja diversificado o número de indivíduos na organização social dos grupos, de acordo com o que seria esperado nos ambientes naturais e, também, que sejam trabalhadas atividades de enriquecimento ambiental nos cativeiros, criando situações semelhantes às do habitat natural e elaborando recintos maiores para cada grupo.

Palavras-chave: catálogo comportamental, criadouro científico, macaco-prego

ESTUDO DO COMPORTAMENTO DE FILHOTE DE MACACO-PREGO (*CEBUS APELLA*) NASCIDO EM CATIVEIRO

Marcos Vinícius Rodrigues (Mestrando do Departamento de Veterinária da UFV rodriguesbio@yahoo.com)
Ana Carolina Torre Morais (Mestranda do Departamento de Biologia da UFV)
Pamella Kelly Araújo Campos (Mestranda do Departamento de Biologia da UFV)
Suellen Silva Condessa (Mestranda do Departamento de Biologia da UFV)
Vinícius Herold Dornelas Silva (Graduando em Veterinária da UFV)
Tarcísio de Souza Duarte (Graduando em Biologia da UFV)
Tarcízio Antônio Rêgo de Paula (Prof. do Dept. de Veterinária e Coordenador e Técnico do CETAS-UFV)

Área: Primates **Sub-Área:** Comportamento

O macaco-prego (*Cebus apella*), membro da família Cebidae, vive exclusivamente nas florestas tropicais da América do Sul e Central. Estes animais são onívoros, arborícolas e reproduzem-se uma vez ao ano, com o nascimento de apenas um filhote por gestação. Esta espécie não se encontra ameaçada de extinção, porém são vítimas de desmatamentos e queimadas que causam a perda do seu habita natural. Em agosto de 2006, foi transferido para o Centro de Triagem de Animais Silvestres da Universidade Federal de Viçosa (CETAS-UFV) um grupo com quatro macacos-prego (*Cebus apella*), sendo dois machos e duas fêmeas, adultos, oriundos do Horto Florestal da cidade de Ubá - MG. Em março de 2007 a fêmea dominante do grupo concebeu um filhote. Este trabalho tem como objetivo estudar o comportamento do filhote de macaco-prego para o conhecimento da sua biologia e fisiologia, estabelecendo a melhor forma de manejo desta espécie em cativeiro. Para o estudo do comportamento foi utilizado o Método de Amostragem Indivíduo Focal. As anotações foram feitas em um ponto fixo de frente ao recinto, e as observações ocorreram no decorrer de cinco meses, totalizando 99 horas, distribuídas nos períodos da manhã (49horas), da tarde (43 horas) e da noite (7h). Os principais comportamentos observados foram: Interação com o Grupo 29%; Iteração com o Ambiente (pneus, troncos, grade, gavetas, balcão de ferro e tábua e folhas) 41%; Interação com o Ambiente Externo (animais, estagiários e objetos) 4%; Alimentação por Brincadeira 3%; Alimentação Usurpando 2%; Alimentação por escolha 8%; Amamentação 4%; Catação social 4% ; Catação Individual 1%; Vocalização 1% , Estresse 1% e Inatividade (parado ou dormindo) 2%. Pôde-se observar que o filhote passou 98% do tempo em atividade, interagindo com uma maior freqüência com o ambiente, pois seu recinto era sempre ambientado, tornando-se mais propício ás suas atividades. Isto favoreceu também seu desenvolvimento corpóreo e fez com que seus reflexos e órgãos dos sentidos tornassem mais apurados gradativamente. A interação social era sempre maior com a sua mãe e com o macho dominante através de brincadeiras.

Palavras-chave: Etologia, animal silvestre, CETAS-UFV

CATÁLOGO COMPORTAMENTAL DE MACACO-PREGO (*CEBUS APELLA NIGRITUS*) NO PARQUE ECOLÓGICO DO VOTURUÁ, SÃO VICENTE-SP

Jessica Prudencio Trujillo (Universidade Católica de Santos/ trujilona@gmail.com)
Rossana Pita Virga (Universidade Católica de Santos)

Área: Primates **Sub-Área:** Comportamento

O Parque Ecológico do Voturuá localizado em São Vicente é um importante ponto de visitação da cidade. Neste local alguns animais são mantidos em cativeiro, dentre eles o Felipe, um macaco-prego (*Cebus apella nigritus*) que possui alguns comportamentos estereotipados. Este trabalho visou realizar um catálogo comportamental dessa espécie em cativeiro e observar quais os comportamentos mais repetitivos. Para esse fim, foi utilizada uma metodologia com observações *ad libitum*, onde o animal era observado duas ou três vezes por semana, no período de outubro a dezembro de 2007, durante trinta minutos e todos os seus comportamentos eram gravados (em gravador de voz) e depois plotados ao computador. No total foram feitas 9h de observações e encontrados 250 comportamentos diferentes, subdivididos em seis classes comportamentais (alimentação, locomoção, mecânico, social, manutenção e comunicação acústica). Algumas interações com a fêmea foram observadas como, tentativa de cópula e catação, assim como muitas interações com o filhote (que não é seu filhote legítimo). O primata apresentou tanto comportamentos inatos como adquiridos, esteriotipados. O comportamento esteriotipado mais apresentado foi o de masturbação com 28% de freqüência. Sendo assim, seria interessante empregarmos o enriquecimento ambiental de maneira a minimizar os comportamentos esteriotipados e o estresse devido ao cativeiro.

Palavras-chave: Primata, cativeiro, observações *ad libitum*, classes comportamentais.

PERCEPÇÃO VISUAL ILUSÓRIA EM FILHOTES E JUVENIS DE MACACO-PREGO (*CEBUS* SPP.)

Cristhian Andres Aguiar Reyes Moreira (Universidade de Brasília/UnB/crandres@terra.com.br)
Karina Loureiro Kegles Torres (Universidade de Brasília/UnB)
Raquel Rubstem Sado (Universidade de Brasília/UnB)
Marcella Gonçalves Santos (Universidade de Brasília/UnB)
Maria Clotilde Henriques Tavares (Universidade de Brasília/UnB)
Valdir Filgueiras Pessoa (Universidade de Brasília/UnB)

Área: Primates **Sub-Área:** Comportamento

O estudo de ilusões é uma maneira útil de avaliar semelhanças e diferenças na percepção visual de primatas humanos e não-humanos. Há evidências de que, além dos grandes primatas do Velho Mundo, os primatas não-humanos do Novo Mundo sejam igualmente sensíveis às ilusões visuais induzidas contextualmente, embora poucas espécies do Novo Mundo tenham sido estudadas, especialmente ao longo de fases distintas do desenvolvimento. Nesse sentido, o objetivo deste estudo foi investigar a percepção visual ilusória de Müller-Lyer em filhotes e juvenis de macaco-prego (*Cebus* spp). A espécie escolhida é bastante estudada, particularmente por sua capacidade de visão a cores. É de suma importância entender o papel das ilusões na percepção visual de primatas, já que elas parecem contribuir para a adaptação dos indivíduos ao meio. O estudo tem sido desenvolvido, desde março de 2007, no Centro de Primatologia do Instituto de Biologia, localizado na Fazenda Água Limpa/UnB. Os testes comportamentais eram realizados de três a quatro vezes por semana, no turno vespertino, em sessões individuais para um total de oito filhotes mantidos em grupos familiares. Os animais eram testados nos próprios viveiros. Os estímulos monocromáticos em preto eram apresentados por 60 s cada ao animal em um monitor sensível ao toque, acoplado a um microcomputador. Um programa computacional (ILU) foi utilizado para gerar os testes. O protocolo experimental estabelecia 45 tentativas por sessão de trabalho com cada indivíduo. Um nível de dificuldade crescente estava implícito ao treinamento dos animais nas fases sucessivas da tarefa, em que eram requeridas quatro fases. Como recompensa, a cada resposta correta do animal, seguia-se um reforço (que consistia em pedaços de amendoim oferecidos pelo experimentador), além de um som agudo. A cada resposta errada, seguia-se a ausência de recompensa, além de um som grave. O critério de aprendizagem, que permitia a mudança de fase, era de pelo menos 90% de acertos durante duas sessões consecutivas. Na primeira fase, não foi possível constatar qualquer regra, em termos de resposta, entre os animais testados. Contudo, cerca de 50% dos animais mostraram desempenho superior. Dos oito indivíduos, um filhote avançou até a segunda fase, dois juvenis chegaram até a terceira fase, e um juvenil alcançou a quarta fase do protocolo, passando para a fase de teste. Os outros animais continuam em treinamento. Os resultados parciais permitem inferir que filhotes e juvenis de macaco-prego são também sensíveis à ilusão de Müller-Lyer, a exemplo dos primatas nãohumanos do Velho Mundo.

Palavras-chave: primatas, macaco-prego, ilusão, Müller-Lyer

Financiadores: CAPES/CNPq

VOCALIZAÇÕES E RELAÇÕES SÓCIO-ECOLÓGICAS EM MACACOS-PREGO (*CEBUS LIBIDINOSUS*, PRIMATE, CEBIDAE)

Karina de Assis Portilho (Instituto de Ciências Biológicas / UFG / karinaportilho@gmail.com)
Thallita Oliveira de Grande (Instituto de Ciências Biológicas / UFG)
Túlio Costa Lousa (Instituto de Ciências Biológicas / UFG)
Raphael Moura Cardoso (Laboratório de Etologia / UCG)
Francisco Dyonísio Cardoso Mendes (Laboratório de Etologia / UCG)

Área: Primates **Sub-Área:** Comportamento

Cebus libidinosus são primatas que possuem um amplo repertório vocal. Com o intuito de investigar as variáveis sócio-ecológicas envolvidas na produção das vocalizações, como a composição de audiência e características alimentares, realizamos experimentos oferecendo alimentos, no Parque Municipal Bouganville B (16^o 43' S, 49^o 13' W), Goiânia/GO. Os alimentos utilizados diferiram nos aspectos familiaridade (i.e. alimento conhecido ou novo) e valor nutricional. Foram realizadas 39 sessões experimentais (10min cada), sendo o áudio gravado em todas. Através de Varreduras Instantâneas (30x30 segundos), contabilizou-se a quantidade de indivíduos de diferentes sexo e faixa etária (machos / fêmeas e adultos / imaturos, respectivamente), em um raio de 10 metros. As vocalizações emitidas foram analisadas (programa AviSoft) e classificadas em U, Assobio e Trinado, de acordo com suas características acústicas, e quantificadas em relação às notas (unidade mais curta de emissão sonora sem interrupções). Para vocalizações do tipo U foi encontrada uma correlação positiva com a quantidade de adultos (R*spearman*=0,690; p=0,001), tanto fêmeas quanto machos, e uma menor correlação com os imaturos (R*spearman*=0,320; p=0,047). Para os Trinados foi encontrada uma correlação positiva com o número de imaturos (R*spearman*=0,505; p=0,001) e uma menor correlação com o número de machos (R*spearman*=0,370; p=0,021). Para os Assobios foi encontrada uma correlação positiva com a quantidade de adultos (R*spearman*=0,506; p=0,001) e fêmeas (R*spearman*=0,532; p=0,001). Não foi observado efeito das variáveis como características nutricionais (lipídios, glicídios e fibras) e novidade alimentar sobre as vocalizações analisadas. A correlação entre Us e a presença de adultos pode apontar uma possível função dessa vocalização na regulação do espaçamento dos animais. A relação entre Trinados e a presença de imaturos já era esperada, uma vez que estudos demonstram que estas vocalizações têm papel afiliativo e os indivíduos mais jovens e/ou de posição hierárquica mais baixa são os que mais as emitem. Quanto aos Assobios, a presença de adultos pode estar relacionada à hipótese de Anúncio de Posse (Hauser, M. D. & Marler, P. 1993. *Behavioral Ecology*. 4: 206-212), na qual ao encontrar uma fonte alimentar os animais geralmente assobiam para evitar conflitos, obtendo benefícios individuais. Embora vários estudos indiquem que a qualidade do alimento influencia na emissão de vocalizações, no presente estudo a composição do grupo de forrageio foi a variável que melhor explicou as variações encontradas nas vocalizações estudadas.

Palavras-chave: vocalização, Cebus libidinosus, comportamento social

Financiadores: CNPq, Capes, Instituto do Milênio, Universidade Católica de Goiás

MANEJO POPULACIONAL DOS MACACOS-PREGO (*CEBUS LIBIDINOSUS*) NO BOSQUE AUGUSTE-SAINT-HILAIRE - CAMPUS SAMAMBAIA / UFG, GOIÂNIA-GO

Arianne Javiktson de Moraes Silva (Graduando em Ciências Biológicas da UFG / ariannejaviktson@yahoo.com.br); **Renata Machado Radaelli** (Bacharel em Ecologia da ULBRA); **Rodolfo Cabral Costa** (Graduando em Ciências Biológicas da UFG);**Vítor Yunes** (Graduando em Medicina Veterinária da UFG); **Leo Caetano Silva** (Msc. Em Ecologia pela UFG; Biólogo do IBAMA); **Marilda Schuvartz,** (Professor da Universidade Federal de Goiás, Campus Samambaia); **Fabiano Rodrigues Melo** (Professor da Universidade Federal de Goiás, Campus Jataí); **Divina das Dores de Paula Cardoso** (Professor da Universidade Federal de Goiás, Campus Samambaia)

Área: Primates **Sub-Área:** Conservação

O gênero *Cebus* compreende primatas Neotropicais arborícolas de hábitos diurnos, pesando geralmente entre 1 e 4 kg e tamanho entre 305 e 565 mm. Sua alta adaptabilidade se deve à sua capacidade manipulativa e sua estratégia de forrageio, conferindo uma dieta generalista. O oportunismo alimentar e a oferta de alimentos pela população humana circulante do *campus* trouxeram problemas como: ataques à humanos, ingestão de alimentos nocivos e, principalmente, aumento da população de macacos. Este trabalho visa a elaboração e executação de um plano de manejo, priorizando a conservação dos macacos-prego que ocupam áreas adjacentes ao Bosque Auguste Saint-Hilaire, no Campus Samambaia e diminuir interações negativas entre estes animais e os humanos. A coleta de dados foi realizada no Campus Samambaia, nos três fragmentos do Bosque, que juntos possuem uma área de cerca de 20 ha, além da área dos prédios da Universidade. Foram realizados monitoramentos de 12 horas por dia, nos meses de fevereiro, março e abril, utilizando o método *Scan Sampling*. A observação consistia de 3 min de amostragem e 7 min de pausa. Foram computados dados pertinentes aos tipos de comportamento, alimentação, área de uso e interação com humanos. Aparentemente, o grupo consiste de 57 animais, podendo atingir número absoluto maior. Dada a ampla dispersão dos indivíduos em função da estratégia de forrageamento, ainda não foi possível identificar todos os indivíduos do grupo de estudo. De qualquer forma, a composição sexo-etária do grupo consiste de 14,4% indivíduos machos adultos, mais da metade representada por indivíduos jovens (50,8%) não sexados, 23% fêmeas e 12,3% foram considerados como infantes. Até o momento, registramos 3006 scans em 120 horas de estudo. Pudemos observar que os animais gastaram 26% de seu orçamento diário alimentando, 15% descansando, 30% locomovendo, 22% forrageando e apenas 7% interagindo entre si. Dos itens de sua dieta, 34% foram fornecidos pelos humanos, 13,4% são itens de origem animal e 52,4% de origem vegetal, neste caso, ambos obtidos naturalmente. O mais notório é que os animais usaram 46,6% das áreas construídas da UFG (prédios), 41,4% próximos às bordas dos fragmentos e apenas 11,8% no interior dos fragmentos. Percebe-se uma forte influência antrópica na utilização dos espaços e com relação à dieta dos animais, mostrando uma necessidade urgente de se realizar campanhas de educação ambiental (já iniciadas) e de manejo efetivo do grupo, visando à diminuição do crescimento populacional constatado.

Palavras-chave: Cebus; manejo populacional; influência antrópica

Financiadores: Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da Universidade Federal de Goiás (PRPPG/UFG).

ASPECTOS POPULACIONAIS E ECOLÓGICOS DE *SAGUINUS BICOLOR* (PRIMATES: CALLITRICHIDAE) EM DEZ FRAGMENTOS FLORESTAIS DA CIDADE DE MANAUS, AMAZONAS, BRASIL

Bruno Rafael Simões Machado (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia - INPA / brunorsm@hotmail.com); **Robson Rodrigues** (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia - INPA); **Rosana J. Subirá** (Secretaria Municipal de Meio Ambiente - SEMMA); **Leonor C.S. Souza** (Universidade Luterana do Brasil - ULBRA); **Felipe B. L. dos Santos** (Universidade Federal do Amazonas - UFAM); **Thyago W. S. Monteiro** (Centro Integrado de Ensino Superior do Amazonas - CIESA); **Álefe L. Viana** (Universidade Federal do Amazonas - UFAM)

Área: Primates **Sub-Área:** Conservação

Saguinus bicolor é um pequeno primata calitriquídeo que ocorre exclusivamente em Manaus e municípios vizinhos e por isso é conhecido como sauim de Manaus. No perímetro urbano da cidade, a espécie é encontrada em fragmentos florestais e devido à sua restrita área de ocorrência e à destruição de seu hábitat, passou a ser considerado o primata mais ameaçado de extinção em toda a Amazônia. O presente estudo teve por objetivos monitorar os bandos de *S. bicolor* presentes nos fragmentos da cidade; obter o inventário de recursos alimentares disponíveis nos fragmentos; realizar o censo dos bandos existentes registrando dados de natalidade e mortalidade e avaliar a necessidade de interferências que viabilizem a melhoria na qualidade de vida dos grupos de sauim existentes. Foram monitorados dez fragmentos durante um período de seis meses (junho a dezembro de 2007). Os dados de censo populacional foram coletados utilizando-se o método da contagem direta dos indivíduos, com uso de binóculos. Paralelamente foi realizado
o inventário de todas as espécies vegetais reconhecidamente utilizadas pela espécie como recurso alimentar. O tamanho das áreas monitoradas foi determinado por meio de imagens de satélite QUICKBIRD 2005 com aplicação do programa ARC GIS. O tamanho de cada área foi estimado por meio de marcações realizadas com auxilio de GPS no perímetro de cada fragmento. Os pontos obtidos foram plotados sobre imagens correspondentes ao ano de 2005. Todas as áreas inventariadas apresentaram valores divergentes quanto ao tamanho, presença de sauins e disponibilidade de alimento. A delimitação via satélite dos fragmentos evidenciou que seis das dez áreas monitoradas sofreram redução de tamanho quando comparadas a imagens de 2003. O número de indivíduos variou de um a sete por fragmento, e durante o período de observação registrou-se o nascimento de quatro filhotes. Quanto à disponibilidade de recursos alimentares, verificou-se que devido à diversificação natural no padrão de frutificação das espécies frutíferas em nenhum período os fragmentos ficaram improdutivos e as seguintes espécies foram consideradas espécies-chave para a manutenção das populações de *S. bicolor*: Sorva (*Couma utilis*), Ingá (*Inga edulis*), maracujá do mato (*Passiflora grandulosa*), biribá (*Rolinia mucosa*), goiaba de anta (*Bellucia dichotoma*), mamão (*Carica papaia*) e banana (*Musa* sp.). Os dados obtidos apontam para a necessidade de intervenções do tipo introdução de espécies frutíferas em sete dos dez fragmentos, além de ser necessário a realização de campanhas de sensibilização ambiental em cada área monitorada.

Palavras-chave: Monitoramento, fragmentos urbanos, recursos alimentares.

Financiadores: PETROBRAS

CRIAÇÃO ARTIFICIAL E REINTEGRAÇÃO SOCIAL DE UM FILHOTE DE MICO-LEÃO-PRETO (*LEONTOPITHECUS CHRYSOPYGUS*) NA FUNDAÇÃO PARQUE ZOOLÓGICO DE SÃO PAULO

Carolina Massaia de Arruda (Fundação Parque Zoológico de São Paulo / carol_massaia@hotmail.com)
Mara Cristina Marques (Fundação Parque Zoológico de São Paulo)
Amanda Alves de Moraes (Fundação Parque Zoológico de São Paulo)

Área: Primates **Sub-Área:** Conservação

O mico-leão-preto (*Leontopithecus chrysopygus*) está entre os mamíferos mais criticamente ameaçados do mundo. A espécie teve seu declínio, principalmente, pela destruição de seu habitat. Sua população já foi estimada em 50-100 indivíduos na natureza. Os esforços conservacionistas, tanto *in situ* como *ex situ*, estão conduzindo a uma melhora deste status. Em novembro de 2007, a Fundação Parque Zoológico de São Paulo recebeu uma fêmea desta espécie, com idade aproximada de 2 meses, encontrada sozinha na região de Buri, SP. O filhote pesava 115g e era alimentado com leite NAN® 1 pro e suplementado com Kalyamon® B12. Já eram oferecidos alguns pedaços de frutas, mas estes não constituíam a base de sua alimentação. Ao chegar na Fundação, foram incluídos insetos (grilos, besouros e tenébrios) na dieta e, após um período de 10 dias, o leite foi enriquecido com frutas. Foi realizado o acompanhamento do desenvolvimento do animal, com pesagens regulares. Os alimentos sólidos, como frutas e um preparado a base de ração de primatas, foram oferecidos e sua ingestão foi estimulada. O leite utilizado deu bons resultados para o desenvolvimento do filhote. Após dois meses de cuidados, já não era parte importante da dieta e foi retirado lentamente. O oferecimento de alimentos sólidos foi importante na fase de transição, uma vez que este processo é importante no comportamento social destes primatas. Este oferecimento pode ser entendido como uma transferência voluntária de comida por outros membros do grupo ao filhote, para estimular a ingestão de determinados itens. Esta conduta é observada a partir de 5 semanas de idade, similar ao processo criado artificialmente. Após este período de criação, o animal foi aproximado à outra fêmea, mais experiente e tranqüila. Este indivíduo reproduziu durante toda a sua vida e aceitou bem o filhote. Após pouco tempo de aproximação, já foram observadas as primeiras tentativas de interação, em especial por parte do filhote. As "brincadeiras" são comportamentos comuns entre estes indivíduos, em alguns casos, mais freqüentes até que o "grooming". A socialização teve resultados positivos, também, para a fêmea adulta. A reintegração social é importante, uma vez que são animais que vivem em grupos familiares liderados por um casal monogâmico. Acreditamos que a socialização com um indivíduo da mesma espécie facilitará a posterior aproximação com um macho, aumentando as chances da formação de um casal reprodutor.

Palavras-chave: criação artificial, comportamento social, interação.

Financiadores: FPZSP

SURVIVING IN A WORLD IN PIECES: THE CASE OF NORTHERN MURIQUI IN A FRAGMENTED LANDSCAPE

Bruno Rocha Coutinho (Departamento de Ciências Biológicas/UFES/coutinhobr@gmail.com)
Danielle de Oliveira Moreira (Departamento de Ciências Biológicas/UFES)
Sérgio Lucena Mendes (Departamento de Ciências Biológicas/UFES)

Área: Primates **Sub-Área:** Conservação

Gene flow among northern muriquis (*Brachyteles hypoxanthus*) subpopulations occurs with the dispersion of young females, before their first reproduction, while males stay in their native groups. In Santa Maria de Jetibá (SMJ), within the mountain region in the state of Espírito Santo, there are many northern muriqui subpopulations in small partially-isolated habitat patches, where some dispersing females become solitary because they do not arrive in an occupied patch. Our goal was to estimate quantitatively: (1) the vulnerability of northern muriquis subpopulations to local extinction, and (2) the effect of female dispersion on subpopulation persistence. We used the computer package VORTEX 9.61 to conduct a population viability analysis (PVA) for nine small northern muriqui subpopulations in SMJ (ranging from 3 to 17 individuals). We assumed that, females that dispersed out of their native area, did not contribute to population dynamics. A time frame of 100 years was used. The dispersal rate of the baseline scenario was 50% and alternative scenarios were simulated with dispersal rates of 10%, 25%, 75% and 90%. We tested the significance of the difference between the baseline scenario and the alternative scenarios using the Student's two-tailed t-test. We verified the impact of dispersal rate on the subpopulations persistence using the simple logistic regression analysis. According to the baseline scenario, the nine subpopulations showed high probability of extinction (>95%) and a loss of, at least, 45% of heterozygosity in 100 years. Six of the nine subpopulations are declining, showing negative growth rates ($r < 0$). The mean time for extinction varied from 28 to 47 years and final populational size varied between seven and eight individuals for each subpopulations. There was a high association significance between the dispersal rate and the subpopulations survival ($p < 0,001$; OR = 0,879). It indicates that 1% of increase on unsuccessful dispersal decreases 12.1% the northern muriquis survival chance in SMJ landscape. It is estimated that to have a viable subpopulation, even isolated, it would be necessary that at least 90% of females to remain in their native subpopulation, resulting a probability of extinction of about 10%. We consider important the maintenance of a metapopulation dynamics, even if achieved through translocations of young females, since the loss individuals because of unsuccessful dispersal is a critic factor in a fragmented landscape.

Palavras-chave: dispersion; *Brachyteles hypoxanthus*; population viability analysis

Financiadores: PROBIO/MMA and CAPES

IMPACTO NA DIETA DE *CEBUS LIBIDINOSUS* (SPIX, 1823) EM SEMI-CATIVEIRO, INFLUENCIADA POR HUMANOS NO LAGO DIACUÍ. JATAÍ. GOIÁS.

Rosana Talita Braga (Graduanda de C. Biológicas / UFG-Campus Jataí / talitabraga88@gmail.com)
Natácia Evangelista de Lima (Graduanda de C. Biológicas / UFG-Campus Samambaia)
Josimar Morais de Souza (Graduando de C. Biológicas / UFG-Campus Jataí)
Igor Ribeiro Lima (Graduando de C. Biológicas / UFG-Campus Jataí)
Gláucia Garcia de Souza (Graduanda de C. Biológicas / UFG-Campus Jataí)
Bruna Maia (Graduanda de Medicinha Veterinária / UFG-Campus Jataí)
Fabiano Rodrigues de Melo (Professor do Curso de Ciências Biológicas / UFG-Campus Jataí)

Área: Primates **Sub-Área:** Ecologia

O Cerrado apresenta grande variedade em espécies em todos os ambientes, abrigando comunidades de animais com abundância de indivíduos, alguns com adaptações especializadas para explorar o que fornece seu habitat, especialmente em circunstâncias de fragmentação florestal. O Parque Ecológico Olavo Sérvolo de Lima (Lago Diacuí) na cidade de Jataí, possui um pequeno fragmento de Cerrado isolado, com área aproximada de 0,9ha, onde reside um grupo de *Cebus libidinosus* (macaco-prego), sendo que os macacos têm acesso às bordas do fragmento, que margeia as áreas de livre acesso ao parque. O objetivo do estudo foi avaliar as condições de vida do grupo e indicar os principais fatores antrópicos que podem provocar modificações na dieta e comportamento dos animais (estresse, recursos alimentares impróprios etc.). O estudo realizado teve duração de seis meses, iniciando em setembro de 2007 e término em fevereiro de 2008. Durante este período, através do método *scan sampling* foram realizadas 36 campanhas de coleta de dados, com duração de 6 horas cada uma (18 no período matutino e 18 no vespertino). A análise diária dos dados resultou em 216 horas de monitoramento do grupo. A dieta destes primatas observada no fragmento foi variável e oportunista, mesmo porque eles se adaptaram bem à alimentação oferecida ou disponível no período (rejeitos de comida humana). Dos itens de dieta observados, constatamos que 18,79% eram frutos (sendo deste valor 8,24% ofertados pelos humanos); 17,22% folhas, 44,61% insetos e 19,38% de pipocas oferecidas pelos vendedores ambulantes e visitantes do parque. Durante o período de observação, detectamos o nascimento de um filhote não sexado a partir de um cruzamento endogâmico. Foram relatados ataques dos macacos à visitantes do parque que trafegavam próximo a área com algum tipo de alimento em mãos, e a tendência é que aumente a freqüência destes fatos, pois com o aumento do grupo, a disputa pelas fontes de alimento será maior. É indispensável desenvolver programas de educação ambiental em favor da qualidade e de uma maior condição de saúde destes animais. Assim, esperamos erradicar o contato entre homens e primatas, apesar de entendermos que as condições de vida do grupo continuarão sendo desfavorecidas devido ao pequeno tamanho do fragmento e por ser uma área de lazer urbana. Iniciativas mais pontuais são indicadas, como a retirada do grupo e o envio dos primatas a um centro de reabilitação de animais silvestres.

Palavras-chave: fragmentação, oportunismo, primatas, reabilitação, dieta

REGRAS DE MONTAGEM DE COMUNIDADES DE PRIMATAS AMAZÔNICOS

Juliana Monteiro de Almeida Rocha (Lab. de Vertebrados / UFRJ / juliana.bioufrj@yahoo.com.br)
Miriam Plaza Pinto (Lab. de Vertebrados / UFRJ)
Carlos Eduardo de Viveiros Grelle (Lab. de Vertebrados / UFRJ)

Área: Primates **Sub-Área:** Ecologia

Um forte debate existente na Ecologia de Comunidades gira em torno da existência de regras de montagem na estruturação das comunidades. Estudos realizados com comunidades de pequenos mamíferos na Austrália postularam que existe maior probabilidade de que cada espécie que entre na composição de uma comunidade pertença a um grupo funcional diferente, até que cada grupo funcional esteja representado, antes do ciclo se repetir. Este padrão é conhecido como regra de Fox. A regra é baseada na disponibilidade de recursos e parte do pressuposto de que as interações entre as espécies exerçam um papel importante na estruturação da comunidade. Isso gera uma equitabilidade de espécies por grupo funcional. Nosso objetivo foi verificar se as comunidades de primatas amazônicos apresentam alguma estruturação em relação ao número de espécies por grupos funcionais. Para isto foram analisados dados de 40 espécies de primatas de 17 localidades na Amazônia. Grupos funcionais foram definidos baseados nas informações de dieta e hábito locomotor. Obtivemos os dados das espécies que realmente ocorrem em cada comunidade (conjunto observado), e das espécies que potencialmente poderiam ocorrer (conjunto potencial), a partir das informações de distribuição e registros de ocorrência das espécies. Para cada comunidade real foram sorteadas 500 comunidades aleatórias (a partir do conjunto potencial) compostas pelo mesmo número de espécies do conjunto real. O número de espécies por grupo funcional foi contabilizado para todas as comunidades. As comunidades que apresentaram grupos funcionais diferindo em no máximo 1 no número de espécies, foram consideradas favoráveis à regra (apresentando equitabilidade entre os grupos) enquanto as que diferiram em um número maior que 1 foram consideradas desfavoráveis. Nas comunidades observadas, aproximadamente 47% dos estados encontrados foram favoráveis à regra, enquanto nas comunidades aleatórias, apenas 18% dos estados foram favoráveis. Esse resultado indica que estados favoráveis não seriam encontrados com muita freqüência se as espécies se organizassem de forma aleatória dentro das comunidades, devendo haver mecanismos determinísticos que fazem com que a coexistência com outras espécies que pertençam ao mesmo grupo funcional seja evitada ao máximo. Dessa forma, as espécies que vão entrando na composição da comunidade tendem a ser ecologicamente diferentes daquelas que já estão presentes, resultando numa utilização mais eficiente dos recursos. Isso evita a existência de recursos não utilizados, diminuindo a suscetibilidade à invasão e, portanto, tornando a comunidade mais estável.

Palavras-chave: Regra de Fox, Grupo Funcional, Amazônia

Financiadores: CNPq, FAPERJ

RELAÇÃO ENTRE TEMPO DE DIVERGÊNCIA E TAMANHO DE DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: UM TESTE DE HIPÓTESE COM PRIMATAS NEOTROPICAIS

Nadjha Rezende Vieira (Lab. de Vertebrados / IB - UFRJ / nadjhabio@yahoo.com.br)
Marcos de Souza Lima Figueiredo (Lab. de Vertebrados / IB - UFRJ)
Carlos Eduardo de Viveiros Grelle (Lab. de Vertebrados / IB - UFRJ)

Área: Primates **Sub-Área:** Ecologia

Um dos maiores desafios da Biogeografia e da Ecologia é entender os fatores que determinam os tamanhos de distribuição das espécies. Alguns estudos demonstram que fatores como o clima, altitude, tipo de vegetação, latitude, podem determinar ou influenciar os limites de distribuição geográfica das espécies. Uma hipótese ainda pouco testada, principalmente para mamíferos, seria a de que os tamanhos das distribuições geográficas podem também estar associados à idade dos táxons. Segundo ela, quanto mais antigo for o táxon, maior será sua distribuição geográfica. Para testar esta hipótese utilizaram-se os 18 gêneros de primatas neotropicais. Os tamanhos das áreas de cada gênero foram calculados a partir de mapas de distribuição geográfica, e as idades de divergência destes gêneros foram obtidas a partir de estimativas do relógio molecular. Neste estudo foi ainda analisado o efeito da estrutura filogenética sobre o tamanho das distribuições geográficas, mas nenhum efeito foi encontrado entre estas duas variáveis (I de Moran = -0,1447, 0,0399 e -0,0550 para as distâncias de < 18 myr, 18-20 myr e > 20 myr, respectivamente). Os resultados mostraram uma relação positiva entre idade dos gêneros de primatas neotropicais e os tamanhos de suas distribuições geográficas ($F (1, 16) = 12,42366$; $p = 0,0028$; $r^2 = 0,4371$). Alguns estudos com plantas, aves e invertebrados marinhos também encontraram esta relação positiva. Este resultado está de acordo com a hipótese de Willis, mostrando com que a idade dos táxons pode influenciar os tamanhos de distribuição geográfica de grupos recentes.

Palavras-chave: datação molecular, areografia, dispersão

Financiadores: CNPq, FAPERJ

ESTUDO COMPARATIVO DO CONTEÚDO ESTOMACAL E INTESTINAL DE GUARIBA (*ALOUATTA SENICULUS*), EM ÁREAS DE VÁRZEA, TERRA FIRME E IGAPÓ DAS RESERVAS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL MAMIRAUÁ E AMANÃ.

Elessandra Arevalo Gomes (ECOVERT- IDSM / elessandra.mamiraua@gmail.com)
Joã Valsecchi do Amaral (Instituto de Desenvolvimento Sustentavel Mamirauá)
Tatiana Vieira (ECOVERT-IDSM)
Hani Rocha El Bizri (ECOVERT- IDSM)

Área: Primates **Sub-Área:** Ecologia

Os guaribas (Alouatta seniculus) são primatas que possuem pelagem castanho-vermelho-escuro com ponta da cauda e dorso castanho-amarelado brilhantes. É a espécie de primata mais caçada nas Reservas de Desenvolvimento Sustentável (RDS) Amanã e Mamirauá. A dieta dos guaribas é composta por 60% de folhas e 40 % de sementes, mesmo sendo considerados folívoros comportamentais. O objetivo deste trabalho foi analisar o conteúdo estomacal e intestinal de A. seniculus e comparar a dieta dos animais coletados na RDS Mamirauá (várzea) e na RDS Amanã (terra firme e Igapó). Para análise foram selecionados cinco estômagos e cinco intestinos de cada RDS. Do material analisado, quatro pertenciam a fêmeas e seis de machos. As coletas foram feitas nas duas reservas nos meses de julho (pico da seca) e outubro (pico da cheia) de 2004 pelo Grupo de ecologia de vertebrados terrestres (ECOVERT) do Instituto de desenvolvimento sustentavel Mamirauá. Tanto os estômagos quanto os intestinos foram medidos e pesados juntamente com o conteúdo. Após a pesagem e lavagem os conteúdos dos dois órgãos foram separados por morfotipos e pesados por tipos. Para análise laboratorial, foi feita a identificação das sementes através de comparação direta com a coleção de referência de sementes IDS Mamiraua e outras bibliografias da área. Nas duas áreas analisadas verificou-se uma maior preferência por folhas (70%), 25% de sementes e 5% de frutos não digeridos, observou-se uma preferência por fruto maduros, sendo estes freqüentemente engolidos inteiros facilitando a identificação.

Palavras-chave: dieta, ecologia alimentar, guariba, semente,Mamirauá, Amaná

Financiadores: Instituto de Desenvolvimento Sustentavel Mamirauá

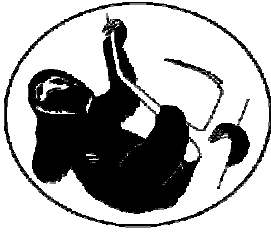
ORÇAMENTO TEMPORAL DE *CALLITHRIX* SP. EXÓTICO EM AMBIENTE ANTRÓPICO E FLORESTAL NA ILHA GRANDE, ANGRA DOS REIS, BRASIL

Thiago Carvalho Modesto (Lab. Ecologia de Peq. Mamíferos / UERJ / thiago_modesto@yahoo.com.br)
Flávia Soares Pessôa (Lab. Ecologia de Peq. Mamíferos / UERJ)
Tássia Jordão-Nogueira (Lab. Ecologia de Peq. Mamíferos / UERJ)
Hermano Gomes Albuquerque (Lab. Ecologia de Peq. Mamíferos / UERJ)
Daniel Santana Lorenzo Raíces (Lab. Ecologia de Peq. Mamíferos / UERJ)
Helena de Godoy Bergallo (Lab. Ecologia de Peq. Mamíferos / UERJ)

Área: Primates **Sub-Área:** Ecologia

A introdução de espécies exóticas responde atualmente como a segunda maior causa de extinção, porém estima-se que no futuro a invasão de espécies exóticas superará a perda do habitat como a principal causa da degradação ecológica global. Esses efeitos são amplificados em ambientes insulares devido ao maior grau de isolamento de suas comunidades no tempo e no espaço. Uma revisão das extinções de animais no mundo desde 1600 revelou que 75% ocorriam com espécies insulares. O conhecimento de como espécies de primatas investem seu tempo e energia entre diversas atividades é de grande importância para conhecermos seu estilo de vida e como interagem com o ambiente. Este conhecimento pode ser fundamental para estimarmos os possíveis impactos de primatas exóticos. O objetivo deste trabalho é avaliar o orçamento temporal de *Callithrix* spp. exóticos em ambiente insular antrópico e florestal. O presente estudo foi realizado na Vila Dois Rios, Ilha Grande, Angra dos Reis, Brasil. A Ilha Grande tem aproximadamente 19.000 hectares e a cobertura vegetal é predominantemente de Floresta Ombrófila Densa. Dois grupos mistos de *Callithrix jacchus*, *C. penicillata* e seus híbridos foram observados entre maio de 2006 e fevereiro de 2008. O primeiro grupo ocorre numa área urbanizada no centro de Vila Dois Rios e o segundo ocupa uma área de Mata Atlântica de encosta preservada onde só pesquisadores têm acesso. Para a determinação do orçamento temporal dos grupos foram utilizadas seis categorias comportamentais. O orçamento temporal diferiu significativamente entre os grupos (X^2= 183,50; p < 0,001). O grupo localizado na vila apresentou 43% dos registros na categoria descanso enquanto o grupo da região de mata 14%. A categoria forrageamento representou 20% dos registros totais para o grupo da Vila e 33% para o grupo da mata, já a categoria deslocamento representou 14% e 26% respectivamente para os grupos da vila e da mata, a categoria alimentação representou 13% para o grupo da vila e 8% para o grupo da mata, a categoria observador representou 1% para o grupo da vila e 11% para o grupo da mata e a categoria outros representou 9% dos registros para o grupo da vila e 7% para o grupo da mata. Os resultados encontrados ilustram a plasticidade ecológica que esta espécie pode apresentar e que possibilita a ocupação com sucesso de habitats distintos, mesmo quando o ambiente não apresenta influências aparentes de atividades antrópicas.

Palavras-chave: Callithirx, espécies exóticas, Mata Atlântica

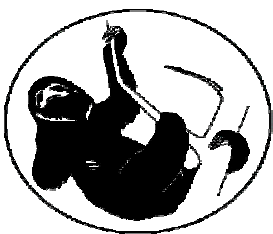
Financiadores: CAPES, Instituto BIOMAS

ESTIMATIVAS DE DENSIDADE DE *ALOUATTA CARAYA* E *CALLITHRIX PENICILLATA* EM REMANESCENTES DE CERRADO EM DUAS FAZENDAS DO GRUPO PLANTAR, MINAS GERAIS

Sara Machado de Souza (Bióloga - CECO - email: souza.bio@gmail.com)
Fabiano Rodrigues de Melo (UFG. - Centro de Estudos Ecológicos e Educação Ambiental-CECO)
Daniel Coelho (Estagiário Grupo Plantar)
Leandro M. Scoss (Programa TEAM/Rio Doce/Mamíferos terrestres/Instituto Terra Brasilis)

Área: Primates **Sub-Área:** Ecologia

Estimativas de densidades são importantes métodos para se avaliar status e dinâmica de populações, servindo de base para ações conservacionistas. Este estudo apresenta estimativas de densidade populacional do bugio-preto (*Alouatta caraya*) e do sagüi-de-tufos-pretos (*Callithrix penicillata*) em duas Fazendas do Grupo Plantar: Fazenda Buenos Aires II em Curvelo e Fazenda Buriti Grande, Morada Nova de Minas. Entre os meses de julho a dezembro de 2007 percorreu-se um total de 191,5km para o município de Curvelo e 188,9km para Morada Nova de Minas. Utilizou-se o método de transecções lineares e o software DISTANCE 5.0 foi empregado na análise dos dados. Obtivemos 26 visualizações de sagüi na Reserva do Certório (RC) e 29 para Reserva do Viveiro (RV) em Curvelo. A contagem de indivíduos apontou uma média de 5,0 indivíduos/grupo para ambas as reservas. Obtivemos um total de 43 indivíduos visualizados para RV e a densidade obtida foi de 2,38 ind./ha para esta área considerando o pequeno tamanho da reserva (18,8ha). Na RC, obtivemos 2,4 ind./10km percorridos para *C. penicillata*, considerando os mais de 1.000ha de cerrado e mata ciliar. Para a espécie *A. caraya*, foram feitos 11 avistamentos para a RV e 04 avistamentos para a RC e calculamos uma média de 07 indivíduos por grupo. Nos fragmentos florestais da Fazenda Buenos Aires II calculamos 0,7ind./10km percorridos para *A. caraya*. Em RV, a densidade obtida para esta espécie foi de 0,42 ind./ha. Para a Fazenda Buriti Grande foi visualizado apenas um grupo de 06 indivíduos de bugio, o índice de abundância foi de 0,7ind./10km percorridos, e para a espécie *C. penicillatta* foi de 1,21ind./10km percorridos e uma média de 05 indivíduos por grupo. As densidades são relativamente baixas, considerando o percurso total de 105,4km (contabilizados para o censo). As densidades populacionais obtidas para *C. penicillata* (densidade = 16,95 ind./km^2) e *A. caraya* (densidade = 85,72 ind./km^2) em Curvelo, são muito superiores às demais áreas, mas ainda assim encontram-se dentro de um padrão esperado para ambos os gêneros. O número total de indivíduos para ambas as espécies, calculados, demonstra ocorrer com razoável precisão, uma população entre 100 e 400 indivíduos para C. penicillata e entre 30 e 300 animais para *A. caraya*. Apesar de serem números razoáveis, estudos mostram que populações inferiores a 500 indivíduos não possuem chances de sobrevivência em longo prazo, além de estarem mais suscetíveis a processos estocásticos que podem rapidamente extingui-las, que é o presente caso.

Palavras-chave: bugio-preto, conservação, cerrado, Minas Gerais

Financiadores: Grupo Plantar

LEVANTAMENTO DE ÁRVORES GOMÍFERAS EXPLORADAS POR *CALLITHRIX PENICILLATA* NO PARQUE ECOLÓGICO DO CÓRREGO GRANDE (FLORIANÓPOLIS, SC)

Zago, L. (UFSC / luazagos@yahoo.com.br)
Daltrini, C. (UFSC)
Miranda, J. M. D. (Lab. Biodiversidade, Conservação e Ecologia de Animais Silvestres / UFPR)
Santos, C. V.
Passos, F. C. (Lab. Biodiversidade, Conservação e Ecologia de Animais Silvestres / UFPR)

Área: Primates **Sub-Área:** Ecologia

Callithrix penicillata possui sua distribuição original desde os estados do MA e do PI até o norte de SP, ocupando ambientes de cerrado, cerradão e matas de galeria. Esta espécie, entre outras do gênero, vem sendo introduzida em estados do Sudeste e Sul do país inclusive na Ilha de Santa Catarina. A exploração de gomas por primatas do gênero *Callithrix* é de grande importância principalmente em épocas de escassez de alimento, em função de sua riqueza como fonte permanente de carboidratos. Este trabalho tem por objetivo levantar as espécies e o número de árvores exploradas para extração de exsudato como recurso alimentar de um grupo de *C. penicillata* (espécie introduzida) em um fragmento urbano na Ilha de Santa Catarina. O trabalho foi realizado no Parque Ecológico do Córrego Grande, fragmento de 21,5 ha de Floresta Ombrófila Densa em estágios iniciais e médios de regeneração. Espécies arbustivas e arbóreas foram levantadas por busca, com auxílio de binóculos, de marcas de escavação características, feitas pelos incisivos e caninos inferiores de *C. penicillata*, que são especializados para esta atividade. A busca foi realizada em toda área de uso do grupo de estudo, este é formado por 13 indivíduos e ocupa uma área de uso aproximada de 4 ha (método do mínimo polígono convexo). Foi observado um total de 6 famílias de plantas exploradas pelos animais, distribuídas em 33 árvores. A família Fabaceae apresentou 6 espécies diferentes em 21 árvores exploradas; Annonaceae, 1 espécie em 5 árvores; Meliaceae, 1 espécie em 4 árvores; e Combretaceae, Malvaceae e Euphorbiaceae apresentaram apenas uma árvore de cada uma destas famílias. Destacaram-se pelo número de árvores exploradas e pelo número de escavações encontradas as espécies: *Cedrela fissilis* com 4 árvores, *Rollinia mucosa* com 5, *Inga marginata* com 4, *Bauhinia variegata* com 7 e *Enterolobium contortisiliquum* com 4. Tais resultados parecem estar associados à (1) proximidade da área de dormida à árvores de *E. contortisiliquum*, à (2) menor rigidez da superfície do caule e maior liberação de exsudato por *I. marginata* e à (3) frutificação também explorada por *C. penicillata* em *R. mucosa*.

Palavras-chave: *Callithrix penicillata*, introduzidos, exsudato, alimentação

ANÁLISE DOS FATORES LOCAIS DE AMEAÇA ÀS POPULAÇÕES NATURAIS DE *ALOUATTA GUARIBA CLAMITANS* NA REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE (RS)

Thais Michel (Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul e Programa Macacos Urbanos); **Juliane Nunes Hallal Cabral** (Programa Macacos Urbanos-UFRGS); **Rafael Suertegaray Rossato** (Programa Macacos Urbanos-UFRGS); **Gerson Buss** (Programa Macacos Urbanos-UFRGS); **Mariele Lopez** (Programa Macacos Urbanos-UFRGS); **Marcela Meneghetti Baptista** (Programa Macacos Urbanos-UFRGS); **Márcia Maria de Assis Jardim** (Fundação Zoobotânica RS - masto@fzb.rs.gov.br)

Área: Primates **Sub-Área:** Ecologia

O bugio-ruivo (*Alouatta guariba clamitans*, Cabrera, 1940) ocorre desde o Espírito Santo até o Rio Grande do Sul e Argentina. Apesar de ser o primata com a maior abrangência geográfica no Estado, encontra-se regionalmente com o status de vulnerável à extinção, principalmente pela destruição, fragmentação e descaracterização da floresta atlântica e ecossistemas associados. Na região metropolitana de Porto Alegre, o crescente avanço da urbanização em direção aos fragmentos florestais é um sério risco a persistência das populações remanescentes de bugios-ruivos. Diante desta situação, o Setor de Mastozoologia do Museu de Ciência Naturais (FZB / RS) em conjunto com Programa Macacos Urbanos (Departamento de Zoologia / UFRGS) vêm realizando a coleta dos registros de primatas manejados nos principais gestores de fauna do Estado, como Núcleo de Fauna do IBAMA e Comando Ambiental da Brigada Militar, CETAS e Criatórios Conservacionistas, além do acompanhamento in loco do manejo dos animais. O objetivo é obter um diagnóstico dos principais fatores locais de ameaça à espécie que possa servir de subsídio para programas de manejo e conservação na região. De todos os registros obtidos, considerou-se apenas os casos em que o local de origem do indivíduo e a causa que levou ao manejo eram conhecidos (n=72). Os principais motivos de ocorrência foram categorizados como eletrocussões acidentais (25%), atropelamentos (12%), doenças/debilitação, (11%), captura por moradores (10%), agressão por cães (10%) agressão por pessoas (7%), animais ilegalmente domesticados (5%) e animais mortos sem causa definida (20%). Na maioria dos casos houve a morte dos indivíduos (53%) ou o encaminhamento do animal para cativeiro (18%), sem posterior retorno a natureza. Considerando apenas animais nos quais o sexo ou a idade puderam ser definidos (n=44), a maior parte dos registros refere-se a machos adultos (54%), seguido de fêmeas adultas (23%) e animais imaturos (23%), sem relação direta com as categorias de ocorrência citadas acima. O predomínio de machos adultos pode ser decorrente de indivíduos dispersantes, considerando que eventos de dispersão são freqüentes nesta categoria sexo-etária e expõem os animais a uma situação de maior vulnerabilidade aos fatores de ameaça em relação aos demais indivíduos. A maioria das ocorrências relacionadas à proximidade humana evidencia o avanço da matriz urbana sobre os ambientes naturais como uma das principais ameaças a espécie nessa região do estado, reduzindo efetivamente a permeabilidade da matriz necessária à manutenção da dinâmica de fluxos populacionais dos bugios-ruivos entre os fragmentos florestais, sendo necessárias ações locais específicas direcionadas à minimização destes conflitos.

Palavras-chave: bugio-ruivo, conservação, conflitos, urbanização, manejo

Financiadores: PIBIC/CNPq

ESTRUTURA SOCIAL E USO DO ESPAÇO EM UM GRUPO DE MURIQUIS-DO-NORTE, *BRACHYTELES HYPOXANTUS* (PRIMATES, ATELIDAE) EM UM REMANESCENTE FLORESTAL DO MUNICÍPIO DE SANTA TERESA, ESPÍRITO SANTO

Vieira, L. A (APROMAI / MBML / apromaiambiental@gmail.com); **Dalla, J.** (APROMAI); **Schumacher. T.M.** (APROMAI / ESFA); **Streig, R.** (APROMAI / ESFA); **Santos, P. A.** (ESFA / MBML); **Almeida, D. V.** (APROMAI / ESFA) **Sepulcri, B. N.** (APROMAI / ESFA); **Taylor, V. R.** (APROMAI); **Barros, E. H.** (MBML)

Área: Primates **Sub-Área:** Ecologia

O Muriqui-do-norte, *Brachyteles hypoxantus*, é um primata endêmico da Mata Atlântica cuja distribuição original provavelmente restringia-se aos estados da Bahia, Espírito Santo e Minas Gerais. A redução e a fragmentação desse bioma, a caça amadorística e de subsistência, reduziram drasticamente suas populações, sendo que hoje, a espécie está representada por pequenas populações isoladas em remanescentes florestais, e que, no total, podem somar menos de 800 indivíduos. O presente estudo trata de um grupo de Muriquis que habita um remanescente de Mata Atlântica com aproximadamente 300 hectares situado na localidade de Santo Henrique, município de Santa Teresa, região centro-serrana do Espírito Santo. O remanescente é composto por trechos de florestas em estágios médios e avançados de regeneração. O grupo aqui estudado foi descoberto em agosto de 2005, e, em agosto de 2007, deu-se início a abertura de trilhas com vistas ao acompanhamento dos animais. Após um esforço inicial de três meses para a habituação a presença humana, foi dado início a etapa de identificação etário-sexual e reconhecimento individual dos animais. Por meio do padrão de despigmentação da face e genitália, entre outras características, foi possível reconhecer e nomear os indivíduos do grupo. Foram, por tanto, identificados oito indivíduos neste grupo, sendo quatro machos adultos, uma fêmea adulta, uma fêmea subadulta, um juvenil I macho e um infante I (indeterminado), além de um indivíduo não identificado. Após seis meses de observações, o grupo utilizou cerca de 100 hectares, o que representou 33% da área total do remanescente. Algumas vezes os indivíduos estão relativamente dispersos no ambiente, mas normalmente eles se deslocam em conjunto. Foi observado diversas vezes um indivíduo, ao qual foi conferido o nome de Cassiano, deslocando-se perifericamente em relação ao grupo, fato este ainda não explicado, sabendo-se que os machos dessa espécie são filopátricos e que as fêmeas normalmente dispersam para outros grupos quando subadultas. Ações envolvendo a preservação da espécie devem priorizar o estudo de sua ecologia e viabilidade populacional além da criação de Unidades de Conservação para garantir a manutenção dos corredores de dispersão, que facilitem o contato entre as prováveis subpopulações existentes na região.

Palavras-chave: Mata Altântica, identificação etário-sexual, área de vida e conservação

Financiadores: Fundação O Boticário de Proteção a Natureza

ESTIMATIVAS POPULACIONAIS DA COMUNIDADE DE PRIMATAS EM UM REMANESCENTE FLORESTAL PERI-URBANO NA AMAZÔNIA SUL-OCIDENTAL

Thiago Bento de Alencar (Laboratório de Mastozoologia/ UNIR/ bio_takeyan@yahoo.com.br)
Mariluce Rezende Messias (Laboratório de Mastozoologia/ UNIR)
Marcela Álvares Oliveira (Laboratório de Mastozoologia/ UNIR)
Bruno Stefany Feitoza Barros (Departamento de Biologia/ UNIR)
Luana Cardoso de Andrade (Departamento de Biologia/ UNIR)

Área: Primates **Sub-Área:** Ecologia

O processo global de fragmentação de habitats é uma das mais profundas alterações causada pela ação antrópica ao meio ambiente. Os primatas são considerados um dos melhores grupos indicadores de perturbação ambiental por serem arborícolas, ocuparem diferentes nichos e por apresentarem diferentes dietas. O objetivo deste trabalho foi estimar a abundância relativa e a densidade das espécies de primatas ocorrentes no fragmento florestal pertencente ao Campus José Ribeiro Filho da Fundação Universidade Federal de Rondônia no município de Porto Velho, região noroeste de Rondônia. Área de estudo apresenta aproximadamente 50 ha de mata composta pela fitofisionomia de Floresta Ombrófila Aberta de Terras Baixas. Os dados referentes ao inventário foram coletados a partir de observações diretas dos animais ou detecção indireta de sua presença. Para as estimativas populacionais foi utilizado o método de transecção linear. De Outubro de 2005 a Outubro de 2007, foram percorridos 119,95 km no sistema de trilhas do fragmento e registradas cinco espécies pertencentes a três famílias; sendo elas: *Mico nigriceps* (sagüi-de-cabeça-preta), *Saguinus fuscicollis* (soim-preto), *Callicebus brunneus* (zogue-zogue), *Pithecia irrorata* (macaco-velho) e *Cebus apella* (macaco-prego). Foram obtidos 70 avistamentos e apenas uma espécie não foi registrada em censo: *C. apella*. A abundância relativa foi estimada para as quatro espécies com taxa de avistamento/10km percorridos: *M. nigriceps* - 2 avist./10km, *S. fuscicollis* -1,75 avist./10km, *P. irrorata* - 1,41 avist./10km e *C. brunneus* - 0,66 avist./10km. Foi possível estimar a densidade absoluta somente para três espécies: *S. fuscicollis* (27,40 ind/km^2; 5,65 grup./km^2); *M. nigriceps* (19,72 ind/km^2; 3,70 grup./km^2) e *P. irrorata* (9,31 ind/km^2; 2,40 grup./km^2). É possível que a predominância das espécies da família Callithrichidae no fragmento ocorra por serem beneficiadas por ambientes fragmentados onde há aumento na abundância de suas presas animais e locais de maior proteção contra predação. Os pitecídeos apresentam certa flexibilidade quanto a dieta por utilizarem folhas para suprir a falta de frutos no período seco além de casca de árvores e insetos. Foi observado a formação de associações mistas entre todas as espécies de primatas encontradas. O intenso processo de fragmentação pode constituir a principal razão para as formações destas associações mistas fazendo com que estas espécies usem esta estratégia como forma de maximizar o seu forrageio. A comunidade de primatas deste fragmento apresenta, assim, grande flexibilidade ambiental para a utilização de ambientes perturbados por pressões antrópicas.

Palavras-chave: Amazônia, Rondônia, transecção linear, primatas, fragmentação

SUCESSO REPRODUTIVO DE PRIMATAS NEOTROPICAIS DA FPZSP

Tatiane Dubovicky (Fundação Parque Zoológico de São Paulo / dubovicky@yahoo.com.br)
Wagner Rafael Lacerda (DEPAV 3)
Mara Cristina Marques (Fundação Parque Zoológico de São Paulo)

Área: Primates **Sub-Área:** Ecologia

Por ser uma região neotropical, o Brasil conta com uma grande diversidade de primatas. Dentre as mais de 100 espécies, podemos encontrar várias ameaçadas de extinção, como os micos-leões (*Leontopithecus* spp.). Estratégias de conservação ex situ como manejo genético aumentam suas chances de sobrevivência. Com o objetivo de mostrar o sucesso reprodutivo de algumas populações mantidas na Fundação Parque Zoológico de São Paulo (FPZSP), foi realizado um levantamento de dados a partir de fichas cadastrais dos indivíduos cativos desde o ano de 2000. A análise conta com o nascimento de 40 fêmeas, 47 machos e 44 de sexo indeterminado de *Leontopithecus* spp, 28 fêmeas, 35 machos e 20 de sexo indeterminado de Saguinus spp, 11 fêmeas e 4 machos de *Ateles* spp, 21 fêmeas, 31 machos e 8 de sexo indeterminado de *Cebus* spp, 1 fêmea e 2 machos de *Aotus* spp, 1 fêmea de *Alouatta* spp, e 1 fêmea, 2 machos e 1 de sexo indeterminado de *Saimiri scireus*, totalizando 102 fêmeas, 123 machos e 66 de sexo indeterminado de 16 diferentes espécies. Durante a estação chuvosa ocorreram 71% dos nascimentos e 29% na estação seca. Estas informações são compatíveis com dados da literatura, que indicam a época de nascimentos entre os meses de setembro a março na maioria dos primatas neotropicais. *L. chrysomelas* destaca-se com 95 nascimentos registrados, seguido por *C. penicillata*, com 59, *C. apella* com 54, *C. jacchus* e *L. chrysopygus*, com 22 e 20 nascimentos respectivamente e entre as demais espécies houveram nascimento de 1 à 10 filhotes. É importante destacar que a FPZSP registrou o nascimento de 4 indivíduos de *C. xanthosternos*, o qual encontra-se listado como criticamente em perigo pela IUCN. A reprodução em cativeiro é uma ferramenta de fundamental importância para a conservação e estudos sobre o comportamento de primatas neotropicais.

Palavras-chave: Primatas, reprodução, cativeiro

ALELOS PRIVATIVOS PARA ESPÉCIES DE MACACO-PREGO (GÊNERO *CEBUS*) E IDENTIFICAÇÃO DE POTENCIAIS HÍBRIDOS EM CATIVEIRO

Romari A. Martinez (DCFH-UESC / cebus@yahoo.com)
Claudine G. Oliveira (PPG em Genética e Biologia Molecular - UESC)
Victor C. Santana (Discente do DCB - UESC)
Livia B. Couto (Discente do DCB - UESC)
Fernanda A. Gaiotto (DCB-UESC)
Martín R. Alvarez (DCB-UESC)

Área: Primates **Sub-Área:** Genética

Os macacos-prego, gênero *Cebus* (Platyrrhini: Cebidae) são primatas que manifestam extrema plasticidade fenotípica e comportamental. Tais caracteríticas resultam na difícil identificação por caracteres morfológicos, tornando a classificação de animais cativos um verdadeiro problema para a maioria dos zoológicos que possuem plantéis de *Cebus* sp. Para este trabalho, foi coletado material biológico (sangue, pêlos e fezes) de18 animais provenientes dos zoológicos de São Paulo e Sorocaba (SP) e 18 do Centro de Primatas da UnB (DF), todos de procedência incerta ou desconhecida, e com fenótipos que não permitem uma classificação taxonômica incontestável (presumivelmente “híbridos”). O DNA foi extraído com CTAB ou utilizando kit Qiagen de extração, e os primers de microssatélites foram obtidos da literatura, considerando aqueles desenhados para *Cebus apella* ou mencionados como polimórficos para essa espécie. Foram analisados 6 locos microssatélites (PEPC8, PEPC59, D4S411, D2S382, SB19 e D16S505) comparando os padrões dos “híbridos” com animais positivamente identificados como *Cebus xanthosternos*, *Cebus apella*, *Cebus robustus* e *Cebus libidinosus*. Dois *loci* (SB19 e PEPC59) não mostraram polimorfismos para os indivíduos “puros” e do Centro de Primatas da UnB (DF), e sim para apenas os “híbridos” dos Zoológicos de São Paulo e Sorocaba. O *locus* PEPC8 mostrou alelos privativos para *C. xanthosternos*, *C. libidinosus*, *C. robustus* e *C. nigritus*, D2S382 para *C. xanthosternos*, *C. apella*, *C. robustus* e *C. nigritus*, D16S505 para *C. xanthosternos* e *C. libidinosus* e D4S411 apenas para *C. libidinosus*. Todos estes alelos estavam presentes de modo variável e misturado nos indivíduos “híbridos”. A análise de diversidade alélica direciona à detecção de maior diversidade genética entre “híbridos” do que entre “puros”. As análises genéticas serão aprofundadas até determinar se é possível catalogar um indivíduo como “híbrido” apenas por este médio.

Palavras-chave: microssatélites; variabilidade genética, manejo, cativeiro, *Cebus* sp.

Financiadores: CAPES, FAPESB, Margot Marsh Foundation, CEPF

LEVANTAMENTO E CENSO DE PRIMATAS EM FRAGMENTOS DE MATA ATLÂNTICA NA REGIÃO DE SOUSAS E JOAQUIM EGÍDIO, CAMPINAS/SP

Elson Fernandes de Lima (Universidade Estadual Paulista-Rio Claro / elson.lima@gmail.com)
Eleonore Zulnara Freire Setz (Departamento de Zoologia / IB / UNICAMP)

Área: Primates **Sub-Área:** Levantamento

A Mata Atlântica, um dos biomas mais ameaçados do mundo, possui alta biodiversidade e endemismos, restando apenas 7% de sua área original. O município de Campinas está incluído no domínio vegetal de Mata Atlântica com transição para Cerrado, onde restam menos de 3% de floresta estacional semidecidual. A fragmentação de áreas naturais, a caça ilegal e a introdução de espécies exóticas são os principais motivos de extinção de espécies. Neste estudo buscou-se identificar a riqueza e a densidade populacional de primatas em oito fragmentos de mata na região da Área de Proteção Ambiental de Sousas e Joaquim Egídio, (entre 47°02'W-22°43'S e 46°48'W-22°57'S), área de ocorrência do mico-estrela (*Callithrix penicilatta*), do macaco-prego (*Cebus nigritus*) e dos ameaçados, sagüi-da-serra-escuro (*Callithrix aurita*), sauá (*Callicebus nigrifrons*) e bugio-ruivo (*Alouatta guariba clamitans*). Os fragmentos variam entre um e 24 ha com formatos variados e diferentes composições de capoeiras e matas secundárias, numa matriz agrícola. O levantamento foi feito entre maio de 2007 e abril de 2008 através de contagens absolutas dos grupos, identificando a espécie e o número de indivíduos. Cada avistamento foi georreferenciado com um GPS Garmin Camo Etrex®. Os grupos foram diferenciados pelo local dos reavistamentos, composição sexual e etária. Por serem territoriais, sauás foram atraídos através do uso de playbacks. Micos-estrela foram avistados em seis fragmentos, bugios em cinco e sauás em dois. Em cinco fragmentos, foram observados grupos de *Callithrix jacchus* (sagüi-comum), exóticos na região. Em dois fragmentos foram encontrados grupos mistos e híbridos de *Callithrix jacchus* e *C. penicillata*. A área total amostrada foi de 74 hectares, onde foram contados 140 primatas com densidade média de 183,8 indivíduos/km². O bugio foi a espécie mais numerosa com 45 indivíduos e densidade populacional média de 60,8 indivíduos/km². Foram observados 41 micos-estrela com 55,4 ind/km², 35 sagüis-comum (47,3 ind/km²), 12 sagüis híbridos (16,2 ind/km²) e pelo menos três sauás (4,1 ind/km²). Não foram encontrados *Callithrix aurita* e *Cebus nigritus*. Este trabalho evidencia vários problemas da fragmentação. As densidades populacionais são acima da média, podendo estar relacionadas à redução de populações de predadores intermediários pela diminuição da área, e ao aumento na abundância de itens alimentares relacionados à alta proporção de bordas, como folhas e insetos para espécies como o bugio folívoro e os sagüis insetívoros e gomívoros. A presença de *C. jacchus* e híbridos pode também estar concorrendo para a exclusão competitiva de *C. aurita*.

Palavras-chave: fragmentação, exótico, híbridos, densidade populacional e riqueza.

Financiadores: FAPESP (06/61778-5), Neotropical Grassland Conservancy e IdeaWild.

DESCRIÇÃO HISTOLÓGICA DO TUBO GASTROINTESTINAL DO PRIMATA *CALLITHRIX GEOFFROYI* HUMBOLDT, 1812

Joana L. A. F. Santos (Depto.de Biologia / UNILINHARES)
Manuel J. Simões (Depto.de Biologia / UNILINHARES)
Helder José (Depto.de Biologia / UNILINHARES / helderjose@ig.com.br)

Área: Primates **Sub-Área:** Morfologia

O sistema digestório dos mamíferos é constituído por cavidade bucal, faringe, esôfago, estômago, intestino delgado e grosso, reto e ânus e suas funções principais são digerir e absorver os nutrientes dos alimentos ingeridos. A estrutura histológica desses órgãos consiste nos estratos mucoso, submucoso, muscular e seroso. O intuito desse trabalho foi verificar se o tubo gastrointestinal do primata *Callithrix geoffroyi* segue ou não o padrão histológico dos outros mamíferos. Material de um espécime foi coletado e submetido às técnicas histológicas convencionais. O estômago constitui-se de um epitélio de revestimento simples, que se invagina constituindo as glândulas gástricas, formadas por células mucosas superficiais e do colo, parietais e principais. Essas células estão em contato com a lâmina própria de tecido conjuntivo frouxo. Subjacente, estão a muscular da mucosa, as camadas musculares circular e longitudinal, com fibras musculares lisas e, externamente, a serosa formada por um delgado conjuntivo frouxo revestido por um epitélio pavimentoso simples. No intestino delgado, o duodeno apresenta uma mucosa com muitas vilosidades longas e digitiformes, contendo no seu interior um tecido conjuntivo frouxo com uma grande variedade celular. Na base das vilosidades, o epitélio colunar simples invagina-se para o conjuntivo da lâmina própria, formando as glândulas intestinais. Um tecido conjuntivo moderadamente denso separa a mucosa das muitas glândulas de Brünner na camada submucosa. Abaixo, estão as camadas musculares e a serosa. O Íleo se apresenta com a mesma constituição do duodeno, entretanto, na mucosa as vilosidades são mais desenvolvidas e de sua base invaginam-se grandes glândulas intestinais. Entre essas, há um delgado conjuntivo que as separa da desenvolvida camada muscular lisa, também revestida pela serosa. No intestino grosso, a mucosa é revestida por um epitélio colunar simples com muitas células caliciformes. Suas invaginações originam inúmeras glândulas tubulares simples, algumas ramificadas. Interposta entre a mucosa e a submucosa está a fina muscular da mucosa. Abaixo dessa, a camada muscular lisa é envolta por uma serosa sem apêndices epiplóicos, diferente dos humanos. Até onde foi analisado, não foram encontrados os plexos nervosos submucoso e mioentérico e as placas de Peyer no íleo. Conclui-se que o tubo gastrointestinal de *C. geoffroyi* apresenta o mesmo padrão histológico geral dos mamíferos, porém com pequenas modificações.

Palavras-chave: Tubo digestório, sagüí-da-cara-branca, histologia

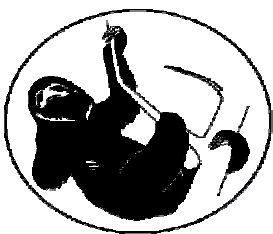
ONTOGENIA DO DIMORFISMO SEXUAL CRANIANO E DESENVOLVIMENTO DOS TUFOS DO CAPUZ EM SEIS ESPÉCIES DE MACACOS-PREGO, GÊNERO *CEBUS* ERXLEBEN, 1777 (PRIMATES, CEBIDAE)

Cleuton Lima Miranda (Laboratório de Mastozoologia / MPEG / cleutonlima@yahoo.com.br)
José de Sousa e Silva Júnior (Laboratório de Mastozoologia/MPEG)
Dijane Pantoja Monteiro (Laboratório de Mastozoologia/MPEG)
Victor Fonsêca da Silva (Laboratório de Mastozoologia/MPEG)

Área: Primates **Sub-Área:** Morfologia

A maioria dos estudos sobre dimorfismo sexual em primatas tem utilizado somente exemplares adultos. Entretanto, a falta de estudos sobre idades anteriores à adulta pode acarretar no entendimento incompleto da natureza deste dimorfismo, pois adultos de diferentes táxons podem constituir o resultado de pressões seletivas distintas agindo sobre diferentes estágios do desenvolvimento de um organismo. Neste sentido, níveis similares de dimorfismo sexual podem ser gerados por diferentes processos ontogenéticos. Os objetivos deste estudo foram verificar as diferenças sexuais cranianas e no grau de desenvolvimento dos tufos do capuz ao longo da ontogenia de seis espécies de macacos-prego (*Cebus apella, C. macrocephalus, C. libidinosus, C. cay, C. nigritus e C. robustus*) e confrontar os resultados obtidos entre as espécies. Para tanto, examinamos 774 espécimes depositados em coleções científicas brasileiras. Mensuramos 20 variáveis craniométricas, examinamos 12 caracteres cranianos discretos e estabelecemos quatro estados de caráter para o grau de desenvolvimento dos tufos. Avaliamos o dimorfismo sexual através do teste *t* e empregamos Análise de Componentes Principais e Análise Discriminante para testar a significância dos agrupamentos etários (infantes, jovens, subadultos e adultos, sendo este último dividido em AD1 e AD2 para *C. apella*). Os resultados mostraram que diferenças sexuais cranianas podem ser evidenciadas somente a partir da idade subadulta (cerca de 3,5 anos), sendo o comprimento dos caninos a mais conspícua. Contudo, estas diferenças não foram estatisticamente significativas nesta idade. Somente a partir da idade adulta (a partir de 5 anos) a maior parte das variáveis cranianas passou a apresentar dimorfismo significativo, com as espécies comportando-se de modo distinto em relação ao tipo e número de variáveis dimórficas. As espécies que apresentaram maior número de variáveis significativas foram *C. apella* e *C. robustus* (N=15), seguidas de *C. nigritus* (N=13), *C. libidinosus* (N=10), *C. cay* (N=7) e *C. macrocephalus* (N=3). As espécies de macacos-prego também difereriram entre si quanto ao grau de desenvolvimento dos tufos do capuz. Constatei que o desenvolvimento desta estrutura está relacionado à idade, não existindo dimorfismo sexual quanto ao grau de desenvolvimento dos tufos em *C. apella*, *C. cay*, *C. robustus* e *C. nigritus*. Em contrapartida, parece existir dimorfismo sexual negativo neste caráter em *C. libidinosus*, fato que carece de maiores investigações. Os resultados deste estudo sugerem que as espécies de macacos-prego podem ter experimentado diferentes graus e/ou tipos de pressões seletivas quanto ao dimorfismo sexual ao longo de sua história evolutiva.

Palavras-chave: Cebus, dimorfismo sexual, ontogenia, morfologia craniana

Financiadores: CNPq e IDSM

ARRANJO DOS COMPONENTES DO TECIDO INTERTUBULAR EM PRIMATA BABUÍNO (*PAPIO PAPIO*) ADULTO

Maytê Koch Balarini (Depto de Veterinária da UFV - maytebio@yahoo.com.br)
Tarcízio Antônio Rego de Paula (Depto de Veterinária da UFV)
Juliano Vogas Peixoto (Depto de Veterinária da UFV)
Sérgio Luis Pinto da Matta (Depto de Biologia Geral da UFV)
Guilherme de Sousa Camponêz (Depto de Biologia Geral da UFV)
Thyara de Deco Souza (Depto de Veterinária da UFV)
Danielle Barbosa Morais (Depto de Biologia Geral da UFV)

Área: Primates **Sub-Área:** Morfologia

As espécies pertencentes à Ordem Primates apresentam grande variação tanto nos aspectos morfológicos fenotípicos, quanto nos comportamentais reprodutivos. Babuínos são os primatas do velho mundo que melhor se adaptam à vida terrestre. Vivem em grupos grandes com sistema de acasalamento promiscuo onde os machos exercem domínio sobre as fêmeas. Estudos morfofuncionais dos testículos são importantes no conhecimento biológico e estabelecimento de protocolos em reprodução assistida. A porção endócrina do testículo de mamíferos é representada pelas células de Leydig as quais, juntamente com células conjuntivas, leucócitos, vasos sangüíneos e linfáticos, formam o tecido intertubular. O arranjo destes diferentes componentes é fundamental na manutenção dos elevados níveis intratesticulares e séricos de testosterona. No presente estudo objetivou-se caracterizar o espaço intertubular do testículo de babuínos adultos. Foram coletados fragmentos de testículo de três exemplares adultos provenientes do Zoológico de Paulinea-SP por meio de biópsia incisional testicular, sob anestesia geral dissociativa. Os fragmentos foram processados histologicamente para a obtenção de lâminas histológicas com cortes de três micrômetros de espessura, estes foram corados com azul de toluidina-borato de sódio a 1%, e analisados em microscópio de luz. O arranjo e a proporção dos componentes intertubulares variam nas diferentes espécies de mamíferos e formam mecanismos que mantêm o nível de testosterona de 40 a 250 vezes maior no intertúbulo testicular em relação ao sangue periférico, para manutenção da espermatogênese (Hales, 2002). De acordo com Fawcett *et al* (1973), o arranjo e a proporção dos elementos constituintes do espaço intertubular nas diferentes espécies de mamíferos investigadas até o presente momento seguem, em geral, três padrões distintos. O babuíno apresenta arranjo indicativo do padrão 2, com grupos de células de Leydig espalhados em abundante tecido conjuntivo frouxo edemaciado, o qual é drenado por um vaso linfático localizado central ou excentricamente no espaço intertubular, semelhante ao observado no homem e em outros primatas já estudados.

Palavras-chave: Babuíno, testículo, espaço intertubular, células de Leydig

Financiadores: FAPEMIG

OCORRÊNCIA DE PARASITOS GASTRINTESTINAIS EM PRIMATAS DA ESPÉCIE *CALLITHRIX PENICILLATA*

Vanessa da Silva Nogueira (Lab. de Biologia / UGB / vanessaarque@bol.com.br)
Shirley dos Anjos Suhett (Lab. de Biologia / UGB)

Área: Primates **Sub-Área:** Parasitologia

As enteroparasitoses constituem um grave problema de saúde pública em países subdesenvolvidos e em desenvolvimento, sendo registradas elevadas taxas de prevalência em diversas regiões. É importante que haja estudos sobre parasitos gastrointestinais em primatas de cativeiro para o manejo da colônia e manutenção da saúde das pessoas que trabalham com esses animais, pois muitos destes parasitos são potentes causadores de zoonoses. Outros estudos apontam que os símios são naturalmente infectados por parasitos patogênicos do homem, desta forma, o objetivo do estudo visa registrar a ocorrência de parasitos gastrintestinais em primatas brasileiros mantidos em cativeiro e em condições especiais de manejo para possíveis medidas profiláticas, evitando assim a contaminação do meio em vivem. Entre o período de abril a maio foram coletadas amostras fecais de exemplares da espécie *Callithrix penicillata* do plantel do Zoológico Municipal e de indivíduos livres oriundos da Floresta da Cicuta no município de Volta Redonda. Foram coletadas um numero de 6 amostras em dias alternados, acondicionadas e identificadas em recipientes estéreis e encaminhadas para análise junto ao Laboratório de Biologia da Universidade, para processamento de acordo com as técnicas da Sedimentação Espontânea (HPJ). As amostras pertencentes aos exemplares analisados do zoológico, não se constataram a presença de nenhuma espécie de parasita gastrointestinal. No entanto, os animais da Floresta da Cicuta apresentaram-se infectados por ovos de *Schistossoma* sp. e *Eimeria* spp. O resultado negativo nos sagüis do zoológico evidencia que esses animais estão saudáveis. Isto se deve, provavelmente, à boa qualidade das técnicas de manejo dos animais adotados por colaboradores do zoológico. Os indivíduos de sagüis (Floresta da Cicuta) apresentaram-se infectados, isto pode estar relacionado com o habitat e o nicho desses animais livres.

Palavras-chave: Símios, habitat, zoonoses

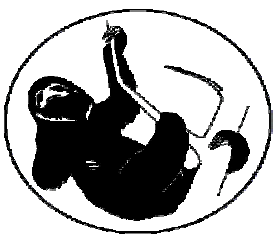
PROGRAMA C.E.B.U.S. (CENSUS, ECOLOGY AND BEHAVIOR UNIFIED SOFTWARE): FERRAMENTA PARA COLETA DE DADOS ECOLÓGICOS E COMPORTAMENTAIS NO CAMPO

Waldney Pereira Martins (Departamento Biologia Geral / UFMG / wpmonkey@yahoo.com.br)
Ernani Alexandre Campaneli Hoffman
Daniel Furini Pereira
Luciana Regina Guimarães Bessa (Departamento de Microbiologia / UFMG)

Área: Primates **Sub-Área:** Outros

Pesquisas sobre ecologia e comportamento envolvendo coletas de dados sistemáticas são bastante comuns nos estudos de campo, sobretudo em primatas. Contudo, tanto a coleta no campo quanto a inserção desses dados em planilhas para análise demandam precioso tempo dos pesquisadores. Com intuito de facilitar e automatizar a coleta e ainda minimizar o tempo gasto durante a inserção de dados em planilhas, foi desenvolvido o CEBUS (*Census Ecology Behavior Unified Software*), um software baseado na linguagem de programação C#. Este software permite o cadastro de dados em um *Palmtop* no exato momento da observação dos primatas na coleta de dados no campo, através de uma navegação rápida e facilitada. Além desta versão pocket, também foi desenvolvido um software administrador, integrado a um banco de dados, para o qual os dados são transferidos quando o *Palmtop* é conectado a um computador. No software administrador, há um módulo de relatórios que contabiliza as informações cadastradas e gera dados que podem, posteriormente, ser importados em uma planilha para análises estatísticas detalhadas. O programa ainda permite análises preliminares dos dados, gerando gráficos, desde o primeiro dia de coleta, o que se traduz em mais uma economia de tempo para o pesquisador, além de permitir o monitoramento constante dos resultados. Com isso é possível realizar ajustes no método de coleta ou mesmo efetuar coleta de dados complementares para desenvolvimento de análises posteriores. O programa vem sendo usado no Projeto Robustus (fase II): Ecologia e comportamento do macaco-prego-de-crista (*Cebus robustus*) que está sendo realizado na Reserva Natural Vale, Linhares, ES. A agilidade na coleta de dados no campo, dispensando a anotação em cadernetas, é notável já que tudo é feito com um simples toque na tela do *Palmtop*. Embora essa rapidez não possa ser mensurada para que seja comparada, visto que existem inúmeras variáveis que fogem ao controle do pesquisador (tais como: viés do observador; posição, tipo de habitat e velocidade de deslocamento do grupo/animal de estudo; clima seco ou chuvoso; etc), é no momento de inserção dos dados na planilha que vemos o melhor benefício do programa, uma vez que, sem o uso do software, tal tarefa, dependendo do volume, podia levar entre semanas a meses para ser realizada. Sendo assim, o programa CEBUS vem para otimizar o tempo gasto nas pesquisas, possibilitando que o pesquisador permaneça mais tempo no campo sem se preocupar com o esforço dedicado à inserção de dados nas planilhas.

Palavras-chave: Software, Palmtop, planilhas, primata

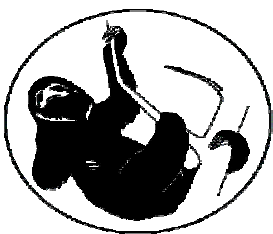
Financiadores: CNPq

UM ESTUDO PRELIMINAR DO COMPORTAMENTO DO PREÁ *CAVIA INTERMEDIA*, UMA ESPÉCIE ENDÊMICA DAS ILHAS MOLEQUES DO SUL, SANTA CATARINA

Nina Furnari (Laboratório de Psicoetologia / IP-USP / ninafurnari@yahoo.com.br)
César Ades (Laboratório de Psicoetologia / IP-USP)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Comportamento

Há poucos estudos sobre o preá *Cavia intermedia*, uma espécie ameaçada de extinção endêmica de uma das ilhas de Moleques do Sul. Em termos filogenéticos, *C intermedia* parece estar mais próxima de *C. magna* do que de *C. aperea*, o que reforça a hipótese de que sua origem esteja relacionada ao isolamento de uma população de *C. magna* há cerca de oito mil anos, quando houve um aumento do nível do mar, formando as Ilhas Moleques do Sul. A partir dos dados ecológicos de Salvador (*Biologia da conservação na teoria e na prática: o estudo de caso de Cavia intermedia, um dos mamíferos mais raros do planeta*, 2006) e Olímpio (*Morfologia, Ecologia e Biogeografia de uma nova espécie de Cavia numa das ilhas Moleques do Sul no litoral de Santa Catarina*, 1991), descrevemos o repertório comportamental e organização social de *C. intermedia*, relacionando-a com possíveis efeitos da síndrome insular. Para tanto, realizamos viagens mensais à ilha com duração de 8 dias em que, além do registro do clima e da vegetação, obtemos dados sobre sexo, tamanho, peso e condição reprodutiva de espécimes capturados em armadilhas. Registros comportamentais são efetuados em três áreas de forrageamento, sendo possível, até agora, o reconhecimento de 28 indivíduos marcados por nós. As observações preliminares mostram que: (1) os animais forrageiam em áreas de vegetação rasteira, tendo regiões próximas de refúgio; (2) suas áreas diárias de uso são pequenas e se sobrepõem (são geralmente avistados/capturados em locais próximos); (3) o forrageamento se dá, em geral, de forma coletiva, em agrupamentos que podem ter de 2 a 13 indivíduos; (4) subpopulações diferentes de preás são encontradas em pontos diferentes da ilha; (4) há diferenças individuais entre preás, tanto na preferência alimentar como na esquiva das armadilhas; (5) há um grande turnover populacional (capturas de preás novos e desaparecimento de outros). Dentro das subpopulações, há unidades interativas relativamente estáveis, formadas por casais ou por díades mãe-filhote ou ainda tríades mãe, filhote e macho “parceiro”. Os machos mantêm-se frequentemente na proximidade de sua fêmea “parceira”, nos locais de forrageamento, sem emitir comportamentos agonísticos em relação a ela. Também observamos, em dois casos, díades macho adulto-filhote. Os resultados, que incluem um etograma com 33 categorias, nos permitem compreender um pouco mais a maneira como esta espécie nova e ameaçada se adaptou ao ambiente insular e possibilitam o estabelecimento futuro de paralelos com o comportamento de sua possível ancestral, *Cavia magna*.

Palavras-chave: Caviidae, Síndrome insular, Preá, Comportamento

Financiadores: FAPESP

REGISTRO DE *ABRAWAYOMYS RUSCHI* (RODENTIA, SIGMODONTINAE) NO BIOMA CERRADO

Beatriz Dias Amaro (PUC - MG / bbiad@hotmail.com)
Sônia Talamoni (Laboratório de Mastozoologia / PUC - MG)
Bárbara Fernandes Cardinali (PUC - MG)
Juliana Barata (PUC - MG)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Conservação

Abrawayomys ruschi Cunha & Cruz 1979 é a única espécie conhecida para este gênero e, embora muito rara em levantamentos de fauna, apresenta ampla distribuição geográfica, com registros de captura nos estados do Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Santa Catarina, São Paulo e na região de Missiones, Argentina. Durante um levantamento de mastofauna, um indivíduo de *A. ruschi* foi coletado no distrito de São Sebastião das Águas Claras, município de Nova Lima, na região metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais. Trata-se de local de transição entre os biomas Cerrado e Mata Atlântica, tendo sido as capturas realizadas em campo cerrado e mata de galeria. As áreas em que se realizou o estudo eram fragmentadas, altamente impactadas e com a presença de espécies exóticas vegetais e animais. Foram utilizados dois tipos de armadilha, pitfall e gaiola, representando um esforço de captura total de 1408 armadilhas-noite. O exemplar de *A. ruschi* considerado foi coletado em 11 de agosto de 2005 em um fragmento de mata de galeria (20º04’06” S 43º54’38” W 949m), fisionomia do bioma Cerrado associada a cursos d?água, poucos metros antes da borda. O indivíduo, macho, apresentava peso de 59 gramas, comprimento total de 266 mm, cauda de 144 mm, orelha de 22 mm e tarso de 30 mm. Portanto, essa espécie, que durante dezessete anos não foi registrada no estado de Minas Gerais, aparentemente não é endêmica de Mata Atlântica como se acreditava anteriormente. O fato de existirem poucos registros de *A. ruschi* pode estar relacionado à baixa densidade populacional ou ao uso de metodologias pouco eficazes na captura dessa espécie. Assim, reafirma-se a importância da utilização de técnicas de captura variadas que permitam que a amostra obtida exprima uma aproximação da realidade efetiva.

Palavras-chave: *Abrawayomys ruschi*, Cerrado, Pitfall

INTERAÇÃO ENTRE *DASYPROCTA AZARAE* E *ARAUCARIA ANGUSTIFOLIA* NO PLANALTO SUL-RIOGRANDENSE

Juliana F. Ribeiro (Lab. de Ecologia de Mamíferos / Unisinos / jufernandesribeiro@hotmail.com)
Emerson M. Vieira (Lab.de Ecologia de Mamíferos/Unisinos)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Ecologia

Avaliamos o destino de sementes removidas por cutias *Dasyprocta azarae* em área de Floresta com Araucária. Investigamos possíveis preferências pelo microhabitat para o armazenamento e consumo das sementes. Conduzimos o estudo em duas áreas contíguas, uma (MA) com o dobro da densidade e araucárias do que a outra (PA). Estimamos a densidade de cutias e quantificamos os recursos alternativos presentes no chão. Instalamos aleatoriamente, em cada área, 27 estações de remoção (15 pinhões com carretel para a verificação do destino e da distância de deslocamento). No local onde a semente foi estocada ou predada e também em 35pontos aleatórios em cada habitat medimos: a abertura da copa,cobertura herbácea,densidade arbórea e do sub-bosque. Registramos o total de rochas,troncos,árvores e arvoretas presentes próximas às sementes. Investigamos possíveis usos de marcos que auxiliassem na recuperação das sementes pelas cutias, estabelecemos 23pontos com pinhões enterrados de 5formas diferentes: próximo de árvore, rocha, tronco caído, embaixo de folhiço e sem folhiço. Na PA houve maior densidade de cutias (PA=0,16 ind/m; MA=0,04 ind/m; X^2=3,95, p=0,04) e maior densidade de frutos (X^2=128,12; P<0,0001). A remoção de sementes foi maior na PA (Log-rank; P<0,0001). A maioria das sementes foram consumidas(PA=86,14% - MA=42,96%) e menos de 10% enterradas(PA=9,87% - MA=3,7%). A PA teve maior taxa de recuperação das sementes enterradas (PA=85% - MA=13%). Houve diferença significativa na distância de deslocamento entre as sementes consumidas (média: 2,72) e as enterradas (média: 9,76m; F=54,35, P<0,0001). O microhabitat preferêncial para as cutias aparentemente foram áreas com mais rochas,troncos,herbáceas e próximos de árvores. Não houve diferença no uso de marcos entre os tratamentos no número de sementes encontradas (P>0,7 para ambas as áreas), sugerindo que a detecção das sementes é pelo olfato. O papel das cutias como dispersores depende da densidade de recursos, que influencia na densidade dos animais. Em áreas de maior densidade ocorre maior taxa de recuperação das sementes enterradas e menores taxas de germinação de sementes enterradas. Os microhabitats preferênciais das cutias podem protegê-las de predadores, fornecer pistas para recuperação das sementes e favorecer a germinação das mesmas.

Palavras-chave: dispersão de sementes, densidade, *Dasyprocta azarae*, microhabitat

OCORRÊNCIA DO RATO-DE-BAMBU *DACTYLOMYS DACTYLINUS* (RODENDIA, ECHIMYIDAE) NA AMAZÔNIA MERIDIONAL BRASILEIRA

Rodrigo Marcelino (Monitoramento e planejamento de paisagem / ICV / rodrigo@icv.org.br)
Julio Cesar Dalponte (Departamento de Biologia / UNEMAT)
Ednaldo Cândido Rocha (Pós-Graduação em Ciência Florestal / UFV)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Ecologia

A distribuição de *Dactylomys dactylinus* (rato-de-bambu ou rato-toró) foi considerada, até recentemente, restrita a habitats florestais da Amazônia ocidental até o leste do rio Xingu no Brasil. Mas, em 2007 pesquisadores (Bezerra, A. M. R.; Silva jr., N. J.; Marinho-Filho, J. 2007. Biota Neotropica 7: 235-237) encontraram indivíduos dessa espécie emmanchas de mata de galeria do rio Tocantins e seus tributários, no bioma Cerrado, o que permitiu ampliar a distribuição de *D. dactylinus* em cerca 1.000 km para a porção central do Brasil. Entretanto, para a Amazônia meridional ainda existe uma lacuna de conhecimento sobre a ocorrência dessa espécie, pois não havia registro e coleta de *D. dactylinus* documentada para a região. Por isto, o presente estudo tem como objetivo apresentar novos locais de ocorrência de *D. dactylinus*, na Amazônia meridional brasileira. Para tanto, em novembro de 2007 e em fevereiro/março de 2008, indivíduos dessa espécie foram identificados em 10 sítios no Parque Nacional Juruena-MT/AM (ponto central com a seguinte coordenada: X = 393562; Y = 9163305; UTM 21 L), localizado no norte do estado do Mato Grosso e sul do Amazonas. Os registros *D. dactylinus* se deram por meio de contato visual, através de sua vocalização característica e pela coleta de um indivíduo para servir de material testemunho. Adicionalmente, em abril de 2008 registros vocais de rato-de-bambu (provavelmente *D. dactylinus*) foram obtidos na região de Alta Floresta (coordenada: X = 5777560; Y = 8906600; UTM 21 L), extremo norte de Mato Grosso. A localização exata dos indivíduos foi obtida através de GPS, cujos pontos foram plotados em mapa cartográfico, juntamente com as áreas de distribuição de *D. dactylinus* até então disponíveis em literatura, gerando um novo mapa de distribuição da espécie, com ampliação da sua área de ocorrência para a Amazônia meridional. Os animais foram encontrados em manchas de tabocal (gênero Guadua) e áreas de floresta aluvial, alagadas ou próximas a cursos d'água, utilizando o estrato arbóreo da vegetação. A espécie não está listada como ameaçada de extinção no Brasil e está classificada pela IUCN como de baixo risco de extinção, sendo que a principal ameaça à espécie é o desmatamento, pois ela é totalmente adaptada à vida arborícola. A distribuição de *D. dactylinus* ainda não está totalmente conhecida e, aparentemente, é a ausência das áreas florestais, e não os cursos d'água representam a principal barreira de ocorrência da espécie.

Palavras-chave: Distribuição, Amazônia meridional, Parque Nacional Juruena

Financiadores: ICV- Instituto Centro de Vida, CNPq, WWF

DENSIDADE, TAMANHO POPULACIONAL E BIOMASSA DE PACA, *CUNICULUS PACA* (RODENDIA, CUNICULIDAE), NO PARQUE NACIONAL JURUENA, BRASIL

Ednaldo Cândido Rocha (Pós-Graduação em Ciência Florestal / UFV / ednaldorocha@yahoo.com.br)
Julio Cesar Dalponte (Departamento de Biologia / UNEMAT)
Rodrigo Marcelino (Monitoramento e planejamento de paisagem / ICV)
Elias Silva (Departamento de Engenharia Florestal / UFV)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Ecologia

O presente estudo foi conduzido no Parque Nacional Juruena, localizado no norte do estado do Mato Grosso e sul do Amazonas. Essa unidade de conservação foi criada em 2006 e possui área de 1,9 milhão de hectares, sendo o quarto maior parque do Brasil. Por sua localização estratégica, o parque integra o corredor ecológico meridional de conservação da Amazônia, constituindo uma importante barreira para conter o avanço do desmatamento advindo da fronteira conhecida como Arco do Desmatamento da Amazônia. Estudos sobre mamíferos nessa unidade ainda são incipientes, restringindo-se a levantamentos preliminares. Nestes termos, esse trabalho teve como objetivo estimar a densidade, o tamanho populacional e a biomassa de paca (*Cuniculus paca*) no Parque Nacional Juruena. A densidade e o tamanho populacional foram estimados, seguindo as premissas da metodologia *Distance* para transectos lineares, a partir de levantamentos efetuados em 11 transecções (comprimento médio = 1,02 km; variação = 0,50 a 2,00 km) dispostas arbitrariamente em diferentes tipos ambientes - floresta ombrófila densa, floresta ombrófila aberta e savana florestada. A estimativa de biomassa foi obtida multiplicando-se a densidade de paca estimada pela massa corporal média dos indivíduos dessa espécie (9,350 kg), disponível em literatura. Os dados foram coletados em novembro de 2007 e em fevereiro/março de 2008 (estação chuvosa), durante 33 levantamentos noturnos (entre 18:30 e 05:00 horas), totalizando 35 km percorridos e 12 visualizações de paca. A análise dos dados foi efetuada utilizando o *software Distance* 5.0, gerando uma estimativa de densidade populacional de 14,35 indivíduos/km^2 (intervalo de confiança = 6,90 a 29,88), o que permite derivar uma biomassa de paca de 134,17 kg/km^2. Considerando que o parque possui área de 19.000 km^2, estima-se um total de 272.650 pacas, equivalendo a uma biomassa de 2.549.277 kg, para toda a unidade de conservação. Embora esses valores sejam bastante expressivos, podem ser considerados relativamente baixos, uma vez que estimativas de paca conduzidas na Venezuela, Guatemala, Colômbia, Peru, Panamá e Costa Rica, utilizando diferentes procedimentos metodológicos (freqüência de pegadas, coleta, recaptura, contagem de buracos e métodos de King e de Kelker), produziram densidade média de 44,70 indivíduos/km^2 (n = 8; mínima = 3,5; máxima = 93). Por fim, recomenda-se a realização de pesquisas de maior duração no Parque Nacional Juruena, no intuito de subsidiar a elaboração de planos de manejo e conservação das espécies.

Palavras-chave: Floresta Amazônica, densidade populacional, paca

Financiadores: CNPq, WWF, ICV - Instituto Centro de Vida

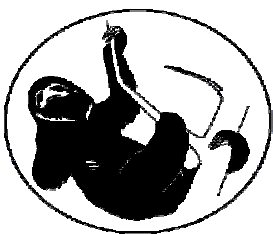
UTILIZAÇÃO DE MICROHABITAT POR TRÊS ESPÉCIES DE ROEDORES CRICETÍDEOS EM UM CERRADO DO BRASIL CENTRAL

Clarisse Rezende Rocha (Depto. de Ecologia / UnB / clarisserrocha@yahoo.com.br)
Raquel Ribeiro (Depto. de Ecologia / UnB)
Jader Marinho-Filho (Depto. de Zoologia / UnB)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Ecologia

A partição de microhabitat possibilita às espécies de pequenos mamíferos coexistirem, através das diferenças nas estratégias de forrageamento, na ocupação dos diferentes habitats ou ainda apresentando diferentes padrões temporais de atividade. Microhabitat é definido como o espaço caracterizado pelos vários fatores que sofrem mudanças de valores dentro da área de vida de um simples indivíduo. O objetivo deste trabalho foi analisar a utilização de microhabitat por *Calomys tener*, *Necromys lasiurus* e *Thalpomys lasiotis* e os fatores que mais influenciam a abundância destas três espécies de cricetídeos em áreas abertas de campo com murundus. O estudo foi realizado na Estação Ecológica de Águas Emendadas, Planaltina, DF, entre julho e setembro de 2004. Foram estabelecidas duas grades com 100 pontos de amostragem cada, em que foram colocadas armadilhas e para os quais foram registrados os dados de oito variáveis de microhabitat e das capturas dos roedores. A abundância de *Calomys tener* foi associada negativamente com o número de árvores e positivamente com a quantidade de gramíneas e de número de cupinzeiros. Foi encontrada diferença significativa entre as variáveis de microhabitat utilizadas por esta espécie quando comparados os machos com as fêmeas. *Necromys lasiurus* apresentou abundância diretamente proporcional à densidade de árvores no microhabitat. *Thalpomys lasiotis* apresentou associação negativa com o diâmetro de árvore e associação positiva com a variável distância da árvore mais próxima, o que indica ter associação inversamente proporcional à densidade de árvores. *Calomys tener* e *T. lasiotis* parecem ter maior especificidade aos gradientes de microhabitat quando comparado com *N. lasiurus*, considerada uma espécie generalista de habitats. Entretanto, na Análise de Correspondência Canônica, as variáveis explicaram pouca diferença entre os grupos, apenas 5,7% da variação dos dados. Desde modo, os resultados do presente estudo sugerem que as variáveis de microhabitat não são bons indicadores para predição da composição da comunidade de roedores em áreas de campo cerrado com murundus durante a estação seca no Cerrado. Entretanto, é importante ressaltar que essas variáveis de microhabitat são realmente selecionadas pelos indivíduos e pelas espécies e são fatores importantes para determinar a abundância e a distribuição da comunidade de pequenos mamíferos.

Palavras-chave: *Calomys tener*

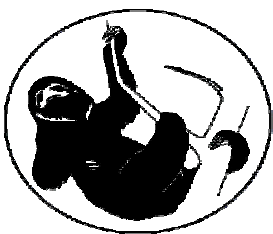
Financiadores: Finatec, CAPES

HÁBITOS ALIMENTARES DO OURIÇO-PRETO (*CHAETOMYS SUBSPINOSUS*) EM FRAGMENTOS DE FLORESTA DO MUNICÍPO DE ILHÉUS, SUL DA BAHIA

Giné, G.A.F. (Ecologia/ESALQ-USP/gastongine10@yahoo.com.br)
Faria, D. (Depto. Ciências Biológicas/UESC)
Duarte, J.M.B (Depto Zootecnia/UNESP/FCAV Jaboticabal

Área: Rodentia **Sub-Área:** Ecologia

O ouriço-preto, espécie endêmica da Mata Atlântica, figura na lista de espécies ameaçadas e tem sido alvo de pesquisas com a finalidade de embasar ações conservacionistas. O conhecimento sobre a ecologia alimentar dos ouriços-cacheiros (Erethizontidae) é atualmente baseada em duas espécies (*Erethizon dorsatum* e *Coendou prehensilis*) amplamente distribuídas, as quais apresentam dieta generalista e fácil adaptação a ambientes antrópicos e pouco florestados. A dieta do ouriço-preto ainda é pobremente conhecida. Na região cacaueira do sul da Bahia o ouriço -preto é apontado como predador de frutos do cacau, principal produto agrícola da região, mas não existem comprovações deste fato. Objetivou-se neste trabalho descrever e quantificar a dieta dos ouriços-pretos em fragmentos de mata nativa circundados por plantações de cacau no municipio de Ilhéus e avaliar a seleção de espécies forrageiras pelos animais. Quatro ouriços-pretos foram monitorados durante período noturno por radio-telemetria em 146 sessões de 6 a 7 horas cada, totalizando 944 horas de observação. O comportamento foi registrado a cada intervalo de 10 minutos através de amostragem intantânea por varreduras, e durante os eventos de forrageio (n = 1.177 varreduras) foram registrados os itens e espécies consumidas. Parcelas fixas de 10 x 10 m distribuídas sistematicamente dentro das áreas de vida dos animais foram utilizadas para cálcular o índice de valor de importância (IVI) das espécies arbóreas e estimar a disponibilidade destas espécies no ambiente. A ordem de seleção das espécies consumidas foi avaliada em base do índice de eletividade de Ivlev. Os ouriços-pretos, ao contrário dos ouriços-cacheiros até hoje estudados, apresentaram-se estritamente folívoros. Folhas jovens compuseram a maior parte da dieta (86,5%) dos registros de alimentação. Dezessete espécies foram identificadas como parte da dieta. Três espécies (*Balizia pedicellaris, Inga thibaudiana* e *Pera glabrata*) compuseram a base da dieta de todos os animais estudados (86,2% dos registros totais), e foram as mais selecionadas. Outras cinco espécies selecionadas tiveram pequena participação na dieta (<1%), e Simarouba amara teve participação um pouco maior (2,2%). Demais espécies foram evitadas. Na literatura, as espécies-base são indicadas por ter principalmente elevado nível proteico, sendo as duas primeiras leguminosas fixadora de nitrogênio. A similaridade da dieta dos animais foi relativamente alta (0,54 a 0,92) sugerindo que, embora pequena, a amostra é representativa da dieta dos animais desta região.

Palavras-chave: Palavras-chave: dieta, folivoria, seleção alimentar, espécie ameaçada

Financiadores: FAPESP, MMA

CBMz

PERÍODO DIÁRIO DE ATIVIDADE DE *AKODON MONTENSIS* E *DELOMYS DORSALIS* E SUA RELAÇÃO COM A DISPONIBILIDADE DE RECURSOS EM UMA ÁREA DE FLORESTA OMBRÓFILA MISTA NO SUL DO BRASIL

Maury S. L. Abreu (Unisinos (maury.abreu@gmail.com)
Juliana F. Ribeiro (Unisinos)
Juliane Bellaver (Unisinos)
Gustavo Viegas (Unisinos)
Graziela Iob (Unisinos/UFRGS)
Emerson M. Vieira (Unisinos)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Ecologia

O período diário que pequenos mamíferos utilizam para realizar atividades como forrageamento e busca por parceiro reprodutivo é uma das mais importantes dimensões do nicho ecológico dessas espécies. A preferência por determinados períodos do dia também pode estar relacionada a disponibilidade dos recursos e temperatura ambiente. Neste estudo nosso objetivo foi analisar o período de atividade de duas espécies de roedores, *Akodon montensis* e *Delomys dorsalis*, e relacionar com a abundância de invertebrados ao longo de 24 horas. O trabalho foi realizado em uma área de Floresta Ombrófila Mista no sul do Brasil, entre dezembro de 2006 e novembro de 2007. Para avaliar o período de atividade dos roedores utilizamos armadilhas live-trap do tipo Sherman com "timers" acoplados. Avaliamos a biomassa de invertebrados utilizando 50 armadilhas do tipo pitfall que permaneciam abertas durante 24h sendo revisadas a cada três horas. Os invertebrados capturados foram pesados em uma balança de precisão de acordo com a classe de horário. Os períodos de atividade das duas espécies de roedores foram significativamente diferentes (X^2 circular = 20,18; P = 0,005). Ambas as espécies apresentaram atividade tanto noturna quanto diurna, porém com picos de atividade no início da noite (das 19:00 às 22:00). Para *A. montensis* houve uma variação significativa, no padrão de atividade, entre primavera e verão (X^2= 15,29; P = 0,018). Já para *D. dorsalis* não houve variação significativa na atividade entre as estações. Não detectamos correlação entre biomassa de invertebrados e atividade dos roedores em nenhuma estação (P > 0,1 para todas as comparações). Nossos resultados sugerem, portanto, que outros fatores (e.g. temperatura, risco de predação, uso de recursos vegetais) estariam influenciando a atividade desses animais. A variação na atividade de *A. montensis* ao longo do ano pode indicar uma maior relação dessa espécie com fatores bióticos e/ou abióticos que variam sazonalmente.

Palavras-chave: atividade diária, disponibilidade de recurso, pequenos mamíferos

ANÁLISE DE DIETA DE *BIBIMYS LABIOSUS*

Caryne Aparecida de Carvalho Braga (Lab de Zoologia de Vertebrados, UFOP. carynebio@gmail.com)
Marina de Oliveira Pinto Levy (Lab de Zoologia de Vertebrados, UFOP)
Thiago Henrique de Almeida Gramigna (Laboratório de Anatomia Vegetal, UFOP)
Hildeberto Caldas de Sousa (Laboratório de Anatomia Vegetal, UFOP)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Ecologia

Bibimys labiosus é um roedor sigmodoníneo, muito pouco conhecido nos aspectos de sua ecologia e biologia, devido a sua raridade em coletas. Sabe-se apenas que a espécie é cursorial e forrageia vasculhando o folhiço. Em um levantamento da mastofauna realizado no município de Ouro Branco, MG, foram coletados dois indivíduos pertencentes a esta espécie. Assim, foi realizada uma análise do conteúdo estomacal desses animais, visando contribuir para o conhecimento dos hábitos alimentares desta espécie. O conteúdo estomacal foi triado em lupa e sendo separado o material de origem animal e o de origem vegetal. A parte animal apresentou-se em quantidade muito baixa, contendo patas e fragmentos de exoesqueleto, ainda não identificados. Da parte vegetal foram feitas oito lâminas a fresco em água, quatro da amostra de cada indivíduo, sendo metade coradas com lugol (para evidenciar celulose e amido) e a outra metade corada com SUDAM III (para evidenciar substâncias lipídicas), as quais foram montadas em lâminas com glicerina a 50% e analisada em microscópio Leica com câmara clara acoplada. Também foram montadas quatro lâminas semi-permanentes em gelatina glicerinada de Kaiser, sendo duas de cada indivíduo, coradas com SUDAM III. Não foram encontradas diferenças discrepantes entre o material estomacal dos dois ratos. A maior parte do material encontrado é de origem vegetal. Havia fragmentos de tegumento de sementes, com células alongadas e esclerificadas características, assim como fragmentos de tecidos de reserva de sementes ou de frutos repletos de gotículas lipídicas. Foram encontrados ainda fragmentos de folhas de gramíneas (Poaceae - monocotiledônea), possuindo células epidérmicas com paredes tipicamente sinuosas. Além disso, algumas traqueídes com pontoações areoladas, indicam a presença de Gimniospermae na alimentação desses animais. Foram encontrados também fragmentos foliares de dicotiledônea com tricomas glandulares e tectores e nervuras centrais preservados. Não foi encontrado amido na amostra de nenhum dos dois indivíduos.

Palavras-chave: dieta, *Bibimys*

DINÂMICA POPULACIONAL DO RATO D'ÁGUA *NECTOMYS SQUAMIPES* (RODENTIA: SIGMODONTINAE) NA BACIA DO RIO ÁGUAS CLARAS, RIO DE JANEIRO

Daniela Oliveira de Lima (LECP – UFRJ / daniela.ol.lima@gmail.com)
Gabriela Medeiros de Pinho (LECP - UFRJ)
Fernando Antônio dos Santos Fernandez (LECP - UFRJ)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Ecologia

O presente estudo teve por objetivo estimar o tamanho e densidade populacional e as taxas de sobrevivência em uma população do rato d'água *Nectomys squamipes*. Para tal, foram realizadas excursões mensais de captura-marcação-recaptura com cinco noites cada em rios da bacia do Rio Águas Claras, município de Silva Jardim, Rio de Janeiro (22°30'S; 42°30'W). Foram utilizadas armadilhas Tomahawk dupla entrada armadas dentro dos rios, de outubro de 2005 a fevereiro de 2008. O rio Águas Claras, cujo fluxo intenso não permite que sejam colocadas armadilhas em seu leito, foi amostrado através de armadilhas Tomahawk simples ou Sherman nas suas margens. Utilizou-se o *design* robusto de Pollok para estimar os parâmetros demográficos com o auxílio do programa MARK. O modelo com menor valor do Critério de Informação de Akaike foi escolhido para gerar as estimativas. Com um esforço amostral total de 6.799 armadilhas × noites, foram obtidas 323 capturas de 127 indivíduos. O modelo selecionado considerou a tanto sobrevivência quanto as taxas de imigração e emigração variando no tempo, mas não entre sexos, e as taxas de captura e recaptura iguais entre si, e sem variar no tempo ou entre sexos. A taxa de sobrevivência mensal variou de 14,5% a 100%, com média de 72,8%. O tamanho populacional variou de 2,5 (dezembro 2005) a 24 (agosto 2007) indivíduos na área estudada, com uma média de 12,8 ± 5,8 indivíduos. Houve um desvio significativo da razão sexual para machos, 1,75:1 (χ^2=7,6; p<0,01). A densidade variou de 1,3 (novembro 2007) a 8,9 (julho e agosto 2006) indivíduos/km, tendo média de 5 ind/km, variando significativamente entre as estações (Mann-Whitney, U=126; p<0,05), com maiores valores nos meses secos (abril-setembro). *N. squamipes* é o maior sigmodontíneo, o que pode explicar os valores de sobrevivência encontrados, altos para um roedor dessa família. A variação sazonal da densidade estimada pode ser um artefato da menor capturabilidade nos meses chuvosos. O desvio sexual encontrado para *N. squamipes* é mais facilmente explicado por fatores amostrais do que biológicos. Indivíduos machos ocupam uma extensão de rio maior que fêmeas, tendo portanto maior probabilidade de passar pelas armadilhas.

Palavras-chave: Tamanho populacional, densidade populacional, sobrevivência, razão sexual, roedor

Financiadores: CNPq, PIBIC/CNPq, Fundação O Boticário de Proteção à Natureza e Associação Mico Leão Dourado

DIVERSIDADE E DINÂMICA POPULACIONAL DA FAUNA DE PEQUENOS MAMÍFEROS

Patrícia Giequelin Centeleghe (URI - Erechim / patycenteleghe@yahoo.com.br)
Angela Maria Cenzi (URI - Erechim)
Jorge Reppold Marinho (URI / Erechim)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Ecologia

Para compreender a dinâmica de qualquer ecossistema é necessário reconhecer a sua estrutura e as suas interações internas, uma vez que esses elementos compõem subsistemas vitais para o seu funcionamento. Pequenos mamíferos além de serem importantes na manutenção do fluxo de energia nos diferentes sistemas que habitam, são ferramentas extremamente eficazes para o entendimento da interferência antrópica em ambientes naturais. Este trabalho tem como objetivo inventariar a fauna de pequenos mamíferos, caracterizar a estrutura da comunidade e relacionar a diferentes cenários fitofisionômicos da Flona de Passo Fundo. A FLONA possui uma área de 1.328 hectares e está localizada ao norte do estado do Rio Grande do Sul na sede do município de Mato Castelhano. A área escolhida caracteriza-se por ser uma transição entre mata nativa e reflorestamento de *Pinus* sp. Foram feitos 3 transectos paralelos entre si, distando 10 m entre eles. Em cada transecto foram marcados 14 pontos (7 em cada área) também distando 10 m entre eles, com duas gaiolas por ponto. Foram utilizadas 84 armadilhas, que ficaram armadas durante 5 dias a cada estação de coleta, perfazendo um esforço amostral total de 1.260 armadilhas. O trabalho teve inicio em abril/ 2007 e término em outubro/2007, cobrindo parte da sazonalidade anual (Outono, Inverno e Primavera). Obteve-se no total 101 capturas de 83 indivíduos, equivalendo a um índice de captura total (ICt) de 8%. Esses indivíduos pertencem a 5 espécies, são elas: *Akodon montensis*, *Oligoryzomys flavescens*, *Oligoryzomys nigripes*, *Scapteromys* sp e *Oxymycterus nasutus*, todos da Ordem Rodentia e família Muridae. A espécie *Oligoryzomys nigripes* apresentou maior abundância, com um total de 63 indivíduos capturados e 10 recapturados (IC 5,79%). O período da primavera foi o mais representativo em termos de abundância, com 65 indivíduos, já o período do outono apresentou o menor número de capturas, com dois indivíduos capturados. Dos roedores amostrados foi verificada uma preferência pela área de *Pinus* sp, do total das 101 capturas, 61,3 % foram registradas nesta área (reflorestamento de *Pinus* sp) e 38,6 % na Mata Nativa. Variações na distribuição desses animais indicam transformações tanto no meio biótico quanto no abiótico, referenciando modificação na estrutura da floresta.

Palavras-chave: FLONA, diversidade populacional, reflorestamento, mata nativa.

EFEITOS DE BORDA SOBRE ROEDORES SILVESTRES (RODENTIA: CRICETIDAE)

Daniel Galiano (Lab. de Citogenética / UFRGS / galiano3@hotmail.com)
Bruno B. Kubiak (Lab. de Biologia da Conservação / URI)
Jorge Reppold Marinho (Lab. de Biologia da Conservação / URI)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Ecologia

As transições que ocorrem em um ambiente fragmentado, são freqüentemente abruptas. Sendo assim, plantas e animais em ambientes fragmentados têm suas populações não somente reduzidas e subdivididas, mas cada vez mais expostas às mudanças ecológicas associadas às bordas. Assim, o objetivo do presente estudo foi analisar os efeitos de borda sobre a comunidade de pequenos mamíferos e sua distribuição sazonal em um fragmento de Floresta Ombrófila Mista, localizado no município de Erechim/RS. O levantamento dos roedores foi realizado durante o período de 31 de maio de 2006 a 02 de março de 2007 (outono, inverno, primavera e verão, respectivamente). Para a realização das capturas foram estabelecidos três transectos com 15 pontos cada, paralelos e eqüidistantes 10 metros, onde foram utilizadas 90 armadilhas que permaneceram em atividade durante sete noites por estação, totalizando um esforço de 2520 armadilhas. Também foi realizada a caracterização do ambiente através da mensuração de três parâmetros abióticos (umidade (%), temperatura do ar (°C) e temperatura do solo (°C)). Os resultados obtidos demonstraram existir diferenças microclimáticas no decorrer dos transectos. Os roedores amostrados somaram 571 capturas de 198 indivíduos, das quais 268 ocorreram durante o outono, 154 durante o inverno, 110 durante a primavera e 39 durante o verão. *Oligoryzomys flavescens* apresentou o maior número de capturas, com 110 indivíduos, seguido por *Akodon montensis* com 83 indivíduos, *Oryzomys angouya* e *Thaptomys nigrita* com dois indivíduos cada, e *Oryzomys russatus* com apenas um indivíduo. Observou-se a ocorrência de *Oligoryzomys flavescens* em áreas abertas ou alteradas, sem distinção das áreas limítrofes à borda, porém com uma tendência de seleção positiva para estas áreas. *Akodon montensis* também apresentou ocorrência em áreas abertas ou alteradas, ao contrário das demais espécies que foram capturadas apenas a uma distância mínima de 40 metros a partir da borda do fragmento.

Palavras-chave: Efeitos de borda; fragmentação florestal; pequenos mamíferos.

Financiadores: URI - Campus de Erechim

VARIAÇÃO ONTOGENÉTICA DA DIETA DE *EURYORYZOMYS RUSSATUS* (RODENTIA: SIGMODONTINAE) ATRAVÉS DE ANÁLISE DA PREFERÊNCIA ALIMENTAR EM LABORATÓRIO.

Nathalia C. Cidade (Departamento de Ecologia/Laboratório de Vertebrados/UFRJ)
Marian M. Santos (Departamento de Ecologia/UFRJ/mary_and_ana2004@yahoo.com.br)
Ricardo R. Finotti (Departamento de Ecologia/Laboratório de Vertebrados/UFRJ)
Daniele D. Souza (Departamento de Ecologia/Laboratório de Vertebrados/UFRJ)
Rui Cerqueira (Departamento de Ecologia/Laboratório de Vertebrados/UFRJ)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Ecologia

Variações ontogenéticas na dieta podem estar relacionadas com diferentes necessidades nutricionais das espécies durante seu desenvolvimento. Analisamos as categorias alimentares (frutos, sementes, folhas, tubérculos, artrópodes, matéria animal (carnes e ovo) e raízes) e os conteúdos nutricionais da dieta de *Euryoryzomys russatus*, em diferentes fases de desenvolvimento, através de experimentos de preferência alimentar em laboratório. A colônia foi estabelecida a partir de indivíduos coletados em Guapimirim-RJ (22°28'28"S, 42°59'86"). Realizaram-se testes de preferência alimentar em 261 animais em idades conhecidas, que foram agrupadas de acordo com a observação do desenvolvimento do peso e das análises das diferenças de peso entre as idades utilizando-se ANOVA e teste Scheffé a posteriori. As idades foram divididas em 4 classes: 1 (7 a 27 dias (n=45)), 2(28 a 41 dias (n=84)), 3 (42 a 76 dias (n=31)), 4 (77 a 119 dias (n=101)). O experimento de preferência alimentar segue o método de Perissé (1989) que consiste no oferecimento de 27 tipos de alimentos de origem animal e vegetal, por um período de 18 a 24 horas. Estes são pesados no início e no final do experimento e seu consumo e proporções de macronutrientes (proteína, glicídio, lipídio e fibras) são calculados. Estabeleceu-se o número de itens preferidos para as classes. As proporções de macronutrientes da dieta foram comparadas através dos testes de Kruskal-Wallis (H) e de Mann-Whitney (U) a posteriori. Os resultados mostraram que a amplitude de itens preferidos é maior na classe 1 e diminui ao longo do desenvolvimento: classe 1=15, classe 2=10, classe 3=8 e classe 4=9. O consumo de lipídios foi significativamente maior na classe 2 quando comparado a classe 1 (U=1301, p<0,01). Também foi possível verificar diferença no consumo de fibras, sendo esta consumida em maior quantidade pela classe 4 (U=1250, p=0,03). Uma proporção significativamente maior de artrópodes na dieta foi encontrada na classe de idade 2 em relação às classes 3 e 4 (U=3250, p<0,01 e U=987, p=0,047) e folhas (U=2,35, p=0,02) enquanto que a proporção de sementes, raízes e foi maior na classe 4 quando comparada a classe 2 (U=3528, p=0,048, U=3390,5, p=0,02, respectivamente). Estes resultados sugerem que a proporção de itens que compõem a dieta é modificada ao longo do desenvolvimento através da seleção de itens potencialmente ótimos. Tendo uma amplitude maior de itens selecionados nas classes de idade menores e uma modificação ao longo do desenvolvimento das proporções destes itens associada a uma modificação nas proporções nutricionais da dieta.

Palavras-chave: *Euryoryzomys russatus*, preferência alimentar, variação ontogênica

Financiadores: CAPES, CNPq, FAPERJ, FUJB, PROBIO/MMA, PPGE/UFRJ, PDA/MMA, FNMA/MMA

ABUNDÂNCIA RELATIVA, PROPORÇÃO E DIMORFISMO SEXUAL DE *THRICOMYS PACHYURUS* E *CLYOMYS LATICEPS* (RODENTIA; ECHIMYIDAE) NO PANTANAL SUL-MATOGROSSENSE

Pâmela Castro Antunes (Depto. Ecologia / UFMS / pamelantunes@gmail.com)
Luiz Gustavo Rodrigues Oliveira-Santos (Depto. Ecologia / UFMS)
Walfrido Moares Tomas (Lab. de Vida Selvagem / EMBRAPA Pantanal)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Ecologia

Espécies de equimídeos permanecem pouco conhecidas. Adicionalmente, poucos estudos ecológicos ou inventariando pequenos mamíferos foram realizados no Pantanal. Tivemos como objetivos: (1) avaliar a abundância relativa das espécies em diferentes fitofisionomias, (2) avaliar a proporção sexual de capturas e (3) verificar diferenças de peso entre machos e fêmeas. Este estudo foi desenvolvido em março e abril de 2008, durante a estação chuvosa, na Fazenda Nhumirim, Pantanal da Nhecolândia. Foram amostradas 30 transectos de 200m seguindo a mesmo nível de terreno, distantes 1 km entre si. As capturas em cada transecto foram realizadas em 3 pontos, distantes 100 m um do outro. Os pontos de captura foram compostos por 3 armadilhas dispostas no solo em um raio de 5 m, 1 tipo Sherman (25X8X9 mm) e 2 tipo Tomahawk (35X16X16 mm). As armadilhas foram iscadas com rodelas de banana untadas com pasta de amendoim e permaneceram abertas por 4 noites consecutivas. A vegetação foi classificada 8 fitofisionomias: floresta estacional semidecidual (FESD; n = 4), borda de FESD (6), cerradão (1), cerrado (3), campo cerrado (3), borda de salina (1), borda de baía (8) e campo (4). A proporção sexual de cada período de amostragem foi avaliada pelo teste de qui-quadrado para proporções esperadas iguais. A diferença de peso entre os sexos foi avaliada pelo teste t, não foram considerados indivíduos jovens e fêmeas grávidas. O esforço total foi de 1.440 armadilhas-noite, resultando em um sucesso de captura de 14,1%. Obtivemos 168 capturas de 111 indivíduos de *Thricomys pachyurus* e 35 capturas de 29 indivíduos de *Clyomys laticeps*. As espécies foram mais abundantes em áreas de borda de salina (0,15 *T. pachyurus*; 0,06 *C. laticeps*), onde a vegetação dominante são gramíneas que chegam a 1,5 m de altura, o que pode prover maior disponibilidade de abrigos. Seguido de áreas de borda de FESD (0,12; 0,02) e cerradão (0,08; 0,03), onde ocorrem aglomerados de caraguatá (*Bromelia balansae*) que além da proteção podem proporcionar grande disponibilidade de recursos alimentares. A proporção sexual não desviou do esperado 1:1. No entanto, estes dados refletem as proporções de captura e não a proporção sexual das populações, que podem diferir se houver diferenças na capturabilidade entre os sexos. Para *T. pachyurus* os machos (n = 43) foram mais pesados que as fêmeas (n =43; $p < 0,001$). Para *C. laticeps* não houve diferença entre machos (n = 13) e fêmeas (n = 5; p = 0,06).

Palavras-chave: Campos, Cerrado, Floresta Estacional Semidecidual, peso

Financiadores: CAPES

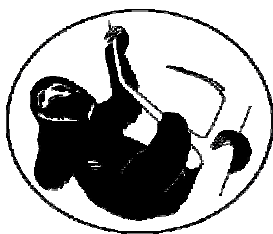
COMPARAÇÃO DE PARÂMETROS POPULACIONAIS ENTRE ESPÉCIES SIMPÁTRICAS DE *OLIGORYZOMYS* (RODENTIA:CRICETIDAE) EM RESTINGA, PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO TABULEIRO, SUL DO BRASIL

Carlos Salvador (LECP/PPGE/UFRJ e Caipora Cooperativa / carloshsalvador@hotmail.com) **Marcos Adriano Tortato** (UFPR e Caipora Cooperativa.)
Hugo Mozerle (Graduando. Curso de Ciências Biológicas. UFSC.)
Jorge Cherem (Caipora Cooperativa)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Ecologia

A coexistência de espécies taxonomicamente muito próximas, com biologia semelhante, deve resultar em diferenças nos parâmetros populacionais. A hipótese foi testada com as duas espécies de *Oligoryzomys* de ocorrência no Sul do Brasil: *O. nigripes* e *O. flavecens*. Objetivou-se estimar e comparar os tamanhos populacionais, mortalidade e recrutamento destas espécies na restinga da Baixada do Maciambu, Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, PalhoçaSC, através de método de captura, marcação e recaptura. Os animais foram capturados vivos com armadilhas de queda (*pitfalls*) e de arame, marcados individualmente e soltos no mesmo local de captura. *Pitfalls* (4 linhas de 10 baldes e 6 "Ys") e 5 linhas de 15 armadilhas foram distribuídas igualmente em áreas com vegetação aberta e fechada, durante 15 meses (5 dias/mês) de setembro de 2006 a novembro de 2007. As armadilhas de tamanho médio (15 x 15 x 30 cm) foram dispostas no chão e no sub-bosque (2-4 m de altura), iscadas com banana untadas com pasta de amendoim, distas 10 m uma da outra. Os baldes (30 e 60 litros, alternados) nas linhas tinham distância de 10 m um do outro, ligados por uma cerca de lona de 1 m de altura. Os segmentos dos "Ys" eram formados por cercas de mesma altura e comprimento, com um balde de 100 litros no centro. O esforço total foi de 5.625 armadilhas-noite, 3.000 baldes-noite (de 30/65 l) e 450 baldes-noite (de 100 l). Os parâmetros populacionais foram estimados através do modelo de Comark-Jolly-Seber. Foram marcados 48 indivíduos de *O. nigripes* e 68 de *O. flavecens*, os quais tiveram 54 e 80 capturas totais, respectivamente. A média mensal do tamanho da população de *O. nigripes*. (4 indivíduos) foi 5 vezes menor do que em *O. flavecens* (20). Os picos populacionais ocorreram duas vezes ao longo do estudo e nos mesmos meses para ambas espécies: em novembro de 2006 com 9 e 52 indivíduos respectivo a *O. nigripes*. e *O. flavecens*, e em julho de 2007 com 8 e 72 indivíduos, na mesma ordem. A média mensal da mortalidade e recrutamento na população de *O. nigripes* foi de 3 e 5 indivíduos, e de 9 e 11 indivíduos em *O. flavecens*, respectivamente. A dinâmica das populações foi semelhante, com picos populacionais precedidos ou acompanhados de elevado recrutamento, seguidos de elevada mortalidade no mês decorrente. A diferença entre os tamanhos populacionais corroborou o esperado.

Palavras-chave: taxa de sobrevivência, roedores, ecologia e PEST.

Financiadores: Caipora Cooperativa para Conservação da Natureza

ESTRUTURA POPULACIONAL DE DUAS ESPÉCIES DE ROEDORES EM UMA ÁREA DE CERRADO DO BRASIL CENTRAL

Marcelo Lima Reis (Diretoria de Conservação da Biodiversidade / ICMBio)
Adriana Bocchiglieri (Departamento de Ecologia – UnB / adriblue@unb.br)
Juliana Bragança Campos (Faculdades Integradas da Terra de Brasília)
Ludmilla Bastos Dias (Faculdades Integradas da Terra de Brasília)
Marcela de Paula Marques (Universidade UNICEUB)
Roberta Magalhães Holmes (Universidade Católica de Brasília)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Ecologia

A influência da heterogeneidade espacial na distribuição de recursos e estrutura da paisagem reflete na seleção do hábitat pelas espécies animais e na estrutura das populações locais. Neste contexto, a área deste estudo (Fazenda Jatobá/Floryl Florestadora YPE S.A.), localizada no município de Jaborandi/BA (13°53'E e 45°42'W), caracteriza-se por apresentar um mosaico de talhões de *Pinus* spp. intercalados por faixas de cerrado sentido restrito ao longo de cerca de 92.000 ha. Duas áreas de vegetação nativa (10 Km^2 e 1 km^2) separadas por uma de *Pinus* spp. (2 km de largura) foram amostradas mensalmente entre dezembro de 2003 a agosto de 2005 (exceto outubro e novembro de 2004), utilizando-se uma grade móvel de 50 armadilhas Young e 10 Sherman, sendo estas últimas dispostas no estrato arbóreo. Com um esforço de 4560 armadilhas/noite em cada área, foram registrados 339 indivíduos de 12 espécies, sendo 9 roedores e 3 marsupiais. *Thrichomys apereoides* e *Cerradomys scotti* foram as espécies mais abundantes (N=75, cerca de 22% cada) e estiveram presentes nas três áreas amostradas; correspondendo a 198 (25,03%) e 152 (19,21%) das capturas respectivamente. *T. apereoides* não apresentou diferenças significativas na razão sexual e em relação à sazonalidade nas três áreas amostradas. Fêmeas dessa espécie foram capturadas prenhes entre dezembro e fevereiro, que correspondem ao período chuvoso. Na área de *Pinus* spp. foi registrada a menor abundância (N=13) de *T. apereoides*, sendo que apenas 12,12% das capturas ocorreram nessa área. *C. scotti* apresentou diferenças significativas em relação à razão sexual (X^2=5,586; p=0,0256), sendo 1,9M:1,0F e sazonalidade (X^2=6,23; p=0,0160), com 61% das capturas na chuva, na menor área de cerrado. Fêmeas dessa espécie foram capturadas prenhes e lactantes entre dezembro e março, no período das chuvas. Na maior área de cerrado foi registrada a menor abundância (N=6), sendo que 5,26% das capturas dessa espécie ocorreram nessa área. O período das chuvas no Cerrado corresponde às temperaturas mais quentes do ano e a uma maior disponibilidade de alimento, fatores que podem contribuir para um maior investimento reprodutivo das espécies nesse período. A fragmentação do hábitat bem como a alteração da paisagem (de cerrado para *Pinus* spp.) refletem em uma redução na disponibilidade e diversidade de recursos, como abrigo e alimento, o que acaba afetando, em geral, a abundância das espécies nessas áreas. Entretanto, parece que o mosaico entre os plantios de *Pinus* spp. e cerrado nessa área contribuem para a manutenção dos processos ecológicos da fauna local.

Palavras-chave: *Thrichomys apereoides, Cerradomys scotti*, cerrado, *Pinus* spp.

CONTRIBUIÇÕES SOBRE A BIOLOGIA REPRODUTIVA DE DUAS ESPÉCIES DE EQUIMÍDEOS (RODENTIA, ECHIMYIDAE) DO PARQUE NACIONAL DAS SEMPRE VIVAS, MINAS GERAIS, BRASIL

Leal, K. P. G. (Fauna/Bicho do Mato Meio Ambiente/fuquinha@ig.com.br)
Costa, C. G. (Lab de Mastozoologia/Museu de Ciências Naturais PUC Minas)
Santiago, F. L. (Lab de Mastozoologia/Museu de Ciências Naturais PUC Minas)
Carmo, E. D. C. (Lab de Mastozoologia/Museu de Ciências Naturais PUC Minas)
Câmara, E. M. V. C. (Lab de Mastozoologia/Museu de Ciências Naturais PUC Minas)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Ecologia

A história natural dos roedores tropicais é pouco conhecida e raramente citada em pesquisas e revisões taxonômicas. Não se encontram estudos sobre a evolução das características adaptativas dos hystricognatas, baseadas em sua radiação, nichos que ocupam e estratégias reprodutivas. Apesar disto, é de conhecimento que existem variações inter e intra-específicas relacionadas às diferenças ambientais dos ecossistemas e às variações filogeográficas. Echimídeos são roedores hystricognatas e podem habitar diferentes ambientes nos Biomas brasileiros. A comunidade de pequenos mamíferos não-voadores do Parque Nacional das Sempre-Vivas foi estudada entre jan.2005 e out.2006, com armadilhas tipo gaiola. O esforço amostral foi de 4.878 armadilhas-noite, resultando na captura de 379 indivíduos. Dentre as 15 espécies de pequenos roedores amostradas, duas de echimídeos foram registradas nas diferentes áreas e fitofisionomias trabalhadas: *Thrichomys apereoides* e *Trinomys albispinus*. *T. apereoides* é uma espécie endêmica do Brasil e foi a mais abundante neste estudo (n=159), capturados no interior e entorno da unidade de conservação (UC). Sendo que, 75,4% foram capturados em formações de campo rupestre, corroborando a sua preferência por formações xéricas com solo litólico. Entre os indivíduos capturados, 53,7% foram fêmeas e 46,3% machos, e a razão sexual foi 0,86 machos/fêmeas. Indivíduos jovens e sub-adultos foram capturados entre janeiro-julho, e fêmeas grávidas apenas em outubro, com tamanho de ninhada de, sempre, dois filhotes. *Trinomys albispinus*, também endêmico do Brasil, foi a segunda espécie mais abundante deste estudo (n=136), sendo que 62,5% das capturas foram em fitofisionomias de mata e 19,8% em campo rupestre. Para *T. albispinus*, 59,3% das capturas foram machos e 40,7% fêmeas, com uma razão sexual de 1,43 machos/fêmeas; indivíduos jovens foram capturados em janeiro, março, entre maio-setembro e em novembro; machos com testículos em posição escrotal somente não foram capturados entre julho-setembro. O tamanho da ninhada das fêmeas variou entre um e três filhotes. Os dois echimídeos podem ser encontrados nas mesmas fitofisionomias na UC, mas são mais abundantes em ambientes distintos. Apesar de *T. albispinus* habitar preferencialmente as matas, se encontra bem adaptada ao ambiente xérico. Ambas espécies apresentaram desvio na razão sexual da população estudada, com machos predominando em *T. albispinus* e fêmeas em *T. apereoides*. Estudos que analisem o quanto este desvio influencia no potencial reprodutivo e biótico destas espécies, influenciando o tamanho efetivo da população, podem ser uma importante ferramenta no manejo de espécies de pequenos mamíferos na UC, pelo fato de terem sido os roedores mais abundantes durante o estudo.

Palavras-chave: echimídeos, PARNA Sempre Vivas, Razão sexual

Financiadores: Fundação O Boticário de Proteção a Natureza; FIP PUC Minas

ESTRUTURA ETÁRIA E PROPORÇÃO SEXUAL DE *CTENOMYS MINUTUS* NEHRING, 1887 (RODENTIA, CTENOMYIDAE) NA PLANÍCIE COSTEIRA DO EXTREMO SUL DE SANTA CATARINA, BRASIL.

Alexandre Miranda (Depto. de Ciências Biológicas/UNESC/equiposfauna@metalmiranda.com) **Claudio Ricken** (Depto. de Ciências Biológicas/UNESC.)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Ecologia

Ctenomys minutus é um roedor fossorial que habita as regiões das planícies costeiras de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. A área de estudo está localizada no Balneário Morro dos Conventos, município de Araranguá, litoral do extremo sul do Estado de Santa Catarina, às margens do estuário do rio Araranguá. Foram realizadas 12 campanhas, entre os meses de novembro de 2006 e outubro de 2007. As capturas foram realizadas com o auxílio de 13 armadilhas tipo Oneida Victor®. Os animais capturados tiveram os dados biométricos anotados, tamanho dos apêndices anteriores com e sem a unha, comprimento da cauda, comprimento do corpo e peso, marcados e soltos na toca em que eram capturados. A classificação etária foi definida de acordo com o peso. Sendo as fêmeas classificadas como juvenis quando com peso igual ou inferior a 105 gramas; subadultas com peso entre 105 e 170 gramas e adultas com o peso superior a 170 gramas. Os machos foram classificados como juvenis: com o peso igual ou inferior a 105 gramas; subadultos com peso entre 105 e 250 gramas e adultos com o peso superior a 250 gramas. A proporção sexual da população foi determinada pela divisão do número total de fêmeas, pelo número total de machos amostrados na população. Durante o período em que foi realizado o estudo, foram capturados 24 indivíduos de C. minutus, 13 fêmeas (11 adultos, 1 subadulto e 1 juvenil) e 11 machos (4 adultos e 7 subadultos). A estrutura populacional de *C. minutus* estudada, apresentou uma proporção sexual maior de fêmeas (54%), e uma estrutura etária formada principalmente por indivíduos adultos. Apresentando uma estrutura populacional semelhante a estudos com a mesma espécie. A população total apresentou sua estrutura etária com maior representatividade por fêmeas adultas, e muitos machos subadultos, havendo uma tendência, para a média corporal dos machos ser menor, comparada com as fêmeas. A análise do dimorfismo sexual foi significante apenas entre os indivíduos adultos amostrados.

Palavras-chave: Estrutura populacional; Biologia reprodutiva; Roedor fossorial

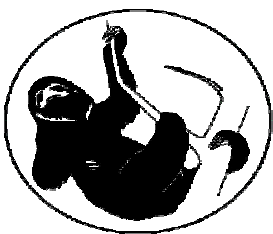
ECOLOGIA DE POPULAÇÕES DE PEQUENOS MAMÍFEROS NA REGIÃO DE JABORÁ, SC, ÁREA DE OCORRÊNCIA DE HANTAVIROSE

Mary Anne Marques da Silva (LABPMR/ IOC / FIOCRUZ / maryanne@ioc.fiocruz.br)
Danúbia Inês Freire Lima (LABPMR / IOC / FIOCRUZ)
Renata Carvalho de Oliveira (LHR / IOC / FIOCRUZ)
Cibele Rodrigues Bonvicino (LABPMR / IOC / FIOCRUZ)
Elba Regina Sampaio de Lemos (LHR / IOC / FIOCRUZ)
Rosana Gentile (LABPMR / IOC / FIOCRUZ)
Paulo Sergio D'Andrea (LABPMR / IOC / FIOCRUZ)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Ecologia

Muitas espécies de pequenos mamíferos têm sido apontadas como reservatórios naturais de parasitas que afetam o homem. Roedores silvestres sigmodontíneos são os reservatórios dos hantavírus da América do Sul, sendo que surtos da hantavirose em populações humanas têm sido associados a períodos de altas densidades populacionais de algumas espécies. O monitoramento de suas populações faz-se necessário para a definição de estratégias de controle desta zoonose. O objetivo deste trabalho é determinar a diversidade dos pequenos mamíferos e analisar a dinâmica populacional e a reprodução das espécies mais abundantes no Município de Jaborá, SC, área endêmica de hantavirose, através de um monitoramento trimestral de longo prazo, durante três anos. Foram estabelecidos transectos de captura de pequenos mamíferos em pequenas propriedades rurais familiares que apresentavam plantações, principalmente de milho, e fragmentos de Floresta de Mata Atlântica. Os animais capturados foram eutanasiados no campo e tiveram seus órgãos internos e sangue coletados para diagnóstico de infecção por hantavírus. As espécies foram identificadas por cariótipo e por caracteres morfológicos. A riqueza encontrada foi de 20 espécies de pequenos mamíferos, sendo 15 de roedores e 5 de marsupiais, o que representa uma riqueza alta para os padrões de Mata Atlântica. O sucesso de captura total foi de 8,8%. As espécies mais abundantes foram as dos roedores sigmodontíneos *Oligoryzomys nigripes* e *Akodon montensis*. Os marsupiais apresentaram abundâncias menores, sendo que a espécie mais abundante foi *Monodelphis dimidiata*, seguida pelo gambá *Didelphis albiventris*. Os picos populacionais das duas espécies de roedores mais abundantes (*A. montensis* e *O. nigripes*) ocorreram sempre nos meses de inverno (junho, julho e agosto), correspondendo ao período de seca, estando de acordo com outros estudos populacionais realizados com estas espécies em outras localidades de Mata Atlântica. Fêmeas em estado reprodutivo foram encontradas predominantemente nos meses de março/abril e novembro/dezembro. Estes roedores são considerados os principais reservatórios da hantavirose e somente estas duas espécies foram identificadas positivas para hantavírus na área de estudo, sendo *O. nigripes* responsável pela transmissão da hantavirose para a população humana no bioma Mata Atlântica.

Palavras-chave: dinâmica de populações, reservatórios silvestres, roedores, zoonoses.

Financiadores: CNPq, FIOCRUZ / IOC, Secretaria de Estado de Saúde de Santa Catarina

RESPOSTA DE ROEDORES A UMA PAISAGEM FRAGMENTADA DE MATA ATLÂNTICA NO SUL DE MINAS GERAIS

Adriane Calaboni (Laboratório e Museu de Zoologia / UNIFAL-MG / bioadriane@yahoo.com.br)
Juliana Costa Jordão (Laboratório e Museu de Zoologia / UNIFAL-MG)
Vinícius Xavier da Silva (Laboratório e Museu de Zoologia / UNIFAL-MG)
Alexandre Percequillo (Laboratório de Ecologia Animal / Esalq-USP)

Área: Rodentia **Sub-Área**: Ecologia

A fragmentação de habitats é uma das grandes ameaças à biodiversidade global e consiste na redução de uma área extensa e contínua de habitat a pequenos fragmentos isolados devido geralmente à formação de pastagens ou cultivos (matriz). Os efeitos da fragmentação são muito variáveis e alteram a diversidade das espécies, a dinâmica da floresta, a estrutura trófica da comunidade e muitos processos ecológicos. À medida que se sai da matriz e entra no fragmento em direção ao seu interior verificam-se alterações no meio abiótico como diminuição de temperatura e aumento de umidade. Alterações desse tipo conhecidas como efeito de borda influenciam a diversidade de espécies de pequenos mamíferos que tendem a aumentar com a distância da borda. O objetivo dessa pesquisa foi quantificar a biomassa de pequenos roedores e estimar parâmetros ambientais comparando borda e interior de quatro fragmentos, além de analisar o deslocamento dos indivíduos da matriz para o interior do fragmento e vice-versa. Foram amostrados através de dois tipos de armadilha de interceptação e queda em quatro fragmentos amostrados de Mata Atlântica no município de Alfenas, com 8, 15, 20 e 60 ha. Cada fragmento recebeu 2 armadilhas de borda e 2 de interior (a mais de 50m da borda) e um tipo especial de armadilha de borda para cada tipo de matriz. Foram estimadas taxa de queda de serrapilheira, abertura de dossel, altura e diâmetro das espécies arbóreas numa área de $4m^2$ correspondente a cada estação dos pares de borda e interior. Foram realizadas 6 revisões mensais de 3 dias nas armadilhas. Contrariando as expectativas, as taxas de queda de serrapilheira e de abertura de dossel não mostraram diferenças significativas entre borda e interior assim como altura e diâmetro no nível do solo. A biomassa de roedores na borda e interior também não apresentou diferenças significativas. Esta ausência de diferenças pode ser uma indicação de que os remanscentes muito pequenos estão bastante degradados, não existindo interior tão diferenciado da borda, com ambos os locais sofrendo mudanças abióticas devido à fragmentação. Apesar do pequeno número de fragmentos amostrados, estes resultados indicam a urgência de proteção aos poucos e reduzidos remanescentes de Mata Atlântica no sul de Minas Gerais, pelo menos no que tange pequenos mamíferos.

Palavras-chave: Fragmentação, Rodentia, efeito de borda, matriz, conservação

FREQÜÊNCIA DE CÉLULAS CALICIFORMES NO CÓLON DE RATAS TRATADAS COM LEITE HUMANO PASTEURIZADO ADICIONADO OU NÃO COM BACTÉRIAS BÍFIDAS

Bruna Fontana Thomazini (Departamento de Biologia Geral/UFV/brunabiologia@hotmail.com)
Izabel Regina dos Santos Costa Maldonado (Departamento de Biologia Geral/UFV)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Fisiologia

As células caliciformes secretam muco, um fluido que recobre a mucosa intestinal e impede a penetração de agentes patogênicos. O principal constituinte do muco são as mucinas, que formam um grupo heterogêneo de glicoproteínas. Principalmente as mucinas ácidas protegem a mucosa intestinal contra a translocação bacteriana, ou seja, a passagem de bactérias vivas ou toxinas através da mucosa para outros compartimentos do organismo. As bactérias bífidas são consideradas probióticas e quando adicionadas ao leite humano podem trazer vários benefícios para a saúde do lactente, dentre eles o estabelecimento de uma microbiota intestinal equilibrada. Neste estudo realizou-se análise morfométrica da mucosa do cólon ascendente de ratas Wistar para determinar a freqüência de células caliciformes secretoras de mucinas ácidas e/ou neutras. Utilizaram-se 32 fêmeas com 21 dias de idade, recém-desmamadas e distribuídas nos seguintes grupos: T0: eutanasiadas no início do experimento; TD: alimentadas com dieta comercial e eutanasiadas após 21 dias; TLP: alimentadas com dieta comercial e tratadas com leite humano pasteurizado; TLPB: alimentadas com dieta comercial e tratadas com leite humano pasteurizado enriquecido com bifidobactérias. O leite humano, enriquecido ou não de bifidobactérias, foi oferecido por via oral, na dose de 0,1 ml/rata, durante 21 dias. Os cortes semi-seriados do cólon, com 5.10^{-6}m de espessura, foram submetidos à técnica histoquímica do PAS (ácido periódico-Schiff) mais Alcian Blue (pH 2,5), que revela simultaneamente glicoproteínas neutras (PAS+) e ácidas (AB+). As preparações foram fotografadas com objetiva de 20X e zoom de 1.25 e a análise morfométria foi realizada aplicando -se uma grade com 70 intersecções em 7 fotos por animal no programa Image Pro Plus, versão 4.5. A freqüência de células secretoras AB+ e de PAS+/AB+ foi maior no grupo TLP, talvez pela presença de certos oligossacarídios com função probiótica no leite. Contudo, esse aumento não foi significativo em relação aos demais grupos ($p>0,05$). Vários fatores podem estar ligados a tal resultado, como a forma pela qual o concentrado de bifidobactérias foi oferecido, o tempo do experimento e até mesmo o fato de serem animais sadios. Estes resultados sugerem que a adição de bifidobactérias não provoca alteração na freqüência de células caliciformes na mucosa do cólon.

Palavras-chave: rodentia, intestino grosso, leite, probiótico

DISTINÇÃO CARIOTÍPICA ENTRE EXEMPLARES DE *CERRADOMYS SUBFLAVUS* (CRICETIDAE, ORYZOMYINI) DO ESPÍRITO SANTO E PERNAMBUCO

Machado, M. X. (Departamento de Ciências Biológicas / UFES / mxmachado@yahoo.com.br)
Paresque, R. (Depto. de Ciências da Saúde, Biológicas e Agrárias / UFES)
Leite, Y.L.R. (Departamento de Ciências Biológicas / UFES)
Fagundes, V. (Departamento de Ciências Biológicas / UFES)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Genética

O gênero *Cerradomys* é composto por quatro espécies (*C. subflavus*, *C. scotti*, *C. maracajuensis* e *C. marinhus*) com distribuição no Cerrado e Caatinga do nordeste do Brasil até o Chaco no leste da Bolívia. Esse gênero apresenta variação do número diplóide de 2n=48 a 2n=58, sendo *C. subflavus* a espécie com maior variação cariotípica. Analisamos o cariótipo de cinco exemplares, provenientes de duas localidades da Mata Atlântica no Espírito Santo e uma na Caatinga em Pernambuco, e investigamos o número diplóide (2n), número de braços autossômicos (NF), padrões de bandamento C e localização das regiões organizadoras do nucléolo coradas pela prata (Ag-RONs). Foram encontradas cinco variantes cariotípicas, sendo uma inédita. Dois exemplares do ES apresentaram 2n=54, com diferença no NF. O exemplar da Santa Teresa (NF=62) apresentou três pares de submetacêntricos grandes, dois pares de metacêntricos pequenos e 21 pares de acrocêntricos pequenos; as Ag-RONs se localizam em três pares acrocêntricos. O exemplar de Águia Branca (NF=66) apresentou três pares de submetacêntricos grandes, quatro pares de metacêntricos pequenos e 19 pares de acrocêntricos pequenos. A diferença entre as formas NF=62 e 66 pode ser explicada por duas inversões pericêntricas. A forma 2n=54/NF=66 é inédita na literatura. Os três exemplares de Buíque (PE) apresentaram diferentes números diplóides (2n=48, 49 e 50) com o mesmo NF=56. A forma com 2n=50 apresentou um par metacêntrico grande, um par de subtelocêntrico grande, três pares de submetacêntricos pequenos, dois pares de acrocêntricos grandes e 17 pares de acrocêntricos pequenos. A diferença entre as formas 2n=50, 49 e 48 pode ser explicada por uma fusão dos cromossomos 7 e 9 da forma 2n=50, gerando um par de grandes metacêntricos (7/9) na forma 2n=48. A condição heterozigota, com um cromossomo 7, um 9 e um 7/9 foi encontrada na forma 2n=49. A banda C mostrou um grande bloco centromérico no cromossomo 7/9 e pequenos blocos nos cromossomos 7 e 9. As Ag-RONs ocorrem nos pares 6 (acrocêntrico grande), 8 (acrocêntrico médio) e 14, 17 e 18 (acrocêntricos pequenos).Os dois conjuntos cariotípicos 2n=54/NA=62, 66 e 2n=48-50/NA=56 foram associados a *C. subflavus*, porém são composições cariotípicas bem distintas quanto ao número de cromossomos, forma e localização das RONs. Ainda, as formas com 2n=54 foram encontradas no bioma da Mata Atlântica, enquanto as formas 2n=48-50 foram encontradas na Caatinga. Nossos dados sugerem que ambas as composições cariotípicas não são reprodutivamente compatíveis entre si e devem representar espécies biológicas distintas.

Palavras-chave: Cerradomys subflavus, citogenética, variabilidade cariotípica.

Financiadores: CNPq, FAPES.

CBMz

NOVO CARIÓTIPO PARA O GÊNERO *THAPTOMYS* THOMAS, 1916

Adriana Lopes Gouveia (Setor de Ecologia/DBI/UFLA,)
Marcelo Passamani (Setor de Ecologia/DBI/UFLA, mpassamani@ufla.br)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Genética

Para o gênero *Thaptomys* é descrita apenas uma espécie, *Thaptomys nigrita*, onde seu cariótipo foi descrito para vários exemplares com um número diplóide 2n=52 e número fundamental NF=52, sugerindo um cariótipo bastante conservado. Recentemente, Ventura et. al (2004) descreveu uma variação cariotípica para o gênero (2n=50 e NF=48), em Una, Norte da Bahia. Neste trabalho descrevemos uma nova variação cariotípica no gênero, que pode se tratar de uma nova espécie. Os indivíduos foram capturados em uma mata em regeneração no município de Minduri, sul de Minas Gerais. Foram coletados em armadilhas de queda do tipo Pitfall e levados para laboratório onde lâminas com preparações cromossômicas foram preparadas, seguindo protocolo de Ford & Hamerton (1956). Em seguida, as lâminas eram submetidas a corante convencional Giemsa 10% e analisadas ao microscópio. Foram analisados o cariótipo de 6 espécimes, 2 fêmeas e 4 machos, com um cariótipo 2n=49 e NF=52, apresentando uma trissomia com 2 cromossomos submetacêntricos e 1 metacêntrico grande, 22 pares de autossomos acrocêntricos, 1 par autossomo metacêntrico pequeno, cromossomo sexual X acrocêntrico grande e cromossomo sexual Y submetacêntrico pequeno. Esta possível trissomia pode ter sido originada por fusões e fissões cêntricas, relatados em algumas outras espécies de roedores. Este novo cariótipo representa uma evolução dentro do grupo, provavelmente originado por um isolamento reprodutivo dentro desta espécie, ocasionando uma futura especiação.

Palavras-chave: *Thaptomys*, cariótipo, variação cromossômica

Financiadores: FAPEMIG, CNPq

MÉTODO DE LEVANTAMENTO COM BASE EM DADOS CARIOLÓGICOS DE ROEDORES DE PEQUENO PORTE DE IPUEIRAS – TO

Bruno Henrique Saranholi (Estagiário/IB-UNESP)
Bruna P. Rufato (Ex-estagiária/FCA-UNESP)
Suzana A. Matos da Silva (Ex-estagiária/FCA-UNESP)
Renata Cristina B. Fonseca (Depto. de Recursos Naturais/FCA-UNESP)
José Fernando de S. Lima (Depto. de Recursos Naturais/FCA-UNESP/jfslima@hotmail.com)

Área: Rodentia **Sub-Área: Genética::** Genética

O projeto “Estudos sobre diversidade, citotaxonomia e conservação de pequenos mamíferos terrestres”, desenvolvido no Departamento de Recursos Naturais da FCA/Unesp propõe aplicar técnicas citogenéticas como ferramentas para facilitar a identificação científica das espécies. Os roedores de pequeno porte são conhecidos pela abundância, diversidade e dificuldade de identificação. Para dar início aos estudos sobre citotaxonomia, foi utilizado amostras celulares já disponíveis de Ipueiras-TO (95Km de Palmas, ao sul), coletadas em junho/2001 (em cinco dias). Temos como objetivo apresentar um levantamento empregando um método rápido de análise citotaxonômica. Preparações cromossômicas foram obtidas da medula e os animais taxidermizados foram depositados no Museu de Zoologia da UNITINS, em Porto Nacional-TO. Das 22 amostras coletadas na Fazenda Lago Azul (10º58'S, 48º27'W, aproximadamente), 19 foram analisadas: *Necromys lasiurus* (5M e 1F); *Calomys* sp. (2M), *Nectomys rattus* (1F), *Oligoryzomys* sp. (1M e 1F;), *Oryzomys* sp. (1M), *Rhipidomys macrurus* (1M), *Proechimys roberti* (1F), *Thrichomys* sp. (3M;) e *Rattus rattus* (1M e1F). Lâminas foram preparadas, analisadas e classificadas de acordo com a qualidade do material celular: “Boa” (metáfases com nenhuma/raras sobreposições e formas cromossômicas definidas), “Razoável” (metáfases com sobreposições, mas com formas cromossômicas definidas) e “Ruim” (duas situações: incompletas, com variação no 2n e os cromossomos agrupados, mas com a forma definível na sua maioria ou cromossomos separados com os braços unidos/juntos, dificultando a definição da forma). Os resultados das analises foram: *N. lasiurus*, boa (2n=34, NA=34); *Calomys* sp., ruim (2n=56 a 66); *Nectomys rattus*, boa (2n=52, NA=52); *Oligoryzomys* sp., ruim (2n= 60 a 64); *Oryzomys* sp., boa (2n=54, NA=62), *Rhipidomys macrurus*, boa (2n=44, NA=48); *Proechimys roberti*, boa (2n=30, NA=54); *Thrichomys* sp., boa (2n=26, NA=48) e *Rattus rattus*, razoável (2n=42). As confirmações foram definidas pela análise conjunta das metáfases de cada amostra (principalmente, em relação às amostras do tipo “ruim”) e consulta a bibliografia especializada. As análises citotaxonômicas mostram que *Calomys* sp. é *C. tener* (2n=66, NA=66), *Oligoryzomys* sp. é *O. microtis* (2n=64, NA=66), *Oryzomys* sp. é *Hilaeamys megacephalus* (2n=54, NA=62) e *Thrichomys* sp. é *T. a. inermis* (2n=26, NA=48). As demais espécies foram compatíveis com as identificações preliminares. *T. inermis* apresentou cariótipo idêntico ao descrito para espécies da Bahia e região do Jalapão-TO, exceto em relação ao cromossomo Y, citado como um pequeno metacêntrico. Na nossa amostra, o Y apresenta-se como um submeta ou subtelocêntrico pequeno. Em relação ao X (um subtelocêntrico médio), nenhuma variação foi encontrada como citada para Rio do Sono-TO, descrito como acrocêntrico médio.

Palavras-chave: roedores, citotaxonomia; metáfases, *Thrichomys*, Ipueiras.

Financiadores: FCA e UNITINS

POLIMORFISMOS CROMOSSÔMICOS E BARREIRAS GEOGRÁFICAS: INFLUÊNCIA NA ORGANIZAÇÃO DA VARIABILIDADE GENÉTICA EM *CTENOMYS MINUTUS* (RODENTIA, CTENOMYIDAE)

Carla Martins Lopes (Depto de Genética - PPGBM / UFRGS / cmlopes82@hotmail.com)
Thales Renato Ochotorena de Freitas (Depto de Genética / UFRGS)

Área: Rodentia **Sub-Área: Genética::** Genética

Ctenomys minutus é um roedor subterrâneo que ocorre em uma estreita faixa da Planície Costeira dos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, apresentando onze diferentes cariótipos (2n = 42, 46a, 46b, 47a, 47b, 48a, 48b, 49a, 49b, 50a e 50b) e quatro zonas híbridas intra-específicas. O objetivo deste trabalho é caracterizar a variabilidade genética e o fluxo gênico entre diferentes populações de *C. minutus* em associação com dados de distribuição geográfica e polimorfismos cromossômicos. Foram analisados 407pb da região controladora do DNA mitocondrial (mtDNA) para espécimes de toda a distribuição geográfica, e cinco loci de microssatélites para espécimes do sistema cariotípico "a" e 2n = 42. Foram encontrados 34 haplótipos pela análise de 187 indivíduos através do mtDNA e 65 alelos em 202 espécimes para os dados de microssatélites. Grande parte dos haplótipos encontrados é restrita a uma única população, sendo que os compartilhados ocorrem entre populações vizinhas pertencentes a zonas híbridas intra-específicas. As análises de diferenciação genética foram consistentes com o modelo simples de isolamento pela distância (r = 46.98%, P = 0.00; r = 34.86%, P = 0.039), através dos dados de mtDNA e loci de microssatélites, respectivamente. Um possível padrão de expansão populacional recente foi rejeitado através dos testes de neutralidade de Fs de Fu, D de Tajima (Fs = -1.676, P = 0.36; D = 0.696; P = 0.81) e o gráfico de distribuição de mismatch. Os resultados indicaram que, em geral, as populações encontram-se fortemente estruturadas, apresentando baixos níveis ou ausência de fluxo gênico (valor global para mtDNA: Fst = 0.8561). Para os dados de microssatélites a maior parte das comparações de fluxo gênico pareadas entre as populações foram significativamente divergentes, com 56.36% e 72.72% dos valores de Fst e Rst maiores do que 0.15, respectivamente. Os espécimes estudados, não são pertencentes a uma população panmítica, e as potenciais barreiras geográficas, como rios, encontrados ao longo da Planície Costeira dos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina parecem não ter agido, até o momento, como barreiras efetivas ao fluxo gênico entre diferentes populações de *C. minutus* de acordo com os dados de mtDNA. Os diferentes cariótipos compartilhados por esta espécie também parecem não representar barreiras efetivas ao fluxo gênico. Os resultados obtidos para C. minutus neste estudo confirmam alguns pressupostos para roedores subterrâneos, como pequenas populações fragmentadas associadas com baixos níveis de dispersão dos indivíduos com hábitos tipicamente solitários.

Palavras-chave: roedor subterrâneo, DNA mitocondrial, microssatélites.

Financiadores: CNPq, Protax/CNPq, CAPES, FAPERGS, Projeto tuco-tuco, ONG Mamíferos RS

PRIMEIROS DADOS CARIÓTIPOS DE *RHAGOMYS RUFESCENS* (THOMAS, 1886) (RODENTIA: SIGMODONTINAE).

André Filipe Testoni (Laboratório de Citogenética Animal - DG, UFPR- andtestoni@gmail.com)
Sérgio Luiz Althoff (Laboratório de Biologia Animal - DCN, FURB)
Francisco Steiner-Souza (Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal - DZ, UFRGS)
André Paulo Nascimento (Laboratório de Genética- DCN, FURB)
Ives José Sbalqueiro (Laboratório de Citogenética Animal - DG, UFPR)

Área: Rodentia **Sub-Área: Genética::** Genética

O gênero *Rhagomys* (Rodentia: Sigmodontinae) apresenta duas espécies: *Rhaghomys longilingua*, com distribuição no Peru e Bolívia, e *Rhagomys rufescens* endêmica de Floresta Atlântica do Sudeste e Sul do Brasil com distribuição nos Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo e Santa Catarina. Neste trabalho são apresentados os dados citogenéticos, inéditos para esta espécie. Foram analisados sete indivíduos (quatro machos e três fêmeas) coletados no Parque Natural Municipal Nascentes do Garcia (27°02'58''S, 49°08'57''W), localizado nos municípios de Blumenau e Indaial, Santa Catarina, Sul do Brasil. Esta região apresenta vegetação classificada em Floresta Ombrófila Densa Atlântica e fica a 650m de altitude. As metáfases foram obtidas através da preparação direta de medula óssea, e o material celular corado com Giemsa a 5%. As peles e os crânios dos exemplares testemunhos foram depositados na Coleção Científica do Laboratório de Biologia Animal da Universidade Regional de Blumenau - FURB. A análise do material dos sete exemplares, nesta coloração, revelou o número diplóide de cromossomos (2n) como sendo igual a 36 e o número de braços autossômicos (NA) igual a 50. Desta forma, o cariótipo está composto, entre os autossomos, por seis pares de cromossomos metacêntricos: de tamanhos grande (1 a 3), mediano (6 e 7) e o menor do genoma (8); dois pares de submetacêntricos médios (4 e 5) e nove de acrocêntricos, onde seus tamanhos variam de médio (par 9, semelhante ao do 4) a pequeno (pares 10 a 17). O cromossomo X é um acrocêntrico médio (similar ao 9) e o Y é um acrocêntrico pequeno (equivalente ao par 10). O cariótipo de *Rhagomys rufescens* apresentado neste trabalho corresponde à primeira descrição para esta espécie e representando a possibilidade de futuras comparações com o de *Rhagomys longilingua*, ainda não determinado, o que permitirá novas abordagens sobre a polêmica taxonomia do gênero.

Palavras-chave: *Rhagomys rufescens*, cariótipo

Financiadores: DCN/FURB, Lab. Citogenética Animal, UFPR

CARACTERIZAÇÃO CITOGENÉTICA DAS POPULAÇÕES DE *AKODON* DE TRÊS MUNICÍPIOS DO SUDESTE BRASILEIRO: POUSO ALTO, CONCEIÇÃO DO RIO VERDE (MG) E ITATIAIA (RJ)

Clarice Augusta Carvalho Cardoso (Lab. Biodiversidade Molecular/UFRJ/clariceacc@ufrj.br)
Flávia Casado Dias da Silva (Setor de Mastozoologia - Departamento de Vertebrados/ MN-UFRJ)
Júlio Fernando Vilela (Lab Biodiversidade Molecular; Setor de Mastozoologia/UFRJ; MN-UFRJ)

Área: Rodentia **Sub-Área: Genética::** Genética

Características morfológicas externas de *Akodon* levam algumas espécies a serem tratadas como crípticas, tornando a citogenética uma importante ferramenta para identificação destas unidades. Existe uma ampla variação no número diplóide em *Akodon* (2n entre 9-10 até 46), assim como no número fundamental autossômico (Nfa) dentro das espécies do gênero. Este trabalho traz a composição cariotípica encontrada em *Akodon* nos municípios de Pouso Alto, Conceição do Rio Verde (MG) e Itatiaia (RJ) coletados em três expedições no inverno de 2007. Preparações citogenéticas foram realizadas com administração de colchicina a 10^{-6} M (0,1mL/g) por até duas horas, seguida de choque hipotônico com KCl (0,075M) entre 20 e 30 minutos após a obtenção da medula óssea do fêmur, e por fim o material celular foi fixado em Carnoy (3:1 Metanol: Ácido Acético) para preparação de lâminas. Essas foram coradas com Giemsa para obtenção de fotografias das metáfases. Em Pouso Alto foi obtido cariótipo de dez espécimes, nove apresentando 2n = 24 e Nfa = 42, possuindo no primeiro par grandes cromossomos submetacêntricos, e do segundo ao nono pares metacêntricos gradativamente menores. O décimo par se mostrou acrocêntrico pequeno, enquanto o 11º era um diminuto par metacêntrico. O cromossomo X era um pequeno acrocêntrico e o cromossomo Y um acrocêntrico diminuto. Uma fêmea apresentou cariótipo com 2n = 23 devido à ausência de um cromossomo X. Em Conceição do Rio Verde, os cariótipos dos 11 espécimes analisados apresentaram 2n = 24 e Nfa = 42, com o mesmo padrão dos espécimes de Pouso Alto sendo classificados como *Akodon montensis*. Em Itatiaia, dez espécimes foram cariotipados, um deles com 2n = 46 e Nfa = 46, apresentando do primeiro ao 21º par autossômico cromossomos acrocêntricos de tamanhos gradativamente menores, e o 22° par metacêntrico diminuto. Este exemplar foi classificado como *Akodon serrensis*. Os demais espécimes de Itatiaia apresentaram 2n = 14 e Nfa = 18, 19 ou 20. Nestes houve polimorfismo envolvendo os pares 2 (homomórfico acrocêntrico ou heteromórfico acrocêntrico + metacêntrico/submetacêntrico) e 3 (homomórfico acrocêntrico, homomórfico metacêntrico/submetacêntrico ou heteromórfico acrocêntrico + metacêntrico/submetacêntrico), compondo quatro cariótipos diferentes. Os pares autossômicos 1, 4, 5 e 6 se mostraram homomórficos: o par 1 sendo um grande metacêntrico/submetacêntrico, o par 4 metacêntrico, o par 5 acrocêntrico e o par 6 um diminuto metacêntrico. Os animais com 2n = 14 foram classificados como *Akodon cursor*. A forma dos cromossomos sexuais foi comum às três espécies analizadas nos três municípios.

Palavras-chave: Pequenos mamíferos, Polimorfismo, *Akodon cursor*

Financiadores: CNPq; PIBIC-UFRJ

CARACTERIZAÇÃO DO CARIÓTIPO DE *KANNABATEOMYS AMBLYONYX* (RODENTIA, ECHIMYIDAE, DACTYLOMYINAE) DE SANTA CATARINA, SUL DO BRASIL

Guilherme Pereira Rabelo (Laboratório de Citogenética Animal / UFPR / gprabelo@yahoo.com.br)
André Filipe Testoni (Laboratório de Citogenética Animal / UFPR)
Sérgio Luiz Althoff (Laboratório de Biologia Animal / FURB)
André Paulo Nascimento (Laboratório de Biologia Animal / FURB)
Ives José Sbalqueiro (Laboratório de Citogenética Animal / UFPR)

Área: Rodentia **Sub-Área: Genética::** Genética

O gênero de ratos-da-taquara *Kannabateomys* tem como única espécie *K. amblyonyx*, sendo assim, monotípico. Ela apresenta uma distribuição no Brasil desde o Espírito Santo até o Rio Grande do Sul, estendendo-se até o leste do Paraguai e nordeste da Argentina. É considerada uma espécie arbórea e noturna da Floresta Atlântica ligada à presença de bambus, onde vive e dos quais se alimenta. Neste trabalho são apresentados dados citogenéticos de *K. amblyonyx* coletados em duas localidades do Estado de Santa Catarina, Sul do Brasil. Foram analisados sete indivíduos (quatro machos e três fêmeas) coletados no Parque Natural Municipal Nascentes do Garcia (27°02'58"S, 49°08'57"W), localizado nos municípios de Blumenau e Indaial, Santa Catarina, Sul do Brasil. Esta região apresenta vegetação do tipo Floresta Ombrófila Densa e fica a 650m de altitude. Também foi analisado um indivíduo fêmea coletado no município de São Domingos, Oeste de Santa Catarina. Para a coleta dos animais, foram utilizadas armadilhas de passagem sobre passarelas suspensas no estrato arbóreo. As peles e crânios foram depositados na Coleção Científica do Laboratório de Biologia Animal da Universidade Regional de Blumenau - FURB. A obtenção de material citogenético se deu pela utilização da colchicina, que foi injetada intraperitonealmente, e a preparação direta da medula óssea. Para a visualização das metáfases, foi aplicada a técnica da coloração convencional (Giemsa) nas lâminas preparadas. Com isso, foram verificados o número diplóide (2n), morfologia dos cromossomos e número de braços longos autossômicos (NA). O cariótipo de todos os indivíduos apresentou 2n = 98 e NA = 124, com 14 pares autossômicos de morfologia metacêntrica/submetacêntrica e 34 pares autossômicos acrocêntricos, com variação gradual de tamanho. O cromossomo sexual X apresentou morfologia submetacêntrica e o Y, acrocêntrica, constituindo os maiores cromossomos de cada tipo. Esses dados divergem de resultados apresentados anteriormente para espécimes provenientes do Estado do Espírito Santo, que apresentam 2n = 98 e NA = 126, com 15 pares autossomos metacêntricos/submetacêntricos e 33 pares acrocêntricos. Esta diferença de apenas um par de autossomos poderia ser explicada por uma inversão pericêntrica, sendo que estudos posteriores utilizando técnicas de coloração diferencial poderão elucidar a relação entre estes dois citótipos.

Palavras-chave: Citogenética, Mata Atlântica, Região Sul, rato-da-taquara

Financiadores: PPG-GEN/UFPR, CNPq, DCN/FURB

CBMz

FILOGEOGRAFIA DE *EURYZYGOMATOMYS* (RODENTIA: ECHIMYIDAE) DO LESTE DO BRASIL

Ana Carolina Covre Loss (Lab. de Mastozoologia e Biogeografia / UFES / carol.loss@gmail.com)
Yuri Leite (Lab. de Mastozoologia e Biogeografia / UFES)

Área: Rodentia **Sub-Área: Genética::** Genética

Euryzygomatomys é um representante semi-fossorial da radiação dos ratos-de-espinho neotropicais (família Echimyidae). É um gênero endêmico da Mata Atlântica, com ocorrência registrada no Paraguai, leste do Brasil e nordeste da Argentina, mas pouco se sabe sobre sua ecologia, biologia e diversidade. Alguns autores consideram duas espécies para o gênero, *Euryzygomatomys spinosus* (localidade tipo: Atira, Paraguai) e *E. guiara* (localidade tipo: Ipanema, Brasil), enquanto outros reconhecem como única espécie *E. spinosus*. Esse trabalho teve como objetivo esclarecer as relações filogeográficas entre populações ao longo da distribuição de *Euryzygomatomys* no leste do Brasil e contribuir para o entendimento dos limites entre espécies e da taxonomia do grupo. Para isso, foram analisadas seqüências dos primeiros 801 pares de base do gene mitocondrial citocromo *b* de 9 indivíduos do gênero *Euryzygomatomys*, provenientes de 7 localidades do leste do Brasil; de Minas Gerais ao Rio Grande do Sul. As árvores filogenéticas construídas tanto pelo critério da parcimônia quanto da verossimilhança e a rede de haplótipos não indicaram estruturação geográfica forte, sendo que os clados formados tiveram baixo suporte de *bootstrap*. A distância genética encontrada entre os indivíduos variou de 0,6% a 4,3% com média de 2%. O teste de Mantel não indicou isolamento por distância, sugerindo fluxo gênico entre as diferentes populações ao longo da distribuição geográfica. Os resultados combinados da filogenia, rede de haplótipos, distância genética e teste de Mantel indicam que as populações de *Euryzygomatomys* do leste do Brasil representam uma única espécie. Como não foram analisadas amostras do Paraguai, estudos futuros serão necessários para indicar se as populações do leste do Brasil e do Paraguai pertencem à mesma espécie.

Palavras-chave: filogenia, citocromo b, Mata Atlântica, rede de haplótipos

Financiadores: CEPF, UFES/Petrobrás, FAPES

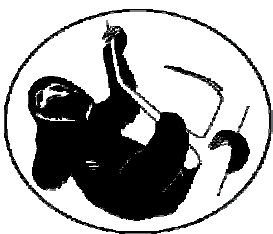
VARIABILIDADE GENÉTICA E ANÁLISE DE PARENTESCO EM TRÊS SUB-POPULAÇÕES DE *CTENOMYS LAMI* (CTENOMYIDAE, RODENTIA)

Tatiane Noviski da Silva Fornel (Departamento de Genética / UFRGS/ tatiane.noviski@ufrgs.br)
Eunice Moara Matte (Departamento de Genética / UFRGS)
Thales Renato O. de Freitas (Departamento de Genética / UFRGS)

Área: Rodentia **Sub-Área: Genética::** Genética

Ctenomys lami, uma das espécies de roedores fossoriais popularmente conhecidas como tuco-tucos, distribui-se ao longo da região denominada Coxilha das Lombas, entre a Lagoa Negra e Lagoa dos Barros, na planície costeira do Rio Grande do Sul. Foi descrita em 2001, sendo que até então era considerada como parte de *C. minutus*. No limite sul de sua distribuição, na margem leste da Lagoa Negra (S 30°21'35,6''/ W 51°00'32,9"), município de Viamão, RS, Brasil, foram capturados, marcados e recapturados 89 indivíduos, apresentando uma separação geográfica de 50, 100 e 150m entre três sub-populações (AxB, BxC e AxC, respectivamente). Foram utilizados 15 marcadores de microssatélites, descritos para espécies co-genéricas de *C. sociabilis* (Soc 1, Soc 2, Soc 3, Soc 4, Soc 5, Soc 6, Soc 7 e Soc 8) e *C. haigi* (Hai 2, Hai 3, Hai 4, Hai 5, Hai 6, Hai 9 e Hai 12) para verificar as relações de parentesco dos indivíduos, entre e dentro, das três sub-populações sugeridas. Pelo programa Genepop 3.1 foi verificado o valor de *Fst* de 0.0256 para a população total, e de 0.0170, 0.0143 e 0.0456, para os pares AxB, BxC e AxC, respectivamente, sendo valores baixos para considerá-las como populações independentes, mas valores de *Fis* de 0.0992, 0.1849 e 0.1075 para populações A, B e C, respectivamente, podem indicar uma possível subestruturação incipiente. O número de migrantes por geração entre sub-populações foi estimado em 5.12 indivíduos. Utilizando o programa Cervus 3.0 foi verificado um conteúdo de informação polimórfica (PIC) de 0.33, com média de variabilidade alélica encontrada de 2.67 alelos/*locus*. A heterozigosidade esperada encontrada foi de 0.3918. A probabilidade de não-exclusão para o primeiro possível progenitor foi de 0.303 e de 0.080 para o segundo possível progenitor. Esses baixos valores impedem a análise mais aprofundada da estrutura de parentesco das sub-populações, podendo apenas sugerir os mais prováveis genitores de cada indivíduo da prole testado.

Palavras-chave: *Ctenomys*, Parentesco, Microssatélites

Financiadores: CNPq, Capes, Fapergs, Projeto Tuco-tuco e ONG Mamíferos RS

CBMz

EVIDÊNCIAS DE PSEUDOGENES DO CITOCROMO B NO GENOMA DO TUCO-TUCO-DAS-DUNAS, *CTENOMYS FLAMARIONI* (RODENTIA: CTENOMYIDAE), E A SUA INTERFERÊNCIA EM ESTUDOS DE CONSERVAÇÃO

Gabriela P. Fernández-Stolz (Departamento de Genética/ UFRGS/ gabriela.fernandez@ufrgs.br)
Tatiane N. S. Fornel (Departamento de Genética/ UFRGS)
Paula A. Roratto (Departamento de Genética/ UFRGS)
Thales R. O. de Freitas (Departamento de Genética/ UFRGS)

Área: Rodentia **Sub-Área: Genética::** Genética

O gênero *Ctenomys* compreende aproximadamente 60 espécies de roedores subterrâneos distribuídas na porção sul da região neotropical. O tuco-tuco-das-dunas (*Ctenomys flamarioni*) é endêmico do litoral do Rio Grande do Sul e de ocorrência restrita ao bioma costeiro. Como conseqüência da instabilidade natural deste bioma, e em concomitância com o aumento da exploração imobiliária que sofre a região, este tuco-tuco se encontra atualmente sob ameaça de extinção. Numerosos estudos têm comprovado a transferência de genes mitocondriais para o núcleo em vários grupos de organismos. Pseudogenes nucleares já foram encontrados em outras espécies de tuco-tucos e esse trabalho tem como objetivo identificá-los em *C. flamarioni*, pois poderiam estar servindo como artifícios nos estudos filogenéticos e populacionais atualmente desenvolvidos para esta espécie, dado o crescente uso destas abordagens em estudos de conservação. Para uma amostra de 50 indivíduos pertencentes a dez populações ao longo da distribuição da espécie foram seqüenciados dois fragmentos do gene citocromo b: um fragmento de 422 pb utilizando os *primers* MVZ05 e TUCO06, e outro de 220 pb utilizando os *primers* TUCO07 e TUCO14. Foram encontrados dois grupos diferentes de seqüências baseados no primeiro fragmento: um correspondente ao gene mitocondrial funcional (A) e o outro que se acredita seja um pseudogene nuclear (B), dada a grande divergência genética observada. Este último grupo de seqüências está sendo clonado e caracterizado com a finalidade de descartar a existência de mais de uma seqüência não homologa ao gene do citocromo b. O pseudogene candidato foi encontrado em quatro indivíduos (8%) da amostra e apresentou 21 sítios variáveis (5% de divergência nucleotídica), sendo que 19 substituições aconteceram na terceira base do códon (90,5%) e duas na primeira (9,5%). Dos 21 sítios variáveis, 18 representam mutações silenciosas e três codificam para um aminoácido diferente (2,1% dos codons estudados) o que possivelmente torna a proteína não funcional. As árvores filogenéticas geradas, utilizando seqüências do gene do citocromo-b de diferentes espécies do gênero *Ctenomys*, mostram que o possível pseudogene se agrupa com seqüências obtidas para espécies filogeneticamente distantes da espécie considerada. Este estudo contribui para recentes observações que reforçam a necessidade de cuidados ao interpretar seqüências de produtos de PCR, especialmente as geradas a partir de *primers* universais.

Palavras-chave: *Ctenomys*, pseudogenes, citocromo b, primers universais

Financiadores: CNPq, CAPES, FAPERGS, Projeto tuco-tuco

VARIABILIDADE CARIOTÍPICA E HETEROMORFISMO DE CROMOSSOMOS SEXUAIS EM ROEDORES DO GÊNERO *RHIPIDOMYS* (RODENTIA, CRICETIDAE)

Núbia Badke Thomazini (Laboratório de Genética Animal/ UFES/nubiabt@gmail.com)
Leonora Pires Costa (Laboratório de Mastozoologia e Biogeografia/UFES)
Yuri Luiz Reis Leite (Laboratório de Mastozoologia e Biogeografia/UFES)
Valéria Fagundes (Laboratório de Genética Animal/ UFES)

Área: Rodentia **Sub-Área: Genética::** Genética

O gênero *Rhipidomys* apresenta grande polimorfismo cariotípico, com 15 formas cariotípicas descritas, sendo 2n=44 o número diplóide mais freqüente e o número de braços autossômicos variando de NA=46-80. Números diplóides 2n=48 e 2n=50 também são observados, levando à subdivisão do gênero em três grupos: *mastacalis* com 2n=44/NA=72-80, *leucodactylus* com 2n=44/NA=46-52 e *nitela* com 2n=48/50. Neste estudo descrevemos o cariótipo de 57 espécimes de *Rhipidomys* de 14 novas localidades. Em todos os exemplares observamos 2n=44, com variações no NA de 48, 50, 72 e 74, caracterizando quatro formas distintas: 2n=44/NA=48 em Una (BA); 2n=44/NA=50 em Crato (CE, n=5), Buique (PE, n=1), Jalapão (TO, n=1), Ribeirão Cascalheira (MT, n=6), Andaraí (BA, n=3), Nova Ponte (MG, n=2), Coronel Murta (MG, n=1), Ibitirama (ES, n=2) e Cotia (SP, n=3); 2n=44/NA=72 em Una (BA, n=13); e 2n=44/NA=74 em Águia Branca (ES, n=2), Alto Misterioso (ES, n=1) e Cariacica (ES, n=13). Em Una e Muqui foram encontradas duas formas cariotípicas simpátricas. O cariótipo 2n=44/NA=72 de Una é inédito. Foram detectados heteromorfismos de cromossomos sexuais em dois cariótipos: 2n=44/NA=50 e 2n=44/NA=74. Até então, heteromorfismos de cromossomos sexuais só haviam sido descritos para o cariótipo 2n=44/NA=48, com três formas de cromossomo X: acrocêntrico médio (Xa); submetacêntrico médio (Xb) e submetacêntrico médio com acréscimo de heterocromatina no braço curto (Xc); e para 2n=50/NA=71-72, com duas formas de cromossomo Y: acrocêntrico pequeno (Yb) e acrocêntrico médio (Yc). Em todos os cariótipos de *Rhipidomys* o cromossomo Y é um acrocêntrico pequeno, o menor do complemento (Ya). No presente estudo, espécimes com 2n=44/NA=50 apresentaram duas formas de X: Xa e Xb; e três formas de Y: Ya, Yc, e Yd, uma nova forma, acrocêntrico médio do mesmo tamanho do X. Dados da literatura só haviam registrado as formas Xa e Ya para esse cariótipo. A constituição dos pares sexuais dos espécimes do presente estudo foram XaYa para Jalapão, Muqui, Ibitirama e Nova Ponte; XbYb para Buique, Coronel Murta e Cotia; XbYa para Ribeirão Cascalheira, XbYd para Crato, e XbYa e XbYb para Andaraí. Os indivíduos com 2n=44/NA=74 apresentaram duas formas de X: Xa e Xb, esta última inédita nesse cariótipo e encontrada somente na população de Cariacica (n=13), com uma fêmea XaXb. Portanto, eleva-se para 16 as formas cariotípicas conhecidas para *Rhipidomys*, para quatro as formas de cromossomo Y e para quatro os cariótipos com heteromorfismos dos cromossomos sexuais (2n=44/NA=48, 2n=44/NA=50, 2n=44/NA=74 e 2n=50/NA=71-72).

Palavras-chave: polimorfismo de cromossomo sexual, citogenética, cromossomo

Financiadores: CNPq, FAPES e FACITEC

CBMz

ESTUDOS CITOGENÉTICOS EM *TRINOMYS DIMIDIATUS* DA ILHA GRANDE (RJ) E DE POPULAÇÕES CONTINENTAIS (RJ, SP) (RODENTIA, ECHIMYIDAE)

Margaret Maria de Oliveira Corrêa (Laboratório de Mastozoologia / UFRJ / margaret@biologia.ufrj.br)
Leila Maria Pessôa (Laboratório de Mastozoologia / UFRJ)
Emerson Bitencourt (Departamento de Entomologia / FIOCRUZ)

Área: Rodentia **Sub-Área: Genética::** Genética

O gênero *Trinomys* apresenta atualmente dez espécies e quatorze táxons reconhecidos para o leste do Brasil. Dos dez táxons com cariótipos descritos, quatro apresentam análises cariotípicas detalhadas de espécimes provenientes dos estados da Bahia, São Paulo e Espírito Santo. Dos outros seis táxons, somente os números diplóides e fundamentais foram descritos para São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. O objetivo do presente estudo é investigar através de análises das regiões organizadoras de nucléolos (RONs) e de padrões de distribuição da heterocromatina constitutiva (bandas C), a existência de variação em populações de *Trinomys dimidiatus* de localidades no continente (Rio Bonito, RJ e Ubatuba SP), e insular (Ilha Grande, RJ). Para a detecção das RONs foi realizada a coloração com nitrato de prata e as bandas-C foram marcadas com hidróxido de bário. Foi analisado um total de sete espécimes, sendo um macho e uma fêmea de Rio Bonito, um macho e duas fêmeas de Ubatuba e um macho e uma fêmea da Ilha Grande. As RONs estão localizadas intersticialmente no braço longo do par cromossômico número 10 em todos os exemplares estudados das três localidades. Estas marcações são coincidentes com as constrições secundárias, observadas na coloração convencional. Os resultados das RONs encontrados neste estudo são similares aos já descritos na literatura para outros táxons do gênero. Entretanto, até o momento, análises do padrão de distribuição da heterocromatina constitutiva mostraram variação nos exemplares das diferentes localidades. Os indivíduos provenientes de localidades do continente apresentam um padrão semelhante, com pouca ou nenhuma heterocromatina constitutiva pericentromérica na maioria dos cromossomos autossômicos e no cromossomo Y. Por outro lado, em cerca de sete pares de autossomos e no cromossomo X os blocos heterocromáticos são mais conspícuos. Os indivíduos da Ilha Grande apresentam heterocromatina constitutiva em praticamente todos os autossomos e nos pares sexuais, além de aproximadamente oito pares com blocos mais conspícuos, revelando uma maior quantidade de heterocromatina. Variação craniana entre populações de *T. dimidiatus* da Ilha Grande e continentais já havia sido detectada na literatura, mas nenhum estudo citogenético havia sido desenvolvido para avaliar variabilidade entre essas populações. É conhecido que a Ilha Grande está separada do continente há aproximadamente sete milhões de anos, este tempo foi aparentemente o suficiente para gerar as diferenças observadas na morfologia craniana e na microestrutura cariotípica. Estudos mais detalhados, e se possível, envolvendo um maior número de indivíduos são necessários para corroborar os resultados aqui encontrados.

Palavras-chave: Regiões Organizadoras de Nucléolos, Bandas-C, Ilha Grande, Continente

Financiadores: UFRJ, CNPq

POLIMORFISMO CROMOSSÔMICO E OCORRÊNCIA DE UMA NOVA ZONA HÍBRIDA INTRA-ESPECÍFICA PARA *CTENOMYS MINUTUS* (RODENTIA-CTENOMYIDAE), NO SUL DO BRASIL.

Simone Ximenes (Depto de Genética / UFRGS / mone.poa@gmail.com)
Carla Martins Lopes (Depo de Genética - PPGBM / UFRGS)
Thales Renato Ochotorena de Freitas (Depto de Genética / UFRGS)

Área: Rodentia **Sub-Área: Genética::** Genética

A espécie *Ctenomys minutus* (Nehring, 1887) ocorre na Planície Costeira do sul do Brasil, desde o sul do Estado de Santa Catarina, nas proximidades da praia de Jaguaruna, até o município de São José do Norte no Estado do Rio Grande do Sul, apresentando onze diferentes números cariotípicos (2n = 42, 46a, 46b, 47a, 47b, 48a, 48b, 49a, 49b, 50a e 50b). Dentro de sua distribuição têm-se a formação de quatro zonas híbridas intra-específicas entre os cariótipos: a) 2n = 46a x 2n = 48a; b) 2n = 46b x 2n = 48b; c) 2n = 42 x 2n = 48a; d) 2n = 50b e 2n = 48b. Neste trabalho foram analisados: oito indivíduos coletados entre os municípios de Mostardas e Tavares, no Rio Grande do Sul, pertencentes a uma população intermediária entre os cariótipos 42 e 46b, que se distribuem parapatricamente; e 13 espécimes coletados em três pontos distintos localizados entre a margem norte do Rio Araranguá e o município de Jaguaruna, em Santa Catarina. Foram encontrados três diferentes números cariotípicos no primeiro local citado: 2n=42 (2 indivíduos), com número de braços autossômicos (NA) igual a 74, 2n=43 (3 indivíduos), NA=70, 72 e 74, e 2n=44 (3 indivíduos), NA=74. Esta nova zona híbrida (2n=42 x 2n=46b) demonstra que apesar do sistema cariotípico "b" apresentar uma inversão pericêntrica no braço curto do cromossomo 2 em relação ao sistema cariotípico "a'', é possível o cruzamento entre espécimes dos dois sistemas. Nas outras três localidades amostradas em Santa Catarina foram descritos dois novos cariótipos, até então desconhecidos: 2n=48 (12 indivíduos), NA=76 e 2n=47 (1 indivíduo), NA=76. A descoberta de cariótipos diferentes, nunca antes descritos e de uma nova zona híbrida demonstra a grande variabilidade cromossômica da espécie e reforçam a hipótese de que diferentes cariótipos parecem não agir como barreiras reprodutivas para *C. minutus*.

Palavras-chave: roedor, variabilidade cariotípica, barreira reprodutiva

Financiadores: CNPq, CAPES, FAPERGS, Projeto tuco-tuco, ONG Mamíferos RS

ESTUDO CARIOTÍPICO DOS ROEDORES DA CHAPADA DIAMANTINA, BAHIA, BRASIL

Souza, A.L.G. (Lab. de Mastozoologia / UFRJ / ana.lgs@gmail.com)
Corrêa, M.M.O. (Lab. de Mastozoologia / UFRJ)
Oliveira, J.A. (Dep. Vertebrados / Museu Nacional, UFRJ)
Pessôa, L.M. (Lab. de Mastozoologia / UFRJ)

Área: Rodentia **Sub-Área: Genética::** Genética

Análises citogenéticas têm sido utilizadas como mais uma ferramenta fundamental para elucidar problemas taxonômicos em diversas ordens de mamíferos. A ordem Rodentia, com 2177 sp., é a mais diversificada e ainda apresenta muitos problemas com relação à taxonomia dos grupos. A Chapada Diamantina é um vasto platô montanhoso localizado no interior do estado da Bahia, com altitudes variando de 400 a 2000m, estando nele representados diversos tipos vegetacionais. Este estudo tem como objetivo descrever a composição cariotípica dos roedores da Chapada Diamantina no sentido de investigar a existência da diversidade na morfologia cromossômica em relação a diversidade altitudinal e longitudinal existente na Chapada e comparar com os dados da literatura. Neste estudo foram realizadas oito coletas em 18 localidades ao longo dos gradientes longitudinal e altitudinal da Chapada Diamantina, entre Dezembro/2002 e Fevereiro/2007. Foram coletados 172 espécimes em armadilhas de arame desmontável, Sherman, e pitfall. O material testemunho está taxidermizado e depositado na Coleção de Mamíferos do Museu Nacional, UFRJ. Todas as espécies foram identificadas através da morfologia externa e craniana. As análises cariotípicas foram iniciadas ainda em campo e finalizadas no laboratório. Quinze espécies foram analisadas utilizando coloração convencional Giemsa. Até o momento nossos estudos resultaram em 14 cariótipos: *Oligoryzomys nigripes* (2n=62, NA=80), *Cerradomys* sp. (2n=50, NA=64 e 2n=46, NA=52), *Akodon cursor* (2n=16, NA=25), *Bolomys lasiurus* (2n=34, NA=34), *Calomys expulsus* (2n=66, NA=68), *Oxymycterus delator* (2n=54, NA=64), *O. dasytrichus* (2n=54, NA=64), *Rhipidomys mastacalis* (2n=44, NA=74), *Rhipidomys* sp. (2n=44 NA=54), *Kerodon rupestris* (2n=52, NA=92), *Thrichomys inermis* (2n=26, NA=48), *Trinomys albispinus* (2n=60, NA=116), *T. minor* (2n=60, NA=116). Dentre os resultados encontrados, destaca-se um novo cariótipo para o gênero *Rhipidomys* além de diferenças entre os cromossomos sexuais de *R. mastacalis* entre espécimes coletados no norte e no centro-sul da Chapada. Também foram encontrados dois cariótipos diferentes em espécimes simpátricos de *Cerradomys*. As duas espécies de *Oxymycterus* coletadas também foram encontradas em simpatria numa localidade a 1300m de altitude, e apresentam o mesmo cariótipo, diferindo no cromossomo X, sendo que *O. dasytrichus* apresenta o mesmo já reportado para *O. delator* de Goiás. O cromossomo X de *C. expulsus* também difere do reportado na literatura.

Palavras-chave: Chapada Diamantina, rodentia, citogenética, Bahia

Financiadores: ProBio, Capes, CNPq, UFRJ

CBMz

ANÁLISES FILOGEOGRÁFICAS ENTRE POPULAÇÕES DE *CALOMYS EXPULSUS* (MURIDAE; SIGMODONTINAE) NO CERRADO E CAATINGA

Luciana Guedes Pereira (Lab. Biol. Parasit. Mamíferos Silvestres Reservatórios / FIOCRUZ / luciana@gpereira.bio.br)
Lena Geise (Laboratório de Mastozoologia / UERJ)
Alexandra Maria Ramos Bezerra (Departamento de Zoologia / UNB)
Paulo S. D'Andrea (Lab. Biol. Parasit. Mamíferos Silvestres Reservatórios / FIOCRUZ)
Cibele Rodrigues Bonvicino (Lab. Biol. Parasit. Mamíferos Silvestres Reservatórios / FIOCRUZ)

Área: Rodentia **Sub-Área: Genética::** Genética

Para estudar populações de *Calomys expulsus*, espécie endêmica do Brasil, foram analisados 59 espécimes de 18 localidades do Cerrado e Caatinga. Como marcador foi utilizado o gene mitocondrial Citocromo b, sendo 23 seqüências de *C. expulsus* obtidas neste estudo e 36 do GenBank. Adicionalmente, outras seqüências do GenBank foram incluídas nas análises, sendo sete de outras espécies de *Calomys* e uma de *Akodon montensis*, esta última usada como grupo de fora. Foram encontrados 35 haplótipos nas amostras de *C. expulsus*, sendo alguns compartilhados por amostras de diferentes localidades. A média de distância genética p entre espécies de *Calomys* foi 0,045 e entre amostras de *C. expulsus* foi 0,011. Análises de agrupamentos vizinhos, máxima parcimônia e máxima verossimilhança mostraram estruturas semelhantes, corroborando estudos anteriores, onde foram revelados três grandes clados dentro de *Calomys*: o clado das terras altas, o das terras baixas e o das espécies de *Calomys* de tamanho grande. Estas análises mostraram as populações *C. expulsus* como monofiléticas, separadas em dois grupos. O Grupo I inclui as populações à leste do rio São Francisco, com localidades na Bahia e Minas Gerais, e o Grupo II inclui as populações à oeste deste rio, com localidades em Goiás, Tocantins e Piauí. Dentro do Grupo I, os haplótipos da Chapada Diamantina não formam um grupo monofilético, porque parte deles se agrupa com haplótipos de Juramento e Caetité, sugerindo a presença de fluxo gênico atual e/ou passado entre estas populações. As populações do Grupo I estão localizadas na mesma cadeia de montanhas na Serra do Espinhaço, enquanto as populações do Grupo II estão localizadas nas serras do Planalto Central e planícies dos rios Tocantins e Parnaíba, sendo estes grupos separados pelo rio São Francisco, sugerindo este como uma barreira geográfica. *Calomys expulsus* parece ter surgido há cerca de 2.3 Ma, enquanto o rio São Francisco é mais antigo, tendo surgido há cerca de 65 Ma. No entanto, o curso do rio São Francisco sofreu mudanças ao longo do tempo, incluindo alterações na sua foz, que era no rio Parnaíba. O baixo curso atual do rio São Francisco incluindo a foz no oceano Atlântico surgiu durante a última glaciação (há cerca de 10.000 a 12.000 anos). Os resultados encontrados sugerem que é provável que existisse fluxo gênico entre as populações de *Calomys expulsus* do baixo curso do rio até esta mudança de curso e aumento de volume do rio São Francisco.

Palavras-chave: Citocromo b, genética molecular, Phyllotini, Brasil

Financiadores: CNPq

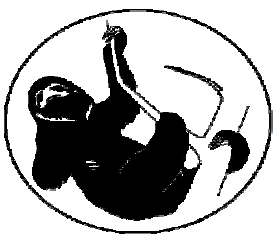
OCORRÊNCIA DE *THAPTOMYS NIGRITA* EM UM FRAGMENTO DE FLORESTA OMBROFILA MISTA E FLORESTA ESTACIONAL NO SUL DO BRASIL

Bruno Busnello Kubiak (Lab. Biologia da Conservação/URI/busnelo@hotmail.com)
Daniel Galiano (Lab. Biologia da Conservação/URI)
Cassiano Estevan (Lab. Biologia da Conservação/URI)
Jorge Reppold Marinho (Depto. de Ciências Biológicas/URI)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Levantamento

O gênero *Thaptomys* pertencente à família Cricetidea, sendo a única espécie representante *Thaptomys nigrita*, a qual apresenta como características morfológicas modificações para vida subterrânea. A presença de *T. nigrita*, por ser especialista quanto ao tipo de habitat, pode traduzir um ambiente bem preservado, uma vez que esta é indicadora de qualidade ambiental. Tendo em vista que, segundo a literatura, a distribuição de *T. nigrita* limita-se apenas a faixa litorânea da Mata Atlântica, este trabalho tem como objetivo determinar o padrão de distribuição regional e a dinâmica temporal da espécie. O estudo foi desenvolvido no Horto Florestal Municipal de Erechim, localizado na região norte do Rio Grande do Sul (27°37''54'S; 52°16''52'W). O Horto Florestal Municipal de Erechim apresenta área aproximada de 60 há de Floresta Ombrófila Mista e Floresta Estacional. O levantamento da fauna de roedores silvestres foi realizado com periodicidade sazonal durante dois anos (outono 2006 - verão 2008). Foram estabelecidos seis transectos, três em um fragmento de mata nativa e três em um fragmento de florestamento com *Pinnus spp* (sendo que os três últimos foram instalados um ano e meio após o inicio do trabalho). Em cada ponto foram instaladas duas armadilhas do tipo *live trap*: As armadilhas permaneceram em atividade durante cinco noites por estação do ano, perfazendo um esforço amostral de 4500 armadilhas. Os animais capturados foram identificados e marcados com um corte em "V" na orelha e libertados no local de captura. Adicionalmente a este método, armadilhas de interceptação e queda dispostas em "Y" foram instaladas em cada área. Foram obtidas 16 capturas de nove indivíduos de *T.nigrita*: quatro capturas de um indivíduo na primavera de 2006, 10 capturas de sete indivíduos na primavera de 2007 e duas capturas de um indivíduo no verão de 2008. Obteve-se um maior numero de capturas nos transectos de gaiolas com 13 capturas de sete indivíduos, destas 10 capturas de quatro indivíduos na mata nativa e três indivíduos capturados no florestamento com Pinnus. Nas armadilhas de interceptação e queda foram capturados três indivíduos, apenas no fragmento de mata nativa. Até o momento foram capturados 301 roedores pertencentes a cinco espécies, desta forma a representatividade de *T. nigrita* na comunidade é de 3,3%, corroborando o padrão de poucas espécies abundantes e muitas espécies raras ou especialistas. Os registros obtidos aumentam e interiorizam a distribuição geográfica desta espécie, em diferentes elementos fitofisionômicos, no estado do Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: *Thaptomys nigrita* , Distribuição geográfica, Cricetidae

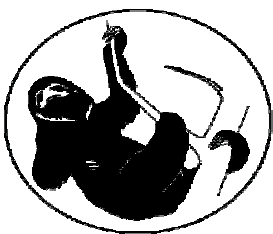
Financiadores: URI - Campus de Erechim

NOVOS REGISTROS DE OCORRÊNCIA PARA ESPÉCIES DO GÊNERO *TRINOMYS* THOMAS, 1921 (RODENTIA: ECHIMYIDAE) NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

<u>Nina Attias</u> (Lab. de Ecologia de Pequenos Mamíferos / UERJ / ninaattias@yahoo.com.br)
Daniel S. L. Raíces (Lab. de Ecologia de Pequenos Mamíferos / UERJ)
Flávia Soares Pessoa (Lab. de Ecologia de Pequenos Mamíferos / UERJ)
Hermano Albuquerque (Lab. de Ecologia de Pequenos Mamíferos / UERJ)
Tássia Jordão-Nogueira (Lab. de Ecologia de Pequenos Mamíferos / UERJ)
Thiago Carvalho Modesto (Lab. de Ecologia de Pequenos Mamíferos / UERJ)
Helena de Godoy Bergallo (Lab. de Ecologia de Pequenos Mamíferos / UERJ)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Levantamento

Os ratos de espinho do gênero *Trinomys* possuem uma distribuição abrangente. Algumas espécies, porém, possuem registros somente para sua localidade tipo e adjacências. Em nosso estudo realizamos inventários em nove áreas do Estado do Rio de Janeiro onde capturamos três espécies do gênero (*Trinomys dimidiatus, T. setosus e T. gratiosus bonafidei*). Através dessas coletas pudemos registrar uma nova ocorrência de *T. gratiosus bonafidei*, aumentando sua distribuição em linha reta para o Noroeste em 100 km e incluindo-a em uma região de Floresta Estacional Semidecidual. *Trinomys setosus*, até então não registrada para o Estado do Rio de Janeiro, foi capturada no município de Cambuci, estendendo sua distribuição em 150 km a leste do seu registro mais ao sul, em Juiz em Fora, Minas Gerais. O estado passa a ter agora cinco espécies reconhecidas do gênero *Trinomys*, porém nenhuma delas ocorrendo acima de 1200 m de altitude. Nosso estudo evidencia a necessidade de aumento de esforço amostral em áreas pouco estudadas e em pequenos fragmentos florestais, em especial na Floresta Estacional Semidecidual no Estado do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: *Trinomys gratiosus bonafidei*, *T. setosus*, *T. dimidiatus*

Financiadores: CEPF, Faperj, CNPQ e Aliança para Conservação da Mata Atlântica

CBMz

A CONTRIBUIÇÃO DE DISCIPLINA "MANEJO DE FAUNA SILVESTRE" PARA O CONHECIMENTO DA MASTOFAUNA DA FLORESTA NACIONAL DE PASSO FUNDO/RS

Franciele Coghetto (URI-Campus de Erechim/RS / francoghetto@hotmail.com)
Bruno Grando Cavalcanti (URI-Campus de Erechim/RS)
Matheus Weshenfelder Müller (URI-Campus de Erechim/RS)
Maurício Barreto (URI-Campus de Erechim/RS)
Laura Benetti Slaviero (URI-Campus de Erechim/RS)
Mônica Pistore (URI-Campus de Erechim/RS)
Franciele Somenzi (URI-Campus de Erechim/RS)
Caroline Badzinski (URI-Campus de Erechim/RS)
Samara Michelin (URI-Campus de Erechim/RS)
Fernanda Rigo (URI-Campus de Erechim/RS)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Levantamento

A disciplina Manejo de Fauna Silvestre é oferecida em caráter eletivo aos alunos do curso de Bacharelado em Ciências Biológicas da URI - Erechim e tem como objetivo compreender a importância do estudo, manejo e conservação da fauna silvestre na Floresta Nacional de Passo Fundo. Formada por uma área florestal relativamente extensa, uma Floresta Nacional tem como objetivo proporcionar a produção de madeira, água, vida silvestre e forragem criando um ambiente de recreação, sendo este capaz de responder as necessidades econômicas, sociais e culturais da população. São escassos os estudos realizados na FLONA de Passo Fundo com relação à riqueza, diversidade e ocorrência de mamíferos no local. Os pequenos mamíferos foram capturados com armadilhas tipo *live trap*, dispostas em 3 transectos paralelos distando 10m, em uma área de transição entre mata nativa e reflorestamento de *Pinus* sp.. Em cada transecto foram marcados 14 pontos (7 na área nativa e 7 na área de *Pinus* sp.) distando 10m, em cada ponto foram colocadas 2 armadilhas, totalizando 84 armadilhas, com um esforço total de 504 armadilhas. Em adição a esse método foram utilizadas armadilhas de interceptação e queda com cerca-guia - *pitfall traps with drift fences* - instaladas em uma área nativa e outra em reflorestamento com *Araucaria angustifólia*. Cada estação era composta por três baldes de 70l distribuídos em Y e ligados por 5m de cerca. As armadilhas permaneceram em atividade durante 4 noites ininterruptamente e foram revisadas todas as manhãs durante os dias da coleta. Para caracterização no período de coleta foram analisados parâmetros abióticos de temperatura e umidade do ar, medidos diariamente de 2 em 2 horas, durante os dias da coleta. Foram capturadas três espécies diferentes de pequenos mamíferos: seis nas armadilhas de queda - três *Thaptomys nigrita* e três *Oligorizomys nigripes* e doze coletados nas gaiolas, sendo nove *Akodon montensis* e três *Oligorizomys nigripes*. Os resultados obtidos durante a realização da disciplina instrumentam os alunos do curso de Ciências Biológicas nas metodologias de coleta de pequenos mamíferos e ainda fornecem subsídios para compreender a diversidade de pequenos mamíferos da FLONA de Passo Fundo.

Palavras-chave: manejo de fauna; roedores; FLONA Passo Fundo

DIAGNÓSTICO DA SITUAÇÃO DE PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO VOADORES DA LOCALIDADE BRAÇO PAULA RAMOS NO MUNICÍPIO DE LUIS ALVES / SC

Fernando José Venâncio (ACAPRENA / fjvenancio@yahoo.com.br)
Beatrice Stein Boraschi dos Santos (Laboratório de Biologia Animal - FURB)
Cintia Gisele Gruener (ACAPRENA)
Sérgio Luiz Althoff (Laboratório de Biologia Animal – FURB)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Levantamento

O município de Luis Alves está inserido no vale do Itajaí ao sul do Brasil, possuindo uma área territorial de 253 km^2 inseridos no bioma Mata Atlântica. Visto o alto grau de riqueza de pequenos mamíferos da Mata Atlântica aliado ao atual conhecimento sobre a mastofauna de pequeno porte não voadores de Santa Catarina, poucos estudos enfocam a distribuição das espécies em ambientes alterados pela agricultura e pecuária em áreas rurais. A área de estudo é chamada de Braço Paula Ramos, nome dado a esta localidade na zona rural do município de Luis Alves. Tem como característica um relevo bastante acidentado com várias encostas cortadas por muitas nascentes, uma vegetação nativa fragmentada, possuindo em vários pontos cultura de banana entre outros cultivos e também a bovinocultura. O estudo foi conduzido em um ano consecutivo, sendo feitas excursões ao campo em intervalos de dois meses, permanecendo no local de coleta três noites. Utilizou-se um total de 50 armadilhas do tipo gaiola de isca suspensa no solo, distanciadas 15 metros uma das outras. As armadilhas foram armadas e iscadas ao entardecer e revisadas ao amanhecer, permanecendo abertas dia e noite. Usou-se como atrativo milho, bacon, paçoquinha de amendoim, sardinha e trigo. Foram realizadas coletas no período de Julho 2006 a Julho de 2007, com um esforço amostral de 850 armadilhas/dia, resultaram um total 39 capturas de roedores pertencendo a quatro espécies, *Oryzomys russatus* (n= 28); *Oligoryzomys negripes* (n= 8); *Akodon montensis* (n= 2) e *Oxymycterus judex* cf (n= 1). Não obtivemos nenhum exemplar de pequeno mamífero pertencente a ordem Didelphimorphia. A espécie *O. russatus* foi a mais capturada em todas as campanhas, sendo que estava presente em quase todas saídas a campo, compreendendo 71% das capturas. Nenhuma espécie exótica de roedor foi observada na área, visto que sua ocorrência pode ser comum em áreas antropizadas e principalmente junto a plantações. Este tipo de fisionomia alterada ainda revela muitas dúvidas a respeito das relações das espécies com estes locais, visto que algumas espécies de roedores toleram muito bem essas alterações e outras não suportam certos níveis de alteração ambiental. O pouco número de captura pode estar relacionado ao baixo esforço amostral de armadilhas, assim é necessário um maior incremento de armadilhas e excursões ao campo, para visar uma maior riqueza de espécies que podem ocorrer nesta área. Bem como coletas em áreas menos alteradas para servir como área de controle.

Palavras-chave: Roedores, Agricultura

Financiadores: ACAPRENA e DCN/FURB

VARIAÇÃO NA FORMA DO CRÂNIO NO GÊNERO *CTENOMYS* EM RELAÇÃO AO GRUPO-*MENDOCINUS* (RODENTIA: CTENOMYIDAE)

Rodrigo Fornel (Departamento de Genética / UFRGS / rodrigofornel@hotmail.com)
Pedro Cordeiro-Estrela (Departamento de Genética / UFRGS)
Thales Renato O. de Freitas (Departamento de Genética / UFRGS)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Morfologia

O gênero *Ctenomys* (tuco-tucos) compreende aproximadamente 60 espécies que ocupam principalmente campos arenosos na metade meridional da região Neotropical. Estes roedores subterrâneos são considerados um excelente exemplo de especiação rápida e de alta diversidade cromossômica. Estudos feitos nas duas últimas décadas, principalmente com dados citogenéticos, sugerem a existência de um conjunto de espécies de *Ctenomys* que compartilham uma série de características. O grupo-*mendocinus* como veio a ser chamado é composto por sete espécies, todas com o mesmo número diplóide (2n=48), o mesmo padrão de banda-C cromossômica e apresentam espermatozóide assimétrico. O objetivo deste trabalho é comparar a forma do crânio de espécies de *Ctenomys* e verificar se o grupo-mendocinus difere das demais espécies do gênero. Para isso foram analisados com técnicas de morfometria geométrica 631 crânios de *Ctenomys*: *C. lami* (N=89), *C. minutus* (N=197), *C. torquatus* (N=192), *C. pearsoni* (N=29), *C. perrensi* (N=7) e representando o grupo-mendocinus, *C. flamarioni* (N=34), *C. australis* (N=35), *C. porteousi* (N=26) e *C. mendocinus* (N=22). Estabelecemos marcos anatômicos para as vistas dorsal, ventral e lateral de cada crânio. Usamos o método de sobreposição generalizada de procrustes para os marcos anatômicos e aplicamos análise de componentes principais (PCA), análise discriminante, análise multivariada da variância (MANOVA) e calculamos as distâncias de Mahalanobis como medida de diferença morfométrica. Os resultados mostram que os dois grupos diferem significativamente para as três vistas do crânio ($P<<0.001$). Com as projeções dos marcos anatômicos nos componentes principais e nos eixos discriminantes é possível verificar que o grupo-*mendocinus* apresenta um crânio mais achatado dorsoventralmente com nasais cobrindo quase completamente os pré-maxilares e que o rostro e os arcos zigomáticos são menos desenvolvidos em relação às demais espécies do gênero. O padrão de diferença morfológica pode ser devido a restrições filogenéticas, ou simplesmente, que as espécies se parecem mais dentro dos grupos de ancestralidade mais recente do que entre eles. E mesmo em espécies de grupos diferentes mas que ocupam habitats semelhantes não se verificou similaridade na forma do crânio, ou seja, até o momento não foi verificado convergência adaptativa para a forma do crânio no gênero *Ctenomys*.

Palavras-chave: *Ctenomys*, especiação, estatística multivariada, morfometria geométrica

Financiadores: CNPq, CAPES, FAPERGS, Projeto Tuco-tuco

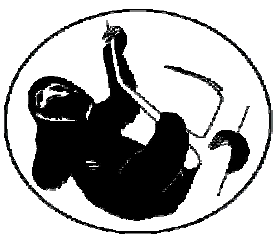
CBMz

KIDNEY MORPHOLOGY IN TUCO-TUCOS (CTENOMYIDAE: RODENTIA

Jorge Reppold Marinho (PPG - Ecologia, URI-Erechim / jreppold@uricer.edu.br)
Sidinei Bortolon da Costa (UNIJUI)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Morfologia

The genus *Ctenomys* is represented by endemic herbivorous rodents distributed in the southern half of South America, from the south of Peru to Tierra del Fuego. In the state of Rio Grande do Sul, we find the following species: *Ctenomys minutus, C. torquatus, C. flamarioni, C. lami*. The objective of the present work is to collaborate in the morphological description and physiology of the tuco-tucos kidneys (*C. flamarioni, C. torquatus*). Five animals of *C. flamarioni* and five of *C. torquatus* were collected in their range areas. The kidneys of these two species were fixed in paraformaldehyde, dehydrated in ethylic series and enclosed in Paraplast. Cuts of 5 mm were obtained with a rotating microtome and stained by the method of Hematoxilina and Eosin. The kidneys of *C. torquatus* and *C. flamarioni* presented a distinct morphology, the renal cortex occupying great part of the kidney, while the medulla occupied only a small central part. The presence of only one renal papilla suggests that the kidneys are unipapillar. The papilla occupies a region that extends from the limit of the medulla to renal hylum, in the proximal half; the medulla has an abundance of branches of the nephric fold, while the distal region has a predominance of collecting ducts. There is a predominance of cortical glomerulus. The kidney morphology of the two studied species suggests that these rodents developed specializations to support hydric stress and concentrate urine.

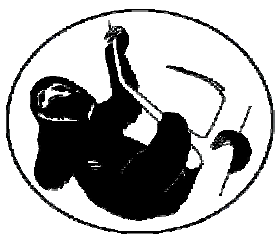
Palavras-chave: Morphology, kidney, *Ctenomys torquatus*, *Ctenomys flamarioni*

DIFERENÇAS ANATÔMICAS DO ESQUELETO PÓS-CRÂNIO ENTRE DUAS ESPÉCIES SIMPÁTRICAS DO GÊNERO *OLIGORYZOMYS* (CRICETIDAE: RODENTIA)

Roberta Paresque (CEUNES/ UFES - robertaparesque@ceunes.ufes.br)
Alexandre Uarth Christoff (Museu de Ciências Naturais da ULBRA - ULBRA (RS))

Área: Rodentia **Sub-Área:** Morfologia

Oligoryzomys está amplamente distribuído pela América do Sul e parte da América Central. A identificação das espécies deste gênero é difícil, pois seus representantes são muito semelhantes e os limites morfológicos não estão bem estabelecidos, sendo comum o uso de dados citogenéticos (2n/NA) para a identificação dos espécimes visto a ocorrência de cariótipos espécie-específicos no grupo. Devido à presença de muitos exemplares de museus sem dados citogenéticos procuramos caracteres do crânio e do esqueleto pós-crânio potenciais para a distinção de duas espécies que ocorrem em simpatria no Brasil: *O. nigripes* e *O. flavescens*. Analisamos 15 exemplares adultos do Museu de Ciências Naturais da ULBRA provenientes de diferentes localidades do Rio Grande do Sul, fotografamos o crânio em vistas superior, inferior e lateral e peças ósseas do esqueleto pós-crânio em vistas anterior, posterior, medial e lateral. Posteriormente comparamos as imagens e detectamos acidentes ósseos característicos. O crânio não apresentou diferenças qualitativas suficientes para distinguir os dois táxons. Por outro lado, a tíbia, fíbula e osso do quadril mostraram-se característicos para as duas espécies. A tíbia apresenta uma projeção ântero-lateral, inferior à face articular, mais proeminente em *O. nigripes* do que em *O. flavescens*. A margem medial da tíbia é mais proeminente em *O. nigripes* do que em *O. flavescens*, formando no primeiro uma lâmina óssea oblonga e fina que se estende até ametade proximal. Em *O. nigripes* a extremidade proximal da fíbula consiste em uma cabeça mais alargada do que em *O. flavescens* e com um ápice pontiagudo voltado inferiormente na face posterior que não aparece em *O. flavescens*. Em *O. nigripes* o corpo da fíbula mostra-se ligeiramente côncavo ao longo da sua extensão. No osso do quadril, em *O. nigripes*, a crista ilíaca estende-se posteriormente formando um ápice pontiagudo de onde parte uma linha proeminente para inserção dos músculos glúteos. Em comparação, *O. flavescens* mostra a crista ilíaca apenas curva sem nenhum acidente ósseo proeminente. A linha para inserção dos músculos glúteos é menos evidente nesta espécie. Em *O. flavescens* a margem inferior do ísquio mostra uma incisura mais profunda do que a observada em *O. nigripes*, resultando em um ramo isquiático mais largo e homogêneo em *O. nigripes* e mais delgado e acidentado em *O. flavescens*. Outros ossos do esqueleto pós-crânio também foram estudados como o úmero, rádio, ulna, fêmur, vértebras, costelas e esterno, mas não apresentaram diferenças qualitativas para a distinção das espécies. Este trabalho revela a importância da conservação do esqueleto pós-crânio nas coleções científicas e nos evidencia minúcias para a identificação destas espécies de *Oligoryzomys*.

Palavras-chave: *Oligoryzomys*, Esqueleto pós-crânio

Financiadores: FAPES, CNPq

MORFOLOGIA DAS TUBAS UTERINAS DE *CHINCHILLA LANIGERA* (HISTRICOMORFA, CHINCHILLIDAE) DURANTE A FASE FOLICULAR DO CICLO ESTRAL

Danielle Barbosa Morais (Departamento de Biologia Geral / UFV / danibmorais@yahoo.com.br)
Mariana Machado Neves (Departamento de Clínica e Cirurgia Veterinárias / UFMG)
Roberta Ferreira Miranda (Curso de Ciências Biológicas / UnilesteMG)
Débora Coelho Venâncio (Curso de Ciências Biológicas / UnilesteMG)
Larissa Pires Barbosa (Departamento de Produção Animal /UFBA)
Mardeleine Geisa Gomes (Departamento de Clínica e Cirurgia / UFMG)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Morfologia

As tubas uterinas desempenham um papel fundamental na reprodução, ao criar um ambiente tubárico propício para que ocorra a fertilização. Qualquer alteração morfofisiológica neste órgão pode comprometer a fertilidade da fêmea. Devido a *Chinchilla lanigera* apresentar alta taxa de reabsorção embrionária, poucos dias após a fecundação, o objetivo deste estudo foi avaliar os parâmetros morfológicos normais da tuba uterina (TU) nesta espécie, que poderão servir como base para estudos sobre sua fertilidade. Para isso, foram utilizadas 11 fêmeas na fase folicular do ciclo estral, que foram divididas em grupos e sacrificadas de acordo com a idade, sendo GI (n=2), GII (n=5), GIII (n=2) e GIV (n=2), com animais de 4, 5, 6 e 7 meses, respectivamente. As TU, esquerda e direita, foram avaliadas macroscopicamente quanto a aspectos qualitativos, como cor, forma e localização anatômica, e quantitativos, como mensuração do peso, diâmetro e comprimento tubárico. Posteriormente foram fixadas em formol 10% tamponado e processadas histologicamente, sendo as lâminas coradas em HE. Os resultados foram analisados descritivamente e submetidos ao teste de Kruskall-Wallis, comparando-se as médias pelo teste de Tukey a 5%. As TU apresentaram-se finas, de coloração esbranquiçada e enoveladas, localizadas sobre a superfície mediana dos ovários. Não houve diferença entre as médias dos grupos para diâmetro e peso das tubas uterinas esquerda (TUE) e direita (TUD) e comprimento da TUE ($p>0,05$). O comprimento médio da TUD foi menor em GI (3,7±0,8cm) quando comparado com GIV (5,4±0,3cm) ($p<0,05$). Histologicamente, a distinção entre as regiões tubáricas, infundíbulo, ampola e istmo, foi fácil, semelhante às outras espécies animais. Em toda a extensão da TU, observou-se as camadas mucosa (interna), muscular (intermediária) e serosa (externa). A primeira é constituída por tecido epitelial de revestimento (TER) simples prismático com células ciliadas e secretoras não-ciliadas, células basais e do tipo “peg”, que predominou na ampola. Algumas vezes o epitélio apresentou aparência de pseudo-estratificado prismático. A camada muscular é constituída por fibras musculares lisas, apresentando uma porção circular interna e outra longitudinal externa. Estes diferentes arranjos na disposição das fibras estão associados às contrações tubáricas, fundamentais para impulsionar o transporte de espermatozóides e ovócitos. A camada serosa é formada por TER simples pavimentoso e tecido conjuntivo frouxo rico em vasos sanguíneos, apresentando-se delgada em todos os animais. Não foram observadas diferenças histológicas das duas últimas camadas tubáricas entre as regiões estudadas. Não foram observadas diferenças entre os grupos experimentais quanto às características histológicas da TU de chinchilas.

Palavras-chave: Fertilização, Infundíbulo, Ampola, Istmo

Financiadores: Fundação Geraldo Perlingeiro de Abreu (FGPA)

CBMz

BIOMETRIA CORPORAL E TESTICULAR DE CAMUNDONGOS ADULTOS SUBMETIDOS À EXPOSIÇÃO CRÔNICA DE ARSÊNIO

Fabíola de Araújo Resende Carvalho (Departamento de Biologia Geral / UFV / fafabio6@yahoo.com.br)
Sérgio Luis Pinto da Matta (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Tarcízio Antônio Rêgo de Paula (Departamento de Veterinária / UFV)
Juraci Alves de Oliveira (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Juliana de Assis Silveira (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Ana Paula de Lima Florentino Matta (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Tarcísio de Souza Duarte (Departamento de Biologia Animal / UFV)
Kyvia Lugate Cardoso Costa (Departamento de Biologia Animal / UFV)
Wellington de Souza Mata (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Pamella Kelly de Araújo Campos (Departamento de Biologia Geral / UFV)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Morfologia

Tem aumentado a preocupação dos potenciais efeitos de vários contaminantes ambientais, dentre eles o arsênio inorgânico, um dos principais poluentes da água, considerado um problema de abrangência mundial. A intoxicação por arsênio pode resultar em efeitos tóxicos, agudos ou crônicos, ocasionando diferentes patologias, dentre elas aquelas que afetam o sistema reprodutor masculino, como por exemplo, a inibição da androgênese testicular, redução dos pesos dos testículos e dos orgãos sexuais acessórios. Neste trabalho, foram avaliados os efeitos crônicos sobre o peso corporal, da gônada, da glândula vesicular, da próstata, do canal deferente, do epidídimo, do fígado, dos rins e o índice gonadossomático (IGS) de camundongos em idade reprodutiva. Foram utilizados 24 camundongos divididos em quatro grupos. Os grupos de tratamento receberam solução de arsênio na concentração de 1mg/L, sendo o primeiro grupo T1 eutanasiado após 42 dias e o segundo grupo T2 após 84 dias. Os grupos controles receberam água destilada, sendo C1 eutanasiado após 42 dias e C2 após 84 dias. Os animais foram anestesiados com éter, contidos e pesados para então serem retirados os testículos e órgãos acessórios, os quais foram imersos em Karnovsky 4% por 24 horas, sob refrigeração. Para a comparação das médias foi utilizado o teste de Newman-Keuls ($p<0,05$). Não foram observadas variações significativas ($p>0,05$) para os pesos da gônada, da glândula vesicular, do deferente, do epidídimo e do fígado como também para o IGS. Quanto ao peso corporal, houve aumento significativo em T2 se comparado aos outros grupos ($p<0,05$). Com relação ao peso da próstata observou-se redução significativa em T2 com relação aos outros grupos. Já para o peso dos rins, houve aumento em ambos os grupos tratados em relação aos seus respectivos controles, sendo significativo quando comparado os grupos T2 e C2. Alguns autores sugerem uma relação direta entre a redução no peso de órgãos reprodutivos acessórios com a redução na disponibilidade de andrógenos, podendo indicar até mesmo quadros de infertilidade. Apesar de termos encontrado redução significativa no peso da próstata, não podemos confirmar neste estudo a ocorrência de tais fatos, visto que tais resultados são preliminares. A presença de alterações no peso dos rins pode ser um indicativo de toxicidade do arsênio. A partir dos resultados preliminares obtidos entendemos que as gônadas podem não ter sofrido alterações, mas a ação sobre o processo espermatogênico somente poderá ser avaliada após a morfometria testicular.

Palavras-chave: contaminante, toxicidade, testículo, glândulas anexas reprodutivas

Financiadores: FAPEMIG

CBMz

MORFOMETRIA DE CÉLULAS DE LEYDIG EM RATOS WISTAR SUBMETIDOS À DIETA DE ÁCIDOS GRAXOS TRANS E CIS

Juliana Pereira Antonucci (Departamento de Biologia Geral / UFV / ju_antonucci@yahoo.com.br)
Sérgio Luis Pinto da Matta (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Ana Carolina Torre Morais (Departamento de Biologia Animal / UFV)
Ana Paula de Lima Florentino Matta (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Suellen Silva Condessa (Departamento de Biologia Animal / UFV)
Bruna Moraes Araújo (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Nilma Maria Vargas Lessa (UNILESTE / MG)
Neuza Maria Brunoro Costa (Departamento de Nutrição e Saúde / UFV)
Juliana de Assis Silveira (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Fabíola de Araújo Resende Carvalho (Departamento de Biologia Geral / UFV)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Morfologia

Os ácidos graxos trans são conhecidos pela sua ação deletéria à saúde. Trata-se de isômeros geométricos dos ácidos graxos cis e são produzidos por biohidrogenação nos animais ruminantes e por hidrogenação industrial. Neste trabalho foram avaliados os efeitos do consumo de ácidos graxos trans e cis sobre morfometria de células de Leydig de ratos Wistar desmamados, púberes e adultos. Foram utilizados 35 ratos machos, divididos em três grupos: um grupo na fase desmame, distribuídos em trans (n=10) e cis (n=10); um grupo na fase púbere, trans (n=10) e cis (n=10); e um grupo na fase adulta, trans (n=5) e cis (n=5), alimentados com dieta AIN-93G modificada. Utilizou-se como fonte de ácidos graxos trans a gordura vegetal hidrogenada, correspondente a aproximadamente 5% do valor calórico total da dieta. Esta foi considerada hipercalórica tanto para trans quanto para cis. As mães receberam as dietas durante o período de gestação (21 dias), procedimento que continuou até o desmame das ninhadas (21 dias pós-natal). Após o desmame, os animais receberam a mesma dieta até 42 dias (púberes) sendo que um grupo foi levado nas mesmas condições até 70 dias, idade considerada adulta. Nas respectivas fases os animais foram eutanasiados e seus dados biométricos registrados. Os testículos foram fixados em formaldeído 10% tamponado e após desidratação em série etanólica crescente foram incluídos em resina. A análise histométrica dos testículos compreendeu diâmetro nuclear da célula de Leydig, volume nuclear, volume citoplasmático, volume celular,Índice Leydigossomático (ILS) e volumes de célula de Leydig por testículo e por grama de testículo. Não foram observadas diferenças significativas na morfometria das células de Leydig entre trans e cis nos animais púberes e adultos. Em relação ao diâmetro desta célula, observou-se que houve aumento no grupo desmame trans ($p<0,05$) assim como o volume nuclear dos mesmos foi significativamente maior em relação à cis ($p<0,05$). As diferenças entre trans e cis quanto ao Índice Leydigossomático, nos animais desmamados, púberes e adultos não foram estatisticamente significativas. Conclui-se que animais que receberam a dieta trans não apresentaram alterações no volume citoplasmático, volume celular, volumes de Leydig por testículo e por grama de testículo, como também para o ILS, mas apresentaram aumento no volume nuclear e diâmetro das células de Leydig na fase desmame.

Palavras-chave: ácidos graxos, testículo, morfometria, célula de Leydig

Financiadores: FAPEMIG

AVALIAÇÃO MORFOMÉTRICA DAS CÉLULAS DE LEYDIG DE RATOS WISTAR SUBMETIDOS AO TRATAMENTO COM EXTRATO AQUOSO DE CANTARA *(OECEOCLADES MACULATA)*

Danielle Soares de Oliveira (Departamento de Biologia Geral/UFV, danisoaresufv@hotmail.com)
Sérgio Luis Pinto da Matta (Departamento de Biologia Geral (UFV)
Suellen Silva Condessa (Departamento de Biologia Animal (UFV)
Katiane de Oliveira Pinto Coelho (Departamento de Biologia Geral (UFV)
Ana Carolina Torre Morais (Departamento de Biologia Animal (UFV)
Ana Paula de Lima Florentino Matta (Departamento de Biologia Geral (UFV)
Mônica de Fátima Oliveira (Departamento de Biologia Geral (UFV)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Morfologia

A utilização popular de plantas com potencial afrodisíaco fornece indicativos para estudos sobre suas reais potencialidades e possíveis efeitos na reprodução. A raiz de *Oeceoclades maculata*, também conhecida como cantara, é usualmente preparada como infusão e utilizada como estimulante sexual, embora não haja comprovação científica de sua ação farmacológica real. Neste trabalho, foram avaliados os efeitos do consumo do extrato aquoso de O. Maculata sobre a morfometria de células de Leydig de ratos Wistar em idade reprodutiva (100 dias). Foram utilizados 30 animais, divididos em quatro grupos: grupo 1(n=8) recebeu o extrato da raiz na concentração de 10g/l; grupo 2 (n=8) recebeu extrato da raiz na concentração de 20g/l; grupo 3 (n=7) recebeu extrato de folhas na concentração de 20g/l e grupo 4 (n=6), que recebeu apenas água. Após 56 dias de tratamento, os animais foram anestesiados pela inalação de éter, pesados e eutanasiados. Fragmentos de testículos destinados ao estudo sob microscopia de luz foram desidratados em série etanólica crescente, incluídos em resina e seccionados na espessura de 3 micrômetros. As secções foram coradas com azul de toluidina-borato de sódio 1%. A análise histométrica dos testículos compreendeu diâmetro nuclear, volume nuclear, volume citoplasmático e volume de célula de Leydig. Calculou-se também o volume de células de Leydig por testículo e por grama de testículo além do Índice Leydigossomático (ILS). Não foram observadas variações estatisticamente significativas os parâmetros analisados. Como o volume das células de Leydig por testículo não apresentou variações, o ILS que visa quantificar o investimento nestas células com relação ao peso corporal, também não apresentou diferença significativa. Nos testículos dos mamíferos, as células de Leydig sintetizam andrógenos que incluem a testosterona e a diidrotestosterona. Estudos têm demonstrado que há correlação altamente significativa do percentual volumétrico do núcleo e do número de células de Leydig por grama de testículo, com os níveis plasmáticos e testiculares de testosterona. Estes dados permitem concluir que o extrato da raiz de *O. maculata*, em todas as concentrações administradas, não interferiu nas células de Leydig.

Palavras-chave: *Oceoclades maculata*, Leydig, morfometria, testículo

EFEITOS DO EXTRATO AQUOSO DE CANTARA *(OCEOCLADES MACULATA)* SOBRE O ESPAÇO INTERTUBULAR DE TESTÍCULOS DE RATOS WISTAR ADULTOS

Danielle Soares de Oliveira (Departamento de Biologia Geral (UFV))
Sérgio Luis Pinto da Matta (Departamento de Biologia Geral (UFV))
Suellen Silva Condessa (Departamento de Biologia Animal (UFV), su_condessa@yahoo.com.br)
Ana Carolina Torre Morais (Departamento de Biologia Animal (UFV))
Katiane de Oliveira Pinto Coelho (Departamento de Biologia Geral (UFV))
Ana Paula de Lima Florentino Matta (Departamento de Biologia Geral (UFV))
Mônica de Fátima Oliveira (Departamento de Biologia Geral (UFV))

Área: Rodentia **Sub-Área**: Morfologia

Apesar da grande quantidade de plantas utilizadas como afrodisíacas na medicina popular, pouco se sabe sobre suas reais potencialidades e, principalmente, sobre sua ação no aparelho reprodutor. *Oeceoclades maculata*, conhecida popularmente como cantara, é uma orquídea utilizada indiscriminadamente como estimulante da libido humana. É uma planta terrestre que vegeta principalmente em camada de húmus ou folhiço. A porção endócrina testicular dos mamíferos é representada pelas células de Leydig, que juntamente com o tecido conjuntivo, vasos sanguíneos e linfáticos formam o espaço intertubular. Neste trabalho, avaliou-se os efeitos de *O.maculata* sobre o espaço intertubular de testículos de ratos adultos. Foram utilizados 30 animais, divididos em quatro grupos: G1(n=8) recebeu o extrato da raiz na concentração de 10g/l; G2(n=8) recebeu o mesmo extrato na concentração de 20g/l; o G3(n=7) recebeu extrato de folhas na concentração de 20g/l e o G4(n=6) recebeu apenas água. Após 56 dias de tratamento os animais foram anestesiados por inalação de éter, pesados e eutanasiados. Fragmentos de testículos destinados ao estudo microscópico foram desidratados em etanol, incluídos em resina e seccionados na espessura de 3 micrômetros, que foram coradas com azul de toluidina-borato de sódio 1%. Para a análise morfométrica dos testículos, foi feita a contagem de 1000 pontos sobre o intertúbulo para obter as proporções (%) de conjuntivo, vasos sanguíneos e linfáticos, macrófago, núcleo e citoplasma de células de Leydig, e a partir das duas últimas proporções, foi calculada a razão nucleoplasmática (RNP) de Leydig. O volume do intertúbulo, expresso em (mL), foi estimado a partir do conhecimento do percentual ocupado pelo mesmo no testículo, multiplicado pelo peso do parênquima de um testículo e dividido por 100. Para a comparação das médias foi utilizado o teste de Newman-Keuls ($p \leq 0,05$). Observou-se aumento da proporção de vasos sanguíneos em todos os grupos tratados com o extrato de *O. maculata*, sendo estatisticamente significativo apenas no grupo 3 em relação ao controle e ao grupo 1. Este aumento, provavelmente está relacionado à redução na proporção de células de Leydig, embora não significativa, neste mesmo grupo. Não foram observadas diferenças significativas para os demais parâmetros analisados. Estes dados permitem concluir que o tratamento com o extrato de *O. maculata*, na concentração de 20g/l, causou aumento na proporção de vasos sanguíneos no grupo 5, não sendo observadas variações nos demais componentes do intertúbulo nas demais concentrações.

Palavras-chave: intertúbulo, testículos, reprodução, cantara

CBMz

MORFOMETRIA DE CÉLULAS DE LEYDIG DE RATOS WISTAR ADULTOS TRATADOS COM INFUSÃO DE *SACOILA LANCEOLATA*

Mônica de Fátima Oliveira (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Sérgio Luis Pinto da Matta (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Ana Carolina Torre Morais (Departamento de Biologia Animal / UFV / aninhatm@yahoo.com.br)
Tarcízio Antônio Rego de Paula (Depto de Medicina Veterinária / UFV)
Danielle Soares de Oliveira (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Ana Paula Cerqueira (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Suellen Silva Condessa (Departamento de Biologia Animal / UFV)
Ana Paula de Lima Florentino Matta (Depto de Biologia Geral / UFV)
Fabiana Cristina Silveira Alves de Melo (Universidade Federal de Goiás)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Morfologia

Dentre as várias propriedades atribuídas às plantas medicinais sua utilização como estimulante sexual, ocupa um lugar de destaque na medicina tradicional. *Sacoila lanceolata*, uma Orchidaceae conhecida popularmente como cantara, encontra-se nesse grupo. Esta espécie é conhecida como cantara macho cuja ação seria efetiva como afrodisíaco em indivíduos do sexo masculino. Neste trabalho foi avaliado o efeito da infusão de *S. lanceolata*, sobre a morfometria de células de Leydig de ratos Wistar em idade reprodutiva (100 dias). Foram utilizados 20 ratos machos, divididos em dois grupos, um controle (n=10) que recebeu água, e um tratado (n=10), que recebeu diariamente infusão de cantara, na concentração de 200mg/kg de peso corporal. Após 56 dias de tratamento, os animais foram anestesiados por inalação de éter e perfundidos, inicialmente com solução salina contendo heparina e posteriormente com solução fixadora de Karnovsky. Após desidratação em série etanólica crescente, os fragmentos dos testículos foram incluídos em resina. A análise morfométrica compreendeu a proporção (%) de células de Leydig, RNP (relação núcleoplasmática), volume total das células de Leydig, volume nuclear, citoplasmático e celular, ILS (índice leydigossomático), número de células de Leydig por testículo e por grama de testículo. Os resultados foram comparados utilizando o Teste t Student ($p<0,05$). Observou-se aumento significativo ($p<0,05$) nos volumes nuclear, citoplasmático e celular do grupo tratado com a infusão de *S. lanceolata*. Para os demais parâmetros analisados não foram observadas variações significativas. Estudos têm demonstrado que aumento nos volumes celulares de Leydig possivelmente estão relacionados com aumento na produção de testosterona. Os dados apresentados permitem concluir que a infusão de cantara na concentração de 200mg/kg influenciou a atividade das células de Leydig de ratos adultos, sendo comprovado a partir do aumento desta célula. Entretanto, análises hormonais realizadas antes e depois dos tratamentos poderiam confirmar os potenciais efeitos desta planta com relação à atividade hormonal.

Palavras-chave: testículo, cantara, Leydig, estimulante sexual

CBMz

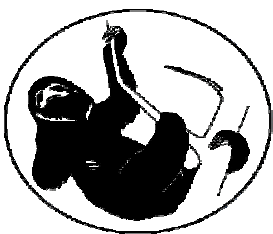
AVALIAÇÃO DOS EFEITOS DO ÁCIDO LINOLÉICO CONJUGADO (CLA) E EXERCÍCIO FÍSICO SOBRE A BIOMETRIA TESTICULAR DE CAMUNDONGOS *KNOCKOUT* PARA A APOLIPOPROTEINA E (APO E)

Danielle Barbosa Morais (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Ana Paula de Lima Florentino Matta (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Sérgio Luis Pinto da Matta (Depto. de Biologia Geral / UFV / smatta@ufv.br)
Silvio Anderson Toledo Fernandes (Depnto de Educação Física e Saúde / UFV)
Maria do Carmo Gouveia Pelúzio (Depto de Educação Física e Saúde / UFV)
Frederico Souzalima C. Franco (Depto de Educação Física e Saúde / UFV)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Morfologia

O ácido graxo linoléico conjugado (CLA) tem sido utilizado em tratamentos para evitar doenças coronarianas. Animais deficientes em Apo E possuem colesterol plasmático cerca de cinco vezes mais alto do que os normais. Existe grande interesse nos potenciais efeitos benéficos dos lipídeos e dos exercícios físicos sobre a saúde humana, especialmente na prevenção e tratamento das doenças cardiovasculares, porém, pouco se conhece sobre os seus efeitos na reprodução. Variações no peso dos testículos ou glândulas anexas reprodutivas podem indicar alterações na atividade espermatogênica, ou na disponibilidade de andrógenos, além de direcionar a estudos histométricos em órgãos-alvo. Neste trabalho, buscou-se avaliar os efeitos do CLA e do exercício sobre a biometria testicular de camundongos machos em idade reprodutiva. Utilizaram-se 12 camundongos *knockout* para apo E, com 12 semanas de vida. Após o desmame (quatro semanas), os animais receberam dieta comercial por mais oito semanas e foram divididos em seis grupos: grupo 1M (n=2): recebeu dieta purificada suplementada com 1% de CLA e ficou sedentário; grupo 2M (n=2): recebeu dieta aterogênica suplementada com 1% de CLA e ficou sedentário; grupo 3M (n=2): recebeu dieta purificada e realizou atividade física; grupo 4M (n=2): recebeu dieta aterogênica e realizou atividade física; grupo 5M (n=2): recebeu dieta purificada suplementada com 1% de CLA e realizou atividade física; grupo 6M (n=2): recebeu dieta aterogênica suplementada com 1% de CLA e realizou atividade física. Os animais dos grupos 3M, 4M, 5M e 6M foram submetidos a um programa progressivo de corrida na esteira cinco dias/semana durante 30 minutos, a uma velocidade de 15m por minuto. Após 12 semanas de tratamento os animais foram anestesiados com éter, pesados e eutanasiados. Os órgãos coletados (testículo, epidídimo e glândula vesicular) foram imersos em Karnovsky (24h) e posteriormente transferidos para álcool 70%. Calculou-se o índice gonadossomático (IGS) baseado nos pesos corporais e testiculares e as médias dos pesos dos órgãos reprodutivos nos diferentes tratamentos foram comparadas utilizando-se o teste de Newman-Keuls ($p<0,05$). Não foram observadas variações significativas nos parâmetros analisados ($p>0,05$). Os resultados apresentados sugerem ausência de alterações nos órgãos reprodutivos. Porém, estudos histométricos estão sendo realizados para verificar possíveis variações nos componentes testiculares.

Palavras-chave: Reprodução, testículo, atividade física, CLA

Financiadores: CAPES e FAPEMIG

CBMz

MORFOMETRIA DO COMPARTIMENTO INTERTUBULAR DE RATOS WISTAR ADULTOS SUBMETIDOS A TRATAMENTO CRÔNICO COM PARACETAMOL (ACETAMINOFENO)

Bruna Moraes Araújo (Departamento de Biologia Geral UFV)
Pamella Kelly Araújo Campos (Departamento de Biologia Geral UFV / pkacampos@yahoo.com.br)
Ana Paula de Lima Florentino Matta (Departamento de Biologia Geral UFV)
Sérgio Luis Pinto da Matta (Departamento de Biologia Geral UFV)
Tarcízio Antônio Rego de Paula (Departamento de Veterinária UFV)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Morfologia

O paracetamol é um analgésico e antipirético de venda livre, que tem sido implicado em lesões testiculares e alteração do comportamento sexual em modelos animais expostos a altas doses. Neste estudo, avaliou-se o efeito do uso crônico do paracetamol no compartimento intertubular dos testículos de ratos Wistar em idade reprodutiva (100 dias). Utilizouse 35 ratos, divididos em cinco grupos com sete animais: o grupo um (controle), recebeu solução oral de xarope de frutose; os grupos dois e quatro receberam em média 57mg/kg/dia de paracetamol em solução oral (xarope de frutose) que corresponde a dose terapêutica diária máxima; e os grupos três e cinco, receberam em média 114mg/kg/dia do mesmo, que corresponde ao dobro do máximo recomendado. Após 53 dias de tratamento, os grupos um, dois e três foram eutanasiados pela inalação de éter, dissecados para canulação da aorta descendente e perfundidos com solução salina contendo heparina e, posteriormente, com solução fixadora de Karnowsky. Os grupos quatro e cinco foram mantidos por mais 53 dias, recebendo apenas água e ração, quando então foram eutanasiados. Fragmentos de testículos destinados ao estudo sob microscopia óptica foram desidratados em série etanólica crescente, incluídos em resina e seccionados na espessura de 3 micrômetros. As secções foram coradas com azul de toluidina-borato de sódio a 1%. Foram avaliadas as proporções volumétricas (%) e volume dos elementos do intertúbulo, diâmetro do núcleo da célula de Leydig, volume de uma célula de Leydig, número total de células de Leydig, número de células de Leydig por grama de testículo, índice Leydigossomático e Índice somático das glândulas vesiculares. A administração crônica de doses terapêutica e supraterapêutica de paracetamol apresentou pouco efeito sobre a porção endócrina do testículo, porém, naqueles animais submetidos a tratamento com doses supraterapêuticas de paracetamol e sacrificados 53 dias após o tratamento, houve alterações significativas na maioria dos parâmetros analisados. Dentre as diferenças verificadas nestes animais, houve redução do volume do tecido conjuntivo, do volume do núcleo de células de Leydig, do diâmetro do núcleo de células de Leydig, do índice Leydigossomático e do índice somático das glândulas vesiculares. Estes quatro últimos parâmetros sugerem que doses supraterapêuticas crônicas de paracetamol possam afetar a produção de andrógenos pelas células de Leydig, 53 dias após o tratamento.

Palavras-chave: acetaminofeno; toxicidade; testículo; célula de Leydig; intertúbulo

Financiadores: Fapemig

CBMz

ESTUDO COMPARATIVO DA FORMA ESCAPULAR EM DUAS ESPÉCIES DO GÊNERO *AKODON*

Nínive da Costa Acosta (Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul/ Universidade Luterana do Brasil/ ninive_acosta@homail.com)
Alexandre Uarth Christoff (Universidade Luterana do Brasil)
Daniela Sanfelice (Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Morfologia

O presente trabalho é uma contribuição para o conhecimento da forma da escápula de dois roedores silvestres do gênero *Akodon*, *A. cursor* e *A. montensis*. Trata-se de espécies simpátricas que hibridizam na natureza e cujo sincrânio é sabidamente muito similar (tanto em termos anatômicos como métricos). Objetivou-se discriminar as espécies através da forma da escápula, descrevendo-a e relacionando-a com o hábito de vida. Tal escopo produzirá subsídios para estudos de taxonomia, sistemática, evolução, paleontologia, ecomorfologia ou arqueologia de Sigmodontinae ou outros grupos relacionados. O material examinado pertence ao Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, Instituto Adolfo Lutz e Universidade Luterana do Brasil e inclui tão somente espécimes adultos. A faixa etária foi determinada a partir da avaliação do desgaste dos molares superiores e do grau de fusionamento das suturas cranianas. Até o presente momento, foram analisados 37 espécimes de *A. cursor* coletados no Estado de São Paulo (23 machos e 14 fêmeas) e 73 espécimes de *A. montensis* - provenientes de São Paulo (n=53 sendo 34 machos e 19 fêmeas) e do Rio Grande do Sul (n=20, sendo 11 machos e 9 fêmeas). Empregaram-se as técnicas de morfometria geométrica para descrever e representar a forma das escápulas através de métodos estatísticos multivariados. As escápulas foram fotografadas em vista medial e lateral. Na seqüência, foram digitalizados 8 marcos anatômicos através do programa TpsDig2. Estes marcos foram à base para a obtenção das coordenadas de Procrustes bem como das variáveis propriamente ditas (deformações parciais). Os programas IMP foram utilizados tanto para o cálculo das coordenadas e deformações parciais como para as análises da forma. Foram realizadas comparações intraespecíficas (dimorfismo sexual em ambas as espécies e variação geográfica em *A. montensis*) e inter-específicas entre as formas médias, considerando apenas as escápulas do lado direito. Não foi detectado dimorfismo sexual em nenhuma das espécies estudadas, mas observaram-se diferenças significativas entre os espécimes de *A. montensis* coletados no Rio Grande do Sul e aqueles coletados em São Paulo (vista lateral; p=0,01). Essa variação já fora mencionada na literatura (medidas cranianas). São consideradas como significativas às diferenças da forma entre as espécies em vista lateral (p=0,01), principalmente na área de inserção dos músculos redondo maior, subscapular, infraespinhal e supraespinhal (maior área de inserção em *A. montensis*, comparativamente). Finalmente pode-se considerar que este estudo fornece elementos para futuras pesquisas sobre estudos anatômicos X habito de vida de roedores.

Palavras-chave: *Akodon cursor, Akodon montensis*, escápula, morfometria geométrica

Financiadores: CNPq-PIBIC

BIOMETRIA CORPORAL E TESTICULAR DE CAMUNDONGOS ADULTOS TRATADOS COM DECOCÇÃO DE *OURATEA SEMISERRATA* (OCHNACEAE)

Ana Paula de Lima Florentino Matta (Departamento de Biologia Geral / UFV / anapmatta@yahoo.com.br)
Sérgio Luis Pinto da Matta (Departamento de Biologia Geral / UFV)
João Paulo Viana Leite (Departamento de Bioquímica / UFV)
Tarcízio Antônio Rêgo de Paula (Departamento de Medicina Veterinária / UFV)
Jesylaine Oliveira da Cunha (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Fabíola de Araújo Resende Carvalho (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Juliana de Assis Silveira (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Luis Carlos Chieregatto (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Pamella Kelly de Araújo Campos (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Diego Ceolin (Departamento de Biologia Geral / UFV)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Morfologia

Dentre os diversos usos conhecidos das plantas medicinais, sua utilização como estimulante sexual ocupa lugar de destaque na medicina popular, e tem aumentado nas últimas décadas. Devido a esse aumento, tornam-se importantes e necessários estudos criteriosos para que haja comprovação ou não de seus efeitos terapêuticos ou farmacológicos, e possíveis efeitos colaterais e/ou tóxicos, especialmente nas gônadas. *Ouratea semiserrata* é utilizada popularmente como adstringente e antiinflamatória, e na região do Cerrado mato-grossense como estimulante sexual. Neste trabalho, foram avaliados os efeitos de *Ouratea semiserrata* sobre os pesos corporal (PC), da gônada (PG), da glândula vesicular, da próstata, do ducto deferente, da albugínea testicular, do parênquima testicular, do epidídimo, do fígado, dos rins e o índice gonadossomático (IGS) de camundongos em idade reprodutiva (70 dias). Foram utilizados 30 camundongos machos divididos em três grupos de 10 indivíduos cada: o grupo um (controle), recebeu apenas água e os grupos dois e três receberam a decocção nas concentrações de 100 e 200 mg/kg de peso corporal, respectivamente. Após 84 dias consecutivos de tratamento os animais foram eutanasiados, anestesiados por inalação de éter e perfundidos, inicialmente com solução salina 0,9% contendo heparina e finalmente com glutaraldeído 3% em tampão fosfato de sódio 0,1M, pH 7,4 por 15 minutos. Para a comparação das médias foi utilizado o teste de Newman-Keuls ($p<0,05$). Não foram observadas variações significativas ($p>0,05$) para todos os valores dos parâmetros analisados, embora os pesos da gônada, da próstata, da albugínea, do parênquima e do epidídimo tenham sido invariavelmente menores nos grupos tratados. Alguns autores sugerem uma relação direta entre a redução no peso de órgãos reprodutivos acessórios com a redução na disponibilidade de andrógenos, podendo indicar até mesmo quadros de infertilidade, fatos que parecem não ter ocorrido no presente estudo. Apesar do grupo 2 ter apresentado peso corporal maior em relação ao grupo controle ($p>0,05$), o IGS, que se refere à proporção do peso corporal alocado em testículo, apresentou-se menor, embora não significativamente, devido à diminuição do peso da gônada neste mesmo grupo. A ausência de alterações nos pesos dos rins e do fígado é um achado positivo, pois indica a ausência de toxidade da planta. A partir dos resultados obtidos, conclui-se que os tratamentos com a decocção de *Ouratea semiserrata* em ambas as concentrações, não influenciaram aspectos biométricos corporais e testiculares, não sendo observados elementos morfológicos que comprometesse o processo espermatogênico, interferisse na fertilidade ou indicasse toxicidade da planta.

Palavras-chave: estimulante sexual, camundongo, testículo, glândulas reprodutivas

Financiadores: CAPES

MORFOMETRIA TUBULAR DE TESTÍCULOS DE CAMUNDONGOS ADULTOS TRATADOS COM DECOCÇÃO DE *OURATEA SEMISERRATA* (OCHNACEAE)

Ana Paula de Lima Florentino Matta (Depto. Biologia Geral/UFV/ anapmatta@yahoo.com.br)
Sérgio Luis Pinto da Matta (Departamento de Biologia Geral/UFV)
Tarcísio Antônio Rêgo de Paula (Departamento de Veterinária/UFV)
João Paulo Viana Leite (Departamento de Bioquímica/UFV)
Jesylaine Oliveira da Cunha (Departamento de Biologia Geral/UFV)
Fabíola de Araújo Resende Carvalho (Departamento de Biologia Geral/UFV)
Juliana de Assis Silveira (Departamento de Biologia Geral/UFV)
Daniele Barbosa Moraes (Departamento de Biologia Geral/UFV)
Pamella Kelly de Araújo Campos (Departamento de Biologia Geral/UFV)
Karine Moura (Departamento de Biologia Geral/UFV)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Morfologia

Ouratea semiserrata é uma espécie arbustiva, ocorrente no Cerrado. É utilizada popularmente como adstringente e antiinflamatória e na região do Cerrado mato-grossense como estimulante sexual. No Brasil, apesar da grande quantidade de plantas utilizadas como afrodisíacas, pouco se sabe sobre sua ação e toxicologia, bem como sobre suas reais potencialidades. Neste trabalho, foram avaliados os efeitos de *Ouratea semiserrata* sobre o ambiente tubular de testículos de camundongos adultos em idade reprodutiva (70 dias). Foram utilizados 30 camundongos machos divididos em três grupos de 10 indivíduos cada: o grupo um (controle), recebeu apenas água e os grupos dois e três receberam a decocção da raiz nas concentrações de 100 e 200 mg/kg de peso corporal, respectivamente. Após 84 dias consecutivos de tratamento os animais foram eutanasiados, anestesiados por inalação de éter e perfundidos, inicialmente com solução salina 0,9% contendo heparina e finalmente com glutaraldeído 3% em tampão fosfato de sódio 0,1M, pH 7,4 por 15 minutos. Fragmentos de testículos destinados ao estudo sob microscopia de luz foram desidratados em série etanólica crescente, incluídos em resina e seccionados na espessura de 3 micrômetros. As secções foram coradas com azul de toluidina-borato de sódio 1%. A análise morfométrica dos testículos compreendeu diâmetro dos túbulos seminíferos (DT), altura do epitélio germinativo (AE), proporção volumétrica e volume de túbulo e intertúbulo, índice tubulossomático (ITS), comprimento total dos túbulos (CTT) e comprimento de túbulo por grama de testículo (CT/gr). Para a comparação das médias foi utilizado o teste de Newman-Keuls ($p<0,05$). Não foram observadas diferenças significativas quanto à AE e CT dos grupos tratados, sugerindo que não houve interferência na atividade espermatogênica. Os volumes, tubular e intertubular, foram invariavelmente menores nos grupos tratados devido à diminuição do peso das gônadas nos mesmos ($p>0,05$). Conseqüentemente, o ITS que é um parâmetro que visa quantificar o investimento em túbulos seminíferos em relação à massa corporal não diferiu significativamente nos grupos tratados em relação ao grupo controle. As proporções entre túbulo e intertúbulo não apresentaram alterações significativas. Os valores médios de CTT e CT/gr também não variaram estatisticamente e os valores encontrados em CT/gr permanecem dentro da média encontrada para os mamíferos, que é de 10 a 15 metros Os dados apresentados permitem sugerir que o tratamento com a decocção de *Ouratea semiserrata*, em ambas as concentrações, não interferiu no ambiente tubular dos camundongos em idade reprodutiva não se mostrando tóxica para a espermatogênese.

Palavras-chave: Testículos, afrodisíaco, morfometria, reprodução

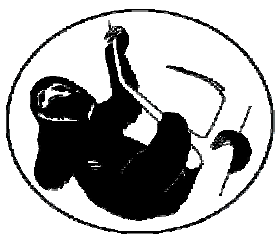
Financiadores: CAPES

EFEITOS DA INFUSÃO DE *SACOILA LANCEOLATA* SOBRE O ESPAÇO INTERTUBULAR E VOLUME DOS COMPARTIMENTOS TESTICULARES DE CAMUNDONGOS ADULTOS

Mônica de Fátima Oliveira (Departamento de Biologia Geral/UFV)
Sérgio Luis Pinto da Matta (Departamento de Biologia Geral/UFV)
Ana Carolina Torre Morais (Departamento de Biologia Animal / UFV / aninhatm@yahoo.com.br)
Tarcízio Antônio Rêgo de Paula (Departamento de Medicina Veterinária/UFV)
Danielle Soares de Oliveira (Departamento de Biologia Geral/UFV)
Ana Paula Cerqueira (Departamento de Biologia Geral/UFV)
Suellen Silva Condessa (Departamento de Biologia Animal/UFV)
Ana Paula de Lima Florentino Matta (Departamento de Biologia Geral/UFV)
Fabiana Cristina Silveira Alves de Melo (Departamento de Biologia Geral/UFG)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Morfologia

A procura de novas substâncias com propriedades medicinais tem sido feita, especialmente aquelas que possam contribuir como estimulantes sexuais. Popularmente, acredita-se que alguns tipos de orquídeas possam auxiliar no desempenho das funções sexuais, atuando como estimulantes. Neste trabalho, foram avaliados os efeitos da infusão de *Sacoila lanceolata* (cantara), uma Orchidaceae, sobre componentes testiculares de ratos Wistar adultos. Esta planta é conhecida popularmente como cantara “macho”, pois teria ação como estimulante em indivíduos do sexo masculino. Foram utilizados 20 ratos machos, divididos em dois grupos: controle (grupo 1) com 10 indivíduos, que recebeu água, e um tratado (grupo 2), com 10 indivíduos que recebeu diariamente infusão de cantara, correspondente a 200mg/Kg de peso corporal. Após 56 dias de tratamento, os animais foram anestesiados por inalação de éter e perfundidos, inicialmente com solução salina contendo heparina e posteriormente com solução fixadora de Karnovsky. Após desidratação em série etanólica crescente os fragmentos dos testículos foram incluídos em resina. A análise histométrica dos testículos compreendeu a proporção volumétrica (%) dos componentes intersticiais e volume (mL) dos compartimentos tubular e intertubular. As médias foram comparadas utilizando o Teste *t* Student ($p<0,05$). Observou-se aumento significativo nos volumes intertubulares por testículo e total ($p<0,05$) no grupo que recebeu a infusão de cantara. A proporção de intertúbulo apresentou-se maior no grupo 2, com 20,57%, em relação a 15,92% do grupo 1. Esta variação, possivelmente está relacionada ao aumento significativo de macrófagos neste grupo ($p<0,05$), e a aumentos não significativos nas proporções de vaso linfático, núcleo e citoplasma de Leydig. Em contrapartida, houve redução na proporção de vasos sanguíneos e conjuntivo no grupo 2 ($p<0,05$). A partir dos dados apresentados conclui-se que o tratamento com a infusão de *S. lanceolata* na concentração de 200mg/kg causou aumento do volume e proporção intertubular de testículo de ratos Wistar.

Palavras-chave: planta medicinal, intertúbulo, rato, *Sacoila lanceolata*

MORFOMETRIA DO COMPARTIMENTO TUBULAR DE TESTÍCULOS DE RATOS WISTAR TRATADOS COM SOLUÇÃO AQUOSA DE CATUABA CRISTAL®

Karine Moura de Freitas (Departamento de Biologia Geral / UFV / karyfreitas10@yahoo.com.br)
Sérgio Luis Pinto da Matta (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Kyvia Lugate Cardoso Costa (Departamento de Biologia Animal / UFV)
Pâmella Kelly de Araújo Campos (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Priscila Izabel Santos de Tótaro (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Tarcízio Antônio Rêgo de Paula (Departamento de Veterinária / UFV)
Fabiana Cristina S. A. de Melo (Centro de Ciências Biológicas / UFG-Jataí)
Fabiana Cristina S. A. de Melo (Departamento de Biologia Geral/UFG)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Morfologia

Muitas plantas são conhecidas pela população por terem ação estimulante das funções sexuais. Algumas dessas são utilizadas na produção de bebidas, como a catuaba (*Erythroxylum catuaba*), que é um dos constituintes da Catuaba Cristal®, produzida na cidade de Governador Valadares, MG. O objetivo do presente estudo foi analisar a influência da infusão aquosa de desta bebida no compartimento tubular de ratos Wistar (*Rattus norvegicus*). Para tal foram utilizados 16 animais em idade reprodutiva (120 dias) divididos em dois grupos. O grupo controle (n=8) recebeu 30 ml de água e o grupo tratado (n=8) recebeu o mesmo volume de solução aquosa de Catuaba Cristal® a 0,1%, durante 56 dias, diariamente. No 56º dia os animais foram anestesiados, eutanasiados e pesados. Para análise em microscopia de luz, fragmentos dos testículos foram incluídos em historesina, sendo obtidas secções de 3 micrômetros em micrótomo rotativo. Imagens foram capturadas em fotomicroscópio e analisadas no programa Image-Pro Plus. O volume de cada componente testicular, expresso em ml, foi estimado pela multiplicação do percentual ocupado por túbulos e intertúbulo pelo volume líquido do testículo. O índice tubulossomático (ITS) foi calculado através da fórmula: ITS=(VT/PC)*100, sendo VT= volume de túbulo seminífero e PC= peso corporal. O comprimento total de túbulos foi estimado através da fórmula: CT = VTS/*pi*R^2, onde VTS=volume total de túbulos seminíferos; *pi*R^2=área da secção transversal dos túbulos seminíferos (R=diâmetro tubular/2). As análises estatísticas foram feitas utilizando-se o programa STATISTICA, aplicando-se o teste t de Student, sendo significativos valores de p menores que 0,05. O aumento do percentual de túbulos foi significativo no grupo tratado, em detrimento da porcentagem de intertúbulo. Os volumes, testicular e de túbulo, não apresentaram variação significativa, porém o volume de intertúbulo diminuiu significativamente no grupo tratado. O ITS, diâmetro tubular, comprimento de túbulo total e comprimento de túbulo por grama de testículo não apresentaram variação significativa. Por outro lado, a altura do epitélio apresentou aumento significativo no grupo que recebeu a bebida. O aumento significativo da porcentagem de túbulo pode ser explicado pelo aumento da altura do epitélio seminífero, uma vez que nem o comprimento nem o volume de túbulo apresentaram variação significativa. Como a altura de epitélio é determinante para a produção espermática, pode-se inferir que houve aumento dessa produção nos animais tratados com Catuaba Cristal®.

Palavras-chave: Catuaba, testículo, estimulantes, reprodução

Financiadores: FAPEMIG

MORFOMETRIA DO COMPARTIMENTO TUBULAR DE TESTÍCULOS DE RATOS WISTAR ACOMETIDOS POR CÂNCER DE CÓLON E SUBMETIDOS À NATAÇÃO

Karine Moura de Freitas (Departamento de Biologia Geral / UFV / karyfreitas10@yahoo.com.br)
Sérgio Luis Pinto da Matta (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Kyvia Lugate Cardoso Costa (Departamento de Biologia Animal / UFV)
Pâmella Kelly de Araújo Campos (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Tarcízio Antônio Rêgo de Paula (Departamento de Veterinária / UFV)
Priscila Izabel Santos de Tótaro (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Wellington Lunz (Departamento de Nutrição / UFV)
Antônio José Natali (Departamento de Educação Física / UFV)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Morfologia

O câncer cólon-retal ocupa a terceira posição de mortes em todo mundo. A inatividade física parece estar relacionada com o aumento do risco de câncer de cólon, porém, a prática de exercício intensivo pode causar disfunções na reprodução masculina. O objetivo do presente estudo foi analisar a influência deste tipo de câncer e da prática de natação com diferentes intensidades no compartimento tubular de testículos de ratos Wistar (*Rattus norvegicus*). Utilizaram-se 52 animais adultos, provenientes do Biotério Central da Universidade Federal de Viçosa, divididos em 5 grupos: G1 (controle da droga, n=6) recebeu aplicações de solução salina e não foi submetido ao exercício; foram realizadas 4 aplicações subcutâneas de DMH (40mg.kg^{-1}) nos animais dos grupos seguintes: G2 (controle exercício, n=10) não foi submetido ao exercício; G3 (n=12) submetido ao treinamento em natação, sem sobrecarga externa; G4 (n=12) submetido ao treinamento em natação, com sobrecarga de 2% do peso corporal; G5 (n=12) submetido ao treinamento em natação, com sobrecarga de 4% do peso corporal. Na 34ª semana os animais foram eutanasiados com CO2. Os testículos foram retirados, pesados, fixados e incluídos em metacrilato para análises histológicas. Cortes de 3 micrômetros foram obtidos e corados com azul de toluidina/borato de sódio 1%. O volume (mL) de cada componente testicular foi estimado pela multiplicação do percentual ocupado por túbulos pelo volume líquido do testículo e o índice tubulossomático (ITS) foi calculado através da fórmula: ITS=(VT/PC)*100, sendo VT= Volume de túbulo seminífero e PC= Peso corporal. O comprimento total de túbulo foi estimado através da fórmula: CT=VTS/*pi*R^2 onde VTS= volume total de túbulos seminíferos; *pi*R^2= área da secção transversal dos túbulos seminíferos (R=diâmetro tubular/2). As análises estatísticas foram feitas através do teste de Newman-Keuls, sendo significativos valores de p menores que 0,05. Houve diminuição significativa do volume do parênquima e de túbulos nos animais acometidos pela doença. A altura do epitélio diminui significativamente nos grupos tratados, acompanhada pela diminuição significativa do comprimento total de túbulo indicando que animais submetidos à doença, apresentaram danos na espermatogênese o que pode ser inferido pela diminuição, tanto na porção tubular quanto intertubular. Não houve diferença significativa relacionada à prática do exercício nem a intensidades deste, porém o grupo 2 (que sofreu a indução da doença mas não foi submetido a natação) foi o que apresentou maior redução do volume do parênquima, volume tubular e comprimento total de túbulo, sugerindo maiores danos no grupo que não praticou exercício.

Palavras-chave: reprodução, exercício, testículo, túbulo

Financiadores: CAPES

EFEITOS DO USO CRÔNICO DE GELÉIA REAL EM DIFERENTES CONCENTRAÇÕES SOBRE PARÂMETROS TESTICULARES EM CAMUNDONGOS (*MUS MUSCULUS*)

Michele Oliveira Santos (Curso de Ciências Biológicas / UnilesteMG / micheleosantos@gmail.com)
Mariana Machado Neves (Departamento de Clínica e Cirurgia Veterinárias / UFMG)
Sérgio Luis Pinto da Matta (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Priscila Soares Silva Lana (Curso de Ciências Biológicas / UnilesteMG)
Suellen Silva Condessa (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Larissa Pires Barbosa (Departamento de Produção Animal / UFBA)
Juliene Borges Fujii (Departamento de Ciências Contábeis / PUC-BH)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Morfologia

Objetivou-se avaliar o efeito do uso crônico de geléia real, em diferentes concentrações, sobre parâmetroshistomorfométricos testiculares em camundongos suplementados por via intraperitoneal. Foram utilizados 15 camundongos (*Mus musculus*), com três meses de idade, distribuídos em três tratamentos, sendo o controle TC (n=5) recebendo 0,2mL de solução fisiológica estéril, o TI (n=5) 1mg/kg e o TII (n=5) 2mg/kg de geléia real por via intraperitoneal. Após 54 dias consecutivos de suplementação, os animais foram pesados e perfundidos utilizando solução fisiológica heparinizada e glutaraldeído a 2,5%. O testículo direito foi coletado, incluído em resina plástica e corado com Azul de Toluidina Borato de Sódio a 1%. As análises histomorfométricas testiculares compreenderam o peso testicular, índice gonadossomático (IGS), tubulossomático (ITS), leydigossomático (ILS), diâmetro dos túbulos seminíferos, altura do epitélio seminífero, proporção volumétrica dos componentes do compartimento tubular, do compartimento intertubular e volumetria de células de Leydig. Todas as análises foram feitas em microscópio óptico, utilizando-se o programa para análise de imagens Image Pro Plus 4.5. Os resultados foram submetidos ao teste de Kruskal-Wallis, sendo as médias comparadas pelo teste de Tukey a 5%. Os valores encontrados para peso dos testículos, índices IGS (TC=0,6±0,1; TI=0,6±0,06; TII=0,6±0,07), ITS (TC=0,3±0,1; TI=0,4±0,02; TII=0,4±0,06) e ILS (TC=0,1±0,05; TI=0,1±0,05; TII=0,06±0,01) mostram que o percentual de massa corporal alocado nas gônadas, túbulos seminíferos e células de Leydig, respectivamente, não apresentaram diferença entre os tratamentos (p>0,05). O diâmetro médio dos túbulos seminíferos e a altura média do epitélio seminífero não apresentaram diferença entre os tratamentos (p>0,05). A proporção volumétrica dos componentes do compartimento tubular não apresentou diferença entre epitélio seminífero (TC=59,6±4%; TI=57,4±3%; TII=60,3±1%), lume tubular (TC=23,2±3,6%; TI=22,1±4,2%; TII=26,1±2,3%) e túbulo seminífero (TC=82,9±3,1%; TI=80,2±5,4%;TII=86,8±1,9%), assim como para os componentes do compartimento intertubular (p>0,05). A proporção da túnica própria apresentada pelo TI (0,7±0,1%) foi maior que o TC (0,1±0,04%) e o TII (0,5±0,1%) (p<0,05), enquanto que a proporção do espaço intertubular do TI foi maior que TII. Conclui-se que a suplementação crônica com geléia real, nas doses utilizadas, não exerceu efeito negativo sobre os parâmetros testiculares analisados.

Palavras-chave: Geléia real, camundongo, testículo, epitélio seminífero

PARÂMETROS BIOMÉTRICOS CORPORAIS E TESTICULARES DE RATOS WISTAR ADULTOS TRATADOS COM COGUMELOS (*PLEUROTUS OSTREATUS*) ENRIQUECIDOS COM SELÊNIO

Kyvia Lugate Cardoso Costa (Depto. de Biologia Animal/UFV/kyvia_lugatti@yahoo.com.br)
Sérgio Luis Pinto da Matta (Departamento de Biologia Geral/UFV)
Fabíola de Araújo Resende Carvalho (Departamento de Biologia Geral/UFV)
Juliana de Assis Silveira (Departamento de Biologia Geral/UFV)
Ana Paula de Lima Florentino Matta (Departamento de Biologia Geral/UFV)
Pamella Kelly Araújo Campos (Departamento de Biologia Geral/UFV)
Wellington de Souza Matta (Departamento de Biologia Geral/UFV)
Juliana Pereira Antonucci (Departamento de Biologia Geral/UFV)
Marliane de Cássia Soares da Silva (Departamento de Microbiologia/UFV)
Maria Catarina Megumi Kasuya (Departamento de Microbiologia/UFV)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Morfologia

Os cogumelos são alimentos que podem ser enriquecidos com minerais, já que a sua composição pode ser alterada pela composição do substrato. Neste contexto, cogumelos enriquecidos com selênio seriam alternativas interessantes para suprir a dose necessária de ingestão dietética de selênio recomendada. O objetivo do trabalho foi avaliar os efeitos de uma dieta contendo cogumelos enriquecidos com selênio sobre os pesos corporal, gonadal, do epidídimo, da glândula vesicular, da próstata, do ducto deferente, da albugínea, do fígado, dos rins e o índice gonadossomático (IGS) em ratos Wistar adultos (*Rattus novergicus*). Foram utilizados sessenta e quatro ratos, distribuídos em 8 grupos experimentais. Os animais foram submetidos a um período de depleção de selênio de duas semanas recebendo água deionizada e dieta AIN-93G com mistura de minerais isenta de selênio. Durante o período de três semanas, foram fornecidas 20g das dietas experimentais por dia, por animal. O grupo 8 recebeu a dieta AIN-93G, enquanto os grupos de 1 a 4 receberam a mesma dieta, porém isenta de selênio, sendo que nos grupos de 2 a 4 a ausência de selênio foi substituída por cogumelos enriquecidos com diferentes doses do mineral, sendo: grupo 2 (equivalente a dose recomendada); grupo 3 (equivalente ao dobro da dose recomendada) e grupo 4 (equivalente ao triplo da dose recomendada). Já os animais dos grupos de 5 a 7 receberam dieta de cogumelo isenta de selênio sendo: grupo 5 (equivalente à quantidade de cogumelo do grupo 2); grupo 6 (equivalente ao grupo 3) e grupo 7 (equivalente ao grupo 4). Ao término do tratamento, os animais foram anestesiados sob atmosfera de carbono procedendo-se a biometria corporal, coleta e fixação dos órgãos em Karnovsky. De um dos testículos a albugínea foi separada do parênquima para realização da biometria detalhada do órgão. Os dados foram analisados estatisticamente utilizando-se o teste de Newman-Keuls considerando valores significativos de $p<0,05$. Nos parâmetros analisados não foram observadas variações significativas ($p>0,05$), exceto para o peso da albugínea nos grupos 6 e 7 que apresentaram valores menores em relação ao grupo 1, 2 e 3 e o grupo 8 que apresentou valores menores em relação ao grupo 2. Conclui-se que as dietas experimentais aqui descritas não provocaram efeitos na biometria corporal e testicular de ratos em idade reprodutiva. Morfometria gonadal deverá ser realizada para se verificar os efeitos das referidas dietas no processo espermatogênico e no compartimento intersticial do testículo.

Palavras-chave: testículo, cogumelo, selênio, ratos Wistar

AVALIAÇÃO DA PROPORÇÃO DOS ELEMENTOS DO INTERTÚBULO DE RATOS WISTAR ADULTOS SUBMETIDOS À DIETA DE ÁCIDOS GRAXOS TRANS E CIS

Juliana Pereira Antonucci (Departamento de Biologia Geral / UFV / ju_antonucci@yahoo.com.br)
Sérgio Luis Pinto da Matta (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Juliana de Assis Silveira (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Fabíola de Araújo Resende Carvalho (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Ana Paula de Lima Florentino Matta (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Suellen Silva Condessa (Departamento de Biologia Animal / UFV)
Bruna Moraes Araújo (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Nilma Maria Vargas Lessa (Unileste-MG)
Neuza Maria Brunoro Costa (Departamento de Nutrição e Saúde / UFV)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Morfologia

Ácidos graxos trans, isômeros geométricos dos ácidos graxos cis, são produzidos por biohidrogenação nos animais ruminantes e por hidrogenação industrial. São conhecidos pela sua ação deletéria à saúde. Entretanto, pouco se conhece sobre seus efeitos na espermatogênese. Neste trabalho foram avaliados os efeitos do consumo de ácidos graxos trans e cis sobre os componentes do espaço intersticial testicular de ratos Wistar ao desmame, púberes e adultos. Foram utilizados 35 ratos machos, divididos em três grupos sendo um na fase do desmame, dividido em trans (n=10) e cis (n=10); um grupo na fase púbere, trans (n=5) e cis (n=5); e um grupo na fase adulta, trans (n=5) e cis (n=5), alimentados com dieta AIN-93G modificada. Utilizou-se como fonte de ácidos graxos trans a gordura vegetal hidrogenada, correspondente a aproximadamente 5% do valor calórico total da dieta. Esta foi considerada hipercalórica tanto para trans quanto para cis. Ambos os grupos foram obtidos de ninhadas cujas mães receberam a mesma dieta. Nas fases desmame (21 dias), púbere (42 dias) e adulta (70 dias), os animais foram eutanasiados e seus dados biométricos registrados. Os testículos foram fixados em formaldeído 10% tamponado e após desidratação em série etanólica crescente foram incluídos em resina. Foram obtidos cortes de 3 micrômetros de espessura e as secções coradas com azul de toluidina-borato de sódio 1%. Para a análise morfométrica dos testículos, foi feita a contagem de 1000 pontos sobre o intertúbulo para obter as proporções (%) de tecido conjuntivo, vasos sanguíneos, espaço linfático, macrófago, núcleo e citoplasma de Leydig. Analisando-se as proporções dos elementos intersticiais, foi observado aumento ($p<0,05$) na proporção de núcleo das células Leydig do grupo trans somente nos animais desmamados quando comparada ao grupo cis. As diferenças entre trans e cis na proporção dos elementos intersticiais nos animais púberes e adultos não foram estatisticamente significativas. Conclui-se que animais desmamados que receberam a dieta trans apresentaram alterações na proporção nuclear das células de Leydig. Conclui-se ainda que animais púberes e adultos que receberam a dieta trans e cis não apresentaram alterações na proporção dos elementos do intertúbulo.

Palavras-chave: Ácidos graxos, morfometria, testículo, intertúbulo

Financiadores: FAPEMIG

AVALIAÇÃO DOS EFEITOS DA EXPOSIÇÃO CRÔNICA DO MANGANÊS SOBRE PARÂMETROS BIOMÉTRICOS CORPORAIS E TESTICULARES DE CAMUNDONGOS ADULTOS

Diego Ceolin (Departamento de Biologia Geral / UFV / diegobio@tdnet.com.br)
Fabíola de Araújo Resende Carvalho (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Sérgio Luis Pinto da Matta (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Wellington de Souza Matta (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Kyvia Lugate Cardoso Costa (Departamento de Biologia Animal / UFV)
Juraci Alves de Oliveira (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Juliana de Assis Silveira (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Ana Paula de Lima Florentino Matta (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Tarcísio de Souza Duarte (Departamento de Biologia Geral / UFV)
Pamella Kelly de Araújo Campos (Departamento de Biologia Geral / UFV)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Morfologia

Em pequenas quantidades o manganês é considerado um nutriente essencial necessário para muitos eventos fisiológicos normais de mamíferos. Por outro lado, o excesso desse metal pode causar graves problemas, como disfunção no sistema reprodutivo e dano testicular. Ele é considerado um metal pesado e o aumento de sua disponibilidade ambiental está relacionado a atividades industriais, aumentando o risco de exposição a esse composto. O objetivo do trabalho foi avaliar os efeitos da exposição crônica do manganês sobre peso corporal, testicular, epidídimário, da glândula vesicular, do ducto deferente, rins e índice gonadossomático (IGS) de camundongos adultos. Foram utilizados 12 camundongos divididos em dois grupos, sendo um tratado (n=8) e outro controle (n=4). O grupo tratado recebeu solução de cloreto de manganês na dose de 30mg/Kg/dia, enquanto o grupo controle recebeu água destilada. Após 42 dias de tratamento os animais foram anestesiados com éter, contidos, pesados e eutanasiados. Os órgãos retirados foram imersos em Karnovsky 4% por 24 horas. Para a comparação das médias foi utilizado o teste de Newman-Keuls ($p<0,05$). Observou-se aumento do peso corporal dos animais tratados em relação ao controle, com 43 e 36 gramas, respectivamente. Os animais do grupo tratado apresentaram grande acúmulo de gordura visceral, especialmente peri-renal e peri-epididimária. Os demais parâmetros não apresentaram variações significativas ($p>0,05$). Estes dados permitem inferir que o aumento do peso corporal está relacionado com a mitigação do efeito tóxico do excesso de manganês na dose ingerida pelos camundongos, visto que o tecido adiposo é importante no acúmulo de compostos tóxicos. Assim, conclui-se que o manganês, na dose fornecida aos animais, não causou alterações significativas nos parâmetros biométricos analisados após 42 dias de tratamento.

Palavras-chave: Testículo, manganês, camundongos, biometria

Financiadores: FAPEMIG

CBMz

ESTUDO DA VARIAÇÃO INTRAPOPULACIONAL COM A PRIMEIRA DESCRIÇÃO DE CLASSES ETÁRIAS PARA *THRICHOMYS INERMIS* (PICTET, 1843) (RODENTIA: ECHIMYIDAE)

Antonio Carlos da Silva Abreu Neves (Lab. de Mastozoologia / Depto. de Zoologia / UFRJ / antonio3@ufrj.br)
Leila Maria Pessôa (Lab. de Mastozoologia / Depto. de Zoologia / UFRJ)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Morfologia

O gênero *Thrichomys*, popularmente conhecido como Rabudo, Punaré, ou Rato Boiadeiro, é um roedor típico dos biomas da Caatinga, do Cerrado e do Pantanal. Por muito tempo o gênero foi considerado monotípico, com apenas a espécie *Thrichomys apereoides* sendo reconhecida. Porém, recentes estudos demonstraram grande variabilidade cromossômica, morfométrica e molecular dentro do gênero, garantindo o reconhecimento de quatro espécies (seguidas de suas localidades-tipo): *Thrichomys apereoides* (Lagoa Santa, MG), *Thrichomys laurentius* (São Lourenço, PE), *Thrichomys pachyurus* (Cuiabá, MT) e *Thrichomys inermis* (Jacobina, BA). Em um estudo pioneiro no gênero, foram descritas sete classes etárias para a população de Bodocó, Pernambuco, identificada como *T. apereoides*. Posteriormente, a primeira classe dessa espécie foi subdividida em duas, com base no grau de desenvolvimento do segundo molar superior, totalizando oito classes etárias. O presente estudo visa fazer a primeira descrição de classes etárias para *T. inermis*. Com auxílio de um microscópio estereoscópico binocular foram observados 29 crânios da localidade de Lages, município de Morro do Chapéu, Bahia, sendo descritas nove classes etárias para a espécie. A classificação foi baseada no grau de erupção, desgaste da série molariforme superior e no grau de obliteração da sutura basiesfenóide-basioccipital. Os espécimes observados foram agrupados em quatro categorias: juvenis, sub-adultos, adultos e senis. Os indivíduos juvenis, alocados nas classes um, dois e três, têm o quarto pré-molar e o primeiro molar totalmente irrompidos e, em fases ontogenéticas posteriores, o segundo molar também está irrompido, com a face oclusal completamente formada. Na categoria de sub-adultos, classes quatro e cinco, os espécimes apresentam o terceiro molar irrompido, mas sem face oclusal formada, além da sutura basiesfenóide-basioccipital não estar obliterada. Os indivíduos alocados nas classes seis e sete, classificados como adultos, têm a sutura basiesfenóide-basioccipital fusionada e o terceiro molar inteiramente irrompido, com face oclusal formada. As classes oito e nove compreendem os espécimes senis, com todos os dentes molariformes severamente desgastados. A ontogenia dos dentes molariformes nos juvenis de *T. inermis* difere da publicada por Moojen (1988), e que aqui está sendo alocada a *T. laurentius*, quanto ao estágio de desenvolvimento do primeiro molar e no momento de surgimento do terceiro molar. A configuração das dobras da superfície oclusal do terceiro molar dos sub-adultos de *T. inermis* é, como esperado, distinta da publicada para *T. laurentius*. Nos espécimes adultos e senis o padrão de isolamento das dobras labiais e linguais do pré-molar e dos molares de *T. inermis* é diferenciado.

Palavras-chave: ontogenia, morfologia

Financiadores: CNPq, UFRJ

VARIAÇÃO INTRAPOPULACIONAL EM *TRINOMYS ALBISPINUS MINOR* (REIS E PESSÔA, 1995) (RODENTIA: ECHIMYIDAE) COM A DEFINIÇÃO DE CLASSES ETÁRIAS.

Luiz Felipe Lima da Silveira (Laboratório de Mastozoologia/UFRJ/silveira@ufrj.br)
Leila Maria Pessôa (Laboratório de Mastozoologia/UFRJ)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Morfologia

O gênero *Trinomys* possui 11 espécies, ocorrendo na Mata Atlântica brasileira, Caatinga e Dunas do Rio São Francisco. Em 1995, foi descrito *Trinomys albispinus minor*, caracterizado pela presença de dois tipos de pêlos aristiformes ao longo do corpo, clavados e lanceolados; ventre branco, laterais do corpo marrom avermelhadas, dorso mais escuro, sendo cerca de 15% menor e com pêlos aristiformes menos desenvolvidos que os outros membros coespecíficos: *Trinomys albispinus sertonius* e *Trinomys albispinus albispinus*. Sua localidade-tipo é Morro do Chapéu, BA. *Trinomys albispinus minor* foi registrado em outras três localidades ao longo da Serra do Espinhaço, em altitudes entre 800-2000 m acima do nível do mar. Uma revisão do gênero realizada em 2005 sugere a sua elevação em nível específico, embora dados citogenéticos na literatura apontem para uma possível divergência recente entre as subespécies, ou ainda, que as formas estejam em processo de especiação, justificando a condição taxonômica subespecífica. Os ratos-de-espinho do gênero *Trinomys* possuem níveis altos de variação intrapopulacional principalmente devido a um aumento contínuo nas dimensões cranianas, mesmo em indivíduos adultos, o que dificulta a definição de unidades taxonômicas. A análise de padrões de variação intrapopulacionais é um passo importante para entender os mecanismos envolvidos no processo de diferenciação geográfica. O objetivo deste trabalho é descrever as classes etárias para *Trinomys albispinus minor* e comparar a trajetória ontogenética descrita na literatura para *Trinomys albispinus albispinus*. Assim, 18 indivíduos tombados na Coleção de Mamíferos do Museu Nacional provenientes de Morro do Chapéu, Bahia, foram alocados em seis classes etárias, definidas com base na erupção e desgaste dos dentes molariformes, analisados com a utilização do microscópio estereoscópio. Para as análises quantitativas, dezenove medidas cranianas foram tomadas com um paquímetro digital acurado para 0,01 mm. As classes são definidas como se segue: I: P4-M1 expostos e funcionais, M2 em desenvolvimento; II: P4-M2 expostos e funcionais, M3 em desenvolvimento. III: P4-M3 expostos e funcionais, mas nenhuma dobra isolada; IV: P4-M3 expostos e funcionais, dobra principal de P4 interrompida; V: Contra-dobras isoladas de P4 a M3, dobra principal de P4 interrompida; VI: Contra-dobras isoladas de P4 a M3, dobra principal de P4 interrompida. As classes etárias descritas neste trabalho diferem das descritas para *Trinomys albispinus albispinus*, demonstrando que as subespécies passam por trajetórias ontogenéticas diferentes.

Palavras-chave: ontogenia, classes etárias, *Trinomys albispinus*

Financiadores: PIBIC-CNPq e UFRJ

OCORRÊNCIA DE CARRAPATO-ESTRELA (*AMBLYOMMA CAJENNENSE*) EM PEQUENOS MAMÍFEROS NO PARQUE NACIONAL DA SERRA DO CIPÓ, SANTANA DO RIACHO (MG)

Danilo G. Saraiva (Laboratório de Mastozoologia / Museu PUC Minas de Ciências Naturais / danilogsaraiva@gmail.com)
Gislene F. S. Rocha (Bicho do Mato Consultoria Ambiental)
Claudia G. Costa (Lab de Mastozoologia /Museu PUC Minas de Ciências Naturais)
José R. Botelho (Depto. de Parasitologia / Universidade Federal de Minas Gerais)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Parasitologia

Os mamíferos são considerados hospedeiros preferenciais de ectoparasitos e apresentam grande importância epidemiológica, funcionando como reservatórios e hospedeiros intermediários de diversos tipos de doenças, prejudicando animais silvestres, domésticos e humanos. A espécie de carrapato *Amblyomma cajennense* é tipicamente encontrada em equídeos, mas existem registros de parasitismo em animais silvestres, tais como aves, ratos e gambás. O presente estudo foi realizado no Parque Nacional da Serra do Cipó, no Estado de Minas Gerais, que está inserido no bioma Cerrado, com uma área de 33.800 ha. Foram realizadas campanhas mensais de quatro dias, no período de abril a agosto de 2007. Para a captura dos pequenos mamíferos foram utilizadas 100 armadilhas de arame galvanizado do tipo "live-trap", dispostas em cinco transectos contendo 20 armadilhas cada um. As armadilhas foram dispostas duas a duas, separadas entre si por uma distância de 10 metros. Para atrair os animais usou-se isca composta por aveia, creme de amendoim ou amendoim torrado e moído, banana, canjiquinha e óleo de sardinha. Os animais capturados foram sedados com pequena dose de éter etílico, e seus ectoparasitos coletados com auxílio de pente-fino, pinças e escovas. Os espécimes de ectoparasitos foram conservados em álcool 70% para posterior identificação em laboratório. Um total de 3011 ectoparasitos foram coletados em 95 indivíduos de nove espécies de pequenos mamíferos. Dentre os ectoparasitos, 2,62% (n = 79) foram da espécie *A. cajennense*, parasitando quatro espécies de roedores e uma de marsupial -*Cerradomys subflavus, Nectomys squamipes, Thrichomys apereoides, Rhipidomys mastacalis* e *Didelphis albiventris*. Esses registros confirmam o parasitismo desta espécie em animais silvestres e incrementam a diversidade de espécies parasitadas pelo carrapato-estrela. Estes dados indicam a baixa especificidade de *Amblyomma cajennense*, que é abundante na região, devido principalmente ao grande número de equídeos que vivem dentro da unidade de conservação e também em suas proximidades.

Palavras-chave: Pequenos Mamíferos; Ectoparasitos; Parque Nacional da Serra do Cipó

ESTUDOS SOBRE FATORES DETERMINANTES E A DINÂMICA DE TRANSMISSÃO DE POXVIRUS UTILIZANDO-SE DE METODOLOGIA DE ANÍLISE ESPACIAL E DE SISTEMAS DE GEORREFERENCIAMENTO

Marconny Gerhardt (LBPMR / IOC / FIOCRUZ / marconny@ioc.fiocruz.br)
Manuel E. V. Silva (Lab. de Flavirus / IOC / FIOCRUZ)
Bruno R. Simonetti (Lab. de Flavirus / IOC / FIOCRUZ)
Bruna Fernanda Mattos Lapadula (Lab. de Flavirus / IOC / FIOCRUZ)
Luiz Felipe Ferreira (Seção de Engenharia Cartográfica / IME / Exército Brasileiro)
Hermann Schatzmayr (Lab. de Flavirus / IOC / FIOCRUZ)
Paulo Sérgio D`Andrea (LBPMR / IOC / FIOCRUZ)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Parasitologia

Muitos estudos que apontam roedores silvestres como reservatórios de agentes etiológicos de zoonoses, como os da família Poxvirus, causadores da Varíola Bovina. No Brasil, roedores “sentinelas” pertencentes as famílias Cricetidae e Oryzominae foram relatados. Nos últimos anos, houve um aumento significativo de casos relacionados a enfermidades atribuídas a patógenos pertencentes a este grupo, tanto em bovinos como em humanos. Estes têm sido atribuídos a uma variante viral derivada do vírus vaccínia utilizado em campanhas de vacinação na década de 70, que se desenvolveu no ambiente silvestre provavelmente em mamíferos silvestres. Essa zoonose é transmitida ao homem e a animais domésticos pelo contato direto com vesículas pustulares distribuídas por diversas partes do corpo de ambos hospedeiros. O objetivo deste estudo foi identificar a fauna de pequenos mamíferos silvestres em localidades de sabida ocorrência do vírus, georreferenciar os casos positivos (humanos, bovinos e animais silvestres), relacionando suas taxas de infecção com a caracterização ecológica das localidades para assim utilizar um sistema de informação geográfica (WGS84) para avaliação de áreas de risco de transmissão da zoonose. A coleta dos mamíferos silvestres aconteceu em 03 municípios, dois deles onde foram comprovados casos da doença em hospedeiros humanos e bovinos e outro com a presença de bovinos, mas sem relatos da doença. Para a captura, foram usadas armadilhas do tipo Live-Trap, Sherman e Tomahawk, dispostas em transectos lineares. Todos os animais tiveram dados bionômicos coletados e amostras de sangue para exame sorológico (Elisa). Somente os roedores foram necropsiados para identificação por cariotipagem e obtenção de tecidos para diagnóstico molecular (PCR). Até o momento já foram analisadas amostras de 152 bovinos onde 115 tiveram confirmação de infecção por orthopoxvirus. Destes, foram isolados e ou identificados 18 tipos virais pelo método do RT-PCR. O esforço de captura total utilizado na captura dos roedores silvestres nas localidades foi de 1.300 armadilhas-noite e ao todo foram capturados 55 roedores, com o sucesso de captura de 0,04%. Em apenas um roedor da espécie Akodon cursor, foram encontrados anticorpos para Orthopoxvirus em diluições de 1/10 e 1/20. Este resultado corrobora com outros estudos que apontam roedores silvestres como reservatórios desta zoonose necessitando ainda de novas coletas de amostras afim de que se consiga isolar e identificar o tipo viral.

Palavras-chave: Roedores, Poxvirus, Epidemiologia, Georreferenciamento, SIG

Financiadores: Faperj, IOC/FIOCRUZ

VARIAÇÃO NÃO GEOGRÁFICA DE *HYLAEAMYS MEGACEPHALUS* (FISCHER, 1814) (RODENTIA: SIGMODONTINAE) NA AMÉRICA DO SUL

Jorge-Rodrigues, C. R. (Depto. Ciências Biológicas / ESALQ – USP / claurjr@yahoo.com.br)
Percequillo, A. R. (Depto. Ciências Biológicas / ESALQ - USP)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Sistemática

Hylaeamys megacephalus apresenta extensa distribuição geográfica na América do Sul e está associada aos mais diversos ambientes no continente. Esta espécie exibe variação geográfica na coloração da pelagem e nas dimensões corpóreas e crânio-dentárias, geralmente em mosaico. Contudo, hipóteses recentes baseadas em evidências moleculares (citocromo *b*) apontam divergências entre as populações situadas ao sul e ao norte do Rio Amazonas. Todavia, antes de testar estas hipóteses através do emprego de marcadores morfológicos, foram estudados alguns parâmetros de variação não geográfica (sexual e etária), a fim de compreender a natureza da variação nas melhores amostras da espécie. Durante este estudo, foram analisados 701 espécimes, provenientes de 142 localidades no continente sul-americano. Para avaliar as diferenças quantitativas utilizamos 21 medidas cranianais, e os espécimes foram separados por sexo e classes etárias (1 a 5). As coordenadas das localidades de coleta foram organizadas em um índice de localidades e plotadas em um mapa de distribuição. Algumas amostras foram agrupadas por proximidade geográfica para torná-las mais robustas e representativas. As análises de variação não geográfica foram realizadas nas melhores amostras disponíveis, sendo elas: Serra do Navio, AP (N=33), Bush Bush, GF (N=19), Barra do Garças, MT (N=24), Paloemeu (N=16), Nova Ponte, MG (N=24), Brasília, DF (N=16), Manaus, AM (N=21), Ilha Tocantins, PA (N=18) e Rio Manso, MT (N=21). Não foi encontrado nenhum padrão congruente de dimorfismo sexual: oito das amostras analisadas para variação sexual, não apresentaram diferenças; em Brasília, Bush Bush e Serra do Navio, poucas variáveis diferentes estatisticamente foram encontradas. Estes resultados confirmam o padrão observado na subfamília Sigmodontinae, no qual a variação sexual não é evidente na maioria dos táxons. De forma geral, as amostras são heterogêneas quanto à presença e o tamanho das diferentes classes etárias, o que dificulta algumas comparações. Ainda assim, usualmente, as classes etárias juvenis (1, 2) são diferentes das classes etárias sub-adultas e adultas (3, 4, 5) em todas as amostras. O estudo das localidades de Nova Ponte, Barra do Garças e Serra do Navio evidencia diferenças entre as classes 2 e 3; Brasília é uma exceção, pois nenhuma variável apresenta diferença significativa entre estas classes. As classes 2,3 e 3 em geral apresentam poucas variáveis distintas, em localidades como Bush Bush, Paloemeu e Barra do Garças. Assim, uma vez que os parâmetros não geográficos foram estudados, e as amostras estejam dispostas em mapas serão estabelecidos transectos latitudinais e altitudinais para nortear as análises de variação geográfica.

Palavras-chave: Sigmodontinae, Variação não-geográfica, América do Sul, *Hylaeamys*

Financiadores: Fapesp

DIFERENCIAÇÕES MORFOMÉTRICAS DO CRÂNIO E DA MANDÍBULA ENTRE *AKODON CURSOR* E *AKODON MONTENSIS* (RODENTIA, SIGMODONTINAE)

Bandeira, I. (Departamento de Zoologia / UFPE / bellabandeira@gmail.com)
Astúa, D. (Departamento de Zoologia / UFPE)
Geise, L. (Departamento de Zoologia / UERJ)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Sistemática

Espécies crípticas apresentam, a princípio, características morfológicas idênticas ou similares que dificultam sua distinção, podendo acarretar problemas taxonômicos. Espécies crípticas podem ser distinguidas através de análises citogenéticas, moleculares, da morfologia interna e métodos morfométricos. O objetivo deste trabalho foi avaliar se a morfometria geométrica permite uma melhor separação entre *A. cursor* e *A. montensis* do que a morfometria tradicional. Foram examinados 74 espécimes (48 -*A. cursor* e 25 -*A. montensis*) adultos identificados através de seus cariótipos, provenientes do sudeste do Brasil. Foram estabelecidos marcos anatômicos nas vistas dorsal (24), ventral (22) e lateral (25) do crânio e na mandíbula (13), além de 23 semi-marcos nesta última. A partir destes marcos foi analisada avariação de tamanho (utilizando o tamanho de centróide), através de teste-t para dimorfismo e de ANOVAs seguidas de testes *a posteriori* de Tukey, e a variação de forma usando as deformações parciais e componentes uniformes, através de testes de Goodall (para dimorfismo) e MANOVAs e Análises de Variáveis Canônicas. Foi encontrado tanto dimorfismo sexual ($p<0,001$) quanto diferenciação entre as espécies no tamanho ($p<0,001$) para todas as vistas, sendo os machos maiores que as fêmeas e *A. cursor* maior que *A. montensis*. Porém o teste a posteriori de Tukey revelou uma sobreposição nas vistas do crânio entre as fêmeas de *A. cursor* e os machos de *A. montensis*. Houve dimorfismo sexual significante de forma em *A. cursor* e somente na vista lateral do crânio em *A. montensis*, diferentemente da diferenciação de forma que foi significante para todas as vistas nas duas espécies. Os resultados foram semelhantes aos de morfometria tradicional obtidos com a mesma amostra aqui analisada, porém a localização da variação de forma das estruturas estudadas e a completa separação das espécies foram obtidas apenas na morfometria geométrica. As diferenças de forma e tamanho entre as espécies e os sexos podem estar associadas a seleção sexual, diferenças de nichos alimentares, diferenciação genética ou alometria. Nesse estudo os eixos que separam as espécies, tanto para o crânio quanto para a mandíbula, mostraram-se correlacionados com o tamanho ($p<0,001$ para todos os eixos), indicando, portanto um importante componente alométrico, possivelmente sem valor adaptativo. Logo, esta técnica mostrou-se mais eficaz na separação dessas duas espécies, aumentando as possibilidades de uso de material depositadas em coleções científicas sem identificação prévia.

Palavras-chave: Akodontini; morfometria geométrica, dimorfismo sexual, tamanho e forma

Financiadores: CNPq, FACEPE, FAPERJ, UERJ/Prociência, UFPE

CBMz

ROEDORES SIGMODONTINAE DO BRASIL MERIDIONAL

Liliani Marília Tiepolo (Setor Litoral. UFPR. liliani@ufpr.br)
João Alves de Oliveira (Departamento de Vertebrados. Museu Nacional. UFRJ.)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Sistemática

Os roedores da subfamília Sigmodontinae do Brasil Meridional foram avaliados quanto a sua composição taxonômica, distribuição e relações fitogeográficas. Para a compilação das informações foram realizados inventários em onze diferentes paisagens da região sul, enfatizando as áreas com remanescentes da Floresta Ombrófila Mista (floresta com *Araucaria*); examinados os acervos das principais coleções brasileiras, uruguaias e argentinas; e analisados os estudos publicados sobre a ocorrência destes roedores no sul do Brasil. Os resultados apontam para a ocorrência de 24 gêneros e 35 espécies identificadas com segurança e cinco sem identificação específica, totalizando 40 táxons de roedores Sigmodontinae no Brasil Meridional. Os pequenos roedores do sul do Brasil mostram-se predominantemente pertencentes a Tribo Akodontini, com 22 espécies. Esta contribuição obteve novos dados sobre a distribuição destes roedores nesta região além de informações sobre táxons raros e ameaçados de extinção. Uma análise considerando as sete principais regiões fitogeográficas do Brasil Meridional, a saber: Floresta Ombrófila Densa, Floresta Ombrófila Mista, Floresta Estacional, Estepe Estacional do Rio Grande do Sul, Estepe Ombrófila do planalto das araucárias, a savana do nordeste do Paraná e as paisagens com vegetação altomontana, evidenciou uma clara separação entre os roedores das regiões abertas do Rio Grande do Sul em relação aos demais. Também foi possível evidenciar alguns padrões de distribuição relacionados às características físicas, climáticas e fitogeográficas desta região, mostrando que estes roedores exibem forte associação de ocorrência com as diferentes paisagens naturais regionais, caracterizando assembléias coesas de espécies. Os resultados obtidos reforçam a idéia de considerarmos os roedores Sigmodontinae como mamíferos indicadores de ambientes e paisagens e, portanto, indispensáveis em inventários faunísticos.

Palavras-chave: taxonomia, fitogeografia, distribuição geográfica, Cricetidae

Financiadores: CAPES; Fundação Biodiversitas; apoio MZUSP

PADRÕES DE DISTRIBUIÇÃO DOS ROEDORES DA TRIBO ORYZOMYINI (RODENTIA: SIGMODONTINAE) NA AMÉRICA DO SUL

Prado, J. R. (Depto Ciências Biológicas/ESALQ-USP / joycepra@gmail.com)
Percequillo, A. R. (Depto de Ciências Biológicas / ESALQ-USP)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Sistemática

Oryzomyini é a tribo mais diversa dentro da radiação da Subfamília Sigmodontinae, com 28 gêneros e aproximadamente 125 espécies e essa diversidade é refletida na variação morfológica e ecológica observada nos táxons da tribo. Existem várias hipóteses para explicar o surgimento e a diversificação da subfamília na América do Sul, sendo as Áreas de Diferenciação Original (ADO) uma destas. Com o objetivo de avaliar os padrões de distribuição dos gêneros e espécies da tribo Oryzomyini, foram gerados mapas atualizados de distribuição geográfica para 8 gêneros de distribuição andina. Os dados para a elaboração dos mapas e contagem das freqüências de ocorrência dos táxons em áreas geográficas pré-definidas, foram obtidos em coleções zoológicas brasileiras e norte-americanas e a partir de revisões recentes. Além dos mapas individuais, foi gerado um mapa com todas as localidades de ocorrência destes gêneros e de suas espécies. Para o cálculo das freqüências de ocorrência a América do Sul foi dividida em 7 regiões: (1) Norte Andina (NA) (2) Centro-Norte Andina (CNA) (3) Centro-Sul Andina (CSA) (4) Norte-Sul Andina (NSA) (5) Suldo Sul Andina (SSA) (6) Cis-Andina (CA) (7) Trans-Andina (TA). Para os gêneros *Handleyomys*, *Mindomys* e *Oreoryzomys*, 100% das ocorrências situam-se da região 1; *Aegialomys* ocorrem em localidades das regiões 1 (30,4%), 2 (64,3%) e 3 (5,3%); *Scolomys* está distribuído nas regiões 1 (21,5%) e 6 (78,5%); as espécies de *Microryzomys* distribuem-se em localidades das regiões 1 (70%), 2 (24,4%), 3 (5,6%); *Nephelomys* ocorre em localidades das regiões 1 (63%), 2 (26,5%), 3 (10,5%); e *Transandinomys* situa-se em localidades das regiões 1 (60,13%), 2 (2,62%) e 7 (37,25%). Esses resultados preliminares mostram que para a irradiação de orizomíneos florestais andinos a região Norte Andina é de fato a de maior endemismo e freqüência de ocorrência, o que poderia confirmar esta área como sendo uma ADO para a tribo. Entretanto, hipóteses filogenéticas recentes indicam que os padrões de distribuição dos orizomíneos andinos, e mesmo os táxons endêmicos da região Norte Andina, não mostram correspondência com as linhagens principais do clado Oryzomyini. Pelo contrário, cada linhagem principal da tribo exibe a maioria dos padrões biogeográficos descritos anteriormente, o que enfraquece a hipótese de ADO proposta para este grupo. A inclusão de novos gêneros de Oryzomyini nas análises pode mudar esse cenário biogeográfico e revelar outras regiões com maior endemismo e freqüência de ocorrência dos táxons.

Palavras-chave: Oryzomyini, distribuição geográfica, ADO, biogeografia

Financiadores: CNPq

IDENTIDADE TAXONÔMICA E VARIAÇÃO GEOGRÁFICA DOS OURIÇOS-CACHEIROS DO LESTE DO BRASIL (MAMMALIA: ERETHIZONTIDAE: *SPHIGGURUS*)

Vilacio Caldara Junior (Departamento de Ciências Biológicas / UFES / vcaldarajr@gmail.com)
Yuri Leite (Departamento de Ciências Biológicas / UFES)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Sistemática

Os roedores da família Erethizontidae compreendem animais conhecidos como ouriços-cacheiros ou porcos-espinho do novo mundo. Apesar dos trabalhos recentes sobre ouriços-cacheiros, existem controvérsias a respeito da taxonomia e do relacionamento filogenético dos gêneros que compõem essa família, principalmente *Coendou* e *Sphiggurus*, bem como de suas espécies. Dentre as controvérsias existentes entre os eretizontídeos, destaca-se à situação taxonômica das espécies de *Sphiggurus* do leste do Brasil. Esse trabalho avalia a variação geográfica nos exemplares do gênero *Sphiggurus* do leste do Brasil a fim de esclarecer sua situação taxonômica, registrando variações morfológicas e morfométricas que sejam capazes de distinguir possíveis grupos encontrados. Examinamos 182 indivíduos pertencentes ao gênero *Sphiggurus* disponíveis em coleções científicas brasileiras. Analisamos a variação de 11 caracteres da pelagem, de 22 estruturas cranianas e obtivemos 21 medidas do crânio. Classificamos os exemplares em três grupos baseados nos dados da pelagem: grupo Norte, grupo Centro e grupo Sul. Utilizamos os dados da morfologia craniana na tentativa de designar caracteres cranianos diagnósticos desses grupos. A partir dos dados de morfometria craniana, usamos análise discriminante, teste-t, análise de componentes principais e teste de Mantel para testar a significância desses grupos. Nenhum dos caracteres cranianos discretos analisados pode ser considerado como diagnóstico para os grupos. A análise discriminante foi capaz de separar os grupos e o teste t revelou diferenças significativas entre eles para as médias de várias medidas cranianas e externas, além do comprimento dos pêlos e espinhos. Como tendência para a maioria das medidas, exemplares do grupo Norte são menores do que os do grupo Centro, que são menores do que os do grupo Sul. A análise de componentes principais não apresentou agrupamentos evidentes entre os exemplares. O teste de Mantel revelou que existe correlação significativa entre a distância geográfica e a distância fenotípica craniana quando os indivíduos de todos os grupos são analisados em conjunto. Essa correlação não é significativa quando os indivíduos de cada grupo são analisados separadamente. Os resultados do presente trabalho indicaram que os grupos constituem entidades diferenciadas, que devem representar três espécies distintas. O nome específico mais adequado para os indivíduos do grupo Norte é *S. insidiosus*. Para os exemplares do grupo Centro, os dados indicam que o nome mais adequado seja *S. vilosus*, enquanto para os indivíduos do grupo Sul, *S. spinosus* deve ser o nome apropriado.

Palavras-chave: *Coendou*, Mata Atlântica, *Sphiggurus*, Taxonomia, Variação Morfológica.

Financiadores: Capes/MEC e CNPq

ANÁLISE DOS PADRÕES DE CUTÍCULA E MEDULA DOS PÊLOS-GUARDA DE *ORYZOMYS SUBFLAVUS* (RODENTIA, CRICETIDAE) E CALOMYS TENER (RODENTIA, CRICETIDAE).

Zaidan, F.C. (PUC Minas)
Santiago, F.L. (MCN PUCMinas / fernandalirasantiago@gmail.com)
Câmara, E.M.V.C. (MCN PUCMinas)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Sistemática

O pêlo é uma estrutura exclusiva dos mamíferos e não apresenta homologia em outros vertebrados. São divididos em pêlos-guarda e sub-pêlos, sendo formado por três camadas concêntricas de células epidérmicas mortas: cutícula, córtex e medula. Nos pêlos-guarda estas três camadas apresentam padrões morfológicos que conferem características diagnósticas às espécies. Dessa forma, estas estruturas são de grande valia em estudos de sistemática e ecologia para identificação específica e genérica dos animais. O uso desta ferramenta por pesquisadores latino-americanos é recente, sendo os roedores e marsupiais os grupos mais estudados em trabalhos sobre dieta de carnívoros, sistemática e adaptações morfológicas e funcionais da pelagem. Este estudo teve como objetivo descrever e classificar os padrões de cutícula e medula dos pêlos-guarda de *Oryzomys subflavus* e *Calomys tener*. As técnicas de coleta, preparação, classificação e nomenclatura foram baseadas e adaptadas de Quadros (2002). A classificação foi feita através dos padrões da haste para a cutícula e do escudo para a medula. *Oryzomys subflavus* possui cutícula folidácea intermediária (porção basal da haste), losângica intermediária (porção média) e ondeada simples transversal (porção do escudo). A medula é do tipo literácea (haste) e alveolar (escudo). *Calomys tener* apresenta cutícula conoidal (porção basal e superior da haste), mosaico (porção intermediária, entre a haste e o escudo) e ondeada simples transversal (porção do escudo). A medula é do tipo unisseriada escalariforme (porção basal da haste), listrada (porção média) e reticulada (porção do escudo). Os resultados obtidos com *O. subflavus* diferiram de estudo anterior com *O. ratticeps* e *O. intermedius*. Através da comparação dos caracteres de cutícula e medula de *C. tener* com os demais descritos para seu gênero foi possível concluir que a espécie apresenta caracteres diagnósticos específicos. Apesar de ter características em comum da cutícula com *C. laucha*, este estudo mostrou que na porção do escudo, que é a indicada para classificação da medula a de *C. tener* se apresenta reticulada, diferentemente das outras espécies descritas para este gênero. Neste trabalho foi possível verificar a eficácia e praticidade desta metodologia, que produziu bons resultados, contando com reagentes e equipamentos de fácil aquisição e manipulação. O estudo de pêlos no Brasil ainda é incipiente. Sugere-se que sejam estimuladas coleções de referência, sendo importante a interação com pesquisadores de campo, para coleta de material de espécimes de diversas regiões, ambos os sexos e com idades variadas.

Palavras-chave: morfologia, pêlos, sistemática, ecologia, Rodentia

Financiadores: PUC Minas

SISTEMÁTICA DE ESPÉCIES DO GÊNERO *EURYORYZOMYS* (CRICETIDAE, SIGMODONTINAE)

Marcela Borges de Abreu Pimenta (LaMaB, Deptº de Ciências Biológicas / UFES; perbasio@yahoo.com.br)
Leonora Pires Costa (LaMaB, Deptº de Ciências Biológicas / UFES)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Sistemática

O gênero *Oryzomys*, pertencente à tribo Oryzomyini, foi considerado por décadas um clado taxonomicamente complexo, sendo também o gênero mais diverso dentre os roedores sigmondontíneos neotropicais. Como alternativa para alcançar uma classificação monofilética de *Oryzomys*, dez novos gêneros foram descritos para espécies ou grupos de espécies que outrora eram referidas a este gênero. Análises moleculares de alguns indivíduos então atribuídos ao novo gênero *Euryoryzomys*, indicaram que a série pertencia a um clado que se configurava como grupo-irmão da espécie *Euryoryzomys emmonsae*, apresentando, contudo, um alto grau de divergência genética entre eles. Este estudo objetivou verificar se há concordância entre a variação genética detectada e a morfológica e adequar a taxonomia do grupo de modo a refletir o poliformismo documentado a fim de contribuir para o conhecimento da sistemática dos sigmodontíneos neotropicais. Foram analisados 46 exemplares de *Euryoryzomys*, 12 de *Hylaeamys* e 4 de *Cerradomys subflavus*, por meio de empréstimo ao Departamento de Zoologia da UFMG, visita ao Museu Nacional do Rio de Janeiro e coletas realizadas pelo Laboratório de Mastozoologia e Biogeografia da UFES. Dos 46 exemplares de *Euryoryzomys*, 19 consistem em *E. lamia*, 18 *E. russatus*, 1 *E. nitidus* e 8 *E.* aff. *emmonsae*. Dos 12 exemplares de *Hylaeamys*, 6 são da espécie *H. megacephalus* e 6 da espécie *H. laticeps*. Exemplares de outros gêneros foram requisitados a fim de ser conhecer a grande diversidade biológica existente no antigo gênero *Oryzomys*. Os exemplares foram classificados em faixas etárias segundo a formação e o desgaste dos dentes molares e foram examinados quanto à morfologia externa e craniana. Na primeira etapa do estudo foram analisados 18 caracteres tradicionalmente utilizados em estudos de sistemática de roedores neotropicais, sendo 8 de morfologia externa e 10 de morfologia craniana. Dentre estes, os mais úteis na diagnose de espécies e grupos de espécies observados foram: presença do suporte alisfenóide, presença do forâmen esfeno-frontal e da ranhura esquamoso-alisfenóide e o número de fossetas no segundo molar superior. Dos caracteres observados, dois (suporte alisfenóide e fossetas no molar superior) foram informativos para diagnosticar os exemplares das espécies *Euryoryzomys* aff. *emmonsae*, *Euryoryzomys russatus*, *Euryoryzomys lamia* e *Euryoryzomys emmonsae*. Não foi encontrado dimorfismo sexual aparente entre os espécimes estudados. Os exames morfológicos comparativos preliminares corroboram os resultados das análises moleculares, indicando que a série pertence a uma espécie não descrita pela ciência.

Palavras-chave: Euryoryzomys, sistemática, divergência genética, morfologia

Financiadores: UFES/PETROBRÁS

RHIPIDOMYS (RODENTIA: SIGMODONTINAE) NO LESTE DO BRASIL: SISTEMÁTICA, BIOGEOGRAFIA E RECONHECIMENTO DE NOVAS ESPÉCIES

Bárbara Maria de Andrade Costa (Laboratório de Mastozoologia e Biogeografia / UFES / tafinha@gmail.com)
Leonora Pires Costa (Laboratório de Mastozoologia e Biogeografia / UFES)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Sistemática

Mesmo descrito há mais de um século, *Rhipidomys* é ainda um gênero de sistemática deficiente e com limites de distribuição geográfica das espécies reconhecidas mal definidas. A única revisão taxonômica realizada, baseada em caracteres morfológicos e citogenéticos, resultou no reconhecimento de 18 espécies para a América do Sul. Um estudo filogeográfico revelou grande divergência genética entre as espécies do Leste do Brasil e apontou a existência de dois clados com problemas quanto à alocação específica: *Rhipidomys* sp. (Mata Atlântica), grupo irmão de *Rhipidomys leucodactylus* (Amazônia), e *Rhipidomys* aff. *macrurus* , grupo irmão de *R. macrurus*, ambos com ocorrência no leste brasileiro. Estudos que associem dados morfológicos à caracterização molecular dos táxons são praticamente inexistentes. Neste trabalho tivemos como objetivo identificar, prover uma diagnose e delimitar geograficamente os táxons de *Rhipidomys* do leste do Brasil, incluindo possíveis novas espécies, além de discutir as implicações biogeográficas deste estudo. Para isso, analisamos a morfologia de 384 espécimes de *Rhipidomys* e realizamos uma análise filogenética, a partir de dados moleculares, das espécies do gênero com ocorrência no Brasil. As análises filogenéticas mostram a existência de três clados sem nome específico: *Rhipidomys* sp1, restrito ao norte da Serra da Mantiqueira no sul de Minas Gerais; *Rhipidomys* sp2, na região costeira de Rio de Janeiro e São Paulo; e *Rhipidomys* sp3, clado interiorano do centro-leste do Brasil. As análises qualitativas e morfométricas indicaram que os táxons representados pelos clados *Rhipidomys* sp1, *Rhipidomys* sp2 e *Rhipidomys* sp3 são espécies distintas e, portanto, devem ser reconhecidas. Os resultados das análises morfológicas indicaram ainda que a variação intra-específica encontrada em *Rhipidomys cariri* e *R. macrurus* deve ser reavaliada com a adição de dados moleculares para uma decisão mais acurada sobre o status taxonômico das subespécies *R. cariri cariri* e *R. cariri baturiteensis* e das populações disjuntas de *R. macrurus* no nordeste. Os resultados filogeográficos ressaltam ainda a importância das Serras da Mantiqueira e Serra do Mar na diversificação dos táxons presentes no sudeste do Brasil, aí incluídos *Rhipidomys* sp1 e *Rhipidomys* sp2. Além disso, verificou-se a menor divergência entre táxons ocorrentes no nordeste do Brasil, condizentes com eventos vicariantes no Pleistoceno, que poderiam ter alternadamente isolado ou conectado populações de *Rhipidomys* presentes atualmente nos diferentes brejos na Caatinga.

Palavras-chave: *Rhipidomys*, filogenia, filogeografia

Financiadores: FAPES, Capes, Petrobras, American Society of Mammalogists, Harvard Grant, CEPF

AMPLIAÇÃO DA ÁREA DE OCORRÊNCIA DE *NEUSTICOMYS OYAPOCKI* (RODENTIA; SIGMODONTINAE) NO BRASIL

Bárbara Maria de Andrade Costa (Laboratório de Mastozoologia e Biogeografia – UFES / tafinha@gmail.com)
Carla Gomes Bantel (Coleção de Mamíferos / INPA)
Marco Aurélio Lima Sábato (Taxon Meio Ambiente - Estudos e Projetos)
Ana Maria de Oliveira Paschoal (PPG em Zoologia dos Vertebrados / PUC-Minas)
Rodrigo Lima Massara (PPG em Zoologia dos Vertebrados / PUC-Minas)
Raphael Francisco Vargas Diniz (Faculdades Metodistas Integradas Izabela Hendrix)

Área: Rodentia **Sub-Área:** Outros

Neusticomys (Anthony, 1921) é composto por roedores semi-aquáticos carnívoros que ocorrem do norte ao centro da América do Sul. O gênero compreende o maior número de espécies da tribo Ichthyomyini, seis ao total, sendo que cinco delas estão representadas por não mais que uma dezena de exemplares coletados e tombados em coleções científicas. Duas espécies têm a área de distribuição conhecida no Brasil: *N. oyapocki* (Dubost and Petter, 1978) e *N. ferreirai* (Percequillo et. al., 2005). Esta última tem registro apenas para a sua localidade-tipo situada no Rio Juruena, Mato Grosso. A espécie *N. oyapocki* é registrada em quatro localidades nas Guianas Francesas e duas no Brasil: uma ao nordeste do Estado do Amapá e a outra no Pará, próximo ao rio Jari, limite dos Estados do Pará e Amapá. Nesta síntese, comunicamos a coleta de dois espécimes de *N. oyapocki* em um trabalho realizado na Flona de Saracá-Taqüera (1°35'S 56°45'W), localizado a 90 km noroeste do município de Oriximiná, Pará. Esse registro expande a área de distribuição da espécie em 450 Km à oeste no Estado do Pará. Os dois espécimes foram coletados em duas linhas de armadilhas de interceptação e queda durante o mês de maio de 2006. Coletamos um macho adulto que está tombado na coleção de mamíferos do Museu Paraense Emílio Goeldi e uma fêmea subadulta que está depositada na coleção de mamíferos da Universidade Federal de Minas Gerais. Os indivíduos foram coletados próximos à leitos d'água e em áreas de mata primária. Com os novos registros, aumentamos para dez o número de espécimes que representam *N. oyapocki*. Considerando que nove deles foram coletados a partir de armadilhas de interceptação e queda na região Amazônica, reforçamos a importância da utilização deste método para um melhor conhecimento da diversidade e distribuição de *N. oyapocki* e do gênero. Atualmente, esta espécie é considerada como Em Perigo pela Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN.

Palavras-chave: Amazônia, Pará, distribuição, novos registros

Financiadores: Mineração Rio Norte, Brandt Meio Ambiente Indústria Comércio e Serviços

MARCAÇÃO DE TAMANDUÁ-BANDEIRA *MYRMECOPHAGA TRIDACTYLA* EM *PINUS* SPP., EM ÁREAS DE CULTIVO NO MUNICÍPIO DE JAGUARIAÍVA, PARANÁ, BRASIL

Fernanda Góss Braga (Universidade Federal do Paraná/ bragafg@netpar.com.br)
Antonio Carlos Batista (Universidade Federal do Paraná)
Raphael Eduardo Fernandes Santos (Museu de História Natural Capão da Imbuia)

Área: Xenarthra **Sub-Área:** Comportamento

O tamanduá-bandeira *Myrmecophaga tridactyla* é uma espécie criticamente em perigo de extinção no estado do Paraná, tendo suas populações reduzidas a poucos remanescentes em sua maioria na região dos Campos Gerais. Desde janeiro de 2007 uma população que utiliza áreas de povoamentos florestais de *Pinus* e áreas agrícolas tem sido monitorada no município de Jaguariaíva (24°18'S e 49°37'W), onde informações a respeito de tamanho populacional, área de vida e uso de habitat estão sendo obtidas. Além disso, observações comportamentais estão sendo consideradas para avaliar a situação dessa população. O hábito de marcar árvores e cupinzeiros pela espécie é relatado por vários pesquisadores em outras regiões do país. Em Jaguariaíva, machos da espécie foram observados efetuando marcações nos meses de julho e outubro. Estas marcas consistiam em arranhões em troncos de *Pinus* spp., isolados em campos úmidos situados em meio a plantações agrícolas, e até o momento nenhum arranhão foi encontrado no interior de talhões. Para cada marcação encontrada foram tomadas as seguintes medidas: altura e diâmetro (DAP) da árvore; número, posição e tamanho dos arranhões; e altura da bifurcação no tronco; bem como a localização (coordenadas geográficas da árvore). Os dados, embora preliminares, mostram que os arranhões variam em tamanho e posição de acordo com o diâmetro do tronco e a altura da ramificação. Troncos mais finos (DAP < 25 cm), que não comportam o peso do animal são marcados na base (até 50 cm do solo), com arranhões horizontais curtos (de 0,6 a 2 cm) e pouco profundos, efetuados com golpes laterais do membro dianteiro. Troncos maiores (DAP entre 23 e 107 cm) são marcados com o animal subindo sobre os membros posteriores e utilizando os anteriores para demarcar as árvores. Este tipo de marcação varia em relação ao número de arranhões por tronco (n=1 a 11), à altura do solo (entre 107 e 150 cm), e ao comprimento (entre 1,4 e 28,1 cm). Em uma ocasião foi observado um indivíduo lambendo o tronco, porém não foi possível saber se o animal se alimentava de formigas ou da seiva do *Pinus*. Acredita-se que este tipo de comportamento seja utilizado para comunicação entre co-específicos que possuem sobreposição na área de vida, e está aparentemente relacionado ao período de acasalamento.

Palavras-chave: Tamanduá-bandeira, *Myrmecophaga*, Campos Gerais, Paraná

Financiadores: CAPEs

COMPORTAMENTO DE FORRAGEAMENTO EM TAMANDUÁS-BANDEIRAS (*MYRMECOPHAGA TRIDACTYLA*) CATIVOS DO ZOOLÓGICO DE CURITIBA E DO PARQUE NACIONAL DA SERRA DA CANASTRA, MINAS GERAIS

Bertassoni, A. (Mestranda em Ecologia e Conservação da UFMS / alebertassoni@gmail.com)
Costa, L. C. M. (IPeC, NECPUCPR.)

Área: Xenarthra **Sub-Área:** Comportamento

O tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*) é um mamífero da fauna brasileira inserido na Ordem Pilosa, listada mundialmente como quase ameaçada de extinção. Este problema decorre de fatores antrópicos como a perda de habitat decorrente da formação de áreas agrosilvipastoris, caça predatória, queimadas e atropelamentos. Parte-se da premissa que o conhecimento do comportamento de manutenção e em especial das atividades de forrageamento auxiliam no manejo da espécie, tanto em cativeiro quanto em vida livre, como uma ferramenta de conservação. Atribuiu-se a hipótese de que há diferenças na execução das atividades de forrageamento entre indivíduos de vida-livre e os cativos. O objetivo do estudo foi registrar e analisar o processo de execução da atividade de forrageio em tamanduás-bandeiras do Zoológico de Curitiba, Paraná e do Parque Nacional da Serra da Canastra (PNSC), Minas Gerais. As observações iniciaram em maio de 2005, sendo realizadas 101 horas e 30 minutos de observação em cativeiro e in situ 86 horas e 30 minutos pelos métodos ad libitum e focal. O plantel cativo era constituído de um macho subadulto nascido no zoológico e uma fêmea adulta proveniente da vida livre. No PNSC houve 65 observações oportunísticas há uma distância que variava entre cinco a dez metros. No comportamento de manutenção enfatizou-se a análise do forrageamento, pois este apresentou maior freqüência de execução pelos indivíduos em ambos os ambientes estudados. O processo de forrageio realizado pelos tamanduás cativos relacionou-se com os horários de alimentação do Zoológico e pela presença de colônias de insetos sociais no recinto, diferentemente os espécimes silvestres que passaram a maior parte do tempo forrageando colônias de térmites e formigas, sem apresentar uma relação evidente com as horas do dia. Esse fato ficou evidenciado pela mudança de um estado letárgico dos espécimes cativos para a atividade de forrageamento próximo aos horários que os tratores ofereciam a fonte nutritiva constituída por gemas de ovos, leite, iogurte e carne moída. Dessa forma os tamanduás do Zoológico apresentaram um nítido condicionamento vicioso no seu comportamento, que poderia ser evitado com o manejo dos horários de alimentação.

Palavras-chave: Tamanduá-bandeira, comportamental, forrageio, cativeiro, vida-livre.

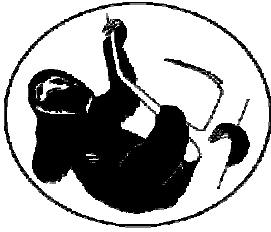
Financiadores: PIBIC/PUCPR

ESTUDO DA LATERALIDADE EM PREGUIÇA-COMUM *BRADYPUS VARIEGATUS* (SCHINZ, 1825) (XENARTHRA, BRADIPODIDAE) DURANTE A COLETA DE ALIMENTOS.

Shery Duque Pinheiro (PPG Biologia e Comportamento Animal - UFJF / sherydpinheiro@yahoo.com.br)
Artur Andriolo (PPG Biologia e Comportamento Animal - UFJF)

Área: Xenarthra **Sub-Área:** Comportamento

Durante muito tempo, cientistas acreditaram que a lateralidade era exclusividade dos humanos, mas estudos comportamentais recentes mostram que é possível fazer uma análise sobre o uso das mãos em primatas e também outros grupos animais. O objetivo deste estudo foi verificar a existência de preferência manual em nível populacional e individual da espécie *B. variegatus* presente no Parque Centenário de Barra Mansa- RJ durante a coleta de alimentos. A pesquisa foi realizada em ambiente de semi-cativeiro no Parque Centenário no município de Barra Mansa - RJ, o parque localiza-se no centro da cidade entre 22º32'36" S e 44º10'19" O, possui uma área de 9.000 m^2, abriga uma população de: 7 machos, 6 fêmeas e 1 juvenil e 3 filhotes. O período estudo foi de agosto de 2006 a agosto de 2007, sendo realiazada uma visita por mês, excetuando-se o mês de janeiro de 2007 no qual foram realizados 15 dias consecutivos de observações. As sessões com oito horas de duração, iniciavam-se às 8:00 h e encerravam-se às 17:00 h. Totalizando 28 dias ou 120 horas de esforço de campo. Cada animal foi observado em 33 sessões de 20 minutos, de forma que ao final do período todos obtiveram 11 horas de observação. Ao todo foram realizadas 528 sessões. Em nível populacional houve diferença significativa quando se comparou as freqüências médias de utilização entre todas as categorias Membro Torácico Esquerdo (MTE), Membro Torácico Direito (MTD), Direto com a Boca (DB) e Membro Torácico Direito e Esquerdo (MTDE), sendo MTD obteve maior média de utilização. Em nível individual foram encontrados seis indivíduos destros e seis canhotos considerando o índice de lateralidade (HI), apenas um dos machos mostrou preferência consistente pelo MTE. Na comparação entre categorias sexuais não houve diferença significativa entre machos e fêmeas e não foi possível comparar estatisticamente categorias etárias devido a morte de filhotes durante o experimento. A população de *Bradypus variegatus* estudada não apresentou preferência manual na coleta de alimentos. A análise individual com base no HI revelou uma proporção similar entre destros e canhotos. Para a espécie *B. variegatus* estes resultados podem estar relacionados à anatomia da mão, a ausência de padrão postural e complexidade de tarefa e por constituir-se como um estudo pioneiro para esta Ordem, sugere-se a ampliação das observações que investiguem se o uso lateralizado das mãos está presente em outras tarefas.

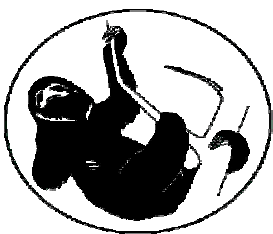
Palavras-chave: Lateralidade, Preferência manual, *Bradypus variegatus*.

REGISTROS DE *EUPHRACTUS SEXCINCTUS, PRIODONTES MAXIMUS, CABASSOUS UNICINCTUS E DASYPUS NOVEMCINCTUS* (XENARTHRA: DASYPODIDAE) EM ÁREA DE FLORESTA DE TRANSIÇÃO AMAZÔNIA-CERRADO, QUERÊNCIA, MT

Paulo Guilherme Pinheiro dos Santos (Lab. Zoologia de Vertebrados, UFPA. pauloguilhermez@yahoo.com.br)
Arlindo Pinto de Souza Jr. (Lab. Zoologia de Vertebrados, ICB, UFPA)
Oswaldo de Carvalho Jr. (Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia - IPAM)
Ana Cristina Mendes de Oliveira (Lab. Zoologia de Vertebrados, ICB, UFPA)

Área: Xenarthra **Sub-Área:** Conservação

Desde setembro de 2006 que o projeto de avaliação dos impactos antrópicos sobre a fauna como subsídios para a gestão de paisagens em propriedades rurais de cultivo de soja vem sendo desenvolvido em uma área de floresta de transição Amazônia-Cerrado, no norte do Mato Grosso, próximo ao Município de Querência. Dentro das atividades de levantamento de grupos diversos da fauna neste projeto, foi confirmada, de forma não sistemática, a ocorrência de quatro espécies de tatus na área, sendo eles: *Euphractus sexcinctus*, *Priodontes maximus*, *Cabassous unicinctus* e *Dasypus novemcinctus*. Os exemplares capturados foram taxidermizados e estão depositados na coleção de mamíferos da Universidade Federal do Pará sob os registros FT-51 (Es), FT-127 (Es), FT-131 (Dn), FT-135 (Es), FT-136 (Es), FT149 (Dn), FT-224 (Cu), a exceção dos indivíduos de *Priodontes maximus* que foram capturados, sexados, fotografados e soltos no local de captura. No total, foram registrados quatro *Euphractus sexcinctus* (três machos e uma fêmea com as seguintes medidas biométricas: comprimentos; total 630±42,2 mm; da cauda 212±10,7 mm; do pé 74,5±3,7 mm; da orelha 37,3±2,1 mm; e peso 3787,5±943,7 g), dois *Priodontes maximus*, um *Cabassous unicinctus* (fêmea com os comprimentos: total 430 mm; da cauda 115 mm; do pé 56 mm; da orelha 28 mm; e peso 1800 g) e dois *Dasypus novemcinctus* (dois machos, um adulto e um jovem com as mensurações biométricas: total 750 e 370 mm, cauda 315 e 179 mm, pé 75 e 47 mm, orelha 40 e 33 mm, e peso 3850 e 290 g). Esta área apresentou até o momento, quatro espécies de tatus das 11 que ocorrem no Brasil. A grande quantidade de alimento (incluindo formigas e cupins) aliado à baixa pressão de caça na área pode ter favorecido a ocorrências destas espécies com relativa abundância. Além disto, todas as quatro espécies parecem ser tolerantes a áreas degradadas, uma vez que foram observadas usando áreas abertas próximas de ambientes florestais.

Palavras-chave: Tatus, Fazenda Tanguro, Reserva Legal.

Financiadores: IPAM; CNPq / PPG7

ASPECTOS ECOLÓGICOS / MORFOLÓGICOS DAS TOCAS DE *DASYPUS NOVEMCINCTUS* E *EUPHRACTUS SEXCINCTUS* EM DISTINTAS FITOFISIONOMIAS NO PARQUE ESTADUAL SERRA DO ROLA MOÇA - MINAS GERAIS, BRASIL

Fabiana Braga Lopes (UFMG / flops2404@yahoo.com.br)
Clarice Borges Matos (UFMG)
Fernanda Horta Pereira (UFMG)
Juliana Chevitarese (UFMG)
Letícia de Souza Soares (INPA)

Área: Xenarthra **Sub-Área:** Ecologia

As tocas de tatus provêm inúmeras vantagens para os animais que as formam, uma vez que servem como refúgio contra predadores e fogo além de reduzir a perda de água por evaporação. A densidade de tocas em diferentes áreas pode indicar alguma preferência de utilização de habitats pelos tatus. O objetivo desse estudo foi investigar a densidade e os atributos físicos das tocas de *D. Novemcinctus* e *E. Sexcinctus* em campo cerrado e mata de galeria no Parque Estadual Serra do Rola Moça-MG. Foram feitos onze transectos de 100 x 5m em cada fitofisionomia. Todas as tocas encontradas foram medidas e classificadas quanto à espécie. Os dados sugerem que a densidade de tocas de *D. novemcinctus* é maior na área de mata (38,18tocas / ha) do que na área de campo 34,55 tocas/ha). Para *E. Sexcinctus* a densidade foi a mesma nas duas áreas (38,18 tocas/ha). Outros estudos também indicam que a densidade de tocas é maior na área de floresta do que em áreas abertas, já que, nessas últimas a detecção por predadores pode ser mais fácil e o subsolo raso e impermeável como no do cerrado, pode levar a inundações freqüentes nas tocas. Em solos bem drenados de florestas, as inundações tornam-se raras. Porém, parece que para *E. sexcinctus* outros fatores poderiam estar influenciando de maneira mais intensa a distribuição das tocas. Os atributos físicos das mesmas não diferiram significativamente entre as duas fitofisionomias para nenhuma das espécies (para a altura das tocas de *D. novemcinctus* t= -0, 81 e largura: t= -0,83, em *E. sexcinctus*: t= -2,15 para altura e t= -1,01 para largura, p< 0,05). Como os dois tipos de ambientes estão muito próximos podem não existir barreiras à movimentação dos indivíduos e, portanto, não existir diferenças de atributos físicos entre as tocas. A média da altura das tocas para *D. novemcinctus* foi de 22,3±5,1cm e a de largura foi de 19,4± 3,87cm. Em *E. sexcintus* a altura média foi de 16,3± 5,5cm e a largura 20,8± 4,7cm. Para *D. novemcinctus* as medidas das tocas foram maiores do que as encontradas num estudo realizado em Belize (média da altura de 13,7 ± 2,5cm, média da largura 18,6±3,0cm) por Platt, S.G. 2004 (Mamm Biol.4: 217-224). Pode-se inferir, portanto, que talvez, populações de ambientes bem distintos e, assim populações que sofrem constantes e diferentes pressões ambientais, podem desenvolver distintas medidas corporais.

Palavras-chave: tatu, tocas, campo cerrado e mata ciliar

FILOGEOGRAFIA MOLECULAR DE *EUPHRACTUS SEXCINCTUS* (MAMMALIA: XENARTHRA) ATRAVÉS DE ADN MITOCONDRIAL (CITOCROMO *B*)

William Volino (Universidade Estácio de Sá e Centro Universitário Geraldo Di Biasi / willvol@yahoo.com.br)
Aruanã Garcia Costa (Lab. de Biol. Parasitol. de Mamíferos Silvestres Reservatórios / FIOCRUZ)
Cibele Rodrigues Bonvicino (Lab. de Biol. Parasitol. de Mamíferos Silvestres Reservatórios / FIOCRUZ)
Lena Geise (Laboratório de Mastozoologia / UERJ)

Área: Xenarthra **Sub-Área:** Genética

Euphractus sexcinctus (Dasypodidae), o tatu-peba, se distribui amplamente a leste da América do Sul, em diferentes fisionomias como o Cerrado, Caatinga, Pantanal, Chaco, Floresta Atlântica e savanas da região Amazônica. São descritas para esta espécie cinco subespécies, três delas *Euphractus s. flavimanus, E. s. setosus, E. s. sexcinctus* ocorrendo no Brasil. Para analisar as relações filogenéticas e filogeográficas desta espécie foi seqüenciado o gene mitocondrial Citocromo *b* (1140pb) em amostras de 12 exemplares de *Euphractus sexcinctus* de diferentes regiões de sua área de distribuição, duas amostras de *Dasypus kappleri*, uma de *Cabassous unicinctus*, uma de *C. tatouay* e uma de *Tolypeutes tricinctus*. Sequências de *Tamandua tetradactyla, Choloepus didactylus* e *Bradypus tridactylus* do GenBank foram utilizadas como grupo externo. Análises filogenéticas de distância, máxima parcimônia e máxima verossimilhança confirmaram a monofilia de Dasypodidae, Dasypodinae, Euphractinae e Tolypeutinae, assim como a relação maior entre as duas últimas subfamílias. Foram identificados 11 haplótipos nas amostras de *E. sexcinctus*, com baixa divergência genética entre eles (distância p de 0,17% a 1,22%). As análises mostraram o polimorfismo do gene Citocromo *b*, falta de estruturação genética das populações, baixa divergência genética entre os haplótipos. As amostras analisadas estão dentro da área de ocorrência de duas subespécies: *E. s. setosus* e *E. s. flavimanus*. Uma avaliação morfológica não foi feita para identificar a subespécie do exemplar da área de distribuição de *E. s. flavimanus*, no entanto, as análises moleculares não discriminaram estas duas subespécies. Três haplótipos de *E. sexcinctus* formaram em todas as análises um grupo que se distribui na região da Caatinga do extremo nordeste do Brasil, ao norte do Rio São Francisco. Seqüencias incompletas (476pb) disponíveis do Genbank de animais do Pará e Piauí também se agruparam em todas as análises com os haplótipos de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte amostrados neste estudo, corroborando a idéia de que existe uma população de *Euphractus sexcinctus* distinta no extremo nordeste e norte do Brasil que pode caracterizar sua divisão em duas linhagens diferentes, que contraria a divisão tradicionalmente feita.

Palavras-chave: Diversidade genética. Citocromo b. *Euphractus sexcinctus*

Financiadores: Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ)

FILOGEOGRAFIA MOLECULAR DE *DASYPUS NOVEMCINCTUS* (MAMMALIA: XENARTHRA) ATRAVÉS DE ADN MITOCONDRIAL (CITOCROMO *B*)

William Volino (Universidade Estácio de Sá e Centro Universitário Geraldo Di Biasi / willvol@yahoo.com.br)
Aruanã Garcia Costa (Lab. de Biol. Parasitol. de Mamíferos Silvestres Reservatórios / FIOCRUZ)
Cibele Rodrigues Bonvicino (Lab. de Biol. Parasitol. de Mamíferos Silvestres Reservatórios / FIOCRUZ)
Lena Geise (Laboratório de Mastozoologia / UERJ)

Área: Xenarthra **Sub-Área:** Genética

Dasypus novemcinctus (Dasypodidae) é a espécie de tatu que possui a maior distribuição geográfica, desde a América do Sul, a noroeste da Argentina e Uruguai, América Central, México e Estados Unidos. São descritas para esta espécie sete subespécies: *Dasypus n. novemcinctus, D. n. mexianae, D. n. mexicanus, D. n. fenestratus, D. n. hoplites, D. n. aequatorialis e D. n. davisi*, as duas primeiras ocorrendo Brasil. Para avaliar as relações filogenéticas e filogeográficas nessa espécie foi seqüenciado o gene mitocondrial Citocromo *b* (1140pb) em amostras de 67 exemplares de *Dasypus novemcinctus* de diversas regiões de sua área de distribuição. Estudos morfológicos nos animais depositados no Museu Nacional confirmaram a identificação destes espécimes. As análises filogenéticas de distância, máxima parcimônia e máxima verossimilhança, e análises populacionais (median-joining) foram realizadas incluindo 25 haplótipos do Paraguai e um dos Estados Unidos e seqüências de *Tamandua tetradactyla, Choloepus didactylus* e *Bradypus tridactylus*, disponíveis no GenBank. Essas 3 últimas utilizadas como grupo externo. Entre as 67 amostras foram identificados 49 haplótipos, o mais freqüente ocorrendo nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Norte. As análises mostraram quatro grupos, com uma clara separação entre o haplótipo norte-americano (*D. n. mexicanus*) dos demais sul-americanos (*D. n. novemcinctus*), com uma divergência genética de 5,40% a 7,70%. Entre os sul-americanos existem três grupos, o maior com 65 haplótipos distribuídos no Brasil, Argentina e Paraguai, e outros dois grupos menores, um na região Norte do Brasil (Amazonas e Pará) com três haplótipos e outro formado por seis haplótipos ocorrendo na Bahia, Rio de Janeiro e Rondônia. A divergência genética entre os haplótipos dentro dos grupos é baixa, e entre os grupos alta (5,30% a 9,10%). As análises mostraram o polimorfismo do gene Citocromo *b*, a falta de estruturação genética das populações dentro dos grupos, baixa divergência genética (distância p) entre os haplótipos de um mesmo grupo. Embora as características morfológicas sejam compatíveis com as descrições de *D. novemcinctus*, exemplares dos dois últimos grupos mostraram diferenças morfológicas em seus crânios que corroboram os dados moleculares e sugerem que constituem diferentes linhagens evolutivas de *Dasypus*.

Palavras-chave: Diversidade genética. Citocromo b. *Dasypus novemcinctus*.

Financiadores: Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ)

REPRESENTATIVIDADE E DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DAS ESPÉCIES DE TATUS (XENARTHRA: DASYPODIDAE) ATRAVÉS DO EXAME DE ESPÉCIMES DEPOSITADOS EM COLEÇÕES CIENTÍFICAS NO BRASIL

José Abílio Barros Ohana (Laboratório de Mastozoologia/ MPEG/ abilio_ohana@yahoo.com.br)
Victor Fonsêca da Silva (Laboratório de Mastozoologia/ MPEG)
Paola Cardias Soares (Laboratório de Vertebrados/ UFPA)
Cleuton Lima Miranda. (Laboratório de Mastozoologia/ MPEG)

Área: Xenarthra **Sub-Área:** Levantamento

A amostragem deficiente e a falta de estudos com base em material existente nas coleções científicas figuram como os principais fatores que limitam o avanço do conhecimento acerca dos mamíferos brasileiros. Os objetivos do presente estudo foram examinar os exemplares das seguintes espécies de tatus: *Cabassous unicinctus*, *C. tatouay*, *Dasypus hybridus*, *D. kappleri*, *D. novemcinctus*, *D. septemcinctus*, *Euphractus sexcinctus*, *Priodontes maximus*, *Tolypeutes matacus* e *T. tricinctus* depositados nas principais coleções brasileiras, avaliar os mapas de distribuição disponíveis na literatura, e identificar áreas onde existam lacunas de amostragem para estes táxons. Para tanto, consultamos as coleções de mamíferos do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (MZUSP), Museu Nacional (Universidade Federal do Rio de Janeiro - MN), Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) e Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), e confeccionamos mapas contendo os pontos de registro de cada espécie, os quais foram confrontados com as propostas de distribuição presentes na literatura. Registramos 588 espécimes nas quatro coleções, sendo 383 no MN, 101 no MPEG, 83 no MZUSP e 21 no INPA. Todos os pontos de registros encontram-se dentro das áreas de distribuição propostas para cada táxon. No entanto, áreas significativas não foram confirmadas por falta de material-testemunho nas coleções, sugerindo que foram inseridas nos mapas apenas por meio de extrapolação ou através de registros indiretos. Pudemos constatar que existe grande carência de amostras de *P. maximus*, *D. septemcinctus*, *D. novemcinctus* e *E. sexcinctus* para todas as regiões do país. A escassez de amostras em museus brasileiros é ainda mais evidente para as espécies do gênero *Cabassous*. Apesar de possuírem ampla área de distribuição, não há amostras disponíveis de *C. unicinctus* para as regiões Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste (com exceção do Estado do Mato Grosso) e existem somente 12 exemplares de *C. tatouay* nas coleções consultadas. Duas espécies possuem apenas um exemplar em museu, *T. matacus* e *D. hybridus*. Estes resultados evidenciam a necessidade de incremento urgente do material disponível nos museus brasileiros. Por fim, os nossos resultados mostraram que os mapas de distribuição confeccionados a partir de extrapolações - como é o caso para a maioria dos mamíferos - podem ser refinados através do exame de espécimes em coleções. Ademais, que existem várias lacunas geográficas para o grupo em questão, principalmente para as espécies do gênero *Cabassous*, as quais dificultam os estudos de caráter taxonômico.

Palavras-chave: Distribuição geográfica, tatus, coleções, amostragem.

Financiadores: PIBIC/MPEG/MCT

REGISTRO DE OCORRÊNCIA DE *CABASSOUS TATOUAY* EM FLORESTA ESTACIONAL SEMIDECIDUAL - PARQUE NACIONAL DO IGUAÇU

R. Manfroi-Maria (Faculdade Anglo-Americano); **F. Rodriguez** (Acadêmico do curso de Ciências Biológicas da Faculdade Anglo-Americano); **J.J.S. Buchaim** (Faculdade Anglo-Americano - ipai@angloamericano.edu.br); **A.R. Rinaldi** (Mestrando - Pós Graduação em Ecologia e Conservação UFPR); **D. Storms-dos-Santos** (Faculdade Anglo-Americano); **M. Oliveira-da-Costa** (Fundação O Boticário de Proteção a Natureza); **L.G.E. Valle** (Acadêmico do curso de Ciências Biológicas da UniCentro)
J. Quadros (Universidade Tuiuti do Paraná - UTP)

Área: Xenarthra **Sub-Área:** Levantamento

O bioma Mata-Atlântica possui sub-formações paisagísticas como a de interior, caracterizada como zona de transição e que também ocupa toda a região oeste do estado do Paraná, onde remanescem algumas áreas naturais. Um destes remanescentes o Parque Nacional do Iguaçu, conserva 185.252,5 ha de Florestas Estacional Semi-decidual e de uma porção de Ombrófila Mista. Para esta região são conhecidas apenas cinqüenta e quatro espécies de mamíferos terrestres, acreditando-se que este número possa chegar a mais de noventa. A espécie *Cabassous tatouay*, com área de distribuição que abrange os estados da Bahia ao Rio Grande do Sul, no Paraná é citada para Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Ombrófila Mista, Floresta Ombrófila Densa e Campos Naturais sendo, no entanto, sua distribuição desconhecida para muitas regiões do estado. A ocorrência desta espécie para a região oeste foi evidenciada através de pêlos encontrados em fezes de felino não identificado coletada no interior do Parque Nacional do Iguaçu (Datum SAD69 - 21J 0798983 UTM 7173866). A amostra foi coletada em 2004 e submetida a triagem com separação de itens como pêlos, ossos, escamas. Os pêlos foram preparados para identificação microscópica de pêlos. Os padrões medulares e cuticulares encontrados nos pêlos analisados correspondem aos padrões apresentados para *C. tatouay* na bibliografia. Eventos como estes, indicam a importância destes remanescentes para a conservação deuma biodiversidade ainda desconhecida regionalmente e evidenciam a importância de estudos de riqueza específica de mamíferos auxiliados pela identificação microscópica de pêlos, visando maximizar os resultados.

Palavras-chave: *Cabassous tatouay*, biodiversidade, ParNaIguaçu, Tricologia

Financiadores: Macuco-Safari, ParNa Iguaçu, Faculdade Anglo Americano.

CINGULADOS (XENARTHRA: MAMMALIA) DO EXTREMO NORTE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO: RESULTADOS PRÉVIOS

Monique Monsores-Paixão (Mastozoologia / UNIRIO / monike_mp@hotmail.com)
Débora Gabriel Costa (Mastozoologia / UNIRIO)
Mariana Ribeiro Monteiro (Mastozoologia / UNIRIO)
Aruanã Garcia Costa (Divisão de Genética / INCA)
Leonardo Santos Avilla (Mastozoologia / UNIRIO)
Gisele Regina Winck (Ecologia de Vertebrados / UERJ)

Área: Xenarthra **Sub-Área:** Levantamento

Esta contribuição é parte de um estudo de médio-longo prazo sobre comportamento e ecologia dos cingulados, que vem sendo conduzido no Município de Varre-Sai, extremo Norte do Estado do Rio de Janeiro. A localidade em questão dista cerca de 400 km da capital do estado, e compreende uma região montanhosa com altitudes variando de 700 a 1500 metros. Essa é uma região pouco estudada e por isso, foi eleita para se iniciar os estudos do projeto "Biodiversidade do Estado do Rio de Janeiro", financiado pela FAPERJ. São conduzidas amostragens em áreas de cafezais e mata secundária, com altitude entre 700 m e 1100 m, onde diversos vestígios (carapaças, tocas, pegadas e fezes) de cingulados puderam ser reconhecidos. A morfologia das tocas foi analisada de acordo com a literatura corrente. Adicionalmente, empregam-se armadilhas fotográficas e de captura efetiva, sendo também considerados avistamentos. Os animais capturados têm sido medidos, marcados com brincos metálicos e liberados. As espécies identificadas até o momento são: *Dasypus novemcinctus* e *Euphractus sexcinctus*. As análises de vestígios sugerem que *Euphractus sexcinctus* habita apenas as áreas de cafezais e *Dasypus novemcinctus* as de mata secundária. Esta hipótese foi confirmada com relatos de moradores locais. De acordo com a literatura, as tocas de tatus apresentam padrões morfométricos específicos para cada espécie. Contudo, através de estudos morfológicos das tocas encontradas na região, não foram assimilados diferenças morfométricas para as mesmas que pudessem ser associadas às espécies encontradas. Contrariando os argumentos dos estudos prévios. Esta contribuição dá inicio a um programa que visa entender aspectos da biologia dos cingulados, tendo em vista o pouco que se sabe sobre o grupo no Brasil, principalmente no Estado do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Xenarthra, Cingulata, Rio de Janeiro

Financiadores: FAPERJ, UNIRIO

ANOMALIA NAS PLACAS OSTEODÉRMICAS EM TATU-BOLA (*TOLYPEUTES TRICINCTUS*) EM UMA ÁREA DE CERRADO NO BRASIL CENTRAL

Adriana Bocchiglieri (Departamento de Ecologia / UnB / adriblue@unb.br)
André Faria Mendonça (Departamento de Zoologia / UFRJ)

Área: Xenarthra **Sub-Área:** Morfologia

O tatu-bola, *Tolypeutes tricinctus* Linnaeus, 1758, é caracterizado por ser uma espécie ameaçada de extinção e de hábitos solitários e predominantemente noturnos. Corresponde a um animal de pequeno porte (CC 300mm e P 1500g), possuindo uma carapaça osteodérmica rígida com três cintas móveis centrais. Normalmente cada cinta é formada por 21-25 placas dispostas lateralmente, de formato retangular e as fileiras superiores e inferiores às cintas apresentam entre 21-26 placas de formato variando entre um quadrado a um pentágono. A característica mais marcante dessa espécie é a capacidade de curvar-se e ficar na forma de bola, deixando exposta apenas a carapaça como estratégia de proteção. Sua distribuição abrange os biomas Caatinga e Cerrado, havendo registros para os estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso, Piauí, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Sergipe e Tocantins. Devido às escassas e pontuais informações a respeito da ecologia dessa espécie, vem sendo desenvolvido, desde dezembro de 2003, um estudo abordando aspectos ecológicos e a dinâmica populacional de tatu-bola na fazenda Jatobá, localizada no município de Jaborandi/Bahia. Esta localidade é caracterizada por possuir o solo arenoso e apresentar um mosaico de áreas de plantio de Pinus sp., carrasco (vegetação de transição Cerrado-Caatinga) e cerrado sentido restrito. Durante o estudo foram capturados e marcados 100 indivíduos, sendo que apenas dois deles apresentaram uma anomalia na disposição das placas osteodémicas. O primeiro indivíduo corresponde a uma fêmea adulta, prenhe, capturada em fevereiro de 2008 junto à área de carrasco. Foi observado que as três primeiras placas no lado direito da segunda cinta eram menores que as demais, havendo a formação simultânea de outras quatro placas, de formato irregular, à frente destas; o que caracterizou na formação de duas fileiras de placas em uma mesma cinta. O outro indivíduo, um macho adulto capturado em abril de 2008 em uma área de cerrado, apresentou as duas primeiras placas da fileira superior às cintas de tamanho reduzido. Uma dessas placas apresentou um tamanho três vezes menor que as demais e um formato triangular. Entretanto, essas anomalias parecem não comprometer o fechamento da carapaça bem como qualquer outra atividade dos animais.

Palavras-chave: cintas, morfologia, Cerrado

Financiadores: CNPq e CAPES

RESPOSTA DE MAMÍFEROS EM CATIVEIRO A ISCAS ODORÍFERAS

Juliana do Carmo Padilha (Universidade Estadual Paulista, Curso de Ecologia, 13506-900 Rio Claro)
Eliana Ferraz Santos (Bosque dos Jequitibás, 13025-000 Campinas, SP)
Eleonore Zulnara Freire Setz (Universidade Estadual de Campinas, 13083-970 Campinas, SP / setz@unicamp.br)

Área: Diversos **Sub-Área:** Comportamento

Na América do Norte, iscas odoríferas foram tradicionalmente utilizadas para a avaliação de populações e determinação de cotas de caça para comércio de peles. Elas também são utilizadas para determinar explosões populacionais e autorizar abate de espécies predadoras de rebanhos, ou mesmo, testar hipóteses sobre a conservação de carnívoros, através de armadilhas de areia para pegadas. Aqui no Brasil, elas vêm sendo utilizadas para avaliar a abundância populacional de carnívoros, mas muitas vezes registram também outras espécies de não carnívoros. No cativeiro investigamos o comportamento de 21 espécies de 61 mamíferos após a apresentação das iscas. Esses compreenderam 15 espécies de carnívoros (n=38 indivíduos), e o restante de não carnívoros, em dois zoológicos (Bosque dos Jequitibás-BJ, em Campinas, e Pq. Ecológico Municipal de Americana - PEMA). Foram utilizadas as iscas: Canine Call - CC; Pro's Choice -PCh; Total Chaos - TCh e a Essência alimentícia de Banana (Eb). As observações foram feitas no período da manhã. As iscas foram testadas separadamente para os diferentes indivíduos na mesma seqüência. Em cada recinto foram colocadas duas gotas da isca, uma gota no chão e outra em plataforma suspensa, poleiro ou tronco de árvore, acima de 0,60 cm do solo. A partir deste momento, foi observado o tempo que o animal levou para investigar a isca até um limite de 60 minutos. A maior parte (75%) dos animais investigou a isca nos primeiros dez minutos, e 34,5% se interessou logo após a soltura. Não houve diferenças entre os sexos na investigação das iscas (X^2= 12,76; gl =7; p>0,05), nem entre os substratos (X^2= 1,32; gl =3; p>0,50). Porém; os carnívoros reagiram acima do esperado às iscas CC, PCh, sendo indiferentes às Eb e à TCh, enquanto os não carnívoros evitaram a essência de banana e, em especial, TCh (X^2= 62,63; gl= 7; p<0,001). Embora fossem desenvolvidas para os carnívoros norte-americanos, estas iscas se mostraram eficientes também para as espécies do Brasil, já a presença de não carnívoros em estudos com parcelas no campo pode se dar pelo interesse do animal na areia e não nas iscas.

Palavras-chave: iscas odoríferas, mamíferos, carnívoros, "scent-station".

Financiadores: E. Setz & Ideawild

CBMz

INFLUÊNCIA DA LUMINOSIDADE LUNAR NO USO DE AMBIENTES DE PRAIA E RESTINGA, E NAS RELAÇÕES TRÓFICAS DOS MAMÍFEROS NA ESTAÇÃO ECOLÓGICA DE JURÉIA-ITATINS, SÃO PAULO, BRASIL

Rogério Martins (Projeto Jaguar, projetojaguar@itelefonica.com.br)
Aline Borini (Projeto Jaguar)
Vitor Barbosa (Projeto Jaguar)

Área: Diversos **Sub-Área:** Comportamento

Este estudo ocorreu de forma indireta, com mamíferos de hábito predominantemente noturno e a área foi escolhida onde a vegetação não formasse uma barreira na iluminação da lua cheia. Optou-se pelo ambiente de duna, praia e principalmente uma estrada que corta a restinga. Foram percorridos 190 quilômetros durante a lua cheia e 235 quilômetros na lua nova, em 30 saídas de campo, sempre na ausência de chuvas. Nos três ambientes de substrato arenoso, a identificação foi feita com pegadas recentes no período da manhã. Como a diferenciação de *Mazama americana* e *Mazama gouazoupira* pela pegada nem sempre é possível, considerou-se o gênero. Além do *Mazama* sp., mais sete espécies foram listadas, em um total de 184 registros. A freqüência relativa (pegadas / km) demonstrou diferença em quatro espécies de mamíferos: onça-parda (nova: 0,01; cheia: 0,04), jaguatirica (nova: 0,06; cheia: 0,03), cachorro do mato (nova: 0,05; cheia: 0,15), *Mazama* sp (nova: 0,06; cheia: 0,12). Enquanto que a anta, paca, cutia e o mão-pelada não mostraram alteração na freqüência entre as duas fases da lua. O estudo de deslocamento através de pegadas indicou que o puma como predador, tem hábito semelhante ao de sua presa, o veado, ambos utilizaram mais áreas abertas durante a lua cheia. Corroborando com estes dados, resto de um abate de *Mazama gouazoupira* foi encontrado também na lua cheia. A jaguatirica que consome presas menores e arbóreas como os marsupiais, parece usar a claridade para capturar suas presas dentro da floresta. Durante a lua nova faz maiores deslocamentos em áreas abertas, evitando possivelmente um encontro com a onça-parda, que por sua vez, nesta fase ficou mais na floresta. O cachorro-do-mato usou consideravelmente mais a estrada, dunas e praias no período de lua cheia do que no período de lua nova. Os resultados mostraram que a luminosidade deve facilitar o forrageamento, como ocorrem nas praias e dunas onde caça caranguejos. Tem o mesmo padrão de uso em relação à luminosidade na estrada que a onça-parda, porém deve utilizar diversos recursos sensoriais para não ser uma das presas, já que este canídeo é abundante na restinga e não é encontrado como um dos itens na dieta deste predador, onde são simpátricos ao longo de sua distribuição geográfica. Logo, a luminosidade na lua cheia, parece ser um recurso fundamental para a visão durante a noite no sucesso de captura de presas.

Palavras-chave: comportamento, atividade noturna, predadores, forrageamento.

Financiadores: Projeto Jaguar

PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO-VOADORES E A REGENERAÇÃO DA MATA ATLÂNTICA -INFLUÊNCIA DA ESTRUTURA DO HABITAT E DA DISPONIBILIDADE DE RECURSOS EM UM MOSAICO DE VEGETAÇÕES EM DIFERENTES ESTÁDIOS SUCESSIONAIS

Bruno Trevizan Pinotti (Departamento de Zoologia / IB-USP / btpinotti@gmail.com)
Camilla Presente Pagotto (Departamento de Zoologia / IB-USP)
Renata Pardini (Departamento de Zoologia / IB-USP)

Área: Diversos **Sub-Área:** Conservação

Apesar da grande proporção de florestas secundárias em biomas como a Mata Atlântica, poucos estudos investigaram como se dá a recuperação da fauna ao longo do processo de regeneração, informação essencial para a avaliação da importância das florestas secundárias para a conservação e do potencial da regeneração natural na restauração de áreas degradadas. A informação disponível indica que a recuperação da riqueza é mais rápida do que a recuperação da composição de espécies e que as mudanças faunísticas devem estar relacionadas a mudanças na estrutura da floresta e na disponibilidade de recursos durante a regeneração de florestas tropicais. Através de amostragens padronizadas de pequenos mamíferos, estratificação vertical da folhagem, volume de galhadas e biomassa de frutos em 28 áreas distribuídas entre três estádios sucessionais (médio, médio/avançado e avançado) na Reserva Florestal do Morro Grande, Cotia (SP) investigamos como a regeneração da Mata Atlântica afeta a assembléia de pequenos mamíferos não-voadores, a estrutura da floresta e a disponibilidade de alimento, assim como quais dessas variáveis estão associadas às mudanças na assembléia de pequenos mamíferos durante o processo de regeneração. Utilizamos análises de variância para avaliar se as variáveis da assembléia de pequenos mamíferos e as variáveis ambientais diferem entre os estádios de regeneração, e regressões para avaliar a influência das variáveis ambientais sobre a assembléia de pequenos mamíferos. Como esperado, áreas em estádios mais tardios (médio/avançado e avançado) apresentaram maior densidade de folhagem nos estratos superiores, menor densidade de folhagem nos estratos inferiores e maior volume de galhadas grandes. Apesar de não ter havido diferenças significativas das variáveis da assembléia de pequenos mamíferos entre os três estádios estudados, o roedor não-endêmico *Akodon montensis* teve maior abundância em áreas com estratos inferiores mais densos e superiores menos densos, indicando preferência por áreas em estádios mais iniciais de regeneração. Por outro lado, a abundância do roedor endêmico *Euryoryzomys russatus* e a riqueza de pequenos mamíferos aumentaram em áreas com maior volume de galhadas pequenas, indicando a importância das galhadas, que podem servir tanto como abrigo e proteção contra predadores quanto locais para forrageio. Nossos resultados indicam a importância da quantificação de variáveis contínuas que descrevam as mudanças de habitat para a compreensão dos efeitos da regeneração florestal sobre a fauna, e sugerem (1) que matas secundárias são relevantes para a conservação de pequenos mamíferos e (2) que o processo de regeneração leva à diminuição da abundância de espécies não-endêmicas generalistas.

Palavras-chave: regeneração, roedores, marsupiais, floresta tropical

Financiadores: Fapesp

ETNOZOOLOGIA E ESTADO DE CONSERVAÇÃO DA MASTOFAUNA DE TRÊS ASSENTAMENTOS RURAIS DO NOROESTE DE MINAS GERAIS

Jânio Cordeiro Moreira (Museu de Zoologia João Moojen; janiomoreira@gmail.com)
Edmar Guimarães Manduca (Museu de Zoologia João Moojen)

Área: Diversos **Sub-Área:** Conservação

O estado de Minas Gerais ocupa uma área de 588.384 Km2 distribuída entre seus 853 municípios. A vasta superfície, a diversidade de climas e de relevo, e os recursos hídricos propiciaram a ocorrência dos domínios morfoclimáticos da Mata Atlântica, do Cerrado e da Caatinga. O domínio do Cerrado ocupa aproximadamente 57% do território mineiro e está localizado principalmente na porção centro-ocidental do estado. A detecção de um elevado número de espécies endêmicas ou de distribuição restrita ao longo do Cerrado, juntamente com a substituição da vegetação natural desse domínio por ambientes antrópicos permitem posicioná-lo como uma das áreas prioritárias mundiais para a conservação de biodiversidade. A realização de inventários locais em regiões escassamente amostradas torna-se necessária para avaliar os níveis regionais de ameaça e desenvolver estratégias de conservação adequadas. A diversidade e o estado de conservação da mastofauna dos projetos de assentamento Correntes 17°28'8.22"S 44°42'7.02"W, Floresta Viveiros 17°21'S 44°56'W e Final Feliz 17°46'S 44°09'W, localizados na bacia do Rio São Francisco, Noroeste de Minas Gerais, foram levantados a partir de dados secundários, e através de uma expedição de campo realizada em dezembro de 2003 (10 dias). Durante esse período, fragmentos florestais selecionados foram percorridos em busca de vestígios da presença dos animais e avistamentos. Para complementar a base de dados foram entrevistados caçadores, excaçadores e moradores mais idosos da região, que demonstravam maior conhecimento com relação à fauna local. Foram registradas 46 espécies de mamíferos, incluindo desde táxons comuns como *Dasypus novemcinctus* e *Cerdocyon thous* até espécies ameaçadas de extinção como o tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*). Há relatos de ocorrência de grandes predadores como onça-pintada (*Panthera onca*), onça-parda (*Puma concolor*) e lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*), que eventualmente causam prejuízos aos agricultores. A proximidade com áreas relativamente bem preservadas como o Parque Estadual da Serra do Cabral pode ser um dos fatores responsáveis pela ocorrência desses animais nas áreas dos assentamentos. A instalação de carvoarias clandestinas, o abandono dos lotes, a caça predatória e a utilização das áreas de reserva legal dos assentamentos como área de pastagem estão entre as principais ameaças à fauna destes locais. O desenvolvimento de sistemas agroflorestais, a exemplo do que ocorre no Pontal do Paranapanema, além de representar uma alternativa econômica viável para essa região, pode facilitar o trabalho de conservação da biodiversidade local minimizando os problemas ambientais decorrentes da pobreza e da ocupação desordenada da terra.

Palavras-chave: Rio São Francisco, sistemas agroflorestais, Cerrado

Financiadores: INCRA SR06, FUNARBE

INTERFERÊNCIA ANTRÓPICA NO USO DO TERRITÓRIO DE MAMÍFEROS, EM PLANÍCIE LITORÂNEA PRESERVADA NO SUL DE ESTADO DE SÃO PAULO, BRASIL

Rogério Martins (Projeto Jaguar / projetojaguar@itelefonica.com.br)
Natália Rigos Felix (Projeto Jaguar)
Aline Borini (Projeto Jaguar)

Área: Diversos **Sub-Área:** Conservação

Ao longo da história deste país, as planícies litorâneas foram ocupadas pela população humana, restando poucas áreas neste ambiente ao longo da costa brasileira, que ainda podem ser transformadas em unidades de conservação. Perdemos grande parte de nossa biodiversidade antes de termos consciência disso. Como a Juréia mantêm uma fauna de mamíferos, naturalmente estruturada, em uma região ímpar banhada pelo Oceano Atlântico, levou-se como objetivo deste trabalho conhecer a interferência de moradores tradicionais "caiçaras" no uso e no deslocamento de mamíferos entre as dez moradias que ali se encontram. A estrada do Telégrafo, de substrato arenoso, corta a restinga com seus 24 quilômetros e em sua maior parte é paralela ao mar, a uma distância média de duzentos metros. Na mesma, não há circulação de veículos, apenas o da fiscalização. Rastros e casas foram registrados conforme a distância do ponto inicial da estrada, no rio Una. Considerou-se para avaliar a interferência, a freqüência de rastros por quilômetro relacionados às distâncias entre residências. Os rastros dos seguintes mamíferos foram usados como bioindicadores: *Puma concolor* (N=30), *Leopardus pardalis* (N=60), *Cerdocyon thous* (N=129), *Procyon cancrivorus* (N=42), *Tapirus terrestris* (N=80), *Dasyprocta leporina* (N=20), *Agouti paca* (N=15), *Mazama* sp. (N=82), Dasypodidae (N=17), Tayassuidae (N=14). Os felinos e o cachorro-do-mato foram os que percorreram mais distâncias pela estrada e concentraram seus centros de atividade nos maiores intervalos entre as casas (A = 6,5 km). Ainda que o mão pelada siga o mesmo padrão dos outros carnívoros, em regiões perto de manguezais, utilizou a estrada em áreas com distâncias, entre as casas, de 1 e 1,3 quilômetros (G, H, J). Veados e principalmente as antas se alimentaram eventualmente nas roças de mandiocas durante a noite, usando a estrada para deslocamento em espaços menores que 1,3 km (F, G, H, J), embora com menor freqüência do que a região A (6,5 km). As cutias, pacas e tatus sempre atravessaram a estrada e raramente se deslocaram por ela. O porco-do-mato foi o mais sensível de todos os mamíferos, concentrando as atividades no maior percurso estudado (A= 6,5 km) e em um intervalo menor (H = 1km) ligada a esse, onde são separados apenas por uma casa. Dos dez mamíferos estudados, oito concentraram as atividades entre as residências com distâncias maiores que 3,4 quilômetros. A interferência das moradias dos caiçaras sobre os mamíferos foi significativa, mostrou que quanto menor à distância entre casas, tanto menor a freqüência de mamíferos encontrada.

Palavras-chave: Juréia, antropização, bioindicadores, caiçara, litoral

Financiadores: Projeto Jaguar

MAMÍFEROS COMO CAÇA DE SUBSISTÊNCIA EM DUAS RESERVAS EXTRATIVISTAS NA AMAZÔNIA OCIDENTAL

Eduardo Lage Bisaggio (Reserva Extrativista do Rio Cautário / ICMBIO / ebisaggio@hotmail.com)
Sandro Leonardo Alves (Reserva Biológica do Guaporé / ICMBio)
Suelen Taciane Brasil (ECOPORÉ)

Área: Diversos **Sub-Área:** Conservação

No início dos anos 90, as Reservas Extrativistas (RESEX) foram criadas pelo governo brasileiro para atender às pressões políticas geradas em decorrência do movimento seringueiro na Amazônia. Desde então, inúmeras outras unidades de conservação dessa categoria foram e continuam sendo estabelecidas, principalmente nos Estados da região Norte do país. Os principais objetivos da RESEX são proteger os meios de vida e cultura das populações tradicionais e assegurar o uso sustentável dos recursos naturais da unidade. Neste contexto, a fauna de uma RESEX é vista como um recurso a ser obtido e utilizado e este trabalho procurou identificar como ela é aproveitada em duas RESEXs na Amazônia Ocidental. Situadas no vale do rio Guaporé, região sul do Estado de Rondônia, as Reservas Extrativistas federal e estadual do rio Cautário possuem cerca de 50 famílias, que residem numa área total de 220.218 ha. Anteriormente a criação dessas unidades, já existiam comunidades extrativistas estabelecidas no local. Um total de 33 caçadores, com idade média de 36 anos, foi entrevistado através de um questionário individual semi-estruturado. Todos eles afirmaram que caçavam para subsistência. Os mamíferos representaram 74,80% das espécies apanhadas, sendo *Tayassu pecari* e *T. tajacu* as mais freqüentes (68,05%), seguida de *Agouti paca*, com 19,44%. Entretanto, quando perguntados sobre a caça preferida, *Mazama* sp. foi o grupo mais representativo, com 29,85% dentre todas as preferências. Esta constatação sugere que as espécies favoritas dos caçadores podem ter diminuído em abundância localmente, pois 42,42% dos entrevistados também informaram que, com exceção dos membros dos Tayassuidae, existe notória redução na observação de mamíferos. Outro aspecto averiguado foi o significativo percentual de 81,81% dos entrevistados que, por diversos motivos, afirmaram não comer carne de primatas. O tipo de ambiente mais utilizado para a caça foi a floresta densa de terra firme (55,88%), seguido dos barreiros (20,59%). Independentemente do tipo de vegetação escolhido, as caçadas duram em média cerca de 5 horas. Assim como há cerca de 40 anos, quando do início do estabelecimento de comunidades na área das RESEXs, atualmente os seus residentes continuam caçando sem critérios e restrições, exaurindo a fauna de mamíferos mais rapidamente do que suas populações conseguem repor, ou seja, o contrário do conceito de "uso sustentável". As unidades do rio Cautário não configuram uma exceção para as outras RESEXs da Amazônia, demonstrando que maiores limitações e o cumprimentos destas, devem ser consideradas no Plano de Manejo das unidades dessa categoria.

Palavras-chave: Unidades de Conservação, mastofauna, RESEX, Rondônia

Financiadores: ICMBio, Programa ARPA

CBMz

EXISTE A PRÁTICA DE CAÇA SUSTENTÁVEL NA AMAZÔNIA? MAMÍFEROS E POPULAÇÕES "TRADICIONAIS" NO VALE DO RIO GUAPORÉ, RONDÔNIA

Eduardo Lage Bisaggio (Reserva Extrativista do Rio Cautário / ICMBio / ebisaggio@hotmail.com)
Sandro Leonardo Alves (Reserva Biológica do Guaporé / ICMBio)

Área: Diversos **Sub-Área:** Conservação

Qual é o valor realmente tradicional e sustentável contido nas chamadas populações "tradicionais"? Conseguirão essas comunidades se manterem por muito tempo no mesmo local e com um padrão de vida semelhante? Pelo menos, no que diz respeito aos produtos consumidos para a alimentação, "improvável" pode ser considerada uma resposta definitiva. Erroneamente, as diversas populações amazônicas são generalizadas e inseridas em um único modelo. No nosso exemplo, as comunidades situadas ao longo do vale do rio Guaporé, entre os municípios de Costa Marques, São Francisco do Guaporé e Alta Floresta D'Oeste, Rondônia, apresentam contextos sociais completamente distintos. Existem grupos quilombolas, seringueiros, indígenas, ribeirinhos e miscigenados, cada um com histórico de colonização intrínseco e características culturais peculiares. No entanto, um dos aspectos em comum é o uso da mastofauna local como objeto de consumo. É evidente que a depauperação dos recursos naturais causada por essas populações é muito menor que a praticada pelo atual padrão de consumo estabelecido nas culturas urbanas ocidentais. Porém, é igualmente notável que, nas comunidades ditas "tradicionais", a mastofauna local tem grande probabilidade de se exaurir em decorrência da grande pressão de caça. Um fenômeno muito conhecido e bastante comum é o da substituição da caça. Ele ocorre quando os animais preferidos tornam-se raros e são cada vez menos apanhados. Logo, outras espécies, anteriormente desprezadas, passam a integrar a dieta com maior freqüência. Pode-se argumentar que existe um aparente "rodízio" de espécies, pois os animais preferidos continuam sendo os mesmos, e eles serão preferivelmente apanhados em qualquer sistema de caça que não adote critérios, restrições e seus cumprimentos. Sendo assim, as espécies que se tornam escassas sempre se mantêm em baixas densidades ou até mesmo se extinguem localmente. É esse tipo de sistema que vigora nas localidades aqui apresentadas e ilustrado com um exemplo constatado na Reserva Extrativista Estadual de Pedras Negras, onde mesmo proibido pelo plano de utilização, instrumento de gestão criado pelos próprios moradores da Reserva, *Blastocerus dichotomus*, espécie oficialmente ameaçada de extinção no Brasil, é intensamente caçada para consumo. Além disso, destacamos que as comunidades reconhecidas como "tradicionais" são assim consideradas principalmente devido ao seu modo de obter recursos. Porém, em muitos casos, tais comunidades se estabeleceram em épocas recentes, utilizando equipamentos de caça relativamente modernos, como armas semi-automáticas, motocicletas, entre outros, causando a falsa impressão de uma caça "sustentável" devido ao curto período de ocupação.

Palavras-chave: mastofauna, sustentabilidade, Reserva Extrativista

Financiadores: ICMBio

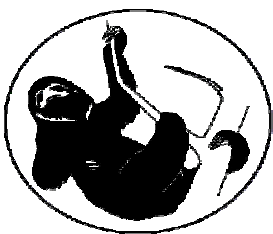
CONSERVAÇÃO DA MASTOFAUNA NA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO SÃO FRANCISCO

Rogério Cunha Paula (CENAP / ICMBio - cenap@icmbio.gov.br)
Cláudia Bueno Campos (CENAP/ICMBio)
Ronaldo Gonçalves Morato (CENAP/ICMBio)

Área: Diversos **Sub-Área:** Conservação

A Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco (BHSF) (640.000 km2) engloba uma grande diversidade de ambientes, sendo três dos mais degradados e explorados biomas do Brasil: Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica. No âmbito do Programa de Revitalização do São Francisco, iniciamos em 2006, um diagnóstico da fauna ao longo da bacia a fim de subsidiar ações governamentais. Neste estudo, apresentamos o status dos mamíferos de médio e grande porte (peso acima de 2kg) na BHSF obtido por meio de diagnósticos realizados em seis áreas: (1) Foz, em SE e AL; (2) Boqueirão da Onça, noroeste da BA; (3) Pilão Arcado/Remanso, noroeste da BA e sudeste do PI; (4) Bom Jesus da Lapa, oeste da BA; (5) Vale do Peruaçu/Jaíba, noroeste de MG; (6) Serra da Canastra/Samburá, sudoeste de MG. O objetivo foi obter informações sobre a riqueza de espécies, estado de conservação e possíveis impactos nas populações. Os métodos utilizados foram registros diretos, identificação de vestígios, armadilhas fotográficas e entrevistas. As análises de distribuição das espécies e seu status local foram baseados no número de registros obtidos em cada ponto de amostragem. Comparações entre as localidades foram realizadas, além de análise de similaridade de espécies, a fim de se observar padrões de ocorrência dos táxons. Foram registradas 41 espécies, as quais se encontram em diferentes estados de conservação; 12 delas estão presentes na lista de espécies ameaçadas de extinção. A riqueza de espécies variou entre as seis áreas de estudo: 6>5>4>2>3>1. Algumas espécies, mais tolerantes ao desenvolvimento humano, foram encontradas mais extensivamente ao longo da BHSF. Contrariamente, observou-se espécies mais sensíveis somente nas áreas onde existem UCs. A análise do número de registros entre espécies apresentou variação significativa entre as seis áreas ($p \leq 0.001$). Entretanto, quando comparações específicas foram realizadas, observamos que áreas com UCs ou aquelas desprovidas de áreas de proteção, não possuem diferenças estatísticas: para as áreas 3x5x6, $p=0.33$; para 1x2x4, $p=0.44$. Análises de similaridade para a ocorrência de espécies, entre áreas de estudo, refletiram padrões biogeográficos definidos pela distribuição dos táxons ao longo da BHSF. O maior e menor índice de similaridade foi observado, respectivamente, para as áreas 2x3 (83%) e 4x1 (53%). Atividades antrópicas tais como mineração, pecuária e monoculturas extensivas são alguns dos fatores observados como impactantes na comunidade dos mamíferos estudados ao longo de segmentos da BHSF. Além disso, observamos que os locais com áreas protegidas associadas favorecem a ocorrência de um maior número de espécies.

Palavras-chave: Mamíferos, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Efetividade de UCs

Financiadores: Projeto de Revitalização do Rio São Francisco - MMA

CRITÉRIOS PARA SELEÇÃO DE ESPÉCIES BANDEIRA: ESTUDO DE CASO DO PARQUE DAS NEBLINAS (SP) - COMPARAÇÃO ENTRE ANTA E ONÇA-PARDA

Rodrigo de Almeida Nobre (Casa da Floresta Assessoria Ambiental Ltda / rocajunobre@hotmail.com)
Simone Beatriz Lima Ranieri (Casa da Floresta Assessoria Ambiental Ltda)

Área: Diversos **Sub-Área:** Conservação

As espécies bandeira são utilizadas em funções estratégicas para a conservação biológica como: ampliação do conhecimento popular, direcionamento de ações e obtenção de financiamentos. Espécies com estes propósitos freqüentemente incluem características como carisma e requerimentos ecológicos amplos, estimulando o interesse e simpatia do público e permitindo, com sua conservação, a proteção de outras espécies inclusas em seu "guarda-chuva" de requerimentos. O Parque das Neblinas, gerido pelo Instituto Ecofuturo, propôs em parceria com a Casa da Floresta Assessoria Ambiental a avaliação de duas espécies encontradas no Parque (anta - *Tapirus terrestris* e onça-parda - *Puma concolor*), a fim de selecionar uma espécie bandeira que caracterizasse o mesmo, estreitasse as relações deste com o público e simbolizasse suas ações de conservação. Com interesse de evitar ser tendencioso (ressaltando as posições dos autores que realizaram o estudo) e objetivando selecionar a espécie que melhor atenda aos propósitos de "bandeira" para a instituição, foram determinados previamente nove critérios considerados relevantes para que esta cumpra tal papel (abundância local; distribuição local; conspicuidade e identificação em campo; distribuição global; curiosidades; características "negativas"; área de vida e exigências ecológicas; importância ecológica; grau de ameaça). Os três primeiros critérios foram caracterizados utilizando monitoramentos em campo durante treze meses (2006-2007) por meio de registros de pegadas em faixas de 1 km (totalizando 27 km/mês) e armadilhas fotográficas. O restante dos critérios foi descrito com base em dados secundários, sendo posteriormente conceituados (0 a 5) por integrantes da empresa que realizou o estudo, avaliando a importância de tais características para que a espécie selecionada cumpra o papel de bandeira (nesta conceituação foi também considerado o critério conspicuidade e identificação em campo). Na comparação dos conceitos gerados a partir das informações bibliográficas as duas espécies não apresentaram diferença estatística, porém a anta (*Tapirus terrestris*) sobressaiu-se amplamente em relação à abundância e distribuição de registros locais, o que possibilitaria maior integração do público com a espécie em ações previstas no plano de uso público do Parque das Neblinas. Com base nestes resultados, sugeriu-se para os gestores do Parque a anta como espécie bandeira.

Palavras-chave: Espécie bandeira, Tapirus terrestris, Puma concolor

Financiadores: Casa da Floresta Assessoria Ambiental Ltda., Instituto Ecofuturo, Parque das Neblinas

DESEMPENHO DE DOIS MÉTODOS DE AMOSTRAGEM E DOIS TIPOS DE ISCAS PARA ESTUDO DA DISTRIBUIÇÃO DE MAMÍFEROS DE MAIOR PORTE EM PAISAGENS TROPICAIS ALTERADAS

Karina Dias Espartosa (Universidade de São Paulo / ka_espartosa@yahoo.com.br)
Renata Pardini (Universidade de São Paulo)

Área: Diversos **Sub-Área:** Conservação

Mamíferos de maior porte apresentam grande visibilidade em biologia da conservação, sendo apontados como espécies-bandeira ou espécies-chave e sendo bastante utilizados em monitoramentos, diagnósticos ambientais e planos de manejo. Isto se deve não só ao fato de que muitos destes animais são carismáticos ao público leigo, mas também à sua importância ecológica e ao grau de ameaça frente à perda e fragmentação de seus habitats ou à caça. No entanto, o método tradicionalmente utilizado no estudo destes animais, os censos em transectos lineares, tende a ser pouco eficiente em florestas tropicais, onde usualmente resulta em baixas taxas de encontro, devido às baixas densidades naturais dos animais e à estrutura complexa da vegetação. Utilizando amostragem padronizada em 24 remanescentes de Mata Atlântica, comparamos o desempenho e a congruência de dois métodos alternativos (pegadas em parcelas de areia e armadilhas fotográficas) e de dois tipos de isca (banana e iscas de cheiro) para a estimativa da riqueza e freqüência de ocorrência de mamíferos de maior porte em uma paisagem fragmentada. Os dois métodos amostraram de foram semelhante a riqueza e a composição observada na paisagem, e a riqueza e a freqüência de ocorrência (total e da maioria das espécies) por sítio de amostragem. A variação da riqueza ou da freqüência de ocorrência (total e da maioria das espécies) nos sítios de amostragem foi correlacionada entre os dois métodos. Por outro lado, o uso de banana como isca resultou em maior riqueza e maior freqüência de ocorrência (total, para espécies onívoras, e para maioria das espécies) por sítio de amostragem. Além disso, não houve congruência dos resultados obtidos entre as duas iscas, quanto ao número de espécies ou a freqüência de ocorrência de parte das espécies. Nossos resultados sugerem que ambos os métodos são adequados para o estudo dos mamíferos de maior porte de florestas tropicais e dos fatores que afetam a distribuição destas espécies em paisagens alteradas, já que (1) registram as espécies de menor porte e noturnas, (2) podem ser padronizados entre áreas heterogêneas, (3) apresentam desempenho semelhante no registro da maioria das espécies e da riqueza de espécies, e (4) refletem de maneira similar o padrão de ocorrência das espécies entre diferentes áreas. Além disso, demonstram que a escolha da isca influencia os resultados obtidos, sendo fundamental (1) a padronização entre áreas estudadas, e (2) a inclusão de iscas complementares ou de iscas que atraiam uma ampla gama de animais.

Palavras-chave: eficiência de amostragem, armadilhas fotográficas, parcelas de areia

Financiadores: Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo

CBMz

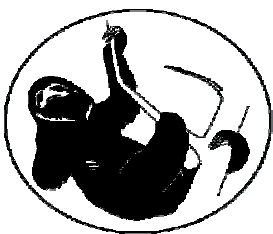
MAMÍFEROS ATROPELADOS EM UM TRECHO DA MT 449 EM LUCAS DO RIO VERDE - MT

Valdinei Cristi Koppe (Ecoflora Engenharia Ambiental / desmodus_k@yahoo.com.br)
Manoel Francisco Advíncula (Ecoflora Engenharia Ambiental)

Área: Diversos **Sub-Área:** Conservação

O atropelamento de animais é um problema que muitas vezes não é levado em consideração, quando são debatidas questões que envolvem as ameaças às espécies da fauna brasileira. O numero de mamíferos de médio e grande porte mortos por atropelamento no domínio Cerrado foi estimado em 2700 por ano, porém estudos mais recentes tem demonstrado que esta é uma projeção bastante inferior ao numero real. O presente estudo foi realizado em um trecho de 20 km da MT 449 localizado no município de Lucas do Rio Verde, este trecho de rodovia é margeado por propriedades agrícolas, e corta a mata de galeria de dois córregos, União e Quatá. O trecho foi percorrido diariamente no período de 01/12/2006 a 31/03/2007, todos os mamíferos observados foram identificados e anotados, foi também observada a que distância do córrego o animal foi atropelado. Foram registrados 19 indivíduos, pertencentes a 08 espécies, a mais abundante foi *Euphractus sexcintus* (36,8%) seguida por *Cerdocyon thous* (26,3%), também foi registrado um individuo de *Myrmecophaga tridactyla*, espécie ameaçada de extinção. A distância média do local do atropelamento até o córrego foi de 1,5 km, a mínima foi de 0,05 km para *Hydrochoerus hydrochaeris*, a máxima foi de 4 km para *Euphractus sexcintus*. A média foi de 4,75 indivíduos/mês. Geralmente o numero de indivíduos atropelados é subestimado, pois nos estudos são contabilizados apenas os que são encontrados mortos na rodovia, sendo que outros indivíduos podem ter sofrido ferimentos e terem morrido posteriormente ou mesmo carcaças serem levadas por animais necrófagos durante a noite. A rodovia estudada não apresenta trafego intenso, porém os meses de estudo coincidiram com a colheita da soja na região o que aumenta substancialmente o trafego de caminhões, fato que pode ter influênciado no atropelamento de mamíferos de grande porte. Todos os atropelamentos ocorreram próximos às matas de galeria dos córregos, o que demonstra que estas matas são utilizadas como corredores pela mastofauna e que a rodovia pode estar causando impactos substanciais nas populações de mamíferos locais, uma vez que estas populações sofreram grande perda de habitat devido a abertura de grandes áreas pela agricultura e estão reclusas as faixas de vegetação que margeiam córregos e rios. Novos estudos devem ser realizados visando entender as relações entre os atropelamentos e habitats, refúgios ou corredores para a fauna e a viabilidade da implantação de estruturas para travessia de animais, como túneis, pontes e cercas direcionadoras.

Palavras-chave: Cerrado, Mastofauna, Rodovia, Atropelamento.

Financiadores: Ecoflora Engenharia Ambiental Ltda

MAMÍFEROS ATROPELADOS AO LONGO DA BR-010 ENTRE OS MUNICÍPIOS DE ESTREITO E IMPERATRIZ, MARANHÃO, BRASIL

Edmar Guimarães Manduca (Museu de Zoologia João Moojen – UFV / edmar.manduca@gmail.com)
Diego José Santana (Museu de Zoologia João Moojen – UFV)
Vinícius de Avelar São-Pedro (Museu de Zoologia João Moojen – UFV)

Área: Diversos **Sub-Área:** Conservação

O atropelamento de animais silvestres nas rodovias brasileiras é um fato comum e de grande impacto sobre a fauna. Para algumas espécies as rodovias causam declínios populacionais, o que é preocupante, principalmente, com relação às ameaçadas de extinção. De acordo com alguns estudos, estima-se que sejam atropelados 2.700 mamíferos por ano em áreas de Cerrado do Brasil. Neste contexto, inclui-se o trecho de 115 Km da BR-010 entre os municípios maranhenses de Estreito e Imperatriz, área com grande diversidade mastofaunística caracterizada por ambientes antropizados (pastos e babaçuais) e fragmentos de Cerrado ainda bem preservados. O objetivo deste trabalho consistiu no inventariamento da mastofauna ao longo do trecho de execução da LT 500kV SE Estreito UHE - SE Imperatriz (LT), trecho este que acompanhava a BR-010 em quase toda a sua extensão. Durante oito dias de trabalhos de campo foram percorridos aproximadamente 500 Km entre idas e vindas de uma cidade a outra no trecho da LT. Os mamíferos encontrados foram identificados com base em suas características morfológicas externas. Todos os registros foram georeferenciados. Ao todo foram efetuados 11 registros de mamíferos atropelados, o que corresponde a aproximadamente 1,4 indivíduos/dia. Os registros são pertencentes a seis diferentes espécies, sendo cinco indivíduos da espécie *Tamandua tetradactyla*, dois indivíduos de *Euphractus sexcinctus* e um indivíduo das demais espécies, *Didelphis albiventris*, *Galea spixii*, *Nectomys* sp. e *Procyon cancrivorus*. Nenhuma destas espécies encontra-se na lista nacional de animais ameaçados (IBAMA). O elevado número de observações de indivíduos atropelados em um curto espaço de tempo sugere que a região possua uma grande diversidade faunística. O maior número de registros das espécies *Tamandua tetradactyla* e *Euphractus sexcinctus* pode ser decorrente de uma alta densidade destas espécies na região associado ao hábito de locomoção mais lento destes animais, o que pode proporcionar o maior número de atropelamentos dos mesmos. Com o objetivo de diminuir o número de acidentes com animais silvestres neste trecho da BR-010, a colocação de placas de sinalização ao longo de todo o percurso pode ser uma prática educativa interessante, orientando e conscientizando os motoristas que trafegam por esta via sobre a travessia dos animais pela pista e da importância de sua preservação.

Palavras-chave: Mamíferos, atropelamento, preservação

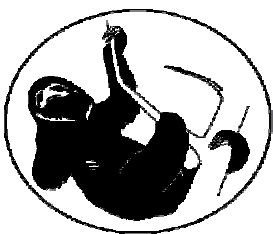
MAMÍFEROS PAMPEANOS ATROPELADOS NA FRONTEIRA OESTE ENTRE BRASIL E URUGUAI - REGISTRO ATUAL DE ESPÉCIES DE MÉDIO/GRANDE PORTE AMEAÇADAS

Nínive Acosta (Museu de Ciências Naturais / ULBRA)
Felipe B. Peters (Museu de Ciências Naturais / ULBRA / felipe.peters@areadevida.com.br)
Sabrina Milchareck (Museu de Ciências Naturais / ULBRA)
Leonardo F. Machado (Museu de Ciências Naturais / ULBRA)
Diego M. Jung (Museu de Ciências Naturais / ULBRA)
Gustavo B. Peters (Dept. de Veterinária / UNICRUZ)
Alexandre U. Christoff (Museu de Ciências Naturais / ULBRA)

Área: Diversos **Sub-Área:** Conservação

No Rio Grande do Sul os atropelamentos são a causa direta do declínio populacional de 2,5% das espécies ameaçadas do Estado. Neste sentido, este trabalho visa identificar as espécies de mamíferos mais sensíveis a este impacto no bioma Pampa, além de apresentar a ocorrência de táxons registrados na região por uso de outras metodologias como armadilhamento fotográfico, transecções e encontros visuais fortuitos. Neste trabalho são apresentados os resultados parciais dos primeiros 10 meses de amostragens. Foram monitorados mensalmente 170 km das BR-287 e BR-153 entre os municípios de Bagé (31°19’42”/53°58’49”) e Santana do Livramento (30°51’04”/55°29’15”) com uma velocidade média de 60km/h a fim de determinar a freqüência relativa (FR) e freqüência de ocorrência (FO) mínima das espécies registradas. Foram contabilizadas 21 spp. de mamíferos. Destes, 18 táxons foram encontrados atropelados, sendo que sete espécies estão incluídas em alguma categoria de ameaça de extinção ou deficiente em dados a nível regional, nacional ou internacional. No total ocorreram 366 acidentes (1 espécime/ 4,6 km percorridos). As espécies mais freqüentes foram *Conepatus chinga* (FR=27,32% e FO=100%), *Cerdocyon thous* (FR=24,86% e FO=100%) e *Lycalopex gymnocercus* (FR=16,39% e FO=80%), seguidos por *Didelphis albiventris* (FR=8,46% e FO=90%) e *Euphractus sexcinctus* (FR=5,73% e FO=90%). Demais espécies obtiveram valores baixos, sendo *Cabassus tatouay* (FR=0,27% e FO=10%), *Dasypus hybridus* (FR=1,09% e FO=20%), *Dasypus novencinctus* (FR=0,27% e FO=10%), *Leopardus wiedii* (FR=0,27% e FO=10%), *Leopardus colocolo* (FR=0,54% e FO=20%), *Leopardus geoffroyi* (FR=3,27% e FO=60%), *Procyon cancrivorus* (FR=1,91% e FO=40%), *Lontra longicaudis* (FR=0,27% e FO=10%), *Galictis cuja* (FR=2,45% e FO=50%), *Cavia magna* (FR=3,55% e FO=70%), *Myocastor coypus* (FR=0,27% e FO=10%), *Sphyggurus villosus* (FR=0,81% e FO=30%) e *Lepus* sp. (FR=2,18% e FO=50%). Espécies sem registros de atropelamento e com ocorrência confirmada para a região através de metodologias variadas foram *Puma yaguarondi*, *Mazama gouazoupira* e *Hydrochoeius hydrochaeris*. O número de trabalhos realizados sobre o tema é pequeno e as metodologias aplicadas trabalham geralmente com subamostragem, já que não é possível evitar a destruição das carcaças pelo tráfego ou a remoção por necrófagos. Mesmo assim os dados gerados são alarmantes e neste caso, apontam os trechos onde há interceptação de mata ciliar e campos sujos (vassourais e banhados) como locais de maior concentração de acidentes e ideais para instalação de controladores de velocidade e passagens subterrâneas. A diversidade e o status conservacionista das espécies impactadas mostra importância da realização de estudos prévios visando minimizar os efeitos da construção e operação das rodovias sobre a fauna.

Palavras-chave: Mastofauna, Atropelamentos, Bioma Pampa, Biodiversidade

Financiadores: Área de Vida - Assessoria e Consultoria em Biologia e Meio Ambiente Ltda.

MAMÍFEROS ATROPELADOS NA RODOVIA ARMANDO MARTINELLI (ES-080), ESPÍRITO SANTO, BRASIL

Mikael Mansur Martinelli (Escola São Francisco de Assis / ESFA / mansurmartinelli@hotmail.com)
Thaís de Assis Volpi (Escola São Francisco de Assis/ESFA)

Área: Diversos **Sub-Área:** Conservação

As rodovias, quando implantadas sem planejamento adequado, podem comprometer a qualidade de ecossistemas naturais adjacentes. Elas podem funcionar como barreiras ecológicas subdividindo populações locais com prováveis conseqüências demográficas e genéticas, além de ser uma grande fonte de mortalidade às espécies locais. Os mamíferos são os animais com maior freqüência de atropelamento em rodovias no Brasil. Possivelmente o hábito noturno de muitas espécies, o uso de faróis pelos automóveis, a topografia da área com muitos aclives e declives, assim como, o alto número de curvas presente favorece esse cenário. Neste estudo são apresentadas, quantitativamente, as principais espécies de mamíferos atropelados na Rodovia Armando Martinelli (ES-080), que possui 59,6 Km de extensão, conectando os municípios de Colatina, São Roque do Canaã e Santa Teresa. Trata-se de uma rodovia pavimentada, estreita e sinuosa em sua maioria. A formação vegetal ao longo da rodovia é composta principalmente por pastagens e áreas de cultivo de café, cana-de-açúcar e *Eucalyptus* sp., com pequenos remanescentes florestais. Grande parte da rodovia encontra-se em perímetro urbano, onde também foram registrados atropelamentos. Entre os meses de fevereiro/2006 a fevereiro/2008 foram obtidos 54 registros de atropelamento, os quais corresponderam a 11 espécies diferentes: *Didelphis aurita* (n = 22), *Sphigurus insidiosus* (n = 10), *Cerdocyon thous* (n = 8), *Eira barbara* (n=3), *Galictis cuja* (n =2)., *Procyon cancrivorus* (n = 2), *Sylvilagus brasiliensis* (n=2), *Tamandua tetradactyla* (n = 2), *Dasypus novemcintus* (n = 1), *Nasua nasua* (n=1), *Potus flavus* (n=1) e *Herpailurus yagouaroundi* (n=1). A alta freqüência de atropelamento de algumas espécies na rodovia pode estar relacionada à sua provável abundância na região e sua facilidade de adaptação a ambientes antropizados, o que não pode ser afirmado para as espécies que apresentaram um menor índice. Acredita-se que o número de atropelamentos seja um pouco maior, e que também possa incluir espécies ameaçadas de extinção. A identificação de animais de pequeno porte foi dificultada devido ao intenso fluxo de veículos grandes (caminhões e ônibus) que acabam pisoteando intensamente as carcaças, além do calor intenso em boa parte da região, que pode provocar a desidratação e ressecamento rápido dos animais. O impacto sobre as populações atingidas é difícil avaliar, uma vez que pouco se conhece sobre seu tamanho populacional. Algumas espécies são também muito abundantes, como o *D. aurita*, e o tamanho populacional pode ser pouco afetado. Mas certamente, ao menos para algumas espécies, a mortalidade em estradas é um fator demográfico importante.

Palavras-chave: Mammalia, atropelamento, rodovia, ambientes antropizados

DIVERSIDADE E DISTRIBUIÇÃO DE MAMÍFEROS EM ÁREA DE SILVICULTURA: QUAL O VALOR DOS REFLORESTAMENTOS HOMOGÊNEOS NA CONSERVAÇÃO DA MASTOFAUNA?

Rodrigo Anzolin Begotti (Graduação em Ecologia / UNESP Rio Claro / rodrigo_anz@yahoo.com.br)
Silvio Frosini de Barros Ferraz (Departamento de Ecologia - UNESP Rio Claro)
Mauro Galetti (LaBiC Laboratório de Biologia da Conservação - UNESP Rio Claro)

Área: Diversos **Sub-Área:** Conservação

A perda e a fragmentação de habitat representam as maiores ameaças para os mamíferos terrestres no Brasil, de modo que a integração de florestas plantadas e áreas agrícolas nas estratégias de conservação se tornam necessárias. Nos últimos anos vêm ocorrendo à expansão das áreas de silvicultura no país e seus impactos são variáveis, pouco entendidos e difíceis de serem previstos. Sendo assim, o entendimento das influências do manejo das plantações e da estrutura do sub-bosque na riqueza e distribuição das espécies de mamíferos é essencial para fornecer informações básicas para o manejo e conservação da fauna nestes ambientes. O estudo foi conduzido na Floresta Estadual Edmundo Navarro de Andrade (FEENA), município de Rio Claro estado de São Paulo. Foram encontradas 14 espécies de mamíferos pertencentes a 9 famílias em 198,02 km de transectos percorridos identificadas através de 63 registros de avistamentos, pegadas e fezes que foram georeferenciados. Outras 8 espécies de foram registradas no entorno da área de estudo ou por entrevistas informais. Com os dados georeferenciados inseridos em um SIG foi calculado um Índice Vegetacional de Diferença Normalizada que dividiu em quatro classes a cobertura vegetal da área de estudo composta por talhões de eucalipto de diferentes espécies com sub-bosque em variados estágios de regeneração. Não foram encontradas diferenças signficantes entre a distribuição das espécies em relação às diferentes classes de cobertura vegetal (x^2 = 8,892; p=0,064). Este fato pode ser explicado pelo pequeno número de registros ou a influência de outras variáveis ambientais como distância da rede de drenagem, por exemplo. O grande número de espécies coloca a área de estudo como um importante local para a conservação da mastofauna.

Palavras-chave: mamíferos; eucalipto; conservação; NDVI; transectos

Financiadores: PIBIC/CNPq (bolsa de estudos)

AVALIAÇÃO DA SUSTENTABILIDADE DA CAÇA DE SUBSISTÊNCIA NA SERRA DO MAR, MATA ATLÂNTICA – SP

Rodrigo de Almeida Nobre (Casa da Floresta Assessoria Ambiental / rocajunobre@hotmail.com)
Renato Matos Marques (Fauna Pró Assessoria e Consultoria Ambiental)
Mauro Galetti (Lab. de Biologia da Conservação / Unesp)

Área: Diversos **Sub-Área:** Conservação

Uma das principais dúvidas da conservação ambiental atual é se áreas naturais protegidas podem ser conservadas, caso seja dado direito de exploração dos recursos naturais a grupos de pessoas. Alguns pesquisadores consideram que mesmo o uso dos recursos voltados essencialmente para a subsistência e/ou com pequena demanda comercial é inapropriada. Outros consideram que a fiscalização repressiva é ineficaz em regiões tropicais uma vez que impede populações tradicionais de reproduzir seu modo de vida, incentivando práticas predatórias para garantir sua subsistência. O presente estudo foi realizado com o intuito de verificar a sustentabilidade das práticas de caça, direcionando ações de manejo dos fatores mais impactantes em áreas protegidas de Mata Atlântica. Para tanto, comparou-se a produtividade (biomassa) de espécies cinegéticas e a taxa de exploração, baseada em estimativas de pressão de caça e consumo protéico, na porção norte do Parque Estadual da Serra Mar. A produtividade passível de caça sustentável foi calculada utilizando o calculo das densidades de 11 espécies cinegéticas e complementadas por estimativas de outras 6 constatadas na área. Os valores de pressão de caça foram obtidos por monitoramentos e aplicação de questionários a caçadores. Já as demandas de consumo protéico da comunidade do entorno foram estimadas utilizando um modelo adaptado de Diniz-Filho, J.A.F. 2004. Braz. Jour. of Biol. v64: 407-414. Os resultados indicaram fortes evidências da não sustentabilidade da caça, mesmo que de subsistência, sendo os fatores que a comprometem: alta densidade humana, níveis elevados de consumo protéico, áreas reduzidas, mesmo considerando os maiores contínuos de vegetação remanescentes de Mata Atlântica, e conseqüente produtividade insuficiente. Sendo assim, é importante a adoção de ações que visem conservar as espécies ameaçadas pela caça constatada, buscando garantir a preservação do bioma e dos recursos de interesse da população humana local. Dentre as ações recomendase a continuidade da proibição de uso dos recursos naturais com a intensificação da fiscalização, ao menos até que melhoras nas condições demográficas das espécies silvestres possam ser verificadas, além da redução das demandas de exploração. Para esta redução sugere-se a atuação junto às comunidades locais em programas de envolvimento e geração de renda, esclarecimento do risco de esgotamento dos “recursos” utilizados, e instrução sobre planejamento familiar e de consumo protéico. Adicionalmente, recomenda-se a parceria com as instituições públicas locais para estabelecimento de diretrizes que impeçam a expansão da ocupação imobiliária, regularizem a situação fundiária das Unidades de Conservação e maximizem suas funções ecoturísticas.

Palavras-chave: Sustentabilidade; Caça; Mata Atlântica

Financiadores: Wellington Nobre Silva e Lourdes A. de A. Nobre Silva; FAPESP

MAMÍFEROS COMO BIOINDICADORES DE RECUPERAÇÃO DE ÁREA DEGRADADA (ANTIGA ESTRADA DO COLONO) NO PARQUE NACIONAL DO IGUAÇU, FLORESTA ESTACIONAL SEMIDECIDUAL, OESTE DO ESTADO DO PARANÁ

Rinaldi, A. R. (Pós graduação em Ecologia e Conservação / UFPR - alrinaldi2@gmail.com)
Oliveira-da-costa, M. (Fundação O Boticário de Proteção à Natureza)
Quadros, J. (Universidade Tuiuti do Pararaná)

Área: Diversos **Sub-Área:** Conservação

Há décadas a integridade do Parque Nacional do Iguaçu era ameaçada pela manutenção de uma estrada de rodagem que cortava sua área em duas porções, a estrada do Colono. Localizada no estado do Paraná, está UC é a maior de proteção integral do domínio da mata atlântica com 185.252,5 hectares e resguarda aproximadamente 7% da floresta estacional Semi Decidual do estado do Paraná. Após o fechamento desta antiga estrada em 2001, foram conduzidos estudos que pudessem balizar o status de recuperação do trajeto de 17,6 km de estrada. Para isso foram realizados sensos ao longo do trajeto, entre outubro de 2001 e janeiro de 2003, totalizando 146 horas de campo. Neste período amostras de fezes de felinos foram coletadas, e indícios indiretos como rastros, arranhões e visualizações registrados e georeferenciados. As amostras de fezes foram triadas e os pêlos identificados conforme bibliografia disponível. Foram coletadas 67 amostras de fezes de felinos, realizadas 10 visualizações de mamíferos silvestres e obtidos 238 registros de indícios indiretos. Ao todo foram amostrados 27 táxons para a área de estudo, e independente do tipo de registro, os táxons apresentaram-se nas seguintes porcentagens de ocorrência: 44.8% *Mazama* sp. (n=147), 13.10% *Puma concolor* (n=43), 12.8% *Tapirus terrestris* (n=42), 3.96% *Dazyprocta azarae* (n=13), 3.96% Sigmodontinae N.I. (n=13), 2.74% *Leopardus pardalis* (n=9), 2.43% *Hydrochoerus hydrochaeris* (n=8), 2.13% *Nasua nasua* (n=7), 2.13% *Didelphis albiventris* (n=7), 1.82% *Leopardus* sp. (n=6), 1.82% *Tajacu pecari* (n=6), 1.52% *Cebus nigritus* (n=5), 1.21% *Cerdocyon thous* (n=5), 0.60% *Dazypus* sp. (n=2), 0.60% *Sylvilagus brasiliensis* (n=2), 0.60% *Lontra longicaudis* (n=2), 0.30% *Panthera onca* (n=1), 0.30% *Puma yagouarundi* (n=1), 0.30% *Leopardus tigrinus* (n=1), 0.30% *Delomys* sp. (n=1), 0.30% *Akodon* sp. (n=1), 0.30% *Coendou preensilis* (n=1), 0.30% *Philander frenata* (n=1), 0.30% *Gracilinanus* sp. (n=1), 0.30% *Cabassus tatouay* (n=1), 0.30% *Procyon cancrivorus* (n=1), 0.30% *Tamandua tetradactyla* (n=1) e 0.30% *Echimidae* (n=1). Das espécies registradas, mais de 60% estão inclusas na lista de ameaçadas no estado do Paraná, demonstra a importância da inexistência desta antiga estrada, permitindo a regeneração da área e garantindo o fluxo de espécies, especialmente as ameaçadas, sem interferência nesta que é a maior UC de proteção integral na porção sudoeste e da Floresta Estacional Semi-decidual do estado do Paraná.

Palavras-chave: Mamíferos, Parque Nacional do Iguaçu, Floresta Estacional Semi-decidua

Financiadores: ParNa Iguaçu, IBAMA, Macuco-Safari.

COMPOSIÇÃO DA COMUNIDADE DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE COMO DIAGNÓSTICO DA BACIA DO RIO PASSA CINCO

Thaís Rovere Diniz-Reis (thaisdinizreis@gmail.com)

Área: Diversos **Sub-Área:** Conservação

O diagnóstico de uma região pode ser feito através do uso de espécies bioindicadoras, como os mamíferos, pois poucas são capazes de se manter em um ambiente alterado. Este trabalho foi realizado na Bacia do Rio Passa Cinco, uma região altamente fragmentada e com remanescentes pequenos no interior de São Paulo, entre o período de meados de 2005 ao início de 2008, a fim de verificar a persistência das espécies de mamíferos de médio e grande porte neste local. Para isso, utilizou-se de uma combinação de métodos formada por registros de vestígios (pegadas e fezes), carcaças provindas de atropelamentos e observações visuais eventuais. A comunidade mastofaunística encontrada é composta 26 espécies, sendo estas: *Didelphis* spp., *Dasypus novemcintus*, *Chrysocyon brachyurus*, *Cerdocyon thous*, *Lycalopex vetulus*, *Procyon cancrivorous*, *Nasua nasua*, *Eira barbara*, *Lontra longicaudis*, *Puma concolor*, *Leopardus pardalis*, *Leopardus* spp., *Cebus* spp., *Callicebus nigrifrons*, *Mazama gouazoubira*, *Mazama americana*, *Cavia aperea*, *Hydrochoerus hydrochaeris*, *Cuniculus paca*, *Lepus europeus*, *Equus caballus*, *Bos taurus*,*Ovis spp.*, *Sus scropha*, *Canis familiares* e *Felis catus*. Foram registradas 20 espécies por pegadas, 14 espécies por observação visual, 6 espécies por carcaças de atropelamento e 5 espécies por fezes. Apesar das espécies encontradas serem consideradas generalistas, a composição da comunidade ainda se mostra diversa e com alguns predadores de topo de cadeia. Foram incluídas espécies domésticas (5), tanto por estas se apresentarem como recursos alimentares para animais silvestres, como, por exemplo, em ataques a carneiros por onças-pardas, assim como por serem espécies invasoras e causarem destruição de lavouras (javalis), que geram o uso de medidas letais em retaliação pelos produtores rurais à fauna local, agravando o estado de conservação. As espécies domésticas incluídas também se apresentam eventualmente competidoras (cães e gatos) com a fauna silvestre. Para melhorar as condições ambientais locais, sugere-se a realização de projetos de incentivo à comunidade local, feitos conjuntamente por universidades, organizações não-governamentais e poder público, como o reflorestamento de reservas legais e áreas de proteção ambiental e seu uso para apicultura, turismo rural e/ou ecológico, e a resolução de conflitos entre produtores rurais e fauna local, em casos de predação de carnívoros e invasão por javalis. A presença de animais ameaçados de extinção na região, como o lobo -guará, onça-parda e jaguatirica, podem servir como animais-bandeira nestes projetos e como atrativos ao turismo, gerando novas fontes de renda à população local e um melhor convívio com a vida silvestre.

Palavras-chave: mastofauna, diagnóstico ambiental, conflito humanos-vida silvestre

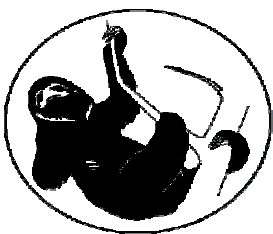
MAMÍFEROS NÃO VOADORES EM ÁREAS PRIORITÁRIAS PARA A CONSERVAÇÃO NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, ES

Daniela Munhoz Rossoni (Escola Superior São Francisco de Assis / ESFA daniela.rossoni@gmail.com)
Bárbara Maria de Andrade Costa (Laboratório de Mamíferos e Biogeografia / UFES)
Lauro Narciso (Faculdade Salesianas)
Anderson Durão (Escola Superior São Francisco de Assis / ESFA)
Marielle Portugal (Laboratório de Mamíferos e Biogeografia / UFES)
Núbia Thomazini (Laboratório de Genética Animal)
Angélica Scaldaferri (Faculdade Espírito Santense)
Leonora Pires Costa (Laboratório de Mamíferos e Biogeografia / UFES)
Yuri Reis Leite (Laboratório de Mamíferos e Biogeografia / UFES)
Valéria Fagundes (Laboratório de Genética Animal)

Área: Diversos **Sub-Área:** Conservação

A maior parte dos remanescentes de Mata Atlântica do Espírito Santo encontra-se na região serrana, situada ao sul do rio Doce, cujo relevo e modelo de colonização permitiram a permanência de expressivos remanescentes florestais, em contraste à grande devastação das matas das regiões de baixadas. A região serrana ainda abriga uma grande biodiversidade, incluindo espécies endêmicas, raras e ameaçadas de extinção, distribuídas em fragmentos florestais, num verdadeiro mosaico de áreas agropecuárias entremeadas por florestas nativas. No mês de abril de 2005 foi realizado um workshop visando à definição de ações e áreas prioritárias para a conservação da Mata Atlântica no estado do Espírito Santo, no qual foram mapeadas 29 áreas para a criação de unidades de conservação. Destas, cinco foram atualmente selecionadas para o desenvolvimento de diagnósticos ambientais através de um projeto participativo desenvolvido pelo IPEMA, Instituto de Pesquisas da Mata Atlântica. Parte integrante ao projeto tem como objetivo inventariar a fauna de mamíferos não voadores presentes nas localidades de: Serra das Torres, Santa Lúcia, Complexo Alto Misterioso, Santa Leopoldina e Delta do Rio Doce. Este estudo encontra-se em andamento e até o momento foram catalogadas as regiões de Serra da Torres (21º 0’ 47.2”S e 41º 15’ 14.8” W), Santa Lúcia situada no município de Santa Teresa (19º 56`10”S e 40º 36`06”W) e o Complexo Rupestre de Altitude Alto Misterioso, localizado na porção centro-oeste do estado (19º48’10.3”S e 040º46’19.2”W), sendo este o primeiro levantamento para a região. Através de métodos de entrevistas com a comunidade local, utilização de play back e busca por vestígios diretos foram catalogadas 34 espécies de mamíferos de médio e grande porte sendo que destas, 12 compõem a Lista Nacional das Espécies da Fauna Brasileira Ameaçadas de Extinção. Através do uso de gaiolas e sherman, foram capturadas 12 espécies de pequenos mamíferos pertencentes às ordens Didelphimorphia (*Philander frenatus*, *Marmosops* sp., *Metachirus* sp.) e Rodentia (*Rhipidomys* sp1, *Rhipidomys* sp2, *Oxymycterus* sp., *Trynomys* sp., *Rattus rattus*, *Oligoryzomys nigripes*, *Akodon cursor*, *Akodon* sp., *Calomys laucha*). Frente à grande riqueza e número de indivíduos da mastofauna não voadora de pequeno, médio e grande porte encontrados, sugere-se que seja considerada premente a criação de uma categoria de unidade de conservação para as áreas inventariadas, que garanta sua conservação. Conhecer a ocorrência e distribuição geográfica das espécies é fundamental para a definição de estratégias de conservação local e regional, e para a manutenção a longo prazo de populações viáveis.

Palavras-chave: mamíferos não voadores, unidades de conservação, Mata Atlântica

Financiadores: Instituto de Pesquisa da Mata Atlântica, IPEMA, Espírito Santo.

LEVANTAMENTO DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE NA RESERVA NATURAL RIO CACHOEIRA, ANTONINA, PARANÁ

Naira Moser (Universidade Tuiuti do Paraná / UTP / nairamoser@hotmail.com)
Juliana Quadros (Universidade Tuiuti do Paraná)
Roberto Fusco-Costa (Instituto de Pesquisas Cananéia / IPeC)

Área: Diversos **Sub-Área:** Conservação

A Floresta Atlântica é considerada um dos principais hotspots de biodiversidade do planeta. Os mamíferos de médio e grande porte compõem um dos grupos mais ameaçados de extinção devido à destruição e fragmentação dos hábitats e à caça excessiva. Ao longo dos meses de maio de 2007 a fevereiro de 2008, o objetivo deste estudo foi levantar informações da ocorrência e distribuição de mamíferos de médio e grande porte na Reserva Natural Rio Cachoeira - RNRC, utilizando armadilhas fotográficas e dados fornecidos pelos guardas-parque a fim de gerar subsídios para o desenvolvimento de um protocolo de monitoramento da mastofauna. Os registros dos guardas-parque foram com base em observação de pegadas, fezes e visualização. Registrou-se um total de 15 espécies com base nos registros feitos pelos guardas-parque e armadilhas fotográficas. Os guardas percorreram um total de 5.197 km de trilhas. Com um baixo esforço amostral de armadilhas fotográficas (170 armadilhas dia), registrou-se oito espécies. Dentre o total de espécies registradas, nove estão ameaçadas de extinção no Paraná. Através das informações obtidas pelos guardas-parque, as espécies mais freqüentes foram o cateto e o puma. Destaca-se a presença, através de pegadas, da onça-pintada em duas ocasiões em áreas com vegetação secundária em estágio médio. A distribuição da anta ficou restrita às áreas de encosta e de difícil acesso. A ausência de registro do queixada em estudos anteriores e neste trabalho indica uma provável extinção local da espécie. A continuidade deste trabalho deve levar em consideração os seguintes aspectos: aumento de intensidade amostral na utilização das armadilhas fotográficas, definição de parâmetros para avaliar a intensidade amostral em relação ao registro dos guardas-parque, definir parâmetros para relacionar os registros das ameaças e a ocorrência das populações de mamíferos nas reservas, e por fim definir um protocolo de monitoramento que possa ser aplicado em outras Unidades de Conservação.

Palavras-chave: Floresta Atlântica, Armadilhas Fotográficas, Guardas-parque, Registros

Financiadores: Conservação Internacional

EXTRAÇÃO MANEJADA DE MADEIRAS E IMPACTO NA MASTOFAUNA DE MÉDIO E GRANDE PORTE NA FLORESTA AMAZÔNICA: O CASO DA FAZENDA MANOA, CUJUBIM-RO

Alexandre Casagrande Faustino (Laboratório de Mastozoologia / UNIR / xandicasagrande@gmail.com)
Mariluce Rezende Messias (Laboratório de Mastozoologia / UNIR)
Bruno Andrey Santos Bacelar Martins (Lab. de Mastozoologia / UNIR)
Raylenne da Silva Araujo (Laboratório de Mastozoologia / UNIR)
Marcela Alvares Oliveira (Laboratório de Mastozoologia / UNIR)

Área: Diversos **Sub-Área:** Conservação

Muito se fala sobre atividades econômicas ambientalmente sustentáveis na Amazônia, mas há poucos estudos que avaliam os danos que causam na biodiversidade. O manejo florestal de baixo impacto procura reduzir o impacto nas interações ecológicas da área explorada, os desperdícios de madeira e aumentar a eficiência das operações de extração. A avaliação do impacto desta atividade na composição, riqueza e abundância relativa da comunidade de mamíferos de médio e grande porte, grupo zoológico que representa a maior porção da biomassa animal deste bioma, poderá balizar a sustentabilidade ambiental desta importante atividade econômica na Amazônia. Este estudo também tem como meta propor medidas mitigatórias para o grupo. A fazenda Manoa, pertencente ao grupo Triângulo Ltda., possui 73.079,15 hectares bem preservados de Floresta Ombrófila densa com quatro fasciações, sem pressão de caça, dos quais 60.689,41 ha (83%) são destinados ao manejo florestal, consistindo na maior área sob Sistema de Manejo Sustentável de todo o estado de Rondônia e única com certificação florestal pelo FSC e Imaflora. Esta área, junto a duas Unidades de Conservação contíguas, totalizam aproximadamente 400.000 ha, maior extensão florestal de todo o norte do estado. O inventário e estimativa populacional utilizou o método de transecção linear em dois sítios amostrais até o momento, com trilhas de 6 km de extensão cada. A área controle - sítio 3 -, localizada próxima à Cachoeira Manoa, é uma área destinada à preservação e está em fase de amostragem. O sítio 1 foi explorado há onze anos (1996/1997) e o sítio 2 há seis anos (2002/2003). Durante um esforço amostral total de 267 km percorridos foram realizados 146 avistamentos de 22 espécies pertencentes à 14 famílias e 6 ordens. 16 espécies foram registradas na área explorada há 11 anos durante 67 avistamentos em 131 km e 17 espécies na área explorada há 4 anos durante 79 avistamentos ocorridos em 136 km de censo. A área explorada há mais tempo apresentou uma taxa média de avistamentos/10km percorridos ligeiramente inferior que a da área explorada há 4 anos: 5,11 e 5,80 respectivamente. Quanto à composição da comunidade, nota-se acentuada diferença entre as duas áreas: no sítio 1 foram registradas cinco espécies não ocorrentes no sítio 2: *Mymercophaga tridactyla*; *Tapirus terrestris*, *Cuniculus paca*; *Saimiri* sp.; *Eira barbara*, e no sítio 2 foram observadas seis espécies não registradas no sítio 1: *Sciurus ignitus*; *Cebus* sp.; *Dasypus kappleri*; *Panthera onca*; *Mazama americana* e *Dasyprocta variegata*.

Palavras-chave: Rondônia, manejo florestal, monitoramento, impacto, sustentabilidade.

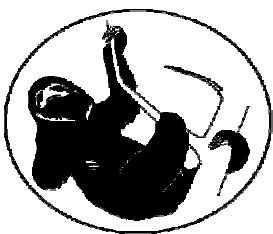
USO DE CORREDORES EM UMA PAISAGEM FRAGMENTADA NA FLORESTA AMAZÔNICA, BRASIL

Fernanda Michalski (Depto. de Ecologia/USP/Inst. Pró-Carnívoros/fmichalski@gmail.com)
Jean Paul Metzger (Depto. de Ecologia/USP)

Área: Diversos **Sub-Área:** Conservação

A fragmentação de habitats influencia a persistência, abundância, e os padrões de movimento de várias espécies de vertebrados em florestas tropicais. Os efeitos de corredores ripários conectando fragmentos florestais sobre a fauna de mamíferos de médio e grande porte foram examinados em 10 corredores na região de Alta Floresta, MT, no sul da Amazônia Brasileira. O comprimento dos corredores amostrados variou de 1011 a 6069 m (média ± erro padrão = 3181 ± 502), a largura máxima variou de 113 a 749 m (média ± erro padrão = 409 ± 71), e a largura mínima variou de 30 a 386 m (média ± erro padrão = 95 ± 49). Dados caracterizando o uso de corredores foram obtidos através de vestígios indiretos (rastros e fezes) e diretos (visualizações e armadilhas fotográficas) durante oito meses (2007-2008). A riqueza (diversidade alfa) e composição de mamíferos em fragmentos e em corredores foram similares (média ± erro padrão = 6 ± 0.4 e 6 ± 0.6, respectivamente), mas divergem da fauna que ocorre em pastos que é empobrecida e menos variável (média ± erro padrão = 2 ± 0.6). Foram obtidas evidências de movimentação de indivíduos de jaguatirica (*Leopardus pardalis*) e onça-pintada (*Panthera onca*) nos corredores através de armadilhamento fotográfico. O uso de corredores foi particularmente importante para as espécies que possuem grandes áreas de vida, como as queixadas (*Tayassu pecari*), e os dependentes de rios, como as ariranhas (*Pteronura brasiliensis*). Embora 67% das espécies de mamíferos registradas neste estudo utilizem corredores de 100 m de largura, a preservação de faixas mais largas, atingindo até 200 m de largura de cada lado dos corpos d?água, é sugerida para favorecer a conservação de espécies mais exigentes em paisagens fragmentadas.

Palavras-chave: Fragmentação, corredores, riqueza, abundância, Amazônia

Financiadores: FAPESP, WCS, Conservation, Food and Health Foundation, CI Brasil, Cleveland Metroparks Zoo

AVALIAÇÃO DA CAÇA SOBRE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE DA ILHA DE CANANÉIA, ILHA COMPRIDA E ILHA DO CARDOSO, SUDESTE DO ESTADO DE SÃO PAULO

Carolina Carvalho Cheida (Projeto Carnívoros / IPeC / carolcheida@yahoo.com.br)
Bianca Ingberman (Projeto Primatas / IPeC)
Roberto Fusco-Costa (Projeto Carnívoros / IPeC)
Eduardo Nakano-Oliveira (Projeto Carnívoros / IPeC)
Renato Garcia Rodrigues (Projeto Pequenos Mamíferos / IPeC)
Emygdio Monteiro-Filho (Instituto de Pesquisas Cananéia / IPeC)

Área: Diversos **Sub-Área:** Conservação

Mamíferos de médio e grande porte são animais muito vulneráveis à caça. Em Unidades de Conservação (UCs) de um dos maiores remanescentes de Mata Atlântica (Parque Estadual Ilha do Cardoso, APA Federal Iguape-Cananéia-Peruíbe e APA Estadual Ilha Comprida; litoral sul de São Paulo), sabe-se de atividades de caça praticadas por moradores locais. Este estudo teve como objetivos investigar a prática de caça nessas UCs, espécies caçadas e presença de animais domésticos (cães/gatos) nas matas. Através de questionário estruturado, foram entrevistados 39 moradores locais (homens caçadores atuais/ex-caçadores: 37 caiçaras e dois índios guarani M?bya). Estes foram questionados sobre 20 espécies/morfo-espécies da região (por fotos: Didelphimorphia, Cingulata, Pilosa, Primates, Carnivora, Perissodactyla, Artiodactyla e Rodentia). 59% declararam praticar caça nos últimos cinco anos; e, daqueles 41% que não caçam mais, a maioria diz ter parado há 20-35 anos. Principal motivo da caça é lazer (67%), incluindo consumo da carne. Atualmente, apenas 10% caçam por necessidade. A maior freqüência de caça é de 1-3 vezes/mês (44%); mas há 17% que caçam 1-5 vezes/semana. Dos 23 atuais caçadores, 65% afirmam ter caçado mais antigamente; destes, 54% o fizeram devido à “menor quantidade de animais na mata” e 53% devido à “proibição” (motivos citados isoladamente+conjuntamente). Daqueles que dizem haver hoje em dia menor quantidade de animais nas matas da região, 48% diz ser devido à caça. Daqueles que caçaram nos últimos cinco anos, 83% o fizeram na Ilha do Cardoso, 46% na Ilha Comprida e 13% Ilha de Cananéia. Principais espécies/morfo-espécies caçadas são *Cuniculus paca* (100% dos entrevistados), *Nasua nasua* (95%), Dasypodidae (92%), *Tayassu pecari* (90%), *Dasyprocta leporina* (87%), *Pecari tajacu* (82%), *Hydrochoerus hydrochaeris* (82%), *Mazama* spp. (79%), *Didelphis* spp. (77%), *Tamandua tetradactyla* (67%) e *Alouatta clamitans* (41%); a única espécie não caçada foi *Eira barbara*. Mamíferos mais fáceis para caçar são *Cuniculus paca* (31%), Dasypodidae (21%) e Tayassuidae (21%). Método de caça mais utilizado (atual e antigamente) é procura ativa com cão (74%), apesar do mundéo possuir maior capturabilidade (33%). 18% ainda vendem caça, 21% venderam há mais de cinco anos e 56% nunca venderam. Espécie mais vendida foi *Cuniculus paca* (47%). Com relação a animais domésticos, 54% possuem cachorros/gatos e, destes, 41% admitem que seus animais caçam, principalmente, Dasypodidae (71%), *Didelphis* spp. (43%) e *Nasua nasua* (43%). Principais sugestões (medidas mitigatórias) propostas as UCs envolvem fiscalização, apoio a pesquisas com espécies cinegéticas (como *Culiculus paca*), educação ambiental e campanhas de castração de animais domésticos.

Palavras-chave: mamíferos, Mata Atlântica, caça, caiçaras, Unidades de Conservação

Financiadores: Fundação O Boticário de Proteção à Natureza (FBPN).

AVISTAGENS CONFIRMADAS DO PEIXE-BOI DAS ANTILHAS (*TRICHECHUS MANATUS*), NA COSTA LESTE DA ILHA DE MARAJÓ. NORTE DO BRASIL

Siciliano, S. (GEMM-Lagos, ENSP/FIOCRUZ / sal@ensp.fiocruz.br)
Emin-Lima, N.R. (GEMAM, Projeto Piatam Oceano, MPEG, Belém-PA & ENSP/FIOCRUZ)
Costa, A.F. (GEMAM, Projeto Piatam Oceano, MPEG, Belém-PA)
Rodrigues, A.L.F. (GEMAM, Projeto Piatam Oceano, MPEG, Belém-PA)
Sousa, M.E.M. (Graduação em Oceanografia, Universidade Federal do Pará-UFPA)

Área: Diversos **Sub-Área:** Conservação

O peixe-boi marinho (*Trichechus manatus*) e o peixe-boi amazônico (*T. inunguis*) eram tão abundantes no norte do Brasil que poderiam ser caçados às dezenas numa simples ocasião. Em meados dos anos 80, as estatísticas do governo brasileiro ainda reportavam a caça comercial de peixes-boi. Caçados impiedosamente ao longo de décadas no norte do Brasil, o peixe-boi-marinho (*T. manatus*) e amazônico (*T. inunguis*) foram quase levados à extinção ao longo da Costa Amazônica. Por décadas, informações sobre a ocorrência das duas espécies no delta do rio Amazonas eram escassas. A possibilidade de ocorrência simpátrica das espécies em uma larga extensão da costa brasileira tem intrigado os cientistas há tempos. Particularmente, no caso do peixe-boi-marinho, que ainda pode ser visto em alguns trechos do litoral nordestino brasileiro, acreditava-se que os anos de matança sem intervenção haviam resultado na sua completa dizimação ao longo da zona costeira paraense. A escassez de registros de peixe-boi-marinho na costa norte, assim como a confirmação da existência de simpatria entre ele e o peixe-boi amazônico, deve estar diretamente relacionada ao pequeno esforço de pesquisas na região. Após o achado de um crânio de peixe-boi marinho em Soure, em 2005, uma série de visitas de campo para monitoramento de praias vem sendo conduzida desde 2006, com idas regulares à costa marajoara a cada dois meses. O crânio mencionado (MPEG 37815) representa a confirmação do registro de um peixe-boi-marinho para a costa do Pará em décadas. Com apoio dos projetos Piatam Mar e Piatam Oceano, as excursões de campo já proporcionaram duas observações de peixes-boi-marinho, avistados na praia do Garrote, em fevereiro e maio de 2007. Além disso, os pesquisadores do GEMAM também vêm obtendo relatos de avistagens realizadas por pescadores e moradores locais, confirmando a ocorrência da espécie na área. Os dados apresentados sobre a ocorrência do peixe-boi na Ilha de Marajó mostram a habilidade de um mamífero marinho de se recuperar apesar das pressões sofridas no passado, representando assim uma esperança para o futuro da espécie.

Palavras-chave: Peixe-boi marinho, avistagens, Ilha de Marajó

Financiadores: Piatam Oceano

ESTABELECIMENTO DE UM BANCO DE TECIDOS E DE DNA PARA A MASTOFAUNA DO PANTANAL: CONTRIBUIÇÃO À CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE

André Luis Freitas de Avellar (Bolsista CNPq / Embrapa Pantanal / biologyc@hotmail.com)
Ubiratan Piovezan (Embrapa Pantanal)
Sandra Aparecida Santos (Embrapa Pantanal)
Raquel Soares Juliano (Embrapa Pantanal) Samuel Rezende Paiva (Embrapa CENARGEN)
Andréa Alves do Egito (Embrapa CENARGEN)
Artur da Silva Mariante (Embrapa CENARGEN)

Área: Diversos **Sub-Área:** Conservação

A diversidade biológica inclui todas as espécies vivas, a variação genética entre os indivíduos de uma população, as comunidades biológicas nas quais as espécies ocorrem e as interações dos ecossistemas no qual as comunidades evoluem. A conservação dos recursos da biodiversidade depende em grande parte de conhecimento sobre a diversidade genética das espécies. A Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia (CENARGEN) juntamente com a Embrapa Pantanal vêm consolidando um banco de amostras de tecidos e pêlos de animais silvestres e raças domésticas naturalizadas do Pantanal. Foram coletados pêlos de animais vivos e tecido muscular de animais encontrados mortos em rodovias. Desde seu inicio, em setembro de 2006, o projeto de cooperação entre as instituições acumulou 100 amostras de cavalo Pantaneiro, 65 amostras de bovino Pantaneiro, além de amostras de animais silvestres: cinco queixadas (*Tayassu pecari*), cinco porcos monteiros (*Sus scrofa*), uma anta (*Tapirus terrestris*), uma irara (*Eira barbara*), um mão pelada (*Procyon cancrivorus*), dois cachorros do mato (*Cerdocyon thous*), um bugio (*Alouatta caraya*), dois tatus peludos (*Euphractus sexcintus*), tamanduá mirim (*Tamandua tetradactyla*) incluindo também espécies ameaçadas de extinção como três tamanduás bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*), um lobo guará (*Chrysocyon brachyurus*) e uma suçuarana (*Puma concolor*) (licença junto ao IBAMA número 015/2007). Uma das principais justificativas para o enriquecimento do banco estabelecido é disponibilizar amostras de DNA desses animais, evitando novas coletas em campo, sobretudo no caso de espécies ameaçadas. Apesar de recente, a iniciativa já mantém amostras das principais famílias de grandes mamíferos que ocorrem no Pantanal: Tayassuidae, Suidae, Tapiridae, Canidae, Felidae, Mustelidae, Procyonidae, Cebidae, Dasypodidae e Myrmecophagidae. O projeto é uma iniciativa de longo prazo da Embrapa, com apoio do CNPq e o acesso ao material depositado será gerenciado por um comitê curador.

Palavras-chave: biodiversidade, conservação, genética, banco de tecido

Financiadores: CNPq

INVENTARIAMENTO E MONITORAMENTO DA FAUNA DE MAMÍFEROS NÃO-VOADORES DA MINA CÓRREGO DO FEIJÃO, MUNICÍPIO DE BRUMADINHO, MINAS GERAIS

Santiago, F. L. (MCN PUCMinas, fernandalirasantiago@gmail.com)
Kraemer, B. M. (MCN PUCMinas)
Almeida, A. F. R. (VALE)
Câmara, E.M.V.C. (MCN PUCMinas)

Área: Diversos **Sub-Área:** Conservação

A mineração é um dos setores básicos da economia do país, sendo as dimensões dos impactos sobre a fauna silvestre ainda pouco elucidados. Dentre as formas de diagnosticar esses impactos estão os levantamentos e monitoramentos faunísticos. Minas Gerais é líder na produção mineral do País contendo, atualmente, 79 minas. Paralelo a essa riqueza o estado possui alta diversidade biológica abrigando uma rica fauna. Com o avanço da economia, o Estado vem sofrendo alta e contínua pressão, principalmente na exploração de matéria prima, tornando urgente estudo da conservação e uso sustentável de seus recursos naturais. O objetivo deste trabalho foi diagnosticar os impactos da mineração sobre os mamíferos não-voadores através do inventário e monitoramento das áreas de influência da mina Córrego do Feijão. Esta mina está localizada no município de Brumadinho, Minas Gerais, em uma região entre os domínios da Mata Atlântica e Cerrado. Neste estudo foram realizadas seis campanhas, entre abril de 2005 e agosto de 2007, abrangendo as estações úmida e seca. Os pequenos mamíferos não-voadores foram estudados através da metodologia de captura-marcação-recaptura, em seis transectos de amostragem. Cada transecto possuía vinte armadilhas e dez postos de captura. As armadilhas eram iscadas com uma mistura de banana, óleo de sardinha, pasta de amendoim, aveia e canjiquinha. Estas ficaram abertas durante quatro noites consecutivas e eram vistoriadas pela manhã. Os mamíferos de médio e grande porte foram amostrados através de diferentes métodos, como censo em transectos, busca por vestígios playback. Foram registradas vinte e quatro espécies de mamíferos não-voadores: um Artiodactyla (*Mazama* sp.), três Didelphimorphia (*Didelphis albiventris*, *Marmosops incanus* e *Micoureus* sp.), seis Carnivora (*Chrysocyon brachyurus*, *Cerdocyon thous*, *Puma yaguaroundi*, *Nasua nasua*, *Procyon cancrivorus* e *Eira barbara*), um Lagomorpha (*Sylvilagus brasiliensis*), dois Primates (*Callithrix penicilatta* e *Callicebus nigrifrons*), dez Rodentia (*Akodon montensis*, *Nectomys squamipes*, *Oligoryzomys eliurus*, *Cerradomys subflavus*, *Rhipidomys mastacalis*, *Guerlinguetus aestuans* e *Oxymycterus* sp., *Sphiggurus villosus*, *Cuniculus paca*, *Hydrochaerus hydrochaeris*) e um Xenarthra (*Dasypus* sp.). A fragmentação de hábitats, caça nos remanescentes da mina, tráfego de veículos e pessoas e alterações nos ambientes naturais, como construções de barragens e desvios de cursos d`água foram os principais impactos responsáveis por alterações nas comunidades de mamíferos. Foi verificada a dependência de muitas espécies das áreas preservadas. O plantio e enriquecimento das áreas com espécies vegetais nativas, repressão à caça e minimização da fragmentação são ações essenciais para manutenção da mastofauna na região.

Palavras-chave: monitoramento, mastofauna, impactos, mineração

Financiadores: VALE

MASTOFAUNA DE MÉDIO E GRANDE PORTE DA ESTAÇÃO ECOLÓGICA DA UHE RONDON II: UM ESTUDO VOLTADO À ANÁLISE DA CAPACIDADE DE SUPORTE DA UC

Bruno Andrey Santos Bacelar Martins (Laboratório de Mastozoologia / UNIR / brunobacelar4@gmail.com)
Mariluce Rezende Messias (Laboratório de Mastozoologia/UNIR)
Alexandre Casagrande Faustino (Laboratório de Mastozoologia/UNIR)
Raylenne da Silva Araújo (Laboratório de Mastozoologia/UNIR)
Laiz Heckmann Barbalho (Laboratório de Mastozoologia/UNIR)

Área: Diversos **Sub-Área:** Conservação

A Estação Ecológica da UHE Rondon II, localizada no município de Pimenta Bueno - porção sudeste do estado de Rondônia - é uma área representativa de ecossistemas brasileiros destinada à realização de pesquisas básicas e aplicadas de ecologia, proteção do ambiente natural e ao desenvolvimento da educação conservacionista. Os efeitos negativos sobre a fauna silvestre existente em áreas de reservatório de Usinas Hidrelétricas são inevitáveis e irreversíveis e a UHE Rondon II não foge à regra. O presente trabalho tem como objetivo geral inventariar e estimar as populações das espécies da mastofauna diurna de médio e grande porte ocorrentes na E. E. da UHE Rondon II com vistas a avaliar a capacidade de suporte da área para eventuais solturas de animais resgatados durante o enchimento do reservatório desta hidrelétrica. Esta UC está localizada em uma região ecotonal entre a floresta amazônica e o cerrado, possuindo uma área de 5.228 ha, e apresenta as seguintes tipologias vegetais: floresta ombrófila aberta alta, floresta ombrófila aberta baixa e floresta de várzea. O método utilizado para o estudo foi o de transecção linear, sendo que até o presente momento foi empregado um esforço amostral de 180 km, sendo registradas 17 espécies pertencentes à 10 famílias e 6 ordens. A abundância relativa do grupo alvo expressa pela taxa média geral de avistamentos/10 km foi de 3,8. Esta média é baixa se comparada com outras localidades de Rondônia próximas ao sítio amostral, como em uma UC em Ouro Preto do Oeste, município localizado a 225 km de Pimenta Bueno, foi de 8,7 avistamentos / 10km percorridos em 41 km de censo. Na área de estudo, Primates teve uma taxa de avistamentos / 10 km percorridos superior a dos animais não-primatas: 2,55 e 1,25 respectivamente. Dentre os não primatas, *Tapirus terrestris* (anta) - categorizada como vulnerável pela IUCN - com 0,16 avistamentos / 10 km, é localmente comum, porém, é caçada excessivamente, por sua carne e sua pele serem muito apreciadas. A maior abundância relativa encontrada foi a de *Cebus apella* (macaco-prego), que correspondeu a 22,8% de todos os avistamentos registrados (0,88 avistamentos / 10km). Isso se deve possivelmente por essa espécie apresentar maior capacidade adaptativa à ambientes com certo grau de antropização, pois são muito inteligentes e generalistas quanto à sua dieta e hábitat. É possível que a soltura de muitos animais dessa espécie na área de estudo ocasione competição intra e interespecífica por alimentos, levando a um desequilíbrio ecológico nesta UC.

Palavras-chave: Impacto ambiental, ecótono, Amazônia, desequilíbrio ecológico

ASPECTOS DA ETNOZOOLOGIA DOS URU-EU-WAU-WAU, RONDÔNIA

Marcela Alvares Oliveira (ECOVERT / IDSM / marcela.mugrabe@gmail.com)
Mariluce Rezende Messias (Lab. de Mastozoologia e Taxidermia/UNIR)
Nátia Regina Nascimento Braga (Laboratório de Mastozoologia e Taxidermia / UNIR)

Área: Diversos **Sub-Área:** Conservação

O estudo foi realizado na aldeia São Luiz da Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau, localizada na região centro-ocidental do estado de Rondônia, pertencente ao município de Guajará-Mirim, na margem direita do rio Pacaás Novos. Esta TI sobrepõe-se parcialmente ao Parque Nacional Pacaás Novos. A aldeia conta com sete famílias, sendo a produção de farinha e plantação da mandioca a base da renda familiar. Foram identificados três caçadores ativos na faixa etária de 14 a 28 anos na comunidade. Para a coleta de dados da atividade de caça e levantamento da mastofauna foram aplicados questionários semi-estruturados com os caçadores. Na compilação da lista das espécies de mamíferos ocorrentes na área também foram considerados os animais registrados nas trilhas de uso para caça, vocalizações, crânios, peles, tocas, fezes e avistamentos nas margens do rio durante deslocamentos fluviais, além de animais abatidos. Ocorre rotatividade nas áreas de caça e a mesma não é exercida no entorno da aldeia, salvo quando ocorre a iniciação. Com o acúmulo de experiência se passa a utilizar áreas mais distantes. Tanto a rotatividade como o uso de áreas distantes da aldeia foram apontadas como medidas tomadas para a sustentabilidade da atividade de caça a longo prazo. Foram apontadas três espécies com tabu-alimentares: o veado-roxo *Mazama gouazoubira*, tatu-canastra *Priodontes maximus* e macaco-aranha ou coatá *Ateles chamek*. Os dois primeiros são considerados animais que trazem azar ao caçador e o macaco-aranha por ter uma carne muito gordurosa. Foram registradas um total de 48 espécies de mamíferos, sendo um marsupial, nove primatas, 14 carnívoros, um perissodáctilo, quatro artiodáctilos, um cetáceo e oito roedores. Dezoito espécies encontram-se nas listas de espécies ameaçadas de extinção (CITES, IUCN e IBAMA), das quais oito sofrem pressão de caça pelos caçadores locais. A TI Uru-Eu-Wau-Wau é uma área de grande importância conservacionista devido ao grande número de táxons encontrados, muitos dos quais sofrem algum tipo de ameaça. A rotatividade de áreas de caça e preservação de algumas espécies pode estar ajudando a manter a diversidade de mamíferos na área da aldeia.

Palavras-chave: Amazônia sul-ocidental, Rondônia, Caça, Terra Indígena, Mamíferos

Financiadores: IBAMA

LEVANTAMENTO FAUNÍSTICO DE MAMÍFEROS DO REMANESCENTE FLORESTAL DA SERRA DA CONCÓRDIA (RJ)

Paula Martins Ferreira (Departamento de Ecologia, UERJ - paulamf84@hotmail.com)
Nina Attias (Departamento de Ecologia - UERJ)
Thiago Carvalho Modesto (Departamento de Ecologia - UERJ)
Flávia Soares Pessoa (Departamento de Ecologia - UERJ)
Hermano Albuquerque (Departamento de Ecologia - UERJ)
Tássia Nogueira Jordão (Departamento de Ecologia - UERJ)
Luiza Santos Oliveira (Departamento de Ecologia - UERJ)
Daniel S.L. Raíces (Departamento de Ecologia - UERJ)
Carlos Eduardo L. Esbérard (Instituto de Biologia - UFRRJ)
Helena de Godoy Bergallo (Departamento de Ecologia - UERJ

Área: Diversos **Sub-Área:** Conservação

A Mata Atlântica é um dos centros de endemismo global por abrigar grande biodiversidade de fauna e flora. Apesar de sua relevância, esse bioma sofre bastante pressão antrópica e encontra-se extremamente fragmentado. Em função de toda a sua representatividade e de sua proximidade dos centros de pesquisa, o número de publicações relacionadas ao bioma é elevado. Entretanto a falta de conhecimento sobre alguns táxons de mamíferos, no Estado do Rio de Janeiro, deve-se à escassez de inventários faunístico e a problemas taxonômicos. O município de Valença, localizado na Região Turístico-Cultural do Médio Paraíba, abriga um dos fragmentos mais importantes do Estado, o remanescente florestal da Serra da Concórdia. Este fragmento é dos poucos remanescentes de Floresta Semidecídua, que possui apenas 10% de sua área vegetada, situado no Estado do Rio de Janeiro. O presente trabalho levantou dados sobre a fauna de mamíferos do Santuário da Vida Silvestre da Serra da Concórdia, uma fazenda de 295 ha situado na Serra da Concórdia. No inventário foram utilizadas diferentes estratégias de registro, tais como armadilhas de queda, armadilhas de captura viva (*sherman* e *tomahawk*), armadilhas fotográficas, redes de neblina e transecções, além de entrevistas com caçadores. No decorrer do levantamento foram capturadas 37 espécies de mamíferos terrestres, e outras 11 espécies foram relatadas por caçadores locais, sendo seis espécies da Ordem Didelphimorphia, cinco espécies de Edentata, três espécies de Primates, 16 espécies de Chiroptera, sete espécies de Carnívora, duas espécies de Artiodactyla, oito espécies de Rodentia e um Lagomorpha. As espécies capturadas representam um total de 22,3% das espécies de mamíferos do Estado do Rio de Janeiro, entre estas, seis são endêmicas da Mata Atlântica, uma é endêmica do Estado e oito estão na lista de espécies ameaçadas. A região de estudo, além de apresentar uma quantidade expressiva de espécies de mamíferos, abriga espécies endêmicas e ameaçadas importantes, demonstrando ser um local considerável para implementação de pesquisas e estratégias de conservação futuramente.

Palavras-chave: Fragmento, Valença, espécies ameaçadas, conservação

INVENTÁRIO PRELIMINAR DOS MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE NAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DE PROTEÇÃO INTEGRAL NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

André A. Cunha (Lab. Mastozoologia e Manejo de Fauna - PPG-ECMVS, UFMG / cunha.andre@gmail.com)
Carlos Eduardo Viveiros Grelle (Lab. Vertebrados, UFRJ)
Jean Philiphe Boubli (Dept. Anthropology, Univ. Auckland, NZ)

Área: Diversos **Sub-Área:** Conservação

Os mamíferos de médio e grande porte compreendem um dos grupos mais ameaçados de extinção por ações antrópicas. Além de um desafio, a conservação desta taxocenose na hiperfragmentada e densamente povoada Mata Atlântica é uma estratégia promissora para a preservação da biodiversidade e dos serviços ecossistêmicos. Em um levantamento das populações remanescentes de muriquis (*Brachyteles* spp.), a comunidade de mamíferos foi preliminarmente inventariada em cinco unidades de conservação (UC) do estado do Rio de Janeiro (PN Serra dos Órgãos, PN Itatiaia, PE Desengano, PE Três Picos, APA Cairuçu), através de observação direta em caminhadas diurnas, rastros, vocalizações, e relatos. Entre junho de 2005 e novembro de 2006, realizamos 24 expedições totalizando 116 dias de esforço de campo. Foram registrados cinco primatas (*Brachyteles arachnoides*, *Alouatta guariba*, *Cebus nigritus*, e *Callithrix aurita*), oito carnívoros (*Eira barbara*, *Potos flavus*, *Procyon cancrivorus*, *Nasua nasua*, *Leopardus pardalis*, *Puma concolor*, *Puma yagouaroundi*, *Panthera onca*), três roedores (*Sciurus aestuans*, *Agouti paca*, *Dasyprocta leporina*), dois xenartas (*Dasypus* sp., *Tamandua tetradactyla*), e dois artiodáctilos (*Tayassu pecari*, *Pecari tajacu*), sendo *Panthera onca* e *Potos flavus* registrados apenas em relato. P. onca e Tayassu pecari ocorrem em uma UC cada. O número de espécies registradas (exceto relatos) é explicado pelo esforço em cada UC (P= 0,008, r= 0,93). *Sciurus aestuans*, *Nasua nasua*, *Cebus nigritus*, e *Alouatta guariba*, foram as espécies mais comuns. No mínimo de 5 a 13, ou de 8 a 15 espécies (incluindo relatos) estão presentes nas localidades visitadas. A caça é uma ameaça freqüente, e a reduzida abundância aparente das espécies aumenta as chances de extinções locais, como aconteceu com *Tapirus terrestris*. Dado a exigência metabólica e de habitat destas espécies é fundamental entender os padrões de movimento dentro das UCs e seus entornos. Devido as áreas relativamente pequenas, estas UCs isoladamente não abarcam populações viáveis para a maioria destas espécies. Somente um planejamento regional para conservação envolvendo todas as unidades da paisagem poderá garantir a permanência destas espécies em médio e longo prazo. Neste contexto, a estratégia de espécies-paisagem parece adequada, caso aplicada preliminarmente com enfoque de manejo adaptativo-ativo experimental poderá fornecer subsídios técnicos para o planejamento em conservação em outras paisagens e biomas brasileiros.

Palavras-chave: Mata Atlântica, parques, espécies ameaçadas, espécies endêmicas

Financiadores: Conservação Internacional do Brasil.

NOTAS SOBRE ATROPELAMENTO DE MAMÍFEROS NA RODOVIA AP-070, MACAPÁ, AMAPÁ

Carlos Eduardo Costa Campos (Depto. de Ciências Biológicas / UNIFAP / LABZOO ceccampos@unifap.br)
Dayse Swélen da Silva Ferreira (UNIFAP / LABZOO)
Pamela Nayara Barros Silva (UNIFAP / LABZOO)
Mariana Chandaliê Costa Cardoso (UNIFAP / LABZOO)
Andréa Soares Araújo (Depto. de Ciências Biológicas / UNIFAP / LABZOO)

Área: Diversos **Sub-Área:** Conservação

O atropelamento de animais é um problema pouco ressaltado entre as questões que envolvem a ameaça das espécies da fauna brasileira. O impacto por atropelamento é grande e no Brasil ainda são poucos os estudos, embora estudos já realizados demonstrem que é significativa a perda de fauna em rodovias. Objetivando realizar um estudo de identificação sistemática de carcaças de mamíferos e apresentar percentuais sobre o número de indivíduos e a freqüência de atropelamentos, este estudo foi realizado na Rodovia AP-070, que liga a comunidade quilombola do Curiaú até a Vila de Santo Antônio da Pedreira, compreendendo 36 quilômetros. Os dados foram coletados durante o período de janeiro a dezembro de 2007, através de viagens mensais a Rodovia AP-070, com a finalidade de localizar animais mortos e, através de informações fornecidas pela comunidade local. Foram identificadas 15 espécies pertencentes a cinco ordens e nove famílias: Didelphimorphia, Didelphidae, *Didelphis aurita* e *Monodelphis brevicaudata*; Xenartha, Myrmecophagidae, *Mymercophaga tridactyla* e *Tamandua tetradactyla*, Dasypodidae, *Euphractus sexcinctus*; Carnivora, Felidae, *Leopardus wiedii*, Canidae, *Cerdocyon thous*, Procyonidae, *Nasua nasua*; Artiodactyla, Tayassuidae, *Pecari tajacu* e *Tayassu pecari*, Cervidae, *Mazama americana* e Rodentia, Caviidae, *Cuniculus paca*, *Hydrochoerus hydrochaeris*, *Dasyprocta leporina*, Erethizontidae, *Sphigurus melanurus*. Do total de carcaças identificadas, 38% são pertencentes a Ordem Carnivora, 26% a Ordem Xenartha e 17% a Ordem Didelphimorphia. O alto número de indivíduos de *Cerdocyon thous* atropelados mostra um quadro similar ao que ocorre no Brasil Central. O baixo número de registros de espécies de grande porte já seria esperado devido a essas espécies ocorrerem naturalmente em baixa densidade e tiveram sua distribuição reduzida pela ação do homem (desmatamento e caça).

Palavras-chave: Curiaú, mamíferos, Canidae.

LEVANTAMENTO DE MAMÍFEROS TERRESTRES POR MEIO DE VESTÍGIOS, VISUALIZAÇÕES E RELATOS NO PARQUE ESTADUAL NOVA BADEN. LAMBARI-MG

Adriane Calaboni (Laboratório e Museu de Zoologia / UNIFAL-MG / bioadriane@yahoo.com.br)
Vinícius Xavier da Silva (Lab. e Museu de Zoologia / UNIFAL-MG)

Área: Diversos **Sub-Área:** Conservação

A diversidade biológica das regiões tropicais é atualmente a mais ameaçada e não há perspectiva de quanto tempo levará para se ter conhecimento suficiente sobre ela antes que desapareça. É necessário saber quais espécies estão presentes em um determinado ecossistema a fim de se avaliar suas condições, pois não há como estimar precisamente o número de espécies que estão extinguindo-se justamente pelo fato de não haver dados das espécies que originalmente estavam presentes. No Parque Estadual Nova Baden localiza-se um dos últimos remanescentes de Mata Atlântica no sul do Estado de Minas Gerais e, assim como o restante dos remanescentes, encontra-se ameaçado por pastagens, vilas, entre outros fatores. O Parque é caracterizado por floresta semidecidual cujo solo adequa-se melhor à agricultura que o solo de florestas tropicais úmidas. A exploração desse solo é uma das grandes causas da destruição de florestas tropicais, que se tornou sinônimo de perda de espécies. O objetivo do presente trabalho foi obter dados sobre a mastofauna terrestre presente no parque e caracterizá-la por meio da análise de pegadas, vestígios, visualizações de espécimes e também relatos. Foram realizadas 4 excursões de agosto a dezembro de 2006 e uma excursão de 15 dias entre janeiro e fevereiro de 2007 abrangendo 30 dias de trabalho em campo. Foram realizados monitoramento das trilhas, da estrada próxima ao parque além de observações de espécimes, vocalizações e relatos. Foram registradas 12 espécies e/ou gêneros de mamíferos terrestres no período de estudo. São eles: *Didelphis aurita* (Ordem Didelphimorphia, Família Didelphidae); *Dasypus novemcinctus* (Ordem Xenarthra, Família Dasypodidae); *Cebus* sp., *Callithrix aurita* (Ordem Primates, Família Cebidae); *Callicebus* sp. (Ordem Primates, Família Pitheciidae); *Allouatta guariba clamitans* (Ordem Primates, Família Atelidae); *Leopardus* sp. (Ordem Carnivora, Família Felidae); *Nasua nasua* (Ordem Carnivora, Família Procyonidae); *Eira barbara* (Ordem Carnivora, Família Mustelidae); *Mazama americana* (Ordem Artiodactyla, Família Cevidae); *Sylvilagus brasiliensis* (Ordem Lagomorpha, Família Leporidae); *Guerlinguetus* sp. (Ordem Rodentia, Família Sciuridae). Embora houvesse a necessidade de mais tempo para o desenvolvimento do trabalho, foi possível registrar várias espécies, muitas das quais já registradas em levantamentos anteriores na mesma área. Apenas o registro de irara (*Eira barbara*) não consta nos mesmos. Espécies como *Eira barbara* (irara) e *Callithrix aurita* (sagüi-caveirnha) comprovam a importância ecológica do remanescente e demonstram a necessidade levantamentos de fauna frequentes no Parque com o intuito de garantir medidas de conservação.

Palavras-chave: Mata Atlântica, remanescente, conservação, mastofauna

CBMz

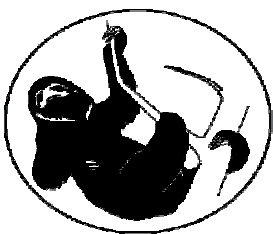
O JAVALI ASSELVAJADO NO MUNICÍPIO DE RIO GRANDE, RIO GRANDE DO SUL: REGISTROS DE OCORRÊNCIA E OBSERVAÇÕES PRELIMINARES DE IMPACTOS

Fernando Marques Quintela (Pós-Graduação Biologia de Ambientes Aquáticos Continentais / FURG / boiruna@yahoo.com.br)
Maurício Beux dos Santos (Laboratório de Genética / FURG)

Área: Diversos **Sub-Área:** Conservação

O javali *Sus scrofa* é um suídeo cuja distribuição original de se estende da Europa continental até as ilhas de Java e Sumatra. No Brasil, acredita-se que a invasão por essa espécie exótica tenha ocorrido pelas fronteiras com o Uruguai e Argentina, além do transporte clandestino de exemplares em caminhões para fins de criação. A grande extensão dos impactos ambientais causados por esta espécie levaram a ISSG (Invasive Species Specialists Group) a incluí-la na lista das 100 piores espécies invasoras. Esse trabalho reporta a ocorrência de javalis asselvajados e porcos-monteiros no município de Rio Grande (31°47’02’’- 32°39’45’’ S; 52°03’50’’ - 52°41’50’’ W), região sul da Planície Costeira do Rio Grande do Sul. Os encontros ocorreram entre dezembro de 2007 e março de 2008. Neste período, um grupo familiar de seis indivíduos (dois adultos e quatro juvenis) foi avistado na mata ciliar do arroio Bolaxa, nos domínios da Área de Proteção Ambiental da Lagoa Verde (APA Lagoa Verde) (32º09’S; 52º11’W), enquanto que avistamentos de outros quatro indivíduos ocorreram em um fragmento de mata palustre conhecido localmente como “Mata da Estrada Velha” (32º07’S; 52º09’W). A presença da espécie nestes fragmentos florestais foi também determinada através dos registros de rastros (fezes, pegadas e fuçadas), abundantes nestas localidades. Apesar do curto período de monitoramento de presença da espécie exótica invasora, algumas observações preliminares sobre os impactos causados podem ser aqui relatadas, tais como: a) notável redução nos avistamentos e encontros de vestígios (rastros e fezes) de espécies nativas no interior dos fragmentos florestais, principalmente carnívoros, roedores de médio e grande porte e xenartros; b) sobreposição de dieta com a espécie nativa *Cerdocyon thous* (Carnivora: Canidae), determinada através da presença de frutos de *Syagrus romanzoffiana* (jerivá) em amostras de fezes de ambas as espécies; c) destruição da cobertura vegetal original durante as atividades de forrageamento e deslocamento dos indivíduos. O avistamento de um grupo familiar de javalis com quatro juvenis no interior da mata do arroio Bolaxa (APA Lagoa Verde) indicam que a espécie está se reproduzindo nos ambientes naturais, sendo necessário, portanto, medidas imediatas de controle ou manejo na região. O presente registro, portanto, inclui o município de Rio Grande na relação dos municípios rio-grandenses com ocorrência confirmada da espécie em vida livre, somando-se até o momento 32 localidades.

Palavras-chave: espécie exótica, sobreposição de dieta, fragmentos florestais

Financiadores: CAPES

DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DE GRANDES FELINOS E ABUNDÂNCIA RELATIVA DE MAMÍFEROS EM UMA ÁREA DE MATA ATLÂNTICA COSTEIRA DO BRASIL

Rogério Martins (Projeto Jaguar/projetojaguar@itelefonica.com.br)
Aline Borini (Projeto Jaguar)

Área: Diversos **Sub-Área:** Conservação

A Estação Ecológica de Juréia-Itatins (E.E.J.I.) é um dos poucos locais da Mata Atlântica que possui fauna de mamíferos naturalmente estruturada, que vive em ecossistemas heterogêneos associados de vegetação nativa. Tendo em vista estas características, investigou-se a distribuição dos felinos de grande porte, suas abundâncias relativas e de outros mamíferos da região. Em busca de pegadas, foram percorridos 410 km nas trilhas da Juréia, em ecossistemas de restinga, encosta, mangue, duna e praia. Os registros só foram válidos quando as pegadas eram recentes e havia chovido no dia anterior. Para reconhecimento dos níveis de preservação da região de entorno, foram feitos vôos em ultraleve. O resultado da abundância relativa (pegadas/km) na E.E.J.I. foi: *Tapirus terrestris*, 0,063; *Mazama* sp. 0,061; Taiassuídae (bando), 0,022; Dasypodidae, 0,031; *Agouti paca*, 0,027; *Dasyprocta leporina*, 0,037; *Cerdocyon thous*, 0,071; *Procyon cancrivorus*, 0,032; *Leopardus pardalis*, 0,056; *Puma concolor*, 0029 e apenas 0,002 para *Panthera onca*. A onça-parda distribui-se por toda Estação Ecológica e entorno, estando presente em todos ecossistemas, inclusive em dunas e praias. Por outro lado, o habitat da onça-pintada mostrou-se muito reduzido, limitado as áreas de encosta e de transição com esse ecossistema. Encontra-se mais ao centro da Juréia, evitando comunidades que ali vivem e áreas de borda, que fazem limites com bairros, bananais e rodovias. Assim como a onça-pintada, o porco-do-mato, os tatus, a paca, a cutia e a jaguatirica também foram mais abundantes na encosta e na transição com a restinga. Apesar de existirem presas potenciais em todos os ambientes estudados, a onça-pintada é rara na restinga e ausente em dunas e praias. Esta população está entrando em colapso pelo isolamento, diminuição de sua área de vida, pela pequena população e por estarem sendo abatidas ao caçarem animais de criação das comunidades que ali vivem. Nos últimos 15 anos foram mortas no mínimo três onças-pintadas, dentro desta unidade de conservação.Desta forma, a existência de jaguares em longo prazo na Juréia só será viável, se houver um intercâmbio genético com populações existentes no Parque Estadual da Serra do Mar, através de um corredor ecológico que pode ser delimitado em área de proteção ambiental já existente.

Palavras-chave: *Panthera onca, Puma concolor*, Juréia, extinção, litoral

Financiadores: Projeto Jaguar

QUATRO NOVAS OCORRÊNCIAS DE MAMÍFEROS BASEADAS EM ANÁLISE TRICOLÓGICA DOS ITENS ALIMENTARES DE CARNÍVOROS NA ESTAÇÃO ECOLÓGICA DE JURÉIA-ITATINS

Rogério Martins (Projeto Jaguar/projetojaguar@itelefonica.com.br)
Juliana Quadros (Universidade Tuiuti do Paraná /UTP)
Marcelo Mazzolli (Projeto Puma)
Aline Borini (Projeto Jaguar)

Área: Diversos **Sub-Área:** Conservação

Para obtenção de registros de espécies em uma área, são utilizados diversos métodos de constatação como, captura com iscas, armadilhas fotográficas, identificação de pegadas, entre outros. Para aumentar a eficiência de inventários mastofaunísticos, foi usado como método investigativo adicional, a análise tricológica na dieta de carnívoros. Os mamíferos carnívoros são oportunistas que se alimentam da diversidade local e apresentam potencial de investigação em diversos ambientes. A Estação Ecológica de Juréia-Itatins (E.E.J.I.) tem uma área de aproximadamente 80.000 hectares e está situada no litoral sul do Estado de São Paulo, entre as coordenadas 24º18' e 24º32' latitude sul e 47º30' longitude oeste. O trabalho foi realizado especialmente na restinga da estrada do Telégrafo entre o Rio Una do Prelado e o Rio Verde totalizando mais de 100 km² de área contínua de restinga, onde muitos mamíferos são residentes deste ambiente que faz limite com o Oceano Atlântico e o Rio Una. Durante 15 meses foram coletadas 33 fezes de mamíferos terrestres. A identificação foi feita de acordo com o método e padrões propostos na bibliografia. As amostras foram triadas para seleção de pêlos-guarda e estes foram pressionados contra uma fina camada de esmalte para unhas incolor, sobre uma lâmina de vidro e seca durante 15 a 20 minutos, a fim de obter as impressões cuticulares. Os pêlos foram submetidos a diafanização em água oxigenada comercial volume 30 por 80 minutos. Lâminas temporárias foram montadas com glicerina e assim pôde-se observar o padrão medular e cuticular dos pêlos e fazer a análise utilizando chave dicotômica para obter a identificação do mamífero em nível específico. Através deste método registrou-se pela primeira vez na Juréia as ocorrências das seguintes espécies de marsupiais: *Lutreolina crassicaudata, Micoreus demararae* e *Monodelphis scalops* além de *Euphractus sexcintus* da ordem Xenarthra. Desta maneira, o número de mamíferos da Juréia passa de um total de 84 para 89 espécies, incluindo o rato-de-taquara (*Kannabateomys amblyonyx*), avistado durante o estudo. A metodologia empregada é acessível, de baixo custo e pode ser usada amplamente na investigação da diversidade de mamíferos no bioma Mata-Atlântica. A ocorrência destas novas espécies, que com os métodos tradicionais não foram detectados anteriormente, reforça que a análise tricológica é um método importante para a otimização de inventários mastofaunísticos.

Palavras-chave: mastofauna, diversidade, Mata-Atlântica, restinga

Financiadores: Projeto Jaguar

CBMz

TIPO DE USO DA TERRA, TAMANHO E ISOLAMENTO DE FRAGMENTOS DE FLORESTA COMO DETERMINANTES DA COMPOSIÇÃO E RIQUEZA DE PEQUENOS MAMÍFEROS EM REMANESCENTES DE MATA ATLÂNTICA

Marcus Vinícius Vieira (Lab. Vertebrados, Depto. Ecologia, UFRJ)
Carlos E. V. Grelle (Lab. Vertebrados, Depto. Ecologia, UFRJ)
Rui Cerqueira (Lab. Vertebrados, Depto. Ecologia, UFRJ)
Ana Cláudia Delciellos (PPG-Zoo, Museu Nacional/UFRJ, delciellos@biologia.ufrj.br)
Natalie Olifiers (Graduate Program, University of Missouri, USA)
Luis R. Bernardo (Lab. Vertebrados, Depto. Ecologia, UFRJ)
Vanina Z. Antunes (Lab. Vertebrados, Depto. Ecologia, UFRJ)

Área: Diversos **Sub-Área:** Conservação

A maioria dos fragmentos de Mata Atlântica são de pequeno tamanho (< 100 ha) e parecem estruturalmente isolados entre si por matrizes de pastos, plantações e áreas urbanas. A teoria de Biogeografia de Ilhas tem sido aplicada para entender a dinâmica das comunidades de pequenos mamíferos em fragmentos, mas as atividades humanas na matriz do entorno podem ter um impacto maior sobre estas comunidades do que o tamanho e o isolamento dos fragmentos. Para entender os determinantes da biodiversidade em uma paisagem fragmentada de Mata Atlântica, comparamos duas hipóteses alternativas dos efeitos das atividades humanas sobre a riqueza e composição de espécies de pequenos mamíferos: (1) tipo de atividade econômica na matriz (agricultura, pecuária ou uso misto agricultura/pecuária) versus (2) tipo de propriedade onde está localizado o fragmento (várias pequenas propriedades rurais ou grande propriedade rural) como maior determinante da biodiversidade. Fragmentos com entorno urbano e áreas de mata contínua foram incluídos em ambas as hipóteses. Também foi avaliada a importância relativa do tamanho e isolamento dos fragmentos. As comunidades de pequenos mamíferos foram amostradas em 21 fragmentos variando de 12 a 250 ha e em duas áreas de mata contínua na Bacia do Rio Macacu, Rio de Janeiro, Brasil, de 1999 a 2007. As duas hipóteses de atividades humanas, incluindo o tamanho e isolamento dos fragmentos, foram formuladas como onze possíveis modelos, e comparados pelo Critério de Informação de Akaike. As variáveis dependentes foram a abundância das espécies (Análise de Correspondência Canônica) e a riqueza de espécies (regressão múltipla). Foram capturados 742 indivíduos, pertencentes a 17 espécies (8 marsupiais e 9 roedores). A riqueza de espécies nos fragmentos variou de 1 a 9, e nas áreas de mata contínua de 10 a 11. Nos modelos selecionados, a composição de espécies nos fragmentos pôde ser ordenada principalmente pelo isolamento e tamanho dos fragmentos, seguido de um pequeno efeito de dois tipos de propriedade: entorno urbano e pequenas propriedades rurais. Modelos incluindo o tipo de propriedade se ajustaram melhor aos dados do que aqueles com o tipo de uso da matriz. A riqueza de espécies foi determinada principalmente pelo isolamento dos fragmentos, com um pequeno efeito negativo quando a matriz é agrícola. As atividades humanas parecem afetar a composição e riqueza de espécies de pequenos mamíferos em fragmentos de Mata Atlântica da Bacia do Rio Macacu, mas o isolamento e tamanho dos fragmentos, nesta ordem, parecem ser os fatores mais importantes.

Palavras-chave: pequenos fragmentos, biogeografia de ilhas, heterogeneidade espacial

Financiadores: CAPES, CNPq, FAPERJ, FUJB, PROBIO/MMA, PPGE/UFRJ, PDA/MMA, FNMA/MMA

ISOLAMENTO DE ESPÉCIES SILVESTRES EM UM PARQUE URBANO DE BELO HORIZONTE

Torquetti, C. G (PUC Minas, Belo Horizonte (camilatorquetti@yahoo.com.br))
Araújo, R. A. (Programa de Educação Tutorial (PET) do Curso de Ciências Biológicas)
Almeida, A. J. (Mestrado em Zoologia de Vertebrados PUC Minas, Belo Horizonte, Brasil)
Talamoni, S. A (Mestrado em Zoologia de Vertebrados PUC Minas, Belo Horizonte, Brasil)

Área: Diversos **Sub-Área:** Conservação

O processo de urbanização provoca intensa fragmentação de ambientes naturais, formando ilhas verdes de diferentes tamanhos nas cidades. Esses fragmentos são freqüentemente associados à redução do tamanho das populações bem como ao isolamento das mesmas, uma vez que apresentam baixo ou nenhum grau de conectividade com áreas naturais e outros fragmentos. Populações de pequenos mamíferos que vivem em áreas urbanas estão sujeitas à predação por animais domésticos, à periódica remoção da vegetação, à poluição, e a outros fatores antrópicos. O presente estudo foi conduzido no Parque Ecológico da Pampulha, pertencente à Fundação Zoo-Botânica de Belo Horizonte, localizado em uma das áreas mais populosas da cidade. Foi formado pelo acúmulo de sedimentos na lagoa e possui aproximadamente 30 hectares, incluindo uma ilha adjacente, situada na Lagoa da Pampulha e formada após alguns anos de construção do parque. A vegetação presente no parque é de estágios iniciais de sucessão com alguns indivíduos em fases mais avançadas. É marcante a presença de gramíneas e de espécies exóticas como *Ricinus communis* (Mamona) e *Leucaena leucocephala* (Leucena). Este trabalho teve como objetivo investigar a ocorrência de espécies de mamíferos silvestres no parque. Foram utilizadas 80 armadilhas distribuídas em três fragmentos para o registro de espécies de pequenos mamíferos e observação direta de espécies maiores. Em campanhas de cinco dias, de setembro/2007 a janeiro/2008, as seguintes espécies foram visualizadas *Hydrochoerus hydrochaeris* (60 indivíduos), *Sylvilagus brasiliensis* (1 indivíduo), e *Callithrix penicillata*(1 indivíduo), e capturadas *Didelphis albiventris* (3 indivíduos na ilha e 5 indivíduos nos fragmentos), *Galictis cuja* (1 indivíduo), *Rattus rattus* (2 indivíduos), *Oligoryzomys nigripes* (13 indivíduos) e *Necromys lasiurus* (11 indivíduos). *Didelphis albiventris* foi a única espécie capturada na ilha. Ambas as populações de roedores silvestres assim como a de *D. albiventris* vivente na ilha sofrem com o isolamento imposto pelas características do parque, uma vez que vivem em áreas circundadas por vias públicas e água. Possivelmente em um intervalo médio de tempo essas populações irão se extinguir do local, visto que além da ação de predadores naturais como corujas, cobras e gaviões, sofrem também restrição de movimento de dispersão, o que coloca em risco a população ao diminuir o fluxo gênico entre os animais. Aparentemente áreas verdes de boa qualidade podem reduzir os efeitos da fragmentação de hábitat, porém o que se nota é que muitas espécies ficam isoladas nessas áreas sujeitas a forte pressão antrópica, vivendo em ilhas verdes no ambiente urbano.

Palavras-chave: parque urbano; mamíferos; fragmentação de hábitat; isolamento de espécies

Financiadores: Fundação Zoo-Botânica de Belo Horizonte, Prefeitura de Belo Horizonte.

ANÁLISE DO MÉTODO DE TRANSECÇÃO LINEAR: ESTUDO DE CASO COM A COMUNIDADE DE MAMÍFEROS DA ILHA GRANDE, RJ

Bruno Cascardo Pereira (Reserva Biológica do Uatumã – AM / ICMBio / bruno.pereira@icmbio.gov.br)
Helena de Godoy Bergallo (Laboratório de Ecologia de Pequenos Mamíferos / UERJ)

Área: Diversos **Sub-Área:** Conservação

Estimativas de densidade e tamanho populacional são ferramentas importantes no manejo e conservação de espécies ameaçadas pela perda de populações causada pela ação humana. O método de transecção linear por amostragem de distâncias tem sido usado com freqüência para estimar a densidade de populações de mamíferos em florestas tropicais. O presente trabalho analisa o método, utilizado durante uma investigação da composição da comunidade de mamíferos da Ilha Grande (RJ). O levantamento de espécies foi feito através de visualizações em transecções lineares conduzidas em cinco trilhas com extensões que variaram de 2100 a 6700 metros. Foram registradas nove espécies de mamíferos durante as transecções, sendo duas de Primates, cinco de Rodentia, uma de Xenarthra e uma de Didelphimorphia. Quatro destas espécies (*Didelphis aurita*, *Callithrix jacchus*, *Cuniculus paca* e *Guerlinguetus aestuans*) tiveram sua densidade e tamanho populacional estimadas. Todas as espécies visualizadas durante as transecções tiveram suas taxas de encontro calculadas de forma a servirem como um índice de abundância. As taxas de encontro variaram entre transectos (KW=11,638 P=0,02), horário de avistamento (KW=11,377 P=0,044), forma de detecção (ANOVA F=3,375 P=0,012) e condições de clima (ANOVA: F=6,951 P=0,001) e vento (ANOVA F=3.861 P=0,011). A detecção pelo brilho dos olhos foi importante no avistamento das espécies noturnas. Transecções realizadas em dias chuvosos e/ou com ventos fortes tiveram taxas de encontro baixas, e os dados apontam que coletas nestas condições devem ser evitadas. Os cinco transectos variaram entre si em estrutura de hábitat, principalmente em relação à altura média das árvores e a cobertura de dossel, mas nenhum destes componentes explicou as diferenças nas taxas de encontro entre transectos. Os transectos realizados na vertente norte da Ilha Grande tiveram riqueza e taxas de encontro bem menores do que os transectos da vertente sul. Isso pode ser reflexo da influencia de vários fatores na abundancia dos mamíferos, como a pressão de caça e de turismo e crescimento descontrolado nas proximidades da Vila do Abraão. Apesar das dificuldades, o método de transecções lineares apresentou boa aplicabilidade e forneceu uma série de informações importantes, mas os valores estimados de densidade para as quatro espécies mais comuns devem ser analisados com cautela, e outras formas de amostragem, como armadilhas fotográficas, provavelmente aumentarão a lista de espécies de mamíferos na área, além de permitir a obtenção de uma maior quantidade de informações sobre espécies raras e/ou de difícil visualização, como os carnívoros.

Palavras-chave: conservação, transecção linear, ecologia de comunidades

Financiadores: Instituto Biomas

OCORRÊNCIA DE ATROPELAMENTOS DE FAUNA EM RODOVIAS PRÓXIMAS ÀS MARGENS DO MÉDIO CURSO DO RIO TOCANTINS

Ligia Tchaicka (Depqrtamento de Quimica e Biologia / UEMA/ ltchaicka@yahoo.com.br)
Leoncio Pedrosa Lima (Parque Nacional da Chapada das Mesas / ICMBIO)
Beatriz Nascimento Gomes (Nucleo de Unidades de Conservação / SUPES_MA / IBAMA)

Área: Diversos **Sub-Área:** Conservação

A construção e utilização de rodovias têm produzido efeitos prejudiciais sobre as populações animais: subdividem populações locais com prováveis conseqüências demográficas e genéticas; provocam grandes efeitos químicos devido à liberação de poluentes; e impactos no comportamento de várias espécies devido ao ruído provocado pelo tráfego. Um grande número de espécies de animais selvagens ao serem atraídos para as rodovias pela facilidade de obtenção de alimentos, acabam sendo atingidos pelos veículos e mortos. Este trabalho teve como objetivo à realização de uma estimativa preliminar do impacto causado pelas rodovias BR-230/010/226 e TO-010/424, no trecho em que fazem a ligação das cidades de Carolina (MA) - Estreito (MA) - Aguiarnópolis (TO) - Filadélfia (TO), sobre as populações que estão associadas à vegetação local, dando ênfase às espécies de mamíferos. Os trechos das rodovias em estudo estão muito próximas às margens do Rio Tocantins, em uma região coberta pelo cerrado ainda bastante preservado, mas sob ameaça de diversos novos empreendimentos de grande porte. Foram realizadas 20 saídas a campo, sendo 10 saídas durante a estação chuvosa - fevereiro/março 2007 - e 10 durante a estação seca - agosto / setembro 2007; obedecendo ao intervalo de dois dias entre cada saída. O trabalho foi iniciado sempre as 7:00h da manhã, e em cada dia aproximadamente 350 Km dessas rodovias foram percorridos a velocidade media de 80KM/h. Os animais encontrados atropelados foram fotografados e identificados no local ou posteriormente. As características do local de atropelamento e coordenadas geográficas foram anotadas. Ao todo, foram registrados 125 atropelamentos, sendo 67 casos na estação chuvosa e 58 na seca. Deste total, 80 mamíferos foram registrados (18 mamíferos de espécies domésticas), sendo a ordem Carnívora a mais freqüente com 40 animais, seguida por Xenarthra com 27 indivíduos. Uma interessante observação foi a de que os atropelamentos de Xenarthra são mais comuns na seca, onde foi detectado o dobro de casos (18) em relação à estação chuvosa (9). A espécie mais freqüente foi o mambira - *Tamandua tetradactyla*, com 22 atropelamentos registrados. Alguns animais bastante raros ou de difícil avistamento foram encontrados, entre eles: um gato-palheiro (*Leopardus colocolo*); e um tamundua-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*), que apesar de ser comum em outras áreas de cerrado é bastante raro no cerrado norte.

Palavras-chave: atropelamento, cerrado, rodovias

Financiadores: IBAMA CENAP

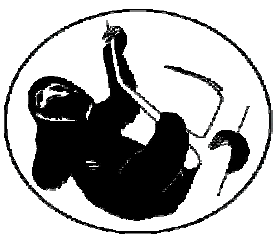
OCORRÊNCIA DE MAMÍFEROS EM UM CORREDOR AGROFLORESTAL PARA CONEXÃO DE FRAGMENTOS DA MATA ATLÂNTICA

André Luís Macedo Vieira (UFRRJ - andre.m6@hotmail.com)
Eline Matos Martins (UFRRJ)
Dione Galvão da Silva (UFRRJ)
André Felippe Nunes de Freitas (UFRRJ)
Alexander Silva de Resende (UFRRJ)
Eduardo Francia Carneiro Campello (Embrapa agrobiologia)
Avílio Antônio Franco (UFRRJ)

Área: Diversos **Sub-Área:** Conservação

A Mata Atlântica cobria originalmente cerca de 15 % do território brasileiro, hoje, restam apenas 7% da cobertura florestal original, divididos em um grande número de pequenos fragmentos remanescentes. O processo de fragmentação reduz drasticamente a diversidade biológica, em função da perda da área e dos efeitos do isolamento. Tais efeitos, entretanto, podem ser atenuados através da redução do isolamento das populações naturais. Nesse contexto, a implantação de corredores ecológicos consiste em uma ferramenta essencial para a conservação da biodiversidade, pois possibilitam a conexão entre os remanescentes florestais, diminuindo os efeitos negativos da fragmentação. A utilização de Sistemas Agroflorestais (SAFs) como corredores tem sido apontada como uma alternativa viável, uma vez que estes sistemas consistem no plantio de árvores e arbustos em associação com cultivos agrícolas, pastagens e/ou animais, constituindo-se numa opção de manejo sustentável da terra, permitindo também que os pequenos agricultores possam obter um rendimento suficiente para pagar os custos de implantação e gerar excedentes, aliando assim, benefícios ambientais com vantagens sócio-econômicas. Dessa forma, este estudo visa avaliar a ocorrência de mamíferos em um corredor agroflorestal implantado na Fazendinha Agroecológica da EMBRAPA Agroecologia (Seropédica, RJ). Para avaliar a movimentação de mamíferos nos fragmentos e no corredor agroflorestal, utilizou-se parcelas de areia para o registro de pegadas e foram levantados outros vestígios, como: tocas, abrigos e fezes. O método das parcelas preenchidas com areia obteve grande número de pegadas de tamanhos e formas variadas. Aproximadamente 60% do total de parcelas apresentaram pelo menos um registro de pegadas de mamíferos durante o período de coleta. Foi registrada a presença de 7 espécies de mamíferos de médio e pequeno porte, incluindo carnívoros e pequenos roedores. Além das pegadas foram registrados outros vestígios, como ninhos, tocas, abrigos e fezes. A presença mastofauna na área é de grande importância para a sustentabilidade dos fragmentos, uma vez que estes desempenham um papel muito importante na manutenção da biodiversidade local, através da dispersão de sementes.

Palavras-chave: Biodiversidade, Sistemas agroflorestais, conservação

Financiadores: CAPES; Embrapa Agrobiologia

AVALIAÇÃO DO USO DAS PASSAGENS DE FAUNA SOB A RODOVIA DO SOL, GUARAPARI, ESPÍRITO SANTO, POR MAMÍFEROS TERRESTRES

L.M. Scoss (Instituto Terra Brasilis / ITB / leandroscoss@gmail.com)
R.M. Braga (Sus-Tenere / Programa de Proteção e Monitoramento de Fauna / Rodosol)
L.M. Maioli (Sus-Tenere / Programa de Proteção e Monitoramento de Fauna / Rodosol)
F.F. Keesen (Bióloga / PUC-Minas Campus Betim / Consultora Ambiental)

Área: Diversos **Sub-Área:** Conservação

Os impactos diretos de rodovias sobre a fauna silvestre são bem conhecidos, assim como algumas medidas mitigadoras como, por exemplo, passagens de fauna. Entretanto, a eficiência destas estruturas ainda não foi avaliada, assim como o seu potencial de mitigação de impactos. O trecho da ES-060 sob concessão da Concessionária Rodovia do Sol - RODOSOL (>60 km) conta com dois programas de monitoramento da fauna silvestre: mortalidade por atropelamento e fauna debilitada. Como iniciativa voluntária da RODOSOL, juntamente com os demais programas início em 2003 o monitoramento dos complexos de túneis sob a rodovia. Estes complexos foram instalados em três trechos, km 45, 50 e 59 que apesar de serem formados por estruturas diferentes (número de manilhas, manilhas de diferentes diâmetros, etc.), foram dimensionados para: i) facilitar a drenagem e escoamento da água do terreno às margens da rodovia e; ii) permitir o uso pela fauna terrestre local, na expectativa de diminuir a mortalidade por atropelamento. Este programa consiste no monitoramento do uso dos complexos de túneis através do registro de pegadas de mamíferos terrestres em caixas de areia, instaladas na entrada e saída de cada túnel (manilha). As caixas são vistoriadas diariamente, com exceção dos finais de semana e feriados. Os resultados indicam o uso destas estruturas por 15 espécies de mamíferos, incluindo cinco da Ordem Rodentia, quatro Carnivora, dois Marsupialia, dois Xenarthra, um Primates e um Lagomorpha. De um total de 1.224 registros de pegadas, obtidos entre nov./2003 e jan./2008, as espécies que mais utilizaram os complexos de túneis foram: *Procyon cancrivorus* (N=334), *Dasypus novencinctus* (N=109), *Caluromys philander* (N=65), *Cuniculus paca* (N=54), *Cerdocyon thous* (N=42), *Didelphis aurita* (N=42), *Lontra longicaudis* (N=40) e *Sylvilagus brasiliensis* (N=31). O complexo de túneis, instalado no km 45, foi o mais utilizado (71,12%), seguido do km 59 (24,84%) e do km 50 (4,05%). Do total de registros, 97,56% indica a travessia completa do espécime através do túnel. Estes resultados indicam que os complexos de túneis sob a RODOSOL funcionam, efetivamente, como passagens de fauna e podem minimizar os impactos diretos da rodovia sobre algumas espécies. A presença destas estruturas provavelmente diminui a probabilidade de morte por atropelamento e, para tanto, estamos gerando estimativas de tamanho populacional para *Procyon cancrivorus* com objetivo de quantificar os impactos diretos da rodovia sobre a sua população local e ressaltar a importância destas passagens de fauna sob rodovias para a proteção da fauna silvestre.

Palavras-chave: Passagem de fauna, Mamíferos, Monitoramento, Impacto Ambiental

Financiadores: Concessionário Rodovia do Sol, Sus-Tenere

CBMz

MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE DA RPPN DE SANTA MARIA, OESTE DO ESTADO DO PARANÁ

Rinaldi, A.R. (Pós graduação em Ecologia e Conservação/UFPR - alrinaldi2@gmail.com)
Oliveira-da-Costa, M. (Fundação O Boticário de Proteção à Natureza)
Xavier-da-Silva, M. (ParNa Iguaçu - Ins. Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade)
Rodrigues, N.A. (ParNa Iguaçu - Ins. Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade)

Área: Diversos **Sub-Área:** Conservação

Os corredores de biodiversidade são considerados alternativas importantes para conexão de fragmentos florestais geograficamente isolados. No oeste do estado do Paraná, o Parque Nacional do Iguaçu (ParNa Iguaçu) está conectado a outras grandes áreas florestais do nordeste argentino, na província de Misiones-AR, formando um dos dois contínuos florestais maiores que 10000 k^2 e o único de Mata Atlântica de interior. Uma das estratégias de conservação regional é possibilitar a conexão desta UC a áreas florestais vizinhas, no Brasil, através de um corredor ecológico denominado como Corredor de Santa Maria. Visando avaliar sua efetividade, durante o período de agosto a dezembro de 2004, quatorze incursões foram realizadas para o monitoramento de mamíferos de médio e grande porte no interior da RPPN da Fazenda de Santa Maria (400 ha), área integrante do corredor ecológico. Foram instaladas 22 caixas de areia, todas iscadas com frutas ou bacon e realizadas observações e coletadas coleta de amostras de fezes de carnívoros. Ao todo foram realizados 524 registros, sendo: 42.94% *Dazyprocta azarae* (n=225), 38.54% *Didelphis* sp. (n=202), 3.82% *Sciurus aestuans* (n=20), 2.10% *Puma concolor* (n=11), 1.91% *Nasua nasua* (n=10), 1.34% *Leopardus pardalis* (n=7), 1.34% *Dazypus novencinctus* (n=7), 1.34% *Cebus nigrinus* (n=7), 1.15% *Leopardus* sp. (n=6), 1.15% Didelphidae N.I. (n=6), 0,95% *Cerdocyon thous* (n=5), 0.76% *Sylvilagus brasiliensis* (n=4), 0.57% *Mazama* sp. (n=3), 0.38% *Allouatta clamitans* (n=2), 0.38% *Eira barbara* (n=2), 0.19% *Coendou preensilis* (n=1). Os registros confirmam a presença de espécies que possuem área de vida grande, como *Puma concolor* e *Leopardus pardalis*, e o uso da RPPN como abrigo, indicando uso de abrigo para fauna. Todavia, os resultados são incipientes para corroborar a efetividade do corredor quanto a conexão, servindo como um inventário inicial e base para estudos posteriores de meta-população e de utilização de habitat.

Palavras-chave: Corredores ecológicos; RPPN Santa Maria; Floresta Est. Semi-decidual

Financiadores: Parque Nacional do Iguaçu, IBAMA.

CONSERVAÇÃO DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE EM UM FRAGMENTO DE FLORESTA ATLÂNTICA DA ZONA DA MATA DE MINAS GERAIS

Nunes, A. V. (Pós-Graduação em Biologia Animal / UFV / biovalle@yahoo.com.br)
Scoss, L. M. (Programa TEAM - Rio Doce - Mamíferos terrestres / Instituto Terra Brasilis)
Lessa, G. (Universidade Federal de Viçosa / DBA - MBJM)

Área: Diversos **Sub-Área:** Conservação

A perda e a fragmentação de hábitat são as principais ameaças para a conservação da biodiversidade. O histórico de perturbação dos fragmentos, sua área total protegida, a forma do fragmento e grau de isolamento são fatores determinantes para a manutenção de populações biológicas viáveis e de processos ecológicos que garantam a integridade biótica dos ecossistemas. Neste contexto, o presente estudo tem como objetivo avaliar o estado de conservação de populações de médios e grandes mamíferos terrestres no Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (PESB), MG. Foram utilizadas armadilhas fotográficas, modelo TrapaCâmera, distribuídas nas trilhas de três áreas quadrangulares de 1 km^2 (Vale Perdido, Ararica e Matipó), localizadas na porção centro-norte do PESB. Os pontos de amostragem foram instalados a cada 350 metros totalizando oito pontos por área (N=24), sem o uso de iscas atrativas. Após oito meses contínuos de monitoramento e um total de 1.680 armadilhas-dia, foram registradas 29 fotos de mamíferos terrestres, sendo oito espécies silvestres e uma doméstica (*Canis familiaris*). A espécie mais abundante foi *Puma concolor* (n=16), seguida de *Pecari tajacu* (n=7). As demais espécies foram registradas a partir de um único evento fotográfico: *Cuniculus paca, Nasua nasua, Metachiurus nudicaudatus, Leopardus pardalis, L. wiedii* e *Eira barbara*. Até o momento foram obtidas 1,73 fotos de mamíferos/100 armadilhas-dia, resultado este quase sete vezes menor do obtido pelo programa de monitoramento de mamíferos terrestres no Parque Estadual do Rio Doce (10,97 fotos/100 armadilhas-dia). Apesar das diferenças metodológicas na distribuição e distância dos pontos de amostragem, do histórico de perturbação das áreas, tamanho e forma dos fragmentos, os resultados obtidos para o PESB indicam que a comunidade de mamíferos terrestres, especialmente de médio e grande porte, apresenta baixa complexidade devido ao reduzido número de espécies, a extinção local de espécies-chave como Tapirus terrestris, predominância de espécies carnívoras e, provavelmente, populações locais pequenas. A baixa freqüência de registros recente de espécies terrestres, de hábito frugívoro-herbívoro, indica a defaunação da Floresta Atlântica do PESB. Este estudo investiga ainda os prováveis efeitos da ausência de parte da mastofauna sobre a integridade biótica do sistema natural do PESB, através da correlação entre a distribuição espacial e temporal da mastofauna e a composição das espécies botânicas nas três áreas de estudo. Concluímos que a conservação da biodiversidade do PESB é dependente de ações emergenciais e prioritárias do órgão gestor no sentido de buscar a efetiva conectividade do parque com outras áreas protegidas da região.

Palavras-chave: Floresta Atlântica, Armadilhas fotográficas, Monitoramento

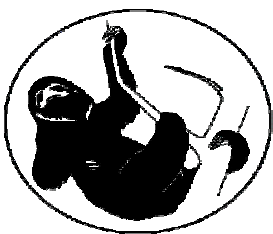
Financiadores: UFV/DBA/MZJM, Ambiente Brasil

ANÁLISE DOS RESUMOS APRESENTADOS NOS CONGRESSOS BRASILEIROS DE MASTOZOOLOGIA: RELAÇÕES ENTRE ESPÉCIES, REGIÕES E ÁREAS DO CONHECIMENTO

Valeska B. Oliveira (Mestrado em Zoologia/PUC-MG/biovaleska@ig.com.br)
André Hirsch (Mestrado em Zoologia/PUC-MG)
Antônio M. Linares (Mestrado em Zoologia/PUC-MG)
Adriano P. Paglia (Conservação Internacional)

Área: Diversos **Sub-Área:** Conservação

A Mastozoologia Brasileira é um campo científico relativamente novo, tendo se consolidado no final dos anos 70. Ainda mais recentes são seus eventos científicos exclusivos, sendo o I Congresso Brasileiro de Mastozoologia realizado apenas em 2001. Com o objetivo de verificar padrões taxonômicos e espaciais do conhecimento gerado, resumos dos três Congressos realizados até o momento foram compilados e analisados. Somando-se os 1.153 trabalhos, nota-se que os temas mais freqüentes foram Ecologia e Levantamentos e as ordens mais abordadas foram Rodentia, Didelphimorphia e Carnivora. Apenas 63% das espécies brasileiras foram citadas nos resumos e destas, 25% são mencionadas apenas uma única vez. Contrariamente, espécies generalistas como *Didelphis aurita*, *Cerdocyon thous* e *D. albiventris* apareceram 96, 92 e 76 vezes, respectivamente. Dentre as espécies ameaçadas, a mais freqüentemente citada foi *Leopardus pardalis*, com 70 trabalhos. Por outro lado, pequenos mamíferos listados como Criticamente em Perigo (ex: *Caluromysiops irrupta*, *Kunsia fronto* e *Wilfredomys oenax*) apareceram em apenas um trabalho cada. A maior parte dos estudos foi realizada na região Sudeste, seguida da região Sul. Apenas 80 resumos foram realizados na região Norte. Nota-se uma forte associação entre as regiões geográficas e as áreas temáticas dos trabalhos. Nas regiões Sul, Centro-Oeste e Sudeste os trabalhos mais freqüentes são de Ecologia, enquanto nas regiões Norte e Nordeste predominam os de Levantamento. Trabalhos sobre Conservação ainda são raros em todas as regiões. Curiosamente, nas regiões Sul e Sudeste a freqüência de estudos sobre Sistemática é bem menor que nas demais regiões. A grande maioria dos trabalhos tem uma abrangência espacial restrita e apenas 37% foram realizados dentro de Unidades de Conservação. O bioma mais abordado é o da Mata Atlântica, seguido pelo Cerrado. A grande maioria dos trabalhos foi realizada com animais de vida livre, sendo poucos os estudos com animais de cativeiro e espécimes de museu (estes somam 120 resumos). Nota-se que o conhecimento gerado é maior nas regiões com elevado número de instituições científicas. As ordens mais abordadas englobam pequenos mamíferos, espécies relativamente mais fáceis de serem estudadas em campo, e carnívoros, que apresentam um expressivo apelo carismático e conservacionista. Os resultados demonstram que o conhecimento sobre a mastofauna brasileira varia entre regiões e grupos taxonômicos de maneira quantitativa e qualitativa.

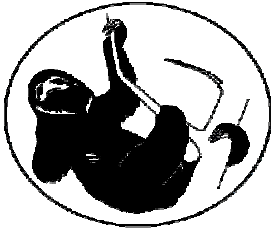
Palavras-chave: mastozoologia, análise espacial

SUCESSO DE CAPTURA DIFERENCIAL DE PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO-VOADORES UTILIZANDO DIFERENTES ISCAS: UM ESTUDO DE CASO NA AMAZÔNIA SUL-OCIDENTAL

Marília Aparecida Cavalcante de Lima (Lab. Mastozoologia/UNIR/labmasto@gmail.com)
Mariluce Rezende Messias (Laboratório de Mastozoologia/UNIR)
Nátia Regina Nascimento Braga (Laboratório de Mastozoologia/UNIR)
Mizael Andrade Pedersoli (Laboratório de Mastozoologia/UNIR)

Área: Diversos **Sub-Área:** Ecologia

Estudos com pequenos mamíferos neotropicais(representantes das Ordens Rodentia e Didelphimorphia com até 1.500g de peso) apresentam, de modo geral, baixa eficiência amostral,particularmente os que utilizam armadilhas de contenção viva,como as do tipo *Sherman* e *Tomahawk* que utilizam iscas atrativas. Vários parâmetros estão relacionados ao sucesso de captura, como a ecologia alimentar e abundância relativa das diferentes espécies,assim como seletividade da armadilha e iscas utilizadas,entre outros.Infelizmente há poucos dados sobre estes parâmetros, o que dificulta o processo de otimização de captura em futuras pesquisas.Pesquisadores utilizam distintas iscas e raramente é discutido o sucesso de captura sob a perspectiva da eficiência de atratividade da(s) isca(s) utilizada(s).O presente estudo tem como objetivo relacionar taxa de captura com a eficiência e atratividade de diferentes iscas.A área de estudo foi a Fazenda Manoa, grupo Triângulo S/A,localizada no Município de Cujubim,região norte do estado de Rondônia.A área abrange 73.079ha de floresta ombrófila aberta bem conservada sob exploração sustentável através de um plano de manejo de baixo impacto,único no estado a receber certificação florestal pelo Imaflora e FSC.Durante o período de abril de 2007 a março de 2008 foi realizado um esforço amostral de 3.312 armadilhas/noite,durante o qual foram capturados 80 espécimes de quatro espécies:três pertencentes à família Didelphidae (Ordem Didelphimorphia) e uma da família Echimyidae (Ordem Rodentia).O sucesso de captura geral de 0,024 foi calculado dividindo o número de capturas realizadas pelo número total de armadilhas/noite.Em 1.932 (58,33%) das armadilhas foram utilizadas a isca A: mistura de banana e sardinha;em 828 (25%) a isca B: mandioca e sardinha em 552 (16,67%) a isca C:banana e castanha. Houve maior eficácia da isca A que apresentou sucesso de captura de 0,031 (77,5% dos espécimes capturados),seguida pela isca B com 0,016 (15%) e a isca C 0,010 (7,5%).Dentre os indivíduos capturados com a isca A (n=61),54 (88,52%)são roedores e 7(11,48%) marsupiais.Com a isca B capturou-se 13 indivíduos-todos roedores-e com a isca C foram capturados 6 espécimes,5(83,33%) roedores e 1(16,67%) marsupial.Todas as iscas capturaram mais roedores que marsupiais,mas ainda não é possível concluir se o fato está relacionado com maior atratividade das iscas utilizadas para este grupo ou à maior riqueza e abundância do mesmo na área,pois as curvas do coletor ainda não se estabilizaram.

Palavras-chave: Rondônia, Manejo Florestal, Rodentia, Didelphidae.

Financiadores: Fazenda Manoa-Grupo Triângulo S/A

EFEITO DA EXPANSÃO DE ÁREAS ABERTAS EM PAISAGENS DE MATA ATLÂNTICA: DISTRIBUIÇÃO E DIVERSIDADE DE PEQUENOS MAMÍFEROS ENDÊMICOS E NÃO-ENDÊMICOS EM ÁREAS AGRÍCOLAS

Fabiana Umetsu (Depto. de Zoologia / USP / fabiume@yahoo.com)
Renata Pardini (Depto. de Zoologia / USP)

Área: Diversos **Sub-Área:** Ecologia

A Mata Atlântica é um dos biomas tropicais mais afetados pela perda e fragmentação de habitat, restando atualmente cerca de 8% da cobertura original da floresta, distribuídos em pequenos fragmentos inseridos em paisagens urbanas e rurais. As características dos ambientes antropogênicos destas paisagens afetam o grau de coesão entre as populações dos remanescentes e, portanto, a chance de persistência das espécies nativas em paisagens fragmentadas. Por outro lado, a expansão de áreas alteradas no entorno dos remanescentes teoricamente permite a chegada e a proliferação de espécies generalistas e invasoras. É imprescindível que haja uma melhor compreensão sobre os efeitos da expansão de áreas abertas sobre a distribuição e diversidade de espécies em paisagens fragmentadas de Mata Atlântica para possibilitar o manejo e conservação de espécies endêmicas, além do controle de espécies invasoras. Através de amostragem padronizada em 18 sítios em áreas agrícolas de uma paisagem no Planalto Atlântico Paulista, investigamos como pequenos mamíferos endêmicos e não-endêmicos à Mata Atlântica respondem à expansão de áreas abertas no entorno de 800 m de raio (20 a 75% de áreas abertas entre os sítios estudados). Com esforço de 352 armadilhas-noite por sítio e 6.336 armadilhas-noite na região, foram capturados 753 indivíduos pertencentes a nove espécies não-endêmicas e sete endêmicas de roedores e marsupiais. As nãoendêmicas incluem um grupo de espécies cujo núcleo central de distribuição são biomas abertos como Cerrado ou Campos Sulinos (*Bibimys labiosus*, *Calomys tener*, *Cryptonanus* sp., *Necromys lasirus*, *Oligoryzomys flavescens* e *Oxymycterus rufus*). Através de regressões lineares e logísticas observamos que a riqueza de pequenos mamíferos não-endêmicos e, entre esses, daqueles originários de outros biomas, aumentou significativamente com o incremento da porcentagem de áreas abertas no entorno. A chance de ocorrência da espécie invasora *N. lasiurus* também aumentou com a expansão de áreas abertas no entorno dos sítios. Por outro lado, para as espécies endêmicas à Mata Atlântica, não foi encontrada relação significativa com as porcentagens de áreas abertas no entorno. Este estudo indica que a conversão de florestas em áreas abertas leva à expansão de pequenos mamíferos não-endêmicos, em especial de espécies originárias de outros biomas, incluindo aquelas causadoras de doenças no homem, sugerindo que paisagens de Mata Atlântica muito fragmentadas serão dominadas por estas espécies, com potenciais conseqüências para a saúde pública.

Palavras-chave: roedores, marsupiais, matriz antropogênica, ecologia da paisagem

Financiadores: Fapesp e CNPq

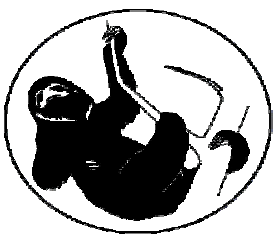
ESTRUTURA DA COMUNIDADE DE PEQUENOS MAMÍFEROS TERRESTRES DA RESERVA PARTICULAR RIO DAS PEDRAS, MANGARATIBA, RIO DE JANEIRO, BRASIL

Flávia Soares Pessôa (Lab. Ecol. Pequenos Mamíferos - UERJ / flaviaspessoa@gmail.com)
Thiago Carvalho Modesto (Lab. Ecol. Pequenos Mamíferos - UERJ)
Tássia Jordão-Nogueira (Lab. Ecol. Pequenos Mamíferos - UERJ)
Hermano Gomes Albuquerque (Lab. Ecol. Pequenos Mamíferos - UERJ)
Daniel Santana Lorenzo Raíces (Lab. Ecol. Pequenos Mamíferos - UERJ)
Nina Attias (Lab. Ecol. Pequenos Mamíferos - UERJ)
Júlia Lins Luz (Lab. Diversidade de Morcegos - UFRRJ)
Maria Carlota Enrici (Lab. Ecol. Pequenos Mamíferos - UERJ)
Carlos Eduardo L. Esbérard (Lab. Diversidade de Morcegos - UFRRJ)
Helena de Godoy Bergallo (Lab. Ecol. Pequenos Mamíferos - UERJ)

Área: Diversos **Sub-Área:** Ecologia

A estrutura de uma comunidade refere-se aos padrões de composição, riqueza e abundância de espécies. Informações sobre a ecologia das comunidades de pequenos mamíferos indicam que estes exercem influência na dinâmica das Florestas Neotropicais e têm importante papel na preservação de sistemas biológicos. O conhecimento de sua ocorrência pode fornecer informações e subsídios para o manejo dos remanescentes florestais. Este estudo tem como objetivo analisar aspectos da estrutura da comunidade de pequenos mamíferos terrestres da Reserva Rio das Pedras, localizada no Município de Mangaratiba na Região Turística da Costa Verde. O levantamento de mamíferos da Reserva foi realizado no período de 6 a 12 de agosto de 2005 até um limite de 700 m acima do nível do mar. Roedores e marsupiais foram capturados utilizando armadilhas no solo e em árvores abertas durante seis noites consecutivas, totalizando um esforço de 756 armadilhas/noite e também foram amostrados por armadilhas de queda (pitfall) com esforço de 180 baldes/noite. Os morcegos foram capturados com redes de neblina por um período de seis ou doze horas, totalizando um esforço de 4249 horas*metros. Nós registramos 10 espécies de roedores e marsupiais e 17 espécies de morcegos. O roedor *Trinomys dimidiatus* foi a espécie mais abundante dentre os pequenos mamíferos não voadores, no entanto *Didelphis aurita* representou a maior biomassa relativa nesta comunidade, apesar de representar apenas 14% das capturas totais. As espécies do gênero *Trinomys* possuem ampla distribuição, ocorrem até 1200m e são comuns em inventários de fauna na Mata Atlântica. *D. aurita* é uma espécie generalista, versátil e bastante comum, e seus indivíduos apresentam maior peso corporal. Analisando a comunidade de morcegos, observamos que *Carollia perspicillata* foi a espécie mais abundante seguida de *Artibeus lituratus*, espécies frequentemente dominantes em taxocenoses de morcegos. O padrão se inverte quando a análise considera a biomassa das espécies devido ao grande peso corporal de *A. lituratus*. As capturas de *T. dimidiatus* e das espécies da tribo Oryzomyini, que são as mais abundantes, representam 46% do total de 63 capturas de pequenos mamíferos. Na comunidade de morcegos, as duas espécies mais abundantes representam 55% do total de 130 indivíduos capturados. A curva do coletor para os dois grupos estudados indicou rápido crescimento nos três primeiros dias de coleta, depois disso não houve adição de espécies, observando uma estabilização da curva a partir do quarto dia. Apesar desse resultado, sabemos que há mais espécies a serem registradas na área.

Palavras-chave: riqueza, composição, abundância, floresta neotropical

Financiadores: CNPq, Instituto Biomas, CEPF, Aliança para Conservação da Mata Atlântica

CBMz

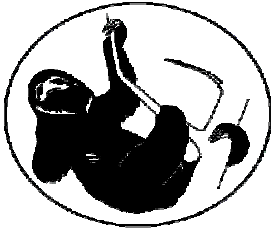
USO DO ESPAÇO POR PEQUENOS MAMÍFEROS BRASILEIROS: CONHECIMENTO ATUAL E PERSPECTIVAS

Jayme Augusto Prevedello (Laboratório de Vertebrados / UFRJ / ja_prevedello@yahoo.com.br)
André Faria Mendonça (Laboratório de Vertebrados / UFRJ)

Área: Diversos **Sub-Área:** Conservação

O uso do espaço refere-se à exploração do habitat em termos de quantidade, qualidade e intensidade em um determinado local, por um indivíduo, população ou espécie. Os pequenos mamíferos brasileiros, devido a sua grande abundância e diversidade de formas e hábitos, têm sido foco de estudos visando à construção de modelos e teste de hipóteses a respeito do uso do espaço por mamíferos tropicais. No entanto, pouco se sabe sobre a representatividade do conhecimento obtido em termos de espécies e biomas, além de quais conceitos foram bordados e quais técnicas foram utilizadas. Visando sumarizar o conhecimento atual e direcionar o foco de novos estudos, foi feito um levantamento da literatura publicada a respeito do uso do espaço por pequenos mamíferos no Brasil no período de 1945 a 2007. Para a análise da literatura foram considerados apenas trabalhos publicados em periódicos nacionais e internacionais que apresentassem resultados inéditos. Em cada trabalho foram avaliados os conceitos abordados, as técnicas de amostragem empregadas, o bioma onde o trabalho foi desenvolvido e o grupo biológico estudado (Rodentia ou Marsupialia). Foram encontrados 47 trabalhos, 60% dos quais publicados nos últimos 10 anos. A grande maioria (74%) dos estudos foi feita na Mata Atlântica e nenhum foi desenvolvido nos biomas Campos Sulinos e Caatinga. Na Mata Atlântica, os marsupiais foram duas vezes mais estudados que os roedores (67% dos trabalhos), enquanto no Cerrado o padrão é exatamente o oposto, provavelmente devido a diferenças na diversidade e capturabilidade de cada grupo nos dois biomas. Os conceitos mais estudados foram seleção/uso de habitat (32% dos estudos) e área de vida (23%). Aproximadamente 70% dos estudos utilizaram a técnica de captura-marcação-recaptura. O conhecimento atual acerca do uso do espaço por pequenos mamíferos brasileiros é baseado em um pequeno número de espécies amostradas majoritariamente em um único bioma (Mata Atlântica), utilizando uma técnica que não avalia grande parte da movimentação dos animais (captura-marcação-recaptura). A ausência de estudos nos biomas Caatinga e Campos Sulinos limita o conhecimento acerca do uso do espaço em ambientes não-florestais do Brasil. Existem poucas informações sobre o uso vertical das florestas, o que limita o entendimento da ecologia de diversas espécies arborícolas ou escansoriais. Novos estudos devem atentar para as lacunas em termos de biomas, espécies, técnicas e conceitos, a fim de permitir a detecção de padrões mais gerais de uso do espaço por mamíferos tropicais, padrões estes de grande relevância teórica e prática.

Palavras-chave: Didelphimorphia, Rodentia, uso de espaço, biomas brasileiros

Financiadores: CNPq e CAPES

EFFECT OF BLACK-EARED OPOSSUM, DIDELPHIS AURITA WIED-NEWIED, 1826 (DIDELPHIDAE), IN SMALL MAMMAL COMMUNITIES.

Thiago Carvalho Modesto (Lab. Ecologia de Peq. Mamíferos / UERJ / thiago_modesto@yahoo.com.br)
Flávia Soares Pessôa (Lab. Ecologia de Peq. Mamíferos / UERJ)
Hermano Gomes Albuquerque (Lab. Ecologia de Peq. Mamíferos / UERJ)
Daniel Santana Lorenzo Raíces (Lab. Ecologia de Peq. Mamíferos / UERJ)
Tássia Jordão-Nogueira (Lab. Ecologia de Peq. Mamíferos / UERJ)
Júlia Lins Luz (Lab. Ecologia de Peq. Mamíferos / UERJ)
Nina Attias (Lab. Ecologia de Peq. Mamíferos / UERJ)
Maria Carlota Enrici (Lab. Ecologia de Peq. Mamíferos / UERJ)
Helena de Godoy Bergallo (Lab. Ecologia de Peq. Mamíferos / UERJ)

Área: Diversos **Sub-Área:** Ecologia

One of the first groups to suffer effects of continuous habitats reduction is the top predators. The loss of these animals triggers a series of processes in communities with top-down regulation that can drastically change community structure. One of the processes triggered by loss of large predators is the mesopredator release, which results in high rates of mortality and extinction of their prey. However, few studies have devoted themselves to approach the subject in relation to neotropical forests region. In these areas, the genus *Didelphis* stands out among the other mammal species by their unique survival ability. In this study, we investigated the relationship between the richness of small mammals and the abundance and biomass of black-eared opssum, *Didelphis aurita*, controlling for the altitude and area effect. We sampled nine forest fragments in Rio de Janeiro state, where the small mammals were sampled using 90 live-traps at ground level spaced 40 m apart for six consecutive nights. Both models with biomass and abundance of *D.aurita* were significant in explaining the small mammal richness. We suppose that *D. aurita* relative biomass is a better predictor of small mammal richness than its abundance. Our work supports the idea that natural reserves, to be effective, should be planned to maintain viable populations of large predator to avoid mesopredador ecological release. Moreover, abundance and biomass of *D. aurita* can be a good indicator of small mammal richness, besides the quality of fragments in Atlantic Forest.

Palavras-chave: Atlantic Forest, ecological release, fragmentation, mesopredator

Financiadores: CAPES, CEPF, Instituto BIOMAS

INFLUÊNCIA DE ESTRADAS, COBERTURA FLORESTAL E DE MATRIZ DE CAPOEIRA SOBRE A COMUNIDADE DE PEQUENOS MAMÍFEROS EM FRAGMENTOS FLORESTAIS DE MATA ATLÂNTICA

Simone R. Freitas (Depto. Ecologia, USP, simonerfreitas.usp@gmail.com)
Renata Pardini (Depto. Zoologia, USP)
Jean Paul Metzger (Lab. Ecologia da Paisagem e Conservação, Depto. Ecologia, USP)

Área: Diversos **Sub-Área:** Ecologia

Estradas afetam comunidades biológicas através principalmente do efeito de borda, isolamento de populações, ruído do tráfego e atropelamentos. Esse trabalho objetiva comparar a importância relativa da proximidade das estradas em relação à cobertura florestal e de vegetação em estádio inicial de regeneração (capoeira) na estrutura de comunidades de pequenos mamíferos em fragmentos florestais. Foram estudados 20 fragmentos florestais no Planalto de Ibiúna (SP) circundados principalmente por campos agrícolas, capoeira e áreas construídas. As estradas são, em grande parte, não -pavimentadas e com uso essencialmente para atividades locais e agrícolas. A cobertura florestal e de capoeira foi medida em seis faixas (buffers) de 300 a 800 m a partir do sítio de coleta para averiguar o efeito da escala espacial. Para avaliar um atraso na resposta da comunidade, usamos mapas de estradas e de uso e cobertura da terra de três épocas (1962, 1981 e 2000). A captura dos pequenos mamíferos foi feita usando 11 baldes conectados por uma cerca de plástico em um transecto de 100 m. Usamos modelos de regressão linear generalizado (Poisson) para explorar a relação da abundância e da riqueza de pequenos mamíferos com a distância da estrada mais próxima do sítio de coleta, a cobertura florestal e a cobertura de capoeira, ambas dentro das seis faixas. Cada modelo usou combinações de até duas variáveis independentes, sem que diferentes faixas ou épocas fossem incluídas no mesmo modelo, minimizando problemas relacionados às dependências espacial e temporal. Usamos o Critério de Informação de Akaike para selecionar o melhor modelo. Espécies endêmicas de Mata Atlântica foram analisadas separadamente, porque espera-se que as não-endêmicas atravessem a matriz com maior facilidade. A riqueza de espécies endêmicas e não-endêmicas não foi influenciada pela distância da estrada, mas pela cobertura florestal atual. Entretanto, a distância da estrada foi importante para explicar a abundância total de espécies não-endêmicas, junto com a matriz de capoeira. Essas espécies foram mais abundantes em locais mais distantes de estradas atuais e com maior cobertura de capoeira num entorno de 300 m do ponto amostral. Para as espécies não-endêmicas mais abundantes (*Akodon montensis* e *Oligoryzomys nigripes*), a distância da estrada foi menos importante do que a cobertura florestal e a matriz de capoeira. No entanto, o efeito negativo imediato das estradas influencia na abundância total de espécies não-endêmicas, indicando que as estradas podem representar uma barreira para o deslocamento dessas espécies que provavelmente evitam as estradas, tornando suas populações mais isoladas.

Palavras-chave: ecologia de paisagem, conservação, fragmentação de habitat, escala

Financiadores: FAPESP

A COMUNIDADE DE PEQUENOS MAMÍFEROS E O PROCESSO DE REGENERAÇÃO DE PALMEIRAS EM FRAGMENTOS FLORESTAIS ISOLADOS POR ÁGUA NA AMAZÔNIA CENTRAL

Manoela Lima de Oliveira Borges (Coleçao de Mamíferos / INPA / borgesmanoela@hotmail.com)
Eduardo Martins Venticinque (Ecologia/INPA, WCS)
Maria Nazareth Ferreira da Silva (Coleção de Mamíferos/INPA)

Área: Diversos **Sub-Área:** Ecologia

Com o aumento progressivo das taxas de desmatamento sobre as florestas tropicais nas últimas décadas, é necessário entender como as comunidades biológicas têm suas relações ecológicas afetadas pelas novas configurações espaciais de uma paisagem. Vinte anos após a construção da Usina Hidrelétrica de Balbina no rio Uatumã, Amazonas, Amazônia Central, grande parte da biota que sobreviveu ao alagamento ficou confinada em ilhas de diversos tamanhos e graus de isolamento. Sendo assim, a proposta deste trabalho foi avaliar como a assembléia de pequenos mamíferos foi afetada pelas mudanças abruptas na paisagem oriundas do alagamento do reservatório, através da análise da importância de atributos como o tamanho e grau de isolamento das manchas (ilhas) remanescentes. Também foi avaliada a influência das mudanças na assembléia de pequenos mamíferos na composição da assembléia de palmeiras. A comunidade de pequenos mamíferos foi amostrada entre julho e dezembro de 2006, através do uso de armadilhas de alumínio (Sherman e Tomahawk) com isca atrativa, em 12 sítios de coleta (8 em ilhas e 4 em terra firme). O esforço total foi de 9600 armadilhas-noite. As palmeiras foram amostradas em parcelas de 100 x 1 m, nos mesmos sítios de coleta de pequenos mamíferos. No total, 110 indivíduos de pequenos mamíferos foram capturados, distribuídos entre 13 espécies e três famílias (Didelphidae, Cricetidae e Echimyidae). Os atributos da paisagem foram analisados através dos programas Fragstats e Arc View 3.2. A diminuição do isolamento entre ilhas afetou positivamente a abundância e a probabilidade de ocorrência de Monodelphis brevicaudata, a abundância total e riqueza de pequenos mamíferos e a composição de palmeiras nas ilhas, além de afetar negativamente a abundância e a probabilidade de ocorrência de *Didelphis marsupialis*. Ilhas de tamanho maior apresentaram maior probabilidade de ocorrência de *Monodelphis brevicaudata*, apesar de possuir baixa abundância e riqueza de espécies de pequenos mamíferos. Um total de 630 indivíduos de palmeiras foi registrado, sendo 32 espécies distribuídas entre 11 gêneros. A composição da comunidade de palmeiras esteve correlacionada com a abundância de *Micoureus demerarae*, *Proechimys guyannensis* e *Proechimys cuvieri*. Diante dos resultados, ficaram evidentes que o isolamento entre as ilhas e o tamanho destas são fatores importantes para as mudanças observadas na estrutura da comunidade de pequenos mamíferos, com reflexos na comunidade de palmeiras. Novas hipóteses sobre a dinâmica e fatores que podem influenciar as comunidades estudadas são sugeridas como prioridade para futuros estudos em Balbina.

Palavras-chave: Hidrelétrica de Balbina, fragmentação florestal, roedores, marsupiais,

Financiadores: ARPA, FAPEAM.

ABUNDÂNCIA MÉDIA DE ECTOPARASITOS EM DIFERENTES ESPÉCIES DE PEQUENOS MAMÍFEROS NO PARQUE NACIONAL DA SERRA DO CIPÓ, SANTANA DO RIACHO (MG)

Danilo G. Saraiva (Lab. Mastozoologia/Museu PUCMinas C. Naturais / danilogsaraiva@gmail.com)
Gislene F. S. Rocha (Bicho do Mato consultoria Ambiental)
Saraita P. Oliveira (Pós-graduação em Licenciamento Ambiental - UNI-BH)
Karla G. Leal (Bicho do Mato Consultoria Ambiental)
Claudia G. Costa (Lab. Mastozoologia/Museu PUCMinas de Ciências Naturais)
José R. Botelho (Departamento de Parasitologia/Universidade Federal de Minas Gerais)

Área: Diversos **Sub-Área:** Ecologia

Como a maioria dos mamíferos, roedores e marsupiais estão associados à uma grande diversidade de ectoparasitos pertencentes a diferentes espécies de Acari e Insecta. Estes parasitos estão entre os principais vetores de patógenos que infectam humanos, animais domésticos e silvestres. O nível de abundância média de ectoparasitos em pequenos mamíferos varia de acordo com a qualidade do ambiente e as diferentes espécies de hospedeiros disponíveis na área. O presente estudo foi realizado no Parque Nacional da Serra do Cipó, Minas Gerais, inserido no bioma Cerrado. Foram realizadas campanhas mensais de quatro dias consecutivos, no período de abril a agosto de 2007. Para a captura de pequenos mamíferos foram utilizadas 100 armadilhas "live trap" de arame galvanizado e isca de aveia, creme de amendoim, banana, canjiquinha e óleo de sardinha. Os roedores e marsupiais capturados foram sedados com éter etílico e os ectoparasitos retirados manualmente do seu corpo, com o auxílio de pinças, escova de dente ou pente-fino e armazenados em recipientes com álcool 70%, para posterior identificação em laboratório. Foram capturados 95 hospedeiros de nove espécies. Destas, seis pertencem à Ordem Rodentia (*Cerradomys subflavus*, *Nectomys squamipes*, *Thrichomys apereoides*, *Rhipidomys mastacalis, Necromys lasiurus* e *Oligoryzomys eliurus*) e três à Ordem Didelphimorphia (*Gracilinanus agilis, Marmosops incanus* e *Didelphis albiventris*). Desses indivíduos foram obtidos 3011 ectoparasitos pertencentes às Ordens Phthiraptera (4,18%), Siphonaptera (0,26%), Ixodida (2,62%) e Gamasida (92,62%). Para cada espécies de hopedeiro a abundância média (AM) de ectoparasitos foi calculada pela fórmula: AM=Pn/N; sendo Pn o número total de indivíduos de uma espécie particular de parasito em amostra de uma espécie particular de hospedeiro; e N o número total de hospedeiros dessa espécie incluindo infectados e não-infectados. Os menores índices de parasitismo foram registrados em Gracilinanus agilis, com AM=0,33 ectoparasitos por indivíduo, provavelmente devido ao seu menor tamanho corporal, pequena área de vida e tempo de vida muito curto. *Thrichomys apereoides* apresentou o maior índice de parasitismo entre todos os hospedeiros, com AM=95,77 ectoparasitos por indivíduo, o que pode ser justificado pela maior disponibilidade de recursos aos ectoparasitos devido ao seu grande tamanho corporal e à grande quantidade de pêlos e pele que o roedor renova diariamente, além da alta expectativa de vida e contato frequente com outros indivíduos da mesma espécie. Estudos que abordem este tipo de relação hospedeiro/parasito podem revelar informções importantes sobre a biologia e comportamento de mamíferos, além de fornecer maiores informações sobre as relações ecológicas entre essas espécies.

Palavras-chave: Rodentia, DIdelphimorphia, Ectoparasitos

EFEITO DO TIPO DE MATRIZ SOBRE A PRESENÇA DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE NUMA PAISAGEM AGROFLORESTAL DE ALFENAS – MG

Maísa Ziviani Alves (Laboratório e Museu de Zoologia/UNIFAL-MG/ maisaziviani@yahoo.com.br)
Érica Hasui (Laboratório e Museu de Zoologia/UNIFAL-MG)
Giordano Ciocheti (Laboratório de Ecologia de Paisagem e Conservação/IB-USP)

Área: Diversos **Sub-Área:** Ecologia

A transformação de uma área natural contínua em remanescentes florestais imersos em matrizes antrópicas decorre de um dos maiores problemas ambientais atuais: a fragmentação de habitats. A Mata Atlântica é um dos biomas mais ameaçados por este processo. A preservação deste bioma é fundamental para os mamíferos, uma vez que possui uma das maiores biodiversidades do planeta. Um ponto importante na conservação destes remanescentes é a conectividade funcional da paisagem, que está diretamente relacionada ao comportamento das espécies e ao tipo de matriz. Este trabalho, desenvolvido numa paisagem predominantemente de Mata Atlântica Semidecídua, objetivou avaliar o efeito da área do fragmento e do tipo de matriz sobre a presença de espécies de mamíferos de médio e grande porte. Os dados foram obtidos a partir de entrevistas com proprietários e/ou empregados das propriedades onde se localizam os fragmentos. Os fragmentos foram escolhidos de acordo com a matriz dominante, podendo ser composta de apenas um tipo de uso do solo ou de dois tipos: pastagem, café, cana-de-açúcar/pastagem, café/pasto e café/cana-de-açúcar. Foram relatadas 39 espécies distribuídas em seis ordens, dentre as quais 11 estão classificadas como ameaçadas de extinção para o estado de Minas Gerais (Fundação Biodiversitas, 2007). A distribuição das espécies nos fragmentos mostra que a área com maior número de espécies apresenta matriz composta de café/cana-de-açúcar, apresentando 34 espécies. Fragmentos circundados por monoculturas de café apresentaram maior diversidade, provavelmente por ser a matriz mais similar à vegetação original apresentando um menor contraste e maior permeabilidade. Os outros tipos de matrizes apresentaram diversidade menor, possivelmente por serem mais contrastantes à vegetação. Segundo a Análise de Regressão, a área do fragmento não influenciou na riqueza de espécies, pois a maior área deveria apresentar a maior riqueza, o que não ocorreu. Isso reforça o fato de que o tipo de matriz pode selecionar espécies, e conseqüentemente a riqueza existente em fragmentos envoltos por diferentes tipos de uso e cobertura das terras Conclui-se que a matriz apresenta uma ligação direta na diversidade de espécies dos fragmentos ao seu redor. A matriz pode contribuir positivamente para a manutenção das espécies nos fragmentos, funcionando como filtro seletivo. Portanto, deve haver um manejo adequado do uso do solo, para mitigar riscos de perda de biodiversidade nos fragmentos remanescentes.

Palavras-chave: Fragmentação, preservação, conectividade

CBMz

PEQUENOS MAMÍFEROS DA RESERVA DO CAMPING MIRANTE - TANGARÁ DA SERRA, MATO GROSSO

Auriane Terezinha Sawaris (UNEMAT, Campus Universitário de Tangará da Serra / aurianesawaris@terra.)
Dionei José da Silva (Departamento de Ciências Biológicas, UNEMAT)
Manoel dos Santos Filho (Departamento de Ciências Biológicas, UNEMAT)

Área: Diversos **Sub-Área:** Ecologia

Estudos da mastofauna do Estado de Mato Grosso são raros, datados da década de 40 e 70, com poucos mais recentes. O conhecimento limitado e os desafios que pesam sobre a conservação da biodiversidade do Cerrado tornam relevantes e urgentes os estudos nessas áreas, como a determinação da riqueza de espécies e o uso de habitats pela mastofauna. Este estudo foi realizado na reserva do Camping Mirante, em Tangará da Serra, MT. A reserva possui 18.5 ha, estando às margens da escarpa da Serra Tapirapuã a uma altitude de 1.132 m, apresentando vegetação característica de floresta estacional semidecidual, sobre áreas de afloramentos rochosos. O estudo objetivou realizar um levantamento das espécies de pequenos mamíferos ocorrentes na área. Foram realizadas duas amostragens de dez dias cada uma, sendo a primeira no período de 30 de outubro a 08 de novembro de 2007, início do período chuvoso, e outra de 15 a 24 de março de 2008, período chuvoso. O esforço amostral foi de 1.400 armadilhas/noite, tendo sido utilizado em cada amostragem 35 armadilhas do tipo Sherman e 35 Tomahawk, dispostas alternadamente, no chão e no alto a uma distância média de 15 metros entre elas. As armadilhas foram dispostas abaixo e na borda da escarpa, na porção central da área, na borda com pastagem e numa área com predominância de babaçu. Estas foram iscadas com banana e pasta de amendoim, que foram trocadas diariamente, durante revisão pela manhã. No total foram registradas 93 capturas sendo sete destas como recaptura. Foram registradas cinco espécies de roedores e quatro de marsupiais. Dentre os roedores foram encontrados indivíduos de *Rhipidomys mastacalis*, *Oryzomys megacephalus*, *Thrychomys apereoides*, *Necromys lasiurus* e *Oryzomys nitidus*; e dentre os marsupiais encontramos indivíduos de *Micoureus demerarae*, *Didelphis marsupialis, Monodelphis domestica* e *Marmosops noctivagus* . Como esperado *Thrychomys apereoides* foi registrado sempre em ambientes dominados por rochas, na porção inferior da escarpa, na borda desta, e em afloramentos rochosos. A maioria das espécies mostrou-se generalista quanto ao uso dos habitas, visto que foram encontradas em quase todos ambientes amostrados, exceto no domínio de babaçu. Este ambiente parece não oferecer as melhores condições de sobrevivência para as espécies registradas visto que foi o local com menos abundância e riqueza. Neste ambiente foram registradas apenas as espécies *Oryzomys nitidus, Micoureus demerarae* e *Marmosops noctivagus*. Os estudos nesta área continuarão a fim de se verificar a dinâmica populacional das espécies ao logo das estações do ano.

Palavras-chave: Pequenos mamíferos, Tangará da Serra, Mato Grosso.

DISPERSÃO DE FRUTOS DA PALMEIRA PINDOBA (*ATTALEA HUMILIS*) POR MAMÍFEROS

Cecilia Siliansky de Andreazzi (Lab.Ecologia e Conservação de Pops./ UFRJ;FIOCRUZ / candreazzi@fiocruz.br)
Clarissa Scofield Pimenta (Lab. Ecologia e Conservação de Populações / UFRJ)
Alexandra dos Santos Pires (Lab. Ecologia e Conservação de Populações / UFRJ)
Fernando Antonio dos Santos Fernandez (Lab. Ecologia e Conservação de Populações / UFRJ)

Área: Diversos **Sub-Área:** Ecologia

Nas florestas tropicais os frutos das palmeiras são um dos recursos mais consumidos por mamíferos. Esses animais exercem um importante papel na demografia dessas plantas, através de processos como a dispersão de sementes. *Attalea humilis* ocorre do sul da BA ao norte de SP e seus frutos (comprimento: 4,42±0,61cm, diâmetro: 3,08±0,70cm, n=2279) possuem uma polpa rica em óleos e carboidratos, a qual é bastante consumida pelos animais. O mesmo ocorre com suas sementes, mas devido ao seu espesso endocarpo, somente roedores e ungulados são capazes de acessá-las. Para estimar a fauna que consome os frutos de pindoba e verificar a importância desses animais na dispersão das suas sementes, foram utilizadas armadilhas fotográficas e realizados experimentos de remoção de frutos nas ReBios Poço das Antas (PA, 6500ha) e União (UN, 3100ha), RJ. Câmeras fotográficas foram direcionadas para pilhas de frutos maduros que se encontravam no chão da floresta e a remoção desses foi monitorada dia e noite durante o pico de amadurecimento de frutos de 2007, totalizando 1675 horas de amostragem. Para o experimento de remoção, 20 grupos de cinco frutos previamente amarrados a um carretel de linha de pesponto (30m) foram dispostos em um transecto a cada 50 metros, totalizando 100 frutos por área. Os experimentos foram verificados após três semanas e os frutos foram classificados como não-removidos, predados ou dispersados. Foram obtidos 46 registros fotográficos de (em ordem decrescente): *Didelphis aurita, Pecari tajacu, Dasyprocta leporina, Philander frenatus*, *Cuniculus paca* e *Dasypus novemcinctus*, sendo que, desses, somente cateto e cutia são capazes de predar sementes de pindoba. Adicionalmente, foram observadas marcas de predação por Guerlinguetus ingrami e pequenos roedores. O número de estações experimentais com pelo menos um fruto removido foi de 16 em PA e 18 em UN. Foram removidos 51 frutos em PA e 60 na UN. As sementes foram levadas a distâncias que variaram de 0,5 a 25,7 m (6,8±7,0m; n=90). Dos 90 endocarpos removidos para os quais foi possível conhecer o destino, 26 (29%) foram enterrados, 60 (66%) foram deixados sobre o solo e quatro (5%) foram predados. De acordo com o percurso da linha foi possível verificar que os dispersores foram cutias, esquilos e pequenos roedores, provavelmente ratos-de-espinho. Os endocarpos foram enterrados entre 2 e 3 cm de profundidade, sempre com o poro germinativo para baixo. A dispersão e estocagem dos frutos foram bastante freqüentes, demonstrando que esses roedores exercem um importante papel nesse processo.

Palavras-chave: Interações animal-planta, Dasyprocta, Guerlinguetus, Mata Atlântica

Financiadores: CNPq, FAPESP, FAPERJ, Idea Wild

PADRÃO DE UTILIZAÇÃO DE RECURSOS POR MAMÍFEROS EM UMA MATA NATIVA E SEUS ARREDORES NA REGIÃO DE RANCHO ALEGRE, PR

Fabio Rodrigo Andrade (Laboratório de Ecologia de Mamíferos / UEL / biologobr@gmail.com)
Nelio Roberto dos Reis (Laboratório de Ecologia de Mamíferos / UEL)
Patrícia Helena Gallo (Laboratório de Ecologia de Mamíferos / UEL)
Inaê Guion de Almeida (Laboratório de Ecologia de Mamíferos / UEL)

Área: Diversos **Sub-Área:** Ecologia

Um habitat é único na forma e nos recursos que disponibiliza aos seus habitantes. Portanto, os indivíduos que nele se encontram, devem predispor de meios de ali sobreviver e lutar pela sua permanência. Diante disso, é possível sugerir uma hipótese de coexistência das espécies de mamíferos baseadas nas dimensões básicas do nicho, tais como: alimento (carnívoro, frugívoro/herbívoro, frugívoro/onívoro, herbívoro, insetívoro/onívoro, mirmecófago e piscívoro); tempo (diurno ou noturno) e espaço (arborícola, terrestre, semi-aquático, escansorial e semi-fossorial), contrapondo com o seu tamanho (muito pequeno, pequeno, médio, grande e muito grande). Esta suposição foi baseada no fato de que espécies de tamanhos diferentes procuram alimentos diferentes. Tendo os tamanhos em contraposição com os hábitos alimentares, foi possível estabelecer 35 categorias distintas de coexistência sem competição direta. Quando ocorreram sobreposições, as demais dimensões do nicho (espaço e tempo) foram incluídas, de maneira que todas as competições diretas que poderiam limitar a existência de uma espécie no local fossem explicadas. Neste contexto, foram distribuídas as 25 espécies de mamíferos de médio e grande porte (*Didelphis albiventris; Dasypus novemcinctus; Dasypus septemcictus; Tamandua tetradactyla; Cebus nigritus; Guerlinguetus ingrami; Sphiggurus villosus; Cavia aperea; Hydrochoerus hydrochaeris; Dasyprocta azarae; Cuniculus paca; Sylvilagus brasiliensis; Lepus europaeus*; *Leopardus tigrinus; Leopardus wiedii; Leopardus pardalis; Puma yagouaroundi; Puma concolor; Cerdocyon thous; Eira barbara; Nasua nasua; Procyon cancrivorus; Pecari tajacu; Mazama nana* e *Mazama gouazoupira*) registrados na mata o da reserva legal da Fazenda Congonhas e seus arredores, localizada no município de Rancho Alegre (23^{o} 02'19"S e 50^{o} 56''04"W). Assim, verificou ser possível que uma pequena comunidade de médios e grandes mamíferos coexista na área de estudo de forma estruturada e sustentável. Há, porém, o risco de diminuição gradativa até o desaparecimento a médio e longo prazo, devido, principalmente, à dificuldade de manutenção da variabilidade genética destes mamíferos, pelo reduzido porte da área e pela falta de conexão com outros remanescentes, o que limita sua existência a este fragmento. Outro ponto importante que finita a longevidade dessa comunidade, é a presença humana constante e a exploração continuada da área em questão, o que classifica como emergencial sua manutenção, vital para conservação das espécies remanescentes, evitando sua completa extinção, como vem ocorrendo com muitos mamíferos de maior porte em diferentes áreas do mundo.

Palavras-chave: coexistência; competição; mastofauna

CBMz

PEQUENOS MAMÍFEROS CAPTURADOS ULTILIZANDO ARMADILHA DE QUEDA

Daniel Gomes da Rocha (Departamento de Biologia/ UFLA/ biologodan@terra.com.br)
Marcelo Passamani (Departamento de Biologia/ UFLA)

Área: Diversos **Sub-Área:** Ecologia

Mamíferos de pequeno porte nas regiões neotropicais são bons indicadores de alterações locais de habitat e paisagem, além de influenciarem a dinâmica florestal. Entretanto, os padrões de distribuição, diversidade e abundância ainda são pouco conhecidos. Estudos recentes demonstram que a utilização de armadilhas de queda (baldes) têm elevado o número total de espécies conhecidas para inúmeras áreas. Dessa forma, duas reservas florestais dentro do campus da UFLA (Floresta Estacional Semidecidual Montana e Cerrado Sensu Stricto) foram amostradas e comparadas quanto à diversidade e abundância de pequenos mamíferos. Buscando entender algumas variáveis metodológicas específicas quanto à eficiência da armadilha de queda, três perguntas foram realizadas: como a forma das estações de captura (linha ou "Y" o tamanho dos baldes utilizados (20 L ou 30 L) e a presença ou não de isca, influenciam na captura das espécies. As coletas iniciaram em março de 2008. Até o momento o esforço de captura foi de 512 baldes/noite, sendo o sucesso de captura de 1,56%. Foram capturados um total de oito indivíduos pertencentes a 2 famílias e 4 gêneros. As espécies capturadas pertencentes a família Cricetidae foram *Akodon montensis, Necromys lasiurus, Oligoryzomys nigripes*; e *Gracilinanus microtarsus* da família Didelphidae , sendo 62,5%, 12,5%, 12,5% e 12,5% respectivamente.

Palavras-chave: pequenos mamíferos, armadilha de queda, diversidade.

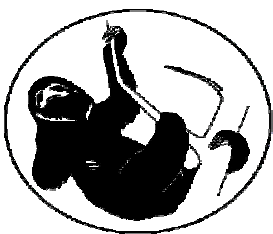
Financiadores: FAPEMIG

PREFERÊNCIA DE MICROHABITAT DE DUAS ESPÉCIES DE PEQUENOS MAMÍFEROS (DIDELPHIMORPHIA E RODENTIA) NA ESTAÇÃO ECOLÓGICA DA UFMG - BRASIL

Marina Peres Portugal (Lab. Ecologia de Mamíferos / ICB-UFMG / marinaport@hotmail.com) **Ericson Sousa da Silva** (Lab. Ecologia de Mamíferos / ICB-UFMG)
Flávio Henrique Rodrigues Guimarães (Dept. Biologia Geral / UFMG & Instituto Pró-Carnívoros)

Área: Diversos **Sub-Área:** Ecologia

A ação antrópica leva a uma diminuição e fragmentação de áreas naturais, obrigando a fauna silvestre a viver em áreas cada vez menores. As áreas de reservas e proteção têm abrigado cada vez mais a fauna, aumentando sua importância para a conservação. Muitas áreas, ainda que isoladas e sem corredores ecológicos, podem se tornar pontos de pouso para espécies voadoras e/ou migratórias, além de ajudar na manutenção do clima local. Na cidade de Belo Horizonte (Minas Gerais), e em seu entorno, há muitas áreas verdes mantidas por iniciativas públicas e privadas. Mas muitas dessas áreas mantêm dados incompletos e superficiais ou não possuem estudos sobre a fauna e de manejo. A Estação Ecológica da UFMG é a maior área de preservação dentro de um Campus Universitário no Brasil e conta com seis ordens de mamíferos, com grande importância física e natural. Além das espécies facilmente observadas, pouco se sabe sobre outras espécies e sua dinâmica dentro dessa área de preservação inserida na malha urbana da capital de Minas Gerais. Um levantamento de mamíferos realizado na Estação Ecológica analisou 9 diferentes fitofisionomias: mata, campo, bambuzal, brejo, cerrado e áreas alteradas, e apontou a presença de 4 espécies de pequenos mamíferos dos gêneros *Necromys lasiurus*, *Oryzomys* sp., *Marmosops incanus* e *Didelphis albiventris*. *M. incanus* e *N. lasiurus* foram encontrados em oito, dos nove ambientes analisados. Estas 8 áreas foram caracterizadas quanto à cobertura de caules herbáceos e lenhosos vivos, cobertura de folhiço, pedras no solo, dossel, obstrução foliar vertical a três níveis diferentes (ao nível do solo a 1,50 m de altura) e troncos caídos com diâmetro igual ou superior a 10 cm. *M. incanus* foi registrada em três ambientes com características físicas semelhantes. *N. laisiurus* esteve presente em outros cinco locais que, apesar de distintos entre si, possuem características diferentes dos ambientes em que o marsupial foi encontrado. Os hábitos arborícolas do marsupial estiveram relacionados com a pouca obstrução foliar vertical, a presença de troncos caídos e a intensa cobertura de dossel. Os hábitos terrestres e construção de ninhos em tocas subterrâneas do roedor também são corroborados pela presença de uma vegetação mais rasteira e intensa. A existência de microhabitats variados dentro de uma mesma área de preservação pode favorecer a manutenção de uma maior diversidade de pequenos mamíferos.

Palavras-chave: Análise de ambiente, roedor, marsupial, área fragmentada

EFEITO DE BORDA EM PEQUENOS MAMÍFEROS: VARIAÇÃO ENTRE ÁREAS E RELAÇÕES COM O HÁBITAT

Paulo T. Sarti (Lab. Ecologia de Mamíferos / UNISINOS / paulo.tomasi@gmail.com)
Emerson M. Vieira (Lab. Ecologia de Mamíferos / UNISINOS)

Área: Diversos **Sub-Área:** Ecologia

O desmatamento e a conseqüente fragmentação dos hábitats criam bordas adicionais nas florestas e são ameaças para as comunidades naturais, expondo as margens das florestas às condições da matriz (efeito de borda). As bordas se transformam em zonas de transição e podem sofrer mudanças microclimáticas, na composição de espécies, nas interações biológicas e na estrutura da vegetação. No presente estudo, investigamos possíveis efeitos de borda nas comunidades de pequenos mamíferos de florestas, da região sul do Brasil. Avaliamos a abundância e riqueza de pequenos mamíferos não-voadores em quatro tipos de hábitat: matriz, borda de floresta, zona intermediária (60 m da borda) e interior da floresta (> 150 m da borda) em cinco áreas florestadas (PN Aparados da Serra, RS; FLONA de São Francisco de Paula, RS; Pró-Mata, RS; EE de Aracuri-Esmeralda, RS; e PE Serra do Tabuleiro, SC). Avaliamos também a disponibilidade de recursos alimentares, fatores abióticos, e também medimos características de microhábitat em todos os hábitats. Para um esforço total de 4.480 armadilhas/noite, capturamos 84 indivíduos, pertencentes a 9 espécies (*Akodon azarae*, *Akodon montensis*, *Akodon* sp.1, *Brucepattersonius* sp., *Delomys dorsalis*, *Juliomys* sp., *Oligoryzomys nigripes*, *Sooretamys angouya*, *Thaptomys nigrita*). Detectamos diferenças significativas entre os tipos de hábitat tanto para riqueza de espécies quanto para abundância (ANOVA por permutação, $P < 0.05$ para ambos os testes). Testes *a posteriori* indicaram que essas diferenças foram devido aos menores valores obtidos nas áreas de matriz. Embora tenhamos encontrado diferenças entre os hábitats florestais avaliados em relação à estrutura da vegetação, não houve diferenças na riqueza e abundância de espécies associadas a esses hábitats. Os resultados obtidos não indicaram alterações na abundância ou riqueza de pequenos mamíferos não-voadores que possam ser relacionadas a potenciais efeitos de borda. Houve, no entanto, uma grande variação entre as áreas amostradas tanto na abundância quanto riqueza de espécies.

Palavras-chave: Borda florestal, comunidades, mamíferos, microhábitat

Financiadores: CNPq

CBMz

ESTRUTURA DA COMUNIDADE DE PEQUENOS MAMÍFEROS EM UM SISTEMA DE FRAGMENTOS CONECTADOS POR CORREDORES DE VEGETAÇÃO NO SUL DE MINAS GERAIS

Andréa de Oliveira Mesquita (Setor de Ecologia/DBI/UFLA/bioideia@gmail.com)
Marcelo Passamani (Setor de Ecologia/DBI/UFLA/)

Área: Diversos **Sub-Área:** Ecologia

A estrutura de uma comunidade diz respeito aos padrões de composição, riqueza e abundância de espécies e das forças evolutivas que moldam estes padrões. O presente trabalho tem como principal objetivo avaliar a estrutura da comunidade de pequenos mamíferos em fragmentos de floresta estacional semidecídua conectados por corredores de vegetação na região de Lavras, Sul de Minas Gerais. Foram amostrados 5 fragmentos florestais com áreas variando de 1 a 12 ha e 5 corredores de vegetação que interligam estes fragmentos. O método utilizado foi captura-marcação-recaptura e o período de amostragem foi abril de 2007 a março de 2008. Para cada corredor, foi traçado um transecto de 100m, com pontos amostrais a cada 20m, totalizando 6 pontos, onde as armadilhas tipo Shermann e tipo gancho foram colocadas no solo e no sub-bosque. Nos fragmentos foi usada a mesma metodologia, entretanto foram estabelecidos dois transectos paralelos em cada fragmento. Com o esforço amostral de 6300 armadilhas/noite, registrou-se 793 capturas de 249 indivíduos, sendo o sucesso de captura de 7,9%. Os indivíduos estavam distribuídos em 11 espécies de pequenos mamíferos, sendo quatro espécies de marsupiais: *Didelphis albiventris, Didelphis aurita, Gracilinanus microtarsus e Marmosops incanus* e sete espécies de roedores: *Akodon montensis, Calomys tener, Cerradomys subflavus, Necromys lasiurus, Nectomys squamipes, Oligorizomys nigripes* e *Rhipidomys* sp. As espécies mais abundantes foram <Gracilinanus microtarsus> com 26,9% e *Akodon montensis* e *Rhipidomys* sp. com 22,1% cada. A abundância total de espécies nos fragmentos e nos corredores não mostrou diferenças significativas (t = 0,689; p = 0,511), assim como para cada espécie separadamente, com exceção de *Cerradomys subflavus* que mostrou-se mais abundante nos corredores que nos fragmentos (t = 2,749; p = 0,025). Deve-se ressaltar que somente *Nectomys squamipes*, *Necromys lasiuris* e *Marmosops incanus* foram capturados nos fragmentos e em baixas densidades (2, 4 e 1 indivíduos, respectivamente), sendo que as demais espécies foram capturadas tanto nos corredores quanto nos fragmentos, demonstrando que os corredores podem estar funcionando como áreas de deslocamento para as espécies dos fragmentos, favorecendo sua persistência nas áreas florestais da região.

Palavras-chave: fragmentação, corredores, abundância, pequenos mamíferos.

Financiadores: FAPEMIG

DESLOCAMENTOS DE PEQUENOS MAMÍFEROS EM UM SISTEMA DE FRAGMENTOS CONECTADOS POR CORREDORES DE VEGETAÇÃO NO SUL DE MINAS GERAIS

Andréa Mesquita (Setor de Ecologia/DBI/UFLA/bioideia@gmail.com)
Marcelo Passamani (Setor de Ecologia/DBI/UFLA)

Área: Diversos **Sub-Área:** Ecologia

A fragmentação de habitats, resultante das ações antrópicas nos ecossistemas, é uma das principais ameaças à biodiversidade mundial e a maioria dos fragmentos florestais brasileiros encontram-se isolados, o que dificulta ou mesmo impede a dispersão da fauna de um modo geral. Dessa forma, a conexão dos fragmentos por meio dos corredores de vegetação apresenta-se como uma alternativa importante na conservação destes ambientes, minimizando processos de extinção local. Este estudo faz parte de um projeto de monitoramento da fauna em fragmentos florestais conectados por corredores de vegetação, cujo objetivo principal é avaliar a eficiência destes corredores em relação ao deslocamento da mastofauna de pequeno porte na região de Lavras, Sul de Minas Gerais. Foram amostrados 5 fragmentos florestais com áreas variando de 1 a 12 ha. e 5 corredores de vegetação que interligam estes fragmentos. O método utilizado foi captura-marcação-recaptura e o período de amostragem foi abril de 2007 a março de 2008. Para cada corredor, foi traçado um transecto de 100m, com pontos amostrais a cada 20m, totalizando 6 pontos, onde as armadilhas tipo Shermann e tipo gancho foram colocadas no solo e no sub-bosque. Nos fragmentos foi usada a mesma metodologia, entretanto foram estabelecidos dois transectos paralelos em cada fragmento. O esforço amostral de 6300 armadilhas/noite resultou em 793 capturas de 249 indivíduos, distribuídos em 11 espécies de pequenos mamíferos, sendo elas *Didelphis albiventris*, *Didelphis aurita*, *Gracilinanus microtarsus*, *Marmosops incanus*, *Akodon montensis*, *Calomys tener*, *Cerradomys subflavus*, *Necromys lasiurus*, *Nectomys squamipes*, *Oligorizomys nigripes* e *Rhipidomys* sp. Foram observados um total de 48 eventos de deslocamentos distribuídos entre 29 indivíduos, o que representa cerca de 11% do total de indivíduos capturados no local. Deslocamentos entre corredores e fragmentos foram registrados para *A. Montensis* (1/ macho), *Rhipidomys* sp. (1/ fêmea), *G. Microtarsus* (1/macho), *D. aurita* (1/macho) e *D. albiventris* (8/ 4 machos e 4 fêmeas). Deslocamentos apenas entre os corredores foram observados em *A. montensis* (2/1 macho e 1 fêmea), *C. subflavus* (3/2 machos e 1 fêmea), 5*Rhipidomys* sp. (4/ 1 macho e 3 fêmeas), *O. nigripes* (1/ fêmea) e *G. microtarsus* (4 machos). Deslocamentos entre fragmentos foram detectados em *G. microtarsus* (1/fêmea) e *D. albiventris* (2 / fêmeas). Das 11 espécies de pequenos mamíferos registradas, 7 se deslocaram entre as áreas estudadas usando os corredores, o que reforça a importância dos mesmos para o manejo e conservação da fauna de pequenos mamíferos da região.

Palavras-chave: fragmentação, corredores, pequenos mamíferos, deslocamentos.

Financiadores: FAPEMIG

CBMz

A INFLUÊNCIA DO TURISMO NA DISTRIBUIÇÃO DAS PEGADAS DE MAMÍFEROS NA RPPN SANTUÁRIO DO CARACA – MG

G.P. Santos (Mestrado em Zoologia de Vertebrados / PUC-MG / gleniopereira@ig.com.br)
E.C.L.D. Rocha (Mestrado em Zoologia de Vertebrados / PUC-MG)

Área: Diversos **Sub-Área:** Ecologia

O turismo já foi considerado uma atividade econômica limpa, não poluente e geradora de amplo leque de oportunidades. Porém, atualmente, é tido como um potencial agressor, causador de impactos ao meio ambiente natural, devendo ser planejado, administrado e empreendido de modo a evitar danos à biodiversidade. Os impactos negativos do turismo surgem, por exemplo, pelo volume de visitantes que afeta os ecossistemas mais frágeis superando os impactos positivos causados pelo mesmo, além de contribuir com a poluição sonora, lixo, compactação dos solos e fuga da fauna nativa. Para minimizar os impactos é fundamental que sejam feitos estudos de monitoramento das áreas atingidas, e uma técnica eficiente e não intrusiva é o estudo de vestígios (pegadas e fezes). O presente estudo foi realizado na RPPN Santuário do Caraça - MG (S20°05'52" W043°29'16") nos meses de outubro e novembro de 2006 e o objetivo foi verificar, através dos vestígios encontrados, se a mastofauna utiliza de forma diferenciada as áreas próximas à sede da RPPN. A nossa hipótese era que quanto maior fosse a distância em relação à Sede, maior seria a riqueza e o número de vestígios encontrados. Para a amostragem, cinco trilhas foram escolhidas através de informações fornecidas pelos turistas, guias e funcionários da RPPN e elas tinham entre 590 e 3.500m de extensão. O esforço amostral foi de 23.151m e ao todo foram amostradas 14 espécies representando seis Ordens e 11 Famílias. Dos 81 registros, as espécies mais amostradas foram *Chrysocyon brachyurus, Tapirus terrestris e Mazama sp*, com 25, 13 e 12 registros, respectivamente. Os vestígios encontrados foram classificados por ordem de distância em linha reta da sede do Santuário, da seguinte forma: Classe I (0 - 500m); II (501 - 1.000m); III (1.001 - 1.500m) e IV (+1.500m). O número de espécies e registros encontrados variou entre 7, 9, 10, 4 e 18, 33, 25 e 5 para as Classes I, II, III e IV respectivamente. Das 14 espécies, somente *Cerdocyon thous, Mazama sp, Tapirus terrestris e Chrysocyon brachyurus* foram registradas em todas as classes de distância. Apesar dos resultados obtidos o teste Qui-quadrado não foi significativo, isto é, não há diferença na utilização das trilhas em relação às Classes de distância. As diferenças encontradas em relação à distância de cada registro podem estar relacionadas aos hábitos e comportamentos de cada espécie, mas podemos concluir que existe uma ligeira diferença na distribuição de algumas espécies ao longo destas trilhas.

Palavras-chave: turismo, mamíferos, vestígios

ANÁLISE COMPARATIVA DE ROTAS ENTRE PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO VOADORES

Raoni A. Lustosa (Lab de Diversidade de Mamíferos, UFRRJ - raonial@click21.com.br)
Carlos E. L. Esberard (Lab de Diversidade de Mamíferos, UFRRJ)
Bruno Cintra (Lab de Diversidade de Mamíferos, UFRRJ)
Michel B. da Silva (Lab de Diversidade de Mamíferos, UFRRJ)
Eduardo D. Shuitz (Lab de Diversidade de Mamíferos, UFRRJ)

Área: Diversos **Sub-Área:** Ecologia

Pequenos mamíferos não voadores apresentam o grupo ecológico mais diversificado de mamíferos das florestas Neotropicais. Cerca de 23 espécies de marsupiais e 57 espécies de roedores ocorrem nessa área, as quais 39% e 53% respectivamente são endêmicas. O presente estudo foi realizado na ilha da Marambaia, litoral sul do Rio de Janeiro, localizada na baía de Sepetiba , onde há predominância da floresta Ombrófila que ainda possui representativa parcela de mata pluvial costeira, possuindo relevo variado, com matas de baixada, de encosta e submontanha. Sendo que a maior parte da ilha é coberta, principalmente, por mata secundária. A análise comparativa de rotas foi realizada entre dois pequenos mamíferos; o rato silvestre (*Oligoryzomys nigripes*) e a cuíca de três listras (*Monodelphis americana*); onde foi inserida uma linha irregular beirando a borda da mata com um pitfall composto por 17 fovos de 35 L, os quais possuem entre si uma distância aproximada de 5m utilizando barreira direcionadora de plástico. O trabalho foi realizado durante 4 dias/mês em 12 meses com rondas de seis em seis horas cobrindo as 24 h do dia. *Monodelphis americana* foi capturada durante o dia (06h00min às 18h00min) e *O. nigripes* durante a noite (de 18h00min às 06h00min).O marsupial foi capturado em 10 dos 17 baldes, enquanto *O. nigripes* foi em 7, sendo observadas capturas de ambas as espécies em apenas 4 baldes. A predominância de *M. americana* quanto aos baldes diferiu da observada em *O. nigripes*. Em areas mais baixas e úmidas foi mais frequente a primeira espécie e em áreas altas e secas a segunda. Tais resultados indicam que as espécies provavelmente se deslocam por diferentes rotas no solo da área de floresta. Por ser *O. nigripes* tão mais comuns, quanto mais abertos forem os estratos superiores, supomos que estes prefiram as áreas mais descobertas, enquanto o marsupial, por ser diurno, usa preferencialmente as áreas mais sombreadas. As duas espécies mostram-se freqüentes na área, com picos observados em novembro para *M. americana* e em julho e novembro para *O. nigripes*. Observou-se um desvio acentuado para machos em *M. ameri cana*, não observado no roedor. É provável que estas espécies escolham seus deslocamentos por fatores não freqüentemente analisados em pesquisas deste tipo, tais como, presença e abundância de serrapilheira, umidade do solo e presença e abundância de possíveis presas.

Palavras-chave: *Oligoryzomys nigripes*, *Monodelphis americana*, floresta neotropical

COMUNIDADES DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE EM ÁREA FRAGMENTADA: COMPOSIÇÃO E RIQUEZA EM RELACÃO À PAISAGEM

Paula Sanches Martin (Departamento de Ciências Biológicas / ESALQ-USP / psmartin@esalq.usp.br)
Carolina Franco Esteves (Departamento de Ecologia / UNESP)
Kátia Maria Paschoaletto Micchi de Barros Ferraz (Departamento de Ciências Florestais / ESALQ-USP)
Hilton Thadeu Zarate do Couto (Departamento de Ciências Florestais / ESALQ-USP)
Silvio Frosini de Barros Ferraz (Departamento de Ecologia / UNESP)

Área: Diversos **Sub-Área:** Ecologia

Compreender como os diferentes táxons utilizam os remanescentes florestais e a matriz ao seu redor pode auxiliar na definição de critérios para a conservação de espécies e da paisagem. A bacia do rio Corumbataí, localizada na porção centro-oeste do Estado de São Paulo, representa bem essa situação, pois apresenta elevado grau de fragmentação de sua cobertura florestal original (Mata Atlântica) em função de um processo desordenado de ocupação do solo. A proposta deste estudo foi entender as relações entre composição e riqueza da comunidade de mamíferos de médio e grande porte e os atributos da estrutura da paisagem de fragmentos florestais na bacia do rio Corumbataí. Os dez fragmentos, i.e. sítios amostrais, foram selecionados de acordo com atributos da paisagem (área, perímetro, área nuclear, índice de contraste de borda, distância do vizinho mais próximo, índice da vegetação da diferença normalizada (NDVI), distância de área urbana, distância de estradas, distância da rede hidrográfica, altitude, declividade, geomorfologia, uso e cobertura do solo e porcentagem de mata nativa em torno do fragmento) e classificados em maior e menor qualidade (cinco de cada tipo). O levantamento da mastofauna foi realizado através de identificação de vestígios diretos (visualizações) e indiretos (pegadas) em trilhas de 400m nos sítios selecionados. O esforço amostral deste estudo foi de 40km.dias (400m x 10dias x 10sítios amostrais). A relação entre a riqueza de espécies e a paisagem foi avaliada por meio da análise de regressão linear múltipla. 24 espécies de mamíferos foram identificadas na área amostrada. As variáveis NDVI, perímetro e área nuclear foram as que apresentaram maior correlação com a riqueza. Os dois tipos de fragmentos divergiram em termos de riqueza e composição de espécies. A similaridade entre as comunidades nos dois tipos de fragmentos foi de 53%. As espécies *Leopardus pardalis*, *Sylvilagus brasilienses*, *Procyon cancrivorus*, *Nasua nasua*, *Lycalopex vetulus*, *Euphractus sexcinctus*, *Dasypus novencinctus*, *Cerdocyon thous* e *Tayassu pecari* foram registradas nos dois tipos de fragmentos, enquanto que *Mazama americana*, *Callicebus nigrifrons* e *Puma yagouaroundi* apenas em fragmentos de maior qualidade e *Puma concolor*, *Hydrochoerus hydrochaeris*, *Lutreolina crassicaudata*, *Nectomys squamipes*, *Lontra longicaudis*, *Guerlinguetus aestuans*, *Cavia aperea*, *Cuniculus paca*, *Galictis cuja*, *Chrysocyon brachyurus*, *Conepatus semistriatus* e *Eira barbara* em fragmentos de menor qualidade. Este estudo contribuiu para um maior conhecimento da relação entre comunidade de mamíferos e a paisagem, gerando informações relevantes sobre os possíveis impactos da fragmentação de ambientes na composição e riqueza da mastofauna em áreas fragmentadas.

Palavras-chave: Agroecossistema, paisagem, fragmentação, Mata Atlântica, Corumbataí

Financiadores: Pró-reitoria da USP, FAPESP

EFEITOS DE BORDA NA ABUNDÂNCIA E RIQUEZA DE PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO-VOADORES NA FLORESTA NACIONAL DE GOYTACAZES, LINHARES, ESPÍRITO SANTO

Gustavo Giacomin (Depto. de Biologia / UNILINHARES)
Helder José (Depto. de Biologia / UNILINHARES / helderjose@ig.com.br)

Área: Diversos **Sub-Área:** Ecologia

A Floresta Atlântica é um bioma prioritário à conservação, uma vez que possui grande importância ecológica e alto grau de fragmentação, que expõe organismos de um fragmento a condições de um ecossistema circundante diferente, provocando efeitos adversos, os chamados efeitos de borda. Estes são capazes de modificar a composição de espécies, a estrutura e os processos ecológicos na borda e próximo dela. Portanto, esse trabalho teve como principal objetivo verificar os efeitos de borda na abundância e riqueza de pequenos mamíferos não-voadores na Floresta Nacional de Goytacazes, Linhares, Espírito Santo. Os pontos de capturas estavam dispostos em três transectos paralelos (distantes entre si 100 metros) desde a borda do fragmento até 310 metros no interior da mata. Um total de 42 armadilhas do tipo Tomahawk (21x21x44 cm) foi utilizado, 14 em cada trilha, dispostas no estrato arbóreo e terrestre. Quando capturado, o animal foi identificado, sexado, marcado e liberado (captura-marcação-recaptura). Foi alcançado um esforço de 1740 armadilhas/noite, capturando 72 indivíduos de oito espécies (seis marsupiais: *Caluromys philander*, *Didelphis aurita*, *Marmosa murina*, *Marmosops incanus*, *Metachirus nudicaudatus*, e *Micoureus demerare*, e dois roedores: *Nectomys squamipes* e *Trinomys* sp) em 144 capturas. *Didelphis aurita* e *Metachirus nudicaudatus* foram mais freqüentres no interior, muito embora alguns indivíduos utilizaram ambos os ambientes. A riqueza entre a borda e o interior, apesar de próximas (cinco, oito), foi estimada maior neste do que naquele (10,99 e 5,02). *Caluromys philander* apresentou-se unicamente no interior. A diversidade acompanhou a riqueza sendo também maior no interior. *D. aurita*, *M. nudicaudatus* e *C. philander* possivelmente sofreram uma influência negativa na borda estudada, contradizendo a teoria de que a borda, por ser mais heterogênea, possui uma maior riqueza do que o interior.

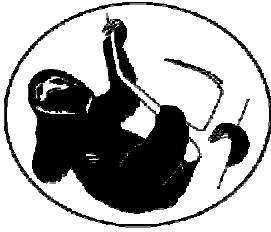
Palavras-chave: Efeito de borda, fragmentação, mastofauna, marsupiais

SELEÇÃO DE HABITAT POR PEQUENOS MAMÍFEROS NA MATA ATLÂNTICA DO SUDESTE DO BRASIL: UMA ANÁLISE COM CARRETÉIS DE RASTREAMENTO

Jayme Augusto Prevedello (Lab. de Vertebrados / UFRJ / ja_prevedello@yahoo.com.br)
Renato Garcia Rodrigues (Lab. de Biologia e Ecologia de Vertebrados/UFPR)
Emygdio Leite de Araújo Monteiro-Filho (Lab. de Biologia e Ecologia de Vertebrados/UFPR)

Área: Diversos **Sub-Área:** Ecologia

A seleção de habitat por pequenos mamíferos é geralmente avaliada através de dados pontuais de captura-recaptura, que não registram grande parte da movimentação dos indivíduos. Poucos estudos compararam dados de captura com dados de movimentação como preditores do uso do habitat pelos animais. Neste estudo avaliamos a seleção de habitat pelo roedor *Nectomys squamipes* (Rodentia, Sigmodontinae) e pelo marsupial *Micoureus paraguayanus* (Didelphimorphia, Didelphidae) ao longo de um mosaico de fitofisionomias em Cananéia, São Paulo, utilizando dados de movimentação obtidos com carretéis de rastreamento. A seleção de habitat foi avaliada em duas escalas espaciais - dentro da área de estudo e dentro da área de movimentação individual - usando uma análise de composição (“compositional analysis”). Para cada trajeto, a quantidade de linha deixada em cada fitofisionomia e a porcentagem de cada habitat dentro da área de movimentação (definida pelo método do mínimo polígono convexo) foram registradas. A disponibilidade de cada habitat na área de estudo foi obtida detalhadamente pelo mapeamento completo do ecótone. O sucesso de captura de cada espécie em cada habitat foi registrado. Rastreamos um total de 14 trajetos de *N. squamipes* e 19 trajetos de *M. paraguayanus*. O uso do habitat diferiu significativamente da disponibilidade para ambas as espécies em ambas as escalas espaciais avaliadas. As duas espécies selecionaram o habitat de forma oposta: *N. squamipes* utilizou predominantemente o riacho e raramente a floresta de restinga, enquanto *M. paraguayanus* usou principalmente a floresta de restinga mas nunca o riacho. O padrão observado de seleção dos diversos habitats sugere que a presença de sub-bosque denso e de fontes de água doce são determinantes importantes da abundância de *M. paraguayanus* e *N. squamipes*, respectivamente. Para ambas as espécies o sucesso de captura e a movimentação em cada habitat mostraram um padrão similar de uso do ecótone, indicando que dados pontuais de captura, apesar de suas limitações, podem predizer com acurácia a seleção de habitats em ambientes heterogêneos. As escalas espaciais avaliadas forneceram padrões muito similares de seleção de habitat, provavelmente porque as áreas de movimentação diária subestimam o uso do espaço por pequenos mamíferos ao nível de paisagem. O carretel de rastreamento detalha a seleção de habitat em pequenas escalas espaço-temporais, mas é provavelmente inadequado para o estudo de escalas mais amplas de uso do espaço.

Palavras-chave: área de vida diária, escala espacial, *Micoureus*, *Nectomys*

PERÍODO DE ATIVIDADE DE MAMÍFEROS CAPTURADOS COM ARMADILHAS FOTOGRÁFICAS NA RESERVA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL MAMIRAUÁ. AM

Jéssica Souza (ECOVERT - Mamirauá)
Elessandra Arévalo Gomes (ECOVERT - Mamirauá
elessandra.mamiraua@gmail.com)
Emiliano Esterci Ramalho (ECOVERT - Mamirauá)
Joana Macedo (ECOVERT - Mamirauá)

Área: Diversos **Sub-Área:** Ecologia

O período de atividade pode ser um componente significativo no compartilhamento de recursos de populações simpátricas, especialmente para as espécies que possuem hábitos semelhantes, e também uma forma de evitar encontros com predadores. Este trabalho tem como objetivo descrever o horário de atividade de espécies registradas em armadilhas fotográficas e verificar se o período de atividade da onça-pintada (*Panthera onca*) influencia o período de atividade das demais espécies capturadas. As armadilhas fotográficas foram postas na área focal da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (Região do Médio Solimões, Amazonas), durante as estações secas de 2005 a 2007. O número de armadilhas variou de 10 a 34. As armadilhas foram reguladas para funcionar 24 horas e registrar a data e a hora das capturas. Cada ponto de captura tinha um par de armadilhas e isca de cheiro (composta por ovo e sardinha em conserva) e a distância entre os pontos variou de 1000 a 1500 metros. Foram registradas 10 espécies de mamíferos. A partir das capturas as espécies foram classificadas como diurnas (*Sciurus igniventris*, *Cebus macrocephalus*, *Saimiri vanzolinii*, *Nasua nasua*, *Dasyprocta cristata*), noturnas (*Didelphis marsupialis*, *Philander opossum*, *Leopardus wiedii* e *Leopardus pardalis*) e catemerais (*P. onca*). As espécies mais capturadas foram *D. marsupialis*, com 143 fotografias e *P. onca*, com 100 fotografias. Foram feitos histogramas com o número de capturas por hora (dividindo o dia em 24 classes de horário) para as espécies que tiveram mais de 10 eventos de captura. *P. onca* foi capturada em quase todas as classes de horários, sendo que o período de atividade mais baixo foi a noite, com apenas seis das 69 capturas. As espécies noturnas não concentraram suas atividades no período de baixa atividade de *P. onca* (entre 18h e 00h), permanecendo ativas durante a madrugada. O padrão de atividade catemeral apresentado por essa população de onças-pintadas torna difícil que as outras espécies evitem encontros usando horários de atividade diferentes.

Palavras-chave: Período de atividade, armadilha fotográfica, várzea, *Panthera onca*

Financiadores: IDSM/MCT, JCP, CNPq

FREQÜÊNCIA DE ROEDORES E MARSUPIAIS NA DIETA DO JACARÉ-DE-PAPO-AMARELO EM ÁREAS URBANAS NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO

Ricardo F. Freitas Filho (Departamentos de Ecologia de Vertebrados / UERJ)
Ana Carolina Maciel Boffy (Universidade Estácio de Sá / anacarollife.mbf@gmail.com)

Área: Diversos **Sub-Área:** Ecologia

A dieta de *Caiman latirostris* foi estudada em dois Parques Naturais Municipais dentro da cidade do Rio de Janeiro, entre maio de 2006 e abril de 2007. As observações foram realizadas em três áreas: a lagoinha das Tachas localizada no Parque Natural Municipal Chico Mendes; a lagoa Marapendi localizada no P.N.M. Marapendi; e o canal das Tachas que conecta as duas lagoas. Extraiu-se o conteúdo estomacal de 74 exemplares nas áreas amostradas. A dieta variou qualitativa e quantitativamente com o tamanho do jacaré. Jacarés jovens e adultos se alimentam constantemente de vertebrados, devido a sua capacidade de sobrepujar tais tipos de presas. Os jacarés apresentaram pelotas de pêlo e fragmentos ósseos de mamíferos em nove dos conteúdos estomacais analisados. O consumo de mamíferos por jacarés não foi diferente entre os sexos. Contudo, roedores e marsupiais em áreas urbanas contribuem para a dieta de jacarés-de-papo-amarelo e sua adaptação a ambientes antropizados devido à concentração do despejo de lixo próximo a áreas das lagoas, que serve de atrativo para essas presas em potencial.

Palavras-chave: Roedores, Jacarés, Dieta e Ambientes Antropizados.

Financiadores: Bolsa UFJF

EFEITOS DA FRAGMENTAÇÃO DO HABITAT SOBRE A CARGA DE PARASITAS (NEMATODA) DE PEQUENOS MAMÍFEROS EM FRAGMENTOS DE FLORESTA SECUNDÁRIA DE MATA ATLÂNTICA

Thomas Puettker (IZW Berlin, Alemanha / IZW / thomaspuettker@gmx.de)
Yvonne Meyer-Lucht (IZW Berlin, Alemanha / IZW)
Simone Sommer (IZW Berlin, Alemanha / IZW)

Área: Diversos **Sub-Área:** Ecologia

Parasitas são conhecidos por desempenhar uma função importante na regulação das populações de animais silvestres. Investigamos a carga de parasitas nematódeos gastrointestinais e as condições corporais das espécies de pequenos mamíferos generalistas e especialistas em fragmentos de floresta secundária de Mata Atlântica. Nossas hipóteses foram que a condição corporal diminui com o aumento da carga parasitária e que esta aumenta com o aumento da fragmentação em espécies especialistas, mas não em espécies generalistas, em consequência das diferentes respostas das espécies à fragmentação. As espécies investigadas foram *Akodon montensis*, *Oligoryzomys nigripes* e *Delomys sublineatus* (Rodentia) e *Marmosops incanus* e *Gracilinanus microtarsus* (Marsupiais). A prevalência foi alta em todas as espécies, exceto na espécie arborícola *G. microtarsus*, possivelmente devido a baixa probabilidade de infecção. Nenhuma correlação foi encontrada entre a condição corporal e a carga parasitária em todas as espécies investigadas. Ao contrário das nossas expectativas, a condição corporal dos especialistas, *D. sublineatus* e *M. incanus*, aumentou em ambas as espécies com o aumento da fragmentação. Em *D. sublineatus*, a carga parasitária aumentou e a condição corporal diminuiu em fragmentos com relativamente alta densidade desse roedor, provavelmente por causa da maior chance de infecção por nematódeos devido à maior taxa de encontro. Em todas as espécies generalistas, pouca ou nenhuma correlação entre a carga parasitária e a fragmentação foi detectada sugerindo pouco efeito desta sobre a saúde populacional dos mamíferos estudados.

Palavras-chave: marsupiais, roedores, parasitas gastrointestinais

Financiadores: Federal Ministry of Education and Research Germany

SIMILARIDADE DE COMPOSIÇÃO DE ESPÉCIES DE PEQUENOS MAMÍFEROS ENTRE AS ESTAÇÕES SECA E CHUVOSA EM FRAGMENTOS DE MATA ATLÂNTICA NA BACIA DO RIO MACACU, RIO DE JANEIRO

Ana Cláudia Delciellos (PPG-Zoo, Museu Nacional/UFRJ, delciellos@biologia.ufrj.br)
David Rosa de Paula (Lab. Vertebrados, Depto. Ecologia, UFRJ)
Natalie Olifiers (Lab. Biol. Parasitol. Mamiferos Silvestres Reservatórios, IOC/Fiocruz)
Marcus Vinícius Vieira (Lab. Vertebrados, Depto. Ecologia, UFRJ)

Área: Diversos **Sub-Área:** Ecologia

As estações da seca e da chuva têm um importante papel na dinâmica das populações e comunidades animais. Para muitas espécies de pequenos mamíferos, a reprodução é programada para que o nascimento dos filhotes ocorra durante a estação mais favorável para sua sobrevivência e desenvolvimento. Entretanto, existem poucos trabalhos avaliando se as diferentes estações influenciam na composição de espécies de uma comunidade. A composição de espécies pode variar com as estações em decorrência de alterações nas taxas de mortalidade de espécies ao longo do ano. Assim, o objetivo foi analisar a similaridade da composição de espécies das comunidades de pequenos mamíferos não-voadores de fragmentos de Mata Atlântica na Bacia do Rio Macacu, Rio de Janeiro, Brasil, entre as estações seca e chuvosa. As comunidades de pequenos mamíferos foram amostradas em 11 fragmentos e em duas áreas de mata contínua, de 1999 a 2001. Em cada localidade foi realizada uma coleta na estação chuvosa e uma na seca, utilizando a mesma metodologia padrão. Foram capturados 737 indivíduos (379 na estação seca e 358 na estação chuvosa), pertencentes a 19 espécies (7 marsupiais e 12 roedores). A riqueza de espécies nos fragmentos variou de 3 a 10 na estação seca e de 3 a 8 na chuvosa. Foi utilizado o índice de similaridade de Jaccard (J). Um único fragmento de mata apresentou a mesma composição de espécies em ambas as estações, seca e chuvosa. A similaridade na composição de espécies entre as estações, para cada fragmento, variou de J = 0,286 a J = 0,714. Em 7 das 11 localidades a similaridade na composição de espécies entre as estações foi menor que 50%. Aparentemente, espécies raras, de difícil captura e/ou identificação, como os roedores *Phyllomys nigrispinus*, *P. pattoni*, *Rhipidomys sp. nov.* e *Sciurus aestuans*, e o marsupial *Monodelphis americana*, podem estar contribuindo para diminuir a similaridade de composição de espécies entre as estações. Considerando-se somente as espécies mais abundantes no total de capturas em todos os fragmentos, a maioria foi igualmente capturada nas duas estações, embora algumas espécies como *Nectomys squamipes* e *Micoureus paraguayanus* tenham sido mais capturados na estação seca.

Palavras-chave: Índice de Jaccard, fragmentação, espécies raras

Financiadores: FUJB, CAPES, CNPq, PROBIO/MMA

RIQUEZA E ABUNDÂNCIA DE PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO-VOADORES EM UMA ILHA DO LITORAL NORTE DE SÃO PAULO: PARQUE ESTADUAL ILHA ANCHIETA

Ricardo Siqueira Bovendorp (Laboratório de Biologia da Conservação/Unesp)
Carolina Lima Neves (Laboratório de Biologia da Conservação / Unesp carollimaneves@gmail.com)
Mauro Galetti (Laboratório de Biologia da Conservação/Unesp)

Área: Diversos **Sub-Área:** Ecologia

A Ilha Anchieta (828 ha) está localizada no litoral norte do Estado de São Paulo, município de Ubatuba. Esta ilha apresenta um histórico de perturbação que data do século XIX, contudo em 1977 tornou-se uma unidade de conservação, o Parque Estadual Ilha Anchieta. Entre os anos de 2003 e 2005 foi realizado um censo de mamíferos de médio e grande porte. Dentre as espécies amostradas, 14 foram introduzidas em março 1983, provenientes do Zoológico de São Paulo. Apenas *Cuniculus paca* e *Didelphis aurita* eram espécies nativas e nada se sabia, até então, da existência de outras espécies de pequenos mamíferos não-voadores. Portanto, este estudo teve como objetivo amostrar a comunidade destes animais. De junho de 2007 a abril de 2008 foram feitos levantamentos mensais com cinco noites de captura, através do método de captura-marcação-recaptura. Foram montados três transectos, cada um com 55 armadilhas de captura-viva, eqüidistantes 20 m, sendo 30 shermans pequenas (23 x 7,5 x 8,5 cm), 13 shermans grandes (37,5 x 10 x 12 cm) e 12 tomahawks (45 x 16 x 16 cm). Cada transecto foi disposto em um ambiente em diferente estágio sucessional. No total, foram usadas 165 armadilhas, contabilizando um esforço de 8.535 armadilhas/noites que resultou na captura de 138 indivíduos (sucesso de captura de 1,62%) de três espécies, uma pertencente à ordem Didelphimorphia, *D. aurita* (N=94) e duas pertencentes à ordem Rodentia, *Oligoryzomys* cf *nigripes* (N=34) e *Trinomys* cf *iheringi* (N=10). *Didelphis aurita* teve 428 recapturas, enquanto *O. nigripes* teve 21 e *T. iheringi* uma. Amostragens de pequenos mamíferos não voadores feitas em duas ilhas no estado do Rio de Janeiro, Ilha Grande (19300 ha) e Ilha da Marambaia (4200 ha), encontraram 85 indivíduos de oito espécies e 11 indivíduos de duas espécies, respectivamente. Podemos dizer que número de espécies de pequenos mamíferos encontrado na Ilha Anchieta, é similar ao da Ilha de Marambaia e que a riqueza de espécies da Ilha Grande é maior. Isto poderia ser explicado pela teoria da biogeografia de ilhas, onde ilhas maiores suportariam mais espécies. A abundância relativa das espécies encontradas na área de estudo foi de 6,11ind/100armadilhasnoite para *D. aurita*, 0,64 para *O. nigripes* e 0,12 para *T. iheringi*. *Didelphis aurita* foi a espécie mais abundante, o que pode estar refletindo seu hábito mais generalista e oportunista em relação às outras duas espécies, conseqüentemente, atingindo maiores tamanhos populacionais.

Palavras-chave: Ilha Anchieta, levantamento, abundância, riqueza, pequenos mamíferos.

Financiadores: Fapesp

ANÁLISE COPROLÓGICA DA DIETA DE QUATIS (*NASUA NASUA*) NO PARQUE NACIONAL DA TIJUCA

Caroline Pizzini (UCB; Tríade/ carolpizzini@gmail.com)
Eduardo Butturini de Carvalho (UFF)
Carlos Eduardo Verona (Departamento de Endemias, ENSP / FIOCRUZ)

Área: Diversos **Sub-Área:** Ecologia

O estudo indireto da dieta de mamíferos em vida livre, a partir das fezes, apresenta várias vantagens por ser um método não invasivo, de baixo custo, rico em informações comportamentais, fisiológicas, parasitológicas, nutricionais e sazonais, das interações ecológicas da espécie com o meio ambiente. Estudos in situ sobre a biologia, comportamento e história natural de quatis (Nasua nasua) ainda são escassos. Tendo em vista o íntimo contato entre esta espécie e seres humanos no Parque Nacional da Tijuca (PNT), município do Rio de Janeiro/RJ, o presente estudo realizou análises coprológicas de espécimes de diferentes grupos e locais do Parque como forma de avaliação indireta do contato entre N. nasua e os visitantes. A pesquisa foi desenvolvida, entre os anos de 2002 e 2006 com coletas de fezes distribuídas ao longo dos anos. As amostras foram preservadas em meio Railliet Henry, em frascos plásticos com tampa, analisadas macroscopicamente em lupa, no Laboratório de Ecologia do Departamento de Endemias (ENSP/FIOCRUZ). Os resultados das análises de 30 amostras de fezes de *N. nasua* no PNT mostram que os animais apresentam uma dieta variada, composta de sementes, frutas, larvas de insetos, insetos, pequenos vertebrados. Outros itens inesperados também foram encontrados devido ao contato entre os quatis e seres humanos, entre eles: pipoca, pedras, papel laminado, e fragmentos de parede. O estudo estatísticos dos achados estão sendo realizados para determinação dos hábitos alimentares dos quatis, por sazonalidade e localidade, para avaliação dos locais de maior contato entre esta espécie com os visitantes. Nossos resultados colaboram tecnicamente auxiliando decisões no Plano de Manejo do PNT, assim como para a realização de programas de educação ambiental e estudos sobre a saúde de quatis no Parque Nacional da Tijuca.

Palavras-chave: ecologia alimentar, procionídeos, vida livre

Financiadores: Departamento de Endemias - Escola Nacional de Saúde Pública / Fundação Oswaldo Cruz

MICRO-DESGASTE DENTÁRIO EM MAMÍFEROS NEOTROPICAIS

Koenemann, J. G. (PPG em Biologia, UNISINOS, joceleiagil@yahoo.com.br)
Silva. K. S. (Lab. Pal. Geo., PUCRS, Uruguaiana, RS)
Oliveira, E. V. (Lab. Pal. Geo., PUCRS, Uruguaiana, RS.)
Tumeleiro, L. K. (Lab. Pal. Geo., PUCRS, Uruguaiana, RS.)

Área: Diversos **Sub-Área:** Ecologia

A técnica de microwear (micro-desgaste) é uma análise dos sinais microscópicos sobre a superfície do esmalte ou dentina causada pela alimentação e que refletem as propriedades físicas da dieta. Vários trabalhos sobre mamíferos têm relacionado padrões de micro-desgaste dentário com a dieta, e o estudo da orientação dos sinais microscópicos em nível de superfície mastigatória, permite a elaboração de inferências sobre movimentos mastigatórios. Além da notável aplicação desta técnica em espécies viventes, importantes dados podem ser obtidos em análises de mamíferos fósseis, incluindo grupos neotropicais pouco estudados. Em alguns estudos foi demonstrado que o micro-desgaste dentário pode distinguir a dieta de espécies insentívoras, frugívoras, onívoras e carnívoras. Este tipo de estudo tem sido realizado em microscopia eletrônica de varredura (MEV), onde as análises microscópicas dos dentes devem seguir uma preparação para ressaltar os detalhes observados: limpeza em ultra-som com água destilada, álcool 50 %, 70% e 96% visando à remoção de partículas de poeira, secagem em estufa por seis horas a 60°C e depois colocados em um recipiente com sílica gel para evitar umidade. Na etapa final as amostras são fixadas em um suporte e analisados sob diferentes magnitudes (400 X a 800 X). O micro-desgaste dentário é uma ferramenta para a análise trófica de espécies e complementa os estudos de dieta. No Brasil são poucos os trabalhos realizados até o momento. A maioria dos estudos tem sido realizado em mamíferos laurásicos e africanos, concentrando-se em análise de sinais no esmalte. Todavia, estudos realizados em dentes de Xenarthra, especificamente na dentina desses mamíferos, têm demonstrado abundantes sinais de microwear em espécies de dasipodídeos (*Dasypus*, *Euphracthus* e *Tolypeutes*). Análises realizadas em dentes de *Procyon* cancrivorus no sul do Brasil têm sugerido uma ótima correlação entre os sinais microscópicos e a dieta onívora desse mamífero. Sugere-se que a técnica de *microwear* seja utilizada para complementar pesquisas de dieta.

Palavras-chave: Dentes, MEV, mamíferos, dieta.

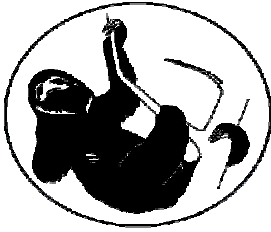
Financiadores: PUCRS

IMPORTÂNCIA DO REFLORESTAMENTO NA MANUTENÇÃO DA RIQUEZA DE ESPÉCIES DE MAMÍFEROS EM UM REMANESCENTE FLORESTAL, RANCHO ALEGRE, PARANÁ

Inaê Guion de Almeida (Lab. Ecologia de Mamíferos / UEL / nrreis@uel.br)
Nelio Roberto dos Reis (Lab. Ecologia de Mamíferos / UEL)
Fabio Rodrigo Andrade (Lab. Ecologia de Mamíferos / UEL)
Patrícia Helena Gallo (Lab. Ecologia de Mamíferos / UEL)

Área: Diversos **Sub-Área:** Ecologia

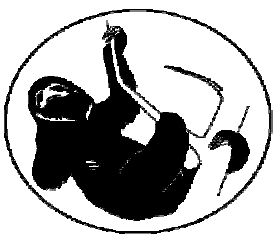
A fragmentação de habitats vem sendo apontada como principal causa do declínio da biodiversidade mundial. Áreas degradadas para realização de atividades humanas sofrem efeitos negativos, mostrando-se ecologicamente vulneráveis por conta das conseqüências da fragmentação. A preocupação com as comunidades de mamíferos de médio e grande porte existe, já que suas características ecológicas relacionadas ao tamanho corpóreo, peso, dieta e tamanho de área de vida os tornam mais vulneráveis. Este trabalho visa mostrar a importância de um reflorestamento, junto a um remanescente florestal, no sentido de diminuir impactos da fragmentação. O estudo foi desenvolvido em um fragmento de floresta nativa, 107,8 ha, e um reflorestamento, 11,8 ha, na Fazenda Congonhas, Rancho Alegre, Paraná. As coletas ocorreram de abril de 2007 a março de 2008. Foram feitas quatro amostragens mensais na mata e quatro no reflorestamento, totalizando 96 amostras. O levantamento da mastofauna foi feito com as seguintes metodologias: censo visual em transecção linear, identificação das pegadas em parcelas de areia, outros vestígios como fezes, carcaças, regurgitos, arranhões em troncos e vocalizações e buscas aleatórias de evidências nos arredores. Foram identificadas 8 ordens, 16 famílias e 23 espécies. Dez espécies foram comuns aos habitats estudados e arredores *Dasypus novemcinctus*, *Dasyprocta azarae*, *Cuniculus paca*, *Leopardus tigrinus*, *Leopardus wiedii*, *Leopardus pardalis*, *Cerdocyon thous,*, *Nasua nasua*, *Procyon cancrivorus,* e *Mazama* sp.), três foram registradas somente na mata nativa (*Guerlinguetus ingrami, Sphiggurus villosus* e ,*Cavia* sp.), cinco somente nos arredores (*Didelphis albiventris*, *Tamandua tetradactyla*, *Sylvilagus brasiliensis*, *Puma concolor* e *Eira barbara*), duas no fragmento e arredores (*Cebus nigritus* e *Lepus europaeus,*), duas no reflorestamento e arredores (*Hydrochoerus hydrochaeris* e *Pecari tajacu*) e uma comum à mata e ao reflorestamento (*Puma yagouaroundi*). Sabe-se que ambientes com maior disponibilidade de recursos, como as matas nativas, oferecem mais nichos para a ocupação da área por diferentes espécies. No entanto, com a fragmentação, há uma redução na área e os efeitos de borda se intensificam, alterando o microclima local, a penetração de luz e incidência de vento, causando impacto para as espécies. A presença próxima de reflorestamentos pode minimizar esses efeitos, fornecendo abrigo, meio de deslocamento e fonte de recursos para mais da metade das espécies encontradas, aumentando a área de vida, além de diminuir o efeito de borda no habitat original. Desta forma, a preservação de qualquer remanescente ou área reflorestada é importante para abrigar espécies de mamíferos e para sustentar as relações ecológicas existentes no ecossistema.

Palavras-chave: fragmentação, mastofauna, preservação

RESERVATÓRIOS DE ÁGUA E A DISTRIBUIÇÃO DE MAMÍFEROS CINEGÉTICOS NA REGIÃO DO PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA, SUDESTE DO PIAUÍ, BRASIL

Marcia Chame (Lab.Ecologia, Depto.Endemias, ENSP / FIOCRUZ, mchame@ensp.fiocruz.br)
José Luis Passos Cordeiro (Programa Biodiversidade & Saúde, FIOCRUZ)
Luis Flamarion B de Oliveira (Setor de Vertebrados, MN-UFRJ)

Área: Diversos **Sub-Área:** Ecologia

A água é um dos principais controladores dos sistemas biológicos e elemento crítico para a distribuição e abundância das espécies. No nordeste do Brasil, estudos ainda não concluídos com pequenos mamíferos não encontraram endemismos ou adaptações relacionadas às características do clima semi-árido, reflexo provável dos refúgios mésicos e do recente processo de dessecação regional. O Parque Nacional Serra da Capivara (130.000ha) situa-se no sudeste do Piauí, no Polígono das Secas Nordestinas, no Bioma Caatinga. Não há cursos de água perenes no Parque. A água encontra-se disponível somente em reservatórios naturais ou construídos pelo homem. Com objetivo de estudar as implicações desses reservatórios sobre as espécies de mamíferos cinegéticos mapeou-se os existentes no Parque e no seu entorno. Estes foram classificados quanto à acessibilidade pela fauna estudada e aos componentes da paisagem e dos habitats circundantes. Os pontos de presença ou ausência das espécies, observadas diretamente ou por vestígios nos reservatórios foram plotados sobre mapa de cobertura e de solo. Os dados foram interpretados segundo Índice de Favorabilidade de ocorrência via “Beals smoothing”. Os valores obtidos foram transpostos para os polígonos das classes de cobertura de solo e vegetação correspondentes, gerando mapas de favorabilidade de ocorrência para cada uma das 20 espécies estudadas. Foram levantados 443 reservatórios na região (80% no interior do Parque). As espécies estudadas foram: *Dasypus novemcintus, D. septemcinctus, Euphractus sexcinctus, Tolypeutes tricinctus, Tamandua tetradactyla, Callithrix jacchus, Cebus libidinosus, Alouatta caraya, Kerodon rupestris, Dasyprocta* aff. *nigriclunis, Leopardus tigrinus, Puma concolor, Herpailurus yagouaroundi, Panthera onca, Cerdocyon thous, Conepatus semistriatus, Procyon cancrovorus, Pecari tajacu, Mazama americana, Mazama gouzoubira*. A síntese das análises identificou três grupos de espécies relacionados a condições ambientais distintas, em relação à presença de reservatórios: i) *M. gouazoubira, H. yagouaroundi, L. tigrinus* , *D*. aff. *nigriclunis* e *C. thous* distribuídos pelas áreas abertas da Caatinga Arbustiva Alta Densa da Chapada do Parque; ii) *A. caraya* e *C. libidinosus* estão restritos as florestas do interior de canyons profundos e; iii) *P. onca*, *Dasypus* spp., *E. sexcinctus, C.semistriatus, T. tetradactyla, K. rupestris* distribuem-se por corredores de conectividade criados por determinadas manchas de cobertura do solo. Embora ocupando espaços distintos, observa-se a sobreposição de distribuição de *P. onca* e *P. concolor* e suas potenciais presas e, ao mesmo tempo, se observa a exclusão dos pequenos carnívoros destas áreas. Esse fato alerta sobre a possível baixa efetividade de unidades de conservação na conservação destas espécies, sugerindo a necessidade de áreas periféricas adicionais.

Palavras-chave: caatinga, índice de favorabilidade, conservação de parques nacionais

Financiadores: Fiocruz

CARACTERIZAÇÃO DA FAUNA DE PEQUENOS MAMÍFEROS E DOS CICLOS SILVESTRES DE HANTAVIRUS NAS PRINCIPAIS UNIDADES DE PAISAGEM DO ESTADO DO PARANÁ

Bernardo Rodrigues Teixeira (LABPMR - IOC - FIOCRUZ / brt@ioc.fiocruz.br)
Liana Strecht Pereira (LABPMR - IOC - FIOCRUZ)
Renata Carvalho de Oliveira (LHR – IOC - FIOCRUZ)
Vanessa Stella (IBMP – PR / FIOCRUZ)
Gisélia Burigo Guimarães Rúbio (SESA - PR)
Sônia Mara Raboni (IBMP – PR / FIOCRUZ)
Elba Regina Sampaio de Lemos (LHR – IOC - FIOCRUZ)
Cláudia Nunes Duarte dos Santos (IBMP – PR / FIOCRUZ)
Cibele Rodrigues Bonvicino (Depto de Genética / INCA)
Paulo Sérgio D'Andrea (LABPMR - IOC - FIOCRUZ)

Área: Diversos **Sub-Área:** Ecologia

A crescente incidência de zoonoses na população humana relacionada a mamíferos aponta para a necessidade de estudos ecológicos e taxonômicos das espécies envolvidas, para que se possa fazer uma correta relação entre os parasitos e seus reservatórios. No caso dos hantavírus, os roedores sigmodontíneos são seus únicos reservatórios na América do Sul, sendo que cada variante viral está associada a uma espécie de roedor hospedeiro. Este projeto visa, além de caracterizar a fauna de pequenos mamíferos considerados reservatórios potenciais de hantavírus nas principais unidades de paisagem do estado do Paraná, Floresta Estacional Semidecídua (FES), Floresta de Araucária (FA), Cerrado (CE) e Floresta Tropical Pluvial Atlântica (FTP), avaliar as taxas de infecção por hantavírus dos roedores coletados, utilizando testes sorológicos (Antígenos Andes e Araucária) e moleculares (RT/PCR), colaborar com a vigilância epidemiológica da hantavirose. Duas expedições foram realizadas até o momento, para os municípios de General Carneiro (FA) e Paranaguá (FTP). Foram coletados 72 e 71 espécimes em cada expedição, respectivamente. Em General Carneiro foram coletados espécimes pertencentes a 06 gêneros e a pelo menos 08 espécies: Rodentia, Sigmodontinae: *Akodon montensis* (20M/11F), *A. serrensis* (11/7), *A. paranaensis* (2/2), *Akodon* spp. (0/2), *Oligoryzomys nigripes* (3/4), *Thaptomys nigrita* (3/0), *Sooretamys angouya* (0/2) e *Oxymycterus* gr. *judex* (2/0). Marsupialia, Didelphidae: *Monodelphis* sp. (3/0). Em Paranaguá foram coletados espécimes pertencentes a 07 gêneros e a pelo menos 07 espécies: Rodentia, Sigmodontinae: *Akodon* spp. (8M/4F), *A. montensis* (7/6), *Oligoryzomys* spp. (7/3), *O. nigripes* (3/5), *Thaptomys nigrita* (2/7), *Nectomys squamipes* (4/4), *Euryoryzomys russatus* (3/1) e *Sooretamys angouya* (0/1); Rodentia, Murinae: *Rattus rattus* (1/2); Marsupialia, Didelphidae: *Didelphis aurita* (1/2). *A. montensis*, *O. nigripes* e *T. nigrita* foram as únicas espécies comuns às duas áreas. As espécies de *Akodon* e *Oligoryzomys* foram as mais abundantes, sendo encontradas principalmente em bordas de mata, áreas de transição entre o ambiente silvestre e Peri-domiciliar. Os resultados parciais mostraram que 02 *Akodon montensis* e 01 *Oxymycterus* gr. *judex* de General Carneiro apresentaram anticorpos anti-hantavírus e positividade na RT-PCR através da detecção parcial do segmento S do genoma viral. Em Paranaguá, 01 *Oligoryzomys* sp., 02 *O. nigripes* e 01 *Akodon montensis* apresentaram anticorpos anti-hantavírus. *Oligoryzomys nigripes* reconhecido reservatório de hantavírus, apresenta um papel importante na dinâmica de transmissão deste vírus na Mata Atlântica. A identificação de *Akodon montensis* como a única espécie com anticorpos anti-hantavírus nas duas localidades estudadas reforça a possibilidade desta espécie ser um hospedeiro natural de hantavirus no sul do Brasil.

Palavras-chave: Pequenos Mamíferos, Paraná, hantavirus

Financiadores: FIOCRUZ, IBMP/PR, SESA-PR, CNPq e CYTED/RIVE

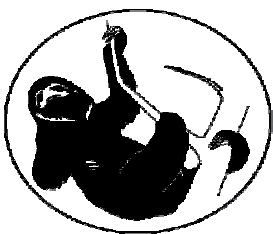
INFLUÊNCIA DA LUZ DA LUA NA CAPTURABILIDADE DE PEQUENOS MAMÍFEROS EM MATA ATLÂNTICA

Priscilla Lóra Zangrandi (Laboratório de Vertebrados / UFRJ / priscillalz@gmail.com)
Marcelle Barboza Pacheco (Laboratório de Vertebrados / UFRJ)
Mariana Pereira Santana (Laboratório de Vertebrados / UFRJ)
Mariana Silva Ferreira (Laboratório de Vertebrados / UFRJ)
Diogo Loretto (Laboratório de Vertebrados / UFRJ)
Marcus Vinícius Vieira (Laboratório de Vertebrados / UFRJ)

Área: Diversos **Sub-Área:** Ecologia

A luminosidade pode exercer efeito negativo nas atividades de mamíferos noturnos. Acredita-se que esse efeito seja uma resposta à predação, já que morcegos alteram o padrão de vôo onde há predadores potenciais. Esse efeito foi relatado também para roedores de deserto, que forrageiam menos em noites claras. Nosso objetivo foi investigar a influência da luminosidade da lua na capturabilidade de pequenos mamíferos em uma área de Mata Atlântica do PARNA Serra dos Órgãos. As espécies estudadas foram *Didelphis aurita, Philander frenatus*, *Marmosops incanus*, *Metachirus nudicaudatus*, *Caluromys philander*, *Micoureus paraguayanus*, *Gracilinanus microtarsus*, *Rhipidomys* sp. nov. e *Trinomys dimidiatus*. Foram realizadas campanhas bimestrais de CMR durante 11 anos na localidade do Garrafão, município de Guapimirim, RJ. Usamos correlação de Spearman para analisar a relação do número total de capturas por dia de armadilhagem com a porcentagem de iluminação da lua nas noites precedentes, para todas as espécies e para cada uma particularmente. Também foram usadas anotações de campo sobre chuvas nas noites de armadilhagem para retirar o efeito da nebulosidade. Não houve correlação entre a luminosidade e o número de capturas de todas as espécies. Porém, quando analisadas separadamente, *C. philander* (rS=-0,246; p=0,023), *M. incanus* (rS= -0,228; p=0,004) e *T. dimidiatus* (rS=-0,203; p=0,002) estiveram negativamente correlacionados com a luminosidade. Espécies que utilizam o dossel e o sub-bosque poderiam sofrer maior influência da luminosidade em função do maior risco de avistamento por predadores visuais em noites claras, porém nossos resultados não mostraram esse padrão. *C. philander* e *M. incanus* apresentaram correlação negativa com a luminosidade, enquanto *M. paraguayanus*, *G. microtarsus* e *Rhipidomys* sp. nov. não apresentaram diferenças na capturabilidade em função de noites claras e escuras. O mesmo foi observado com as espécies mais terrestres, já que apenas *T. dimidiatus* apresentou correlação negativa com a luz da lua. O efeito da luminosidade pode depender também da habilidade locomotora: espécies menos habilidosas teriam maior risco de predação, sendo mais sensíveis à luminosidade. Contudo, o desempenho locomotor de *M. paraguayanus* comparado ao de *M. incanus* e principalmente ao de *C. philander* não apóia esta hipótese. *P. frenatus* tendeu a diminuição de atividade em noites claras, mas somente quando retiradas às noites chuvosas, sendo a nebulosidade um fator importante a ser considerado nesse tipo de análise. A luminosidade tem portanto, efeito sobre a capturabilidade de algumas espécies, mas não é uma característica de todos os pequenos mamíferos de uma localidade.

Palavras-chave: Capturabilidade, luminosidade, marsupiais

Financiadores: CAPES, CNPq, FAPERJ, FUJB, PROBIO/MMA, PPGE/UFRJ, PDA/MMA, FNMA/MMA

MODELAGEM ESPACIAL DAS EXIGÊNCIAS AMBIENTAIS DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE EM FRAGMENTOS DE CERRADO

Iris Amati Martins (LEPAC / Inst. Biociências / USP / imartins@ib.usp.br)
Carlos Felipe Perez (LEPAC / Inst. Biociências / USP)
Kitaro Suenaga Jardineiro (LEPAC / Inst. Biociências / USP)
Marisa Dantas Bitencourt (LEPAC / Inst. Biociências / USP)

Área: Diversos **Sub-Área:** Ecologia

O conceito ecológico de paisagem enfatiza a influência do contexto espacial nos processos ecológicos e a importância desta relação em termos de conservação biológica. Paisagens fragmentadas de cerrado são caracterizadas por mosaicos de fragmentos com tamanhos, estruturas e constituições diferentes, considerados como um conjunto de habitat que apresenta condições mais ou menos favoráveis para uma espécie ou comunidade. Sendo assim, o olhar sobre a paisagem é diferente para cada espécie, e está condicionado a suas características biológicas, em particular seus requerimentos em termos de área de vida, alimentação, abrigo e reprodução. O presente estudo teve como objetivo determinar a qualidade de 18 áreas inseridas em um fragmento de cerrado (2000ha) no Estado de São Paulo, utilizando análise geográfica computadorizada para a elaboração de mapas de oportunidades para espécies de mamíferos (modelagem espacial das exigências ambientais do grupo) a partir dos mapas temáticos físicos (relevo, drenagem) e bióticos (fisionomias) previamente gerados, e das características ecológicas (exigências) das espécies. As áreas foram delimitadas por um buffer de 500m a partir de um centro e classificadas em mais ou menos apropriadas para determinada espécie, através da padronização dos critérios de qualidade utilizando a função de pertinência fuzzy (presença de corpo d'água, distância de estradas de terra, distância do linhão, tipo de fisionomia, distância da borda, distância da pastagem, distância da lavoura, conectividade e isolamento). Uma vez padronizados, os critérios foram analisados de acordo com a sua importância relativa (processo de tomada de decisão AHP) e os mapas finais de cada área foram gerados a partir da Análise Multicritério. No centro de cada área foram instaladas armadilhas fotográficas e/ou plots de pegadas, buscando responder se áreas com melhor qualidade apresentariam maior riqueza que áreas com pior qualidade. Nas áreas com maior escore (melhor qualidade) foram detectadas *Puma concolor, Leopardus pardalis,Tayassu pecari, Nasua nasua, Mazama gouazoubira, Cerdocyon thous, Myrmecophaga tridactyla, Tamandua tetradactyla, Eira barbara, Conepatus semistriatus, Tapirus terrestris, Lontra longicaudis e Procyon cancrivoros*, estes três últimos restritos aos corredores ripários. As áreas com menores escores apresentaram pegadas de espécies mais generalistas (*C. thous*), ou com grande capacidade de deslocamento (*P. concolor*). Estão sendo correlacionadas a qualidade do habitat e a densidade de buracos de tatus (Dasypodidae), buscando a utilização da densidade como possível indicador de qualidade. De posse destes resultados serão gerados Mapas de Oportunidades para Espécies de Mamíferos de Médio e Grande Porte, objetivando o estabelecimento de um protocolo de amostragem em paisagens fragmentadas.

Palavras-chave: Sensoriamento Remoto, SIG, Ecologia de Paisagem

Financiadores: CAPES, Grassland Conservancy

COMPOSIÇÃO CARIOTÍPICA DE ROEDORES E MARSUPIAIS DE DUAS ÁREAS DE MATA ATLÂNTICA NO NOROESTE FLUMINENSE

Paulo H. Asfora (Laboratório de Mastozoologia / UERJ / paulo.asfora@gmail.com)
Aleciane Terezinha Gorla (Laboratório de Mastozoologia / UERJ)
Jânio Cordeiro Moreira (Laboratório de Mastozoologia / UERJ)
Diogo Loretto (Laboratório de Vertebrados / UFRJ)
Lena Geise (Laboratório de Mastozoologia / UERJ)
Marcus Vinicius Viera (Laboratório de Vertebrados / UFRJ)
Rui Cerqueira (Laboratório de Vertebrados / UFRJ)

Área: Diversos **Sub-Área:** Genética

Elevados níveis de diversidade e endemismo aliados ao processo de depleção de paisagens posicionam a Mata Atlântica entre os *hotspots* mundiais de biodiversidade. Podemos identificar quatro principais regiões mastofaunísticas compondo a Mata Atlântica, sendo a região do Rio de Janeiro uma das que apresentam a mastofauna atlântica característica, com presença de diversos elementos endêmicos. Apesar disto, a mastofauna do Noroeste Fluminense permanece carente de estudos sobre sua biodiversidade. Os mamíferos, especialmente marsupiais e roedores das famílias Cricetidae e Echimyidae, são em grande parte responsáveis pela singularidade de algumas comunidades de vertebrados da Mata Atlântica. Devido a sua similaridade morfológica e a existência de espécies crípticas entre os roedores é necessária a utilização da citogenética para a correta identificação. Aqui reportamos o cariótipo de exemplares coletados nos municípios de Cambuci (21°29'35"S, 41°52'20"W) e Varre-Sai (20°55'60"S, 41°53'60"W), no âmbito do projeto Rede de Biodiversidade de Vertebrados Terrestres do Rio de Janeiro. Animais foram capturados com armadilhas de captura viva dispostas no chão, sub-bosque e em plataformas suspensas (~10m) em transectos montados em cada localidade durante 15 noites consecutivas. Os animais capturados foram depositados no Museu Nacional/UFRJ. Cromossomos mitóticos, obtidos a partir de células da medula óssea extraída do fêmur e cultivadas *in vitro*, foram utilizados para a confecção de lâminas de microscopia óptica. As lâminas foram coradas, analisadas e fotografadas. As imagens impressas permitiram a determinação dos números diplóide (2n) e autossômica (NA). As seguintes espécies foram analisadas, para cada uma das localidades: 1) Varre-Sai: *Philander frenatus* (n=2), 2n=22 e NA=20, *Marmosops incanus* (n=1), 2n=14 e NA=24, *Monodelphis americana* (n=1), 2n=18 NA=20, *Nectomys squamipes* (n=6), 2n=56 e NA=56, *Akodon cursor* (n=3), 2n=14, NA=19; 2) Cambuci: dois indivíduos de *P. frenatus*, dois de *M. incanus* com os mesmos cariótipos, *Metachirus nudicaudatus* (n=1), 2n=14 e NA=20, *Oecomys catherinae* (n=2), 2n=60 e NA=62, *Oligoryzomys nigripes* (n=1), 2n=62 e NA=80, seis indivíduos de *A. cursor*, com o mesmo 2n e dois outros NA (18 e 20). A única espécie de Echimyidae (quatro indivíduos de *Trinomys* sp., 2n=56) foi coletada na segunda localidade. Com exceção de *A. cursor*, caracterizado pela conhecida alta freqüência de polimorfismos entre indivíduos e populações e *Trinomys* sp., não foram observadas outras variações. Estes resultados coincidem, em grande parte, com estudos prévios com as mesmas espécies em outras localidades. O acréscimo destes dados cariotípicos inclui novos registros na área de ocorrência dos táxons agora através de identificações específicas corroboradas através da citogenética.

Palavras-chave: Rio de Janeiro, pequenos mamíferos, diversidade cromossômica

Financiadores: Faperj, CNPq, Uerj (Prociência)

CENÁRIO EVOLUTIVO DO TAMANHO DO GENOMA NA CLASSE MAMMALIA

Randau, M.C.C. (Laboratório de Genômica Evolutiva e Ambiental / UFPE / cecelar@gmail.com)
Torres, R.A. (Laboratório de Genômica Evolutiva e Ambiental / UFPE)

Área: Diversos **Sub-Área:** Genética

O entendimento da diversidade do tamanho do genoma dos organismos em associação a outros parâmetros bióticos (plasticidade fenotípica, adaptação e especiação), ainda são grandes mistérios da biologia moderna. O objetivo do presente estudo foi o de usar de uma base de dados de tamanho de genoma de Mamíferos, para a descrição de alguns parâmetros de sua diversidade, por meio de análises estatísticas consolidadas. Foram elaborados bancos de dados de tamanho do genoma (picogramas de DNA; 438 spp.) e de número total de cromossomos (2n; 377 spp.) da classe Mammalia (Artiodactyla, Carnivora, Cetaceae, Chiroptera, Dasyuromorphia, Didelphimorfa, Diprotodontia, Insetivora, Lagomorpha, Monotremata, Peramelemorphia, Perissodactyla, Primates, Rodentia, Scandentia, Tubulidentata e Xenartha). Foram determinados parâmetros estatísticos descritivos por meio do software Statistica v.6.0 (Statisoft Inc.), além de uma análise de correlação entre as variáveis. Com base nas variantes do tamanho do genoma de Mammalia e em uma supertree dessa biota disponibilizada pela literatura, foi desenvolvida uma reconstrução filogenética dessa variação (no nível de família) por meio da parcimônia e, pelo uso do software Mesquite v. 1.12. O tamanho do genoma dos mamíferos variou desde 1,86 até 8,4 picogramas. Os parâmetros estatísticos descritivos observados foram 3,474pg para média, 3,25pg para moda, 3,34pg para mediana e 0,676 para variância (s= ±0,82, SE= ±0,039). A distribuição da variação foi mais bem ajustada para distribuição LogNormal, sugerindo que mecanismos de perdas/ganhos de grandes parcelas de material genético parecem estar envolvidos na diversidade dessa característica. A correlação (Spearman) invalidou a hipótese nula, sugerindo que as variáveis não se relacionam. Tal evidência sugere que a evolução do tamanho do genoma pode estar mais relacionada a eventos de rearranjos estruturais dos cromossomos do tipo duplicações e/ou deleções, do que com aqueles de rearranjos numéricos ou ainda estruturais do tipo robertsonianos. Em termos macroevolutivos, o genoma dos mamíferos tende à compactação, quando comparado aos outros clados mais basais de vertebrados. Tal evidência sugere, comparativamente, que a pouca flexibilidade quantitativa do genoma dos mamíferos pode não se correlacionar com a diversidade taxonômica do grupo. A reconstrução por parcimônia incrementa a tendência da compactação do genoma nos ramos terminais de Mammalia, com notável exceção nas famílias Echimyidae, Tarsiidae e Orycteropodidae. Estas famílias englobam espécies que parecem ter retido plesiomorfias morfológicas, fato também observado para o caráter tamanho de genoma, dado que perpetuam tamanhos de genoma com feições primitivas.

Palavras-chave: tamanho do genoma, número diplóide, genômica, mamíferos

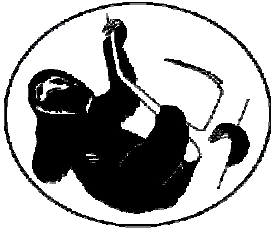
Financiadores: PIBIC – CNPq

MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE DO PARQUE ESTADUAL SERRA DO ROLA MOÇA, ÁREA DE PROTEÇÃO ESPECIAL BARREIRO, BELO HORIZONTE, MINAS GERAIS

Flávia Nunes Vieira (Lab. Mastozoologia/MCN Puc Minas/flavia_nunesvieira@yahoo.com.br)
Kátia Regina da Silva (Lab. Mastozoologia/ MCN Puc Minas)
Isaura Ribeiro Batista (Lab. Mastozoologia/MCN Puc Minas)
Giselle Abranches Vaz de Melo (Lab. de Mastozoologia/MCN Puc Minas)
Claudia Guimarães Costa (Lab. Mastozoologia/MCN Puc Minas)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

O Parque Estadual Serra do Rola Moça (PESRM) localiza-se nos municípios de Belo Horizonte, Brumandinho, Ibirité e Nova Lima. Abriga seis importantes mananciais de água declarados pelo Governo Estadual como Áreas de Proteção Especial. Apresenta formações vegetais características de transição dos domínios da Mata Atlântica e do Cerrado, o que resulta numa paisagem heterogênea e com grande diversidade de hábitats, promovendo a ocorrência de um número maior de espécies. O objetivo deste trabalho foi inventariar a mastofauna de médio e grande porte presente na Área de Proteção Especial Barreiro (APE / Barreiro) inserida no PESRM, entre as coordenadas 43°58’28” W e 22°00’06” S, através de observações diretas e indiretas. O estudo foi realizado em cinco campanhas no período de dezembro de 2007 a abril de 2008. Foram amostradas duas áreas com diferentes fitofisionomias com a utilização de duas metodologias, estação de pegadas e busca aleatória por evidências diretas e indiretas. O método de estação de pegadas consistiu na montagem de estações através da limpeza do substrato com uma área de aproximadamente 0,50 x 0,50m2. Esse substrato foi peneirado e, colocado no mesmo local, delimitando a estação. As estações foram montadas, durante o entardecer, em 40 pontos, sendo 20 em uma área de Cerrado e 20 em uma área de Mata Atlântica. O esforço amostral total foi de 800 armadilhas/dia para toda a área de estudo. As estações eram iscadas alternadamente sendo utilizado bacon seguida de abacaxi, sem nenhuma isca e assim sucessivamente. A metodologia de busca aleatória consistiu na procura por evidências diretas e indiretas nas mesmas trilhas utilizadas para as estações de pegadas. Foram registradas 18 espécies distribuídas em 5 ordens por ambas metodologias. É importante ressaltar que a região vem sofrendo forte pressão antrópica através da exploração de minério e especulação imobiliária no entorno. Entretanto, foi confirmada a presença de *Chrysocyon brachyurus* (lobo-guará); *Puma concolor* (onça-parda) e *Leopardus pardalis* (jaguatirica) todos carnívoros ameaçados de extinção no Estado de Minas Gerais e na lista oficial do IBAMA. A identificação de mamíferos de médio e grande porte presentes na APE BARREIRO pode fornecer subsídios importantes para auxiliar na gestão ambiental do Parque e ainda gerar informações essenciais para a execução do Plano de Manejo da área e conseqüentemente, contribuir para o zoneamento físico do Parque sendo um importante instrumento para a preservação e manutenção do mesmo.

Palavras-chave: Mastofauna, estação de pegadas, busca aleatória, PESRM.

COMPOSIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA COMUNIDADE DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE DE UMA PEQUENA RESERVA DE FLORESTA ATLÂNTICA EM SANTA RITA DO SAPUCAÍ, SUL DE MG

Anderson Aires Eduardo (Curso de pós-graduação em Gestão e Manejo Ambiental em Sistemas Florestais - UFLA / andereduardo@yahoo.com.br)
Marcelo Passamani (Setor de Ecologia, Depto. de Biologia - UFLA)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

O Brasil possui uma diversidade de vertebrados já considerada a maior do mundo, porém esta megadiversidade ainda é mal conhecida e boa parte dela encontra-se seriamente ameaçada por atividades humanas. Este trabalho objetivou inventariar a fauna de mamíferos de médio e grande porte do Parque Ecológico Municipal de Santa Rita do Sapucaí, MG, uma pequena reserva de Floresta Atlântica de cerca de 10ha. As metodologias utilizadas para registro de mamíferos de médio e grande porte foram: (1) armadilha de pegadas (parcela de areia com dimensões 50 x 50cm), (2) armadilha fotográfica e (3) visualização direta, aproveitando trilhas preexistentes na área de estudos. No período de maio de 2006 a fevereiro de 2007 foram realizadas duas amostragens mensais onde as parcelas e as trilhas foram vistoriadas por cinco dias consecutivos. Foram feitas 16 amostras com um total de 80 dias de coleta de dados. Foram obtidos 108 registros de 15 espécies, sendo um marsupial (*Didelphis albiventris*), um xenartra (*Dasypus novemcinctus*), três primatas (*Alouatta guariba, Callithrix aurita, Callicebus nigrifrons*) cinco carnívoros (*Cerdocyon thous, Leopardus pardalis, Leopardus tigrinus, Eira barbara, Procyon cancrivorus*), quatro roedores (*Cuniculus paca, Cavia* sp, *Dasyprocta* sp, *Guerlinguetus aestuans*) e um lagomorfo (*Silvilagus brasiliensis*), sendo que cinco (*Alouatta guariba, Callithrix aurita, Callicebus nigrifrons, Leopardus pardalis, Leopardus tigrinus*) encontram-se ameaçadas de extinção. Das 9 espécies com registros de pegadas, *Leopardus* spp. e *Dasypus novemcinctus* apresentaram maior abundância relativa (IAR = 0,0925 para ambas). A espécie *Dasyprocta* sp (IAR = 0,0185) apresentou a menor abundância relativa. As demais espécies apresentaram abundâncias intermediárias (*Cuniculus paca* = 0,0740; *Cavia* sp = 0,0277; *Silvilagus brasiliensis* = 0,0555; *Didelphis albiventris* = 0,0462; *Eira barbara* = 0,0648; *Cerdocyon thous* = 0,0277; *Canis familiaris* = 0,0833). O Parque Ecológico Municipal de Santa Rita do Sapucaí tem importante papel na conservação de mamíferos no contexto regional onde está inserido, apresentando uma alta riqueza de espécies, incluindo espécies ameaçadas de extinção. Os dados levantados neste estudo são importantes na elaboração do plano de manejo do Parque, oferecendo subsídios a estudos faunísticos posteriores.

Palavras-chave: Mamíferos, diversidade, Floresta Atlântica

LEVANTAMENTO DE MASTOFAUNA EM UM FRAGMENTO DE MATA NO NORTE DO ESTADO DO PARANÁ

João Marcos Silla (Centro Universitário Filadélfia – UNIFIL / sillabio@gmail.com)
Patrick Moritz (Centro Universitário Filadélfia - UNIFIL)
Fábio Luis Ferreira Bruschi (Centro Universitário Filadélfia - UNIFIL)
Murillo Bernardi Rodrigues (Centro Universitário Filadélfia - UNIFIL)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

Os mamíferos constituem um dos grupos mais complexos do reino animal, reunindo características que possibilitam a ocupação de uma grande quantidade de nichos nos ambientes terrestres e aquáticos. Somente estes animais exploram amplamente os recursos da Terra, de pólo a pólo, do topo das montanhas às profundezas dos mares, utilizando inclusive a noite para seu forrageio. Por outro lado, alguns aspectos podem contribuir para a fragilidade de muitas espécies de mamíferos, fazendo com que se tornem mais vulneráveis, com populações em declínio ou extintas em determinadas regiões. Entre estes aspectos, a perda e a fragmentação de habitats naturais, resultantes das atividades humanas, constituem as maiores ameaças aos mamíferos terrestres brasileiros. Este trabalho teve como objetivo catalogar as espécies de mamíferos existentes em um fragmento de mata localizado no norte do Estado do Paraná e comparar os resultados obtidos com outras áreas já estudadas para analisar se o tamanho do fragmento influencia o número de espécies existentes. O estudo foi realizado durante um ano, de agosto de 2006 a agosto de 2007, em um fragmento de Floresta Estacional Semidecidual de 120 hectares, alterado pela ação antrópica e cercado por áreas agrícolas e pastagens por todos os lados. Neste levantamento foram utilizados métodos diretos e indiretos para registrar a presença de mamíferos no local de estudo. O método direto consistiu em caminhadas através de trilhas e bordas da mata para possíveis avistamentos. Já os métodos indiretos utilizados foram o registro de vestígios, como rastros, fezes, carcaças, marcas de garras e tocas. O presente trabalho obteve como resultado o registro de 14 espécies de mamíferos de pequeno, médio e grande porte, as quais estão agrupadas em 13 famílias e 6 diferentes ordens: Primate (macaco-prego), Carnivora (cachorro-do-mato, quati, mão-pelada, gato-mourisco e furão), Didelphimorphia (cuíca), Xenarthra (tatu-galinha e tamanduá-mirim), Rodentia (capivara, paca, cutia e preá) e Perissodactyla (anta). Quando comparamos os resultados encontrados neste trabalho com os resultados de outras áreas já estudadas, como por exemplo, com o Parque Estadual Mata dos Godoy (PEMG), com 680 ha, e com o Parque Municipal Arthur Thomas (PMAT), com 85,47 ha, ambos localizados em Londrina, no Paraná, podemos inferir que o tamanho do fragmento influencia diretamente no número de espécies. Visto que o PEMG apresenta 31 espécies de mamíferos registradas até o momento e o PMAT, com a menor área, apresenta apenas 8 espécies.

Palavras-chave: Floresta Estacional Semidecidual, fragmentação florestal, mamíferos.

RESULTADOS PARCIAIS DO LEVANTAMENTO DE MASTOFAUNA DE MÉDIO E GRANDE PORTE DA SERRA DO FUNIL - MG

Leandro Alécio dos Santos Abade (Depto. de Zoologia / UFJF / leandrosabade@yahoo.com.br)
Giovanne Ambrósio Ferreira (UNIPAC)
Omar Junqueira Bastos Neto (Depto. Zoologia / UFJF)
Artur Andriolo (Depto. Zoologia / UFJF)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

A Serra da Mantiqueira é uma das mais importantes cadeias de montanha do sudeste do Brasil, conservando aproximadamente 20% dos remanescentes de Mata Atlântica mineira. Apesar dessa extensão, a escassez de conhecimento científico sobre a mastofauna presente nesses remanescentes florestais dificulta a implementação de políticas ambientais e medidas conservacionistas. A compreensão da biologia de espécies de mamíferos de médio e grande porte tem evidenciado a importância desses animais em vários processos nos ecossistemas florestais. Nesse contexto, o presente estudo visa ampliar o conhecimento científico sobre a mastofauna de médio e grande porte presente na Serra do Funil e destacar o local como área prioritária para conservação no estado de Minas Gerais. A Serra do Funil (21°58'24''S/43°53'15''W) está posicionada entre os municípios de Santa Bárbara do Monte Verde, Rio Preto e Olaria (Serra da Mantiqueira), com elevação média de 1300m e precipitação anual de 1886mm. Apresenta vários fragmentos de Floresta Atlântica, com baixa influência antrópica direta, conservando ainda parte de sua diversidade animal e vegetal. É uma área com escassos estudos científicos e não apresenta nenhuma informação sobre a mastofauna local. O estudo iniciou-se em Agosto/2007 e excursões quinzenais foram feitas para coleta de dados sobre a mastofauna presente. Utilizamos métodos de observação direta (visualizações) e indireta (pegadas, vocalizações e fezes). Três armadilhas fotográficas foram instaladas durante Fevereiro/2008 e dispostas aleatoriamente na área para intensificar a coleta de dados e têm sido periodicamente monitoradas. Selecionamos 10 trilhas (comprimento entre 200m a 3,3km) para o levantamento de dados, acumulando-se mais de 100km percorridos. Até o momento, das 11 espécies identificadas, 6 estão sob algum grau de ameaça de extinção segundo a Lista Vermelha do IBAMA/IUCN. Diversos grupos de *Callicebus nigrifrons* e *Alouatta guariba* foram identificados através de visualização e vocalizações. Duas visualizações de *Nasua nasua* em atividade de forrageio foram feitas. Identificamos duas pegadas de *Puma concolor* e *Leopardus pardalis* em locais distintos. Fezes de *Chrysocyon brachyurus* foram encontradas sobre um cupinzeiro. Pegadas de *Mazama* sp. foram encontradas em área de campo. Entre os roedores identificamos pegadas de *Hydrochaeris hydrochaeris* e fezes de *Sylvilagus brasiliensis*. Uma carcaça de *Coendou prehensilis* foi identificada. Fotos de *Didelphis albiventris* foram registradas pelas armadilhas fotográficas. Encontrou-se um número elevado de fezes de pequenos felinos e estudos de tricologia são necessários para identificar gênero/espécie. Nossos resultados colaboram para o conhecimento da região da Serra do Funil e para apoiar estratégias de conservação no estado de Minas Gerais.

Palavras-chave: Mastofauna, Serra do Funil, Levantamento

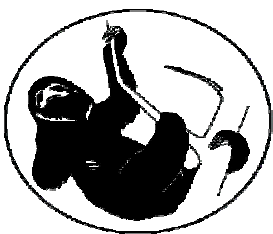
RIQUEZA DE MAMÍFEROS NÃO-VOADORES NA RESERVA EXTRATIVISTA DO RIO CAJARI, ESTADO DO AMAPÁ.

Cardoso, E.M. (IEPA, Divisão Zoologia. E-mail:elz_matos@yahoo.com.br)
Silva, C.R. (Inst. de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Amapá - IEPA)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

No estado do Amapá, extremo norte da Amazônia brasileira, a diversidade de mamíferos ainda é pouco estudada, apesar de ter sido alvo de amostragens pontuais nos últimos anos. No entanto, estes levantamentos foram concentrados em poucas áreas geográficas e com apenas uma amostragem não obtendo amostras sazonais. A RESEX do Rio Cajarí, criada pelo decreto Nº 99.145 de 12/03/1990, localiza-se nos municípios de Laranjal do Jarí, Mazagão e Vitória do Jarí, compreende uma área de 481.650 ha. A RESEX inserida no sul do estado possui duas estações bem definidas: seca e chuvosa. Sendo o auge da seca nos meses de outubro e novembro e maiores médias pluviométricas podem ser registradas nos meses de fevereiro, março e abril. Este estudo, inserido em um projeto amplo destinado ao estudo da sustentabilidade das atividades extrativistas na RESEX, visou o conhecimento da diversidade da fauna de mamíferos nos castanhais da comunidade do Marinho, uma das 24 vilas que se localizam no interior da UC e têm como atividade principal a exploração da castanha-do-Brasil (Bertholettia excelsa). Quatro viagens de campo de 10 dias foram realizadas à área nos meses de março, julho, setembro e dezembro onde utilizou-se armadilhas de captura, armadilhas fotográficas, observações diretas e indiretas e registro de espécies caçadas na vila. Com esforços amostrais superiores a 4000 armadilha/dia, 1400 pitfall/dia e 240 h de procura ativa, foram registradas 7 ordens, 17 famílias e 36 gêneros totalizando 40 espécies de mamíferos não-voadores incluindo duas novas ocorrências para o estado: *Didelphis imperfecta, Isothrix* sp. e *Mesomys hispidus*. Estes resultados atestam a alta diversidade de espécies de mamíferos da RESEX e a importância da área para a conservação da fauna de mamíferos. As espécies mais caçadas na área foram cotia (*Dasyprocta leporina*), paca (*Cuniculus paca*) e veado-mateiro(*Mazama americana*). No entanto, espécies raras localmente como anta (*Tapirus terrestris*), coamba (*Ateles paniscus*) e porcos (*Tayassu pecari* e *Pecari tajacu*) continuam sendo caçados. O que nos desperta para a importância de mais pesquisas e discussão com as comunidades usuárias da RESEX quanto ao monitoramento e manejo das espécies de mamíferos cinegéticas.

Palavras-chave: castanhais, mastofauna, conservação, diversidade.

Financiadores: IEPA, EMBRAPA, CNPq/PIBIC.

LEVANTAMENTO E CARACTERIZAÇÃO DA FAUNA DE MAMÍFEROS DA ESTAÇÃO ECOLÓGICA DA UFMG, BRASIL

Ericson Sousa da Silva (Lab. Ecologia de Mamíferos / ICB-UFMG / ericfaraco@yahoo.com.br)
Flávio Henrique Guimarães Rodrigues (Dept. Biologia Geral/UFMG & Instituto Pró-Carnívoros)
Marina Peres Portugal (Lab. Ecologia de Mamíferos / ICB-UFMG)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

Os mamíferos sempre despertam interesse nas pessoas, devido à sua diversidade, beleza, utilidade ou pelos problemas que podem causar. Apesar do grande conhecimento acumulado ao longo dos anos, muito esforço ainda é necessário para se conhecer a real diversidade de espécies. A influência das ações humanas sobre esta diversidade indica a importância de estudos de caracterização de fauna em fragmentos de habitat dentro de áreas urbanas. Na cidade de Belo Horizonte e em seu entorno, há muitas áreas verdes mantidas por iniciativas públicas e privadas. Muitas destas mantêm dados incompletos e superficiais ou não possuem estudos de fauna e seu manejo. Uma destas áreas, a Estação Ecológica da UFMG, não conta com esse tipo de estudo e é a maior área de preservação dentro de um Campus Universitário com 77 hectares aproximadamente. O objetivo do presente trabalho foi levantar as espécies de mamíferos presentes na Estação Ecológica e comparar esses dados com os levantamentos realizados em outras áreas de preservação dentro da região metropolitana de Belo Horizonte. Como metodologia, foram utilizados a observação direta, armadilhamento, registro de pegadas e carcaças e referências bibliográficas. Para pequenos mamíferos foram distribuídos 9 transectos de 50 metros, cada um com 10 armadilhas do tipo Shermann e 5 armadilhas do tipo Tomahawk, amostrando os diferentes ambientes existentes. As armadilhas ficaram abertas em períodos de cinco dias consecutivos a cada mês, ao longo de um ano, totalizando um esforço amostral de 5.400 armadilha*noite. Os animais capturados e facilmente identificados foram marcados com brincos e devolvidos ao ambiente. Animais não identificados em campo ou não contidos na coleção Zoológica da UFMG foram coletados, identificados e depositados na coleção. Para animais maiores e espécies já conhecidas e descritas, foi feita uma busca visual e/ou fotográfica em caminhadas monitoradas ao longo do dia na busca por fezes, carcaças, ossos, além do registro de tocas e pegadas. Este levantamento encontrou 12 espécies da ordem Chiroptera, 6 de Rodentia, 1 de Lagomorpha, 2 de Didelphimorphia, 1 de Primates e 1 de Carnivora. O estudo não contabilizou espécies exóticas, mas cita-as como dados importantes para trabalhos de manejo. Comparando esses dados com os de outras áreas verdes de Belo Horizonte, a diversidade é tão expressiva ou maior do que em outras áreas maiores e interligadas por corredores, o que pode indicar uma deficiência no conhecimento da mastofauna desses locais.

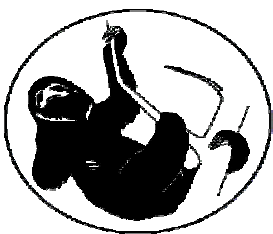
Palavras-chave: Mastofauna, Conservação, Diversidade de mamíferos e Área de Conservação

MASTOFAUNA DO CERRADO CENTRAL DO NOROESTE DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Leal, K. P. G (Fauna/Bicho do Mato Meio Ambiente/karla.fuquinha@gmail.com)
Saraiva, D. G. (Lab de Mastozoologia/Museu de Ciências Naturais PUC Minas)
Ribeiro, I. B. (Lab de Mastozoologia/Museu de Ciências Naturais PUC Minas)
Rocha, G. F. S. (Fauna/Bicho do Mato Meio Ambiente)
Câmara, E. M. V. C. (Lab de Mastozoologia/Museu de Ciências Naturais)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

O Estado de Minas Gerais possui uma grande diversidade biológica que se encontra fortemente ameaçada, pelo processo de ocupação e pela política de desenvolvimento do Estado. A legislação ambiental no Brasil é incompleta quanto a diversos aspectos. A presença da fauna fora de áreas protegidas varia juntamente com a cultura, estado de preservação e com a intensidade da exploração local. A divulgação dos resultados de inventários dos mamíferos de uma área é uma contribuição fundamental para a descrição de biotas, biogeografias e para o conhecimento de áreas pouco ou insuficientemente conhecidas. Uma linha de transmissão de cerca 300 km percorrerá áreas de cinco municípios no noroeste do Estado de Minas Gerais (Paracatu, Brasilândia de Minas, João Pinheiro, Buritizeiro e Pirapora), todos inseridos na área de cobertura do bioma Cerrado. O presente estudo foi realizado em três locais (Paracatu, Brasilândia de Minas e João Pinheiro) ao longo da área de influência do empreendimento e registrou um total de 35 espécies de mamíferos. Os pequenos mamíferos não-voadores foram amostrados com gaiolas, Sherman e pitfalls, instalados nas diferentes fitofisionomias de cada área, nos meses de maio e junho de 2007, com um esforço total de 2020 armadilhas-noite e 1,58% de sucesso de captura. Foram capturadas 14 espécies de pequenos mamíferos pertencentes a 12 gêneros: (*Didelphis, Gracilinanus, Marmosa, Monodelphis, Calomys, Nectomys, Oligoryzomys, Rhiphidomys, Thrichomys* e *Sylvilagus*). As espécies mais abundantes foram *Thrichomys apereoides* e *Gracilinanus agilis*. Os mamíferos de médio e grande porte foram amostrados através do registro de indícios diretos, indiretos e armadilhas fotográficas. Foram registradas 22 espécies, distribuídas em 14 famílias, nas seguintes ordens: Cingulata (1), Pilosa (2), Primates (2), Carnívora (10), Perissodactyla (1), Artiodactyla (3) e Rodentia (3). Quatro espécies de mamíferos ameaçados de extinção no Brasil foram registradas: *Myrmecophaga tridactyla, Leopardus pardalis, Puma concolor* e *Chrysocyon brachyurus*. As carcaças de animais encontrados mortos e alguns exemplares de pequenos mamíferos foram tombados no Laboratório de Mastozoologia do Museu de Ciências Naturais PUC-Minas. Durante o estudo verificou-se que a área estudada está sob forte influência antrópica e apresenta elevada fragmentação da paisagem, com domínio de matriz de pasto e de eucalipto. Estas características podem dificultar o deslocamento dos animais e demonstra que a conservação da mastofauna, fora de unidades de conservação, é um desafio cada vez maior que exige atenção e alternativas mais elaboradas e complexas de manejo ambiental.

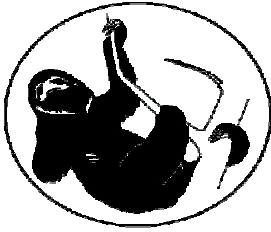
Palavras-chave: Cerrado, Mastofauna, Levantamento, Noroeste de Minas Gerais

PEQUENOS MAMÍFEROS NA DIETA DE *TYTO ALBA* (AVES, STRIGIFORMES) NA ESTAÇÃO ECOLÓGICA DE TAPACURÁ, PERNAMBUCO, BRASIL.

Daniela Pedrosa de Souza (Departamento De Zoologia/UFPE/danipedrosa82@gmail.com)
Paulo Henrique Asfora (Instituto de Biologia/UERJ)
Thaís de Castro Lira (Departamento de Zoologia/UFPE)
Diego Astúa (Departamento de Zoologia/UFPE)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

As suindaras (*Tyto alba*) alimentam-se primariamente de pequenos mamíferos, principalmente roedores e sua dieta é uma importante ferramenta em estudos taxonômicos uma vez que permite a obtenção de espécies raras ou que não são facilmente capturadas em armadilhas devido a características comportamentais ou à ocupação de microhabitats específicos. O objetivo deste estudo foi inventariar as espécies de pequenos mamíferos que constituem a dieta de *Tyto alba* em uma área rural no município de São Lourenço da Mata, PE, com base em pelotas de regurgito. As pelotas foram coletadas no período de agosto de 2007 a abril de 2008 em ruínas de uma igreja e um colégio agrícola situadas em uma ilha formada pelo represamento do rio Tapacurá, circundada por remanescentes de Mata Atlântica. Um total de 86 pelotas intactas mais fragmentos foram coletadas. As pelotas completas foram imersas em água para a separação das partes identificáveis e contáveis das presas. A identificação das presas foi feita com base nos crânios, mandíbulas e molares. As amostras incluíram 180 pequenos mamíferos, representando dez espécies, seis famílias e três ordens: Rodentia (Sigmodontinae: *Holochilus sciureus* (n = 50), *Necromys lasiurus* (n = 21), *Nectomys* sp (n = 1); Muridae: *Rattus rattus* (n = 10); Echimyidae: *Thrichomys laurentius* (n= 2); Caviidae: *Galea spixii* (n= 5)), Chiroptera (Molossidae: *Molossus molossus* (n = 25)), Didelphimorphia (Didelphidae: *Monodelphis domestica* (n= 29), *Gracilinanus agilis* (n = 7), *Cryptonanus* sp (n = 2)). A maior parte da dieta foi constituída por roedores (59%) seguidos de marsupiais (24%) e morcegos (17%) Os roedores Sigmodontinae foram as presas mais consumidas na dieta da suindara (46%), destacando-se o rato-da-cana (*Holochilus sciureus*) que representou 33% da dieta. Destaca-se também a presença de *Gracilinanus agilis* e *Cryptonanus* sp entre as amostras, pois nenhum dos dois gêneros possuíam registros para a Zona da Mata de Pernambuco.

Palavras-chave: pequenos mamíferos, suindara, dieta

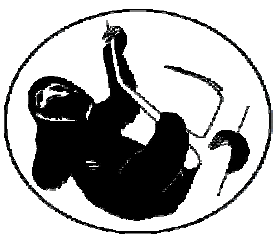
Financiadores: CAPES, FACEPE, FAPERJ, UFPE

CBMz

EXPEDIÇÃO CIENTÍFICA BIOFRONTEIRA DA PANTANAL: DIAGÓSTICO PARA PROPOSIÇÕES DE MANEJO À MASTOFAUNA NA FRONTEIRA DO BRASIL COM O PARAGUAI

Simone B. Mamede (Instituto Physis Cultura e Ambiente / Unidade Cerrado/Instituto Mamede)
Paola Santos da Mata (Universidade Federal de Goiás-UFG paoladamata@hotmail.com)
Maristela Benites (Instituto Physis Cultura e Ambiente / Unidade Cerrado/Instituto Mamede)
Andréa Mayumi Chin Sendoda (Universidade de São Paulo / USP)
Bruno Plumey (Company Egis Rail)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

As expedições científicas além de registros qualitativos das espécies em determinada área, também contribuem sobremaneira para a avaliação do status populacional e sua relação com o homem. Localizado numa área rebaixada da depressão da bacia hidrográfica do rio Paraguai, o Pantanal é compartilhado por países como Brasil, Bolívia e Paraguai, constituindo-se de um complexo mosaico de hábitats úmidos, secos e inundáveis que se modificam conforme a sazonalidade característica de períodos de seca e cheia. A Expedição Biofronteira do Pantanal teve entre seus objetivos o diagnóstico das condições da mastofauna visando proposições de manejo para algumas espécies. Realizada no período de 02 a 14 de fevereiro de 2008, na região do Baixo Pantanal, sub-regiões do Apa, Porto Murtinho e Nabileque. Para o levantamento dos dados realizou-se transectos terrestres (rodovias BR-060; BR-267) e fluviais (rios Paraguai, Nabileque, Aquidabã, Branco e Apa). As espécies foram registradas e documentadas através de fotografias e desenhos em aquarela. Entrevistas informais foram realizadas junto à comunidade local para a identificação das formas de uso e a convivência com a mastofauna silvestre. Os resultados apontaram pelo menos duas problemáticas, de alto impacto, relacionadas à conservação de mamíferos: 1) a mortalidade por atropelamentos nas estradas e rodovias; e 2) a caça predatória. Dos indivíduos mortos por atropelamentos (n=21) destacam-se as espécies: *Dasypus novemcinctus, Euphractus sexcinctus, Cerdocyon thous*, *Didelphis albiventris, Tamandua tetradactyla*, *Myrmecophaga tridactyla* - espécie ameaçada de extinção - e *Hydrochaeris hydrochaeris*. Dos relatos da comunidade local resultou uma lista de 17 espécies visadas pela atividade de caça, a qual é exercida até a atualidade tanto em território brasileiro quanto paraguaio. Percebeu-se que as espécies vítimas de caça se enquadram em três categorias: uso alimentar (*Blastocerus dichotomus, Tapirus terrestris*, entre outras); defesa, tanto humana quanto da criação animal doméstica, (*Panthera onca, Puma concolor*, entre outras); e vítimas de superstição (*M. tridactyla*). Entre as proposições de manejo estão: o fortalecimento de políticas públicas binacionais (Brasil/Paraguai), incentivo à criação de leis ambientais paraguaias compatíveis ou equivalentes às brasileiras, fiscalização compartilhada na fronteira, além de pesquisas aplicadas. As ações de manejo devem priorizar: programas binacionais de Educação Ambiental junto às comunidades transfronteiriças e usuários das estradas; orientação aos proprietários rurais quanto à localização, formato e tamanho das reservas legais visando ao aumento da conectividade entre os fragmentos nativos, à diminuição do efeito de borda; dentre outras ações que associadas e sinergeticamente atinjam a conservação de mamíferos no Pantanal.

Palavras-chave: mamíferos, manejo, educação ambiental, Pantanal

MAMÍFEROS TERRESTRES DA REGIÃO TURÍSTICA DA COSTA VERDE, ESTADO DO RIO DE JANEIRO, BRASIL

Flávia Soares Pessôa (Lab. Ecologia pequenos mamíferos/UERJ/flaviaspessoa@gmail.com)
Thiago Carvalho Modesto (Lab. Ecologia pequenos mamíferos/UERJ)
Maria Carlota Enrici (Lab. Ecologia pequenos mamíferos/UERJ)
Tássia Jordão-Nogueira (Lab. Ecologia pequenos mamíferos/UERJ)
Bruno Cascardo Pereira (Lab. Ecologia pequenos mamíferos/UERJ)
Nina Attias (Lab. Ecologia pequenos mamíferos/UERJ)
Júlia Lins Luz (Lab. Diversidade de morcegos/UFRRJ)
Daniel Santana Lorenzo Raíces (Lab. Ecologia pequenos mamíferos/UERJ)
Carlos Eduardo Lustosa Esbérard (Lab. Diversidade de morcegos/UFRRJ)
Helena de Godoy Bergallo (Lab. Ecologia pequenos mamíferos/UERJ)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

A Mata Atlântica apresenta a segunda maior taxa relativa de endemismo entre os biomas brasileiros. Sua porção pertencente ao Estado do Rio de Janeiro abriga 74 % da mastofauna desse bioma. A maior extensão de floresta contínua do Estado pertence à Região Turística da Costa Verde onde a maior parte dos remanescentes de Mata Atlântica ainda está em bom estado de conservação. No entanto, recentemente, os impactos ambientais nesta região do Estado aumentaram em virtude do incremento de atividades econômicas ligadas aos setores naval, petrolífero e turístico, trazendo para a região diversos empreendimentos e um aumento no fluxo de pessoas. Alguns trabalhos dedicaram-se a levantar informações acerca da riqueza de mamíferos da Região Turística da Costa Verde. Contudo, faltava uma compilação de dados sobre os mamíferos terrestres da região. O conhecimento da ocorrência dos mamíferos é importante na preservação de sistemas biológicos, pois pode fornecer informações e subsídios para o manejo dos remanescentes florestais. Esse estudo teve como objetivo elaborar uma lista atualizada das espécies de mamíferos da Região Turística da Costa Verde, incluindo a Ilha Grande. Foi realizada uma extensa revisão bibliográfica em busca de dados de espécies registradas em levantamentos prévios na região e de dados não publicados do Laboratório de Ecologia de Pequenos Mamíferos da UERJ. Neste estudo foram registradas 104 espécies de mamíferos entre nativas e exóticas na Região Turística da Costa Verde. Essa região abriga o correspondente a 59% das espécies conhecidas para o Estado. As ordens mais ricas são Chiroptera e Rodentia com 43 e 25 espécies respectivamente, e apenas a Ordem Perissodactyla que é representada por uma única espécie no Brasil não está presente nos levantamentos realizados na Costa Verde. A compilação dos trabalhos realizados na Região Turística da Costa Verde permite reafirmar a importância da área em abrigar grande parte da riqueza de mamíferos do Rio de Janeiro. Mesmo assim, ainda é necessário investir em pesquisa e ampliar o esforço amostral a fim de completar as lacunas que persistem e garantir informações efetivas acerca da diversidade de mamíferos da região.

Palavras-chave: Biodiversidade, inventário de mamíferos, espécies ameaçadas, conservação

Financiadores: CEPF, Aliança para Conservação da Mata Atlântica, CNPq, Instituto Biomas

LEVANTAMENTO PRELIMINAR DA MASTOFAUNA DE UM FRAGMENTO DE FLORESTA OMBRÓFILA DENSA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. SP.

Wagner Rafael Lacerda (DEPAVE-3 / SVMA-SP / wr_lacerda@yahoo.com.br)
Tatiane Dubovicky (Fundação Parque Zoológico de São Paulo)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

A cidade de São Paulo apresenta intensa urbanização, o que, ao longo dos anos reduziu drasticamente a cobertura vegetal original. O cenário atual apresenta alguns fragmentos estando a maioria deles isolados, acarretando em perda de hábitat e redução da densidade populacional de mamíferos, podendo levar espécies nativas ao desaparecimento local. O Parque Estadual Fontes do Ipiranga (PEFI) com 526 ha, abriga uma das maiores áreas de mata atlântica da cidade, estando diversas instituições inseridas no parque, entre elas o Zoológico de São Paulo. Há uma grandecarência de informações a respeito da fauna local. Este estudo tem como objetivo analisar os registros dos animais de vida livre encaminhados ao setor de mamíferos do Zoológico no período de janeiro de 2002 a abril de 2008. Os animais são encaminhados ao setor quando encontrados feridos, mortos ou quando sua localização oferece algum risco para o próprio animal (e.g. atropelamento ou eletrocussão na rede elétrica). Ao longo desses seis anos foram encaminhados ao setor de mamíferos: 88 animais, pertencentes a cinco espécies, sendo que a espécie encontrada com maior freqüência foi *Didelphis aurita* (37 indivíduos), seguido de *Alouatta clamitans* (33), *Bradypus variegatus* (8), *Sphiggurus villosus* (6), *Dasypus novemcinctus* (3) e *Dasyprocta* sp. (1). Após receber tratamento adequando, houve a soltura do animal em 51% das ocorrências, em 26% ocorreu o óbito, em 6% foi realizada a eutanásia e nos outros 17% dos casos ainda não houve destinação, permanecendo os mesmos sob os cuidados do Zoológico. A baixa diversidade de mamíferos no PEFI deve-se à intensa pressão do entorno: invasões, incêndios criminosos, caça e o total isolamento, visto que o parque está circundado por urbanização. Além disso, uma avenida movimentada corta o PEFI, sendo registrados inúmeros casos de atropelamentos de animais que tentam cruzar a via. Outro fator agravante são os fios de alta tensão, responsáveis pela ocorrência de choques elétricos em indivíduos de Alouatta clamitans e Bradypus variegatus. Constatou-se a necessidade de implantar medidas para minimizar os impactos sobre a fauna local, como sinalização de trânsito adequada e instalação de fios encapados na rede elétrica, colaborando para a conservação da mastofauna de um dos últimos remanescentes de vegetação na cidade de São Paulo.

Palavras-chave: Mamíferos; Mata Atlântica; fragmento; zoológico

INFLUÊNCIA DO USO DE ISCAS NA AMOSTRAGEM DA RIQUEZA E FREQÜÊNCIA DE OCORRÊNCIA DE MAMÍFEROS UTILIZANDO ARMADILHAS FOTOGRÁFICAS

Tatiana Rosa Diniz (Departamento de Ecologia / UNESP / tatyeco@gmail.com)
Antônio Carlos Simões Pião (DEMAC / UNESP)
Marcio Port Carvalho (Seção de Animais Silvestres / IF)
Leonardo Carreira Trevelin (Departamento de Zoologia / UNESP)
Eduardo Morell (Departamento de Pesquisa / Instituto Guatambú de Cultura)
Maurício Silveira (Departamento de Zoologia / UNESP)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

Avaliamos o efeito do uso de cevas na amostragem da riqueza, freqüência de ocorrência e sucesso de captura de espécies de mamíferos a partir do uso de armadilhas fotográficas em monitoramento realizado no Parque Estadual da Cantareira, São Paulo-SP, um remanescente florestal de Mata Atlântica de 8000 ha. Foram estabelecidos dois tratamentos, um utilizando banana e bacon e outro controle sem uso de qualquer tipo de atrativo. As câmeras foram instaladas nos mesmos locais com esforço de 300 câmeras*dia cada. O tratamento em que utilizamos ceva apresentou maior riqueza de espécies (N= 09), com sucesso de captura de 31,6%, enquanto que para o tratamento sem ceva 05 espécies foram registradas e sucesso de 8,3%. Em ambos os experimentos, gambás (*Didelphis aurita*) apresentaram maior freqüência de ocorrência (78 e 68%), seguidos por Cuniculus paca (7,4 e 20%). Espécies consideradas mais comuns, como *Nasua nasua, Guerlinguetus ingrami* e *Dasypus novemcinctus* também apareceram nos dois tratamentos, enquanto que algumas mais raras, como *Leopardus wiedii, Leopardus pardalis* e *Eira barbara* só foram registradas nas câmeras em que utilizamos atrativos, embora com baixa freqüência. A análise dos dados mostrou que não houve diferença significativa na freqüência de ocorrência das espécies de mamíferos (Teste G 2x3 = 3.0275; p=0.2201; gl=2; =0.05), aceitando a hipótese que a freqüência de ocorrência das espécies mais comuns independe do uso de atrativos, embora a diferença observada através do teste Binomial para o sucesso de captura tenha sido muito significante entre os tratamentos (p unilateral = 0.0001) rejeitando a hipótese nula de que o uso de ceva não influencia no sucesso de captura. Os resultados encontrados demonstram que neste estudo realizado no PE da Cantareira, aparentemente o uso de iscas aumenta a riqueza de espécies, possibilitando inclusive o registro de espécies raras, sem comprometer a freqüência de ocorrência das espécies mais abundantes. Sendo assim, recomenda-se o uso deatrativos em trabalhos com mastofauna que utilizem armadilhas fotográficas se o objetivo principal for o de registrar o maior número de espécies em um curto espaço de tempo, por exemplo, em inventários.

Palavras-chave: monitoramento de mamíferos, armadilhas fotográficas, ceva

Financiadores: CTEEP

INVENTÁRIO DE PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO-VOADORES DA FAZENDA MANOA – ÁREA DE MANEJO FLORESTAL, MUNICÍPIO DE CUJUBIM-RONDÔNIA

Marília Aparecida Cavalcante de Lima (Laboratório de Mastozoologia / UNIR / labmasto@gmail.com)
Mariluce Rezende Messias (Laboratório de Mastozoologia / UNIR)
Raylenne da Silva Araujo (Laboratório de Mastozoologia / UNIR)
Alexandre Casagrande Faustino (Laboratório de Mastozoologia / UNIR)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

Os mamíferos neotropicais apresentam a maior diversidade no Novo Mundo. Esta região biogeográfica conta com 50 famílias (das quais 19 endêmicas) e 24% das espécies do planeta. Destas, 80% são endêmicas de alguma região do bioma Amazônico. Este estudo teve como objetivo inventariar a comunidade de mamíferos terrestres de pequeno porte (até 1500 g de peso corporal) ocorrentes na Fazenda Manoa, região norte do estado de Rondônia, área com 73.079 há predominantemente de floresta ombrófila aberta. A área é explorada comercialmente através de plano de manejo florestal de baixo impacto e o sítio amostral foi explorado há três anos, o qual se encontra em processo de regeneração natural. Foi empregado o método de grade utilizando 69 armadilhas de captura live traps dos tipos Sherman e Tomahawk no período de abril de 2007 a março de 2008. As armadilhas foram acionadas e iscadas ao anoitecer. Três diferentes tipos de iscas foram usadas: A1 - mistura de banana e sardinha, B1 - mandioca e sardinha e C1 - banana e castanha. Para cada espécime capturado foram anotadas a identificação taxonômica, localização na grade (linha e ponto), medidas biométricas, sexo, faixa etária e condição reprodutiva. Durante o ano de trabalho, totalizou-se um esforço de captura de 3312 armadilhas/noite. Foram registrados 80 espécimes de pequenos mamíferos, distribuídas em duas ordens, duas famílias e quatro espécies. Três espécies pertencentes à ordem Didelphimorphia e uma a ordem Rodentia. O sucesso de captura durante o período chuvoso (outubro a abril) foi muito superior ao observado no período seco (março a setembro): 78,75% (n=63) e 21,25% (n=17) respectivamente. Deste total, 90% (n=72) constituem representantes da Ordem Rodentia ao qual o gênero *Proechimys* foi o único predominante na área e apenas 10 % (n=8) da Ordem Didelphimorphia representados pelos gêneros *Monodelphis*, *Micoureus* e *Marmosops*. A predominância de roedores na amostragem - grupo que apresenta maior riqueza específica de modo geral, e abundância na área - provavelmente está relacionada à integridade estrutural da área, assim com a grande extensão da mesma, condições nas quais a maioria das espécies de roedores conseguem se reproduzir e manter suas populações saudáveis, pois em comparação com os marsupiais são, de forma geral, mais especialistas em termos de composição de dieta e utilização de hábitats. Desta forma, os representantes deste grupo podem se apresentar superiores competitivamente aos representantes da Ordem Didelphimorphia pelas condições ótimas de sobrevivência na área.

Palavras-chave: Amazônia , Didelphimorphia, Rodentia, exploração madeireira

COMUNIDADES DE PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO VOADORES ASSOCIADOS A DOIS TIPOS DE VEGETAÇÃO DO CERRADO DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Beatriz Dias Amaro (PUC - MG / bbiad@hotmail.com)
Bárbara Fernandes Cardinali (PUC - MG)
Juliana Barata (PUC - MG)
Bruno Spacek (Departamento de Biologia Geral / UFG)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

Foi realizado um estudo da mastofauna a fim de verificar diferença na composição da fauna entre duas fisionomias distintas do bioma Cerrado, o campo cerrado e a mata de galeria. Este ocorreu no distrito de São Sebastião das Águas Claras, município de Nova Lima, região metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais que representa área de transição entre os biomas Cerrado e Mata Atlântica. As áreas selecionadas para o estudo localizam-se em propriedade particular e estão muito próximas entre si, separadas apenas por uma estreita estrada de terra. Para a captura dos animais foram utilizadas duas metodologias: armadilha do tipo gaiola (15:15:30, com isca) e armadilha pitfall (baldes de 50 litros). As armadilhas foram posicionadas em transectos, sendo 20 gaiolas e 9 pitfalls no campo cerrado e 20 gaiolas e 13 pitfalls na mata de galeria, exceto no primeiro mês do estudo quando apenas 10 gaiolas foram utilizadas em cada fisionomia, totalizando um esforço de captura de 1408 armadilhas-noite. Foram registradas 15 espécies de duas ordens, Didelphiomorphia e Rodentia. Destas, cinco foram registradas no campo cerrado (*Monodelphis domestica*, *Calomys tener*, *Necromys lasiurus*, *Oligoryzomys eliurus*, *Oryzomys subflavus*) e 10 na mata de galeria (Didelphis *albiventris, Gracilinanus agilis, Marmosops incanus, Monodelphis americana, Abrawayomys ruschi, Akodon montensis, Nectomys squamipes, Philander frenatus, Oligoryzomys* sp., *Rhipidomys mastacalis*). Assim, não foi registrada a ocorrência de uma mesma espécie nos diferentes tipos de vegetação, o que demonstra que a composição da fauna diferiu completamente entre as duas fisionomias. O maior número de espécies na mata de galeria pode estar relacionado à maior complexidade estrutural da vegetação em relação ao campo cerrado o que, devido à maior disponibilidade de nichos, eleva a riqueza de espécies. Deve-se considerar ainda que, na área estudada, a mudança estrutural da vegetação foi acompanhada por uma alternância de espécies, o que torna indispensável a manutenção de mosaicos que abriguem as diferentes fisionomias para a conservação efetiva do bioma em questão. Pôde-se observar também três espécies exclusivamente capturadas com pitfall, sendo duas dessas (*A. ruschi* e *M. americana*) raras em levantamentos de fauna e, portanto, constam como espécies deficientes em dados em listas de espécies ameaçadas. Embora tenha sido obtido um número maior de capturas utilizando as gaiolas ressalta-se a importância da utilização de métodos combinados para o censo adequado da comunidade, o que demonstra a importância de pitfall como um recurso importante para a complementação de dados.

Palavras-chave: Pequenos Mamíferos, Campo Cerrado, Mata de Galeria, Pitfall

COMUNIDADE DE MAMÍFEROS DE PEQUENO PORTE EM UM REMANESCENTE FLORESTAL SOB INTENSA ATIVIDADE ANTRÓPICA: UM ESTUDO DE CASO NA AMAZÔNIA SUL-OCIDENTAL

Raylenne da Silva Araujo (Laboratório de Mastozoologia/UNIR/araujo.raylenne@gmail.com)
Mariluce Rezende Messias (Laboratório de Mastozoologia/UNIR)
Nátia Regina Braga Nascimento (Laboratório de Mastozoologia/UNIR)
Thiago Bento de Alencar (Laboratório de Mastozoologia/UNIR)
Marília Aparecida Cavalcante de Lima (Laboratório de Mastozoologia/UNIR)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

O processo de fragmentação de habitats é, possivelmente, a mais profunda alteração provocada pelo homem ao meio ambiente causando desequilíbrio nas comunidades naturais. O grupo focal é o de mamíferos de pequeno porte composto por marsupiais e roedores com peso de até 1,5 kg. Este estudo tem por objetivo avaliar o impacto da implementação de uma cerca demarcatória na comunidade de pequenos mamíferos ocorrentes na mata do Campus da Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, noroeste de Rondônia. A fitofisionomia predominante da área é floresta ombrófila aberta de terras baixas mas apresenta um histórico de degradação por ocupação humana, extração seletiva de madeira e caça. Foram dispostas 69 armadilhas do tipo Sherman e Tomahawk em uma grade de 0,76 ha contendo 64 estações de captura no solo, eqüidistantes 12,5m. Cinco armadilhas extras foram dispostas fora da grade em locais atrativos para o grupo. Dois tipos de iscas foram utilizados. As capturas ocorreram durante o período de Outubro de 2007 a Abril de 2008, totalizando um esforço de 2.898 armadilhas/noite realizado em 42 dias de campo, com sucesso de captura de 0,27%. A coleta de dados será concluída em Setembro de 2008. Registrou-se a ocorrência de oito indivíduos pertencentes a quatro gêneros da ordem Didelphimorphia: *Caluromys lanatus* (n=1) *Didelphis marsupialis* (n=2), *Marmosa* sp. (n=3) e *Micoureus* sp. (n=2). Durante os meses de Dezembro/2007 e Janeiro/2008 não houve nenhuma captura, correspondendo ao período de maior impacto devido ao início da implementação da cerca 2 demarcatória da área do campus da universidade. O resultado obtido (r = 0,85) evidencia que a curva, cuja assíntota não foi atingida, permanece em ascensão, demonstrando que a comunidade de pequenos mamíferos ocorrentes na área ainda não foi devidamente amostrada. Os índices de diversidade encontrados para área foram: Shannon (diversidade) = 1,27 e para Margalef (riqueza) = 1,54. Marmosa sp., expressou maior incidência de captura, representando 42,85% (n=3). A ocorrência exclusiva de marsupiais na área durante o período amostral pode ser interpretado como um reflexo do elevado grau de perturbação ambiental, visto que os membros da Ordem Didelphimorphia são, de forma geral, generalistas e com grande flexibilidade ambiental, sendo que roedores, de modo geral, são mais sensíveis às perturbações antrópicas.

Palavras-chave: monitoramento, Rondônia, impacto, fragmentação, Didelphimorphia

Financiadores: Programa BECA/Instituto Internacional de Educação do Brasil/IEB

TESTANDO EFICIÊNCIA DE ISCAS EM ESTUDOS DE MAMÍFEROS DE PEQUENO PORTE: UM ESTUDO DE CASO NA AMAZÔNIA SUL-OCIDENTAL

Raylenne da Silva Araujo (Laboratório de Mastozoologia/UNIR/araujo.raylenne@gmail.com)
Mariluce Rezende Messias (Laboratório de Mastozoologia/UNIR)
Mizael Andrade Pedersoli (Laboratório de Mastozoologia/UNIR)
Bruno Andrey Santos Bacelar Martins (Laboratório de Mastozoologia/UNIR)
Alexandre Casagrande Faustino (Laboratório de Mastozoologia/UNIR)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

O grupo de mamíferos de pequeno porte não-voadores, composto basicamente por marsupiais e roedores com até 1,5 kg, é pouco conhecido principalmente em termos ecológicos. O pouco conhecimento sobre a dieta e preferência alimentar do grupo compromete a eficiência amostral de grande parte das pesquisas com comunidades que empregam, comumente, o método de captura com armadilhas “live traps” dos tipos Sherman e/ou Tomahawk, as quais utilizam iscas. Há uma grande variação na composição das iscas utilizadas, fato que dificulta a adequada interpretação das diferentes taxas de sucesso de captura entre os estudos. Este trabalho tem como objetivo analisar a eficiência de dois tipos de iscas em trabalhos de caracterização da comunidade de pequenos mamíferos de um fragmento florestal em Porto Velho, noroeste do estado de Rondônia. A isca Tipo 1 é composta por banana e óleo de fígado de bacalhau e a isca Tipo 2 é composta por sardinha e aveia. Foram utilizadas 69 armadilhas dos modelos Sherman e/ou Tomahawk dispostas no solo em uma grade cujas estações de captura estavam eqüidistantes 12,5m. Os dados da pesquisa, ainda em curso, referem-se às coletas mensais ocorridas no período de Outubro de 2007 a Abril de 2008, durante os quais foi realizado um esforço amostral de 2.898 armadilhas/noite, com sucesso de captura de 0,27%. Durante seis noites de coletas mensais, foi utilizada a isca Tipo 1 nos três primeiros dias e nos demais a isca Tipo 2. A eficiência das duas iscas foi comparada através do meio de Análise de Variância (ANOVA), a qual indicou não haver diferença significativa entre as amostras, devido ao baixo sucesso de captura (n = 8). A isca Tipo 1 aparentemente apresentou maior atratividade (n = 7, 85,7%) em relação à isca Tipo 2 (n = 1, 14,3%). Tal dado pode ser interpretado, de forma preliminar, como relacionado às preferências alimentares dos marsupiais (única Ordem capturada), composta por espécies onívoras (*Didelphis marsupialis*), insetívoras, frugívoras ou nectarívoras (*Micoureus* sp., *Marmosa* sp., *Caluromys lanatus*). Todas as espécies amostradas são onívoras e com composições da dieta diferenciadas entre si. Percebe-se uma preferência por elementos de paladar doce advindo da banana e óleo comestível. A predominância do forte odor do óleo de fígado de bacalhau combinado com o acentuado aroma adocicado da banana pode representar um maior atrativo aos espécimes capturados, podendo ser um eficiente artifício e otimizar o estudo de comunidades de pequenos mamíferos.

Palavras-chave: Dieta, pequenos mamíferos, fragmento, marsupiais, Rondônia

Financiadores: Programa BECA/Instituto Internacional de Educação do Brasil/IEB

LEVANTAMENTO DA MASTOFAUNA DE MÉDIO E GRANDE PORTE EM FRAGMENTO DE MATA ATLÂNTICA, POUSO ALEGRE, MG

Maurício Djalles Costa (Departamento de Ecologia / UFMG / mauriciodjalles@uai.com.br)
Fernando Afonso Bonillo Fernandes (Departamento de Ecologia / UNIVAS)
Douglas Henrique da Silva Viana (Deparamento de Ecologia / UNIVAS)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

O objetivo deste trabalho foi realizar um levantamento das espécies de mamíferos de médio e grande porte, de ocorrência no Parque Municipal de Pouso Alegre, MG. O Parque Municipal é um remanescente florestal de 204ha de Mata Atlântica, localizado na Serra do Santo Antônio, na região do sul de Minas Gerais. Os registros das espécies foram obtidos mediante métodos diretos e indiretos. Para os registros indiretos foram realizados o rastreamento de pegadas e a identificação de outros vestígios tais como, fezes, pêlos e arranhaduras. Para os registros diretos foram realizadas filmagens, registros por armadilhas fotográficas e gravações de vocalizações. Em complementação, foram realizadas entrevistas com funcionários e moradores do entorno do Parque. Os dados foram obtidos entre março de 2004 e setembro de 2005. Foram registradas 24 espécies, das quais nove estão incluídas nas listas oficiais de animais ameaçados de extinção no Estado de Minas Gerais e no Brasil. As espécies identificadas foram: *Didelphis aurita*, *Dasypus* sp, *Euphractus sexcinctus*, *Alouatta guariba clamitans*, *Callithrix aurita*, *Cebus nigrtius*, *Callicebus nigrifrons*, *Cerdocyon thous*, *Chrysocyon brachyurus*, *Leopardus pardalis*, *Leopardus wiedii*, *Panthera onca*, *Puma concolor*, *Puma yaguarondi*, *Conepatus* sp, *Eira barbara*, *Galictis* sp., *Lontra longicaudis*, *Nasua nasua*, *Procyon cancrivorus*, *Mazama americana*, *Agouti paca*, *Hydrochoerus hydrochaeris* e *Sylvilagus brasiliensis*. *Puma concolor* foi registrada ao longo de todo o trabalho através de pegadas em trilhas no interior do Parque e através de registros de ataques a animais domésticos em propriedades vizinhas. *Panthera onca* tem seu último registro para a região em 1999, quando um macho adulto foi morto por envenenamento no município de Ipuíuna-MG, a 20km de distância em linha reta da área de estudo. Relatos consistentes de moradores do entorno do Parque indicam a possibilidade de ocorrência de animais dessa espécie na região. A área estudada integra um corredor ecológico que liga o Parque à Serra da Mantiqueira e à Serra do Mar. Os dados obtidos serão úteis no estabelecimento de diretrizes para a conservação das espécies no contexto do plano de manejo do Parque e através de políticas governamentais. Este trabalho faz parte do Projeto Bicho do Mato, conduzido pelo Curso de Ciências Biológicas da UNIVAS (Universidade do Vale do Sapucaí) em parceria com a Prefeitura Municipal de Pouso Alegre.

Palavras-chave: Plano de manejo, Unidade de Conservação, Mamíferos de médio e grande porte

LEVANTAMENTO DA MASTOFAUNA DO PARQUE ESTADUAL MATA SÃO FRANCISCO, ESTADO DO PARANÁ

Meiga, A.Y.Y. (Universidade Filadálfia de Londrina / Unifil / ana_yoko@hotmail.com)
Pimenta, M.C.G. (Universidade Filadélfia de Londrina / Unifil)
Zaparoli, A.M.M. (Universidade Filadélfia de Londrina / Unifil)
Orsi, M.L. (Universidade Filadélfia de Londrina / Unifil)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

Uma das maiores dificuldades existentes atualmente, é a conservação da biodiversidade, relacionado à perturbação antrópica nos ecossistemas. Na Mata Atlântica, os remanescentes florestais, hoje são pequenos fragmentos isolados, pouco protegidos e conhecidos. Aumentando mais o interesse em estudos de fragmentos florestais, pois parte da biodiversidade localiza-se nesses fragmentos, principalmente os mamíferos. Este estudo teve o objetivo de realizar um levantamento inédito dos integrantes da mastofauna do Parque Estadual Mata São Francisco, que possui uma área de 832,58ha, localizada entre os municípios de Cornélio Procópio e Santa Mariana, PR. Para a realização do estudo foram selecionados cinco pontos para a coleta e observação dos dados, estes caracterizaram diferentes ambientes existentes, abrangendo assim, as principais situações ambientais desse sistema. O levantamento da fauna de mamíferos foi realizado por meio de metodologias diretas e indiretas, no período de março de 2007 à março de 2008. As observações foram feitas por visualizações diretas em trilhas e borda da mata e pela montagem aleatória de armadilhas de pegadas, com caixas quadradas de madeira (50cm X 50cm), utilizando-se de atrativos com alimentos e sal grosso. E posteriormente feita a identificação dos rastros, com base na literatura. Para complementar os dados, foram utilizados métodos indiretos que consistem em registros de vestígios como fezes, carcaças, pêlos, ossadas e dormitórios, além de informações oriundas de moradores da região. Os resultados obtidos através das metodologias supracitadas compuseram um total de seis ordens de mamíferos, incluindo 14 famílias e 18 espécies citadas consecutivamente a seguir: Xernathra (*Tamandua tetradactyla* e *Dasypus novemcinctus*), Primates (*Cebus nigritus* e *Alouatta guariba clamintans**), Carnivora (*Puma concolor**, *Leopardus pardalis**, *Puma yagouaroundi*, *Cerdocyon thous*, *Nasua nasua*, *Eira barbara* e *Galictis cuja*.), Perissodactyla (*Tapirus terrestris**), Artiodactyla (*Pecari tajacu*, *Tayassu pecari** e *Mazama americana*), Rodentia (*Cuniculus paca**, *Dasyprocta azarae* e *Hydrochoerus hydrochaeris*), e outras espécies de ratos não identificados, ressaltando a existência de espécies ameaçadas de extinção no Estado do Panará. O Parque apresenta uma grande e importante diversidade da mastofauna, inclusive espécies que não toleram ambientes muito degradados, porém em fragmentos classificados de grande porte, como o estudado, as alterações deletérias são de difícil verificação. Porém em relação ao Parque deve-se ressaltar a baixa qualidade de conservação da área, com forte presença de impactos antropogênicos, como lavouras extensivas em todo perímetro do parque e influência direta da rodovia, além da ocorrência de diversos organismos não nativos, necessitando dessa forma um monitoramento com urgência.

Palavras-chave: Biodiversidade, Fragmento florestal, Mata semidecidual, Área degradada

USO DE ARMADILHAS FOTOGRÁFICAS PARA LEVANTAMENTO DE MASTOFAUNA EM UM FRAGMENTO FLORESTAL DA RESERVA ECOLÓGICA MICHELIN, BAIXO SUL DA BAHIA

Cynthia Silva Soares (PPG em Zoologia - UESC)
Rebeca Mascarenhas Fonseca Barreto(Apoio Técnico com Bolsa da FAPESB)
Martín R. Alvarez (PPG em Zoologia - UESC / DCB-UESC / malva@uesc.br)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

A presença de mamíferos em áreas florestais são bons indicadores das condições de preservação ambiental do local. Porém, a dificuldade de avistamento destes, dados aos seus hábitos crípticos, dificulta os seus registros. A utilização de armadilhas fotográficas tem se mostrado uma valiosa ferramenta na obtenção de dados dessas espécies em curtos períodos de tempo. Armadilhas fotográficas são métodos não-invasivos de se registrar espécies, permitindo cobrir grandes áreas por longos períodos. O objetivo do presente trabalho é apresentar os resultados preliminares do levantamento de mamíferos em um fragmento florestal da Reserva Ecológica Michelin. A Mata de Vila 5 pertence à Reserva Ecológica Michelin, localizada entre os municípios de Igrapiúna e Ituberá, APA de Pratigi, no Baixo Sul da Bahia, e está inserido em um mosaico agroflorestal, que inclui seringal puro e consorciado com banana e cacau. As amostragens foram entre dezembro de 2007 e março de 2008, totalizando 2.640 horas/câmera. Seis estações foram instaladas paralelas à trilha principal em intervalos maiores de 500 metros. Em cada estação foram alocadas duas câmeras pareadas, sendo uma convencional e outra digital, com sensores passivos. Foi utilizado como iscas: mistura de sal mineral, bacon, sardinha e Emulsão Scott. Um total de 11 espécies de mamíferos foram registrados, compondo oito famílias e cinco ordens. A espécie mais representada foi *Didelphis aurita*, com 73 registros fotográficos. Este estudo contribui para o conhecimento da distribuição dos mamíferos nestes mosaicos de vegetação, bem como para pesquisas utilizando armadilhas fotográficas na Bahia.

Palavras-chave: APA de Pratigi, Reserva Ecologica Michelin, sistema agroflorestal

Financiadores: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq - Brasil, Plantações

LEVANTAMENTO DE MAMÍFEROS TERRESTRES DE MÉDIO E GRANDE PORTE EM ÁREA DE MANANCIAL, MUNICÍPIO DE NAZARÉ PAULISTA, SÃO PAULO

Zimbres-Silva, F. (Instituto de Pesquisas Ecológicas/ IPÊ)
Beisiegel, B.M. (CENAP / ICMBio)
Haddad, R.L. (Instituto de Pesquisas Ecológicas/ IPÊ/ roberto_haddad@hotmail.com)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

O presente estudo vem sendo conduzido no entorno do reservatório Atibainha, município de Nazaré Paulista, SP. Tratase de um importante manancial, responsável pelo abastecimento de grande parte da região metropolitana de São Paulo e outros centros urbanos. Os remanescentes de floresta nativa constituem áreas biológicas importantes, por abrigarem espécies ameaçadas de extinção além de serem elementos capazes de influenciar a qualidade e quantidade de água. O objetivo é inventariar as espécies de mamíferos de médio e grande porte, por meio de armadilhas fotográficas, distribuídas entre os 10 maiores fragmentos florestais (70-750 ha) encontrados na área de estudo e assim produzir conhecimento sobre a fauna local e subsidiar a criação de áreas prioritárias para a conservação e restauração florestal desta paisagem. Para tanto, cinco armadilhas fotográficas são alocadas em cada fragmento, com uma distância mínima de 100 metros e expostas por cerca de 30 dias. As máquinas são ativadas pelo período de 24 horas e o intervalo entre fotos é ajustado para 5 minutos. Não são utilizadas iscas como atrativo aos mamíferos. Até o momento foram amostrados cinco fragmentos, com um esforço amostral de 4035 dias-câmera. Os resultados preliminares indicam 13 registros de duas espécies de mamíferos domésticos (*Canis familiaris* e *Equus caballus*) e 47 registros de 13 espécies de mamíferos nativos (*Didehis aurita*, *Philander frenatus*, *Puma concolor*, *Puma yagouaroundi*, *Leopardus tigrinus*, *Leopardus pardalis*, *Cerdocyon thous*, *Nasua nasua*, *Procyon cancrivorus*, *Mazama gouazoubira*, *Dasypus novemcinctus*, *Cuniculus paca* e *Hydrochoerus hydrochaeris*), distribuídas em sete Famílias e cinco Ordens. Dessas, 6 espécies foram exclusivas para os fragmentos em que foram registradas, 6 foram encontradas em 2 fragmentos e apenas 1 espécie teve seu registro em 3 fragmentos (*D. novemcinctus*). As espécies mais freqüentes são *C. thous*, *P. frenatus* e *D. novemcinctus* com aproximadamente 19%, 17% e 13%, respectivamente (N=47). A curva do coletor se mostra ascendente, sem a constatação de uma assíntota verdadeira, demandando a continuidade do inventário até a estabilidade no acúmulo de espécies em relação ao esforço amostral. Ainda três espécies de Primatas (*Callithrix aurita*, *Callicebus nigrifons* e *Alouatta guariba*), duas espécies de Rodentia (*Guerlinguetus ingrami* e *Sphiggurus villosus*) e uma de Carnívora (*Lontra longicaudis*) foram presentes por meio de observação direta e indireta. Uma série de ameaças aos mamíferos tem sido constatada: a presença de cães domésticos em 80% dos fragmentos amostrados, vestígios de caçadores e perda de qualidade e quantidade de habitat por desmatamento e efeito de borda.

Palavras-chave: Conservação, mastofauna, inventário, armadilhas fotográficas

Financiadores: Fundo Nacional do Meio Ambiente / MMA, Idea Wild

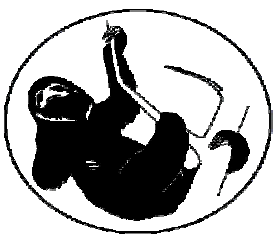
MASTOFAUNA EM REMANESCENTES DE CERRADO EM MINAS GERAIS

<u>Sara Machado de Souza</u> (Bióloga - CECO - email: souza.bio@gmail.com)
Fabiano Rodrigues de Melo (UFG / CECO)
Daniel Coelho (Estagiário Grupo Plantar)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

Este estudo foi realizado em um mosaico paisagístico composto por áreas de plantio de *Eucalyptus* sp. e em remanescentes de cerrado em áreas de reservas do Grupo Plantar, municípios de Curvelo e Morada Nova de Minas (MG). O objetivo principal foi o inventário da composição mastofaunística destes remanescentes. Os métodos utilizados foram censo a partir de transectos lineares, entrevistas e caminhadas com o uso do *playback* para o diagnóstico de primatas. Foram feitas três campanhas, sendo a primeira concentrada no meio do período seco (02/07 a 22/07/2007), a segunda realizada mais no final deste período (08/09 a 28/09/2007) e a terceira no início do período chuvoso (19/11 a 07/12/2007). O esforço amostral para as reservas do município de Curvelo foram 29 dias de campo e um total de 191,5 km percorridos dentro das reservas florestais, considerando os percursos realizados nas estradas e acessos e incluindo caminhadas com o uso do *playback*, técnica não utilizada em todas as trilhas. Para o município de Morada Nova de Minas obtivemos um total de 188,9km percorridos entre censos e caminhadas nos fragmentos florestais visitados e um esforço amostral de 27 dias de campo. Para o município de Curvelo, foram registradas 11 espécies, listadas a seguir: *Mazama* sp., *Chrysocyon brachyurus*, *Puma concolor*, *Procyon cancrivorus*, *Euphractus sexcinctus*, *Dasyprocta* sp., *Didelphis albiventris*, *Coendou prehensilis*, *Nasua nasua*, *Alouatta caraya* e *Callithrix penicillata*. Em Morada Nova de Minas foram registradas seis espécies, a saber: *Mazama* sp., *Myrmecophaga tridactyla*, *Chrysocyon brachyurus*, *Puma concolor*, *Alouatta caraya* e *Callithrix penicillata*. O conhecimento da mastofauna destas áreas vem contribuindo com a definição das intervenções necessárias para melhoria de sua qualidade ambiental. Os dados obtidos destacam a importância da extensão dos estudos para o conhecimento satisfatório das espécies de uma região. E vem confirmar a extrema necessidade de se manter áreas naturais preservadas, mesmo em áreas degradadas, visando a conservação da mastofauna e da biota regional.

Palavras-chave: mamíferos, conservação, Minas Gerais, cerrado

Financiadores: Grupo Plantar

DIVERSIDADE DE MAMÍFEROS EM FRAGMENTOS DE MATA ATLÂNTICA AO LONGO DE UM TRECHO DO RIO MANHUAÇU, MUNICÍPIOS DE CARATINGA E IPANEMA, MINAS GERAIS, BRASIL

Clever Gustavo de Carvalho Pinto (Museu de Zoologia / UFV / cleverbr@yahoo.com.br)
Maressa Rocha do Prado (Museu de Zoologia / UFV)
Pollyanna Silva Campos (UNEC)
Sebastião Maximiano Genelhú (UNEC)
Gisele Mendes Lessa (Museu de Zoologia / UFV)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

A fauna de mamíferos desempenha um importante papel no equilíbrio e manutenção dos ecossistemas. No entanto, o seu conhecimento é ainda incipiente no território brasileiro, limitando-se principalmente às Unidades de Conservação (UC). Um estudo foi desenvolvido de setembro a dezembro de 2007 entre os municípios de Caratinga e Ipanema (MG), às margens do Rio Manhuaçu, área de influência de uma barragem em construção (19°38'S e 41°49'O). A área de estudo, inserida no bioma Mata Atlântica, apresenta invernos secos e verões chuvosos com vegetação caracterizada como floresta estacional semi-decídua. Objetivou-se inventariar a mastofauna da área a fim de fomentar medidas de conservação e manejo para a região. Foram realizadas observações de campo e coleta de exemplares totalizando quinze dias de amostragem ao longo de três campanhas. Para os mamíferos de médio e grande porte foram utilizados métodos diretos (sinais acústicos, visualizações) e indiretos (coleta de fezes; registro de pegadas, abrigos e outros vestígios, além de entrevistas com moradores). Para os pequenos mamíferos terrestres foram utilizadas armadilhas do tipo “Sherman”, “Tomahawk” e gaiolas com gancho distribuídas entre regiões de capim e mata, totalizando 503 armadilhas-noite. Para o registro de morcegos foram utilizadas redes-de-neblina, num esforço de 1.348,8 m².h. Obtevese o registro de 27 espécies, distribuídas em sete ordens e 15 famílias. Destacam-se cinco espécies incluídas na lista brasileira da fauna ameaçada: *Chrysocyon brachyurus*, *Leopardus pardalis*, *Leopardus tigrinus*, *Platyrrhinus recifinus*, *Callithrix flaviceps*; além de duas ameaçadas somente no estado de Minas: *Lontra longicaudis* e *Alouatta guariba clamitans*. Através da análise do gráfico com a curva acumulativa de espécies aleatorizada, constatou-se que a totalidade da mastofauna ainda não foi amostrada. Os quirópteros foram responsáveis por 26% dos registros, evidenciando que a exclusão deste grupo em estudos faunísticos torna o inventário defasado. Verificou-se na área de estudo a presença de 12% da mastofauna brasileira ameaçada de extinção, espécies que necessitam de atenção especial, uma vez que seu desaparecimento pode pôr fim a processos ecológicos essenciais. Assim, os resultados mostram a importância da conservação de fragmentos de mata não protegidos, ressaltando a utilização desses como áreas de dispersão de espécies entre UCs, garantindo fluxo gênico entre populações.

Palavras-chave: conservação, inventário, espécies ameaçadas

Financiadores: CAPES, FAPEMIG

ESTUDO DA COMUNIDADE DE MAMÍFEROS NÃO VOADORES DA SERRA DO JAPI (APA JUNDIAÍ, SP)

Claudia E. Yoshida (Associação Mata Ciliar)
<u>**Alessandra de Barros**</u> (Associação Mata Ciliar / alebio04@hotmail.com)
Renato F. Luchetti (PUCCamp)
Frederico A. F. Pereira (PUCCamp)
Leandra Gonçalves (Associação Mata Ciliar)
Cristina H. Adania (Associação Mata Ciliar)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

A Serra do Japi importante unidade de conservação de remanescente de floresta de interior de Mata Atlântica carece de informações sobre sua mastofauna, o objetivo do presente trabalho foi estudar a composição e a variação temporal de mamíferos não voadores da área. A lista das espécies foi obtida através dos registros de entradas de animais no Centro de Reabilitação da Fauna Silvestre da AMC, entrevistas, avistamentos diretos de animais e vestígios em trilhas. A variação temporal e dominância de espécies na comunidade foram avaliadas a partir do censo de pegadas em 60 parcelas de areia colocadas numa extensão de 2 km de trilha. A amostragem foi realizada nas estações de chuva (jan/2006) e seca (jul/2006), sendo que, em cada estação, o vistoriamento das parcelas foi realizado diariamente, as 9 e 17 horas e durante 11 dias consecutivos. A mastofauna da Serra foi composta por 31 espécies distribuídas em 7 ordens e 19 famílias, sendo a ordem Carnívora a mais representativa com 11 espécies. Considerando o número de espécies encontradas em Mata Atlântica de Interior, constatou-se que a Serra do Japi é responsável pela conservação de 12% das registradas no bioma. 29% das espécies da comunidade têm hábito carnívoro, 32,2% herbívoro e 38,7% onívoro. A Serra apresenta 3 espécies em status quase ameaçados e 2 vulneráveis de acordo com a IUCN e ainda, 5 espécies invasoras, segundo Instituto Horus. O uso das parcelas de areia permitiu o registro de 11 espécies das esperadas para a área. A trilha foi usada frequentemente por *Sylvilagus brasiliensis*; ocasionalmente por *Tayassu tajacu* e *Didelphis aurita* e raramente por *Nasua nasua*, *Procyon cancrivorus*, *Leopardus pardalis*, *Mazama gouazoupira*, *Dasypus novemcinctus*, *Myocastor coypus*, *Puma concolor* e *Agouti paca*. Considerando os dados de registros das pegadas na trilha, vimos que o número total e a freqüência das espécies variaram conforme a estação ano. Na seca houve maior número total de registros e as espécies *N. nasua*, *P. cancrivorus* e *L. pardalis* foram as mais frequentes. O *M. gouazoupira*, *D. novemcinctus*, *M. coypus*, *P. concolor* e *A. paca* só foram registrados durante a estação de chuva, sendo o *D. aurita* e *T. tajacu* os mais frequentes. Considerando os valores de freqüência relativa e ocorrência, a espécie dominante da comunidade foi *S. brasiliensis*. Provavelmente, os registros das pegadas na trilha estiveram associados à oferta de recursos, densidade e área de vida das espécies e à dispersão de indivíduos na época reprodutiva.

Palavras-chave: Mata Atlântica, mastofauna, conservação, Serra do Japi, pegadas

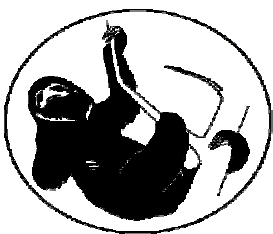
PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO-VOADORES COLETADOS EM DUAS REGIÕES DO SUL DE MINAS GERAIS: POUSO ALTO E CONCEIÇÃO DO RIO VERDE

Clarice Augusta Carvalho Cardoso (Lab. de Biodiversidade Molecular / UFRJ / clariceacc@ufrj.br)
Liliane Souza Conceição (Lab. de Mastozoologia - Depto. de Zoologia / MPEG)
Lílian Souza Conceição (Museu de Zoologia da Universidade Federal da Bahia / UFBA)
Flávia Casado Dias da Silva (Setor de Mastozoologia - Depto. de Vertebrados / MN-UFRJ)
Pablo Rodrigues Gonçalves (Setor de Mastozoologia- Depto. de Vertebrados / MN-UFRJ)
Júlio Fernando Vilela (Lab. de Biodiv. Molecular & Setor de Mastozoologia/MN-UFRJ)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

Foram realizadas duas expedições para o levantamento de pequenos mamíferos em áreas remanescentes de Mata Atlântica em diferentes graus de preservação em dois municípios localizados no sul do estado de Minas Gerais. As expedições ocorreram em semanas consecutivas de julho e agosto de 2007, a primeira com dez noites na Serra dos Vilela, município de Pouso Alto, (22°11'32'' S, 44°58'22" W, 884 m.), localizado na vertente oeste da cordilheira meridional da Serra da Mantiqueira e ainda sob influência do maciço do Itatiaia e a segunda com cinco noites em Águas de Contendas, município de Conceição do Rio Verde (21°52'51'' S, 45°05'06" W, com 873 m.). A vegetação das duas áreas apresenta-se alterada por atividades de criação de gado e plantio de monoculturas, porém a segunda é adjacente a um pequeno fragmento de mata atlântica em regeneração. Para a coleta de pequenos mamíferos foram utilizadas armadilhas do tipo "Sherman", iscadas com farinha de milho, sardinha e banana. Na expedição de Pouso Alto foram ainda instaladas armadilhas de fojo utilizando-se baldes de 60L e lonas plásticas para a interrupção do trajeto dos animais. O esforço de amostragem total em Pouso Alto foi de 843 armadilhas-noite e 60 baldes-noite, com sucesso de captura de 19,10% nas armadilhas, com apenas três capturas nos baldes, enquanto em Conceição do Rio Verde foi de 260 armadilhas-noite com sucesso de 13,85%. Os indivíduos coletados foram medidos, sexados, cariotipados e taxidermizados para constituírem coleção a ser depositada no Museu Nacional-UFRJ. Em ambas as regiões observou-se a presença de espécies dominantes, sendo que em Conceição do Rio Verde estas foram apenas *Akodon montensis* (69,44%), *Oligoryzomys* cf. *nigripes* (27,78%), sendo *Nectomys squamipes* registrado apenas uma vez. Em Pouso Alto foram três as espécies mais freqüentes: *Oligoryzomys* cf. *nigripes* (39,63%), *Thaptomys nigrita* (37,80%) e *Akodon montensis* (18,29%). Nessa localidade, as demais espécies amostradas - *Philander frenatus*, *Sooretamys angouya*, *Nectomys squamipes* e *Mus musculus* - tiveram freqüências menores e equilibradamente distribuídas. Apesar do esforço desigual, estimativas preliminares da diversidade destas duas áreas podem ser feitas a partir do número de espécies capturadas balizado pela análise da curva do coletor para cada área. Em Conceição do Rio Verde a curva mostra uma tendência de aproximação à assintota já no quinto dia, ao passo que a mesma só se aproxima da assíntota em Pouso Alto no décimo dia de coleta, em um padrão coerente com as diferenças no grau de preservação das duas áreas.

Palavras-chave: Roedores, Marsupiais, Mata Atlântica, Curva do Coletor

Financiadores: CNPq; PIBIC-UFRJ

CBMz

USO DE ENTELLAN NA PREPARAÇÃO DE LÂMINAS DE CUTÍCULA DE MAMÍFEROS PARA IDENTIFICAÇÃO EM MICROSCOPIA

J.J.S.Buchaim(FaculdadeAnglo-mericano/ipai@angloamericano.edu.br)
R. Manfroi-Maria (Faculdade Anglo-Americano)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

Os pêlos são anexos epidérmicos queratinizados exclusivos dos mamíferos. A queratinização dos pêlos lhe confere grande resistência, possibilitando a comparação de pêlos com diferentes origens entre si, independentemente dos processos químicos e mecânicos aos quais tenham sido submetidos (Quadros, J. & Monteiro-Filho, 1998a). Os pêlos apresentam microestruturas, que são úteis para identificação das espécies de mamíferos. Um dos Métodos empregado para observação desta estruturas são as lâmi-nas cuticulares, que envolve a impressão da superfície do pelo (cutícula) sobre uma fina camada de um meio aplicado sobre lâmina. Segundo Quadros, J. (2002) o método mais recomendado, aliado ao baixo custo, para este processo, é utilização de esmalte para u-nhas. Mas alguns testes com Entellan demonstram que o produto apresenta grande capa-cidade de impressão cuticular. O processo de utilização do Entellan é simples e rápido, e consiste em envolver uma fina camada do produto sobre uma lâmina, aplicada com auxilio de um pincel. O tempo de secagem deste meio de revestimento fica entorno de 10 a 15 minutos depen-dendo da espessura da camada sobre lâmina. Após tempo de secagem, os pelos foram dispostos sobre o lamina revestida com o entellan. Cada lâmina foi envolvida por dois pedaços de madeira, de comprimento e largura aproximados ao de uma lâmina. O pedaço superior, que envolve a camada do meio. É composto por uma fina camada de espuma, revestido por várias camadas de fita adesiva lisa, larga e transparente, para que não haja impressão das fibras da madeira sobre Entellan. O método que forneceu os melhores resultados para a retirada dos pêlos do entel-lan foi o de passar a ponta do dedo sobre a impressão totalmente seca. A utilização da pinça de ponta fina deve ser evitada porque, por mais cuidado que se tenha no seu manu-seio, danifica a parte da impressão onde encosta. (Quadros, J. 2002). O Entellan é um produto de qualidade superior, especialmente quanto a pureza (produto P.A.). Tendo em vista que Entellan apresenta grande capacidade de impressão cuticular, até superior a do esmalte, e com qualidade. É recomendado o uso deste produ-to. Pois o esmalte é um produto instável, e que não apresenta pureza, em muitas lâminas testadas com o esmalte após alguns dias a impressão perdeu qualidade impossibilitando futuras identificações. Portanto acreditamos que o Entellan apresenta características óti-mas para coleções, enquanto o esmalte pode comprometer na durabilidade da referência.

Palavras-chave: Mastofauna, pêlos, cutícula, microscopia

Financiadores: Faculdades Anglo-Americano

RIQUEZA E ABUNDÂNCIA RELATIVA DE MAMÍFEROS TERRESTRES NÃO-VOADORES DO MUNICÍPIO DE JURUTI, INTERFLÚVIO MADEIRA-TAPAJÓS, PARÁ

Flávio Eduardo Pimenta (Aotus Consultoria Ambiental / aotusconsultoria@gmail.com)
Ana Caroline de Lima (Aotus Consultoria Ambiental)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

A região do interflúvio Madeira-Tapajós é reconhecida como uma das áreas com maior diversidade de espécies de mamíferos da Região Neotropical. Entretanto, o levantamento de dados secundários provenientes da literatura e de acervos de museus demonstra uma grande exigüidade de informações sobre a mastofauna local, indicando a necessidade da execução de estudos de longo prazo nesta região. Nesse contexto está inserido o município de Juruti (02°09'S, 56°05'W), localizado na porção norte do interflúvio. O presente trabalho apresenta os resultados obtidos através da realização de cinco expedições semestrais de 10 dias realizadas nas áreas de influência de um projeto de mineração de bauxita neste município, ocorridas nos anos de 2006 e 2007, para o estudo da fauna terrestre durante o processo de licenciamento do empreendimento. Além das expedições, foram acrescentados dados provenientes de uma iniciativa para o resgate da fauna durante as atividades de desmatamento, com a duração contínua de um ano ao longo da planta industrial. Apesar das revisões sobre as distribuições geográficas das espécies de mamíferos não-voadores na Amazônia prevêem em torno de 82 espécies para o interflúvio, destas, 61 espécies (74%) foram registradas na área de estudo. Aparentemente, o fato de não haver incremento significativo no registro de espécies, desde aproximadamente o início da segunda metade dos trabalhos, indica que o inventário atingiu um limite dificilmente ultrapassado significativamente para atingir os valores previstos pelas revisões de distribuição mais aceitas. Este aparente "artefato" nas estimativas pode existir em função de haver pouca informação disponível na literatura a respeito da composição faunística de regiões próximas ou vizinhas. Desta forma, o quanto uma espécie é esperada ocorrer nesta região é puramente uma conjectura, podendo apenas auxiliar para descartar a possibilidade de ocorrência de espécies muito bem conhecidas por ocorrerem apenas em outros interflúvios. Sendo assim, é possível que espécies como *Bradypus variegatus*, *Pithecia irrorata*, *Chiropotes albinasus*, *Ateles chamek*, *Cebus albifrons*, *Atelocynus microtis*, *Procyon cancrivorous* e muitas espécies de marsupiais e roedores, apesar de serem "esperadas", não estejam presentes na região. Além do inventário, foi possível elaborar uma planilha que descreve a abundância relativa entre espécies por cada método utilizado. Considerando-se os registros através de busca manual ativa, *Marmosops parvidens*, *Bradypus tridactylus* e *Micoureus demerarae* foram as espécies mais registradas. Através de armadilhas, ocorreram mais freqüentemente *M. parvidens*, *Didelphis marsupialis* e *Oecomys sp.*. Por meio de avistamentos, *Dasyprocta leporina*, *Mico humeralifer* e *Saimiri ustus* foram as espécies mais observadas.

Palavras-chave: riqueza, abundância, mamíferos, interflúvio Madeira-Tapajós

Financiadores: ALCOA Alumínios S/A

MAMÍFEROS TERRESTRES DE MÉDIO E GRANDE PORTE DA RESERVA FLORESTAL ADOLPHO DUCKE, AMAZONAS, BRASIL

Lilian Figueiredo Rodrigues (Coordenação de Pesquisas em Ecologia-INPA / lilian_figueiredo@yahoo.com.br)
Marcelo Derzi Vidal (Projeto Manejo dos Recursos Naturais da Várzea-IBAMA)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

A Reserva Florestal Adolpho Ducke (RFAD) pertence ao Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, abrange uma área de 10.000 hectares de floresta de terra firme e encontra-se em seu limite leste ainda conectada à floresta contínua, mas a expansão urbana da cidade de Manaus nessa área poderá contribuir para o seu completo isolamento. Pouco se conhece sobre a diversidade local de mamíferos terrestres de médio e grande porte da RFAD e até a realização deste trabalho, os dados que se tinham eram escassos e bastante preliminares. O objetivo deste estudo foi gerar dados sobre a composição da comunidade de mamíferos terrestres de médio e grande porte da RFAD. Para isto utilizamos a combinação de duas metodologias: (1) levantamentos por meio de transectos lineares, para a obtenção de registros diretos dos mamíferos, e (2) coleta de pegadas, fezes e carcaças em momentos fora dos levantamentos, como registros indiretos das espécies. Os levantamentos foram realizados no período de novembro de 2002 a julho de 2003 ao longo do sistema de trilhas da RFAD, formado por 16 trilhas de 8 Km dispostas nos sentidos Norte-Sul e Leste-Oeste, cobrindo uma área total de 64 Km2. De outubro de 2003 a março de 2005 foram realizadas as coletas de registros indiretos. A fauna de mamíferos de médio e grande porte registrada pertence a 5 ordens, 17 famílias e 20 espécies, que são: *Dasypus novemcinctus* (Tatu-galinha), *Bradypus tridactylus* (Preguiça-bentinho), *Choloepus didactylus* (Preguiça-real), *Cuniculus paca* (Paca), *Dasyprocta agouti* (Cutia), *Myoprocta acouchy* (Cutiara), *Eira barbara* (Irara), *Mazama americana* (Veado-mateiro), *M. gouazoubira* (Veado-catingueiro), *Sciurus aestuans* (Esquilo), *Tayassu tajacu* (Porco-do-mato), *Tayassu pecari* (Queixada), *Tapirus terrestris* (Anta), *Tamandua tetradactyla* (Tamanduá-mambira), *Myrmecophaga tridactyla* (Tamanduá-bandeira), *Potus flavus* (Jupará), *Nasua nasua* (Quati), *Panthera onca* (Onça-pintada), *Puma concolor* (Onça-parda) e *Leopardus pardalis* (Jaguatirica). Apesar do número expressivo de espécies registradas, a comunidade de mamíferos terrestres de médio e grande porte da RFAD pode ser melhor representada se uma maior quantidade de levantamentos e monitoramentos for realizada na área. Estudos com este enfoque são importantes para guiar ações de planejamento e estratégias para a manutenção da biodiversidade, auxiliando assim no plano de manejo da Reserva, um dos últimos grandes redutos de fauna na área urbana de Manaus.

Palavras-chave: Mastofauna, Amazônia, Conservação.

Financiadores: WWF, IEB, CNPq

LEVANTAMENTO PRELIMINAR DE MAMÍFEROS DA RESERVA BIOLÓGICA DO GUAPORÉ, RONDÔNIA, BRASIL

Sandro Leonardo Alves (ReBio do Guaporé, Rondônia / ICMBio / atelidae@yahoo.com.br)
Eduardo Lage Bisaggio (Reserva Extrativista do Rio Cautário, Rondônia ICMBio)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

Com uma área de 618.173 ha, a Reserva Biológica do Guaporé (REBIO do Guaporé - 12º10' a 12º53' Sul e 62º10' a 63º35' Oeste) compreende amostras representativas do ecossistema de transição entre o Cerrado e a Floresta Amazônica. Sua criação no ano de 1982 foi de fundamental importância para a preservação das planícies inundáveis do vale do rio Guaporé, região sul do Estado de Rondônia. O objetivo deste estudo é apresentar uma lista preliminar das espécies de mamíferos não-voadores de médio e grande porte presentes nesta Unidade de Conservação Federal de Proteção Integral. A obtenção de dados foi concentrada nas proximidades do rio Guaporé e alguns de seus principais afluentes, tais como rio São Miguel e rio Bacabalzinho. Estão sendo realizadas, desde o ano de 2006, incursões regulares visando registrar a ocorrência de mamíferos através de observações diretas e/ou vestígios. A partir do ano de 2007 se iniciou também a obtenção de registros por armadilhamento fotográfico. Até o momento foram registradas 19 espécies distribuídas em 7 ordens e 14 famílias, sendo: Primates: *Saimiri ustus*, *Cebus apella*, *Alouatta caraya*, *Alouatta seniculus*, *Ateles chamek*; Carnivora: *Panthera onca*, *Pteronura brasiliensis*, *Lontra longicaudis*, *Nasua nasua*; Artiodactyla: *Blastocerus dichotomus*, *Tayassu pecari*; Perissodactyla: *Tapirus terrestris*; Didelphimorphia: *Didelphis marsupialis*; Rodentia: *Sciurus spadiceus*, *Hydrochoerus hydrochaeris*, *Dasyprocta variegata*, *Dasyprocta fuliginosa*, *Agouti paca*; Cetacea: *Inia geoffrensis*. Com a continuidade deste inventário e maior esforço amostral, outras espécies de mamíferos serão listadas. Entretanto, os resultados apresentados nesta listagem preliminar de antemão demonstram a importância da REBIO do Guaporé para a proteção de algumas espécies de mamíferos brasileiros oficialmente consideradas como ameaçadas de extinção. São elas: *Panthera onca* (Onça-pintada), *Pteronura brasiliensis* (Ariranha) e *Blastocerus dichotomus* (Cervo-do-pantanal), todas enquadradas na categoria "Vulnerável", além de *Lontra longicaudis* (Lontra) e *Inia geoffrensis* (Boto-cor-de-rosa), enquadradas como espécies "Quase Ameaçadas". A área da REBIO do Guaporé é composta por porções de florestas estacionais, florestas ombrófilas, cerrados, campos naturais e ecossistemas aquáticos, sendo este mosaico de ambientes essencial para a manutenção e viabilização das populações animais. Contudo, esta Unidade de Conservação atualmente se depara com uma possível demarcação de uma extensa área dentro de seus limites como território quilombola, colocando em risco a efetiva manutenção da integridade de sua biodiversidade.

Palavras-chave: mamíferos, levantamento, REBIO, unidade de conservação.

Financiadores: ICMBio

MASTOFAUNA DA ÁREA DE RELEVANTE INTERESSE ECOLÓGICO FLORESTA DA CICUTA, RIO DE JANEIRO, BRASIL

Sandro Leonardo Alves (ReBio do Guaporé, Rondônia / ICMBio / atelidae@yahoo.com.br)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

A Floresta da Cicuta (22º24' a 22º38' Sul e 44º09' a 44º20' Oeste) é considerada um dos mais representativos fragmentos de floresta secundária do planalto da bacia média do rio Paraíba do Sul. Situada entre as Serras do Mar e da Mantiqueira, abrangendo parte dos municípios de Barra Mansa e Volta Redonda, na região Sul Fluminense do Estado do Rio de Janeiro, esta Unidade de Conservação Federal, criada em 1985, é enquadrada na categoria de "Área de Relevante Interesse Ecológico" (ARIE) e compreende aproximadamente 130 ha de vegetação caracterizada como Floresta Estacional Semidecidual Submontana. Os únicos e escassos registros de mamíferos presentes na ARIE Floresta da Cicuta se remetem ao início da década de 80, sendo este trabalho uma atualização da presença/ausência destes animais, principalmente no que se refere à mastofauna terrestre/arborícola de médio porte. Durante os anos de 2002 e 2003, concomitantemente ao estudo de aspectos ecológicos da população de *Alouatta guariba clamitans*, foram empregados métodos diretos e indiretos de levantamento de mamíferos que compreenderam visualizações e busca de vestígios como fezes, pegadas e tocas. Como resultado, foram obtidos registros de 13 espécies distribuídas em 6 ordens e 12 famílias, a saber: Primates (Callitrichidae: *Callitrhix jacchus* (introduzido); Atelidae: *Alouatta guariba clamitans*); Carnivora (Felidae: *Leopardus pardalis*; Canidae: *Cerdocyon thous*; Mustelidae: *Eira barbara*; Procyonidae: *Nasua nasua*, *Procyon cancrivorus*); Didelphimorphia (Didelphidae: *Didelphis aurita*); Xenarthra (Dasypodidae: *Euphractus sexcinctus*); Rodentia (Sciuridae: *Sciurus aestuans*; Dasyproctidae: *Dasyprocta azarae*; Agoutidae: *Agouti paca*); Lagomorpha (Leporidae: *Sylvilagus brasiliensis*). Novos esforços em pesquisas objetivando a complementação deste inventário parcial tornam-se necessários para um melhor estabelecimento do status de conservação de outros grupos taxonômicos de mamíferos na ARIE Floresta da Cicuta, principalmente os de pequeno porte. Apesar desta Unidade de Conservação estar inserida em uma região que apresenta um quadro de transformação da vegetação bastante característico dos ciclos de colonização que atingiram a quase totalidade da Floresta Atlântica nos últimos séculos, a presença de algumas espécies oficialmente ameaçadas de extinção, como *Leopardus pardalis*, enquadrada como "Vulnerável", *Alouatta guariba clamitans* e *Dasyprocta azarae*, ambas consideradas como "Quase Ameaçadas", reforçam a importância de pequenos remanescentes florestais, como este, para a manutenção da mastofauna do Estado.

Palavras-chave: mamíferos, levantamento, ARIE, unidade de conservação.

Financiadores: ICMBio

IMPORTÂNCIA DE DIFERENTES MÉTODOS DE AMOSTRAGEM EM UM ESTUDO DE AVALIAÇÃO ECOLÓGICA RÁPIDA NO MUNICÍPIO DA SERRA, ES

Mariana Ferreira Rocha (Ecologia / UFLA / marianafrocha@hotmail.com)
Bruno Bicalho Pereira (Coordenador do levantamento de fauna)
Jeferson Barbosa (Biólogo / FAESA)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

A utilização de diferentes métodos de amostragem para avaliar a composição da fauna de mamíferos neotropicais têm-se mostrado bastante eficaz quando realizada em períodos prolongados. O presente trabalho, realizado para atender a solicitação do Termo de Referência do Plano de Manejo da Área de Proteção Ambiental Lagoa Jacunem, teve como objetivo inventariar a mastofauna desta APA, utilizando diferentes métodos de amostragem. A área de estudo, inserida na região de domínio de Floresta Atlântica de Tabuleiro, localiza-se no município da Serra entre as coordenadas 20°09´45.22``S 40°13`25.97``O. Para o levantamento de pequenos mamíferos foram utilizadas armadilhas de arame galvanizado pequenas (11 cm x 11 cm x 20 cm) e médias (25 cm x 25 cm x 40 cm) dispostas no solo e no estrato médio da vegetação, sendo as espécies de médio e grande porte registradas através de observações diretas e indiretas. Foram registradas 25 espécies distribuídas em 19 famílias, sendo duas endêmicas à Mata Atlântica (*Didelphis aurita* e *Callithrix geoffroyi*) e quatro exóticas (*Rattus rattus*, *Canis familiaris*, *Eqqus* sp. e *Bos* sp.). A maioria das espécies (72%) foi amostrada por apenas uma forma de detecção, sendo que os métodos de visualização e pegadas obtiveram a maior porcentagem de registros (60%). A identificação de fezes, apesar de representada por uma baixa porcentagem (4%), acrescentou espécies não registradas por outras metodologias. Armadilhas se mostraram bastante eficientes para amostragem de mamíferos de pequeno porte, capturando mais de 50% das espécies registradas. Entrevistas conduzidas de forma sistemática com moradores locais são de grande relevância em estudos de avaliação ecológica rápida, principalmente para a detecção de espécies de médio e grande porte, sendo que 30% das espécies mencionadas foram confirmadas através de outras metodologias e 20% foram registradas somente através deste método. A aplicação e combinação de diferentes metodologias também mostrou-se bastante eficaz em estudos de curta duração, porém estudos de longo prazo poderão acrescentar novas espécies à mastofauna da APA Lagoa Jacunem.

Palavras-chave: Floresta Atlântica de Tabuleiro, Mastofauna, Eficiência, Amostragem

Financiadores: Makoto Ambiental, Cemagma, IPA

INVENTÁRIO DA MASTOFAUNA EM FRAGMENTOS FLORESTAIS EM UMA REGIÃO DE AGRICULTURA EXTENSIVA

Gustavo de Oliveira (USP / gunespe@yahoo.com.br)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

Os ambientes alterados da matriz diminuem a movimentação e o estabelecimento dos organismos, quando comparados com o habitat original, mas a intensidade deste efeito depende tanto da qualidade do habitat alterado como das espécies consideradas. Médios e grandes mamíferos são grupos que a rigor são utilizados como elementos-chave na interpretação da qualidade do habitat que se pretende avaliar, por isso foram inventariadas as espécies pertencentes a estes dois grupos na região de estudo, através do método direto e indireto. O primeiro consistiu na busca ativa dos animais através de caminhadas ao longo de aceiros e de trilhas do entorno dos fragmentos e dentro destes. O método indireto consistiu na busca ativa por vestígios (pegadas, fezes, vocalização, carcaças, pêlos, tocas) e de entrevistas realizadas com moradores locais. A área de estudo está localizada na região da cidade de Cosmópolis-SP, e é ocupada principalmente por plantações de cana-de-açúcar, citrus, e pastagens. Foram amostrados sete fragmentos de mata semi-decídua que abrangiam as características gerais da região, sendo estes fragmentos em sua maioria pequenos e separados por longas distâncias, dificultando a migração entre eles. Considerando os dois tipos de registros, foram listadas 21 espécies, pertencentes a sete ordens diferentes (dois Didelphimorphia, sete Carnivora, três Xenarthra, três Primates, dois Lagomorpha, um Artiodactyla, três Rodentia) e classificados de acordo com a origem, dieta, tipo de registro e grau de ameaça segundo a lista do IBAMA\2003 e o Decreto Estadual 42838/98. Das espécies encontradas oito estão ameaçadas e uma provavelmente ameaçada (*Tamandua tetradactyla*). Das espécies ameaçadas seis encontram-se vulneráveis (*Chrysocyon brachyurus*, *Leopardus pardalis*, *Leopardus sp.*, *Puma concolor*, *Callicebus personatus* e *Dasyprocta azarae*), e duas em perigo (*Lycalopex vetulis* e *Alouatta sp.*). A maioria das espécies foi registrada através de pegadas e de entrevistas, três através de fezes e duas através da vocalização. Seis espécies foram visualizadas durante o trabalho de campo, a raposinha (*Lycalopex vetulus*), o quati (*Nasua nasua*), tapeti (*Sylvilagus brasiliensis*), macaco-prego (*Cebus nigritus*), sauá (*Callicebus personatus*) e a capivara (*Hydrocaries hydrocaries*), sendo o sauá a única espécie observada que não havia sido citada pelos morados e trabalhadores locais. Apesar de existir o cultivo extensivo de cana-de-açúcar na região, os fragmentos florestais ainda suportam um grande número de mamíferos, representando importantes pontos de refúgio para estas espécies, por isso a importância da preservação, e de um maior número de estudos que visem à recuperação e a elaboração de corredores entre os fragmentos remanescentes.

Palavras-chave: conservação, fragmentação, cana-de-açúcar, mamíferos

Financiadores: Arcadis Tetraplan

RIQUEZA DE ESPÉCIES E DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DOS MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE NO MUNICÍPIO DE RIO GRANDE. RIO GRANDE DO SUL. BRASIL

Fernando Marques Quintela (Pós-Graduação Biologia de Ambientes Aquáticos Continentais / FURG / boiruna@yahoo.com.br)
Rafael Almeida Porciuncula (Departamento Ciências Morfo-Biológicas / FURG)
Stefan Vilges de Oliveira (Especialização Ecologia Aquática Costeira / FURG)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

Um número razoável de levantamentos de espécies da mastofauna silvestre tem sido realizado no estado do Rio Grande do Sul. Na região da Planície Costeira, no entanto, raras são as informações sobre as espécies de mamíferos silvestres aí ocorrentes. O presente estudo apresenta as espécies de mamíferos de médio e grande porte encontradas no município de Rio Grande (31°47'02''- 32°39'45'' S; 52°03'50'' - 52°41'50' W), região sul da Planície Costeira do Rio Grande do Sul, além de dados referentes à ocupação de habitats. Foram avaliados ambientes de dunas costeiras (DC), campos (CA), mata arenosa ciliar (MC), mata arenosa marginal lagunar (ML), mata palustre (MP), arroios costeiros (AC), várzeas (VA), banhados (BA), lagos rasos antrópicos (LR), marismas (MA), estuário (ES) e canais de drenagem (CD), distribuídos em dez localidades do município. Através da observação direta de indivíduos, encontros de carcaças, identificação de vestígios (rastros e fezes) e capturas manuais (para xenartros) foram registradas 15 espécies nativas e duas espécies exóticas. As espécies registradas e seus respectivos biótopos de encontro foram: Didelphidae: *Didelphis albiventris* (MP, MC, ML, CA, BA, VA, CD), *Lutreolina crassicaudata* (MP, MC, ML, BA, VA, CD); Dasypodidae: *Dasypus novemcinctus* (MP, MC, CA, CD, DC), *Dasypus hybridus* (CA), *Euphractus sexcinctus* (CA); Leporidae: *Lepus europaeus* (CA, DC); Canidae: *Cerdocyon thous* (MP, MC, CA, BA, VA, CD), *Lycalopex gymnocercus* (MC, CA, CD, DC); Procyonidae: *Procyon cancrivorus* (MP, MC, CA, BA, VA, CD); Mustelidae: *Lontra longicaudis* (MC, BA, CD, LR, MA, AC, ES), *Galictis cuja* (CA, CD, DC); Mephitidae: *Conepatus chinga* (MP, MC, CA, CD, DC); Felidae: *Leopardus geoffroyi* (MP, MC, CA, BA, VA, CD), *Leopardus colocolo* (CA); Suidae: *Sus scrofa* (MP, MC, CD); Caviidae: *Hydrochaerus hydrochaeris* (MP, MC, BA, VA, CD, AC); Myocastoridae: *Myocastor coypus* (MC, BA, VA, CD, DC, AC). Todas as espécies, portanto, ocorreram em áreas abertas enquanto que 12 espécies (70,5%) foram encontradas no interior de fragmentos florestais. Dentre as espécies registradas, três (*L. geoffroyi*, *L. colocolo*, *L. longicaudis*; 17,6%) encontram-se ameaçadas de extinção no Rio Grande do Sul. Dentre as espécies nativas, somente indivíduos de *D. hybridus* e *L. colocolo* não foram encontrados mortos por atropelamento, o que evidencia o impacto das rodovias sobre a mastofauna local. O presente estudo, portanto, vem a contribuir para o conhecimento sobre a diversidade da mastofauna de médio e grande porte da Planície Costeira do Rio Grande do Sul, fornecendo subsídios para investigações futuras e medidas conservacionistas a serem adotadas na região.

Palavras-chave: mastofauna, Planície Costeira, formações florestais, banhados, campos

Financiadores: CAPES

UMA AVALIAÇÃO DO EFEITO DE ISCAS EM LEVANTAMENTOS DE MAMÍFEROS COM ARMADILHAS FOTOGRÁFICAS

Ronald Barros (Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Conservação / UFMS / rsmbarros@gmail.com)
Artur Andriolo (Depto. de Zoologia / UFJF)
Omar Bastos Neto (Pós-Graduação em Comportamento e Biologia Animal / UFJF)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

Iscas são freqüentemente utilizadas em levantamentos de médios e grandes mamíferos, mas sua eficiência tem sido pouco discutida. Este estudo objetivou avaliar o efeito do uso de iscas sobre amostragens com armadilhas fotográficas. O estudo foi conduzido num fragmento de Mata Atlântica no município de Juiz de Fora, Minas Gerais, composto pela Reserva Biológica Municipal Poço D'Anta e propriedades particulares. Entre abril e novembro de 2007, 19 pontos foram amostrados com uma armadilha fotográfica por 14 dias, sendo sete dias sem isca (armadilhas sem isca - ASI) e sete dias com isca (armadilhas com isca - ACI). Iscas sempre consistiram de banana e bacon, dispostos numa gaiola em frente à câmera, não havendo substituição no período. Armadilhas foram montadas próximo ao solo, programadas para funcionarem por 24 horas, e com intervalo de 30 segundos entre fotos sucessivas. Em 133 câmeras-dias (número de armadilhas x número de dias) para cada método, onze espécies foram registradas por ACI e nove por ASI (total = 12 espécies). Em ASI, nove espécies foram amostradas com 73 câmeras-dias, enquanto em ACI esse número foi obtido com 41 câmeras-dias. Considerando a riqueza de espécies por ponto, ACI foram mais eficientes (teste de Wilcoxon; T = 24,5; p = 0,024). O número de espécies registrado nos pontos foi 0,947 ± 1,129 (média ± dp) para ASI e 1,895 ± 1,243 para ACI. Esses resultados sugerem que a isca utilizada é eficiente para levantamentos rápidos, além de aumentar o número de espécies por ponto, otimizando o esforço. Considerando as espécies, a isca utilizada foi eficiente em atrair *Didelphis aurita* (T = 12; p = 0,006) e *Philander frenatus* (T = 0; p = 0,018). Para outras espécies, o baixo número de pontos de ocorrência não permitiu análises. Assim, um maior esforço de câmeras-dias, ou estudos em áreas onde determinadas espécies ocorram em altas densidades, são necessários para verificar quais podem ser atraídas por iscas. Ainda, outros tipos de isca devem ser testados, bem como o efeito de banana e bacon individualmente.

Palavras-chave: Mammalia, métodos de amostragem, inventário, ceva

LEVANTAMENTO FAUNÍSTICO NA ANTIGA FAZENDA CONCEIÇÃO EM LORENA-SP

Daniel Clemente Vieira Rêgo da Silva (Oikos / daniel_cruzeiro@yahoo.com.br)
Fabiana Cotrim Nunes (Oikos)
Ana Maria Claro Paredes Silva (Oikos)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

Este estudo apresenta dados do levantamento de fauna realizado na Antiga Fazenda da Conceição (89 ha), Lorena-SP, situada na Microbacia do Ribeirão dos Macacos (39 km²) e visou contribuir e divulgar conhecimentos relacionados à fauna do Vale do Paraíba do Sul. Nos últimos 30 anos, esta fazenda vem sendo arborizada, com o intuito de restaurar e preservar seus recursos naturais, proporcionando uma melhor qualidade para o ambiente. Um dos resultados facilmente observáveis é o aumento da disponibilidade de recurso (alimento, abrigo, dentre outros) para fauna silvestre, a qual vem aumentando qualitativa e quantitativamente à medida que a complexidade destes ambientes aumenta. As fases de campo se iniciaram em abril de 2007 e os dados foram coletados por meio de visualizações in loco (para aves) e evidências diretas ou indiretas (para mamíferos terrestres), além de entrevistas com moradores da fazenda e de seu entorno imediato. Em paralelo, foram feitas consultas a bibliografia especializada e revisão das coleções dos museus regionais. Somente no perímetro da fazenda foram observadas espécies como capivaras, Hidrochaeris hidrochaeris; cachorros-do-mato, *Cerdocyon thous*; tatus, *Cabasous* sp.; Sagüi de Tufo Preto, *Callithrix penicillata*, e até mesmo espécies mais importantes do ponto de vista conservacionista como o caso do lobo-guará, *Chrysocyon brachyurus*. Espécie categorizada como vulnerável pela União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais (IUCN), é no momento objeto de uma Campanha de Sensibilização. (Instituto Oikos de Agroecologia).

Palavras-chave: Levantamento, Fauna, Vale do Paraíba

Financiadores: Instituto Oikos de Agroecologia

INVENTÁRIO DE PEQUENOS MAMÍFEROS DA RESERVA BIOLÓGICA DE DUAS BOCAS, CARIACICA, ESPÍRITO SANTO

Leonora Pires Costa (Lab. Mastozoologia e Biogeografia / UFES / leonoracosta@yahoo.com)
Lívia de Moraes Carão (Lab. Mastozoologia e Biogeografia / UFES)
João Riva Tonini (Lab. Mastozoologia e Biogeografia / UFES)
Rafaela Duda Cardoso (Lab. Mastozoologia e Biogeografia / UFES)
Israel de Souza Pinto (Laboratório de Parasitologia / Unidade de Medicina Tropical / UFES)
Yuri Luiz Reis Leite (Lab. Mastozoologia e Biogeografia / UFES)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

A Reserva Biológica de Duas Bocas é uma área de Mata Atlântica no município de Cariacica, Espírito Santo, e abrange uma área de 2.190 ha. O objetivo do trabalho foi inventariar a fauna de mamíferos da Reserva. O trabalho foi realizado entre abril de 2007 e abril de 2008. Foram utilizadas armadilhas de captura, armadilhas fotográficas, registros visuais, dados bibliográficos e de museu. Os pequenos mamíferos foram coletados por meio de armadilhas de dois tipos: fojo (pitfall) e de isca (gaiola de arame e Sherman). Ao todo foram estabelecidas seis trilhas com 11 postos de captura, com um fojo, uma Sherman e uma gaiola em cada posto, com um esforço total de captura de 13.860 armadilhas/noite. Foram feitas 421 capturas de pequenos mamíferos, o que resultou num sucesso de captura de 3,04%. As espécies capturadas foram: *Didelphis aurita*, *Gracilinanus microtarsus*, *Marmosops incanus*, *Metachirus nudicaudatus*, *Micoureus demerarae*, *Monodelphis scallops*, *Monodelphis iheringi*, *Philander frenatus*, *Akodon cursor*, *Blarinomys breviceps*, *Juliomys pictipes*, *Nectomys squamipes*, *Oecomys catherinae*, *Oligoryzomys nigripes*, *Rhipidomys mastacalis*, *Thaptomys nigrita*, *Phyllomys pattoni*, *Trinomys paratus*, *Rattus rattus*, *Dasypus novemcinctus* e *Dasypus septemcinctus*. As armadilhas fotográficas tiveram um esforço amostral de 780 câmeras/dia. O sucesso foi de 56 registros de 10 espécies, sendo 47 no período da noite. Foram fotografados: *Metachirus nudicaudatus*, *Dasypus novemcinctus*, *Eira barbara*, *Nasua nasua*, *Procyon cancrivorus*, *Canis familiaris*, *Cuniculus paca*, *Dasyprocta azarae* e *Trinomys paratus*. Além disso, foram registrados visualmente as espécies: *Bradypus torquatus*, *Callithrix geoffroyi*, *Cebus nigritus* e *Guerlinguetus ingrami*. Por meio de dados de museu registrou-se: *Marmosa murina*, *Guerlinguetus ingrami*, *Euryoryzomys russatus*, *Oxymycterus* sp. As espécies registradas unicamente por meio de referências foram: *Lontra longicaudis* e *Sphiggurus* villosus. A única espécie registrada por meio auditivo foi *Alouatta guariba*. Ao todo, foram registradas 37 espécies de mamíferos, pertencentes a 34 gêneros, 14 famílias e 6 ordens, que perfazem 27,5% do total de espécies de mamíferos com ocorrência no Espírito Santo, o que qualifica a reserva como um importante repositório da fauna de mamíferos no estado.

Palavras-chave: Pitfall, fojos, armadilhas, Espírito Santo

Financiadores: FAPES, FACITEC, CNPq, PETROBRAS

DIVERSIDADE ALFA E BETA DE MAMÍFEROS NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA USINA HIDRELÉTRICA PEIXE ANGICAL TOCANTINS (BRASIL)

Tales de Oliveira Tavares (Universidade Católica de Goiás / UCG / marvintales@gmail.com)
Márcio Candido Costa (Universidade Católica de Goiás / UCG)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

Os mamíferos, o grupo dos cordados mais evoluído e amplamente disperso, representa uma parcela importante da biodiversidade de todos os biomas terrestres e aquáticos do planeta, participando ativamente das cadeias tróficas onde muitas vezes se encontram no topo como grandes predadores. Esse estudo trata da descrição da diversidade de mamíferos de pequeno, médio e grande porte da área sob influência da Usina Hidrelétrica Peixe Angical, localizado na parte alta da bacia do rio Tocantins, no Estado do Tocantins. Na fase pós-enchimento do reservatório foram realizadas dez campanhas de campo no período entre julho de 2006 e abril de 2008. Tais campanhas integram o Programa de Monitoramento de Animais Silvestres na área de influência da UHE Peixe Angical. Os ambientes amostrados nesse período contemplaram as diversas fitofisionomias do Cerrado, como áreas de cerrado stricto sensu, vereda, cerradão, mata galeria e ambientes antropizados. A metodologia utilizada contou com um esforço de 10 dias de amostragens efetivas por campanha, com uso de métodos de coleta de dados diretos (armadilhas do tipo tomahawk, armadilhas tipo gaiola aberta e armadilhas fotográficas) e indiretos (pegadas, fezes, marcas e eventuais carcaças encontradas nas vias de acesso). Foram identificados 321 espécimes distribuídos nas ordens Didelphimorphia, Cingulata, Pilosa, Primates, Lagomorpha, Carnivora, Perissodactyla, Artiodactyla e Rodentia, representando 18 famílias, 36 gêneros e 39 espécies. Dentre a amostragem geral, destaca-se a ordem Carnivora que apresentou a maior riqueza e abundância de espécies, embora seja a mais ameaçada entre elas por sofrerem com a redução, fragmentação ou total destruição de seus habitats. Grande parte das espécies registrada por esse estudo está enquadrada na lista global de espécies ameaçadas da IUCN como LR (Menor risco), e demais como VU (Vulnerável) ou NT (Quase ameaçado), com exceção para espécies como *Lycalopex vetulus* e *Mazama americana* que estão classificadas como DD (Dados deficientes). A diversidade mencionada analisada localmente foi comparada com dados de trabalhos semelhantes realizados em outros empreendimentos hidrelétricos instalados na bacia do alto rio Tocantins, bem como em outras áreas no domínio do Cerrado.

Palavras-chave: Monitoramento, rio Tocantins, fragmentação, Cerrado.

Financiadores: Naturae/Consultoria Ambiental Ltda

LEVANTAMENTO DA MASTOFAUNA TERRESTRE OCORRENTE NOS CORDÕES LITORÂNEOS DE TRAMANDAÍ E CIDREIRA, NORTE DO RIO GRANDE DO SUL

Aguinaldo D. Piske (ka-aguy consultoria ambiental ltda. aguinaldopiske@kaaguy.com.br)
Fabio Dias Mazim (ka-aguy consultoria ambiental ltda. aguinaldopiske@kaaguy.com.br)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

Visando a elaboração de estudos de impactos ambientais, este trabalho objetivou listar as espécies de mamíferos ocorrentes nos cordões litorâneos dos municípios de Tramandaí e Cidreira, localizados na Planície Costeira Externa, litoral norte do Rio Grande do Sul. A área de estudo compreende cordões de dunas estáticas e móveis, mata de restinga, campos, lagoas e plantio de arvores exóticas. As amostragens estenderam-se entre setembro de 2006 á agosto de 2007. Para os pequenos mamíferos foi utilizado o método de captura por meio de transectos de armadilhas do tipo sherman e oneida victor. Para o levantamento da mastofauna de médio e grande porte empregou-se o armadilhamento fotográfico, busca por evidências como pegadas, fezes e carcaça, além de observações noturnas. Foram sumarizadas 22 espécies: *Didelphis albiventris*, *Lutreolina crassicaudata*, *Dasypus novemcinctus*, *Euphractus sexcinctus*, *Cerdocyon thous*, *Lycalopex gymnocercus*, *Procyon cancrivorus*, *Lontra longicaudis*, *Conepatus chinga*, *Leopardus trigrinus*, *Mus musculus*, *Rattus rattus*, *Oligoyizomys nigripes*, *Calomys laucha*, *Holochilus brasiliensis*, *Cavia* sp, *Hydrochoerus hydrochaeris*, *Sphiggurus villosus*, *Myocastor coypus*, *Ctenomys flamarioni*, *Ctenomys minutus* e *Lepus* sp.. Destas, *L. longicaudis*, *L. tigrinus* e *C. flamarioni* estão ameaçadas regionalmente segundo o Livro Vermelho do RS. Com exceção de *C. flamarioni* e *C. minutus*, o restante da mastofauna registrada é amplamente distribuída e facilmente observada pela porção sul da região Neotropical, sobretudo pelo território gaúcho. Os habitats com maior diversidade de espécies foram os campos, as mata nativas e as dunas estagnadas quando cobertas parcialmente por tapetes gramíneos e herbáceos. Por outro lado, as dunas móveis apresentaram a menor riqueza e composição de espécies. Embora haja um constante crescimento urbano, ação potencialmente perigosa para as populações de *C. flamarioni* (restrito localmente as zonas de dunas estagnadas), os habitats dos cordões litorâneos desta região, apesar de fragmentados, contemplam ainda uma diversidade significativa, sugerindo que ainda possuem importância conservacionista.

Palavras-chave: mastofauna

OCORRÊNCIA ATUAL DE MAMÍFEROS EM ILHAS COSTEIRAS DE SANTA CATARINA, SUL DO BRASIL

Carlos Salvador (Inst.Baleia Franca e Caipora Cooperativa / carloshsalvador@hotmail.com)
Alexandre Filippini (IBAMA / SC)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

No Brasil, existem centenas de ilhas ao longo do litoral sem informação sobre a ocorrência de mamíferos. Em Santa Catarina, por exemplo, são 130 ilhas e ilhotas em 512 km de costa com apenas algumas amostragens de vertebrados insulares. O estudo teve o objetivo de se fazer um levantamento preliminar em campo de mamíferos terrestres não voadores em ilhas costeiras neste estado. Entre janeiro de 2007 e março de 2008, foram realizadas 41 visitas em 24 ilhas com tamanhos entre 0,5 a 270 ha e 0,1 a 20 km de distância da costa. As visitas tiveram duração de, pelo menos, 3 a 16 horas, amostrando, sempre que possível, toda a área da ilha em busca de observação direta e vestígios de mamíferos. Extinções locais ou citações bibliografias e de entrevistas não foram consideradas neste momento. Entre as oito espécies identificadas, cinco (62%) foram introduzidas. A lontra (*Lontra longicaudis*) foi a espécie mais freqüente, com ocorrência em sete ilhas, seguida de coelho (*Oryctolagus cuniculus*) e gambá (*Didelphis aurita*) ocorrendo em cinco e três ilhas respectivamente. A habilidade de locomoção semi-aquática da lontra deve contribuir para maior ocorrência em relação às outras espécies, com o registro mais distante da costa de 12 km, na ilha do Arvoredo. As populações de coelhos devem ser uma das poucos livres em meio natural, assim como de porquinho-da-india (*Cavia porcellus*) encontrada na ilha dos Cardos. A ilha mais distante com ocorrência de mamífero foi Moleques do Sul, a 14 km do continente, onde ocorre uma espécie endêmica, *Cavia intermedia*. A introdução de mamíferos, incluindo cachorros e gatos domésticos, demonstrou ser uma prática comum no estado e de elevado risco para a biodiversidade brasileira.

Palavras-chave: distribuição, espécie exótica, endemismo e contaminação biológica

Financiadores: Fundo de Direitos Difusos / Ministério da Justiça.

USO DE ARMADILHAS FOTOGRÁFICAS PARA O INVENTÁRIO DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE DO PARQUE NACIONAL DA SERRA DO CIPÓ, MG

Bethânia Barros Teixeira Pires Pimenta (Lab.Mastozoologia/MCNPUC Minas/kanoinha@yahoo.com.br)
Eduardo de Paula Pupo Nogueira (Pós-Graduação Análise Ambiental UNA BH)
Cláudia Guimarães Costa (Lab. Mastozoologia / MCN PUC Minas)
Edeltrudes Maria Valadares Calaça Câmara (Lab.Mastozoologia/MCN PUC Minas)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

O presente estudo foi realizado no Parque Nacional da Serra do Cipó (PARNA Cipó), localizado a 90 km de Belo Horizonte, MG, na porção sul da Cadeia do Espinhaço. O Parque está inserido no bioma Cerrado com porções significativas de campo rupestre e matas de galerias com influência da Mata Atlântica. O presente estudo teve como objetivo inventariar as espécies de mamíferos de médio e grande porte do PARNA Cipó utilizando a metodologia de armadilhas fotográficas. A amostragem foi realizada durante os meses de abril de 2007 a janeiro 2008. Foram utilizadas seis armadilhas fotográficas (modelo Tigrinus, convencional) instaladas em áreas distintas do Parque. As armadilhas foram instaladas próximas às estações de pegadas e iscadas com banana, sardinha e abacaxi, acionadas 24 horas por dia no decorrer de todo o período de amostragem, sendo retiradas somente quando necessário. As mesmas foram verificadas a cada campanha de campo, para eventual reposição de filmes ou troca de pilhas. Foram registradas 11 espécies de mamíferos de médio e grande porte, distribuídas em quatro ordens: Didelphimorphia (n=1), Rodentia (n=3), Lagomorpha (n=1), Carnivora (n=6). Destas, três se encontram ameaçadas de extinção na categoria vulnerável para o Estado de Minas Gerais, *Leopardus tigrinus, Puma concolor* e *Chrysocyon brachyurus*. O esforço de captura foi de 780 câmeras/dia, com um sucesso de 15,38%, sendo 120 registros (21%) de mamíferos de médio e grande porte. Esta metodologia se mostrou eficiente principalmente quando considerado o período em que permaneceram acionadas e a quantidade de câmeras utilizadas durante o período amostral. Além disso, apresentaram o registro efetivo de algumas espécies que, até o momento, tinham sua ocorrência confirmada no Parque somente através de evidências indiretas. Este resultado corrobora a eficiência deste método no estudo de mamíferos crípticos, raros e arredios à presença humana. Ressalta-se aqui a importância da continuidade de estudos deste tipo na região para verificar possíveis mudanças na estrutura da comunidade e do possível aumento da diversidade de espécies de mamíferos de médio e grande porte do PARNA Cipó, após a retirada da fauna doméstica dentro da área amostrada.

Palavras-chave: mamíferos de médio e grande porte, armadilha fotográfica, PARNA Cipó.

Financiadores: PROBIC- FAPEMIG

CBMz

DIAGNÓSTICO PRELIMINAR DA DIVERSIDADE DE ROEDORES E MARSUPIAIS DO PARQUE NACIONAL DA SERRA DA CANASTRA. MG

Elisandra de Almeida Chiquito (UFLA/Depto. de Biologia (eachiquito@yahoo.com.br))
Renato Gregorin (UFLA/Depto. de Biologia)
Sílvia de Abreu Maiani Simões (UFLA/Depto. de Biologia)
Shayenne Elizianne Ramos (UFLA/Depto. de Biologia)
Andréa de Oliveira Mesquita (UFLA/Depto. de Biologia)
Carlos Henrique Jacinto (UFLA/Depto. de Biologia)
Marcelo Passamani (UFLA/Depto. de Biologia)
Arthur Setsuo Tahara (UFLA/Depto. de Biologia)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

Estudos relacionados a inventários faunísticos certamente são indispensáveis em diversas áreas da biologia, como biogeografia, sistemática e genética de populações. Somando esse fato à carência de estudos dessa natureza em certas áreas, os resultados de trabalhos de inventariamento podem influenciar diretamente na política de conservação das espécies, devido a, por exemplo, novos registros ou a potencialidade da descoberta de novas espécies nunca descritas na literatura. Nesse contexto, a região do Parque Nacional da Serra da Canastra (PNSC), MG, torna-se um importante sítio de estudo de mamíferos de pequeno porte, uma vez que o único inventário dessa natureza realizado no local foi realizado em 1978, cujos espécimes se encontram sem determinação e depositados na coleção científica do PNSC, e atualmente, os alvos de estudos faunísticos no local são espécies de aves e mamíferos de médio e grande porte. O objetivo geral do trabalho é comparar a diversidade da mastofauna em quatro áreas do sul de Minas Gerais (PNSC, Parque Estadual da Serra do Papagaio, Serra de Carrancas, Parque Estadual de Ibitipoca). Este trabalho consta dos resultados parciais para uma das áreas amostradas (PNSC), focando apenas a fauna de pequenos mamíferos do PNSC. Foram amostradas três áreas, sendo uma delas no alto do P. N. Serra da Canastra e duas no entorno Camping Picareta em São Roque de Minas e Fazenda Varjão em Piumhi com esforço total de captura de 1456 armadilhas x dia. Para a captura, foram utilizadas armadilhas do tipo Tomahawk e Shermann, iscadas e vistoriadas diariamente, e armadilhas de queda (*Pitfall*), arranjadas em transectos lineares. Dentro de cada localidade foram amostrados três ambientes distintos: cerrado, mata e ambiente ripário, de forma que as armadilhas foram colocadas próximas aos corpos d'água. Os registros somam 12 espécies, sendo nove roedores, *Akodon montensis, Calomys tener, Cerradomys subflavus, Necromys lasiurus, Nectomys squamipes, Oligoryzomys* cf. *nigripes, Rhipidomys mastacalis, Thalpomys lasiotis* e *Thrichomys apereoides*, e três marsupiais, *Didelphis albiventris, Gracilinanus microtarsus* e *Marmosops incanus*. De acordo com o exposto, conclui-se que a fauna de roedores e marsupiais da região do P. N. da Serra da Canastra foi representada por espécies típicas do bioma Cerrado ou da transição Mata Atlântica-Cerrado, exceto pelo registro de *Marmosops incanus* que apresenta distribuição restrita, no Estado de Minas Gerais, à porção leste. Uma importante complementação desse trabalho é a identificação dos espécimes depositados na coleção científica do Parque, cujo processo já teve início.

Palavras-chave: Inventário, pequenos mamíferos, Cerrado, Serra da Canastra

Financiadores: CNPq (processo n°: 484283/2006-5)

EFICIÊNCIA DE MÉTODOS DE CAPTURA DE PEQUENOS MAMÍFEROS EM ÁREA DE RESTINGA NO SUL DO BRASIL

Hugo B. Mozerle (Graduando. Curso de Ciências Biológicas - UFSC / hbmbio@yahoo.com.br)
Marcos A. Tortato (Biólogo. UFPR e Caipora Cooperativa-Florianópolis-SC)
Carlos H. Salvador (LECP/PPGE/UFRJ e Caipora Cooperativa-Florianópolis-SC)
Jorge J. Cherem (Biólogo. Caipora Cooperativa-Florianópolis-SC)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

O estabelecimento de métodos de amostragens eficientes é de grande importância para a realização de estudos consistentes. Alguns trabalhos realizados sobre as metodologias afirmam que as armadilhas de queda (pitffals) são mais eficientes para levantamentos de mamíferos. Este trabalho tem como objetivo avaliar diferentes métodos de amostragem no ambiente de restinga. O local do estudo está localizado na planície litorânea do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, município de Palhoça, região centro-leste do estado de Santa Catarina. A restinga é predominantemente herbáceo-arbustiva, com arbustos e poucas árvores nas áreas mais secas e dominância de ciperáceas e tifáceas nos banhados. Foram avaliados três métodos de amostragem: armadilhas de arame (a) e armadilhas de queda no formato de "Y" (y) e em linha (l). Quatro linhas e seis "Ys" e cinco linhas de 15 armadilhas de arame foram distribuídas igualmente em áreas com vegetação aberta e fechada, durante 15 meses (cinco dias/mês) de Setembro de 2006 a Novembro de 2007. As armadilhas de tamanho médio (15 x 15 x 30 cm) foram dispostas no chão e no sub-bosque (2-4 m de altura), armadas com iscas de banana untadas com pasta de amendoim, distas dez metros uma da outra. Baldes de 30 e 65 litros foram intercalados nas linhas, distos 10 m um do outro, ligados por uma cerca de lona de 1 m de altura. Os segmentos dos "Ys" eram formados por cercas de mesma altura e comprimento, com um balde de 100 litros no centro. O esforço total foi de 5.625 armadilhas-noite (a), 3.000 baldes-noite (l) e 450 baldes-noite (y). Foram amostradas no total 11 espécies de mamíferos: 5 (a), 10 (y) e 8 (l), destas, duas foram encontradas somente nos "y", uma nas linhas e nenhuma espécie foi encontrada somente nas armadilhas de gaiola. O número de capturas totalizou 415: 225 (a), 60 (y) e 130 (l), e as relações (nº de capturas/nº de armadilhas) foram, 0,04 (a), 0,13(y) e 0,04 (l). Nas relações de espécie por tipo de armadilha(x100), os "Ys" também se mostraram mais eficientes: 0,1 (a), 2,2 (y) e 0,3 (l). Como observado em outros ambientes, a armadilha de queda, principalmente no formato de "Y" foi o mais adequado para estudos sobre riqueza de mamíferos em restingas.

Palavras-chave: Armadilha de arame, Pitfall, PEST, Santa Catarina

Financiadores: TIGRINUS Equipamentos para Pesquisa e Caipora Cooperativa para Conservação da Natureza

MASTOFAUNA TERRESTRE DO PARQUE AMBIENTAL DE BELÉM (PARÁ): INTEGRAÇÃO DE REGISTROS

Gilberto Ferreira de Souza Aguiar (Museu Paraense Emílio Goeldi / MPEG)
Suely Aparecida Marques-Aguiar (Museu Paraense Emílio Goeldi / MPEG / samaguiar@museu-goeldi.br)
Maria Cecília Magalhães da Silva (Museu Paraense Emílio Goeldi / MPEG)
José de Sousa e Silva Júnior (Museu Paraense Emílio Goeldi / MPEG)
Mônica Monteiro Barros da Rocha (Centro Universitário do Pará / CESUPA)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

A rápida urbanização da Grande Belém reduziu a 27% sua cobertura de mata nativa, motivando a implantação do Parque Ambiental de Belém (PAB), em torno dos lagos Bolonha e Água Preta, no interior da Área de Proteção Ambiental de Belém, às margens do rio Guamá, estuário amazônico (aprox. 1°28'S; 48°27?W). Com 1,34 mil hectares, o Parque constitui uma das maiores unidades de conservação brasileiras circunscritas a um perímetro metropolitano. Até antes de sua criação, em 1993, serviu de base para inventários mastofaunísticos principalmente nas décadas de 1950 e 1960, além de coletas ocasionais, com maioria de peças depositadas no Museu Nacional (RJ), American Museum of Natural History (Nova York), Smithsonian Institution (Washington) e Museu Paraense Emílio Goeldi (Belém). O presente trabalho objetiva caracterizar a diversidade de mamíferos terrestres observada no Parque Ambiental de Belém, reunindo o conhecimento acumulado nos inventários já realizados. Atestaram-se 43 espécies, cerca de 60% do esperado considerando-se registros pontuais prévios dentro da Região Metropolitana de Belém. Das seis ordens, compreendendo 14 famílias, prevaleceram Rodentia (53,5% das espécies) e Didelphimorphia (23,3%). Verificou-se notável variação de riqueza de espécies entre famílias, já que cricetídeos contribuíram com cerca de um terço, proporção equivalente à contribuição das onze famílias de menor riqueza. Os 32 gêneros assim se distribuíram: (i) Didelphimorphia: *Caluromys, Chironectes, Didelphis, Marmosa, Marmosops, Metachirus, Micoureus, Monodelphis e Philander* (Didelphidae); (ii) Pilosa: *Bradypus* (Bradypodidae), *Choloepus* (Megalonychidae) e *Tamandua* (Myrmecophagidae); (iii) Primates: *Saguinus* e *Saimiri* (Cebidae); (iv) Rodentia: *Holochilus, Necromys, Nectomys, Oecomys, Oligoryzomys, Oryzomys, Rhipidomys* (Cricetidae), *Coendou* (Erethizontidae), *Sciurus* (Sciuridae), *Dasyprocta* (Dasyproctidae), *Echimys, Makalata* e *Proechimys* (Echimyidae); (v) Lagomorpha: *Sylvilagus* (Leporidae); (vi) Carnivora: *Galictis* (Caviidae), *Eira* (Mustelidae), *Nasua* e *Potos* (Procyonidae). Dezoito espécies são endêmicas para a Amazônia, das quais *Echimys chrysurus* (Zimmermann, 1780), sauiá com tropismo por matas ribeirinhas, é considerada vulnerável à extinção, critério A2ce (IUCN, 2006). A ausência de 33 táxons previstos pode ser explicada por uma conjunção de fatores: (i) pequena extensão e situação física do Parque Ambiental de Belém no interior de uma metrópole; (ii) dificuldades de amostragem, em particular de táxons crípticos e noturnos, que requerem maior esforço de captura para saturar curvas de rarefação; (v) sazonalidade populacional; (vi) rarefação por limitação de fragmentos de mata e evidente extinção local de táxons de médio e grande porte. Inventários adicionais com curvas assintóticas de riqueza acumulada poderão auxiliar na estimação de perda de diversidade da mastofauna do Parque ao longo das últimas décadas.

Palavras-chave: unidades de conservação, inventário, Grande Belém, Amazônia

Financiadores: Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG/MCT/2005)

DIVERSIDADE DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE DA REGIÃO BIOGEOGRÁFICA TOCANTINS-MARANHÃO

José Abílio Barros Ohana (Graduando de C. Biológicas / UFPA / abilio_ohana@yahoo.com.br)
José de Sousa e Silva Júnior (Setor de Mastozoologia / MPEG)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

A unidade biogeográfica Tocantins-Maranhão é uma das mais estudadas na Amazônia, com grandes amostras de mamíferos depositadas em museus. Esta região, porém, ainda apresenta problemas relacionados à taxonomia e distribuição geográfica de várias espécies deste grupo. Alguns autores consideram esta área como uma única unidade biogeográfica operacional, embora ela seja composta por dois grandes segmentos, separados entre si pelo rio Gurupi. O objetivo do presente estudo é atualizar o conhecimento sobre a diversidade de mamíferos de médio e grande porte da área em estudo, e comparar a diversidade observada em cada segmento, verificando a adequação de se dividi-la em uma ou mais unidades biogeográficas operacionais distintas. A ilha de Marajó também foi incluída como um terceiro segmento, por apresentar similaridade faunística com o Leste do Pará. Foi elaborada uma lista contendo as espécies com ocorrência esperada para a região. Para confirmar a fidedignidade destes registros, foi feita uma revisão da literatura e realizado o levantamento dos mamíferos de médio e grande porte depositados nas principais coleções brasileiras. Utilizando-se o índice de Jaccard, analisou-se o grau de similaridade faunística entre os segmentos desta região. A lista de táxons esperados foi composta por 55 espécies, distribuídas em 44 gêneros. Dessas espécies, 52 (94.54%) foram confirmadas nas coleções, literatura ou por comunicação pessoal. Não houve registros para *Atelocynus microtis*, *Tapirus terrestris* e *Inia geoffrensis* nas coleções, porém *T. terrestris* e *I. geoffrensis* já foram registradas na região através de observações diretas confiáveis. Acrescentou-se uma espécie, *Ozotoceros bezoarticus*, à lista de mamíferos da região. Os resultados apontaram erros na distribuição geográfica de algumas espécies, sugerindo que consideráveis áreas foram inseridas nas distribuições de alguns táxons, descritas nos manuais de mamíferos neotropicais consultados, apenas por meio de extrapolação. A análise da similaridade faunística indicou que a Ilha de Marajó assemelha-se mais ao Leste do Pará do que ao Oeste do Maranhão, porém não sugeriu a necessidade de se dividir esta unidade biogeográfica em duas distintas. Das 52 espécies confirmadas, 12 (23.1%) encontram-se ameaçadas de extinção, sendo duas endêmicas (*Cebus kaapori* e *Chiropotes satanas*). Os resultados ora apresentados confirmam a necessidade de estudos mais aprofundados da mastofauna de médio e grande porte da região biogeográfica Tocantins-Maranhão. A ocorrência de espécies endêmicas e/ou ameaçadas, além do fato desta unidade biogeográfica ser a mais degradada na Amazônia, com grande pressão antrópica, torna urgente a tomada de medidas conservacionistas, visando a manutenção da diversidade ainda existente no local.

Palavras-chave: diversidade, mamíferos, similaridade, Tocantins-Maranhão

Financiadores: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do CNPq (PIBIC/ CNPq).

DIVERSIDADE E ESTADO DE CONSERVAÇÃO DA MASTOFAUNA NAS SUB-BACIAS DOS RIOS IMBÉ, MURIAÉ E GUAXINDIBA, REGIÕES NORTE E NOROESTE DO RIO DE JANEIRO

Jânio Cordeiro Moreira (Consultor do Projeto RioRural / GEF – SEAPPA / RJ; janiomoreira@gmail.com)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

Elevados níveis de diversidade e endemismo aliados ao processo de depleção de paisagens posicionam a Mata Atlântica entre os hotspots mundiais de biodiversidade. Desse modo, a realização de inventários locais torna-se necessária para avaliar os níveis regionais de ameaça e desenvolver estratégias de conservação adequadas para cada um destes táxons. As regiões norte e noroeste Fluminense encontram-se entre as áreas mais carentes de informações sobre a biodiversidade do sudeste do Brasil. Nesse sentido, foi realizado um levantamento rápido de biodiversidade de mamíferos nas sub-bacias dos rios Imbé, Muriaé e Guaxindiba, no âmbito do Projeto RioRural / GEF, a partir da análise de espécimes depositados na coleção do Museu Nacional / UFRJ, consultas à literatura científica, e através de uma viagem de campo de 15 dias, na qual fragmentos selecionados foram percorridos em busca de vestígios da presença dos animais e avistamentos. Para complementar a base de dados foram entrevistados moradores locais preferencialmente caçadores e moradores mais idosos da região. Na sub-bacia do Imbé foram registradas 40 espécies distribuídas em 22 famílias e 9 ordens, com destaque para espécies ameaçadas de extinção como *Brachyteles arachnoides* e *Callithrix aurita*. A segunda maior diversidade de mamíferos foi observada na subbacia do Rio Muriaé onde houve o registro de 45 espécies, 22 famílias e 8 ordens. Novamente, destacam-se os registros de *C. aurita* (Laje do Muriaé) e do muriqui (Natividade), sendo que este último ainda demanda identificação por tratar-se de área limite de distribuição das duas espécies. Nessa subbacia o estado de fragmentação dos remanescentes florestais, o histórico de caça e a ausência de unidades de conservação oficiais são o destaque negativo. A sub-bacia do Rio Guaxindiba apresentou a menor diversidade com 30 espécies distribuídas em 19 famílias e 8 ordens. No entanto, merece ser destacada a constatação de uma aparente redução na pressão de caça na região, possivelmente uma conseqüência da implantação da Estação Ecológica Estadual de Guaxindiba (Mata do Carvão). Sucessivos ciclos econômicos de café, madeira, carvão e pecuária reduzira o tamanho dos remanescentes florestais dessas regiões, restringindo-os às encostas de morros e locais de difícil acesso. No entanto, a fauna de alguns desses remanescentes é composta por populações de mamíferos de médio e grande porte, incluindo espécies ameaçadas de extinção. Considerando a contínua degradação hábitats que coloca essas populações em risco, torna-se urgente a criação de parques estaduais e nacionais na região como forma de resguardar e conservar a biodiversidade nesses locais.

Palavras-chave: RioRural/GEF, microbacias, Mata do Carvão, levantamento rápido, coleção

Financiadores: Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária, Pesca e Abastecimento do Rio de Janeiro

MAMÍFEROS TERRESTRES DE PEQUENO PORTE OCORRENTES EM UM FRAGMENTO PERIURBANO DE FLORESTA OMBRÓFILA ABERTA DE TERRAS BAIXAS NA AMAZÔNIA SUL-OCIDENTAL

Nátia Regina Nascimento Braga (Laboratório de Mastozoologia e Taxidermia / UNIR / narenabra@gmail.com)
Mariluce Rezende Messias (Laboratório de Mastozoologia e Taxidermia/UNIR)
Marília Aparecida Cavalcante de Lima (Laboratório de Mastozoologia e Taxidermia/UNIR)
Raylenne da Silva Araújo (Laboratório de Mastozoologia e Taxidermia/UNIR)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

Marsupiais e pequenos roedores formam o grupo ecológico mais diversificado de mamíferos das florestas Neotropicais. O conhecimento sobre mamíferos ainda é bastante incipiente e deve-se principalmente aos poucos conhecimentos ecológicos e sistemáticos dos mamíferos de pequeno porte, os quais apresentam hábitos extremamente variados. O principal objetivo deste estudo foi Inventariar a comunidade de pequenos mamíferos ocorrentes em um fragmento florestal periurbano pertencente ao Campus da Universidade Federal de Rondônia, a 9,5km de Porto Velho, região noroeste de Rondônia. A fitofisionomia predominante é a floresta ombrófila de terras baixas, com manchas de vegetação secundária em vários estágios sucessionais e sob intensa pressão antrópica. O ponto amostral é caracterizado por floresta primária e a presença de pteridófitas da família Hymenophyllaceae, em muitas linhas da grade, sugere que o local é uma das poucas partes preservadas dentro da mata da UNIR. A amostragem mensal foi realizada de abril a setembro de 2007, correspondente ao verão amazônico (período seco), com duração de seis noites consecutivas cada. O método de amostragem utilizado é o de grade com espaçamento de 12,5m entre as estações. As 70 armadilhas do tipo *Sherman* e *Tomahawk* utilizadas foram armadas e iscadas ao anoitecer com uma mistura de banana e sardinha e fechadas durante o dia para evitar causar stress térmico nos animais. Com um esforço total de 2.520 armadilhas/noite foram capturados oito espécimes totalizando um sucesso de captura de 0,32%. A curva do coletor tendeu à establizaçao, com R2 = 0,8875. Cinco espécimes pertencem ao gênero *Marmosops* da ordem Didelphimorphia e três pertencem aos gêneros *Oryzomys*, *Oligoryzomys* e *Rattus* da ordem Rodentia. Três gêneros ainda não possuem taxonomia completamente definida -*Marmosops*, *Oryzomys*, *Oligoryzomys* - e a identificação taxonômica de seus representantes está sendo analisada. Apesar de a ordem Rodentia ter apresentado maior riqueza de espécies, a ordem Didelphimorphia foi a mais abundante. A capacidade de suporte deste remanescente florestal certamente é insuficiente para manter populações de predadores de médio e grande porte, o que estaria levando a um aumento populacional de espécies de presas generalistas, como os marsupiais. Conseqüentemente, as populações de roedores - grupo mais especialista e sensível às perturbações ambientais - estariam diminuindo em decorrência da intensificação da competição por recursos. O tamanho reduzido da área faz com que a probabilidade de extinção das populações locais seja elevada, particularmente as dos mamíferos de pequeno porte, que apresentam uma baixa capacidade de dispersão.

Palavras-chave: Rondônia, fragmentação, comunidade, roedores, marsupiais

REAVALIAÇÃO DE UMA COMUNIDADE DE PEQUENOS MAMÍFEROS TERRESTRES EM UM FRAGMENTO DA MATA ATLÂNTICA EM MINAS GERAIS

Rodolfo Stumpp (Museu de Zoologia João Moojen / DBA / UFV / rastumpp@gmail.com)
Gisele Lessa (Museu de Zoologia João Moojen / DBA / UFV)
Natália Boroni (Museu de Zoologia João Moojen / DBA / UFV)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

Levantamentos de pequenos mamíferos em áreas de Mata Atlântica são por vezes pontuais, não promovendo continuidade que subsidiem estudos populacionais ou mesmo que forneça dados mais precisos para a conservação e manejo destas comunidades. O objetivo deste estudo foi reavaliar, em um pequeno fragmento de Mata Atlântica no município de Viçosa - MG, a diversidade de pequenos mamíferos não-voadores ao longo dos últimos 15 anos. O primeiro estudo mastozoológico na área foi realizado entre maio de 1992 e abril de 1993, cujos resultados indicaram a diagnose de quatro espécies marsupiais e 12 roedores, sendo *Oligoryzomys nigripes* a mais abundante (52% dos indivíduos coletados). Espécies raras como *Bibimys labiosus, Euryzygomatomys guaira* e *Holochilus sciureus* foram identificadas na região. Neste período, a área de estudo estava desde 20 anos em processo de regeneração, sem apresentar nenhuma atividade antrópica relevante. Em um segundo estudo, ocorrido entre junho e novembro de 1997, foram determinadas sete espécies de roedores e quatro de marsupiais, sendo *Marmosops incanus* coletada pela primeira vez. Novamente *O. nigripes* foi a espécie mais abundante (abundância de 57%). O levantamento atual, iniciado em junho de 2007, apresentou até o momento nove espécies de roedores e três de marsupiais, com *Blarinomys braviceps* e *Rattus rattus* diagnosticados pela primeira vez. *O. nigripes* apresentou uma abundância de 64%, corroborando o alto índice dos demais estudos. A redução no número de espécies nos estudos subseqüentes e a presença de *R. rattus* podem estar relacionados com a crescente atividade humana no local nestes últimos 5 anos. O mesmo se reflete com a permanência de *O. nigripes* com o maior índice de abundância em todas as etapas, corroborando sua capacidade sinantrópica. Estudos continuados estão previstos para a área no sentido de compreender o grau de interferência humana nas alterações destas comunidades de pequenos mamíferos terrestres.

Palavras-chave: Rodentia, Didelphimorphia, diversidade, Mata Atlântica

DIVERSIDADE DE PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO-VOADORES EM UMA ÁREA DE MATA ATLÂNTICA NO MUNICÍPIO DE MINDURI. MINAS GERAIS

Daniel Gomes da Rocha (Departamento de Biologia/ UFLA/ biologodan@terra.com.br)
Adriana Lopes Gouveia (Departamento de Biologia/ UFLA)
Marcelo Passamani (Departamento de Biologia/ UFLA)
Renato Gregorin (Departamento de Biologia/ UFLA)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

Além de constituírem a base dieta alimentar da maioria das espécies de carnívoros silvestres e atuar como agentes polinizadores e dispersores de sementes de várias espécies vegetais, pequenos mamíferos podem ser usados como indicadores de diversidade local. Por isto estudos ecológicos destes são de fundamental importância, servindo de subsidio para elaboração e implementação de estratégias de manejo e conservação em áreas de interesse. O objetivo deste trabalho foi o levantamento das espécies de pequenos mamíferos em uma área de Mata Atlântica, no município de Minduri, sul de Minas Gerais. Para a captura foram utilizadas armadilhas do tipo Tomahawk, Sherman e de queda (baldes) no período de 29 de fevereiro a 09 de março de 2008, com um esforço total de captura de 1.978 armadilhas e baldes/noites. Os indivíduos capturados foram submetidos a analises citogenéticas, seguindo protocolo de Ford and Hamerton (1956), para auxiliar na identificação das espécies. Foram capturadas 10 espécies pertencentes a 8 gêneros e 2 famílias. Da família Cricetidae foram identificadas as espécies *Akodon montensis, Oligoryzomys flavescens, Juliomys pictipes, Euryoryzomys russatus* e *Thaptomys sp.* Da família Didelphidae foram identificadas as espécies *Didelphis aurita, Marmosops incanus, Monodelphis americana, Monodelphis rubida.* e *Monodelphis iheringi*. As armadilhas de queda foram responsáveis por 77,5% dos indivíduos capturados, sendo que 5 das 10 espécies foram capturadas apenas por esta metodologia,ou seja na sua ausência 50% da riqueza não teria sido amostrada. Os indivíduos identificados como *Thaptomys sp.* apresentaram cariótipo que ainda não possui espécie correspondente (2n = 48; NF = 50), podendo se tratar de uma nova espécie.

Palavras-chave: pequenos mamíferos, riqueza, armadilha de queda, citogenética.

Financiadores: CNPq

CBMz

LEVANTAMENTO PRELIMINAR DOS MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE DE UMA RESERVA DE CERRADO NO TRIÂNGULO MINEIRO. MG

Guimaraes, J. F. (Instituto de Biologia/ UFU/ juguimaraes_biologia@hotmail.com)
Belentani, S. C (Khórion Consultoria Ambiental)
Gomes, A. C. L. (Instituto de Biologia/ UFU)
Costa, A. N (Instituto de Biologia-LEIS/ UFU)
Vasconcelos, H. L. (Instituto de Biologia-LEIS/ UFU)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

O atual mosaico de usos da terra em áreas de Cerrado em Minas Gerais é o retrato de uma ocupação histórica desordenada e pouco preocupada com a conservação ambiental. Estima-se que o Cerrado encontra-se hoje com mais de 70% de sua área antropizada. O Cerrado possui elevada biodiversidade a qual esteve e continua sendo ameaçada pela expansão agropecuária e por isso foi incluído entre as 34 áreas-chave (hotspots) de maior biodiversidade do mundo que devem ser consideradas prioritárias para conservação. O presente estudo foi conduzido na Reserva Ecológica do Panga (REP) localizada a 30 km ao sul da cidade de Uberlândia em Minas Gerais. A REP é uma RPPN pertencente à Universidade Federal de Uberlândia e encontra-se entre as poucas unidades de conservação do Triângulo Mineiro. Possui 404 ha e apresenta diversas fitofisionomias do Bioma Cerrado. O presente trabalho tem como objetivo fazer um inventário da mastofauna de médio e grande porte que ocorrem na REP, avaliando o grau de importância dos remanescentes de Cerrado, utilizando como métodos de coleta de dados: parcelas de areia em transectos lineares, armadilhas fotográficas, observações diretas e procura de fezes, carcaças e tocas. As coletas foram iniciadas em novembro de 2007 e somam-se seis campanhas mensais realizadas, de um total previsto de 12 campanhas. Cada campanha tem duração de quatro dias, onde todas fitofisionomias são amostradas. 18 parcelas de areia distribuídas em trilhas nas principais fitofisionomia e duas armadilhas fotográficas, em operação contínua, auxiliam na detecção das espécies. Até o momento foram registradas 20 espécies de 12 famílias e sete ordens, sendo estas: *Didelphis albiventris, Mymercophaga tridactyla, Tamandua tertradactyla, Euphractus sexcinctus, Cabassous unicinctus, Dasypus novemcinctus, Cebus libidinosus,Callithrix penicillata, Sylvilagus brasiliensis, Leopardus pardalis, Puma concolor, Puma yagouaroundi, Cerdocyon thous, Chrysocyon brachyurus, Eira barbara, Nasua nasua, Procyon cancrivorus, Pecari tajacu, Mazama guazoubira, Ozotoceros benzoarticus e Cuniculus paca*. Entre estas espécies quatro estão ameaçadas em Minas Gerais sendo três classificadas como vulneráveis e uma como em perigo de extinção. Observou-se dentro da REP a presença de cachorro-doméstico e gado. A presença de animais domésticos, que podem afetar negativamente a comunidade silvestre, aliada a fragmentação no entorno, e a perda de habitat estão entre as principais ameaças para a fauna nativa local. Os resultados, ainda que preliminares, sugerem fortemente que a REP atua como importante área para conservação da fauna de mamíferos silvestres de médio e grande porte no Triângulo Mineiro.

Palavras-chave: Conservação, Parcelas-de-areia, Armadilhas-Fotográficas

LEVANTAMENTO PRELIMINAR DA MASTOFAUNA DE MÉDIO E GRANDE PORTE DE UM PEQUENO FRAGMENTO FLORESTAL NA REGIÃO DE LONDRINA. PR.

Thiago Alves Lopes de Oliveira (Estagiário/Ong Meio Ambiente Equilibrado/thiago.aloliveira@gmail.com)
Bruno Rodrigues Ginciene (Estagiário / Ong Meio Ambiente Equilibrado)
Daniel Caratti (Estagiário / Ong Meio Ambiente Equilibrado)
Diogo Fernando Saturno (Estagiário / Ong Meio Ambiente Equilibrado)
Guilherme Martins Sonehara (Estagiário / Ong Meio Ambiente Equilibrado)
Gustavo Baba (Estagiário / Ong Meio Ambiente Equilibrado)
Natasha Paganelli Vale (Estagiário / Ong Meio Ambiente Equilibrado)
Eduardo Issberner Panachão (Biólogo / Ong Meio Ambiente Equilibrado)
Marcelo Okamura Arasaki (Biólogo / Ong Meio Ambiente Equilibrado)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

As florestas da região de Londrina, norte do Paraná, sofreram intenso processo de fragmentação e degradação transformando a paisagem. A agricultura e a urbanização destacam-se como as principais causas destas transformações devido à rapidez e agressividade destes processos. Os ambientes florestais que restaram servem como refúgio para populações animais, porem o nível de isolamento e da capacidade suporte destes remanescentes torna as espécies susceptíveis à sua diminuição ou até mesmo à extinção local. O objetivo deste trabalho foi realizar o levantamento da mastofauna de médio e grande porte em um pequeno fragmento florestal particular na região de Londrina, PR, para embasar propostas de monitoramento da fauna e anexação de áreas legais com intuito de estabelecer corredores ecológicos. O fragmento analisado (Lat. 23°7'02"S/ Long. 51°07'78"S) possui 58 hectares de floresta estacional semidecidua, localizado na bacia do Rio Cambezinho. Utilizaram-se as metodologias de censo visual em transcectos lineares, parcelas de areia para o registro de pegadas e verificação de ambientes favoráveis a impressão de rastros e vestígios dos animais. Foram identificadas 16 espécies distribuídas em 7 ordens e 13 famílias: *Didelphis albiventris*, *Lutreolina crassicaudata*, *Dasypus novemcinctus*, *Euphractus sexcintus*, *Cebus nigritus*, *Nasua nasua*, *Procyon cancrivorus*, *Eira Barbara*, *Leopardus spp*., *Tayassu tajacu*, *Sciurus ingrami*, *Sphigurus villosus*, *Hidrochaeris hidrochaeris*, *Cuniculus paca*, *Dasyprocta azarae* e *Lepus europaeus*. O fragmento encontra-se inserido em uma matriz rural, e por possuir uma área permanentemente alagada margeando a sua região florestada, propicia mais habitats diferenciados. Apesar de se tratar de uma área pequena, este fragmento apresenta uma grande riqueza de espécies, prevalecendo animais de hábitos generalistas. Como os mamíferos de médio e grande porte podem ser considerados indicadores ambientais, este resultado demonstra a importância da conservação de pequenos fragmentos florestais e possibilita a criação de propostas de anexação, recuperação e estabelecimento de corredores ecológicos. Estas medidas conservacionistas interferem nos processos ecológicos a fim de garantir a proteção e o aumento de habitats. A conexão e a permeabilidade da paisagem viabilizam fluxo gênico, aumento dos recursos alimentares e reprodução para a manutenção da comunidade de mamíferos nos ambientes fragmentados.

Palavras-chave: Levantamento, mastofauna, corredor ecológico, conservação

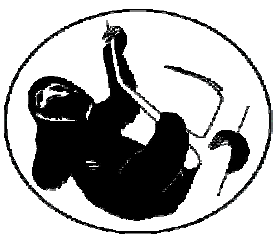
INVENTÁRIO DA FAUNA DE PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO-VOADORES DO PARQUE AMBIENTAL DE BELÉM, MUNICÍPIO DE BELÉM. ESTADO DO PARÁ

Alex Ruffeil Cristino (Laboratório de Mastozoologia/MPEG)
Tamara Almeida Flores (Laboratório de Mastozoologia/MPEG/tamaraflores@gmail.com)
Rogério Vieira Rossi (Laboratório de Mastozoologia/MPEG)
Victor Fonsêca da Silva (Laboratório de Mastozoologia/MPEG)
Cleuton Lima Miranda (Laboratório de Mastozoologia/MPEG)
Ana Karolina Ferreira Pereira (Laboratório de Mastozoologia/MPEG)
Melchior Ruano Sanches (Laboratório de Mastozoologia/MPEG)
Liliane Souza Conceição (Laboratório de Mastozoologia/MPEG)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

O município de Belém está incluído na área de endemismo denominada Belém, que abrange 199.211 km². No entanto, apenas 17,66 % desta área corresponde a unidades de conservação, sendo 1,4 % sob proteção integral. O Parque Ambiental de Belém (PAB) possui uma área de 1.300 ha, localizando-se na área metropolitana deste município. Apesar de concentrar os maiores centros de pesquisa do Pará, a região de estudo conta com apenas três inventários de sua mastofauna, realizados entre as décadas de 1950 e 19970. Nos períodos de 01 a 26 de agosto de 2007 (estação seca) e 11 de janeiro a 04 de fevereiro de 2008 (estação chuvosa) foi realizado um inventário de pequenos mamíferos nãovoadores do PAB. Foram utilizadas armadilhas de queda constituídas por baldes de 60 litros e armadilhas convencionais do tipo Sherman e gaiola, dispostas uniformemente em três estratos verticais da floresta (chão, sub-bosque e dossel), sendo o último utilizado somente na primeira campanha de campo. Estas armadilhas foram distribuídas em oito sítios de coleta, totalizando um esforço de amostragem de 4000 baldes-noite e 1930 armadilhasnoite. Além disso, foi realizado o levantamento dos exemplares de pequenos mamíferos não-voadores provenientes da região de Belém, depositados na Coleção de Mastozoologia do Museu Paraense Emílio Goeldi, coletados entre as décadas de 1900 e 1990, com o objetivo de comparar a comunidade atual existente na área de estudo com aquela existente em períodos anteriores a 1990. Foram capturados 43 espécimes pertencentes a 10 espécies, sendo quatro da Ordem Didelphimorphia: *Marmosops cf. pinheiroi* (N=12), *Micoureus demerarae* (N=6), *Philander opossum* (N=6) e *Marmosa Murina* (N= 2); e seis da Ordem Rodentia: *Oecomys paricola* (N=8), *Oecomys roberti* (N=3), *Proechimys roberti* (N=2), *Nectomys melanius* (N=1), *Hylaeamys megacephalus* (N=1) e *Oligoryzomys* sp. (N=1). Dentre estas, 11 foram coletadas em armadilhas convencionais e 32 em armadilhas de queda, resultando em um sucesso de captura de 0,75 % e 0,8 %, respectivamente. O inventário atual não apresentou 13 espécies, cinco de marsupiais e oito de roedores, que haviam sido coletadas anteriormente. Estes resultados sugerem que a fauna atual de pequenos mamíferos não-voadores parece representar apenas uma amostra da diversidade que já ocorreu nesta área, e que a urbanização do município de Belém vem afetando de forma negativa a comunidade de pequenos mamíferos não-voadores do PAB.

Palavras-chave: Inventário, Pequenos mamíferos, Belém.

Financiadores: CNPq e Beca

FAUNA DE PEQUENOS MAMÍFEROS TERRESTRES DE TRÊS REGIÕES DE ALTITUDES ELEVADAS DO CERRADO

Luciana Guedes Pereira (Lab. Biol. Paras. Mam. Silvestres Reservatórios / FIOCRUZ / luciana@gpereira.bio.br)
Cibele Rodrigues Bonvicino (Lab. Biol. Paras. Mamíferos Silvestres Reservatórios / FIOCRUZ)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

Análise da composição de espécies têm sido importante para estudos zoogeográficos, assim como inventários faunísticos associados a estudos genéticos em áreas de altitude elevadas. Tais estudos têm revelado espécies de roedores endêmicas de altitudes elevadas e mostrado que a semelhança genética entre populações de regiões de altitudes elevadas é grande, apesar de localizadas em áreas distantes entre si. Durante o presente estudo foi realizado um levantamento dos pequenos mamíferos terrestres, através de revisão bibliográfica e análise do material depositado em coleções científicas em três parques nacionais localizados em áreas de altitude elevadas em três diferentes domínios morfoclimáticos. Cinqüenta e sete espécies de pequenos mamíferos terrestres foram catalogadas, algumas compartilhadas pelas três áreas estudadas. Foram registradas 32 espécies de roedores e marsupiais para Chapada Diamantina (CD), 19 para Chapada dos Veadeiros (CV) e 30 para Serra do Cipó (SC). Apenas cinco espécies (8,7%) foram encontradas nas três áreas (*Didelphis albiventris*, *Gracilinanus agilis*, *Monodelphis domestica*, *Necromys lasiurus* e *Oligoryzomys rupestris*). Comparando a riqueza de espécies das áreas duas a duas, foi observado que a similaridade faunística entre as Chapadas (CD e CV) é de 22% (nove espécies comuns a estas áreas), entre CD e SC é de 25,5% (13 espécies comuns a estas áreas), e entre CV e SC é de apenas 11,36% (cinco espécies comuns a estas áreas). Uma das possíveis explicações para uma maior similaridade entre Chapada Diamantina e Serra do Cipó é histórica, já que ambas fazem parte do mesma planalto (Serra do Espinhaço), enquanto que a Chapada dos Veadeiros faz parte do Planalto Central Goiano (Serra Geral do Paranã), estando esses dois planaltos separados pelo rio São Francisco. Apesar de localizadas em domínios morfoclimáticos distintos, Caatinga (CD), Cerrado (CV) e Mata Atlântica (SC), essas três áreas apresentam similaridades, compartilhando fisionomias vegetais características de altitudes elevadas, como os campos rupestres. Quatro das espécies que ocorrem nessas três áreas possuem ampla distribuição geográfica e ocorrem em várias altitudes e fisionomias vegetais. Uma delas, *Oligoryzomys rupestris*, parece ser endêmica de campos rupestres, servindo como espécie testemunha de uma época em que essas áreas eram conectadas por vegetação semelhante aos atuais campos rupestris. Estes dados mostram também que a altitude e a vegetação podem influenciar na distribuição das espécies ao longo de diferentes domínios morfoclimáticos.

Palavras-chave: Rodentia, Didelphimorphia, comparação faunística

Financiadores: CNPq

CBMz

LEVANTAMENTO E CENSO DE MAMÍFEROS CINEGÉTICOS NO PARQUE ESTADUAL TURÍSTICO DO ALTO RIBEIRA (PETAR), SP

Fernanda de Almeida Meirelles (Lab. de Biologia da Conservação/ IB UNESP- RC/ fermeirelles@gmail.com)
Mauro Galetti (Lab. de Biologia da Conservação/ IB UNESP- RC)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

Durante os meses de dezembro de 2006 a fevereiro de 2008, realizamos um levantamento quantitativo e qualitativo da fauna de mamíferos cinegéticos de médio a grande porte, presentes em dois núcleos do Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (PETAR), SP. Esta Unidade de Conservação é uma das maiores de toda a Mata Atlântica (35.712 ha), constituindo mais de 28% da grande reserva da Serra de Paranapiacaba. O trabalho segue o mesmo protocolo de amostragem do projeto BIOTA Fapesp (01/14463-5), tendo o objetivo de realizar um levantamento da diversidade das espécies de mamíferos cinegéticos, estimando sua abundância relativa (ind/10km), densidade, biomassa e tamanho populacional. Para o levantamento qualitativo foram utilizadas identificação de pegadas, carcaças, rastros e observações ad libitum. Já o levantamento quantitativo foi obtido pelo método de transecções lineares. Para o cálculo da largura efetiva da área amostral das trilhas utilizamos o programa DISTANCE e a densidade (ind/km²) foi obtida apenas para as espécies avistadas mais de quatro vezes. Sete transectos foram analisados, totalizando 256,60 km de amostragem percorridos. Durante os censos evidenciamos através de avistamentos a presença de 6 espécies de mamíferos, totalizando 66 indivíduos (2,57 ind/10km). A espécie mais registrada foi o macaco prego (*Cebus nigritus*), com um total de 50 indivíduos avistados (abundância relativa de 1,95 ind/10km e densidade de 3,05 ind/km²). Já as espécies que obtiveram o menor número de avistamentos durante os censos foram o bugio (*Alouatta guariba*) e o cateto (*Pecari tajacu*), cada um com 0,08 ind/10km. É importante ressaltar que o PETAR é uma das últimas UCs do estado de São Paulo que ainda abriga uma diversidade faunística importante (como catetu, jacutinga, anta e o muriqui) e uma das poucas populações de onça pintada (*Panthera onca*). Juntamente com outras três UCs (P.E. de Intervales, E.E. de Xitué e P.E. Carlos Botelho), o parque estudado totaliza 125.783 ha de área de floresta contínua e protegida. Embora o presente trabalho tenha constatado uma baixa densidade e um baixo tamanho populacional das espécies estudadas, é importante ressaltar que este Parque é imprescindível para que o corredor da Serra de Paranapiacaba continue sendo uma área de mata continua. Porém, existem algumas ameaças que podem afetar a integridade ecológica do PETAR, já que uma parcela da população que reside dentro da unidade ainda praticam atividades que vão contra os propósitos de uma Unidade de Conservação, realizando a extração de palmito (*Euterpe edulis*) e a caça.

Palavras-chave: Mata Atlântica, mastofauna, conservação, corredores

Financiadores: Fapesp

CARACTERIZAÇÃO DA MASTOFAUNA DO PARQUE ESTADUAL DE NOVA BADEN, MINAS GERAIS

Rodolfo Stumpp (Museu de Zoologia João Moojen / DBA / UFV / rastumpp@gmail.com)
Maria Clara do Nascimento (Museu de Zoologia João Moojen / DBA / UFV)
Clever C. G. Pinto (Programa de Pós-graduação em Ecologia Aplicada / UFLA)
Gisele Lessa (Museu de Zoologia João Moojen / DBA / UFV)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

O Parque Estadual de Nova Baden (PENB), situado no município de Lambari, está localizado no Circuito das Águas do sul de Minas Gerais, estando inserido no bioma da Mata Atlântica. O parque possui hoje 214,47 hectares, fazendo limite com a Reserva Biológica de Santa Clara (município de Cambuquira) e com áreas agropastoris. Com o objetivo de caracterizar a mastofauna do PENB, foram feitos levantamentos tanto para pequenos quanto médios e grandes mamíferos. Para a amostragem de pequenos mamíferos foram utilizadas redes de neblina e pitfalls, enquanto a coleta de dados para médios e grandes mamíferos ocorreu através de rondas noturnas, buscando visualizações, vocalizações e vestígios indiretos (pegadas, fezes e pêlos). Além disso, foram realizadas entrevistas com pessoas da região. No total foram diagnosticadas 29 espécies no PENB, pertencentes a 7 ordens e 17 famílias. As espécies diagnosticadas por registros diretos foram: *Artibeus lituratus, Carollia perspicillata, Glossophaga soricina, Eptesicus brasiliensis, Monodelphis americana, Sylvilagus brasiliensis, Alouatta guariba, Callithrix aurita, Cebus nigritus, Akodon cursor, Blarinomys braviceps, Juliomys* sp., *Calomys callosus, Oligoryzomys nigripes, Oxymycterus dasytrichus, Thaptomys nigrita* e *Sciurus aestuans*.Os registros indiretos e entrevistas somaram a estas espécies as seguintes: *Cerdocyon thous, Chrysocyon brachyurus, Puma concolor, Puma yagouaroundi, Eira barbara, Nasua nasua, Procyon cancrivorus, Didelphis aurita, Callicebus nigrifrons, Hydrochoeris hidrochaeris, Cuniculus paca* e *Coendou prehensis*. Esta riqueza ainda é subestimada, devido ao baixo número amostral, nesse caso os dias de coleta de dados. Sendo assim, um maior número de espécies é esperado para a área. Vale ressaltar que no PENB foi verificada a presença de três espécies da fauna brasileira ameaçada de extinção, *C. aurita, C. brachyurus* e *P. concolor*. Essas espécies necessitam de atenção especial, pois seu desaparecimento pode pôr fim a processos ecológicos essenciais, inclusive à sobrevivência de outras espécies.

Palavras-chave: diversidade, levantamento, Mata Atlântica, mamíferos

RIQUEZA DE MAMÍFEROS MEDIANOS E GRANDES EM UMA ÁREA MILITAR - COUDELARIA DE RINCÃO - SÃO BORJA, RIO GRANDE DO SUL

Alberto Senra (URI Campus Santiago - alberto.senra@gmail.com)
Diego Queirolo (IB - USP)
Cibele Indruziak (IBAMA)
Graziela Dotta (Project Northern Pampas Carnivores)
Thiago Silva (URI Campus Santiago)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

O Bioma Pampa representa cerca de 60% do território do estado do Rio Grande do Sul, ocupando a porção sul do mesmo. Trata-se de uma região altamente ameaçada por atividades agropecuárias, devido ao fato que 95% de sua extensão é composta por campos naturais e pradarias propícios à realização deste tipo de atividades. Aliado a isto, é uma região que apresenta escassez de estudos relacionados ao levantamento de biodiversidade, com várias áreas enquadradas como de alta prioridade, na mais recente Avaliação de Ações Prioritárias para Conservação dos Biomas Brasileiros. Durante o mês de julho de 2007, realizou-se um levantamento preliminar das espécies de mamíferos de médio e grande porte na Coudelaria do Rincão e áreas vizinhas. A Coudelaria do Rincão é uma área do Ministério da Defesa, Exército Brasileiro, de aproximadamente 15.000ha. Situada a 580 km de Porto Alegre e cerca de 65 km de São Borja. Os métodos de amostragem utilizados foram armadilhamento fotográfico (com um esforço amostral de 128 armadilhas/noite), busca ativa por vestígios e entrevistas com moradores da região. Como resultado, foram registradas 15 espécies, destacando-se o veado-campeiro (*Ozotoceros bezoarcticus*) com duas únicas populações registradas para o Rio Grande do Sul, uma no Parque Nacional Aparados da Serra e a outra na região deste estudo (constatando-se uma expansão de sua área de ocorrência mais para o norte em relação a estudos prévios). Destaca-se também o registro de espécies cujo limite sul de distribuição ocorre nos Pampas como é o caso da paca (*Cuniculus paca*) e do coati (*Nasua nasua*), além daquelas que ocorrem somente no noroeste deste bioma, como é o caso do bugio-preto (*Alouatta caraya*). Também foram observadas espécies mais comuns tais como gambá-de-orelha-branca (*Didelphis albiventris*), graxaim-do-campo (*Lycalopex gymnocercus*), mão-pelada (*Procyon cancrivorus*), zorrilho (*Conepatus chinga*), furão (*Galictis cuja*), lontra (*Lontra longicaudis*), veado-catingueiro (*Mazama gouazoubira*), capivara (*Hydrochoeris hydrochaeris*), ratão-do-banhado (*Myocastor coypus*) e lebre (*Lepus europaeus*). A espécie mais comumente registrada foi o graxaim-do-campo. A partir desse primeiro levantamento, serão estabelecidas outras áreas para a realização das atividades de campo, baseando-se principalmente no mapa de áreas prioritárias.

Palavras-chave: Mastofauna, Bioma Pampa, Rio Grande do Sul, espécies ameaçadas

PEQUENOS MAMÍFEROS DO PARQUE ESTADUAL DA PEDRA BRANCA, RJ: LEVANTAMENTO PRELIMINAR

Paulo Sérgio D'Andrea (LABPMR / IOC / FIOCRUZ / dandrea@ioc.fiocruz.br)
Bernardo Rodrigues Teixeira (LABPMR / IOC / FIOCRUZ)
Fabiano Araújo Fernandes (UFRGS)
Júlio Fernando Vilela (LBDM, Dep Genética / UFRJ; PPGEN / UFRJ Doutorado CNPq; Museu Nacional / UFRJ)
Vanderson Corrêa Vaz (LABPMR / IOC / FIOCRUZ)
Tiago Rodrigues de Arantes (LABPMR / IOC / FIOCRUZ)
Rosana Gentile (LABPMR / IOC / FIOCRUZ)
Ana Maria Jansen (LABTrip / IOC / FIOCRUZ)
Cibele Rodrigues Bonvicino (LABPMR / IOC / FIOCRUZ; Depto de Genética / INCA)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

O Parque Estadual da Pedra Branca é de grande interesse para estudos eco-epidemiológicos por se tratar de uma área preservada inserida dentro de um ambiente altamente urbanizado, cidade do Rio de Janeiro, estando sob efeitos antrópicos em seu entorno. O contato de populações humanas com ciclos silvestres de parasitas é a principal causa da emergência de doenças de origem zoonótica. Neste caso, muitas espécies de pequenos mamíferos têm sido apontadas como reservatórios naturais de parasitas que afetam o homem. Os objetivos do trabalho foram conhecer a diversidade de pequenos mamíferos de duas áreas florestais do Parque Estadual da Pedra Branca em Jacarepaguá, Estado do Rio de Janeiro: Campus Fiocruz da Mata Atlântica e Sede Pau-da-Fome, e avaliar as taxas de infecção por *T. cruzi* nos marsupiais. O sucesso de captura total foi de 1,3%. Na Sede Pau-da-Fome foram registradas as espécies de marsupiais *Didelphis aurita* (08), *Metachirus nudicaudatus* (10), *Micoureus demerarae* (01) e *Gracilinanus microtarsus* (01). No Campus Fiocruz da Mata Atlântica foram registrados os marsupiais *Didelphis aurita* (42), *Monodelphis americana* (01), *Micoureus demerarae* (01) e *Gracilinanus microtarsus* (01), e os roedores *Akodon cursor* (07), *Oligoryzomys nigripes* (04) e *Sphiggurus villosus* (01). Observou-se ausência de roedores em habitats de interior de florestas, sendo os espécimes capturados em áreas abertas em bordas de capões de mata. Com exceção de *D. aurita* que foi capturado em alta abundância principalmente nas áreas mais antropizadas (Campus Fiocruz), todas as espécies de marsupiais foram capturadas em transectos distantes das áreas com presença humana. Entre os gambás observouse uma taxa de 12% de infecção por *T. cruzi*. Os resultados apontam um alto grau de impacto no ambiente, com redução expressiva da riqueza de espécies de pequenos mamíferos nas áreas estudadas, principalmente das espécies de roedores, e uma elevação nos tamanhos populacionais de *D. aurita*. Considerando-se suas altas densidades observadas na área e hábitos peri-domiciliares, *D. aurita* pode estar desempenhando um importante papel na disseminação de parasitas de circulação doméstica para o meio silvestre e vice-versa, além de atuar como reservatório na manutenção do ciclo silvestre do *T. cruzi* na região. Estes resultados apontam para a necessidade de estudos de longo prazo sobre a diversidade da mastofauna da região e suas taxas de infecção, avaliando-se o impacto das atividades humanas na conservação das espécies de mamíferos do Parque e no risco de emergência de zoonoses.

Palavras-chave: Pequenos Mamíferos, Parque Estadual da Pedra Branca, Mata Atlântica

Financiadores: FIOCRUZ, Geodatum

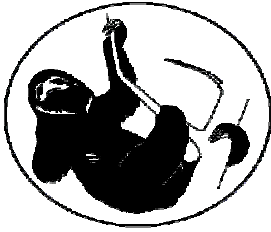
EFICIÊNCIA DE ARMADILHAS DO TIPO PITFALL PARA LEVANTAMENTO DE PEQUENOS MAMÍFEROS TERRESTRES NO PARQUE DO GAFANHOTO, DIVINÓPOLIS, MG

Helbert Antonio Botelho (Parque do Gafanhoto / FUNEDI / helbert.bio@hotmail.com)
Milena Wachlevski (Fundação Educacional de Divinópolis / Universidade do Estado de Minas Ge)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

Armadilhas de queda (pitfalls) com cerca guia têm sido amplamente utilizadas em levantamentos mastofaunísticos, uma vez que a maioria dos pequenos mamíferos possui atividade noturna, de difícil observação direta. Estas armadilhas capturam espécies que raramente são detectadas pelo uso de armadilhas comuns. O presente trabalho tem como objetivo avaliar a eficiência de armadilhas pitfalls para levantamento de pequenos mamíferos terrestres em um fragmento de Cerrado em Divinópolis/MG. O estudo foi realizado de setembro/2006 a agosto/2007 no Parque Florestal do Gafanhoto, Divinópolis/MG, que possui 19,2ha. Para amostrar os pequenos mamíferos foram instaladas duas linhas com oito armadilhas pitfall (baldes de 65L), distanciadas dez metros entre si. As armadilhas foram abertas a cada onze dias, vistoriadas por três dias consecutivos. Para cada indivíduo capturado foi feita a identificação e biometria. Espécimes testemunho foram depositados no Museu de Ciências Naturais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Foram feitos o cálculo de esforço amostral, e analisado o sucesso de captura. Com um esforço amostral de 1.248 armadilhas-dia em 12 meses de coletas, foram capturados 110 indivíduos, distribuídos em seis espécies de roedores (*Necromys lasiurus*, *Oligoryzomys* sp., *Oligoryzomys rupestris*, *Oryzomys subflavus*, *Rhipidomys mastacalis* e *Rattus rattus*) e três espécies de marsupiais (*Didelphis albiventris*, *Gracilinanus agilis* e *Monodelphis americana*). Os resultados mostram um sucesso de captura de 8,8%, e a curva de acúmulo de espécies aproximou-se da estabilização, indicando que a maior parte da fauna de pequenos mamíferos terrestres foi amostrada. O sucesso de captura apresentado foi parecido a outros trabalhos realizados no Cerrado com a mesma armadilha e superiores a alguns trabalhos realizados com armadilhas de gaiola iscada em Mata Atlântica e Cerrado com sucessos de capturas variando entre 3 e 7%. Trabalho feito por Umetsu et al., 2006 (Journal of Mammalogy 87: 757-765) mostrou que armadilhas pitfall capturaram duas vezes mais indivíduos e três vezes mais espécies que armadilhas Sherman. Pardini e Umetsu, 2006 (Biota Neotropica. 06: 02) apontam que o número elevado de espécies registrado em seu trabalho está provavelmente relacionado ao uso de pitfalls, se comparado com armadilhas de gaiola. A eficiência de captura nas armadilhas pitfall pode acontecer por dois motivos: Primeiro; armadilhas pitfalls não dependem de iscas para atrair os animais, capturando-os quando passam pela armadilha. Segundo; armadilhas iscadas capturam um indivíduo por vez, enquanto pitfalls permitem que caiam vários indivíduos na mesma armadilha. Os resultados apresentados realçam a eficiência de armadilhas do tipo pitfalls para levantamentos mastofaunísticos.

Palavras-chave: pequenos mamíferos, pitfalls, fragmento

Financiadores: Fundação Educacional de Divinópolis/Universidade Estadual de Minas Gerais

MAMÍFEROS DO PARQUE ESTADUAL DO DESENGANO, RIO DE JANEIRO, BRASIL

Tássia Jordão-Nogueira (Lab. Ecologia Pequenos Mamíferos / UERJ / tassiajordao@yahoo.com.br)
Thiago Carvalho Modesto (Lab. Ecologia de Pequenos Mamíferos / UERJ)
Hermano Gomes Albuquerque (Lab. Ecologia de Pequenos Mamíferos / UERJ)
Flávia Soares Pessoa (Lab. Ecologia de Pequenos Mamíferos / UERJ)
Maria Carlota Enrici (Depto. Ecologia / UERJ)
Nina Attias (Lab. Ecologia de Pequenos Mamíferos / UERJ)
Luciana de Moraes Costa (Lab. Diversidade de Morcegos / UFRRJ)
Wagner Silva Souza (Lab. Ecologia de Pequenos Mamíferos / UERJ)
Helena de Godoy Bergallo (Lab. Ecologia de Pequenos Mamíferos / UERJ)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

Mesmo após a devastação de grande parte das suas matas, o Estado do Rio de Janeiro ainda possui uma grande riqueza de mamíferos terrestres. Contudo, a mastofauna do Estado é considerada pouco conhecida. Este estudo tem como objetivo inventariar os mamíferos do Parque Estadual do Desengano analisando aspectos da estrutura da comunidade de pequenos mamíferos. O Parque Estadual do Desengano possui uma área de 22.400 ha e compreende porções características de Floresta Ombrófila Densa Submontana, Montana e Campos de altitude. O inventário foi realizado utilizando armadilhas do tipo Sherman e Tomahawk, armadilhas de queda, redes de neblina, avistamentos e relatos de moradores e funcionários do Parque. Foram registradas 56 espécies de mamíferos, das quais 15 constam na lista da fauna ameaçada de extinção do Estado do Rio de Janeiro e 10 na lista da fauna brasileira ameaçada de extinção. As espécies mais abundantes foram *Sturnira lilium* e *Akodon serrensis*, porém especial destaque foi dado a *Thaptomys nigrita*. Entre a fauna ameaçada destacamos a presença de *Brachyteles arachnoides*. Mesmo com o pequeno esforço amostral empregado, a área apresenta-se extremamente rica, com uma porção representativa dos mamíferos da Mata Atlântica e do Estado do Rio de Janeiro. Acreditamos que muitas outras espécies pertencentes principalmente às ordens Chiroptera e Rodentia estão abrigadas na região do Parque Estadual do Desengano e que um aumento no esforço amostral adicionará mais espécies a lista de mamíferos do Parque.

Palavras-chave: Mata Atlântica, Biodiversidade, Mastofauna

Financiadores: Fundo de Parcerias para Ecossistemas Críticos (CEPF) e Aliança para Conservação da Mata

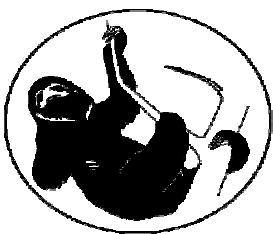
LEVANTAMENTO POPULACIONAL DA MASTOFAUNA EM RESERVA DE MATA ATLÂNTICA NA ZONA DA MATA MINEIRA (MATA DO PARAÍSO, VIÇOSA, MG)

Thyara de Deco Souza (Depto de Veterinária da UFV)
Gediendson Ribeiro de Araujo (Depto de Veterinária da UFV)
Carla Sarkis Toledo (Depto de Veterinária da UFV)
Mônica R. Almeida (Depto de Veterinária da UFV)
João Bosco Gonçalves de Barros (Depto de Veterinária da UFV)
Maytê Koch Balarini (Depto de Veterinária da UFV - maytebio@yahoo.com.br)
Tarcízio Antônio Rego de Paula (Depto de Veterinária da UFV)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

A Mata Atlântica pode ser vista como um mosaico diversificado de ecossistemas e embora apresente altos índices de biodiversidade e endemismo, é o segundo ecossistema mais ameaçado do mundo. Por sua localização predominantemente litorânea, foi alvo de forte pressão antrópica desde o descobrimento do Brasil. Atualmente, restam cerca de 7,3% de sua cobertura florestal original. Esses fatores foram decisivos para gerar o atual padrão de distribuição das florestas na Zona da Mata de Minas Gerais, em pequenos fragmentos secundários. O presente trabalho objetivou fazer o levantamento qualitativo da mastofauna na Unidade de Conservação da Universidade Federal de Viçosa (Mata do Paraíso). A Mata do Paraíso possui 194,36ha e é formada por mata secundária em estágios médio e avançado de sucessão. O levantamento qualitativo dos mamíferos de médio e grande porte da área foi feito por meio da identificação de pegadas observadas em parcelas, dispostas ao longo do acero do fragmento florestal, e ao longo das trilhas. Observaram-se também rastros como tocas e carcaças encontradas nas incursões. Foram dispostas 20 parcelas de dois metros quadrados de área, a uma distância de cem metros entre si. Durante o período de um ano as parcelas eram limpas no dia anterior ao da identificação das pegadas, para melhor visualização das mesmas. Foram identificadas nas parcelas pegadas de 101 animais sendo 11 espécies diferentes, dentre elas: jaguatirica (*Leopardus pardalis*), paca (*Cuniculus paca*), cachorro-do-mato (*Cerdocyon thous*), tamanduá mirim (*Tamandua tetradactyla*), além de lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) e gambá (*Didelphis aurita*). Durante as incursões foram identificadas também tocas de tatu peba (*Euphrafctus sexcinctus*) e tatu galinha (*Dasypus novemcinctus*). Este estudo demonstra a diversificação da mastofauna encontrada na Mata do Paraíso, com presença de mamíferos de todos os níveis tróficos. Os carnívoros, topo de cadeia alimentar, são espécies chave de um ecossistema uma vez que estes animais além de regularem a população de suas presas influenciam indiretamente nas populações animais e vegetais relacionadas a estas. A presença de carnívoros na Mata do Paraíso, portanto, é um indicativo de higidez deste ecossistema. A identificação de pegadas de lobo-guará, espécie tipicamente de cerrado, no acero da reserva é um indicativo de que estes animais têm usado ecossistemas diferentes do seu natural, altamente devastado, provavelmente como novas áreas de forrageio e abrigo.

Palavras-chave: Mata Atlântica, mamíferos, identificação de pegadas.

Financiadores: FAPEMIG

LISTA PRELIMINAR DOS MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE DA RESERVA FLORESTAL DA EMBRAPA/EPAGRI. CACADOR. SANTA CATARINA

Marcos Adriano Tortato (CAIPORA Cooperativa e PPGECO-UFPR/ marcostortato@hotmail.com)
Maria Augusta Rosot (EMBRAPA FLORESTA / Colombo-PR)
Yeda Maria Malheiros de Oliveira (EMBRAPA FLORESTA / Colombo-PR)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

O conhecimento sobre a ocorrência e distribuição dos mamíferos de médio e grande porte do estado de Santa Catarina é considerado incipiente, especialmente nas formações de floresta ombrófila mista. Assim, este trabalho tem como objetivo apresentar uma lista preliminar das espécies presentes na Reserva Florestal da Embrapa/Epagri (RFEE), formada por floresta de araucária em bom estado de conservação, localizada no município de Caçador, região norte do estado. Entre agosto de 2007 e abril de 2008 foram realizadas cinco saídas á campo, com duração de cinco dias cada. Em cada saída foram percorridos aproximadamente 40 km a pé, por estradas e trilhas. Adicionalmente foram instaladas armadilhas fotográficas e realizadas entrevistas com moradores locais. Os mamíferos foram registrados por observação direta (a), recuperação de vestígios (b1 para pegadas, b2 para fezes e b3 para carcaça), entrevistas (c) e armadilhas fotográficas (aprox. 100 armadilhas-dia) (d). Foram registradas 26 espécies de mamíferos nativos, incluídas em 15 famílias: *Didelphis albiventris* (a, b3, c), *Dasypus novemcinctus* (a, b1, c), *Dasypus septemcintus* (c), *Cabassous tatouay* (a, b1, c), *Tamandua tetradactyla* (b1, c), . *Alouata guariba* (a, c), *Cebus nigritus* (a, b1, b2, c), *Cerdocyon thous* (a, b1, b2, c, d), *Leopardus pardalis* (b1, c), *Leopardus tigrinus* (a, b1, b2, c, d), *Leopardus wiedii* (b1, b2, c), *Herpailurus yagouaroundi* (c), *Puma concolor* (b3, c), *Galictis cuja* (c), *Eira barbara* (b1, c), *Conepatus chinga* (c), *Nasua nasua* (a, b1, c, d), *Procyon cancrivorus* (b1, c), *Pecari tajacu* (b1, c), *Mazama americana* (a, b1, c), *Mazama guazoubira* (c), *Mazama nana* (a) *Sphiggurus villosus* (b3), *Cuniculus paca* (b1, c), *Dasyprocta azarae* (a, b1, c, d), *Myocastor coypus* (b3, c). Apesar do relato dos moradores sobre as espécies ocorrentes ser maior do que o citado foi considerado aquelas de ocorrência potencial. Entre os mamíferos selvagens exóticos foi registrada a lebre (*Lepus europeus* ? a, b2, c) e o javali (*Sus scrofa* ? a, c). Além destes, foi avistado e fotografado porcos domésticos asselvajados (*Sus scrofa domestica*). Relatos de antigos moradores apontam a ocorrência do *Myrmecophaga tridactyla* e *Chrysocyon brachyurus*, mas ainda não foi encontrada nenhuma evidência segura que aponte a existência destes mamíferos na região. Das espécies de ocorrência confirmada para RFEE, merece atenção as listadas como ameaçadas de extinção pelo IBAMA e IUCN, como *Leopardus pardalis*, *L. tigrinus* e *Mazama nana*. Destas, a última sofre mais ameaças, por ser uma espécie cinegética bastante apreciada por caçadores.

Palavras-chave: Armadilha fotográfica, Espécies ameaçadas, Floresta Ombrófila Mista

Financiadores: Pesquisa parcialmente financiada através do projeto Cnpq nº 472569/2004-0

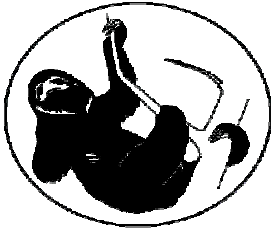
REGISTRO DE MAMÍFEROS EM ESTUDO DE AVALIAÇÃO AMBIENTAL NO ENTORNO DA BR 317, MUNICÍPIO DE BOCA DO ACRE - AM. BRASIL

Camila de Lima Faustino (Ciências Biológicas-UFAC - milafau@ig.com.br)
Juliana Bragança Campos (Horizonte Engenharia Ambiental)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

Atualmente, devido à grande alteração dos ambientes naturais promovidas pelo homem, tornou-se necessário o desenvolvimento de estudos para avaliação dos impactos gerados pela implantação de empreendimentos humanos, sendo uma exigência dos órgãos ambientais. Além de servir para avaliar os impactos de um determinado empreendimento sobre a fauna e a flora locais, os dados obtidos, podem contribuir para o conhecimento da distribuição e ecologia das espécies. Desta forma, o presente trabalho tem por objetivo divulgar os registros de mamíferos obtidos em estudo de avaliação ambiental de curta duração desenvolvido no município de Boca do Acre - AM no entorno da BR 317. A área de estudo compreende Floresta Secundária e Floresta Aberta com Palmeiras. A rodovia encontra-se inserida em uma região de desenvolvimento agropecuário, por tanto, alguns pontos amostrados incluem áreas que já sofreram ação antrópica. As atividades foram realizadas no mês de Janeiro de 2008, referente à estação chuvosa e no mês de Abril de 2008 foram realizadas as coletas referentes ao início da estação seca, totalizando 22 dias de trabalho em campo. Foram selecionados alguns pontos representativos para amostragem e empregadas as seguintes metodologias: (1) procura ativa; (2) entrevistas com moradores locais; (3) registros visuais; (4) identificação de vestígios; e (5) captura com armadilhas do tipo *Sherman* e redes de neblina para mamíferos voadores. Foram registradas 60 espécies de mamíferos, das quais 36 tiveram registros confirmados visualmente, por seus vestígios ou por captura, as outras 24 espécies foram registradas apenas por entrevista. Houve um total de 26 famílias distribuídas em 11 ordens. Rodentia foi à ordem com maior número de espécies registradas, 15 espécies e dentre elas destacou-se *Proechimys simonsi* (n=29). Logo em seguida vem a ordem Carnívora, com 12 espécies registradas, mas apenas as espécies *Puma yaguarondi* (n=1) e *Lontra longicaudis* (n=1) foram visualizadas, a maioria dos registros foram realizados através de entrevistas. O maior sucesso de roedores e carnívoros é reflexo da metodologia utilizada, os pequenos roedores são bastante dependentes do uso de armadilhas com iscas e os carnívoros são facilmente reconhecidos por moradores locais. A ordem Chiroptera foi representada por 9 espécies, com maior registro para *Carollia perspicillata* (n=11). Apesar das lacunas na riqueza de mamíferos, a divulgação dos dados obtidos em estudos de avaliação ambiental permite aumentar o conhecimento sobre as espécies, e o acúmulo desses dados possibilitará avaliações posteriores mais abrangentes sobre prioridades de pesquisa e conservação dos mamíferos numa dada região.

Palavras-chave: levantamento, mamíferos, Amazônia, Norte do Brasil.

Financiadores: Horizonte Engenharia Ambiental LTDA

MAMÍFEROS TERRESTRES NÃO VOADORES DA RESTINGA DA BAIXADA DO MACIAMBU, PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO TABULEIRO, SANTA CATARINA, SUL DO BRASIL

Marcos A. Tortato (UFPR e Caipora Coop. para Conservação da Natureza)
Hugo B. Mozerle (Graduando do Curso de Ciências Biológicas da UFSC/ hbmbio@yahoo.com.br)
Carlos H. Salvador (LECP/PPGE/UFRJ e Caipora Coop. p/ Conserv.a Natureza)
Victor F. Batista (Graduando do Curso de Turismo, UNISUL)
Luiz Gustavo R. Oliveira-Santos (Programa de Pós-Grad. Ecologia UFMS)
Jorge J. Cherem (Caipora Cooperativa para Conservação da Natureza)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

A mastofauna de Santa Catarina é pouco conhecida e os estudos bem conduzidos abordando a ocorrência do grupo em áreas de restinga são escassos. Este trabalho tem como objetivo listar as espécies ocorrentes na restinga do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, localizada no município de Palhoça, região centro-leste do estado de Santa Catarina, sul do Brasil. A restinga é predominantemente herbáceo-arbustiva, com arbustos e poucas árvores nas áreas mais secas sobre os cordões arenosos e dominância de ciperáceas e tifáceas nos banhados. As espécies de médio e grande porte foram identificadas por observação direta (a), vestígios (pegadas=b1, fezes=b2, carcaça=b3) e quatro armadilhas fotográficas (c) (900 armadilhas-dia). Para identificação dos pequenos mamíferos foram utilizadas armadilhas de queda (d) e de arame (e), durante 15 meses (5 dias/mês) de Setembro de 2006 a Novembro de 2007. Foram registradas 24 espécies nativas, duas introduzidas e duas exóticas. Entre as espécies nativas, registrou-se: *Didelphis albiventris* (a, b3, c, d, e), *Didelphis aurita* (b3, c), *Micoureus paraguayanus* (d, e), *Gracilinanus microtarsus* (d), *Monodelphis iheringi* (d), *Dasypus novemcinctus* (a, b1, c, d), *Dasypus septemcinctus* (c), *Cabassous tatouay* (c), *Tamandua tetradactyla* (b3), *Cerdocyon thous* (a, b1, b2, c), *Leopardus tigrinus* (a, b1, b2, c), *Galictis cuja* (a), *Lontra longicaudis* (a, b1, b2), *Procyon cancrivorus* (a, b1, c), *Olygoryzomys flavescens* (d, e), *Olygoryzomys nigripes* (d, e), *Oryzomys angoya* (e), *Nectomys squamipes* (d, e), *Scapteromys sp.* (d), *Cavia sp.* (a, c), *Sphiggurus villosus* (a, b3), *Dasyprocta azarae* (a, b1, b2, b3, c), *Hydrochoerus hydrochaeri* (a, b1, b2, b3, c), *Myocastor coypus* (a, b1, b3, c). Além destes, foi introduzida a anta *Tapirus terrestris* (a, b1, b2, c) a paca *Cuniculus paca* (b1, c). Entre os mamíferos exóticos foi registrada a lebre *Lepus europeus* (a, b1, b2, c) e o camundongo *Mus musculus* (a, c). A cuíca *Lutreolina crassicaudata* e o jaguarundi *Herpailurus yagouaroundi* não foram registrados, mas são considerados como espécies de potencial ocorrência.

Palavras-chave: armadilha fotográfica, lista de espécies, PEST, vestígios

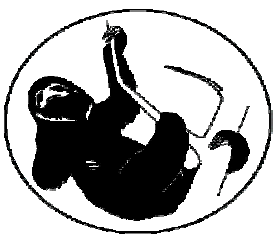
Financiadores: TIGRINUS Equipamentos para Pesquisa

REGISTRO DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE POR MÉTODO DE PEGADAS EM UM FRAGMENTO DE MATA ATLÂNTICA NA REGIÃO DE TOMBOS – MG

Mariane C. Kaizer (Universidade do Estado de Minas Gerais / nanekaizer@bol.com.br)
Leandro M. Scoss (Instituto Terra Brasilis)
Fabiano R. Melo (Universidade Federal de Goiás - Campus Jataí)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

Poucos são os estudos sobre comunidades de mamíferos de médio e grande porte em remanescentes de Mata Atlântica. O grau de ameaça e a importância do grupo na manutenção da diversidade e de processos biológicos em habitats fragmentados tornam evidente a necessidade de se incluir informações sobre este grupo em inventários e diagnósticos ambientais. O presente trabalho tem como objetivo estimar a riqueza de mamíferos de maior porte através do uso de armadilhas de pegadas, em um fragmento de Mata Atlântica no Município de Tombos, MG. O fragmento estudado é a RPPN Dr. Marcus Vidigal Vasconcelos, com área averbada de 84 ha, mas com cerca de 300 ha contínuos de floresta secundária (maior parte) e primária que sofreu intenso corte seletivo no passado. O método utilizado para o registro de pegadas foi o de parcelas de areia, distribuídas em três transectos paralelos, espaçados 50m um do outro, no sentido da borda para o interior da mata. Cada transecto continha 20 parcelas de areia, iscadas com bacon e banana de forma alternada. Os registros encontrados nas margens dos rios e bancos de areia também foram considerados. As coletas foram realizadas de Julho a Novembro de 2006, durante 4 dias consecutivos por mês, totalizando 660 armadilhas/noite. Foram observadas 9 espécies de mamíferos silvestres: capivara (*Hydrochaeris hidrochaeris*), cachorro-do-mato (*Cerdocyon thous*), gambá (*Didelphis aurita*), gato-do-mato (*Leopardus sp.*), lontra (*Lontra longicaudis*), mão-pelada (*Procyon cancrivorus*), paca (*Agouti paca*), quati (*Nasua nasua*) e tatu-galinha (*Dasypus novemcinctus*). E duas espécies domesticadas: boi (*Bos taurus*) e cachorro doméstico (*Canis familiaris*). Das espécies registradas nas parcelas de areia, o gambá (*Didelphis aurita*) foi a mais abundante com o seguinte índice de abundância: 0,32. O predomínio desta espécie na área é um indício do alto grau de perturbação e do comprometimento da qualidade da RPPN. As demais espécies foram registradas com baixa freqüência, não permitindo o cálculo de índices de abundância confiáveis. Observamos, neste trabalho, que a fauna de mamíferos de médio e grande porte presentes na RPPN Dr. Marcus Vidigal Vasconcelos já se apresenta bastante alterada como conseqüência do impacto das atividades antrópicas à sua volta, bem como à escassez de recursos e isolamento do fragmento.

Palavras-chave: Comunidade de mamíferos, inventário, parcelas de areia

LEVANTAMENTO DA MASTOFAUNA DO PARQUE ESTADUAL CACHOEIRA DA FUMAÇA, ALEGRE / ES.

Mariana Zanotti Tavares de Oliveira (Depto de Medicina Veterinária / CCA-UFES / mariana_zto@hotmail.com)
Victor Vale (Depto de Medicina Veterinária / CCA-UFES)
Otoniel Silva Bertossi (FAFIA)
Cristiana Gama Pacheco Stradiotti (FACASTELO)
Erika Takagi Nunes (Depto de Medicina Veterinária / CCA-UFES)
Bruno Duarte Bertuloso (Depto de Medicina Veterinária / CCA-UFES)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

O levantamento da fauna mastozoológica é um importante trabalho que vem convergir com os objetivos de aliar o desenvolvimento econômico com a proteção da natureza. O presente trabalho consiste em um levantamento dos mamíferos da área do Parque Estadual Cachoeira da Fumaça, uma Unidade de Conservação Estadual, localizado no município de Alegre/ES. A área está inserida no sul do estado e tem aproximadamente 27 hectares de extensão. O estudo foi realizado no período de 13 de fevereiro a 06 de março de 2008 com o objetivo de buscar vestígios diretos e indiretos a fim de identificar a diversidade de mamíferos que ocorre nesta região e, conseqüentemente, colaborar com estudos futuros em biologia da conservação. Foram alocadas quatro parcelas medindo 3,0; 2,7; 2,75 e 1,37 hectares, sendo o esforço amostral de uma parcela a cada quatro dias, em um total de 22 dias de levantamento. A metodologia utilizada foi do tipo direto e indireto. Para o primeiro método foi utilizada a técnica de capturas por armadilhas do tipo "Tomahawk" espalhadas aleatoriamente. Para o segundo, trabalhou-se com a metodologia de rastros com ênfase na coleta e identificação de fezes e pegadas além de entrevistas informais com moradores locais. Este estudo permitiu identificar um total de 17 gêneros, sendo eles: *Didelphis* sp., *Micourreus* sp., *Dasypus* sp., *Tamandua* sp., *Cebus* sp., *Nasua* sp., *Procyon* sp., *Cerdocyon* sp., *Leopardus* sp., *Lutra* sp., *Eira* sp., *Agouti* sp., *Coendou* sp., *Hydrochaeris* sp., *Cavia* sp., *Rattus* sp. e *Chaetomys* sp. As espécies observadas representam a diversidade atual da região e mostram a importância de desenvolvimento de trabalhos mais precisos de levantamento e preservação do Parque, visto que houve uma variação das espécies relatadas em comparação ao levantamento realizado pelo Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal do Espírito Santo em dezembro do ano de 2000, neste mesmo local.

Palavras-chave: Mamíferos, Unidade de Conservação, diversidade

CBMz

MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE REGISTRADOS NO ANO DE 2007 NO DISTRITO DE JAGUARIAÍVA, JAGUARIAÍVA. PARANÁ

Fernanda Góss Braga (Universidade Federal do Paraná/ bragafg@netpar.com.br)
Raphael Eduardo Fernandes Santos (Museu de História Natural Capão da Imbuia)
George Ortmeier Velastin (Instituto de Pesquisas Ecológicas IPÊ)
Antonio Carlos Batista (Universidade Federal do Paraná)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

O monitoramento de espécies de mamíferos de médio e grande porte em áreas de pinus no Distrito de Jaguariaíva (24°18'S e 49°37'W) vem sendo efetuado desde 2004. No ano de 2007, durante a realização do monitoramento de tamanduá-bandeira *Myrmecophaga trydactyla* na região, foram obtidas informações sobre outras espécies de mamíferos, mediante evidências diretas e indiretas. As freqüências de ocorrência também foram calculadas (FO = N/ Nt x 100), desconsiderando para tanto as informações relativas ao tamanduá-bandeira. Ao longo das doze fases de campo foram observados 999 registros relativos a 21 espécies pertencentes a sete ordens e 12 famílias. São elas: *Didelphis albiventris, Myrmecophaga tridactyla, Dasypus novemcinctus, Euphractus sexcinctus, Cebus nigritus, Chrysocyon brachyurus, Cerdocyon thous, Pseudalopex gymnocercus, Eira barbara, Galictis cuja, Procyon cancrivorus, Puma concolor, Puma yagouaroundi, Leopardus pardalis, Leopardus tigrinus, Leopardus* sp., *Ozotoceros bezoarticus, Mazama gouazoubira, Mazama* sp., *Dasyprocta azarae, Cavia aperea, Sylvilagus brasiliensis* e *Lepus europaeus*. As maiores FO foram obtidas por *Mazama* sp., *Chrysocyon brachyurus, Leopardus* sp. e *Cerdocyon thous*. Os meses de abril, janeiro e março foram aqueles onde os maiores números de evidências foram encontrados (n=187, 181 e 147 respectivamente). Comparando os resultados obtidos com trabalhos anteriormente realizados na área, nas mesmas condições, a avaliação ao longo do tempo verificou uma regularidade nas FO observadas, exceto para *Puma concolor* e *Leopardus pardalis*, que em 2007 foram bastante reduzidas. Sabe-se que a perseguição destas espécies na região ocorre constantemente devido ao abate de animais domésticos. Os resultados obtidos ao longo do estudo evidenciaram o uso do pinus pelas diferentes espécies de mamíferos de médio e grande porte, com uma notável diminuição nos registros de felinos topo de cadeia. A atividade florestal confere a base econômica do município, porém apenas a utilização racional deste sistema poderá viabilizar a manutenção de espécies mais exigentes em relação ao ambiente que ocupam.

Palavras-chave: Inventário, Jaguariaíva, Campos Gerais, Paraná

Financiadores: CAPES

CBMz

MASTOFAUNA AQUÁTICA DO RIO TEFÉ, AMAZÔNIA CENTRAL: RIQUEZA, ABUNDÂNCIA E FATORES DE RISCO PARA AS ESPÉCIES

Sandra Beltran-Pedreros (PROJETO PIATAM / INPA/UFAM - beltranpedreros@hotmail.com)
Diego Perez Moreira (PROJETO PIATAM / INPA/UFAM)
Karen Souza Diniz (PROJETO PIATAM / INPA/UFAM)
Luciana Raffi Menegaldo (PROJETO PIATAM / INPA/UFAM)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

O rio Tefé, afluente da margem direita do rio Solimões, como rio da bacia Amazônica apresenta ciclo hidrológico relacionado com o nível das águas: cheia de fevereiro ao abril e seca de julho à setembro. A consolidação do rio como hidrovia e o gasoduto Juruá-Coari são empreendimentos que deverão gerar alterações no ecossistema. Com o interesse de caracterizar a mastofauna aquática do baixo rio Juruá, que potencialmente será afetada com os empreendimentos foram feitas duas amostragens (enchente e cheia), de cinco dias cada, percorrendo 12 km de rio para realizar o levantamento, abundância e tipos de fatores de risco para as espécies. As espécies de mamíferos aquáticos observadas foram da Ordem Cetácea *Inia geoffrensis* (Iniidae) e *Sotalia fluviatilis* (Delphinidae) e da Ordem Carnívora *Pteronura brasiliensis* (Mustelidae). Foram 65 avistamentos: 50 de *Inia* (9 na enchente e 41 na cheia), 5 de *Sotalia* (na enchente) e 10 de *Pteronura* (cinco em cada período); que totalizaram 81 indivíduos de *Inia* (13 na enchente e 68 na cheia), oito *Sotalia* (na enchente) e, 10 de *Pteronura* (5 em cada período). A densidade de *Inia* foi 1,08 e 5,66 ind/km respectivamente e para *Sotalia* 0,67 ind/km na enchente, e; de *Pteronura* 0,42 ind/km para ambos os períodos. Os tamanhos grupais não superam os quatro animais, sendo o grupo Tipo II (de pares) o mais comum para os golfinhos (49,4% para *Inia* e 75% *Sotalia*). Com base na posição de GPS dos animais de ariranha, que foi o mesmo em ambas as amostragens e, no número de animais, se infere que se trata do mesmo grupo. Os comportamentos registrados foram: alimentação (*Inia*: 42%; *Sotalia*: 80% e Pteronura 100%), deslocamento (*Inia*: 12% e *Sotalia*: 20%) e a combinação destes (*Inia*: 46%). O rio Juruá possui uma largura média de 250m e uma profundidade média de m; suas margens estão ainda cobertas por mata natural, não foram observadas mais de três unidades de pesca, nem há comunidades humanas. Todas estas características permitem inferir que as pressões sobre as espécies de mamíferos aquáticos, neste trecho do rio, são mínimas. Porém, informações de pescadores da cidade de Tefé indicam a excursão de caçadores de golfinhos, em especial de *Inia*, para o uso como isca na pesca de piracatinga. A construção do gasoduto Juruá-Coari terá conseqüências na abundância de golfinhos e provavelmente na perda do grupo de ariranhas, por deslocamento destas para outro local.

Palavras-chave: *Inia geoffrensis, Sotalia fluviatilis, Pteronura brasiliensis*, inventário

Financiadores: FINEP, PETROBRAS, CNPq, INPA, UFAM

LISTA DAS ESPÉCIES DE MAMÍFEROS DA FLORESTA NACIONAL DE PASSA QUATRO, MINAS GERAIS

Bethânia Barros Teixeira Pires Pimenta (Lab. Mastozoologia / MCN PUC Minas / kanoinha@yahoo.com.br)
Flávia Nunes Vieira (Lab. Mastozoologia / MCN PUC Minas)
Isaura Ribeiro Batista (Lab. Mastozoologia / MCN PUC Minas)
Eduardo de Paula P. Nogueira (Pós-Grad. Análise Ambiental UNA BH)
Cláudia Guimarães Costa (Lab. Mastozoologia / MCN PUC Minas)
Edeltrudes Maria Valadares Calaça Câmara (Lab. Mastozoologia / MCN PUC Minas)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

A Floresta Nacional de Passa Quatro (FLONA Passa Quatro) localiza-se no município de Passa Quatro, a 430 km de Belo Horizonte, MG. Está inserida no Corredor Ecológico da Mantiqueira, que se estende por 41 municípios de Minas Gerais. A região é considerada área prioritária para a conservação pois abriga porções significativas dos ecossistemas naturais e atuam como instância de mobilização e educação em prol da natureza. A FLONA Passa Quatro apresenta características fitofisionômicas do domínio da Mata Atlântica. O objetivo deste estudo foi realizar o diagnóstico da mastofauna da FLONA Passa Quatro reunindo informações técnicas para subsidiar o Plano de Manejo desta Unidade de Conservação. A amostragem da mastofauna foi realizada em 10 áreas distintas, que compreenderam todas as fitofisionomias presentes contendo porções de vegetação nativa e plantada. As coletas foram realizadas em agosto de 2007. Para captura de pequenos mamíferos não-voadores foram utilizadas armadilhas do tipo *live trap*, gaiolas de arame galvanizado e *sherman*, com um esforço amostral total de 800 armadilhas/dia para toda a FLONA. O inventariamento de quirópteros foi feito com a utilização de cinco redes de neblina *mist nets* (6m x 3m), durante quatro noites consecutivas, além de busca por abrigos e uso de puçá para capturas. Para a amostragem de mamíferos de médio e grande porte foram realizadas buscas aleatórias por evidências diretas e indiretas e utilizadas duas armadilhas fotográficas (Tigrinus) e *play back* para a confirmação da presença de primatas. Foram registradas 30 espécies, distribuídas em nove ordens, Didelphimorphia (n=2), Chiroptera (n=7), Primates (n=4), Pilosa (n=1), Cingulata (n=2), Carnivora (n=4), Artiodactyla (n=1), Rodentia (n=8) e Lagomorpha (n=1), representando cerca de 12,7% das espécies de mamíferos registradas para Minas Gerais. Destas, 19 foram confirmadas através de captura, vestígios e/ou visualização. Dentre os animais capturados, sete foram registros de mamíferos voadores e seis de pequenos mamíferos não-voadores. Quatro das espécies de mamíferos registradas neste trabalho se encontram na lista de ameaçadas de extinção de Minas Gerais e no Brasil (*Callithrix aurita, Chrysocyon brachyurus, Leopardus pardalis* e *Puma concolor*). Este estudo terá continuidade, abrangendo áreas do entorno da FLONA com o objetivo de justificar a necessidade de ampliação da área da Unidade de Conservação. Estudos desta natureza são extremamente importantes para auxiliar na tomada de decisão em planos de manejo e estratégias de conservação de áreas com influência antrópica.

Palavras-chave: mastofauna, Mata Atlântica, FLONA

Financiadores: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade; MCN PUC Minas

CBMz

EFICIÊNCIA DE CAPTURA DE PEQUENOS MAMÍFEROS COM DIFERENTES TIPOS DE ARMADILHAS NA RESERVA BIOLÓGICA DE DUAS BOCAS. ESPÍRITO SANTO

Lívia de Moraes Carão (FAESA & Lab. Mastozoologia e Biogeografia / UFES / liviamcarao@gmail.com)
Leonora Pires Costa (Lab. Mastozoologia e Biogeografia / UFES)
Yuri Luiz Reis Leite (Lab. Mastozoologia e Biogeografia / UFES)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

Todos os métodos de captura são seletivos ou parcialmente ineficientes no registro das espécies de mamíferos que vivem em uma determinada área. O objetivo do presente trabalho foi comparar a eficiência entre métodos de captura comumente aplicados em levantamentos de pequenos mamíferos não-voadores. O trabalho de campo foi realizado durante cinco noites por mês no período de abril de 2007 a abril de 2008, em área de Mata Atlântica na Reserva Biológica de Duas Bocas, Cariacica, Espírito Santo. Os pequenos mamíferos foram coletados por meio de armadilhas de dois tipos: fojo (pitfall) e de isca (gaiola de arame e sherman). Ao todo foram estabelecidas 6 trilhas com 11 postos de captura, com um fojo, uma sherman e uma gaiola em cada posto, sendo que as de isca foram instaladas tanto no solo quanto no sub-bosque. Com um esforço total de captura de 13.860 armadilhas/noite, foram realizadas 421 capturas de pequenos mamíferos de 11 espécies de roedores e 9 de marsupiais, o que resultou num sucesso de captura de 3,04%. O conjunto de espécies amostrado pelos dois tipos de armadilhas foi distinto, com somente 38% de similaridade. Apesar das armadilhas de isca terem registrado maior número de capturas (292, versus 129 dos fojos), as armadilhas do tipo fojo amostraram maior riqueza (14 espécies, contra 11 das de isca) e diversidade de espécies que as armadilhas de isca (índice de Shannon H'=1,68 contra H'=1,46 das de isca). Os dois tipos de armadilhas tiveram eqüitabilidade similar: E=60% para fojos e E=61% para armadilhas de isca. Sete espécies foram capturadas somente nas armadilhas do tipo fojo *(Akodon cursor, Blarinomys breviceps, Juliomys pictipes, Oecomys catherinae, Oligoryzomys nigripes, Thaptomys nigrita, Rattus rattus)* e 3 foram capturadas somente nas armadilhas de isca *(Philander frenatus, Nectomys squamipes, Rhipidomys mastacalis)*. Concluímos que deve ser utilizada a maior diversidade de métodos de captura possível para o melhor levantamento das espécies de uma área, pois fojos capturam uma fauna diferenciada daquela capturada pelas armadilhas de isca. No entanto, o trabalho envolvido na instalação de fojos dificulta sua utilização em levantamentos de curto prazo.

Palavras-chave: armadilhas, Mata Atlântica, Rodentia, Didelphimorphia, inventário

Financiadores: FACITEC, UFES / Petrobras

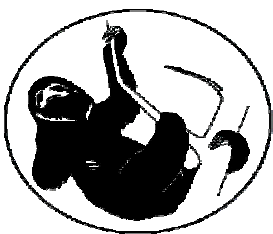
PRIMEIRO LEVANTAMENTO DE MARSUPIAIS E ROEDORES DE FRAGMENTOS FLORESTAIS DA FAZENDA EXPERIMENTAL EDGÁRDIA DA UNESP. BOTUCATU-SP

José Fernando de S. Lima (Depto. de Recursos Naturais / FCA-UNESP / jfslima@hotmail.com)
Raphael de Oliveira (Estagiário / USC)
Bruno H. Saranholi (Estagiário / IB-Unesp)
Fernanda C.F. Santos (Estagiária / IB-Unesp)
Gabriel S. Magezi (Estagiário / USC)
Mariana B. Landis (Estagiária / USC)
Cíntia M. Togura (Estagiária / USC)
Renata C. B. Fonseca (Depto. de Recursos Naturais / FCA-UNESP)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

As formações florestais do interior paulista possuem um grande valor ecológico e taxonômico, funcionando como uma coleção viva de espécies da flora e fauna locais e de sua diversidade, bem como banco de informações acerca da estrutura e do funcionamento deste tipo de ecossistema. A Fazenda Edgárdia, possui em torno de 1.000 ha de fragmentos de matas importantes, principalmente, por situar-se em uma zona de transição entre floresta mesófila (Floresta Estacional Semidecidual-FES) e cerrado (Cerradão-CE). Estes fragmentos apresentam a fauna de pequenos mamíferos pouco conhecidos. O objetivo deste trabalho é apresentar dados de levantamento sobre a diversidade de marsupiais e roedores da Fazenda Edgárdia. Ocorreram quatro excursões em março, abril/mai, julho e outubro de 2007. Armadilhas foram distribuídas de 13 a 15m (entre si) na seqüência, 1 (no chão): 1 (chão): 2 (chão e árvore). Dos seis fragmentos existentes, quatro foram selecionados para estudo em função do melhor estado de conservação, sendo as matas: da Bica (22°48'51"S, 48°23'38"W) - de 56,28 ha, FES com oito dias de campo e 81 armadilhas; Bichiguento (22°48'32"S, 48°24'44"W) - de 303,14 ha, FES com duas excursões de 12 dias de campo e 110 armadilhas colocadas; Carmelucho (22°49'25"S, 48°23'26"W) - 74,98 ha, FES em 12 dias com 59 armadilhas e Três Barras (22°49'34"S, 48°24'49"W) - 2,04 ha, CE em 12 dias com 57 armadilhas (nos dois últimos, as coletas foram simultâneas). Um total de 14 espécimens foram capturados e identificados no campo. Sendo 11 marsupiais dos gêneros: *Didelphis* (3M e 5F) e *Gracilinanus* (1M e 2F) e três roedores dos gêneros: *Cavia* (1F), *Oryzomys* (1F) e *Oligoryzomys* (1F). O *Oryzomys* foi encontrado morto no pasto pisoteado, esmagado. Os animais foram taxidermizados e depositados na Coleção Zoológica Regional do DRN. As primeiras análises destes exemplares, junto à literatura corrente, indicam serem representantes de *D. albiventris*, *G.* aff. *agilis*, *C. aperea*, *Eoryoryzomys* (= *Oryzomys*) aff. *russatus* e *O. flavescens*. Utilizando-se as médias de dias, 11,6 e de armadilhas noite, 76,7, constatou-se que o sucesso de captura foi de 0,00016%. No geral, a densidade apresentou-se baixíssima. *Didelphis* apresentou abundancia relativa mais elevada, 0,57 e o menor 0,07 (*Eoryoryzomys*, *Oligoryzomys* e *Cavia*). Os fragmentos da Edgárdia possuem um histórico em torno de 83 anos de conservação e regeneração, sendo considerado modelos representativos da região. Porém, os baixos índices de ocorrência apresentados para marsupiais e roedores, não são condizentes com a qualidade dos fragmentos citados.

Palavras-chave: diversidade, pequenos mamíferos, armadilhas, conservação, FCA.

Financiadores: FCA e FUNDUNESP

CBMz

MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE DOS PARQUES ESTADUAIS DA SERRA DO BRIGADEIRO E DO RIO PRETO, MINAS GERAIS. BRASIL

Valeska B. Oliveira (Mestrado em Zoologia/PUC-MG/biovaleska@ig.com.br)
Antônio M. Linares (Mestrado em Zoologia/PUC-MG)
Guilherme L. C. Corrêa (Autônomo)
Adriano G. Chiarello (Mestrado em Zoologia/PUC-MG)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

Ações efetivas de manejo em Unidades de Conservação só podem ser adotadas uma vez que fauna e flora são bem conhecidas. De Janeiro a Dezembro de 2006, foram realizadas campanhas bimestrais e alternadas nos Parques Estaduais da Serra do Brigadeiro (Mata Atlântica) e do Rio Preto (Cerrado), com objetivo de inventariar a mastofauna local de médio e grande porte. Foram montados seis transectos de armadilhas de pegadas em cada reserva, sendo colocados em ambientes de floresta atlântica de encosta no PESB e cerrado *stricto sensu* no PERP. Também foram conduzidas procuras ativas por vestígios, visualizações e vocalizações em beiras de rios e lagoas e em estradas e trilhas ao longo das reservas. Somando-se os dois métodos foram registradas 23 espécies no PERP (sete em armadilhas de pegadas e 22 em procuras ativas) e 19 no PESB (dez em armadilhas de pegadas e 15 em procuras ativas). As espécies registradas foram: PESB: *Didelphis aurita, Dasypus novemcinctus, Cebus nigritus, Alouatta guariba, Callicebus nigrifrons, Brachyteles hypoxanthus, Cerdocyon thous, Canis lupus familiaris, Leopardus pardalis, Leopardus* sp., *Puma concolor, Eira barbara, Procyon cancrivorus, Nasua nasua, Galictis cuja, Pecari tajacu, Cuniculus paca, Sciurus aestuans* e *Cavia* sp.; PERP: *Didelphis albiventris, Dasypus septemcinctus, Euphractus sexcinctus, Priodontes maximus, Myrmecophaga tridactyla, Callicebus* sp., *Callithrix geoffroyi, Cerdocyon thous, Chrysocyon brachyurus, Canis lupus familiaris, Leopardus pardalis, Leopardus* sp., *Puma concolor, Conepatus semistriatus, Eira barbara, Lontra longicaudis, Procyon cancrivorus, Mazama* sp., *Cuniculus paca, Hydrochoerus hydrochaeris, Kerodon rupestris, Sciurus aestuans* e *Sylvilagus brasiliensis*. Nenhum dos métodos empregados (procura ativa ou armadilhas de pegadas) registrou todas as espécies, ressaltando a necessidade da utilização de diferentes metodologias para a amostragem de diferentes espécies. No PERP, a maior parte dos registros através de procura ativa foi obtida em beiras de rios, onde ocorriam matas ciliares. Diversos outros estudos já demonstraram a importância destes ambientes para comunidades de mamíferos, o que também foi evidenciado neste trabalho através de uma maior riqueza de espécies e número total de registros nestes ambientes. Em todo o estudo foram catalogadas 33 espécies (quatro no nível de gênero), das quais dez se encontram ameaçadas de extinção para Minas Gerais e sete para o Brasil.

Palavras-chave: Inventário, Cerrado, Mata Atlântica, Unidades de Conservação, Métodos

Financiadores: Fundo de Incentivo à Pesquisa / PUC-Minas

CARACTERIZAÇÃO DE PÊLOS-GUARDA DE PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO VOADORES DE FRAGMENTOS FLORESTAIS DA FAZENDA EXPERIMENTAL EDGARDIA DA UNESP, BOTUCATU-SP

Fernanda Caetano F. Santos (Estagiária / IB-Unesp)
Renata Cristina B. Fonseca (Depto. de Recursos Naturais / FCA-UNESP)
José Fernando de S. Lima (Depto. de Recursos Naturais/FCA-UNESP/ jfslima@hotmail.com)

Área: Diversos **Sub-Área:** Levantamento

A APA - perímetro Botucatu apresenta importantes áreas de fragmentos florestais, sendo os encontrados na Fazenda Experimental Edgárdia da UNESP, considerados modelos representativos, das tipologias Floresta Estacional Semidecidual (FES) e Cerradão (CD). Nestas áreas, a fauna de pequenos mamíferos não voadores é praticamente desconhecida. Nos estudos de levantamento sobre a mastofauna utilizamos técnicas biotaxonômicas (tricologia e/ou citotaxonomia) como ferramenta de auxilio nas identificações, em especial, nos pequenos mamíferos. Aqui, temos como objetivo apresentar resultados de caracterização de pêlos-guarda de pequenos mamíferos não voadores coletados na Fazenda Edgardia. Dos seis fragmentos, quatro foram selecionados em função do melhor grau de conservação em que se apresentam. Mata da Bica (FES), 22°48’51”S, 48°23’38”W; Mata do Bichiguento (FES), 22°48’32”S, 48°24’44”W; Mata do Carmelucho (FES), 22°49’25”S, 48°23’26”W) e Mata das Três Barras (CD), 22°49’34”S, 48°24’49”W. Foram, em média, 11,6 dias de coleta e 76,7 armadilhas colocadas. As espécies coletadas foram identificadas como: *Didelphis albiventris* (oito) e *Gracilinanus* aff. *agilis* (dois) e roedores (dois) dos gêneros: *Oryzomys* aff. *russatus*(= *Eoryoryzomys*) e *Oligoryzomys flavescens*. Foram coletadas amostras de pêlos-guarda de cada exemplar. Estas foram analisadas ao nível macroscópico (na lupa) quanto: ao tipo, tamanho, forma e padrão de coloração (um desenho minucioso foi feito) e ao nível microscópico (padrões da cutícula e medula). Como segue: *D. albiventris*, macro: a e b, 22 a 18mm, lanceolar, negra ou pálida, micro: cutícula ondeada transversal, medula trilobada; *G. agilis*, macro: a e c, 8mm, lanceolar, listas roxas transversais e paralelas, micro: cutícula conoidal simétrica, medula unisseriada escalariforme; *E. russatus*, macro: a, 7mm, lanceolar, listas “puntiformes” roxas ferrugíneas transversais, micro: cutícula folidácea intermediária, medula unisseriada listrada; *O. flavescens*, macro: a, 7mm, lanceolar desuniforme (maior diâmetro além da porção mediana), listas roxas escuras transversais e irregulares, micro: cutícula folidácea estreita, medula alveolar reticulada. Os dados da literatura confirmam os resultados de *D. albiventris* e em relação às demais espécies, só apresentam dados de espécies próximas. Sabe-se que em espécies consideradas do gênero *Oryzomys* os padrões cuticulares podem ser coincidentes, mas podem ser diferenciados pela largura das escamas. Neste trabalho, esta situação foi encontrada entre gêneros *Eoryoryzomys* e *Oligoryzomys*.

Palavras-chave: *Didelphis*, Mata da Bica, Cerradão, Edgárdia, FCA

Financiadores: FCA e FUNDUNESP.

SIFONAPTEROFAUNA DE PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO-VOADORES DA RESERVA BIOLÓGICA DE DUAS BOCAS, CARIACICA, ESPÍRITO SANTO, BRASIL

Israel de Souza Pinto (Dpto de Patologia, UFES / Bolsista CAPES / pintoisrael@gmail.com)
José Ramiro Botelho (Dpto de Parasitologia, ICB, UFMG)
Leonora Pires Costa (Lab. Mastoz. e Biogeog., Dpto Ciências Biológicas, UFES)
Yuri Luiz Reis Leite (Lab. Mastoz. e Biogeog., Dpto Ciências Biológicas, UFES)
Pedro Marcos Linardi (Depto de Parasitologia, ICB, UFMG / Bolsista CNPq)

Área: Diversos **Sub-Área:** Parasitologia

As pulgas (Siphonaptera) são ectoparasitos hematófagos na fase adulta e dependem exclusivamente de mamíferos e aves para sua existência. No Brasil, até o presente, 60 espécies e/ou subespécies foram assinaladas, 12 dessas para o estado do Espírito Santo (ES). O presente estudo teve por objetivo identificar as espécies de pulgas e relacioná-las com marsupiais e pequenos roedores da Reserva Biológica de Duas Bocas (RBDB), Cariacica, ES. Entre os meses de abril e agosto/2007 foram capturados pequenos mamíferos não voadores na RBDB (20°16'52'' S; 40°31'19'' W) utilizando armadilhas de queda (*pitfalls*), gaiolas de arame galvanizado e armadilhas de alumínio do tipo *Sherman*. Após a captura, os sifonápteros foram retirados manualmente, acondicionados em frascos contendo álcool 70° e enviados ao Laboratório de Parasitologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Os ectoparasitos foram clarificados, montados em lâminas de vidro e identificados. Dos 135 espécimes de mamíferos capturados, 52 estavam parasitados por pulgas (38,52%). Desses, 31 eram roedores: *Trinomys paratus* (29) e *Rhipidomys mastacalis* (2). Os outros 21 eram marsupiais: *Metachirus nudicaudatus* (18), *Monodelphis scalops* (2) e *Philander frenatus* (1). Ao todo, foram coletadas 283 pulgas, com uma intensidade média de parasitismo de 5,44 pulgas/hospedeiro. *Hechtiella nitidus* (Rhopalopsyllidae) foi a espécie mais abundante, representando 58,65% do total coletado (N=166), seguida de *Adoratopsylla (Tritopsylla) intermédia intermedia* (Ctenophtalmidae) com 39,60% (N=112), *Polygenis (Polygenis) occidentalis occidentalis* (Rhopalopsyllidae) com 1,05% (N=3) e *Adoratopsylla (Adoratopsylla) antiquorum antiquorum* (Ctenophtalmidae) com 0,70% (N=2). Relativamente às infestações, *H. nitidus* foi encontrada em *T. paratus* (29/29) e *M. nudicaudatus* (2/21); *A. (T.) intermedia intermedia* em *M. nudicaudatus* (18/18), *T. paratus* (1/29), *M. scalops* (2/2) e *P. frenatus* (1/1); *A. (A.) antiquorum antiquorum* sobre *M. nudicaudatus* (2/18) e *P. (P.) occidentalis occidentalis* parasitando *R. mastacalis* (2/2).Embora todas as espécies de sifonápteros encontradas no presente estudo já tenham sido registradas para o estado do Espírito Santo, *A. (T.) intermedia intermedia*, *H. nitidus* e *P. (P.) occidentalis occidentalis* são pela primeira vez assinaladas, respectivamente, sobre os hospedeiros *M. scalops*, *M. nudicaudatus* e *R. mastacalis*. Paralelamente, a ocorrência de infestação concomitante de *A. (T.) intermedia intermedia* e *A. (A.) antiquorum antiquorum* em *M. nudicaudatus* é pela primeira vez assinalada, em duas diferentes ocasiões sobre o mesmo hospedeiro. Ainda que a distribuição de *A. (T.) intermedia intermedia* ocorra da Venezuela até a Argentina, as duas espécies não haviam sido, até então, encontradas simpatricamente, exceto em Teresópolis (RJ) e agora, na RBDB, conforme o presente registro.

Palavras-chave: Ectoparasitos, *Hechtiella*, *Adoratopsylla*, *Polygenis*

Financiadores: FACITEC, CAPES, CNPq

OCORRÊNCIA DE ARTRÓPODES ECTOPARASITOS DE PEQUENOS MAMÍFEROS DO MATO GROSSO DO SUL, BRASIL

Mariuciy Menezes de Arruda Gomes (Laboratório de Ecologia/ UFMS/ mary_bio@hotmail.com)
Gabriel Ghizzi Pedra (Laboratório de Ecologia/ UFMS/)
Leticia Laura de Oliveira Bavutti (Laboratório de Ecologia/ UFMS/)

Área: Diversos **Sub-Área:** Parasitologia

Pequenos mamíferos (roedores e marsupiais) abrigam uma ampla fauna de artrópodes ectoparasitos pertencentes às classes Insecta (Siphonaptera, Phthiraphtera, alguns Coleóptera e Diptera) e Arachnida (Acari: Ixodida e Gamasida) que podem ser específicos ou generalistas. Informações referentes ao Mato Grosso do Sul são poucas e esse trabalho teve o objetivo de registrar a ocorrência desses organismos no estado. Para a captura dos pequenos mamíferos foram utilizadas armadilhas de queda e de metal (N = 100). Cada mamífero capturado foi escovado sem anestesia e os ectoparasitos coletados foram mantidos em álcool 70% e na seqüência montados em lâminas com solução de Hoyer's para posterior identificação. Um total de 33 mamíferos hospedeiros, nove marsupiais e 24 roedores foram encontrados, abrigando 197 espécimes ectoparasitos: 153 ácaros das famílias Laelapidae: *Mysolaelaps parvispinosus* sobre *Didelphis albiventris*; *Gigantolaelaps oudemansi* sobre *Nectomys rattus*, *Oryzomys megacephalus* e *Oryzomys nitidus*; *Gigantolaelaps canestrinii* em *Oecomys bicolor*; *Laelaps acuminata* e *Laelaps paulistanensis* sobre *Oecomys bicolor*; *Gigantolaelaps wolffsohni* sobre *Oligoryzomys fornesi*; *Gigantolaelaps vitzthumi* em *Oryzomys maracajuensis*; *Gigantolaelaps amazonae* sobre *Oryzomys nitidus*; *Tur aymara* sobre *Thrichomys pachyuruss* - Ixodidade: *Amblyomma cajennense* sobre *Didelphis albiventris*; e, Argasidae: *Argas miniatus* sobre *Thylamis macrura*. Como ocorre em grande número de trabalhos sobre ectoparasitos de pequenos mamíferos, a família Laelapidae demonstrou forte afinidade com roedores, o registro de *L. thori* na região Centro-Oeste ampliam sua distribuição pelo Brasil e *Argas miniatus*, apesar de ser um parasito típico de ave foi encontrado sobre *T. macrurus*.

Palavras-chave: Parasitismo; Roedores; Marsupiais

ATUALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO TAXONÔMICO SOBRE AS ESPÉCIES DE PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO-VOADORES DA REGIÃO DE BELÉM, PA

Flores, T.A. (Mastozoologia / MPEG / tamaraflores@gmail.com)
Rossi, R.V. (Mastozoologia / MPEG)

Área: Diversos **Sub-Área:** Outros

A região de Belém está inserida no centro de endemismo de Belém, considerado o mais devastado entre os centros de endemismo na Amazônia. No entanto, esta região conta com apenas três inventários da fauna de mamíferos não-voadores, todos realizados entre as décadas de 1950 e 1970. Estes inventários apontam entre nove e 21 espécies de pequenos mamíferos não-voadores para a região, que teriam sido coletados com armadilhas convencionais e arma de fogo. Com o objetivo de obter uma lista atualizada das espécies de marsupiais e pequenos roedores da região de Belém, foi realizado um inventário deste grupo de mamíferos no Parque Ambiental de Belém (PAB), utilizando-se armadilhas de queda e armadilhas convencionais dispostas nos três estratos verticais da floresta (chão, sub-bosque e dossel), durante 25 dias consecutivos. Adicionalmente, foram analisados exemplares das famílias Didelphidae, Cricetidae e Echimyidae procedentes de Belém e localidades próximas depositados na coleção de mamíferos do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), Belém, PA. Nosso resultado revela a presença de 25 espécies na região de estudo, das quais nove da família Didelphidae: *Caluromys philander, Chironectes minimus, Didelphis marsupialis, Marmosa murina, Marmosops* cf. *pinheiroi, Metachirus nudicaudatus, Micoureus demerarae, Monodelphis americana* e *Philander opossum*; 10 da família Cricetidae: *Euryoryzomys macconnelli, Holochilus sciureus, Hylaeamys megacephalus, H. yunganus, Necromys lasiurus, Nectomys melanius, Oecomys paricola, O. roberti, Oligoryzomys microtis* e *Rhipidomys emiliae*; e seis espécies da família Echimyidae: *Echimys chrysurus, Makalata obscura, Proechimys cuvieri, P. goeldi, P. roberti* e *Toromys grandis*. O acréscimo de quatro espécies na lista atual em relação à última lista elaborada em 1973 está relacionado com a revalidação de espécies a partir de revisões taxonômicas realizadas desde então, e não com a descoberta de novas espécies. Ainda em relação à lista de 1973, treze espécies sofreram alterações em sua identificação ou nomenclatura. Entre as espécies registradas na lista atual, *Oecomys paricola* e *Makalata obscura* estão restritas ao centro de endemismo de Belém. Novas revisões taxonômicas poderão alterar a composição desta lista e revelar a existência de outras espécies restritas ao centro de endemismo de Belém ou à Amazônia oriental, trazendo implicações diretas para a avaliação do estado de conservação das mesmas.

Palavras-chave: Didelphidae, Cricetidae, Echimyidae, Belém, Taxonomia

Financiadores: Programa BECA – IEB/Fundação Moore (processo B/2007/01/PAB/14)

CBMz

TÉTANO EM QUATI - *NASUA NASUA* (CARNIVORA, PROCYONIDAE) - RELATO DE CASO

Eduardo Lima de Sousa (Núcleo da Vida Silvestre Sauim Castanheiras - SEMMA.)
Laerzio Chiesorin Neto (Núcleo da Vida Silvestre Sauim Castanheiras - SEMMA.)
Ana Paula Miranda Mundim (Depto. de Medicina Veterinária - Uninilton Lins - paulamedvet@gmail.com)

Área: Diversos **Sub-Área:** Outros

O tétano é uma desordem neuro-muscular causada pela ação patogênica de toxinas produzidas pelo *Clostridium tetani* uma bactéria anaeróbica, gram-positiva, delgada e formadora de esporos introduzida nos tecidos através de ferimentos. Relata-se neste artigo o caso de tétano em um quati, *Nasua nasua*, fêmea e adulta com 3,8 Kg três dias após ser entregue ao Centro de Triagem de animais silvestres Sauim Castanheiras no município de Manaus no Estado do Amazonas apresentando profunda lesão lacerativa na cintura pélvica causada por uma coleira de couro com acessórios de metal. O animal apresentou rigidez muscular, cauda rígida, tremores musculares, opistótono, trismo, dificuldade de apreensão, respiração abdominal e dispnéia. Conclui-se que através do histórico de lesão lacerativa recente associado aos achados clínicos propiciaram a definição do diagnóstico devido a sua sintomatologia ser patognomônica. Mesmo após administração de soro antitetânico, antibioticoterapia e tratamento de suporte o quadro evoluiu para tetania generalizada e o animal veio a óbito por insuficiência respiratória.

Palavras-chave: Tétano, *Clostridium tetani*, *Nasua nasua*, patognomônico.

REMOÇÕES DE ISCAS EM ARMADILHAS DE PEGADAS E TESTES CONTRA REMOÇÃO E CONTRA INCIDÊNCIA DE CHUVAS

Adriano G. Chiarello (Mestrado em Zoologia/PUC-MG)
Valeska B. Oliveira (Mestrado em Zoologia/PUC-MG/biovaleska@ig.com.br)
Antônio M. Linares (Mestrado em Zoologia/PUC-MG)
Guilherme L. C. Corrêa (Autônomo)

Área: Diversos **Sub-Área:** Outros

Apesar da ampla utilização do método de parcelas de areia (ou armadilhas de pegadas) na amostragem de mamíferos de médio e grande porte, ainda são diversas as dificuldades encontradas na sua utilização. Em períodos chuvosos, por exemplo, podem ocorrer perdas de registros, dificultando comparações ecológicas entre estações do ano. De modo semelhante, uma alta taxa de remoção de iscas por outros grupos zoológicos, pode comprometer a atração do grupo de interesse às parcelas. De Janeiro a Dezembro de 2006, proteções contra incidência de chuvas e contra remoções de iscas por formigas foram testadas nos Parques Estaduais do Rio Preto e da Serra do Brigadeiro (Cerrado e Mata Atlântica, respectivamente) no Estado de Minas Gerais. A proteção das iscas (mistura de aveia, canjiquinha, banana, amendocrem e óleo de sardinha) constava de uma pequena vasilha retangular de isopor contendo uma fina camada de óleo em seu interior com a isca colocada sob um pedaço de papel ao centro. Em um esforço amostral de 2.200 parcelas/noites, 1.399 iscas foram removidas (63,6%). Deste total, 66,7% (n=933) puderam ter o agente removedor identificado entre formigas (10,8%), aves (20,9%), pequenos mamíferos (13,5%) e mamíferos de médio e grande porte (21,5%). Os três primeiros grupos totalizaram quase metade das iscas removidas (n=632 ou 45,2%). A proteção das iscas diminuiu significativamente apenas a remoção por formigas, resultado já esperado. Dez espécies foram registradas no PESB e sete no PERP, porém apenas para *Chrysocyon brachyurus* testes estatísticos foram possíveis. Seus registros foram significativamente mais freqüentes em parcelas contendo iscas protegidas ($p<0,05$). O tamanho amostral das demais espécies não foi suficiente para efetuar esta comparação. Na estação chuvosa, outro transecto foi montado especificamente para o teste das proteções contra incidência de chuvas. Estas proteções, montadas alternadamente ao longo da trilha, constavam de uma lona plástica transparente de $4m^2$ disposta inclinadamente sobre a parcela e sustentada por armações de bambu. No total, 330 parcelas/noites no PERP (165 cobertas e 165 descobertas) e 168 armadilhas/noites no PESB (87 cobertas e 81 descobertas) foram utilizadas neste teste. O número de espécies registradas foi ligeiramente superior nas parcelas cobertas (PERP: 3 e 2 espécies e PESB: 3 e 1 espécie). Testes estatísticos foram possíveis apenas para *Cerdocyon thous*, que apresentou maior número de registros em parcelas descobertas (95,1%; $p<0,001$), e para *Chrysocyon brachyurus*, que apresentou mais registros associados a parcelas cobertas (70%), porém esta diferença não foi significativa ($p>0,100$).

Palavras-chave: Metodologia, track stations, track plots

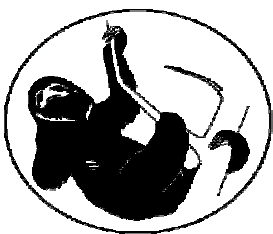
Financiadores: Fundo de Incentivo à Pesquisa/PUC-Minas

COMPARAÇÃO DIRETA ENTRE VESTÍGIOS DE SEIS ESPÉCIES DE MAMÍFEROS SILVESTRES BRASILEIROS PRESENTES NA FUNDAÇÃO ZOO-BOTÂNICA DE BELO HORIZONTE (FZB-BH), MINAS GERAIS

Ferreira, M. C. C. S. (Lab. de Celenterologia / UFRJ)
Carvalho, M. B. A. (Autônoma)
Mello, F. S. S. (Graduação / Pucminas)
Oliveira, V. B. (PPGZoo / Pucminas / biovaleska@ig.com.br)

Área: Diversos **Sub-Área:** Outros

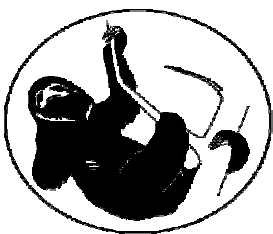
Inventários, monitoramentos e estudos conservacionistas frequentemente empregam métodos baseados em identificação e contagem de vestígios. Porém, muitos vestígios são semelhantes, apresentando sobreposições morfológicas e morfométricas. Esse estudo diferencia fezes e pegadas de três pares de mamíferos da FZB-BH (MG): *Coendou prehensilis* e *Sphiggurus villosus* (Rodentia:Erethizontidae), *Puma yagouaroundi* e *Leopardus pardalis* (Carnivora:Felidae) e *Lycalopex vetulus* e *Speothos venaticus* (Carnivora:Canidae). Pegadas foram obtidas em areia e fezes coletadas e medidas em laboratório. Para diferenciar os dados morfométricos foram utilizados o Bioestat 3.0 e o Statitica 7 (Test-t não pareado). Recintos eram analisados como com apenas um indivíduo. As amostras analisadas (n), no caso das fezes eram seus fragmentos e no caso das pegadas, elas mesmas. *Coendou prehensilis* (n=94) e *S. villosus* (n=100), apresentaram diferentes medidas de comprimento (p=0,009), diâmetro (p=0,000) e peso (p=0,001) de suas fezes, sendo as de *S. villosus* menores. O comprimento (p=0,000) e a largura (p=0,000) da pegada e o comprimento (p=0,000) e a largura (p=0,000) do coxim de *C. prehensilis* (n=13) eram maior que de *S. villosus* (n=13). O peso (p=0,000), o comprimento (p=0,000), o diâmetro (p=0,002) e o peso total (p=0,021) das fezes dos felinos diferiram, sendo as fezes de *P. yagouaroundi* (n=62) menores que as de *L. pardalis* (n=31). Também houve diferença no comprimento (p=0,015) e na largura (p=0,000) das pegadas, sendo as pegadas de *P. yagouaroundi* (n=34) menores e longilíneas e as de *L. pardalis* (n=25) maiores e arredondadas. O comprimento (p=0,000), o diâmetro (p=0,000), o peso (p=0,000) e o peso total (p=0,011) das fezes (p=0,011) dos canídeos apresentaram diferenças. As fezes de *L. vetulus* (n=93) são menores que as de *S. venaticus* (n=36). O comprimento e a largura da pegada (p=0,000) e do coxim (p=0,000) de *L. vetulus* são menores que os de *S. venaticus* e seus rastros apresentam nítida diferenciação morfológica. A pegada de *L. vetulus* (n=26) é longilínea, enquanto a de *S. venaticus* (n=27) é arredondada. Os resultados obtidos estão relacionados com diferenças do peso corporal das espécies. Porém, apenas estas espécies estavam disponíveis na FZB-BH, sendo necessária a amostragem em outras instituições. Análises estatísticas que comparam diretamente vestígios entre espécies dentro da mesma família são inexistentes. Esse trabalho mostra que a análise de rastros de animais cativos e sua comparação estatística podem ser uma importante ferramenta na diferenciação e identificação de vestígios, e que pesquisas realizadas em instalações de conservação *ex situ* se mostram extremamente importantes, práticas e viáveis.

Palavras-chave: fezes, pegadas, cativeiro.

VESTÍGIOS DE MAMÍFEROS SILVESTRES BRASILEIROS PRESENTES NA FUNDAÇÃO ZOO-BOTÂNICA DE BELO HORIZONTE (FZB-BH), MINAS GERAIS: UMA ANÁLISE DESCRITIVA E COMPARATIVA

Ferreira, M. C. C. S. (Lab de Celenterologia / MNRJ)
Carvalho, M. B. A. (Autônoma)
Mello, F. S. S. (Graduação / Pucminas)
Fernandes, A. A. (EV / UFMG)
Oliveira, V. B. (PPGZOO / PUCMinas / biovaleska@ig.com.br)

Área: Diversos **Sub-Área:** Outros

Mamíferos de médio e grande porte são importantes componentes de comunidades biológicas. Porém, aspectos comportamentais e ecológicos tornam difícil seu estudo em campo. Dentre métodos comumente empregados em pesquisas com estas espécies, técnicas baseadas em vestígios representam uma alternativa eficaz e não-invasiva. Com o objetivo de analisar vestígios de mamíferos silvestres brasileiros, foram coletados fezes, pegadas e pêlos na FZB-BH (MG), de Janeiro a Dezembro de 2001 e de Agosto de 2005 a Junho de 2006. Pegadas foram coletadas em argila e areia, fezes foram coletadas nos recintos e avaliadas em laboratório, e pêlos foram coletados durante procedimentos veterinários e analisados em laboratório. Foram totalizadas 221 fezes, 290 pegadas e 23 amostras de pêlos, englobando 16 espécies amostradas. Foram descritos os padrões morfológicos e morfométricos das fezes para todas as espécies, das pegadas para 11 espécies e dos pêlos para 10 espécies. As fezes coletadas apresentaram quatro padrões morfológicos (bastonete, elíptico, cilíndrico e disforme). As fezes de *Puma concolor, Speothos venaticus, Nasua nasua e Mazama gouazoubira* concordaram em forma e tamanho com a literatura; as de *Hydrochoerus hydrochaeris, Leopardus pardalis e Tayassu pecari,* concordaram apenas na forma; enquanto as de *Chrysocyon brachyurus e Tapirus terrestris* diferiram totalmente. *Coendou prehensilis, Sphiggurus villosus, Dasyprocta leporina, Cuniculus paca, Puma yagouaroundi, Lycalopex vetulus e Galictis cuja* foram comparados apenas morfologicamente e corroboram a literatura utilizada. Em algumas poucas amostras, as espécies *C. prehensilis, S. villosus, H. hydrochaeris, D. leporina, C. paca e M. gouazoubira* apresentaram fezes com fragmentos agrupados, padrão não descrito na literatura. Os padrões morfométricos de comprimento e largura da pegada e do coxim dos rastros de *C. prehensilis, S. villosus, L. pardalis, P. yagouaroundi, P. concolor, C. brachyurus, L. vetulus, S. venaticus, G. cuja, N. nasua e T. terrestris* foram mais fidedignos àqueles encontrados na natureza quando comparados aos das fezes. Conseqüentemente, conclui-se que pegadas são menos afetadas pelo ambiente cativo. Para pêlos, foram encontrados cinco padrões cuticulares e seis medulares das espécies *C. prehensilis, S. villosus, L. pardalis, P. yagouaroundi, P. concolor, C. brachyurus, L. vetulus, S. venaticus, G. cuja e T. terrestris,* todos já descritos na literatura. Além de apresentar resultados morfológicos e morfométricos sobre os vestígios coletados, o presente trabalho ressalta a validade e a praticidade de coleta de vestígios em cativeiro, sendo apenas necessário atentar para problemas originados do ambiente cativo.

Palavras-chave: fezes, pegadas, pêlos, cativeiro.

CBMz

CASUÍSTICA DE MAMÍFEROS RECEBIDOS PELO CETAS-UFV E SUAS REGIÕES DE ORIGEM, NO PERÍODO DE 2000 A 2008

Clarice Silva Cesário (Centro de Triagem de Animais Silvestres da UFV)
Tarcízio Antônio Rêgo de Paula (Centro de Triagem de Animais Silvestres da UFV / tarcizio@ufv.br)
Thyara de Deco Souza (Centro de Triagem de Animais Silvestres da UFV)
Caio de Paula Marchi (Centro de Triagem de Animais Silvestres da UFV)
Letícia Bergo Coelho Ferreira (Centro de Triagem de Animais Silvestres da UFV)
Leanes Cruz da Silva (Centro de Triagem de Animais Silvestres da UFV)
Rodrigo Martins Cunha (Centro de Triagem de Animais Silvestres da UFV)
Cecíla Satori Zarif (Centro de Triagem de Animais Silvestres da UFV)
Pablo Santos Rodrigues (Centro de Triagem de Animais Silvestres da UFV)

Área: Diversos **Sub-Área:** Outros

De acordo com o IBAMA a Mata Atlântica é o segundo ecossistema mais ameaçado do mundo. Originalmente ocupava uma área de 1,3 milhões de quilômetros quadrados ao longo do litoral brasileiro restando atualmente apenas 7,3% de sua cobertura florestal original. Várias das espécies deste ecossistema se encontram ameaçadas de extinção no estado de Minas Gerais, e algumas destas em nível nacional e também mundial. A fragmentação florestal, a perda de habitat e a cultura de criação de animais silvestres como "pets", são causas do crescente número de animais encontrados com problemas e encaminhados a centros conservacionistas como o CETAS-UFV (Centro de Triagem de Animais Silvestres da Universidade Federal de Viçosa). O objetivo deste trabalho é relatar a casuística dos mamíferos recebidos no CETAS-UFV, bem como seus respectivos locais de origem, desde sua criação, em 2000, até o presente ano de 2008. Para realização deste trabalho foram analisadas rigorosamente as informações contidas nos arquivos desta instituição. Dentre os mamíferos recebidos cerca de 30,1% são carnívoros, com destaque para os lobos-guará (*Crysocyon brachyurus*), com cerca de 13% daqueles; 27,5% são roedores, sendo que as capivaras (*Hydrochaeris hydrochaeris*) são os de maior incidência (7,5%); 19,2% são marsupiais e o gambá (*Didelphis* sp.) é o animal com maior número de casos (17,8%); e 15,8% são primatas. Dentre os primatas os micos (*Callithrix* sp.) são os animais com maior ocorrência sendo que, dos 8,9% encaminhados ao CETAS-UFV, 64,29% são híbridos. De todas as espécies que foram encaminhadas à instituição durante o período citado, aproximadamente 23,2% estão classificas na categoria de vulnerável na Lista Nacional das Espécies da Fauna Brasileira Ameaçadas de Extinção, como por exemplo: lobo-guará, onça-pintada (*Panthera onca*), gato-do-mato pequeno (*Leopardus tigrinus*), jaguatirica (*Leopardus pardalis*), sagüi-da-serra-escuro (*Callithrix aurita*) e sussuarana (*Puma concolor*). Cerca de 2,1% dos animais se enquadram na categoria "em perigo" ou "criticamente em perigo", sendo estes os macacos mono-carvoeiro (*Brachteles arachnoides*) e bugio (*Alouatta fusca*), respectivamente. Quanto ao local de apreensão/captura observou-se que 56,84% dos animais foram recolhidos na cidade ou na zona rural de Viçosa. A compilação de dados sobre a casuística dos animais recebidos assim como sua origem e motivo de encaminhamento a centros conservacionistas é de suma importância para se projetar planos adequados de manejo para conservação e de combate ao tráfico de animais silvestres.

Palavras-chave: mamíferos, conservação, CETAS

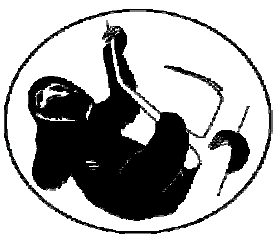
ÍNDICE DE IMPORTÂNCIA RE-ESCALADO (RII): UM NOVO ÍNDICE PARA A ESTIMATIVA DE IMPORTÂNCIA DE PRESAS DE MAMÍFEROS EM ESTUDOS DE DIETA

Fernando A. S. Fernandez (LECP / UFRJ)
Vania C. Fonseca (LECP/ UFRJ / vaniafns@terra.com.br)
Marcelo L. Rheingantz (LECP / UFRJ)

Área: Diversos **Sub-Área:** Outros

Grande parte dos estudos sobre dietas de mamíferos tem se baseado na freqüência de ocorrência de diferentes presas nas amostras fecais, um método simples e não invasivo. Porém, o método de freqüência de ocorrência tem sido criticado por poder subestimar a importância de presas ingeridas infreqüentemente mas em grandes volumes. Uma alternativa, o método score-bulk, trabalha com volumes de cada categoria de presa; embora represente um avanço, subestima presas incomuns mas que tem importância específica para a dieta. Com o objetivo de aproveitar as qualidades e contornar as limitações de ambos os métodos, foi desenvolvido um novo índice para análise da importância de cada categoria de presas, o Índice de Importância Re-escalado (RII). Esse índice combina as informações de freqüência de ocorrência e de score-bulk, da forma mais parcimoniosa possível, de modo a propiciar uma melhor caracterização da dieta do que cada um dos métodos usado isoladamente. A maior vantagem de RII, porém, é que o índice re-escalado faz com que a importância de cada categoria de presa seja sempre expressa por um valor entre 0 e 1, facilitando comparações entre as importâncias das diferentes categorias de dieta, assim como entre diferentes estudos e com diferentes espécies.

Palavras-chave: dieta, frequencia de ocorrência

Financiadores: CNPq

ASPECTOS PALEOECOLÓGICOS E TAFONÔMICOS DA POPULAÇÃO DE MASTODONTES (PROBOSCIDEA; GOMPHOTHERIIDAE) DO QUATERNÁRIO DE ÁGUAS DE ARAXÁ, MINAS GERAIS, BRASIL

Leonardo dos Santos Avilla (Laboratório de Mastozoologia / UNIRIO)
Dimila Mothé (Laboratório de Mastozoologia / UNIRIO / dimothe@hotmail.com)
Victor Hugo Dominato (Laboratório de Mastozoologia / UNIRIO)

Área: Diversos **Sub-Área:** Outros

Dos proboscídeos que compunham a Megafauna Pleistocênica do Brasil, a maioria é atribuída a *Stegomastodon waringi*. O registro fossilífero do Quaternário de Águas de Araxá (QAA) é representado principalmente pelo acúmulo de elementos do esqueleto atribuídos a esta espécie. Estudos realizados na década de 1950 reconheceram os restos de mastodontes do QAA como uma população pretérita de *S. waringi* e baseados na substituição dentária horizontal do grupo, propôs-se cinco classes de desgaste. A primeira inclui dentes sem desgaste e a última os totalmente desgastados. Entretanto, as classes intermediárias possuem um critério subjetivo na sua definição. Além desse estudo, foram observadas relações ecológicas entre vertebrados e insetos e as informações provenientes dos padrões reprodutivos e necrofágicos de determinados coleópteros. O objetivo deste estudo é reconhecer os aspectos relacionados ao desgaste dentário nesta assembléia, bem como os paleoecológicos, paleoambientais e tafonômicos. Reconheceram-se perfurações em cinco vértebras cervicais e muitas apresentavam fragmentações, sendo encontradas evidências da ação de insetos, como o registro de câmaras pupares. *Cubiculum ornatus* representa câmaras pupares de coleópteros dermestídeos, sugerindo que as carcaças utilizadas por estes besouros deveriam estar expostas para que os adultos depositassem ali suas pupas. Quanto aos dentes, analisou-se 33 molares inferiores e são propostos índices que envolvem a altura das cúspides no metalofido e no tritolofido, além da largura da depressão gerada pelo desgaste em cada cúspide. A diversidade de segundos e terceiros molares em vários estágios diferentes de desgaste revela a presença massiva de indivíduos adultos maduros na população de mastodontes de Águas de Araxá, embora fosse composta por indivíduos em faixas etárias diferentes, com a predominância dos adultos (70%) em relação aos jovens (6%) e aos senis (24%). A presença de diversas classes etárias na assembléia de mastodontes do QAA pode indicar a ausência de uma seleção na extinção desta população, sugerindo que um evento catastrófico se abateu sobre esta e sugere-se que os ossos dos mastodontes de Araxá tiveram um tempo de residência de aproximadamente um mês, tempo necessário para a deposição das pupas de besouros dermestídeos.

Palavras-chave: *Stegomastodon*, desgaste dentário, vértebra, *Cubiculum ornatus*

Financiadores: FAPERJ

AN OVERVIEW OF BRAZILIAN MAMMALOGY: TRENDS, BIASES AND FUTURE DIRECTIONS

Daniel Brito (CABS / CI / brito.dan@gmail.com)
Leonardo C. Oliveira (Dept. Biology / UMD)
Monik Oprea (Division of Mammals / NMNH-SI)
Marco Aurelio R. Mello (Dept. Botânica / UFSCar)

Área: Diversos **Sub-Área:** Outros

Mammals are among the most charismatic and well-studied organisms and Brazil harbors the largest mammal diversity of the world. The Brazilian Society of Mammalogy (SBMz) was established in 1985, and since 2001 it organizes a biannual meeting, the Brazilian Congress of Mammalogy (CBMz), gathering Brazilian mammalogists with diverse backgrounds and providing a good sample of ongoing mammal research in the country. We used the proceedings of all three editions of CBMz to evaluate taxonomic, geographic, and human resource biases and trends in mammal studies in Brazil. We also surveyed papers published by Brazilian mammalogists in journals indexed in the international Web of Science and Scielo, during the same five-year period. All contributions were categorized by mammalian order and biome. Our results show that mammalian orders with higher species richness receive more attention by Brazilian mammalogists, both considering abstracts and papers. Most papers focused on the orders Rodentia, Chiroptera and Primates. However, in the case of abstracts, the Carnivora replaced the Primates in the top three, and the Didelphimorphia received also a high attention. Additionally, some orders receive more attention than expected based only on their species richness and those orders were not the same in the cases of papers and abstracts. Biomes with higher species richness did not receive more attention than biomes with poorer mammal faunas. Finally, the distribution of studies according to mammalian orders differed between papers and abstracts, while there was no difference when comparing the distribution of papers and abstracts according to biomes. We conclude that geographic biases reflect the fact that most Brazilian mammalogists are based in institutions located in southern and southeastern regions of the country, therefore mammals of the Atlantic Forest receive a disproportionately higher attention. The orders that received higher attention comprise charismatic species, with the only exception of bats, and therefore they attract more students and receive funding from NGOs more easily. We suggest that governmental funding agencies should encourage more research on mammalian orders and biomes that have been neglected, in order to improve the knowledge on important Brazilian mammals that remain outside the media.

Palavras-chave: biomes, meta-analysis, scientometrics

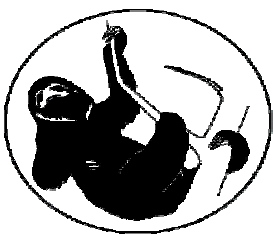
A PUBLICAÇÃO DE PESQUISAS CIENTÍFICAS DA MASTOZOOLOGIA NACIONAL: QUEM É O VILÃO DA DEMORA?

Diogo Loretto (Lab. de Vertebrados / UFRJ / diogoloretto@yahoo.com.br)
Paula Ferreira (Lab. de Vertebrados / UFRJ)

Área: Diversos **Sub-Área:** Outros

Divulgar pesquisas científicas é imprescindível para o avanço da ciência, contribui para o acúmulo de conhecimento e acessibilidade das informações. Além disso, é a forma de prestar contas ao principal fomentador, a sociedade. Como autocrítica, avaliamos o desempenho dos mastozoólogos brasileiros quanto a quantidade e rapidez de publicações de resumos dos Congressos de Mastozoologia (CMZs). Sorteamos 10 resumos por Ordem taxonômica dos CMZs de 2001, 2003, 2005 e 2006. Verificamos na íntegra Ordens com até 10 resumos. Para verificar se o resumo resultou em artigo científico, acessamos o Currículo Lattes dos autores. Registramos as datas do congresso (C), submissão (S), aceite (A) e publicação (P). Calculamos os intervalos CS, SA, AP, SP e CP e, para compará-los com artigos independentes dos CMZs, escolhemos cinco revistas com acesso completo no Portal de Periódicos Capes: Revista Brasileira de Zoologia, Brazilian Journal of Biology, Journal of Mammalogy, Mammalian Biology e Mastozoología Neotropical. Sorteamos cinco artigos por ano (2001-2007), registramos S, A e P e calculamos SA, AP e SP. Foram publicados 8 resumos no CMZ de 2001 (8,42% dos 95 verificados); 36 (27,48% de 131) em 2003; 10 (7,69% de 130) em 2005; e 3 (3,06% de 98) em 2006; as taxas de publicação foram: 1,26, 5,64, 2,99 e 1,92 artigos por ano após o congresso, respectivamente. As taxas dos CMZs de 2001 e 2003 não foram relacionadas ao tempo decorrido, em oposição aos de 2005 e 2006, cujas taxas decaíram constantemente. Os intervalos SA, AP e SP dos resumos (8±5; 8±15; 15±9 meses, respectivamente) não foram diferentes das revistas (8±8; 7±5; 16±6 meses, respectivamente) (U=4371,5 p=0,36; U=4249,0 p=0,23; U=4607,5 p=0,72). Entretanto, o CS dos resumos (22±15 meses) é maior que seu SP (15±9) (W=522, p=0,0168). Portanto, os autores contribuem mais que as revistas para a demora na publicação dos resumos. Passaram-se 81, 59, 31 e 19 meses desde os CMZs e o CP médio dos resumos está entre 20 e 54 meses. Parece, então, improvável acréscimos no número de publicações dos dois primeiros congressos, ao contrário dos dois últimos. Mesmo assim, o total de resumos publicados em todos os congressos foi extremamente baixo (ca. 11%) e, assim, sugerimos duas hipóteses: (1) as comissões científicas são insuficientemente rigorosas na seleção dos resumos; muitos resumos de baixa qualidade são aprovados, porém sem qualquer chance de publicação posterior; (2) “síndrome da preguiça” e demora excessiva dos autores no término, redação e submissão dos estudos.

Palavras-chave: cientometria, meta-análise, divulgação da ciência, tempo de publicação

Financiadores: CAPES, CNPq, FAPERJ, PPGE-UFRJ

ACOMPANHAMENTO E RESGATE DE MAMÍFEROS DURANTE O DESMATAMENTO DA UHE AMADOR AGUIAR I, MINAS GERAIS.

Carla Marina Graça Morais (Autônoma / carlamor79@yahoo.com.br)
Marcela Lanza Bernardes (Autônoma)
Rodrigo Martins Alvarenga (BIOCEV Meio Ambiente)

Área: Diversos **Sub-Área:** Outros

A perda de hábitat em razão do desmatamento das áreas de reservatório de usinas hidrelétricas influencia diretamente a fauna de mamíferos causando fugas e mortes. Para minimizar os impactos causados durante a supressão vegetal da área do reservatório da UHE Amador Aguiar I, a mastofauna local foi acompanhada, ao longo de cinco meses, através de observações diretas (visualizações) e indiretas (pegadas, fezes, ossos, marcação em árvores, vocalizações, etc), e através de capturas manuais e com armadilhas live trap. Os animais capturados foram relocados para áreas adjacentes, ou encaminhados para o Centro de Triagem para reabilitação e posterior soltura em áreas pré- estabelecidas. Com um total de 468 registros, destaca-se o predomínio de capturas, com 44,66%, seguido dos registros indiretos (33,5%), e por fim, das observações diretas (21,79%). As espécies que se deslocam com facilidade como o tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*), o tapeti (*Sylvilagus brasiliensis*), o quati (*Nasua nasua*), entre outros, quando avistadas nas áreas de desmate, foram apenas acompanhadas pelos biólogos, e se necessário forçadas a se deslocar para áreas localizadas acima da cota de inundação. Houve presença constante durante todo o desmate de grupos de micos-estrela (*Callithrix penicillata*) registrados por meio de observações diretas ou vocalizações, e esses grupos também eram sempre acompanhados pelos biólogos. Ao todo foram capturados 209 indivíduos pertencentes à 24 espécies. Marsupiais e roedores, especialmente os pequenos mamíferos, foram os grupos com o maior número de indivíduos resgatados durante as atividades de desmate (77,51% de capturas). O alto sucesso de captura de pequenos mamíferos ocorreu em função do uso de armadilhas live trap nos remanescentes a serem suprimidos, nas áreas já desmatadas, e em ilhas temporárias. Outro roedor bastante capturado durante o resgate foi o ouriço-cacheiro (*Coendou prehensilis*), uma espécie arborícola e de deslocamento lento. Entre os animais resgatados, 89,47% foram translocados para áreas de soltura, e o restante enviados à zoológicos ou instituições de pesquisa. O registro, o acompanhamento e o salvamento de espécies de mamíferos durante operações de supressão vegetal são importantes para se conhecer e coletar o maior número de informações possíveis sobre a fauna regional, além de diminuir o número de óbitos.

Palavras-chave: Hidrelétrica, desmatamento, mastofauna

Financiadores: YKS Serviços Ltda / CCBE

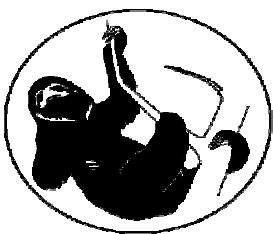
O PAPEL DE *TYTO ALBA* (AVES, STRIGIFORMES) NO CONTROLE DE MAMÍFEROS VETORES POTENCIAIS DE ZOONOSES EM UMA ÁREA URBANA, NO MUNICÍPIO DE OLINDA, PERNAMBUCO, BRASIL.

Daniela Pedrosa de Souza (Departamento de Zoologia/UFPE/danipedrosa82@gmail.com)
Diego Astúa (Departamento de Zoologia/UFPE)

Área: Diversos **Sub-Área:** Outros

As suindaras (*Tyto alba*) são aves de rapina noturnas, cosmopolitas e residem em uma grande variedade de habitats, incluindo áreas antrópicas. Devido ao hábito de utilizar construções humanas como dormitórios e com sua dieta baseada fundamentalmente em pequenos mamíferos, principalmente roedores, estas aves podem trazer benefícios diretos ao homem como o controle populacional de pragas urbanas e potenciais vetores de zoonoses, em ambientes modificados como plantações e cidades. O objetivo deste estudo foi avaliar a importância de *Tyto alba* como agente biótico no controle populacional de suas presas com base em análises de pelotas de regurgito em uma área urbana no município de Olinda, Pernambuco. Um total de 401 pelotas foi coletado nos meses de julho e agosto de 2006 e fevereiro a junho de 2007 em um abrigo em cima de um edifício residencial em Olinda, PE. As pelotas completas foram imersas em água para a separação das partes identificáveis e contáveis das presas, e sua identificação foi feita com base nos crânios, mandíbulas e molares. As amostras incluíram 455 indivíduos representando cinco espécies, três famílias e duas ordens de pequenos mamíferos: Rodentia (Muridae: *Mus musculus* (n=60), *Rattus norvegicus* (n=215), *Rattus rattus* (n=10); Sigmodontinae: *Necromys lasiurus* (n=1)) Chiroptera (n=1), além de uma ordem de aves: Columbiformes (n=10). Os roedores constituíram a maior parte da dieta (62,8%). Entre as espécies encontradas, a ratazana (*R. norvegicus*), o rato de telhado (*R. rattus*) e o camundongo (*M. musculus*) são sinantrópicas, possuem distribuição cosmopolita e têm o crescimento de sua população favorecido pelo processo de urbanização sem planejamento, principalmente sem rede de esgoto e coleta de lixo adequada. Doenças como leptospirose, salmonelose, tifo, raiva, peste, hantavírus e micoses, mordeduras e infecções causadas por ingestão de alimentos contaminados estão entre os prejuízos mais comuns ao homem relacionados a esses animais. Com um raio de ação mais freqüente igual a 1,5 km, e um consumo médio de 65 indivíduos por mês (780 indivíduos por ano), as suindaras desempenham um importante papel no controle populacional desses roedores funcionando como potenciais reguladoras das populações dessas presas na área. Infelizmente as suindaras ainda são alvo de preconceito, sendo freqüentemente associadas a mau agouro, e com isso afugentadas ou mortas pela população. O acesso a informações corretas sobre a sua biologia é uma importante alternativa para conscientizar a população sobre a importância da manutenção dessas aves.

Palavras-chave: suindaras, controle populacional, roedores

Financiadores: FACEPE, UFPE

MAMÍFEROS DOS PAMPAS DO URUGUAI E BRASIL: COMPOSIÇÃO, SEMELHANÇAS BIOGEOGRÁFICAS E ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Diego Queirolo (Depto. Ecologia/USP/diqueirolo@yagoo.com.br)

Área: Diversos **Sub-Área:** Outros

Pela primeira vez considera-se a região das Pampas do Brasil e Uruguai como um contínuo, analisando e caracterizando a fauna de mamíferos na íntegra. Para tanto, leva-se em conta sua riqueza de espécies, estado atual de conservação e sua relação faunística com macro-ambientes limítrofes. Os limites precisos da área de estudo estão dados pela área de ocorrência do bioma Pampa no Brasil e pela totalidade do Uruguai, englobando uma superfície aproximada de 360.000 km2. A lista de espécies foi organizada a partir de consultas a coleções científicas e revisão bibliográfica. A similaridade entre macro-ambientes foi calculada utilizando o Coeficiente de Jaccard e o estado de conservação foi avaliado de acordo á lista proposta das espécies ameaçadas do Uruguai e com o decreto estadual que determina a Lista de Referência da Fauna Ameaçada de Extinção no Estado do Rio Grande do Sul. Como resultado, foram identificadas 92 espécies, sendo 75 para o Uruguai e 86 para o Rio Grande do Sul. A fauna desta região é mais semelhante àquela localizada em latitudes similares ou que se encontram mais ao norte, destacando a origem mais tropical ou subtropical das espécies que habitam os Pampas. Vinte e uma espécies são consideradas ameaçadas no RS e 19 no Uruguai, resultando num total de 31 espécies para toda a região, de acordo com a lista preliminar proposta. A ocorrência de espécies típicas de ambientes florestais, junto com espécies vinculadas evolutivamente com ambientes de vegetação graminosa, proporcionam a esta região um caráter de ecótono, pelo menos do ponto de vista faunístico. Apesar de ser uma região com uma paisagem aparentemente homogênea, esta mistura de faunas permite atingir uma riqueza de espécies importante, se comparada com outras regiões similares de formações abertas. O estado de conservação da fauna desta região pode ser considerado como crítico, já que um terço das espécies estão catalogadas em alguma das categorias de ameaça. Se considerarmos somente as espécies de tamanho médio e grande (peso acima de 500 g), e também acrescentarmos as espécies já extintas (seis) totalizamos 38 espécies, das quais 27 (71%) estão extintas ou ameaçadas. Isto quer dizer que aquelas espécies com requerimentos de habitat maiores e mais sensíveis às mudanças provocadas pelas atividades humanas têm mais problemas para permanecer na região. Com este trabalho pretende-se colaborar com informação indispensável para a formulação de políticas de conservação que, idealmente, contemplem toda a região independentemente dos países que a compõem.

Palavras-chave: Pampas, biogeografia, conservação, distribuição, similaridade

Financiadores: Pós-graduação do Departamento de Ecologia, Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo

MASTOFAUNA TERRESTRE EM REMANESCENTES DA RESTINGA DE PONTAL DO IPIRANGA, MUNICÍPIO DE LINHARES, ESPÍRITO SANTO

Mikael Mansur Martinelli (Museu de Biologia Prof. Mello Leitão / MBML / mansurmartinelli@hotmail.com)
Thaís de Assis Volpi (Museu de Biologia Prof. Mello Leitão / MBML)

Área: Diversos **Sub-Área:** Conservação

Realizamos inventário das espécies de médios e grandes mamíferos na Estação Ecológica Sebastião Luiz Aleixo da Silva (EESLAS) com intuito de verificar a riqueza e a freqüência de ocorrência de espécies por ambiente amostrado a fim de contribuir com o zoneamento e o Plano de manejo da referida UC. A área situa-se no município de Bauru-SP e compreende um fragmento isolado de 240 ha de vegetação de Floresta Estacional Semi-decidual, o qual apresenta 04 diferentes tipologias de vegetação: 1) Mata Ciliar (MC); 2) Floresta Estacional madura (FEM); Floresta Estacional Perturbada (FEP) e Floresta Estacional nível 2 (FEP2). Além de rastros e demais vestígios de mamíferos encontrados, utilizamos como metodologias parcelas de areia (N= 25 parcelas/dia/ambiente) e armadilhas fotográficas (N= 130 câmeras/dia/ambiente). Foram registradas 17 espécies de mamíferos, distribuídas em 11 famílias, sendo duas ameaçadas de extinção e três exóticas. Embora considerado como mamífero de pequeno porte, *Didelphis albiventris* foi registrado por todos os métodos em todos os ambientes e em todas as situações apresentou as maiores freqüências de ocorrências (MC 48%, FE 26%, FE1 78% e FE2 - 49%), por isso foi levado em conta para efeito das análises. Outras espécies generalistas, como *Nasua nasua* e *Dasypus novencinctus* também foram detectadas em todos os ambientes com freqüências de ocorrência inferior apenas aos gambás. *Mazama americana* e *M. guazoupira* ocorrem preferencialmente em ambientes de Mata Ciliar e FE2. *Leopardus pardalis* é o único representante da família Felidae que ainda persiste na área e *Cebus nigritus* o único primata. Com relação às espécies exóticas, *Lepus europaeus* foi detectado tanto no interior do fragmento quanto nas áreas de entorno e parece ser uma ameaça a *Sylvilagus brasiliensis*, principalmente no que diz respeito à competição por recursos e transmissão de doenças. Cachorros-domésticos e gado também são sérias ameaças às espécies nativas. Quando comparado com outros fragmentos de Floresta Estacional da região, a EESLAS apresenta baixa diversidade de mamíferos com muitas extinções locais de diversas espécies ecologicamente importantes. A fragmentação do hábitat e o isolamento da área parecem estar favorecendo algumas espécies generalistas, levando-nos a crer que o ambiente encontra-se em desequilíbrio, sendo necessárias as seguintes recomendações de manejo: recuperação da mata ciliar e das APPs do entorno para interligação da UC com fragmentos, cercamento das divisas, retirada de animais exóticos e fiscalização periódica.

Palavras-Chave: Inventários Fragmentação de Hábitat - Conservação

MASTOFAUNA TERRESTRE EM REMANESCENTES DA RESTINGA DE PONTAL DO IPIRANGA, MUNICÍPIO DE LINHARES, ESPÍRITO SANTO

Mikael Mansur Martinelli (Museu de Biologia Prof. Mello Leitão / MBML / mansurmartinelli@hotmail.com)
Thaís de Assis Volpi (Museu de Biologia Prof. Mello Leitão / MBML)

Área: Diversos **Sub-Área:** Conservação

Na orla litorânea brasileira, as restingas têm sofrido um impacto no que se refere à sua degradação, principalmente devido à especulação imobiliária. Áreas de restinga fragmentadas podem ser observadas próximas às grandes cidades e nos balneários. Os efeitos mais marcantes sobre a composição da flora e fauna, devido à ação antropogênica, ainda são desconhecidos, essa acelerada degradação causada pela expansão urbana no litoral, ameaçando sua biodiversidade única e pouco conhecida. Apesar da elevada pressão antrópica e da enorme perda de área sofrida por estes habitats, sabe-se que as restingas apresentam uma considerável diversidade biológica. A área de estudo localiza-se no litoral norte do Estado do Espírito Santo, município de Linhares. Trata-se de uma Área de Preservação Permanente (APP), faixa de 300 metros, com cerca de 120 hectares, mantida desde a implantação do referido balneário, iniciada no ano de 1989. É constituída por uma cobertura vegetal característica de restinga preservada, com diferentes formações, destacando-se a mata seca. Nos meses de dezembro de 2006 e janeiro de 2007, foram registradas sete espécies, através de registros diretos (observação - o) e indiretos (carcaças - c, fezes - f, pegadas - p e vocalizações - v): *Callitrix geoffroy* (o, v), *Cerdocyon thous* (c, f, o, p), *Dasypus novemcinctus* (o, p), *Didelphis aurita*> (c, o), *Procyon cancrivorus* (c, o, p), *Sciurus aestuans* (o) e *Tamandua tetradactyla* (o, p). O trabalho apresenta uma considerável riqueza de espécies, o que justifica a preservação desta área, visto que os mamíferos, principalmente os de maior porte, necessitam de uma área razoavelmente grande para sobreviverem. Através de estudos com levantamento de espécies terrestres da mastofauna em restinga, poderá verificar as espécies existentes no local, respaldando assim mobilizações de conservação e proteção ambiental da região e de restingas como um todo, bem como contribuição ao conhecimento da área, através dos registros das espécies existentes no local.

Palavras chave: Inventário, fragmentação, ação antrópica, Mammalia